

A decorative border in the top left corner featuring a green leaf, a small white flower, and a portion of an orange.

ISABEL ALLENDE



BOX

A decorative border in the bottom left corner featuring a large red rose and green leaves.

TRILOGIA A CASA DOS ESPÍRITOS

A decorative border in the bottom right corner featuring a small white flower and green leaves.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ISABEL ALLENDE



BOX



TRILOGIA A CASA DOS ESPÍRITOS



ISABEL ALLENDE



BOX

TRILOGIA A CASA DOS ESPÍRITOS





ISABEL ALLENDE

A CASA DOS ESPÍRITOS

BB
BERTRAND BRASIL

Da autora:

Afrodite: Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos

O Amante Japonês

Amor

O Caderno de Maya

Cartas a Paula

A Casa dos Espíritos

Contos de Eva Luna

De Amor e de Sombra

Eva Luna

Filha da Fortuna

A Ilha sob o Mar

Inés da Minha Alma

O Jogo de Ripper

Meu País Inventado

Muito Além do Inverno

Paula

O Plano Infinito

Retrato em Sépia

A Soma dos Dias

Zorro

Mulheres de Minha Alma

Violeta

As Aventuras da Águia e do Jaguar

A Cidade das Feras (Vol. 1)

O Reino do Dragão de Ouro (Vol. 2)

A Floresta dos Pigmeus (Vol. 3)

ISABEL ALLENDE

A CASA DOS ESPÍRITOS

Tradução

Carlos Martins Pereira

1ª edição



BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2023

Título original: *La casa de los espíritus*

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Printed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Allende, Isabel, 1942-

A428c

A casa dos espíritos [recurso eletrônico] / Isabel Allende ;
tradução Carlos Martins Pereira. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Bertrand Brasil, 2023.

recurso digital

Tradução de: *La casa de los espíritus*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-153-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção chilena. 2. Livros eletrônicos. I. Pereira, Carlos
Martins. II. Título.

22-80750

CDD: 868.99333

CDU: 82-3(83)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

*À minha mãe, à minha avó e às
outras mulheres extraordinárias
desta história.*

I. A.

*Quanto vive o homem, afinal?
Vive mil anos ou um só?
Vive uma semana ou vários séculos?
Por quanto tempo morre o homem?
O que significa para sempre?*

PABLO NERUDA

Sumário

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Epílogo

Capítulo I

Rosa, a Bela

Barrabás chegou à família por via marítima, anotou a menina Clara com a sua delicada caligrafia. Já nessa época, tinha o hábito de escrever as coisas importantes e mais tarde, quando ficou muda, escrevia também as trivialidades, sem suspeitar que, cinquenta anos depois, seus cadernos me serviriam para resgatar a memória do passado e sobreviver a meu próprio terror. O dia em que Barrabás chegou era Quinta-Feira Santa. Vinha num indigno engradado coberto pelos próprios excrementos e urina, com o olhar extraviado de preso miserável e indefeso, adivinhando-se, porém, pelo porte real da cabeça e pelo tamanho do esqueleto, o gigante lendário que veio a ser. Era um monótono dia de outono, que em nada fazia imaginar os acontecimentos que a menina registrou para serem recordados e que ocorreram durante a missa das 12, na Paróquia de São Sebastião, à qual assistiu com toda a família. Em sinal de pesar, os santos estavam cobertos com os panos roxos que as beatas desempoeiravam anualmente do roupeiro da sacristia, e, sob os lençóis de luto, a corte celestial parecia um amontoado de móveis esperando mudança, sem que as velas, o incenso ou os gemidos do órgão pudessem atenuar esse lamentável efeito. Vultos ameaçadores erguiam-se no lugar dos santos de corpo inteiro, com seus rostos idênticos, de expressão abatida, suas elaboradas cabeleiras de cabelo de morto, seus rubis, pérolas e esmeraldas de vidro pintado e seus trajes de nobres florentinos. O único favorecido com o luto era o padroeiro da igreja, São Sebastião, porque a Semana Santa poupava aos fiéis o espetáculo de seu corpo retorcido em postura indecorosa, atravessado por meia dúzia de flechas, gotejando sangue e lágrimas, como um homossexual sofredor, cujas chagas, milagrosamente frescas graças ao pincel do padre Restrepo, faziam Clara estremecer de nojo.

Era uma longa semana de penitência e jejum; não se jogava carta, não se tocava música que incitasse à luxúria e à distração, e

observavam-se, na medida do possível, as máximas tristeza e castidade, apesar de, justamente nesses dias, o aguilhão do demônio tentar com mais insistência a débil carne católica. O jejum consistia em tenros pastéis de massa folhada, saborosos guisados de legumes, delicadas omeletes e grandes queijos trazidos do campo, com que as famílias recordavam a Paixão do Senhor, tendo o cuidado de não provar o menor pedaço de carne ou peixe, sob pena de excomunhão, como insistia em afirmar o padre Restrepo. Ninguém se atreveria a lhe desobedecer. O sacerdote era provido de um grande dedo incriminador para apontar os pecadores em público e de uma língua treinada para alvoroçar os sentimentos.

— Tu, ladrão que roubaste o dinheiro do culto! — gritava do púlpito, apontando um cavaleiro, que simulava ocupar-se com qualquer cisco em sua lapela para não o encarar. — Tu, desavergonhada que te prostituís no cais! — e acusava dona Ester Trueba, inválida em consequência de artrite e beata da Senhora do Carmo, que arregalava os olhos, espantada, sem saber o significado daquela palavra nem onde ficava o cais. — Arrependei-vos, pecadores, carcaças imundas, indignos do sacrifício de Nosso Senhor! Jejuai! Fazei penitência!

Levado pelo entusiasmo de seu zelo vocacional, o sacerdote precisava conter-se para não desobedecer frontalmente às instruções dos superiores eclesiásticos, arejados pelos ventos da modernidade, que se opunham ao cilício e à flagelação. Era partidário de vencer as fraquezas da alma com uma boa chicotada na carne. Famoso por sua oratória desenfreada, os fiéis o seguiam de paróquia em paróquia, suavam ao ouvi-lo descrever os tormentos dos pecadores no inferno, as carnes estraçalhadas por engenhosas máquinas de tortura, os fogos eternos, os garfos que trespassavam os membros viris, os répteis asquerosos que se introduziam pelos orifícios femininos e outros suplícios que incorporava a cada sermão para espalhar o temor a Deus. O próprio Satanás era descrito em suas mais íntimas anomalias na pronúncia galega do sacerdote, cuja missão neste mundo era sacudir a consciência dos indolentes mestiços.

Severo del Valle era ateu e maçom, mas, tendo ambições políticas, não podia dar-se ao luxo de faltar à missa mais concorrida dos domingos e dias de festa, para que todos pudessem vê-lo. Nívea, sua mulher, preferia entender-se com Deus sem o auxílio de intermediários, desconfiava profundamente das sotainas e se aborrecia com as descrições do céu, do purgatório e do inferno, mas acompanhava o marido em suas ambições políticas, na esperança de que, conseguindo ele um lugar no Congresso, ela pudesse obter o voto feminino, pelo qual lutava há dez anos, sem que suas seguidas gravidezes a fizessem desanimar. Naquela Quinta-Feira Santa, o padre

Restrepo tinha levado os ouvintes ao limite da resistência com suas visões apocalípticas, e Nívea começou a sentir enjoo. Perguntou-se se não estaria grávida mais uma vez. Apesar das abluções com vinagre e das esponjas com fel, dera à luz quinze filhos, dos quais, entretanto, só onze estavam vivos, e tinha razões para supor que o amadurecimento a aquietara, afinal, pois sua filha Clara, a mais nova, já estava com 10 anos. Parecia que, por fim, acabara o ímpeto de sua fantástica fertilidade. Procurou atribuir sua indisposição ao momento do sermão do padre Restrepo em que ele a apontou, referindo-se aos fariseus que pretendiam legalizar os bastardos e o casamento civil, desarticulando a família, a pátria, a propriedade e a Igreja, dando às mulheres posição equivalente à dos homens, em franco desafio à lei de Deus, que, nesse aspecto, era muito precisa. Nívea e Severo ocupavam com os filhos toda a terceira fileira de bancos. Clara estava sentada ao lado da mãe, que lhe apertava a mão com impaciência quando o discurso do sacerdote insistia exageradamente nos pecados da carne, sabendo que isso induzia a menina a imaginar aberrações que iam além da realidade, como evidenciavam as perguntas que fazia e às quais ninguém sabia responder. Clara era muito precoce e tinha a transbordante imaginação que todas as mulheres da família herdaram por via materna. A temperatura da igreja aumentara, e o cheiro penetrante das velas, o incenso e a multidão apinhada contribuía para a fadiga de Nívea. Ansiava pelo encerramento da cerimônia para regressar ao frescor de sua casa, sentar-se na alameda das samambaias e saborear a jarra de orchata que a Nana preparava nos dias de festa. Observou seus filhos; os mais novos estavam cansados, rígidos em suas roupas de domingo, e os mais velhos começavam a se distrair. Pousou os olhos em Rosa, a mais velha das filhas vivas, e, como sempre, admirou-se. Sua estranha beleza tinha uma qualidade perturbadora à qual nem ela escapava; parecia ter sido feita de um material diferente do da raça humana. Nívea soube que Rosa não era deste mundo antes mesmo de trazê-la à luz, tendo-a visto em sonhos; por isso, não lhe causou surpresa o grito da parteira ao vê-la. Quando nasceu, Rosa era branca, lisa, sem rugas, como uma boneca de porcelana, com o cabelo verde e os olhos amarelos, a criatura mais formosa nascida na Terra desde os tempos do pecado original, como disse a parteira, benzendo-se. Desde o primeiro banho, a Nana lavou seu cabelo com infusão de camomila, o que lhe atenuou a cor, dando-lhe tonalidades de bronze velho, e a punha nua ao sol, para fortalecer sua pele, translúcida nas áreas mais delicadas do ventre e das axilas, onde se adivinhavam as veias e a textura secreta dos músculos. Esses truques de cigana, no entanto, não foram suficientes, e depressa correu o boato de que lhes nascera um anjo. Nívea supôs que as ingratas fases do crescimento trouxessem algumas imperfeições à sua filha, mas isso não aconteceu,

e, bem pelo contrário, aos 18 anos Rosa não tinha engordado e não lhe haviam brotado espinhas; entretanto, acentuara-se, isso, sim, sua graça marítima. O tom da pele, com reflexos azulados, e o do cabelo, a lentidão dos movimentos e o caráter silencioso evocavam um habitante da água. Tinha qualquer coisa de peixe e, se tivesse uma cauda com escamas, seria certamente uma sereia, mas suas pernas punham-na no limite impreciso entre a criatura humana e o ser mitológico. Apesar de tudo, a jovem levava uma vida quase normal, tinha um noivo e um dia se casaria, com o que a responsabilidade de sua formosura passaria a outras mãos. Rosa inclinou a cabeça, e um raio filtrou-se pelos vitrais góticos da igreja, dando-lhe um halo de luz ao perfil. Algumas pessoas voltaram-se para olhá-la e cochicharam, como frequentemente acontecia à sua passagem, mas Rosa parecia nada perceber; era imune à vaidade e, naquele dia, estava mais ausente do que de costume, imaginando novos animais para bordar em sua toalha, metade pássaro, metade mamífero, cobertos de plumas matizadas e providos de cornos e cascos, tão gordos e com asas tão curtas que desafiavam as leis da biologia e da aerodinâmica. Raras vezes pensava em seu noivo, Esteban Trueba, não por falta de amor, mas por seu temperamento dispersivo e porque dois anos de separação são uma grande ausência. Ele estava trabalhando nas minas do Norte. Escrevia-lhe metodicamente, e Rosa respondia-lhe de vez em quando, mandando-lhe versos copiados e desenhos de flores a nanquim, em papel-pergaminho. Mediante essa correspondência, que Nívea violava regularmente, inteirou-se dos sobressaltos do ofício de mineiro, sempre ameaçado por desabamentos, perseguindo veios fugidios, pedindo créditos por conta da boa sorte, acreditando que acabaria por aparecer um maravilhoso filão de ouro, que lhe permitiria fazer rápida fortuna e regressar para levar Rosa de braços dados ao altar, tornando-se, assim, o homem mais feliz do universo, como sempre dizia no final das cartas. Rosa, no entanto, não tinha pressa em casar-se, quase esquecera o único beijo que haviam trocado na despedida e também a cor dos olhos desse noivo persistente. Por influência dos romances açucarados, que eram sua única leitura, gostava de imaginá-lo com botas de couro, a pele queimada pelos ventos do deserto, cavando a terra em busca de tesouros de piratas, dobrões espanhóis e joias dos incas, e era inútil Nívea tentar convencê-la de que as riquezas das minas estavam encravadas nas pedras, porque, para Rosa, era impossível Esteban Trueba recolher toneladas de penhascos na esperança de que, ao submetê-los a iníquos processos crematórios, cuspissem um grama de ouro. Entretanto, esperava-o sem se aborrecer, imperturbável na gigantesca tarefa que impusera a si: bordar a maior toalha do mundo. Começou com cães, gatos e borboletas, mas logo a fantasia se apoderou de seu trabalho, e foi

surgindo um paraíso de animais impossíveis, que nasciam de sua agulha diante dos olhos preocupados do pai. Severo considerava que era tempo de sua filha sair do devaneio e pôr os pés na realidade, aprender algumas tarefas domésticas e preparar-se para o casamento, mas Nívea não compartilhava essa inquietação. Preferia não atormentar a filha com exigências terrenas, pois pressentia que Rosa era um ser celestial, que não fora destinado a durar muito no tráfego grosseiro deste mundo; por isso, deixava-a em paz com os seus fios de bordar e não contestava aquele jardim zoológico de pesadelo.

Uma barbatana do espartilho de Nívea quebrou-se, cravando-se-lhe uma ponta entre as costelas. Sentia-se sufocar dentro do vestido de veludo azul, a gola de renda demasiadamente alta, as mangas muito estreitas, a cintura tão apertada que, quando tirava o cinto, passava uma boa meia hora sentindo convulsões na barriga até as tripas se acomodarem em sua posição normal. Muitas vezes, ela e as amigas sufragistas haviam discutido o assunto, chegando à conclusão de que, enquanto as mulheres não encurtassem as saias e o cabelo, e não despissem as anáguas, pouco importava que pudessem estudar medicina ou tivessem direito a voto, porque de fato não se animariam a fazê-lo, embora ela mesma não mostrasse coragem para ser uma das primeiras a abandonar a moda. Notou que a voz da Galiza havia parado de lhe martelar o cérebro. Estava numa das longas pausas do sermão, recurso que o padre, bom conhecedor do efeito de um silêncio incômodo, empregava com frequência. Seus olhos ardentes aproveitavam esses momentos para observar os paroquianos, um a um. Nívea largou a mão de Clara e procurou um lenço na manga para enxugar uma gota de suor que lhe escorria pelo pescoço. O silêncio tornou-se pesado, o tempo pareceu parar dentro da igreja, mas ninguém se atreveu a tossir ou ajeitar-se no banco, para não atrair a atenção do padre Restrepo. Suas últimas frases ainda vibravam entre as colunas.

E nesse momento, como Nívea recordou anos mais tarde, em meio à ansiedade e ao silêncio, ouviu-se com absoluta nitidez a voz da pequena Clara.

— Psiu! Padre Restrepo! Se essa história do inferno for pura mentira, nós todos nos chateamos...

O dedo indicador do jesuíta, que já estava no ar para assinalar novos suplícios, ficou suspenso como um para-raios sobre a sua cabeça. As pessoas pararam de respirar, e quem estava cochilando acordou. O casal del Valle reagiu antes de todos, ao se sentir invadido pelo pânico e ver que seus filhos começavam a agitar-se, nervosos. Severo deu-se conta de que precisava agir antes que explodisse o riso coletivo ou se desencadeasse algum cataclismo celestial. Pegou a mulher pelo braço e Clara pela nuca, e saiu a passos largos,

arrastando-as, seguido pelos outros filhos, que se precipitaram em tropel para a porta. Conseguiram alcançá-la antes que o sacerdote pudesse invocar um raio que os transformasse em estátuas de sal, mas, do umbral da porta, ouviram sua voz terrível de arcanjo ofendido.

— Endemoninhada! Soberba endemoninhada!

Essas palavras do padre Restrepo permaneceram na memória da família com o peso de um diagnóstico, e, nos anos seguintes, tiveram ocasião de recordá-las frequentemente. A única que não voltou a pensar nelas foi a própria Clara, que se limitou a registrá-las em seu diário e logo as esqueceu. Seus pais, entretanto, não puderam ignorá-las, apesar de concordarem que a possessão demoníaca e a soberba eram dois pecados excessivamente grandes para uma criança tão pequena. Temiam a maledicência do povo e o fanatismo do padre Restrepo. Até aquele dia, não tinham dado nome às excentricidades de sua filha mais nova nem as haviam relacionado a influências satânicas. Tomavam-nas como uma característica da menina, equivalente ao coxear de Luís e à beleza de Rosa. Os poderes mentais de Clara não perturbavam ninguém e não provocavam maiores transtornos; manifestavam-se quase sempre em assuntos de pouca importância e na estrita intimidade do lar. Algumas vezes, à hora da refeição, quando estavam todos reunidos na grande sala de jantar da casa, sentados em absoluta ordem de autoridade e poder, o saleiro começava a vibrar e logo se deslocava sobre a mesa, contornando copos e pratos, sem a mediação de qualquer fonte de energia conhecida nem truque de ilusionismo. Nívea dava um puxão nas tranças de Clara e, com esse sistema, conseguia que a filha abandonasse seu passatempo lunático e devolvesse à normalidade o saleiro, que imediatamente recuperava sua imobilidade. Os irmãos estavam organizados para, no caso de haver visitas, quem estivesse mais perto segurar firme e imediatamente o objeto que deslizasse sobre a mesa, antes que os estranhos percebessem e se assustassem. A família continuava a comer, sem comentários. Também se haviam habituado aos presságios da irmã mais nova. Ela anunciava os tremores de terra com alguma antecipação, o que se demonstrava muito conveniente naquele país de catástrofes, pois permitia pôr a louça a salvo e deixar ao alcance da mão os chinelos para escapar durante a noite. Aos 6 anos, Clara previu que o cavalo iria derrubar Luís, que, entretanto, se negou a escutá-la e, desde então, tinha um quadril deslocado. Com o tempo, sua perna esquerda encurtou, e ele teve de usar um tipo de sapato especial, de plataforma alta, que ele próprio confeccionava. Nessa ocasião Nívea inquietou-se, mas a Nana tranquilizou-a, afirmando que muitas crianças voam como as moscas, adivinham sonhos e falam com as almas, mas que tudo isso passa quando perdem a inocência.

— Ninguém se torna adulto com essa característica — explicou. — Espere que lhe venha a manifestação e verá que a menina perde a mania de ficar movendo móveis e anunciando desgraças.

Clara era a preferida de Nana. Ajudara-a a nascer e, de fato, era a única pessoa que compreendia a natureza excêntrica da menina. Quando Clara saiu do ventre da mãe, Nana a embalou, lavou-a e, desde esse momento, amou desesperadamente aquela criança frágil, com os pulmões cheios de catarro, sempre à beira de perder o fôlego e arroxear, e que o calor de seus grandes peitos reanimara muitas vezes, quando lhe faltava o ar, porque sabia ser esse o único remédio para a asma, muito mais eficaz do que os xaropes licorosos do doutor Cuevas.

Naquela Quinta-Feira Santa, Severo caminhava pela sala, preocupado com o escândalo que sua filha desencadeara durante a missa, argumentando que só um fanático como o padre Restrepo poderia acreditar em possuídos pelo diabo em pleno século XX, o século das luzes, da ciência e da técnica, no qual o demônio se tornara definitivamente desprestigiado. Nívea interrompeu-o para dizer que não se tratava dessa questão. Grave era o fato de que, se as proezas de sua filha transcendessem as paredes da casa e o padre comesse a investigar, todos tomariam conhecimento.

— Vai começar a chegar gente para olhá-la, como se ela fosse um fenômeno — disse Nívea.

— E o Partido Liberal vai para o caralho — completou Severo, percebendo o prejuízo que poderia causar à sua carreira política ter uma possessa na família.

Estavam nisso quando chegou a Nana arrastando suas alpargatas, com o frufu das anáguas engomadas, anunciando que, no pátio, alguns homens descarregavam um morto. Assim era. Entraram numa carroça de quatro cavalos, ocupando todo o primeiro pátio, pisoteando as camélias e sujando de bosta o piso reluzente, num turbilhão de pó, empinar de cavalos e maldições de homens supersticiosos, que faziam gestos contra o mau-olhado. Traziam o cadáver do tio Marcos com toda a sua bagagem. Aquele tumulto era dirigido por um homenzinho melífluo, vestido de preto, de sobrecasaca e chapéu exageradamente grande, que iniciou um discurso solene para explicar as circunstâncias do caso, sendo, entretanto, brutalmente interrompido por Nívea, que se lançou sobre o ataúde empoeirado contendo os restos de seu irmão mais querido. Nívea gritava que abrissem a tampa, para vê-lo com os próprios olhos. Já lhe coubera enterrá-lo em ocasião anterior, e, por isso mesmo, era cabível a dúvida de que, tampouco dessa vez, sua morte fosse definitiva. Seus gritos atraíram a multidão de empregados da casa e todos os filhos, que acudiram correndo ao ouvir o nome do tio, pronunciado com lamentações de luto.

Havia dois anos que Clara não via seu tio Marcos, mas lembrava-se

dele muito bem. Era a única imagem perfeitamente nítida de sua infância e, para evocá-la, não necessitava sequer consultar o daguerreótipo do salão, que o mostrava em trajes de explorador, apoiado num modelo antigo de espingarda de dois canos, o pé direito sobre o pescoço de um tigre da Malásia, na mesma atitude triunfante que ela observara na Virgem do altar-mor pisando o demônio vencido em meio a nuvens de gesso e anjos pálidos. A Clara, bastava fechar os olhos para ver o tio em carne e osso, curtido pelas inclemências de todos os climas do planeta, magro, com bigodes de flibusteiro, entre os quais assomava seu estranho sorriso com dentes de tubarão. Parecia impossível que ele estivesse naquele caixão negro, no centro do pátio.

A cada visita que Marcos fez à casa de sua irmã Nívea, lá ficou por vários meses, para a alegria dos sobrinhos, especialmente de Clara, provocando uma verdadeira tempestade, na qual a ordem doméstica perdia os horizontes. A casa se abarrotava de baús, animais embalsamados, lanças indígenas, fardos de marinheiro. Por todos os lados tropeçava-se em seus utensílios indescritíveis e apareciam bichos jamais vistos que haviam viajado de terras remotas para acabar esmagados sob a implacável vassoura da Nana em algum canto da casa. As maneiras de tio Marcos eram as de um canibal, como dizia Severo. Passava a noite fazendo movimentos incompreensíveis na sala. Soube-se mais tarde que eram exercícios destinados a aperfeiçoar o domínio da mente sobre o corpo e melhorar a digestão. Fazia experiências de alquimia na cozinha, enchendo toda a casa de fumaceiras fétidas, e estragava as panelas com substâncias sólidas, impossíveis de desgrudar do fundo. Enquanto todos tentavam dormir, arrastava suas malas pelos corredores, ensaiava sons agudos com instrumentos selvagens e ensinava um papagaio cuja língua materna era de origem amazônica a falar espanhol. Durante o dia, dormia numa rede que esticava entre duas colunas do corredor, sem mais proteção do que a de uma tanga, o que deixava Severo de péssimo humor, mas que Nívea desculpava, porque Marcos a convencera de que era assim que o Nazareno pregava. Clara lembrava perfeitamente, apesar de ser muito pequena naquela ocasião, a primeira vez que seu tio Marcos chegou àquela casa, retornando de uma de suas viagens. Instalou-se como se fosse para sempre. Ao fim de pouco tempo, entediado de apresentar-se em tertúlias de senhoritas em que a dona da casa tocava piano, jogar cartas e driblar a pressão de todos os parentes para que tomasse juízo e começasse a trabalhar como auxiliar no escritório de advogados de Severo del Valle, comprou um realejo e saiu pelas ruas com a intenção de seduzir sua prima Antonieta e, ao mesmo tempo, alegrar o público com sua música de manivela. A engenhoca não passava de um caixote sujo provido de rodas, mas ele o pintou com motivos marítimos e lhe aplicou uma falsa chaminé de

barco, dando-lhe o aspecto de um fogão a carvão. O realejo alternava uma marcha militar e uma valsa, e, a cada volta da manivela, o papagaio, que aprendera espanhol, embora mantivesse o sotaque estrangeiro, atraía o público com gritos agudos e, com o bico, pegava papeizinhos de uma caixa para vender a sorte aos curiosos. Os papéis, cor-de-rosa, verdes e azuis, eram tão engenhosos que indicavam sempre os mais secretos desejos do cliente. Além dos papéis da sorte, vendia bolinhas de serragem para divertir as crianças e pós contra a impotência, que comercializava a meia-voz com os transeuntes afetados por esse mal. A ideia do realejo surgira como um último e desesperado recurso para atrair a prima Antonieta, depois de falharem outras formas mais convencionais de cortejá-la. Imaginou que nenhuma mulher em perfeito juízo ficaria impassível a uma serenata de realejo. Foi isso que fez. Postou-se embaixo de sua janela ao entardecer, tocando sua marcha militar e sua valsa, enquanto a prima tomava chá com um grupo de amigas; Antonieta não se deu por achada até que o papagaio começou a chamá-la pelo nome de batismo e então chegou à janela. Sua reação, porém, não foi a que o enamorado esperava. As amigas encarregaram-se de espalhar a notícia por todos os salões da cidade, e, no dia seguinte, as pessoas começaram a passear pelas ruas centrais, esperando ver com os próprios olhos o cunhado de Severo del Valle tocando realejo e vendendo bolinhas de serragem com um papagaio depravado, simplesmente pelo prazer de constatar que, também nas melhores famílias, havia boas razões para se envergonhar. Em face do constrangimento familiar, Marcos teve de desistir do realejo e escolher métodos menos conspícuos para atrair a prima Antonieta, mas não desistiu de assediá-la. De qualquer modo, não foi bem-sucedido, porque a jovem se casou da noite para o dia com um diplomata vinte anos mais velho, que a levou para um país tropical cujo nome ninguém conseguiu gravar, mas que sugeria negritude, bananas e palmeiras, onde ela conseguiu superar a recordação do pretendente que arruinara seus 17 anos com uma marcha militar e uma valsa. Marcos ficou profundamente deprimido durante dois ou três dias, ao fim dos quais anunciou que jamais se casaria e que iria dar a volta ao mundo. Vendeu o realejo a um cego e deixou o papagaio de herança para Clara, mas a Nana, incapaz de suportar seu olhar lascivo, suas pulgas e seus gritos desregrados oferecendo papeizinhos da sorte, bolinhas de serragem e pós contra a impotência, envenenou-o secretamente com uma superdose de óleo de fígado de bacalhau.

Aquela foi a mais longa viagem de Marcos. Regressou com um carregamento de enormes caixas que ficaram armazenadas no último pátio, entre o galinheiro e o depósito de lenha, até acabar o inverno. No começo da primavera, mandou levá-las para o Parque dos Desfiles,

um enorme descampado onde o povo se reunia para assistir às paradas militares, durante as festas cívicas, os soldados marchando em passos de ganso, imitando os prussianos. Abertas as caixas, viu-se que continham peças soltas de madeira, metal e tela pintada. Marcos passou duas semanas montando as peças de acordo com as instruções de um manual em inglês, que ele decifrou com sua imbatível imaginação e um pequeno dicionário. Quando o trabalho ficou pronto, descobriu-se que se tratava de um pássaro de dimensões pré-históricas, com o rosto de uma águia furiosa pintado na parte da frente, asas móveis e uma hélice no lombo, provocando um grande alvoroço. As famílias da elite esqueceram o realejo, e Marcos tornou-se a novidade da temporada. As pessoas faziam excursões aos domingos para ir ver o pássaro, e os vendedores de quinquilharias e os fotógrafos ambulantes tiraram a barriga da miséria. Em pouco tempo, contudo, o interesse do público começou a esgotar-se. Marcos anunciou, então, que, mal o tempo desanuviasse, pensava levantar voo no pássaro e atravessar a cordilheira. A notícia correu em poucas horas e converteu-se no acontecimento mais comentado do ano. A máquina jazia com a pança assente em terra firme, pesada e inútil, mais parecendo um pato ferido do que um dos modernos aeroplanos que começavam a ser fabricados na América do Norte. Nada em sua aparência permitia supor que pudesse mover-se, muito menos levantar voo e atravessar as montanhas cobertas de neve. Jornalistas e curiosos chegaram em bandos. Marcos sorria, imperturbável, diante da avalanche de perguntas e posava para os fotógrafos sem oferecer nenhuma explicação técnica ou científica a respeito de como pretendia realizar sua proeza. Houve quem viajasse do interior para ver o espetáculo. Quarenta anos depois, seu sobrinho-neto Nicolás, que Marcos não chegou a conhecer, desencavou a iniciativa de voar, que sempre estivera presente nos homens de sua linhagem. Nicolás teve a ideia de fazê-lo com fins comerciais, numa salsicha gigantesca cheia de ar quente, que levaria impresso um anúncio publicitário de bebidas gasosas. Na época em que Marcos anunciou sua viagem de aeroplano, porém, ninguém acreditava que aquele invento pudesse servir para algo útil. Ele o fazia por espírito aventureiro. O dia marcado para o voo amanheceu nublado, mas havia tanta expectativa que Marcos não quis adiar a data. Apresentou-se pontualmente no local e nem sequer passou o olhar pelo céu, que se cobria de nuvens cinzentas. A multidão, atônita, encheu as ruas circundantes, empoleirou-se nos telhados e nas varandas das casas próximas, e comprimiu-se no parque. Nenhuma concentração política conseguiu reunir tanta gente até meio século depois, quando o primeiro candidato marxista aspirava, por vias totalmente democráticas, a ocupar a cadeira da Presidência. Clara recordaria durante toda a sua vida esse dia de festa.

As pessoas vestiram-se de primavera, antecipando-se um pouco à inauguração oficial da temporada, os homens com ternos de linho branco e as senhoras com chapéus de palhinha italiana, que fizeram furor naquele ano. Grupos de alunos e professores desfilaram, levando flores para o herói. Marcos recebia as flores e gracejava, recomendando-lhes que esperassem sua queda para então lhe levar flores ao enterro. O bispo em pessoa, sem que ninguém lhe tivesse pedido, apareceu com dois turiferários para benzer o pássaro, e a banda da polícia tocou música alegre e despreziosa, ao gosto popular. Os policiais, a cavalo e com lanças, tiveram dificuldade em manter a multidão afastada do centro do parque, onde estava Marcos, usando macacão de mecânico, grandes óculos de automobilista e capacete de explorador. Para o voo, levava, como complemento, bússola, binóculos e estranhos mapas de navegação aérea que ele próprio desenhara com base nas teorias de Leonardo da Vinci e nos conhecimentos astrais dos incas. Contrariando qualquer lógica, na segunda tentativa, o pássaro elevou-se sem problema e até com certa elegância, em meio aos estalidos de seu esqueleto e aos estertores de seu motor. Subiu movendo as asas e se perdeu nas nuvens, despedido por uma explosão de aplausos, assobios, lenços, bandeiras, acordes musicais da banda e aspersões de água-benta. Em terra, ficou o comentário da deslumbrada plateia e dos homens mais instruídos, que tentaram explicações racionais para aquele milagre. Clara continuou olhando o céu até muito tempo depois de o tio ter-se tornado invisível. Acreditou vê-lo dez minutos mais tarde, mas tratava-se apenas de um pardal que passava. Três dias depois, desvanecera-se a euforia provocada pelo primeiro voo de aeroplano no país, e ninguém voltou a lembrar-se do episódio, exceto Clara, que observava incansavelmente as alturas.

Sem notícias do tio voador durante uma semana, supôs-se que tivesse subido até se perder no espaço sideral, e os mais ignorantes especulavam sobre a ideia de que chegaria à Lua. Severo decretou, entre triste e aliviado, que o cunhado teria caído com sua máquina em alguma garganta da cordilheira, onde jamais seria encontrado. Nívea chorou inconsolavelmente e acendeu velas a Santo Antônio, padroeiro das coisas perdidas. Severo opôs-se à ideia de mandar rezar algumas missas, porque não acreditava nesse recurso para ganhar o céu e, muito menos, para voltar à terra, e defendia o ponto de vista de que as missas e as promessas, assim como as indulgências e o comércio de santinhos e escapulários, constituíam um negócio desonesto. Em face dessa reação, Nívea e a Nana puseram todas as crianças para rezar o terço às escondidas, durante nove dias. Enquanto isso, grupos de exploradores e montanhistas voluntários procuraram-no incansavelmente por picos e quebradas da cordilheira, percorrendo,

uma a uma, todas as passagens acessíveis, até que, afinal, regressaram, triunfantes, e entregaram à família os restos mortais dentro de um caixão lacrado, negro e modesto. Sepultaram o intrépido viajante com um grandioso funeral. Sua morte converteu-o em herói, e seu nome esteve por vários dias nas manchetes dos jornais. A mesma multidão que se reunira para despedir-se dele no dia em que levantou voo no pássaro desfilou diante de seu ataúde. Toda a família o chorou como ele merecia, menos Clara, que continuou esquadrinhando o céu com uma paciência de astrônomo. Uma semana depois da inumação, apareceu no umbral da porta da casa de Nívea e Severo del Valle o próprio tio Marcos, de corpo presente, com um alegre sorriso entre os bigodes de pirata. Graças às rezas clandestinas das mulheres e das crianças, como ele próprio admitiu, estava vivo e em posse de todas as suas faculdades, aí incluído seu bom humor. Apesar da nobre origem de seus mapas aéreos, o voo fora um fracasso; perdera o aeroplano, sendo obrigado a regressar a pé, mas não quebrara nenhum osso e mantinha intacto seu espírito aventureiro. O episódio consolidou para sempre a devoção da família a Santo Antônio e não serviu de advertência às gerações futuras, que também tentaram voar por diversos meios. Legalmente, porém, Marcos era um cadáver. Severo del Valle teve de aplicar todo o seu conhecimento das leis no sentido de devolver a vida e a condição de cidadão ao cunhado. Ao abrir o caixão, diante das autoridades competentes, comprovou-se que se havia enterrado um saco de areia. Esse fato manchou o prestígio, até então imaculado, dos exploradores e montanhistas voluntários; desde esse dia, foram considerados pouco menos do que malfeitores.

A heroica ressurreição de Marcos acabou fazendo com que todos esquecessem a história do realejo. Voltaram a convidá-lo para os salões da cidade, e, pelo menos por algum tempo, seu nome foi solicitado. Marcos viveu na casa da irmã por alguns meses. Uma noite, foi-se embora, sem se despedir de ninguém, deixando os baús, os livros, as armas, as botas e todos os seus outros pertences. Severo e até mesmo Nívea respiraram aliviados. Sua última visita fora demasiadamente longa. Clara, porém, ficou tão abalada que passou uma semana caminhando sonâmbula e chupando o dedo. A menina, que tinha então sete anos, aprendera a ler os livros de contos de seu tio e estava mais perto dele do que qualquer outro membro da família, devido às suas habilidades divinatórias. Marcos sustentava o argumento de que a rara virtude de sua sobrinha poderia ser uma fonte de renda, além de uma boa oportunidade para desenvolver sua própria clarividência. Defendia a tese de que essa condição estava presente em todos os seres humanos, sobretudo nos de sua família, e que, se não funcionava com eficiência, era só por falta de prática. Comprou no Mercado Persa uma bola de vidro que, segundo ele,

possuía propriedades mágicas e viera do Oriente, embora mais tarde se tivesse sabido que se tratava de uma mera boia de barco pesqueiro, colocou-a sobre um pedaço de veludo negro e anunciou que podia ver o destino, curar o mau-olhado, ler o passado e melhorar a qualidade dos sonhos, tudo por cinco centavos. Seus primeiros clientes foram as empregadas da vizinhança. Uma delas fora acusada de ladra, porque a patroa perdera um anel. A bola de vidro indicou o lugar em que estava a joia: havia rolado para baixo de um armário. No dia seguinte havia uma fila de gente à porta da casa. Chegaram cocheiros, comerciantes, fornecedores de leite e água, e, mais tarde, apareceram discretamente alguns funcionários públicos e senhoras distintas, que deslizavam ao longo das paredes, sem chamar atenção, procurando não ser reconhecidos. A clientela era recebida pela Nana, que a organizava na antessala e cobrava as consultas. Esse trabalho mantinha-a ocupada quase todo o dia e chegou a absorvê-la tanto que descuidou de seus afazeres na cozinha, e a família começou a queixar-se de que tudo o que havia para o jantar eram grãos velhos e marmelada. Marcos arrumou a cocheira com velhas cortinas puídas, algum dia penduradas no salão, mas que o abandono e a velhice haviam transformado em farrapos poeirentos. Era ali que atendia o público com Clara. Os dois adivinhos vestiam túnicas “da cor dos homens da luz”, como Marcos denominava o amarelo. A Nana tingira as túnicas com pó de açafão, fazendo-as ferver na panela destinada ao manjar-branco. Marcos, além da túnica, usava um turbante na cabeça e um amuleto egípcio pendurado no pescoço. Deixara a barba e o cabelo crescerem, e estava mais magro do que nunca. Marcos e Clara pareciam totalmente convincentes, sobretudo porque a menina não precisava consultar a bola de vidro para adivinhar o que cada um queria ouvir. Soprava-o ao ouvido do tio Marcos, que transmitia a mensagem ao cliente com improvisados conselhos que lhe pareciam ajuizados. Assim, propagou-se sua fama, porque os que chegavam ao consultório débeis e tristes saíam cheios de esperança, os amantes não correspondidos obtinham orientação para cativar o coração indiferente, e os pobres levavam infalíveis truques para apostar nas corridas de cães. O negócio chegou a ser tão próspero que a antessala estava sempre repleta de gente, e a Nana começou a ter vertigens por ficar sentada tanto tempo seguido. Nessa ocasião, Severo não precisou intervir para pôr fim à iniciativa empresarial de seu cunhado, porque os dois adivinhos, dando-se conta de que sua perícia era capaz de modificar o destino da clientela, que seguia ao pé da letra suas palavras, se atemorizaram e concluíram que aquele era um ofício de embusteiros. Abandonaram o oráculo da cocheira e dividiram equitativamente os ganhos, ainda que a única de fato interessada no aspecto material do negócio fosse a Nana.

De todos os irmãos del Valle, Clara era a que tinha mais disposição

e interesse em ouvir os contos de seu tio. Podia repetir um a um, sabia de cor várias palavras de dialetos de índios estrangeiros, conhecia seus costumes e descreveria com facilidade a maneira como atravessavam pedaços de madeira nos lábios e nos lóbulos das orelhas, bem como seus ritos de iniciação, e dominava os nomes das serpentes mais venenosas e de seus antídotos. Seu tio era tão eloquente que a menina sentia na própria carne a dolorosa mordida das víboras, via o réptil deslizar sobre o tapete, entre os pés do aparador de jacarandá, e escutava os gritos das *guacamayas** atravessando as cortinas do salão. Repetia sem hesitação o trajeto de Lope de Aguirre em busca do Eldorado, os nomes impronunciáveis da flora e da fauna vistas ou inventadas por seu prodigioso tio, sabia que os ламас tibetanos tomam chá salgado com gordura de iaque e era capaz de descrever, em detalhes, as opulentas nativas da Polinésia, os arrozais da China ou as planícies brancas dos países do Norte, onde o gelo eterno mata os animais e os homens que se distraem, petrificando-os em poucos minutos. Marcos tinha vários diários de viagem, em que registrava seus itinerários e impressões, e uma coleção de mapas e livros de contos, de aventuras e até de fadas, que guardava em seus baús no depósito dos fundos do terceiro pátio da casa. Dali saíram para povoar os sonhos de seus descendentes até serem equivocadamente queimados, meio século depois, numa infame fogueira.

De sua última viagem, Marcos regressou num caixão. Morrera de uma misteriosa peste africana que o foi deixando enrugado e amarelo como um pergaminho. Ao se sentir doente, iniciou a viagem de volta, esperando que os cuidados da irmã e a sabedoria do doutor Cuevas lhe recuperassem a saúde e a juventude, mas não resistiu aos sessenta dias da travessia de navio e, nas proximidades de Guaiaquil, morreu consumido por febre e delírios povoados por mulheres recendendo a almíscar e tesouros escondidos. O capitão do barco, um inglês de sobrenome Longfellow, esteve a ponto de lançá-lo ao mar embrulhado numa bandeira, mas Marcos fizera tantos amigos e despertara a paixão de tantas mulheres a bordo do transatlântico, apesar de seu aspecto prejudicado e de seu delírio, que os passageiros protestaram, e Longfellow viu-se obrigado a armazená-lo com as hortaliças do cozinheiro chinês para que fosse preservado do calor e dos mosquitos tropicais, até que o carpinteiro de bordo improvisasse um caixão. Em Callao, conseguiram um esquife decente, e, alguns dias depois, o capitão, furioso pelos contratempos que aquele passageiro havia causado à Companhia de Navegação e a ele pessoalmente, descarregou-o sem contemplações no cais, estranhando que ninguém aparecesse para reclamá-lo nem para pagar as despesas extraordinárias. Mais tarde soube que, naquelas latitudes, o correio não era tão confiável quanto o de sua longínqua Inglaterra e que seus

telegramas se haviam evaporado ao longo do percurso. Felizmente para Longfellow, apareceu um advogado da alfândega que conhecia a família del Valle e que se ofereceu para tratar do assunto, enfiando Marcos e sua complicada bagagem numa carroça de aluguel e levando-o para a capital, para o único domicílio fixo que dele se conhecia: a casa de sua irmã.

Para Clara, esse teria sido um dos momentos mais dolorosos de sua vida, se Barrabás não tivesse vindo misturado aos pertences de seu tio. Ignorando a confusão reinante no pátio, seu instinto levou-a diretamente ao canto em que haviam posto o engradado. Dentro estava Barrabás. Era um punhado de ossinhos cobertos por pelo de cor indefinida, cheio de falhas infectadas, um olho fechado, o outro purgando secreções purulentas, imóvel, como um cadáver, em sua própria porcaria. Apesar dessa aparência, a menina não teve dificuldade para identificá-lo.

— Um cachorrinho! — exclamou.

Encarregou-se do animal, tirou-o do engradado, embalou-o contra o peito e, com cuidados de missionária, conseguiu dar-lhe água pelo focinho inchado e seco. Ninguém se preocupara em alimentá-lo desde que o capitão Longfellow, que, como todos os ingleses, tratava muito melhor os animais do que os humanos, o depositou no cais. Enquanto o cão esteve a bordo, ao lado de seu dono moribundo, o capitão alimentou-o pela própria mão e passeava com ele pela coberta, dispensando-lhe todas as atenções que não dera a Marcos; mas, uma vez em terra firme, foi tratado como parte da bagagem. Clara converteu-se em mãe para o animal, sem que ninguém lhe disputasse esse privilégio duvidoso, e conseguiu reanimá-lo. Dois dias mais tarde, logo que se acalmou a tempestade da chegada do cadáver e do enterro do tio Marcos, Severo reparou no bicho peludo que sua filha levava nos braços.

— O que é isso? — perguntou.

— Barrabás — disse Clara.

— Entregue-o ao jardineiro para que se desfaça dele. Pode contagiar-nos com alguma doença — ordenou Severo.

Clara, porém, o havia adotado.

— É meu, papai. Se me tirar, juro que paro de respirar e morro. Barrabás ficou na casa. Em pouco tempo, corria por todos os lados, devorando as franjas das cortinas, os tapetes e os pés dos móveis. Recuperou-se rapidamente de sua agonia e começou a crescer. Quando lhe deram banho, soube-se que era negro, de cabeça quadrada, patas muito grandes e pelo curto. A Nana sugeriu que lhe cortassem a cauda, para parecer um cachorro de raça; mas Clara começou a fazer manha, que logo se transformou em ataque de asma, e ninguém voltou a falar no assunto. Barrabás manteve inteira sua cauda, que, com o

tempo, chegou a ter o comprimento de um taco de golfe, e cujos incontroláveis movimentos varriam as porcelanas das mesas e derrubavam os lampiões. Era de raça desconhecida. Não tinha nada em comum com os cães que vagavam pelas ruas e muito menos com os animais de raça pura que algumas famílias aristocráticas criavam. O veterinário não soube precisar sua origem, e Clara supôs que tivesse vindo da China, porque grande parte do conteúdo da bagagem de seu tio era composta de recordações desse país distante. Tinha ilimitada capacidade de crescimento. Aos seis meses, era do tamanho de uma ovelha e, com um ano, tinha a proporção de um potro. A família, desesperada, perguntava-se até onde ele cresceria e começou a duvidar de que ele fosse de fato um cão; especulou mesmo a possibilidade de se tratar de um animal exótico, caçado pelo tio explorador em alguma região remota do mundo, cujo estado primitivo provavelmente era feroz. Quando Nívea lhe observava as patas de crocodilo e os dentes afiados, seu coração de mãe estremecia, pensando que o animal poderia arrancar a cabeça de um adulto com uma dentada e, com mais razão, a de um de seus filhos. Barrabás, porém, não mostrava ferocidade alguma, muito pelo contrário; em suas travessuras, lembrava um gatinho. Dormia abraçado a Clara, dentro da cama, a cabeça no travesseiro de penas, coberto até o pescoço, porque era friorento; depois, quando já não cabia mais na cama, estendia-se no chão a seu lado, com o focinho de cavalo apoiado na mão da menina. Nunca o haviam ouvido ladrar ou rosnar. Era negro e silencioso como uma pantera, gostava de presunto e frutas cristalizadas, e, sempre que havia visitas e se esqueciam de prendê-lo, entrava sorrateiro na sala de jantar e contornava a mesa, delicadamente retirando dos pratos seus bocados preferidos, sem que nenhum dos comensais se atrevesse a impedi-lo. Apesar de sua mansidão de donzela, Barrabás inspirava terror. Os fornecedores fugiam precipitadamente quando aparecia na rua, e uma vez sua presença provocou pânico nas mulheres que faziam fila em frente da carroça que entregava o leite, espantando o cavalo percherão, que disparou em meio ao desperdício de baldes de leite entornados no calçamento. Severo teve de pagar todos os prejuízos e ordenou que o cão fosse amarrado no pátio, mas Clara teve outra crise nervosa, e a decisão foi adiada por tempo indefinido. A fantasia popular e o desconhecimento a respeito de sua raça atribuíram a Barrabás características mitológicas. Contava-se que continuou crescendo e que, não fosse a brutalidade de um açougueiro que lhe pôs termo à existência, teria alcançado o tamanho de um camelo. As pessoas acreditavam que Barrabás fosse o resultado de um cruzamento de cão e égua, supunham que poderiam aparecer-lhe asas, cornos e um bafo sulfuroso de dragão, como os animais que Rosa bordava em sua

interminável toalha. A Nana, farta de recolher porcelana quebrada e ouvir os boatos de que se transformava em lobo nas noites de lua cheia, usou com ele o mesmo sistema aplicado ao papagaio, mas a superdose de óleo de fígado de bacalhau não o matou; deu-lhe apenas uma caganeira de quatro dias que encheu a casa de alto a baixo e que ela mesma teve de limpar.

Eram tempos difíceis. Eu estava então com cerca de 25 anos, mas tinha a impressão de que adiante pouca vida me restava para construir um futuro e conseguir a posição que desejava. Trabalhava como um animal e, nas poucas vezes em que me sentava para descansar, obrigado pelo tédio de algum domingo, sentia que estava perdendo momentos preciosos e que cada minuto de ócio era mais um século afastado de Rosa. Vivía na mina, num barraco de tábuas com telhado de zinco, que eu mesmo havia construído com a ajuda de dois serventes. Era uma única peça, onde arrumei meus pertences, com uma janelinha em cada parede, para garantir a circulação do ar quente do dia, com postigos que eu fechava à noite, quando soprava o vento glacial. Todo o meu mobiliário consistia em uma cadeira, uma cama de campanha, uma mesa rústica, uma máquina de escrever e uma pesada caixa-forte que teve de ser levada no lombo de uma mula ao longo do deserto, onde eu guardava os salários dos mineiros, alguns documentos e uma pequena bolsa de lona na qual brilhavam os pedacinhos de ouro que representavam o fruto de tanto esforço. Não era cômoda, mas eu estava habituado ao desconforto. Jamais tomei banho quente, e as recordações que conservava da infância eram de frio, solidão e um eterno vazio no estômago. Ali comi, dormi e escrevi durante dois anos, sem mais distrações do que as permitidas por alguns livros, muitas vezes relidos, uma pilha de jornais atrasados, textos em inglês que me serviram para aprender os rudimentos desse magnífico idioma e uma caixa com chave onde guardava a correspondência que mantinha com Rosa. Acostumara-me a escrever-lhe à máquina, com uma cópia que guardava para mim e que organizava cronologicamente junto com as poucas cartas que dela recebi. Comia o mesmo rancho que se cozinhava para os mineiros e havia proibido que circulasse bebida dentro da mina. Nem a tinha em casa, porque sempre pensei que a solidão e o aborrecimento acabam por fazer do homem um alcoólatra. Talvez a lembrança que guardo de meu pai, com o colarinho desabotoado, a gravata frouxa e manchada, os olhos turvos, o hálito pesado e um copo na mão, tenha feito de mim um abstinente. Não sou muito resistente ao álcool; portanto, me embebedo com facilidade. Descobri isso aos 16 anos e nunca mais esqueci. Uma vez minha neta perguntou-me como consegui viver tanto tempo sozinho e tão afastado da civilização. Não sei. Porém,

deve ter sido mais fácil para mim do que para outros, porque não sou uma pessoa sociável, não tenho muitos amigos nem gosto de festas ou agitação; pelo contrário, sinto-me melhor sozinho. Custa-me muito tornar-me íntimo das pessoas. Naquela época, porém, não tinha ainda vivido com uma mulher e, por isso, não poderia sentir falta do que não conhecia. Não era namorador, nunca fui; aliás, sou de natureza fiel, apesar de bastar a sombra de um braço, a curva de uma cintura, o redondo de um joelho de mulher, para que me venham ideias à cabeça, ainda hoje, quando já estou tão velho que, olhando-me no espelho, não mais me reconheço. Pareço uma árvore retorcida. Não estou querendo justificar meus pecados da juventude com a história de que não conseguia controlar o ímpeto de meus desejos, em absoluto. Nessa idade, estava acostumado à relação sem futuro com mulheres de vida fácil, já que não tinha possibilidade com outras. Na minha geração distinguíamos as mulheres decentes e as outras, e também dividíamos as decentes em próprias e alheias. Não pensara no amor antes de conhecer Rosa, e o romantismo me parecia perigoso e inútil, e, se alguma vez gostei de alguma garota, não me atrevi a aproximar-me dela com medo da rejeição e do ridículo. Tenho sido muito orgulhoso e por causa disso sofri mais do que os outros.

Passou muito mais de meio século, mas ainda tenho gravado na memória o momento preciso em que Rosa, a bela, entrou em minha vida, como um anjo distraído que, ao passar, me roubou a alma. Ela ia com a Nana e outra criança, provavelmente alguma irmã mais nova. Creio que usava um vestido lilás, mas não estou certo disso, porque não reparo em roupa de mulher e porque ela era tão formosa que, mesmo que vestisse uma capa de arminho, eu não poderia ver senão seu rosto. Habitualmente não sou mulherengo, mas teria de ser muito devagar para não notar essa aparição que provocava tumulto à sua passagem e congestionava o tráfego, com aquele incrível cabelo verde que lhe emoldurava o rosto, como um chapéu de fantasia, o porte de fada e aquela maneira de mover-se como se voasse. Passou diante de mim sem me ver e entrou flutuando na confeitaria da Praça das Armas. Fiquei na rua, estupefato, enquanto ela comprava balas de anis, escolhendo-as uma por uma, com seu riso chocalhante, pondo umas na boca e dando outras à irmã. Não fui o único hipnotizado; em poucos minutos, formou-se um grupo de homens que a admiravam através da vitrina. Então reagi. Não me ocorreu a ideia de que estava muito longe de ser o pretendente ideal para aquela jovem celestial, uma vez que não tinha fortuna, não era o que se considerava um bom rapaz e tinha pela frente um futuro incerto. E não a conhecia! Mas estava deslumbrado e decidi, naquele exato momento, que ela era a única mulher digna de ser minha esposa e que, se eu não a pudesse ter, preferiria ficar solteiro. Segui-a ao longo de todo o caminho de

regresso à sua casa. Subi no mesmo bonde e sentei-me atrás dela, sem poder tirar os olhos de sua nuca perfeita, seu pescoço redondo e seus ombros suaves acariciados pelos cachos verdes que escapavam do penteado. Não me dei conta do movimento do bonde, porque ia como em sonhos. Logo ela deslizou pelo corredor, e, quando passou a meu lado, suas surpreendentes pupilas de ouro detiveram-se um momento nas minhas. Devo ter morrido um pouco. Não respirava, e meu pulso parou. Quando recuperei a compostura, tive de pular do bonde para a calçada, arriscando-me quebrar algum osso, e corri em direção à rua em que ela havia entrado. Adivinhei onde morava ao avistar uma mancha lilás esfumando-se atrás de um portão. Desde esse dia, montei guarda diante da casa, percorrendo o quarteirão como um cão vadio, espiando, subornando o jardineiro, forçando conversa com as empregadas, até conseguir falar com a Nana, e essa santa mulher se compadeceu de mim e concordou em entregar-lhe os bilhetes de amor, as flores e as incontáveis caixas de balas de anis com que tentei conquistar seu coração. Também lhe mandava acrósticos. Não sei fazer versos, mas havia um livreiro espanhol que era um gênio para a rima, a quem eu encomendava poemas, canções, qualquer coisa cuja matéria-prima fosse tinta e papel. Minha irmã Férula ajudou-me a me aproximar da família del Valle, descobrindo remotos parentescos em nossos sobrenomes e procurando a oportunidade de nos cumprimentarmos à saída da missa. Foi assim que consegui visitar Rosa. No dia em que entrei em sua casa e a tive ao alcance de minha voz, não me ocorreu nada para dizer-lhe. Fiquei mudo, com o chapéu na mão e a boca aberta, até que seus pais, que conheciam esses sintomas, me resgataram. Não sei o que Rosa possa ter visto em mim nem por que motivo, posteriormente, me aceitou como marido. Cheguei a ser seu noivo oficial sem ter de realizar nenhuma proeza sobrenatural, porque, apesar de sua beleza inumana e de suas inumeráveis virtudes, Rosa não tinha pretendentes. Sua mãe deu-me a explicação: disse-me que nenhum homem se sentia suficientemente forte para passar a vida defendendo Rosa do desejo dos demais. Muitos a haviam rondado, perdendo a razão por causa dela, mas, até eu aparecer no horizonte, ninguém se havia decidido. Sua beleza atemorizava; por isso, admiravam-na de longe, mas não se aproximavam. Na verdade, nunca pensei nisso. Meu problema consistia no fato de não ter nem um tostão, mas sentia-me capaz, pela força do amor, de transformar-me num homem rico. Olhei à minha volta, procurando um caminho rápido, dentro dos limites da honestidade em que me haviam educado, e me dei conta de que, para triunfar, precisava ter padrinhos, estudos especiais ou qualquer capital. Não era bastante ter um sobrenome respeitável. Suponho que, se tivesse tido dinheiro para começar, teria apostado nas cartas ou nos

cavalos, mas, como não era o caso, tive de pensar em trabalhar em algo que, embora fosse arriscado, pudesse me dar fortuna. As minas de ouro e de prata eram o sonho dos aventureiros; poderiam afundá-los na miséria, matá-los de tuberculose ou torná-los homens poderosos. Era questão de sorte. Obtive a concessão de uma mina no Norte com a ajuda do prestígio do sobrenome de minha mãe, que serviu para conseguir uma fiança no banco. Coloquei-me o firme propósito de explorar a mina até o último grama do precioso metal, nem que para isso tivesse de espremer a montanha com as próprias mãos e moer as rochas pisoteando-as. Por Rosa, estava disposto a isso e muito mais.

Em fins do outono, quando a família se tranquilizara a respeito das intenções do padre Restrepo, que teve de acalmar sua vocação inquisitorial depois de o bispo adverti-lo pessoalmente no sentido de deixar em paz a pequena Clara del Valle, e, quando todos se haviam resignado à ideia de que o tio Marcos estava realmente morto, começaram a se concretizar os planos políticos de Severo. Trabalhara durante anos com esse objetivo, e foi para ele um triunfo quando o convidaram a apresentar-se como candidato do Partido Liberal nas eleições parlamentares, representando uma província do Sul, onde ele nunca estivera e que, aliás, não era localizada com facilidade no mapa. O partido estava muito necessitado de quadros, e Severo muito ansioso por ocupar uma cadeira no Congresso, de modo que não houve dificuldade em convencer os humildes eleitores do Sul, que o nomearam seu candidato. O convite foi sustentado pela remessa à casa da família del Valle, por parte dos eleitores, de um rosado e monumental porco assado. Chegou numa grande travessa de madeira, perfumado e brilhante, com salsa no focinho e uma cenoura no rabo, repousando num leito de tomates. Tinha uma costura na barriga e, dentro dela, um recheio de perdizes, que, por sua vez, estavam recheadas com ameixas. Acompanhava-o uma garrafa que continha meio galão da melhor aguardente do país. A ideia de tornar-se deputado ou, melhor ainda, senador era um sonho altamente acariciado por Severo. Levara as coisas até essa meta com um minucioso trabalho de contatos, amizades, reuniões fechadas, aparições públicas discretas, mas eficazes, dinheiro e favores que prestava às pessoas certas nos momentos certos. Aquela província do Sul, ainda que remota e desconhecida, era o que ele estava esperando.

Numa terça-feira, chegara o porco; na sexta-feira, quando dele já não restavam senão o couro e os ossos, que Barrabás roía no pátio, Clara anunciou que haveria outro morto na casa.

— Mas será um morto por equívoco — acrescentou.

Teve uma péssima noite no sábado e acordou aos gritos. A Nana deu-lhe um chá de tília, e ninguém fez caso, porque estavam todos

ocupados com os preparativos da viagem do pai ao Sul e porque a bela Rosa acordara com febre. Nívea ordenou que deixassem Rosa ficar na cama, e o doutor Cuevas disse que não era nada grave e que lhe dessem uma limonada morna e bem açucarada, com um pouco de licor, para ela suar a febre. Severo foi ver a filha e encontrou-a ardendo em febre e com os olhos brilhantes, afundada nas rendas cor de manteiga de seus lençóis. Levou-lhe de presente um carnê de baile e autorizou a Nana a abrir a garrafa de aguardente e colocar um pouco na limonada. Rosa bebeu a limonada, agasalhou-se em sua mantilha de lã e adormeceu em seguida ao lado de Clara, com quem partilhava o quarto.

Na manhã do trágico domingo, a Nana levantou-se cedo, como sempre. Antes de sair para a missa, foi à cozinha preparar o desjejum da família. O fogão a lenha e carvão ficara preparado de véspera, e ela acendeu o fogo no rescaldo das brasas ainda mornas. Enquanto aquecia a água e fervia o leite, foi arrumando os pratos para levá-los à sala de jantar. Começou a cozinhar a aveia, coar o café e torrar o pão. Arrumou duas bandejas, uma para Nívea, que sempre tomava o desjejum na cama, e outra para Rosa, que, por estar doente, tinha direito ao mesmo. Cobriu a bandeja de Rosa com um guardanapo de linho bordado pelas freiras, para o café não esfriar e não entrarem moscas, e observou o pátio para se certificar de que Barrabás não estava por perto. Ele tinha a mania de atacá-la quando ela passava com o desjejum. Ao vê-lo distraído brincando com uma galinha, aproveitou para iniciar a grande viagem pelos pátios e corredores, partindo da cozinha, no fundo da casa, e indo até o quarto das meninas, no outro extremo. Diante da porta de Rosa, vacilou, atingida pela força do pressentimento. Entrou no quarto sem se anunciar, como era seu costume, e imediatamente sentiu cheiro de rosas, apesar de não ser época dessas flores. Então, a Nana soube que acontecera uma desgraça irreparável. Com cuidado, pousou a bandeja na mesa de cabeceira e caminhou lentamente até a janela. Abriu as pesadas cortinas, e o sol da manhã entrou no quarto. Voltou-se, angustiada, e não ficou surpresa ao ver Rosa morta sobre a cama, mais bela do que nunca, com o cabelo definitivamente verde, a pele cor de marfim novo e seus olhos amarelos, como o mel, abertos. Aos pés da cama estava a pequena Clara observando sua irmã. A Nana ajoelhou-se junto da cama, pegou a mão de Rosa e começou a rezar. Ficou rezando até que se ouviu por toda a casa um terrível lamento de barco perdido. Foi a primeira e última vez que Barrabás se fez ouvir. Uivou durante todo o dia pela morta, até destroçar os nervos dos habitantes da casa e dos vizinhos, que acudiram, atraídos por esse gemido de naufrágio.

Ao doutor Cuevas bastou olhar o corpo de Rosa para saber que a morte se devia a algo muito mais grave do que uma febre sem

importância. Começou a pesquisar por todos os lados, inspecionou a cozinha, passou os dedos pelas caçarolas, abriu os sacos de farinha e de açúcar, as caixas de frutas secas, revolveu tudo e deixou à sua passagem uma desordem como a de um furacão. Mexeu nas gavetas de Rosa, interrogou os empregados, um a um, acusou a Nana até deixá-la fora de si, e, finalmente, suas pesquisas o conduziram à garrafa de aguardente, que requisitou sem observações. A ninguém comunicou suas dúvidas, mas levou a garrafa para seu laboratório. Três horas depois estava de volta com uma expressão de horror que transformava seu rubicundo rosto de fauno numa máscara pálida que não o abandonou durante todo esse caso terrível. Dirigiu-se a Severo e o tomou pelo braço, chamando-o à parte.

— Nessa aguardente havia veneno bastante para arrebentar um touro — segredou-lhe. — Mas, para ter certeza de que foi isso que matou a menina, tenho que fazer uma autópsia.

— Isso significa que vai abri-la? — gemeu Severo.

— Não completamente. Não vou tocar na cabeça, apenas no aparelho digestivo — explicou o doutor Cuevas.

Severo sentiu-se enfraquecer.

A essa hora Nívea estava esgotada de chorar, mas, quando soube que pensavam em levar sua filha para o necrotério, de súbito recuperou a energia. Só se acalmou com o juramento de que levariam Rosa diretamente de casa para o cemitério católico. Então consentiu em tomar o calmante que o médico lhe deu e dormiu durante vinte horas.

Ao anoitecer, Severo tratou dos preparativos. Mandou os filhos para a cama e autorizou os empregados a se retirar mais cedo. Permitiu que Clara, que estava extremamente impressionada com o que acontecera, passasse a noite no quarto da outra irmã. Depois de se apagarem todas as luzes e a casa entrar em repouso, chegou o ajudante do doutor Cuevas, um jovem mirrado e míope que gaguejava ao falar. Ajudaram Severo a transportar o corpo de Rosa para a cozinha e colocaram-no com delicadeza sobre o mármore em que a Nana amassava o pão e picava as verduras. Apesar da força de seu caráter, Severo não pôde resistir no momento em que tiraram a camisola de sua filha e apareceu sua esplendorosa nudez de sereia. Saiu cambaleando, embriagado de dor, e desabou no salão, chorando como uma criança. Também o doutor Cuevas, que vira Rosa nascer e a conhecia como a palma de sua mão, teve um sobressalto ao vê-la sem roupa. O jovem ajudante, por sua vez, começou a arfar, impressionado, e continuou arfando, durante os anos seguintes, cada vez que recordava a incrível visão de Rosa dormindo nua sobre a mesa da cozinha, os longos cabelos caindo como uma cascata vegetal até o chão.

Enquanto trabalhavam em seu terrível ofício, a Nana, cansada de chorar e rezar, pressentindo que algo estranho estava acontecendo em seus territórios do terceiro pátio, levantou-se, embrulhada num xale, e saiu para percorrer a casa. Viu luz na cozinha, mas as portas e os postigos das janelas estavam fechados. Seguiu pelos corredores silenciosos e gelados, atravessando os três corpos da casa, até chegar ao salão. Pela porta entreaberta, viu o patrão, que caminhava com ar desolado. O fogo da lareira apagara-se. A Nana entrou.

— Onde está minha Rosa? — perguntou.

— O doutor Cuevas está com ela, Nana. Fique aqui e beba um trago comigo — suplicou Severo.

A Nana permaneceu de pé, os braços cruzados apertando o xale contra o peito. Severo apontou-lhe o sofá, e ela se aproximou com timidez. Sentou-se a seu lado. Era a primeira vez que ficava tão perto do patrão desde que viera morar naquela casa. Severo serviu um cálice de xerez para cada um e bebeu o seu de um trago. Afundou a cabeça entre as mãos, repuxando os cabelos e resmungando uma incompreensível e triste ladainha. A Nana, que estava sentada rigidamente na beira do sofá, descontraíu-se ao vê-lo chorar. Estendeu sua mão áspera e, com um gesto automático, alisou-lhe o cabelo, a mesma carícia que, durante vinte anos, havia empregado para consolar-lhe os filhos. Ele ergueu os olhos e observou a face sem idade, as maçãs do rosto mestiço, o carrapicho negro, o amplo regaço em que vira soluçarem e dormirem todos os seus descendentes, e compreendeu que aquela mulher cálida e generosa como a terra podia consolá-lo. Apoiou a testa em sua saia, aspirou o cheiro suave do avental engomado e rompeu em soluços, como uma criança, vertendo todas as lágrimas que havia reprimido em sua vida adulta. A Nana alisou-lhe as costas, deu-lhe palmadinhas de consolo, falou-lhe do mesmo jeito que usava para adormecer os meninos e cantou-lhe em sussurros suas baladas de camponesa até conseguir tranquilizá-lo. Ficaram sentados bem próximos, bebendo xerez, chorando de vez em quando e lembrando os bons tempos em que Rosa corria pelo jardim atordoando as borboletas com sua beleza de fundo de mar.

Na cozinha, o doutor Cuevas e seu ajudante prepararam os sinistros utensílios e os frascos malcheirosos, puseram aventais de oleado, arregaçaram as mangas e começaram a remexer o interior da bela Rosa, até comprovar, sem sombra de dúvida, que a jovem havia ingerido uma grande dose de veneno de rato.

— Isso estava destinado a Severo — concluiu o doutor, lavando as mãos na pia.

O ajudante, extremamente emocionado com a formosura da morta, não se conformava em deixá-la costurada como um saco e sugeriu que a compusessem um pouco mais. Dedicaram-se ambos à tarefa de

preservar o corpo com unguentos e enchê-lo com emplastros de embalsamador. Trabalharam até as quatro da madrugada, quando o doutor Cuevas se declarou vencido pelo cansaço e pela tristeza, e saiu. Na cozinha ficou Rosa nas mãos do ajudante, que a lavou com uma esponja, tirando-lhe as manchas de sangue, vestiu-lhe a camisola bordada, a fim de esconder a costura que exibia da garganta até o sexo, e lhe ajeitou o cabelo. Depois limpou os vestígios de seu trabalho.

O doutor Cuevas encontrou Severo no salão acompanhado da Nana, bêbados de pranto e xerez.

— Está pronta — disse. — Vamos arrumá-la um pouco para que a mãe possa vê-la.

Explicou a Severo que suas suspeitas não eram infundadas e que, no estômago de sua filha, encontrara a mesma substância mortal que existia na aguardente oferecida. Então Severo recordou-se da previsão de Clara e perdeu o resto da compostura que lhe restava, incapaz de se conformar com a ideia de que sua filha morrera em seu lugar. Caiu, abatido, dizendo-se culpado por ser ambicioso e vaidoso, que ninguém o havia mandado meter-se na política, que estivera muito melhor quando era um simples advogado e pai de família, que renunciava naquele momento e para sempre à maldita candidatura, ao Partido Liberal, a suas pompas e a suas ações, que esperava que nenhum de seus descendentes voltasse a se envolver com a política, que aquilo era ofício de carneiros e bandidos, até que o doutor Cuevas, apiedando-se, acabou de embebedá-lo. O xerez foi mais forte do que a dor e a culpa. A Nana e o médico o arrastaram até seu quarto, despiram-no e o deitaram na cama. Depois foram à cozinha, onde o ajudante estava terminando de arrumar Rosa.

Nívea e Severo del Valle despertaram tarde na manhã seguinte. Os parentes haviam ornamentado a casa para os ritos fúnebres, as cortinas estavam corridas, adornadas com tule negro, e, ao longo das paredes, alinhavam-se as coroas de flores, impregnando o ar com seu aroma adocicado. Havia arrumado uma câmara ardente na sala de jantar. Sobre a grande mesa, coberta com um pano preto de franjas douradas, estava o caixão de Rosa, branco com ferragens de prata. Doze velas amarelas em candelabros de bronze iluminavam a jovem com um difuso esplendor. Tinham-na vestido com seu traje de noiva e posto a coroa de flores de laranjeira em cera que guardava para o dia do casamento.

Ao meio-dia, começou o desfile de familiares, amigos e conhecidos para dar os pêsames e acompanhar os del Valle em seu luto. Apresentaram-se em casa até seus mais encarniçados inimigos políticos, e a todos Severo del Valle observou fixamente, procurando descobrir, em cada par de olhos que via, o segredo do assassino, mas

em todos, incluindo o do presidente do Partido Conservador, viu os mesmos pesar e inocência.

Durante o velório, os cavalheiros circulavam pelos salões e corredores da casa, falando de negócios em voz baixa. Mantinham respeitoso silêncio quando se aproximava alguém da família. No momento de entrar na sala de jantar e aproximar-se do ataúde, para olhar Rosa pela última vez, todos estremeciam, porque sua beleza não havia senão aumentado ao longo daquelas horas. As senhoras passavam ao salão, onde haviam sido arrumadas em círculo as cadeiras da casa. Ali havia conforto para chorar à vontade, externando as próprias tristezas sob o bom pretexto da morte alheia. O pranto era copioso, mas digno e calado. Algumas murmuravam orações em voz baixa. As empregadas da casa circulavam pelos salões e corredores, oferecendo chávenas de chá, cálices de conhaque, lenços limpos para as mulheres, bolos caseiros e pequenas compressas embebidas em amoníaco para as senhoras acometidas de náuseas por causa do ambiente fechado, do cheiro das velas e da dor. Todas as irmãs del Valle, menos Clara, que ainda era muito jovem, estavam rigorosamente vestidas de negro, sentadas em volta da mãe, como uma roda de corvos. Nívea, que tinha esgotado suas lágrimas, mantinha-se rígida na cadeira, sem um suspiro, sem uma palavra e sem o alívio do amoníaco, que lhe provocava alergia. Os visitantes que chegavam lhe davam os pêsames; alguns a beijavam em ambas as faces, outros a abraçavam com força por alguns segundos, mas ela parecia não reconhecer nem mesmo os mais íntimos. Vira morrerem outros filhos, na primeira infância ou ao nascer, mas nenhum lhe despertara a sensação de perda que experimentava naquele momento.

Cada irmão se despediu de Rosa com um beijo na testa gelada, menos Clara, que não quis se aproximar da sala de jantar. Não insistiram porque conheciam sua extrema sensibilidade e sua tendência a caminhar, sonâmbula, quando se lhe agitava a imaginação. Ficou no jardim, de cócoras ao lado de Barrabás, negando-se a comer ou participar do velório. Só a Nana se preocupou com ela e tratou de consolá-la, mas Clara dispensou-a.

Apesar das precauções tomadas por Severo para abafar os murmúrios, a morte de Rosa foi um escândalo público. O doutor Cuevas ofereceu a quem quis ouvir a explicação, perfeitamente razoável, de que a morte da jovem se devia, segundo ele, a uma pneumonia fulminante. Correu, entretanto, o boato de que havia sido envenenada por engano, em lugar de seu pai. Os assassinatos políticos eram desconhecidos no país naquele tempo, e o veneno, de qualquer maneira, era um recurso de prostitutas, algo desprestigiado e que não se usava desde a época colonial, pois até os crimes passionais eram resolvidos cara a cara. Houve um clamor de protesto pelo atentado, e,

antes que Severo pudesse evitar, a notícia foi publicada num jornal da oposição, acusando veladamente a oligarquia e acrescentando que os conservadores eram capazes até de algo assim, porque não podiam perdoar Severo del Valle, que, a despeito de sua classe social, se voltara para o Partido Liberal. A polícia tratou de seguir a pista da garrafa de aguardente, só conseguindo apurar, contudo, que não tinha a mesma origem do porco recheado com perdizes e que os eleitores do Sul não estavam envolvidos no assunto. A misteriosa garrafa foi encontrada por casualidade junto da porta de serviço da casa dos del Valle no mesmo dia e hora da chegada do porco assado, e a cozinheira supôs que fizesse parte do mesmo presente. Nem o zelo da polícia, nem as pesquisas que Severo realizou por sua conta, por intermédio de um detetive particular, conseguiram descobrir os assassinos, e a sombra de uma possível vingança permaneceu presente nas gerações posteriores. Aquele foi o primeiro dos muitos atos de violência que marcaram o destino da família.

Recordo-me perfeitamente. Aquele dia tinha sido muito feliz para mim, porque aparecera um novo veio, o abundante e maravilhoso filão que eu vinha perseguindo durante todo aquele tempo de sacrifício, ausência e espera, e que poderia representar a riqueza que eu desejava. Estava certo de que em seis meses teria dinheiro suficiente para me casar e que, dentro de um ano, poderia começar a me considerar um homem rico. Tive muita sorte, porque, no negócio da mineração, eram mais numerosos os que se arruinavam do que os que triunfavam, como eu dizia, escrevendo a Rosa naquela tarde, tão eufórico, tão impaciente, que meus dedos travavam nas teclas da velha máquina e as palavras saíam grudadas. Estava nisso quando ouvi à porta as batidas que me cortaram a inspiração para sempre. Era um tropeiro com duas mulas trazendo-me um telegrama do povoado, enviado por minha irmã Férula e anunciando a morte de Rosa. Tive de ler aquela folha de papel três vezes até compreender a magnitude de minha desolação. A única ideia que não me havia ocorrido era a de Rosa ser mortal. Sofri muito, pensando que ela, entediada pela espera, pudesse decidir casar-se com outro ou que nunca chegasse a aparecer o maldito filão que poria uma fortuna em minhas mãos, ou que a mina pudesse desmoronar, esmagando-me como uma barata. Pesei todas essas possibilidades e outras mais; nunca, porém, a morte de Rosa, apesar de meu proverbial pessimismo, que tem sempre me levado a esperar o pior. Senti que, sem Rosa, a vida não teria significado para mim. Murchei por dentro como um balão furado, e todo o meu entusiasmo se esvaiu. Fiquei sentado na cadeira, olhando o deserto pela janela, não sei por quanto tempo, até que lentamente a alma voltou-me ao corpo. Minha primeira reação foi de cólera. Esmurrei os

frágeis tabiques de madeira da casa, até me sangrarem os nós dos dedos, rasguei em mil pedaços as cartas, os desenhos de Rosa e as cópias de minhas cartas, que eu guardava; às pressas, enfiei nas malas minha roupa, os papéis e a bolsinha de lona onde guardava o ouro, e fui procurar o capataz para lhe entregar os salários dos trabalhadores e as chaves da taberna. O tropeiro ofereceu-se para me acompanhar até o trem. Tivemos de viajar uma boa parte da noite a cavalo, com mantas de Castela como único abrigo contra a névoa do inverno, avançando com lentidão naquelas solidões intermináveis, em que só o instinto de meu guia me dava garantia de chegarmos ao destino, pois não havia qualquer ponto de referência. A noite estava clara e estrelada, sentia o frio trespassar-me os ossos, imobilizar-me as mãos, entrar-me na alma. Ia pensando em Rosa e desejando com veemência irracional que sua morte não fosse verdade, pedindo ao céu com desespero que tudo fosse um engano ou que, reanimada pela força de meu amor, ela recuperasse a vida e, como Lázaro, se levantasse de seu leito de morte. Ia chorando por dentro, afundado na dor e no gelo da noite, cuspidor blasfêmias contra a mula, que andava tão devagar, contra Férula, portadora de desgraças, contra Rosa, por ter morrido, e contra Deus, por ter permitido que isso acontecesse, até que começou a amanhecer; vi desaparecerem as estrelas e surgirem as primeiras cores da aurora, o sol tingindo de vermelho e laranja a paisagem do Norte; e, com a luz, voltou-me um pouco de bom senso. Comecei a conformar-me com a minha desgraça e pedir já não mais que Rosa ressuscitasse, mas apenas que eu conseguisse chegar a tempo de vê-la antes de ser enterrada. Apressamos o passo, e, uma hora mais tarde, o tropeiro despediu-se de mim na minúscula estação em que o trem de bitola estreita ligava o mundo civilizado àquele deserto em que passei dois anos.

Viajei mais de trinta horas sem pausa para me alimentar, esquecido até mesmo da sede, mas consegui chegar à casa da família del Valle antes do funeral. Dizem que ali entrei coberto de pó, sem chapéu, sujo e barbado, com sede e furioso, perguntando aos gritos por minha noiva. A pequena Clara, que era então apenas uma menina magra e feia, veio ao meu encontro quando pisei o pátio, pegou-me pela mão e levou-me silenciosamente à sala de jantar. Rosa estava ali entre as brancas pregas de cetim branco em seu também branco ataúde, conservada intacta três dias depois de falecida e mil vezes mais bela do que eu me lembrava, porque Rosa, na morte, se transformara sutilmente na sereia que sempre fora em segredo.

— Maldita seja! Fugiu-me das mãos! — contam que eu disse, aos gritos, caindo de joelhos a seu lado, escandalizando os parentes, porque ninguém poderia compreender minha frustração por ter passado dois anos escavando a terra para me tornar rico, com o único

propósito de levar um dia ao altar aquela jovem, que a morte roubara de mim.

Momentos depois chegou o coche, enorme, negro e reluzente, puxado por seis cavalos com penacho, como então se usava, e conduzido por dois cocheiros de libré. Deixou a casa pelo meio da tarde, sob um tênue chuvisco, seguido por uma procissão de carros que levavam os parentes, os amigos e as coroas de flores. Por costume, as mulheres e as crianças não assistiam aos enterros; essa era uma tarefa para os homens, mas Clara conseguiu, na última hora, misturar-se ao cortejo para acompanhar sua irmã Rosa. Senti sua mãozinha enluvada agarrada à minha e durante todo o trajeto tive-a a meu lado, pequena sombra silenciosa, que provocava uma ternura desconhecida em minha alma. Naquele momento, eu também não percebi que Clara não havia pronunciado uma só palavra em dois dias e que se passariam mais três antes que a família se alarmasse a respeito de seu silêncio.

Severo del Valle e os filhos mais velhos levaram nos ombros o ataúde branco de ferragens de prata e eles próprios o colocaram no nicho aberto do mausoléu. Iam de luto, silenciosos e sem lágrimas, como convém às normas de tristeza num país habituado à dignidade da dor. Depois de fechadas as grades do túmulo e de se terem retirado os parentes, os amigos e os coveiros, fiquei ali, parado em meio às flores que escaparam às dentadas de Barrabás e acompanharam Rosa ao cemitério. Devo ter parecido um escuro pássaro de inverno, a aba do casaco abanando ao vento, alto e fraco, como eu era então, antes que se cumprisse a maldição de Férula e eu comesse a encolher. O céu estava cinzento e ameaçava chuva; suponho que fizesse frio, mas acredito que não o sentia, porque a raiva me consumia. Não conseguia tirar os olhos do pequeno retângulo de mármore em que haviam gravado o nome de Rosa, a bela, e as datas, em grandes letras góticas, que limitavam sua curta passagem por este mundo. Pensava que havia perdido dois anos sonhando com Rosa, trabalhando para Rosa, escrevendo para Rosa, desejando Rosa e, afinal, nem sequer teria o consolo de ser enterrado a seu lado. Pensei nos anos que me restavam para viver e cheguei à conclusão de que, sem ela, não valiam a pena, porque eu nunca iria encontrar em todo o universo outra mulher com seu cabelo verde e sua formosura marinha. Se me tivessem dito que eu viveria mais de noventa anos, teria dado um tiro na cabeça.

Não ouvi os passos do guarda do cemitério, que se aproximou por trás de mim. Por isso me sobressaltei quando me tocou o ombro.

— Como se atreve a tocar-me? — rugi.

Recuou, assustado, o pobre homem. Algumas gotas de chuva molhavam tristemente as flores dos mortos.

— Desculpe, cavalheiro, são seis horas e tenho que fechar —

imagino que me tenha dito.

Explicou-me então que o regulamento proibia a permanência de pessoas estranhas ao quadro do cemitério depois do pôr do sol, mas não o deixei acabar; enfiei-lhe algumas notas na mão e o empurrei para que fosse embora e me deixasse em paz. Vi-o afastar-se, olhando-me por cima do ombro, talvez pensando que eu fosse louco, um desses dementes necrófilos que às vezes rondam os cemitérios.

Foi uma longa noite, talvez a mais longa de minha vida. Passei-a sentado ao lado do túmulo de Rosa, falando com ela, acompanhando-a na primeira parte de sua viagem ao Além, quando é mais difícil desprender-se da terra e se necessita do amor dos que ficam vivos para se ir pelo menos com o consolo de se haver semeado algo nos corações alheios. Recordava seu rosto perfeito e maldizia minha sorte. Relatei a Rosa os anos que passei enfiado num buraco na mina, sonhando com ela. Não lhe disse que não tinha visto outras mulheres durante todo esse tempo à exceção das miseráveis prostitutas envelhecidas e gastas, que serviam a todo o acampamento com mais boa vontade do que mérito. Mas disse-lhe que tinha vivido entre homens toscos e sem lei, comendo grão-de-bico e bebendo água limosa, longe da civilização, pensando nela noite e dia, levando na alma sua imagem, como um estandarte que me dava forças para continuar retalhando a montanha, mesmo que desaparecesse o veio, doente do estômago a maior parte do ano, congelado de frio à noite e alucinado pelo calor durante o dia, tudo isso com o único objetivo de me casar com ela, e ela parte, morre à traição, antes que eu pudesse realizar os meus sonhos, deixando-me uma incurável desolação. Disse-lhe que se esquivara de mim, acusei-a de nunca termos estado completamente sós, de só ter podido beijá-la uma vez. Tinha urdido o amor com recordações e desejos estimulantes, mas impossíveis de satisfazer, com cartas atrasadas e desbotadas que não poderiam refletir meus sentimentos nem a dor de sua ausência, porque não tenho facilidade para o gênero epistolar e muito menos para escrever sobre minhas emoções. Disse-lhe que aqueles anos na mina haviam sido uma perda irremediável, que, se eu tivesse sabido que ela iria viver tão pouco neste mundo, teria roubado o dinheiro necessário para me casar com ela e construir um palácio ornamentado com tesouros do fundo do mar — corais, pérolas, nácar — onde a teria mantido sequestrada e ao qual só eu teria acesso. Eu a teria amado ininterruptamente por um tempo quase infinito, porque estava certo de que, se estivesse comigo, ela não teria bebido o veneno destinado a seu pai e teria durado mil anos. Falei-lhe das carícias que reservara para ela, dos presentes com que iria surpreendê-la, da forma como a teria tornado apaixonada e feliz. Disse-lhe, em resumo, todas as loucuras que jamais lhe teria dito se me pudesse ouvir e que jamais tornei a dizer a nenhuma outra mulher.

Naquela noite pensei que perdera para sempre a capacidade de me apaixonar e que nunca mais poderia rir ou perseguir uma ilusão. Nunca mais, porém, é muito tempo, como pude comprovar nesta minha longa vida.

Vi a raiva crescer dentro de mim como um tumor maligno, manchando as melhores horas de minha existência e incapacitando-me para a ternura ou para a clemência. Mas, acima da confusão e da ira, o sentimento mais forte de que me lembro ter tido nessa noite foi o desejo frustrado, porque jamais poderia satisfazer a ânsia de afagar Rosa com as mãos, penetrar seus segredos, soltar o verde manancial de seus cabelos e afundar-me em suas águas mais profundas. Evoquei com desespero a última imagem que tinha dela, emoldurada nas dobras de cetim de seu ataúde virginal, com as flores de laranjeira de noiva coroadando-lhe a cabeça e um rosário entre os dedos. Não sabia que exatamente assim, com as flores de laranjeira e o rosário, tornaria a vê-la, por um instante fugaz, muitos anos mais tarde.

Com as primeiras luzes do amanhecer, o guarda voltou. Deve ter sentido pena daquele louco semicongelado que havia passado a noite com os lívidos fantasmas do cemitério. Estendeu-me seu cantil.

— Chá quente. Beba um pouco, senhor — ofereceu-me.

Eu, porém, o repeli com um empurrão e me afastei, praguejando, com passos largos e raivosos, em meio às fileiras de tumbas e ciprestes.

Na noite em que o doutor Cuevas e seu ajudante estriparam o cadáver de Rosa na cozinha para descobrir a causa de sua morte, Clara estava em sua cama, no escuro, de olhos abertos e trêmula. Tinha a terrível suspeita de que a irmã havia morrido porque ela anunciara o fato. Acreditava que, assim como a força de sua mente conseguia mover o saleiro, também poderia ser a causa das mortes, dos tremores de terra e de outras desgraças maiores. A mãe lhe explicara em vão que ela não provocava os acontecimentos, mas apenas podia vê-los antecipadamente. Sentia-se desolada e culpada, e supôs que, se pudesse estar com Rosa, se sentiria melhor. Levantou-se e, descalça e só de camisola, entrou no quarto que compartilhara com a irmã mais velha, mas não a encontrou na cama, onde a tinha visto pela última vez. Saiu para procurá-la por toda a casa, completamente escura e silenciosa. Sua mãe dormia, dopada pelo doutor Cuevas, e seus irmãos e os empregados se haviam recolhido mais cedo a seus quartos. Percorreu os salões, deslizando agarrada às paredes, assustada e gelada. Os móveis pesados, as grossas cortinas drapeadas, os quadros nas paredes, as tapeçarias com suas flores pintadas sobre tela escura, os lampiões apagados, oscilando nos tetos, e as touceiras de avenca sobre colunas de louça pareceram-lhe ameaçadores. Pela fresta sob a

porta, percebeu que no salão brilhava um pouco de luz e esteve a ponto de entrar, mas temeu encontrar o pai e que ele a mandasse de volta para a cama. Dirigiu-se, então, à cozinha, imaginando encontrar algum consolo no peito da Nana. Atravessou o pátio principal, em meio às camélias e às laranjeiras anãs, os salões do segundo corpo da casa e os sombrios corredores abertos, onde as luzes tênues dos lampiões a gás ficavam acesas toda a noite, para facilitar a corrida durante os tremores de terra e espantar morcegos e outros bichos noturnos, e chegou ao terceiro pátio, onde estavam instaladas as dependências de serviço e as cozinhas. Ali, a casa perdia a dignidade senhorial, e começava a desordem dos canis, dos galinheiros e dos quartos dos serviçais. Mais adiante, estava a cavalaria, onde se abrigavam os velhos cavalos que Nívea ainda usava, apesar de Severo del Valle ter sido um dos pioneiros na compra de automóvel. A porta e os postigos da cozinha e o reposteiro estavam fechados. O instinto advertiu Clara de que algo anormal ocorria lá dentro; tentou espreitar, mas seu nariz não chegava ao peitoril da janela; teve de arrastar um caixote e encostá-lo à parede para subir e poder olhar por um vão entre o postigo de madeira e o peitoril da janela que a umidade e o tempo haviam deformado. E, então, viu o interior.

O doutor Cuevas, aquele homem enorme, bonachão e meigo, de farta barba e ventre opulento, que a ajudara a nascer e a tratara em todas as doenças da infância e ataques de asma, transformara-se num vampiro gordo e escuro, semelhante aos das ilustrações dos livros de seu tio Marcos. Estava inclinado sobre o balcão em que a Nana costumava preparar a comida. A seu lado, estava um jovem desconhecido, pálido como a lua, com a camisa manchada de sangue e os olhos perdidos de amor. Viu as alvíssimas pernas de sua irmã e seus pés nus. Clara começou a tremer. Nesse momento o doutor Cuevas afastou-se, e ela pôde ver o horrendo espetáculo de Rosa estendida de costas, sobre o mármore, aberta de alto a baixo por um corte profundo, com os intestinos postos a seu lado, dentro da saladeira. Rosa tinha a cabeça virada na direção da janela por onde ela estava espiando, e seu longo cabelo verde caía, como uma samambaia-chorona, da mesa até os azulejos do chão, manchados de vermelho. Apesar de seus olhos estarem fechados, a menina, por efeito das sombras, da distância ou da imaginação, acreditou ver-lhe uma expressão suplicante e humilhada.

Clara, imóvel sobre o caixote, não se pôde impedir de olhar até o fim. Permaneceu ali espreitando pela fresta durante muito tempo, congelando-se sem se dar conta, até que os dois homens terminaram de esvaziar Rosa, injetar-lhe líquidos nas veias e banhá-la, por dentro e por fora, com vinagre aromático e essência de alfazema. Permaneceu ali até que a encheram de emplastos de embalsamador e a costuraram

com uma agulha curva de colchoeiro. Permaneceu ali até que o doutor Cuevas se lavou na pia e enxugou as lágrimas, enquanto o outro limpava o sangue e as vísceras. Permaneceu ali até que o médico saiu, vestindo o casaco negro com um gesto de tristeza mortal. Permaneceu ali até que o jovem desconhecido beijou Rosa nos lábios, no pescoço, nos seios, entre as pernas, lavou-a com uma esponja, vestiu-lhe a camisola bordada e lhe ajeitou o cabelo, arquejando. Permaneceu ali até que o ajudante a carregou nos braços com a mesma ternura comovente com que a teria erguido para transpor pela primeira vez a porta de sua casa, se tivesse sido sua noiva. E não conseguiu mover-se até aparecerem as primeiras luzes do dia. Então, deslizou até a sua cama, sentindo por dentro todo o silêncio do mundo. O silêncio encheu-a por inteiro, e ela só voltou a falar nove anos depois, quando emitiu sua voz para anunciar que ia se casar.

* Ave da família dos papagaios. Arara. (N. T.)

Capítulo II

Las Tres Marías

Na sala de jantar da casa, de móveis antiquados e maltratados que, num passado longínquo, haviam sido boas peças vitorianas, Esteban Trueba jantava com a irmã Férula a mesma sopa gordurosa de todos os dias e o mesmo peixe insípido de todas as sextas-feiras. Eram servidos pela empregada que os tinha atendido durante toda a vida, na tradição de então dos escravos remunerados. A velha mulher ia e vinha entre a cozinha e a sala, curvada e meio cega, mas ainda enérgica, levando e trazendo solenemente as travessas. Dona Ester Trueba não acompanhava seus filhos à mesa. Passava as manhãs imóvel em sua cadeira observando pela janela o movimento da rua, constatando como o decorrer dos anos ia deteriorando o bairro, que, em sua juventude, fora tão elegante. Depois do almoço, mudavam-na para a cama, acomodando-a de modo que ficasse meio sentada, única posição que lhe permitia a artrite, sem mais companhia do que as leituras beatas de seus livrinhos pios de vidas e milagres dos santos. Ali ficava até o dia seguinte, quando tornava a repetir-se a mesma rotina. Sua única saída à rua era para assistir à missa do domingo na Igreja de São Sebastião, a dois quarteirões da casa, levada na cadeira de rodas por Férula e a empregada. Esteban havia acabado de catar a carne esbranquiçada do peixe na trama de espinhas e pousado os talheres no prato. Sentava-se muito reto, tal como caminhava, esticado e com a cabeça ligeiramente inclinada para trás e um pouco para o lado, olhando de esguelha, numa mistura de altivez, desconfiança e miopia. Essa atitude seria desagradável se seus olhos não fossem surpreendentemente doces e claros. A posição, tão dura, era adequada a um homem forte e baixo que quisesse parecer mais alto, mas ele media um metro e oitenta, e era muito magro. Todas as linhas de seu corpo eram verticais e ascendentes, desde o nariz afilado e aquilino e as sobrelhas triangulares, até a testa alta, coroada por uma melena de leão, que ele penteava para trás. Tinha ossos largos e mãos de

dedos longos. Caminhava com grandes passadas, movia-se com energia e parecia muito forte, sem lhe faltar, contudo, certa graça nos gestos. Seu rosto era muito harmonioso, apesar da postura austera e sombria, e da frequente expressão de mau humor. Seu traço predominante era o mau gênio e a tendência a se tornar violento e perder a cabeça, característica que possuía desde a infância, quando se atirava ao chão, com a boca cheia de espuma, sem poder respirar, enraivecido, esperneando como um possesso. Era preciso mergulhá-lo em água gelada para recuperar o controle. Mais tarde aprendeu a dominar-se, mas ficou-lhe para o resto da vida aquela ira sempre prestes a explodir, que demandava pouco estímulo para aflorar em ataques terríveis.

— Não vou voltar à mina — disse.

Era a primeira frase que trocava com sua irmã à mesa. Tomara essa decisão na noite anterior, ao se dar conta de que não tinha sentido continuar a manter sua vida de eremita em busca de enriquecimento rápido. Tinha a concessão da mina por mais dois anos, tempo suficiente para explorar bem o maravilhoso filão que descobrira, mas pensava que, embora o capataz roubasse um pouco ou não soubesse explorá-lo como ele, não havia nenhuma razão para se enterrar no deserto. Não desejava tornar-se rico à custa de tantos sacrifícios. Tinha a vida inteira para enriquecer, se pudesse, e para aborrecer-se e esperar a morte, sem Rosa.

— Em alguma coisa você terá de trabalhar, Esteban — retrucou Férula. — Bem sabe que gastamos muito pouco, quase nada, mas os remédios de mamãe são caros.

Esteban fitou a irmã. Era ainda uma bela mulher, de formas generosas e rosto ovalado de madona romana, mas sua pele pálida com reflexos de pêssego e seus olhos cheios de sombras já insinuavam a fealdade da resignação. Férula aceitara o papel de enfermeira de sua mãe. Dormia no quarto contíguo ao de dona Ester, disposta a qualquer momento a correr para junto dela, a fim de lhe dar suas poções, pô-lhe a comadre e ajeitar seus travesseiros. Tinha a alma atormentada. Comprazia-se na humilhação e nas tarefas abjetas, acreditava que alcançaria o céu mediante o terrível processo de sofrer injustiças; por isso, sentia prazer em limpar as pústulas das pernas enfermas de sua mãe, lavando-a, afundando-se em seus cheiros e misérias, investigando seu urinol. E se odiava tanto por esses prazeres tortuosos e inconfessáveis quanto odiava a mãe por lhe servir de instrumento. Atendia-a sem se queixar, mas sutilmente procurava fazê-la pagar o preço de sua invalidez. Sem que fosse explicitado, estava presente entre as duas o fato de a filha ter sacrificado sua vida para cuidar da mãe e, por isso, ter ficado solteira. Férula havia rechaçado dois noivos, sob o pretexto da doença da mãe. Não falava a respeito disso, mas

todo mundo sabia. Seus gestos eram bruscos e grosseiros, sendo dotada de mau gênio igual ao do irmão, mas fora obrigada, pela vida e por sua condição de mulher, a dominá-lo e conter-se. Parecia tão perfeita que chegou a ter fama de santa. Citavam-na como exemplo pela dedicação a dona Ester e pela maneira como criara seu único irmão depois que a mãe adoeceu e o pai morreu, deixando-os na miséria. Férula adorara seu irmão, Esteban, quando era menino. Dormia com ele, dava-lhe banho, levava-o para passear, trabalhava de sol a sol, costurando para fora, a fim de lhe pagar o colégio, e chorou de raiva e impotência no dia em que Esteban teve de começar a trabalhar num cartório, porque em sua casa o que ela ganhava não era suficiente para a comida. Cuidara dele e servira a ele como fazia agora com a mãe e também o envolveu na rede invisível da culpabilidade e das dívidas de gratidão não pagas. O rapaz começou a se afastar dela assim que vestiu calças compridas. Esteban era capaz de identificar o momento exato em que se deu conta de que sua irmã era uma sombra fatídica. Foi quando recebeu seu primeiro pagamento. Resolveu reservar cinquenta centavos para realizar um sonho que acalentava desde a infância: tomar um café vienense. Pelas janelas do Hotel Francês, via os garçons passando com bandejas à altura da cabeça, levando as preciosidades: altos copos de cristal coroados por torres de creme batido e decorados com uma linda ginja cristalizada. No dia de seu primeiro pagamento, passou diante do estabelecimento muitas vezes antes de se atrever a entrar. Afinal, timidamente, transpôs a porta, com a boina na mão, e dirigiu-se ao luxuoso refeitório, em meio aos lustres de pingentes e móveis de estilo, com a sensação de que todo mundo olhava para ele, de que mil olhos criticavam seu terno muito apertado e seus sapatos velhos. Sentou-se na beirada da cadeira, as orelhas quentes, e fez o pedido ao garçom com um fio de voz. Esperou, impaciente, observando pelos espelhos o ir e vir das pessoas, saboreando antecipadamente o prazer tantas vezes imaginado. E então chegou seu café vienense, muito mais impressionante do que imaginara, soberbo, delicioso e acompanhado de três biscoitinhos de mel. Contemplou-o fascinado por alguns minutos. Finalmente, atreveu-se a pegar a pequena colher de cabo longo e, com um suspiro de felicidade, mergulhou-a no creme. Tinha a boca cheia d'água. Decidido a prolongar aquele instante o maior tempo possível, esticando-o até o infinito, começou a mexer a colher, observando como o líquido escuro do copo se misturava à espuma do creme. Mexeu, mexeu, mexeu. E, de repente, a ponta da colher bateu no cristal, abrindo uma fenda por onde o café jorrou com pressão, caindo-lhe na roupa. Horrorizado, Esteban viu todo o conteúdo do copo espalhar-se pelo seu único terno, sob o olhar divertido dos ocupantes das outras mesas. Deteve-se, pálido de frustração, e saiu do Hotel

Francês com cinquenta centavos a menos, deixando à sua passagem um filete de café vienense nos fofos tapetes. Chegou em casa respingado, furioso, descomposto. Quando Férula tomou conhecimento do que acontecera, comentou com azedume: “Isso aconteceu porque você foi gastar o dinheiro dos remédios de mamãe com seus caprichos. Deus o castigou”. Naquele momento Esteban percebeu com absoluta clareza os mecanismos que sua irmã usava para dominá-lo, a forma como conseguia fazê-lo sentir-se culpado, e compreendeu que precisava defender-se. À medida que se foi afastando de sua tutela, Férula lhe foi tomando antipatia. A liberdade de que ele desfrutava doía-lhe como censura, como injustiça. Quando se apaixonou por Rosa, e ela o viu desesperado, como um garoto, pedindo-lhe ajuda, precisando dela, perseguindo-a pela casa para lhe suplicar que se aproximasse da família del Valle, que falasse com Rosa, que subornasse a Nana, Férula voltou a se sentir importante para Esteban. Durante algum tempo pareceram reconciliados. Aquele breve reencontro, porém, não durou muito, e Férula não tardou a se dar conta de que tinha sido usada. Alegrou-se quando viu seu irmão partir para a mina. Desde que começara a trabalhar, aos 15 anos, Esteban manteve a casa e assumiu o compromisso de fazê-lo para sempre, mas para Férula isso não era suficiente. Incomodava-a o fato de ter de ficar fechada entre aquelas repugnantes paredes, impregnadas de velhice e remédios, desperta pelos gemidos da enferma, atenta ao relógio para administrar-lhe seus medicamentos, aborrecida, cansada, triste, enquanto seu irmão ignorava essas obrigações. Ele poderia ter um destino luminoso, livre, cheio de êxitos. Poderia casar-se, ter filhos, conhecer o amor. No dia em que mandou o telegrama anunciando-lhe a morte de Rosa, experimentou uma estranha excitação, quase de alegria.

— Terá de trabalhar em alguma coisa — repetiu Férula.

— Nunca lhes faltará nada enquanto eu viver — disse ele.

— É fácil dizer — respondeu Férula, retirando uma espinha de peixe dos dentes.

— Estou pensando em ir para o campo, para Las Tres Marías.

— Aquilo é uma ruína, Esteban. Sempre lhe disse que é melhor vender aquela terra, mas você é teimoso como uma mula.

— Nunca se deve vender terra. É só o que fica quando todo o resto se acaba.

— Não concordo. A terra é uma ideia romântica; o que enriquece os homens é o bom faro para os negócios — argumentou Férula. — Mas você sempre disse que algum dia iria morar no campo.

— Esse dia chegou. Odeio esta cidade.

— Por que não diz logo que odeia esta casa?

— Também — respondeu ele rudemente.

— Gostaria de ter nascido homem para poder ir também — disse ela, cheia de ódio.

— Eu não gostaria de ter nascido mulher — contrapôs ele.

Acabaram de comer em silêncio.

Os irmãos estavam muito afastados, e as únicas coisas que ainda os uniam eram a presença da mãe e a etérea recordação do amor que haviam tido um pelo outro na infância. Havia crescido numa casa decadente, presenciando a deterioração moral e econômica do pai, e, logo depois, a lenta enfermidade da mãe. Dona Ester Trueba começou a sofrer de artrite ainda muito nova, foi-se enrijecendo gradativamente, até passar a se mover com grande dificuldade, como que amortalhada em vida, e, afinal, quando já não era mais capaz de flexionar os joelhos, instalou-se definitivamente em sua cadeira de rodas, em sua viuvez e em sua desolação. Esteban lembrava-se de sua infância e de sua juventude, suas roupas apertadas, o cordão de São Francisco que o obrigavam a usar, como pagamento de sabe-se lá que promessas de sua mãe ou de sua irmã, suas camisas cuidadosamente remendadas e sua solidão. Férula, cinco anos mais velha, lavava e engomava, dia sim, dia não, suas duas únicas camisas, a fim de que ele estivesse sempre limpo e apresentável, e recordava-lhe que, por parte da mãe, ele possuía o sobrenome mais nobre e da mais alta estirpe do vice-reino de Lima. Trueba não fora mais do que um lamentável acidente na vida de dona Ester, que, embora destinada a casar-se com alguém da sua classe, apaixonara-se perdidamente por aquele doidivanas, emigrante de primeira geração que em poucos anos dilapidou seu dote e, em seguida, sua herança. De nada servia a Esteban, porém, o passado de sangue azul, se em casa não havia com que pagar as contas do armazém e ele tinha de ir a pé para o colégio, porque não possuía um centavo para o bonde. Lembrava-se de que o mandavam à escola com o peito e as costas forrados com papel jornal, porque não tinha roupa de baixo de lã e seu casaco dava pena, e que muito sofria, imaginando que os companheiros pudessem ouvir, como ele mesmo ouvia, o barulho do papel roçando em sua pele. No inverno, a única fonte de calor era um braseiro no quarto de sua mãe, onde os três se reuniam para poupar velas e carvão. Fora uma infância de privações, desconforto, aspereza, de intermináveis rosários noturnos, medos e culpas. De tudo isso não lhe ficara mais do que a raiva e seu orgulho exagerado.

Dois dias depois, Esteban Trueba partiu para o campo. Férula acompanhou-o à estação. Ao despedir-se, beijou-o friamente na face e esperou que subisse no trem, com suas duas malas de couro com fechaduras de bronze, as mesmas que comprara quando foi para a mina e que deveriam durar toda a sua vida, como lhe garantira o vendedor. Férula recomendou-lhe que se cuidasse e as visitasse de vez

em quando, e disse-lhe que sentiria sua falta, mas ambos sabiam que estavam destinados a não se ver por muitos anos e, no fundo, sentiam certo alívio.

— Avise-me se a mamãe piorar — gritou Esteban pela janela quando o trem se pôs em movimento.

— Não se preocupe — respondeu Férula, agitando seu lenço na plataforma.

Esteban Trueba recostou-se no banco forrado de veludo vermelho e agradeceu a iniciativa dos ingleses de construir carruagens de primeira classe, onde era possível viajar como um cavalheiro, sem ter de suportar as galinhas, as canastras, os pacotes de papelão amarrados com barbante e o choramingar de crianças. Felicitou-se pela decisão de comprar uma passagem mais cara, pela primeira vez na vida, e concluiu que era nos detalhes que estava a diferença entre um cavalheiro e um camponês. Por isso, embora em má situação, desse dia em diante iria gastar dinheiro nas pequenas comodidades que o faziam sentir-se rico.

— Não pretendo voltar a ser pobre! — resolveu, pensando no filão de ouro.

Pela janela do vagão, viu passar a paisagem do vale central. Vastos campos estendiam-se ao pé da cordilheira, férteis campinas de vinhedo, de triguais, de alfafa e de maravilha. Comparou tudo isso com as desoladas planícies do Norte, onde passara dois anos enfiado num buraco, em meio a uma natureza agreste e lunar cuja beleza aterradora não se cansava de olhar, fascinado pelas cores do deserto, pelos azuis, roxos e amarelos dos minerais à flor da terra.

— Minha vida está mudando — murmurou. Fechou os olhos e adormeceu.

Desembarcou na estação de San Lucas, que era um lugar miserável. Àquela hora, não se via ninguém na plataforma de madeira, com seu telhado destruído pelas intempéries e pelas formigas. Dali era possível avistar todo o vale através da tênue neblina que subia da terra molhada pela chuva da noite. As montanhas longínquas perdiam-se nas nuvens de um céu carregado, e só a ponta nevada do vulcão se distinguia nitidamente, recortada contra a paisagem e iluminada por um tímido sol de inverno. Olhou à sua volta. Na única época feliz de sua infância de que se lembrava, antes que o pai falisse e se abandonasse à bebida e à própria vergonha, cavalgara com ele por aquela região. Lembrava-se de brincar em Las Tres Marías durante o verão, mas isso fora havia tantos anos que a memória quase se desvanecia, não sendo capaz de reconhecer o lugar. Procurou avistar o povoado de San Lucas, mas só descortinou um casario longínquo, desbotado na umidade da manhã. Percorreu a estação. Estava fechada

com um cadeado na porta do único escritório. Havia um aviso escrito a lápis, mas tão apagado que ele não conseguiu ler. Ouviu, às suas costas, o trem se pondo em marcha e começando a se afastar, riscando no ar uma coluna de fumaça branca. Estava sozinho naquela paragem silenciosa. Pegou as malas e começou a andar pelo barro e pelas pedras de um caminho que levava à povoação. Caminhou mais de dez minutos, pedindo que não chovesse, porque era com muita dificuldade que avançava com as pesadas malas por aquele caminho, e percebeu que a chuva o transformaria em poucos segundos num lamaçal intransitável. Ao se aproximar das casas, viu fumaça em algumas chaminés e suspirou aliviado, porque a princípio tivera a impressão de estar num vilarejo abandonado, tamanho era seu estado de decrepitude e solidão.

Deteve-se à entrada da aldeia, sem ver ninguém. Na única rua ladeada de modestas casas de adobe, reinava o silêncio, e teve a sensação de caminhar em sonhos. Acercou-se da casa mais próxima, que não tinha nenhuma janela e cuja porta estava aberta. Pousou as malas no chão e entrou, chamando em voz alta. Estava escuro dentro da casa, porque a luz só entrava pela porta, de modo que precisou de alguns segundos para adaptar a vista e acostumar-se à penumbra. Então viu, brincando no chão de terra batida, duas crianças, que o encaravam com grandes olhos assustados e, na área mais adiante, uma mulher que se aproximava secando as mãos no avental. Ao vê-lo, esboçou um gesto instintivo para desviar uma madeixa de cabelo que lhe caía na testa. Saudou-a, e ela respondeu, tapando a boca com a mão para esconder as gengivas sem dentes enquanto falava. Trueba explicou-lhe que precisava alugar um carro, mas ela pareceu não compreender e limitou-se a abrigar as crianças nas pregas do avental, com um olhar sem expressão. Ele saiu, pegou sua bagagem e seguiu seu caminho.

Quando já havia percorrido quase toda a aldeia sem ver ninguém e começava a se desesperar, ouviu às suas costas o som das patas de um cavalo. Era uma carroça desengonçada conduzida por um lenhador. Parou diante dela, obrigando o condutor a deter-se.

— Pode levar-me a Las Tres Marías? Pago-lhe bem! — gritou.

— O que vai fazer lá, cavalheiro? — perguntou o homem. — Aquilo é uma terra de ninguém, uma pedreira sem lei.

Entretanto, concordou em levá-lo, e o ajudou a acomodar a bagagem em meio aos feixes de lenha. Trueba sentou-se a seu lado na boleia. De algumas casas saíam crianças correndo atrás da carroça. Trueba sentiu-se mais só do que nunca.

A onze quilômetros da aldeia de San Lucas, por um caminho devastado, invadido pelo mato e cheio de buracos, apareceu uma tabuleta de madeira com o nome da propriedade. Pendurada numa

corrente arreventada, o vento balançava-a contra o poste, provocando um ruído surdo que lhe soou como um tambor de luto. Bastou-lhe o primeiro olhar para compreender que só um hércules poderia resgatar aquilo da desolação. A erva daninha tomara conta do caminho e, para onde quer que olhasse, só via penhascos, matagais e terra não cultivada. Não havia nem vestígios dos pastos ou restos dos vinhedos de que ele se lembrava, tampouco alguém que viesse recebê-lo. A carroça avançou lentamente, seguindo uma trilha que a passagem dos animais e dos homens riscara no matagal. Ao fim de pouco tempo, viu a casa da fazenda, que ainda se mantinha de pé, mas parecia uma visão de pesadelo, cheia de escombros, telas de galinheiro espalhadas pelo chão e lixo. Metade das telhas estava quebrada, e uma trepadeira selvagem, entrando pelas janelas, cobria quase todas as paredes. Em volta da casa, viu alguns casebres de adobe sem caiação e sem janelas, cobertos de palha e negros de fuligem. Dois cães brigavam furiosamente no pátio.

O chiar das rodas da carroça e as maldições do lenhador atraíram os ocupantes dos casebres, que foram pouco a pouco aparecendo. Olhavam os recém-chegados com estranheza e desconfiança. Depois de quinze anos sem ver nenhum patrão, haviam concluído que simplesmente não o tinham. Não poderiam reconhecer naquele homem alto e autoritário o menino de encaracolado cabelo castanho que havia muito tempo brincara naquele mesmo pátio. Esteban observou-os e também não conseguiu se lembrar de nenhum deles. Formavam um grupo miserável. Viu várias mulheres de idade indefinida, com a pele gretada e seca, algumas aparentemente grávidas, todas vestidas de farrapos desbotados e descalças. Calculou que haveria pelo menos uma dúzia de crianças de todas as idades. As mais novas estavam nuas. Outros rostos assomaram aos umbrais das portas, sem se atrever a sair. Esteban esboçou um gesto de saudação, mas ninguém respondeu. Algumas crianças correram para se esconder atrás das mulheres.

Esteban saltou da carroça, descarregou suas duas malas e deu algumas moedas ao lenhador.

— Se quiser, eu espero, patrão — disse o homem.

— Não, eu ficarei aqui.

Dirigiu-se àquela casa, abriu a porta com um empurrão e entrou. Lá dentro havia luz suficiente, porque a manhã entrava pelos postigos quebrados e pelos buracos do teto, onde as telhas haviam cedido. Estava cheia de pó e teias de aranha, com aspecto de total abandono, e era evidente que nesses anos todos nenhum dos camponeses se atrevera a deixar sua choça para ocupar a grande casa senhorial vazia. Não tinham mexido nos móveis, que eram os mesmos de sua infância, nos mesmos lugares de sempre, embora mais feios, sombrios e

desengonçados do que se lembrava. Toda a casa estava coberta por uma camada de erva, pó e folhas secas. Cheirava a túmulo. Um cachorro esquelético latiu furiosamente, mas Esteban Trueba não fez caso, e o cão, finalmente cansado, foi para um canto se coçar contra as pulgas. Deixou suas malas sobre uma mesa e começou a percorrer a casa, combatendo a tristeza que começava a invadi-lo. Passou de um cômodo a outro, constatou a deterioração que o tempo havia provocado em todas as coisas, a pobreza, a sujeira, e se deu conta de que aquilo era um túmulo muito pior do que a mina. A cozinha era uma grande área imunda, de teto alto e paredes enegrecidas pela fumaça da lenha e do carvão, mofada e em ruínas, mas onde ainda pendiam, pregadas nas paredes, as caçarolas e frigideiras de cobre e ferro que não eram usadas havia quinze anos e que ninguém havia sequer tocado durante todo esse tempo. Os quartos tinham as mesmas camas e os grandes armários com espelhos de cristal que o pai comprara um dia, mas os colchões eram um montão de lã apodrecida e de bichos que neles vinham fazendo ninho ao longo de muitas gerações. Escutou o discreto deslizar das ratazanas no forro do teto. Não conseguiu descobrir se o piso era de madeira ou ladrilho, porque não aparecia em parte alguma e a imundície cobria-o por completo. A camada cinzenta de pó escondia o contorno dos móveis. No que tinha sido o salão, ainda se via o piano alemão com um pé apodrecido e as teclas amareladas, soando como um cravo desafinado. Nas estantes havia alguns livros ilegíveis com as páginas comidas pela umidade e, no chão, restos de revistas muito antigas que o vento espalhara. Os estofados tinham as molas à vista, e havia um ninho de ratos na poltrona em que sua mãe se sentava para tecer antes que a doença lhe transformasse as mãos em ganchos.

Quando acabou seu trajeto, Esteban estava com as ideias mais claras. Sabia que tinha pela frente um trabalho titânico, porque, se a casa estava naquele estado de abandono, não deveria esperar que o restante da propriedade estivesse em melhores condições. Por um momento, sentiu-se tentado a colocar suas duas malas na carroça e voltar pelo mesmo caminho que o havia trazido, mas descartou esse pensamento de um só golpe e decretou que, se algo houvesse capaz de acalmar a dor e a raiva de ter perdido Rosa, seria arrebentar-se trabalhando naquela terra abandonada. Tirou o casaco, respirou profundamente e saiu para o pátio onde o lenhador ainda permanecia, junto dos empregados da fazenda reunidos a certa distância, com a timidez própria da gente do campo. Observaram-se mutuamente com curiosidade. Trueba deu dois ou três passos até eles e percebeu um leve movimento de recuo no grupo, deslizou o olhar pelos camponeses maltrapilhos e tentou esboçar um sorriso amigável para as crianças ranhentas, os velhos remelentos e as mulheres sem esperança, mas

saiu-lhe apenas uma careta.

— Onde estão os homens? — perguntou.

O único homem novo deu um passo à frente. Tinha provavelmente a mesma idade que Esteban Trueba, mas parecia mais velho.

— Foram embora — disse.

— Como se chama?

— Pedro Segundo García, senhor — respondeu o outro.

— Agora eu sou o patrão. Acabou a festa. Vamos trabalhar. Quem não gostar da ideia vá embora imediatamente. Aos que ficarem, não faltará comida, mas terão que se esforçar. Não quero frouxos nem gente insolente, ouviram?

Olharam-se assombrados. Não haviam compreendido nem metade do discurso, mas sabiam reconhecer a voz do patrão quando a escutavam.

— Entendemos, patrão — disse Pedro Segundo García. — Não temos aonde ir; sempre vivemos aqui. Vamos ficar.

Um menino agachou-se e começou a cagar, e um cão sarnento aproximou-se, cheirando-o. Esteban, enojado, deu ordem de recolher a criança, lavar o pátio e matar o cão. Assim começou a nova vida, que, com o tempo, haveria de fazê-lo esquecer Rosa.

Ninguém vai conseguir tirar-me da cabeça a ideia de que fui um bom patrão. Quem tivesse visto Las Tres Marías em sua época de abandono e a visse agora que é uma fazenda-modelo teria de concordar comigo. Por isso não posso aceitar que minha neta me venha com essa história de luta de classes, porque, se pensarmos bem, esses pobres camponeses estão em condições muito piores agora do que há cinquenta anos. Eu era como um pai para eles. Com a reforma agrária, fodemo-nos todos.

Para tirar Las Tres Marías da miséria, investi todo o capital que economizara para casar com Rosa e tudo o que o capataz da mina me enviava; não foi, porém, o dinheiro que salvou aquela terra, mas sim o trabalho e a organização. Correu a notícia de que havia um novo patrão em Las Tres Marías e que estávamos removendo as pedras com bois e lavrando os pastos para semear. Logo começaram a chegar homens, oferecendo-se como trabalhadores temporários, porque eu pagava bem e lhes dava comida em abundância. Comprei animais. Estes eram sagrados para mim e, embora passássemos o ano sem provar carne, não eram sacrificados. Assim cresceu o rebanho. Organizei os homens em grupos, e, depois de trabalharmos no campo, dedicávamo-nos à reconstrução da casa senhorial. Não eram carpinteiros nem pedreiros, e tive de lhes ensinar tudo, orientado por alguns manuais que comprei. Até instalações hidráulicas conseguimos fazer, consertamos os telhados, caíamos tudo e limpamos até deixar a

casa brilhando por dentro e por fora. Distribuí os móveis entre os empregados, menos a mesa da sala de jantar, que ainda estava intacta apesar do caruncho que tudo infestara, e a cama de ferro batido que fora de meus pais. Fiquei morando na casa vazia, sem mais mobília além dessas duas peças e uns caixotes em que me sentava, até Férula mandar-me da capital os móveis novos que lhe encomendei. Eram peças grandes, pesadas, nobres, feitas para resistir ao uso de gerações e adequadas à vida no campo, tanto que foi preciso um terremoto para destruí-las. Encostei os móveis às paredes pensando na comodidade, e não na estética, e, logo que a casa ficou confortável, dei-me por satisfeito e comecei a me acostumar à ideia de que passaria muitos anos, talvez toda a vida, em Las Tres Marías.

As mulheres dos empregados faziam turnos para servir na casa senhorial e encarregaram-se de minha horta. Em breve, eu vi as primeiras flores no jardim que tracei com minhas próprias mãos e que, com poucas modificações, é o mesmo que existe hoje em dia. Naquela época trabalhava-se de verdade. Creio que a minha presença tornou a lhes dar segurança, e viram que, pouco a pouco, aquela terra se transformava num lugar próspero. Eram gente boa e simples; não havia revoltosos. Verdade que eram também muito pobres e ignorantes. Antes de eu chegar, limitavam-se a cultivar suas pequenas roças familiares, que lhes davam o indispensável para não morrer de fome, se não se abatesse sobre eles alguma catástrofe, como a seca, a geada, a peste, a formiga ou o caracol, quando, então, as coisas se tornavam muito difíceis para eles. Comigo, tudo isso mudou. Fomos recuperando os pastos, um por um, reconstruímos o galinheiro e os estábulos, e começamos a traçar um sistema de regas para que as sementeiras não dependessem do clima, mas de um mecanismo científico. A vida, contudo, não era fácil. Era muito dura. Às vezes eu ia à aldeia e voltava com um veterinário que examinava as vacas e as galinhas, e que, de passagem, dava uma olhada nos doentes. Não que eu partisse do princípio de que, se os conhecimentos do veterinário serviam para os animais, seriam também suficientes para os pobres, como me diz minha neta quando quer deixar-me furioso. O que acontecia de fato era a impossibilidade de se conseguir um médico naquele fim de mundo. Os camponeses consultavam uma curandeira nativa que conhecia o poder das ervas e da sugestão, em quem depositavam grande confiança, muito mais do que no veterinário. As parturientes davam à luz com a ajuda das vizinhas, da oração e de uma parteira que raramente chegava a tempo, porque se deslocava em lombo de burro, mas que tanto servia para fazer nascer uma criança como para se tirar um vitelo de uma vaca que estivesse em sofrimento. Os enfermos graves, aqueles que nenhum encantamento da curandeira nem poção do veterinário conseguiam curar, eram levados de carroça,

por Pedro Segundo García ou por mim, para o hospital das freiras, onde às vezes havia um médico de plantão que os ajudava a morrer. Os mortos iam com seus ossos para um pequeno campo santo ao lado da igreja abandonada na base do vulcão, onde agora, como Deus manda, existe um cemitério. Uma ou duas vezes por ano, eu conseguia que um padre fosse abençoar as uniões, os animais e as máquinas, batizar as crianças e fazer algumas orações atrasadas para os defuntos. As únicas diversões consistiam em capar porcos e touros, nas brigas de galos, nas partidas de bocha e nas incríveis histórias de Pedro García, o velho, que descanse em paz! Era o pai de Pedro Segundo e dizia que seu avô havia lutado nas fileiras dos patriotas que haviam expulsado os espanhóis da América. Ensinaava as crianças a se deixarem picar por aranhas e tomar urina de mulher grávida para imunização. Conhecia quase tantas ervas quanto a curandeira, mas confundia-se no momento de decidir sua aplicação, além de cometer alguns erros irreparáveis. Para arrancar sisos, no entanto, reconheço que seu sistema era insuperável, tendo-lhe, aliás, garantido justa fama em toda a região; era uma combinação de vinho tinto e pai-nossos, que punha o paciente em um transe hipnótico. Extraiu-me uma vez um siso sem que eu sentisse qualquer dor e, se estivesse vivo, seria meu dentista.

Em muito pouco tempo, comecei a sentir-me bem no campo. Meus vizinhos mais próximos ficavam a uma boa distância a cavalo, mas a vida social não me interessava, pois agradava-me a solidão, e, além disso, tinha muito trabalho a fazer. Fui-me convertendo num selvagem, esqueci palavras, meu vocabulário encolheu e tornei-me muito mandão. Como não havia necessidade de eu manter as aparências, acentuou-se o mau gênio que sempre tive. Tudo me dava raiva, enojava-me ver as crianças rondando as cozinhas para roubar pão, as galinhas escapando para se amontoar no pátio, os pardais invadindo os milharais. Quando o mau humor começava a me perturbar e eu mesmo não me suportava, saía para caçar. Levantava-me muito antes do nascer do sol e partia de espingarda ao ombro, com meu bernal e meu cão perdigueiro. Gostava da cavalgada na escuridão, do frio do amanhecer, da longa espreita em meio às sombras, do silêncio, do cheiro de pólvora e sangue, de sentir a arma recuar contra o ombro com um coice seco e ver a presa cair, esperneando; isso me tranquilizava, e, quando regressava de uma caçada, com quatro coelhos miseráveis no bernal e algumas perdizes tão perfuradas que não serviam para ser cozidas, meio morto de fadiga e coberto de lama, sentia-me aliviado e feliz.

Quando penso nesses tempos, dá-me uma grande tristeza. A vida passou muito rapidamente para mim. Se pudesse recomeçar, eu não cometeria alguns erros, mas em geral de nada me arrependo. Sim, eu fui um bom patrão, disso não há dúvida.

Nos primeiros meses Esteban Trueba esteve tão ocupado canalizando a água, cavando poços, arrancando pedras, limpando pastos e reparando galinheiros e estábulos que não teve tempo de pensar em nada. Deitava-se estafado e levantava-se de madrugada, tomava um magro desjejum na cozinha e partia a cavalo para supervisionar os trabalhos do campo. Não regressava até o entardecer, quando fazia a única refeição completa do dia, sozinho na sala de jantar da casa. Nos primeiros meses, planejou tomar banho e mudar de roupa diariamente à hora do jantar, como tinha ouvido que faziam os colonos ingleses nas aldeias mais longínquas da Ásia e da África, para não perder a respeitabilidade e a autoridade. Vestia sua melhor roupa, barbeava-se e todas as noites punha no gramofone as mesmas árias de suas óperas preferidas. Pouco a pouco, porém, deixou-se vencer pela rusticidade e aceitou o fato de que não tinha vocação para almofadinha, sobretudo se não houvesse ninguém que pudesse apreciar o esforço. Parou de se barbear, não cortava o cabelo antes que lhe chegasse aos ombros e só continuou a tomar banho porque tinha esse hábito muito arraigado, mas despreocupou-se com a roupa e as boas maneiras. Foi-se tornando um bárbaro. Antes de dormir, lia um pouco ou jogava xadrez; desenvolvera a habilidade de competir com um livro sem roubar e de perder partidas sem se aborrecer. Contudo, a fadiga resultante do trabalho não foi suficiente para sufocar sua natureza vigorosa e sensual. Suas noites começaram a ser ruins, os cobertores lhe parecendo muito pesados, os lençóis leves demais. Seu cavalo lhe aprontava poucas e boas, e, de súbito, transformava-se em uma surpreendente fêmea, uma montanha dura e selvagem de carne, que ele cavalgava até moer os ossos. Os tenros e perfumados melões da horta pareciam-lhe descomunais peitos de mulher, e algumas vezes pegava-se enfiando o rosto na cilha de sua sela, buscando no cheiro acre do suor do animal a semelhança com aquele aroma longínquo e proibido de suas primeiras prostitutas. Durante a noite, excitava-se com pesadelos de mariscos apodrecidos, pedaços enormes de rês esquartejada, sangue, sêmen e lágrimas. Acordava tenso, com o sexo rijo como um ferro entre as pernas, mais raivoso do que nunca. Para aliviar-se, despia-se e mergulhava no rio, deixando-se afundar nas águas geladas até perder a respiração, mas, então, parecia sentir mãos invisíveis que lhe acariciavam as pernas. Vencido, deixava-se flutuar à deriva, sentindo-se abraçado pela corrente, beijado pelos girinos, fustigado pelos juncos das margens. Ao fim de pouco tempo, sua premente necessidade era notória e já não se acalmava nem mesmo com imersões noturnas no rio, nem com infusões de canela, nem pondo pederneira sob o colchão, nem sequer com as vergonhosas manipulações que, no internato, alucinavam os meninos e os consumiam na condenação eterna. Quando começou a dirigir olhares

banhados de concupiscência às aves da capoeira, às crianças que brincavam nuas na horta e até à massa crua do pão, compreendeu que sua virilidade não se acalmaria com paliativos de sacristão. Seu senso prático indicou-lhe que deveria procurar uma mulher, e, uma vez tomada a decisão, a ansiedade que o consumia acalmou-se, e sua raiva pareceu aquietar-se. Nesse dia amanheceu sorrindo pela primeira vez em muito tempo.

Pedro García, o velho, viu-o atravessar assobiando o caminho até o estábulo e balançou a cabeça, inquieto.

O patrão passou o dia todo ocupado em lavrar um pasto que acabara de mandar limpar e reservara para plantar milho. Depois foi com Pedro Segundo García ajudar uma vaca que estava parindo e cujo vitelo estava atravessado, dificultando-lhe a saída. Teve de introduzir seu braço até o cotovelo para virar a cria e ajudá-la a apontar a cabeça. Ainda assim, a vaca morreu, o que, entretanto, não o deixou de mau humor. Ordenou que alimentassem o vitelo com uma garrafa, lavou-se num balde e voltou a montar. Era a hora rotineira de sua refeição, mas ele não sentia fome. Não estava com pressa, porque já fizera a sua escolha.

Tinha visto muitas vezes a garota carregando na anca um irmãozinho ranhento, com um saco às costas ou um cântaro de água do poço na cabeça. Observara-a enquanto ela lavava roupa, agachada nas pedras planas do rio, com suas pernas morenas polidas pela água, esfregando os trapos descoloridos com as toscas mãos de camponesa. Tinha ossos grandes e rosto de traços índios, porte largo e pele escura, expressão calma e doce, e sua grande boca carnuda conservava ainda todos os dentes; quando sorria, iluminava-se, mas fazia-o pouquíssimas vezes. Tinha a beleza da primeira juventude, embora ele pudesse supor que bem depressa ela murcharia, como acontece com as mulheres nascidas para parir muitos filhos, trabalhar sem descanso e enterrar seus mortos. Chamava-se Pancha García e tinha 15 anos.

Quando Esteban Trueba saiu para buscá-la, já havia caído a tarde e estava mais fresco. Percorreu, em seu cavalo marchador, as longas alamedas que dividiam os pastos, perguntando por ela aos que passavam, até que a viu a caminho de seu casebre. Ia dobrada sob um pesado feixe de espinheiro para a fomalha da cozinha, sem sapatos, cabisbaixa. Olhou-a do alto do cavalo e se deu conta imediatamente da urgência do desejo que o tinha incomodado durante tantos meses. Aproximou-se a trote até ficar a seu lado; ela o viu, mas seguiu seu caminho sem o olhar, pelo costume ancestral de todas as mulheres de sua estirpe de baixar a cabeça diante do macho. Esteban curvou-se e tirou-lhe o fardo, segurou-o um momento no ar e, em seguida, jogou-o com violência para a beira do caminho, envolveu a cintura da garota com um braço e levantou-a, arfando como um animal, e sentou-a na

sela à sua frente, sem que ela opusesse qualquer resistência. Esporeou o cavalo, e partiram a galope na direção do rio. Desmontaram sem se falar e mediram-se com os olhos. Esteban soltou o largo cinturão de couro, e ela recuou, mas ele a agarrou com uma das mãos, e caíram, abraçados, sobre as folhas dos eucaliptos.

Esteban não tirou a roupa. Atacou-a com ferocidade, cravando-se nela sem preâmbulos, com uma inútil brutalidade. Foi em vão que se deu conta, pelos respingos de sangue no vestido, de que a jovem era virgem, mas nem a humilde condição de Pancha nem as prementes exigências de seu apetite lhe permitiram contemplações. Pancha García não se defendeu, não se queixou, não fechou os olhos. Ficou de costas, fixando o céu com uma expressão apavorada, até sentir o homem desabar com um gemido a seu lado. Então, começou a chorar suavemente. Antes dela, sua mãe e, antes de sua mãe, sua avó tinham cumprido o mesmo destino de cadela. Esteban Trueba arrumou as calças, apertou o cinto, ajudou-a a se levantar e sentou-a na garupa do cavalo. Tomaram o caminho de volta. Ele ia assobiando, e ela continuava chorando. Antes de deixá-la em seu casebre, o patrão beijou-a na boca.

— A partir de amanhã quero que trabalhe na casa — disse. Pancha assentiu sem erguer o olhar. Também sua mãe e sua avó tinham servido na casa senhorial.

Naquela noite, Esteban Trueba dormiu em estado de graça sem sonhar com Rosa. Pela manhã, sentia-se cheio de energia, maior e mais poderoso. Foi para o campo cantarolando, e, em seu regresso, Pancha estava na cozinha, atarefada, mexendo o manjar-branco numa grande panela de cobre. À noite, esperou-a com impaciência e, quando se calaram os ruídos domésticos do velho casarão de adobe e começaram as andanças noturnas das ratazanas, percebeu a presença da garota no umbral de sua porta.

— Venha, Pancha — chamou-a. Não era uma ordem, mas, antes, uma súplica.

Dessa vez Esteban teve tempo para gozá-la e fazê-la gozar. Percorreu-a tranquilamente, memorizando o cheiro de fumaça de seu corpo e de sua roupa lavada com cinza e passada a ferro de carvão, conheceu a textura de seu cabelo negro e liso, de sua pele suave nas áreas mais recônditas e áspera e calejada nas demais, de seus lábios frescos, de seu sexo sereno e de seu amplo ventre. Desejou-a com calma e iniciou-a na ciência mais secreta e mais antiga. Provavelmente foi feliz naquela noite e em mais algumas, brincando como dois cachorros na grande cama de ferro batido que pertencera ao primeiro Trueba e que já estava meio coxa, mas que ainda era capaz de resistir às investidas do amor.

Os seios de Pancha García cresceram, e seus quadris se

arredondaram. O mau humor de Esteban Trueba diminuiu por algum tempo, e ele começou a se interessar por seus empregados. Visitou-os em seus miseráveis casebres, descobrindo na penumbra de um deles um caixote cheio de jornais velhos, onde compartilhavam o sono uma criança de peito e uma cadela recém-parida. Em outro, viu uma anciã que, fazia quatro anos, estava morrendo e cujos ossos atravessavam as feridas das costas. Num pátio conheceu um adolescente idiotizado e babento, com uma corda no pescoço que o prendia a um poste, falando coisas de outros mundos, nu e com um sexo de jumento que esfregava incansavelmente na terra. Deu-se conta, então e pela primeira vez, de que o pior abandono não era o das terras e dos animais, mas o dos habitantes de Las Tres Marías, que viviam em desamparo desde a época em que seu pai perdera no jogo o dote e a herança de sua mãe. Decidiu então que era tempo de levar um pouco de civilização àquele rincão perdido entre a cordilheira e o mar.

Em Las Tres Marías, começou uma febre de atividade que sacudiu a indolência. Esteban Trueba fez os camponeses trabalharem como nunca haviam sonhado. Cada homem, mulher, velho ou criança que se sustentasse em suas pernas foi contratado pelo patrão, ansioso por recuperar em poucos meses os anos de abandono. Mandou construir um celeiro e despensas, a fim de guardar alimentos para o inverno, mandou salgar carne de cavalo e defumar a de porco, e pôs as mulheres fazendo doces e compotas de frutas. Modernizou a leiteria, que não passava de um galpão cheio de esterco e moscas, e obrigou as vacas a produzir leite suficiente. Iniciou a construção de uma escola com seis salas, porque tinha o veemente desejo de que todas as crianças e adultos de Las Tres Marías aprendessem a ler, escrever e somar, ainda que não fosse partidário da ideia de que adquirissem outros conhecimentos, para que não se lhes enchesse a cabeça com ideias inadequadas a seu estado e condição. No entanto, não conseguiu um mestre que quisesse trabalhar naquelas lonjuras e, perante a dificuldade de segurar os garotos com promessas de açoites e balas para alfabetizá-los ele mesmo, abandonou essa ilusão e deu outros usos à escola. Sua irmã Férula enviava-lhe da capital os livros que ele encomendava. Era literatura prática. Neles aprendeu a aplicar injeções no músculo das coxas e fabricou um rádio com cristal de galena. Gastou seus primeiros ganhos na compra de tecidos rústicos, uma máquina de costura, uma caixa de pílulas homeopáticas com seu manual de instruções, uma enciclopédia e um carregamento de cartilhas, cadernos e lápis. Acalentou o projeto de fazer um refeitório que oferecesse uma refeição completa por dia a cada uma das crianças, para crescerem fortes e saudáveis, e poderem trabalhar desde pequenas, mas compreendeu que seria loucura obrigar as crianças a

vir de cada extremo da propriedade por causa de um prato de comida e, então, trocou o projeto, instalando uma oficina de costura. Encarregou Pancha García de desvendar os mistérios da máquina de costura. No princípio, julgando que se tratasse de um instrumento do diabo dotado de vida própria, ela se recusava a aproximar-se, mas ele foi inflexível, e Pancha acabou por dominá-la. Trueba organizou uma venda. Era um modesto armazém no qual os empregados podiam comprar o necessário sem ter de fazer a viagem de carroça até San Lucas. O patrão comprava os gêneros no atacado e revendia-os pelo mesmo preço aos seus trabalhadores. Estabelecera um sistema de vales, que inicialmente funcionou como uma forma de crédito e, com o passar do tempo, chegou a substituir o dinheiro legal. Com seus papéis cor-de-rosa, comprava-se de tudo na venda e pagavam-se os salários. Cada trabalhador tinha direito, além dos famosos vales, a um pedaço de terra para cultivar em seu tempo livre, seis galinhas ao ano por família, uma porção de sementes, uma parte da colheita que cobrisse suas necessidades, pão e leite para o dia e cinquenta pesos, distribuídos aos homens em duas parcelas: no Natal e nas festas cívicas. As mulheres não tinham direito a essa bonificação, mesmo que trabalhassem com os homens de igual para igual, porque não eram consideradas chefes de família, exceto no caso das viúvas. O sabão para lavar, a lã para tecer e o xarope para fortalecer os pulmões eram distribuídos gratuitamente, porque Trueba não queria ter por perto gente suja, com frio ou doente. Um dia leu na enciclopédia as vantagens de uma dieta equilibrada, e então teve início sua mania das vitaminas, que haveria de lhe durar pelo resto da vida. Tinha breves acessos de cólera sempre que verificava a prática dos camponeses de dar às crianças só o pão e alimentar os porcos com leite e ovos. Começou a promover reuniões obrigatórias na escola para lhes falar a respeito das vitaminas e, de quebra, informá-los sobre as notícias que conseguia captar mediante os escarcéus com o rádio de cristais de galena. Aborreceu-se rapidamente de perseguir a onda com o arame e encomendou na capital um rádio transoceânico, munido de duas enormes baterias. Com ele, conseguia captar algumas mensagens coerentes, em meio a uma ensurdecadora confusão de ruídos de além-mar. Assim, tomou conhecimento da guerra na Europa e acompanhou os avanços das tropas num mapa que pendurou no quadro da escola e ia marcando com alfinetes. Os camponeses observavam-no estupefatos, sem compreender, nem remotamente, a finalidade de se cravar um alfinete na parte azul do mapa e, no dia seguinte, passá-lo para a parte verde. Não podiam imaginar o mundo do tamanho de um papel suspenso no quadro, nem os exércitos reduzidos à cabeça de um alfinete. Na realidade, a guerra, os inventos da ciência, o progresso da indústria, o preço do ouro e as extravagâncias da moda não os

preocupavam. Eram contos de fadas que em nada modificavam a pequenez de sua existência. Para aquele impávido auditório, as notícias do rádio eram distantes e alheias, e o aparelho foi rapidamente desprestigiado quando ficou evidente que não era capaz de prever as condições do tempo. O único que demonstrava interesse com relação às mensagens vindas pelo ar era Pedro Segundo García.

Esteban Trueba compartilhou com ele muitas horas, primeiro com o rádio de cristais de galena e depois com o de bateria, esperando o milagre de uma voz anônima e remota que os pusesse em contato com a civilização. Isso, no entanto, não conseguiu aproximá-los. Trueba sabia que aquele rude camponês era mais inteligente do que os demais. Era o único que sabia ler e era capaz de manter uma conversa com mais de três frases. Embora fosse o mais parecido com um amigo que havia num raio de cem quilômetros, seu orgulho monumental impedia-o de reconhecer nele alguma virtude, exceto aquelas próprias de sua condição de bom peão de campo. Nem era, aliás, partidário de familiaridades com os subalternos. A seu turno, Pedro Segundo odiava-o, mesmo que nunca tivesse dado nome a esse sentimento angustiante que lhe abrasava a alma e o enchia de confusão, uma mistura de medo e rancorosa admiração. Pressentia que nunca se atreveria a fazer-lhe frente, porque ele era o patrão. Teria de suportar pelo resto da vida suas cóleras, suas ordens desrespeitosas e sua prepotência. Ao longo dos anos em que Las Tres Marías estivera abandonada, ele assumira de forma natural o comando da pequena tribo que sobrevivera naquelas terras esquecidas. Acostumara-se a ser respeitado, a mandar, a tomar decisões e a não ter mais do que o céu acima de sua cabeça. A chegada do patrão mudou-lhe a vida, mas não podia deixar de admitir que agora viviam melhor, não passavam fome e estavam mais protegidos e seguros. Algumas vezes Trueba julgou ver-lhe nos olhos um brilho assassino, mas nunca pôde acusá-lo de uma mínima insolência. Pedro Segundo obedecia sem replicar, trabalhava sem se queixar, era honesto e parecia leal. Quando via sua irmã Pancha passar no corredor da casa senhorial, com o vaivém pesado de fêmea satisfeita, baixava a cabeça e se calava.

Pancha García era jovem, e o patrão, forte. O previsível resultado de sua aliança começou a ser notado em poucos meses. As veias das pernas da garota apareceram como lombrigas em sua pele morena, seu gesto tornou-se mais lento, e seu olhar, mais longínquo; perdeu o interesse pelas safadezas na cama de ferro batido e rapidamente sua cintura engrossou e seus seios caíram com o peso de uma nova vida que lhe crescia nas entranhas. Esteban demorou muito para se dar conta disso, porque quase nunca a olhava, e, passado o entusiasmo do primeiro momento, tampouco a acariciava. Limitava-se a utilizá-la como uma medida higiênica que lhe aliviava a tensão do dia e lhe

oferecia uma noite sem sonhos. Mas chegou o momento em que a gravidez de Pancha ficou evidente até para ele. Tomou-lhe repulsa. Começou a vê-la como uma enorme vasilha contendo uma substância amorfa e gelatinosa, que não podia reconhecer como seu filho. Pancha abandonou a casa do patrão e regressou ao casebre dos pais, onde não lhe fizeram perguntas. Continuou a trabalhar na cozinha senhorial, amassando o pão e costurando à máquina, cada dia mais deformada pela maternidade. Deixou de servir Esteban à mesa e evitava encontrar-se com ele, já que nada mais tinham a compartilhar. Uma semana depois de ela sair de sua cama, Trueba voltou a sonhar com Rosa e despertou com os lençóis úmidos. Olhou pela janela e viu uma menina magrela que estava pendurando roupa recém-lavada no varal. Não parecia ter mais do que 13 ou 14 anos, embora estivesse completamente desenvolvida. Nesse momento, ela se virou e olhou-o: tinha o olhar de uma mulher.

Pedro García viu o patrão sair assobiando a caminho do estábulo e balançou a cabeça, inquieto.

Ao longo dos dez anos seguintes, Esteban Trueba tornou-se o patrão mais respeitado da região, construiu casas de tijolo para seus empregados, conseguiu um professor para a escola e melhorou o nível de vida de todos em suas terras. Las Tres Marías era um bom negócio, que não precisava da ajuda do filão de ouro; pelo contrário, serviu de garantia para prorrogar a concessão da mina. O mau gênio de Trueba tornou-se lendário e acentuou-se até o ponto de chegar a incomodá-lo também. Não admitia que ninguém o contestasse e não tolerava nenhuma contradição, considerando provocação a menor discordância. Sua voluptuosidade também aumentou. Não passava nenhuma mulher da puberdade à idade adulta sem que ele a fizesse provar o bosque, a beira do rio ou a cama de ferro batido. Quando não restavam mulheres disponíveis em Las Tres Marías, dedicou-se a perseguir as de outras fazendas, violando-as num abrir e fechar de olhos, em qualquer lugar do campo, geralmente ao entardecer. Não se preocupava em fazê-lo às escondidas, porque não temia ninguém. Em algumas ocasiões, chegava a Las Tres Marías um irmão, um pai, um marido ou um patrão, pedindo-lhe contas, mas, diante de sua violência descontrolada, essas visitas de justiça ou de vingança tornaram-se cada vez menos frequentes. A fama de sua brutalidade estendeu-se por toda a região e causava uma invejosa admiração nos machos de sua classe. Os camponeses em vão escondiam as mulheres e cerravam os punhos, pois não podiam fazer-lhe frente. Esteban Trueba era mais forte e gozava de impunidade. Por duas vezes, apareceram cadáveres de camponeses de outras fazendas crivados de tiros de espingarda, e ninguém duvidou de que se tinha de buscar o culpado

em Las Tres Marías, mas os policiais do destacamento limitaram-se a anotar o fato no livro de ocorrências, com a laboriosa caligrafia dos semianalfabetos, acrescentando terem sido flagrados roubando. E tudo ficou por isso mesmo. Trueba continuou cultivando seu prestígio de valentão, semeando a região de bastardos, colhendo ódio e armazenando culpas que não o atingiam, porque se lhe havia curtido a alma e aplacado a consciência sob o pretexto do progresso. Em vão Pedro Segundo García e o velho padre do hospital das freiras lhe sugeriram que não eram as casas de tijolo nem os litros de leite que faziam um bom patrão ou um bom cristão, mas sim dar às pessoas pagamento decente em vez de papeizinhos cor-de-rosa, um horário de trabalho que não lhes moesse os rins e um pouco de respeito e dignidade. Trueba não queria ouvir falar a respeito dessas coisas, que, segundo ele, cheiravam a comunismo.

— São ideias degeneradas — resmungava —, ideias bolchevistas para sublevar os empregados. Não se dão conta de que esses pobres-diabos não têm cultura nem educação, não podem assumir responsabilidades; não passam de crianças. Como vão saber o que lhes convém? Sem mim, estariam perdidos; a prova é que, quando viro para o lado, vai tudo para o inferno, e começam a fazer asneiras. São muito ignorantes. Minha gente está muito bem; o que mais querem? Não lhes falta nada. Se se queixam é porque são mal-agradecidos. Têm casas de tijolo, preocupo-me em assoar os ranhos, em tirar os parasitas dos garotos, levar-lhes vacinas e ensiná-los a ler. Há por aqui outra fazenda que tenha escola própria? Não! Sempre que posso, levo-os ao padre para que lhes reze umas missas; então não entendo por que o padre vem falar-me sobre injustiça. Não tem que se meter no que não sabe e não é da sua competência. Eu queria vê-lo tomando conta desta propriedade. Para ver se ia andar com salamaleques. Com esses pobres-diabos, há que se ter pulso firme; é a única linguagem que entendem. Se se amolece, não se é respeitado. Não nego que várias vezes fui muito severo, mas sempre fui justo. Tive que lhes ensinar tudo, até a comer, porque, por eles, se alimentariam só de pão! Se me descuido, dão o leite e os ovos aos porcos. Não sabem limpar o rabo e querem ter direito a voto! Se não sabem para onde vão, como vão saber de política? São capazes de votar nos comunistas, como os mineiros do Norte, que, com suas greves, prejudicam todo o país, justamente quando o preço do minério está em seu ponto máximo. Por mim, mandaria a tropa para o Norte, corrê-los à bala, para ver se aprendem de uma vez por todas. Infelizmente o garrote é a única coisa que funciona nestes países. Não estamos na Europa. Aqui precisamos de um governo forte, de um patrão forte. Seria muito bonito se fôssemos todos iguais, mas não somos. Isso é evidente. Aqui a única pessoa que sabe trabalhar sou eu, e desafio a me provarem o

contrário. Sou o primeiro a levantar e o último a deitar nesta maldita terra. Por mim, mandaria tudo para o caralho e ia viver como um príncipe na capital, mas tenho que estar aqui, porque, se me ausento, ainda que seja uma semana, isto desaba, e esses infelizes começam a morrer de fome. Lembrem como era isto quando cheguei, há nove ou dez anos: uma desolação. Era uma ruína de pedras e abutres. Uma terra de ninguém. Estavam todos os pastos abandonados. Ninguém pensava em canalizar a água. Contentavam-se em plantar quatro alfaces imundas em seus pátios e deixavam que todo o resto se afundasse na miséria. Foi necessário eu chegar para que aqui houvesse ordem, lei e trabalho. Como não vou estar orgulhoso? Trabalhei tão bem que já comprei as duas fazendas vizinhas e esta propriedade é a maior e mais rica de toda a região, invejada por todos, um exemplo, uma fazenda-modelo. E, agora que a estrada passa ao lado, duplicou seu valor; se quisesse vendê-la, poderia ir embora para a Europa e viver de renda, mas não vou, fico aqui, sofrendo. Faço isso por essa gente. Sem mim, estariam perdidos. Se nos aprofundamos nas coisas, não servem nem para obedecer; eu sempre disse: são como crianças. Não há nenhum que faça o que tem a fazer sem que eu tenha que estar por trás, cobrando. E depois me vêm com a história de que somos todos iguais! É de se morrer de rir, caralho...

Para a mãe e a irmã, mandava caixotes com frutas, carnes salgadas, presuntos, ovos frescos, galinhas, vivas ou conservadas em vinagre, sacos de farinha, arroz e grãos, queijo do campo e todo o dinheiro de que poderiam necessitar, porque isso não lhe faltava. Las Tres Marías e a mina produziam como era devido pela primeira vez desde que Deus pôs aquilo no planeta, como ele gostava de dizer a quem quisesse ouvi-lo. Proporcionava a dona Ester e Férula o que jamais tinham ambicionado, mas não teve tempo, em todos esses anos, de visitá-las, ainda que de passagem, em alguma de suas viagens ao Norte. Estava tão ocupado no campo, nas novas terras que comprara e em outros negócios que começava a dominar, que não podia perder seu tempo junto do leito de uma enferma. Além disso, existia o correio, que os mantinha em contato, e o trem, que lhe permitia mandar tudo o que quisesse. Não tinha necessidade de vê-las. Tudo se podia dizer por carta. Tudo menos o que não queria que soubessem, como a gama de bastardos que iam nascendo como que por arte de magia. Bastava derrubar uma garota no prado, e ela ficava imediatamente prenha, era coisa do demônio, tanta fertilidade era insólita, mas estava seguro de que metade das crianças não era sua. Por isso decidiu que, fora o filho de Pancha García, que se chamava Esteban como ele e cuja mãe ele não tinha dúvida de que era virgem quando a possuía, os outros tanto podiam ser seus filhos como não ser, e sempre era melhor pensar que não eram. Quando chegava à sua

casa alguma mulher com uma criança nos braços para reivindicar o sobrenome ou alguma ajuda, punha-a na rua com um par de notas na mão e a ameaça de que, se voltasse a importuná-lo, correria com ela a pontapés, para que não lhe restasse vontade de andar abanando o rabo ao primeiro homem que aparecesse e depois viesse acusá-lo, a ele, Esteban. Foi assim que nunca se inteirou do número exato de filhos que tinha, e, na realidade, o assunto não lhe interessava. Pensava que, quando quisesse ter filhos, procuraria uma mulher de sua classe, com a bênção da Igreja, porque os únicos que contavam eram os que usavam o sobrenome do pai; os demais eram como se não existissem... Que não lhe viessem com a sandice de que todos nasciam com os mesmos direitos, sendo todos igualmente herdeiros, porque nesse caso tudo iria para o caralho, e a civilização regressaria à Idade da Pedra. Recordava-se de Nívea, a mãe de Rosa, que, depois de o marido renunciar à política, aterrorizado pela aguardente envenenada, iniciou sua própria campanha política. Prendia-se com outras senhoras nas grades do Congresso e da Suprema Corte, provocando um constrangedor espetáculo que expunha seus maridos ao ridículo. Sabia que Nívea saía à noite colando cartazes sufragistas nos muros da cidade e era capaz de passear pelo Centro em pleno meio-dia de um domingo, com uma vassoura na mão e um boné na cabeça, pedindo que as mulheres tivessem direitos iguais aos dos homens, que pudessem votar e ingressar na universidade, e pedindo também que todas as crianças gozassem da proteção da lei, mesmo que fossem bastardas.

— Essa senhora está mal da cabeça! — dizia Trueba. — Isso seria ir contra a natureza. Se as mulheres não sabem somar dois mais dois, como poderão usar um bisturi? Sua função é a maternidade, o lar. Por esse caminho, qualquer dia vão querer ser deputado, juiz e até presidente da República! Enquanto isso, estão fazendo uma confusão e uma desordem que podem terminar em desastre. Andam publicando panfletos indecentes, falam pela rádio, acorrentam-se em lugares públicos, e a polícia tem de ir lá com um ferreiro para cortar os cadeados, a fim de que sejam presas, que é como devem estar. É lamentável que haja sempre um marido influente, um juiz de poucos brios ou um parlamentar com ideias subversivas para libertá-las... Pulso firme é o que faz falta também nesse caso.

A guerra na Europa terminara, e os vagões cheios de mortos eram um clamor longínquo, mas que ainda não se apagara. De lá, estavam chegando as ideias subversivas, trazidas pelos ventos incontrolláveis do rádio, do telégrafo e dos navios carregados de emigrantes que desembarcavam como um tropel atônito, escapando à fome de sua terra, assolados pelo rugido das bombas e dos mortos apodrecendo nos sulcos do arado. Era ano de eleições presidenciais e de preocupar-se

com o rumo que os acontecimentos estavam tomando. O país despertava. A onda de descontentamento que agitava o povo abalava a sólida estrutura daquela sociedade oligárquica. Nos campos aconteceu de tudo: seca, praga, febre aftosa. No Norte havia desemprego, e na capital sentia-se o efeito da guerra distante. Foi um ano de miséria em que só faltou um terremoto para completar o desastre.

A classe alta, no entanto, dona do poder e da riqueza, não se deu conta do perigo que ameaçava o frágil equilíbrio de sua posição. Os ricos divertiam-se dançando o *charleston* e os novos ritmos — *jazz*, o *fox-trot* e *cumbias** de negros que eram uma indecência extraordinária. Foram retomadas as viagens de navio à Europa, que haviam sido interrompidas durante os quatro anos de guerra, e tornaram-se moda outras, à América do Norte. Chegou a novidade do golfe, que reunia a nata da sociedade para bater numa bolinha com um taco, tal como duzentos anos antes faziam os índios naqueles mesmos lugares. As damas punham colares de pérolas falsas até o joelho e chapéus de penico enfiados até as sobancelhas, cortavam o cabelo como os homens e pintavam-se como meretrizes, tinham encerrado o uso do espartilho e fumavam de pernas cruzadas. Os cavalheiros andavam deslumbrados com a invenção dos carros norte-americanos, que chegavam ao país pela manhã e eram vendidos no mesmo dia à tarde, apesar de custarem uma pequena fortuna e não serem mais do que um estrépito de fumaça e porcas soltas, correndo a uma velocidade suicida por caminhos feitos para cavalos e outras bestas naturais, mas nunca para máquinas de fantasia. Nas mesas de jogo, apostavam-se as heranças e as fáceis riquezas do pós-guerra, abria-se o champanha, e chegara a novidade da cocaína para os mais refinados e dados ao vício. A loucura coletiva parecia não ter fim.

No campo, entretanto, os novos automóveis eram uma realidade tão remota quanto os vestidos curtos, e quem se livrou da praga e da febre aftosa o registrou como um bom ano. Esteban Trueba e outros proprietários de terra da região reuniam-se no clube da aldeia para planejar a ação política antes das eleições. Os camponeses ainda viviam como nos tempos da Colônia, não tinham ouvido falar de sindicatos, nem de domingos festivos, nem de salário mínimo, mas já começavam a se infiltrar nas propriedades os delegados dos novos partidos de esquerda, que entravam disfarçados de evangélicos com uma bíblia num sovaco e panfletos marxistas no outro, pregando simultaneamente a vida abstinência e a morte pela revolução. Os almoços de confraternização dos patrões terminavam em bebedeiras homéricas ou em brigas de galo, e, ao anoitecer, tomavam de assalto o Farolito Rojo, onde as prostitutas de 12 anos e Carmelo, o único veado do bordel e da aldeia, dançavam ao som de um gramofone antediluviano, sob o olhar atento de Sofia, que já não fazia mais a

vida, mas ainda tinha energia suficiente para gerenciar o estabelecimento com mão de ferro e impedir que os policiais importunassem e os patrões se excedessem com as meninas, fodendo sem pagar. De todas, Tránsito Soto era a que dançava melhor e mais resistia às investidas dos bêbados; era incansável e nunca se queixava de nada, como se tivesse a virtude tibetana de deixar seu mísero esqueleto de adolescente nas mãos dos clientes e transportar sua alma para alguma região afastada. Agradava a Esteban Trueba, porque não tinha frescuras com as inovações e brutalidades do amor, sabia cantar com voz de pássaro rouco e porque lhe disse uma vez que chegaria muito longe, e ele achou graça nisso.

— Não vou ficar no Farolito Rojo toda a vida, patrão. Vou para a capital, porque quero ser rica e famosa — declarara.

Esteban frequentava o prostíbulo porque era o único lugar de diversão no lugarejo, mas não era homem de prostitutas. Não gostava de pagar pelo que podia fazer por outros meios; não obstante, apreciava de fato Tránsito Soto, que o fazia rir.

Um dia, depois de fazer amor, sentiu-se generoso, o que raramente lhe acontecia, e perguntou a Tránsito Soto se gostaria que ele lhe desse um presente.

— Empreste-me cinquenta pesos, patrão! — pediu ela por fim.

— É muito dinheiro. Para que você o quer?

— Para comprar uma passagem de trem, um vestido vermelho, uns sapatos de salto alto, um frasco de perfume e pagar a permanente. É tudo de que preciso para começar. Eu lhe devolvo um dia, patrão. Com juros.

Esteban deu-lhe os cinquenta pesos porque nesse dia vendera cinco novilhos e estava com os bolsos cheios de notas, mas também porque a fadiga do prazer satisfeito sempre o deixava um pouco sentimental.

— Só sinto por não voltar a vê-la, Tránsito. Me acostumei com você.

— Vamos voltar a nos ver, sim, patrão. A vida é longa e dá muitas voltas.

Os banquetes no clube, as brigas de galo e as tardes no bordel culminaram num plano inteligente, ainda que não original de todo, para obter votos dos camponeses. Deram-lhes uma festa com empanadas e muito vinho, sacrificaram algumas reses para assar, tocaram-lhes canções no violão, impingiram-lhes algumas arengas patrióticas e prometeram-lhes que, se o candidato conservador vencesse, teriam uma gratificação, mas, se vencesse outro qualquer, ficariam sem trabalho. Além disso, controlaram as urnas e subornaram a polícia. Depois da festa, enfiaram os camponeses em carroças e levaram-nos para votar, bem vigiados, entre chalaças e gargalhadas, a única oportunidade em que tinham familiaridades com eles, compadre

para cá, compadre para lá, conte comigo, que eu não lhe falto, patrãozinho, assim você me agrada, homem, tem que ter consciência patriótica, os liberais e os radicais são todos uns pentelhos, e os comunistas são uns ateus, filhos da puta, que comem criançinhas.

No dia da eleição tudo transcorreu como previsto, em perfeita ordem. As Forças Armadas garantiram o processo democrático, tudo em paz, um dia de primavera mais alegre e com mais sol do que outros.

— Um exemplo para este continente de índios e negros, que passam a vida em revoluções, para derrubar um ditador e instalar outro. Este é um país diferente, uma verdadeira República, temos orgulho cívico, aqui o Partido Conservador ganha honestamente e não necessita de um general para haver ordem e tranquilidade, não é como essas ditaduras regionais em que se matam uns aos outros, enquanto os gringos levam todas as matérias-primas — afirmou Trueba na sala de jantar do clube, brindando com um copo na mão, no momento em que tomou conhecimento dos resultados da votação.

Três dias depois, quando já se retomara a rotina, chegou a carta de Férula a Las Tres Marías. Esteban Trueba sonhara naquela noite com Rosa. Fazia muito tempo que isso não lhe acontecia. No sonho, viu-a com o seu cabelo de salgueiro solto pelos ombros, como um manto vegetal que a cobria até a cintura, a pele enrijecida e gelada, da cor e da textura do alabastro. Estava nua e levava um embrulho nos braços, caminhava como se caminha nos sonhos, aureolada pelo resplendor que flutuava em volta de seu corpo. Viu-a aproximar-se lentamente, e, quando quis tocá-la, ela jogou no chão o embrulho, que se quebrou a seus pés. Ele se abaixou, apanhou-o e viu uma menina sem olhos que o chamava de papai. Acordou angustiado e permaneceu de mau humor toda a manhã. Por causa do sonho, sentiu-se inquieto, muito antes de receber a carta de Férula. Entrou na cozinha para tomar o desjejum, como todos os dias, e viu uma galinha que andava bicando as migalhas no chão. Aplicou-lhe um pontapé que lhe abriu a barriga, deixando-a agonizante num charco de tripas e penas, batendo as asas no meio da cozinha. Isso não o acalmou; pelo contrário, aumentou sua raiva, e se deu conta de que começava a sufocar. Montou em seu cavalo e foi a galope vigiar o gado que estava sendo marcado. Foi então que chegou à casa Pedro Segundo García, voltando da estação de San Lucas, onde fora deixar uma encomenda e passara pela aldeia para recolher o correio. Trazia a carta de Férula.

O envelope permaneceu toda a manhã sobre a mesa da entrada. Quando Esteban Trueba chegou, foi diretamente tomar banho, porque vinha coberto de suor e poeira, impregnado do cheiro inconfundível dos animais aterrorizados. Depois, sentou-se no escritório para fazer a contabilidade e ordenou que lhe servissem a comida numa bandeja.

Não viu a carta da irmã até anoitecer, quando percorreu a casa, como sempre fazia antes de se deitar, para verificar se as luzes estavam apagadas e as portas fechadas. A carta de Férula era igual a todas as que tinha recebido dela, mas, ao tê-la na mão, soube, ainda antes de abri-la, que seu conteúdo lhe mudaria a vida. Teve a mesma sensação de quando pegara o telegrama da irmã anunciando-lhe, anos atrás, a morte de Rosa.

Abriu-a sentindo que lhe estalavam as têmporas, em decorrência do pressentimento. A carta informava laconicamente que dona Ester Trueba estava morrendo e que Férula, depois de tantos anos cuidando dela e servindo-a como uma escrava, tinha de aguentar que sua mãe nem sequer a reconhecesse, mas que chamasse dia e noite pelo filho Esteban, porque não queria morrer sem vê-lo! Esteban jamais amara de fato sua mãe nem se sentia bem em sua presença, mas a notícia deixou-o trêmulo. Compreendeu que já não mais lhe serviam os pretextos sempre renovados que inventava para não visitá-la e que tinha chegado o momento de fazer o caminho de volta à capital e enfrentar pela última vez aquela mulher que estava presente em seus pesadelos, impregnada do odor rançoso dos medicamentos, com seus tênues queixumes, suas orações intermináveis, aquela mulher sofredora que lhe havia povoado a infância de proibições e terrores, e suprido de responsabilidades e culpas sua vida de homem.

Chamou Pedro Segundo García e explicou-lhe a situação. Levou-o ao escritório e mostrou-lhe o livro de contabilidade e as contas da venda. Entregou-lhe um molho com todas as chaves, menos a da adega, e anunciou-lhe que, a partir daquele momento e até o seu regresso, era ele o responsável por tudo o que havia em Las Tres Marías e que pagaria muito caro por qualquer tolice que fizesse. Pedro Segundo García recebeu as chaves, enfiou o livro de contabilidade debaixo do braço e sorriu de alegria.

— Faz-se o que se pode, não mais, patrão — disse, encolhendo os ombros.

No dia seguinte, Esteban Trueba refez pela primeira vez em muitos anos o caminho que o trouxera da casa de sua mãe para o campo. Foi de carroça com suas duas malas de couro até a estação de San Lucas, tomou o vagão de primeira classe dos tempos da companhia inglesa de caminhos de ferro e tornou a percorrer os vastos campos que se estendiam ao pé da cordilheira.

Fechou os olhos e tentou dormir, mas a imagem de sua mãe espantou-lhe o sono.

* Dança típica da costa colombiana. (N. T.)

Capítulo III

Clara, Clarividente

Clara estava com 10 anos quando decidiu que não valia a pena falar e se fechou no mutismo. Sua vida mudou de maneira notável. O médico da família, o gordo e amável doutor Cuevas, tentou curá-la do silêncio com pílulas por ele inventadas, com vitaminas em xarope e embrocações com mel de bórax na garganta, mas sem nenhum resultado aparente. Deu-se conta de que seus medicamentos eram ineficazes e de que sua presença aterrorizava a menina. Ao vê-lo, Clara começava a berrar e refugiava-se no canto mais afastado, encolhida como um animal acochado; abandonou, portanto, suas tentativas de cura e recomendou a Severo e Nívea que a levassem a um romeno de sobrenome Rostipov, que à época estava causando sensação. Rostipov ganhava a vida fazendo truques de ilusionismo nos teatros de variedades e tinha realizado a incrível façanha de estender um arame da ponta da catedral até a cúpula da Irmandade Galega, do outro lado da praça, para atravessá-la pelo ar, tendo uma vara como único apoio. Apesar de seu lado frívolo, Rostipov estava provocando turbulência nos círculos científicos porque nas horas livres atenuava a histeria com varetas magnéticas e transes hipnóticos. Nívea e Severo levaram Clara ao consultório que o romeno havia improvisado no hotel. Rostipov examinou-a cuidadosamente, declarando em seguida que o caso não era de sua competência, uma vez que a menina não falava porque não queria, e não porque não pudesse. De qualquer modo, diante da insistência dos pais, preparou umas pílulas de açúcar pintadas de cor violeta e receitou-as, advertindo de que se tratava de um remédio siberiano para curar surdos-mudos. A sugestão, porém, não funcionou nesse caso, e o segundo frasco foi devorado por Barrabás, durante um descuido, sem que isso provocasse no animal nenhuma reação apreciável. Severo e Nívea tentaram fazê-la falar com métodos caseiros, ameaças e súplicas, e até a deixando sem comer, supondo que a fome a obrigaria a abrir a boca e pedir o jantar, mas

nem isso deu certo.

A Nana acreditava que um bom susto poderia fazer com que a menina falasse e passou nove anos inventando recursos desesperados para aterrorizar Clara, o que só conseguiu imunizá-la contra a surpresa e o espanto. Em pouco tempo, Clara nada temia, nem a comoviam as aparições de monstros lívidos e magros em seu quarto ou as batidas de vampiros e demônios em sua janela. A Nana disfarçava-se de pirata sem cabeça, verdugo da Torre de Londres, cachorro-domato, diabo chifrudo, segundo a inspiração do momento e as ideias retiradas de folhetos de terror que comprava com esse objetivo, e, embora não fosse capaz de lê-los, deles copiava as ilustrações. Adquiriu o costume de deslizar silenciosamente pelos corredores para atacar a menina no escuro, uivar atrás das portas e esconder bichos vivos na cama, mas nada disso conseguiu arrancar-lhe ao menos uma palavra. Às vezes Clara perdia a paciência, atirava-se ao chão, esperneava e gritava, mas sem articular nenhum som em idioma conhecido, ou então anotava na pequena lousa, da qual não se separava, os piores insultos à pobre mulher, que ia para a cozinha chorar a incompreensão.

— Faço isso para seu bem, meu anjinho! — soluçava enrolada num lençol ensanguentado e com o rosto escurecido com cortiça queimada.

Nívea proibiu-a de continuar assustando sua filha. Percebeu que o estado de perturbação aumentava os poderes mentais de Clara e provocava desordem nas aparições que a rondavam. Além disso, aquele desfile de personagens truculentos estava destruindo o sistema nervoso de Barrabás, que nunca teve bom faro e era incapaz de reconhecer a Nana sob seus disfarces. O cão começou a urinar-se sentado, deixando à sua volta uma imensa poça, e com frequência rangia os dentes. A Nana, contudo, aproveitava qualquer descuido de Nívea para persistir em suas tentativas de curar a mudez com o mesmo remédio com que se curam os soluços.

Tiraram Clara do colégio de freiras em que haviam sido educadas todas as irmãs del Valle e puseram-lhe professores em casa. Severo mandou trazer da Inglaterra uma instrutora, *miss* Agatha, alta, toda ela da cor do âmbar e com grandes mãos de pedreiro, que, no entanto, não resistiu à mudança de clima, à comida picante e aos voos autônomos do saleiro, que se deslocava sobre a mesa de jantar, e regressou a Liverpool. A mulher que se seguiu foi uma suíça, que não teve melhor sorte, e a francesa que chegou graças aos contatos do embaixador desse país com a família era tão rosada, roliça e meiga que ficou grávida em poucos meses, e as investigações sobre o caso apontaram que o pai era Luís, o irmão mais velho de Clara. Severo casou-os sem lhes perguntar a opinião, e, contra todas as previsões de Nívea e suas amigas, foram muito felizes. Tendo em vista essas

experiências, Nívea convenceu o marido de que aprender idiomas estrangeiros não era relevante para uma criança com habilidades telepáticas e que seria muito melhor insistir nas aulas de piano e ensiná-la a bordar.

A pequena Clara lia muito. Seu interesse pela leitura era indiscriminado e tanto lhe serviam os livros mágicos dos baús encantados de seu tio Marcos como os documentos do Partido Liberal que seu pai guardava no escritório. Preenchia com suas anotações pessoais incontáveis cadernos em que eram registrados os acontecimentos desse tempo, que graças a isso não se perderam, eliminados pela neblina do esquecimento, e que agora posso usar para resgatar sua memória.

Clara, clarividente, conhecia o significado dos sonhos. Essa habilidade era natural nela e não requeria os intrincados estudos cabalísticos que o tio Marcos utilizava com mais esforço e menos acerto. O primeiro a se dar conta disso foi Honório, o jardineiro da casa, que sonhou um dia com cobras que se enroscavam em seus pés e, para livrar-se delas, ele as pisoteava, tendo conseguido esmagar dezenove. Contou tudo isso à menina enquanto podava as roseiras, só para entretê-la, porque gostava muito dela e sentia pena de que fosse muda. Clara tirou a lousa do bolso do avental e escreveu a interpretação do sonho de Honório: você terá muito dinheiro, que durará pouco e será ganho sem esforço; jogue no número dezenove. Honório não sabia ler, mas Nívea leu-lhe a mensagem em meio a zombarias e risadas. O jardineiro fez o que lhe diziam e ganhou oitenta pesos numa casa de jogos clandestina que havia atrás da carvoaria. Gastou-os num terno novo, numa bebedeira memorável com todos os seus amigos e numa boneca de porcelana para Clara. A partir de então, a menina teve muito trabalho decifrando sonhos às escondidas da mãe, porque, quando se soube da história de Honório, iam perguntar-lhe o que significava voar sobre uma torre com asas de cisne, estar num barco à deriva e ouvir o canto de uma sereia com voz de viúva, nascerem gêmeos unidos pelas costas, cada um com uma espada na mão, e Clara anotava na lousa, sem vacilar, que a torre é a morte e quem voa por cima dela se salva de morrer num acidente; quem naufraga e escuta a sereia perderá o trabalho e passará por penúrias, mas será ajudado por uma mulher com a qual fará um negócio; e os gêmeos são marido e mulher forçados ao mesmo destino, ferindo-se mutuamente com golpes de espada.

Clara não adivinhava apenas os sonhos. Também via o futuro e conhecia a intenção das pessoas, virtudes que manteve ao longo da vida e, com o passar do tempo, ampliou. Anunciou a morte de seu padrinho, *don* Salomón Valdés, corretor da Bolsa de Comércio, que, julgando ter perdido tudo, se enforcou no lustre de seu elegante

escritório. Ali o encontraram por insistência de Clara, parecendo um carneiro triste, tal como ela o descrevera na lousa. Previu a hérnia de seu pai, todos os tremores de terra e outras alterações da natureza, a única vez que caiu neve na capital, matando de frio os pobres nos bairros populares e os roseirais nos jardins dos ricos, e a identidade do assassino das colegiais, muito antes de a polícia descobrir o segundo cadáver, mas ninguém acreditou, e Severo não quis que sua filha opinasse sobre assuntos criminais de quem não tinha parentesco com a família. Clara percebeu, ao primeiro olhar, que Getúlio Armando roubaria seu pai no negócio das ovelhas australianas, pois lera na cor da sua aura. Informou por escrito a seu pai, que, entretanto, não lhe deu crédito e, quando veio a lembrar-se das previsões de sua filha mais nova, já perdera metade de sua fortuna, e seu sócio estava no Caribe, transformado num homem rico, com um harém de negras bundudas e um barco apropriado para tomar sol.

A habilidade de Clara para mover objetos sem tocá-los não passou com a menstruação, como vaticinava a Nana; pelo contrário, foi-se acentuando, a ponto de ela ter tanta prática que conseguia pressionar as teclas do piano com a tampa fechada, ainda que nunca conseguisse deslocar o instrumento pela sala, como era seu desejo. Nessas excentricidades, ocupava a maior parte de sua energia e seu tempo. Desenvolveu a capacidade de adivinhar uma impressionante porcentagem de cartas do baralho e inventou jogos de irrealidade para divertir os irmãos. Seu pai proibiu-a de descobrir o futuro nas cartas e invocar fantasmas e espíritos travessos que perturbavam o resto da família e aterrorizavam os serviçais, mas Nívea compreendeu que, quanto mais limitações e sustos tivesse de suportar sua filha mais nova, mais lunática ela se tornaria, de modo que decidiu deixá-la em paz com seus truques de espírita, seus jogos de pitonisa e seu silêncio sepulcral, amando-a incondicionalmente e aceitando-a do jeito que era. Clara cresceu como uma planta selvagem, apesar das recomendações do doutor Cuevas, que trouxera da Europa a novidade dos banhos de água fria e dos choques elétricos para curar os loucos.

Barrabás acompanhava a menina dia e noite, exceto nos períodos rotineiros de sua atividade sexual. Estava sempre a rondando como uma gigantesca sombra, tão silenciosa quanto a própria Clara; deitava-se a seus pés quando ela se sentava e à noite dormia a seu lado, resfolegando como uma locomotiva. Chegou a compreender tão bem sua dona que, quando ela saía da cama para caminhar sonâmbula pela casa, o cão a seguia em atitude igual. Nas noites de lua cheia, era comum vê-los passando pelos corredores, como dois fantasmas flutuando à luz pálida. À medida que o cão foi crescendo, tornaram-se evidentes suas distrações. Nunca compreendeu a natureza translúcida do vidro e, em seus momentos de emoção, costumava avançar

correndo para as janelas, com a inocente intenção de pegar algumas moscas. Caía do outro lado, em meio a um estardalhaço de vidros quebrados, espantado e triste. Naquele tempo os vidros vinham da França por navio, e a mania do animal de se atirar contra eles chegou a ser um problema, até que Clara pensou no recurso extremo de pintar gatos nas vidraças. Ao se tornar adulto, Barrabás deixou de fornicar com as pernas do piano, como fazia na infância, e seu instinto reprodutor só se manifestava quando farejava nas proximidades alguma cadela no cio. Nessas ocasiões não havia corrente ou porta que o retivessem; ganhava a rua vencendo todos os obstáculos que encontrasse pela frente e perdia-se por dois ou três dias. Voltava sempre com a pobre cadela pendurada atrás, suspensa no ar, atravessada por sua enorme masculinidade. Era preciso esconder as crianças para que não vissem o horrendo espetáculo do jardineiro molhando-os com água fria até que, depois de muita água, pontapés e outras afrontas, Barrabás se soltava de sua namorada, deixando-a agonizante no pátio da casa, onde Severo tinha de lhe dar fim com um tiro de misericórdia.

A adolescência de Clara foi suave na grande casa de três pátios de seus pais, mimada pelos irmãos mais velhos, por Severo, que a preferia entre todos os filhos, por Nívea e pela Nana, que alternava suas sinistras excursões disfarçada de cuco com os cuidados mais ternos. Quase todos os irmãos tinham casado ou partido, alguns em viagem, outros para trabalhar no interior, e a grande casa, que abrigara uma família numerosa, estava quase vazia, com muitos quartos fechados. A menina ocupava o tempo que lhe deixavam os preceptores lendo, movendo os objetos mais variados sem tocá-los, flanando com Barrabás, praticando jogos de adivinhação e aprendendo a tecer, a única de todas as artes domésticas que conseguiu dominar. Desde aquela Quinta-Feira Santa em que o padre Restrepo a acusou de endemoninhada, pairava uma sombra sobre a sua cabeça que o amor de seus pais e a discrição de seus irmãos conseguiram controlar; a fama de seus estranhos dotes, contudo, circulou a meia-voz nas reuniões das senhoras. Nívea observou que ninguém convidava sua filha, e até seus próprios primos a evitavam. Procurou compensar a falta de amigos com sua dedicação total e obteve êxito, Clara cresceu alegremente e nos anos seguintes recordaria sua infância como um período iluminado de sua existência, apesar de sua solidão e de seu mutismo. Durante a vida inteira guardaria na memória as tardes partilhadas com sua mãe na salinha de costura, onde, sentada à máquina, Nívea fazia roupa para os pobres e lhe contava histórias e casos familiares. Mostrava-lhe os daguerreótipos da parede e relatava o passado.

— Está vendo aquele senhor tão sério, com barba de aventureiro? É

o tio Mateus, que foi ao Brasil para negociar esmeraldas, mas uma mulata apaixonada lhe botou mau-olhado. Seu cabelo caiu, as unhas descolaram, os dentes se soltaram; teve que ir a um curandeiro, um bruxo vodú, um negro retinto, que lhe deu um amuleto, e então os dentes se firmaram, nasceram novas unhas e ele recuperou o cabelo. Olhe para ele, filhinha, tem mais cabelo do que um índio: é o único careca no mundo que voltou a ter cabelo.

Clara sorria sem nada dizer, e Nívea continuava falando, porque se acostumara ao silêncio da filha. Por outro lado, conservava a esperança de que, de tanto lhe encher de ideias a cabeça, mais cedo ou mais tarde ela faria uma pergunta e recuperaria a fala.

— E este — dizia — é o tio Juan. Eu gostava muito dele. Uma vez soltou um peido que foi a sua sentença de morte, uma grande desgraça. Aconteceu num almoço no campo. Estávamos todas nós, as primas, naquele perfumado dia de primavera com nossos vestidos de musselina e nossos chapéus com flores e fitas, e os rapazes usavam suas melhores roupas de domingo. Juan tirou seu paletó branco; parece que o estou vendo! Arregaçou as mangas da camisa e pendurou-se com elegância no ramo de uma árvore, a fim de provocar, com suas proezas de trapezista, a admiração de Constanza Andrade, que foi Rainha da Vindima, pois, desde a primeira vez que a vira, perdera a tranquilidade, devorado pelo amor. Juan fez duas flexões impecáveis, uma volta completa e, no movimento seguinte, deixou escapar uma sonora ventosidade. Não ria, Clarita! Foi terrível. Fez-se um silêncio constrangedor, e a Rainha da Vindima começou a rir descontroladamente. Juan vestiu seu paletó, estava muito pálido, afastou-se do grupo sem pressa e nunca mais voltamos a vê-lo. Procuraram-no até na Legião Estrangeira, perguntaram por ele em todos os consulados, mas nunca mais se soube de sua existência. Imagino que se tenha tornado missionário e tenha ido cuidar de leprosos na Ilha de Páscoa, que é o mais longe a que se pode chegar para esquecer e para ser esquecido, porque fica fora das rotas de navegação e nem sequer consta dos mapas dos holandeses. Desde então, as pessoas o recordam como Juan do Peido.

Nívea levava sua filha à janela e mostrava-lhe o tronco seco do álamo.

— Era uma árvore enorme — dizia. — Mandei cortá-la antes de nascer meu primeiro filho. Dizem que era tão alta que, da ponta, se podia ver toda a cidade, mas o único que chegou lá em cima não tinha olhos para vê-la. Cada homem da família del Valle, ao querer vestir calças compridas, teve que subir nela para provar seu valor. Era algo como um rito de iniciação. A árvore estava cheia de marcas, pude comprovar, quando a cortaram. Desde os primeiros ramos intermediários, grossos como chaminés, já se podiam ver as marcas

deixadas pelos avôs que fizeram a subida em sua época. Pelas iniciais gravadas no tronco, sabia-se quais tinham subido mais alto, quais os mais valentes e também quais se tinham detido, assustados. Um dia foi a vez de Jerônimo, o primo cego. Subiu Tateando os ramos sem vacilar, porque não via a altura nem pressentia o vazio. Chegou lá em cima, porém, não conseguiu terminar o jota de sua inicial, porque se desprendeceu como uma gárgula e caiu de cabeça no chão, aos pés do pai e dos irmãos. Tinha 15 anos. Levaram o corpo envolto num lençol à sua mãe, e a pobre mulher cuspiu-lhes no rosto, gritando-lhes insultos de marinho, e amaldiçoou a raça de homens que incitara seu filho a subir na árvore, até que as irmãs de caridade a levaram, amarrada numa camisa de força. Eu sabia que os meus filhos um dia teriam de continuar com essa bárbara tradição. Por isso mandei cortá-la. Não queria que Luís e os outros meninos crescessem com a sombra desse patíbulo na janela.

Às vezes Clara acompanhava sua mãe e duas ou três de suas amigas sufragistas em visitas a fábricas, onde subiam em caixotes para arengar às operárias, enquanto, a uma distância prudente, os capatazes e patrões observavam, zombeteiros e agressivos. Apesar de sua pouca idade e completa ignorância das coisas do mundo, Clara percebia o absurdo da situação e descrevia em seus cadernos o contraste entre sua mãe e suas amigas, com casacos de pele e botas de camurça, falando de opressão, igualdade e direitos a um grupo triste e resignado de trabalhadoras, com toscos aventais de algodão cru e as mãos vermelhas de frieira. Da fábrica, as sufragistas se dirigiam à confeitaria da Praça das Armas para tomar chá com bolinhos e comentar os progressos da campanha, sem que essa distração frívola as afastasse nem um segundo de seus inflamados ideais. Outras vezes sua mãe levava-a às comunidades marginais e aos cortiços, aonde chegavam com o coche carregado de alimentos e roupa que Nívea e as amigas costuravam para os pobres. Também nessas ocasiões, a menina escrevia com assombrosa intuição que as obras de caridade não eram capazes de mitigar essa monumental injustiça. A relação com sua mãe era alegre e íntima, e Nívea, apesar de ter tido quinze filhos, tratava-a como se ela fosse a única, estabelecendo um vínculo tão forte que se prolongou pelas gerações posteriores como uma tradição familiar.

A Nana convertera-se numa mulher sem idade, que conservava intacta a força de sua juventude e tanto podia andar aos pulos pelos cantos assustando a mudez como podia passar o dia mexendo com colher de pau um tacho de cobre, num fogaréu dos diabos, no centro do terceiro pátio, onde borbulhava a marmelada, um líquido espesso cor de topázio que, ao esfriar, se transformava em formas de todos os tamanhos, que Nívea repartia entre seus pobres. Acostumada a viver rodeada de crianças, quando os demais cresceram e se foram, a Nana

derramou em Clara todas as suas ternuras. Embora a menina já não tivesse mais idade para isso, banhava-a como se fosse um bebê, mergulhando-a na banheira esmaltada em água perfumada com alfavaca e jasmim, esfregava-a com uma esponja, ensaboava-a meticulosamente sem esquecer nenhum cantinho das orelhas aos pés, friccionava-a com água-de-colônia, passava-lhe talco com um hissope de penas de cisne e escovava-lhe o cabelo com uma infinita paciência, até deixá-lo brilhante e dócil como uma planta do mar. Vestia-a, arrumava-lhe a cama, levava-lhe o desjejum numa bandeja, obrigava-a a tomar chá de tília para os nervos, de camomila para o estômago, de limão para a transparência da pele, de arruda para o mau gênio e de hortelã para o frescor do hálito, até vê-la transformar-se num ser angelical e formoso que deambulava pelos pátios e corredores envolta num aroma de flores, num rumor de anáguas engomadas e num halo de cachos e fitas.

Clara passou a infância e entrou na juventude sem ultrapassar os muros de sua casa, num mundo de histórias de encantamento, de silêncios tranquilos, em que o tempo não se marcava pelos relógios nem pelos calendários, e os objetos tinham vida própria, as aparições se sentavam à mesa e falavam com os humanos, o passado e o futuro faziam parte da mesma coisa, e a realidade do presente era um caleidoscópio de espelhos desordenados em que tudo podia acontecer. Para mim, é uma delícia ler os cadernos dessa época, que descrevem um mundo mágico que acabou. Clara habitava um universo criado para ela, protegida das inclemências da vida, se confundiam a verdade prosaica das coisas materiais e a verdade tumultuada dos sonhos, onde nem sempre funcionavam as leis da física ou da lógica. Clara viveu esse período ocupada em suas fantasias, acompanhada pelos espíritos do ar, da água e da terra, tão feliz que não sentiu necessidade de falar durante nove anos. Todos tinham perdido a esperança de tornar a ouvir-lhe a voz, quando, no dia de seu aniversário, depois de soprar as dezenove velas de seu bolo de chocolate, estreou uma voz que estivera guardada por todo aquele tempo e que tinha a ressonância de um instrumento desafinado.

— Em breve me casarei — disse.

— Com quem? — perguntou Severo.

— Com o noivo de Rosa — respondeu ela.

E então se deram conta de que ela falara pela primeira vez em todos aqueles anos, e o prodígio abalou a casa até os alicerces, provocando o pranto de toda a família. Chamaram-se uns aos outros, espalhou-se a notícia pela cidade, consultaram o doutor Cuevas, que não podia acreditar, e, no alvoroço por Clara ter falado, todos se esqueceram do que ela dissera e só se recordaram dois meses mais tarde, quando Esteban Trueba, que não viam desde o enterro de Rosa,

apareceu para pedir a mão de Clara.

Esteban saltou na estação e carregou ele mesmo suas duas malas. A cúpula de ferro que os ingleses haviam construído imitando a Estação Vitória, nos tempos em que tinham a concessão das ferrovias nacionais, não mudara nada desde a última vez que tinha estado ali anos antes; os mesmos vidros sujos, os meninos engraxates, as vendedoras de pão de ovos e doces nativos, e os carregadores de boinas escuras com a insígnia da Coroa Britânica, que ninguém tinha pensado em substituir por outra, com as cores da bandeira. Tomou um coche e deu o endereço da casa de sua mãe. A cidade pareceu-lhe desconhecida, havia uma desordem de modernismo, um prodígio de mulheres mostrando as canelas, de homens com colete e calças de pregas, uma barulheira de operários esburacando o calçamento, tirando árvores para instalar postes, tirando postes para construir edifícios, tirando edifícios para plantar árvores, um estorvo de pregoeiros ambulantes gritando as maravilhas do afiador de facas, do amendoim torrado, do bonequinho que dança sozinho, sem arame, sem fios, veja você mesmo, pegue-o, um vento de lixeiras, de frituras, de fábricas, de automóveis esbarrando em coches e bondes de tração a sangue, como denominavam os cavalos velhos que puxavam o transporte coletivo, um bafo de multidão, um rumor de corridas, de ir e vir com pressa, de impaciência e horário fixo. Esteban sentiu-se oprimido. Odiava aquela cidade muito mais do que lembrava; evocou as alamedas do campo, o tempo medido pelas chuvas, a vasta solidão de seus pastos, a fresca mansidão do rio e de sua casa silenciosa.

— Esta é uma cidade de merda — concluiu.

O coche levou-o a trote à casa em que fora criado. Estremeceu ao ver como o bairro se deteriorara durante esses anos, desde que os ricos quiseram viver acima dos demais e a cidade crescera até as encostas da cordilheira. Da praça onde brincara em menino, nada restava; era um terreno baldio, cheio de carroças do mercado estacionadas em meio ao lixo revirado pelos cães vadios. Sua casa estava devastada. Nela, viu todos os sinais da passagem do tempo. Na porta envidraçada com motivos de pássaros exóticos desenhados no cristal, fora de moda e desengonçada, havia uma campainha de bronze em forma de mão feminina segurando uma bola. Tocou e teve de esperar algum tempo, que lhe pareceu interminável, até a porta se abrir com o puxar de uma corda que ia da maçaneta à parte superior da escada. Sua mãe habitava o segundo andar e alugava o térreo a uma fábrica de botões. Esteban começou a subir os degraus, que rangiam e já não eram encerados havia muito tempo. Uma empregada velhíssima, cuja existência tinha esquecido por completo, esperava-o lá em cima e o recebeu com lacrimosas mostras de afeto, tal como o recebia aos 15

anos, quando voltava do cartório onde ganhava a vida copiando trocas de propriedades e poderes de desconhecidos. Nada havia mudado, nem mesmo o lugar dos móveis, mas tudo pareceu diferente a Esteban, o corredor com as tábuas gastas, alguns vidros quebrados, mal remendados com pedaços de papelão, avencas empoeiradas definhando em tachos oxidados e potes de louça rachados, um cheiro fétido de comida e urina que revirava o estômago. “Que pobreza!”, pensou Esteban, sem saber dizer onde ia parar todo o dinheiro que enviava à irmã para que vivessem com decência.

Férula foi recebê-lo com uma triste careta de boas-vindas. Tinha mudado muito; já não era mais a mulher de formas generosas que deixara anos atrás, emagrecera, e o nariz parecia enorme em seu rosto anguloso, de expressão melancólica e fechada, e recendia intensamente a lavanda em sua roupa antiquada. Abraçaram-se em silêncio.

— Como está mamãe? — perguntou Esteban.

— Venha, está à sua espera — disse ela.

Passaram por um corredor de cômodos com comunicação entre si, todos iguais, escuros, de paredes mortuárias, tetos altos e janelas estreitas, paredes forradas de papel com flores desbotadas e lânguidas donzelas, manchado pela fuligem das lareiras, pela pátina do tempo e pela pobreza. De muito longe, chegava a voz de um locutor de rádio anunciando as pílulas do doutor Ross, pequeninas, mas resolvem, combatendo a prisão de ventre, a insônia e o mau hálito. Pararam em frente à porta fechada do quarto de dona Ester Trueba.

— Aqui está — disse Férula.

Esteban abriu a porta e precisou de alguns segundos para ver no escuro. O cheiro de medicamentos e podridão bateu-lhe no rosto, o odor enjoativo de suor, umidade, clausura e algo que a princípio não identificou, mas que logo o impregnou como uma peste: o cheiro da carne em decomposição. Entrava um fio de luz pela janela entreaberta, viu a cama larga, onde morrera seu pai e dormia sua mãe desde o dia do casamento, de negra madeira esculpida, com um dossel de anjos em alto-relevo e panejamento de brocado vermelho emurchecido pelo uso. Sua mãe estava semideitada. Era um bloco de carne compacta, uma monstruosa pirâmide de gordura e trapos, arrematada por uma cabecinha calva com olhos doces, surpreendentemente vivos, azuis e inocentes. A artrite a transformara num ser monolítico, não podia dobrar as articulações nem virar a cabeça, tinha os dedos em gancho, como patas de um fóssil, e para manter a posição na cama precisava do apoio de um caixote nas costas, sustentado por uma trave de madeira que, por sua vez, se apoiava na parede. Notava-se o passar dos anos pelas marcas que a viga tinha deixado na parede, um rastro de sofrimento, um caminho

de dor.

— Mamãe... — murmurou Esteban, e a voz quebrou-se em seu peito num pranto contido, apagando de um só golpe as recordações tristes, a infância pobre, os cheiros rançosos, as manhãs gélidas e a sopa gordurosa de sua meninice, a mãe doente, o pai ausente e aquela raiva comendo-lhe as entranhas desde o dia em que fez uso da razão, esquecendo tudo, menos os únicos momentos luminosos em que aquela mulher desconhecida que jazia na cama o havia embalado nos braços, tocado sua testa para lhe sentir a febre, cantado para ele uma canção de ninar, se inclinado junto dele sobre as páginas de um livro, soluçado de pena por vê-lo levantar-se ao nascer do sol para ir trabalhar quando ainda era um menino, soluçado de alegria ao vê-lo regressar à noite, tinha soluçado, mãe, por mim. Dona Ester Trueba estendeu a mão, mas não era uma saudação, apenas um gesto para detê-lo.

— Filho, não se aproxime — disse ela, e tinha a voz íntegra, tal como ele a recordava, a voz cantante e inocente de uma mocinha.

— É por causa do cheiro — explicou Férula secamente. — Impregna.

Esteban afastou a colcha adamascada e em farrapos, e viu as pernas de sua mãe. Eram duas colunas arroxeadas, elefânticas, cobertas de chagas, onde as larvas das moscas e os vermes faziam ninhos e cavavam túneis, duas pernas apodrecendo em vida, com pés descomunais de sólida coloração azul sem unhas nos dedos, abrindo-se em pus, em sangue negro, em abominável fauna que se alimentava de sua carne, mãe, por Deus, da minha carne.

— O doutor quer cortá-las, filho — disse dona Ester com sua voz tranquila de mocinha —, mas estou muito velha para isso e muito cansada de sofrer; por isso é melhor morrer. Mas não queria morrer sem o ver, porque em todos estes anos cheguei a pensar que você estivesse morto e que suas cartas fossem escritas por sua irmã, para não me causar essa dor. Acenda a luz, filho, para eu vê-lo melhor. Por Deus! Parece um selvagem!

— É a vida no campo, mamãe — murmurou ele.

— Enfim! Ainda está forte. Quantos anos tem?

— Trinta e cinco.

— Boa idade para se casar e assentar cabeça, a fim de que eu possa morrer em paz.

— Você não vai morrer, mamãe — suplicou Esteban.

— Quero ter a certeza de que terei netos, alguém que leve meu sangue, que tenha nosso sobrenome. Férula perdeu as esperanças de se casar, mas você tem que procurar uma esposa. Uma mulher decente e cristã. Mas antes disso tem de cortar esse cabelo e essa barba, está me ouvindo?

Esteban disse que sim. Ajoelhou-se ao lado da mãe e mergulhou o rosto em sua mão inchada, mas o cheiro o fez recuar. Férula pegou-o pelo braço e tirou-o daquele quarto de pesadelo. Lá fora, respirou profundamente, com o fedor grudado nas narinas, e, então, sentiu a raiva, sua tão conhecida raiva, subir-lhe como uma onda quente à cabeça, injetar-lhe os olhos, pôr-lhe blasfêmias de aventureiro nos lábios, raiva pelo tempo passado sem pensar em você, mãe, raiva por ter-me descuidado de você, por não tê-la querido e tratado o suficiente, raiva por ser um miserável filho da puta, não, perdoe, não quis dizer isso, porra, está morrendo, velha, e eu não posso fazer nada, nem sequer acalmar-lhe a dor, aliviar-lhe a podridão, tirar-lhe este cheiro medonho, este caldo de morte em que se está cozinhando, mãe.

Dois dias depois, dona Ester Trueba morreu naquele leito dos suplícios em que padecera os últimos anos de vida. Estava sozinha, porque sua filha Férula tinha ido, como em todas as sextas-feiras, aos cortiços dos pobres, no Bairro da Misericórdia, rezar o terço para os indigentes, os ateus, as prostitutas e os órfãos, que lhe atiravam lixo, lhe esvaziavam penicos e lhe cuspiam, enquanto ela, ajoelhada nas lajes do chão do cortiço, gritava pai-nossos e ave-marias em incansável ladainha, suja de porcarias de indigente, de cuspe de ateu, de desperdício de prostituta e sujeira de órfão, chorando, ai!, de humilhação, pedindo perdão para os que não sabem o que fazem e sentindo que os ossos a abandonavam, que uma languidez mortal lhe transformava as pernas em algodão, que um calor de verão lhe infundia pecado entre as coxas, afasta de mim esse cálice, Senhor, que o ventre explodia em chamas de inferno, ai!, de santidade, de medo, pai-nosso, não me deixeis cair em tentação, Jesus.

Esteban também não estava com dona Ester quando ela morreu silenciosamente em seu leito dos suplícios. Tinha ido visitar a família del Valle para saber se lhe restava alguma filha solteira, porque, com tantos anos de ausência e tantos de barbárie, não sabia por onde começar a cumprir a promessa feita à sua mãe, de dar-lhe netos legítimos, e concluiu que, se Severo e Nívea o haviam aceitado como genro nos tempos de Rosa, a bela, não havia nenhuma razão para que não o aceitassem de novo, sobretudo agora que era um homem rico e não tinha de escavar a terra para lhe arrancar o ouro, dispondo tudo o que era necessário em sua conta no banco.

Naquela noite, Esteban e Férula encontraram a mãe morta na cama. Tinha um sorriso calmo, como se a doença tivesse querido poupar-lhe a cotidiana tortura no último instante de vida.

No dia em que Esteban Trueba pediu para ser recebido, Severo e Nívea del Valle lembraram-se das palavras com que Clara havia quebrado sua longa mudez; por isso não manifestaram nenhuma

estranheza quando o visitante lhes perguntou se tinham alguma filha em idade de casar. Fizeram um rápido balanço e informaram que Ana se tinha feito freira, Teresa estava muito doente, e todas as outras estavam casadas, menos Clara, a mais nova, que ainda estava disponível, mas era uma criatura um pouco excêntrica, pouco apta a responsabilidades matrimoniais e à vida doméstica. Com absoluta honestidade, contaram-lhe as excentricidades de sua filha mais nova, sem omitir o fato de que havia permanecido sem falar durante metade de sua existência, porque não desejava fazê-lo, e não porque não pudesse, como bem esclarecera o romeno Rostipov e confirmara o doutor Cuevas em inúmeros exames. Mas Esteban Trueba não era homem que se deixasse amedrontar por histórias de fantasmas que andam pelos corredores, por objetos que se movem a distância pelo poder da mente ou por presságios de má sorte e, muito menos, pelo prolongado silêncio, que considerava uma virtude. Concluiu que nenhuma dessas coisas era inconveniente para trazer filhos sãos e legítimos ao mundo e pediu para conhecer Clara. Nívea foi buscar sua filha, e os dois homens ficaram sozinhos no salão, ocasião em que Trueba, com a franqueza habitual, aproveitou para declarar sem rodeios sua excelente situação financeira.

— Por favor, não se antecipe, Esteban! — interrompeu Severo. — Primeiro tem que ver a menina, conhecê-la melhor, e também temos que considerar os desejos de Clara. Não lhe parece?

Nívea regressou com Clara. A jovem entrou no salão com as faces coradas e as unhas negras, porque estivera ajudando o jardineiro a plantar batatas de dalias e, nessa ocasião, faltara-lhe a clarividência para esperar o futuro noivo com um aspecto mais esmerado. Ao vê-la, Esteban pôs-se de pé, assombrado. Lembrava-se dela como uma criança fraca e asmática, sem a menor graça, mas a jovem que tinha à sua frente era um delicado camafeu de marfim, com rosto doce e uma mata de cabelos castanhos, crespos e desordenados, os cachos escapando do penteado, olhos melancólicos, que se transformavam numa expressão matreira e faiscante quando sorria, com um riso franco e aberto, a cabeça ligeiramente inclinada para trás. Ela o cumprimentou com um aperto de mão, sem dar mostras de timidez.

— Estava à sua espera — disse com naturalidade. A visita de cortesia prolongou-se por umas duas horas, em conversas a respeito da temporada lírica, das viagens à Europa, da situação política e dos resfriados de inverno, bebendo mistela e comendo pastéis de massa folhada. Esteban observava Clara com toda a discrição de que era capaz, sentindo-se cada vez mais seduzido pela garota. Não se lembrava de ter estado tão interessado em alguém desde o dia glorioso em que viu Rosa, a bela, comprando balas de anis na confeitaria da Praça das Armas. Comparou as duas irmãs e chegou à conclusão de

que Clara ganhava em simpatia, ainda que Rosa, sem dúvida, tivesse sido muito mais formosa. Caiu a noite, e entraram duas empregadas para fechar as cortinas e acender as luzes; então, Esteban deu-se conta de que sua visita tinha sido muito longa. Seus modos deixavam muito a desejar. Cumprimentou Severo e Nívea com circunspecção e pediu para visitar Clara de novo.

— Espero não a aborrecer, Clara — disse corando. — Sou um homem rude, do campo, e pelo menos quinze anos mais velho. Não sei tratar uma jovem como você...

— Você quer casar comigo? — perguntou Clara, e ele lhe notou um brilho irônico nas pupilas de avelã.

— Clara, por Deus! — exclamou sua mãe, horrorizada. — Desculpe, Esteban, esta menina sempre foi muito impertinente.

— Quero saber, mamãe, para não perder tempo — disse Clara.

— Eu também gosto das coisas diretas — sorriu, feliz, Esteban. — Sim, Clara, foi por isso que eu vim.

Clara deu-lhe o braço e acompanhou-o até a saída. No último olhar que trocaram, Esteban compreendeu que ela o aceitara e sentiu-se invadido de alegria. Ao entrar no coche, sorria sem poder acreditar em sua boa sorte e sem saber por que uma jovem tão encantadora quanto Clara o aceitara sem conhecê-lo. Não sabia que ela vira seu próprio destino e, por isso, o chamara com o pensamento e estava disposta a se casar sem amor.

Deixaram passar alguns meses por respeito ao luto de Esteban Trueba, durante os quais ele a cortejou à moda antiga, da mesma forma que havia feito com sua irmã Rosa, sem saber que Clara detestava as balas de anis e que os acrósticos a faziam gargalhar. No fim do ano, pelo Natal, anunciaram oficialmente o noivado no jornal e puseram as alianças na presença dos pais e amigos íntimos, mais de cem pessoas ao todo, num banquete pantagruélico, em que desfilavam as travessas com perus recheados, porcos caramelados, congros de água fria, lagostas gratinadas, ostras vivas, tortas de laranja e limão das carmelitas, de amêndoas e nozes das dominicanas, de chocolate e ovos moles das clarissas, além de caixas de champanha trazidas da França por intermédio do cônsul, que fazia contrabando aproveitando-se de seus privilégios diplomáticos, mas tudo servido e apresentado com grande simplicidade pelas antigas empregadas da casa, em seus aventais negros de todos os dias, para dar à festa a aparência de uma modesta reunião familiar, porque qualquer extravagância era uma prova de vulgaridade, sendo condenada como pecado de vaidade mundana e sinal de mau gosto, devido ao passado austero e um tanto triste daquela sociedade descendente dos mais esforçados imigrantes castelhanos e bascos. Clara era uma aparição de renda de Chantilly branca e camélias naturais, libertando-se, como um periquito feliz, dos

nove anos de silêncio, dançando com o noivo sob os toldos e lampiões, alheia por completo às advertências dos espíritos, que lhe faziam sinais desesperados por trás das cortinas, mas que, em meio à multidão e ao barulho, ela não via. A cerimônia das alianças mantinha-se igual desde os tempos da Colônia. Às dez da noite, um empregado circulou em meio aos convidados tocando um sininho de cristal, calou-se a música, parou o baile, e todos se reuniram no salão principal. Um sacerdote pequeno e inocente, adornado com seus paramentos de missa solene, leu o complexo sermão que preparara, exaltando virtudes confusas e impraticáveis. Clara não o ouviu, porque, quando cessou o barulho da música e a ronda dos dançarinos, prestou atenção aos sussurros dos espíritos atrás das cortinas e se deu conta de que fazia muitas horas que não via Barrabás. Procurou-o com a visão, apurando os sentidos, mas uma cotovelada de sua mãe devolveu-a às urgências da cerimônia. O padre terminou seu discurso, benzeu os anéis de ouro e, em seguida, Esteban pôs um no dedo da noiva e outro no próprio dedo.

Nesse momento, um grito de terror sacudiu os presentes. As pessoas se afastaram, abrindo um caminho por onde entrou Barrabás, mais negro e maior do que nunca, com uma faca de açougueiro cravada no lombo até o cabo, sangrando como um boi, as grandes patas de potro tremendo, o focinho babando um fio de sangue, os olhos enevoados pela agonia, passo a passo, arrastando uma pata atrás da outra num avançar ziguezagueante de dinossauro ferido. Clara desabou no sofá de seda francesa. O enorme cão aproximou-se dela, colocou sua grande cabeça de fera milenar em sua saia e ficou admirando-a com olhos enamorados, que se embaciaram pouco a pouco, ficando cego, enquanto a renda branca de Chantilly, a seda francesa do sofá, o tapete persa e o *parquet* se ensopavam de sangue. Barrabás foi morrendo sem pressa alguma, com os olhos presos em Clara, que lhe acariciava as orelhas e murmurava palavras de consolo, até que finalmente, num único estertor, enrijeceu. Então todos pareceram despertar de um pesadelo, e um rumor de espanto percorreu o salão, os convidados começaram a despedir-se, apressados, a escapar contornando as poças de sangue, pegando de passagem suas estolas de pele, seus chapéus de copa, suas bengalas, seus guarda-chuvas, suas bolsas de miçanga. No salão de festa ficaram apenas Clara com o animal no colo, seus pais, que se abraçavam, paralisados pelo mau presságio, e o noivo, que não entendia a causa de tanto alvoroço por um simples cão morto, mas, ao perceber que Clara parecia em transe, ergueu-a nos braços e levou-a meio inconsciente até o quarto, onde os cuidados da Nana e os saís do doutor Cuevas impediram que voltasse a cair no estupor e na mudez. Esteban Trueba pediu ajuda ao jardineiro, e os dois levaram para o carro o cadáver de Barrabás, que,

com a morte, aumentara de peso, tendo sido quase impossível transportá-lo.

O ano passou em preparativos para a boda. Nívea ocupou-se do enxoval de Clara, que não demonstrava o menor interesse no conteúdo dos baús de sândalo e continuava fazendo experiências com a mesa de três pés e seus baralhos divinatórios. Os lençóis primorosamente bordados, as toalhas de renda e a roupa íntima que dez anos antes as freiras tinham feito para Rosa, entrelaçando as iniciais de Trueba e del Valle, serviram para o enxoval de Clara. Nívea encomendou em Buenos Aires, Paris e Londres vestidos de viagem, roupa para o campo, trajes de festa, chapéus da moda, sapatos e carteiras de pele de lagarto e camurça, e outras coisas que foram guardadas embrulhadas em papel de seda e protegidas com lavanda e cânfora, sem que a noiva lhes desse mais do que uma olhada distraída.

Esteban Trueba pôs-se à frente de um grupo de pedreiros, carpinteiros e encanadores para construir a casa mais sólida, ampla e ensolarada que se pudesse conceber, destinada a durar mil anos e abrigar várias gerações de uma família numerosa de Truebas legítimos. Encomendou o projeto a um arquiteto francês e mandou trazer parte dos materiais do exterior, a fim de que sua casa fosse a única com vitrais alemães, pedestais entalhados na Áustria, torneiras de bronze inglesas, mármore italianos no chão e fechaduras pedidas por catálogo aos Estados Unidos, que chegaram com as instruções trocadas e sem chaves. Férula, horrorizada com os gastos, procurou evitar que ele continuasse a fazer loucuras, comprando móveis franceses, lustres de pingentes e tapetes turcos, argumentando que iriam à falência e voltariam a repetir a história do Trueba extravagante que os tinha engendrado, mas Esteban demonstrou-lhe que era bastante rico para dar-se a esses luxos e ameaçou-a de revestir as portas com prata caso ela continuasse a aborrecê-lo. Então, ela alegou que tanto esbanjamento era seguramente pecado mortal e que Deus os castigaria a todos por gastar em vulgaridades de novo-rico o que seria mais bem empregado ajudando os pobres.

Apesar de Esteban Trueba não ser amante de inovações, mas, pelo contrário, ter grande desconfiança dos transtornos do modernismo, decidiu que sua casa deveria ser construída como os novos palacetes da Europa e da América do Norte, com todas as comodidades, embora mantendo um estilo clássico. Desejava-a o mais distante possível da arquitetura local. Não queria três pátios, corredores, fontes barulhentas, quartos escuros, paredes de adobe caiadas, nem telhas poeirentas, mas dois ou três andares ousados, fileiras de colunas brancas, uma escada imponente que desse meia-volta sobre si mesma e aterrasse num saguão de mármore branco, janelas grandes e

iluminadas e, de maneira geral, um aspecto de ordem e harmonia, de beleza e civilização, próprio dos povos estrangeiros e de acordo com sua nova vida. Sua casa deveria ser o reflexo dele próprio, de sua família e do prestígio que pensava dar ao nome que o pai havia manchado. Desejava que o esplendor fosse visto da rua; por isso, mandou desenhar um jardim francês, com um pavilhão versalhesco, canteiros de flores, um gramado plano e perfeito, repuxos e algumas estátuas representando os deuses do Olimpo e talvez algum bravo índio da história americana, nu e coroados com penas, como uma concessão ao patriotismo. Não poderia imaginar que aquela mansão solene, cúbica, compacta e pretensiosa, instalada como um chapéu sobre seu contorno verde e geométrico, acabaria por encher-se de protuberâncias e conexões, de múltiplas escadas tortas que conduziam a lugares indefinidos, de torreões, de postigos que não se abriam, de portas suspensas sobre o vazio, de corredores sinuosos e de pequenas janelas que ligavam os quartos para as conversas na hora da sesta, de acordo com a inspiração de Clara, que a cada novo hóspede que precisasse instalar mandaria fazer outro quarto em qualquer parte e, se os espíritos lhe indicassem que havia um tesouro oculto ou um cadáver insepulto nos alicerces, derrubaria uma parede, até transformar a mansão num labirinto encantado impossível de limpar, que desafiava numerosas leis urbanísticas e municipais. Mas, quando Trueba construiu o que todos chamavam de “o casarão da esquina”, tinha a marca solene que procurava impor a tudo o que o rodeava, em recordação das privações da infância. Clara nunca foi ver a casa durante o processo de construção. Parecia interessar-lhe tão pouco quanto seu próprio enxoval, deixando as decisões nas mãos do noivo e da futura cunhada.

Quando sua mãe morreu, Férula viu-se sozinha e sem nada útil a que dedicar a vida, numa idade em que já não tinha mais a ilusão de casar-se. Por algum tempo andou visitando cortiços todos os dias, numa frenética obra piedosa que lhe provocou uma bronquite crônica e não trouxe nenhuma paz à sua alma atormentada. Esteban quis que ela viajasse, comprasse roupas e se divertisse pela primeira vez em sua melancólica existência, mas ela desenvolvera o hábito da austeridade e passava muito tempo fechada em casa. Tinha medo de tudo. O casamento de seu irmão a consumia na incerteza, acreditando que seria mais um motivo de afastamento para Esteban, que era seu único sustento. Temia terminar seus dias fazendo crochê em algum asilo para solteironas de boa família; por isso, sentiu-se muito feliz ao se dar conta de que Clara era incompetente para todas as coisas da vida doméstica, adotando, sempre que tinha de enfrentar uma decisão, um ar distraído e vago. “É um pouco idiota”, concluiu Férula, encantada. Era evidente que Clara seria incapaz de administrar o casarão que seu

irmão estava construindo e precisaria de muita ajuda. Sutilmente, procurava dar a entender a Esteban que sua futura mulher era uma inútil e que ela, com seu espírito de sacrifício tão amplamente demonstrado, poderia ajudá-la e estava disposta a fazê-lo. Esteban não alimentava a conversa quando enveredava por esse rumo. À medida que se aproximava a data do casamento e se via na necessidade de decidir seu destino, Férula começou a se desesperar. Convencida de que nada conseguiria com seu irmão, procurou a oportunidade de falar a sós com Clara e encontrou-a num sábado, às cinco da tarde, quando a viu andando na rua. Convidou-a para tomar chá no Hotel Francês. As duas mulheres sentaram-se rodeadas de bolinhos com creme e porcelana da Bavária, enquanto, no fundo do salão, uma orquestra de senhoritas interpretava um melancólico quarteto de cordas. Sem saber como abordar o tema, Férula observava disfarçadamente sua futura cunhada, que aparentava ter 15 anos e ainda tinha a voz desafinada, em consequência dos anos de silêncio. Depois de uma pausa enorme em que comeram uma travessa de biscoitos e cada uma bebeu duas chávenas de chá de jasmim, Clara ajeitou uma mecha do cabelo que lhe caía sobre os olhos, sorriu e deu uma palmadinha carinhosa na mão de Férula.

— Não se preocupe. Você virá morar conosco, e seremos as duas como irmãs.

Férula sobressaltou-se, perguntando-se se seriam certos os boatos sobre a habilidade de Clara para ler o pensamento alheio. Sua primeira reação foi de orgulho e teria recusado a oferta apenas pela beleza do gesto, mas Clara não lhe deu tempo. Inclinou-se e beijou-a na face com tanta candura que Férula perdeu o controle e começou a chorar. Fazia muito tempo que não derramava uma lágrima e comprovou, assombrada, quanta falta lhe fazia um gesto de ternura. Não se lembrava da última vez que alguém a havia tocado espontaneamente. Chorou por um longo tempo, libertando-se de muitas tristezas e solidões passadas, da mão de Clara, que a ajudava a assoar-se e, entre dois soluços, lhe dava mais pedaços de bolo e goles de chá. Ficaram chorando e falando até as oito horas da noite e, nessa tarde, no Hotel Francês, selaram um pacto de amizade que durou muitos anos.

Assim que terminou o luto pela morte de dona Ester e o casarão da esquina ficou pronto, Esteban Trueba e Clara del Valle casaram-se numa cerimônia discreta. Esteban ofereceu à noiva um adereço de brilhantes, que ela achou muito bonito, guardou numa caixa de sapatos e esqueceu em seguida onde o tinha posto. Viajaram para a Itália, e com dois dias a bordo Esteban sentia-se apaixonado como um adolescente, apesar de os balanços do barco terem provocado

intermináveis enjooos em Clara, cuja asma também foi estimulada pela clausura. Sentado a seu lado no estreito camarote, aplicando-lhe panos molhados na testa e segurando-a quando vomitava, sentia-se profundamente feliz e a desejava com injustificada intensidade, considerando a seu lamentável estado. No quarto dia, ela amanheceu melhor, e saíram para a coberta, a fim de ver o mar. Observando-a com o nariz corado pelo vento e rindo por qualquer pretexto, Esteban jurou a si próprio que mais cedo ou mais tarde ela acabaria por amá-lo tal como ele necessitava ser querido, ainda que, para consegui-lo, tivesse de empregar os recursos mais extremos. Dava-se conta de que Clara não lhe pertencia e que, se ela continuava habitando um mundo de aparições, de mesas de três pés que se mexem sozinhas e baralhos em que se vê o futuro, o mais provável era que nunca chegasse a lhe pertencer. A despreocupada e impudica sensualidade de Clara também não lhe bastava. Desejava muito mais do que seu corpo; queria apoderar-se daquela matéria imprecisa e luminosa que havia em seu interior e lhe escapava ainda nos momentos em que ela parecia morrer de prazer. Sabia que suas mãos eram muito pesadas, seus pés muito grandes, sua voz muito dura, a barba muito áspera, seu costume de violações e de prostitutas muito arraigado, mas, mesmo que tivesse de se virar pelo avesso, como uma luva, estava disposto a seduzi-la.

Regressaram da lua de mel três meses depois. Férula esperava-os com a casa nova, que ainda recendia a tinta e cimento fresco, cheia de flores e travessas com frutas, como Esteban lhe ordenara. Ao cruzar o umbral pela primeira vez, Esteban ergueu sua mulher nos braços. Sua irmã admirou-se por não sentir ciúmes e verificou que Esteban parecia ter rejuvenescido.

— O casamento lhe fez muito bem — disse.

Levou Clara para percorrer a casa. Ela passeava os olhos, achava tudo muito bonito, com a mesma cortesia com que tinha celebrado um pôr do sol em alto-mar, a Praça de São Marcos ou o adereço de brilhantes. À porta do quarto a ela destinado, Esteban pediu que fechasse os olhos e levou-a pela mão até o centro.

— Já pode abrir — disse-lhe, encantado.

Clara olhou em volta. Era um grande cômodo com as paredes forradas de seda azul, móveis ingleses, grandes janelas com balcões abertos sobre o jardim e uma cama de dossel e cortinas de gaze que parecia um veleiro navegando na água mansa da seda azul.

— Muito bonito — disse Clara.

Então, Esteban indicou-lhe o lugar onde estava parada. Era a maravilhosa surpresa que havia preparado para ela. Clara baixou os olhos e deu um grito pavoroso; estava de pé sobre o lombo negro de Barrabás, que jazia aberto, patas para o lado, transformado em tapete, com a cabeça intacta e dois olhos de vidro olhando-a com a expressão

de desamparo própria da taxidermia. Seu marido conseguiu segurá-la antes que caísse desmaiada no chão.

— Esteban, eu lhe disse que ela não ia gostar! — observou Férula.

A pele curtida de Barrabás foi rapidamente retirada do quarto e atirada a um canto do porão, juntamente com os livros mágicos dos baús encantados do tio Marcos e outros tesouros, onde se defendeu das traças e do abandono com uma tenacidade digna de melhor causa, até que outras gerações a recuperaram. Depressa se tornou evidente que Clara estava grávida. O carinho que Férula sentia por sua cunhada transformou-se em paixão por cuidar dela, dedicação em servi-la e tolerância ilimitada para resistir às suas distrações e excentricidades. Para Férula, que dedicara sua vida a cuidar de uma anciã que apodrecia sem remissão, cuidar de Clara foi como entrar em glória. Banhava-a em água perfumada com alfavaca e jasmim, esfregava-a com uma esponja, ensaboava-a, friccionava-a com água-de-colônia, punha-lhe talco com um amarrado de penas de cisne e escovava-lhe o cabelo até deixá-lo brilhante e dócil como uma planta do mar, tal como antes fizera a Nana.

Muito antes de se aplacar sua impaciência de homem recém-casado, Esteban Trueba teve de regressar a Las Tres Marías, onde fazia mais de um ano que não punha os pés e que, apesar dos esmeros de Pedro Segundo García, reclamava a presença do patrão. A propriedade, que antes parecia um paraíso e era todo o seu orgulho, agora lhe parecia fastidiosa. Olhava as vacas inexpressivas ruminando nos pastos, a lenta faina dos camponeses repetindo os mesmos gestos todos os dias ao longo de suas vidas, o imutável contorno da cordilheira coberta de neve e a frágil coluna de fumaça do vulcão, e se sentia como um preso.

Enquanto ele estava no campo, a vida no casarão da esquina mudava para se acomodar a uma suave rotina sem homens. Férula era a primeira a despertar, porque lhe restava o hábito de madrugar desde a época em que velava junto da mãe enferma, mas deixava sua cunhada dormir até tarde. No meio da manhã, levava-lhe pessoalmente o desjejum à cama, abria as cortinas de seda azul para entrar o sol pelos vidros, enchia a banheira de porcelana francesa com nenúfares pintados, dando tempo a Clara para sacudir a modorra saudando os espíritos presentes, puxar a bandeja e molhar as torradas no chocolate espesso. Depois, tirava-a da cama acariciando-a com cuidados de mãe e comentando as notícias agradáveis do jornal, cada dia mais escassas; por isso, tinha de preencher as lacunas com histórias sobre os vizinhos, detalhes domésticos e casos inventados, que Clara achava muito bonitos e, cinco minutos depois, já não mais lembrava, de modo que era possível voltar a contar-lhe a mesma coisa,

várias vezes por dia, e ela se divertia como se fosse a primeira vez.

Férula levava-a para caminhar, a fim de que tomasse sol, faz bem à criança; às compras, para que, ao nascer, não lhe falte nada e tenha a roupa mais fina do mundo; para almoçar no Clube de Golfe, a fim de que todos vejam quanto você ficou mais bonita desde que se casou com meu irmão; para visitar seus pais, e eles não pensarem que os esqueceu; ao teatro, para que não fique o dia inteiro fechada em casa. Clara deixava-se conduzir com uma doçura que não era imbecilidade, mas distração, e consumia toda a sua capacidade de concentração em inúteis tentativas de se comunicar telepaticamente com Esteban, que não recebia as mensagens, e em aperfeiçoar sua própria clarividência.

Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, Férula sentia-se feliz. Estava mais perto de Clara do que jamais estivera de alguém, nem mesmo de sua mãe. Alguém menos original do que Clara acabaria se aborrecendo com os mimos excessivos e a constante preocupação de sua cunhada ou teria sucumbido a seu caráter dominador e meticuloso. Clara, porém, vivia em outro mundo. Férula detestava o momento em que o irmão retornava do campo e sua presença enchia toda a casa, rompendo a harmonia estabelecida durante sua ausência. Com ele em casa, ela devia pôr-se à sombra e ser mais prudente na forma de se dirigir aos empregados, bem como em relação às atenções que dedicava a Clara. Todas as noites, no momento em que o casal se recolhia a seus aposentos, sentia-se invadida por um ódio desconhecido, que não sabia explicar e lhe incutia na alma sentimentos funestos. Para se distrair, retomava o hábito de rezar o terço nos asilos e confessar-se ao padre Antônio.

— Ave Maria Puríssima.

— Concebida sem pecado.

— Estou ouvindo, filha.

— Padre, não sei como começar. Creio que é pecado o que fiz...

— Da carne, filha?

— Ai! A carne está seca, padre, mas o espírito não. O demônio me atormenta.

— A misericórdia de Deus é infinita.

— Não conhece os pensamentos que podem existir na mente de uma mulher sozinha, padre, uma virgem que não conheceu homem; não por falta de oportunidades, mas porque Deus mandou uma longa doença à minha mãe e tive que cuidar dela.

— Esse sacrifício está registrado no Céu, minha filha.

— Mesmo com pecado de pensamento, padre?

— Bom, depende do pensamento...

— À noite não consigo dormir e sufoco. Para me acalmar, levanto-me e caminho pelo jardim, arrasto-me pela casa, vou ao quarto de minha cunhada, encosto o ouvido à porta, às vezes entro na ponta dos

pés para vê-la dormindo, parece um anjo, tenho a tentação de deitar-me a seu lado para sentir o calor de sua pele e seu hálito.

— Reze, filha. A oração ajuda.

— Espere, não lhe disse tudo. Tenho vergonha.

— Não deve ter vergonha de mim, porque sou apenas um instrumento de Deus.

— Quando meu irmão vem do campo, é muito pior, padre. De nada me serve a oração, não consigo dormir, transpiro, tremo, por fim levanto-me e atravesso toda a casa às escuras, deslizando devagarinho com muito cuidado para o assoalho não ranger. Ouço-os através da porta do quarto e uma vez pude até vê-los, porque a porta ficara entreaberta. Não lhe posso contar o que vi, padre, mas deve ser um pecado terrível. Não é culpa de Clara, ela é inocente como uma criança. É meu irmão que a leva a isso. Ele será condenado, sem dúvida.

— Só Deus pode julgar e condenar, minha filha. O que faziam eles?

Então Férula podia passar uma boa meia hora contando os pormenores. Era uma narradora virtuosa, sabia introduzir as pausas, controlar a entonação, explicar sem gestos, pintando um quadro tão vivo que o ouvinte experimentava a impressão de vê-lo de fato, era incrível como havia percebido pela porta entreaberta a qualidade dos estremecimentos, a abundância dos orgasmos, as palavras murmuradas ao ouvido, os cheiros mais secretos, um verdadeiro prodígio. Liberta daqueles tumultuosos estados de ânimo, regressava a casa com sua máscara de ídolo, impassível e severa, e tome de dar ordens, contar os talheres, determinar a comida, fechar à chave, exigir ponha isto aqui, e punham, mudem as flores dos vasos, e mudavam, lavem os vidros, façam calar esses pássaros do diabo, que a barulheira não deixa a senhora Clara dormir, e tanto cacarejo vai assombrar a criança, é capaz de nascer com asas. Nada escapava aos seus olhos vigilantes, e estava sempre em atividade, em contraste com Clara, que achava tudo muito bonito e tanto lhe fazia comer trufas recheadas ou sopa de sobras, dormir em colchão de penas ou sentada numa cadeira, banhar-se em águas perfumadas ou não tomar banho. À medida que a gravidez avançava, parecia ir-se desligando irreversivelmente da realidade, voltando-se para seu interior, num diálogo secreto e constante com a criança.

Esteban queria um filho que tivesse seu nome e passasse à sua descendência o sobrenome dos Trueba.

— É uma menina e chama-se Blanca — disse Clara no dia em que anunciou sua gravidez.

E assim foi.

O doutor Cuevas, de quem Clara perdera finalmente o medo, calculara o parto para meados de outubro, mas no início de novembro

ela continuava arrastando uma barriga enorme, em estado de semissonambulismo, cada vez mais distraída e cansada, asmática, indiferente a tudo o que a rodeava, incluindo seu marido, que às vezes nem sequer reconhecia e lhe perguntava “O que você quer?” quando o via ao seu lado. Assim que o médico descartou qualquer possibilidade de erro em seus cálculos e ficou evidente que Clara não tinha nenhuma intenção de parir por via natural, tratou de lhe abrir a barriga e tirar Blanca, uma menina mais peluda e feia do que o normal. Esteban sentiu um calafrio quando a viu, convencido de que havia sido enganado pelo destino, e, em vez do Trueba legítimo que prometera à sua mãe no leito de morte, engendrara um monstro, e, para piorar, do sexo feminino. Revistou a menina pessoalmente e comprovou que ela tinha todas as partes nos devidos lugares, pelo menos aquelas que eram visíveis ao olho humano. O doutor Cuevas consolou-o, explicando-lhe que o aspecto repugnante da criança se devia ao fato de ter passado mais tempo do que o normal dentro da mãe, ao sofrimento da cesariana e à sua constituição pequena, delgada, morena e um pouco peluda. Clara, ao contrário, estava encantada com a filha. Pareceu despertar de um longo torpor e descobrir a alegria de estar viva. Pegou a menina nos braços e não a largou mais, andava com ela presa ao peito, dando-lhe de mamar a todo momento, sem horário fixo e sem contemplação com as boas maneiras ou o pudor, como uma mestiça. Não quis enfaixá-la, cortar-lhe o cabelo, furar-lhe as orelhas ou contratar uma babá para criá-la e muito menos recorrer ao leite de algum laboratório, como faziam todas as senhoras que podiam pagar por esse luxo. Nem aceitou a receita da Nana de dar-lhe leite de vaca diluído em água de arroz, porque concluiu que, se a natureza tivesse querido que os humanos se criassem assim, teria feito que os seios femininos segregassem esse tipo de produto. Clara falava com a menina o tempo todo, sem empregar meias palavras nem diminutivos, em perfeito espanhol, como se dialogasse com uma adulta, da mesma maneira pausada e racional com que falava com os animais e as plantas, convencida de que, se isso dera resultado com a flora e a fauna, não havia razão para não ser indicado também para sua filha. A combinação de leite materno e conversa teve a virtude de transformar Blanca numa menina saudável e quase formosa, em nada parecida com o tatu que era ao nascer.

Poucas semanas depois do nascimento de Blanca, Esteban Trueba pôde comprovar, durante as brincadeiras no veleiro da água mansa de seda azul, que sua mulher não havia perdido, com a maternidade, o encanto ou a boa disposição para fazer amor, mas bem pelo contrário. Por seu lado, Férula, completamente ocupada com a criação da menina, não tinha tempo para ir rezar nos asilos, confessar-se ao

padre Antônio e, muito menos, espreitar pela porta entreaberta.

Capítulo IV

O Tempo dos Espíritos

Na idade em que a maioria das crianças usa fraldas e engatinha, balbuciando incoerências e babando, Blanca parecia uma anã racional, caminhava aos tropeços, mas em ambas as pernas, falava corretamente e comia sozinha, em decorrência do sistema de sua mãe de tratá-la como adulta. Tinha todos os dentes e começava a abrir os armários para desarrumar seu conteúdo, quando a família decidiu ir passar o verão em Las Tres Marías, que Clara só conhecia de ouvir falar. Nesse período da vida de Blanca, a curiosidade era mais forte do que o instinto de sobrevivência, e Férula passava bons apertos, correndo atrás dela para evitar que se atirasse do segundo andar, entrasse no forno ou engolissem sabão. A ideia de ir para o campo com a menina parecia-lhe perigosa, estafante e inútil, já que Esteban poderia arranjar-se sozinho em Las Tres Marías, enquanto elas desfrutavam de uma existência civilizada na capital. Clara, porém, estava entusiasmada. O campo parecia-lhe uma ideia romântica, porque nunca estivera num estábulo, como dizia Férula. Os preparativos da viagem ocuparam toda a família por mais de duas semanas, e a casa encheu-se de baús, cestas e malas. Alugaram um vagão especial no trem para se deslocar com a incrível bagagem e os empregados que Férula considerou necessário levar, além das gaiolas dos pássaros, que Clara não quis abandonar, e das caixas com os brinquedos de Blanca, cheias de arlequins mecânicos, figurinhas de louça, animais de pano, bailarinas a corda e bonecas com cabelo de gente e articulações humanas, que viajavam com seus próprios vestidos, coches e baixelas. Diante daquela multidão desnorteada e nervosa e daquela confusão de apetrechos, Esteban sentiu-se derrotado pela primeira vez na vida, sobretudo ao descobrir entre a bagagem um Santo Antônio de tamanho natural, de olhos estrábicos e sandálias de couro lavrado. Olhava o caos que o rodeava, arrependido da decisão de viajar com a mulher e a filha, perguntando-se como era possível

que ele só precisasse de duas malas para correr o mundo e elas, em comparação, levassem aquele carregamento de trastes e aquela procissão de criados incompatíveis com o objetivo da viagem.

Em San Lucas, tomaram três coches, que os conduziram a Las Tres Marías envoltos numa nuvem de pó, como ciganos. No pátio da fazenda, esperavam para lhes dar as boas-vindas todos os empregados, com Pedro Segundo García, o administrador, à frente. Vendo aquele circo ambulante, ficaram atônitos e, sob as ordens de Férula, começaram a descarregar os coches e levar tudo para dentro da casa. Ninguém prestou atenção a um menino aproximadamente da idade de Blanca, nu, ranhento, com a barriga inchada por vermes, de belos olhos negros com expressão de ancião. Era o filho do administrador e chamava-se, para se diferenciar do pai e do avô, Pedro Terceiro García. Em meio à confusão de instalar-se, conhecer a casa, ver a horta, cumprimentar todo mundo, armar o altar de Santo Antônio e espantar as galinhas das camas e as ratazanas dos armários, Blanca tirou a roupa e saiu correndo nua com Pedro Terceiro. Brincaram em meio aos pacotes, enfiaram-se sob os móveis, molharam-se com beijos babados, mastigaram o mesmo pão, sorveram os mesmos catarros, besuntaram-se com a mesma caca, até que, por fim, adormeceram abraçados sob a mesa da sala de jantar. Ali Clara os encontrou às dez da noite. Havia sido procurados durante horas sob a luz de tochas, os empregados, em grupos, tendo percorrido a margem do rio, os celeiros, os prados e os estábulos, Férula tendo implorado de joelhos a Santo Antônio; Esteban já estava esgotado de chamá-los, e a própria Clara invocara inutilmente seus dotes de vidente. Quando os encontraram, o menino estava de costas no chão, e Blanca deitava-se com a cabeça apoiada no ventre pançudo de seu novo amigo. Nessa mesma posição, seriam surpreendidos muitos anos depois para a desgraça de ambos, e a vida inteira não lhes bastaria para pagar por isso.

Desde o primeiro dia, Clara compreendeu que havia lugar para ela em Las Tres Marías e, como, aliás, registrou em seus cadernos de anotar a vida, sentiu que afinal havia encontrado sua missão no mundo. Não a impressionaram as casas de tijolo, a escola e a abundância de comida, porque sua capacidade de ver o invisível detectou o receio, o medo e o rancor dos trabalhadores, e o imperceptível rumor que se calava quando virava o rosto, que lhe permitiram adivinhar algumas coisas sobre o caráter e o passado de seu marido. O patrão mudara, todavia. Todos puderam constatar que deixara de frequentar o Farolito Rojo, encerrara suas tardes de boêmia, de brigas de galo, de apostas, seus violentos acessos de ira e, sobretudo, o mau hábito de derrubar garotas nos trigais. Tudo isso atribuíram a Clara, que, por sua vez, também mudou. Abandonou da

noite para o dia sua inércia, deixou de considerar tudo muito bonito e pareceu curada do vício de falar com os seres invisíveis e movimentar os móveis com recursos sobrenaturais. Levantava-se ao amanhecer com seu marido, partilhavam o desjejum já vestidos, e, enquanto ele saía para supervisionar os trabalhos e as lidas do campo, Férula se encarregava da casa, dos empregados da capital, que não se acostumavam ao desconforto e às moscas do campo, e de Blanca. Clara dividia seu tempo entre a oficina de costura, a venda e a escola, onde montou seu quartel-general para aplicar remédios contra a sarna e parafina contra os piolhos, desentranhar os mistérios da cartilha, ensinar as crianças a cantar “tenho uma vaca leiteira, não é uma vaca qualquer”, e ensinar as mulheres a ferver o leite, curar diarreia e alvejar a roupa. Ao entardecer, antes que os homens regressassem do campo, Férula reunia as camponesas e as crianças para rezar o terço. Acorrendo mais por simpatia do que por fé, davam à solteirona a oportunidade de recordar os bons tempos de seus cortiços. Clara esperava que a cunhada terminasse as místicas ladainhas de pai-nossos e ave-marias e aproveitava a reunião para repetir as instruções que ouvira de sua mãe quando se agarrava às grades do Congresso diante dela. As mulheres escutavam-na, em meio a risinhos e pudores, pela mesma razão pela qual rezavam com Férula: não desagradar à patroa, ainda que aquelas frases inflamadas lhes parecessem histórias de loucos. “Onde já se viu um homem não poder bater na própria mulher? Se não bate, é porque não gosta dela ou porque não é homem de verdade; onde já se viu que o que o homem ganha ou o que a terra produz, ou as galinhas põem sejam dos dois, se quem manda é ele? Onde já se viu uma mulher poder fazer as mesmas coisas que um homem, se ela nasceu com mamas e sem colhões, dona Clarita?”, argumentavam. Clara desesperava-se. Elas se cutucavam com o cotovelo e sorriam, tímidas, as bocas desdentadas e os olhos cheios de rugas, curtidas pelo sol e pela vida de má qualidade, sabendo de antemão que, se ousassem pensar em pôr em prática os conselhos da patroa, seus maridos lhes dariam uma boa surra. E bem merecida, aliás, como até Férula sustentava. Em pouco tempo, Esteban teve conhecimento da segunda parte das reuniões de oração e se enfureceu. Era a primeira vez que se irritava com Clara e a primeira que ela o via num de seus famosos ataques de raiva. Esteban gritava, enlouquecido, andando pela sala em largas passadas, esmurrando os móveis e argumentando que, se Clara pensava seguir os passos de sua mãe, podia esperar encontrar um macho firme, que lhe arriaria as calcinhas e lhe daria umas boas chicotadas para encerrar de vez a maldita mania de arengar às pessoas, e proibindo terminantemente as reuniões de oração ou de qualquer outra coisa e afirmando que ele não era nenhum babaca a quem sua mulher pudesse ridicularizar. Clara

deixou-o gritar e esmurrar os móveis até se cansar e depois, distraída como sempre, perguntou-lhe se ele sabia mexer as orelhas.

As férias alongaram-se, e as reuniões na escola continuaram. Terminado o verão, o outono cobriu o campo de fogo e ouro, mudando a paisagem. Começaram os primeiros dias frios, as chuvas e a lama, sem que Clara desse sinais de querer regressar à capital, apesar da firme pressão de Férula, que detestava o campo. No verão queixara-se das tardes de calor espantando moscas, da terra do pátio, que empoeirava a casa como se vivessem no poço de uma mina, da água suja da banheira, onde os sais perfumados se transformavam em sopa de índios, das baratas voadoras que se enfiavam nos lençóis, dos caminhos de ratos e formigas, das aranhas que amanheciam esperneando no copo de água sobre a mesa de cabeceira e das galinhas insolentes que punham ovos nos sapatos e cagavam na roupa branca do armário. A mudança do clima deu-lhe novas calamidades para lamentar: o lamaçal do pátio, os dias mais curtos — às cinco horas já estava escuro e não havia nada mais para fazer senão enfrentar a longa noite solitária —, o vento e o resfriado, que ela combatia com cataplasmas de eucalipto, sem poder evitar que se contagiassem uns aos outros numa cadeia sem fim. Estava farta de lutar contra os elementos, sem mais distração do que acompanhar o crescimento de Blanca, que parecia uma antropófaga, como dizia, brincando com aquele garoto sujo, Pedro Terceiro; era o cúmulo a menina não ter alguém de sua classe com quem se misturar, estava adquirindo maus modos, andava com as bochechas lambuzadas e crostas secas nos joelhos, “olhem como fala, parece um selvagem, estou cansada de lhe tirar piolhos da cabeça e lhe aplicar azul de metileno na sarna”. Apesar dos resmungos, conservava sua rígida dignidade, seu coque inalterável, sua blusa engomada e o molho de chaves pendurado à cintura; nunca suava, não se coçava e mantinha sempre seu suave aroma de lavanda e limão. Ninguém imaginava haver algo que pudesse alterar seu autocontrole, até o dia em que sentiu uma picada nas costas, tão forte que não pôde evitar coçar-se ainda que dissimuladamente, mas nada a aliviava. Finalmente foi ao banheiro e tirou o espartilho, que não dispensava nem mesmo nos dias de trabalho mais intenso. Ao desamarrar as tiras, viu cair no chão um ratinho aturdido que ali estivera durante toda a manhã, procurando em vão encontrar uma saída, arrastando-se entre as barbatanas duras da cinta e a carne oprimida de sua dona. Férula teve então a primeira crise de nervos de sua vida. A seus gritos, acorreram todos e a encontraram enfiada na banheira, lívida de terror e ainda seminua, com gritos alucinados e indicando com um dedo trêmulo o pequeno roedor, que a muito custo se pusera sobre as patas e procurava avançar até um lugar seguro. Esteban disse que não deviam se

preocupar, pois se tratava da menopausa. Também não se preocuparam quando Férula teve o segundo ataque. Era aniversário de Esteban. Amanheceu um domingo ensolarado, e havia muita agitação na casa, porque iam dar uma festa em Las Tres Marías, pela primeira vez desde os esquecidos dias em que dona Ester era uma garotinha. Convidaram vários parentes e amigos, que vieram de trem da capital, e os proprietários das redondezas, sem esquecer os notáveis da aldeia. Com uma semana de antecedência, prepararam o banquete: meia rês assada no pátio, empadas de rins, caçarola de galinha, guisado de milho, torta de manjar-branco e lúcumas,* e os melhores vinhos da safra. Ao meio-dia, começaram a chegar os convidados em coches ou a cavalo, e a grande casa de adobe encheu-se de conversas e risos. Férula afastou-se um momento para correr ao banheiro, um dos imensos banheiros da casa, cuja privada ficava no centro do cômodo, cercada de um deserto de louça branca. Estava instalada naquele assento solitário como num trono, quando a porta se abriu e entrou um dos convidados, ninguém menos do que o prefeito do município, desabotoando a braguilha e um pouco embriagado pelo aperitivo. Ao ver a senhora, ficou paralisado de confusão e surpresa, e, quando pôde reagir, a única coisa que lhe ocorreu foi avançar com um despropositado sorriso, atravessar todo o banheiro, estender a mão e cumprimentá-la com uma mesura.

— Zorobabel Blanco Jamasmié, às suas prezadas ordens — apresentou-se.

“Por Deus! Ninguém pode viver em meio a pessoas tão rústicas. Se querem, fiquem vocês neste purgatório de incivilizados, que é o que isto aqui é; eu volto para a cidade; quero viver como uma cristã, como sempre vivi”, exclamou Férula quando conseguiu abordar o assunto sem explodir em pranto. Não partiu, entretanto. Não queria separar-se de Clara; chegara a ponto de adorar o ar que ela exalava e, mesmo que já não tivesse oportunidade de dar-lhe banho e dormir com ela, procurava demonstrar-lhe sua ternura com mil pequenos detalhes, aos quais dedicava sua existência. Aquela mulher severa e tão pouco complacente consigo mesma e com os demais podia ser doce e risonha com Clara e às vezes, por extensão, também com Blanca. Só com ela se permitia ceder a seu transbordante desejo de servir e ser amada; com ela, podia manifestar, ainda que dissimuladamente, os mais secretos e delicados anseios de sua alma. Ao longo de tantos anos de solidão e tristeza, fora decantando as emoções e limpando os sentimentos, até reduzi-los a umas poucas, terríveis e magníficas paixões, que a ocupavam por completo. Não tinha capacidade para as pequenas perturbações, os rancores mesquinhos, as invejas disfarçadas, as obras de caridade, os afetos mornos, a atenciosa polidez ou as considerações cotidianas. Era um desses seres nascidos

para a grandeza de um só amor, o ódio extremado, a vingança apocalíptica e o heroísmo mais sublime; não lhe foi possível, contudo, realizar, na medida de sua romântica vocação, seu destino, que se tornou monótono e cinzento, entre as paredes de um quarto de doente, em miseráveis asilos, em tortuosas confissões, em que aquela mulher grande, opulenta, de sangue ardente, feita para a maternidade, a abundância, a ação e o ardor, foi-se consumindo. Nessa época, tinha cerca de 45 anos, e sua esplêndida raça e seus remotos antepassados mouriscos mantinham sua pele lisa, seu cabelo ainda negro e sedoso, com uma única mecha branca na testa, seu corpo forte e delgado, e seu andar resoluto, de gente saudável, ainda que a aridez de sua vida lhe desse a aparência de muito mais velha. Tenho um retrato de Férula tirado nesses anos durante um aniversário de Blanca. É uma fotografia em sépia, descolorida pelo tempo, em que, todavia, ainda é possível vê-la com nitidez. Era uma deslumbrante matrona, mas havia em seu rosto um ricto amargo que denunciava sua tragédia interior. Provavelmente aqueles anos junto de Clara foram os únicos felizes para ela, porque só com Clara se pôde fazer íntima. Ela foi a depositária de suas mais sutis emoções e a ela dedicou sua enorme capacidade de sacrifício e veneração. Uma vez ousou verbalizar isso, e Clara escreveu em seu caderno de anotar a vida que Férula a amava muito mais do que ela merecia ou podia retribuir. Devido a esse amor desmesurado, Férula não quis partir de Las Tres Marías nem sequer quando irrompeu a praga das formigas, que começou com um rumorejar nos pastos, uma sombra escura que deslizava com rapidez comendo tudo, as maçarocas, os trigais, a alfafa e a maravilha. Regavam-nas com gasolina e ateavam-lhes fogo, mas reapareciam com novos brios. Pintavam com cal viva os troncos das árvores, mas elas subiam sem parar e não respeitavam peras, maçãs, nem laranjas, invadiam a horta e acabavam com os melões, entravam na leiteria, e o leite amanhecia azedo e cheio de minúsculos cadáveres, introduziam-se no galinheiro e devoravam os frangos vivos, deixando um desperdício de penas e uns lamentáveis ossinhos. Faziam caminhos dentro de casa, entravam pelos encanamentos, apoderavam-se da despensa, tudo o que se cozinhava tinha de ser comido imediatamente, porque, se permanecesse uns minutos sobre a mesa, elas chegavam em procissão e devoravam. Pedro Segundo García combateu-as com água e fogo, e enterrou esponjas empapadas em mel de abelhas, para que, atraídas pelo doce, elas se juntassem e ele as pudesse matar em grandes quantidades, mas foi tudo em vão. Esteban Trueba foi à aldeia e retornou carregado de pesticidas de todas as marcas conhecidas, em pó, em líquido e em pílulas, e espalhou por todos os cantos com tamanho exagero que não se podiam mais comer os legumes, porque provocavam dor de barriga. As formigas, no

entanto, continuavam a aparecer e multiplicar-se, cada dia mais insolentes e decididas. Esteban foi outra vez à aldeia e mandou um telegrama à capital. Três dias depois desembarcou na estação *mister* Brown, um gringo anão, munido de uma mala misteriosa, que Esteban apresentou como técnico agrícola especialista em pesticidas. Depois de se refrescar com uma jarra de vinho com frutas, abriu sua mala sobre a mesa. Extraiu dela um arsenal de instrumentos nunca vistos, procedeu à coleta de uma formiga e observou-a detidamente com um microscópio.

— Por que olha tanto para ela, *mister*, se são todas iguais? — indagou Pedro Segundo García.

O gringo não lhe respondeu. Quando acabou de identificar a espécie, o estilo de vida, a localização de suas tocas, seus hábitos e até suas mais secretas intenções, havia-se passado uma semana, e as formigas estavam invadindo as camas das crianças, tinham comido as reservas de alimento para o inverno e começavam a atacar os cavalos e as vacas. Então, *mister* Brown explicou que era preciso fumigá-las com um produto de sua invenção que esterilizava os machos, com o que deixavam de se multiplicar, e, logo a seguir, era preciso borrifá-las com outro veneno, também de sua invenção, que provocava uma enfermidade mortal nas fêmeas, e isso, assegurou ele, acabaria com o problema.

— Em quanto tempo? — perguntou Esteban Trueba, que estava passando da impaciência à fúria.

— Um mês — disse *mister* Brown.

— Até lá já terão comido até os homens, *mister* — exclamou Pedro Segundo García. — Se me permite, patrão, vou chamar meu pai. Há três semanas ele vem dizendo que conhece um remédio para a praga. Eu creio que são coisas de velho, mas não vamos perder nada em experimentar.

Chamaram Pedro García, o velho, que chegou arrastando os pés, tão escuro, mirrado e desdentado que Esteban se sobressaltou, constatando a passagem do tempo. O velho escutou com o chapéu na mão, olhando o chão e mastigando o ar com as gengivas nuas. Depois pediu um lenço branco, que Férula lhe trouxe do armário de Esteban, e saiu de casa, atravessou o pátio e foi direto à horta, seguido por todos os habitantes da casa e pelo anão estrangeiro, que sorria com desprezo, estes bárbaros, *oh God!* O ancião abaixou-se com dificuldade e começou a apanhar formigas. Quando juntou um punhado, colocou-as dentro do lenço, atou as quatro pontas e guardou a trouxinha no chapéu.

— Vou-lhes mostrar o caminho para irem embora, formigas, e para levarem as outras — disse.

O velho montou um cavalo e partiu a passo, murmurando

conselhos e recomendações para as formigas, orações de sabedoria e fórmulas de encantamento. Viram-no afastar-se até o limite da propriedade. O gringo sentou-se no chão, rindo como um louco, até que Pedro Segundo García o sacudiu.

— Vá rir-se de sua avó, *mister*; lembre-se de que o velho é meu pai — advertiu-o.

Ao entardecer, Pedro García regressou. Desmontou vagarosamente, disse ao patrão que tinha posto as formigas na estrada e foi para sua casa. Estava cansado. Na manhã seguinte, viram que não havia formigas na cozinha nem na despensa; procuraram no celeiro, no estábulo, nos galinheiros; foram aos pastos e até mesmo ao rio; revistaram tudo e não encontraram uma só, nem para amostra. O técnico estava frenético.

— Tem que me dizer como se faz isso! — gritava.

— Falando com elas, *mister*. Diga a elas para irem embora, que aqui estão incomodando, e elas entendem — explicou Pedro García, o velho.

Clara foi a única que considerou natural o procedimento. Férula agarrou-se a isso para dizer que se encontravam num buraco, numa região inumana, onde não funcionavam as leis de Deus nem o progresso da ciência, que qualquer dia estariam voando em vassouras, mas Esteban Trueba a fez calar-se; não queria que novas ideias passassem pela cabeça de sua mulher. Nos últimos dias, Clara tinha voltado a seus afazeres lunáticos, a falar com as aparições e passar horas escrevendo nos cadernos de anotar a vida. Quando perdeu o interesse pela escola, pela oficina de costura ou pelas reuniões feministas e voltou a dizer que tudo era muito bonito, compreenderam que estava novamente grávida.

— Por culpa sua! — gritou Férula ao irmão.

— Assim espero — suspirou ele.

Em breve, tornou-se evidente que Clara não estava em condições de passar a gravidez no campo e parir na aldeia; por isso, organizaram o regresso à capital, o que, em certa medida, consolou Férula, que considerava a gravidez de Clara uma afronta pessoal. Viajou primeiro, com parte da bagagem e os empregados, a fim de abrir o casarão da esquina e preparar a chegada de Clara. Dias depois, Esteban acompanhou a mulher e a filha de volta à cidade, deixando novamente Las Tres Marías nas mãos de Pedro Segundo García, que passara a ser seu administrador, ainda que por isso não obtivesse regalias — apenas mais trabalho.

A viagem de Las Tres Marías até a capital acabou de esgotar as forças de Clara. Eu a via cada vez mais pálida, asmática, com olheiras. O bambolear dos cavalos e, depois, a trepidação do trem, a poeira da

estrada e sua natural tendência ao enjoo iam consumindo suas energias a olhos vistos, e eu não podia fazer muito para ajudá-la, porque, quando estava mal, preferia que não lhe falassem. Ao descermos na estação, tive de ampará-la, porque as pernas lhe fraquejavam.

— Acho que vou me elevar — anunciou ela.

— Aqui não! — gritei-lhe, assustado com a ideia de que saísse voando acima das cabeças dos passageiros que percorriam a estação.

Ela não se referia, no entanto, à levitação concreta, mas sim a elevar-se a um nível que lhe permitisse libertar-se do desconforto, do peso da gravidez e da profunda fadiga que lhe penetrava os ossos. Entrou em outro de seus longos períodos de silêncio, que durou vários meses, durante os quais se servia da lousa de escrever, como nos tempos da mudez. Nessa ocasião, não me alarmei, supondo que recuperaria a normalidade, como acontecera depois do nascimento de Blanca, e, por outro lado, porque eu havia compreendido que o silêncio era o último refúgio inviolável de minha mulher, e não uma doença mental, como insistia o doutor Cuevas. Férula cuidava dela da mesma forma obsessiva como cuidara antes de nossa mãe, tratava-a como se fosse uma inválida, não queria deixá-la sozinha nem por minutos e tinha-se descuidado de Blanca, que chorava o dia inteiro porque queria regressar a Las Tres Marías. Clara deambulava pela casa como uma sombra, gorda e calada, com um desinteresse budista por tudo o que a cercava. Quanto a mim, nem sequer me olhava, passava ao meu lado como se eu fosse um móvel e, quando eu lhe dirigia a palavra, ficava no mundo da lua, como se não me ouvisse ou não me conhecesse. Não tínhamos voltado a dormir juntos. Os dias ociosos na cidade e a atmosfera irracional que se respirava naquela casa deixavam-me os nervos em frangalhos. Tentava manter-me ocupado, mas isso não era suficiente: estava sempre de mau humor. Saía todos os dias para controlar meus negócios. Nessa época, comecei a especular na Bolsa de Valores e passava horas analisando as altas e baixas das cotações internacionais, dediquei-me a investir em prata, a formar sociedades, a fazer importações. Passava muitas horas no clube. Comecei também a interessar-me pela política e até entrei num ginásio, onde um gigantesco treinador me obrigava a exercitar músculos que eu não suspeitava ter no corpo. Tinham-me recomendado massagens, mas jamais gostei desse tipo de coisa: detesto ser tocado por mãos mercenárias. Nada disso, contudo, preenchia meu tempo; sentia-me desconfortável e aborrecido, queria voltar para o campo, mas não me atrevia a deixar a casa, onde, por todos os motivos, era necessária a presença de um homem sensato em meio àquelas mulheres histéricas. Além disso, Clara estava engordando em demasia. Tinha uma barriga descomunal, que seu

frágil esqueleto mal podia sustentar. Por pudor, não queria que eu a visse nua, mas era minha mulher, e eu não iria permitir que tivesse vergonha de mim. Ajudava-a a tomar banho e vestir-se, quando Férula não se adiantava, e tinha-lhe infinita pena, tão pequena e delgada, com aquela pança monstruosa, aproximando-se perigosamente do momento do parto. Muitas vezes, preocupei-me, imaginando que ela pudesse morrer ao dar à luz, e trancava-me com o doutor Cuevas para discutir a melhor maneira de ajudá-la. Tínhamos concordado que, se a situação não se apresentasse favorável, seria melhor fazer-lhe outra cesariana, mas eu não queria que a levassem para uma clínica, e ele se negava a fazer-lhe outra operação como a primeira, na sala de jantar da casa. Alegava que ali não havia condições necessárias, mas naquela época as clínicas eram um foco de infecções, sendo nelas mais numerosos os que morriam do que os que se salvavam.

Um dia, faltando pouco para a data do parto, sem qualquer aviso prévio, Clara desceu de seu refúgio bramânico e voltou a falar. Quis uma chávena de chocolate e pediu-me que a levasse para passear. Meu coração deu um tranco. Toda a casa se encheu de alegria, abrimos champanha, mandei pôr flores frescas em todos os vasos, encomendei camélias, suas flores preferidas, e com elas atapetei seu quarto; Clara, porém, começou uma crise de asma, e rapidamente tivemos de tirá-las dali. Fui à rua dos joalheiros judeus e comprei-lhe um broche de diamantes, pelo qual ela me agradeceu efusivamente, achou muito bonito, mas nunca a vi usando. Suponho que terá ido parar em algum lugar impensado onde o pôs e logo o esqueceu, como quase todas as joias que lhe comprei ao longo de nossa vida em comum. Chamei o doutor Cuevas, que apareceu sob o pretexto de tomar chá, mas na realidade vinha examinar Clara. Levou-a ao quarto e depois disse-nos, a Férula e a mim, que, se sua crise mental parecia curada, tinha de se preparar para um parto difícil, porque a criança era muito grande. Nesse momento, Clara entrou na sala, tendo supostamente ouvido a última frase.

— Vai dar tudo certo, não se preocupem — disse.

— Espero que desta vez seja homem, para ter meu nome — gracieji.

— Não é um, são dois — respondeu Clara. — Os gêmeos vão-se chamar Jaime e Nicolás — acrescentou.

Aquilo foi demais para mim. Suponho que tenha explodido em decorrência da pressão acumulada nos últimos meses. Fiquei furioso, disse que aqueles eram nomes de comerciantes estrangeiros, que ninguém se chamava assim em minha família nem na dela e que pelo menos um deveria chamar-se Esteban, como eu e meu pai, mas Clara explicou que os nomes repetidos criavam confusão nos cadernos de anotar a vida e manteve-se inflexível em sua decisão. Para assustá-la,

despedacei com um murro um jarão de porcelana, que, imagino, era o último vestígio dos tempos faustosos de meu bisavô, mas ela não se comoveu, e o doutor Cuevas sorriu por trás de sua chávena de chá, o que me deixou ainda mais indignado. Saí batendo a porta e fui ao clube.

Nessa noite me embriaguei. Em parte porque precisava disso e em parte por vingança, fui ao bordel mais conhecido da cidade, que tinha um nome histórico. Quero esclarecer que não sou homem de prostitutas e que só nos períodos em que me foi dado viver sozinho por longo tempo recorri a elas. Não sei o que me passou pela cabeça nesse dia, estava irritado com Clara, andava aborrecido, sobravam-me energias, e deixei-me tentar. Naqueles anos os negócios do Cristóbal Colón eram florescentes, mas ele não tinha adquirido ainda o prestígio internacional que chegou a ter quando constava nas cartas de navegação das companhias inglesas e nos folhetos turísticos, e foi filmado pela televisão. Entrei num salão com móveis franceses desses com pés retorcidos, onde me recebeu uma matrona nacional que imitava à perfeição o sotaque de Paris e me informou inicialmente a lista de preços e, em seguida, me perguntou se eu tinha em mente alguém em especial. Disse-lhe que minha experiência se limitava ao Farolito Rojo e a alguns miseráveis lupanares de mineiros do Norte, de modo que qualquer mulher jovem e limpa me serviria.

— O senhor é muito simpático, *monsieur* — disse ela. — Vou-lhe trazer o melhor da casa.

A seu chamado, apareceu uma mulher enfiada num vestido de cetim preto tão apertado que mal continha a exuberância de sua feminilidade. Tinha o cabelo puxado sobre uma orelha, penteado que eu sempre detestei, e, à sua passagem, deixava flutuando no ar um terrível perfume almiscarado, tão persistente quanto um gemido.

— Fico feliz em vê-lo, patrão — cumprimentou-me, e, então, eu a reconheci, porque a voz era a única coisa que não havia mudado em Tránsito Soto.

Levou-me pela mão a um quarto fechado como um túmulo, com as janelas ocultadas por cortinas escuras, onde não havia penetrado um raio de luz natural desde tempos ignotos, mas que, de qualquer modo, parecia um palácio se comparado às sórdidas instalações do Farolito Rojo. Ali, tirei pessoalmente o vestido de cetim preto de Tránsito, desarrumei seu horrendo penteado e pude ver que nesses anos tinha crescido, engordado e envelhecido.

— Vejo que prosperou muito — disse-lhe.

— Graças ao seus cinquenta pesos, patrão. Serviram-me para começar — respondeu-me. — Agora posso devolvê-los reajustados, porque, com a inflação, já não valem o que valiam antes.

— Prefiro que me deva um favor, Tránsito! — disse-lhe rindo.

Acabei de lhe tirar as anáguas e constatei que não existia quase nada da mocinha delgada, com joelhos e cotovelos salientes, que trabalhava no Farolito Rojo, exceto a incansável disposição para a sensualidade e a voz de pássaro rouco. Seu corpo fora depilado, e sua pele friccionada com limão e mel de hamamélis, como me explicou, até ficar suave e branca como a de uma criança. Tinha as unhas pintadas de vermelho e uma serpente tatuada em torno do umbigo, que conseguia mover em círculos enquanto mantinha em perfeita imobilidade o resto do corpo. Enquanto demonstrava sua habilidade para ondular a serpente, contou-me sua vida.

— Se tivesse ficado no Farolito Rojo, o que teria sido de mim, patrão? Já não teria dentes, seria uma velha. Esta profissão é muito desgastante, temos que nos cuidar. E olhe que eu não trabalho na rua! Jamais gostei, é muito perigoso. Na rua é preciso ter um rufião ou corre-se muito risco. Ninguém nos respeita. Mas por que dar a um homem o que custa tanto ganhar? Nesse sentido, as mulheres são muito estúpidas. São filhas da necessidade. Precisam de um homem para se sentir seguras e não se dão conta de que a única coisa que há a temer são os próprios homens. Não sabem administrar-se e precisam sacrificar-se por alguém. As putas são as piores, patrão, acredite. Passam a vida trabalhando para um cafetão, alegram-se quando ele as surra, sentem-se orgulhosas de vê-lo bem-vestido, com dentes de ouro, com anéis, e, quando ele as deixa ou vai com outra mais nova, perdoam-lhe porque “é homem”. Não, patrão, eu não sou assim. Nunca fui mantida por ninguém; por isso, nem que ficasse louca, eu manteria fosse quem fosse. Trabalho para mim, e o que ganho gasto como quero. Custou-me muito, não pense que foi fácil, porque as donas dos prostíbulos não gostam de lidar com mulheres, preferem entender-se com os rufiões. Não ajudam nenhuma de nós. Não têm consideração.

— Mas parece que aqui a apreciam, Tránsito. Disseram-me que você é a melhor da casa.

— E sou. Mas este negócio iria por água abaixo se não fosse por mim, que trabalho como um burro — disse ela. — As outras já estão como esfregões, patrão. Aqui só vêm velhos, já não é mais como antes. É preciso modernizar essa questão, para atrair os funcionários públicos, que não têm nada para fazer ao meio-dia, a juventude, os estudantes. É preciso ampliar as instalações, dar mais alegria ao local e limpar. Limpar a fundo! Assim a clientela teria confiança e não ficaria imaginando que pode pegar uma doença venérea, não é verdade? Isto é uma porcaria. Não limpam nunca. Olhe, levante o tapete, e tenho certeza de que lhe salta um percevejo. Já disse tudo isso à *madame*, mas ela não me dá atenção. Não tem tino para o negócio.

— E você tem?

— Claro, patrão! Tenho um milhão de ideias para melhorar o Cristóbal Colón. Esta profissão me entusiasma! Não sou como essas que só se queixam e culpam a má sorte quando algo vai mal. Não vê aonde cheguei? Já sou a melhor. Se me empenhar, posso ter a melhor casa do país, garanto-lhe.

Eu estava me divertindo muito. Sabia apreciá-la, porque, de tanto ver a ambição no espelho quando fazia a barba pela manhã, tinha aprendido a reconhecê-la quando a via nos outros.

— Parece-me uma excelente ideia, Tránsito. Por que não montar seu próprio negócio? Eu entro com o capital — ofereci-lhe, fascinado com a ideia de ampliar meus interesses comerciais nessa direção. Deveria estar muito bêbado!

— Não, obrigada, patrão — respondeu Tránsito acariciando sua serpente com a unha esmaltada. — Não me convém sair de um capitalista para cair em outro. O que é preciso fazer é uma cooperativa e mandar a *madame* para o caralho. Não ouviu falar nisso? Tenha cuidado; se seus empregados formam uma cooperativa no campo, você está fodido. O que eu quero é uma cooperativa de putas. Podem ser putas e bichas, para dar mais amplitude ao negócio. E nós mesmas entramos com tudo, o capital e o trabalho. Para que vamos querer um patrão?

Fizemos amor de maneira violenta e feroz, de uma forma que eu quase tinha esquecido de tanto navegar no veleiro de águas mansas da seda azul. Naquela desordem de travesseiros e lençóis, estreitados no cego nó do desejo, enroscando-nos até desfalecer, voltei a sentir-me com 20 anos, contente por ter nos braços essa fêmea brava e escura que não se desfazia em fiapos quando a montavam, uma égua forte que se podia cavalgar sem contemplações, sem que as mãos nos ficassem pesadas, a voz muito dura, os pés muito grandes ou a barba muito áspera, uma pessoa comum, que resiste a uma enfiada de palavrões ao ouvido e não precisa ser embalada com ternuras nem enganada com galanteios. Depois, entorpecido e feliz, descansei um pouco a seu lado, admirando-lhe a curva sólida das ancas e o tremor da serpente.

— Voltaremos a nos ver, Tránsito — disse, entregando-lhe a gratificação.

— Eu já lhe disse isso antes, patrão, recorda-se? — respondeu-me com um último vaivém da serpente. Na realidade, não tinha a intenção de tornar a vê-la. Preferia esquecê-la.

Não teria mencionado esse episódio se Tránsito não houvesse desempenhado um papel tão importante para mim muito tempo depois, porque, como já disse, não sou homem de prostitutas. Mas esta história não poderia ter sido escrita se ela não tivesse intervindo para

nos salvar e salvar, ao mesmo tempo, nossas recordações.

Poucos dias depois, enquanto o doutor Cuevas estava preparando o ânimo de Clara para voltar a lhe abrir a barriga, morreram Severo e Nívea del Valle, deixando vários filhos e 47 netos vivos. Clara inteirou-se do fato antes de qualquer um, por causa de um sonho que tivera, mas nada disse senão a Férula, que procurou tranquilizá-la, explicando-lhe que a gravidez produz um estado de sobressalto em que os pesadelos são frequentes. Duplicou os cuidados, friccionava-a com óleo de amêndoas doces para evitar as estrias na pele do ventre, passava-lhe mel de abelhas nos mamilos para não gretarem, fazia-a comer cascas de ovo moídas para que tivesse bom leite e não lhe cariassem os dentes, e rezava orações de Belém para um bom parto. Dois dias depois do sonho, chegou Esteban Trueba em casa mais cedo do que de costume, pálido e descomposto, tomou a irmã Férula por um braço e fechou-se com ela na biblioteca.

— Meus sogros morreram num acidente — informou-a brevemente. — Não quero que Clara saiba antes do parto. Temos de fazer um muro de censura à sua volta, nem jornais, nem rádio, nem visitas, nada! Vigie os empregados para que ninguém lhe diga nada.

Suas boas intenções, contudo, anularam-se pela força das premonições de Clara. Naquela noite voltou a sonhar que os pais caminhavam por um campo de cebolas e Nívea estava sem cabeça, de modo que, assim, soube tudo o que ocorrera sem necessidade de ler jornal nem ouvir rádio. Acordou muito excitada e pediu a Férula que a ajudasse a vestir-se, porque precisava sair à procura da cabeça da mãe. Férula comunicou imediatamente a Esteban, e ele chamou o doutor Cuevas, que, apesar do risco de prejudicar os gêmeos, lhe deu uma beberagem para loucos, destinada a fazê-la dormir dois dias, mas que nela não produziu o menor efeito.

Os esposos del Valle morreram como Clara sonhou e como, brincando, Nívea anunciara frequentemente que morreriam.

— Qualquer dia vamos morrer nessa máquina infernal — dizia Nívea, apontando para o velho automóvel do marido.

Severo del Valle teve, desde jovem, um fraco pelos inventos modernos. O automóvel não foi exceção. Nos tempos em que todos andavam a pé, em coche puxado por cavalos ou em triciclos, ele comprou o primeiro automóvel que chegou ao país e que fora exposto como curiosidade numa vitrina do Centro. Era um prodígio mecânico que se deslocava à velocidade suicida de quinze a vinte quilômetros por hora, em meio ao assombro dos pedestres e das maldições daqueles que, à sua passagem, ficavam salpicados de barro ou cobertos de pó. A princípio, foi combatido como um perigo público. Eminentemente cientistas explicaram pela imprensa que o organismo

humano não fora feito para resistir a deslocamentos de vinte quilômetros por hora e que o novo componente, que denominavam gasolina, poderia inflamar-se e produzir uma reação em cadeia que destruiria a cidade. Até a Igreja opinou a respeito. O padre Restrepo, que mirava a família del Valle desde a constrangedora questão de Clara na missa da Quinta-Feira Santa, constituiu-se em guardião dos bons costumes e fez ouvir sua voz da Galiza contra os *amicis rerum novarum*, amigos das coisas novas, como esses aparelhos satânicos, que comparou com o carro de fogo em que o profeta Elias desapareceu em direção ao Céu. Severo, porém, ignorou o escândalo, e, em pouco tempo, outros cavalheiros seguiram seu exemplo, até que o espetáculo dos automóveis deixou de ser uma novidade. Usou-o durante mais de dez anos, negando-se a trocá-lo por outro modelo quando a cidade se encheu de carros modernos, mais eficientes e seguros, pela mesma razão que sua mulher não se quis desfazer dos cavalos de traço até morrerem tranquilamente de velhice. O Sunbeam tinha cortinas com rendas e duas floreiras de cristal nas costas dos bancos, em que Nívea conservava flores frescas, era todo forrado de madeira polida e de couro castanho-claro, e suas peças de bronze eram brilhantes como o ouro. Apesar de sua origem britânica, foi batizado com um nome indígena, Covadonga. Era, na verdade, perfeito, à exceção do fato de os freios nunca terem funcionado bem. Severo orgulhava-se de suas habilidades mecânicas. Desmontou-o várias vezes, tentando consertá-lo, e outras tantas confiou-o ao Grande Cornudo, um mecânico italiano que era o melhor do país e cujo apelido se devia a uma tragédia que lhe havia entristecido a vida: sua mulher, cansada de lhe pôr chifres, sem que ele descobrisse, abandonou-o numa noite de tempestade, mas, antes de partir, amarrou, no alto da porta da oficina mecânica, uns cornos de carneiro que conseguiu com o açougueiro. No dia seguinte, quando o italiano chegou ao trabalho, encontrou uma cambada de garotos e vizinhos se divertindo à sua custa. Aquele drama, no entanto, não abalou seu prestígio profissional, embora ele não tivesse conseguido consertar os freios do Covadonga. Severo optou por carregar no automóvel uma grande pedra, e, quando o estacionava em ladeiras, um passageiro pisava o freio, e outro descia rapidamente, e colocava a pedra na frente das rodas. O sistema em geral dava bom resultado, mas naquele domingo fatal, assinalado pelo destino como o último de suas vidas, não funcionou. O casal del Valle passeava pelos arrabaldes da cidade, como sempre fazia nos dias de sol. Os freios de súbito pararam completamente de funcionar, e, antes que Nívea conseguisse saltar do carro para colocar a pedra ou Severo pudesse manobrar, o automóvel foi rodando ladeira abaixo; Severo tentou desviá-lo ou detê-lo, mas o demônio apoderara-se da máquina, que voou, descontrolada, até se espetar numa carroça carregada de

ferro de construção. Uma das lâminas entrou pelo para-brisa e decapitou Nívea, cuja cabeça saiu em disparada, e, apesar das buscas da polícia, dos guardas florestais e dos vizinhos voluntários que a rastream com cães, foi impossível encontrá-la durante dois dias. No terceiro dia, como os corpos comesçassem a feder, tiveram de enterrá-los incompletos, num funeral magnífico a que assistiram o clã del Valle e um incrível número de amigos e conhecidos, além das delegações de mulheres que foram despedir-se dos restos mortais de Nívea, considerada então a primeira feminista do país e a respeito de quem os inimigos ideológicos comentaram que, se tinha perdido a cabeça em vida, não havia razão para que a conservasse na morte. Clara, recolhida em casa, rodeada de empregados que dela cuidavam, com Férula como guardiã e sedada pelo doutor Cuevas, não assistiu ao enterro. Não fez nenhum comentário que indicasse ter conhecimento do horripilante assunto da cabeça perdida, em consideração a todos os que haviam tentado poupar-lhe esta última dor; no entanto, quando terminaram os funerais e a vida pareceu voltar à normalidade, Clara convenceu Férula a acompanhá-la na busca, e foi inútil sua cunhada lhe dar mais beberagens e pílulas, porque não desistiu da ideia. Vencida, Férula compreendeu que não era possível continuar alegando que o caso da cabeça era um pesadelo e que o melhor seria ajudá-la em seus planos, antes que a ansiedade a perturbasse ainda mais. Esperaram que Esteban Trueba saísse. Férula ajudou-a a vestir-se e chamou um coche de aluguel. As instruções de Clara ao motorista foram meio imprecisas.

— O senhor siga em frente, e eu vou dizendo o caminho — instruiu-o, guiada por seu instinto para ver o invisível.

Saíram da cidade e entraram no descampado em que as casas se distanciavam e começavam as colinas e os vales suaves, e por indicação de Clara enveredaram por um caminho lateral e seguiram por entre os vidoeiros e campos de cebolas até ela indicar ao motorista que parasse junto de um matagal.

— É aqui — disse.

— Não pode ser! Estamos longe demais do lugar do acidente! — duvidou Férula.

— É aqui! — insistiu Clara, descendo do coche com dificuldade, balançando o enorme ventre, seguida pela cunhada, que murmurava orações, e pelo homem, que não tinha a menor ideia do objetivo daquela viagem. Tentou rastejar mato adentro, mas o volume dos gêmeos a impediu.

— Senhor, faça-me a gentileza de entrar ali e pegar uma cabeça de senhora que vai encontrar — pediu ao motorista.

Ele se arrastou sob os espinhos e encontrou a cabeça de Nívea, que parecia um melão solitário. Pegou-a pelo cabelo e saiu com ela,

engatinhando. Enquanto o homem vomitava, apoiado numa árvore próxima, Férula e Clara limpavam Nívea da terra e dos seixos que havia em suas orelhas, seu nariz e sua boca, e ajeitaram-lhe o cabelo, que se despenteara um pouco, mas não lhe puderam fechar os olhos. Envolveram-na num xale e regressaram ao coche.

— Aprese-se, senhor, porque acho que vou dar à luz! — disse Clara ao motorista.

Chegaram justamente a tempo de acomodar a mãe em sua cama. Férula tratou dos preparativos enquanto um empregado ia buscar o doutor Cuevas e a parteira. Clara, que, com os solavancos do coche, as emoções dos últimos dias e as beberagens do médico, adquirira a capacidade de dar à luz com a facilidade que não tivera com sua primeira filha, cerrou os dentes, agarrou-se ao mastro de mezena e à trave do veleiro, e entregou-se à tarefa de trazer ao mundo na água mansa da seda azul Jaime e Nicolás, que nasceram precipitadamente, ante o olhar atento da avó, cujos olhos continuavam abertos, observando-os da cômoda. Férula agarrou-os um de cada vez pela mecha de cabelo úmido que lhes coroava a nuca e ajudou-os, puxando-os com a experiência adquirida em ver nascerem potros e vitelos em Las Tres Marías. Antes que chegassem o médico e a parteira, ocultou sob a cama a cabeça de Nívea, a fim de evitar explicações embaraçosas. Quando eles chegaram, tiveram muito pouco a fazer, porque a mãe descansava, tranquila, e as crianças, pequenas como prematuros, mas com todas as partes inteiras e em bom estado, dormiam nos braços de sua extenuada tia.

A cabeça de Nívea tornou-se um problema, pois não havia onde colocá-la para que não fosse vista. Por fim, Férula colocou-a dentro de uma caixa de couro para guardar chapéus envolta em trapos. Discutiram a possibilidade de enterrá-la como Deus manda, mas demandaria uma papelada interminável conseguir que abrissem o túmulo para nele incluir o que faltava, e, por outro lado, temiam o escândalo, caso se tornasse pública a maneira como Clara a encontrara, tendo os sabujos fracassado. Esteban Trueba, como sempre temeroso do ridículo, optou por uma solução que não desse argumentos às más línguas, porque sabia que o estranho comportamento de sua mulher era alvo de mexericos. Transcendera a aptidão de Clara para mover objetos sem tocá-los e para adivinhar o impossível. Alguém desenterrou a história da mudez de Clara durante a infância e a acusação do padre Restrepo, aquele santo varão que a Igreja pretendia converter no primeiro beato do país. Os dois anos em Las Tres Marías serviram para calar os murmúrios e para que as pessoas esquecessem, mas Trueba sabia que bastava uma insignificância, como o assunto da cabeça da sogra, para que voltassem os falatórios. Por isso, e não por desleixo, como se disse

anos mais tarde, a caixa de chapéu foi guardada no porão à espera de ocasião adequada para ganhar uma sepultura cristã.

Clara recompôs-se do duplo parto com rapidez. Entregou a criação dos meninos à sua cunhada e à Nana, que, depois da morte dos antigos patrões, se empregou na casa dos Trueba, para continuar servindo o mesmo sangue, como dizia. Nasceu para embalar filhos alheios, usar a roupa que os outros dispensavam, comer suas sobras, viver de sentimentos e tristezas emprestados, envelhecer sob teto alheio, morrer um dia em seu cubículo do último pátio, em cama que não era sua, e ser enterrada na vala comum do Cemitério Central. Tinha cerca de 70 anos, mas mantinha-se imperturbável em seu trabalho, incansável nas lidas da casa, imune ao tempo, com agilidade para disfarçar-se de cuco e assustar Clara pelos cantos quando lhe baixava a mania da mudez e da lousa, com força para lidar com os gêmeos e ternura para mimar Blanca, tal como antes o fizera com sua mãe e sua avó. Adquirira o hábito de murmurar orações constantemente, porque, quando se deu conta de que ninguém na casa tinha fé, assumiu a responsabilidade de orar pelos vivos da família e certamente também pelos mortos, como um prolongamento dos serviços que lhes havia prestado em vida. Na velhice, chegou a esquecer para quem rezava, mas manteve o costume, com a certeza de que para alguém serviria. A devoção era a única coisa que compartilhava com Férula. Em todo o resto, foram rivais.

Uma sexta-feira, à tarde, bateram à porta do casarão da esquina três senhoras translúcidas, de mãos tênues e olhos de bruma, com ultrapassados chapéus floridos e banhadas com intenso perfume de violetas silvestres, que se infiltrou por todos os cômodos e deixou a casa cheirando a flores por vários dias. Eram as três irmãs Mora. Clara estava no jardim e parecia tê-las esperado toda a tarde; recebeu-as com um menino em cada peito e com Blanca brincando a seus pés. Olharam-se, reconheceram-se, sorriram-se. Foi o começo de uma apaixonada relação espiritual que lhes durou toda a vida e que, se suas previsões se cumpriram, continua no Além.

As três irmãs Mora eram estudiosas do espiritismo e dos fenômenos naturais, sendo as únicas detentoras da prova irrefutável de que as almas podem materializar-se, graças a uma fotografia que as mostrava à volta de uma mesa e, voando acima de suas cabeças, um ectoplasma difuso e alado, que alguns descrentes atribuíam a uma mancha na revelação do retrato e outros, a um simples engano do fotógrafo. Por condutas misteriosas ao alcance dos iniciados, inteiraram-se da existência de Clara, puseram-se em contato telepático com ela e compreenderam de imediato que eram irmãs astrais. Por meio de discretas averiguações, localizaram seu endereço terrestre e

apresentaram-se com seus próprios baralhos impregnados de fluidos benéficos, uns jogos de figuras geométricas e números cabalísticos de sua invenção, para desmascarar os falsos parapsicólogos, e uma travessa de pasteizinhos simples e tradicionais de presente para Clara. Fizeram-se amigas íntimas e, a partir desse dia, tentavam encontrar-se todas as sextas-feiras para invocar os espíritos, trocar cabalas e receitas culinárias. Descobriram a forma de enviar energia mental do casarão da esquina até o outro extremo da cidade — onde moravam as Mora, num velho moinho que tinham transformado em sua excêntrica habitação — e também no sentido inverso, com o que podiam apoiar-se nas circunstâncias difíceis da vida cotidiana. As Mora conheciam muitas pessoas, quase todas interessadas nesses assuntos, que começaram a chegar às reuniões das sextas-feiras e traziam seus conhecimentos e fluidos magnéticos. Esteban Trueba via-as desfilar pela casa e impôs como únicas condições que respeitassem sua biblioteca, não utilizassem as crianças para experiências psíquicas e fossem discretas, porque não queria escândalo público. Férula desaprovava essas atividades de Clara, porque lhe pareciam em desacordo com a religião e os bons costumes. Observava as sessões a uma distância prudente, sem participar, mas vigiando de rabo de olho enquanto tecia, disposta a intervir imediatamente se Clara entrasse em algum transe. Verificara que sua cunhada ficava exausta depois de algumas sessões em que servia de médium e começava a falar em idiomas pagãos com uma voz que não era a sua. A Nana também vigiava, sob o pretexto de oferecer cafezinho, espantando as almas com suas anáguas engomadas e seu cacarejar de orações murmuradas e de dentes soltos; não fazia isso, entretanto, para cuidar de Clara em seus próprios excessos, mas para se certificar de que ninguém roubasse os cinzeiros. Era inútil Clara explicar-lhe que suas visitas não tinham o menor interesse neles — até porque ninguém fumava —, pois a Nana as classificara, todas, exceto as três encantadoras jovens Mora, como um bando de rufiões evangélicos.

Nana e Férula detestavam-se. Disputavam o carinho das crianças e se enfrentavam pelo privilégio de cuidar de Clara em suas excentricidades e desvarios em surdo e permanente combate que se desenrolava nas cozinhas, nos pátios, nos corredores, embora nunca perto de Clara, porque as duas concordavam em evitar-lhe esse aborrecimento. Férula desenvolvera por Clara uma paixão zelosa, mais própria a um marido exigente do que a uma cunhada. Com o tempo, perdeu a prudência e começou a deixar transparecer sua adoração em detalhes que não passavam despercebidos a Esteban. Quando ele retornava do campo, Férula procurava convencê-lo de que Clara estava naquilo que chamavam “um de seus maus momentos”, a fim de evitar que ele dormisse em sua cama e estivesse com ela mais do que

em poucas ocasiões e, ainda assim, por tempo limitado. Argumentava recomendações do doutor Cuevas que depois, ao serem confrontadas com o médico, se demonstravam inventadas. Interpunha-se de mil maneiras entre marido e mulher, e, se tudo falhasse, incitava as três crianças a pedir para passear com o pai, ler com a mãe, ser veladas porque tinham febre e ter companhia nas brincadeiras. “Pobrezinhos, necessitam do papai e da mamãe. Passam todo o dia nas mãos dessa velha ignorante que lhes põe ideias atrasadas na cabeça e os está transformando em imbecis com suas superstições; o que se deve fazer com a Nana é interná-la, dizem que as Servas de Deus têm um asilo para empregadas velhas que é uma maravilha: são tratadas como senhoras, não têm que trabalhar, há boa comida, isso seria o mais humano, pobre Nana, já não aguenta mais”, dizia. Sem que conseguisse detectar a causa, Esteban começou a sentir-se pouco à vontade em sua própria casa. Percebia sua mulher cada vez mais afastada, mais rara e inacessível, não a atingia nem com presentes, nem com suas tímidas demonstrações de ternura, nem com a paixão desenfreada que o perturbava sempre em sua presença. Durante todo esse tempo, seu amor aumentava até se fazer obsessão. Queria que Clara não pensasse em ninguém mais senão nele, que não tivesse mais vida além da que pudesse repartir com ele, que lhe contasse tudo, que nada possuísse se não viesse de suas mãos e que dele dependesse completamente.

A realidade, porém, era diferente, e Clara parecia estar voando de aeroplano, como seu tio Marcos, solta do solo firme, procurando Deus em disciplinas tibetanas, consultando na mesa de três pés os espíritos, que davam pancadinhas, duas para sim, três para não, decifrando mensagens de outros mundos, que lhe indicavam até as condições climáticas. Um dia anunciaram que havia um tesouro escondido sob a lareira, e ela mandou, primeiro, demolir a parede, mas nada apareceu; depois a escada, tampouco; a seguir a metade do salão principal, e nada. Finalmente foi informada de que o espírito, confundido com as modificações arquitetônicas que ela fizera na casa, não reparara que o esconderijo dos dobrões de ouro não estava no casarão dos Trueba, mas do outro lado da rua, na casa dos Ugarte, que se negaram a demolir a sala de jantar, não acreditando na história do fantasma espanhol. Clara não era capaz de fazer as tranças de Blanca para mandá-la à escola; disso se encarregavam Férula ou a Nana; mas tinha com sua filha uma extraordinária relação, baseada nos mesmos princípios da que tivera com Nívea, contavam-se histórias, liam os livros mágicos dos baús encantados, viam os retratos de família, relatavam casos de tios que deixam escapar gases e de cegos que caem como gárgulas dos álamos, saíam para olhar a cordilheira e contar as nuvens, comunicavam-se uma com a outra em idioma inventado que

suprimia o *t* no castelhano e o substituí-a por *n*, e o *r* por *l*, de maneira que ficavam falando como o chinês da tinturaria. Jaime e Nicolás, entretanto, cresciam separados do binômio feminino, de acordo com o princípio daqueles tempos de que “hão que se fazer homens”. Quanto às mulheres, nasciam com sua condição incorporada geneticamente; não tinham necessidade de adquiri-la mediante as vicissitudes da vida. Os gêmeos tornavam-se fortes e brutos nas brincadeiras próprias de sua idade, primeiro caçando lagartixas para cortar-lhes o rabo, ratos para submeter a competições de velocidade e borboletas para tirar-lhes o pó das asas e, mais tarde, dando murros e pontapés de acordo com as instruções do mesmo chinês da tinturaria, que era avançado para sua época, sendo o primeiro a introduzir no país o conhecimento milenar das artes marciais, embora ninguém lhe tivesse dado valor quando demonstrou ser capaz de quebrar tijolos com a mão e quis montar sua própria academia, tendo, por isso, se dedicado a lavar roupa alheia. Anos mais tarde, os gêmeos acabaram de fazer-se homens, fugindo do colégio para se enfiar no terreno baldio da lixeira, onde trocavam os talheres de prata de sua mãe por alguns minutos de amor proibido com uma mulherona imensa, que podia embalá-los, juntos, em seus peitos de vaca holandesa, afogá-los, aos dois, na umidade de suas axilas, esmagá-los com seus músculos de elefante e levar os dois à glória com a cavidade escura, sumarenta e quente do seu sexo. Isso, entretanto, foi muito mais tarde, e Clara nunca chegou a saber, de modo que não pôde registrar isso em seus cadernos para que eu pudesse ler algum dia. Tomei conhecimento desse fato por outras vias.

Os assuntos domésticos não interessavam a Clara. Vagava pelos cômodos sem estranhar que tudo estivesse em perfeito estado de ordem e limpeza. Sentava-se à mesa sem perguntar quem preparava a comida e onde compravam os alimentos, não lhe importando quem a servisse, esquecia o nome dos empregados e, às vezes, até o dos próprios filhos; no entanto, parecia estar sempre presente, como um espírito benéfico e alegre, a cuja passagem os relógios começavam a trabalhar. Vestia-se de branco, porque decidiu que era a única cor que não alterava sua aura, com os vestidos simples que Férula fazia à máquina de costura e que ela preferia à ostentação dos trajes com drapeados e pedrarias que seu marido lhe ofertava, com o propósito de deslumbrá-la e vê-la na moda.

Esteban sofria repentes de desespero, porque ela o tratava com a mesma simpatia com que tratava todo mundo, falava-lhe com a entonação carinhosa com que afagava os gatos, era incapaz de perceber se ele estava cansado, triste, eufórico ou com desejo de fazer amor, mas, em contrapartida, adivinhava, pela cor de suas irradiações, quando ele estava tramando alguma baixeza e podia provocar-lhe um

ataque de raiva com duas frases zombeteiras. Exasperava-o o fato de Clara nunca parecer estar realmente agradecida por nada e nunca necessitar de algo que ele lhe pudesse dar. Na cama era distraída e risonha como em todas as demais situações, descontraída e simples, mas ausente. Sabia que tinha seu corpo para fazer todas as ginásticas aprendidas nos livros que escondia num compartimento da biblioteca, mas até os pecados mais abomináveis com Clara pareciam brincadeiras de recém-nascido, porque era impossível temperá-los com o sal de qualquer mau pensamento ou a pimenta da submissão. Enfurecido, em algumas ocasiões Trueba recuperava os antigos hábitos e derrubava alguma robusta camponesa nos matagais durante as separações forçadas em que Clara ficava com as crianças na capital e ele tinha de cuidar das tarefas do campo, mas isso, longe de o aliviar, deixava-lhe um gosto amargo na boca, sem que lhe oferecesse nenhum prazer, sobretudo por saber que, se contasse à sua mulher, ela se escandalizaria pelo mau tratamento oferecido à outra, mas nunca pela infidelidade — os ciúmes, como tantos outros sentimentos propriamente humanos, não atingiam Clara. Foi também duas ou três vezes ao Farolito Rojo, mas desistiu, porque já não funcionava com as prostitutas e tinha de engolir a humilhação com desculpas murmuradas de que bebera muito vinho, o almoço lhe fizera mal ou estivera resfriado durante vários dias. Não voltou, contudo, a procurar Tránsito Soto, pressentindo que ela representava o perigo da continuidade. Sentia o desejo insatisfeito fervendo-lhe nas entranhas, um fogo impossível de apagar, uma sede de Clara que nunca, nem mesmo nas noites mais fogosas e prolongadas, conseguia saciar. Dormia extenuado, com o coração a ponto de explodir dentro do peito, mas até em seus sonhos tinha consciência de que a mulher que repousava a seu lado não estava de fato ali, mas numa dimensão desconhecida que ele jamais conseguiria alcançar. Às vezes perdia a paciência e sacudia Clara, furioso, gritando-lhe os piores insultos, mas terminava chorando em seu colo e pedindo perdão por sua brutalidade. Clara compreendia, mas não podia aliviá-lo. O amor desmedido de Esteban Trueba por Clara foi, sem dúvida, o sentimento mais poderoso da sua vida, superando até a raiva e o orgulho, e, meio século depois, continuaria a invocá-lo com o mesmo estremecimento e a mesma urgência. Em seu leito de ancião, ele a chamaria até o fim de seus dias.

As intervenções de Férula agravaram o estado de ansiedade em que Esteban se debatia. Cada obstáculo que sua irmã dispunha entre Clara e ele o deixava fora de si. Chegou a detestar os próprios filhos porque absorviam a atenção da mãe, levou Clara para uma segunda lua de mel, percorrendo os mesmos lugares da primeira, escapavam para hotéis nos fins de semana, mas tudo era inútil. Convenceu-se de que

Férula era a culpada de tudo, tendo semeado em sua mulher o gérmen maléfico que a impedia de amá-lo e roubando, com carícias proibidas, o que a ele, como marido, pertencia. Ficava lívido quando surpreendia Férula dando banho em Clara, tirava-lhe a esponja das mãos, mandava-a embora com violência e erguia Clara da água, sacudindo-a no ar, proibia-lhe que voltasse a deixar-se banhar, porque, na sua idade, era um vício, e depois a enxugava, embrulhando-a em seu robe, e a levava para a cama com a sensação de que estava sendo ridículo. Se Férula servia à sua mulher uma chávena de chocolate, tirava-lhe das mãos, alegando que a tratava como se fosse inválida, se lhe dava um beijo de boa-noite, afastava-a com um safanão, afirmando que não era bom beijarem-se, se escolhia para ela as melhores porções das travessas, afastava-se da mesa, enfurecido. Os dois irmãos chegaram a ser rivais declarados, mediam-se com olhares de ódio, inventavam argúcias para se rebaixar mutuamente aos olhos de Clara, espiavam-se, vigiavam-se. Esteban desistiu de voltar ao campo e encarregou Pedro Segundo García de tudo, incluindo as vacas importadas, deixou de sair com os amigos, ir jogar golfe e trabalhar, para vigiar dia e noite os passos da irmã e ficar na frente dela sempre que se aproximava de Clara. A atmosfera da casa tornou-se irrespirável, densa e sombria, e até a Nana parecia estar endemoninhada. A única que permanecia completamente alheia ao que estava acontecendo era Clara, que, em sua distração e inocência, nada percebia.

O ódio de Esteban e Férula demorou muito até explodir. Começou com um mal-estar dissimulado e um desejo de se ofenderem nos menores detalhes, mas foi crescendo até que ocupou toda a casa. Naquele verão Esteban precisou ir a Las Tres Marías, porque, justamente no momento das colheitas, Pedro Segundo García caiu do cavalo e teve de ir, com a cabeça quebrada, para o hospital das freiras. Assim que seu administrador se recuperou, Esteban regressou à capital sem avisar. No trem perseguiam-no um terrível pressentimento e um desejo inconfessado de que tivesse acontecido algum drama, sem saber que o drama começara quando ele o desejou. Chegou à cidade no meio da tarde, mas foi diretamente ao clube, onde jogou uma partida de bisca e jantou, sem conseguir, contudo, acalmar a inquietação e a impaciência, ainda que não soubesse o que o esperava. Durante o jantar houve um pequeno tremor de terra, os lustres de pingentes balançaram com o habitual chacoalhar do cristal, mas ninguém ergueu a vista, todos continuaram a comer, e os músicos a tocar, sem perder uma nota, exceto Esteban Trueba, que se sobressaltou como se aquilo tivesse sido um aviso. Acabou de comer às pressas, pediu a conta e saiu.

Férula, que em geral tinha os nervos sob controle, nunca pudera habituar-se aos tremores de terra. Chegou a perder o medo dos

fantasmas que Clara invocava e dos ratos do campo, mas os terremotos a assustavam até os ossos, e, muito tempo depois de eles terem passado, ela permanecia abalada. Naquela noite ainda não se tinha deitado e foi ao quarto de Clara, que havia tomado sua infusão de tília e estava dormindo placidamente. À procura de um pouco de companhia e calor, encostou-se a seu lado, evitando acordá-la e murmurando orações silenciosas para que o tremor não degenerasse em terremoto. Ali a encontrou Esteban Trueba. Entrou em casa silencioso como um bandido, subiu ao quarto de Clara sem acender as luzes e surgiu tão de repente como uma tromba-d'água diante das duas mulheres adormecidas, que o julgavam em Las Tres Marías. Lançou-se contra a irmã com a mesma raiva com que teria agredido um sedutor de sua mulher e arrancou-a da cama aos puxões, arrastou-a pelo corredor, desceu-a aos empurrões pela escada e a fez entrar à força na biblioteca, enquanto Clara, da porta do quarto, gritava sem compreender o que tinha acontecido. A sós com Férula, Esteban descarregou sua fúria de marido insatisfeito e gritou à sua irmã o que nunca lhe deveria ter dito, desde fanchona até meretriz, acusando-a de perverter sua mulher, desviá-la com carícias de solteirona, torná-la lunática, distraída, muda e espírita com artes de lésbica, aproveitar-se dela em sua ausência, manchar até o nome dos filhos, a honra da casa e a memória de sua santa mãe, que já estava farto de tanta maldade e que a expulsava de sua casa, que fosse embora rapidamente, que não queria tornar a vê-la nunca mais e lhe proibia que se aproximasse de sua mulher e de seus filhos, que não lhe faltaria dinheiro para subsistir com decência enquanto ele vivesse, como já lhe prometera uma vez, mas que, se voltasse a vê-la rondando sua família, a mataria, que metesse isso bem na cabeça. Juro-lhe por nossa mãe que eu a mato.

— Maldito seja, Esteban! — gritou-lhe Férula. — Ficaré sempre sozinho, sua alma e seu corpo encolherão, e você morrerá como um cachorro!

E saiu para sempre do casarão da esquina, vestindo apenas sua camisola e sem nada levar.

No dia seguinte, Esteban Trueba foi procurar o padre Antônio e contou-lhe em resumo o que acontecera. O sacerdote escutou-o, calmo e com o olhar impassível de quem já tivesse ouvido a história.

— O que você quer de mim, meu filho? — perguntou quando Esteban acabou de falar.

— Que faça chegar à minha irmã todos os meses um envelope que eu lhe entregarei. Não quero que passe dificuldade financeira. E esclareço que não faço isso por afeto, mas para cumprir uma promessa.

Padre Antônio recebeu o primeiro envelope com um suspiro e esboçou o gesto de dar a bênção, mas Esteban já fizera meia-volta e

saíra. Não deu nenhuma explicação a Clara a respeito do que acontecera entre ele e sua irmã. Informou-lhe que a expulsara da casa, proibindo-a de tornar a mencioná-la na sua presença e sugerindo-lhe que, se tivesse alguma decência, tampouco a mencionasse na sua ausência. Mandou recolher sua roupa e todos os objetos que pudessem recordá-la e fez de conta que ela morrera.

Clara compreendeu que seria inútil fazer-lhe perguntas. Foi à sala de costura buscar o pêndulo, que lhe servia para comunicar-se com os fantasmas e usava como instrumento de concentração. Estendeu no chão um mapa da cidade, suspendeu o pêndulo a meio metro e esperou que as oscilações lhe indicassem o rumo da cunhada, mas, depois de tentar durante toda a tarde, percebeu que o sistema não daria resultado se Férula não tivesse domicílio fixo. Dada a ineficácia do pêndulo para localizá-la, saiu vagando de coche, esperando que o instinto a guiasse, mas nem isso deu resultado! Consultou a mesa de três pés sem que nenhum espírito-guia aparecesse para conduzi-la, ao longo das ruelas da cidade, até o lugar onde Férula estivesse, chamou-a com o pensamento e não obteve resposta, e nem mesmo as cartas do Tarot a iluminaram. Então decidiu recorrer aos métodos tradicionais e começou a procurá-la em meio às amigas, interrogou os fornecedores e todos os que tinham relações com ela, mas ninguém voltara a vê-la. Suas investigações levaram-na, finalmente, ao padre Antônio.

— Não a procure mais, senhora — disse o sacerdote. — Ela não quer vê-la.

Clara compreendeu que essa era a razão pela qual não funcionara nenhum de seus infalíveis sistemas de adivinhação.

“As irmãs Mora tinham razão”, disse para si. “Não se pode encontrar quem não quer ser encontrado.”

Esteban Trueba entrou numa fase muito próspera. Seus negócios pareciam tocados por uma varinha mágica. Sentia-se satisfeito com a vida. Era rico, tal como um dia se propusera. Possuía a concessão de outras minas, estava exportando frutas para o exterior, formou uma empresa construtora, e Las Tres Marías, cujas dimensões em muito se haviam ampliado, convertera-se na melhor propriedade da região. Não o afetou a crise econômica que convulsionou o restante do país. Nas províncias do Norte, a falência das salitreiras havia deixado na miséria milhares de trabalhadores. As famélicas tribos de desempregados, que arrastavam suas mulheres, seus filhos e seus velhos, procurando trabalho pelos caminhos, se haviam aproximado da capital e lentamente formaram um cordão de miséria ao redor da cidade, instalando-se de qualquer maneira, entre tábuas e pedaços de papelão, em meio ao lixo e ao abandono. Vagavam pelas ruas pedindo uma oportunidade para trabalhar, mas não havia trabalho para todos, e

pouco a pouco os rudes operários, emagrecidos pela fome, encolhidos de frio, andrajosos, desolados, deixaram de pedir trabalho e pediam simplesmente uma esmola. A cidade encheu-se de mendigos. E, depois, de ladrões. Nunca se haviam visto geadas mais terríveis do que as daquele ano. Nevou na capital, um espetáculo inusitado que se manteve nas primeiras páginas dos jornais, celebrado como notícia festiva, enquanto nas comunidades marginais as crianças amanheciam azuis, congeladas. Nem a caridade era suficiente para tantos desamparados.

Foi o ano do tifo exantemático. Começou como mais uma calamidade que atingia os pobres e logo adquiriu características de castigo divino. Brotou nos bairros dos indigentes, em consequência do inverno, da desnutrição e da água suja dos valões. Acrescentou-se ao desemprego e distribuiu-se por toda parte. Os hospitais não davam vazão. Os enfermos deambulavam pelas ruas, os olhos perdidos, tirando os piolhos e lançando-os às pessoas sãs. Cultivou-se a praga, que entrou em todos os lugares, infectou os colégios e as fábricas; ninguém se sentia seguro. Todos viviam com medo, perscrutando os sintomas que anunciavam a terrível enfermidade. Os contagiados começavam a tiritar de um frio sepulcral nos ossos, sendo, pouco a pouco, tomados pelo estupor. Ficavam parados como imbecis, consumidos pela febre, cheios de manchas, cagando sangue, delirando com fogo e naufrágio, caindo ao chão, os ossos frágeis como lã, as pernas bambas, de trapo, e um gosto de bÍlis na boca, o corpo em carne viva, uma pústula vermelha ao lado de outra azul, outra amarela e outra negra, vomitando até as tripas e suplicando a Deus que tivesse piedade e os deixasse morrer de uma vez, porque não aguentavam mais, tinham a cabeça a ponto de explodir, e a alma lhes fugia em merda e pavor.

Esteban propôs levar toda a família para o campo, a fim de preservá-la do contágio, mas Clara não quis sequer ouvir falar no assunto. Estava muito ocupada, socorrendo os pobres em tarefas que não tinham princípio nem fim. Saía muito cedo e, às vezes, voltava perto da meia-noite. Esvaziou os armários da casa, tirou a roupa das crianças, os cobertores das camas, os casacos de seu marido. Tirava a comida da despensa e estabeleceu um sistema de remessa com Pedro Segundo García, que mandava de Las Tres Marías queijos, ovos, carnes secas, frutas, galinhas, que ela distribuía a seus necessitados. Emagreceu e sentia-se extenuada. Voltou a caminhar, sonâmbula, durante a noite.

A ausência de Férula fez-se sentir na casa como um cataclismo, e até a Nana, que sempre desejara que aquele momento chegasse um dia, inquietou-se. Quando começou a primavera e Clara pôde descansar um pouco, acentuou-se a tendência a escapar à realidade e

perder-se na fantasia. Ainda que já não contasse com a impecável organização da cunhada para organizar o caos do casarão da esquina, despreocupou-se das coisas domésticas. Delegou tudo às mãos da Nana e dos demais empregados, e enveredou pelo mundo das aparições e das experiências psíquicas. Os cadernos de anotar a vida tornaram-se confusos, e sua caligrafia perdeu a elegância de convento que sempre tivera, degenerando em traços calcados que, às vezes, eram tão minúsculos que não podiam ser lidos, e, outras vezes tão grandes que três palavras enchiam uma página.

Nos anos seguintes, juntou-se em torno de Clara e das três irmãs Mora um grupo de estudiosos de Gurdjieff, de rosa-cruz, de espíritas e de boêmios notívagos, que faziam três refeições diárias em casa e alternavam seu tempo entre consultas urgentes aos espíritos na mesa de três pés e a leitura dos versos do último poeta iluminado que pousava no colo de Clara. Esteban permitia essa invasão de excêntricos porque fazia muito tempo que se dera conta de que era inútil interferir na vida de sua mulher. Decidiu que pelo menos os meninos varões deveriam permanecer à margem da magia, de modo que Jaime e Nicolás foram internados num colégio inglês vitoriano, que considerava qualquer pretexto bom para baixar suas calças e dar-lhes varadas no traseiro, sobretudo no de Jaime, que zombava da família real britânica e, aos 12 anos, estava interessado em ler Marx, um judeu que provocava revoluções no mundo inteiro. Nicolás herdara do tio-avô Marcos o espírito aventureiro e, da mãe, a capacidade de compor horóscopos e decifrar o futuro, o que, porém, não constituía um delito grave para a rígida formação do colégio, apenas uma excentricidade, tendo, portanto, sido muito menos castigado do que o irmão.

O caso de Blanca era diferente, porque seu pai não intervinha em sua educação. Considerava que seu destino era casar-se e brilhar na sociedade; sendo assim, a faculdade de se comunicar com os mortos, se mantida em tom frívolo, poderia constituir uma atração. Afirmava que a magia, como a religião e a culinária, era um assunto propriamente feminino e, talvez por isso, era capaz de sentir simpatia pelas três irmãs Mora. Em contrapartida, detestava os espíritas do sexo masculino quase tanto quanto os padres. Por sua vez, Clara andava por toda parte com a filha agarrada às barras da saia, convidava-a para as sessões das sextas-feiras e criou-a em estreita familiaridade com as almas, os membros das sociedades secretas e os misérrimos artistas de quem era mecenas. Tal como fizera com a mãe nos tempos de mudez, levava agora Blanca para ver os pobres, carregada de presentes e atenuantes.

— Isso serve para nos tranquilizar a consciência, filha — explicava a Blanca. — Mas não ajuda os pobres. Eles não precisam de caridade,

mas sim de justiça.

Era nesse ponto que tinha as maiores discussões com Esteban, cuja opinião a esse respeito era diferente.

— Justiça! É justo que todos tenham o mesmo? Os malandros o mesmo que os trabalhadores? Os tontos o mesmo que os inteligentes? Isso não acontece nem com os animais! Não é uma questão de ricos e pobres, mas de fortes e fracos. Estou de acordo que todos devemos ter as mesmas oportunidades, mas essa gente não faz nenhum esforço. É muito fácil estender a mão e pedir esmola! Eu acredito no esforço e na recompensa. Graças a essa filosofia, cheguei a ter o que tenho. Nunca pedi um favor a ninguém e não cometi nenhuma desonestidade, o que prova que qualquer um pode fazê-lo. Eu estava destinado a ser um pobre e infeliz escriturário de cartório. Por isso, não aceitarei ideias bolchevistas em minha casa. Façam caridade para os asilos, se quiserem! Isso está certo; é bom para a formação das senhoritas. Mas não me venham com as mesmas cretinices de Pedro Terceiro García, porque não vou aguentar!

Era verdade, Pedro Terceiro García estava falando de justiça em Las Tres Marías. Era o único que se atrevia a desafiar o patrão, apesar das surras que lhe dava o pai, Pedro Segundo García, sempre que o surpreendia. Desde muito jovem, o rapaz fazia viagens sem autorização à aldeia para conseguir livros emprestados, ler os jornais e conversar com o mestre-escola, um comunista ardente que anos mais tarde seria morto com um balaço entre os olhos. Também à noite fugia para o bar de San Lucas, onde se reunia com sindicalistas, que tinham a mania de consertar o mundo em meio a goles de cerveja, ou com o gigantesco e magnífico padre José Dulce María, um sacerdote espanhol com a cabeça cheia de ideias revolucionárias, que lhe valeram ser jogado pela Companhia de Jesus naquele fim de mundo, mas nem por isso renunciou a transformar as parábolas bíblicas em panfletos socialistas. No dia em que Esteban Trueba descobriu que o filho de seu administrador estava distribuindo literatura subversiva a seus empregados, chamou-o ao escritório e, diante de seu pai, deu-lhe uma surra com seu chicote de pele de cobra.

— Este é o primeiro aviso, ranhento de merda! — disse-lhe sem levantar a voz e olhando-o com olhos de fogo. — A próxima vez que eu o encontrar perturbando as pessoas, prendo-o. Na minha propriedade não quero revoltosos, porque aqui mando eu e tenho o direito de me cercar de pessoas de quem gosto. E não gosto de você, fique sabendo. Tolero-o por causa de seu pai, que me serviu lealmente durante muitos anos, mas tome cuidado, porque pode acabar muito mal. Retire-se!

Pedro Terceiro García era parecido com o pai, moreno, de feições duras, esculpidas em pedra, com grandes olhos tristes, cabelo negro e

teso, cortado à escovinha. Tinha só dois amores, seu pai e a filha do patrão, que amou desde o dia em que dormiram nus sob a mesa da sala de jantar, em sua tenra infância. E Blanca não se livrou da mesma fatalidade. Cada vez que ia passar férias no campo e chegava a Las Tres Marías em meio à poeirada provocada pelos coches carregados com a complexa bagagem, sentia o coração bater, como um tambor africano, de impaciência e ansiedade. Era a primeira a saltar do veículo e saía correndo até a casa, encontrando sempre Pedro Terceiro García no mesmo lugar em que se tinham visto pela primeira vez, de pé junto ao umbral, meio oculto pela sombra da porta, tímido e fosco, as calças puídas, descalço, os olhos de velho espreitando o caminho para vê-la chegar. Os dois corriam e se abraçavam, beijavam-se, riam, davam-se empurrões carinhosos e rolavam pelo chão, um puxando os cabelos do outro e gritando de alegria.

— Pare, menina! Saia de perto desse maltrapilho! — gritava a Nana, tentando separá-los.

— Deixe-os, Nana, são crianças e se gostam — tranquilizava-a Clara, que sabia mais.

Os meninos escapavam correndo, escondiam-se para contar um ao outro tudo o que haviam acumulado durante os meses de separação. Pedro entregava-lhe, encabulado, uns bichinhos que esculpira para ela em pedaços de madeira, e, em troca, Blanca dava-lhe os presentes que tinha juntado para ele: um canivete que se abria como uma flor e um pequeno ímã que atraía por obra de magia os pregos enferrujados do chão. No verão em que ela chegou com parte do conteúdo do baú dos livros mágicos do tio Marcos, tinha cerca de 10 anos, e Pedro Terceiro ainda lia com dificuldade, mas a curiosidade e o anseio conseguiram o que sua professora não havia obtido nem com varadas. Passaram o verão lendo, deitados em meio aos juncos do rio, aos pinheiros do bosque e às espigas dos trigais, discutindo as virtudes de Sandokan e Robin Hood, a má sorte do Pirata Negro, as histórias verídicas e edificantes do *Tesouro da Juventude*, o malicioso significado das palavras proibidas no *Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española*, o sistema cardiovascular em lâminas que mostravam um tipo sem pele, com todas as veias e o coração expostos à vista, mas com calções. Em poucas semanas, o menino aprendeu a ler com voracidade. Penetraram o amplo e profundo universo das histórias impossíveis, dos duendes, das fadas, dos naufragos que sorteiam quem comerá e quem será comido, dos tigres que se deixam adestrar por amor, dos inventos fascinantes, das curiosidades geográficas e zoológicas, dos países orientais em que há gênios dentro de garrafas, dragões nas grutas e princesas prisioneiras nas torres. Visitavam frequentemente Pedro García, o velho, cujos sentidos o tempo gastara. Foi pouco a pouco ficando cego, uma película azul-celeste cobrindo-

lhe as pupilas, “são as nuvens que estão entrando por minha vista”, dizia. Agradecia muito as visitas de Blanca e Pedro Terceiro, que era seu neto, mas ele já havia esquecido. Escutava as histórias que eles selecionavam dos livros mágicos e tinham de ser gritadas em seu ouvido, porque, explicava, o vento também estava entrando por suas orelhas, e por isso estava surdo. Em troca, ensinava-os a se imunizar contra picadas dos bichos malignos e demonstrava-lhes a eficácia de seu antídoto, pondo um escorpião vivo no braço. Ensinava-os a procurar água. Tinham de segurar um pau seco com as duas mãos e caminhar tocando o solo, em silêncio, pensando na água e na sede que tem o pau, até que de repente, ao sentir a umidade, o pau comesse a tremer. Então é preciso cavar ali, dizia-lhes o velho, mas esclarecia que esse não era o sistema que ele empregava para localizar os poços no solo de Las Tres Marías, porque ele não precisava do pau. Seus ossos tinham tanta sede que, ao passar pela água subterrânea, mesmo que fosse profunda, seu esqueleto avisava-o. Mostrava-lhes as ervas do campo e fazia-os cheirá-las, prová-las e acariciá-las para que conhecessem seu perfume natural, seu sabor e sua textura, e assim eles poderiam identificar cada uma, segundo suas propriedades de cura: acalmar o espírito, expulsar os fluidos diabólicos, lustrar os olhos, fortificar o ventre, estimular o sangue. Nesse terreno sua sabedoria era tão grande que o médico do hospital das freiras ia visitá-lo para lhe pedir conselhos. Nem toda a sua sabedoria, entretanto, pôde curar sua filha Pancha de uma cãibra que a despachou para o outro mundo. Deu-lhe bosta de vaca para comer e, como isso não funcionou, deu-lhe bosta de cavalo, envolveu-a em mantas e a fez suar o mal até que a deixou nos ossos, fez-lhe fricções de aguardente com pólvora por todo o corpo, mas tudo isso foi inútil; Pancha esvaiu-se numa diarreia interminável, que lhe encolheu as carnes e a fez padecer de uma sede insaciável. Vencido, Pedro García pediu autorização ao patrão para levá-la à aldeia numa carroça. Os dois meninos acompanharam-no. O médico do hospital das freiras examinou Pancha cuidadosamente e disse ao velho que estava perdida e que, se a tivesse levado antes e não lhe tivesse provocado aquela suadeira, teria podido fazer algo por ela, mas que seu corpo já não conseguia mais reter nenhum líquido, estando como uma planta com as raízes secas. Pedro García ofendeu-se e continuou a negar o fracasso, mesmo quando regressou com o cadáver da filha envolto numa manta, acompanhado pelos meninos, assustados, e o descarregou no pátio de Las Tres Marías, resmungando contra a ignorância do doutor. Enterraram-na em local privilegiado no pequeno cemitério junto da igreja abandonada na base do vulcão, porque, de certa forma, ela havia sido mulher do patrão, já que lhe dera o único filho que herdou seu nome, embora não tivesse herdado o sobrenome, e um neto, o estranho Esteban García, que estava

destinado a cumprir um terrível papel na história da família.

Um dia Pedro García, o velho, contou a Blanca e a Pedro Terceiro a história das galinhas que se puseram de acordo para enfrentar uma raposa que todas as noites entrava no galinheiro para roubar os ovos e devorar os pintinhos. As galinhas decidiram que já estavam fartas de aguentar a prepotência do animal, esperaram-no organizadas e, quando ele entrou no galinheiro, fecharam-lhe a passagem. Rodearam-no e caíram-lhe em cima a bicadas até deixá-lo mais morto do que vivo.

— E, então, a raposa fugiu com o rabo entre as pernas, perseguida pelas galinhas — terminou o velho.

Blanca riu com a história e comentou que isso era impossível, porque as galinhas nascem estúpidas e débeis, enquanto as raposas nascem astutas e fortes, mas Pedro Terceiro não riu. Ficou durante toda a tarde pensativo, ruminando a história da raposa e das galinhas, e talvez tenha sido esse o instante em que o menino começou a fazer-se homem.

* Fruto do lúculo, árvore sapotácea da América do Sul. (N. T.)

Capítulo V

Os Amantes

A infância de Blanca transcorreu sem grandes sobressaltos, alternando aqueles verões quentes em Las Tres Marías, onde descobria a força de um sentimento que crescia com ela, e a rotina da capital, semelhante à das demais meninas de sua idade e seu meio, embora a presença de Clara pusesse uma nota excêntrica em sua vida. Todas as manhãs aparecia a Nana com o desjejum para sacudir-lhe a modorra e vigiar-lhe o uniforme, esticar-lhe as meias, pôr-lhe o chapéu, as luvas e o lenço, arrumar os livros na pasta, enquanto intercalava orações murmuradas pela alma dos mortos com recomendações em voz alta para que Blanca não se deixasse iludir pelas freiras.

— Essas mulheres são todas umas depravadas — advertia — que escolhem as alunas mais bonitas, mais inteligentes e de boa família para trancar no convento, raspam a cabeça das noviças, pobrezinhas, e as destinam a perder a vida fazendo tortas para vender e cuidando de velhinhos alienados.

O motorista levava a menina ao colégio, onde a primeira atividade do dia era a missa, com comunhão obrigatória. Ajoelhada em seu banco, Blanca aspirava o intenso perfume do incenso e as açucenas de Maria, e padecia o suplício combinado de náuseas, culpa e aborrecimento. Era a única coisa de que não gostava no colégio. Adorava os altos corredores de pedra, a limpeza imaculada dos pisos de mármore, as paredes brancas e nuas, e o Cristo de ferro que vigiava a entrada. Era uma criança romântica e sentimental, com tendência à solidão, de poucas amigas, capaz de se emocionar às lágrimas quando floresciam as rosas no jardim, quando aspirava o tênue odor de pano e sabão das freiras que se inclinavam sobre as tarefas, quando se deixava ficar para trás, a fim de sentir o silêncio triste das salas vazias. Passava por tímida e melancólica. Só no campo, com a pele dourada pelo sol e a barriga cheia de frutas tiradas dos pés, correndo com Pedro Terceiro pelos prados, era risonha e alegre. Sua mãe dizia que

aquela era a verdadeira Blanca e que a outra, a da cidade, era uma Blanca em hibernação.

Devido à agitação constante que reinava no casarão da esquina, ninguém, exceto a Nana, percebeu que Blanca estava se tornando mulher. Entrou de súbito na adolescência. Herdara dos Trueba o sangue espanhol e árabe, o porte senhorial, a expressão soberba, a pele azeitonada e os olhos escuros de seus genes mediterrânicos, mas tingidos pela herança de sua mãe, de quem guardou a doçura que jamais tivera nenhum Trueba. Era uma criança tranquila que se entretinha sozinha, estudava, brincava com suas bonecas e não manifestava a menor inclinação natural pelo espiritismo de sua mãe ou pelas iras de seu pai. A família gracejava, afirmando que era a única pessoa normal em várias gerações e, na verdade, parecia ser um prodígio de equilíbrio e serenidade. Por volta dos 13 anos, seu peito começou a desenvolver-se, a cintura a estreitar-se, emagreceu e espichou como uma planta adubada. A Nana, então, prendeu seu cabelo num coque, levou-a para comprar seu primeiro espartilho, seu primeiro par de meias de seda, seu primeiro vestido de mulher e uma coleção de toalhas pequeninas para aquilo que ela denominava a manifestação. Sua mãe, enquanto isso, continuava a fazer dançarem as cadeiras por toda a casa, tocando Chopin com o piano fechado e declamando os belíssimos versos sem rima, argumento nem lógica de um jovem poeta que fora acolhido em casa, a respeito de quem se começava a falar em toda parte, sem tomar conhecimento das mudanças que se produziam em sua filha, sem ver o uniforme do colégio com as costuras esgarçando nem se dar conta de que a cara de fruta se havia sutilmente transformado num rosto de mulher, porque Clara vivia mais atenta à aura e aos fluidos do que aos quilos ou centímetros. Um dia viu-a entrar na sala de costura com o vestido de sair e admirou-se de que aquela mocinha alta e morena fosse sua pequena Blanca. Abraçou-a, encheu-a de beijos e advertiu-a de que em breve teria a menstruação.

— Sente-se, e eu lhe explico o que é isso — disse Clara.

— Não se preocupe, mamãe, já vai fazer um ano que me vem todos os meses — riu Blanca.

A relação de ambas não sofreu grande mudança com o desenvolvimento da menina, porque estava baseada nos sólidos princípios da total aceitação mútua e na capacidade de se divertirem juntas à custa de quase todas as coisas da vida.

Naquele ano, o verão fez-se anunciar precocemente pelo seco e abafado calor que cobriu a cidade com uma reverberação de pesadelo, e, por isso, anteciparam em duas semanas a viagem a Las Tres Marías. Como em todos os anos, Blanca esperou, ansiosa, o momento de ver Pedro Terceiro e, como em todos os anos, ao descer do coche, a

primeira coisa que fez foi procurá-lo com o olhar no lugar de sempre. Descobriu sua sombra escondida no umbral da porta e saltou do veículo, precipitando-se ao encontro dele com a ânsia de tantos meses de sonhos frequentes, mas viu, pasma, o menino dar meia-volta e fugir.

Blanca andou a tarde inteira percorrendo os lugares em que se encontravam, perguntou por ele, chamou-o aos gritos, procurou-o na casa de Pedro García, o velho, e, por último, ao cair da noite, deitou-se, vencida, sem comer. Em sua enorme cama de bronze, magoada e confusa, afundou o rosto no travesseiro e chorou, desconsolada. A Nana levou-lhe um copo de leite com mel e adivinhou imediatamente a causa de sua angústia.

— Fico contente! — disse com um sorriso enigmático. — Você não está mais em idade para brincar com esse pulguento cheio de catarro!

Meia hora mais tarde, sua mãe entrou para beijá-la e a encontrou soluçando os últimos estertores de um pranto melodramático. Por um momento Clara deixou de ser um anjo distraído, colocando-se à altura dos simples mortais que aos 14 anos sofrem sua primeira dor de amor. Quis perguntar, mas Blanca era muito orgulhosa ou já muito mulher e não lhe deu explicações, de modo que Clara se limitou a sentar-se um pouco na cama e acariciá-la até que se acalmasse.

Nessa noite, Blanca dormiu mal e, ao amanhecer, despertou rodeada pelas sombras de seu grande quarto. Ficou olhando as ornamentações do teto até que ouviu o canto do galo e, então, levantou-se, abriu as cortinas e deixou entrarem a luz suave do nascer do sol e os primeiros ruídos do mundo. Aproximou-se do espelho do armário e olhou-se detidamente. Tirou a camisola e pela primeira vez observou detalhadamente seu corpo, compreendendo que todas aquelas mudanças eram a causa de seu amigo ter fugido. Sorriu com um novo e delicado sorriso de mulher. Vestiu a roupa velha do verão anterior, que mal lhe servia, envolveu-se numa manta e saiu na ponta dos pés para não despertar a família. Lá fora, o campo sacudia-se da modorra da noite, e os primeiros raios de sol cruzavam como sabres os picos da cordilheira, aquecendo a terra e evaporando o orvalho numa fina espuma branca que manchava todos os contornos e fazia da paisagem uma visão de sonho. Blanca começou a andar em direção ao rio. Tudo ainda estava calmo, seus passos esmagavam as folhas caídas e os galhos secos, produzindo um leve crepitar, único ruído naquele vasto espaço adormecido. Deu-se conta de que as alamedas imprecisas, os trigais dourados e as longínquas montanhas arroxeadas, perdendo-se no céu translúcido da manhã, eram uma recordação antiga para ela, algo que já tinha visto exatamente daquela forma, e de que já vivera aquele momento. A finíssima garoa da noite empapara a terra e as árvores, sentiu sua roupa ligeiramente úmida e

os sapatos frios. Respirou o perfume da terra molhada, das flores apodrecidas e do húmus, que despertava um prazer desconhecido em seus sentidos. Ao chegar ao rio, Blanca viu seu amigo de infância sentado no lugar em que tantas vezes se haviam encontrado. Naquele ano, Pedro Terceiro não crescera tanto quanto ela; pelo contrário, continuava o mesmo menino magrelo, barrigudo e moreno, com um sábio semblante de ancião em seus olhos negros. Ao vê-la, levantou-se, e ela calculou que era meia cabeça mais alta do que ele. Olharam-se, desconcertados, sentindo-se pela primeira vez quase estranhos. Por um tempo que pareceu infinito, permaneceram imóveis, acostumando-se às mudanças e às novas distâncias, mas, então, um pardal piou, e tudo voltou a ser como no verão anterior. Eram novamente dois meninos que correm, se abraçam e riem, se atiram ao chão, rolam sobre os calhaus, incansavelmente murmurando seus nomes, felizes por estar juntos uma vez mais. Por fim, acalmaram-se. O cabelo de Clara estava cheio de folhas secas, que Pedro Terceiro tirou, uma por uma.

— Venha, quero lhe mostrar uma coisa — disse ele.

Levou-a pela mão. Caminharam, saboreando aquele amanhecer do mundo, arrastando os pés no barro, recolhendo talos tenros para lhes sugar a seiva, olhando-se e sorrindo, sem falar, até que chegaram a um prado afastado. O sol surgia acima do vulcão, mas o dia ainda não acabara de se instalar, e a terra bocejava. Pedro disse-lhe para se deitar no chão e ficar em silêncio. Rastejaram, aproximando-se de umas moitas, contornaram-nas, e, então, Blanca viu-a. Era uma formosa égua baia dando à luz sozinha na colina. Os meninos, imóveis, tentando abafar até a sua respiração, viram-na arquejar e fazer força até que apareceu a cabeça do potrinho e, depois de bastante tempo, o resto do corpo. O animalzinho caiu no chão, e a mãe começou a lambê-lo, deixando-o limpo e brilhante como madeira encerada, estimulando-o com o focinho a tentar erguer-se. Tendo ficado de pé, dobraram-se suas frágeis pernas de recém-nascido, e o potrinho permaneceu deitado, olhando a mãe com um ar desvalido, enquanto ela relinchava, saudando o sol da manhã. Blanca sentiu a felicidade estalando em seu peito e as lágrimas brotando-lhe nos olhos.

— Quando for grande, vou casar com você, e vamos morar aqui, em Las Tres Marías — sussurrou ela.

Pedro ficou olhando-a com expressão de velho triste e negou com a cabeça. Embora muito mais infantil do que ela, já conhecia seu lugar no mundo. Também sabia que amaria aquela menina durante toda a sua existência, que aquele amanhecer ficaria para sempre guardado em sua memória e que seria a última imagem que veria no momento de morrer.

Passaram aquele verão oscilando entre a infância, que ainda os

retinha, e o despertar do homem e da mulher. Às vezes corriam como crianças, esvoaçando as galinhas e alvoroçando as vacas, fartavam-se de leite morno recém-tirado que lhes deixava bigodes de espuma, roubavam pão saído do forno e subiam nas árvores para construir casinhas com galhos. Outras vezes, escondiam-se nos lugares mais secretos e densos do bosque, construía camas de folhas e brincavam de estar casados, acariciando-se até ficarem extenuados. Não tinham perdido a inocência para tirar a roupa sem curiosidade e banhar-se despidos no rio, como sempre haviam feito, mergulhando na água fria e deixando que a correnteza os arrastasse acima das pedras lustrosas do fundo. Algumas coisas, entretanto, já não partilhavam como antes. Aprenderam a ter vergonha. Já não apostavam quem faria a maior poça de urina, e Blanca não lhe falou a respeito daquela matéria escura que lhe manchava as calcinhas uma vez por mês. Sem que ninguém lhes dissesse, perceberam que não podiam ter intimidades diante dos demais. Quando Blanca vestia sua roupa de senhorita e se sentava à tarde no terraço para beber limonada com a família, Pedro Terceiro observava de longe, sem se aproximar. Começaram a esconder-se para suas brincadeiras. Deixaram de andar de mãos dadas à vista dos adultos e ignoravam-se para não atrair sua atenção. A Nana respirou mais tranquila, mas Clara começou a observá-los mais cuidadosamente.

Terminaram as férias e os Trueba regressaram à capital, carregados de frascos de doces, compotas, caixotes de fruta, queijos, galinhas e coelhos em conserva, cestos com ovos. Enquanto acomodavam tudo nos coches que os levariam ao trem, Blanca e Pedro Terceiro esconderam-se no celeiro para se despedir. Nesses três meses tinham chegado a amar-se com aquela paixão arrebatada que os transtornou pelo resto de suas vidas. Com o tempo, esse amor tornou-se mais invulnerável e persistente, mas já era então marcado pela mesma profundidade e a mesma certeza que o caracterizariam depois. Sobre um monte de grão, aspirando a aromática poeira do celeiro, à luz dourada e difusa da manhã coada pelas tábuas, beijaram-se inteiros, lamberam-se, morderam-se, chuparam-se, soluçaram e beberam suas lágrimas, juraram-se eternidade e combinaram um código secreto em que se comunicariam durante os meses de separação.

Todos os que viveram aquele momento afirmam que era por volta das oito da noite quando Férula apareceu, sem que nada pressagiase sua chegada. Todos a viram, em sua blusa engomada, o molho de chaves à cintura e o coque de solteirona, como sempre a tinham visto na casa. Entrou pela porta da sala de jantar no momento em que Esteban estava trinchando o assado, e reconheceram-na imediatamente, apesar de não a terem visto nos últimos seis anos e de estar muito pálida e

bem mais velha. Era sábado, e os gêmeos, Jaime e Nicolás, tendo saído do internato para passar o fim de semana em casa, também estavam ali. Seu testemunho é muito importante, porque eram os únicos membros da família que viviam completamente afastados da mesa de três pés, preservados da magia e do espiritismo por seu rígido colégio inglês. Sentiram um frio súbito na sala de jantar, e Clara ordenou que fechassem as janelas, supondo que se tratasse de uma corrente de ar. Logo em seguida, ouviram o tilintar das chaves, e quase imediatamente abriu-se a porta, aparecendo Férula, silenciosa e com a expressão distante, ao mesmo tempo que a Nana entrava pela porta da cozinha, com a travessa de salada. Esteban Trueba, a faca e o garfo de trincar no ar, ficou paralisado pela surpresa, e os três meninos gritaram, tia Férula!, quase em uníssono. Blanca levantou-se para ir a seu encontro, mas Clara, que se sentava a seu lado, estendeu a mão e segurou-a por um braço. Na realidade, Clara foi a única que percebeu, ao primeiro olhar, o que estava ocorrendo, devido à sua grande familiaridade com os assuntos sobrenaturais, apesar de nada no aspecto de sua cunhada denunciar seu verdadeiro estado. Férula deteve-se a um metro da mesa, olhou-os a todos com os olhos vazios e indiferentes e logo se dirigiu a Clara, que ficou de pé, mas não fez nenhum movimento para se aproximar; apenas fechou os olhos e começou a respirar agitadoamente, como se estivesse incubando um de seus ataques de asma. Férula aproximou-se dela, pôs as mãos em seus ombros e deu-lhe um breve beijo na testa. Na sala de jantar, só se ouviam a respiração ofegante de Clara e o tilintar metálico das chaves na cintura de Férula. Depois de beijar a cunhada, Férula passou a seu lado e saiu por onde entrara, fechando a porta às suas costas com suavidade. Na sala de jantar a família ficou imóvel, como em um pesadelo. A Nana começou a tremer tão fortemente que as colheres da salada caíram, e o barulho da prata soando no assoalho deixou todos sobressaltados. Clara abriu os olhos. Continuava a respirar com dificuldade, e caíam-lhe lágrimas pela face e pelo pescoço, manchando-lhe a blusa.

— Férula morreu — anunciou.

Esteban largou os talheres de trincar o assado sobre a toalha e saiu correndo da sala de jantar. Foi até a rua chamando a irmã, mas não encontrou nem rastro dela. Nesse meio-tempo, Clara mandou um empregado buscar agasalhos e, quando o marido retornou à sala, estava vestindo o seu e tinha as chaves do automóvel na mão.

— Vamos à casa do padre Antônio — disse.

Percorreram o caminho em silêncio. Esteban dirigia com o coração oprimido, procurando a antiga paróquia do padre Antônio naqueles bairros de pobres, onde fazia muitos anos que não punha os pés. O sacerdote estava pregando um botão na batina puída quando

chegaram com a notícia de que Férula tinha morrido.

— Não é possível! — exclamou. — Estive com ela há dois dias, e estava saudável e bem-disposta.

— Leve-nos à sua casa, padre, por favor — suplicou Clara. — Eu sei por que lhe peço. Está morta.

Diante da insistência de Clara, o padre Antônio acompanhou-os. Orientou Esteban ao longo de ruas estreitas até o domicílio de Férula. Durante aqueles anos de solidão, ela morara numa das favelas aonde ia rezar o terço contra a vontade dos beneficiados nos tempos de sua juventude. Tiveram de deixar o carro a vários quarteirões de distância, porque as ruas se tornavam cada vez mais estreitas, levando-os a compreender que eram feitas para se andar a pé ou de bicicleta. Enfiaram-se por elas caminhando, evitando as poças de água suja que transbordava dos valões, contornando as pilhas de lixo que os gatos escavavam como sombras secretas. O bairro era uma comprida viela de casas arruinadas, todas iguais, pequenos e humildes casebres de cimento, com uma só porta e duas janelas pintadas de cor parda, todas desbotadas, tomadas pela umidade, com arames estendidos ao longo da rua, em que, durante o dia, se pendurava roupa ao sol; àquela hora da noite, porém, vazios, deslocavam-se imperceptivelmente. Mais ou menos na metade da ruela havia uma única bica para abastecer as famílias que ali viviam, e só dois postes iluminavam o corredor de casas. Padre Antônio cumprimentou uma velha que, junto da bica, esperava que o jorro miserável enchesse seu balde.

— Viu a senhora Férula? — perguntou.

— Deve estar em casa, padre. Não a vi nos últimos dias — disse a velha.

Padre Antônio apontou um dos casebres, igual aos demais, triste, descascado e sujo, mas o único que tinha duas painéis penduradas, ladeando a porta, onde cresciam pequenos tufo de gerânios, a flor dos pobres. O sacerdote bateu à porta.

— Pode entrar! — gritou a velha da bica. — A senhora nunca passa a chave na porta. Aí não há o que roubar!

Esteban Trueba abriu a porta chamando sua irmã, mas não se atreveu a entrar. Clara foi a primeira a passar o umbral. Dentro estava escuro, e veio-lhes ao encontro o inconfundível aroma de lavanda e limão. Padre Antônio acendeu um fósforo. A débil chama abriu um círculo de luz na penumbra, mas, antes que pudessem avançar ou se dar conta do que os rodeava, apagou-se.

— Esperem aqui — disse o padre. — Eu conheço a casa.

Avançou às apalpadelas e, ao fim de pouco tempo, acendeu uma vela. Sua figura destacou-se, grotesca, e viram seu rosto deformado pela luz que flutuava a meia altura, enquanto a gigantesca sombra bailava nas paredes. Clara descreveu essa cena com minúcias em seu

diário, detalhando com zelo os dois cômodos escuros, cujas paredes estavam manchadas pela umidade, o pequeno banheiro sujo e sem água corrente, a cozinha onde só havia sobras de pão velho e um tacho com um pouco de chá. O resto da casa de Férula pareceu a Clara compatível com o pesadelo que começara quando sua cunhada apareceu na sala de jantar do casarão da esquina para se despedir. Deu-lhe a impressão de ser o depósito de um vendedor de roupa usada ou as bambolinas de uma mísera companhia de teatro em excursão. Pendiam, pregados nas paredes, trajes antiquados, boas de pena, esquálidos pedaços de pele, colares de pedras falsas, chapéus que já não se usavam havia meio século, anáguas desbotadas com suas rendas rasgadas, vestidos que teriam sido luxuosos, mas cujo brilho já não mais existia, inexplicáveis jaquetões de almirante e casulas de bispo, tudo misturado em grotesca irmandade, onde se aninhava a poeira de anos. Pelo chão havia uma confusão de sapatos de cetim, bolsas de debutantes, cintos de bijuteria, suspensórios e até uma brilhante espada de cadete militar. Por todos os cantos espalhavam-se tristes perucas, potes de cosméticos, frascos vazios e uma quantidade desmesurada de coisas inimagináveis. Uma porta estreita separava os dois únicos cômodos. No outro, jazia Férula em sua cama. Engalanada como se fora uma rainha austríaca, usava um vestido de veludo roído pela traça, anáguas de tafetá amarelo, e, na cabeça, firmemente colocada, brilhava uma incrível peruca frisada de cantora de ópera. Ninguém estava com ela, ninguém soube de sua agonia, e calcularam que havia muitas horas que tinha morrido, porque as ratazanas já começavam a morder-lhe os pés e a devorar-lhe os dedos. Estava magnífica em sua desolação de rainha e guardava no rosto uma expressão doce e serena que nunca tivera em sua triste existência.

— Gostava de vestir-se com roupa usada que conseguia de segunda mão ou apanhava nas lixeiras, pintava-se e punha essas cabeleiras, mas nunca fez mal a ninguém; pelo contrário, até o fim de seus dias rezava o terço pela salvação dos pecadores — explicou padre Antônio.

— Deixe-me sozinha com ela — disse Clara com firmeza.

Os dois homens saíram para a viela, onde os vizinhos já começavam a se aglomerar. Clara tirou seu casaco de lã branca e arregaçou as mangas, aproximou-se da cunhada, tirou-lhe com delicadeza a peruca e constatou que ela estava quase calva, velha e desvalida. Beijou-a na testa, tal como fora beijada poucas horas antes, na sala de jantar de sua casa, e em seguida começou, com toda a calma, a improvisar os ritos fúnebres. Despiu-a, lavou-a, ensaboou-a meticulosamente, sem esquecer nenhum cantinho, friccionou-a com água-de-colônia, pôs-lhe talco, escovou amorosamente a meia dúzia de cabelos, vestiu-a com os mais extravagantes e elegantes andrajos que encontrou, colocou-lhe a peruca de soprano, retribuiu-lhe na morte os

infinitos serviços que Férula lhe prestara em vida. Enquanto trabalhava, lutando contra a asma, falava-lhe a respeito de Blanca, que já era uma mulherzinha, dos gêmeos, do casarão da esquina, do campo “e se visse como sentimos sua falta, cunhada, a falta que você me faz para cuidar dessa família; bem sabe que eu não sirvo para as tarefas da casa, os meninos estão insuportáveis, em compensação Blanca é uma menina adorável, e as hortênsias que você plantou com a sua própria mão em Las Tres Marías estão deslumbrantes; algumas são azuis, porque pus moedas de cobre na terra adubada, para que florescessem com essa cor, é um segredo da natureza, e cada vez que as ponho nos vasos lembro-me de você, mas também me lembro de você quando não há hortênsias, lembro-me sempre, Férula, porque a verdade é que desde que você se afastou de mim, nunca mais ninguém me deu tanto amor”.

Acabou de arrumá-la, ficou ainda falando um pouco com ela e acariciando-a, e depois chamou o marido e o padre Antônio para tratarem do enterro. Numa caixa de biscoitos encontraram, intactos, os envelopes com o dinheiro que Esteban enviava mensalmente à irmã durante todos aqueles anos. Clara entregou-os ao sacerdote para suas obras de caridade, convicta de que esse era o destino que Férula pensava dar-lhes.

O padre ficou velando a morta para que as ratazanas não lhe faltassem com o respeito. Era cerca de meia-noite quando saíram. À porta, tinham-se reunido os vizinhos da favela para comentar a notícia. Tiveram de abrir passagem afastando os curiosos e espantando os cães que farejavam em meio às pessoas. Esteban afastou-se em grandes passadas, levando Clara pelo braço quase arrastada, sem dar atenção à água suja que salpicava as impecáveis calças cinzentas do alfaiate inglês. Estava furioso porque sua irmã, mesmo depois de morta, conseguia fazê-lo sentir-se culpado, como quando era menino. Recordou sua infância, quando ela o rodeava com suas obscuras solitudes, envolvendo-o em dívidas de gratidão tão grandes que nem em todos os dias de sua vida conseguiria pagá-las. Tornou a sentir o sentimento de indignidade que frequentemente o atormentava em sua presença e a detestar seu espírito de sacrifício, sua severidade, sua vocação para a pobreza e sua inabalável castidade, que ele percebia como crítica à sua natureza egoísta, sensual e ansiosa de poder. Que a leve o diabo, maldita!, rosnou, negando-se a admitir, nem mesmo no mais íntimo de seu coração, que sua mulher também não chegara a lhe pertencer depois de ele ter expulsado Férula de casa.

— Por que vivia assim se lhe sobrava dinheiro? — gritou Esteban.

— Porque lhe faltava todo o resto — replicou Clara, docemente.

Durante os meses que estiveram separados, Blanca e Pedro Terceiro

trocaram pelo correio cartas inflamadas, que ele assinava com nome de mulher, e ela escondia assim que chegavam. A Nana conseguiu interceptar uma ou duas, mas não sabia ler, e, mesmo que soubesse, o código secreto a impediria de inteirar-se do conteúdo, por sorte dela, aliás, porque seu coração não teria resistido. Blanca passou o inverno tricotando um poncho com lã da Escócia na aula de trabalhos manuais do colégio, pensando nas medidas do rapaz. À noite dormia abraçada ao poncho, aspirando o odor da lã e sonhando que era ele quem dormia em sua cama.

Pedro Terceiro, por sua vez, passou o inverno compondo no violão canções para Blanca e esculpindo sua imagem em quanto pedaço de madeira lhe caísse nas mãos, sem poder separar a lembrança angélica da menina dos tormentos que lhe ferviam no sangue, lhe amoleciam os ossos, mudavam sua voz e produziam pelos em seu rosto. Debatia-se, inquieto, entre as exigências do corpo, que se transformava no de um homem, e a doçura de um sentimento ainda contido pelos inocentes jogos da infância. Ambos esperaram a chegada do verão com dolorosa impaciência, e finalmente, quando ele chegou e tornaram a se encontrar, o poncho que Blanca tinha tecido não passava pela cabeça de Pedro Terceiro, porque naqueles meses tinha deixado para trás a meninice e alcançado as proporções de homem adulto, e as ternas canções de flores e amanheceres que ele compusera para Blanca soaram-lhe ridículas, porque sua companheira tinha o porte de uma mulher e também suas urgências.

Pedro Terceiro continuava magro, seu cabelo, teso, e seus olhos, tristes, mas, ao mudar, sua voz adquiriu uma tonalidade rouca e apaixonada, que o identificaria mais tarde, quando cantasse a revolução. Falava pouco e era áspero e rude no trato, mas terno e delicado com as mãos, tinha grandes dedos de artista com que esculpia, arrancava lamentos das cordas do violão e desenhava com a mesma facilidade com que segurava as rédeas de um cavalo, brandia o machado para cortar lenha ou guiava o arado. Era o único em Las Tres Marías que enfrentava o patrão. Seu pai, Pedro Segundo, dissera-lhe mil vezes que não olhasse o patrão nos olhos, que não contestasse, que não se metesse com ele e, no anseio de protegê-lo, chegara a dar-lhe grandes surras para lhe baixar a crista. Mas o filho era rebelde. Aos 10 anos, já sabia tanto quanto a professora da escola de Las Tres Marías e, aos 12, insistia em fazer a viagem ao liceu da povoação, a cavalo ou a pé, saindo da casinha de tijolo às cinco da manhã, chovesse ou trovejasse. Leu e releu mil vezes os livros mágicos dos baús encantados do tio Marcos e continuou alimentando-se com outros, que lhe emprestavam os sindicalistas do bar e o padre José Dulce María, que também o estimulou a cultivar sua habilidade natural para fazer versos e traduzir em canções suas ideias.

— Meu filho, a Santa Madre Igreja está à direita, mas Jesus sempre esteve à esquerda — dizia-lhe, enigmático, entre um gole e outro de vinho de missa com que celebrava as visitas de Pedro Terceiro.

Foi assim que um dia Esteban Trueba, descansando no terraço depois do almoço, o ouviu cantar qualquer coisa a respeito de galinhas organizadas que se uniam para enfrentar a raposa e a venciam. Chamou-o.

— Quero ouvi-lo. Cante, vamos! — ordenou-lhe.

Pedro Terceiro pegou o violão com um gesto amoroso, acomodou a perna numa cadeira e dedilhou as cordas. Olhava fixamente o patrão enquanto sua voz de veludo se elevava, apaixonada, na calmaria da sesta. Esteban Trueba não era tonto e compreendeu o desafio.

— Ora! Não é que se pode cantar qualquer besteira? — grunhiu. — Aprenda a cantar canções de amor!

— Eu gosto, patrão. A união faz a força, como diz o padre José Dulce María. Se as galinhas podem enfrentar a raposa, o que não poderão os humanos?

Pegou seu violão e saiu arrastando os pés sem que ao outro ocorresse o que lhe dizer, apesar de já ter a raiva à flor dos lábios e começar-lhe a subir a tensão. Desde esse dia, Esteban Trueba teve-o na mira, observava-o, desconfiava. Tratou de impedir que frequentasse o liceu, inventando tarefas de homem maduro, mas o rapaz levantava-se mais cedo e deitava-se mais tarde, para cumpri-las. Foi nesse ano que Esteban o açoitou com seu chicote diante do pai, por ter levado aos empregados as novidades que andavam circulando em meio aos sindicalistas da aldeia, ideias de folga aos domingos, salário mínimo, aposentadoria e assistência médica, licença-maternidade para as mulheres grávidas, voto sem pressões e, o mais grave, a ideia de uma organização camponesa que pudesse enfrentar os patrões.

Nesse verão, quando Blanca foi passar férias em Las Tres Marías, quase não o reconheceu, porque estava quinze centímetros mais alto e deixara muito para trás o menino barrigudo que compartilhara com ela todos os verões de sua infância. Ela desceu do coche, alisou a saia e pela primeira vez não correu para abraçá-lo, apenas inclinou a cabeça em sua direção à maneira de cumprimento, embora com os olhos lhe dissesse aquilo que os outros não deveriam ouvir, o que, aliás, já lhe dissera em sua impudica correspondência em código. A Nana observou a cena de rabo de olho e sorriu com satisfação. Ao passar na frente de Pedro Terceiro, fez-lhe uma careta.

— Aprenda, ranhento, a se meter com os de sua classe, e não com senhoritas — zombou baixinho.

Naquela noite Blanca jantou com toda a família na sala de jantar a caçarola de galinha com que sempre os recebiam em Las Tres Marías, sem que se vislumbresse nela nenhuma ansiedade durante a

prolongada sobremesa em que o pai bebia conhaque e falava sobre vacas importadas e minas de ouro. Esperou que a mãe sinalizasse a permissão para retirar-se, levantou-se calmamente, desejou boa-noite a cada um dos presentes e foi para seu quarto. Pela primeira vez em sua vida, fechou a porta à chave. Sentou-se na cama sem tirar a roupa e esperou no escuro, até que se calaram as vozes dos gêmeos gritando no quarto ao lado, os passos dos empregados, as portas, os ferrolhos, e a casa se acomodou no sono. Então abriu uma janela e pulou, caindo sobre as moitas de hortênsias que muito tempo atrás sua tia Férula havia plantado. A noite estava clara, ouviam-se os grilos e os sapos. Respirou profundamente, e o ar trouxe-lhe o cheiro doce dos pêssegos que secavam no pátio para as compotas. Esperou que os olhos se acostumassem à escuridão e logo começou a andar, mas não pôde seguir adiante, porque ouviu o ladrar furioso dos cães de guarda, que eram soltos à noite — quatro mastins que foram criados presos por correntes e que passavam o dia trancados, que ela nunca tinha visto de perto e sabia que não poderiam reconhecê-la. Por um momento sentiu que o pânico a fazia perder a cabeça e esteve a ponto de começar a gritar, mas, então lembrou-se de que Pedro García, o velho, uma vez dissera que os ladrões andam nus para não serem atacados pelos cães. Sem hesitar, despiu a roupa com a rapidez que os nervos lhe permitiam, enfiou-a sob o braço e caminhou com passo tranquilo, rezando para que os animais não lhe fizessem o medo. Viu-os avançarem, ladrando, e seguiu adiante, sem perder o ritmo da marcha. Os cães aproximaram-se, rosnando, desconcertados, mas ela não parou. Um deles, mais audaz do que os outros, aproximou-se para cheirá-la. Recebeu o bafo morno de sua respiração nas costas, mas não lhe deu atenção. Continuaram a rosnar e a ladrar por algum tempo, acompanharam-na durante boa parte de seu trajeto e, por fim, enfadados, deram meia-volta. Blanca suspirou aliviada e deu-se conta de que estava tremendo e coberta de suor; teve de se apoiar numa árvore e esperou até que passasse a agitação que amolecera seus joelhos. Depois, vestiu-se depressa e saiu correndo em direção ao rio.

Pedro Terceiro a esperava no mesmo lugar em que se haviam encontrado no verão anterior e onde muitos anos antes Esteban Trueba se havia apoderado da humilde virgindade de Pancha García. Ao ver o rapaz, Blanca corou violentamente. Durante os meses em que tinham estado separados, ele amadurecera no duro ofício de fazer-se homem, e ela, por seu lado, esteve recolhida entre as paredes de seu quarto e do colégio das freiras, preservada das durezas da vida, alimentando sonhos românticos com agulhas de tecer e lã da Escócia, mas a imagem de seus sonhos não coincidia com aquele jovem alto que se aproximava murmurando seu nome. Pedro Terceiro estendeu a mão e tocou-lhe o pescoço junto da orelha. Blanca sentiu algo quente

percorrer seus ossos e amolecer suas pernas, fechou os olhos e se abandonou. Ele a puxou suavemente e a envolveu em seus braços; ela afundou o nariz no peito daquele homem que não conhecia, tão diferente do menino magro com quem trocava carícias até ficarem extenuados poucos meses antes. Aspirou-lhe o odor novo, esfregou-se na sua pele áspera, alisou aquele corpo enxuto e forte e sentiu uma paz grandiosa e completa, que em nada se parecia com a agitação que se havia apoderado dele. Procuraram-se com as línguas, como faziam antes, embora parecesse um afago recém-inventado, deixaram-se cair ajoelhados, beijando-se com desespero, e rolaram sobre o leito macio da terra úmida. Descobriram-se pela primeira vez e não tinham nada a dizer um ao outro. A lua percorreu todo o horizonte, mas eles não a viram, ocupados em explorar sua mais profunda intimidade, enfiando-se cada um na pele do outro, insaciavelmente.

A partir dessa noite, Blanca e Pedro Terceiro encontravam-se sempre no mesmo lugar à mesma hora. Durante o dia ela bordava, lia e pintava insípidas aquarelas nos arredores da casa, sob o olhar feliz da Nana, que enfim podia dormir tranquila. Clara, no entanto, pressentia que algo estranho estava acontecendo, porque percebia uma nova cor na aura de sua filha e acreditava adivinhar a causa. Pedro Terceiro cumpria suas tarefas habituais no campo e não deixou de ir à povoação para ver seus amigos. Ao cair da noite, estava morto de cansaço, mas a perspectiva de se encontrar com Blanca devolvia-lhe a força. Não era em vão que tinha 15 anos. Assim, passaram todo o verão, e, muitos anos mais tarde, os dois recordariam essas noites veementes como a melhor época de suas vidas.

Jaime e Nicolás, por sua vez, aproveitavam as férias fazendo tudo o que era proibido no internato britânico, gritando até esganiçar-se, engalfinhando-se sob qualquer pretexto, transformados em dois imundos ranhentos, maltrapilhos, cheios de crostas nos joelhos e piolhos na cabeça, fartos de fruta fresca colhida na hora, de sol e de liberdade. Saíam de manhãzinha e não voltavam para casa antes do anoitecer, ocupados em caçar coelhos a pedradas, galopar a cavalo até perder o fôlego e espiar as mulheres que lavavam roupa no rio.

Assim se passaram três anos, até que o terremoto mudou as coisas. No final daquelas férias, os gêmeos regressaram à capital antes do restante da família, acompanhados pela Nana, pelos empregados da cidade e por grande parte da bagagem. Os rapazes iam diretamente para o colégio, enquanto a Nana e os demais empregados preparariam o casarão da esquina para a chegada dos patrões. Blanca ficou com os pais no campo mais alguns dias. Foi então que Clara começou a ter pesadelos, caminhar, sonâmbula, pelos corredores e despertar aos gritos. Durante o dia parecia imbecilizada, vendo signos premonitórios

no comportamento dos animais: que as galinhas não põem seu ovo diário, que as vacas andam espantadas, que os cães uivam à morte, que as ratazanas, as aranhas e os vermes saem de seus esconderijos, que os pássaros abandonaram os ninhos e estão partindo em bandos, enquanto seus filhotes gritam de fome nas árvores. Olhava obsessivamente a tênue coluna de fumaça branca do vulcão, observando as mudanças na cor do céu. Blanca preparou-lhe infusões calmantes e banhos mornos, e Esteban recorreu à velha caixinha de pílulas homeopáticas para tranquilizá-la, mas os sonhos continuaram.

— A terra vai tremer! — dizia Clara, cada vez mais pálida e agitada.

— Sempre treme, Clara, pelo amor de Deus — respondia Esteban.

— Desta vez será diferente. Haverá dez mil mortos. — Não há tanta gente em todo o país — caçoava ele.

O cataclismo começou às quatro da madrugada. Clara despertou pouco tempo antes com um pesadelo apocalíptico de cavalos arrebatados, vacas tragadas pelo mar, gente rastejando sob pedras e cavernas abertas no chão, por onde se afundavam casas inteiras. Levantou-se, lívida de terror, e correu até o quarto de Blanca. Mas Blanca, como em todas as noites, tinha fechado à chave a porta e deslizado pela janela em direção ao rio. Nos últimos dias, antes de voltar à cidade, a paixão do verão adquirira características dramáticas, porque na iminência de uma nova separação os jovens aproveitavam todos os momentos possíveis para se amar desenfreadamente. Passavam a noite no rio, imunes ao frio e ao cansaço, entregando-se com a força do desespero, e só ao vislumbrar os primeiros raios do amanhecer Blanca voltava para casa entrando pela janela do quarto, onde chegava justamente a tempo de ouvir cantarem os galos. Clara foi até a porta de sua filha; quis abri-la, mas estava trancada. Bateu e, como ninguém respondesse, saiu correndo, contornou a casa e viu, então, a janela aberta, escancarada, e as hortênsias plantadas por Férula pisoteadas. Imediatamente compreendeu a causa da cor da aura de Blanca, suas olheiras, o fastio, a sonolência matinal e as aquarelas vespertinas. Nesse exato momento, começou o terremoto.

Clara sentiu que o solo se sacudia e não pôde aguentar-se em pé. Caiu de joelhos. As telhas desprenderam-se e choveram à sua volta com um estrépito ensurdecedor. Viu a parede de adobe da casa quebrar-se como se um machado a tivesse golpeado de frente; a terra abriu-se, como vira em sonhos, e uma enorme fenda foi surgindo à sua frente, engolindo na passagem os galinheiros, a empena da lavanderia e parte do estábulo. O reservatório de água inclinou-se e caiu no chão, espalhando mil litros de água sobre as galinhas sobreviventes, que esvoaçavam, desesperadas. Ao longe, o vulcão cuspiu fogo e fumaça como um dragão furioso. Os cães soltaram-se das correntes e

correram, enlouquecidos, os cavalos que escaparam ao desmoronar do estábulo cheiravam o ar e relinchavam de terror antes de fugir, assustados, campo afora, os álamos balançavam como bêbados, e alguns caíram, as raízes soltas no ar, esmagando os ninhos dos pardais. E o mais tremendo foi aquele rugido do fundo da terra, aquele resfolegar de gigante que se sentiu por muito tempo, enchendo o ar de espanto. Clara quis arrastar-se até a casa, chamando Blanca, mas os estertores do solo a impediram. Viu os camponeses saindo em atropelo das casas, gritando ao céu, abraçando-se uns aos outros, puxando as crianças, chutando os cães, empurrando os velhos, tentando salvar os pobres haveres daquele estrondo de tijolos e telhas que saía das próprias entranhas da terra, como um interminável rumor de fim do mundo.

Esteban Trueba apareceu no umbral da porta no exato instante em que a casa se quebrou como uma casca de ovo, desabando numa nuvem de pó, esmagando-o sob uma montanha de escombros. Clara rastejou até lá, chamando-o aos gritos, mas ninguém respondeu.

O primeiro tremor do terremoto durou quase um minuto e foi o mais forte que se tinha registrado até então naquele país de catástrofes. Derrubou quase tudo o que estava em pé, e o resto foi desmoronando ao longo do rosário de tremores menores que continuou estremecendo o mundo até o amanhecer. Em Las Tres Mariás, esperaram que nascesse o sol para que se contassem os mortos e se desenterrassem os sepultados que ainda gemiam sob os escombros, entre eles Esteban Trueba, que todos sabiam onde estava, mas ninguém tinha esperança de encontrar com vida. Foram necessários quatro homens a mando de Pedro Segundo para remover o monte de terra, telhas e adobes que o cobria. Clara abandonara sua angélica distração e ajudava a tirar as pedras com força de homem.

— Temos que tirá-lo! Está vivo e nos ouve! — assegurava Clara, e isso dava-lhes ânimo para continuar.

Com as primeiras luzes, apareceram Blanca e Pedro Terceiro, intactos. Clara partiu para cima da filha e deu-lhe duas bofetadas, mas logo a abraçou, chorando, aliviada por saber que estava a salvo e por tê-la a seu lado.

— Seu pai está ali! — apontou Clara.

Os jovens puseram-se a trabalhar com os demais e, ao cabo de uma hora, quando já tinha nascido o sol naquele universo de angústia, tiraram o patrão do túmulo. Os ossos quebrados eram tantos que não podiam ser contados, mas estava vivo e tinha os olhos abertos.

— Temos que levá-lo à aldeia para ser examinado pelos médicos — disse Pedro Segundo.

Estavam discutindo a maneira como transportá-lo sem que os ossos lhe saíssem por todos os lados, como de um saco roto, quando chegou

Pedro García, o velho, que, graças à cegueira e à velhice, suportara o terremoto sem se abalar. Agachou-se ao lado do ferido e, com muita cautela, percorreu-lhe o corpo, tateando-o com as mãos, olhando com seus dedos antigos, até não deixar nada por contabilizar nem fratura sem ter em conta.

— Se mexerem nele, morre — avisou.

Esteban Trueba não estava inconsciente e ouviu-o perfeitamente, lembrou-se da praga das formigas e acreditou que o velho era sua única esperança.

— Deixem-no, ele sabe o que faz — balbuciou.

Pedro García mandou trazer uma manta e, com a ajuda do filho e do neto, colocou sobre ela o patrão; ergueram-no com cuidado e o acomodaram sobre uma mesa improvisada que tinham armado no centro daquilo que antes fora o pátio, mas que já não passava de uma pequena clareira naquele pesadelo de cascalho, cadáveres de animais, choro de crianças, gemido de cães e orações de mulheres. Das ruínas, recuperaram um odre de vinho, que Pedro García distribuiu em três partes, uma para lavar o corpo do ferido, outra para lhe dar a tomar e outra que ele bebeu com parcimônia antes de começar a compor os ossos, um a um, com paciência e calma, esticando aqui, ajustando ali, colocando cada um em seu lugar, pondo-lhes talas, envolvendo-os em tiras de lençol para imobilizá-los, murmurando ladainhas de santos curandeiros, invocando a boa sorte e a Virgem Maria, e suportando os gritos e as blasfêmias de Esteban Trueba, sem alterar sua beatífica expressão de cego. Tateando, reconstituiu-lhe o corpo tão bem que os médicos que o examinaram depois não conseguiam acreditar que aquilo fosse possível.

— Eu nem sequer teria tentado — reconheceu o doutor Cuevas ao tomar conhecimento do episódio.

Os destroços do terremoto mergulharam o país em um luto prolongado. Não bastou a terra sacudir-se até derrubar tudo no chão; também o mar se afastou várias milhas e regressou numa única e gigantesca onda que pôs barcos sobre as colinas, muito distantes da costa, levou casebres, caminhos e animais, e submergiu várias ilhas do Sul mais de um metro abaixo do nível da água. Alguns edifícios caíram como dinossauros feridos, outros se desfizeram como castelos de cartas, os mortos contavam-se aos milhares, e não houve família que não tivesse alguém por quem chorar. A água salgada do mar arruinou as colheitas, os incêndios devoraram zonas inteiras de cidades e povoações, e, por último, a lava escorreu, e caiu a cinza, como coroação do castigo, sobre as aldeias próximas dos vulcões. As pessoas deixaram de dormir em suas casas, aterrorizadas com a possibilidade de o cataclismo se repetir, improvisavam acampamentos em lugares desertos, dormiam nas praças e nas ruas. Os soldados

tiveram de conter a desordem e fuzilavam sem hesitação quem era flagrado roubando, porque, enquanto os mais cristãos enchiam as igrejas clamando perdão pelos seus pecados e rogavam a Deus para que aplacasse sua ira, os ladrões percorriam os destroços e, aparecendo uma orelha com brinco ou um dedo com anel, cortavam-nos a golpe de faca, sem considerar se a vítima estava morta ou apenas presa nos escombros. Desenvolveu-se uma praga de germes que provocou diversas epidemias em todo o país. O resto do mundo, ocupado demais com outra guerra, apenas se inteirou de que a natureza enlouquecera naquele longínquo lugar do planeta, mas, ainda assim, chegaram carregamentos de medicamentos, cobertores, alimentos e materiais de construção, que se perderam nos misteriosos labirintos da administração pública, a ponto de, muitos anos depois, ser possível comprar, no comércio especializado, comida enlatada da América do Norte e leite em pó da Europa, ao preço de requintados manjares.

Esteban Trueba passou quatro meses envolto em ataduras, rígido em talas, pensos e grampos, em atroz suplício de pontadas e imobilidade, devorado pela impaciência. Seu gênio piorou até que ninguém pôde suportá-lo. Clara ficou no campo para cuidar dele, e, quando se normalizaram as comunicações e se restaurou a ordem, mandaram Blanca para o colégio, na condição de interna, porque a mãe não podia encarregar-se dela.

Na capital, o terremoto surpreendeu a Nana em sua cama, e, apesar de ali ele ter sido menos sentido do que no Sul, o susto matou-a assim mesmo. O casarão da esquina estalou como uma noz, abriram-se gretas nas paredes, e o grande lustre de pingentes de cristal da sala de jantar caiu com um clamor de mil sinos, fazendo-se em caquinhos. Fora isso, a única coisa grave foi a morte da Nana. Quando passou o terror do primeiro momento, os empregados deram-se conta de que a anciã não fugira para a rua com os demais. Entraram para resgatá-la e a encontraram em sua cama, os olhos fora das órbitas e o pouco cabelo que lhe restava eriçado de pavor. No caos daqueles dias, não puderam fazer-lhe um enterro digno, como ela teria esperado, sendo obrigados a enterrá-la às pressas, sem discursos nem lágrimas. Nenhum dos numerosos filhos alheios que ela criara com tanto amor assistiu a seu funeral.

O terremoto marcou uma mudança tão importante na vida da família Trueba que, a partir de então, eles passaram a localizar os acontecimentos antes e depois dessa data. Em Las Tres Marías, Pedro Segundo García voltou a assumir o cargo de administrador, dada a impossibilidade de o patrão sair da cama. Coube-lhe a tarefa de organizar os trabalhadores, devolver a calma e reconstruir a ruína em que se havia transformado a propriedade. Começaram por enterrar

seus mortos no cemitério ao pé do vulcão, que fora milagrosamente salvo do rio de lava que desceu pelas encostas da maldita montanha. Os novos túmulos deram um ar festivo ao humilde campo santo, e plantaram fileiras de videiros para dar sombra aos que visitavam seus mortos. Reconstruíram as casinhas de tijolo, uma a uma, exatamente como eram antes, os estábulos, a leiteria e o celeiro, e voltaram a preparar a terra para as sementeiras, gratos pelo fato de a lava e a cinza terem caído para o outro lado, salvando a propriedade. Pedro Terceiro teve de renunciar a seus passeios à aldeia, porque o pai o queria ao seu lado. Acompanhava-o de mau humor, fazendo-lhe notar que se arrebetavam para reerguer a riqueza do patrão, embora eles continuassem a ser tão pobres quanto antes.

— Sempre foi assim, filho. Você não pode mudar a lei de Deus — respondia-lhe o pai.

— Pode ser mudada, sim, pai. Há quem esteja fazendo isso, mas aqui nem sequer tomamos conhecimento das notícias. Estão acontecendo coisas importantes no mundo — replicava Pedro Terceiro, repetindo sem pausas o discurso do mestre comunista ou do padre José Dulce María.

Pedro Segundo não respondia e continuava trabalhando sem vacilações. Fazia vista grossa quando o filho, aproveitando-se do fato de a doença do patrão ter-lhe relaxado a vigilância, rompia o cerco de censura e introduzia em Las Tres Marías os folhetos proibidos dos sindicalistas, os jornais políticos do mestre e as inusitadas versões bíblicas do padre espanhol.

Por ordem de Esteban Trueba, o administrador começou a reconstrução da casa senhorial seguindo a mesma planta que tinha originalmente. Nem sequer mudaram os adobes de palha e barro cozido por modernos tijolos ou modificaram o vão das janelas, muito estreito. O único melhoramento foi canalizar água quente para os banheiros e substituir o antigo fogão a lenha por um equipamento a petróleo ao qual, no entanto, nenhuma cozinha chegou a se habituar, terminando seus dias no pátio, para uso indiscriminado das galinhas. Enquanto se construía a casa, improvisaram um refúgio de tábuas com teto de zinco, onde acomodaram Esteban em seu leito de inválido, e dali, através de uma janela, ele observava os progressos da obra e gritava suas instruções, fervendo de raiva pela imobilidade forçada.

Clara mudou muito nesses meses. Teve de acompanhar Pedro Segundo García na tarefa de salvar o que pudesse ser salvo. Pela primeira vez na vida, tomou a seu cargo, sem nenhuma ajuda, os assuntos materiais, porque já não contava mais com seu marido, Férula ou a Nana. Despertou, enfim, de uma longa infância em que estivera sempre protegida, rodeada de cuidados e comodidades, e sem

obrigações. Esteban Trueba adquiriu a mania de afirmar que tudo o que comia lhe fazia mal, exceto o que ela cozinhava, de modo que passava boa parte do dia na cozinha depenando galinhas para fazer canjas de doente e amassando pão. Teve de fazer-se enfermeira, lavá-lo com esponja, mudar-lhe as ataduras, pôr-lhe a comadre. Ele se tornou cada dia mais furibundo e despótico, exigindo-lhe põe uma almofada aqui, não, mais acima, traga-me vinho, não, eu lhe disse que queria vinho branco, abra a janela, feche-a, dói aqui, estou com fome, estou com calor, coce-me as costas, mais abaixo. Clara chegou a temê-lo muito mais do que quando era o homem forte e saudável que se introduzia na paz de sua vida com seu cheiro de macho ansioso, seu vozeirão de furacão, sua guerra sem quartel, sua prepotência de grande senhor, impondo sua vontade e atirando seus caprichos contra o delicado equilíbrio que ela mantinha entre os espíritos do Além e as almas necessitadas do Aqui. Chegou a detestá-lo. Logo que os ossos se soldaram e ele pôde mover-se um pouco, Esteban recuperou o tempestuoso desejo de abraçá-la e, todas as vezes que ela passava a seu lado, dava-lhe uma palmada, confundindo-a, em sua perturbação de doente, com as robustas camponesas que, em seus anos de moço, o serviam na cozinha e na cama. Clara dava-se conta de que já não tinha disponibilidade para esses assuntos. As desgraças tinham-na espiritualizado, e a idade e a falta de amor pelo marido tinham-na levado a considerar o sexo um passatempo algo brutal, que lhe deixava as articulações doloridas e provocava desordem no mobiliário. Em poucas horas, o terremoto obrigou-a a mergulhar na violência, na morte e na vulgaridade, pondo-a em contato com as necessidades básicas, que antes havia ignorado. De nada lhe serviram a mesa de três pés ou a capacidade de adivinhar o futuro nas folhas de chá, em face da urgência de defender os empregados da peste e do desconcerto, a terra da seca e da praga, as vacas da febre aftosa, as galinhas do gogo, a roupa da traça, seus filhos do abandono e seu marido da morte e de sua ira incontida. Clara estava muito cansada. Sentia-se sozinha, confusa, e, nos momentos das decisões, o único a quem podia recorrer em busca de ajuda era Pedro Segundo García. Esse homem leal e silencioso estava sempre presente, ao alcance de sua voz, oferecendo alguma estabilidade à trágica barafunda que entrara em sua vida. Frequentemente, ao fim do dia, Clara chamava-o para lhe oferecer uma chávena de chá. Sentavam-se nas cadeiras de vime da varanda, à espera de que chegasse a noite para aliviar a tensão do dia. Observavam a escuridão que caía suavemente e as primeiras estrelas que começavam a brilhar no céu, ouviam o coaxar das rãs e se mantinham calados. Tinham muita coisa sobre o que falar, muitos problemas a resolver, muitos acordos pendentes, mas ambos compreendiam que aquela meia hora em silêncio era um prêmio

merecido, bebericavam, sem pressa, seu chá, para fazê-lo durar, e cada um pensava na vida do outro. Conheciam-se havia mais de quinze anos, estavam juntos todos os verões, mas, no total, haviam trocado pouquíssimas frases. Ele percebera a patroa como uma luminosa aparição estival, alheia às rudes fainas da vida, de uma espécie diferente da de outras mulheres que tinha conhecido. Mesmo agora, com as mãos enfiadas na massa ou com o avental ensanguentado pela galinha do almoço, parecia-lhe uma miragem na reverberação do dia. Só ao entardecer, na calma desses momentos que partilhavam com suas chávenas de chá, conseguia vê-la em sua dimensão humana. Secretamente, tinha-lhe jurado lealdade e, como um adolescente, às vezes divagava fantasiando a ideia de dar a vida por ela. Apreciava-a tanto quanto odiava Esteban Trueba.

Quando foram instalar o telefone, muito faltava para a casa poder ser habitada. Fazia quatro anos que Esteban Trueba batalhava por consegui-lo e foram instalá-lo justamente quando não havia nem um teto para protegê-lo das intempéries. O aparelho não durou muito, mas serviu para chamar os gêmeos e ouvir-lhes a voz, como se estivessem em outra galáxia, em meio a um ruído ensurdecedor e das interrupções da operadora da aldeia, que participava da conversa. Por telefone, souberam que Blanca estava doente e as freiras não queriam assumir a responsabilidade de cuidar dela. A menina apresentava uma tosse persistente e tinha febre com frequência. O terror da tuberculose se fazia presente em toda parte, porque não havia família que não tivesse um tísico a lamentar, e então Clara decidiu ir buscá-la. No mesmo dia em que Clara viajava, Esteban Trueba quebrou o telefone a bengaladas, porque, quando começou a tocar, ele gritou que já estava indo, que se calasse, mas o aparelho continuou a tocar, e ele, num repente de fúria, caiu-lhe em cima aos golpes, deslocando, aliás, a clavícula, que tanto custara a Pedro García, o velho, consertar.

Era a primeira vez que Clara viajava sozinha. Fizera o mesmo trajeto durante anos, mas sempre distraída, porque contava com alguém que se encarregasse dos detalhes triviais, enquanto ela sonhava, observando a paisagem pela janela. Pedro Segundo García levou-a até a estação e acomodou-a no assento do vagão. Ao despedir-se, ela se inclinou, beijou-o levemente na face e sorriu. Ele levou a mão ao rosto para proteger do vento aquele beijo fugaz e não sorriu, porque a tristeza o havia invadido.

Guiada pela intuição mais do que pelo conhecimento das coisas ou pela lógica, Clara conseguiu chegar ao colégio de sua filha sem contratempos. A Madre Superiora recebeu-a em seu escritório espartano, com um Cristo enorme e sangrento na parede e um incongruente ramo de rosas vermelhas sobre a mesa.

— Chamamos o médico, senhora Trueba — disse-lhe. — A menina não tem nada nos pulmões, mas é melhor levá-la, o campo lhe fará bem. Nós não podemos assumir essa responsabilidade, compreenda.

A freira tocou uma sineta, e Blanca entrou. Estava mais magra e pálida, com sombras violáceas abaixo dos olhos que teriam impressionado qualquer mãe, mas Clara compreendeu imediatamente que a doença de sua filha não era do corpo, mas da alma. O horrendo uniforme cinzento fazia-a parecer muito menor do que era, apesar de suas formas de mulher transbordarem das costuras. Blanca espantou-se ao ver a mãe, que recordava como um anjo vestido de branco, alegre e distraído, e que em poucos meses se transformara numa mulher eficiente, com as mãos calejadas e duas profundas rugas nos cantos da boca.

Foram visitar os gêmeos no colégio. Era a primeira vez que se encontravam depois do terremoto e tiveram a surpresa de comprovar que o único lugar do território nacional que não fora atingido pelo cataclismo era o velho colégio; daí o terem ignorado completamente. Ali, os dez mil mortos passaram sem pena nem glória, enquanto eles continuavam cantando em inglês e jogando críquete, comovidos apenas pelas notícias que chegavam da Grã-Bretanha com três semanas de atraso. Confundidas, constataram que aqueles rapazes, que tinham sangue de mouros e espanhóis nas veias e que tinham nascido no último rincão da América, falavam o castelhano com sotaque de Oxford e que a única emoção que eram capazes de manifestar era a surpresa, erguendo a sobancelha esquerda. Não tinham nada em comum com os dois rapazes exuberantes e piolhentos que passavam o verão no campo. “Espero que tanta fleuma saxônica não os faça idiotas”, balbuciou Clara ao se despedir dos filhos.

A morte da Nana, que, apesar de sua idade, era a responsável pelo casarão da esquina na ausência dos patrões, provocou a debandada dos empregados. Sem vigilância, abandonaram suas tarefas e passavam o dia numa orgia de sestas e mexericos, enquanto as plantas secavam por falta de rega e as aranhas passeavam pelos cantos. A deterioração era tão evidente que Clara decidiu fechar a casa e despedir todos eles. Depois, entregou-se com Blanca à tarefa de cobrir os móveis com lençóis e espalhar naftalina em todos os cômodos. Abriram uma a uma as gaiolas dos pássaros, e o céu encheu-se de passarinas, canários, pintassilgos e cristofués,* que voaram, cegos pela liberdade, e finalmente voaram em todas as direções. Blanca notou que durante toda essa lida não apareceu nenhum fantasma atrás das cortinas, não chegou nenhum rosa-cruz atraído por seu sexto sentido nem algum poeta faminto, guiado pela necessidade. Sua mãe parecia ter-se tornado uma senhora comum e rústica.

— Você mudou muito, mamãe — observou Blanca.

— Não fui eu, filha. Foi o mundo que mudou — respondeu Clara.

Antes de partirem, foram ao quarto da Nana no pátio dos empregados. Clara abriu seus caixotes, pegou a mala de papelão que a boa mulher usara durante meio século e revistou o armário. Não havia mais do que um pouco de roupa, alpargatas velhas e caixas de todos os tamanhos, amarradas por fitas e elásticos, onde ela guardava estampas da primeira comunhão e do batismo, mechas de cabelo, unhas cortadas, retratos desbotados e alguns sapatinhos de bebê gastos pelo uso. Eram recordações de todos os filhos da família del Valle e depois dos Trueba que haviam passado por seus braços e que ela embalara em seu colo.

Debaixo da cama, encontrou uma trouxa com os disfarces que a Nana usava para lhe espantar a mudez. Sentada na cama, com aqueles tesouros nas mãos, Clara chorou longamente aquela mulher que dedicara a sua existência a tornar mais confortável a dos outros e que morrera sozinha.

— Depois de tanto tentar assustar-me, foi ela que morreu de susto — observou Clara.

Mandou transportar o corpo para o mausoléu dos del Valle, no Cemitério Católico, supondo que ela não gostaria de estar enterrada com os evangélicos e os judeus, e teria preferido seguir na morte junto daqueles que havia servido em vida. Pôs um ramo de flores sobre a lápide e foi com Blanca para a estação, de regresso a Las Tres Marías.

Durante a viagem de trem, Clara atualizou sua filha sobre as novidades da família e a saúde de seu pai, esperando que Blanca lhe fizesse a única pergunta que sabia que ela desejava fazer, mas Blanca não mencionou Pedro Terceiro, e Clara não se atreveu a fazê-lo. Acreditava que, ao nomear os problemas, eles se materializavam e já não era mais possível ignorá-los; por outro lado, se ficam no limbo das palavras não ditas, podem desaparecer sozinhos, com o decorrer do tempo. Na estação, Pedro Segundo esperava-as com o coche, e Blanca estranhou ouvi-lo assobiar durante todo o trajeto para Las Tres Marías, uma vez que o administrador tinha fama de taciturno.

Encontraram Esteban Trueba sentado numa poltrona forrada de felpa azul, à qual foram adaptadas rodas de bicicleta, enquanto se aguardava que chegasse da capital a cadeira de rodas encomendada e que Clara trazia na bagagem. Supervisionava com enérgicas bengaladas e impropérios os progressos da casa, tão absorto que as recebeu com um beijo distraído e se esqueceu de perguntar pela saúde da filha.

Nessa noite comeram numa rústica mesa de tábuas, iluminados por um candeeiro a querosene. Blanca observou sua mãe servir a comida nos pratos de barro feitos artesanalmente, como faziam também os tijolos, porque no terremoto quebrara-se toda a louça. Sem a Nana

para coordenar as tarefas da cozinha, haviam simplificado tudo aos extremos da frugalidade e partilhavam apenas uma espessa sopa de lentilhas, pão, queijo e marmelada, que era menos do que ela comia no internato nas sextas-feiras de jejum. Esteban dizia que, tão logo pudesse aguentar-se nas pernas, iria pessoalmente à capital comprar as coisas mais finas e caras para mobiliar a casa, porque já estava farto de viver como um caipira, por culpa da maldita natureza histórica daquele país do caralho. De tudo o que se falou à mesa, a única coisa que Blanca reteve foi que ele havia despedido Pedro Terceiro García com a ordem de não voltar a pôr os pés na propriedade, porque o flagrara divulgando ideias comunistas aos camponeses. A menina empalideceu ao ouvi-lo e deixou cair o conteúdo da colher na toalha. Só Clara percebeu sua perturbação, porque Esteban estava envolvido no monólogo de sempre sobre os malnascidos que mordem a mão de quem lhes dá de comer, “e tudo por causa desses politiqueiros do diabo! Como esse novo candidato socialista, um fantoche que se atreve a atravessar o país de norte a sul em seu trem de segunda categoria, sublevando pessoas de paz com a sua fanfarronice bolchevista, mas é bom que não se aproxime daqui, porque, se descer do trem, nós o transformaremos em purê, já estamos preparados, não há um só patrão em toda a região que não esteja de acordo, não vamos permitir que venham pregar contra o trabalho honrado, o prêmio justo para os que se esforçam, a recompensa dos que saem na frente na vida, não é possível que os preguiçosos tenham o mesmo que nós, que trabalhamos de sol a sol e sabemos investir nosso capital, correr os riscos, assumir as responsabilidades, porque, se formos ao fundo da questão, a história de que a terra é de quem a trabalha vai derrubá-los, porque aqui o único que sabe trabalhar sou eu, sem a minha presença isso seria uma ruína e continuaria a ser, nem o próprio Cristo disse que temos que dividir o fruto de nosso esforço com os preguiçosos, e esse ranhento de merda, Pedro Terceiro, atreve-se a dizê-lo em minha propriedade, se não lhe meti uma bala na cabeça é porque estimo muito seu pai e, de certa forma, devo a vida a seu avô, mas já o avisei de que, caso o veja rondando por aqui, faço-o em pedaços a tiros de espingarda”.

Clara não participava da conversa. Estava ocupada pondo e tirando as coisas da mesa, e vigiando sua filha de rabo de olho, mas, ao tirar a terrina com o resto das lentilhas, ouviu as últimas palavras da cantilena de seu marido.

— Você não pode impedir que o mundo se transforme, Esteban. Se não for Pedro Terceiro García, outro trará as novas ideias para Las Tres Marías — disse.

Esteban Trueba deu uma bengalada na terrina que sua mulher tinha nas mãos, jogando-a longe e derramando seu conteúdo pelo

chão. Blanca pôs-se de pé, aterrorizada. Era a primeira vez que via o mau humor de seu pai dirigido contra Clara e supôs que ela entraria num de seus transe lunáticos e que sairia voando pela janela, mas nada disso aconteceu. Clara recolheu os restos da terrina quebrada com sua calma habitual, sem dar mostras de ouvir os palavrões de marinheiro que Esteban cuspiu. Esperou que ele acabasse de resmungar, deu-lhe boa-noite com um beijo na face e saiu levando Blanca pela mão.

Blanca não perdeu a tranquilidade pela ausência de Pedro Terceiro. Ia todos os dias ao rio e esperava. Sabia que a notícia de seu regresso ao campo chegaria ao rapaz mais cedo ou mais tarde e que o chamado do amor o alcançaria onde quer que ele estivesse. E assim foi de fato. No quinto dia, viu chegar um maltrapilho, coberto com uma manta de inverno e um chapéu de aba larga, arrastando um burro carregado com utensílios de cozinha, panelas de liga de estanho, bules de cobre, grandes marmitas de ferro esmaltado, conchas de todos os tamanhos, com um chocalhar de latas que anunciava seu andar com dez minutos de antecipação. Não o reconheceu. Parecia um velho miserável, um desses tristes ambulantes que percorrem a província, levando sua mercadoria de porta em porta. Parou diante dela, tirou o chapéu, e, então, ela viu os belos olhos negros brilhando entre uma cabeleira e uma barba hirsutas. O burro ficou mordiscando a relva com o enfadonho ruído de suas panelas enquanto Blanca e Pedro Terceiro saciavam a fome e a sede acumuladas em tantos meses de silêncio e separação, rolando sobre pedras e moitas, gemendo como desesperados. Depois ficaram abraçados em meio aos juncos da margem, ao zumbir dos besouros e ao coaxar das rãs, e ela lhe contou que havia posto cascas de plátano e papel mata-borrão nos sapatos para ter febre e comido giz moído até ter tosse de verdade, a fim de convencer as freiras de que sua inapetência e palidez eram sintomas seguros da tuberculose.

— Queria estar com você — disse, beijando-o no pescoço.

Pedro Terceiro falou-lhe a respeito do que estava acontecendo no mundo e no país, da guerra longínqua que mantinha meia humanidade desaparecida por estripamento em consequência de estilhaços de bala ou na agonia do campo de concentração e numa imensidão de viúvas e órfãos, falou-lhe a respeito dos trabalhadores na Europa e na América do Norte, cujos direitos eram respeitados, porque a mortandade de sindicalistas e socialistas das décadas anteriores tinha produzido leis mais justas e repúblicas como Deus manda, cujos governantes não roubam o leite em pó dos desabrigados.

— Os últimos a se darem conta das coisas somos sempre nós, os camponeses, que não nos inteiramos do que acontece em outros lugares. Aqui odeiam seu pai. Mas têm tanto medo dele que não são

capazes de se organizar para enfrentá-lo. Compreende, Blanca?

Ela compreendia, mas naquele momento seu único interesse era aspirar seu cheiro de grão fresco, lambe-lhe as orelhas, enfiar os dedos naquela barba densa, ouvir seus gemidos apaixonados. Também temia por ele. Sabia que não só o pai lhe meteria na cabeça a bala prometida, como também qualquer um dos patrões da região faria o mesmo com prazer. Blanca lembrou a Pedro Terceiro a história do dirigente socialista que dois anos antes percorria a região de bicicleta, distribuindo panfletos nas fazendas e organizando os trabalhadores, até que os irmãos Sanchez o pegaram, o mataram a pauladas e o penduraram num poste do telégrafo numa encruzilhada, para que todos pudessem vê-lo. Esteve ali um dia e uma noite, balançando-se sob o fundo infinito do céu, até que chegaram os policiais a cavalo e o tiraram. Para dissimular, responsabilizaram os índios da reserva, embora todos soubessem que eram pacíficos e, se tinham medo de matar uma galinha, teriam, com maior razão, medo de matar um homem. Os irmãos Sanchez ainda o desenterraram do cemitério e voltaram a exibir o cadáver, o que já era excessivo para atribuir aos índios. Nem por isso, porém, a justiça se atreveu a intervir, e a morte do socialista foi rapidamente esquecida.

— Podem matá-lo — suplicou Blanca, abraçando-o.

— Tomarei cuidado — tranquilizou-a Pedro Terceiro. — Não ficarei muito tempo no mesmo lugar. Por isso não poderei vê-la todos os dias. Espere-me aqui. Virei sempre que puder.

— Eu o amo — disse ela, soluçando.

— Eu também.

Voltaram a abraçar-se com o ardor insaciável próprio de sua idade, enquanto o burro continuava mastigando a relva.

Blanca tomou medidas para não regressar ao colégio, provocando em si mesma vômitos com salmoura quente, diarreia com cerejas verdes e falta de ar apertando a cintura com uma cilha de cavalo, até que adquiriu a fama de ter má saúde, que era justamente o que ela pretendia. Imitava tão bem os sintomas das mais diversas doenças que poderia ter enganado uma junta médica e chegou a convencer-se de que era de fato doente. Todas as manhãs, ao acordar, fazia uma revisão mental em seu organismo para constatar o que lhe doía e que novo mal a atormentava. Aprendeu a aproveitar qualquer circunstância para se sentir doente, desde uma mudança de temperatura até o pólen das flores, e a transformar todo e qualquer simples mal-estar em agonia. Clara era de opinião de que o melhor para a saúde era ter as mãos ocupadas e, assim, manteve a distância os mal-estares de sua filha dando-lhe trabalho. A menina tinha de levantar-se cedo, como todos os outros, tomar banho de água fria e

dedicar-se a seus afazeres, que incluíam ensinar na escola, costurar na oficina e cumprir todas as tarefas da enfermaria, desde aplicar clister até suturar feridas com agulhas e fio de costureiro, sem que de nada lhe valessem os desmaios ao ver sangue nem os suores frios quando tinha de limpar um vômito. Pedro García, o velho, que já estava com cerca de 90 anos e apenas arrastava os ossos, partilhava a ideia de Clara de que as mãos são para ser usadas. Foi assim que um dia, quando Blanca se queixava de uma terrível enxaqueca, a chamou e, sem preâmbulos, lhe pôs uma bola de barro na saia. Passou a tarde ensinando-a a modelar a argila para fazer vasilhas de cozinha, sem que ela se lembrasse de suas doenças. O velho não sabia que estava dando a Blanca o que mais tarde seria seu único meio de sobrevivência e seu consolo nas horas mais tristes. Ensinou-a a movimentar o torno com o pé enquanto fazia dançarem as mãos sobre o barro macio para confeccionar vasilhas e cântaros. Logo, porém, Blanca deu-se conta de que o utilitário a entediava e que era muito mais divertido fazer figuras de animais e pessoas. Com o tempo, dedicou-se a fabricar um mundo em miniatura de animais domésticos e personagens dedicados a todos os ofícios, carpinteiros, lavadeiras, cozinheiras, todos com as suas pequenas ferramentas e móveis.

— Isso não serve para nada! — disse Esteban Trueba quando viu a obra de sua filha.

— Podemos encontrar sua utilidade — sugeriu Clara.

Assim surgiu a ideia dos presépios. Blanca começou a produzir figurinhas para o presépio natalino — não só os reis magos e os pastores, mas também uma multidão de pessoas dos tipos mais diversos e todas as espécies de animais, camelos e zebras da África, iguanas da América e tigres da Ásia, sem se prender à zoologia própria de Belém. Depois, agregou-lhes animais que inventava, juntando meio elefante com a metade de um crocodilo, sem saber que estava fazendo no barro o que sua tia Rosa, que não conhecera, fazia com os fios de bordar em sua gigantesca toalha, enquanto Clara especulava a respeito do fato de que, se as loucuras se repetem na família, deve ser porque existe uma memória genética que impede que se percam no esquecimento. Os multitudinários presépios de Blanca transformaram-se numa curiosidade. Teve de treinar duas garotas como ajudantes, porque não dava vazão aos pedidos; naquele ano, todo mundo queria ter um para a noite de Natal, sobretudo porque eram gratuitos. Esteban Trueba determinara que a mania do barro poderia continuar como diversão de senhorita, mas que, se se transformasse em negócio, o nome dos Trueba seria equiparado aos dos comerciantes que vendiam pregos nas casas de ferragens e peixe frito no mercado.

Os encontros de Blanca e Pedro Terceiro eram espaçados e irregulares, mas, por isso mesmo, mais intensos. Naqueles anos, ela se

acostumou ao sobressalto e à espera, resignou-se à ideia de que sempre se amariam às escondidas e deixou de alimentar o sonho de se casar e viver numa das casinhas de seu pai. Frequentemente passava semanas sem notícias dele, mas, de repente, aparecia ao longe um carteiro de bicicleta, um evangélico pregando com uma bíblia sob o braço ou um cigano falando numa língua meio pagã, todos eles tão inofensivos que passavam sem levantar suspeitas ao olho vigilante do patrão. Reconhecia-o por suas pupilas negras. Não era a única; todos os empregados de Las Tres Marías e muitos camponeses de outras propriedades também o esperavam. Sendo perseguido pelos patrões, o jovem ganhou fama de herói. Todos queriam escondê-lo por uma noite, as mulheres teciam-lhe ponchos e meias para o inverno, e os homens guardavam para ele a melhor aguardente e o melhor charque da estação. Seu pai, Pedro Segundo García, suspeitava de que o filho violava a proibição de Trueba e adivinhava os vestígios que deixava à sua passagem. Dividia-se entre o amor por seu filho e seu papel de guardião da propriedade. Além disso, tinha medo de o reconhecer e também de que Esteban Trueba lesse isso em seu rosto, mas sentia uma secreta alegria ao lhe atribuir algumas das coisas estranhas que estavam acontecendo no campo. Só não lhe passou pela imaginação a ideia de que as visitas de seu filho tivessem algo a ver com os passeios de Blanca Trueba ao rio, porque essa possibilidade não pertencia à ordem natural do mundo. Nunca falava a respeito do filho, exceto na intimidade de sua família, mas sentia-se orgulhoso dele e preferia vê-lo transformado em fugitivo a tê-lo como mais um na multidão, semeando batatas e colhendo pobreza, como todos os demais. Quando escutava alguém cantarolar alguma das canções de galinhas e raposas, sorria, pensando que seu filho conseguira mais adeptos com suas baladas subversivas do que com os panfletos do Partido Socialista que distribuía, incansavelmente.

*Pássaro pouco maior do que a calhandra que abunda nos vales da Venezuela. (N. T.)

Capítulo VI

A Vingança

Um ano e meio depois do terremoto, Las Tres Marías tinha voltado a ser a fazenda-modelo de antes. Estava de pé a grande casa senhorial idêntica à original, porém mais sólida e com instalação de água quente nos banheiros. A água era como chocolate claro, e, às vezes, até girinos apareciam, mas saía em alegre e forte jorro. A bomba alemã era uma maravilha. Eu circulava por toda parte sem outro apoio além de uma grossa bengala com castão de prata, a mesma que tenho agora e a respeito da qual minha neta diz que não uso por ser coxo, mas sim para enfatizar minhas palavras, brandindo-a como um argumento contundente. A longa doença contundiu meu organismo e piorou meu temperamento. Reconheço que, por fim, nem Clara conseguia frear minhas raivas. Outra pessoa teria ficado inválida para sempre em decorrência do acidente, mas eu fui ajudado pela força do desespero. Pensava em minha mãe, sentada na cadeira de rodas, apodrecendo em vida, e isso me dava tenacidade para erguer-me e começar a andar, ainda que fosse à custa de maldições. Creio que as pessoas tinham medo de mim. Até a própria Clara, que nunca temera meu mau gênio, em parte porque eu tinha o cuidado de não dirigi-lo contra ela, andava assustada. Vê-la com medo de mim deixava-me frenético.

Pouco a pouco, Clara foi mudando. Parecia cansada, e percebi que se afastava de mim. Já não tinha simpatia por mim, minhas dores não lhe provocavam compaixão, mas enfado, dei-me conta de que evitava minha presença. Ousaria mesmo dizer que nessa época ela experimentava mais prazer ordenhando as vacas com Pedro Segundo do que me fazendo companhia no salão. Quanto mais distante estivesse Clara, maior era a necessidade que eu sentia de seu amor. Não diminuía o desejo que experimentei ao casar-me, queria possuí-la completamente, até seu último pensamento, mas aquela mulher diáfana passava a meu lado como um sopro e, mesmo que eu a

agarrasse com ambas as mãos e a abraçasse com brutalidade, não poderia aprisioná-la. Seu espírito não estava comigo. Quando teve medo de mim, a vida para nós converteu-se em um purgatório. Durante o dia, cada um de nós se ocupava de suas tarefas. Tínhamos, os dois, muito o que fazer. Só nos encontrávamos à hora das refeições, e, então, era eu quem mantinha toda a conversa, porque ela parecia vagar pelas nuvens. Falava muito pouco e perdera aquele riso fresco e atrevido, que foi a primeira coisa de que gostei nela, e já não jogava a cabeça para trás, mostrando todos os dentes no riso franco. Apenas sorria. Pensei que a idade e meu acidente nos estivessem separando, que estivesse entediada com a vida matrimonial, o que acontece com todos os casais, e eu não era um amante delicado, desses que mandam flores com frequência e dizem coisas bonitas. Mas tentei aproximar-me dela. Como tentei, meu Deus! Aparecia em seu quarto quando estava lidando com seus cadernos de anotar a vida ou com a mesa de três pés. Cheguei a tentar até compartilhar esses aspectos de sua existência, mas ela não gostava que lessem seus cadernos, e minha presença cortava-lhe a inspiração quando conversava com os espíritos, e, assim, tive de desistir. Abandonei também o propósito de estabelecer uma boa relação com Blanca. Minha filha, desde pequena, era estranha e nunca foi a menina carinhosa e meiga que eu teria desejado. Na verdade, parecia um quirquincho.* Desde que me lembro, foi arisca comigo e não precisou superar o complexo de Édipo, porque nunca o teve. Mas já era uma senhorita, parecia inteligente e amadurecida para sua idade, estando muito ligada à mãe. Pensei que poderia ajudar-me e tentei conquistar sua aliança, dando-lhe presentes, gracejando, mas ela também me evitava. Agora que já estou muito velho e posso falar sobre isso sem perder a cabeça de raiva, creio que a culpa por tudo foi seu amor por Pedro Terceiro García. Blanca era insubornável. Nunca pedia nada, falava menos do que a mãe e, se eu a obrigava a dar-me um beijo de bom-dia, fazia-o com tamanha má vontade que ele me doía como uma bofetada. “Tudo mudará quando regressarmos à capital e levarmos uma vida civilizada”, eu dizia então, mas nem Clara nem Blanca demonstravam o menor interesse em deixar Las Tres Marías; pelo contrário, cada vez que eu mencionava o assunto, Blanca dizia que a vida no campo lhe devolvera a saúde, mas que ainda não se sentia forte, e Clara lembrava-me de que tinha muito o que fazer no campo, que as coisas não estavam em condições de ser deixadas pelo meio. À minha mulher, não faziam falta os refinamentos a que sempre estivera habituada e, no dia em que chegou a Las Tres Marías o carregamento de móveis e artigos domésticos que encomendei para fazer-lhe surpresa, limitou-se a achar tudo muito bonito. Eu mesmo tive de decidir onde tudo seria arrumado, porque, para ela, aquilo parecia não

ter a mínima importância. A nova casa cobriu-se de um luxo que nunca tivera, nem sequer nos dias esplendorosos, anteriores à presença de meu pai, que a arruinou. Chegaram grandes móveis coloniais de carvalho e nogueira, feitos à mão, pesados tapetes de lã, lampiões de ferro e cobre macetado. Encomendei na capital um serviço de porcelana pintada à mão digno de uma embaixada; cristaleira, quatro caixotes repletos de adornos, lençóis e toalhas bordados, uma coleção de discos de música clássica e ligeira com seu moderno toca-discos. Qualquer mulher se mostraria encantada com tudo isso e se teria ocupado durante vários meses, organizando sua casa; menos Clara, que era impermeável a essas coisas. Limitou-se a capacitar duas cozinheiras e treinar algumas garotas, filhas dos empregados, para servirem a casa e, logo que se viu livre dos tachos e das vassouras, retomou seus cadernos de anotar a vida e suas cartas de Tarot nos momentos de ócio. Passava a maior parte do dia ocupada na oficina de costura, na enfermaria e na escola. Eu a deixava tranquila, porque esses afazeres justificavam sua vida. Era uma mulher caridosa e generosa, com ânsia de fazer felizes os que a rodeavam, todos, menos a mim. Depois do desmoronamento, reconstruímos a venda, e, para lhe agradar, suprimi o sistema de papéis cor-de-rosa e comecei a pagar às pessoas com notas, porque Clara dizia que isso lhes permitia fazer compras na aldeia e economizar. Não era verdade. Só servia para os homens se embebedarem na taberna de San Lucas e as mulheres e as crianças passarem dificuldades. Por causa desse tipo de coisas, brigamos muito. Os empregados eram a causa de todas as nossas discussões, bem, nem todas. Também discutíamos por causa da guerra mundial. Eu acompanhava o avanço das tropas nazistas num mapa que havia pendurado na parede do salão, enquanto Clara tecia meias para os soldados aliados. Blanca apertava a cabeça com as duas mãos, sem compreender a causa de nossa paixão por uma guerra que não tinha nada a ver conosco e que estava acontecendo do outro lado do oceano. Imagino que também tivéssemos desentendimentos por outros motivos. Pouquíssimas vezes, aliás, concordávamos em alguma coisa. Não acredito que a culpa de tudo fosse meu mau gênio, porque eu era um bom marido, sem sombra do desmiolado que havia sido em solteiro. Ela era a única mulher para mim. Ainda o é.

Um dia Clara mandou colocar trinco na porta de seu quarto e não voltou a aceitar-me em sua cama, exceto naquelas ocasiões em que eu forçava tanto a situação que negar-se teria significado a ruptura definitiva. Primeiro, imaginei que sofresse alguma dessas misteriosas indisposições que acometem as mulheres de vez em quando ou que se tratasse da menopausa, mas, quando o assunto se prolongou por várias semanas, decidi conversar com ela. Explicou-me com calma que nossa relação matrimonial se havia deteriorado e, por isso, perdera sua boa

disposição para os embates carnavais. Deduziu naturalmente que, se não tínhamos nada a nos dizer, também não poderíamos partilhar a mesma cama e estranhou o fato de que eu passasse todo o dia me enraivecendo com ela e, à noite, quisesse suas carícias. Tentei fazê-la entender que, nesse sentido, homens e mulheres são um pouco diferentes e que eu a adorava, apesar de todas as minhas manias, mas foi inútil. Naquele tempo eu era mais saudável e mais forte do que ela, apesar de meu acidente e de Clara ser mais nova. Com a idade, eu emagrecera. Não tinha nem um grama de gordura no corpo e mantinha a mesma resistência e força da juventude. Podia passar todo o dia cavalcando, dormir estirado em qualquer lugar, comer o que fosse sem sentir a vesícula, o fígado e outros órgãos internos a que as pessoas se referem constantemente. Doíam-me os ossos, isso sim. Nas tardes frias ou nas noites úmidas, a dor dos ossos esmagados no terremoto era tão intensa que eu mordida o travesseiro para que ninguém ouvisse meus gemidos. Quando não aguentava mais, enfiava um bom trago de aguardente e duas aspirinas goela abaixo, mas nem isso me aliviava. O estranho é que minha sensualidade se havia tornado mais seletiva com a idade, embora continuasse quase tão inflamável quanto em minha juventude. Gostava de olhar as mulheres, ainda gosto. É um prazer estético, quase espiritual. Só Clara, entretanto, despertava em mim o desejo concreto e imediato, porque em nossa longa vida em comum tínhamos aprendido a nos conhecer, e cada um guardava na ponta dos dedos a geografia precisa do outro. Ela sabia quais eram os meus pontos mais sensíveis, era capaz de me dizer exatamente o que eu precisava ouvir. Numa idade em que a maioria dos homens está enfadada de sua mulher e precisa do estímulo de outras para encontrar a chama do desejo, eu estava convencido de que só com Clara poderia fazer amor como nos tempos da lua de mel, incansavelmente. Não experimentava a tentação de procurar outras.

Lembro-me de que começava a assediá-la ao cair da noite. À tarde, ela se sentava para escrever, e eu fingia saborear meu cachimbo, mas, na realidade, eu a espiava com o canto de olho. Mal desconfiava de que ia deitar-se — porque começava a limpar a pena e a guardar os cadernos —, eu me adiantava. Ia claudicando até o banheiro, lavava-me, penteava-me, vestia um roupão atoalhado cor de vinho, que comprara para seduzi-la, mas de cuja existência ela nunca pareceu se dar conta, ficava de ouvido colado à porta e esperava-a. Quando a ouvia avançar ao longo do corredor, atacava-a. Tentei tudo, desde cobri-la de carícias e presentes até ameaçá-la de derrubar a porta e moê-la a bengaladas, mas nenhuma dessas opções resolvia o abismo que nos separava. Suponho que era inútil tentar fazê-la esquecer com minhas manifestações amorosas à noite o mau humor com que a

tiranizava durante o dia. Clara evitava-me com aquele ar distraído que acabei por detestar. Não posso compreender o que nela tanto me atraía. Era uma mulher madura, sem nenhum coquetismo, que arrastava ligeiramente os pés e havia perdido a alegria injustificada que a tornara tão atraente na juventude. Clara não era sedutora nem terna comigo. Estou certo de que não me amava. Não havia razão para desejá-la dessa forma descomedida e brutal, que me afundava no desespero e no ridículo. Mas eu não podia evitar. Seus pequenos gestos, seu suave odor de roupa limpa e sabonete, a luz de seus olhos, a graça de sua nuca delgada coroada pelos caracóis rebeldes, tudo nela eu adorava. Sua fragilidade provocava em mim uma insuportável ternura. Queria protegê-la, abraçá-la, fazê-la rir como nos velhos tempos, voltar a dormir com ela a meu lado, sua cabeça em meu ombro, as pernas encolhidas sob as minhas, tão pequena e quente, sua mão em meu peito, vulnerável e preciosa. Às vezes, decidia castigá-la com uma fingida indiferença, mas, ao cabo de alguns dias, dava-me por vencido, porque Clara parecia muito mais tranquila e feliz quando eu a ignorava. Fiz um furo na parede do banheiro para vê-la nua, mas isso me deixava em tal estado de perturbação que preferi voltar a fechá-lo com argamassa. Para feri-la, ameacei ir ao Farolito Rojo, mas seu único comentário foi que isso era melhor do que forçar as camponesas, o que estranhei, pois não imaginava que ela soubesse algo a esse respeito. Em face desse comentário, voltei a tentar as violações, com o único objetivo de aborrecê-la. Constatei então que o tempo e o terremoto tinham feito estragos em minha virilidade e que já não tinha forças para enlaçar pela cintura uma robusta camponesa e alçá-la sobre a garupa do cavalo, e, muito menos, arrancar-lhe a roupa e penetrá-la contra a sua vontade. Estava na idade em que se necessita de ajuda e ternura para fazer amor. Tinha ficado velho, porra!

Só ele percebeu que estava diminuindo. Notou-o pela roupa. Não era simplesmente por lhe sobrar nas costuras, mas por lhe ficarem compridas as mangas e as pernas das calças. Pediu a Blanca que as consertasse na máquina de costura, mas perguntava-se, inquieto, se Pedro García, o velho, não lhe teria posto os ossos ao contrário, e, por isso, ele estava encolhendo. Não comentou o fato com ninguém, assim como nunca falou a respeito de suas dores, por uma questão de orgulho.

Nessa ocasião, preparavam-se as eleições presidenciais. Num jantar de políticos conservadores na aldeia, Esteban Trueba conheceu o conde Jean de Satigny. Usava sapatos de pelica e jaqueta de linho cru, não suava como os demais mortais e recendia a colônia inglesa, estava sempre bronzeado em consequência da prática, em plena luz do meio-dia, de um jogo que consistia em fazer passar uma bola por um

pequeno arco, empurrando-a com um bastão, e falava arrastando as últimas sílabas das palavras e comendo os erres. Era o único homem que Esteban conhecia que passava verniz brilhante nas unhas e pingava colírio azul nos olhos. Tinha cartões de visita com as armas de sua família e observava todas as regras de civilidade conhecidas e outras inventadas por ele, como comer as alcachofras com pinças, o que provocava estupefação geral. Os homens zombavam dele pelas costas, mas logo ficou evidente que tentavam imitar sua elegância, seus sapatos de pelica, sua indiferença e seu aspecto civilizado. O título de conde colocava-o num nível diferente do de outros emigrantes que haviam chegado da Europa Central fugindo das pestes do século passado, da Espanha escapando à guerra, do Oriente Médio com seus comércios de turcos e armênios da Ásia vendendo sua comida típica e suas bugigangas. O conde de Satigny não precisava ganhar a vida, como logo fez difundir. O negócio das chinchilas era, para ele, mero passatempo.

Esteban Trueba tinha visto as chinchilas vadeando por sua fazenda e as caçava a tiro, para que não devorassem as sementeiras, mas nunca lhe ocorrera que esses roedores insignificantes pudessem transformar-se em abrigos de senhoras. Jean de Satigny procurava um sócio que entrasse com o capital, o trabalho, as criadeiras, e assumisse todos os riscos, para dividir os lucros em duas partes iguais. Esteban Trueba não era aventureiro em nenhum aspecto de sua vida, mas o conde francês tinha a graça alada e o engenho que conseguiam cativá-lo; por isso, passou muitas noites acordado, estudando a proposta das chinchilas e fazendo contas. Nesse ínterim, *monsieur* de Satigny passava longas temporadas em Las Tres Marías, como convidado de honra. Jogava sua bolinha, em pleno sol, bebia quantidades exorbitantes de suco de melão sem açúcar e rondava delicadamente as cerâmicas de Blanca. Chegou a ponto de lhe propor a exportação para outros lugares em que havia mercado seguro para os artesanatos indígenas. Blanca apontou seu equívoco, explicando-lhe que nem ela nem sua obra tinham qualquer origem indígena, mas a barreira da língua impediu que ele compreendesse seu ponto de vista. O conde foi uma aquisição social para a família Trueba, porque, desde o momento em que se instalou na propriedade, choveram os convites das fazendas vizinhas, para reuniões com as autoridades políticas da aldeia e para todos os acontecimentos culturais e sociais da região. Todos queriam estar perto do francês, na esperança de que algo de sua distinção os contagiasse, as mocinhas suspiravam ao vê-lo e as mães o desejavam como genro, disputando entre si a honra de convidá-lo. Os cavalheiros invejavam a sorte de Esteban Trueba, que fora escolhido para o negócio das chinchilas. A única pessoa que não se deslumbrou com os encantos do francês e não se maravilhou com sua maneira de

descascar uma laranja com talheres, sem tocá-la com os dedos, deixando as cascas em forma de flor, ou com sua capacidade de citar poetas e filósofos franceses em sua língua natal, foi Clara, que cada vez que a ele se dirigia precisava perguntar-lhe o nome e se desconcertava sempre que o encontrava de roupão de seda a caminho do banheiro de sua própria casa. Blanca, ao contrário, divertia-se com ele e agradecia-lhe a oportunidade de exibir seus melhores vestidos, pentear-se com esmero e pôr a mesa com a melhor louça inglesa e os castiçais de prata.

— Pelo menos tira-nos da barbárie — dizia.

Esteban Trueba estava menos impressionado com o espalhafato do nobre do que com as chinchilas. Questionava como, diabos, não lhe tinha ocorrido a ideia de curtir-lhes a pele, em vez de perder tantos anos criando aquelas malditas galinhas que morriam de qualquer diarreia sem importância e aquelas vacas que, para cada litro de leite que se lhes ordenhava, comiam um hectare de forragem e uma caixa de vitaminas, e, além disso, enchiam tudo de moscas e merda. Clara e Pedro Segundo García, porém, não partilhavam seu entusiasmo pelos roedores, ela por razões humanitárias — parecia-lhe uma atrocidade criá-los para lhes arrancar a pele — e ele por nunca ter ouvido falar a respeito de criadores de ratos.

Uma noite o conde saiu para fumar um de seus cigarros orientais, especialmente trazidos do Líbano, vá alguém saber onde isso fica!, como dizia Trueba, e para respirar o perfume das flores, que subia imperioso do jardim e inundava os quartos. Passeou um pouco pelo terraço e mediu com a vista a extensão do parque que se estendia em redor da casa senhorial. Suspirou, comovido com aquela natureza pródiga, capaz de reunir, no mais esquecido país da terra, todos os climas de sua invenção: a cordilheira e o mar, os vales e os cumes mais altos, rios de água cristalina e uma benigna fauna, que permitia passear em total segurança, com a certeza de que não apareceriam víboras venenosas ou feras esfomeadas, e, para total perfeição, nem havia negros rancorosos ou índios selvagens. Estava farto de percorrer países exóticos atrás do comércio de barbatanas de tubarão para afrodisíacos, ginseng para todos os males, figuras esculpidas pelos esquimós, piranhas embalsamadas do Amazonas e chinchilas para fazer abrigos de senhoras. Tinha 38 anos, pelo menos era o que confessava, e intuía que afinal encontrara o paraíso na terra, onde poderia montar empresas tranquilas com sócios ingênuos. Sentou-se num tronco, fumando no escuro. Logo viu uma sombra agitar-se e teve a ideia fugaz de que poderia ser um ladrão, mas afastou-a imediatamente, porque os bandidos naquelas terras eram tão incomuns quanto os animais malignos. Aproximou-se com prudência e, então, avistou Blanca, que passava as pernas por uma janela e

descia como um gato pela parede, caindo entre as hortênsias, sem produzir o menor ruído. Vestia-se de homem, porque os cães já a conheciam e não precisava andar em pelo. Jean de Satigny viu-a afastar-se procurando as sombras do alpendre da casa e das árvores, pensou em segui-la, mas teve medo dos mastins e se deu conta de que não precisava disso para saber aonde ia uma jovem que à noite pula uma janela. Sentiu-se preocupado, porque o que acabava de ver ameaçava seus planos.

No dia seguinte, o conde pediu Blanca Trueba em casamento. Esteban, que não tivera tempo para conhecer bem sua filha, confundiu sua plácida amabilidade e seu entusiasmo em colocar os castiçais de prata na mesa com amor. Sentiu-se muito satisfeito de que sua filha, tão entediada e de saúde tão frágil, tivesse fígado o galã mais solicitado da região. “O que terá ele visto nela?”, perguntou-se, admirado. Comunicou ao pretendente que devia consultar Blanca, mas que estava convicto de que não haveria nenhum inconveniente e que, por seu lado, já se adiantava e dava-lhe as boas-vindas à família. Mandou chamar sua filha, que naquele momento estava ensinando geografia na escola, e trancou-se com ela no escritório. Cinco minutos depois, abriu-se a porta violentamente, e o conde viu sair a jovem com as faces coradas. Ao passar a seu lado, lançou-lhe um olhar assassino e virou-lhe o rosto. Outro menos teimoso teria recolhido suas malas e se instalado no único hotel da aldeia; o conde, porém, disse a Esteban que estava certo de conseguir o amor da jovem se lhe dessem tempo para isso. Esteban Trueba ofereceu-lhe hospedagem em Las Tres Marías enquanto considerasse necessário. Blanca não disse nada, mas, a partir desse dia, deixou de comer à mesa com eles e não perdia oportunidade de insinuar ao francês que ele era indesejável. Guardou os vestidos de festa, os castiçais de prata e evitava-o cuidadosamente. Avisou a seu pai que, se ele tornasse a mencionar o assunto do casamento, regressaria à capital no primeiro trem que passasse pela estação e voltaria ao colégio na condição de noviça.

— Você mudará de opinião — rugiu Esteban Trueba.

— Duvido — respondeu ela.

Naquele ano, a chegada dos gêmeos a Las Tres Marías foi um grande alívio. Levaram uma lufada de leveza e movimento ao clima opressivo da casa. Nenhum dos dois irmãos soube apreciar os encantos do nobre francês, apesar de ele fazer esforços discretos para ganhar a simpatia dos jovens. Jaime e Nicolás zombavam de suas maneiras, dos sapatos de maricas e do nome estrangeiro, mas Jean de Satigny nunca se ofendeu. Seu bom humor terminou por desarmá-los, e conviveram o resto do verão amigavelmente, chegando mesmo a se aliar para arrancar Blanca da obstinação em que mergulhara.

— Você já está com 24 anos, Blanca. Quer ficar para tia? — diziam.

Tentavam estimulá-la a cortar o cabelo e copiar os vestidos que faziam furor nas revistas, mas ela não mostrava nenhum interesse por essa moda exótica, que não tinha, aliás, qualquer possibilidade de sobreviver na poeira do campo.

Os gêmeos eram tão diferentes um do outro que não pareciam irmãos. Jaime era alto, forte, tímido e estudioso. Obrigado pela educação do internato, chegou a desenvolver, com os esportes, uma musculatura de atleta, mas na verdade considerava essa atividade esgotante e inútil. Não conseguia compreender o entusiasmo de Jean de Satigny em passar a manhã perseguindo uma bola com um bastão para fazê-la entrar num buraco, quando era tão mais fácil colocá-la com a mão. Tinha algumas manias estranhas, que começaram a manifestar-se nessa época e foram-se acentuando ao longo de sua vida. Não gostava que respirassem muito perto dele, lhe dessem a mão, lhe fizessem perguntas pessoais, pedissem livros emprestados ou lhe escrevessem cartas. Isso dificultava seu trato com as pessoas, mas não conseguiu isolá-lo, porque, cinco minutos depois de conhecê-lo, evidenciava-se que, apesar de sua atitude melancólica, era generoso, sincero e tinha uma grande capacidade de ternura, que procurava inutilmente dissimular, porque o envergonhava. Interessava-se pelos outros muito mais do que gostaria de admitir, e era fácil comovê-lo. Em Las Tres Marías, os empregados o chamavam de “o patrãozinho” e o procuravam sempre que precisavam de alguma coisa. Jaime escutava-os sem comentários, respondia com monossílabos e terminava virando-lhes as costas, mas não descansava até solucionar o problema. Não era sociável, e sua mãe dizia que nem mesmo quando era pequeno se deixava acariciar. Desde menino, tinha gestos extravagantes; era capaz de tirar a roupa que vestia para dar a alguém, o que de fato fez em várias ocasiões. O afeto e as emoções lhe pareciam sinais de inferioridade e só com os animais perdia as barreiras de seu exagerado pudor, rolava no chão com eles, acariciava-os, dava-lhes de comer na boca e dormia abraçado aos cães. Poderia fazer o mesmo com as crianças de tenra idade se ninguém o estivesse observando, porque diante das pessoas preferia fazer o papel de homem rígido e solitário. A formação britânica de doze anos de colégio não conseguira desenvolver nele o *spleen*, considerado o melhor atributo de um cavalheiro. Era um sentimental incorrigível. Por isso, interessou-se pela política e decidiu que não seria advogado como seu pai lhe exigia, mas médico, para ajudar os necessitados, como lhe sugerira sua mãe, que o conhecia melhor. Jaime brincara com Pedro Terceiro García durante toda a infância, mas foi nesse ano que aprendeu a admirá-lo. Blanca teve de abrir mão de alguns encontros no rio, porque os dois rapazes queriam conversar. Falavam a respeito de justiça, de igualdade, do movimento camponês, do

socialismo, enquanto Blanca os escutava com impaciência, desejando que acabassem logo para ter seu amante com exclusividade. Essa amizade uniu os dois rapazes até a morte, sem que Esteban Trueba dela suspeitasse.

Nicolás era belo como uma donzela. Herdara a delicadeza e a transparência da pele de sua mãe, era pequeno, magro, astuto e rápido como uma raposa. De inteligência brilhante, sem nenhum esforço superava o irmão em tudo o que juntos empreendiam. Inventara uma brincadeira para atormentá-lo: discordava dele em um assunto qualquer e argumentava com tanta habilidade e certeza que terminava por convencer Jaime de que estava equivocado, obrigando-o a admitir o erro.

— Tem certeza de que eu tenho razão? — indagava finalmente Nicolás ao irmão.

— Sim, você está com a razão — grunhia Jaime, cuja retidão o impedia de discutir de má-fé.

— Ah, alegro-me! — exclamava Nicolás. — Agora vou demonstrar-lhe que quem tem razão é você e que o equivocado sou eu. Vou-lhe dar os argumentos que você teria apresentado se fosse inteligente.

Jaime perdia a paciência e partia para cima, mas logo se arrependia, porque era muito mais forte do que o irmão, e sua própria força fazia-o sentir-se culpado. No colégio, Nicolás usava o engenho para chatear os outros e, quando se via obrigado a enfrentar uma situação de violência, chamava o irmão para defendê-lo, mas ficava à sua retaguarda, instigando-o. Jaime acostumou-se a defender o irmão e chegou a parecer-lhe natural ser castigado em seu lugar, fazer suas tarefas e esconder suas mentiras. O principal interesse de Nicolás nesse período de sua juventude, à parte as mulheres, foi desenvolver a habilidade de Clara para adivinhar o futuro. Comprava livros sobre sociedades secretas, horóscopos e tudo que tivesse características sobrenaturais. Naquele ano decidiu desmascarar milagres, comprou *As Vidas dos Santos* em edição popular e passou o verão à procura de explicações simples para as mais fantásticas proezas de ordem espiritual. A mãe zombava dele.

— Se você não consegue compreender como funciona o telefone, meu filho — dizia Clara —, como quer entender os milagres?

O interesse de Nicolás pelos assuntos sobrenaturais começara a manifestar-se dois anos antes. Nos fins de semana em que podia sair do internato, ia visitar as três irmãs Mora, em seu velho moinho, para aprender ciências ocultas. Logo, contudo, ficou evidente que não tinha nenhuma disposição natural para a clarividência ou a telecinésia, tendo de se conformar com a mecânica das cartas astrológicas, o Tarot e os palitos chineses. Como uma coisa puxa a outra, conheceu na casa das Mora uma bela jovem chamada Amanda, um pouco mais velha do

que ele, que o iniciou na meditação ioga e na acupuntura, ciências com as quais Nicolás chegou a curar reumatismo e outras doenças menores, mais do que seu irmão, depois de sete anos de estudo, conseguia com a medicina tradicional. Tudo isso, porém, foi muito depois. Naquele verão, tinha 21 anos e entediava-se no campo. O irmão vigiava-o constantemente, tentando evitar que ele importunasse as meninas, tendo-se autodesignado defensor das virtudes das donzelas de Las Tres Marías, embora Nicolás tenha conseguido seduzir quase todas as adolescentes da região, com artes de galanteria que nunca tinham sido vistas por aquelas bandas. O resto do tempo passava investigando milagres, tentando aprender os truques de sua mãe para mover o saleiro com a força da mente e escrevendo versos apaixonados a Amanda, que os devolvia pelo correio, corrigidos e melhorados, sem que isso conseguisse desanimar o jovem.

Pedro García, o velho, morreu pouco antes das eleições presidenciais. O país estava convulsionado pelas campanhas políticas, os trens da vitória iam de norte a sul, levando os candidatos instalados no último vagão, com sua corte de partidários, saudando todos do mesmo modo, prometendo todos as mesmas coisas, embandeirados e com uma algazarra de orfeão e alto-falantes que espantava a calma da paisagem e embasbacava o gado. O velho vivera tanto que já não era nada mais do que um monte de ossinhos de cristal cobertos por uma pele amarela. Seu rosto era uma renda de rugas. Cacarejava enquanto caminhava, com um matraquear de castanholas, não tinha dentes e só podia comer papinhas de bebê, e, além de cego, tinha ficado surdo, mas nunca lhe faltou o conhecimento das coisas nem a memória remota e recente. Morreu sentado em sua cadeira de vime, ao entardecer. Gostava de ficar à porta do rancho sentindo cair a tarde, que ele adivinhava pela mudança sutil da temperatura, pelos ruídos do pátio, pela faina das cozinhas e pelo silêncio das galinhas. Foi ali que a morte o encontrou. A seus pés, estava seu bisneto Esteban García, que já estava com cerca de 10 anos, ocupado em vazar com um prego os olhos de um frango. Era filho de Esteban García, o único bastardo do patrão que herdou seu nome, embora não o sobrenome. Ninguém recordava sua origem nem a razão pela qual tinha esse nome, exceto ele mesmo, porque sua avó, Pancha García, antes de morrer, conseguira envenenar-lhe a infância com a história de que, se seu pai tivesse nascido no lugar de Blanca, Jaime ou Nicolás, teria herdado Las Tres Marías e poderia ter chegado a presidente da República, só por ter desejado. Naquela região semeada de filhos ilegítimos e de outros legítimos que não conheciam o pai, ele foi provavelmente o único que cresceu odiando seu nome. Viveu castigado pelo rancor contra o patrão, contra sua avó seduzida, contra

seu pai bastardo e contra seu próprio destino inexorável de caipira. Esteban Trueba não o distinguia dos demais meninos da fazenda; era um a mais do bando de crianças que cantavam o hino nacional na escola e faziam fila para receber seu presente de Natal. Não se lembrava de Pancha García nem de ter tido um filho com ela e, muito menos, daquele neto teimoso que o odiava, mas que o observava de longe para lhe imitar os gestos e copiar-lhe a voz.

O menino passava as noites imaginando horríveis doenças ou acidentes que pusessem fim à existência do patrão e de todos os seus filhos para ele poder herdar a propriedade. Então, transformava Las Tres Marías em seu reino. Acalentou essas fantasias toda a vida, mesmo depois de saber que jamais obteria o que quer que fosse por herança. Culpou sempre Trueba pela existência obscura que forjara para ele e se sentiu castigado, até mesmo quando chegou ao topo do poder e os teve todos na mão. O menino percebeu que algo havia mudado no velho. Aproximou-se, tocou-o, e o corpo cambaleou. Pedro García caiu no chão como um saco de ossos. Tinha as pupilas cobertas pela película leitosa que as deixara sem luz ao longo de um quarto de século. Esteban García pegou o prego e dispunha-se a picar-lhe os olhos, quando chegou Blanca e o afastou com um empurrão, sem suspeitar de que aquela criança mestiça e malvada era seu sobrinho e que, em alguns anos, seria o instrumento de uma tragédia para sua família.

— Meu Deus, o velhinho morreu! — soluçou, inclinando-se sobre o corpo encarquilhado do ancião que lhe povoara a infância de histórias e protegera seus amores clandestinos.

Enterraram Pedro García, o velho, com um velório de três dias, para o qual Esteban Trueba ordenou que não se regateassem gastos. Acomodaram-lhe o corpo num caixão de pinho rústico, com seu traje de domingo, o mesmo que usara quando se casou e que vestia para votar e receber seus cinquenta pesos no Natal. Vestiram-lhe sua única camisa branca, agora muito folgada no pescoço, porque a idade o encolhera, sua gravata de luto e um cravo vermelho na lapela, como ele fazia sempre que havia festa. Amarraram-lhe a mandíbula com um lenço e puseram-lhe seu chapéu negro, porque muitas vezes ele dissera que queria tirá-lo para cumprimentar Deus. Pedro García não tinha sapatos, mas Clara surrupiou um par de Esteban Trueba a fim de que todos vissem que ele não ia descalço para o Paraíso.

Jean de Satigny, entusiasmado com o funeral, tirou de sua bagagem uma máquina fotográfica com tripé e fez tantos retratos do morto que seus familiares supuseram que lhe podia roubar a alma e, por precaução, destruíram as chapas. Ao velório acorreram camponeses de toda a região, porque Pedro García, em seu século de vida, se havia aparentado com muitos habitantes da província. Chegou a curandeira,

que era ainda mais velha do que ele, com vários índios de sua tribo, que, a uma ordem sua, começaram a chorar o finado, só parando três dias depois, ao terminar todo o ritual. As pessoas reuniram-se em torno do rancho do velho, bebendo vinho, tocando violão e vigiando os assados. Também chegaram dois padres de bicicleta para benzer os restos mortais de Pedro García e conduzir os ritos fúnebres. Um deles era um gigante rubicundo, com forte sotaque espanhol, o padre José Dulce María, que Esteban Trueba conhecia de nome. Esteve a ponto de lhe impedir a entrada em sua propriedade, mas Clara convenceu-o de que não era hora de contrapor seus ódios políticos ao fervor cristão dos camponeses. “Pelo menos poderá dar alguma ordem aos assuntos da alma”, disse ela. Esteban Trueba, então, deu-lhe as boas-vindas e convidou-o a ficar em sua casa com o irmão leigo, que não abria a boca e olhava sempre para o chão, com a cabeça de lado e as mãos postas. O patrão estava comovido com a morte do velho, que lhe salvara as sementeiras das formigas e a vida da invalidez, e queria que todos lembrassem aquele enterro como um acontecimento.

Os padres reuniram os empregados e os visitantes na escola para recordar-lhes os esquecidos evangelhos e rezar uma missa pelo descanso da alma de Pedro García. Depois, retiraram-se para o quarto que lhes havia sido reservado na casa senhorial, enquanto os demais davam continuidade às atividades interrompidas por sua chegada. Naquela noite, Blanca esperou que se calassem os violões e o choro dos índios, e que todos fossem dormir, e, então, pulou a janela do quarto e seguiu na direção habitual, protegida pelas sombras. Voltou a fazer isso nas três noites seguintes, até que os sacerdotes partiram. Todos, menos seus pais, tomaram conhecimento do fato de que Blanca se encontrava com um deles no rio. Era Pedro Terceiro García, que não quis perder o funeral de seu avô e aproveitou a batina para arengar aos trabalhadores, de casa em casa, explicando-lhes que as próximas eleições eram a oportunidade que tinham de sacudir o jugo sob o qual tinham sempre vivido. Escutavam-no, surpresos e confusos. Seu tempo media-se por estações, seus pensamentos por gerações, eram lentos e prudentes. Só os mais jovens, os que tinham rádio e ouviam as notícias, os que às vezes iam à aldeia e conversavam com os sindicalistas conseguiam acompanhar o fio de suas ideias. Os demais escutavam-no porque o rapaz era o herói perseguido pelos patrões, mas no fundo estavam convencidos de que ele dizia tolices.

— Se o patrão descobre que vamos votar nos socialistas, estamos fodidos — disseram.

— Ele não pode saber! O voto é secreto — argumentou o falso padre.

— Isso é o que você pensa, filho — respondeu Pedro Segundo, seu pai. — Dizem que é secreto, mas, depois, sempre sabem em quem

votamos. Além disso, se ganham os de seu partido, nos mandam para a rua e não teremos trabalho. Sempre vivi aqui. O que faria?

— Não podem despedir todos vocês, porque o patrão perde mais do que vocês se todos forem embora — insistiu Pedro Terceiro.

— Não importa em quem votamos, eles ganham sempre.

— Eles trocam os votos — disse Blanca, que assistia à reunião, sentada em meio aos camponeses.

— Desta vez não conseguirão — retrucou Pedro Terceiro. — Mandaremos gente do partido para controlar as mesas de votação e garantir que as urnas sejam lacradas.

Os camponeses, porém, desconfiavam. A experiência lhes ensinara que a raposa, de uma forma ou de outra, sempre come as galinhas, apesar das canções subversivas que andavam de boca em boca, afirmando o contrário. Por isso, quando passou o trem do novo candidato do Partido Socialista, um médico míope e carismático que mobilizava multidões com seu discurso inflamado, eles o observavam da estação, vigiados pelos patrões, que montavam cerco ao seu redor, armados com espingardas de caça e garrotes. Escutaram respeitosamente as palavras do candidato, mas não se atreveram a fazer-lhe nem um gesto de cumprimento, exceto alguns peões que chegaram em bando, munidos de paus e picaretas, e o aplaudiram até se esganiçar, pois nada tinham a perder: eram nômades do campo, vagavam pela região sem trabalho fixo, sem família, sem patrão e sem medo.

Pouco depois da morte e do memorável enterro de Pedro García, o velho, Blanca começou a perder suas cores de maçã e a sofrer palpitações naturais, que não eram consequência de deixar de respirar, e vômitos matinais, que não eram provocados por salmoura quente. Imaginou que a causa estivesse no excesso de comida — era a época dos pêssegos dourados, dos damascos, do milho tenro preparado em caçarolas de barro e perfumado com alfavaca, era o tempo de fazer as marmeladas e as compotas para o inverno —, porém nem jejum, nem camomila ou purgantes, tampouco repouso a curaram. Perdeu o interesse pela escola, pela enfermaria e até pelos presépios de barro; tornou-se lerda e sonolenta, podendo passar horas deitada à sombra, olhando o céu, sem se interessar por absolutamente nada. A única atividade que manteve se resumia às suas escapadas noturnas ao rio com Pedro Terceiro.

Jean de Satigny, que não se dera por vencido em seu romântico assédio, observava-a. Por discrição, passava algumas temporadas no hotel da aldeia e fazia breves viagens à capital, de onde regressava carregado de literatura sobre as chinchilas, suas gaiolas, seu alimento, suas doenças, seus métodos reprodutivos, a forma de curtir-lhes a pele e, em geral, tudo o que dizia respeito a esses pequenos animais, cujo

destino era se transformar em estolas. Durante a maior parte do verão, o conde foi hóspede de Las Tres Marías. Um hóspede, aliás, encantador, bem-educado, tranquilo e alegre. Tinha sempre uma frase amável à beira dos lábios, elogiava a comida, distraía-os à tarde tocando piano no salão, quando competia com Clara nos noturnos de Chopin, e era uma fonte inesgotável de histórias e casos. Levantava-se tarde e passava uma ou duas horas dedicado a seus cuidados pessoais, fazia ginástica, corria ao redor da casa sem se importar com os gracejos dos toscos camponeses, ficava de molho na banheira de água quente e gastava horas escolhendo a roupa para cada ocasião. Era um esforço perdido, entretanto, já que ninguém lhe apreciava a elegância, e, frequentemente, a única coisa que conseguia com seus trajes ingleses de montar, seus casacos de veludo e seus chapéus tiroleses com pena de faisão era que Clara, com a melhor intenção, lhe oferecesse uma roupa mais adequada ao campo. Jean não perdia o bom humor, aceitava os sorrisos irônicos do dono da casa, a expressão fechada de Blanca e a perene distração de Clara, que, um ano depois de sua chegada, continuava a perguntar seu nome. Sabia preparar algumas receitas francesas, muito esmeradas e magnificamente apresentadas, com que colaborava sempre que recebiam convidados. Era a primeira vez que viam um homem interessado em culinária, mas, supondo que se tratasse de costumes europeus, não se atreveram a zombar dele, para não passar por ignorantes. De suas viagens à capital, ele trazia, além do material referente às chinchilas, revistas de moda, novelas de guerra, que se haviam popularizado para criar o mito do soldado heroico, e romances para Blanca. Na conversa à sobremesa, referia-se às vezes, mas sempre com um tom de mortal enfado, a seus verões com a nobreza europeia nos castelos de Lichtenstein ou na Costa Azul. Nunca deixava de acrescentar que estava feliz por ter trocado tudo aquilo pelo encanto da América. Blanca perguntava-lhe por que não escolhera o Caribe ou, pelo menos, um país de mulatas, coqueiros e tambores se o que procurava era o exotismo, mas ele reafirmava que não havia na terra lugar mais agradável do que aquele esquecido país no fim do mundo. O francês não falava a respeito de sua vida pessoal, exceto para deixar escaparem algumas imperceptíveis chaves que permitiam ao interlocutor astuto dar-se conta de seu esplendoroso passado, de sua fortuna incalculável e de sua nobre origem. Não se sabia ao certo seu estado civil, sua idade, sua família ou de que parte da França provinha. Clara, acreditando que tanto mistério era perigoso, tratou de decifrá-lo com as cartas do Tarot, mas Jean não permitiu que lhe lessem a sorte nem que perscrutassem as linhas da mão. Também não se conhecia seu signo zodiacal.

Nada disso, porém, preocupava Esteban Trueba. Para ele, era

suficiente que o conde estivesse disposto a entretê-lo com uma partida de xadrez ou dominó, que fosse habilidoso e simpático e nunca pedisse dinheiro emprestado. Desde que Jean de Satigny passara a visitar a casa, era muito mais suportável o tédio do campo, onde às cinco da tarde não havia nada mais para fazer. Além disso, gostava de que os vizinhos o invejassem por receber aquele hóspede distinto em Las Tres Marías.

Corria o boato de que Jean pretendia casar-se com Blanca Trueba, mas nem por isso ele deixou de ser o galã predileto das mães casamenteiras. Clara também o estimava, ainda que não cultivasse qualquer projeto matrimonial. De sua parte, Blanca acabou por se acostumar à sua presença. Era tão discreto e de trato tão gentil que, pouco a pouco, Blanca esqueceu a proposta de casamento. Chegou a pensar que talvez tivesse sido uma brincadeira do conde. Voltou, portanto, a tirar os castiçais de prata do armário, pôr a mesa com a louça inglesa e usar os vestidos da cidade nas tertúlias da tarde. Frequentemente, Jean a convidava para ir à aldeia ou pedia-lhe que o acompanhasse em seus numerosos compromissos sociais. Nessas oportunidades, Clara tinha de ir com eles, porque Esteban Trueba era inflexível nesse ponto: não queria que vissem a filha sozinha com o francês. Em contrapartida, permitia-lhes passear sem acompanhante pela propriedade, sempre que não se afastassem demais e regressassem antes do anoitecer. Clara argumentava que, se se tratasse apenas de proteger a virgindade da jovem, isso era muito mais perigoso do que ir tomar chá na fazenda Uzcátegui, mas Esteban estava convicto de que não havia nada a temer quanto a Jean, porque suas intenções eram nobres; precisava precaver-se, no entanto, das más línguas, que podiam destroçar a honra de sua filha. Os passeios campestres de Jean e Blanca consolidaram uma boa amizade. Davam-se bem. Gostavam ambos de sair no meio da manhã a cavalo, com a merenda num cesto e várias maletinhas de lona e couro com o equipamento de Jean. O conde aproveitava todas as paradas para colocar Blanca contra a paisagem e fotografá-la, apesar de ela resistir um pouco, porque se sentia vagamente ridícula. Esse sentimento justificava-se ao ver os retratos revelados, em que aparecia com um sorriso que não era o seu, em postura desconfortável e com ar de infelicidade, devido, segundo Jean, ao fato de ela não conseguir posar com naturalidade e, segundo ela, porque ele a obrigava a ficar torta e prender a respiração durante vários segundos, até que se imprimisse a chapa. Em geral escolhiam um lugar sombrio debaixo das árvores, estendiam uma manta sobre a relva e sentavam-se durante algumas horas. Falavam a respeito da Europa, de livros, de casos da família de Blanca ou das viagens de Jean. Ela lhe ofereceu um livro do Poeta, e ele se entusiasmou tanto que decorou vários trechos e recitava os

versos sem vacilar. Dizia que era o melhor que se tinha escrito em matéria de poesia e que nem sequer no francês, o idioma das artes, havia algo que se pudesse comparar. Não falavam sobre seus sentimentos. Jean era solícito, mas não suplicante ou insistente, mostrando-se sempre fraternal e brincalhão. Se lhe beijava a mão para se despedir, fazia-o com um olhar de estudante que cobria de romantismo o gesto. Se lhe elogiava um vestido, um guisado ou uma figura do presépio, seu tom de voz tinha um sabor irônico que permitia interpretar a frase de muitas maneiras. Se cortava flores para ela ou a ajudava a desmontar do cavalo, fazia-o com tal desembaraço que transformava o galanteio em atenção de amigo. De qualquer forma, para preveni-lo, Blanca reiterava, a cada oportunidade que se apresentava, que nem morta se casaria com ele. Jean de Satigny sorria com seu brilhante sorriso de sedutor, sem nada dizer, e Blanca tinha de notar pelo menos que ele era muito mais gentil do que Pedro Terceiro.

Blanca não sabia que Jean a vigiava. Vira-a muitas vezes pular a janela vestida de homem. Seguia-a em parte de seu trajeto, mas desistia e voltava para casa, temendo que os cães o surpreendessem na escuridão. Contudo, pelo rumo que ela tomava, concluía que ia sempre para o rio.

Trueba, durante todo esse tempo, nada decidira a respeito das chinchilas. À guisa de experiência, concordou em instalar uma gaiola com alguns casais desses roedores, simulando, em pequena escala, a grande indústria-modelo. Foi a única vez que se viu Jean de Satigny de mangas arregaçadas, trabalhando. No entanto, as chinchilas contraíram uma doença própria das ratazanas e, em menos de duas semanas, todas foram morrendo. Nem sequer puderam curtir as peles, porque seu pelo se tornou opaco e se soltava da pele como as penas de uma ave mergulhada em água fervente. Jean viu, horrorizado, os cadáveres pelados, com as patas tesas e os olhos vazios, deitando por terra suas esperanças de convencer Esteban Trueba, que perdeu todo o interesse pela peleteria ao constatar aquela mortandade.

— Se a peste tivesse atingido a indústria-modelo, eu estaria totalmente arruinado — concluiu Trueba.

Entre a peste das chinchilas e as escapadelas de Blanca, o conde passou vários meses perdendo seu tempo. Começava a cansar-se daquelas diligências e imaginava que Blanca nunca se dobraria a seus encantos. Compreendeu também que a criação de roedores não se concretizaria e concluiu que era melhor precipitar as coisas, antes que outro, mais esperto, ficasse com a herdeira. Além disso, começava a gostar de Blanca, agora que estava mais robusta e com aquela languidez que lhe atenuara as maneiras de camponesa. Preferia as mulheres plácidas e opulentas, e a visão de Blanca recostada em

almofadões observando o céu à hora da sesta fazia-o lembrar-se de sua mãe, às vezes chegando mesmo a comovê-lo. Jean aprendeu a adivinhar, a partir de pequenos detalhes imperceptíveis para os demais, quando Blanca tinha, já planejada, uma excursão noturna ao rio. Nessas ocasiões, ela não jantava, alegando dor de cabeça, despedia-se cedo, e havia um brilho estranho em suas pupilas, uma impaciência e uma ânsia em seus gestos, que ele reconhecia. Uma noite decidiu segui-la até o fim, para encerrar aquela situação que ameaçava prolongar-se indefinidamente. Estava certo de que Blanca tinha um amante, mas imaginava que não poderia ser nada sério. Pessoalmente, Jean de Satigny não tinha nenhuma fixação em relação à virgindade e não questionara esse assunto quando decidiu pedi-la em casamento. O que lhe interessava nela eram outras coisas, que não se perderiam por um momento de prazer à beira do rio.

Depois de Blanca se retirar para seu quarto e o resto da família também, Jean de Satigny ficou sentado no salão às escuras, atento aos ruídos da casa, até a hora em que calculou que ela pularia a janela. Então saiu para o pátio e ficou em meio às árvores, à sua espera. Esteve escondido nas sombras mais de meia hora, sem que nenhuma anormalidade perturbasse a paz da noite. Aborrecido de tanto esperar, dispunha-se a retirar-se quando reparou que a janela de Blanca estava aberta. Compreendeu que ela escapara antes de ele ter descido ao jardim para vigiá-la.

— *Merde* — resmungou em francês.

Rogando que os cães não alertassem a casa inteira com seus latidos e não o atacassem, dirigiu-se ao rio, pelo caminho que tinha visto Blanca tomar outras vezes. Não estava habituado a andar com seu fino calçado pela terra lavrada, nem pular pedras e evitar poças, mas a noite estava muito clara, com uma esplendorosa lua cheia iluminando o céu em fantasmagórico fulgor e, tão logo lhe passou o medo de os cães aparecerem, pôde apreciar a beleza daquele momento. Andou um bom quarto de hora antes de avistar os primeiros canaviais da margem e, então, redobrou a prudência e aproximou-se mais silenciosamente, atento ao chão para não pisar em gravetos que pudessem denunciá-lo. A lua refletia-se na água com um brilho de cristal, e a brisa agitava suavemente as folhas das canas e as copas das árvores. Reinava o mais completo silêncio, e, por um instante, imaginou que estivesse vivendo um sonho de sonâmbulo, em que caminhava e caminhava sem avançar, sempre no mesmo lugar encantado, onde o tempo havia parado e cujas árvores, que pareciam estar ao alcance de sua mão, tentava tocar e só encontrava o vazio. Recuperar seu habitual estado de espírito, realista e pragmático, demandou-lhe esforço. Num recanto da paisagem, entre grandes pedras cinzentas iluminadas pela luz da lua, viu-os tão perto que quase podia tocá-los. Estavam nus. O homem

estava de costas, com o rosto virado para o céu, os olhos fechados, mas não teve dificuldade em reconhecer o sacerdote jesuíta que ajudara na missa do funeral de Pedro García, o velho. Isso o espantou. Blanca dormia com a cabeça apoiada no ventre liso e moreno de seu amante. A tênue luz da lua punha reflexos metálicos em seus corpos, e Jean de Satigny estremeceu ao constatar a harmonia de Blanca, que naquele momento lhe pareceu perfeita.

Foi necessário quase um minuto para que o elegante conde francês abandonasse o estado de sonho em que o haviam mergulhado a visão dos amantes, a placidez da noite, a lua e o silêncio do campo, e se desse conta de que a situação era mais grave do que havia imaginado. Na atitude daqueles corpos, reconheceu o abandono próprio dos que se conhecem há muito tempo. Aquilo não parecia uma aventura erótica de verão, como havia suposto, mas, antes, um casamento da carne e do espírito. Jean de Satigny não poderia saber que Blanca e Pedro Terceiro haviam dormido assim no dia em que se conheceram e que continuaram a fazê-lo sempre que podiam, ao longo desses anos; no entanto, por instinto, intuiu que assim fora. Procurando não provocar o menor ruído que pudesse alertá-los, deu meia-volta e retornou à casa senhorial, pensando na melhor maneira de enfrentar o assunto. Ao chegar, já tomara a decisão de contar tudo ao pai de Blanca, porque a ira sempre acesa de Esteban Trueba lhe pareceu o melhor meio para resolver o problema. “Eles que se entendam”, pensou.

Jean de Satigny não esperou amanhecer. Bateu à porta do quarto de seu anfitrião e, antes que ele conseguisse livrar-se completamente do sono, impingiu-lhe sua versão. Disse que não conseguia dormir devido ao calor e que, para tomar ar, tinha caminhado distraidamente em direção ao rio, deparando com o deprimente espetáculo de sua futura noiva dormindo nos braços do jesuíta barbudo, nus, à luz da lua. Por um instante, isso confundiu Esteban Trueba, que não conseguia imaginar sua filha deitada com o padre José Dulce María, mas, de repente, atinou com o que havia ocorrido, a trapaça de que fora vítima durante o enterro do velho, e concluiu que o sedutor não podia ser outro senão Pedro Terceiro García, aquele maldito filho de uma cadela que lhe haveria de pagar com a vida. Vestiu as calças, apressado, calçou as botas, pôs a espingarda ao ombro e arrancou da parede seu chicote de cavaleiro.

— Espere-me aqui, *don* — ordenou ao francês, que, na verdade, não tinha nenhuma intenção de acompanhá-lo.

Esteban Trueba correu ao estábulo e montou seu cavalo sem o selar. Ia bufando de indignação, seus ossos soldados reclamando do esforço e o coração galopando no peito. “Vou matá-los, os dois”, resmungava como uma ladainha. Saiu em disparada na direção

indicada pelo francês, mas não precisou chegar ao rio, porque, no meio do caminho, encontrou Blanca, que voltava para casa, cantarolando, com o cabelo em desalinho, a roupa suja e o ar feliz de quem não precisa pedir nada à vida. Ao ver sua filha, Esteban Trueba não pôde conter seu mau gênio e partiu para cima dela a cavalo, com o chicote no ar, e golpeou-a sem piedade, descarregando-lhe uma chicotada atrás da outra, até vê-la cair e ficar imóvel, estendida no barro. Seu pai desmontou do cavalo, sacudiu-a até fazê-la voltar a si e gritou-lhe todos os insultos conhecidos e outros inventados no impulso do momento.

— Quem é? Diga-me seu nome ou eu a mato — exigiu-lhe.

— Nunca lhe direi — soluçou ela.

Esteban Trueba compreendeu que aquele não era o jeito para obter alguma coisa de sua filha, que dele herdara a mesma teimosia. Percebeu que se havia excedido no castigo, como sempre. Montou-a no cavalo, e voltaram para casa. O instinto ou o alvoroço dos cães advertiram Clara e os empregados, que esperavam à porta com todas as luzes acesas. A única pessoa que não se viu em nenhum canto foi o conde, que, em meio à confusão, aproveitou para fazer as malas, atrelar os cavalos ao coche e partir discretamente para o hotel da aldeia.

— O que você fez, Esteban, pelo amor de Deus?!? — indagou Clara ao ver a filha coberta de barro e sangue.

Clara e Pedro Segundo García levaram Blanca nos braços para a cama. O administrador empalidecera mortalmente, mas não disse nem uma só palavra. Clara lavou a filha, aplicou-lhe compressas frias nas têmporas e falou com ela, sussurrando, até que conseguiu tranquilizá-la. Depois de adormecê-la, foi enfrentar o marido, que se fechara no escritório e ali caminhava furioso de um lado para o outro, chicoteando as paredes, praguejando e chutando os móveis. Ao vê-la, Esteban dirigiu toda a sua fúria contra ela, acusando-a de ter criado Blanca sem moral, sem religião, sem princípios, como uma atea libertina e, pior, sem sentido de classe, porque seria possível compreender que ela o tivesse feito com alguém bem-nascido, mas não com um caipira, um boçal, um cabeça-quente, ocioso, que não servia para nada.

— Devia tê-lo matado quando o ameacei! Deitando-se com minha própria filha! Juro que vou encontrá-lo e, quando o agarrar, capo-o, corto-lhe as bolas, ainda que seja a última coisa que faça em minha vida; juro por minha mãe que ele se arrependerá de ter nascido.

— Pedro Terceiro García não fez nada que você mesmo não tenha feito — disse Clara, quando pôde interrompê-lo. — Você também se deitou com mulheres solteiras que não são de sua classe. A diferença é que ele o fez por amor. E Blanca também.

Trueba olhou-a, imobilizado pelo inesperado. Por um instante, sua ira pareceu esvaziar-se e se sentiu enganado, mas imediatamente uma onda de sangue lhe subiu à cabeça. Perdeu o domínio e deu um murro no rosto de sua mulher, jogando-a contra a parede. Clara desabou sem um grito. Esteban pareceu despertar de um transe, ajoelhou-se a seu lado, chorando, balbuciando desculpas e explicações, chamando-a pelos nomes carinhosos que só usava na intimidade, sem compreender como pudera levantar a mão para ela, que era o único ser que realmente lhe importava e a quem nunca, nem mesmo nos piores momentos de vida em comum, tinha deixado de respeitar. Ergueu-a nos braços, sentou-a amorosamente numa poltrona, molhou um lenço para aplicar em sua testa e tentou fazê-la beber um pouco de água. Por fim, Clara abriu os olhos. Escorria sangue de seu nariz. Quando entreabriu a boca, cuspiu vários dentes, que caíram no chão, e um fio de saliva sangrenta correu-lhe pelo queixo e pelo pescoço.

Logo que pôde levantar-se, Clara afastou Esteban com um empurrão, ergueu-se com dificuldade e saiu do escritório, tentando caminhar esticada. Do outro lado da porta estava Pedro Segundo, que conseguiu segurá-la no momento em que cambaleou. Ao senti-lo a seu lado, Clara abandonou-se. Pousou o rosto inchado no peito daquele homem que estivera a seu lado durante os momentos mais difíceis de sua vida e começou a chorar. A camisa de Pedro Segundo García tingiu-se de sangue.

Clara não voltou a falar com seu marido nunca mais em sua vida. Deixou de usar seu sobrenome de casada e tirou do dedo a fina aliança de ouro que ele colocara havia mais de vinte anos, naquela noite memorável em que Barrabás morreu assassinado por uma faca de açougueiro.

Dois dias depois, Clara e Blanca abandonaram Las Tres Marías e regressaram à capital. Esteban ficou humilhado e furioso, com a sensação de que algo se partira para sempre em sua vida.

Pedro Segundo levou a patroa e sua filha à estação. Desde aquela noite, não tinha tornado a vê-las e permanecia silencioso e recolhido. Instalou-as no trem e depois ficou com o chapéu na mão, os olhos baixos, sem saber como se despedir. Clara abraçou-o. A princípio ele se manteve rígido e desconcertado, mas logo o venceram seus próprios sentimentos e atreveu-se a envolvê-la timidamente em seus braços e depositar um beijo imperceptível em seu cabelo. Olharam-se pela última vez através da janela e ambos tinham os olhos cheios de lágrimas. O fiel administrador chegou à sua casa de tijolo, empacotou seus escassos pertences, embrulhou num lenço o pouco dinheiro que tinha conseguido economizar em todos aqueles anos de serviço e partiu. Trueba viu-o despedir-se dos empregados e montar seu cavalo. Tentou detê-lo, explicando-lhe que o que ocorrera nada tinha a ver

com ele e que não era justo que, por culpa do filho, perdesse o emprego, os amigos, a casa e a segurança.

— Não quero estar aqui quando encontrar meu filho, patrão — foram as últimas palavras de Pedro Segundo García antes de partir a trote para a estrada.

Como me senti sozinho, então! Ignorava que a solidão não me abandonaria nunca mais e que a única pessoa que voltaria a ter por perto de mim pelo resto da vida seria uma neta boêmia e excêntrica, com o cabelo verde, como o de Rosa. Porém, isso aconteceria vários anos mais tarde.

Depois da partida de Clara, olhei em torno e vi muitas caras novas em Las Tres Marías. Os antigos companheiros de percurso estavam mortos ou se haviam afastado. Já não tinha nem minha mulher, nem minha filha. O contato com meus filhos era mínimo. Tinham falecido minha mãe, minha irmã, a boa Nana e Pedro García, o velho. E também Rosa me veio à memória, como uma dor inesquecível. Já não podia mais contar com Pedro Segundo García, que estivera ao meu lado durante trinta e cinco anos. Passei a chorar. As lágrimas caíam-me sozinhas, eu as limpava com a mão, mas vinham outras. Vão todos para o caralho!, eu gritava pelos cantos da casa. Andava pelos cômodos vazios, entrava no quarto de Clara e procurava em seu armário e em sua cômoda algo que ela tivesse usado, para cheirar e recuperar, ainda que por um momento fugaz, seu tênue aroma de limpeza. Estendia-me em sua cama, enfiava o rosto em seu travesseiro, acariciava os objetos que ela deixara sobre a penteadeira e sentia-me profundamente desolado.

Pedro Terceiro García tinha toda a culpa pelo que acontecera. Por causa dele, Blanca se afastara de mim, por causa dele eu discutira com Clara, por causa dele Pedro Segundo deixara a fazenda, por causa dele os empregados olhavam-me com receio e cochichavam às minhas costas. Fora sempre um revoltoso, e o que eu deveria ter feito desde o princípio era corrê-lo a pontapés. Deixei passar o tempo por respeito a seu pai e a seu avô, e o resultado foi aquele ranhento de merda roubar-me o que eu mais amava no mundo. Fui ao quartel da aldeia e subornei os carabineiros para me ajudarem a procurá-lo. Dei-lhes ordens de não o prenderem, mas de me entregarem sem muito alvoroço. No bar, no barbeiro, no clube e no Farolito Rojo, espalhei o boato de que havia uma recompensa para quem me entregasse o rapaz.

— Cuidado, patrão. Não vá querer fazer justiça com as próprias mãos; olhe que as coisas mudaram muito desde o tempo dos irmãos — advertiram-me. Mas não quis escutá-los. O que a Justiça teria feito nesse caso? Nada.

Passaram-se cerca de quinze dias sem nenhuma novidade. Eu percorria a propriedade, entrava nas fazendas vizinhas, espionava os empregados. Estava convencido de que escondiam o rapaz. Aumentei a recompensa e ameacei os carabineiros de mandar destituí-los por incompetência, mas foi tudo inútil. Cada hora que passava aumentava-me a raiva. Comecei a beber como nunca o tinha feito, nem em meus tempos de solteiro. Dormia mal e voltei a sonhar com Rosa.

Uma noite sonhei que a esmurrava como fizera com Clara e que seus dentes também rolavam no chão. Despertei aos gritos, mas estava sozinho, e ninguém me podia ouvir. Estava tão deprimido que deixei de fazer a barba, não mudava de roupa, acho que nem tomava banho. A comida parecia-me amarga, e eu tinha um gosto de bÍlis na boca. Rompi as articulações dos dedos esmurrando as paredes e arrebentei um cavalo galopando para espantar a fúria que me consumia as entranhas. Nesses dias ninguém se aproximava de mim, e as empregadas serviam-me à mesa tremendo, o que me deixava ainda pior. Um dia estava no corredor, fumando um cigarro antes da sesta, quando se aproximou um menino moreno que se plantou diante de mim em silêncio. Chamava-se Esteban García. Era meu neto, mas eu não sabia e só agora, devido às terríveis coisas que ocorreram por obra sua, inteirei-me do parentesco que nos une. Era também neto de Pancha García, uma irmã de Pedro Segundo, de quem, na verdade, não me lembro.

— O que você quer, ranhento? — perguntei ao menino.

— Eu sei onde está Pedro Terceiro García — respondeu-me.

Dei um salto tão brusco que a cadeira de vime em que estava sentado virou; agarrei o garoto pelos ombros e o sacudi.

— Onde? Onde está esse maldito? — gritei-lhe.

— Vai dar-me a recompensa, patrão? — balbuciou o menino, aterrorizado.

— Você a terá, mas primeiro quero ter certeza de que não está mentindo. Vamos, leve-me até onde está esse desgraçado!

Fui buscar minha espingarda, e saímos. O menino informou que tínhamos de ir a cavalo, porque Pedro Terceiro estava escondido na serraria dos Lebus, a várias milhas de Las Tres Marías. Como não me passou pela cabeça que estivesse ali? Era um esconderijo perfeito. Nessa época do ano, a serraria dos alemães era mantida fechada e ficava longe de todos os caminhos.

— Como soube que Pedro Terceiro García está lá?

— Todo mundo sabe, patrão, menos o senhor — respondeu-me.

Fomos a trote, porque naquele terreno não era possível correr. A serraria era encravada num dos flancos da montanha, e, ali, não adiantava forçar muito os animais. No esforço para subir, os cavalos arrancavam chispas das pedras com os cascos. Creio que suas pisadas

eram o único ruído daquela tarde abafada e quieta. Ao entrar na área dos bosques, a paisagem mudou, e o ar ficou mais fresco, porque as árvores erguiam-se em fileiras estreitas, fechando a entrada à luz do sol. O chão era um tapete avermelhado e macio em que as patas dos cavalos afundavam suavemente. Então o silêncio nos envolveu. O menino seguia na frente, montando seu cavalo em pelo, colado a ele como se fossem um só corpo, e eu ia atrás, taciturno, ruminando minha raiva. Em alguns momentos a tristeza invadia-me, era mais forte do que a injúria que estivera incubada durante tanto tempo, mais forte do que o ódio que sentia por Pedro Terceiro García. Devem ter-se passado duas horas antes de eu avistar os galpões da serraria, distribuídos em semicírculo numa clareira do bosque. Naquele lugar, o cheiro da madeira e dos pinheiros era tão intenso que por um momento distraí-me do objetivo da viagem, tomado pela paisagem, pelo bosque, pelo sossego. Mas essa fraqueza não me durou mais do que um segundo.

— Espere aqui e tome conta dos cavalos. Não se mexa.

Desmontei. O menino pegou as rédeas do animal, e eu parti agachado com a espingarda preparada nas mãos. Não sentia os 60 anos nem as dores de meus velhos ossos sovados, movido pela ideia de me vingar. De um dos galpões, saía uma pequena coluna de fumaça, e, vendo um cavalo amarrado à entrada, concluí que ali deveria estar Pedro Terceiro e dirigi-me ao galpão dando uma volta. Meus dentes rangiam de impaciência, e eu pensava que não queria matá-lo com o primeiro tiro, porque isso seria muito rápido, e meu prazer se acabaria em um minuto; tinha esperado tanto que queria saborear o momento de fazê-lo em pedaços, mas também não deveria dar-lhe a oportunidade de escapar. Era muito mais jovem do que eu, e, se não o pegasse de surpresa, estaria fodido. Minha camisa estava ensopada de suor, grudada ao corpo, meus olhos toldados, mas sentia-me com 20 anos e com a força de um touro. Entrei no galpão arrastando-me em silêncio, meu coração batendo como um tambor. Era um espaço amplo, uma espécie de adega, que tinha o chão coberto de serragem e grandes pilhas de madeira e máquinas cobertas com pedaços de lona verde, que as preservava da poeira. Avancei, ocultando-me entre as pilhas de madeira, até que, de súbito, o vi. Pedro Terceiro García estava deitado no chão, dormindo, com a cabeça sobre uma manta dobrada. A seu lado, havia uma pequena fogueira de brasas sobre umas pedras e uma panela para ferver água. Parei, sobressaltado, e pude observá-lo à vontade, com todo o ódio do mundo, tentando fixar para sempre em minha memória aquele rosto moreno, de feições quase infantis, onde a barba parecia um disfarce, sem compreender que diabo minha filha tinha visto naquele cabeludo ordinário. Teria cerca de 25 anos, mas, dormindo, pareceu-me um menino. Custou-me

um grande esforço controlar o tremor de minhas mãos e o ranger de meus dentes. Levantei a espingarda e avancei dois passos. Estava tão perto que poderia estourar-lhe a cabeça sem mirar, mas decidi esperar uns segundos para que meu pulso se tranquilizasse. Esse momento de vacilo derrubou-me. Imagino que o hábito de se esconder tenha apurado o ouvido de Pedro Terceiro García e que o instinto o tenha advertido do perigo. Numa fração de segundo deve ter tomado consciência, mas manteve os olhos fechados, preparou todos os músculos, contraiu os tendões e pôs toda a sua energia num incrível salto que, de um só impulso, deixou-o de pé a um metro do lugar em que se cravou minha bala. Não consegui apontar de novo, porque ele se agachou, pegou um pedaço de madeira e o atirou, batendo em minha espingarda, que voou longe. Lembro-me de que senti uma onda de pânico ao ver-me desarmado, mas imediatamente me dei conta de que ele estava mais assustado do que eu. Observamo-nos em silêncio, ofegantes, cada um esperando o primeiro movimento do outro. Então vi o machado. Estava tão perto que podia alcançá-lo apenas esticando o braço, e foi isso que fiz sem pensar duas vezes. Peguei o machado e, com um grito selvagem que me saiu do fundo das entranhas, lancei-me contra ele, disposto a rachá-lo de alto a baixo com um só golpe. O machado brilhou no ar e caiu sobre Pedro Terceiro García. Um jorro de sangue cobriu meu rosto.

No último instante ele levantou os braços para deter a machadada, e o fio da lâmina decepou-lhe num ápice três dedos da mão direita. Vencido pelo esforço, caí de joelhos. Apertando a mão contra o peito, ele saiu correndo, pulou sobre as pilhas de madeira e os troncos espalhados pelo chão, alcançou o cavalo, montou de imediato e perdeu-se com um grito terrível em meio às sombras dos pinheiros, deixando atrás de si um rastro de sangue.

Fiquei de quatro no chão, arquejando. Precisei de vários minutos para acalmar-me e compreender que não o matara. Minha primeira reação foi de alívio, porque, ao sentir o sangue quente batendo em meu rosto, meu ódio subitamente se aplacou, e tive de me esforçar para lembrar por que razão queria matá-lo, a fim de justificar a violência que me sufocava, estalava meu peito, zumbia meus ouvidos e turvava minha vista. Abri a boca, desesperado, para encher os pulmões de ar, consegui pôr-me de pé, mas comecei a tremer, dei dois passos e caí sentado sobre uma pilha de tábuas, atordoado, sem conseguir recuperar o ritmo da respiração. Pensei que fosse desmaiar, o coração saltava-me no peito como uma máquina enlouquecida. Deve ter passado muito tempo, não sei. Por fim, ergui os olhos, levantei-me e procurei a espingarda.

O menino Esteban García estava a meu lado, olhando-me em silêncio. Recolhera os dedos cortados e os segurava como um molho

de aspargos sangrentos. Não consegui evitar a náusea, tinha a boca cheia de saliva, vomitei manchando as botas, enquanto o garoto sorria, impassível.

— Larga isso, ranhento de merda! — gritei, batendo-lhe na mão.

Os dedos caíram sobre a serragem, tingindo-a de vermelho.

Peguei a espingarda e, cambaleando, avancei para a saída. O ar fresco do entardecer e o perfume pesado dos pinheiros bateram-me no rosto, devolvendo-me os sentidos. Respirei com avidez, sôfrego. Caminhei até meu cavalo com grande esforço, doía-me todo o corpo e tinha as mãos presas. O menino seguia-me.

Voltamos a Las Tres Marías procurando o caminho na escuridão, que desceu rapidamente depois do pôr do sol. As árvores dificultavam a marcha, os cavalos tropeçavam nas pedras e nas moitas, os galhos nos arranhavam ao passarmos. Eu me sentia como em outro mundo, confundido e aterrorizado por minha própria violência, agradecido pelo fato de Pedro Terceiro ter escapado, porque estava certo de que, se ele tivesse caído, teria continuado a dar-lhe machadadas até matá-lo, destroçá-lo, picá-lo em pedacinhos, com a mesma decisão com que estava disposto a meter-lhe um tiro na cabeça.

Sei o que falam a meu respeito. Dizem, entre outras coisas, que matei um ou vários homens ao longo de minha vida.

Culparam-me da morte de alguns camponeses. Não é verdade. Se fosse, não me importaria de reconhecer, porque, na idade em que estou, essas coisas podem ser ditas impunemente. Já me resta muito pouco tempo de vida. Nunca matei um homem, e o mais perto que estive de fazê-lo foi nesse dia em que peguei o machado e avancei para Pedro Terceiro García.

Chegamos em casa à noite. Desci com dificuldade do cavalo e caminhei até o terraço. Tinha-me esquecido completamente do menino que me acompanhava, porque ao longo de todo o trajeto ele não abriu a boca; por isso, assustei-me ao sentir que me puxava a manga.

— Vai dar-me a recompensa, patrão? — disse.

Despedi-o com um empurrão.

— Não há recompensa para os traidores que denunciam. Ah! E proíbo-o de contar o que aconteceu! Entendeu? — disse, grunhindo.

Entrei em casa e fui diretamente beber um gole na própria garrafa. O conhaque queimou-me a garganta e devolveu-me algum calor. Estendi-me no sofá, arfando. O coração ainda me batia desesperadamente, e eu estava enjoado. Com as costas da mão, limpei as lágrimas que me escorriam pelo rosto.

Lá fora ficou Esteban García diante da porta fechada. Como eu, estava chorando de raiva.

* Mamífero da América do Sul de cuja carapaça os índios fazem um bandolim de doze cordas.
(N. T.)

Capítulo VII

Os Irmãos

Clara e Blanca chegaram à capital com o lamentável aspecto de duas acidentadas. Ambas tinham o rosto inchado, os olhos vermelhos de pranto e a roupa amassada pela longa viagem de trem. Blanca, mais frágil do que sua mãe, apesar de ser muito mais alta, jovem e pesada, suspirava acordada e soluçava dormindo, em um infindável lamento desde o dia da surra. Clara, porém, não tinha paciência para a desgraça e, portanto, ao chegar ao casarão da esquina, vazio e lúgubre como um mausoléu, decidiu que bastava de choradeiras e queixumes, que era tempo de alegrar a vida. Obrigou sua filha a ajudá-la na tarefa de contratar novos empregados, abrir os postigos, tirar os lençóis que cobriam os móveis, as capas dos candeeiros, os cadeados das portas, sacudir o pó e deixar entrar a luz e o ar. Faziam isso quando o inconfundível aroma das violetas silvestres invadiu a casa, e assim souberam que as três irmãs Mora, avisadas pela telepatia ou simplesmente pelo afeto, tinham chegado de visita. Seu alegre falatório, suas compressas de água fria, seus consolos espirituais e seu encanto natural conseguiram fazer com que mãe e filha se recompusessem das contusões do corpo e das dores da alma.

— Temos de comprar outros pássaros — disse Clara olhando pela janela as gaiolas vazias e o jardim abandonado, onde as estátuas do Olimpo se erguiam, cagadas pelos pombos.

— Não sei como pode pensar em pássaros se lhe faltam os dentes, mamãe — observou Blanca, que não se acostumava ao novo rosto, desdentado, da mãe.

Clara teve tempo para tudo. Em duas semanas, enchera de novos pássaros as antigas gaiolas e mandara fazer uma prótese de porcelana, ajustada mediante um engenhoso mecanismo que a prendia aos molares restantes, ainda que o sistema se tivesse demonstrado tão incômodo que ela preferiu usar a dentadura pendurada ao pescoço por uma fita. Só a colocava para comer e, às vezes, nas reuniões sociais.

Clara devolveu a vida àquela casa. Deu ordem à cozinheira para manter o fogão sempre aceso e disse-lhe que deveriam estar preparados para alimentar um número variável de hóspedes. Sabia por que o dizia. Poucos dias depois, começaram a chegar seus amigos rosa-cruz, espíritas, teósofos, acupunturistas, telepatas, fazedores de chuva, peripatéticos, adventistas do sétimo dia, os artistas necessitados ou em desgraça e, por fim, todos os que habitualmente constituíam sua corte. Clara reinava entre eles como uma pequena soberana alegre e sem dentes. Nessa época, deu início às suas primeiras tentativas sérias de se comunicar com os extraterrestres e, como registrou, teve suas primeiras dúvidas a respeito da origem das mensagens espirituais que recebia por meio do pêndulo ou da mesa de três pés. Ouviram-na dizer muitas vezes que talvez não fossem as almas dos mortos o que vagava em outra dimensão, mas, simplesmente, seres de outros planetas que tentavam estabelecer relação com os terráqueos e, constituindo-se de uma matéria impalpável, facilmente se podiam confundir com as almas. Essa explicação científica encantou Nicolás, mas não teve a mesma aceitação pelas irmãs Mora, que eram muito conservadoras.

Blanca vivia alheia a essas dúvidas. Para ela, os seres de outros planetas pertenciam à mesma categoria das almas; não conseguia, portanto, compreender o entusiasmo de sua mãe e seus amigos em identificá-los. Estava muito ocupada com a casa, porque Clara se desligara dos assuntos domésticos sob o pretexto de nunca ter tido aptidões para eles. O casarão da esquina requeria um exército de empregados para se manter limpo, e o séquito da mãe demandava vários turnos na cozinha. Havia que preparar cereais e ervas para alguns, verduras e peixe cru para outros, frutas e leite azedo para as três irmãs Mora e suculentos pratos de carne, doces e outros venenos para Jaime e Nicolás, cujo apetite era insaciável e que ainda não tinham adquirido hábitos alimentares próprios. Posteriormente, ambos passariam fome: Jaime, por solidariedade aos pobres, e Nicolás, para purificar a alma. Nessa época, porém, ainda eram dois robustos jovens ansiosos por desfrutar os prazeres da vida.

Jaime entrara para a universidade, e Nicolás vagava, procurando seu destino. Tinham um automóvel pré-histórico, comprado com o lucro da venda da baixela de prata roubada da casa de seus pais. Chamavam-no de Covandonga, como lembrança dos avós del Valle. O carro tinha sido desmontado e remontado com outras peças tantas vezes que mal podia andar. Deslocava-se em meio ao estrépito do seu motor barulhento, cuspidor fumaça e porcas pelo cano de descarga. Os irmãos o partilhavam de forma salomônica: nos dias pares, Jaime usava-o, e, nos ímpares, Nicolás.

Clara estava feliz por morar com os filhos e dispôs-se a iniciar uma

relação amigável. Tivera pouco contato com eles durante sua infância e, no afã de que se “fizessem homens”, perdera as melhores fases dos meninos e tivera de abster-se de todas as suas ternuras. Agora que estavam com proporções adultas, finalmente feitos homens, podia dar-se ao prazer de mimá-los como deveria ter feito quando eram pequenos, mas já era tarde, porque os gêmeos haviam crescido sem seus carinhos e tinham acabado por não necessitar deles. Clara se deu conta de que não lhe pertenciam. Não perdeu a cabeça nem o ânimo. Aceitou-os como eram e dispôs-se a desfrutar de sua presença sem nada pedir em troca.

Blanca, no entanto, reclamava, resmungando que os irmãos tinham transformado a casa numa pocilga. Por onde passavam, deixavam um rastro de desordem, atropelo e confusão. A jovem engordava a olhos vistos, mostrando-se cada dia mais lânguida e mal-humorada. Tendo reparado na barriga da irmã, Jaime procurou sua mãe.

— Penso que Blanca está grávida, mamãe — disse sem rodeios.

— Eu já imaginava, filho — suspirou Clara.

Blanca não negou, e, uma vez confirmada a notícia, Clara a registrou com sua redonda caligrafia no caderno de anotar a vida. Nicolás tirou os olhos de seus exercícios de horóscopo chinês e sugeriu que era preciso comunicar ao pai, porque em duas ou três semanas o assunto já não poderia mais ser mantido em segredo, e todo mundo saberia.

— Nunca direi quem é o pai! — disse Blanca com firmeza.

— Não me refiro ao pai da criança, mas ao nosso — disse o irmão.

— Papai tem o direito de que nós mesmos o informemos antes que outra pessoa o faça.

— Mandem um telegrama para o campo — sugeriu Clara, consternada, percebendo que, tão logo Esteban Trueba dele tomasse conhecimento, o bebê de Blanca se tornaria uma tragédia.

Nicolás redigiu a mensagem no mesmo espírito criptográfico com que fazia versos para Amanda, a fim de que a telegrafista da aldeia não conseguisse entender o telegrama e espalhar o mexerico: “Envie instruções em cinta branca. Ponto”. Tal como a telegrafista, Esteban Trueba não conseguiu decifrá-lo e teve de telefonar para sua casa da capital, a fim de se inteirar do assunto. Coube a Jaime explicar a situação, acrescentando que a gravidez estava tão avançada que não era possível pensar em nenhuma solução drástica. Do outro lado da linha, houve um longo e terrível silêncio, e depois o pai desligou o telefone. Em Las Tres Marías, Esteban, lívido de surpresa e de raiva, pegou sua bengala e quebrou o telefone pela segunda vez. Nunca lhe ocorrera a ideia de que uma filha sua pudesse cometer tão monstruoso desatino. Sabendo quem era o pai, levou menos de um segundo para se arrepender pela segunda vez de não lhe ter enfiado um balaço na

nuca quando teve a oportunidade. Estava certo de que o escândalo seria o mesmo se ela desse à luz um bastardo ou se viesse a se casar com o filho de um camponês: a sociedade a condenaria ao ostracismo em qualquer um dos casos.

Esteban Trueba passou várias horas andando pela casa com passos largos, dando bengaladas nos móveis e nas paredes, murmurando entre dentes maldições e forjando planos disparatados que iam desde mandar Blanca para um convento em Extremadura até matá-la a pancadas. Finalmente, quando se acalmou um pouco, veio-lhe uma ideia salvadora à cabeça. Mandou selar seu cavalo e galopou até a aldeia.

Encontrou Jean de Satigny, que não voltara a ver desde a malfadada noite em que o despertara para lhe contar os romances de Blanca, sorvendo suco de melão sem açúcar na única pastelaria do povoado, em companhia do filho de Indalecio Aguirrazábal, um pedante luzidio, que falava com voz aflautada e recitava Rubén Darío. Sem a mínima cerimônia, Trueba levantou o conde francês pelo colarinho de seu impecável casaco escocês e tirou-o da pastelaria praticamente no ar, depositando-o na calçada, diante dos olhares atônitos dos demais clientes.

— Jovem, você já me deu problemas em demasia. Primeiro, com suas malditas chinchilas e, depois, com minha filha. Agora me cansei. Vá buscar suas tralhas, porque vai para a capital comigo. Casar com Blanca.

Não lhe deu tempo de se refazer da surpresa. Acompanhou-o ao hotel, onde esperou com o chicote numa das mãos e a bengala na outra, enquanto Jean de Satigny fazia as malas. Depois, levou-o diretamente à estação e instalou-o, sem mais explicações, no trem. Durante a viagem, o conde quis informá-lo de que não tinha nada a ver com aquele assunto e que nunca havia sequer encostado um dedo em Blanca Trueba, e que provavelmente o responsável pelo sucedido era o frade barbudo com quem Blanca se encontrava à noite na beira do rio. Esteban Trueba fulminou-o com seu olhar mais feroz.

— Não sei do que está falando, filho. Você sonhou com isso — disse-lhe.

Trueba começou a explicar-lhe as cláusulas do contrato matrimonial, o que tranquilizou bastante o francês. O dote de Blanca, sua renda mensal e as perspectivas de herdar uma fortuna tornavam-na um bom partido.

— Como vê, este é um negócio melhor do que o das chinchilas — concluiu o futuro sogro sem prestar atenção ao choramingo nervoso do jovem.

Foi assim que no sábado Esteban Trueba chegou ao casarão da esquina, com um marido para sua filha deflorada e um pai para o

pequeno bastardo. Chegou bufando de raiva. Com um murro, derrubou a floreira com crisântemos da entrada, deu um bofetão em Nicolás, que tentou interceder para explicar a situação, e anunciou, aos gritos, que não queria ver Blanca e que ela deveria ficar enclausurada até o dia do casamento. Clara não apareceu para recebê-lo. Ficou no quarto, que não lhe abriu nem mesmo quando ele quebrou sua bengala de prata, ao golpear a porta trancada.

A casa entrou num turbilhão de atividades e disputas. O ar parecia irrespirável, e até os pássaros se calaram nas gaiolas. Os empregados corriam às ordens daquele patrão ansioso e brusco que não admitia demoras para que seus desejos fossem atendidos. Clara continuou levando a mesma vida, ignorando o marido e negando-se a dirigir-lhe a palavra. O noivo, praticamente prisioneiro do futuro sogro, foi instalado num dos numerosos quartos de hóspedes, onde passava o dia dando voltas, sem nada para fazer, sem ver Blanca e sem compreender como fora parar naquela história de folhetim. Não sabia se deveria lamentar-se por ser vítima daqueles bárbaros aborígenes ou alegrar-se por poder cumprir o sonho de casar com uma herdeira sul-americana, jovem e bonita. Como era otimista por natureza e estava dotado do senso prático próprio dos membros de sua raça, optou pela segunda possibilidade e, ao longo da semana, foi-se tranquilizando.

Esteban Trueba marcou a data do casamento para dali a quinze dias. Decidiu que a melhor forma de evitar o escândalo seria fazer uma boda espetacular. Queria ver a filha casada pelo bispo, com vestido branco de cauda de seis metros levada por pajens e donzelas, com fotografias publicadas na coluna social do jornal, queria uma festa digna de um Calígula, com pompa e circunstância, e gastos suficientes para que ninguém se detivesse na barriga da noiva. A única pessoa que o apoiou em seus planos foi Jean de Satigny.

No dia em que Esteban chamou a filha para mandá-la à modista experimentar o vestido de noiva, ao vê-la pela primeira vez desde a noite da surra, espantou-se ao vê-la gorda e com manchas no rosto.

— Não vou casar, pai — disse ela.

— Cale-se! — rugiu Esteban. — Vai casar porque eu não quero bastardos na família, está me ouvindo?

— Pensei que já tivéssemos vários — respondeu Blanca.

— Não me responda! Quero que saiba que Pedro Terceiro García está morto. Matei-o com a minha própria mão; portanto, esqueça-o e trate de ser uma esposa digna do homem que a levará ao altar.

Blanca começou a chorar e assim continuou, incansavelmente, nos dias que se seguiram.

O casamento que Blanca não desejava celebrou-se na catedral, com a bênção do bispo e um vestido de rainha feito pelo melhor costureiro do país, que fez milagres para dissimular o ventre proeminente da

noiva com cascatas de flores e pregas greco-romanas. À cerimônia religiosa, seguiu-se uma festa espetacular, com quinhentos convidados em traje de gala, que ocuparam o casarão da esquina, animado por uma orquestra de músicos mercenários, com um exagero de reses temperadas com ervas finas, mariscos frescos, caviar do Báltico, salmão da Noruega, aves trufadas, uma torrente de licores exóticos, um jorro infundável de champanha, um esbanjamento de doces, suspiros, mil-folhas, *éclairs*, polvilhados, grandes taças de cristal com fruta cristalizada, morangos da Argentina, cocos do Brasil, papaias do Chile, ananás de Cuba e outras indescritíveis delícias, sobre uma mesa enorme que dava voltas pelo jardim e terminava num bolo descomunal de três andares — confeccionado por um mestre italiano originário de Nápoles, amigo de Jean de Satigny, que transformou os modestos materiais, ovos, farinha e açúcar, numa réplica da Acrópole coroada por uma nuvem de merengue, onde repousavam dois amantes mitológicos, Vênus e Adônis, feitos com pasta de amêndoa tingida, para imitar o tom rosado da carne, o louro dos cabelos, o azul-cobalto dos olhos, acompanhados por um Cupido gorducho, também comestível —, que foi cortado com uma faca de prata pelo noivo orgulhoso e pela noiva desolada.

Clara, que desde o princípio se opusera à ideia de casar Blanca contra sua vontade, decidiu não assistir à festa. Ficou na sala de costura elaborando tristes previsões para os noivos, que se cumpriram ao pé da letra, como todos puderam comprovar mais tarde, até que o marido foi suplicar-lhe que mudasse de roupa e aparecesse no jardim ao menos por dez minutos, para atenuar as perguntas dos convidados. Absolutamente contrariada, mas, por carinho pela filha, Clara pôs seus dentes e procurou sorrir a todos os presentes.

Jaime chegou no final da festa, porque ficara trabalhando no hospital dos pobres, onde iniciava seu primeiro estágio como estudante de medicina. Nicolás chegou acompanhado pela bela Amanda, que, tendo acabado de descobrir Sartre, adotara o ar fatal das existencialistas europeias, toda de negro, pálida, com as pálpebras arroxeadas, pintadas com *khol*, o cabelo escuro solto até a cintura e tamanho exagero de colares, pulseiras e brincos que provocava admiração à sua passagem. Nicolás, por sua vez, estava vestido de branco, como um enfermeiro, com amuletos pendurados ao pescoço. Seu pai interceptou-o à entrada, tomou-o por um braço e introduziu-o à força no banheiro, onde lhe arrancou os talismãs sem contemplação.

— Vá a seu quarto e ponha uma gravata decente! Volte à festa e comporte-se como um cavalheiro! Não se atreva a pregar alguma religião herege em meio aos convidados e diga a essa bruxa que o acompanha que cubra seu decote! — ordenou Esteban ao filho.

Nicolás obedeceu de péssimo humor. Por princípio, era abstinência,

mas, de raiva, bebeu alguns copos, perdeu a cabeça e atirou-se vestido na fonte do jardim, de onde tiveram de resgatá-lo com a dignidade ensopada.

Blanca passou toda a noite sentada numa cadeira observando o bolo, com a expressão alheia e chorando, enquanto seu resplandecente marido passeava em meio aos convidados, justificando a ausência de sua sogra, devido a um ataque de asma, e o pranto da noiva, à emoção do casamento. Ninguém acreditou nele. Jean de Satigny beijava o pescoço de Blanca, segurava sua mão e procurava consolá-la com goles de champanha e lagostins amorosamente escolhidos e servidos por sua própria mão, mas em vão — ela continuava chorando. Apesar de tudo, a festa foi um grande acontecimento, como Esteban Trueba planejava. Comeu-se e bebeu-se à vontade e viu-se chegar o nascer do sol, dançando-se ao som da orquestra, enquanto, no Centro da cidade, os grupos de desempregados se aqueciam em volta de pequenas fogueiras feitas com jornais, bandos de jovens com camisas cinzentas desfilavam com o braço estendido para o alto, como tinham visto nos filmes sobre a Alemanha, e, nas sedes dos partidos políticos, eram providenciados os últimos retoques na campanha eleitoral.

— Os socialistas vão ganhar — observara Jaime, que, de tanto conviver com o proletariado no hospital dos pobres, andava alucinado.

— Não, filho, vão ganhar os de sempre — respondera Clara, que vira tudo nas cartas, confirmando-o com seu senso comum.

Depois da festa, Esteban Trueba levou o genro à biblioteca e entregou-lhe um cheque. Era seu presente de casamento. Providenciara tudo para que o casal fosse para o Norte, onde Jean de Satigny pensava instalar-se comodamente para viver da renda de sua mulher, longe dos comentários das pessoas observadoras que não deixariam de reparar em seu ventre prematuro. Tinha em mente um negócio de cântaros incas e múmias indígenas.

Antes de deixar a festa, os recém-casados foram despedir-se de sua mãe. Clara quis ficar a sós com Blanca, que não havia parado de chorar, e falou-lhe em segredo.

— Pare de chorar, filhinha. Tantas lágrimas farão mal à criança e talvez não a façam feliz.

Blanca respondeu-lhe com outro soluço.

— Pedro Terceiro García está vivo, filha — acrescentou Clara.

Blanca engoliu o soluço e assoou o nariz.

— Como sabe, mamãe?

— Porque sonhei.

Aquilo foi suficiente para tranquilizar Blanca completamente. Enxugou as lágrimas, ergueu a cabeça e não voltou a chorar até o dia em que sua mãe morreu, sete anos mais tarde, apesar de não lhe terem faltado dores, saudades e outras razões.

Separada da filha, a quem estivera sempre muito unida, Clara entrou em outros de seus períodos confusos e depressivos. Manteve a mesma rotina de antes, com o casarão aberto e sempre cheio de gente, com suas reuniões espíritas e seus serões literários, mas perdeu a capacidade de rir com facilidade e, com frequência, ficava parada olhando fixamente para a frente, perdida em seus pensamentos. Tentou estabelecer com Blanca um sistema de comunicação direta que lhe permitisse superar os atrasos do correio, mas a telepatia nem sempre funcionava, e não havia certeza de uma boa recepção da mensagem. Pôde comprovar que suas comunicações sofriam interferências incontroláveis, e eram entendidas mensagens diferentes das que ela queria transmitir. Além disso, Blanca não era permeável às experiências psíquicas e, apesar de ter estado sempre muito próxima da mãe, nunca demonstrou qualquer curiosidade pelos fenômenos da mente. Era uma mulher prática, terrena e desconfiada, e sua natureza moderna e pragmática constituía-se em um grande obstáculo para a telepatia. Clara teve de se resignar a usar os métodos convencionais. Mãe e filha escreviam uma à outra quase todos os dias, e a farta correspondência substituiu, durante vários meses, os cadernos de anotar a vida. Dessa maneira, Blanca tomava conhecimento de tudo o que acontecia no casarão da esquina e podia alimentar a ilusão de que ainda estava com sua família e de que seu casamento não passava de um mero pesadelo.

Naquele ano, os caminhos de Jaime e Nicolás distanciaram-se definitivamente, porque as diferenças entre os irmãos eram irreconciliáveis. Nessa época, Nicolás estava envolvido com a novidade da dança flamenca, que dizia ter aprendido com os ciganos nas grutas de Granada, ainda que na realidade nunca tivesse saído do país; seu poder de convicção, entretanto, era tal que até sua própria família começou a acreditar. À menor provocação, fazia uma demonstração. Pulava sobre a mesa da sala de jantar — a grande mesa de carvalho que servira para velar Rosa muitos anos antes e que Clara havia herdado — e começava a bater palmas como um maluco, a sapatear espasmodicamente, a dar saltos e gritos agudos até conseguir atrair todos os habitantes da casa, alguns vizinhos e, numa ocasião, até os carabineiros, que chegaram com os cassetetes na mão, enlameando os tapetes com suas botas, mas que acabaram, como todos os demais, aplaudindo e gritando *olé*. A mesa resistiu heroicamente, ainda que, ao fim de uma semana, tivesse a aparência de uma banca de açougueiro usada para esquartejar bezerros. O flamenco não tinha nenhuma utilidade prática na então fechada sociedade da capital, mas Nicolás pôs um discreto anúncio no jornal oferecendo seus serviços como mestre dessa dança fogosa. No dia seguinte tinha uma aluna e, em uma semana, espalhara-se o rumor do

seu encanto. As mocinhas acudiam em grupos, no início envergonhadas e tímidas, mas ele começava a rodopiar à sua volta, a sapatear, enlaçando-as pela cintura, a sorrir-lhes com seu estilo de sedutor e, em pouco tempo, conseguia entusiasamá-las. As aulas foram um sucesso. A mesa da sala de jantar estava a ponto de se desfazer em pedaços, Clara começou a queixar-se de enxaqueca, e Jaime ficava trancado em seu quarto, tentando estudar, com duas bolas de cera nos ouvidos. Quando Esteban Trueba inteirou-se do que acontecia na casa durante sua ausência, entregou-se a um justo e terrível acesso de cólera e proibiu o filho de usar a casa como academia de dança flamenca ou de qualquer outra coisa. Nicolás teve de desistir de suas contorções, mas a experiência serviu-lhe para se tornar o jovem mais popular da temporada, o rei das festas e de todos os corações femininos, porque, enquanto os outros estudavam, se vestiam com ternos cinzentos de paletós transpassados e cofiavam o bigode ao ritmo dos boleros, ele praticava o amor livre, citava Freud, bebia *pernod* e dançava flamenco. O êxito social, no entanto, não conseguiu diminuir seu interesse pelas habilidades psíquicas de sua mãe. Tentava em vão imitá-la. Estudava com veemência, praticava até pôr em risco sua saúde e assistia às reuniões das sextas-feiras com as três irmãs Mora, apesar da proibição expressa de seu pai, que insistia na ideia de que aquilo não era assunto de homens. Clara procurava consolá-lo dos fracassos.

— Isso não se aprende nem se herda, meu filho — dizia, quando o via concentrar-se até ficar vesgo no esforço descomunal para mover o saleiro sem tocá-lo.

As três irmãs Mora gostavam muito do rapaz. Emprestavam-lhe livros secretos e ajudavam-no a decifrar os códigos dos horóscopos e das cartas divinatórias. Sentavam-se à volta dele, de mãos dadas, para o trespassar de fluidos benéficos, mas nem isso conseguiu dotar Nicolás de poderes mentais. Protegeram-no em seus amores com Amanda. No começo, a jovem pareceu fascinada com a mesa de três pés e os artistas cabeludos da casa do namorado, mas logo se cansou de evocar fantasmas e de recitar o Poeta, cujos versos andavam de boca em boca, e começou a trabalhar como repórter num jornal.

— Essa é uma profissão de palhaço — disse Esteban Trueba ao tomar conhecimento.

Trueba não experimentava simpatia por Amanda. Não gostava de vê-la em sua casa. Acreditava que fosse uma má influência para seu filho e desconfiava de que seu cabelo comprido, seus olhos pintados e as miçangas significassem sintomas de algum vício oculto; quanto a seus hábitos de tirar os sapatos e sentar-se no chão de pernas cruzadas, como um aborígene, ele considerava uma postura de fanchona.

Amanda tinha uma visão muito pessimista do mundo e, para suportar suas depressões, fumava haxixe. Nicolás acompanhava-a. Clara percebeu que seu filho passava por maus momentos, mas nem sequer sua prodigiosa intuição lhe permitiu relacionar os cachimbos orientais que ele fumava a seus desvios delirantes, sua modorra ocasional e seus ataques de injustificada alegria, porque jamais ouvira falar a respeito daquela droga nem, aliás, de nenhuma outra. “São coisas da idade e logo passam”, dizia-se quando o via agindo como um lunático, sem que lhe ocorresse o fato de que Jaime nascera no mesmo dia e jamais manifestara nenhum daqueles desvarios.

As loucuras de Jaime eram de um estilo muito diferente. Tinha vocação para o sacrifício e a austeridade. Em seu guarda-roupa só havia três camisas e duas calças. Clara passava o inverno tecendo às pressas peças de lã rústica, com que o presenteava, a fim de mantê-lo agasalhado, mas ele só as usava até encontrar alguém mais necessitado. Todo o dinheiro que seu pai lhe dava ia parar nos bolsos dos indigentes que atendia no hospital. Sempre que algum cão esquelético o seguia na rua, ele o asilava em casa; quando tomava ciência da existência de uma criança abandonada, uma mãe solteira ou uma velhinha desvalida que necessitasse de sua proteção, era para lá que as levava, entregando-as à sua mãe, para que ela tomasse conta delas. Clara tornou-se especialista em assistência social; conhecia todos os serviços do Estado e da Igreja em que era possível instalar os infelizes e, quando tudo isso falhava, acabava por aceitá-los em sua casa. Suas amigas a temiam, porque todas as vezes que as visitava era porque tinha alguma coisa a lhes pedir. Foi assim que se alargou a rede dos protegidos de Clara e Jaime, que não calculavam o número de pessoas que ajudavam e, não raro, se surpreendiam com a súbita presença de alguém lhes agradecendo um favor que não se lembravam de ter feito. Jaime começou seus estudos de medicina com uma vocação religiosa. Considerava qualquer diversão que o afastasse dos livros ou roubasse parte de seu tempo uma traição à humanidade, à qual jurara servir. “Esse menino deveria ter sido padre”, dizia Clara. Para Jaime, a quem os votos de humildade, pobreza e castidade do sacerdócio não teriam perturbado, a religião era a causa de metade das desgraças do mundo, e, portanto, quando sua mãe fazia esse comentário, se enfurecia. Acreditava que o cristianismo — como, aliás, quase todas as superstições — tornava o homem mais fraco e conformado e que não se deveria esperar recompensa no céu, mas, sim, lutar por seus direitos na terra. Discutia esses assuntos a sós com sua mãe, porque era impossível fazê-lo com Esteban Trueba, que perdia rapidamente a paciência e acabava aos gritos e batendo as portas, porque, como repetia com frequência, já estava farto de viver entre loucos varridos e só desejava um pouco de normalidade, mas

tivera o azar de casar-se com uma excêntrica e gerar três malucos que não serviam para nada e lhe amarguravam a existência. Jaime não discutia com o pai. Entrava em casa como uma sombra, beijava, distraído, a mãe quando a via e dirigia-se diretamente à cozinha, comia de pé as sobras dos demais e logo se fechava em seu quarto para ler ou estudar. Seu quarto era um túnel de livros, todas as paredes cobertas, do chão ao teto, de estantes de madeira cheias de volumes que ninguém limpava, porque ele mantinha a porta trancada à chave. Eram ninhos ideais para aranhas e ratos. No centro do cômodo ficava sua cama, uma tarimba de recruta, iluminada por uma lâmpada descoberta pendurada no teto sobre a cabeceira. Durante um tremor de terra que Clara não previu por esquecimento, ouviu-se um estrépito de trem descarrilado e, quando conseguiram abrir a porta, constataram que a cama estava soterrada por uma montanha de livros. As estantes haviam tombado, e Jaime ficara preso. Retiraram-no sem um arranhão. Enquanto Clara afastava os livros, lembrava-se do terremoto e dava-se conta de que já tinha vivido aquele momento. Entretanto, o episódio serviu para sacudir o pó e espantar os bichos e insetos a vassouradas.

As únicas vezes que Jaime focalizava o olhar na realidade de sua casa era quando via Amanda passar pela mão de Nicolás. Pouquíssimas vezes lhe dirigia a palavra e corava violentamente se ela o fazia. Desconfiava de sua aparência exótica e estava convencido de que, se ela se penteasse como qualquer pessoa e tirasse a pintura dos olhos, pareceria um rato magro e verdoso. No entanto, não conseguia deixar de olhá-la. O chocalhar das pulseiras que acompanhava a jovem distraía-o de seus estudos, e lhe demandava grande esforço não a seguir pela casa, como uma galinha hipnotizada. Solitário em sua cama, sem lograr concentrar-se na leitura, imaginava Amanda nua, envolta em seu cabelo negro, com todos os seus ruidosos adereços, como um ídolo. Jaime era um solitário. Foi um menino intratável e mais tarde um homem tímido. Não tinha amor-próprio e, talvez por isso, supunha não merecer o amor dos demais. Qualquer demonstração de solicitude ou agradecimento que recebesse envergonhava-o e fazia-o sentir-se mal. Amanda representava a essência absoluta do feminino e, sendo a companheira de Nicolás, do proibido. A personalidade livre, afetuosa e aventureira da moça fascinava-o, e sua aparência de rato disfarçado provocava nele uma ânsia atormentada por protegê-la. Desejava-a dolorosamente, embora nunca se atrevesse a admiti-lo, nem em seus pensamentos mais secretos.

Naquela época, Amanda frequentava com assiduidade a casa dos Trueba. Como seu horário no jornal era flexível, sempre que podia ia ao casarão da esquina com seu irmão Miguel, sem que a presença

deles chamasse a atenção naquela mansão sempre movimentada por muitas pessoas e atividades. Miguel tinha por volta de cinco anos, era discreto e limpo, não provocava qualquer alvoroço, passava despercebido, confundindo-se com o desenho do papel das paredes e com os móveis, brincava sozinho no jardim e acompanhava Clara por toda a casa, chamando-a de mamãe. Por isso e porque chamava Jaime de papai, supuseram que Amanda e Miguel fossem órfãos. Amanda andava sempre com seu irmão, levava-o para o trabalho, acostumara-o a comer de tudo, a qualquer hora, e a dormir estirado nos lugares mais incômodos. Cercava-o de uma ternura apaixonada e violenta, coçava-o como se fosse um cachorrinho, gritava com ele quando se zangava, abraçando-o logo depois. Não permitia que ninguém o repreendesse ou desse uma ordem a seu irmão, não admitia comentários sobre o estranho modo de vida que lhe oferecia e defendia-o como uma leoa, ainda que ninguém tivesse a intenção de atacá-lo. A única pessoa a quem autorizou dar opiniões sobre a educação de Miguel foi Clara, que conseguiu convencê-la de que era preciso mandá-lo à escola, para que não se transformasse num eremita analfabeto. Clara não era particularmente defensora da educação regular, mas se deu conta de que, no caso de Miguel, faziam-se necessárias algumas horas diárias de disciplina e convivência com crianças de sua idade. Ela mesma se encarregou de matriculá-lo, comprar seu material escolar e uniforme, e acompanhou Amanda quando foi deixá-lo na escola no primeiro dia de aula. À porta do jardim de infância, Amanda e Miguel abraçaram-se chorando, sem que a professora conseguisse separar o menino da saia da irmã, à qual se agarrava com unhas e dentes, berrando e chutando, desesperado, tudo que deles se aproximasse. Por fim, ajudada por Clara, a professora conseguiu arrastar o menino para dentro do colégio, fechando-lhe a porta. Amanda permaneceu a manhã inteira sentada junto ao muro. Clara ficou com ela, porque se sentia culpada de tanta dor e começava a duvidar da sabedoria de sua iniciativa. Ao meio-dia, soou a sineta, e o portão se abriu. Viram sair um rebanho de alunos e em meio a eles, calmo, calado e sem lágrimas, com um risco de lápis no nariz e as meias engolidas pelos sapatos, vinha o pequeno Miguel, que naquelas poucas horas aprendera a viver longe da mão de sua irmã. Amanda apertou-o contra o peito freneticamente e, inspirada pelo momento, disse: “Daria a vida por você, Miguelito”. Não sabia que um dia teria de fazê-lo.

Nessa época, por sua vez, Esteban Trueba sentia-se cada vez mais sozinho e furioso. Resignou-se à ideia de que sua mulher não voltaria a lhe dirigir a palavra e, cansado de persegui-la pelos cantos, lhe suplicar com o olhar e furar as paredes do banheiro, decidiu dedicar-

se à política. Tal como Clara previra, ganharam as eleições os mesmos de sempre, mas por uma diferença tão pequena que o país inteiro se alertou. Trueba considerou que era o momento de sair em defesa dos interesses da pátria e do Partido Conservador, uma vez que ninguém melhor do que ele poderia encarnar o político honesto e incorruptível, como ele próprio anunciava, acrescentando que se fizera por esforço próprio, dando trabalho e boas condições de vida a seus empregados, dono da única propriedade com casas de tijolo. Respeitava a lei, a pátria e a tradição, e ninguém poderia acusá-lo de nenhum delito maior do que escapar aos impostos. Contratou um administrador para substituir Pedro Segundo García, levou-o para Las Tres Marías, encarregado das galinhas poedeiras e das vacas importadas, e instalou-se definitivamente na capital. Passou vários meses dedicado à sua campanha, respaldado pelo Partido Conservador, que precisava de gente para apresentar nas próximas eleições parlamentares, e por sua própria fortuna, posta a serviço da causa. A casa encheu-se de propaganda política e de seus partidários, que praticamente a tomaram de assalto, misturando-se aos fantasmas dos corredores, aos rosa-cruzes e às três irmãs Mora. Pouco a pouco, a corte de Clara foi deslocada para os cômodos dos fundos da casa. Estabeleceu-se uma invisível fronteira entre o setor ocupado por Esteban Trueba e o de sua mulher. Por inspiração de Clara e de acordo com as necessidades do momento, foram brotando na nobre arquitetura senhorial quartinhos, escadas, torrinhas, açoteias. Sempre que era preciso alojar um novo hóspede, chegavam os mesmos pedreiros para acrescentar mais um cômodo; assim, o casarão da esquina chegou a parecer um labirinto.

— Um dia esta casa vai servir para montar um hotel — dizia Nicolás.

— Ou um pequeno hospital — sugeria Jaime, que começava a alimentar a ideia de levar seus pobres para o Bairro Alto.

A fachada da casa manteve-se sem alterações. De frente, viam-se as colunas heroicas e o jardim versalhesco; atrás, contudo, o estilo se perdia. O jardim dos fundos era uma selva emaranhada, onde proliferava uma variedade de plantas e flores, e esvoaçavam os pássaros de Clara, em meio a várias gerações de cães e gatos. Daquela fauna doméstica, o único exemplar que teve posteriormente alguma relevância na recordação da família foi um coelho que Miguel levou, um pobre coelho comum, que os cães lambiam com tal constância que lhe caíam os pelos; era o único calvo de sua espécie, coberto por uma pele furta-cor que lhe dava a aparência de um réptil orelhudo.

À medida que a data das eleições se aproximava, Esteban Trueba sentia-se cada vez mais nervoso. Arriscara tudo o que possuía em sua aventura política. Uma noite não aguentou mais e foi bater à porta do quarto de Clara. Ela abriu. Estava de camisola e usando os dentes,

porque gostava de morder biscoitos enquanto escrevia no caderno de anotar a vida. Pareceu a Esteban tão bela e jovem quanto no primeiro dia em que a levou pela mão àquele quarto forrado de seda azul e a pôs sobre a pele de Barrabás. Sorriu ao lembrar-se do fato.

— Desculpe-me, Clara — disse, corando como um estudante. — Sinto-me só e angustiado. Quero ficar aqui um pouco, se não se importa.

Clara sorriu também, mas nada disse. Apontou-lhe a poltrona, e Esteban sentou-se. Ficaram alguns minutos calados, partilhando os biscoitos e olhando-se como estranhos, porque fazia muito tempo que viviam sob o mesmo teto sem se ver.

— Suponho que saiba o que me atormenta — disse finalmente Esteban Trueba.

Clara concordou, balançando a cabeça.

— Acredita que vou ser eleito?

Clara voltou a assentir, e então Esteban Trueba sentiu-se totalmente aliviado, como se ela lhe houvesse entregado uma garantia por escrito. Deu uma estrondosa e alegre gargalhada, ergueu-se, tomou-a pelos ombros e beijou-a na testa.

— Você é fantástica, Clara! Então, já que você diz, serei senador — exclamou.

A partir daquela noite, atenuou-se a hostilidade entre os dois. Clara continuou sem lhe dirigir a palavra, mas ele simulava não perceber seu silêncio e lhe falava normalmente, interpretando seus menores gestos como respostas. Quando era preciso, Clara usava os empregados ou os filhos para enviar-lhe mensagens. Preocupava-se com o bem-estar do marido, assessorava-o em seu trabalho e o acompanhava sempre que ele lhe pedia. Algumas vezes sorria para ele.

Dez dias depois, Esteban Trueba foi eleito senador da República, como Clara prognosticara. Celebrou o acontecimento com uma festa para seus amigos e correligionários, aumento salarial para os empregados e os trabalhadores de Las Tres Marías e um colar de esmeraldas que deixou para Clara sobre sua cama, ao lado de um ramo de violetas. Clara começou a frequentar as recepções sociais e os atos políticos, que demandavam sua presença para que seu marido projetasse a imagem de um homem simples e familiar, que agradava ao público e ao Partido Conservador. Nessas ocasiões, Clara usava os dentes e algumas joias que Esteban lhe oferecera. Era considerada a dama mais elegante, discreta e encantadora de seu círculo social, e ninguém chegou a suspeitar de que aquele distinto casal nunca se falava.

A nova posição de Esteban Trueba determinou um aumento no número de pessoas a atender no casarão da esquina. Clara não imaginava quantas bocas alimentava nem os gastos de sua casa. As

contas iam diretamente para o escritório do senador Trueba no Congresso, que as pagava sem questionar, porque percebera que, quanto mais gastava, mais parecia aumentar sua fortuna, chegando à conclusão de que não seria Clara, com sua hospitalidade indiscriminada e suas obras de caridade, quem o conseguiria arruinar. A princípio, usou o poder político como um brinquedo novo. Alcançara a maturidade transformado no homem rico e respeitado que jurara chegar a ser quando era um adolescente pobre, sem padrinhos e tendo como único capital o orgulho e a ambição. Em pouco tempo, contudo, compreendeu que estava tão sozinho como sempre. Seus dois filhos evitavam-no, e não voltara a ter nenhum contato com Blanca. Tinha notícias dela pelo que lhe contavam Jaime e Nicolás, e limitava-se a enviar-lhe um cheque todos os meses, fiel ao compromisso assumido com Jean de Satigny. Estava tão afastado de seus filhos que era incapaz de manter um diálogo com eles sem que acabasse aos gritos. Trueba tomava conhecimento das loucuras de Nicolás quando já era tarde demais, ou seja, quando todo mundo já comentava. Tampouco sabia algo a respeito da vida de Jaime. Se tivesse suspeitado de que se encontrava com Pedro Terceiro García, por quem chegou a desenvolver um carinho fraternal, Esteban teria certamente sofrido uma crise de apoplexia, mas Jaime era bastante cauteloso quanto a falar a respeito dessas coisas com o pai.

Pedro Terceiro García abandonara o campo. Depois do terrível encontro com o patrão, o padre José Dulce María recolheu-o na casa paroquial e curou os ferimentos de sua mão; entretanto, mergulhara numa profunda depressão, repetindo incansavelmente que sua vida não tinha mais nenhum sentido, porque perdera Blanca e já não podia tocar violão, seu único consolo. O padre José Dulce María esperou que a forte compleição do jovem lhe cicatrizasse os dedos e levou-o numa carroça à reserva indígena, onde o apresentou a uma velha centenária e cega, cujas mãos estavam retorcidas e paralisadas pelo reumatismo, mas que ainda tinha disposição para fazer cestaria com os pés. “Se ela pode fazer cestos com os pés, você pode tocar violão sem dedos”, desafiou-o o jesuíta, que lhe contou então sua própria história.

— Na sua idade eu também estava apaixonado, filho. Minha noiva era a moça mais bonita da minha aldeia. Íamos nos casar; ela começava a bordar seu enxoval, e eu a economizar para construirmos uma casinha. Então fui mandado para o serviço militar. Quando voltei, ela estava casada com o açougueiro e se tornara uma senhora gorda. Estive a ponto de me atirar no rio com uma pedra nos pés, mas logo resolvi ser padre. No ano em que tomei o hábito, ela enviuvou e ia à igreja olhar-me com olhos lânguidos. — A sonora gargalhada do gigantesco jesuíta animou Pedro Terceiro e provocou-lhe um riso pela primeira vez em três semanas. — Isso, meu filho — concluiu o padre

José Dulce María —, é para você ver que não há por que se desesperar. Voltará a ver Blanca um dia, quando menos esperar.

De corpo e alma curados, Pedro Terceiro García foi para a capital com uma trouxa de roupa e umas poucas moedas que o padre surrubiou da es-mola dominical. Também lhe deu o endereço de um dirigente socialista da capital, que o acolheu em casa nos primeiros dias e logo lhe arranhou trabalho como cantor num grupo de boêmios. Pedro foi morar num bairro operário, numa casa de madeira que lhe pareceu um palácio, sem mais mobiliário do que um *sommier* com pés, um colchão, uma cadeira e dois caixotes que lhe serviam de mesa. Dali divulgava o socialismo e ruminava o desgosto de que Blanca tivesse casado com outro, negando-se a aceitar as explicações e as palavras de consolo de Jaime. Em pouco tempo, tinha alcançado o domínio na mão direita e multiplicado o uso dos dedos que lhe restavam, e continuou compondo canções de raposas e galinhas perseguidas. Um dia convidaram-no para um programa de rádio, e foi esse o começo de uma vertiginosa popularidade que nem ele mesmo esperava. Sua voz começou a ser ouvida com frequência no rádio, e seu nome tornou-se conhecido. O senador Trueba, no entanto, jamais ouviu falar a seu respeito, porque em sua casa não admitia aparelhos de rádio. Considerava-os equipamentos próprios de pessoas incultas, portadoras de influências nefastas e ideias vulgares. Ninguém estava mais afastado da música popular do que ele, para quem a única música suportável era a ópera, durante a temporada lírica, e a companhia de zarzuelas que todos os invernos vinha da Espanha.

No dia em que Jaime chegou em casa com a novidade de que queria trocar seu sobrenome, porque, desde que seu pai fora eleito senador pelo Partido Conservador, os companheiros o hostilizavam na universidade e desconfiavam dele no Bairro da Misericórdia, Esteban Trueba perdeu a paciência e esteve a ponto de esbofeteá-lo, mas conteve-se a tempo, porque percebeu em seu olhar que aquilo já não seria mais tolerado.

— Casei-me para ter filhos legítimos que usassem meu nome, e não bastardos que tivessem de assinar o da mãe! — repreendeu-o, lívido de fúria.

Duas semanas mais tarde, nos corredores do Congresso e nos salões do clube, ouviu comentários a respeito do fato de seu filho ter tirado as calças na Plaza Brasil, a fim de cedê-las a um pobre, caminhando de cuecas os quinze quarteirões até a casa, seguido por um bando de crianças e curiosos que o aclamavam. Cansado de defender sua honra do ridículo e das zombarias por que passava, autorizou o filho a usar o sobrenome que quisesse, contanto que não fosse o seu. Nesse dia, trancado em seu escritório, chorou de decepção e raiva. Tentou

convencer-se de que essas excentricidades seriam superadas quando seu filho amadurecesse e que, mais cedo ou mais tarde, ele se transformaria no homem equilibrado que poderia dar continuidade a seus negócios, tornando-se, então, o arrimo da família; com relação a seu outro filho, porém, já perdera as esperanças. Nicolás passava de um projeto fantástico a outro. Naquela ocasião acalentava a ilusão de atravessar a cordilheira num meio de transporte pouco usual, como, muitos anos antes, tentara seu tio-avô Marcos. Nicolás escolheu um gigantesco balão, convencido de que o espetáculo desse engenho, flutuando em meio às nuvens, seria uma irresistível peça publicitária que qualquer fabricante de refrigerantes poderia subsidiar. Copiou o modelo de um zepelim alemão anterior à guerra, que subia por meio de um sistema de ar quente, levando em seu interior uma ou mais pessoas de temperamento audacioso. O trabalho de armar aquela gigantesca salsicha inflável, estudar os mecanismos secretos, as correntes de vento, os presságios das cartas e as leis da aerodinâmica manteve-o entretido por muito tempo. Durante algumas semanas esqueceu as sessões espíritas das sextas-feiras com a mãe e as irmãs Mora, e nem sequer se deu conta de que Amanda deixara de frequentar a casa. Logo que terminou a construção de sua nave voadora, viu-se perante um obstáculo que não previra: o gerente da fábrica de refrigerantes, um gringo de Arkansas, negou-se a financiar o projeto, alegando que, se Nicolás morresse em sua engenhoca, as vendas de seu produto cairiam. Ele tentou encontrar outros patrocinadores, mas ninguém se interessou. Isso, porém, não foi suficiente para fazê-lo desistir de seus propósitos, e decidiu levantar voo de qualquer maneira, mesmo que fosse de graça. No dia marcado, Clara continuou tecendo, imperturbável, sem prestar atenção aos preparativos de seu filho, apesar de toda a família, os vizinhos e os amigos estarem horrorizados com o plano descabido de atravessar as montanhas naquela máquina estrambólica.

— Tenho o pressentimento de que não vai subir — disse Clara sem parar de tecer.

E assim foi. No último momento, apareceu uma camioneta cheia de policiais no parque público que Nicolás escolhera para decolar. Exigiram uma autorização municipal, que, obviamente, ele não tinha. E nem conseguiu obter. Passou quatro dias correndo de uma repartição a outra, em trâmites desesperados que esbarravam infalivelmente no muro da incompreensão burocrática. Nunca soube que, por trás da camioneta da polícia e das intermináveis papeladas, estava a influência do pai, que não estava disposto a permitir aquela aventura. Cansado de lutar contra a timidez do gringo dos refrigerantes e a burocracia aérea, convenceu-se de que não poderia levantar voo, a menos que o fizesse clandestinamente, o que era

impossível, dadas as dimensões de sua nave. Entrou numa crise de ansiedade, da qual sua mãe o tirou, ao sugerir-lhe que, para não perder o investimento, usasse os materiais do balão para algum fim prático. Então Nicolás idealizou a fábrica de sanduíches. Seu plano era fazê-los com recheio de frango, embalá-los nos tecidos do balão cortado em pedaços e vendê-los aos funcionários públicos. A grande cozinha de sua casa pareceu-lhe ideal para sua indústria. Os jardins dos fundos foram-se enchendo de aves com as patas amarradas, que aguardavam sua vez para os dois açougueiros especialmente contratados lhes cortarem a cabeça em série. O pátio encheu-se de penas, e o sangue salpicou as estátuas do Olimpo, o cheiro de *consomé* provocava náuseas em todo mundo, e o monte de tripas começava a atrair moscas que invadiam o bairro quando Clara pôs fim à matança com um ataque de nervos que por pouco a transportava de volta aos tempos da mudez. Esse novo fracasso comercial não abalou tanto Nicolás, que também estava com o estômago e a consciência revirados pela carnificina. Resignou-se a perder o que investira naqueles negócios e trancou-se em seu quarto, planejando novas formas de ganhar dinheiro e de se divertir.

— Há muito tempo não vejo Amanda por aqui — disse Jaime, quando já não pôde mais resistir à impaciência de seu coração.

Nesse momento, Nicolás lembrou-se de Amanda e se deu conta de que não a via perambular pela casa havia umas três semanas e que ela não assistira à sua fracassada tentativa de alçar voo num balão, nem à inauguração da indústria doméstica de sanduíches de frango. Foi perguntar a Clara, mas sua mãe também nada sabia a respeito da jovem e já começava a esquecê-la, obrigada que fora a adaptar sua memória ao fato irrefutável de que sua casa era um passadiço de gente, e, como costumava dizer, não lhe bastava a alma para lamentar todos os ausentes. Então Nicolás decidiu ir procurá-la, percebendo que lhe estavam fazendo falta a presença de borboleta inquieta de Amanda e os abraços sufocados e silenciosos nos quartos vazios do casarão da esquina, em que se atracavam como cachorros todas as vezes que Clara afrouxava a vigilância e Miguel se distraía brincando ou adormecia em algum canto.

A pensão em que Amanda morava com seu irmãozinho era uma casa antiga que meio século antes tivera provavelmente algum notável esplendor, perdido quando a cidade se foi estendendo pelas encostas da cordilheira. Ocuparam-na primeiro os comerciantes árabes, que lhe acrescentaram pretensiosos frisos de gesso rosado, e, mais tarde, quando os árabes instalaram seus negócios no Bairro dos Turcos, o proprietário transformou-a numa pensão, subdividindo-a em quartos mal-iluminados, tristes, desconfortáveis cubículos, próprios para inquilinos de poucos recursos. Tinha uma impossível geografia de

corredores estreitos e úmidos onde reinava eternamente o vapor da sopa de couve-flor e do guisado de repolho. Abriu-lhe a porta a dona da pensão em pessoa, uma mulher imensa, provida de majestosa papada tripla e olhinhos orientais afundados em pregas fossilizadas de gordura, com anéis em todos os dedos e caricatas maneiras de noviça.

— Não são permitidos visitantes do sexo oposto — informou.

Nicolás, entretanto, exibiu seu irresistível sorriso sedutor, beijou-lhe a mão sem recuar diante do vermelho descascado de suas unhas sujas, extasiou-se com os anéis e fez-se passar por um primo-irmão de Amanda, até que ela, derrotada, retorcendo-se em risinhos coquetes e reviravoltas elefantisíacas, conduziu-o pelas escadas empoeiradas até o terceiro andar, onde lhe indicou a porta de Amanda. Nicolás encontrou a jovem na cama, enrolada num xale desbotado, jogando damas com seu irmão Miguel. Estava tão pálida e emagrecida que ele quase não a reconheceu. Amanda olhou-o sem sorrir nem ensaiar o mínimo gesto que fosse de boas-vindas. Miguel, ao contrário, ergueu-se diante dele com as mãos na cintura.

— Ah, finalmente você veio — disse-lhe o menino.

Nicolás aproximou-se da cama, tentando lembrar-se da insinuante e morena Amanda, a Amanda desfrutável e dissimulada de seus encontros na obscuridade dos quartos fechados; contudo, em meio à lâ compacta do xale e aos lençóis cinzentos, estava uma desconhecida de grandes olhos perdidos, que o observava com uma inexplicável dureza. “Amanda”, murmurou, segurando-lhe a mão. Aquela mão, sem os anéis e as pulseiras de prata, parecia tão dissolvida quanto a pata de um pássaro moribundo. Amanda chamou seu irmão. Miguel aproximou-se da cama, e ela lhe murmurou algo ao pé do ouvido. O menino dirigiu-se lentamente à porta, de onde lançou um último olhar, furioso, a Nicolás, e saiu em silêncio.

— Perdoe-me, Amanda — balbuciou Nicolás. — Estive muito ocupado. Por que não me avisou que estava doente?

— Não estou doente — respondeu ela. — Estou grávida.

A frase atingiu-o como uma bofetada. Recuou até sentir o vidro da janela nas costas. Desde a primeira vez em que despira Amanda, tateando na penumbra, enredado nos trapos de seu disfarce existencialista, tremendo de antecipação por suas protuberâncias e interstícios que muitas vezes tinha imaginado sem chegar a conhecer em sua esplêndida nudez, supôs que ela teria experiência suficiente para evitar que ele se tornasse pai de família aos 21 anos, e ela, aos 25, mãe solteira. Amanda tivera outros amores antes e fora a primeira a lhe falar em amor livre. Sustentava sua irrevogável determinação de ficarem juntos apenas enquanto tivessem simpatia um pelo outro, sem amarras ou promessas para o futuro, como Sartre e Beauvoir. Esse acordo, que a princípio Nicolás considerou uma exibição de frieza e

falta de preconceito um pouco chocante, foi, depois, muito cômodo. Descontraído e alegre, como era em todos os assuntos da vida, encarou a relação amorosa sem medir as consequências.

— O que vamos fazer agora?!? — exclamou.

— Um aborto, evidentemente — respondeu ela.

Uma onda de alívio percorreu Nicolás. Mais uma vez escapava do abismo. Como em todas as vezes que brincara à beira do precipício, alguém mais forte surgiu a seu lado para se encarregar da situação, como no tempo do colégio, quando implicava com os colegas no recreio até eles reagirem e partirem para a agressão e, então, no último instante, no momento em que o terror o paralisava, Jaime aparecia e tomava a dianteira, transformando seu pânico em euforia e permitindo-lhe ocultar-se nas pilastras do pátio, gritando insultos de seu refúgio, enquanto o irmão sangrava o nariz e distribuía murros com a silenciosa tenacidade de uma máquina. Agora era Amanda quem assumia a responsabilidade por ele.

— Podemos casar, Amanda... se você quiser — balbuciou para salvar a honra.

— Não! — respondeu ela, sem vacilar. — Não gosto de você o suficiente para isso, Nicolás.

Imediatamente, seus sentimentos deram uma brusca reviravolta, porque essa possibilidade não lhe ocorrera. Até então, nunca se sentira repudiado ou abandonado e, a cada namoro, tivera de recorrer a todo o seu tato para escapar sem magoar demais a garota que estivesse namorando. Pensou na difícil situação em que se encontrava Amanda, pobre, sozinha, esperando um filho. Pensou que uma palavra sua poderia mudar o destino da jovem, tornando-a a respeitável esposa de um Trueba. Tudo isso lhe passou pela cabeça numa fração de segundo, mas logo se sentiu envergonhado e corou ao se surpreender mergulhado nesses pensamentos. De imediato, Amanda pareceu-lhe magnífica. Vieram-lhe à memória todos os bons momentos que haviam compartilhado, as ocasiões em que se deitaram no chão, fumando o mesmo cachimbo para, juntos, se inebriarem um pouco, rindo daquela erva com gosto de bosta seca e de poucos efeitos alucinógenos, mas que os estimulava; dos exercícios de ioga e da meditação em dupla, sentados frente a frente, em completo relaxamento, olhando-se nos olhos e murmurando palavras em sânscrito que poderiam transportá-los ao nirvana, mas cujo efeito costumava ser oposto, e eles terminavam escapando aos olhares alheios, agachados nas moitas do jardim, amando-se como desesperados; dos livros lidos à luz de uma vela, sufocados de paixão e fumo; e das eternas reuniões discutindo os filósofos pessimistas do pós-guerra ou concentrando-se para mover a mesa de três pés, duas pancadas para sim, três para não, enquanto Clara zombava deles. Caiu

de joelhos ao lado da cama, suplicando a Amanda que não o deixasse, que o perdoasse, que continuassem juntos como se nada se tivesse acontecido, que isso não era mais do que um acidente infeliz que não podia alterar a essência intocável daquela relação. Ela, porém, parecia não escutá-lo e acariciava-lhe a cabeça com um gesto maternal e distante.

— É inútil, Nicolás. Não percebe que tenho uma alma envelhecida e que você ainda é uma criança? Você será sempre um menino.

Continuaram acariciando-se sem desejo e atormentando-se com súplicas e recordações. Saborearam a amargura de uma despedida que pressentiam, mas que ainda podiam confundir com uma reconciliação. Ela se levantou da cama para preparar uma chávena de chá para os dois, e Nicolás constatou que ela usava uma anágua velha como camisola. Emagrecera, e suas panturrilhas lhe pareceram patéticas. Andava descalça pelo quarto, com o xale nos ombros e o cabelo em desalinho, ocupada com o fogareiro a querosene sobre uma mesa que servia de escritório, refeitório e cozinha. Deu-se conta da desordem em que vivia Amanda e de que até aquele momento ignorava quase tudo a seu respeito. Logo percebeu que sua família não ia além de seu irmão, Miguel, e que vivia com um magro salário, mas fora incapaz de imaginar sua verdadeira situação. A pobreza parecia-lhe um conceito abstrato e longínquo, aplicável aos empregados de Las Tres Marías e aos indigentes que seu irmão Jaime socorria, mas com os quais ele nunca estivera em contato. Amanda, sua Amanda tão próxima e conhecida, tornou-se subitamente uma estranha. Olhou seus vestidos — que em seu corpo pareciam fantasias de rainha —, pendurados em pregos na parede, como tristes roupas de mendiga. Viu sua escova de dentes num copo sobre o lavatório oxidado, os sapatos de colégio de Miguel, tantas vezes engraxados e reengraxados que já haviam perdido a forma original, a velha máquina de escrever ao lado do fogareiro, os livros em meio às xícaras, o vidro quebrado de uma janela coberto por uma página de revista. Era outro mundo. Um mundo de cuja existência não suspeitava. Até então, de um lado da linha divisória, estavam os muito pobres e, do outro, as pessoas como ele, em meio às quais haviam colocado Amanda. Nada sabia a respeito dessa silenciosa classe média que se debatia entre a pobreza de colarinho e gravata e o desejo impossível de competir com a canalha dourada a que ele pertencia. Sentiu-se confuso e acabrunhado, pensando nas inúmeras ocasiões passadas em que ela provavelmente precisou enfeitiçá-los para que não se notasse sua miséria na casa dos Trueba, e ele, completamente inconsciente, não a havia ajudado. Recordou as histórias de seu pai, quando lhe falava sobre sua infância pobre, enfatizando que, com a idade que ele então estava, já trabalhava para sustentar a mãe e a irmã, e, pela primeira vez, pôde

ajustar aqueles discursos didáticos a uma realidade. Pensou que era assim a vida de Amanda.

Partilharam uma chávena de chá sentados na cama, porque só havia uma cadeira. Amanda contou-lhe a respeito de seu passado, de sua família, de um pai alcoólatra que era professor numa província do Norte de uma mãe alquebrada e triste que trabalhava para sustentar seis filhos, e de como, logo que pôde, saíra de casa. Partira para a capital com 15 anos e fora para a casa de uma bondosa madrinha que a ajudou durante algum tempo. Depois, quando sua mãe morrera, retornou à província para o enterro e, na volta, trouxe Miguel, que era ainda um bebê de fraldas. Desde então, fora sua mãe. Do pai e dos demais irmãos, não voltara a ter notícias. Nicolás sentia crescer dentro de si o desejo de protegê-la e de cuidar dela, de compensar-lhe todas as carências. Nunca a amara tanto.

Ao anoitecer, Miguel voltou, com as faces coradas, contorcendo-se, misterioso e alegre, para segurar nas costas o presente que trazia para a irmã: um saco com pão, que depositou na cama; beijou-a carinhosamente, alisou-lhe o cabelo com sua mãozinha, aconchegando-lhe os travesseiros. Nicolás estremeceu, porque nos gestos do menino havia mais solicitude e ternura do que em todas as carícias que ele oferecera em sua vida a qualquer mulher. Compreendeu então o que Amanda tinha querido lhe dizer. “Tenho muito que aprender”, murmurou. Apoiou a testa no vidro engordurado da janela, perguntando-se se algum dia seria capaz de dar na mesma medida em que esperava receber.

— Como vamos fazer? — perguntou, não se atrevendo a dizer a terrível palavra.

— Peça ajuda a seu irmão, Jaime — sugeriu Amanda.

Jaime recebeu o irmão em seu túnel de livros, recostado na tarimba de recruta, iluminado pela luz da única lâmpada pendurada no teto. Estava lendo os sonetos de amor do Poeta, que, então, já tinha renome mundial, tal como previra Clara na primeira vez que o ouviu recitar, com sua voz telúrica, em seu encontro literário. Especulava a respeito da possibilidade de os sonetos talvez terem sido inspirados na presença de Amanda no jardim dos Trueba, onde o Poeta costumava sentar-se à hora do chá, falando sobre canções desesperadas, na época em que era um hóspede habitual do casarão da esquina. Surpreendeu-se com a visita do irmão, porque, desde que haviam saído do colégio, a cada dia se distanciavam mais. Nos últimos tempos nada tinham para se dizer e apenas se cumprimentavam com uma inclinação de cabeça nas raras vezes que se esbarravam ao passar pela porta. Jaime desistira da ideia de atrair Nicolás para as coisas transcendentais da existência.

Ainda considerava suas frívolas diversões um insulto pessoal, porque não aceitava que ele gastasse tempo em viagens de balão e massacres de frangos, havendo tanto trabalho para fazer no Bairro da Misericórdia. Já não tentava, contudo, arrastá-lo ao hospital para que visse o sofrimento de perto, na esperança de que a miséria alheia conseguisse comover seu coração de pássaro de arribação; então, parou de convidá-lo para as reuniões com os socialistas na casa de Pedro Terceiro García, na última rua do bairro operário, onde se reuniam, vigiados pela polícia, todas as quintas-feiras. Nicolás zombava de suas inquietações sociais, dizendo que só um tonto com vocação para apóstolo poderia sair mundo afora, procurando, de vela na mão, a desgraça e a feiura. Agora Jaime tinha o irmão à sua frente, olhando-o com a expressão culpada e suplicante que tantas vezes usara para contar com seu afeto.

— Amanda está grávida — disse Nicolás sem rodeios.

Teve de repetir, porque Jaime permaneceu imóvel, na mesma atitude cerimoniosa que sempre tivera, sem que nem um só gesto denunciasse ter ouvido. Internamente, porém, a frustração o sufocava. Em silêncio, chamava Amanda por seu nome, agarrando-se à doce ressonância dessa palavra para manter o controle. Era tão grande sua necessidade de ter viva a ilusão que chegou a convencer-se de que Amanda e Nicolás viviam um amor infantil, uma relação limitada a passeios inocentes de mãos dadas, a discussões em torno de uma garrafa de absinto, a poucos beijos fugazes que ele havia surpreendido.

Negara-se à dolorosa verdade que agora precisava enfrentar.

— Não me conte. Não tenho nada a ver com isso — respondeu logo que pôde falar.

Nicolás deixou-se cair sentado aos pés da cama, com o rosto entre as mãos.

— Você tem de ajudá-la, por favor — suplicou.

Jaime fechou os olhos e respirou fundo, tentando controlar os loucos sentimentos que o impeliam a matar o irmão, a casar-se imediatamente com Amanda e a chorar de impotência e decepção. Tinha a imagem da jovem na memória, tal como lhe aparecia sempre que a angústia do amor o derrotava. Via-a entrando e saindo da casa, como uma lufada de ar puro, levando seu irmãozinho pela mão, ouvia seu riso no terraço, sentia o imperceptível e doce aroma de sua pele e de seu cabelo quando passava a seu lado em pleno sol do meio-dia. Via-a tal como a imaginava nas horas ociosas em que sonhava com ela. E, sobretudo, evocava-a naquele momento preciso e único em que Amanda entrara em seu quarto e estiveram a sós na intimidade de seu santuário. Entrara sem bater, quando ele estava deitado no catre, lendo, encheu o túnel com a dança sinuosa de seu longo cabelo e dos

braços ondulantes, tocou os livros sem nenhuma reverência e até se atreveu a tirá-los de suas prateleiras sagradas, soprar-lhes o pó sem o menor respeito e depois atirá-los sobre a cama, falando incansavelmente enquanto ele tremia de desejo e surpresa, sem encontrar em todo o seu vasto vocabulário enciclopédico uma só palavra que a retivesse, até que por fim ela se despediu, com um beijo na face, beijo que lhe ficou ardendo como uma queimadura, único e terrível beijo, que lhe serviu para construir um labirinto de sonhos em que ambos eram príncipes apaixonados.

— Você sabe alguma coisa de medicina, Jaime. Tem que fazer alguma coisa — pediu Nicolás.

— Sou estudante; falta-me muito para ser médico. Não sei nada disso. Mas já vi muitas mulheres morrerem em consequência da intervenção de algum ignorante — respondeu Jaime.

— Ela confia em você e afirma que só você poderá ajudá-la — insistiu Nicolás.

Jaime agarrou o irmão pela roupa e levantou-o no ar, sacudindo-o como um boneco de pano, gritando todos os insultos que lhe passaram pela cabeça, até que seus próprios soluços o obrigaram a soltá-lo. Nicolás choramingou, aliviado. Conhecia Jaime o bastante para perceber que, como sempre, ele aceitara o papel de protetor.

— Obrigado, irmão!

Num arremedo de murro, Jaime empurrou-o pelo ombro para fora do quarto. Fechou a porta à chave e jogou-se de bruços na cama, sacudido pelo pranto rouco e terrível com que os homens choram as dores de amor.

Esperaram até o domingo seguinte. Jaime recebeu-os no consultório do Bairro da Misericórdia, onde realizava a parte prática de seus estudos. Tinha a chave, porque era sempre o último a sair, de modo que pôde entrar sem dificuldade, embora se sentisse como um ladrão, porque não teria podido explicar sua presença ali àquela hora tardia. Fazia três dias que estudava atentamente cada passo da intervenção que iria efetuar. Poderia repetir o texto do livro, palavra por palavra, na ordem correta, mas nem isso lhe dava maior segurança. Tremia. Procurava não pensar naquelas mulheres que tinha visto chegar agonizantes à sala de emergência do hospital, nas que ajudara a salvar naquele mesmo consultório nem nas outras, que haviam morrido naquelas camas, lívidas, com um rio de sangue correndo entre as pernas, sem que a ciência nada pudesse fazer para evitar que a vida lhes escapasse por aquela torneira aberta. Conhecia de muito perto aquele drama, mas até aquele momento nunca tivera de enfrentar o conflito moral de ajudar uma mulher desesperada. E muito menos Amanda. Acendeu as luzes, vestiu o jaleco branco de seu ofício, preparou os instrumentos cirúrgicos, repassando em voz alta

cada detalhe que havia decorado. Desejava que acontecesse uma desgraça monumental, um cataclismo que sacudisse o planeta em seus alicerces, para não ter de fazer aquilo. Mas nada aconteceu até a hora marcada.

Enquanto isso, Nicolás fora buscar Amanda no velho Covadonga, que só andava aos solavancos com as suas porcas, em meio a uma fumaceira negra de óleo queimado, mas que ainda servia para as emergências. Ela o esperava sentada na única cadeira de seu quarto, de mãos dadas com Miguel, mergulhados numa cumplicidade da qual, como sempre, Nicolás se sentiu excluído. A jovem estava pálida e extenuada devido aos nervos e às últimas semanas de indisposições e incertezas que havia suportado; contudo, mostrava-se mais calma do que Nicolás, que falava atropeladamente, não conseguia ficar quieto e tentava animá-la com uma fingida alegria e com gracejos inúteis. Tinha-lhe levado de presente um anel antigo de granadas e brilhantes que tirara do quarto da mãe, na certeza de que ela nunca lhe perceberia a falta e, mesmo que o visse na mão de Amanda, seria incapaz de reconhecê-lo, porque Clara não prestava atenção nessas coisas. Amanda devolveu-o com delicadeza.

— Está vendo, Nicolás? Você é uma criança — disse sem sorrir.

No momento de sair, o pequeno Miguel enfiou um poncho e agarrou-se à mão da irmã. Nicolás teve de recorrer primeiro à sua sedução e depois à força bruta para deixá-lo sob os cuidados da dona da pensão, que nos últimos dias fora definitivamente enfeitiçada pelo suposto primo de sua inquilina e, contrariando suas próprias normas, aceitara cuidar do menino naquela noite.

Fizeram o trajeto sem se falar, cada um mergulhado em seus temores. Nicolás percebia a hostilidade de Amanda como uma pestilência que se tivesse instalado entre os dois. Nos últimos dias ele chegara a amadurecer a ideia da morte e temia-a menos do que a dor e a humilhação que teria de suportar naquela noite. Guiava o Covadonga numa zona desconhecida da cidade, por vielas estreitas e escuras, onde se acumulava o lixo junto aos altos muros das fábricas, formando um bosque de chaminés que impedia a visão da cor do céu. Os cães vadios farejavam a sujeira, e os mendigos dormiam enrolados em jornais nos vãos das portas. Admirou-se com o fato de ser aquele o cenário cotidiano das atividades de seu irmão.

Jaime os aguardava à porta do consultório. O avental branco e a ansiedade que o dominava davam-lhe uma aparência muito grave. Levou-os, ao longo de um labirinto de corredores gelados, até a sala que preparara, procurando distrair Amanda do péssimo aspecto daquele lugar, para que não visse as toalhas amareladas nos baldes esperando a lavagem de segunda-feira, os palavrões pichados nas

paredes, os ladrilhos soltos e os encanamentos oxidados que gotejavam sem parar. Amanda parou à porta do pavilhão com uma expressão de terror: vira os instrumentos e a mesa ginecológica; o que, até aquele momento, era uma ideia abstrata e um flerte com a possibilidade da morte nesse instante tomou forma. Nicolás estava lívido, mas Jaime pegou-os pelos braços e os obrigou a entrar.

— Não olhe, Amanda! Vou adormecê-la para que não sinta nada — disse-lhe.

Nunca aplicara anestesia nem participara de uma cirurgia. Como estudante, limitava-se a tarefas administrativas, levantar estatísticas, preencher fichas e ajudar em curativos, suturas e tarefas menores. Estava mais assustado do que a própria Amanda, mas assumiu a atitude prepotente e descontraída que observara nos médicos para que ela acreditasse que tudo aquilo era rotineiro. Quis evitar-lhe o constrangimento de despir-se e, a si próprio, a perturbação de observá-la; por isso, ajudou-a a deitar-se vestida sobre a mesa. Enquanto se lavava e indicava a Nicolás a maneira de também fazê-lo, tentava distraí-la com a história do fantasma espanhol que aparecera a Clara numa sessão das sextas-feiras, informando que havia um tesouro escondido nos alicerces da casa, e falou-lhe a respeito de sua família: um monte de loucos excêntricos ao longo de várias gerações, dos quais até os fantasmas riam. Amanda, porém, não o escutava — estava pálida como um sudário e batia os dentes.

— Para que são essas correias? Não quero que você me amarre!

— Não vou amarrá-la. Nicolás vai administrar-lhe o éter. Respire tranquila, não se assuste, e, quando acordar, já teremos terminado. Jaime sorriu com os olhos acima da máscara.

Nicolás aproximou da jovem a máscara da anestesia. A última cena que ela viu antes de mergulhar na escuridão foi Jaime olhando-a amorosamente, mas pensou que estivesse sonhando. Nicolás tirou-lhe a roupa e amarrou-a à mesa consciente de que aquilo era pior do que uma violação, enquanto seu irmão aguardava com as mãos enluvadas, tentando não ver nela a mulher que ocupava todos os seus pensamentos, mas apenas um corpo, como tantos que passavam diariamente por aquela mesma mesa, em meio a gritos de dor.

Começou a trabalhar lenta e cuidadosamente, repetindo-se o que deveria fazer, mastigando o texto do livro que havia decorado, o suor caindo-lhe sobre os olhos, atento à respiração da jovem, à cor de sua pele, ao ritmo de seu coração, pedindo ao irmão para lhe dar mais éter a cada vez que gemesse, rezando para que não houvesse qualquer complicação, enquanto manipulava sua mais profunda intimidade, sem deixar, durante todo o tempo, de maldizer em pensamento o irmão, porque, se aquele filho fosse seu, e não de Nicolás, teria nascido sadio e completo, em vez de ir embora aos pedaços pelo

encanamento do esgoto daquele miserável consultório, e ele o teria embalado e protegido, em vez de tirá-lo de seu ninho às colheradas. Vinte e cinco minutos depois tinha terminado e ordenou a Nicolás que o ajudasse a acomodá-la enquanto não acabasse o efeito do éter, mas se deu conta de que seu irmão cambaleava, apoiado na parede, tomado de violentas ânsias de vômito.

— Idiota! — rosnou Jaime. — Vá ao banheiro e, depois que vomitar toda a sua culpa, aguarde na sala de espera, porque ainda temos algumas horas pela frente!

Nicolás saiu aos tropeções, Jaime tirou as luvas e a máscara, e começou a soltar Amanda das correias, a vestir-lhe delicadamente a roupa, a esconder os vestígios ensanguentados de sua obra e a retirar de sua vista os instrumentos de sua tortura. Levantou-a em seguida nos braços, saboreando aquele instante em que podia apertá-la contra o peito, e levou-a para uma cama em que pusera lençóis limpos, bem mais do que tinham as mulheres que iam ao consultório em busca de socorro. Cobriu-a e sentou-se a seu lado. Pela primeira vez em sua vida, podia observá-la à vontade. Era menor e mais doce do que parecia quando andava por toda parte com seu disfarce de pitonisa e o chocalhar de miçangas, e, como sempre suspeitara, em seu corpo delgado os ossos eram apenas uma sugestão entre as pequenas colinas e os lisos vales de sua feminilidade. Sem sua escandalosa cabeleira e os olhos de esfinge, parecia ter 15 anos. Sua vulnerabilidade pareceu a Jaime mais desejável do que tudo aquilo que, antes, nela o havia seduzido. Sentia-se duas vezes maior e mais pesado do que ela e mil vezes mais forte, mas sabia-se antecipadamente derrotado pela ternura e pela ânsia de protegê-la. Amaldiçoou seu invencível sentimentalismo e tentou vê-la como a amante de seu irmão, em quem acabara de praticar um aborto, mas logo compreendeu que era vã sua tentativa e abandonou-se ao prazer e ao sofrimento de amá-la. Acariciou-lhe as mãos transparentes, os dedos finos, os lóbulos das orelhas, percorreu-lhe o pescoço, ouvindo o imperceptível rumor da vida em suas veias. Aproximou a boca de seus lábios e aspirou com avidez o odor da anestesia, mas não se atreveu a tocá-los.

Amanda regressou do sono lentamente. Primeiro sentiu frio e foi logo sacudida por vômitos. Jaime consolou-a, falando-lhe na mesma linguagem secreta que reservava aos animais e às crianças menores do hospital dos pobres, até que se foi acalmando. Ela começou a chorar, e ele continuou a acariciá-la. Ficaram em silêncio, ela oscilando entre o entorpecimento, as náuseas, a angústia e a dor que começava a apertar seu ventre, e ele desejando que aquela noite jamais terminasse.

— Acha que ainda poderei ter filhos? — perguntou ela finalmente.

— Suponho que sim — respondeu ele —, mas procure para eles um

pai responsável.

Os dois sorriram, aliviados. Amanda procurou em vão no rosto moreno de Jaime, inclinado tão próximo do seu, alguma semelhança com o de Nicolás. Pela primeira vez em sua existência de nômade, sentiu-se protegida e segura, suspirou, contente, e esqueceu a sordidez que a rodeava, as paredes descascadas, os frios armários metálicos, os pavorosos instrumentos, o cheiro de desinfetante e também a dor rouca que se havia instalado em suas entranhas.

— Por favor, deite-se a meu lado e me abrace — pediu.

Ele se estendeu timidamente na cama estreita, envolvendo-a em seus braços. Procurava manter-se quieto para não incomodá-la e também para não cair. Tinha a ternura rude de quem nunca foi amado e precisa improvisar. Amanda fechou os olhos e sorriu. Estiveram assim, respirando juntos em completa calma, como dois irmãos, até que começou a clarear, e a luz da janela foi mais forte do que a da lâmpada. Então Jaime ajudou-a a se levantar, vestindo-lhe o casaco, e levou-a pelo braço até a sala de espera, onde Nicolás dormia numa cadeira.

— Acorde! Vamos levá-la para casa a fim de que a mamãe cuide dela. É melhor que ela não fique sozinha durante alguns dias — disse Jaime.

— Sabia que poderia contar com você, irmão — agradeceu Nicolás, emocionado.

— Não fiz isso por você, desgraçado, mas por ela — grunhiu Jaime, virando-lhe as costas. No casarão da esquina, Clara recebeu-os, sem fazer perguntas, ou talvez as tivesse feito diretamente às cartas ou aos espíritos. Tiveram que acordá-la, porque estava amanhecendo, e ninguém ainda se havia levantado.

— Mamãe, ajude Amanda — pediu Jaime com a certeza que lhe autorizava a ampla cumplicidade que tinham nesses assuntos. — Está doente e vai ficar aqui alguns dias.

— E Miguelito? — perguntou Amanda.

— Irei buscá-lo — disse Nicolás e saiu.

Prepararam um dos quartos de hóspedes, e Amanda deitou-se. Jaime mediu-lhe a temperatura e disse-lhe que deveria descansar. Fez menção de se retirar, mas ficou parado no umbral da porta, indeciso. Nesse instante Clara voltou, trazendo uma bandeja com café para os três.

— Suponho que lhe devemos uma explicação, mamãe — murmurou Jaime.

— Não, filho — respondeu Clara alegremente. — Se é pecado, prefiro que não me contem. Vamos aproveitar para mimar um pouco Amanda, que está realmente precisando.

Saiu seguida pelo filho. Jaime viu sua mãe avançar pelo corredor,

descalça, com o cabelo solto descendo-lhe pelas costas, vestida com sua bata branca, e se deu conta de que não era alta e forte como a vira em sua infância. Estendeu a mão e reteve-a pelo ombro. Ela virou a cabeça e sorriu, e Jaime a abraçou impulsivamente, estreitando-a contra o peito, roçando-lhe a testa com o queixo, onde sua barba rebelde já reclamava uma navalha. Era a primeira vez que lhe fazia um carinho espontâneo desde que era bebê, preso por necessidade a seus peitos, e Clara surpreendeu-se ao perceber quão grande era seu filho, com um tórax de levantador de pesos e braços firmes que a esmagavam num gesto tímido. Emocionada e feliz, questionou como era possível que aquele homenzarrão peludo, com a força de um urso e a candura de uma noviça, tivesse estado algum dia em sua barriga e, mais do que isso, em companhia de outro.

Nos dias seguintes Amanda teve febre. Jaime, assustado, vigiava-a a toda hora e administrava-lhe sulfa. Clara cuidava dela. Não deixou de observar que Nicolás perguntava por Amanda discretamente, mas não ameaçava visitá-la. Jaime, entretanto, fechava-se com ela, emprestava-lhe seus livros mais queridos e parecia iluminado, dizendo incoerências e rondando pela casa como nunca havia feito, a ponto de esquecer a reunião dos socialistas na quinta-feira.

Foi assim que Amanda passou a fazer parte da família por algum tempo e Miguelito, por uma circunstância especial, esteve presente, escondido no armário, no dia em que Alba nasceu na casa dos Trueba e nunca mais esqueceu o grandioso e terrível espetáculo da criança vindo ao mundo envolvida nas mucosidades ensanguentadas, em meio aos gritos de sua mãe e ao alvoroço de mulheres que circulavam à sua volta.

Nessa ocasião, Esteban Trueba viajara para a América do Norte. Cansado da dor nos ossos e daquela secreta doença que só ele percebia, tomou a decisão de ser examinado por médicos estrangeiros, porque chegara à precipitada conclusão de que os médicos latinos eram todos charlatães, mais próximos do feiticeiro nativo do que do cientista. Seu encolhimento era tão sutil, tão lento e dissimulado que ninguém mais havia notado. Tinha de comprar os sapatos um número menor, mandar encurtar as calças e fazer pregas nas mangas das camisas. Um dia pôs o boné que não havia usado durante todo o verão e constatou que lhe cobria completamente as orelhas, donde deduziu, horrorizado, que, se o tamanho de seu cérebro estava encolhendo, provavelmente também lhe minguavam as ideias. Os médicos gringos mediram-lhe o corpo, avaliaram seus membros um por um, interrogaram-no em inglês, injetaram-lhe líquidos com uma agulha e os extraíram com outra, radiografaram-no, viraram-no pelo avesso, como uma luva, e até lhe enfiaram uma lâmpada no ânus. Por fim, concluíram que eram puras ideias suas, que não pensasse estar

encolhendo, que sempre tivera o mesmo tamanho e que certamente sonhara que algum dia medira um metro e oitenta e calçara 42. Esteban Trueba acabou por perder a paciência e regressou à sua pátria disposto a não prestar atenção ao problema da estatura, já que todos os grandes políticos da história tinham sido pequenos, de Napoleão a Hitler. Quando chegou à sua casa, viu Miguel brincando no jardim e Amanda, mais magra e com olheiras intensas, sem colares nem pulseiras, sentada com Jaime no terraço. Não fez perguntas, porque estava acostumado a ver gente estranha à família vivendo sob seu próprio teto.

Capítulo VIII

O Conde

Esse período teria desaparecido na confusão das recordações antigas e apagadas pelo tempo se não fossem as cartas que Clara e Blanca trocaram. Essa vasta correspondência preservou os acontecimentos, salvando-os da neblina dos fatos improváveis. A partir da primeira carta que recebeu da filha, depois de seu casamento, Clara pôde adivinhar que não ficaria afastada de Blanca por muito tempo. Sem dizer nada a ninguém, preparou um dos mais ensolarados e amplos quartos da casa para esperá-la. Instalou ali o berço de bronze em que havia criado os três filhos.

Blanca nunca pôde explicar à sua mãe as razões pelas quais aceitara se casar, porque nem ela própria sabia. Analisando o passado, quando já era uma mulher madura, chegou à conclusão de que a causa principal fora o medo que sentia do pai. Desde bebê conhecia a força irracional de sua ira e estava habituada a obedecer-lhe. Sua gravidez e a notícia de que Pedro Terceiro estava morto acabaram por fazê-la decidir; no entanto, quando aceitou o enlace com Jean de Satigny, resolveu que nunca consumaria o casamento. Inventaria toda espécie de argumentos para adiar a união, a princípio sob o pretexto das indisposições próprias de seu estado e depois procuraria outros, certa de que seria muito mais fácil manejar um marido como o conde, que usava calçado de pelica, passava verniz nas unhas e estava disposto a se casar com uma mulher grávida de outro, do que se opor a um pai como Esteban Trueba. De dois males, escolheu o que lhe pareceu menor. Deu-se conta de que, entre o pai e o conde francês, havia um acordo comercial sobre o qual ela nada tinha a dizer. Em troca de um nome para seu neto, Trueba deu a Jean de Satigny um generoso dote e a promessa de que algum dia receberia uma herança. Blanca prestou-se à negociação, mas não estava disposta a entregar a seu marido nem seu amor, nem sua intimidade, porque continuava a amar Pedro Terceiro García, mais por força do hábito do que pela esperança de

tornar a vê-lo.

Blanca e seu flamejante marido passaram a primeira noite de casados no quarto nupcial do melhor hotel da capital, que Trueba mandou encher de flores para que sua filha lhe perdoasse o rosário de violências com que a castigara nos últimos meses. Para sua surpresa, Blanca não teve necessidade de fingir uma enxaqueca, porque, logo que ficaram a sós, Jean abandonou o papel de noivo que lhe beijava o pescoço e escolhia os melhores lagostins para dar-lhe na boca, e pareceu esquecer por completo as sedutoras maneiras de galã de cinema mudo para se transformar no irmão que havia sido para ela nos passeios ao campo, quando iam merendar sobre a relva com a máquina fotográfica e os livros em francês. Jean entrou no banheiro, onde demorou tanto que, quando reapareceu no quarto, Blanca já estava meio adormecida. Julgou estar sonhando ao ver que o marido trocara o traje do casamento por um pijama de seda negra e um roupão de veludo estilo Pompeia, pusera uma rede para segurar as impecáveis ondas do penteado e recendia intensamente a colônia inglesa. Não parecia ter nenhuma impaciência erótica. Sentou-se a seu lado na cama, acariciou-lhe a face com o mesmo gesto um pouco brincalhão que ela vira em outras ocasiões e começou a explicar, em seu afetado espanhol sem erres, que não tinha nenhuma inclinação especial para o casamento, porque era um homem apaixonado só pelas artes, pelas letras e pelas curiosidades científicas e que, por isso, não pretendia incomodá-la com solicitações de marido, de maneira que poderiam viver juntos, mas não como amantes, em perfeita harmonia e boa educação. Aliviada, ela lhe estendeu os braços ao pescoço e beijou-lhe as faces.

— Obrigada, Jean! — exclamou.

— Não tem de quê — respondeu ele, cortês.

Acomodaram-se na grande cama de falso estilo imperial, comentando detalhes da festa e fazendo planos para sua vida futura.

— Não lhe interessa saber quem é o pai de meu filho? — perguntou Blanca.

— Sou eu — respondeu Jean, beijando-a na testa.

Dormiram cada um virado para seu lado, um de costas para o outro. Às cinco da manhã, Blanca despertou com o estômago revirado devido ao cheiro adocicado das flores com que Esteban Trueba mandara decorar o quarto nupcial. Jean de Satigny acompanhou-a ao banheiro, sustentou-lhe a testa enquanto ela se curvava sobre a privada, ajudou-a a deitar-se e jogou as flores no corredor. Depois ficou acordado pelo resto da madrugada, lendo *A filosofia da alcova*, do Marquês de Sade, enquanto Blanca suspirava, em meio a seus sonhos, que era estupendo estar casada com um intelectual.

Pela manhã, Jean foi ao banco descontar um cheque de seu sogro e

passou quase todo o dia percorrendo as lojas do Centro para comprar o enxoval de noivo que considerou apropriado à sua nova posição econômica. Blanca, aborrecida de esperá-lo no saguão do hotel, resolveu visitar a mãe. Pôs seu melhor chapéu matinal e partiu num coche de aluguel para o casarão da esquina, onde o restante da família estava almoçando em silêncio, todos ainda rancorosos e cansados pelos sobressaltos do casamento e pela ressaca das últimas brigas. Ao vê-la entrar na sala de jantar, seu pai deu um grito de horror.

— O que faz aqui, filha?!? — rugiu.

— Nada... vim vê-los — murmurou Blanca, aterrorizada.

— Está louca! Não percebe que, se alguém a vê, vão dizer que seu marido a devolveu em plena lua de mel? Vão dizer que você não era virgem!

— E não era, papai.

Esteban esteve a ponto de lhe dar um bofetão no rosto, mas Jaime se interpôs com tanta determinação que ele se limitou a insultá-la por sua estupidez. Clara, indiferente, levou Blanca até uma cadeira e serviu-lhe um prato de peixe frio com molho de alcaparras. Enquanto Esteban continuava gritando e Nicolás ia buscar o coche para devolvê-la ao marido, as duas conversaram como nos velhos tempos.

Nessa mesma tarde, Blanca e Jean tomaram o trem que os levou ao porto. Lá embarcaram num transatlântico inglês. Ele vestia calças de linho branco e um casaco azul de corte à marinheira, que combinava à perfeição com a saia azul e o casaco branco do *tailleur* de sua mulher. Quatro dias mais tarde, o navio deixou-os na mais esquecida província do Norte, onde suas elegantes roupas e suas malas de couro de crocodilo passaram despercebidas no abafado calor seco da hora da sesta. Jean de Satigny instalou provisoriamente sua mulher num hotel e dedicou-se à tarefa de procurar um alojamento digno de suas novas receitas. Vinte e quatro horas depois, a pequena sociedade provinciana sabia que havia um conde autêntico em seu meio. Isso facilitou muito as coisas para Jean, que pôde alugar uma antiga mansão que pertencera a uma das grandes fortunas dos tempos do salitre, antes que se inventasse o substituto sintético que mandou toda a região para o caralho. A casa estava um pouco triste e abandonada, como, aliás, tudo o mais por ali, precisando de alguns reparos, mas conservava intacta a dignidade original e seu encanto de fim de século. O conde decorou-a a seu gosto, com um refinamento equivocadamente decadente que espantou Blanca, acostumada à vida do campo e à sobriedade clássica de seu pai. Jean colocou suspeitos jarrões de porcelana chinesa que, em lugar de flores, tinham plumas coloridas de avestruz, cortinas de damasco com drapeados e borlas, almofadões com franjas e pompons, móveis de todos os estilos, aparadores dourados, biombos e incríveis abajures com pés, sustentados por estátuas de louça

representando negros abissínios em tamanho natural, seminus, mas com pantufas e turbantes. A casa estava sempre com as cortinas corridas, em uma tênue penumbra que conseguia deter a luz implacável do deserto. Nos cantos, Jean pôs incensários onde queimava ervas perfumadas e bastões de incenso que a princípio reviravam o estômago de Blanca, mas aos quais ela logo se habituou. Contratou vários nativos para seu serviço, além de uma monumental gorda, que fazia o trabalho da cozinha e treinou para preparar os molhos muito apurados de que ele gostava, e uma aia coxa e analfabeta para atender a Blanca. Vestiu todos eles com vistosos uniformes de opereta, mas não conseguiu que usassem sapatos, porque estavam habituados a andar descalços e não os suportavam. Blanca não se sentia à vontade naquela casa e desconfiava dos nativos de expressão imperturbável que a serviam de maneira relapsa e pareciam zombar dela pelas costas. Circulavam à sua volta como espíritos, deslizando sem ruído pelos quartos, quase sempre ociosos e enfadados. Não respondiam quando ela lhes falava, como se não compreendessem o castelhano, e entre si falavam em sussurros ou em dialetos do planalto. Sempre que Blanca comentava com o marido as estranhas atitudes que observava nos serviçais, ele afirmava tratar-se de costumes indígenas e que o melhor era não dar atenção. O mesmo respondeu Clara por carta quando ela lhe contou que vira um dia um dos nativos equilibrando-se em surpreendentes sapatos antigos de salto inclinado e laço de veludo, em que os largos pés calejados do homem se mantinham encolhidos. “O calor do deserto, a gravidez e seu desejo inconfessado de viver como uma condessa, de acordo com a linhagem de seu marido, fazem-na ter visões, filhinha”, escreveu Clara, zombando, e acrescentou que o melhor remédio contra os sapatos Luís XV consistia numa ducha fria e num chá de macela. Em outra ocasião, Blanca encontrou em seu prato uma pequena lagartixa morta que quase levou à boca. Logo que se refez do susto e conseguiu falar, chamou aos gritos a cozinheira e apontou-lhe o prato com o dedo trêmulo. A cozinheira aproximou-se, bamboleando sua imensidão de gordura e suas tranças negras, e retirou o prato sem comentários. No momento de virar-se, entretanto, Blanca julgou surpreender um gesto de cumplicidade entre seu marido e a nativa. Naquela noite, ficou acordada até muito tarde, pensando no que vira, até que, ao amanhecer, chegou à conclusão de que havia imaginado tudo. Sua mãe tinha razão: o calor e a gravidez a estavam transtornando.

Os cômodos mais afastados da casa foram destinados à mania de Jean pela fotografia. Neles instalou seus *spots*, seus tripés, suas máquinas. Pediu a Blanca que jamais entrasse sem autorização naquilo que batizou de *laboratório*, porque, segundo explicou, podiam-se velar

as chapas com a luz natural. Pôs fechadura na porta e andava com a chave pendurada em uma corrente de ouro, precaução completamente inútil, porque sua mulher não tinha praticamente interesse algum pelo que a rodeava e muito menos pela arte da fotografia.

À medida que engordava, Blanca ia adquirindo uma placidez oriental, contra a qual esbarravam as tentativas de seu marido para incorporá-la à sociedade, levá-la a festas, passear de carro com ela ou despertar-lhe entusiasmo pela decoração de seu novo lar. Pesada, sem graça, solitária e permanentemente cansada, Blanca refugiou-se na tecelagem e no bordado. Passava boa parte do dia dormindo e nas horas de vigília confeccionava minúsculas peças de roupa para um enxoval cor-de-rosa, porque estava certa de que daria à luz uma menina. Tal como sua mãe fizera com ela, desenvolveu um sistema de comunicação com a criança que estava gestando e foi-se voltando para seu interior num diálogo silencioso e ininterrupto. Nas cartas descrevia sua vida ociosa e melancólica, e referia-se ao marido com uma cega simpatia, como um homem fino, discreto e considerado. Assim foi estabelecendo, sem a isso se propor, a lenda de que Jean de Satigny era quase um príncipe, sem mencionar, contudo, o fato de que cheirava cocaína e fumava ópio à tarde, porque tinha certeza de que seus pais não saberiam compreender isso. Disponha de toda uma ala da mansão só para ela. Ali tinha assentado seus quartéis e ali amontoava tudo o que estava preparando para a chegada de sua filha. Jean comentava que cinquenta bebês não conseguiriam vestir toda aquela roupa nem brincar com aquela quantidade de brinquedos, mas a única diversão de Blanca era sair para percorrer o reduzido comércio da cidade e comprar tudo o que via em cor-de-rosa para recém-nascidos. Passava o dia bordando mantas, tricotando sapatinhos de lã, decorando cestas, organizando pilhas de camisinhas, de babadores, de fraldas, passando a ferro os lençóis bordados. Depois da sesta, escrevia à sua mãe e, às vezes, ao irmão Jaime, e, quando o sol se punha e refrescava um pouco, caminhava pelos arredores para desentorpecer as pernas. À noite, encontrava-se com o marido na grande sala de jantar onde os negros de louça, postos em seus cantos, iluminavam a ceia com sua luz de prostíbulo. Sentavam-se um a cada extremidade da mesa posta com uma grande toalha, cristais e baixela completos, e ornamentada com flores artificiais, porque, naquela região inóspita, não havia naturais. Servia-os sempre o mesmo nativo impassível e silencioso, que mantinha na boca, rodando-a permanentemente, a bola verde de folhas de coca com que se sustentava. Não era um serviçal comum e não cumpria nenhuma função específica dentro da organização doméstica. Nem servir à mesa era o seu forte, porque não dominava nem travessas, nem talheres, e acabava por tirar-lhes a comida de qualquer maneira. Blanca teve de orientá-lo, numa ocasião,

no sentido de que, por favor, não pegasse as batatas com a mão para colocá-las no prato. Jean de Satigny, porém, estimava-o por alguma misteriosa razão e o estava treinando para ser seu ajudante no laboratório.

— Se não consegue falar como um cristão, menos ainda poderá tirar retratos — observou Blanca quando soube. Foi esse nativo o que Blanca julgou ver usando saltos Luís XV.

Os primeiros meses de sua vida de casada passaram-se tranquilos e enfadonhos. Acentuou-se a tendência natural de Blanca ao isolamento e à solidão. Ela se negou à vida social, e Jean de Satigny acabou por comparecer sozinho aos numerosos compromissos para os quais recebiam convites. Depois, quando chegava em casa, comentava com Blanca, zombando do pedantismo daquelas famílias antigas e pouco arejadas, cujas moças andavam com damas de companhia e os cavalheiros usavam escapulários. Blanca pôde levar a vida ociosa para a qual tinha vocação, enquanto o marido se dedicava àqueles pequenos prazeres que só o dinheiro pode pagar e aos quais tivera de renunciar por tanto tempo. Saía todas as noites para jogar no cassino, e sua mulher calculou que deveria perder grandes somas de dinheiro, porque, no fim do mês, havia invariavelmente uma fila de credores à porta. Jean tinha uma ideia muito peculiar sobre a economia doméstica. Comprou um automóvel do último modelo, com assentos forrados de pele de leopardo e buzinas douradas, digno de um príncipe árabe, o maior e de mais ostentação jamais visto por aqueles lados. Estabeleceu uma rede de contatos misteriosos que lhe permitia comprar antiguidades, especialmente porcelana francesa de estilo barroco, pela qual tinha um grande fraco. Também fez entrarem no país caixotes de bebidas finas que passavam pela alfândega sem problema. Seus contrabandos entravam em casa pela porta de serviço e saíam, intactos, pela principal, rumo a outros lugares, onde Jean os consumia em farras secretas ou os vendia por preços exorbitantes. Em casa, não recebiam visitas, e em poucas semanas as senhoras da localidade deixaram de convidar Blanca. Correram o boato de que era orgulhosa, altiva e de saúde débil, o que aumentou a simpatia geral pelo conde francês, que granjeou a fama de marido paciente e sofredor.

Blanca dava-se bem com o marido. As únicas ocasiões em que discutiam era quando ela tentava averiguar as finanças familiares. Não podia entender o fato de que Jean se desse ao luxo de comprar porcelana e passear naquele veículo tigrado se não conseguia dinheiro para pagar a conta que devia ao mesteijo do armazém nem os salários dos numerosos empregados. Jean negava-se a falar sobre o assunto, sob o pretexto de que essas eram responsabilidades propriamente masculinas e que ela não necessitava encher sua cabecinha de pardal

com problemas que não tinha capacidade de compreender. Blanca supôs que a conta de Jean de Satigny com Esteban Trueba tivesse fundos ilimitados e, diante da impossibilidade de chegar a um acordo com ele, acabou se desinteressando por esse problema. Vegetava como uma flor de outro clima dentro daquela casa encravada nos areais, que parecia existir em outra dimensão, rodeada de nativos insólitos, surpreendendo com frequência pequenos detalhes que a induziam a duvidar de seu próprio juízo. A realidade parecia-lhe indefinida, como se aquele sol implacável que desbotava as cores também tivesse deformado as coisas que a rodeavam e convertido seres humanos em sombras silenciosas.

No torpor daqueles meses, Blanca, protegida pela criança que crescia dentro de si, esqueceu o tamanho de sua desgraça. Deixou de pensar em Pedro Terceiro García com a premente urgência de antes e refugiou-se em recordações doces e remotas que podia evocar a qualquer momento. Sua sensualidade estava adormecida, e nas raras ocasiões em que meditava sobre seu destino infeliz se comprazia, imaginando-se flutuar numa nebulosa, sem tristezas nem alegrias, alheia às coisas brutais da vida, isolada, com sua filha como única companhia. Chegou a pensar que perdera para sempre a capacidade de amar e que o ardor de sua carne se apagara definitivamente. Passava intermináveis horas contemplando a paisagem pálida que se estendia diante de sua janela. A casa ficava no limite da cidade, rodeada por algumas árvores raquíticas que resistiam ao ataque implacável do deserto. Pelo lado norte, o vento destruía toda espécie de vegetação e era possível ver a imensa planície de dunas e cerros longínquos oscilando na reverberação da luz. Durante o dia, vergava-se com o sufocar daquele sol de chumbo e, à noite, tremia de frio entre os lençóis de sua cama, defendendo-se das geadas com sacos de água quente e xales de lã. Olhava o céu despido e límpido em busca do vestígio de uma nuvem, com a esperança de que caísse uma gota de chuva que viesse aliviar a aspereza opressiva daquele vale lunar. Os meses decorriam, imutáveis, sem mais diversão do que as cartas de sua mãe, em que lhe contava a campanha política de seu pai, as loucuras de Nicolás, as excentricidades de Jaime, que vivia como um padre, mas andava com olhos enamorados. Clara sugeriu-lhe numa das cartas que, para ter as mãos ocupadas, voltasse a fazer seus presépios. Ela tentou. Encomendou a argila especial que estava acostumada a usar em Las Tres Marías, montou a oficina na parte posterior da cozinha e determinou que dois nativos construíssem um forno para cozer as figuras de barro. Jean de Satigny, porém, ironizava seu afã artístico, dizendo que, se era para manter as mãos ocupadas, melhor seria tricotar botinhas e aprender a fazer pasteizinhos folhados. Ela terminou abandonando o trabalho não tanto

pelo sarcasmo de seu marido, mas porque lhe era impossível competir com a olaria tradicional dos nativos.

Jean havia organizado seu negócio com a mesma tenacidade que antes empregara no assunto das chinchilas, mas dessa vez com êxito. Exceto um padre alemão que, fazia trinta anos, percorria a região para desenterrar o passado dos incas, ninguém mais se tinha preocupado com aquelas relíquias, por considerá-las sem valor comercial. O Governo proibia o tráfego de antiguidades indígenas e entregara uma concessão geral ao padre, que estava autorizado a requisitar as peças e levá-las para o museu, em cujas empoeiradas vitrinas Jean as viu pela primeira vez. Ele passou dois dias com o alemão, que, feliz por encontrar, depois de tantos anos, uma pessoa interessada em seu trabalho, não hesitou em revelar seus profundos conhecimentos. Assim, inteirou-se da forma de determinar quanto tempo tinham estado enterrados, aprendeu a diferenciar as épocas e os estilos, descobriu o modo de localizar os cemitérios no deserto por meio de sinais invisíveis a olhos civilizados e chegou finalmente à conclusão de que, se aquelas bilhas não detinham o esplendor dourado dos túmulos egípcios, tinham pelo menos seu próprio valor histórico. Assim que obteve toda a informação de que necessitava, organizou seus grupos de nativos para desenterrar tudo o que tivesse escapado ao zelo arqueológico do padre.

Os magníficos guacos,* verdes pela pátina do tempo, começaram a chegar à sua casa dissimulados em embrulhos de índios e alforjes de lhamas, enchendo rapidamente os lugares secretos a eles destinados. Blanca via-os se amontoando nos cômodos e ficava maravilhada com suas formas. Segurava-os nas mãos, acariciando-os como que hipnotizada, e, quando eram embalados em palha e papel para ser enviados a destinos longínquos e desconhecidos, sentia-se angustiada. Aquela olaria parecia-lhe primorosa e acreditava que os monstros de seus presépios não poderiam estar sob o mesmo teto que abrigava os guacos e, assim, mais por essa do que por qualquer outra razão, abandonou sua oficina.

O negócio da cerâmica indígena era secreto, porque aquilo era um patrimônio histórico da nação. Trabalhavam para Jean de Satigny vários grupos de nativos que ali haviam chegado deslizando clandestinamente pelas intrincadas passagens da fronteira. Não tinham documentos que os atestassem na condição de seres humanos; eram silenciosos, rudes e impenetráveis. Todas as vezes que Blanca perguntava de onde tinham saído aqueles seres que apareciam subitamente em seu pátio, respondiam-lhe que eram primos do que os servia à mesa, e, de fato, todos se pareciam. Não demoravam muito na casa. Durante a maior parte do tempo, ficavam no deserto, sem mais bagagem do que uma pá para escavar a areia e uma bola de coca na

boca para se manter vivos. Às vezes tinham a sorte de encontrar ruínas semienterradas em alguma aldeia dos incas e, em pouco tempo, enchiam os porões da casa com o que roubavam em suas escavações. A busca, o transporte e a comercialização dessa mercadoria eram feitos de maneira tão cautelosa que Blanca não teve a menor dúvida de que havia algo ilegal por trás das atividades de seu marido. Jean explicou-lhe que o Governo era muito suscetível a respeito daqueles cântaros sujos e dos míseros colares de pedrinhas do deserto, e que, para evitar os eternos trâmites da burocracia oficial, preferia negociá-los à sua maneira. Tirava-os do país em caixas seladas com etiquetas de maçãs, graças à cumplicidade interessada de alguns inspetores da alfândega.

Nada disso causava apreensão em Blanca. Só a preocupava o assunto das múmias. Estava familiarizada com os mortos, porque tinha passado toda a vida em estreito contato com eles por meio da mesa de três pés em que sua mãe os invocava. Acostumara-se a ver suas silhuetas transparentes passeando pelos corredores da casa de seus pais, fazendo barulho nos guarda-roupas e aparecendo nos sonhos para prognosticar desgraças ou prêmios da loteria. As múmias, porém, eram diferentes. Aqueles seres encolhidos, envoltos em trapos que se desfaziam em tiras empoeiradas, com suas cabeças descarnadas e amarelas, suas mãozinhas encolhidas, suas pálpebras costuradas, seus cabelos ralos na nuca, seus eternos e terríveis sorrisos sem lábios, seu cheiro de ranço e aquela aparência triste e pobre dos cadáveres antigos, revolviam-lhe a alma. Eram poucas. Muito raramente os nativos chegavam com alguma. Lentos e impassíveis, apareciam na casa carregando uma grande vasilha de barro cozido lacrada. Jean abria-a cuidadosamente num cômodo com todas as portas e janelas fechadas, para que o primeiro sopro de ar não a transformasse em pó de cinza. No interior da vasilha, aparecia a múmia, como o caroço de um fruto estranho, encolhida em posição fetal, envolta em seus farrapos, acompanhada por seus miseráveis tesouros de colares de dentes e bonecos de trapo. Eram muito mais apreciadas do que os demais objetos que tiravam dos túmulos, porque os colecionadores particulares e alguns museus estrangeiros pagavam por elas muito bem. Blanca questionava a respeito do tipo de pessoa que colecionaria mortos e onde os colocaria. Não conseguia imaginar uma múmia como parte da decoração de um salão, mas Jean de Satigny garantia-lhe que, acondicionadas em urnas de cristal, poderiam ser mais valiosas do que qualquer obra de arte para um milionário europeu. Era difícil colocar as múmias no mercado, transportá-las e passá-las pela alfândega, e, por isso, às vezes permaneciam várias semanas nos porões da casa, esperando sua vez de fazer a grande viagem ao exterior. Blanca sonhava com elas, tinha alucinações, julgava vê-las atravessando os

corredores na ponta dos pés, pequenas como gnomos disfarçados e furtivos. Trancava a porta do quarto, enfiava a cabeça sob os lençóis e passava horas assim, tremendo, rezando e chamando a mãe com a força do pensamento. Em suas cartas, contou tudo isso a Clara, que lhe respondeu que não deveria ter medo dos mortos, mas dos vivos, porque, apesar de sua má fama, jamais se constatou que as múmias tivessem atacado alguém; pelo contrário, eram de natureza bem tímida. Fortalecida pelos conselhos maternos, Blanca resolveu espíá-las. Esperava-as em silêncio, vigiando pela porta entreaberta de seu quarto. Logo teve a certeza de que passeavam pela casa, arrastando seus pezinhos infantis sobre os tapetes, cochichando como estudantes, empurrando-se, passando, todas as noites, em pequenos grupos de duas ou três, sempre em direção ao laboratório fotográfico de Jean de Satigny. Algumas vezes parecia-lhe ouvir longínquos gemidos de além-túmulo e experimentava arrebatados e incontroláveis acessos de terror, chamava seu marido aos gritos, mas ninguém a atendia, e seu medo era excessivo para atravessar toda a casa, a fim de ir procurá-lo. Com os primeiros raios de sol, Blanca recuperava o juízo e o domínio de seus nervos atormentados, dava-se conta de que suas angústias noturnas eram fruto da imaginação febril que herdara de sua mãe e se tranquilizava até que voltassem a cair as sombras da noite e recomeçasse seu ciclo de espanto. Um dia, não suportando mais a tensão que sentia quando se aproximava a noite, decidiu falar com Jean sobre as múmias. Estavam jantando. Quando ela lhe contou a respeito dos passeios, dos sussurros e dos gritos sufocados, Jean de Satigny ficou petrificado, com o garfo parado na mão e a boca aberta. O nativo, que estava entrando na sala com a bandeja, escorregou, e o frango assado rolou para baixo de uma cadeira. Jean empregou todo o seu poder de sedução, sua firmeza e seu senso de lógica para convencê-la de que seus nervos estavam falhando e que nada daquilo ocorria na realidade — tratava-se apenas do produto de sua fantasia sobressaltada. Blanca fingiu aceitar seu raciocínio, mas pareceu-lhe muito suspeita a veemência de seu marido, que habitualmente não prestava atenção em seus problemas, bem como o rosto do empregado, que finalmente perdera sua imutável expressão de ídolo e arregalara os olhos. Considerou intimamente que havia chegado a hora de investigar a fundo o assunto das múmias transumantes. Naquela noite, despediu-se cedo, depois de comentar com seu marido que iria tomar um tranquilizante para dormir. Em vez disso, bebeu uma xícara grande de café preto e se postou junto à sua porta, disposta a passar muitas horas de vigília.

Ouviu os primeiros passinhos por volta da meia-noite. Abriu a porta com muita cautela e assomou a cabeça no exato momento em que uma pequena figura agachada passava no fundo do corredor.

Daquela vez estava certa de não haver sonhado, mas, devido ao peso de seu ventre, precisou de quase um minuto para alcançar o corredor. A noite estava fria, e soprava a brisa do deserto, que fazia ranger o velho madeiramento da casa e enfunava as cortinas como negras velas em alto-mar. Desde pequena, quando escutava histórias de cuco da Nana na cozinha de sua casa, temia a escuridão, mas não se atreveu a acender as luzes, para não espantar as pequenas múmias em seus erráticos passeios.

Logo depois, o denso silêncio da noite foi rompido por um grito rouco, abafado, como se saísse do fundo de um ataúde ou, pelo menos, foi o que Blanca pensou. Começava a ser vítima da mórbida fascinação pelas coisas do além-túmulo. Imobilizou-se, com o coração a ponto de saltar-lhe pela boca, mas um segundo gemido tirou-a de suas reflexões, dando-lhe forças para avançar até a porta do laboratório de Jean de Satigny. Tentou abri-la, mas estava trancada à chave. Colou o rosto na porta e, então, ouviu nitidamente murmúrios, gritos sufocados e risos, e naquele momento não teve mais dúvidas: alguma coisa estava de fato acontecendo com as múmias. Voltou a seu quarto confortada pela convicção de que não eram seus nervos que não estavam bem — algo atroz acontecia no antro secreto de seu marido.

No dia seguinte, Blanca esperou que Jean de Satigny terminasse sua meticulosa higiene pessoal, tomasse seu café da manhã com a frugalidade costumeira, lesse seu jornal até a última página e finalmente saísse para seu passeio de todas as manhãs, sem que nada em sua plácida indiferença de futura mãe denunciasses sua feroz determinação. Quando Jean saiu, ela chamou o nativo dos saltos altos e pela primeira vez deu-lhe uma ordem.

— Vá à cidade e compre papaias cristalizadas — determinou secamente.

O nativo partiu com o andar lento dos de sua raça, e ela ficou em casa com os outros serviçais, de quem tinha muito menos medo do que daquele estranho indivíduo de inclinações cortesãs. Supôs que disporia de umas duas horas antes que ele regressasse; portanto, resolveu não se apressar e agir com serenidade. Estava decidida a esclarecer o mistério das múmias furtivas. Dirigiu-se ao laboratório, tendo certeza de que, com a luz da manhã, as múmias não teriam vontade de fazer palhaçadas e desejando que a porta não estivesse trancada, mas encontrou-a chaveada, como sempre. Experimentou todas as chaves que tinha, mas nenhuma serviu. Então, pegou a maior faca da cozinha, enfiou-a no gonzo da porta e começou a forçar até que a madeira seca da guarnição estalou em pedaços, e assim conseguiu soltar a fechadura e abrir a porta. O estrago que fez não poderia ser disfarçado, e compreendeu que, quando seu marido o visse, teria de dar alguma explicação razoável, mas consolou-se com o

argumento de que, na condição de dona da casa, tinha o direito de saber o que ocorria sob seu teto. Apesar de seu sentido prático, que resistira inalterável por mais de vinte anos ao balanço da mesa de três pés e ouvir a mãe prever o imprevisível, ao transpor a porta do laboratório Blanca tremia.

Tateando, procurou o interruptor e acendeu a luz. Encontrou-se num cômodo espaçoso com paredes pintadas de preto e pesadas cortinas da mesma cor nas janelas, por onde não filtrava o mais tênue raio de luz. O chão estava coberto por espessos tapetes escuros e, por todos os lados, havia *spots*, lâmpadas e os rebatedores de luz que vira Jean usar pela primeira vez durante o funeral de Pedro García, o velho, quando resolveu tirar retratos dos mortos e dos vivos, até assustar todos os presentes e os camponeses decidirem pisotear as chapas. Olhou à sua volta, desconcertada: estava num cenário fantástico. Avançou desviando-se de baús abertos que continham trajes emplumados de todas as épocas, perucas frisadas e vistosos chapéus; deteve-se em frente a um trapézio dourado suspenso no teto, onde se pendurava um boneco desarticulado de proporções humanas; viu num canto um lhama embalsamado, garrafas de licores ambarinos e, no chão, peles de animais exóticos. O que mais a surpreendeu, contudo, foram as fotografias. Ao vê-las, parou, estupefata. As paredes do estúdio de Jean de Satigny estavam cobertas de angustiantes cenas eróticas, que revelavam a natureza oculta de seu marido.

Blanca tinha reações lentas e por isso demorou um pouco para assimilar o que via, até porque não era experiente naqueles assuntos. Conhecia o prazer como uma última e preciosa etapa no longo caminho percorrido com Pedro Terceiro, por onde havia passado sem pressa e com bom humor, em meio aos bosques, aos trigais, junto do rio, sob um céu imenso, no silêncio do campo. Não sofrera as inquietações próprias da adolescência. Enquanto suas companheiras de colégio liam às escondidas os romances proibidos, com seus imaginários galãs apaixonados e virgens ansiosas por deixarem de o ser, ela se sentava à sombra das cerejeiras no pátio das freiras, fechava os olhos e evocava com absoluta precisão a magnífica realidade de Pedro Terceiro García envolvendo-a em seus braços, percorrendo-a com suas carícias e arrancando-lhe do íntimo os mesmos acordes que conseguia tirar de sua guitarra. Seus instintos haviam sido satisfeitos mal despertaram, e não lhe havia passado pela cabeça que a paixão pudesse ter outras formas. Aquelas cenas desordenadas e atormentadas eram uma realidade mil vezes mais desconcertante do que as múmias escandalosas que havia esperado encontrar.

Reconheceu os rostos dos empregados da casa. Ali estava toda a corte dos incas, nua como Deus a pôs no mundo ou mal coberta por figurinos de teatro. Viu o abismo insondável entre as coxas da

cozinheira, o lhama embalsamado cavalgando a aia manca e o impávido nativo que servia à mesa, em pelo como um recém-nascido, sem barba e de pernas curtas, com seu inalterável rosto de pedra e seu desproporcional pênis em ereção.

Por um instante interminável, Blanca ficou suspensa em sua própria incerteza, até que o horror a venceu. Tentou pensar com lucidez. Compreendeu o que Jean de Satigny quisera dizer na noite do casamento, quando lhe explicara que não se sentia inclinado para a vida conjugal. Vislumbrou também o sinistro poder do nativo, a dissimulada ironia dos empregados e sentiu-se prisioneira na antessala do inferno. Naquele momento, a menina mexeu-se em seu interior, e ela estremeceu, como se alguém houvesse tocado uma campainha de alarme.

— Minha filha! Tenho de tirá-la daqui! — exclamou, abraçando seu ventre.

Saiu correndo do laboratório, atravessou toda a casa como um raio e chegou à rua, onde o calor de chumbo e a impiedosa luz do meio-dia lhe devolveram o senso de realidade. Deu-se conta de que não poderia ir muito longe a pé com sua barriga de nove meses. Voltou a seu quarto, pegou todo o dinheiro que pôde encontrar, fez um pacote com algumas roupas do suntuoso enxoval que havia preparado e dirigiu-se à estação.

Lá, sentada num tosco banco de madeira, com o embrulho no colo e os olhos espantados, Blanca esperou durante horas a chegada do trem, rezando entre dentes para que o conde, ao chegar em casa e ver os estragos na porta do laboratório, não a procurasse até encontrá-la e a obrigasse a regressar ao maléfico reino dos incas; para que o trem se apressasse e cumprisse o horário uma vez na vida, a fim de poder chegar à casa de seus pais antes que a criança que lhe esgarçava as entranhas e lhe dava pontapés nas costelas anunciasse sua vinda ao mundo; para ter forças de suportar aquela viagem de dois dias sem descanso; e para que o desejo de viver fosse mais poderoso do que aquela terrível desolação que começava a embargá-la. Cerrou os dentes e esperou.

* Objetos de cerâmica procedentes dos antigos túmulos ameríndios. (N. T.)

Capítulo IX

A Menina Alba

Alba nasceu calma, o que é sinal de boa sorte. Sua avó Clara procurou em suas costas e encontrou uma mancha em forma de estrela, característica dos seres que nascem com a capacidade de encontrar a felicidade. “Não é preciso nos preocuparmos com essa menina. Terá boa sorte e será feliz. Além disso, terá boa pele, porque isso se herda, e com esta idade não tenho rugas e nunca tive uma espinha”, disse Clara no segundo dia depois do nascimento. Por essas razões não se preocuparam em prepará-la para a vida, já que os astros haviam combinado em dotá-la de tantos dons. Seu signo era Leão. Sua avó analisou seu mapa astral e anotou seu destino com tinta branca num álbum de papel preto, onde colou também algumas mechas esverdeadas de seu primeiro cabelo, as unhas que lhe cortou pouco tempo depois de nascer e vários retratos que permitem apreciá-la tal como era: um ser demasiadamente pequeno, quase careca, enrugado e pálido, sem outro indício de inteligência humana além dos olhos negros reluzentes, com uma sábia expressão de velhice desde o nascimento. Assim eram os de seu pai verdadeiro. Sua mãe queria chamá-la Clara, mas sua avó não era partidária da repetição de nomes na família, porque isso criava confusão nos cadernos de anotar a vida. Procuraram um nome num dicionário de sinônimos e descobriram o seu, que é o último de uma cadeia de substantivos de significado semelhante. Anos depois, Alba se atormentaria, pensando que, quando tivesse uma filha, não haveria outra palavra com o mesmo sentido que lhe pudesse servir de nome, mas Blanca deu-lhe a ideia de usar línguas estrangeiras, o que oferece uma ampla variedade.

Alba esteve a ponto de nascer num trem de bitola estreita às três da tarde, em pleno deserto, o que teria sido fatal para seu mapa astral. Por sorte, pôde aguentar-se dentro de sua mãe algumas horas mais e conseguiu nascer na casa de seus avós, no dia, na hora e no lugar exatos que mais convinham a seu horóscopo. Sua mãe chegou ao

casarão da esquina sem aviso prévio, desgrenhada, coberta de poeira, com profundas olheiras e dobrada em duas pela dor das contrações com que Alba tentava sair, bateu à porta com desespero e, quando a abriram, passou como um furacão, indo direto à sala de costura, onde Clara estava terminando o último e primoroso vestido para sua futura neta. Foi ali que Blanca se deixou cair, depois da longa viagem, sem conseguir dar nenhuma explicação, porque o ventre se lhe arreventou com um suspiro fundo e sentiu que toda a água do mundo escorria entre as suas pernas, numa fúria inimaginável. Aos gritos de Clara, acudiram os empregados e Jaime, que naqueles dias estava sempre em casa, rondando Amanda. Levaram-na para o quarto de Clara, e, enquanto a instalavam na cama e lhe arrancavam a roupa do corpo aos puxões, Alba começou a mostrar sua minúscula humanidade. Seu tio Jaime, que assistira a alguns partos no hospital, ajudou-a a nascer, agarrando-a firmemente pelas nádegas com a mão direita, enquanto com os dedos da esquerda tateava na escuridão à procura do pescoço da criança, para separar o cordão umbilical que a estrangulava. Amanda, que chegara correndo, atraída pelo alvoroço, apertava o ventre de Blanca com todo o peso de seu corpo, e Clara, inclinada sobre o rosto sofrido da filha, aproximava-lhe do nariz um coador de chá coberto com um trapo, onde destilavam algumas gotas de éter. Alba nasceu com rapidez. Jaime tirou-lhe o cordão do pescoço, segurou-a no ar com a boca para baixo e, com duas vigorosas palmadas, iniciou-a no sofrimento da vida e na mecânica da respiração; Amanda, que lera sobre os costumes das tribos africanas e defendia o retorno à natureza, tirou-lhe a recém-nascida das mãos e colocou-a amorosamente sobre o ventre morno da mãe, onde encontrou algum consolo para a tristeza de nascer. Mãe e filha permaneceram descansando, nuas e abraçadas, enquanto as outras pessoas limpavam os vestígios do parto e providenciavam lençóis novos e as primeiras fraldas. Em meio à emoção daqueles momentos, ninguém reparou na porta entreaberta do armário, por onde o pequeno Miguel observara a cena, paralisado de medo, gravando para sempre em sua memória a visão do gigantesco globo atravessado de veias e corado por um umbigo saliente, de onde saiu aquele ser arroxeadado, enrolado numa horrenda tripa azul.

Alba foi registrada no Cartório Civil e nos livros da paróquia com o sobrenome francês de seu pai, mas não chegou a usá-lo, porque o de sua mãe era mais fácil de soletrar. O avô, Esteban Trueba, jamais concordou com aquele mau hábito, porque, como dizia sempre que lhe davam oportunidade, tivera muito trabalho para que a menina tivesse um pai conhecido e um sobrenome respeitável e não precisasse usar o da mãe, como se fosse filha da vergonha e do pecado. Também nunca permitiu que se duvidasse da legítima paternidade do conde e

continuou esperando, contra toda e qualquer lógica, que mais cedo ou mais tarde se notassem a elegância de modos e o fino encanto do francês na silenciosa e desmazelada neta que andava por sua casa. Clara também não mencionou o assunto até muito tempo depois, numa ocasião em que viu a menina brincando entre as estátuas destruídas do jardim e verificou que não se parecia com ninguém da família e muito menos com Jean de Satigny.

— De quem terá herdado esses olhos de velho? — perguntou a avó.

— Os olhos são do pai — respondeu Blanca, distraída.

— Pedro Terceiro García, suponho — disse Clara.

— Exatamente — concordou Blanca.

Foi a única vez que se falou a respeito da origem de Alba na família, porque, como Clara anotou, o assunto não tinha importância alguma, pois, de qualquer maneira, Jean de Satigny havia desaparecido de suas vidas. Não tornaram a saber dele, e ninguém se deu ao trabalho de averiguar seu paradeiro nem sequer para legalizar a situação de Blanca, que carecia das liberdades de uma mulher solteira e sofria todas as limitações de uma casada, mas não tinha marido. Alba nunca viu um retrato sequer do conde, porque sua mãe não deixou de revistar nenhum canto da casa, até destruí-los por completo, incluindo aqueles em que aparecia de braços dados com ela, no dia do casamento. Tomara a decisão de esquecer o homem com quem se havia casado e fazer de conta que nunca existira. Não voltou a falar sobre ele nem deu nenhuma explicação para sua fuga do domicílio conjugal. Clara, que havia passado nove anos muda, conhecia as vantagens do silêncio, de modo que não fez perguntas à filha e colaborou na tarefa de apagar Jean de Satigny de suas recordações. Contaram a Alba que seu pai fora um nobre cavalheiro, inteligente e distinto, que tivera a infelicidade de morrer de febre no deserto do Norte. Foi uma das poucas mentiras que teve de suportar na infância, porque, à exceção disso, esteve em íntimo contato com as prosaicas verdades da existência. Seu tio Jaime encarregou-se de destruir o mito dos meninos que nascem nos repolhos ou são transportados de Paris pelas cegonhas, e seu tio Nicolás, o dos Reis Magos, o das fadas e o dos cucos. Alba tinha pesadelos em que via a morte de seu pai. Sonhava com um homem jovem, bonito e todo vestido de branco, com sapatos de verniz da mesma cor e um chapéu de palha, andando pelo deserto sob sol pleno. Em seu sonho, o caminhante encurtava seus passos, vacilava, perdia a velocidade, tropeçava e caía, levantava-se e tornava a cair, abrasado pelo calor, pela febre e pela sede. Arrastava-se de joelhos sobre as areias ardentes por um trecho, mas finalmente jazia na imensidão daquelas dunas lívidas, com as aves de rapina voando em círculos sobre seu corpo inerte. Tantas vezes sonhou com isso que foi uma surpresa quando,

muitos anos depois, teve de ir reconhecer o cadáver daquele que pensava ser seu pai, num depósito do Necrotério Municipal. Nessa época, era uma jovem corajosa, de temperamento audaz e acostumada às adversidades, razão pela qual foi sozinha. Recebeu-a um estagiário de avental branco, que a conduziu pelos longos corredores do antigo edifício até uma sala grande e fria, de paredes cinzentas. O homem de avental branco abriu a porta de uma gigantesca geladeira e puxou um tabuleiro em que jazia um corpo inchado, velho e de cor azulada. Alba olhou-o com atenção sem encontrar nenhuma semelhança com a imagem tantas vezes sonhada. Pareceu-lhe um tipo comum e corriqueiro, com aspecto de empregado dos correios. Olhou-lhe as mãos: não eram as de um nobre cavaleiro, fino e inteligente, mas as de um homem que não tinha nada de interessante para contar. Seus documentos, entretanto, eram prova irrefutável de que aquele cadáver azul e triste era Jean de Satigny, que não morreria de febre nas dunas douradas de um pesadelo infantil, mas simplesmente de apoplexia, ao atravessar uma rua em sua velhice. Tudo isso, porém, aconteceu muitos anos depois. Nos tempos em que Clara estava viva, quando Alba era ainda um bebê, o casarão da esquina era um universo fechado, onde ela cresceu protegida até de seus próprios pesadelos.

Alba não tinha ainda duas semanas quando Amanda foi embora do casarão da esquina. Havia recuperado as forças e não teve dificuldade em adivinhar o desejo intenso no coração de Jaime. Pegou seu irmãozinho pela mão e partiu como havia chegado, sem ruído e promessas. Perderam-na de vista, e o único que poderia procurá-la não quis fazê-lo para não magoar o irmão. Por mera casualidade, Jaime voltou a vê-la, muitos anos depois, mas então já era tarde para ambos. Depois que Amanda partiu, Jaime afogou o desespero em seus estudos e no trabalho. Retomou seus antigos hábitos de eremita e raramente aparecia em casa. Não tornou a mencionar o nome da jovem e afastou-se para sempre do irmão.

A presença de sua neta em casa suavizou o caráter de Esteban Trueba. Embora a mudança tivesse sido imperceptível, a Clara não escapou. Denunciavam-na pequenos sintomas: o brilho de seu olhar quando via a menina, os presentes caros que lhe trazia, a angústia quando a ouvia chorar. Isso, no entanto, não o aproximou de Blanca. As relações com sua filha nunca foram boas e, desde o funesto casamento, estavam tão deterioradas que só a cortesia obrigatória imposta por Clara lhes permitia viverem sob o mesmo teto.

Nessa época, a casa dos Trueba tinha quase todos os quartos ocupados, e punha-se diariamente a mesa para a família, para os convidados e um lugar a mais para quem chegasse sem se anunciar. A porta principal estava sempre aberta, para que entrassem e saíssem os agregados e as visitas. Enquanto o senador Trueba procurava corrigir

os destinos de seu país, sua mulher navegava habilmente nas agitadas águas da vida social e nas outras, surpreendentes, de seu caminho espiritual. A idade e a prática aprimoraram a capacidade de Clara para adivinhar o oculto e mover objetos a distância. Os estados de ânimo exaltados conduziam-na com facilidade para transe em que era capaz de se deslocar por toda a casa, sentada em sua cadeira, como se houvesse um motor escondido sob o assento. Naqueles dias, um jovem artista faminto, acolhido na casa por misericórdia, pagou sua hospedagem pintando o único retrato existente de Clara. Muito tempo depois, o misérrimo artista tornou-se um mestre e, hoje, o quadro está num museu de Londres, como tantas outras obras de arte que saíram do país na época em que foi preciso vender a mobília para alimentar os perseguidos. Na tela, vê-se uma mulher madura, vestida de branco, com o cabelo prateado e uma doce expressão de trapezista no rosto, descansando numa cadeira de balanço suspensa acima do nível do chão, flutuando em meio a cortinas de flores, um jarro que voa com a boca para baixo e um gato gordo e negro que a tudo observa, sentado como um grande senhor. Influência de Chagall, informa o catálogo do museu, mas não é bem assim. A cena corresponde exatamente à realidade que o artista viveu na casa de Clara. Essa foi a época em que as forças ocultas da natureza humana e o bom humor divino agiam impunemente, provocando um estado de emergência e sobressalto nas leis da física e da lógica. As comunicações de Clara com as almas errantes e com os extraterrestres ocorriam por telepatia, sonhos e um pêndulo, que ela usava para esse fim, sustendo-o no ar acima de um alfabeto disposto ordenadamente na mesa. Os movimentos autônomos do pêndulo indicavam as letras e formavam as mensagens em espanhol e esperanto, demonstrando, assim, serem esses os únicos idiomas que interessam aos seres de outras dimensões, e não o inglês, como dizia Clara em suas cartas aos embaixadores das potências anglófonas, sem que eles jamais lhe respondessem, assim como também não o fizeram os sucessivos ministros da Educação aos quais se dirigiu para lhes expor sua teoria de que, em vez de as escolas ensinarem inglês e francês, línguas de marinheiros, negociantes e usurários, deveria ser obrigatório as crianças estudarem esperanto.

Alba passou sua infância em meio a dietas vegetarianas, artes marciais japonesas, danças do Tibete, respiração ioga, relaxamento e concentração com o professor Hausser e muitas outras técnicas interessantes, sem contar as contribuições que seus dois tios e as três encantadoras senhoritas Mora deram à sua educação. Sua avó Clara organizava tudo isso, a fim de manter em movimento aquele imenso *carromato** cheio de alucinados em que se havia transformado seu lar, ainda que não tivesse nenhuma habilidade doméstica e dispensasse as

quatro operações, a ponto de se esquecer de somar, de maneira que a organização da casa e as contas caíram naturalmente nas mãos de Blanca, que dividia seu tempo entre as tarefas de mordomo daquele reino em miniatura e sua oficina de cerâmica no fundo do pátio, último refúgio para seus pesares, onde dava aulas tanto para mongoloides como para mocinhas de boa família, e confeccionava seus incríveis presépios de monstros, que, contrariando qualquer lógica, eram vendidos como pães saídos do forno.

Desde muito pequena, Alba teve a responsabilidade de pôr flores frescas nos jarros. Abria as janelas para permitir a entrada de luz e ar, mas as flores não chegavam a durar até o anoitecer, porque o vozeirão de Esteban Trueba e suas bengaladas tinham o poder de espantar a natureza. Os animais domésticos fugiam, e as plantas murchavam à sua passagem. Blanca criava uma árvore da borracha trazida do Brasil, uma touceira esquelética e tímida, cuja única graça era seu preço: comprava-se por folhas. Quando se ouvia chegar o avô, quem estivesse mais perto corria para pôr a seringueira a salvo no terraço, porque, mal o velho entrava no aposento, a planta baixava as folhas, e por seu tronco começava a escorrer um pranto esbranquiçado, como lágrimas de leite. Alba não frequentava o colégio, porque sua avó dizia que alguém tão favorecido pelos astros não necessitava mais do que saber ler e escrever, e isso podia aprender em casa. Tanto se dedicou a alfabetizá-la que, aos 5 anos, a menina lia o jornal na hora do desjejum para comentar as notícias com seu avô; aos 6 anos, havia descoberto os livros mágicos dos baús encantados de seu lendário tio-bisavô Marcos e mergulhado plenamente no universo sem retorno da fantasia. Tampouco se preocuparam com sua saúde, porque não acreditavam nos benefícios das vitaminas e afirmavam que as vacinas eram para as galinhas. Além disso, sua avó analisara as linhas de sua mão e anunciara que teria uma saúde de ferro e uma vida longa. O único cuidado frívolo que lhe dispensaram fora penteá-la com Bayrum para atenuar o tom verde-escuro que seu cabelo tinha quando nasceu, apesar de o senador Trueba defender que o deixassem assim, porque era a única que herdara algo da bela Rosa, ainda que fosse, infelizmente, apenas a cor marinha do cabelo. Para agradá-lo, na adolescência Alba abandonou os subterfúgios do Bayrum e enxaguava a cabeça com uma infusão de salsa, o que resgatou o verde com toda a sua força. O resto de sua pessoa era pequeno e anódino, diferente, portanto, da maioria das mulheres da família, que, quase sem exceção, foram esplêndidas.

Nos poucos momentos de ócio de que Blanca dispunha para pensar em si mesma e em sua filha, lamentava-se que ela fosse uma menina solitária e silenciosa, sem companheiras de sua idade para brincar. Na verdade, Alba não se sentia sozinha; pelo contrário, às vezes teria sido

muito feliz se pudesse ter escapado à clarividência de sua avó, à intuição de sua mãe e ao alvoroço das excêntricas pessoas que constantemente apareciam, desapareciam e reapareciam no casarão da esquina. Blanca também se preocupava com o fato de a filha não brincar com bonecas, mas Clara apoiava a neta, ao argumento de que aqueles pequenos cadáveres de louça, com seus olhinhos de “abre e fecha” e a perversa boca franzida, eram repugnantes. Com sobras de lã que usava para tricotar para os pobres, confeccionava seres informes, criaturas que nada tinham de humano, e, por isso mesmo, era mais fácil niná-las, mexer-lhes, banhá-las e depois jogá-las no lixo. O divertimento predileto da menina era o porão. Por causa das ratazanas, Esteban Trueba mandou pôr uma tranca na porta, mas Alba deslizava a cabeça por uma claraboia e alcançava em silêncio aquele paraíso de objetos esquecidos, sempre na penumbra, preservado do uso do tempo, tal como uma pirâmide lacrada. Amontoavam-se ali móveis desconjuntados, ferramentas de utilidade ignorada, máquinas desaparecidas, pedaços do Covadonga, o pré-histórico automóvel que seus tios haviam desmontado para transformar em carro de corrida e acabou seus dias como sucata. Alba aproveitava tudo para construir casinhas nos cantos. Havia baús e malas com roupa antiga, que usou para montar seus solitários espetáculos teatrais, e um capacho felpudo, triste, negro, comido pelas traças, com cabeça de cão, que, posto no chão, parecia um lamentável animal de patas abertas. Era o último e vergonhoso vestígio do fiel Barrabás.

Numa noite de Natal, Clara deu à sua neta um fantástico presente, que chegou a substituir em certas ocasiões a fascinante atração do porão, uma caixa com vidros de tinta, pincéis, uma escadinha e a autorização para usar à vontade a maior parede de seu quarto.

— Isso vai servir para se desabafar — comentou Clara ao ver Alba equilibrando-se na escadinha para pintar no teto um trem cheio de animais.

Ao longo dos anos, Alba foi enchendo essa e as demais paredes de seu quarto com um imenso afresco, no qual, em meio a uma flora venusiana e uma impossível fauna inventada, como a que Rosa bordava em sua toalha e Blanca queimava em seu forno de cerâmica, apareciam os desejos, as recordações, as tristezas e as alegrias de sua infância.

Seus dois tios eram muito chegados a ela, sendo Jaime seu preferido. Era um homenzarrão peludo que precisava barbear-se duas vezes por dia e que, mesmo assim, parecia ter sempre uma barba de dois dias; tinha sobranceiras negras e malévolas, que penteava para cima, a fim de que sua sobrinha o acreditasse aparentado com o diabo, e cabelo duro como uma escova, inutilmente besuntado com brilhantina e sempre úmido. Entrava e saía com seus livros sob o

braço e uma maleta de soldador na mão. Havia dito a Alba que trabalhava como ladrão de joias e que, na horrenda maleta, transportava gazuas e luvas. A menina fingia espantar-se, mas sabia que seu tio era médico e que a maleta continha os instrumentos de seu ofício. Tinham inventado jogos de faz de conta para se distrair nas tardes de chuva.

— Traga o elefante! — ordenava o tio Jaime.

Alba saía e regressava arrastando por uma corda invisível um paquiderme imaginário. Eram capazes de passar uma boa meia hora dando-lhe de comer ervas adequadas à sua espécie, banhando-o com terra para lhe preservar a pele das inclemências do tempo e polindo o marfim de suas presas, enquanto discutiam acaloradamente sobre as vantagens e as inconveniências de se viver na selva.

— Essa menina vai acabar louca de vez! — dizia o senador Trueba, quando via a pequena Alba sentada na varanda lendo os tratados de medicina que seu tio Jaime lhe emprestava.

Era a única pessoa de toda a casa que tinha uma chave para entrar no túnel de livros de seu tio e autorização para pegá-los e lê-los. Blanca acreditava que deveriam dosar a leitura, porque havia coisas que não eram adequadas à sua idade, mas seu tio Jaime afirmara que só se lê o que interessa, e, se interessa, é porque já se tem maturidade para fazê-lo. Defendia a mesma tese com relação a banho e comida. Dizia que, se a menina não tinha vontade de tomar banho, era porque não precisava, e que deveriam lhe dar o que ela quisesse comer quando tivesse fome, porque o organismo conhece melhor do que ninguém as próprias necessidades. Nesse ponto, Blanca era inflexível e obrigava a filha a cumprir rígidos horários e normas de higiene. O resultado era que, além dos alimentos e banhos regulares, Alba comia as guloseimas que seu tio lhe oferecia e tomava banho de mangueira sempre que sentia calor, sem que nada disso lhe alterasse a natureza saudável. Alba gostaria que seu tio se casasse com sua mãe, porque era mais seguro tê-lo como pai do que como tio, mas explicaram-lhe que dessas uniões incestuosas nascem filhos mongoloides. A partir de então, acreditava que os alunos de quinta-feira na oficina da mãe eram filhos dos tios.

Nicolás também tinha o seu espaço no coração da menina, embora fosse algo efêmero, volátil, apressado, sempre de passagem, como se saltasse de uma ideia para outra, o que provocava certa inquietação em Alba. Tinha 5 anos quando seu tio Nicolás retornou da Índia. Cansado de invocar Deus por intermédio da mesa de três pés e do consumo de haxixe, decidiu ir procurá-lo numa região menos rude do que sua terra natal. Passou dois meses atormentando Clara, perseguindo-a pelos cantos e sussurrando-lhe ao pé do ouvido quando ela adormecia, até que a convenceu a vender um anel de brilhantes

para lhe pagar a passagem até a terra de Mahatma Gandhi. Dessa vez, Esteban Trueba não se opôs, porque pensou que um passeio por aquela longínqua nação de esfomeados e vacas faria muito bem a seu filho.

— Se não morrer picado por uma serpente nem de alguma peste estrangeira, espero que volte transformado num homem, porque já estou farto de suas extravagâncias — disse-lhe seu pai ao despedir-se no cais.

Nicolás passou um ano como mendigo, percorrendo a pé os caminhos dos iogas, o Himalaia, Katmandu, o Ganges e Benares. Ao fim dessa peregrinação, alcançara a certeza da existência de Deus e aprendera a transpassar alfinetes de chapéu nas faces e na pele do peito, e a viver quase sem comida. Um belo dia, viram-no chegar em casa, sem qualquer aviso, com uma fralda de bebê cobrindo suas vergonhas, pele e osso, o ar extraviado próprio das pessoas que se alimentam exclusivamente de verduras. Chegou acompanhado por dois incrédulos carabineiros, dispostos a levá-lo preso a menos que pudesse demonstrar ser de fato filho do senador Trueba, e por uma comitiva de crianças, que o seguia, jogando-lhe lixo e zombando dele. Clara foi a única que não teve dificuldade em reconhecê-lo. Seu pai tranquilizou os carabineiros e deu ordens a Nicolás no sentido de tomar um banho e vestir uma roupa de cristão se quisesse viver em sua casa, mas Nicolás olhou-o como se não o visse e nada lhe respondeu. Tornara-se vegetariano. Não provava carne nem ovos ou leite; sua dieta era a de um coelho, e, pouco a pouco, seu rosto ansioso foi ficando parecido com o desse animal. Mastigava cada porção de seus escassos alimentos cinquenta vezes. A alimentação transformara-se num ritual infundável, durante o qual Alba adormecia sobre seu prato vazio e os empregados cochilavam na cozinha com as bandejas nas mãos, enquanto ele ruminava cerimoniosamente; por isso Esteban Trueba deixou de voltar a casa para as refeições, passando a fazê-las todas no clube. Nicolás assegurava ser capaz de caminhar descalço sobre brasas, mas, sempre que se dispunha a demonstrá-lo, tinha de desistir, porque Clara era acometida de um forte acesso de asma. Falava por parábolas asiáticas nem sempre compreensíveis, e seus únicos interesses eram de ordem espiritual. O materialismo da vida doméstica o incomodava tanto quanto os excessivos cuidados de sua irmã e sua mãe, que insistiam em alimentá-lo e vesti-lo, bem como a fascinada perseguição de Alba, que o acompanhava por toda a casa, como um cachorrinho, pedindo-lhe que a ensinasse a dominar a mente e a colocar alfinetes no corpo. Permaneceu semidespido mesmo quando o inverno chegou com todo o seu rigor. Conseguia manter-se quase três minutos sem respirar e estava disposto a realizar essa façanha sempre que alguém lhe pedia, o que acontecia com

frequência. Jaime lamentava que o ar fosse gratuito, porque calculou que Nicolás respirava a metade do que precisava uma pessoa normal, ainda que isso não parecesse afetá-lo totalmente. Passou o inverno comendo cenouras, sem se queixar do frio, fechado em seu quarto, enchendo folhas e folhas de papel com sua minúscula letra em tinta preta. Aos primeiros prenúncios da primavera, comunicou que seu livro estava pronto. Tinha mil e quinhentas páginas, e conseguiu convencer seu pai e seu irmão Jaime a financiá-lo, por conta dos lucros que obteriam com a venda. Depois de corrigidas e impressas, as mil e tantas laudas manuscritas reduziram-se a seiscentas páginas de um volumoso tratado sobre os noventa e nove nomes de Deus e a forma de alcançar o nirvana por meio de exercícios respiratórios. Não teve o êxito esperado, e os caixotes com a edição acabaram seus dias no porão, onde Alba os usava como tijolos para construir trincheiras, até que, muitos anos depois, serviram para alimentar uma infame fogueira.

Assim que o livro saiu do prelo, Nicolás segurou-o amorosamente nas mãos, recuperou seu perdido sorriso de hiena, vestiu uma roupa decente e anunciou que havia chegado o momento de entregar a Verdade a seus contemporâneos que permaneciam nas trevas da ignorância. Esteban Trueba recordou-lhe a proibição de usar a casa como academia e advertiu-o de que não toleraria que pusesse ideias pagãs na cabeça de Alba e muito menos que lhe ensinasse truques de faquir. Nicolás foi pregar no café da universidade, onde arrebanhou um impressionante número de adeptos para seus cursos de exercícios espirituais e respiratórios. Em seus momentos livres, passeava de motocicleta e ensinava sua sobrinha a vencer a dor e outras fraquezas da carne. Seu método consistia em identificar o que lhe causava temor. A menina, que tinha certa tendência para o macabro, concentrava-se de acordo com as instruções do tio e conseguia visualizar, como se a estivesse vendo, a morte de sua mãe. Via-a lívida, fria, com seus belos olhos mouros fechados, deitada num caixão. Ouvia o pranto da família. Via a procissão de amigos que entravam em silêncio, deixavam seus cartões de visita numa bandeja e saíam, cabisbaixos. Sentia o cheiro das flores, ouvia o relincho dos cavalos emplumados da carreta funerária. Experimentava a dor nos pés, calçados em seus sapatos novos de luto. Imaginava sua solidão, seu abandono, sua orfandade. Seu tio ajudava-a a pensar em tudo isso sem chorar, relaxando e não opondo resistência à dor, para que esta a transpassasse sem nela permanecer. Outras vezes Alba apertava um dos dedos na porta e aprendia a suportar a dor ardente sem se queixar. Quando conseguia passar toda a semana sem chorar, superando as provas a que Nicolás a submetia, ganhava um prêmio, que consistia quase sempre num passeio de moto em alta velocidade, o

que era uma experiência inesquecível. Numa ocasião, enfiaram-se por uma manada de vacas a caminho do estábulo, numa estrada nos arredores da cidade, aonde levou sua sobrinha para lhe pagar o prêmio. Ela recordaria para sempre os corpos pesados dos animais, sua lentidão, as caudas enlameadas golpeando-lhe o rosto, o cheiro de bosta, os chifres que a roçavam e a sensação de vazio no estômago, de maravilhosa tontura, de incrível excitação, uma mistura de curiosidade apaixonada e terror, que só voltou a sentir em instantes fugazes de sua vida.

Esteban Trueba, que sempre tivera dificuldade em expressar sua necessidade de afeto e que, desde que se haviam deteriorado suas relações matrimoniais com Clara, não tinha acesso à ternura, direcionou a Alba seus melhores sentimentos. Importava-se mais com a menina do que jamais se havia importado com os próprios filhos. Todas as manhãs ela ia ainda de pijama ao quarto do avô, entrava sem bater e enfiava-se em sua cama. Ele fingia despertar sobressaltado, ainda que na realidade a estivesse esperando, e resmungava que não o incomodasse, que fosse para seu quarto e o deixasse dormir. Alba fazia-lhe cócegas, até que, aparentemente vencido, ele a autorizava a procurar o chocolate que escondia para ela. Alba conhecia todos os esconderijos, e seu avô usava-os sempre na mesma sequência, mas, para não frustrá-lo, procurava por algum tempo e gritava de alegria quando o encontrava. Esteban nunca soube que sua neta detestava chocolate e que só o comia por amor a ele. Com essas brincadeiras matinais, o senador satisfazia sua necessidade de contato humano. Pelo resto do dia mantinha-se ocupado no Congresso, no clube, no golfe, nos negócios e nas reuniões políticas. Duas vezes por ano ia a Las Tres Marías com sua neta, por duas ou três semanas. Ambos regressavam bronzeados, mais gordos e felizes. Ali destilavam uma aguardente caseira que servia para beber, para acender o fogão, para desinfetar feridas e matar baratas, e que eles chamavam pomposamente de “vodca”. No fim da vida, quando seus 90 anos o haviam transformado numa árvore retorcida e frágil, Esteban Trueba recordaria esses momentos com a neta como os melhores de sua existência, e ela também guardou para sempre na memória a cumplicidade dessas viagens ao campo pela mão de seu avô, os passeios na garupa de seu cavalo, o pôr do sol na imensidão dos prados e as longas noites junto à lareira do salão, contando histórias de aparições e desenhando.

As relações do senador Trueba com o restante de sua família não fizeram mais do que piorar com o passar do tempo. Uma vez por semana, aos sábados, reuniam-se para jantar em torno da grande mesa de carvalho que sempre estivera com a família e que antes pertencera aos del Valle, ou seja, vinha da mais remota antiguidade e já havia

servido para velar os mortos, para danças flamencas e outros ofícios inimagináveis. Sentavam Alba, entre sua mãe e sua avó, sobre um almofadão colocado na cadeira para que seu nariz chegasse à altura do prato. A menina observava os adultos com fascínio, a avó radiante, com os dentes postos para a ocasião, dirigindo mensagens cruzadas a seu marido por intermédio de seus filhos ou dos empregados, Jaime dando mostras de péssima educação, arrotando depois de cada prato e escarafunchando os dentes com o dedo mínimo, para aborrecer seu pai, Nicolás com os olhos semicerrados, mastigando cinquenta vezes a cada garfada, e Blanca falando a respeito de qualquer assunto para criar a ficção de um jantar normal. Esteban mantinha-se relativamente silencioso até que seu mau gênio o traía, e ele começava a discutir com seu filho Jaime por causa dos pobres, de votos, dos socialistas e de princípios ou a insultar Nicolás pelas iniciativas de alçar voo num balão e praticar acupuntura com Alba, ou a maltratar Blanca com suas réplicas brutais, sua indiferença e suas inúteis advertências, no sentido de que havia arruinado sua vida e que não herdaria dele um mísero peso. A única a quem não enfrentava era Clara, mas com ela quase não falava. Em algumas ocasiões Alba surpreendia os olhos de seu avô presos em Clara; ele ficava olhando para ela, ia empalidecendo e se esmirrando, a ponto de parecer um ancião desconhecido. Isso, porém, não acontecia com frequência; o normal era os esposos se ignorarem. Algumas vezes o senador Trueba se descontrolava e gritava tanto que ficava vermelho, e tinham de jogar a água fria da jarra em seu rosto para que a cólera passasse e ele recuperasse o ritmo da respiração.

Nessa época, Blanca havia chegado ao apogeu de sua beleza. Seu aspecto mouro, lânguido e generoso convidava ao repouso e às confidências. Era alta e de fartas formas, de temperamento desvalido e chorão, que despertava nos homens o ancestral instinto de proteção. Seu pai não lhe tinha simpatia; não lhe perdoava os amores com Pedro Terceiro García e não a deixava esquecer-se de que vivia graças à sua misericórdia. Esteban não conseguia entender o fato de sua filha ter tido tantos pretendentes, porque Blanca nada tinha da inquietante alegria e da jovialidade que o atraíam nas mulheres, e, além disso, supunha que nenhum homem normal poderia querer casar com uma mulher de saúde debilitada, de estado civil incerto e com uma filha. Por seu lado, Blanca parecia não estranhar os olhares masculinos. Tinha consciência de sua beleza. No entanto, diante dos cavalheiros que a visitavam, adotava uma atitude contraditória, estimulando-os com o pestanejar de seus olhos muçulmanos, mas mantendo-os a uma distância prudente. Tão logo percebia que suas intenções eram sérias, cortava a relação com uma feroz negativa. Alguns, de melhor posição econômica, tentaram chegar ao coração de Blanca pelo atalho da sedução dirigida à sua filha. Cobriam Alba de presentes caros, de

bonecas dotadas de mecanismos para andar, chorar, comer e executar outras destrezas propriamente humanas, empanturravam-na de pastéis de nata e levavam-na para passear no jardim zoológico, onde a menina chorava com pena dos pobres animais enjaulados, especialmente a foca, que despertava em sua alma funestos presságios. Essas visitas ao jardim zoológico, pela mão de algum pretendente vaidoso e mão-aberta, provocaram-lhe o horror à clausura, às paredes, às grades e ao isolamento, que manteve pelo resto da vida. De todos os pretendentes, o que mais avançou no caminho da conquista de Blanca foi o Rei das Panelas de Pressão. Apesar de sua imensa fortuna e de seu caráter pacífico e reflexivo, Esteban Trueba detestava-o, porque era circuncidado, tinha nariz sefardita e cabelo crespo. Com sua atitude zombeteira e hostil, Esteban conseguiu afastar esse homem, que sobrevivera a um campo de concentração, vencera a miséria e o exílio, e triunfara na impiedosa luta comercial. Enquanto durou o romance, o Rei das Panelas de Pressão ia buscar Blanca para jantar nos lugares mais requintados num minúsculo automóvel, de apenas dois assentos, com rodas de trator e um ruído de turbina no motor, único de sua espécie, que provocava tumultos de curiosidade à sua passagem e comentários depreciativos da família Trueba. Sem se perturbar com o mal-estar de seu pai e a bisbilhotice dos vizinhos, Blanca entrava no veículo com a majestade de uma primeira-ministra, vestindo seu único *tailleur* preto e sua blusa de seda branca, que usava em todas as ocasiões especiais. Alba despedia-se dela com um beijo e ficava parada à porta, com o sutil perfume de jasmim de sua mãe fixado nas narinas e um nó de ansiedade apertando-lhe o peito. Só os treinamentos de seu tio Nicolás lhe permitiam suportar essas saídas da mãe sem chorar, porque temia que algum dia um galã conseguisse convencer Blanca a acompanhá-lo, ficando ela para sempre sem mãe. Tinha decidido havia muito tempo que não precisava de pai e muito menos de um padrasto, mas, se sua mãe viesse a lhe faltar, enfiaria a cabeça num balde com água até morrer afogada, como a cozinheira fazia com os filhotes que a gata paria a cada quatro meses.

Alba perdeu o medo de que sua mãe a abandonasse quando conheceu Pedro Terceiro, e sua intuição advertiu-a de que, enquanto aquele homem existisse, não haveria nada capaz de ocupar o amor de Blanca. Foi num domingo de verão. Blanca penteou-a com cachos finos, feitos com ferro quente, chamuscando-lhe as orelhas, pôs-lhe luvas brancas e sapatos de verniz negro e um chapéu de palha com cerejas artificiais. Ao vê-la, sua avó Clara soltou uma gargalhada, mas sua mãe a consolou com duas gotas de seu perfume, que lhe pôs no pescoço.

— Vai conhecer uma pessoa famosa — disse Blanca, com um ar misterioso, ao sair.

Levou a menina ao Parque Japonês, onde comprou pirulitos de açúcar queimado e um saquinho de milho. Sentaram-se num banco à sombra, de mãos dadas, rodeadas de pombas que bicavam o milho.

Viu-o aproximar-se antes que sua mãe lhe sinalizasse. Vestia um macacão de mecânico, tinha uma enorme barba negra que lhe chegava ao meio do peito, o cabelo revoltado, sandálias de franciscano sem meias e um largo, brilhante e maravilhoso sorriso, que o colocou imediatamente na categoria dos seres que mereciam ser pintados no gigantesco afresco de seu quarto.

O homem e a menina olharam-se, e ambos se reconheceram nos olhos um do outro.

— Este é Pedro Terceiro, o cantor. Já o ouviu no rádio — informou-a sua mãe.

Alba estendeu-lhe a mão, que ele apertou com a esquerda. Então ela notou que lhe faltavam vários dedos na mão direita, mas ele lhe explicou que, apesar disso, era capaz de tocar violão, porque há sempre uma forma de se fazer o que desejamos. Passearam os três pelo Parque Japonês. Pelo meio da tarde, tomaram um dos últimos bondes ainda existentes na cidade e foram comer peixe numa casa de frituras do mercado, e quando caiu a noite ele as acompanhou até a rua de sua casa. Ao se despedirem, Blanca e Pedro Terceiro beijaram-se na boca. Foi a primeira vez em sua vida que Alba viu isso, porque à sua volta não havia pessoas apaixonadas.

A partir desse dia, Blanca começou a sair sozinha nos fins de semana. Dizia que ia visitar umas primas afastadas. Esteban Trueba ficava colérico e ameaçava expulsá-la de sua casa, mas Blanca mantinha-se inflexível em sua decisão. Deixava sua filha com Clara e partia de ônibus com uma malinha de palhaço com flores pintadas.

— Prometo-lhe que não me casarei e que estarei de volta amanhã à noite — dizia ao despedir-se da filha.

Alba gostava de se sentar com a cozinheira, à hora da sesta, para ouvir no rádio canções populares, sobretudo as do homem que tinha conhecido no Parque Japonês. Um dia o senador Trueba abriu o reposteiro e, ao ouvir a voz do rádio, avançou para o aparelho às bengaladas até reduzi-lo a um monte de fios retorcidos e botões soltos, diante dos olhos espantados da neta, que não compreendia o súbito arrebatamento de seu avô. No dia seguinte, Clara comprou outro rádio para Alba escutar Pedro Terceiro quando quisesse, e o velho Trueba fingiu desconhecer o fato.

Essa foi a época do Rei das Panelas de Pressão. Pedro Terceiro tomou conhecimento de sua existência e teve um ataque de ciúmes, injustificado ao se comparar sua ascendência sobre Blanca com a tímida corte do comerciante judeu. Como tantas outras vezes, suplicou a Blanca que abandonasse a casa dos Trueba, a tutela feroz de seu pai

e a solidão de sua oficina cheia de mongoloides e senhoritas ociosas, e partisse com ele, de uma vez por todas, para viver aquele amor desenfreado que tinham escondido desde a infância. Blanca, porém, não se decidia. Sabia que, se fosse com Pedro Terceiro, ficaria excluída de seu círculo social e da posição que sempre tivera e se dava conta de que ela própria não tinha a menor possibilidade de ser bem aceita pelas amizades de Pedro Terceiro ou de se adaptar à modesta existência de uma comunidade operária. Anos depois, quando Alba teve idade suficiente para analisar esse aspecto da vida de sua mãe, chegou à conclusão de que ela não fora com Pedro Terceiro simplesmente porque o amor não a atingia, já que na casa dos Trueba não havia nada que ele não lhe pudesse dar. Blanca era uma mulher muito pobre, que só dispunha de algum dinheiro quando Clara lhe dava ou quando vendia algum presépio. Ganhava um salário miserável, que gastava quase todo com receitas médicas, porque sua capacidade para sofrer doenças imaginárias não havia diminuído com o trabalho e a precisão; pelo contrário, não fazia senão aumentar de ano para ano. Procurava não pedir nada ao pai para não lhe dar a oportunidade de humilhá-la. De vez em quando, Clara e Jaime compravam-lhe roupa ou davam-lhe algum dinheiro para suas necessidades, mas o normal era não tê-lo nem para um par de meias. Sua pobreza contrastava com os vestidos bordados e o calçado feito sob medida com que o senador Trueba vestia sua neta, Alba. Sua vida era árdua. Levantava-se às seis da manhã, fosse inverno ou verão; acendia o forno da oficina, usando um avental de oleado e tamancos de madeira, preparava as mesas de trabalho e batia a argila para suas aulas, com os braços mergulhados até os cotovelos no barro áspero e frio. Por isso tinha sempre as unhas quebradas e a pele gretada, e, com o passar do tempo, seus dedos foram se deformando. A essa hora, sentia-se inspirada, e ninguém a interrompia, de modo que podia começar o dia fabricando os seus monstruosos animais para os presépios. Depois tinha de se ocupar da casa, dos empregados e das compras até a hora em que começavam suas aulas. Seus alunos eram meninas de boa família que, nada tendo para fazer, haviam adotado a moda do artesanato, que era mais elegante do que tricotar para os pobres, como faziam as avós.

A ideia de dar aulas para portadores de Down fora obra do acaso. Um dia chegou à casa do senador Trueba uma velha amiga de Clara acompanhada de seu neto. Era um adolescente gordo e meigo, com um redondo rosto de lua cheia e uma expressão de ternura imperturbável nos olhinhos orientais. Tinha 15 anos, mas Alba percebeu que era como um bebê. Clara pediu à sua neta que fosse brincar com o rapaz no jardim e ficasse atenta para que ele não se sujasse, não se afogasse na fonte, não comesse terra e não manuseasse

a braguilha. Alba logo se aborreceu por ter de vigiá-lo e, diante da impossibilidade de se comunicar com ele em alguma linguagem coerente, levou-o à oficina de cerâmica, onde Blanca, para mantê-lo quieto, lhe pôs um avental que o protegia das manchas e da água, e colocou em suas mãos uma bola de argila. O rapaz ficou entretido por mais de três horas, sem babar, sem se urinar e sem dar cabeçadas nas paredes, modelando toscas figuras de barro que depois levou de presente à sua avó. A senhora, que chegara a esquecer que estava com ele, ficou encantada, e assim surgiu a ideia de que a cerâmica era benéfica para os portadores da síndrome de Down. Blanca terminou dando aulas para um grupo de crianças que iam à oficina às quintas-feiras à tarde. Chegavam numa camioneta, acompanhadas por duas freiras de toucas engomadas, que se sentavam no jardim com Clara, tomando chocolate e discutindo as virtudes do ponto de cruz e as hierarquias dos pecados, enquanto Blanca e sua filha ensinavam as crianças a fazer lagartas, bolinhas, cães esmigalhados e vasos disformes. No final do ano as freiras organizavam uma exposição e um bazar, e aquelas espantosas obras de arte eram vendidas por caridade. Blanca e Alba logo perceberam que os meninos trabalhavam muito melhor quando se sentiam queridos e que o afeto era a única maneira de se comunicar com eles. Aprenderam a abraçá-los, beijá-los e mimá-los, até que ambas acabaram por amá-los de verdade. Alba esperava toda a semana a chegada da camioneta com os portadores de Down e pulava de alegria quando eles corriam para abraçá-la. Mas as quintas-feiras eram arrasantes. Alba sentava-se esgotada; os meigos rostos asiáticos das crianças da oficina deixavam-na tonta, e Blanca invariavelmente sofria uma enxaqueca. Depois de as freiras irem embora com seu esvoaçar de trapos brancos e sua leva de crianças especiais de mãos dadas, Blanca abraçava furiosamente sua filha, cobria-a de beijos e dizia-lhe que tinha de agradecer a Deus por ela ser normal. Por isso, Alba cresceu com a ideia de que a normalidade era um dom divino. Discutiu o assunto com sua avó.

— Em quase todas as famílias há algum tonto ou louco, filhinha — assegurou Clara enquanto prestava atenção em seu tricô, porque em todos aqueles anos não aprendera a tecer sem olhar. — Às vezes não são vistos, porque todos os escondem, como se fossem uma vergonha. Trancam-nos nos quartos mais isolados para que as visitas não os vejam! Na verdade, porém, não há de que se ter vergonha, pois eles também são obra de Deus.

— Mas em nossa família não há nenhum, vovó — observou Alba.

— Não. Aqui a loucura distribuiu-se por todos, e não sobrou nada para termos o nosso louco varrido.

Assim eram suas conversas com Clara. Por isso, para Alba, a pessoa mais importante da casa e a presença mais forte de sua vida era a sua

avó. Ela era o motor que punha em marcha e fazia funcionar aquele universo mágico que era a parte dos fundos do casarão da esquina, onde havia passado seus primeiros sete anos em completa liberdade. Habitou-se às excentricidades da avó. Não a surpreendia vê-la deslocar-se em estado de transe por todo o salão, sentada em sua poltrona, com as pernas encolhidas, arrastada por uma força invisível. Acompanhava-a em todas as suas peregrinações a hospitais e casas de beneficência, onde fazia por seguir a pista de sua tropa de necessitados, e até aprendeu a tecer com lã de quatro fios e agulhas grossas os coletes que seu tio Jaime doava depois de usá-los uma vez, só para ver o sorriso sem dentes de sua avó quando ela ficava vesga perseguindo os pontos. Clara pedia-lhe com frequência para levar mensagens a Esteban; por isso a apelidaram de Pomba Mensageira. A menina participava das sessões das sextas-feiras, em que a mesa de três pés dava saltos em pleno dia, sem mediação de algum truque, energia conhecida ou alavanca, e dos serões literários em que convivia com os mestres consagrados e com um número variável de tímidos artistas desconhecidos que Clara amparava. Nessa época, muitos hóspedes comeram e beberam no casarão da esquina. Revezavam-se para lá morar ou, pelo menos, assistir às reuniões espíritas, às discussões culturais e às tertúlias sociais quase todas as pessoas importantes do país, aí incluído o Poeta, que, anos mais tarde, foi considerado o maior do século e traduzido em todos os idiomas conhecidos no mundo, em cujos joelhos Alba se sentou muitas vezes, sem suspeitar que um dia caminharia atrás de seu caixão com um ramo de cravos ensanguentados na mão, entre duas fileiras de metralhadoras.

Clara ainda era jovem, mas à sua neta parecia muito velha, porque não tinha dentes. Também não tinha rugas e, quando estava com a boca fechada, provocava a ilusão de uma extrema juventude por causa da expressão inocente de seu rosto. Vestia-se com túnicas de linho cru que pareciam batas de louco e, no inverno, punha meias compridas de lã e luvas sem proteção para os dedos. Divertia-se com os assuntos mais sem graça e, em troca, era incapaz de compreender uma piada, rindo fora de hora, quando ninguém mais o fazia, e costumava ficar muito triste se via alguém numa situação ridícula. Algumas vezes sofria ataques de asma. Então chamava sua neta com um sininho de prata que levava sempre consigo, e Alba acudia, correndo, abraçava-a e curava-a com sussurros de consolo, pois ambas sabiam, por experiência própria, que a única coisa que cura a asma é o abraço prolongado de um ser querido. Tinha olhos risonhos cor de avelã e o cabelo esbranquiçado e brilhante preso num coque desordenado, do qual escapavam mechas rebeldes, as mãos finas e brancas, de unhas amendoadas e longos dedos sem anéis, que só serviam para fazer

gestos de ternura, distribuir as cartas divinatórias e pôr a dentadura postiça nas horas de comer. Alba passava o dia seguindo a avó, grudada em suas saias, provocando-a para que contasse histórias ou movesse os jarros com a força do pensamento. Encontrava nela um refúgio seguro quando a atormentavam seus pesadelos ou quando os treinamentos de seu tio Nicolás se tornavam insuportáveis. Clara ensinou a neta a tratar dos pássaros e a falar com cada um em seu idioma, a conhecer os signos premonitórios da natureza e a tecer em ponto de corrente cachecóis para os pobres.

Alba sabia que sua avó era a alma do casarão da esquina. Os demais descobriram mais tarde, quando Clara morreu e a casa perdeu as flores, os amigos que iam e vinham, e os espíritos brincalhões, mergulhando numa época de decadência.

Alba tinha 6 anos quando viu Esteban García pela primeira vez, mas nunca o esqueceu. Provavelmente, vira-o antes, em Las Tres Marías, em suas viagens de verão com seu avô, quando ele a levava para percorrer a propriedade e, com um gesto amplo, lhe mostrava tudo o que a vista alcançava, desde a estrada até o vulcão, incluindo as casinhas de tijolo, e lhe dizia que aprendesse a amar aquela terra, porque um dia seria sua.

— Meus filhos são todos uns preguiçosos. Se herdassem Las Tres Marías, em menos de um ano isto voltaria a ser a ruína que foi nos tempos de meu pai — dizia à sua neta.

— Tudo isto é seu, vovô?

— Tudo, desde a estrada pan-americana até a ponta daquelas colinas. Está vendo?

— Por quê, vovô?

— Como por quê?!? Porque eu sou o dono, claro!

— Sim, mas por que você é o dono?

— Porque era da minha família.

— Por quê?

— Porque a compraram dos índios.

— E por que os empregados que sempre viveram aqui também não são os donos?

— Seu tio Jaime anda botando ideias bolchevistas em sua cabeça! — gritava o senador Trueba, congestionado pela fúria. — Sabe o que aconteceria se não houvesse um patrão aqui?

— Não.

— Ia tudo para o caralho! Não haveria alguém que desse ordens, que vendesse as colheitas, que se responsabilizasse pelas coisas, compreendeu? Tampouco alguém que cuidasse das pessoas. Se, por exemplo, um empregado adoecesse e viesse a morrer, deixando uma viúva e muitos filhos, eles morreriam de fome. Cada um teria um

pedacinho miserável de terreno e não conseguiria nem para comer em sua casa. É preciso que alguém pense por eles, tome as decisões, os ajude. Eu tenho sido o melhor patrão da região, Alba. Tenho mau gênio, mas sou justo. Meus empregados vivem melhor do que muita gente da cidade, nada lhes falta, e mesmo que o ano seja de seca, inundações ou terremoto, eu me preocupo para que ninguém passe miséria aqui. Você terá que fazer isso quando tiver a idade necessária; por isso eu a trago sempre a Las Tres Marías, para que conheça cada pedra e cada animal, e, sobretudo, cada pessoa por seu nome e sobrenome. Você compreende?

Na realidade, porém, era pouco o contato que Alba mantinha com os camponeses e estava muito longe de conhecer cada um pelo nome e sobrenome. Por isso não reconheceu o jovem moreno, acanhado e rude, com pequenos olhos cruéis de roedor, que uma tarde bateu à porta do casarão da esquina na capital. Vestia um terno escuro muito pequeno para seu tamanho. Nos joelhos, nos cotovelos e nos fundilhos, o tecido estava gasto, reduzido a uma película brilhante. Disse que queria falar com o senador Trueba e apresentou-se como o filho de um de seus empregados de Las Tres Marías. Embora em situações normais as pessoas de sua condição entrassem pela porta de serviço e aguardassem na despensa, conduziram-no à biblioteca, porque naquele dia haveria uma festa na casa, à qual compareceriam todos os quadros mais elevados do Partido Conservador. A cozinha estava invadida por um exército de cozinheiros e ajudantes que Trueba trouxera do clube, e havia tal confusão e pressa que um visitante serviria apenas para atrapalhar. Era uma tarde de inverno, e a biblioteca estava escura e silenciosa, iluminada apenas pelo fogo que crepitava na lareira. No ar pairava o cheiro de madeira polida e couro.

— Espere aqui, mas não mexa em nada. O senador virá logo — disse a empregada com maus modos, deixando-o sozinho.

O jovem percorreu a sala com os olhos, sem se atrever a fazer nenhum movimento, ruminando o rancor de que tudo aquilo poderia ter sido seu se tivesse nascido de origem legítima, como tantas vezes lhe explicou sua avó, Pancha García, antes de morrer de lipíria e deixá-lo definitivamente órfão, com a multidão de irmãos e primos em meio à qual ele não era ninguém. Só sua avó o distinguira dos demais e não lhe permitira esquecer que era diferente dos outros, porque em suas veias corria o sangue do patrão. Observou a biblioteca, sentindo-se sufocado. Todas as paredes estavam cobertas por estantes de acaju polido, exceto nos dois lados da lareira, onde havia duas vitrinas abarrotadas de marfins e pedras preciosas do Oriente. O cômodo tinha pé-direito duplo, único capricho do arquiteto consentido por seu avô. Um balcão, a que se tinha acesso por uma escada em caracol de ferro forjado, fazia as vezes de segundo andar das estantes. Os melhores

quadros da casa estavam ali, porque Esteban Trueba transformara aquele espaço em seu santuário, seu escritório, seu refúgio, e gostava de ter à sua volta os objetos que mais apreciava. As prateleiras estavam cheias de livros e obras de arte, do chão ao teto. Havia uma pesada secretária de estilo espanhol, grandes poltronas de couro negro de costas para a janela, quatro tapetes persas cobrindo o assoalho de carvalho e vários abajures para leitura com cúpula de pergaminho, distribuídos estrategicamente, de modo que, onde quer que alguém se sentasse, haveria boa luz para a leitura. Era naquele lugar que o senador preferia celebrar seus encontros, tramar suas intrigas, forjar seus negócios e, nas horas mais solitárias, trancar-se para desafogar a raiva, o desejo frustrado ou a tristeza. De nada disso, entretanto, poderia ter ciência o camponês que estava de pé sobre o tapete, sem saber onde pôr as mãos, suando de inibição. Aquela biblioteca, solene, pesada e esmagadora, correspondia exatamente à imagem que tinha do patrão. Estremeceu de ódio e temor. Nunca estivera num lugar assim e, até então, pensava que o mais luxuoso que poderia existir em todo o universo era o cinema de San Lucas, onde algumas vezes a professora da escola levava toda a turma para ver um filme do Tarzan. Tinha-lhe custado muito tomar a decisão, convencer sua família e fazer a grande viagem até a capital, sozinho e sem dinheiro, para falar com o patrão. Não poderia esperar até o verão para lhe dizer o que trazia sufocado no peito. Logo se sentiu observado. Voltou-se e viu-se diante de uma menina de tranças e meias bordadas que o olhava da porta.

— Como se chama? — perguntou a menina.

— Esteban García — respondeu.

— Eu me chamo Alba Trueba. Não esqueça meu nome.

— Não esquecerei.

Olharam-se durante algum tempo, até que ela entrou, confiante, e se atreveu a aproximar-se. Explicou-lhe que teria de esperar, porque seu avô ainda não voltara do Congresso e contou-lhe que a cozinha estava uma balbúrdia, por causa da festa, prometendo-lhe que mais tarde arranjaria uns doces para lhe trazer. Esteban García sentiu-se melhor. Sentou-se numa das poltronas de couro e, pouco a pouco, atraiu a menina para perto e sentou-a em seus joelhos. Alba cheirava a Bayrum, um perfume fresco e doce, que se misturava com seu cheiro natural de criança suada. O rapaz aproximou o nariz de seu pescoço e aspirou aquele perfume desconhecido de limpeza e bem-estar e, sem que pudesse explicar por quê, seus olhos encheram-se de lágrimas. Deu-se conta de que odiava aquela criança tanto quanto odiava o velho Trueba. Ela encarnava o que ele nunca teria, o que ele nunca seria. Desejava fazer-lhe mal, destruí-la, mas também queria continuar a sentir-lhe o cheiro, escutar sua vozinha de bebê e ter ao alcance da

mão sua pele suave. Acariciou-lhe os joelhos acima da bainha das meias bordadas. Estavam mornos e tinham covinhas. Alba continuou a conversar sobre a cozinheira, que enfiava nozes no cu dos frangos para o jantar da noite. Ele fechou os olhos; estava tremendo. Com uma das mãos, rodeou o pescoço da menina, sentiu suas tranças fazendo-lhe cócegas no pulso e apertou suavemente, consciente de que era tão pequena que, com um esforço mínimo, poderia estrangulá-la. Desejou fazê-lo, quis senti-la contorcendo-se e esperneando em seus joelhos, agitando-se em busca de ar. Desejou ouvi-la gemer e morrer em seus braços, desejou despi-la e sentiu-se violentamente excitado. Avançou a outra mão sob o vestido engomado, percorreu as pernas infantis, encontrou a renda das anáguas de batista e as bombachas de lã com elástico. Ofegava. Num canto de seu cérebro havia lucidez suficiente para se dar conta de que estava à beira de um abismo. A menina parara de falar e ficara quieta, olhando-o com seus grandes olhos negros. Esteban García segurou a mão da criança e apoiou-a sobre seu sexo intumescido.

— Sabe o que é isso? — perguntou, rouco.

— Seu pênis — respondeu ela, que já vira um nas ilustrações dos livros de medicina de seu tio Jaime e o de seu tio Nicolás, quando passeava nu, fazendo seus exercícios asiáticos.

Ele se sobressaltou. Pôs-se bruscamente de pé, e ela caiu sobre o tapete. Estava surpreso e assustado, tremiam-lhe as mãos, sentia os joelhos moles e as orelhas quentes. Nesse momento, ouviu os passos do senador Trueba no corredor, e, um instante depois, antes que conseguisse recuperar a respiração, o velho entrou na biblioteca.

— Por que está tão escuro aqui? — rugiu com seu vozeirão de terremoto.

Trueba acendeu as luzes e não reconheceu o jovem, que o fixava com olhos fora das órbitas. Estendeu os braços para sua neta, que neles se refugiou por um breve instante, como um cachorro espancado, mas em seguida desprendeceu-se e saiu, fechando a porta.

— Quem é você, homem? — perguntou a quem também era seu neto.

— Esteban García. Não se recorda de mim, patrão? — conseguiu balbuciar o outro.

Então, Trueba reconheceu o menino velhaco que denunciara Pedro Terceiro anos atrás e recolhera do chão os dedos amputados. Compreendeu que não seria fácil despedi-lo sem o ouvir, apesar de ter por norma que os assuntos dos empregados deveriam ser resolvidos pelo administrador de Las Tres Marías.

— O que você quer? — perguntou-lhe.

Esteban García vacilou, sem conseguir encontrar as palavras que havia preparado tão minuciosamente durante meses, antes de se

atrever a bater à porta da casa do patrão.

— Fale depressa, não tenho muito tempo — anunciou Trueba.

Gaguejando, García conseguiu expor seu pedido: havia conseguido terminar o liceu em San Lucas e queria uma recomendação para a Escola de Carabineiros e uma bolsa do Estado para pagar seus estudos.

— Por que não fica no campo, como seu pai e seu avô? — perguntou-lhe o patrão.

— Desculpe, senhor, mas quero ser carabineiro — replicou Esteban García.

Trueba lembrou-se de que ainda lhe devia a recompensa por denunciar Pedro Terceiro García e considerou que aquela era uma boa ocasião para saldar a dívida e, de passagem, ter um servidor na polícia. “Nunca se sabe, de repente posso precisar dele.” Sentou-se à sua pesada secretária, pegou uma folha de papel com timbre do Senado, redigiu a recomendação nos termos habituais e entregou ao jovem, que aguardava de pé.

— Tome, filho. Alegro-me por ter escolhido essa profissão. Se o que você quer é andar armado, entre ser delinquente e ser da polícia, é melhor ser policial, porque tem impunidade. Vou telefonar para o comandante Hurtado, que é meu amigo, pedindo-lhe que lhe dê a bolsa de estudo. Se precisar de alguma coisa, avise-me.

— Muito obrigado, patrão.

— Não me agradeça, filho. Gosto de ajudar meu povo.

Despediu-o com uma amigável palmadinha no ombro.

— Por que você se chama Esteban? — perguntou-lhe à porta.

— Por sua causa, senhor — respondeu o outro, corando.

Trueba não pensou duas vezes no assunto. Os empregados usavam frequentemente os nomes dos patrões para batizar os filhos, em sinal de respeito.

Clara morreu no dia em que Alba fez sete anos. O primeiro anúncio de sua morte só foi perceptível para ela. Então começou a fazer secretas disposições para partir. Com absoluta discrição, distribuiu sua roupa pelas empregadas e pelos muitos protegidos que sempre tivera, mantendo apenas o indispensável. Organizou seus papéis, recolhendo dos cantos esquecidos seus cadernos de anotar a vida. Amarrou-os com fitas coloridas, separando-os por acontecimentos, e não por ordem cronológica, porque a única coisa que esquecera de registrar neles fora a data de cada anotação e, na pressa de sua última hora, concluiu que não poderia perder tempo averiguando-as. Ao procurar os cadernos, foram aparecendo as joias em caixas de sapatos, em sacos de meias e no fundo dos armários, onde as havia posto desde a época em que o marido as comprava para presentear-las, acreditando que com isso poderia obter seu amor. Colocou-as numa velha meia de lã, que

fechou com um alfinete de gancho, e entregou-as a Blanca.

— Guarde isso, filhinha. Um dia podem servir-lhe para alguma coisa mais do que se fantasiar — disse.

Blanca comentou o caso com Jaime, que começou a observá-la. Percebeu que a mãe levava uma vida aparentemente normal, mas quase não comia. Alimentava-se de leite e algumas colheradas de mel. Nem dormia muito; passava a noite escrevendo ou vagando pela casa. Parecia ir-se desprendendo do mundo pouco a pouco, cada vez mais leve, mais transparente, mais alada.

— Qualquer dia vai sair voando — comentou Jaime, preocupado.

Pouco tempo depois começou a asfixiar-se. Sentia no peito o galope de um cavalo enlouquecido e a ansiedade de um ginete disparado contra o vento. Disse que era a asma, mas Alba se deu conta de que já não a chamava com o sininho de prata para ir curá-la com os abraços prolongados. Numa manhã viu sua avó abrir as gaiolas dos pássaros com uma inexplicável alegria.

Clara escreveu pequenos cartões para seus entes queridos, que eram muitos, e escondeu-os numa caixa sob sua cama. Na manhã seguinte, não se levantou e, quando a empregada entrou com o desjejum, não lhe permitiu abrir as cortinas. Começara a despedir-se também da luz para lentamente entrar nas sombras.

Avisado, Jaime foi vê-la e não foi embora até ela se deixar examinar. Não conseguiu encontrar nada de anormal em seu aspecto, mas soube, sem sombra de dúvidas, que ela ia morrer. Saiu do quarto com um sorriso rasgado e fingido, e, tão logo ficou fora do campo de visão da mãe, precisou apoiar-se à parede, porque suas pernas fraquejaram. Não comentou nada com ninguém em casa. Chamou um especialista que fora seu professor na Faculdade de Medicina e que, naquele mesmo dia, se apresentou no lar dos Trueba. Depois de examinar Clara, confirmou o diagnóstico de Jaime. Reuniram a família no salão e, sem mais delongas, notificaram-na de que Clara não viveria mais do que duas ou três semanas e que a única coisa que se poderia fazer era acompanhá-la, para ela morrer contente.

— Creio que resolveu morrer, e a ciência não tem nenhum remédio para esse mal — concluiu Jaime.

Esteban Trueba agarrou o filho pelo pescoço e esteve a ponto de estrangulá-lo, correu com o especialista aos empurrões e começou a dar bengaladas nas luminárias e nas porcelanas do salão. Finalmente, caiu de joelhos no chão, gemendo como uma criança. Alba entrou nesse momento e viu seu avô reduzido à sua altura, aproximou-se, ficou olhando surpresa para ele e abraçou-o quando lhe viu as lágrimas. Pelo pranto do velho, a menina tomou conhecimento da notícia. Ela foi a única pessoa da casa a não perder a calma, devido a seus treinamentos para suportar a dor e ao fato de sua avó lhe ter

explicado tantas vezes as circunstâncias e os trabalhos da morte.

— Tal como no momento de vir ao mundo, ao morrer temos medo do desconhecido. Mas o medo é algo interior, que nada tem a ver com a realidade. Morrer é como nascer: apenas uma mudança — dissera-lhe Clara.

Acrescentara que, se era capaz de se comunicar sem dificuldade com as almas do Além, estava totalmente convicta de que, depois, poderia fazê-lo com as almas do Aquém, de modo que, em vez de choramingar quando o momento chegasse, queria que estivesse tranquila, porque no seu caso a morte não seria uma separação, mas uma forma de estarem mais unidas. Alba compreendeu perfeitamente.

Pouco depois Clara pareceu entrar num doce sonho, e só o visível esforço para introduzir ar em seus pulmões demonstrava que ainda estava viva. No entanto, a asfixia não a angustiava, dado que não estava lutando pela vida. A neta permaneceu a seu lado todo o tempo. Tiveram de improvisar-lhe uma cama no chão, porque se negou a sair do quarto e, quando quiseram tirá-la à força, teve seu primeiro desfalecimento. Insistia em afirmar que sua avó tudo percebia e precisava dela. E foi efetivamente assim. Pouco antes do fim, Clara recuperou a consciência e pôde falar com tranquilidade. A primeira coisa que notou foi a mão de Alba entre as suas.

— Vou morrer, não é verdade, filhinha? — perguntou.

— Sim, vovó, mas não importa, porque estou ao seu lado — respondeu a menina.

— Está bem. Pegue uma caixa com cartões que está debaixo da cama e distribua-os, pois não vou conseguir despedir-me de todos.

Clara fechou os olhos, deu um suspiro satisfeito e foi para o outro mundo sem olhar para trás. À sua volta, estava toda a família, Jaime e Blanca desfigurados pelas noites de vigília, Nicolás murmurando orações em sânscrito, Esteban com a boca e os punhos apertados, infinitamente furioso e desolado, e a pequena Alba, a única que se mantinha serena. Também estavam os empregados, as irmãs Mora, um casal de artistas paupérrimos que tinham morado na casa nos últimos meses e um sacerdote, que fora chamado pela cozinheira, mas que não teve o que fazer, porque Trueba não permitiu que incomodasse a moribunda com confissões de última hora nem aspersões de água-benta. Jaime inclinou-se sobre o corpo em busca de algum imperceptível bater do coração, mas não o encontrou.

— Mamãe já se foi — disse num soluço.

* Carro de rodas grandes cuja carroceria é formada de cordas trançadas. (N. T.)

Capítulo X

A Época da Decadência

Não posso falar a respeito disso. Porém, tentarei escrever. Passaram-se vinte anos, e durante muito tempo senti uma dor constante. Julguei que nunca poderia consolar-me, mas hoje, perto dos 90 anos, compreendo o que ela quis dizer quando nos assegurou de que não teria dificuldade em comunicar-se conosco, porque tinha muita prática nesses assuntos. Antes, eu andava como que perdido, procurando-a por todo lado. Todas as noites, ao deitar-me, imaginava-a comigo, como acontecia quando tinha todos os dentes e me amava. Apagava a luz, fechava os olhos e, no silêncio do quarto, procurava imaginá-la, chamava-a acordado, e dizem que também a chamava quando dormia.

Na noite em que morreu, tranquei-me com ela. Depois de tantos anos sem nos falarmos, partilhamos aquelas últimas horas repousando no veleiro de água mansa da seda azul, como ela gostava de se referir à sua cama, e aproveitei para lhe dizer tudo o que não pudera dizer antes, tudo o que eu tinha mantido calado desde a terrível noite em que a esbofetei. Tirei-lhe a camisola e revistei-a com cuidado, procurando algum sinal de doença que justificasse sua morte, e, nada encontrando, soube que simplesmente havia cumprido sua missão nesta terra e voara para outra dimensão, onde seu espírito, finalmente livre dos pesos materiais, se sentiria melhor. Não havia nenhuma deformidade nem nada terrível em sua morte. Examinei-a detidamente, porque havia muitos anos que não tinha a oportunidade de observá-la à vontade, e, durante esse tempo, minha mulher havia mudado, como acontece a todos com o avançar da idade. Pareceu-me tão bela quanto sempre fora. Emagrecera, e julguei que houvesse crescido, que estivesse mais alta, mas logo compreendi que era um efeito ilusório, resultado de meu próprio encolhimento. Antes, sentia-me um gigante a seu lado, mas, ao deitar-me com ela na cama, notei que estávamos quase do mesmo tamanho. Mantinha sua touceira de cabelo encaracolado e rebelde — que me encantara quando nos

casamos —, mas suavizada por mechas brancas que lhe iluminavam o rosto adormecido. Estava muito pálida, com sombras nos olhos, e notei, pela primeira vez, que tinha pequenas rugas muito finas em volta dos lábios e na testa. Parecia uma menina. Estava fria, mas era a mesma mulher doce de sempre, e pude falar-lhe tranquilamente, acariciá-la, dormir um pouco quando o sono venceu a dor, sem que o irremediável fato de sua morte alterasse nosso encontro. Enfim nos reconciliamos.

Ao amanhecer, comecei a vesti-la, para que todos a vissem bem-apresentada. Pus-lhe uma túnica branca que havia em seu armário e estranhei que tivesse tão pouca roupa, porque eu tinha a ideia de que era uma mulher elegante. Encontrei um par de meias de lã que lhe calcei para que seus pés não gelassem, porque era muito friorenta. Comecei a penteá-la com a intenção de armar o coque que costumava usar, mas, ao passar a escova, seus cachos se enrolaram, formando uma moldura em volta do rosto, e pareceu-me que assim ficava mais bonita. Procurei suas joias, para lhe pôr alguma, mas não as encontrei; então, conformei-me em colocar em seu dedo a aliança que eu usava desde o nosso noivado, para substituir a que ela tirou quando rompeu comigo. Ajeitei os travesseiros, alisei a cama, pus algumas gotas de água-de-colônia em seu pescoço e abri a janela, para que entrasse a manhã. Logo que tudo ficou pronto, abri a porta e permiti que meus filhos e minha neta se despedissem dela. Encontraram Clara sorridente, limpa e bela como sempre fora. Eu havia diminuído dez centímetros, meus pés nadavam nos sapatos, tinha o cabelo definitivamente branco, mas já não chorava.

— Podem enterrá-la — autorizei. — Aproveitem também para enterrar a cabeça de minha sogra, que anda perdida no porão há algum tempo — acrescentei e saí arrastando os pés para não me caírem os sapatos.

Foi assim que minha neta soube que o que estava na chapeleira de pele de porco e lhe servia para brincar de missas negras e ornamentar suas casinhas do porão era a cabeça de sua bisavó Nívea, que permaneceu insepulta durante muito tempo, primeiro para evitar o escândalo e depois porque, na desordem da casa, havíamos nos esquecido dela. Fizemos tudo com absoluto sigilo, para não dar motivo a falatórios. Depois que os empregados da funerária acabaram de pôr Clara no ataúde e transformar o salão em câmara-ardente, com cortinados de crepe negro, círios acesos e um altar improvisado sobre o piano, Jaime e Nicolás colocaram no caixão a cabeça da avó, que já não passava de um brinquedo amarelo com expressão apavorada, para descansar junto da filha preferida.

O funeral de Clara foi um acontecimento. Nem eu mesmo pude explicar de onde saiu tanta gente sofrida com a morte de minha

mulher. Não sabia que ela conhecia tanta gente. Desfilaram procissões intermináveis, apertando-me a mão, uma fila de automóveis fechou todos os acessos ao cemitério, e chegaram insólitas delegações de pobres, estudantes, sindicatos operários, freiras, crianças especiais, boêmios e espíritas. Quase todos os empregados de Las Tres Marías viajaram, alguns pela primeira vez na vida, em caminhões e de trem para se despedir de Clara. Em meio à multidão, descobri Pedro Segundo García, que não voltara a ver durante muitos anos. Aproximei-me para cumprimentá-lo, mas ele não respondeu a meu gesto. Aproximou-se cabisbaixo do túmulo aberto e colocou sobre o ataúde de Clara um ramo meio murcho de flores silvestres, que parecia ter sido roubado de um jardim alheio. Estava chorando.

Alba, sua mãozinha na minha, assistiu aos serviços fúnebres. Viu descer o ataúde à terra, no lugar provisório que havíamos conseguido, ouviu os intermináveis discursos exaltando as únicas virtudes que sua avó não teve e, quando regressou ao casarão da esquina, trancou-se no porão à espera de que o espírito de Clara se comunicasse com ela, como lhe havia prometido. Ali a encontrei, sorrindo adormecida sobre os restos estropiados de Barrabás.

Naquela noite não consegui dormir. Em minha mente confundiam-se os dois amores de minha vida, Rosa, a do cabelo verde, e Clara clarividente, as duas irmãs que tanto amei. Ao amanhecer, decidi que, se não as tinha tido em vida, pelo menos me acompanhariam na morte e tirei da secretária algumas folhas de papel e comecei a desenhar o mais digno e luxuoso mausoléu de mármore italiano cor de salmão, com estátuas do mesmo material que representariam Rosa e Clara com asas de anjo, porque anjos haviam sido e continuariam a ser. Ali, entre as duas, serei enterrado algum dia.

Queria morrer o mais rápido possível, porque a vida sem a minha mulher não fazia mais sentido para mim. Porém, não sabia que ainda tinha muito o que fazer neste mundo. Por sorte, Clara regressou, ou talvez nunca se tenha ido completamente. Às vezes penso que a velhice me transtornou o cérebro e que não é possível ignorar o fato de tê-la enterrado há vinte anos. Suponho que ando tendo visões, como um velho lunático. Essas dúvidas, entretanto, se dissipam quando a vejo passar ao meu lado e ouço seu riso no terraço; sei que me acompanha, que me perdoou todas as minhas violências do passado e que está mais perto de mim do que nunca esteve antes. Continua viva e está comigo, Clara claríssima...

A morte de Clara transtornou absolutamente a vida do casarão da esquina. Os tempos mudaram. Com ela, foram-se os espíritos, os hóspedes e aquela luminosa alegria sempre presente, porque ela não acreditava que o mundo fosse um vale de lágrimas, mas, ao contrário,

uma pilhéria de Deus, e, por isso, seria estupidez levá-lo a sério, se Ele próprio não o fazia. Alba deu-se conta da deterioração desde os primeiros dias. Viu-a avançar, lenta, mas determinada. Percebeu-a, antes de todos os demais, pelas flores, que impregnaram o ar com um cheiro adocicado e nauseabundo quando murcharam nos jarrões, onde ficaram até secar, desfolhando-se, caindo, restando apenas seus talos tristes, que ninguém retirou senão muito tempo depois. Alba não voltou a cortar flores para enfeitar a casa. Logo morreram as plantas, porque ninguém se lembrou de regá-las nem de lhes falar, como Clara fazia. Os gatos partiram em silêncio, tal como haviam chegado ou nascido nos buracos do telhado. Esteban Trueba vestiu-se de preto e passou, numa noite, de sua vigorosa maturidade de verão saudável a uma incipiente velhice encolhida e gaguejante, que não teve, contudo, a virtude de lhe acalmar a ira. Manteve seu luto rigoroso pelo resto da vida, mesmo quando isso saiu de moda e ninguém mais o fazia, à exceção dos pobres, que colocavam uma fita preta na manga, simbolizando a dor. Pendurou no pescoço uma bolsinha de camurça presa a um fio de ouro, sob a camisa, junto do peito. Eram os dentes postiços de sua mulher, que, para ele, tinham o significado de boa sorte e expiação. Todos na família perceberam que, sem Clara, se perdia a razão de estar juntos: não tinham quase nada a se dizer. Trueba deu-se conta de que a única coisa que o retinha em casa era a presença da neta.

No transcurso dos anos seguintes, a casa converteu-se em uma ruína. Ninguém voltou a se ocupar do jardim, fosse para regá-lo ou limpá-lo, até que pareceu tragado pelo esquecimento, pelos pássaros e pelas ervas daninhas. Aquele parque geométrico que Trueba mandara plantar, seguindo os desenhos dos jardins dos palácios franceses, e a área encantada em que Clara reinara na desordem e na abundância, a luxúria das flores e o caos dos filodendros foram secando, apodrecendo, enchendo-se de ervas. As estátuas cegas e as fontes cantantes cobriram-se de folhas secas, excremento de pássaros e musgo. As pérgulas, quebradas e sujas, serviram de refúgio aos bichos e de lixeira aos vizinhos. O parque tornou-se um espesso matagal de aldeia abandonada, onde só se podia caminhar abrindo passagem a facão. O caramanchão, que antes era podado com pretensões barrocas, acabou destroçado, caído, atacado por caracóis e pestes vegetais. Nos salões, as cortinas foram pouco a pouco se desprendendo dos ganchos, ficando penduradas como as anáguas de uma anciã, poeirentas e desbotadas. Os móveis, pisados por Alba, que com eles brincava de casinha e de trincheiras, transformaram-se em cadáveres, com as molas para fora, e a grande tapeçaria do salão, que perdera sua belíssima calma de cena bucólica de Versalhes, foi usada como alvo das flechas de Nicolás e sua sobrinha. A cozinha cobriu-se de gordura

e fuligem, encheu-se de tachos vazios e pilhas de jornais, e deixou de produzir as grandes travessas de creme de leite e os perfumados guisados de outros tempos. Os habitantes da casa conformaram-se em comer quase todos os dias grão-de-bico e arroz com leite, porque ninguém se atrevia a enfrentar o desfile de cozinheiras verrugentas, enjoadas e despóticas que reinavam por turnos em meio às caçarolas enegrecidas pelo mau uso. Os tremores de terra, as batidas das portas e a bengala de Esteban Trueba abriram fendas nas paredes e estilhaçaram as portas, as janelas saltaram dos gonzos, e ninguém tomou a iniciativa de consertá-las. As torneiras começaram a gotejar, as canalizações a romper-se, as telhas a quebrar e a aparecer manchas esverdeadas de umidade nas paredes. Apenas o quarto de Clara, forrado de seda azul, permaneceu intacto. Nele ficaram os móveis de madeira avermelhada, dois vestidos de algodão branco, a gaiola vazia do canário, a cesta com peças de tricô inacabadas, seus baralhos mágicos, a mesa de três pés e as pilhas de cadernos em que anotou a vida durante cinquenta anos e que, muito tempo depois, em meio à solidão da casa vazia e ao silêncio dos mortos e desaparecidos, eu organizei e li com recolhimento para reconstruir esta história.

Jaime e Nicolás perderam o pouco interesse que tinham pela família e não se compadeceram do pai, que, em sua solidão, procurou inutilmente construir com eles uma amizade que enchesse o vazio deixado por uma vida de péssimos relacionamentos. Moravam na casa porque não tinham lugar mais conveniente para comer e dormir, mas por ali passavam como sombras indiferentes, sem se deter para observar a decadência. Jaime exercia seu ofício com vocação de apóstolo e, com a mesma tenacidade com que o pai resgatara Las Tres Marías do abandono e juntara uma fortuna, ele deixava suas forças trabalhando no hospital e atendendo os pobres gratuitamente nas horas livres.

— Você é um perdedor irremediável, filho — suspirava Trueba. — Não tem noção da realidade. Ainda não se deu conta de como é o mundo. Aposto em valores utópicos que não existem.

— Ajudar o próximo é um valor que existe, pai.

— Não. A caridade, tal como seu socialismo, é uma invenção dos fracos para persuadir e utilizar os fortes.

— Não acredito em sua teoria de fortes e fracos — respondia Jaime.

— É sempre assim na natureza. Vivemos numa selva.

— Sim, porque os que determinam as regras são os que pensam como você, mas não será sempre assim.

— Será, porque somos vencedores. Sabemos nos desenvolver no mundo e exercer o poder. Ouça o que digo, filho: assente a cabeça e monte uma clínica particular; eu o ajudo. Mas separe-a de seus desvios

socialistas! — pregava Esteban Trueba, sem nenhum resultado.

Depois que Amanda desapareceu de sua vida, Nicolás pareceu estabilizar-se emocionalmente. Suas experiências na Índia deixaram-lhe o gosto por empreendimentos espirituais. Abandonou as fantásticas aventuras comerciais que lhe atormentaram a imaginação nos primeiros anos da juventude, bem como o desejo de possuir todas as mulheres que por ele passassem, e recuperou a ânsia que sempre tivera de encontrar Deus por caminhos pouco convencionais. O mesmo encanto que antes empregara para conseguir alunas para seus bailados flamencos serviu-lhe para reunir à sua volta um número crescente de adeptos. Eram, em sua maioria, jovens enfadados da boa vida, que, como ele, deambulavam em busca de uma filosofia que lhes permitisse existir sem participar das agitações terrenas. Formou-se um grupo disposto a receber os milenares conhecimentos que Nicolás adquirira no Oriente. Sob sua orientação, reuniam-se nos quartos dos fundos da parte abandonada da casa, onde Alba lhes distribuía nozes e lhes servia infusões de ervas, enquanto meditavam de pernas cruzadas. Quando Esteban Trueba descobriu que às suas costas circulavam os contemporâneos e os epônimos, respirando pelo umbigo e tirando a roupa ao mais sutil convite, perdeu a paciência e os expulsou, ameaçando-os com a bengala e com a polícia. Então, Nicolás compreendeu que sem dinheiro não poderia continuar a ensinar a Verdade e começou a cobrar modestos honorários por seus ensinamentos. Pôde, assim, alugar uma casa, onde montou sua academia de iluminados. Devido às exigências e à necessidade de registrar um nome jurídico, denominou-a Instituto de União com o Nada (IDUN). Seu pai, porém, não estava disposto a deixá-lo em paz, porque começaram a aparecer nos jornais fotografias dos seguidores de Nicolás, de cabeça raspada, tangas indecentes e expressão beatífica, ridicularizando o nome dos Trueba. Logo que se soube que o profeta do IDUN era filho do senador Trueba, a oposição explorou o assunto para ironizá-lo, usando a busca espiritual do filho como arma política contra o pai. Trueba suportou tudo com estoicismo até o dia em que encontrou a neta, Alba, com a cabeça tão lisa quanto uma bola de bilhar, repetindo incansavelmente a palavra sagrada Om. Teve um de seus mais terríveis ataques de raiva. Apareceu de surpresa no instituto do filho, com dois valentões contratados para tal fim, que destruíram a porrete o parco mobiliário e estiveram a ponto de fazer o mesmo com os pacíficos coetâneos, até que o velho, compreendendo que uma vez mais se tinha excedido, mandou-os interromper a destruição e o esperar lá fora. A sós com o filho, conseguiu dominar o tremor furibundo que dele se apoderara e resmungar-lhe com a voz contida que já estava farto de suas palhaçadas.

— Não quero voltar a vê-lo até crescer o cabelo de minha neta! —

acrescentou antes de sair, batendo a porta.

No dia seguinte Nicolás reagiu. Começou por eliminar os escombros deixados pelos valentões de seu pai e limpar o local, enquanto respirava ritmicamente para esvaziar de seu interior qualquer vestígio de cólera e purificar o espírito. Depois, com seus discípulos trajando tanga e levando cartazes em que exigiam liberdade de culto e respeito a seus direitos de cidadãos, caminharam até o gradil do Congresso. Lá, usando apitos de madeira, sinetas e pequenos gongos improvisados, armaram uma confusão que fez o trânsito parar. Logo que se juntou público suficiente, Nicolás começou a tirar a roupa e, completamente nu como um bebê, deitou-se no meio da rua com os braços abertos em cruz. Houve tal tumulto de freadas, buzinas, guinchos e silvos que o alvoroço chegou ao interior do edifício. No Senado, interrompeu-se a sessão em que se discutia o direito dos latifundiários de cercarem com arame farpado os caminhos vicinais, e os congressistas chegaram ao balcão, a fim de desfrutar do inusitado espetáculo de um filho do senador Trueba cantando salmos asiáticos nu em pelo. Esteban Trueba desceu correndo as largas escadarias do Congresso, lançou-se à rua disposto a matar o filho, mas não chegou a transpor o gradil, porque sentiu que o coração lhe explodia de ira no peito e um véu avermelhado lhe turvava a visão, e desfaleceu.

Nicolás foi levado num furgão dos carabineiros, e o senador, numa ambulância da Cruz Vermelha. O desmaio de Trueba durou três semanas e por pouco não o despachou para o outro mundo. Quando conseguiu sair da cama, agarrou seu filho Nicolás pelo pescoço, enfiou-o num avião e mandou-o para o exterior, com ordem de não voltar a aparecer diante de seus olhos pelo resto de sua vida. Deu-lhe, entretanto, dinheiro suficiente para instalar-se e sobreviver por um longo tempo, porque, como explicou a Jaime, essa era uma maneira de evitar que cometesse mais loucuras que pudessem desprestigiá-lo também no exterior.

Nos anos seguintes Esteban Trueba teve notícias da ovelha negra da família pela correspondência esporádica que Blanca mantinha com ele. Foi assim que tomou conhecimento de que Nicolás fundara na América do Norte outra academia para se unir com o nada, e com tanto êxito que chegou a ter a riqueza que não conseguira navegando num balão ou fabricando sanduíches. Acabou banhando-se com seus discípulos em sua própria piscina de porcelana rosada, em meio ao respeito da cidadania e aliando, sem que a isso se dispusesse, a procura de Deus e o sucesso nos negócios. É claro que Esteban Trueba jamais acreditou nisso.

O senador esperou que o cabelo de sua neta crescesse um pouco, para que não pensassem que sofresse de tinha, e foi pessoalmente

matriculá-la num colégio inglês para meninas, porque mantinha a opinião de que essa era a melhor educação, apesar dos contraditórios resultados obtidos com seus dois filhos. Blanca concordou, entendendo que não bastava uma boa conjunção de planetas em seu mapa astral para Alba ser bem-sucedida na vida. No colégio, Alba aprendeu a comer verduras cozidas e arroz queimado, suportar o frio do pátio, entoar hinos e abdicar de todas as vaidades do mundo, exceto as de natureza esportiva. Ensinaaram-na a ler a Bíblia, jogar tênis e escrever à máquina, único aprendizado útil que lhe deixaram aqueles longos anos em idioma estrangeiro. Para Alba, que vivera até então sem ouvir falar a respeito de pecados nem de modos de senhorita, desconhecendo o limite entre o humano e o divino, o possível e o impossível, vendo um tio passar despido pelos corredores em saltos de caratê e outro soterrado em uma montanha de livros, seu avô quebrando a bengaladas os telefones e os vasos do terraço, sua mãe escapando com sua maleta de palhaço e sua avó movendo a mesa de três pés e tocando Chopin sem abrir o piano, a rotina do colégio pareceu insuportável. As aulas entediavam-na. Durante o recreio, sentava-se no canto mais afastado e discreto do pátio, para não ser vista, tremendo de desejo de que a convidassem para brincar e ansiando, ao mesmo tempo, por que ninguém lhe prestasse atenção. Sua mãe advertiu-a no sentido de que não tentasse explicar às suas companheiras o que vira sobre a natureza humana nos livros de medicina de seu tio Jaime nem comentasse com as professoras as vantagens do esperanto sobre a língua inglesa. Apesar dessas precauções, a diretora do estabelecimento não teve dificuldade em detectar desde os primeiros dias as excentricidades de sua nova aluna. Observou-a durante duas semanas e, quando se sentiu segura a respeito do diagnóstico, chamou Blanca Trueba a seu escritório e explicou-lhe, da forma mais cortês que pôde, que a menina fugia por completo aos limites habituais da formação britânica e sugeriu-lhe que a pusesse num colégio de freiras espanholas, onde talvez lhe pudessem dominar a imaginação lunática e corrigir-lhe a péssima urbanidade. O senador Trueba, porém, não estava disposto a deixar-se esmagar por uma *miss* Saint John qualquer e fez valer todo o peso de sua influência para que não lhe expulsassem a neta do colégio. Queria que ela aprendesse inglês a todo custo. Estava convencido da superioridade do inglês sobre o espanhol, que considerava um idioma de segunda categoria, próprio para assuntos domésticos e para a magia, para as paixões incontroláveis e os empreendimentos inúteis, mas inadequado para o mundo da ciência e da técnica, em que esperava ver Alba triunfar. Acabara por aceitar — vencido pela vaga dos novos tempos — o fato de que algumas mulheres não eram completamente idiotas e pensava que Alba, insignificante demais para atrair um marido de boa

situação, deveria ter uma profissão e ganhar a vida como um homem. Nesse ponto Blanca apoiou seu pai, porque comprovava na própria carne os resultados do mau preparo acadêmico para enfrentar a vida.

— Não quero que você seja pobre como eu, nem que tenha de depender de um homem que a sustente — dizia à sua filha sempre que a via chorando por não querer ir às aulas.

Não a tiraram do colégio, e teve de suportá-lo durante dez anos ininterruptos.

Para Alba, a única pessoa estável naquele barco à deriva em que se transformara o casarão da esquina depois da morte de Clara era sua mãe. Blanca lutava contra o desastre e a decadência com a ferocidade de uma leoa, mas era evidente que perderia a batalha contra o avanço da deterioração. Só ela tentava, de alguma forma, dar ao casarão uma aparência de lar. O senador Trueba continuou morando lá, mas deixou de convidar seus amigos e suas relações políticas, fechou os salões e passou a ocupar apenas a biblioteca e seu quarto. Estava cego e surdo às necessidades de seu lar. Muito atarefado com a política e os negócios, viajava constantemente, financiava novas campanhas eleitorais, comprava terras e tratores, criava cavalos de corrida e especulava com o preço do ouro, do açúcar e do papel. Não percebia que as paredes de sua casa estavam ávidas por uma camada de tinta, os móveis desengonçados e a cozinha transformada numa pocilga. Tampouco se dava conta dos apertados casacos de sua neta ou da roupa antiquada de sua filha ou de suas mãos destruídas pelo trabalho doméstico e pela argila. Não agia assim por avareza: sua família tinha simplesmente deixado de lhe interessar. Algumas vezes despertava da distração e chegava com algum presente despropositado e maravilhoso para sua neta, que não fazia mais do que aumentar o contraste entre a invisível riqueza das contas nos bancos e a austeridade da casa. Entregava a Blanca somas variáveis, mas nunca suficientes, destinadas a manter em funcionamento aquele casarão desordenado e escuro, quase vazio e atravessado por correntes de ar, em que se havia degenerado a antiga mansão. Blanca jamais conseguia pagar todas as despesas com aquele dinheiro e vivia recorrendo a Jaime, e, por mais que cortasse o orçamento aqui e o remendasse ali, no final do mês tinha uma quantidade de contas a pagar que se iam acumulando, até decidir ir ao bairro dos joalheiros judeus vender algumas das joias que, um quarto de século antes, haviam sido compradas ali mesmo e que Clara lhe dera dentro de um pé de meia de lã.

Em casa, Blanca andava de avental e alpargatas, confundindo-se com os poucos empregados que restavam; para sair, usava o mesmo *tailleur* preto engomado e reengomado, com a blusa de seda branca. Depois que seu avô enviuvara e deixara de se preocupar com ela, Alba vestia-se com o que herdava de algumas primas afastadas, que eram

maiores ou menores do que ela, de modo que geralmente seus casacos pareciam agasalhos militares, e seus vestidos eram sempre curtos e apertados. Jaime gostaria de fazer alguma coisa por elas, mas sua consciência indicava-lhe que era melhor gastar seus rendimentos dando comida aos famintos do que luxos à sua irmã e à sua sobrinha.

Depois da morte da avó, Alba começou a ter pesadelos que a faziam despertar, gritando e febril. Sonhava que todos os membros da família morriam e que ela ficava vagando sozinha pelo casarão, sem outra companhia senão os tênues fantasmas sem brilho que deambulavam pelos corredores. Jaime sugeriu que a transferissem para o quarto de Blanca, a fim de que se sentisse mais tranquila. Desde que começou a compartilhar o quarto com a mãe, esperava com secreta impaciência o momento de se deitar. Encolhida entre os lençóis, seguia-a com os olhos na rotina de acabar o dia e enfiar-se na cama. Blanca limpava o rosto com Creme do Harém, uma pasta oleosa e rosada com perfume de rosas, que tinha fama de fazer milagres na pele feminina, e escovava cem vezes seu longo cabelo castanho que começava a tingir-se com algumas cãs, invisíveis para todos, menos para ela. Era propensa a resfriados; por isso, no inverno e no verão dormia com batas de lã que ela mesma tecia em seus momentos livres. Quando chovia, cobria as mãos com luvas, para atenuar o frio polar que havia invadido seus ossos devido à umidade da argila e que todas as injeções de Jaime e a acupuntura chinesa de Nicolás não haviam conseguido curar. Alba observava-a ir e vir pelo quarto, com seu camisão de noviça flutuando em volta de seu corpo, o cabelo liberado do coque, envolta na suave fragrância da roupa limpa e do Creme do Harém, perdida num monólogo incoerente, em que se misturavam as queixas a respeito do preço da hortaliça, o inventário de seus múltiplos males, o cansaço de ter nas costas o peso da casa e suas fantasias poéticas com Pedro Terceiro García, que ela imaginava em meio às nuvens do entardecer ou recordava nos dourados trigais de Las Tres Marías. Terminado seu ritual, Blanca enfiava-se em seu leito e apagava a luz. No estreito espaço que as separava, segurava a mão da filha e contava-lhe as histórias dos livros mágicos dos baús encantados do tio-bisavô Marcos, que sua péssima memória transformava em novas histórias. Foi assim que Alba tomou conhecimento de um príncipe que dormiu cem anos, de donzelas que lutavam corpo a corpo com os dragões, de um lobo perdido no bosque que uma menina estripou sem nenhuma razão. Quando Alba queria ouvir novamente essas truculências, Blanca não conseguia repeti-las, porque já as esquecera, diante do que a menina adquiriu o hábito de escrevê-las. Depois, passou a anotar também as coisas que lhe pareciam importantes, como fizera sua avó Clara.

As obras do mausoléu começaram pouco tempo depois da morte de Clara, mas se arrastaram por quase dois anos, porque fui acrescentando novos e dispendiosos detalhes: lápides com letras góticas em ouro, uma cúpula de cristal para permitir que o sol entrasse e um engenhoso mecanismo copiado das fontes romanas, que possibilitava irrigar, de forma constante e regrada, um minúsculo jardim interno, onde mandei plantar rosas e camélias, as flores preferidas das irmãs que tinham ocupado meu coração. As estátuas foram um problema. Rejeitei vários desenhos, porque não queria tolos anjos normais, mas sim que reproduzissem os retratos de Rosa e de Clara com seus rostos, suas mãos e seus tamanhos reais. Um escultor uruguaio dispôs-se a fazê-los, e as estátuas finalmente ficaram como eu as queria. Quando tudo estava pronto, encontrei-me diante de um obstáculo inesperado: não pude transportar Rosa para o novo mausoléu, porque a família del Valle se opôs. Tentei convencê-los com toda espécie de argumentos, com presentes e pressões, fazendo valer até o poder político, mas foi inútil. Meus cunhados mantiveram-se inflexíveis. Suponho que tinham tomado ciência do assunto da cabeça de Nívea e estavam ofendidos comigo por tê-la tido no sótão durante todo aquele tempo. Em face de sua casmurrice, chamei Jaime e disse-lhe que se preparasse para me acompanhar ao cemitério, a fim de roubarmos o cadáver de Rosa. Não demonstrou nenhuma surpresa.

— Se não pôde ser por bem, será por mal — expliquei a meu filho.

Como é habitual nesses casos, fomos à noite e subornamos o guarda, como eu fizera havia tanto tempo, para ficar com Rosa na primeira noite que ela passou ali. Entramos com nossas ferramentas pela avenida dos ciprestes, procuramos o jazigo da família del Valle e demo-nos ao lúgubre trabalho de abri-lo. Deslocamos cuidadosamente a lápide que guardava o descanso de Rosa e tentamos tirar do nicho o ataúde branco, que, no entanto, era muito mais pesado do que supúnhamos, de modo que tivemos de pedir ao guarda para nos ajudar. Trabalhamos com dificuldade no estreito recinto, esbarrando-nos em nossas ferramentas, mal iluminados por uma lanterna de carboneto. Depois voltamos a colocar a lápide no nicho, para que ninguém suspeitasse de que estava vazio. Terminamos suados. Jaime tivera a precaução de levar um cantil com aguardente, e pudemos beber um trago para dar-nos ânimo. Apesar de nenhum de nós ser supersticioso, aquela necrópole de cruzeiros, cúpulas e lápides nos abalava os nervos. Sentei-me nos degraus do jazigo para recuperar o fôlego e pensei que de fato já não era mais um jovem, pois mover um caixão fizera-me perder o ritmo do coração e ver pontinhos brilhantes na escuridão. Fechei os olhos e recordei-me de Rosa, de seu rosto perfeito, sua pele de leite, seu oceânico cabelo de sereia, seus olhos de mel que causavam tumultos, suas mãos entrelaçadas com o rosário de

madrepérola e sua coroa de noiva. Suspirei, evocando aquela belíssima virgem que me escapara das mãos e que estivera ali, esperando todos aqueles anos que eu fosse buscá-la e a levasse para o lugar em que deveria estar.

— Filho, vamos abrir isto. Quero ver Rosa — disse a Jaime.

Não tentou dissuadir-me, porque conhecia muito bem meu tom de voz quando a decisão era irrevogável. Ajeitamos a luz da lanterna, ele afrouxou com paciência os parafusos de bronze que o tempo escurecera, e pudemos levantar a tampa, que pesava como se fosse de chumbo. À luz branca do carboneto, vi Rosa, a bela, com seus adornos de noiva, seu cabelo verde, sua imperturbável beleza, tal como a vira muitos anos antes, deitada em seu féretro branco sobre a mesa da sala de jantar de meus sogros. Fiquei olhando-a, fascinado, sem estranhar que o tempo não a tivesse atingido, porque era a mesma de meus sonhos. Inclinei-me e, através do vidro que cobria seu rosto, depus um beijo nos lábios pálidos da eterna amada. Nesse momento, uma brisa ergueu-se em meio aos ciprestes, entrou à traição por alguma fenda do caixão, que, até então, tinha permanecido hermético, e, num instante, a noiva imutável desfez-se, como por encanto, desintegrando-se num pó tênue e cinzento. Quando levantei a cabeça e abri os olhos, com o beijo frio ainda nos lábios, lá não mais se encontrava Rosa, a bela. Em seu lugar, havia uma caveira com as órbitas vazias, umas tiras de pele cor de marfim grudadas nos molares e umas mechas de crina bolorenta na nuca.

Jaime e o guarda fecharam a tampa precipitadamente, colocaram Rosa numa carreta e levaram-na para o lugar que lhe estava reservado junto de Clara, no mausoléu cor de salmão. Fiquei sentado sobre uma campa na avenida dos ciprestes, olhando a lua.

“Férula tinha razão”, pensei. “Fiquei sozinho, e meu corpo e minha alma estão mirrando. Só me falta morrer como um cão.”

O senador Trueba lutava contra seus inimigos políticos, que dia após dia avançavam na conquista do poder. Enquanto outros dirigentes do Partido Conservador engordavam, envelheciam e perdiam tempo em intermináveis discussões bizantinas, ele se dedicava a trabalhar, estudar e percorrer o país de norte a sul, numa incessante campanha pessoal, desconsiderando o peso dos anos e o surdo ranger dos ossos. Reelegiam-no senador a cada eleição parlamentar, mas ele não estava interessado em poder, riqueza ou prestígio. Sua obsessão era destruir o que ele denominava “câncer marxista”, que pouco a pouco se infiltrava no povo.

— Levanta-se uma pedra, e aparece um comunista! — dizia.

Ninguém mais acreditava nele. Nem os próprios comunistas. Zombavam dele por seus repentinos de mau humor, a aparência de

corvo enlutado, a anacrônica bengala e os prognósticos apocalípticos. Quando brandia diante de seus narizes as estatísticas e os resultados reais das últimas votações, seus correligionários temiam que fossem caduquices de velho.

— No dia em que não pudermos pôr a mão nas urnas antes que contem os votos, vamos todos para o caralho! — assegurava-lhes Trueba.

— Em lugar nenhum os marxistas ganharam por votação popular. É necessário pelo menos uma revolução, e neste país essas coisas não acontecem — respondiam-lhe.

— Até que comecem a acontecer — alegava Trueba, frenético.

— Acalme-se, homem. Não vamos permitir que isso aconteça — consolavam-no. — O marxismo não tem a mínima possibilidade na América Latina. Não vê que não contempla o lado mágico das coisas? É uma doutrina ateia, prática e funcional. Não pode ter êxito aqui!

Nem o próprio coronel Hurtado, que via inimigos da pátria por todos os lados, considerava os comunistas um perigo. Fez-lhe ver mais de uma vez que o Partido Comunista era composto de quatro pobres-diabos que nada significavam estatisticamente e que se regiam por ordens de Moscou, com uma beatice digna de uma causa melhor.

— Moscou fica onde o diabo perdeu as botas, Esteban. Lá, eles não têm ideia do que se passa neste país — dizia-lhe o coronel Hurtado. — Não lhes interessam absolutamente as condições de nosso país, e a prova é que andam mais perdidos do que Chapeuzinho Vermelho. Há pouco tempo publicaram um manifesto exortando os camponeses, os marinheiros e os nativos a participar do primeiro soviete nacional, o que, sob todos os pontos de vista, é uma palhaçada. Como podem os camponeses saber o que é um soviete! E os marinheiros? Estão sempre em alto-mar e se interessam muito mais pelos bordéis de outros portos do que pela política. E os indígenas! Restam-nos uns duzentos ao todo. Não creio que tenham sobrevivido muitos mais aos massacres do século passado, mas, se querem formar um soviete em suas reservas, é lá com eles — ironizava o coronel.

— Sim, mas, além dos comunistas, há os socialistas, os radicais e outros grupelhos! São todos mais ou menos a mesma coisa — respondia Trueba.

No entender do senador Trueba, todos os partidos políticos, exceto o seu, eram potencialmente marxistas, e não era possível distinguir nitidamente a ideologia de uns e de outros. Não hesitava em expor sua posição em público sempre que surgia uma oportunidade; por isso, para todos, à exceção de seus correligionários, o senador Trueba passou a ser uma espécie de louco reacionário e oligarca, meramente pitoresco. O Partido Conservador tinha de freá-lo, no sentido de controlar sua língua, para que não os expusesse a todos. Era o

furibundo paladino, disposto a travar combate em todos os foros, nos círculos da imprensa, nas universidades; onde ninguém mais se atrevia a aparecer, lá estava ele, inalterável, com seu terno preto, sua melena de leão e sua bengala de prata. Era alvo dos caricaturistas, que, de tanto o escarnecerem, conseguiram torná-lo popular, a ponto de arrasar em todas as eleições, beneficiado pelos votos dos conservadores. Era fanático, violento e antiquado, mas representava melhor do que ninguém os valores da família, da tradição, da propriedade e da ordem. Todo mundo o reconhecia na rua, inventavam-se piadas à sua custa, e corriam de boca em boca histórias a ele atribuídas. Dizia-se que, por ocasião de seu ataque cardíaco, quando seu filho se despiu diante do Congresso, o presidente da República o teria chamado a seu gabinete para lhe oferecer a embaixada da Suíça, onde poderia ter um cargo apropriado à sua idade e que lhe permitisse restabelecer a saúde, ao que o senador Trueba teria respondido com um murro na secretária do primeiro mandatário, derrubando a bandeira nacional e o busto do Pai da Pátria.

— Daqui não saio nem morto, Excelência — rugira. — Porque basta eu me descuidar, e os marxistas tiram-lhe a cadeira em que está sentado.

Foi seu o talento de denominar pioneiramente a esquerda de “inimiga da democracia”, sem suspeitar de que, anos depois, esse seria o lema da ditadura. Na luta política ocupava quase todo o seu tempo e boa parte de sua fortuna, que, ele percebeu, apesar de estar sempre tramando novos negócios, parecia minguar desde a morte de Clara; entretanto, não se alarmou, supondo que, na ordem natural das coisas, estava o fato irrefutável de que em sua vida ela fora um sopro de boa sorte, mas que não poderia continuar a beneficiá-lo após a sua morte. Além disso, calculou que o que possuía lhe permitiria manter-se como um homem rico pelo tempo que lhe restava neste mundo. Sentia-se velho, tinha a ideia de que nenhum de seus três filhos merecia sua herança e que deixaria sua neta amparada com Las Tres Marías, apesar de o campo já não ser mais tão próspero quanto antes. Graças às novas estradas e aos automóveis, o que antes era um safári de trem reduzira-se a apenas seis horas da capital a Las Tres Marías, mas ele estava sempre ocupado e nunca achava tempo de fazer a viagem. Chamava de vez em quando o administrador para lhe prestar contas, mas essas visitas deixavam-no com a ressaca do mau humor por vários dias. Seu administrador era um homem derrotado por seu próprio pessimismo. Suas notícias eram uma série de circunstâncias infelizes: as geadas tinham queimado os morangos, as galinhas haviam contraído gosma, a uva empesteara. Assim, o campo, que tinha sido a fonte de sua riqueza, chegou a ser um fardo, e o senador Trueba teve

muitas vezes de tirar dinheiro de outros negócios para sustentar aquela terra insaciável, que parecia ter vontade de voltar aos tempos do abandono, antes de ele tê-la resgatado da miséria.

— Tenho que ir botar ordem naquilo. Ali faz falta o olho do dono — murmurava.

— As coisas estão muito agitadas no campo, patrão — advertiu-o muitas vezes o administrador. — Os camponeses estão exaltados. A cada dia fazem novas exigências. Parece que querem viver como os patrões. O melhor é vender a propriedade.

Trueba, porém, não queria ouvir falar em vender. “A terra é a única coisa que fica quando o resto se acaba”, repetia ele o que dizia quando tinha 25 anos e sua mãe e sua irmã o pressionavam pelo mesmo motivo. Com o peso da idade e o trabalho político, contudo, Las Tres Marías, como muitas outras coisas que antes lhe pareciam fundamentais, deixara de lhe interessar, restando-lhe apenas o valor simbólico.

O administrador tinha razão: as coisas estavam muito agitadas naqueles anos. Era o que apregoava a aveludada voz de Pedro Terceiro García, que, graças ao milagre do rádio, chegava aos lugares mais afastados do país. Aos trinta e tantos anos, continuava a ter o aspecto de um rude camponês, por uma questão de estilo, já que o conhecimento da vida e o êxito lhe haviam suavizado as asperezas e afinado as ideias. Usava uma barba de montanhês e uma cabeleira de profeta, que ele mesmo aparava, sem espelho, com a navalha que fora de seu pai, adiantando-se em vários anos à moda que mais tarde faria furor entre os cantores de protesto. Vestia-se com calças de tecido rústico, alpargatas artesanais e, no inverno, um poncho de lã crua. Era seu traje de batalha. Apresentava-se assim nos palcos e aparecia dessa forma nas capas dos discos. Desiludido com as organizações políticas, acabou por destilar três ou quatro ideias primárias com as quais montou sua filosofia. Era um anarquista. Das galinhas e raposas, evoluiu para o canto da vida, da amizade, do amor e também da revolução. Sua música era muito popular, e só alguém tão cabeçudo quanto o senador Trueba pôde ignorar sua existência. O velho proibira o uso do rádio em sua casa para evitar que sua neta ouvisse as comédias e as novelas em que as mães perdem os filhos e os recuperam anos depois, bem como para evitar a possibilidade de que as canções subversivas de seu inimigo lhe perturbassem a digestão. Em seu quarto, havia um rádio moderno, mas as notícias eram as únicas coisas que ouvia. Não suspeitava de que Pedro Terceiro García fosse o melhor amigo de seu filho Jaime nem de que se encontrasse com Blanca cada vez que ela saía com sua maleta de palhaço, gaguejando pretextos. Tampouco sabia que, em alguns domingos ensolarados, ele subia as colinas com Alba e se sentava lá em cima com ela,

observando a cidade e comendo pão com queijo, nem que, antes de rolarem ladeiras abaixo, gargalhando como cães felizes, ele lhe falava a respeito dos pobres, dos oprimidos, dos desesperados e de outros assuntos que Trueba preferia que sua neta ignorasse.

Pedro Terceiro via Alba crescer e procurou estar perto dela, mas não chegou a considerá-la realmente sua filha, porque nesse ponto Blanca foi inflexível. Argumentava que Alba tivera de suportar muitos sobressaltos e era um milagre que fosse uma criança relativamente normal; por isso não havia necessidade de mais uma vez confundi-la a respeito de sua origem. Era melhor que continuasse a acreditar na versão oficial, e, por outro lado, não queria correr o risco de ela falar a respeito do assunto com seu avô, provocando uma catástrofe. De qualquer maneira, o espírito livre e contestador da menina agradava a Pedro Terceiro.

— Se não é minha filha, merece sê-lo — dizia, orgulhoso.

Durante todos aqueles anos, Pedro Terceiro nunca se habituou à sua vida de solteiro, apesar de seu êxito com as mulheres, especialmente as adolescentes esplendorosas, que os queixumes de seu violão incendiavam de amor. Algumas se introduziam à força em sua vida. Ele necessitava do frescor desses amores. Procurava fazê-las felizes durante um brevíssimo tempo, mas, desde o primeiro instante de ilusão, começava a despedir-se, até que finalmente as abandonava com delicadeza. Frequentemente, quando tinha uma delas em sua cama, suspirando adormecida a seu lado, fechava os olhos e pensava em Blanca, em seu amplo corpo maduro, em seus seios fartos e mornos, nas rugas finas de sua boca, nas sombras de seus olhos árabes, e sentia um grito oprimindo-lhe o peito. Tentou ficar junto de outras mulheres, percorreu muitos caminhos e muitos corpos para se afastar dela, mas no momento mais íntimo, no ponto preciso da solidão e do presságio da morte, Blanca era sempre a única. Na manhã seguinte, começava o suave processo de se desligar da nova namorada e, logo que se encontrava livre, regressava para Blanca, mais magro, com mais olheiras, mais culpado, com uma nova canção no violão e outras inesgotáveis carícias para ela.

Blanca, por seu lado, acostumara-se a viver sozinha. Conseguira encontrar paz nos afazeres do casarão da esquina, em sua oficina de cerâmica e em seus presépios de animais inventados, nos quais os únicos seres que correspondiam às leis da biologia eram os membros da Sagrada Família, perdidos em meio a uma multidão de monstros. O único homem de sua vida era Pedro Terceiro, porque tinha vocação para um só amor. A força desse sentimento imutável salvou-a da mediocridade e da tristeza de seu destino. Permanecia fiel mesmo nos momentos em que ele se perdia atrás de algumas ninfas de cabelo escorrido e ossos grandes, sem o amar menos por isso. A princípio,

acreditava morrer cada vez que ele se afastava, mas logo se deu conta de que suas ausências duravam o tempo de um suspiro e que, invariavelmente, ele regressava mais apaixonado e mais meigo. Blanca preferia aqueles furtivos encontros com seu amante em hospedarias à rotina de uma vida em comum, ao cansaço de um casamento e ao pesadelo de envelhecer juntos, compartilhando as penúrias do final do mês, o mau hálito da boca ao acordar, o tédio dos domingos e os achaques da idade. Era uma romântica incurável. Algumas vezes quase sucumbiu à tentação de pegar sua maleta de palhaço e o que restava das joias da meia de lã, e ir com sua filha viver com ele, mas sempre se acovardava. Talvez temesse que aquele grandioso amor, que a tantas provações resistira, não sobrevivesse à mais terrível de todas: a convivência. Alba estava crescendo muito rapidamente, e Blanca compreendia que não teria por muito tempo o bom pretexto de velar por sua filha para resistir às exigências de seu amante, mas preferia sempre adiar a decisão. Na verdade, tanto quanto temia a rotina, horrorizava-a o estilo de vida de Pedro Terceiro, seu modesto casebre de tábuas e folhas de zinco numa vila operária, em meio a centenas de outros, tão pobres quanto o seu, com chão de terra batida, sem água e com apenas uma lâmpada pendurada no teto. Por Blanca, ele saiu da vila e mudou-se para um apartamento no Centro, ascendendo assim, sem a isso se propor, a uma classe média a que nunca teve aspirações de pertencer. Isso tampouco foi suficiente para Blanca. O apartamento pareceu-lhe sórdido, escuro, estreito, e o edifício, promíscuo. Afirmava que não poderia permitir que Alba crescesse ali, brincando com outras crianças na rua e nas escadas, educando-se numa escola pública. Assim passou sua juventude e entrou na maturidade, conformada com o fato de que seus únicos momentos de prazer eram quando saía, dissimuladamente, com sua melhor roupa, seu perfume e as combinações de puta que cativavam Pedro Terceiro e que ela escondia, corada de vergonha, no mais secreto de seu guarda-roupas, pensando nas explicações que teria de dar se alguém as descobrisse. Aquela mulher prática e terrena para todos os aspectos da existência sublimou sua paixão de infância, vivendo-a tragicamente. Alimentou-a de fantasias, idealizou-a, defendeu-a com orgulho, depurou-a das verdades prosaicas e pôde transformá-la num amor de novela.

Alba, por sua vez, aprendeu a não mencionar Pedro Terceiro García, porque conhecia o efeito que aquele nome provocava na família. Intuíra que algo muito grave envolvera seu avô e o homem dos dedos cortados que beijava sua mãe na boca, mas todos, até o próprio Pedro Terceiro, respondiam às suas perguntas com evasivas. Na intimidade do quarto, às vezes Blanca contava-lhe histórias a seu respeito e ensinava-lhe suas canções, com a recomendação de que não as cantarolasse em casa. Não lhe contou, porém, que ele era seu pai, e

até ela parecia ter-se esquecido disso. Recordava o passado como uma sucessão de violências, abandonos e tristezas, e não estava segura de que as coisas tivessem sido como pensava. Desvaneceram-se o episódio das múmias, os retratos e o imberbe nativo com sapatos Luís XV, que lhe determinaram a fuga da casa do marido. Tantas vezes repetiu a história de que o conde morrera de febre no deserto que chegou a acreditar nela. Anos depois, no dia em que a filha lhe anunciou que o cadáver de Jean de Satigny jazia na geladeira do necrotério, não se alegrou, porque fazia muito tempo que se sentia viúva. Também não tentou justificar sua mentira. Tirou do armário seu *tailleur* preto, prendeu com grampos seu coque e acompanhou Alba ao enterro do francês no Cemitério Geral, numa sepultura do município, destinada a indigentes, porque o senador Trueba negou-se a ceder-lhe um lugar em seu mausoléu cor de salmão. Mãe e filha caminharam sozinhas atrás do caixão negro que puderam comprar graças à generosidade de Jaime. Sentiam-se um pouco ridículas naquele abafado meio-dia estival, com um ramo de flores murchas nas mãos e nenhuma lágrima para o cadáver solitário que iam enterrar.

— Vejo que meu pai não tinha sequer amigos — comentou Alba.

Nem nessa ocasião Blanca revelou a verdade à sua filha.

Depois que tive Clara e Rosa instaladas em meu mausoléu, senti-me um pouco mais tranquilo, porque sabia que, mais cedo ou mais tarde, estaríamos os três reunidos ali, perto de outros seres queridos, como minha mãe, a Nana e até Férula, que espero ter-me perdoado. Não imaginei que viveria tanto como tenho vivido e que elas teriam de esperar tanto tempo por mim.

O quarto de Clara permaneceu trancado à chave. Não queria que ninguém entrasse, para que não mexessem em nada e eu pudesse encontrar seu espírito ali presente sempre que o desejasse. Comecei a ter insônias, o mal de todos os velhos. Durante a noite, deambulava pela casa, sem conseguir adormecer, arrastando os chinelos, agora grandes para meus pés, envolto no velho roupão cor de vinho, que ainda guardo por razões sentimentais, resmungando contra o destino, como um ancião acabado. Com a luz do sol, no entanto, recuperava o desejo de viver. Aparecia à hora do desjejum com a camisa engomada e meu terno de luto, barbeado e tranquilo, lia o jornal na companhia de minha neta, punha em dia meus assuntos de negócios e a correspondência, e saía logo depois pelo resto do dia. Deixei de comer em casa, até nos sábados e domingos, porque, sem a presença catalisadora de Clara, não havia nenhuma razão para suportar as discussões com meus filhos.

Meus únicos dois amigos procuravam tirar-me o luto da alma. Almoçavam comigo, jogávamos golfe, desafiavam-me no dominó.

Discutia com eles meus negócios, falava-lhes a respeito de política e, às vezes, da família. Uma tarde em que me viram mais animado, convidaram-me para ir ao Cristóbal Colón, com a esperança de que uma mulher complacente me fizesse recuperar o bom humor. Nenhum de nós três tinha idade para essas aventuras, mas bebemos duas doses e partimos.

Havia estado no Cristóbal Colón fazia alguns anos, mas quase o tinha esquecido. Nos últimos tempos, o hotel adquirira prestígio turístico, e os provincianos viajavam até a capital só para visitá-lo e depois contar aos amigos. Chegamos ao antiquado casarão, que por fora se mantinha igual havia muitos anos. Recebeu-nos um porteiro, que nos levou ao salão principal, onde eu me lembrava de ter estado antes, na época da matrona francesa ou, melhor, com sotaque francês. Uma mocinha, vestida como estudante, ofereceu-nos um copo de vinho por conta da casa. Um de meus amigos tentou agarrá-la pela cintura, mas ela o advertiu de que pertencia ao pessoal de serviço e informou que deveríamos esperar as profissionais. Momentos depois, abriu-se uma cortina e apareceu uma visão das antigas cortes árabes: um negro enorme, tão negro que parecia azul, com os músculos oleados, vestindo bombacha de seda cor de cenoura, colete, turbante de lamê roxo, babuchas de turco e um anel de ouro preso no nariz. Quando sorrii, vimos que tinha todos os dentes de chumbo. Apresentou-se como Mustafá e nos entregou um álbum de fotos, para que escolhêssemos a mercadoria. Pela primeira vez em muito tempo, ri com vontade, porque a ideia de um catálogo de prostitutas me pareceu muito divertida. Folheamos o álbum, que reunia mulheres gordas, magras, de cabelo comprido, de cabelo curto, vestidas como ninfas, como amazonas, como noviças, como cortesãs, sem que me fosse possível escolher uma, porque todas tinham a expressão pisada de flores de banquete. As últimas três páginas do álbum tinham sido destinadas a rapazes com túnicas gregas e coroas de louro, posando em meio a falsas ruínas helênicas, com suas nádegas gorduchas e suas pálpebras de grossas pestanas, repugnantes. Eu jamais vira de perto um pederasta confesso, exceto Carmelo, o que se vestia de japonesa no Farolito Rojo; por isso, espantou-me o fato de um de meus amigos, pai de família e corretor da Bolsa de Comércio, escolher um daqueles adolescentes rabudos das fotos. O rapaz surgiu como por arte de magia por detrás das cortinas e levou meu amigo pela mão, entre risinhos e saracoteios femininos. Meu outro amigo preferiu uma gordíssima odalisca, com quem duvido que tenha podido realizar alguma proeza, devido à sua idade avançada e ao seu frágil esqueleto, mas, em todo caso, saiu com ela, também tragados pela cortina.

— Vejo que o senhor custa a se decidir — observou Mustafá cordialmente. — Permita-me oferecer-lhe o melhor da casa. Vou

apresentá-lo a Afrodite.

E entrou Afrodite no salão, com três camadas de cachos na cabeça mal coberta por tules drapeados e uvas artificiais descendo-lhe do ombro até os joelhos. Era Tránsito Soto, que adquirira definitivamente um aspecto mitológico, apesar das uvas de mau gosto e dos tules de circo.

— Alegro-me por vê-lo, patrão — saudou-me.

Transpôs comigo a cortina, e alcançamos um pequeno pátio interno, o coração daquela construção labiríntica. O Cristóbal Colón era formado por duas ou três casas antigas, estrategicamente unidas por pátios traseiros, corredores e pontes feitos com esse objetivo. Tránsito Soto levou-me para um quarto anódino, mas limpo, cuja única extravagância eram uns afrescos eróticos, mal copiados dos de Pompeia, que algum pintor medíocre reproduzira nas paredes, e uma banheira grande, antiga, um pouco oxidada, com água corrente. Assobie, admirado.

— Fizemos algumas mudanças na decoração — justificou a mulher.

Tránsito despiu-se das uvas e dos tules, e voltou a ser a mulher que eu recordava, apenas mais apetitosa e menos vulnerável, mas com a mesma expressão ambiciosa nos olhos que me cativara quando a conheci. Contou-me sobre a cooperativa de prostitutas e pederastas, que era um sucesso. Juntos, haviam erguido o Cristóbal Colón da ruína em que o deixava a falsa *madame* francesa de antigamente e trabalhado para transformá-lo num acontecimento social e num monumento histórico, que andava na boca de marinheiros dos mais remotos mares. Os figurinos eram a maior contribuição para o êxito, porque mexiam com a fantasia erótica dos clientes, bem como o catálogo de putas, que haviam reproduzido e distribuído em algumas províncias, a fim de despertar nos homens o desejo de conhecer um dia o famoso bordel.

— É bastante desagradável andar com estes trapos e estas uvas falsas, patrão, mas os homens gostam. Saem daqui contando tudo lá fora, e isso atrai outros clientes. Vamos muito bem, temos um bom negócio, e ninguém aqui se sente explorado; somos todos sócios. Esta é a única casa de putas do país que tem seu próprio negro autêntico. Outros que você vê por aí são pintados; Mustafá, porém, mesmo que o esfregue com lixa, fica sempre negro. E o lugar é limpo. Aqui pode-se beber água da privada porque faxinamos até o inimaginável e estamos todos controlados pela Saúde Pública. Não há doenças venéreas.

Tránsito retirou o último véu, e sua magnífica nudez esmagou-me a tal ponto que senti imediatamente um cansaço mortal. Tinha o coração oprimido pela tristeza, e o sexo flácido como uma flor murcha e perdida entre as pernas.

— Ai, Tránsito! Creio que estou muito velho para isso — balbuciei.

Tránsito Soto, porém, começou a ondular a serpente tatuada em torno de seu umbigo, hipnotizando-me com o suave contorno de seu ventre, enquanto arrulhava sua voz de pássaro rouco, falando sobre os benefícios da cooperativa e as vantagens do catálogo. Tive de rir, apesar de tudo, e, pouco a pouco, percebi que meu próprio riso era um bálsamo. Com o dedo, tentei seguir o contorno da serpente, que, entretanto, deslizou, ziguezagueando. Encantou-me a constatação de que aquela mulher, que não estava na primeira nem na segunda juventude, tivesse a pele tão firme e os músculos tão duros, capazes de mover aquele réptil como se ele tivesse vida própria. Inclinei-me para lhe beijar a tatuagem e comprovei, satisfeito, que não estava perfumada. O odor cálido e natural de seu ventre entrou-me pelas narinas e invadiu-me por completo, despertando em meu sangue um calor que eu julgava arrefecido. Sem parar de falar, Tránsito abriu as pernas, separando as suaves colunas de suas coxas, num gesto casual, como se ajeitasse a postura. Comecei a percorrê-la com os lábios, aspirando, explorando, lambendo, até que esqueci o luto e o peso dos anos, e o desejo voltou-me com a força de outros tempos e, sem deixar de acariciá-la e beijá-la, fui arrancando minha roupa, com desespero, comprovando, feliz, a firmeza de minha masculinidade, enquanto me afundava no animal quente e misericordioso que se me oferecia, arrulhando sua voz de pássaro rouco, enlaçado pelos braços da deusa, sacudido pela força daquelas ancas, até perder a noção das coisas e explodir em gozo.

Depois descansamos na banheira de água morna, até que a alma me voltou ao corpo e eu me senti quase curado. Por um instante, alimentei a fantasia de que Tránsito Soto era a mulher de que eu sempre tinha necessitado e que, a seu lado, poderia voltar à época em que era capaz de levantar do chão uma robusta camponesa, aninhá-la na garupa de meu cavalo e levá-la para os matagais à sua revelia.

— Clara... — murmurei sem pensar e, então, senti que me caía uma lágrima pela face e logo outra, e outra mais, até que foi uma torrente de pranto, um tumulto de soluços, um sufocar de nostalgias e tristezas, que Tránsito Soto reconheceu sem dificuldade, porque tinha uma grande experiência com as tristezas dos homens. Deixou-me chorar todas as misérias e a solidão dos últimos anos, e depois me tirou da banheira com cuidados de mãe, secou-me, fez-me massagens até eu relaxar como um pão embebido e cobriu-me quando fechei os olhos na cama. Beijou-me na testa e saiu na ponta dos pés.

— Quem será Clara? — ouvi-a murmurar ao sair.

Capítulo XI

O Despertar

Por volta dos 18 anos, Alba definitivamente abandonou a infância. No exato momento em que se sentiu mulher, fechou-se em seu antigo quarto, onde ainda estava o mural que começara muitos anos antes. Procurou nos velhos potes de pintura até encontrar um pouco de tinta vermelha e alguma branca ainda frescas, misturou-as com cuidado e começou a pintar um grande coração rosado no último espaço livre das paredes. Estava apaixonada. Depois jogou no lixo os potes e os pincéis, e sentou-se durante um bom tempo para contemplar os desenhos, revendo a história de suas tristezas e alegrias. Concluiu que tinha sido feliz e, com um suspiro, despediu-se da meninice.

Naquele ano, muitas coisas mudaram em sua vida. Terminou o colegial e decidiu estudar filosofia, por gosto pessoal, e música, para contrariar o avô, que considerava a arte uma perda de tempo e apregoava incansavelmente as vantagens das profissões liberais ou científicas. Ele também a prevenia contra o amor e o casamento, afirmando as mesmas tolices com que insistia para que Jaime procurasse uma noiva decente e se casasse, porque estava se tornando um solteirão. Afirmava ser bom para os homens ter uma mulher e que, ao contrário, as mulheres como Alba só saíam perdendo com o casamento. Os discursos do avô evaporaram-se quando Alba viu pela primeira vez Miguel, numa inesquecível tarde chuvosa e fria, no café da universidade.

Miguel era um estudante pálido, de olhos febris, calças desbotadas e botas de mineiro, do último ano de Direito. Era dirigente esquerdista. Estava inflamado pela paixão mais incontável: buscar justiça. Isso, contudo, não o impediu de notar que Alba o observava. Ergueu seu olhar e encontrou o dela. Fixaram-se, deslumbrados, e a partir daquele momento se proporcionaram todas as oportunidades de se encontrar nas alamedas do parque, por onde passeavam, carregados de livros ou arrastando o pesado violoncelo de Alba. Desde o primeiro

encontro, viu que ele usava uma pequena insígnia na manga: uma mão erguida, com o punho cerrado. Resolveu não lhe contar que era neta de Esteban Trueba e, pela primeira vez na vida, usou o sobrenome que constava de sua carteira de identidade: Satigny. Logo também se deu conta de que era melhor também não dizer a seus demais colegas. Em troca, pôde gabar-se de ser amiga de Pedro Terceiro García, muito popular em meio aos estudantes, e do Poeta, em cujos joelhos se sentara quando menina e que naquela época era conhecido em todos os idiomas, com seus versos frequentando a boca dos jovens e as pichações dos muros.

Miguel falava em revolução. Dizia que à violência do sistema havia que se opor a violência da revolução. Alba, no entanto, não tinha nenhum interesse pela política e só queria falar em amor. Estava farta de ouvir os discursos do avô, assistir a suas discussões com seu tio Jaime e viver as campanhas eleitorais. A única participação política de sua vida tinha sido sair com outros estudantes para apedrejar a Embaixada dos Estados Unidos, sem ter motivos muito claros para isso, em consequência do que a suspenderam do colégio por uma semana e seu avô quase sofreu outro infarto. Na universidade, porém, a política era inevitável. Como todos os jovens que entraram naquele ano, descobriu o fascínio das noites insones num café, discutindo a respeito das mudanças de que o mundo necessitava e contagiando uns aos outros com a paixão das ideias. Voltava para casa já tarde da noite com a boca amarga e a roupa impregnada do cheiro rançoso de cigarro, a cabeça quente de heroísmos, certa de que, chegado o momento, seria capaz de dar sua vida por uma causa justa. Por amor a Miguel, e não por convicção ideológica, Alba entrincheirou-se na universidade junto com os estudantes que tomaram o edifício em apoio a uma greve de trabalhadores. Foram dias de acampamento, de discursos inflamados, de gritar insultos à polícia do alto das janelas até ficar afônicos. Fizeram barricadas com sacos de terra e paralelepípedos arrancados do pátio principal, fecharam portas e janelas, com a intenção de transformar o prédio numa fortaleza, e o resultado foi a criação de uma masmorra, da qual era muito mais difícil para os estudantes sair do que para a polícia entrar. Foi a primeira vez que Alba passou a noite fora de sua casa, aconchegada nos braços de Miguel, em meio a pilhas de jornais e garrafas vazias de cerveja, na cálida promiscuidade dos companheiros, todos jovens, suados, com os olhos avermelhados pelo sono atrasado e pelo fumo, um pouco famintos e completamente sem medo, porque aquilo parecia mais uma brincadeira do que uma guerra. Passaram o primeiro dia tão ocupados, fazendo barricadas e mobilizando suas fracas defesas, pintando cartazes e falando ao telefone, que não tiveram tempo para se preocupar quando a polícia lhes cortou a água e a eletricidade.

Desde o primeiro momento, Miguel tornou-se o líder da ocupação, secundado pelo professor Sebastián Gómez, que, apesar de suas pernas paralisadas, se manteve com eles até o fim. Naquela noite, cantaram para estimular o ânimo e, quando se cansaram dos discursos, das discussões e dos cantos, acomodaram-se em grupos para passar a noite o melhor que pudessem. O último a descansar foi Miguel, que parecia ser o único a saber como agir. Encarregou-se da distribuição de água, juntando em recipientes até a que estava armazenada nos banheiros, improvisou uma cozinha e trouxe, não se sabe de onde, café instantâneo, biscoitos e algumas latas de cerveja. No dia seguinte, o fedor dos sanitários sem água era terrível, mas Miguel organizou a limpeza e ordenou que não os utilizassem: tinham de fazer suas necessidades no pátio, num buraco cavado ao lado da estátua de pedra do fundador da universidade. Miguel dividiu os rapazes em grupos e manteve-os o dia inteiro ocupados com tal habilidade que não se percebia sua autoridade. As decisões pareciam surgir espontaneamente dos grupos.

— Pelo visto, vamos ficar aqui vários meses! — comentou Alba, encantada com a ideia de estarem sitiados. Na rua, cercando o antigo edifício, os carros blindados da polícia foram estrategicamente colocados. Começou uma tensa espera, que se prolongaria por vários dias.

— Vão aderir os estudantes de todo o país, os sindicatos, as escolas profissionalizantes. Talvez o governo caia — opinou Sebastián Gómez.

— Não creio — respondeu Miguel. — De qualquer forma, o que importa é estabelecer o protesto e não sairmos daqui até ser assinado o documento de reivindicações dos trabalhadores.

Começou a chover suavemente, e logo se fez noite dentro do prédio sem luz. Acenderam alguns candeeiros improvisados com gasolina e mechas fumegantes em vasos. Alba supôs que também tivessem cortado o telefone, mas verificou que a linha funcionava. Miguel explicou que a polícia tinha interesse em saber o que eles diziam e preveniu-os a respeito das conversas. Alba, contudo, ligou para casa, a fim de avisar que ficaria junto com seus companheiros até a vitória final ou a morte, o que, tão logo o disse, soou-lhe falso. Seu avô arrancou o aparelho da mão de Blanca e, com a irada entonação que sua neta conhecia muito bem, disse-lhe que ela dispunha de uma hora para chegar em casa com uma explicação razoável para ter passado a noite fora. Alba respondeu-lhe que não podia sair e, mesmo que pudesse, não pensava em fazê-lo.

— Você não tem nada que fazer aí com esses comunistas! — gritou Esteban Trueba. Em seguida, porém, amaciou a voz e pediu-lhe que saísse antes que a polícia entrasse, porque sua posição lhe possibilitava saber que o governo não iria tolerá-los indefinidamente.

— Se não saírem por bem, o Grupo Móvel entrará para tirá-los a cacetadas — concluiu o senador.

Alba olhou por uma fresta da janela, lacrada com tábuas e sacos de terra, e viu os tanques alinhados na rua e uma fila dupla de homens em pé de guerra, com capacetes, cassetetes e máscaras. Compreendeu que seu avô não exagerara. Os outros também os tinham visto, e alguns tremiam. Alguém lembrou que havia um novo tipo de bombas, pior do que as lacrimogêneas, que provocava uma incontrollável caganeira, capaz de dissuadir o mais valente com a pestilência e o ridículo. Alba considerou a ideia aterradora. Precisou de um grande esforço para não chorar. Sentia pontadas no ventre e supôs que eram de medo. Miguel abraçou-a, mas isso não lhe serviu de consolo. Estavam os dois cansados e começavam a sentir a noite maldormida nos ossos e na alma.

— Não creio que se atrevam a entrar — ponderou Sebastián Gómez. — O governo já tem problemas suficientes. Não vai se meter conosco.

— Não seria a primeira vez que atacaria os estudantes — observou alguém.

— A opinião pública não permitirá — respondeu Gómez. — Estamos numa democracia. Isto não é uma ditadura e nunca será.

— Acreditamos sempre que essas coisas só acontecem em outros lugares — disse Miguel. — Até que aconteçam também conosco.

O resto da tarde transcorreu sem incidentes, e à noite todos estavam mais tranquilos, apesar do prolongado desconforto e da fome. Os tanques permaneciam parados a postos. Nos grandes corredores e nas salas de aula, os jovens jogavam a dinheiro ou cartas, descansavam estendidos no chão e preparavam armas defensivas com paus e pedras. A fadiga era perceptível em todos os rostos. Alba sentia cólicas cada vez mais fortes e pensou que, se as coisas não se resolvessem no dia seguinte, não teria outro remédio senão utilizar o buraco no pátio. Na rua, chovia sem parar, e a rotina da cidade continuava imperturbável. Aparentemente, ninguém se importava com mais uma greve de estudantes, e as pessoas passavam diante dos tanques sem parar para ler os cartazes que cobriam a fachada da universidade. Os vizinhos habituaram-se rapidamente à presença dos carabineiros armados, e, quando a chuva parou, as crianças saíram para jogar bola no estacionamento vazio que separava o edifício tomado pelos estudantes dos destacamentos policiais. Em alguns momentos, Alba experimentava a sensação de estar num barco à vela num mar parado, sem brisa, em uma eterna e silenciosa espera, imóvel, explorando o horizonte durante horas. A alegre camaradagem do primeiro dia transformara-se em irritação e constantes discussões à medida que o tempo passava e o desconforto aumentava. Miguel

inventariou todo o prédio e confiscou os víveres da cantina.

— Quando isso acabar, pagaremos tudo ao concessionário. É um trabalhador como qualquer outro — justificou.

Fazia frio. O único que não se queixava de nada, nem mesmo da sede, era Sebastián Gómez. Parecia tão incansável quanto Miguel, apesar de ter o dobro da idade e o aspecto de tuberculoso.

Fora o único professor que ficara ao lado dos estudantes quando tomaram o edifício. Dizia-se que suas pernas paralisadas eram consequência de uma rajada de metralhadora na Bolívia. Era o ideólogo que fazia arder em seus alunos a chama que a maioria viu apagar-se quando terminou a universidade e se incorporou ao mundo que, em sua primeira juventude, acreditara poder mudar. Era um homem pequeno, enxuto, de nariz aquilino e cabelo ralo, animado por um fogo interno que não lhe dava tréguas. A ele, Alba devia o apelido de Condessa, porque, no primeiro dia de aula, seu avô tivera a infeliz ideia de mandá-la à universidade em seu automóvel com motorista e o professor assistira à sua chegada. Embora apropriado, o apelido era casual, porque Gómez não teria como saber que, no caso improvável de ela querer fazer isso algum dia, poderia desenterrar o título de nobreza de Jean de Satigny, uma das poucas coisas autênticas do conde francês que lhe dera o sobrenome. Alba não se aborrecera com o irônico apelido; ao contrário, algumas vezes fantasiara a ideia de seduzir o esforçado professor. Sebastián Gómez, porém já encontrara muitas meninas como Alba e sabia detectar a mistura de compaixão e curiosidade que suas muletas provocavam, sustentando-lhe as pobres pernas de trapo.

Assim se passou todo o dia, sem que o Grupo Móvel movimentasse seus tanques e sem que o governo cedesse às reivindicações dos trabalhadores. Alba começou a perguntar-se que diabo estava fazendo naquele lugar, porque a dor no ventre começava a se tornar insuportável e a necessidade de tomar um banho com água corrente já a obcecava. Cada vez que olhava para a rua e via os carabineiros, sua boca salivava. Compreendia, então, que os treinamentos de seu tio Nicolás não eram tão eficazes nos momentos de ação como nos de ficção, com seus sofrimentos imaginários. Duas horas depois, Alba sentiu entre as pernas uma viscosidade morna e viu as calças manchadas de vermelho. Invadiu-a uma sensação de pânico. Durante aqueles dias o temor de que isso acontecesse a atormentara tanto quanto a fome. A mancha em suas calças era como uma bandeira. Não tentou disfarçá-la. Encolheu-se num canto, sentindo-se perdida. Quando era pequena, sua avó tinha-lhe ensinado que as coisas próprias da função humana são naturais e que poderia falar a respeito de menstruação como de poesia; porém, mais tarde, no colégio, aprendeu que todas as secreções do corpo, à exceção das lágrimas,

eram indecentes. Miguel, percebendo seu constrangimento e aflição, foi à improvisada enfermaria buscar um pacote de algodão e conseguiu alguns lenços, mas logo se deram conta de que aquilo não era suficiente, e, ao anoitecer, Alba chorava de humilhação e dor, assustada pelas tenazes em suas entranhas e por aquele jorro sangrento, que em nada se parecia com o de outros meses. Parecia-lhe que algo estava arrebetando dentro dela. Ana Díaz, uma estudante que, como Miguel, ostentava a insígnia do punho erguido, observou que aquilo só dói nas mulheres ricas, porque as proletárias não se queixam nem quando estão parindo, mas, ao ver que as calças de Alba eram um charco e que ela estava pálida como um moribundo, foi falar com Sebastián Gómez, que se declarou incapaz de resolver o problema.

— É isso que acontece quando as mulheres se metem em coisas de homens — gracejou.

— Não! Isso acontece quando burgueses se metem nas coisas do povo — respondeu a jovem, indignada.

Sebastián Gómez foi até o canto em que Miguel instalara Alba e escorregou para seu lado com dificuldade, por causa das muletas.

— Condessa, você tem que ir para casa. Aqui não vai contribuir em nada; pelo contrário, será um empecilho — disse-lhe.

Alba sentiu um vago alívio. Estava muito assustada, e aquela era uma saída honrosa, que lhe permitia voltar para casa sem que parecesse covardia. Argumentou um pouco com Sebastián Gómez para salvar sua honra, mas aceitou quase em seguida que Miguel saísse com uma bandeira branca para falar com os carabineiros. Todos o observaram pelas vigias enquanto atravessava o estacionamento vazio. Os carabineiros cerraram fileiras e ordenaram-lhe pelo alto-falante que parasse, deixasse a bandeira no chão e avançasse com as mãos na nuca.

— Isso parece uma guerra! — comentou Gómez.

Pouco depois, Miguel regressou e ajudou Alba a pôr-se de pé. A mesma jovem que criticara o choro de Alba segurou-a por um braço, e saíram os três do prédio, pulando as barricadas e os sacos de terra, iluminados pelos potentes refletores da polícia. Alba mal podia caminhar, sentia-se envergonhada e estava com a cabeça girando. No meio do caminho, uma patrulha foi ao encontro deles, e Alba viu-se a poucos centímetros de um uniforme verde e de uma pistola apontada para seu nariz. Ergueu os olhos e enfrentou um rosto moreno com olhos de roedor. Soube imediatamente que era Esteban García.

— Vejo que se trata da neta do senador Trueba! — exclamou García, irônico.

Assim, Miguel tomou conhecimento de que ela não lhe contara toda a verdade. Sentindo-se traído, deixou-a nas mãos do outro, deu meia-

volta e, sem lhe dar nem mesmo um olhar de despedida, retornou arrastando sua bandeira branca pelo chão, acompanhado por Ana Díaz, que seguia tão surpresa e furiosa quanto ele.

— O que está acontecendo com você? — perguntou García, apontando com a pistola as calças de Alba. — Parece um aborto!

Alba ergueu a cabeça e olhou-o nos olhos.

— Isso não é da sua conta. Leve-me para minha casa! — ordenou, reproduzindo o tom autoritário que seu avô empregava com todos os que não considerava de sua classe social.

García hesitou. Fazia muito tempo que não ouvia uma ordem da boca de um civil e foi tomado pela tentação de levá-la para a prisão e deixá-la apodrecer numa cela, banhada por seu próprio sangue, até que lhe pedisse de joelhos, mas em sua profissão aprendera que havia outros muito mais poderosos do que ele e que não poderia se dar ao luxo de agir com impunidade. Além disso, a recordação de Alba com seus vestidos engomados, tomando limonada no terraço de Las Tres Marías, enquanto ele arrastava os pés nus pelo pátio das galinhas, sorvendo o próprio catarro, e o temor que ainda tinha do velho Trueba foram mais fortes do que seu desejo de humilhá-la. Não pôde aguentar o olhar da jovem e, sem perceber, abaixou a cabeça. Deu meia-volta, ladrou uma frase curta, e dois carabineiros levaram Alba pelos braços até um carro da polícia. Assim ela chegou em casa. Ao vê-la, Blanca supôs que se tivessem cumprido as previsões do avô e que a polícia tivesse agredido os estudantes. Começou a soluçar e não parou até Jaime examinar Alba e lhe assegurar de que não estava ferida e que não tinha nada que não pudesse sarar com duas injeções e repouso.

Alba passou dois dias de cama, durante os quais se desfez pacificamente a greve dos estudantes. O ministro da Educação foi demitido do cargo e transferido para o Ministério da Agricultura.

— Se pôde ser ministro da Educação sem ter terminado a escola, também pode ser ministro da Agricultura sem ter visto uma vaca inteira em toda a sua vida — comentou o senador Trueba.

Acamada, Alba teve tempo para lembrar as circunstâncias em que conhecera Esteban García. Vasculhando as imagens da infância, lembrou-se de um rapaz moreno, da biblioteca da casa, da lareira acesa com grandes troncos de pinheiro perfumando o ar, da tarde ou noite e dela, sentada em seus joelhos. Essa visão, contudo, entrava e saía fugazmente de sua memória e chegou a se perguntar se não a teria sonhado. A primeira lembrança precisa que tinha dele era posterior. Sabia a data exata, porque fora no dia em que completara 14 anos, e sua mãe fez um registro no álbum negro que sua avó iniciara quando ela nasceu. Na ocasião, havia encrespado o cabelo e estava no terraço, já com o casaco vestido, esperando que seu tio

Jaime chegasse para ir comprar seu presente. Fazia muito frio, mas ela gostava do jardim no inverno. Bafejou as mãos e ergueu a gola do casaco para proteger as orelhas. Dali podia ver a janela da biblioteca, onde seu avô falava com um homem. O vidro estava embaçado, mas pôde reconhecer o uniforme dos carabineiros e perguntou-se o que seu avô poderia estar fazendo com um deles em seu escritório. O homem estava de costas para a janela, rigidamente sentado na ponta da cadeira, com as costas retas e a patética aparência de um soldadinho de chumbo. Alba observou-o por algum tempo; depois, calculando que seu tio estivesse chegando, caminhou pelo jardim até um caramanchão meio destruído, esfregando as mãos para aquecê-las, e sentou-se para esperar. Pouco depois, Esteban García a encontrou ali, quando saiu da casa e teve de atravessar o jardim para se dirigir ao portão. Ao vê-la, parou abruptamente. Olhou para todos os lados, hesitou e aproximou-se.

— Lembra-se de mim? — perguntou García.

— Não...

— Sou Esteban García. Nós nos conhecemos em Las Tres Marías. Alba sorriu mecanicamente. Trazia-lhe uma péssima recordação à memória. Havia qualquer coisa em seus olhos que a inquietava, embora não conseguisse precisar o quê. García varreu as folhas com a mão e sentou-se ao seu lado no banco, tão perto, que suas pernas se tocavam.

— Este jardim parece uma selva — disse respirando muito perto dela.

Tirou o gorro do uniforme, e ela viu que tinha o cabelo muito curto e duro, penteado com brilhantina. Logo em seguida a mão de García pousou em seu ombro. A familiaridade do gesto desconcertou-a, e, por um momento, ela ficou paralisada, mas em seguida inclinou-se para trás, tentando safar-se. A mão do carabineiro apertou-lhe o ombro, e os dedos se enterraram no tecido espesso do casaco. Alba sentiu seu coração bater como uma máquina e o rubor cobrir-lhe as faces.

— Você cresceu, Alba, e é quase uma mulher — sussurrou o homem ao seu ouvido.

— Hoje faço 14 anos — balbuciou ela.

— Então tenho um presente para você — disse Esteban García, sorrindo com a boca retorcida.

Alba tentou desviar o rosto, mas ele a agarrou firmemente com as mãos, obrigando-a a enfrentá-lo. Foi seu primeiro beijo. Sentiu uma sensação quente, brutal, a pele áspera e malbarbeada raspando-lhe a face, o cheiro de cigarro e cebola, sua violência. A língua de García tentou abrir-lhe os lábios enquanto com uma das mãos lhe apertava os maxilares até obrigá-la a separá-los. Ela visualizou aquela língua como um molusco gosmento e morno, a náusea invadiu-a, e um espasmo

subiu-lhe do estômago, mas manteve os olhos abertos. Viu o tecido duro do uniforme e sentiu as mãos ferozes que lhe rodeavam o pescoço, e, sem deixar de beijá-la, os dedos começaram apertá-la. Alba sentiu-se afogar e empurrou-o com tanta violência que conseguiu afastá-lo. García levantou-se do banco e sorriu, sarcástico. Tinha manchas vermelhas nas faces e respirava com agitação.

— Gostou do meu presente? — gargalhou.

Alba viu-o afastar-se a passos largos pelo jardim e sentou-se, chorando. Sentia-se suja e humilhada. Depois correu para casa e foi lavar a boca com sabão e escovar os dentes, como se isso pudesse tirar a mancha de sua memória. Quando seu tio Jaime chegou para buscá-la, pendurou-se em seu pescoço, escondeu o rosto em sua camisa e disse que não queria nenhum presente, porque decidira tornar-se freira. Jaime começou a rir, um riso sonoro e fundo que nascia das entranhas e que ela lhe ouvira em muito poucas ocasiões, porque seu tio era um homem taciturno.

— Juro que é verdade! Vou ser freira! — soluçou Alba.

— Seria preciso que nascesse de novo — respondeu Jaime. — E, além disso, teria que passar por cima do meu cadáver.

Alba não voltou a ver Esteban García até que o teve ao seu lado, no estacionamento da universidade, mas nunca conseguiu esquecê-lo. Não contou a ninguém a respeito daquele beijo repugnante nem dos sonhos que teve depois, em que ele aparecia como uma besta verde disposta a estrangulá-la com as patas e asfixiá-la, introduzindo-lhe um tentáculo gosmento na boca.

Recordando tudo isso, Alba descobriu que o pesadelo tinha ficado escondido em seu íntimo todos aqueles anos e que García continuava a ser a besta que a espreitava nas sombras para atacá-la a qualquer momento de sua vida. Não poderia saber que se tratava de uma premonição.

A decepção de Miguel e a raiva por Alba ser neta do senador Trueba dissolveram-se quando a viu pela segunda vez deambulando como numa alma penada pelos corredores próximos da cantina, onde se haviam conhecido. Compreendeu que era injusto culpar a neta pelas ideias do avô, e voltaram a passear abraçados. Em pouco tempo, os beijos intermináveis eram insuficientes, e começaram a encontrar-se no quarto em que Miguel morava, numa pensão medíocre para estudantes pobres, dirigida por um casal de meia-idade com vocação para a espionagem. Observavam Alba com maldisfarçada hostilidade quando subia de mãos dadas com Miguel a seu quarto, e para ela era um suplício vencer a timidez e enfrentar a crítica desses olhares, que lhe estrangavam a felicidade do encontro. A fim de evitá-los, preferia outras opções, mas não aceitava a ideia de irem juntos a um hotel,

pela mesma razão que não queria ser vista na pensão de Miguel.

— Você é a pior burguesa que conheço — ria Miguel.

Às vezes ele conseguia uma motocicleta emprestada, e escapavam por algumas horas, viajando numa velocidade suicida, cavalgando a máquina, com as orelhas geladas e o coração ansioso. No inverno gostavam de ir às praias desertas, andar sobre a areia molhada, deixando pegadas que a água lambia, espantar as gaivotas e respirar às golfadas o ar salgado do mar. No verão preferiam os bosques mais densos, em que se podiam amar impunemente, depois de despistar crianças curiosas e excursionistas. Alba logo descobriu que o lugar mais seguro era sua própria casa, porque, no labirinto e no abandono dos quartos dos fundos, onde ninguém entrava, podiam amar-se sem perturbações.

— Se as empregadas ouvirem ruídos, vão pensar que os fantasmas voltaram — justificou Alba, contando-lhe o glorioso passado dos espíritos visitantes e das mesas voadoras do casarão da esquina.

A primeira vez que atravessou com ele a porta dos fundos do jardim, abrindo passagem no matagal e contornando as estátuas manchadas de musgo e cagadas pelos pássaros, o jovem teve um sobressalto ao ver o triste casarão. “Eu já estive aqui”, murmurou, mas não conseguiu lembrar, porque aquela selva de pesadelo e a lúgubre mansão tinham apenas uma vaga semelhança com a imagem luminosa que guardava de sua infância.

Os namorados experimentaram um por a os quartos abandonados e terminaram improvisando um ninho para seus amores furtivos nas profundezas do porão. Fazia vários anos que Alba não entrava ali e chegara a esquecer sua existência, mas, no momento em que abriu a porta e respirou o odor inconfundível, voltou a sentir a atração mágica de antes. Usaram os trastes, os caixotes, a edição do livro do tio Nicolás, os móveis e as antigas cortinas para improvisar um surpreendente quarto nupcial. No centro, montaram uma cama com vários colchões que cobriram com pedaços de veludo roído pelas traças. Dos baús, extraíram tesouros incontáveis. Fizeram lençóis com cortinas velhas de adamascado cor de topázio, descosturaram o suntuoso vestido de renda de Chantilly que Clara usou no dia em que Barrabás morreu, para com ele fazer um mosquito iridescente que os preservasse das aranhas que teciam seu bordado a partir do teto. Iluminavam-se com velas e ignoravam os pequenos roedores, o frio e aquele cheiro de além-túmulo. Andavam nus no crepúsculo eterno do porão, desafiando a umidade e as correntes de ar. Bebiavam vinho branco em taças de cristal que Alba pegou na sala de jantar e faziam um minucioso inventário de seus corpos e das múltiplas possibilidades do prazer. Brincavam como crianças. Ela quase não reconhecia nesse jovem e doce amante, que ria e brincava numa eterna bacanal, o

revolucionário ávido por justiça que aprendia, em segredo, o uso das armas de fogo e as estratégias revolucionárias. Alba inventava irresistíveis truques de sedução, e Miguel criava maravilhosas formas de amá-la. Estavam deslumbrados pela força de sua paixão, que era como um feitiço de insaciável sede. Não havia tempo nem palavras suficientes para dizerem um ao outro seus pensamentos mais íntimos e suas recordações mais remotas, na ambiciosa intenção de se possuírem mútua, completa e absolutamente. Alba descuidou-se do violoncelo, exceto para tocá-lo nua sobre o leito de topázio, e assistia às aulas na universidade com o olhar perdido. Miguel também adiou sua tese e suas reuniões políticas, porque tinham necessidade de estar juntos a toda hora e, aproveitando qualquer descuido dos moradores da casa, deslizavam para o porão. Alba aprendeu a mentir e a dissimular. Sob o pretexto de ter de estudar à noite, deixou o quarto que partilhava com a mãe desde a morte de sua avó e instalou-se num do primeiro andar, que dava para o jardim, a fim de poder abrir a janela para Miguel e levá-lo, na ponta dos pés, ao longo da casa adormecida até seu espaço encantado; mas não só à noite se encontravam. A impaciência do amor era às vezes tão intolerável que Miguel se arriscava a entrar durante o dia, arrastando-se pelo mato, como um gatuno, até a porta do porão, onde Alba o esperava com o coração apertado. Abraçavam-se com o desespero de uma despedida e abrigavam-se em seu refúgio, sufocados de cumplicidade.

Pela primeira vez na vida, Alba sentiu necessidade da beleza e lamentou que nenhuma das esplêndidas mulheres da família lhe tivesse legado seus atributos e que a única que o fez, a bela Rosa, só lhe dera o tom de algas marinhas ao cabelo, que, não sendo acompanhado do resto, mais parecia um erro de cabeleireiro. Quando Miguel adivinhou sua inquietação, levou-a pela mão até o grande espelho veneziano posto a um canto de sua câmara secreta, espanou a poeira do cristal trincado, acendeu todas as velas que tinham e as colocou em volta de Alba. Ela se olhou nos mil pedaços estilhaçados do espelho. Sua pele, iluminada pelas velas, tinha a cor irreal das figuras de cera. Miguel começou a acariciá-la, e, no caleidoscópio do espelho, ela viu seu rosto transformar-se e enfim aceitou que era a mais bela de todo o universo, porque pôde ver a si mesma com os olhos com que Miguel a olhava.

Aquela orgia permanente durou mais de um ano. Por fim, Miguel terminou sua tese, graduou-se e começou a procurar trabalho. Quando passou a premente necessidade do amor insatisfeito, puderam recuperar a compostura e normalizar suas vidas. Alba esforçou-se para se interessar outra vez pelos estudos, e ele se dedicou novamente à sua tarefa política, porque os acontecimentos se precipitavam e o país estava dividido pelas lutas ideológicas. Miguel alugou um pequeno

apartamento perto de seu trabalho, onde se encontravam para seus amores, porque, no ano que passaram brincando nus no porão, contraíram uma bronquite crônica que eliminava boa parte do encanto de seu paraíso subterrâneo. Alba ajudou a decorá-lo, enchendo-o de almofadões e cartazes políticos, e até chegou a sugerir que poderia ir viver com ele, mas nesse ponto Miguel foi inflexível.

— Aproximam-se tempos muito cruéis, meu amor — explicou. — Não posso tê-la comigo, porque, quando for necessário, entrarei na guerrilha.

— Irei com você para onde quer que seja — prometeu ela.

— Não se participa de uma guerrilha por amor, mas por convicção política, que você não tem — respondeu Miguel. — Não podemos dar-nos ao luxo de aceitar amadores.

Alba considerou aquilo brutal, e foram necessários alguns anos para que ela o compreendesse em toda a sua magnitude.

O senador Trueba já estava em idade de se aposentar, mas essa ideia não lhe passava pela cabeça. Lia o jornal diariamente e resmungava entre dentes. As coisas haviam mudado muito naqueles anos, e ele se dava conta de que os acontecimentos o ultrapassavam; não imaginava viver tanto, a ponto de ter de enfrentá-los. Nascera quando não existia luz elétrica na cidade e fora-lhe dado ver, pela televisão, um homem passeando na lua, mas nenhum dos sobressaltos de sua longa vida o havia preparado para enfrentar a revolução que se gestava em seu país, às suas barbas, e que convulsionava o mundo inteiro.

Jaime era o único que não falava a respeito do que estava acontecendo. Para evitar as discussões com o pai, adquirira o hábito do silêncio e logo descobriu que era mais cômodo calar-se. As poucas vezes que abandonava seu mutismo trapista* era quando Alba ia visitá-lo no túnel de livros. Sua sobrinha chegava de camisola, com o cabelo molhado depois do banho, sentava-se aos pés da cama para conversar sobre assuntos felizes, porque, como ela lhe dizia, Jaime era um ímã para atrair os problemas alheios e as misérias irremediáveis, e era necessário que alguém o atualizasse a respeito da primavera e do amor. Suas boas intenções se estilhaçavam na ânsia de discutir com seu tio tudo o que a preocupava. Nunca estavam de acordo. Partilhavam os mesmos livros, mas, na hora de analisar o que haviam lido, tinham opiniões totalmente opostas. Jaime ironizava suas ideias políticas, seus amigos barbudos, e reclamava de ela se ter apaixonado por um terrorista de bar. Era o único na casa que sabia da existência de Miguel.

— Diga-lhe que venha um dia trabalhar comigo no hospital para ver se depois ainda terá vontade de perder tempo com panfletos e discursos — dizia, provocando Alba.

— É advogado, tio, não é médico — respondia ela.

— Não importa. Lá precisamos de qualquer coisa. Até um encanador nos serve.

Jaime estava certo de que os socialistas finalmente triunfariam, depois de tantos anos de luta. Atribuía essa vitória ao fato de o povo ter tomado consciência de suas necessidades e de sua própria força. Alba repetia as palavras de Miguel, afirmando que só pela guerra seria possível vencer a burguesia. Jaime tinha horror a qualquer forma de extremismo e argumentava que os guerrilheiros só se justificam nas tiranias, em que não há outra solução exceto a luta armada, mas que são uma aberração num país onde as mudanças podem ser alcançadas pelo voto popular.

— Isso nunca aconteceu, tio, não seja ingênuo — replicava Alba. — Jamais deixarão que seus socialistas ganhem!

Ela tentava explicar o ponto de vista de Miguel: que não era possível continuar à espera do passo lento da história, do laborioso processo de educar o povo e organizá-lo, porque o mundo avançava aos saltos, e eles ficavam para trás, que as mudanças radicais nunca se implantavam por bem e sem violências. A história demonstrava isso. A discussão se prolongava, e ambos se perdiam numa oratória confusa, que os deixava esgotados, acusando-se mutuamente de serem mais teimosos do que uma mula, mas, no fim, desejavam-se boa-noite com um beijo e ficavam com a sensação de que o outro era um ser maravilhoso.

Um dia, à hora do jantar, Jaime anunciou que os socialistas ganhariam, mas, como havia vinte anos previa o mesmo, ninguém acreditou nisso.

— Se sua mãe estivesse viva, diria que vão ganhar os de sempre — respondeu-lhe desdenhosamente o senador Trueba.

Jaime sabia por que falava. Estava informado pelo candidato. Havia muitos anos que eram amigos, e Jaime ia à noite jogar xadrez com ele frequentemente. Era o mesmo socialista que pretendia a presidência da República fazia dezoito anos. Jaime vira-o pela primeira vez à revelia de seu pai, quando passava em meio à fumaça dos trens da vitória, durante as campanhas eleitorais de sua adolescência. Naqueles tempos, o candidato era um homem jovem e robusto, com aparência de cachorro perdigueiro, que gritava exaltados discursos em meio às piadas e aos assovios dos patrões e ao silêncio raivoso dos camponeses. Era a época em que os irmãos Sánchez penduraram na encruzilhada dos caminhos o corpo do dirigente socialista e que Esteban Trueba chicoteou Pedro Terceiro García diante de Pedro Segundo, por repetir aos empregados as perturbadoras versões bíblicas do padre Jose Dulce María. Sua amizade com o candidato nasceu por acaso, num domingo à noite em que, de plantão

no hospital, mandaram-no atender uma emergência em domicílio. Chegou ao endereço indicado numa ambulância, tocou a campainha, e o candidato abriu pessoalmente a porta. Jaime não teve dificuldade em reconhecê-lo, porque muitas vezes vira seu retrato e porque sua aparência não mudara desde que o vislumbrara, passando no trem.

— Entre, doutor, estamos à sua espera — saudou o candidato.

Levou-o a um quarto de serviço, onde suas filhas tentavam ajudar uma mulher que parecia asfixiar-se e tinha o rosto arroxeadado, os olhos esbugalhados e a língua, monstruosamente inchada, saindo da boca.

— Comeu peixe — explicaram-lhe.

— Tragam o oxigênio que está na ambulância — disse Jaime enquanto preparava uma seringa.

Permaneceu ao lado do candidato, sentados ao lado da cama, até que a mulher começou a respirar normalmente e conseguiu repor a língua na boca. Conversaram sobre socialismo e xadrez, e aquele foi o começo de uma boa amizade. Jaime apresentou-se com o sobrenome de sua mãe, que sempre usava, sem imaginar que, no dia seguinte, os serviços de segurança do partido entregariam ao outro a informação de que era filho do senador Trueba, seu pior inimigo político. O candidato, no entanto, jamais mencionou o assunto, e até na hora final, quando apertaram as mãos pela última vez no fragor do incêndio e das balas, Jaime se perguntava se algum dia teria coragem de lhe dizer a verdade.

Sua larga experiência na derrota e seu conhecimento do povo permitiram ao candidato dar-se conta, antes de todos, de que, naquela ocasião, ganharia. Comentou o assunto com Jaime e acrescentou que a palavra de ordem era não divulgar a informação, a fim de que a direita se apresentasse nas eleições segura do triunfo, arrogante e dividida. Jaime respondeu que, mesmo que espalhassem aos quatro cantos, ninguém acreditaria, nem mesmo os próprios socialistas, e, para comprovar sua ideia, comentou com o pai.

Jaime continuou a trabalhar quatorze horas por dia, incluindo os domingos, sem participar da luta política. Estava acovardado pelo rumo violento daquela luta, que polarizava as forças nos dois extremos, deixando no centro apenas um grupo indeciso e volúvel, que esperava ver despontar o vencedor para decidir seu voto. Não se deixou provocar pelo pai, que aproveitava todas as ocasiões em que estavam juntos para adverti-lo sobre as manobras do comunismo internacional e do caos que fustigaria a pátria no caso improvável de a esquerda triunfar. A única vez que Jaime perdeu a paciência foi quando numa manhã encontrou a cidade forrada de cartazes truculentos em que aparecia uma mãe barriguda e desolada, tentando inutilmente resgatar seu filho de um soldado comunista que o levava para Moscou. Era a campanha de terror organizada pelo senador

Trueba e seus correligionários, com a ajuda de especialistas estrangeiros, importados especialmente para esse fim. Aquilo foi excessivo para Jaime. Deu-se conta de que não poderia viver sob o mesmo teto que o pai, trancou seu túnel, levou sua roupa e foi dormir no hospital.

Os acontecimentos precipitaram-se nos últimos meses antes das eleições. Em todos os muros havia retratos dos candidatos, aviões lançavam panfletos e cobriam as ruas com lixo impresso, que caía do céu, como neve; os rádios berravam palavras de ordem políticas, e os partidários de cada facção faziam as apostas mais estapafúrdias. À noite, os jovens saíam em grupos para tomar de assalto seus inimigos ideológicos. Organizavam-se concentrações gigantescas para medir a popularidade de cada partido, e cada uma delas lotava a cidade, e as pessoas se apinhavam na mesma medida. Alba estava eufórica, mas Miguel explicou-lhe que as eleições eram uma palhaçada, e pouco importava quem fosse o vencedor, porque se tratava da mesma seringa com cânula diferente e que a revolução não poderia ser feita nas urnas eleitorais, mas com o sangue do povo. A ideia de uma revolução pacífica na democracia e em plena liberdade era um contrassenso.

— Esse pobre rapaz está louco! — exclamou Jaime quando Alba lhe contou. — Vamos ganhar, e ele terá de engolir suas palavras.

Até aquele momento, Jaime conseguira evitar Miguel. Não o queria conhecer. Ciúmes secretos e inconfessáveis atormentavam-no. Ajudara Alba a nascer e tivera mil vezes sentada em seus joelhos, ensinara-a a ler, pagara-lhe o colégio e celebrara todos os seus aniversários; sentia-se como seu pai e não conseguia evitar a inquietação que lhe causava vê-la transformada em mulher. Notara a mudança nos últimos anos e enganava-se com falsos argumentos, apesar de sua experiência de cuidar de outros seres humanos ter-lhe ensinado que só o amor pode produzir aquele esplendor numa mulher. Da noite para o dia, vira Alba amadurecer, abandonando as formas imprecisas da adolescência, para se acomodar em seu novo corpo, de mulher satisfeita e aprazível. Esperava com absurda veemência que a paixão de sua sobrinha fosse um sentimento passageiro, porque no fundo não queria aceitar que ela precisasse de outro homem além dele. Não lhe foi possível, no entanto, continuar a ignorar Miguel. Naqueles dias, Alba contou-lhe que a irmã dele estava doente.

— Quero que você fale com Miguel, tio. Ele lhe contará o que está acontecendo com a irmã. Faria isso por mim? — pediu Alba.

Quando Jaime conheceu Miguel, num café do bairro, nem toda a sua suspeita pôde impedir que uma onda de simpatia o fizesse esquecer seu antagonismo, porque o homem que tinha à frente, mexendo nervosamente o café, não era o extremista petulante e brigão que esperava, mas um jovem comovido e trêmulo, que, enquanto

explicava os sintomas da doença da irmã, lutava contra as lágrimas que lhe inundavam os olhos.

— Leve-me até ela — disse Jaime.

Miguel e Alba conduziram-no ao bairro boêmio. Em pleno Centro, a poucos metros dos edifícios modernos de aço e vidro, tinham surgido na encosta de uma colina as ruas íngremes dos pintores, ceramistas e escultores. Tinham feito ali suas tertúlias, dividindo as antigas casas em minúsculos estúdios. As oficinas dos artesãos abriam-se para o céu através dos tetos de vidro, e, nas obscuras pocilgas, os artistas sobreviviam num paraíso de grandezas e misérias. Nas ruelas brincavam crianças satisfeitas, belas mulheres com amplas túnicas carregavam seus filhos às costas ou nas ancas, e os homens, barbudos, sonolentos e indiferentes, viam passar a vida, sentados nas esquinas e nos umbrais das portas. Pararam diante de uma casa de estilo francês, decorada como uma torta de creme com anjos nos frisos. Subiram uma escadaria estreita, construída como saída de emergência em caso de incêndio, e que as numerosas divisões do edifício haviam transformado no único acesso. À medida que subiam, a escada dobrava-se sobre si mesma, e envolvia-os um odor penetrante de alho, maconha e terebintina. Miguel parou no último andar, diante de uma porta estreita pintada de laranja, tirou uma chave e abriu-a. Jaime e Alba julgaram ter entrado numa gaiola de passarinho. O cômodo era redondo, coroado por uma absurda cúpula bizantina e cercado de vidros, através dos quais se podia passear o olhar pelos telhados da cidade e sentir-se muito perto das nuvens. As pombas tinham feito seus ninhos no peitoril da janela, contribuindo com seus excrementos e suas penas para a opacidade dos vidros. Sentada numa cadeira diante da única mesa, estava uma mulher de roupão enfeitado com um triste dragão, já desfiado, bordado na altura do peito. Jaime precisou de alguns segundos para reconhecê-la.

— Amanda... Amanda... — balbuciou.

Não voltara a vê-la em mais de vinte anos, quando o amor que ambos sentiam por Nicolás foi mais forte do que o que tinham um pelo outro. O rapaz atlético e moreno, com o cabelo cheio de brilhantina e sempre úmido, que passeava lendo em voz alta seus tratados de medicina, transformara-se num homem ligeiramente curvado, pelo hábito de se inclinar sobre as camas dos doentes, de cabelo grisalho, rosto grave e pesadas lentes com aros metálicos, mas era basicamente a mesma pessoa. Para reconhecer Amanda, no entanto, era preciso tê-la amado muito. Parecia mais velha do que era, estava muito magra, quase nos ossos, a pele macilenta e amarelada, e as mãos muito descuidadas, com os dedos manchados de nicotina. Seus olhos estavam esbugalhados, sem brilho, avermelhados, com as pupilas dilatadas, o que lhe dava um aspecto desamparado e

aterrorizado. Não viu Jaime nem Alba; só teve olhos para Miguel. Tentou levantar-se, tropeçou e cambaleou. O irmão aproximou-se e segurou-a, apertando-a contra o peito.

— Vocês já se conheciam? — perguntou Miguel, admirado.

— Sim, há muito tempo — disse Jaime.

Considerou ser inútil falar a respeito do passado e que Miguel e Alba eram muito jovens para compreender a sensação de perda irremediável que ele sentia naquele momento. De repente, apagou-se a imagem da cigana que guardara todos aqueles anos em seu coração, único amor na solidão de seu destino. Ajudou Miguel a estender a mulher no sofá que lhe servia de cama e ajeitou uma almofada sob sua cabeça. Amanda segurou o roupão com as mãos, defendendo-se debilmente e balbuciando incoerências. Sacudiram-na tremores convulsivos, e respirava como um cachorro cansado. Alba observou-a, horrorizada, e só depois de Amanda estar deitada, quieta e de olhos fechados, reconheceu a mulher que sorria na pequena fotografia que Miguel guardava em sua carteira. Jaime falou-lhe com uma voz desconhecida e, pouco a pouco, conseguiu tranquilizá-la, acariciou-a com gestos ternos e paternais, como às vezes fazia com os animais, até que a doente se descontraíu e permitiu que lhe subissem as mangas do velho roupão chinês. Apareceram seus braços esqueléticos, e Alba viu milhares de minúsculas cicatrizes, nódoas negras, picadas, algumas infectadas e supurando. Descobriu depois suas pernas, e suas coxas também estavam torturadas. Jaime observou-a com tristeza, compreendendo naquele instante o abandono, os anos de miséria, os amores frustrados e o terrível caminho que aquela mulher havia percorrido até chegar ao ponto de desesperança em que se encontrava. Lembrou-se dela como era em sua juventude, quando o deslumbrara com o esvoaçar de seu cabelo, o chocalhar de suas miçangas, seu riso como o badalar de um sino e sua pureza para abraçar ideias disparatadas e perseguir ilusões. Amaldiçoou-se por tê-la deixado partir e por todo aquele tempo perdido para ambos.

— Temos que interná-la. Só um tratamento de desintoxicação poderá salvá-la — disse. — Vai sofrer muito — acrescentou.

* Diz-se dos monges da Ordem da Trapa, que fazem voto de silêncio eterno. (N. T.)

Capítulo XII

A Conspiração

Tal como o candidato havia previsto, os socialistas, aliados aos demais partidos de esquerda, ganharam as eleições presidenciais. A votação decorreu sem incidentes numa luminosa manhã de setembro. Os de sempre, acostumados ao poder desde tempos imemoriais, ainda que nos últimos anos tivessem assistido à grave debilitação de suas forças, prepararam-se para celebrar o triunfo com semanas de antecipação. As bebidas acabaram nos bares, os mariscos frescos esgotaram-se nos mercados e nas pastelarias trabalhou-se o dobro, em turnos, para satisfazer a procura de tortas e pastéis. No Bairro Alto não houve preocupação ao se ouvirem os resultados das contagens parciais nas províncias, que favoreciam a esquerda, porque todos sabiam que os votos da capital seriam decisivos. O senador Trueba acompanhou a votação na sede de seu partido, com uma calma absoluta e bom humor, rindo de forma petulante, quando algum de seus homens se mostrava nervoso com o avanço indissimulável do candidato da oposição. Antecipando-se à vitória, rompera seu luto rigoroso, pondo uma rosa vermelha na lapela do paletó. Entrevistaram-no pela televisão, e todo o país pôde escutá-lo: “Ganharemos nós, os de sempre”, declarou com sobriedade, e convidou a um brinde ao “defensor da democracia”.

No casarão da esquina, Blanca, Alba e os empregados estavam diante da televisão, bebendo chá, comendo torradas e anotando os resultados para acompanhar de perto a corrida final, quando viram Esteban Trueba aparecer na tela, mais velho e teimoso do que nunca.

— Vai ter um faniquito — disse Alba. — Porque desta vez os outros vão ganhar.

Logo se tornou evidente para todos que só um milagre mudaria o resultado que se esboçava ao longo do dia. Nas imponentes residências brancas, azuis e amarelas do Bairro Alto, começou um movimento de fechar janelas, trancar portas e retirar, apressadamente, as bandeiras e

os retratos de seu candidato, pendurados antecipadamente nas varandas. Dos povoados da periferia e dos bairros operários, entretanto, saíram para a rua famílias inteiras, pais, filhos, avós, com suas roupas de domingo, caminhando alegremente em direção ao Centro. Levavam rádios portáteis para ouvir os últimos resultados. No Bairro Alto, alguns estudantes, inflamados pelo idealismo, fizeram troça com seus pais, reunidos diante da televisão com uma expressão fúnebre, e foram também para a rua. Dos cinturões industriais, chegaram trabalhadores em colunas ordenadas, punhos erguidos, cantando os versos da campanha. Reuniram-se todos no Centro, gritando, a uma só voz, que o povo unido jamais será vencido. Agitaram seus lenços brancos e esperaram. À meia-noite, soube-se que a esquerda vencera. Num abrir e fechar de olhos, os grupos dispersos engrossaram, incharam, estenderam-se, e as ruas encheram-se de gente eufórica, que pulava, gritava, abraçava-se e ria. Acenderam-se tochas em meio ao alarido das vozes, e o baile de rua transformou-se numa alegre e disciplinada passeata que começou a avançar até as belas avenidas da burguesia. E, então, viu-se o espetáculo inédito da gente do povo — homens com suas rústicas alpargatas, mulheres com os filhos nos braços, estudantes em mangas de camisa — percorrendo tranquilamente a zona reservada e preciosa onde pouquíssimas vezes se tinham aventurado e onde eram estranhos. O clamor de seus cantos, seus passos e o resplendor de suas tochas penetraram o interior das casas fechadas e silenciosas, onde tremiam os que haviam acabado por acreditar em sua própria campanha de terror e estavam convencidos de que a população iria despedaçá-los ou, na melhor das hipóteses, despojá-los de seus bens e mandá-los para a Sibéria. A excitada multidão, contudo, não forçou nenhuma porta nem pisoteou os impecáveis jardins. Passou alegremente sem encostar nos luxuosos veículos estacionados na rua, deu voltas pelas praças e parques que nunca havia pisado, parou, maravilhada, diante das vitrinas do comércio, que brilhavam como no Natal e ofereciam objetos cujo uso sequer poderiam imaginar, e seguiu sua rota pacificamente. Quando as colunas passaram diante de sua casa, Alba saiu correndo e a elas se misturou, cantando a plenos pulmões. O povo entusiasmado desfilou durante toda a noite. Nas mansões, as garrafas de champanha permaneceram fechadas, as lagostas amoleceram em suas bandejas de prata e as tortas encheram-se de moscas.

Ao amanhecer, Alba avistou em meio à multidão que já começava a se dispersar a inconfundível figura de Miguel, que seguia gritando, com uma bandeira nas mãos. Abriu passagem até ele, chamando-o inutilmente, porque ele não conseguiria ouvi-la naquela algazarra. Quando chegou à sua frente e Miguel a viu, passou a bandeira ao que estava mais perto e abraçou-a, levantando-a do chão. Os dois estavam

no limite de suas forças e, enquanto se beijavam, choravam de alegria.

— Eu lhe disse que venceríamos por bem, Miguel! — riu Alba.

— Ganhamos, mas agora temos que defender o triunfo — respondeu.

No dia seguinte, os que haviam passado a noite de vigília, aterrorizados em suas casas, saíram como uma avalanche enlouquecida e tomaram de assalto os bancos, exigindo que lhes entregassem seu dinheiro. Quem possuía algo valioso preferiu guardá-lo sob o colchão ou enviá-lo ao exterior. Em vinte e quatro horas, o valor da propriedade diminuiu para menos da metade, e todas as passagens aéreas esgotaram-se na loucura de deixar o país antes que chegassem os soviéticos para cercar a fronteira com arame farpado. O povo, que havia desfilado triunfante, foi ver a burguesia em fila e discutindo às portas dos bancos, e riu às gargalhadas. Em poucas horas, o país dividiu-se em dois grupos irreconciliáveis, e a divisão começou a contaminar todas as famílias.

O senador Trueba passou a noite na sede de seu partido, retido à força por seus seguidores, convictos de que, se ele saísse à rua, a multidão não teria dificuldade em reconhecê-lo e o penduraria num poste. Trueba estava mais aturdido do que furioso. Não podia acreditar no que havia acontecido, apesar de ter passado muitos anos repetindo a cantilena de que o país estava infestado de marxistas. Não se sentia deprimido; pelo contrário. Em seu velho coração de lutador brotava uma emoção exaltada, que não experimentava desde a juventude.

— Uma coisa é ganhar a eleição, e outra, muito distinta, é ser presidente — observou misteriosamente a seus chorosos correligionários.

A ideia de eliminar o novo presidente, no entanto, ainda não se instalara na mente de ninguém, porque os inimigos estavam seguros de que acabariam com ele pela mesma via legal que lhe permitira triunfar. Assim pensava Trueba. No dia seguinte, quando ficou evidente que não havia razão para temer a multidão em festa, saiu de seu refúgio e dirigiu-se a uma casa de campo nos arredores da cidade, em que organizou um almoço secreto, reunindo outros políticos, alguns militares e gringos enviados pelo serviço de inteligência, para traçar o plano que derrubaria o novo governo: a desestabilização econômica, como denominaram a sabotagem.

Era um casarão em estilo colonial, cercado por um pátio de paralelepípedos. Quando o senador Trueba chegou, já havia vários carros estacionados. Receberam-no efusivamente, porque era um dos líderes indiscutíveis da direita e porque ele, prevendo o que se avizinhava, fizera os contatos necessários com meses de antecipação. Depois da refeição — corvina fria com molho de abacate, leitão assado

em *brandy* e *mousse* de chocolate —, despacharam os garçons e trancaram as portas do salão. Esboçaram então as grandes linhas de sua estratégia e, depois, de pé, brindaram à pátria. Todos eles, à exceção dos estrangeiros, estavam dispostos a arriscar a metade de sua fortuna pessoal naquela empreitada, mas só o velho Trueba dispunha-se a dar também a própria vida.

— Não o deixaremos em paz nem um só minuto. Será obrigado a renunciar — decretou com firmeza.

— E, se isso não der certo, senador, temos isto — acrescentou o general Hurtado, pondo sua arma do regulamento sobre a toalha.

— Não nos interessa um golpe, general — respondeu o agente da inteligência da embaixada em seu correto castelhano. — Queremos que o marxismo fracasse estrondosamente e caia por si mesmo, para eliminar essa ideia em outros países do continente. Compreende? Vamos conseguir isso com dinheiro. Ainda podemos comprar alguns parlamentares para que não o confirmem como presidente. Está na Constituição: não obteve a maioria absoluta, e o Parlamento deve decidir.

— Tire essa ideia da cabeça, *mister*! — exclamou o senador Trueba. — Aqui não vai conseguir subornar ninguém. O Congresso e as Forças Armadas são incorruptíveis. É melhor destinar esse dinheiro à compra de todos os meios de comunicação. Assim, poderemos manipular a opinião pública, que, na realidade, é a única coisa que conta.

— Isso é uma loucura! A primeira coisa que os marxistas vão fazer é acabar com a liberdade de imprensa! — disseram várias vozes em uníssono.

— Acreditem, cavalheiros — respondeu o senador Trueba —, conheço este país. Jamais acabarão com a liberdade de imprensa. Além disso, está em seu programa de governo: jurou respeitar as liberdades democráticas. Nós o pegaremos em sua própria armadilha.

O senador Trueba tinha razão. Não conseguiram subornar os parlamentares, e, no prazo estipulado pela lei, a esquerda assumiu tranquilamente o poder. Então, a direita começou a intensificar seu ódio.

Depois das eleições, todos viram sua vida mudar, e quem supôs que poderia continuar como sempre logo verificou que isso era uma ilusão. Para Pedro Terceiro García, a mudança foi brutal. Sempre vivera escapando às armadilhas da rotina, livre e pobre como um trovador errante, sem nunca ter usado sapatos de couro, gravata nem relógio, dando-se ao luxo da ternura, da pureza, da desordem e das sestas, porque não tinha de prestar contas a ninguém. Era-lhe cada vez mais difícil encontrar a inquietação e a dor necessárias para compor uma nova canção, porque, com o passar dos anos, alcançara uma grande

paz interior, e a rebeldia que o mobilizara na juventude se havia transformado na mansidão do homem satisfeito consigo mesmo. Era austero como um franciscano. Não tinha nenhuma ambição de dinheiro ou poder. A única nuvem em sua tranquilidade era Blanca. Deixara de lhe interessar o amor sem futuro das adolescentes e adquirira a certeza de que Blanca era a mulher da sua vida. Contabilizando os anos em que a amara clandestinamente, não pôde recordar sequer um momento de sua vida em que ela não estivesse presente. Depois das eleições presidenciais, viu o equilíbrio de sua existência destroçado pela urgência de colaborar com o governo. Não se pôde negar, porque, como lhe explicaram, os partidos de esquerda não tinham homens capacitados em quantidade suficiente para todas as funções a serem desempenhadas.

— Sou um camponês. Não tenho nenhum preparo — disse, tentando desculpar-se.

— Não importa, companheiro. Você, pelo menos, é popular. Mesmo que meta os pés pelas mãos, o povo o perdoará — explicaram-lhe.

Foi assim que se viu sentado a uma mesa de trabalho pela primeira vez na vida, com uma secretária exclusiva e na parede, às suas costas, um enorme retrato dos próceres da pátria em alguma honrosa batalha. Pedro Terceiro García olhava pela janela gradeada de seu luxuoso gabinete e só conseguia enxergar um minúsculo quadrilátero de céu cinzento. Não era um cargo decorativo. Trabalhava das sete da manhã até a noite e, no final do expediente, estava tão cansado que não se sentia capaz de arrancar nem um acorde de seu violão e, muito menos, de amar Blanca com a paixão costumeira. Quando podiam encontrar-se, vencendo todos os habituais obstáculos de Blanca, mais os novos que seu trabalho lhe impunha, enfiavam-se sob os lençóis com mais angústia do que desejo. Faziam amor fatigados, interrompidos pelo telefone, perseguidos pelo tempo, que nunca lhes era suficiente. Blanca parou de usar sua roupa íntima de puta, porque lhe parecia uma provocação inútil que os fazia cair no ridículo. Acabaram por se encontrar para descansar, abraçados, como dois anciões, e para conversar amigavelmente sobre seus problemas cotidianos e sobre os graves assuntos que faziam a nação tremer. Um dia, Pedro Terceiro deu-se conta de que havia quase um mês que não faziam amor e, o que lhe pareceu ainda pior, que nenhum dos dois sentia desejo de fazê-lo. Sobressaltou-se. Supôs que, na sua idade, não havia razão para a impotência e atribuiu o fato à vida que levava e aos hábitos de solteirão que adquirira. Imaginou que, se pudesse ter uma vida normal com Blanca, se ela o estivesse esperando todos os dias na paz de um lar, tudo seria diferente. Exigiu dela que se casassem de uma vez por todas, porque já estava farto daqueles amores furtivos e já não tinha mais idade para viver daquela forma. Blanca deu-lhe a mesma

resposta que já lhe dera muitas vezes antes.

— Tenho que pensar, meu amor.

Estava nua, sentada na cama estreita de Pedro Terceiro. Ele a observou sem piedade e viu que o tempo começava a devastá-la com seus estragos: estava mais gorda, mais triste, tinha as mãos deformadas pelo reumatismo, e os maravilhosos seios, que em outras épocas lhe tiravam o sono, estavam-se tornando um amplo regaço de matrona instalada em plena maturidade. No entanto, achava-a tão bela quanto em sua juventude, quando se amavam em meio aos caniços do rio em Las Tres Marías e, justamente por isso, lamentava que a fadiga fosse mais forte do que sua paixão.

— Você vem pensando há quase meio século. Basta, é agora ou nunca — concluiu.

Blanca não se alterou, porque não era a primeira vez que ele a intimava a tomar uma decisão. Sempre que rompia com uma de suas jovens amantes e voltava para seu lado, exigia-lhe o casamento, em desesperada busca de reter o amor e de se fazer perdoar. Quando consentiu em abandonar a vila operária em que fora feliz durante vários anos, para se instalar num apartamento de classe média, repetira-lhe as mesmas palavras.

— Ou se casa comigo agora ou nunca mais nos veremos.

Blanca não percebeu que naquele momento a determinação de Pedro Terceiro era irrevogável.

Separaram-se zangados. Ela se vestiu, apanhando apressadamente a roupa que estava espalhada no chão, e enrolou o cabelo na nuca, prendendo-o com alguns grampos que encontrou na desordem da cama. Pedro Terceiro acendeu um cigarro e dela não afastou os olhos enquanto Blanca se vestia. Ela acabou de calçar os sapatos, pegou sua bolsa e, da porta, fez-lhe um gesto de despedida, certa de que, no dia seguinte, ele lhe telefonaria para uma de suas espetaculares reconciliações. Pedro Terceiro virou-se para a parede. Um ríctus amargo transformava-lhe a boca numa linha apertada. Não se tornariam a ver durante dois anos.

Nos dias que se seguiram, Blanca esperou que ele lhe telefonasse, de acordo com o esquema que se repetia desde sempre, sem jamais ter falhado, nem sequer quando ela se casou, e passaram um ano separados. Também naquela ocasião fora ele quem a procurara. Passado o terceiro dia sem notícias, porém, ela começou a alarmar-se. Rolava na cama, atormentada por uma constante insônia, duplicou a dose de tranquilizantes, tornou a refugiar-se em suas enxaquecas e nevralgias, atordoando-se em sua oficina, botando e tirando do forno centenas de monstros para os presépios, num esforço para se manter ocupada e não pensar, mas não conseguiu sufocar sua impaciência. Finalmente, ligou para o ministério. Uma voz feminina respondeu-lhe

que o companheiro García estava numa reunião e que não poderia ser interrompido. No dia seguinte, Blanca tornou a telefonar e continuou a fazê-lo durante o resto da semana, até que se convenceu de que nada conseguiria daquele jeito. Fez um esforço para vencer o monumental orgulho que herdara do pai, pôs seu melhor vestido, sua cinta-liga de renda e foi vê-lo em seu apartamento. Sua chave não entrou na fechadura, e teve de tocar a campainha. Abriu a porta um homenzarrão de bigodes com olhos de colegial.

— O companheiro García não está — disse, sem convidá-la a entrar.

Então compreendeu que o havia perdido. Numa fugaz visualização de seu futuro, viu-se num vasto deserto, dedicada a ocupações sem sentido para consumir o tempo, sem o único homem que amou em toda a sua vida e longe daqueles braços em que dormira desde os memoráveis dias de sua primeira infância. Sentou-se na escada e chorou. O homem de bigodes fechou a porta sem ruído.

A ninguém disse o que acontecera. Alba perguntou por Pedro Terceiro, e ela respondeu com evasivas, explicando-lhe que o novo cargo no governo o mantinha muito ocupado. Continuou dando suas aulas para senhoritas ociosas e para as crianças especiais, e começou a ensinar cerâmica nos povoados da periferia, onde as mulheres se haviam organizado para aprender novos ofícios e participar, pela primeira vez, da atividade política e social do país. A organização era fundamental, porque “o caminho para o socialismo” logo se transformou num campo de batalha. Enquanto o povo celebrava a vitória, deixando crescerem cabelo e barba, chamando-se uns aos outros de companheiros, resgatando o folclore esquecido e o artesanato popular, e exercendo seu novo poder em eternas e inúteis reuniões de trabalhadores, em que todos falavam ao mesmo tempo sem jamais chegar a algum acordo, a direita realizava uma série de ações estratégicas, destinadas a estraçalhar a economia e desprestigiar o governo. Tinha nas mãos os meios de difusão mais poderosos, contava com recursos econômicos quase ilimitados e com a ajuda dos gringos, que destinaram fundos secretos para o plano de sabotagem. Em poucos meses, os resultados foram visíveis. O povo encontrou-se pela primeira vez com dinheiro suficiente para cobrir suas necessidades básicas e comprar algumas coisas que sempre desejara, mas já não podia, porque as lojas estavam quase vazias. Começara o desabastecimento, que veio a se converter num pesadelo coletivo. As mulheres levantavam-se ao amanhecer para tomar seus lugares nas longas filas, a fim de comprar um frango esmirrado, meia dúzia de fraldas ou papel higiênico. A graxa para lustrar sapatos, as agulhas e o café passaram a ser artigos de luxo, que se ofertavam embrulhados em papel de presente por ocasião dos aniversários. Produziu-se a angústia

da escassez, o país estava abalado por ondas de rumores contraditórios que alertavam a população sobre os produtos que iriam faltar, e as pessoas compravam em excesso o que houvesse para prevenir o futuro. Entravam em filas sem saber o que estava sendo vendido, só para não deixar passar a oportunidade de comprar qualquer coisa, mesmo que não estivessem precisando. Apareceram os profissionais das filas, que, por uma soma razoável, guardavam o lugar para outras pessoas, os vendedores de guloseimas, que aproveitavam os congestionamentos para expor seus petiscos e os que alugavam mantas para as filas noturnas. O mercado negro alastrou-se. A polícia tentou impedi-lo, mas era como uma peste que se infiltrava por todos os lados, e, por mais que revistassem os carros e detivessem os que transportavam embrulhos suspeitos, não foi possível evitá-lo. Até as crianças traficavam nos pátios das escolas. Na pressa de se apropriar dos produtos, criavam-se confusões, e quem nunca fumara pagava qualquer preço por um maço de cigarros, e quem não tinha filhos disputava um vidro de alimento para bebês. Desapareceram os apetrechos para cozinha, máquinas industriais, veículos. Houve racionamento de gasolina, e as filas de automóveis podiam durar dois dias e uma noite, bloqueando a cidade como uma gigantesca e imóvel jiboia tostando ao sol. Não havia tempo para tantas filas, e os empregados tinham de se deslocar a pé ou de bicicleta. As ruas encheram-se de ciclistas ofegantes, parecendo um delírio holandês. Era essa a situação quando os caminhoneiros se declararam em greve. Na segunda semana ficou evidente que não se tratava de uma questão trabalhista, mas política, e que não pensavam em retornar ao trabalho. O exército quis encarregar-se do problema, porque as hortaliças estavam apodrecendo nos campos, e, nos mercados, não havia nada para vender às donas de casa; os motoristas, porém, haviam desmontado os motores, e era impossível mover os milhares de caminhões que ocupavam as estradas, como carcaças fossilizadas. O presidente apareceu na televisão pedindo paciência. Informou o país de que os caminhoneiros estavam sendo pagos pelo imperialismo e que se manteriam em greve por tempo indeterminado; portanto, o melhor a fazer era cultivar suas próprias verduras nos pátios e varandas, pelo menos até se descobrir outra solução. O povo, que estava habituado à pobreza e antes não comia frango senão nas festas cívicas ou no Natal, não perdeu a euforia do primeiro dia; pelo contrário, organizou-se como para uma guerra, decidido a não permitir que a sabotagem econômica lhe amargasse o triunfo. Continuou a celebrar com espírito festivo e a cantar pelas ruas que o povo unido jamais será vencido, ainda que soasse cada vez mais desafinado, porque a divisão e o ódio aumentavam inexoravelmente.

A vida do senador Trueba, como a de todos os demais, também

mudou. O entusiasmo pela luta que empreendera devolveu-lhe as forças anteriores e aliviou um pouco a dor de seus pobres ossos. Trabalhava como em seus melhores tempos. Fazia muitas viagens conspiratórias ao exterior e percorria infatigavelmente as províncias do país, de norte a sul, em avião, automóvel e trem, onde o privilégio dos vagões de primeira classe acabara. Resistia aos suculentos jantares com que o acolhiam seus partidários em cada cidade, povoado ou aldeia que visitava, fingindo o apetite de um preso, apesar de suas tripas de ancião já não suportarem mais aqueles excessos. Vivia em comissões. A princípio, o amplo exercício da democracia o limitava em sua capacidade para montar uma armadilha para o governo, mas logo abandonou a ideia de atacá-lo dentro da lei e aceitou o fato de que a única maneira de vencê-lo seria empregar recursos proibidos. Foi o primeiro a se atrever a afirmar em público que, para deter o avanço do marxismo, só um golpe militar daria resultado, porque o povo não renunciaria ao poder pelo qual havia esperado com ansiedade durante meio século só porque lhe faltavam frangos.

— Deixem de viadagens e peguem nas armas! — dizia quando ouvia falar em sabotagem.

Suas ideias não eram nenhum segredo; ele as divulgava aos quatro cantos e, não satisfeito, ia de vez em quando jogar milho aos cadetes da Escola Militar e gritar-lhes que eram umas galinhas. Precisou contratar dois guarda-costas que o protegessem de seus próprios excessos. Esquecia-se frequentemente de que ele mesmo os contratara e, sentindo-se vigiado, experimentava arrebatamentos de mau humor, insultava-os, ameaçava-os com a bengala e terminava geralmente sufocado pela taquicardia. Estava certo de que, se alguém se dispusesse a assassiná-lo, aqueles dois robustos imbecis não serviriam para evitá-lo, mas confiava no fato de que sua presença pelo menos atemorizaria os insolentes casuais. Também tentou contratar seguranças para sua neta, que, ele acreditava, atuava num antro de comunistas, em que, a qualquer momento, alguém poderia faltar-lhe com o respeito por culpa do parentesco com ele, mas Alba não quis nem ouvir falar a respeito. “Um guarda-costas equivale a uma confissão de culpa. Eu não tenho nada a temer”, argumentou. Não se atreveu a insistir, porque já estava cansado de lutar contra todos os membros da família, e, apesar de tudo, sua neta era a única pessoa no mundo com quem partilhava sua ternura e que o fazia rir.

Blanca, entretanto, havia organizado uma cadeia de abastecimento por intermédio do mercado negro e de suas conexões nas comunidades operárias em que ensinava cerâmica às mulheres. Custava-lhe muitas angústias e árduo trabalho escamotear um saco de açúcar ou uma caixa de sabão. Chegou a pôr em prática uma astúcia de que não se sabia capaz para armazenar num dos cômodos vazios da casa toda

espécie de gêneros, alguns francamente inúteis, como dois barris de molho de soja que comprara de uns chineses. Vedou a janela do quarto, pôs um cadeado na porta e andava com as chaves na cintura, sem tirá-las nem para tomar banho, porque desconfiava de todos, incluindo Jaime e a própria filha. Não lhe faltavam razões. “Você parece uma carcereira, mamãe”, dizia Alba, assustada por aquela mania de prevenir o futuro à custa de amargar o presente. Alba defendia a ideia de que, se não houvesse carne, comessem batatas e, se não houvesse sapatos, usassem alpargatas, mas Blanca, horrorizada com a simplicidade da filha, sustentava a teoria de que, acontecesse o que acontecesse, não se deveria baixar o nível, com o que justificava o tempo gasto em suas argúcias de contrabandista. Na verdade, nunca tinham vivido melhor, desde a morte de Clara, porque, pela primeira vez, alguém em casa se preocupava com a organização doméstica e dispunha do que fosse para as panelas. De Las Tres Marías, chegavam regularmente caixotes com alimentos, que Blanca escondia. Da primeira remessa, apodreceu quase tudo, e a pestilência emanou dos cômodos fechados, impregnou toda a casa e se espalhou pelo bairro. Jaime sugeriu à irmã que doasse, trocasse ou vendesse os produtos perecíveis, mas Blanca recusou-se a compartilhar seus tesouros. Alba percebeu então que sua mãe, que até então parecia ser a única pessoa equilibrada da família, também tinha suas loucuras. Abriu um buraco na parede da despensa, por onde tirava em igual medida o que Blanca armazenava. Aprendeu a fazê-lo com tanto cuidado para que não se notasse — roubando o açúcar, o arroz e a farinha com xícaras, quebrando os queijos e espalhando algumas frutas secas, para que parecesse obra de ratos —, que Blanca levou mais de quatro meses para desconfiar. Fez então um inventário escrito do que havia na despensa e marcava com cruces o que tirava para o uso da casa, convencida de que, assim, descobriria o ladrão. Alba, contudo, aproveitava qualquer descuido da mãe para fazer cruces na lista, de modo que, no final, Blanca se via tão confusa, que não sabia se havia se enganado ao contabilizar, se se comia na casa três vezes mais do que ela calculava ou se era certo que naquele maldito casarão ainda circulavam almas errantes.

O produto dos furtos de Alba ia para as mãos de Miguel, que o distribuía nos bairros populares e nas fábricas, junto com seus panfletos revolucionários, conclamando à luta armada para derrotar a oligarquia. Contudo, ninguém lhe prestava atenção. Estavam convencidos de que, se tinham chegado ao poder por via legal e democrática, ninguém os poderia destituir, pelo menos até as próximas eleições presidenciais.

— São uns imbecis, pois não se dão conta de que a direita está se armando! — desabafou Miguel com Alba.

Alba acreditou nele. Tinha visto serem descarregadas durante a noite grandes caixas de madeira no pátio de sua casa, e, imediata e sigilosamente, o carregamento ser armazenado, sob as ordens de Trueba, num dos cômodos vazios. Seu avô, tal como sua mãe, pôs um cadeado na porta e andava com a chave pendurada ao pescoço, na mesma bolsinha de camurça em que guardava os dentes de Clara. Alba contou a seu tio Jaime, que, depois de estabelecer uma trégua com o pai, voltara para casa. “Tenho quase certeza de que são armas”, comentou com ele. Jaime, que nessa época andava com a cabeça no mundo da lua e assim continuou até o dia em que o mataram, não pôde acreditar, mas sua sobrinha tanto insistiu que ele concordou em falar com o pai à hora da refeição. As dúvidas que tinham dissiparam-se com a resposta do velho.

— Em minha casa, eu faço o que bem entendo e trago quantas caixas decidir! Não voltem a meter o nariz em meus assuntos! — rugiu o senador Trueba, dando um murro na mesa que fez dançarem os cristais, e encerrou secamente a conversa.

Naquela noite, Alba procurou seu tio Jaime no túnel de livros e lhe propôs usar com as armas de seu avô o mesmo sistema que ela empregava com os víveres de sua mãe. Assim fizeram. Passaram o resto da noite abrindo um buraco na parede do quarto contíguo ao arsenal, que dissimularam, de um lado, com um armário e, de outro, com as próprias caixas proibidas. Por ali conseguiram entrar no quarto fechado pelo avô, munidos de um martelo e um alicate. Alba, que já tinha experiência nesse ofício, sinalizou que abrissem as caixas mais baixas. Encontraram um armamento de batalha que os deixou boquiabertos, ignorantes que eram da existência de instrumentos tão perfeitos para matar. Nos dias seguintes roubaram tudo o que puderam, deixando as caixas vazias sob as demais, contudo cheias de pedras, para que não se notasse a manobra ao levantá-las. Juntos, pegaram pistolas de combate, metralhadoras curtas, rifles e granadas de mão, que esconderam no túnel de Jaime até que Alba pudesse ir levando tudo no estojo de seu violoncelo para um lugar seguro. O senador Trueba via sua neta passar, arrastando o pesado estojo, sem suspeitar que no interior forrado de pano rolavam as balas que tanto lhe haviam custado passar pela fronteira e esconder em casa. Alba teve a ideia de entregar as armas confiscadas a Miguel, mas seu tio Jaime convenceu-a de que Miguel não era menos terrorista do que o avô e que seria melhor dispor delas de modo que não prejudicassem ninguém. Discutiram várias opções, desde jogá-las no rio até queimá-las numa pira, e finalmente decidiram que era mais prático enterrá-las, dentro de sacos plásticos, em algum lugar seguro e secreto, porque assim, algum dia, poderiam servir para uma causa mais justa. O senador Trueba estranhou ver o filho e a neta planejando uma

excursão à montanha, porque nem Jaime nem Alba tinham voltado a praticar qualquer esporte desde os tempos do colégio inglês e nunca haviam manifestado inclinação para os desconfortos do alpinismo. Um sábado pela manhã, partiram num jipe emprestado, equipados com uma barraca, um cesto com provisões e uma misteriosa mala, que tiveram de transportar juntos, porque pesava como um morto. Dentro iam os armamentos de guerra roubados do avô. Entusiasmados, dirigiram-se à montanha; até onde conseguiram, foram pela estrada, depois avançaram por um atalho, procurando um lugar tranquilo em meio à vegetação torturada pelo vento e pelo frio. Depositaram ali seu equipamento, montaram sem qualquer habilidade a pequena tenda, cavaram os buracos e enterraram os sacos, marcando cada lugar com um amontoado de pedras. O resto do fim de semana passaram pescando trutas no rio e assando-as ao fogo de espinheiras, caminhando pelas colinas como crianças exploradoras e recordando o passado. À noite aqueceram vinho tinto com canela e açúcar, e, embrulhados em seus xales, brindaram, chorando de tanto rir, à cara que o avô faria quando descobrisse que o haviam roubado.

— Se não fosse meu tio, eu me casaria com você! — provocou-o Alba.

— E Miguel?

— Seria meu amante.

Jaime não achou graça naquilo e durante o resto do tempo ensimesmou-se. Naquela noite, enfiaram-se cada um em seu saco de dormir, apagaram o candeeiro a querosene e ficaram em silêncio. Alba dormiu rapidamente, mas Jaime permaneceu até o amanhecer de olhos abertos no escuro. Gostava de dizer que Alba era como sua filha, mas naquela noite surpreendeu-se desejando não ser seu pai ou seu tio, mas simplesmente Miguel. Pensou em Amanda e lamentou que já não pudesse comovê-lo, procurando em vão na memória o rescaldo daquela paixão descomedida que um dia experimentara. Tornara-se um solitário. Durante algum tempo, ficara muito próximo de Amanda, porque se encarregara de seu tratamento e via-a quase todos os dias. A enferma passou várias semanas agonizando, até que pôde prescindir das drogas. Abandonou também os cigarros e a bebida, e começou a levar uma vida saudável e regrada, ganhou algum peso, cortou o cabelo e voltou a pintar seus grandes olhos escuros e a usar colares e pulseiras tilintantes, numa patética tentativa de recuperar a imagem desbotada que guardava de si mesma. Estava apaixonada. Da depressão, passou a um estado de euforia permanente, e Jaime era o centro de sua mania. Como prova de amor, ela ofereceu a Jaime seu enorme esforço e obstinada força de vontade para se libertar de seus inúmeros vícios. Ele não a estimulou, mas também não a repudiou, acreditando que a ilusão do amor poderia ajudá-la na recuperação;

sabia, porém, que era tarde demais para eles. Assim que pôde, tratou de manter distância dela, tendo como pretexto o fato de ser um solteirão perdido para o amor. Bastavam-lhe os encontros furtivos com algumas enfermeiras complacentes do hospital ou as tristes idas aos bordéis para satisfazer suas ânsias mais incômodas, nos raros momentos livres que seu trabalho lhe deixava. À sua revelia, contudo, viu-se envolvido numa relação com Amanda, que, em sua juventude, desejara com desespero, mas que já não o comovia nem se sentia capaz de manter. Só o inspirava um sentimento de compaixão, que, aliás, era uma das emoções mais fortes que ele conseguia sentir. Em toda uma vida de convivência com a miséria e a dor, sua alma não enrijecera; pelo contrário, era cada vez mais vulnerável à piedade. No dia em que Amanda lhe envolveu o pescoço com os braços e disse que o amava, ele a abraçou instintivamente e beijou-a com uma paixão fingida, para que ela não percebesse que ele não a desejava. Assim, viu-se enredado numa relação absorvente, numa idade em que se julgava incapacitado para os amores tumultuados. “Já não sirvo para essas coisas”, pensava, depois daquelas sessões esgotantes em que Amanda, para fasciná-lo, recorria a rebuscadas manifestações amorosas que os deixavam aniquilados.

Sua relação com Amanda e a insistência de Alba puseram-no em contato frequente com Miguel. Não podia evitar encontrá-lo em várias ocasiões. Embora tivesse feito o possível para se manter indiferente, Miguel terminou por cativá-lo. Amadurecera e já não era mais um jovem exaltado, mas não mudara em nada sua linha política e continuava acreditando que, sem uma revolução violenta, seria impossível vencer a direita. Jaime não concordava, mas apreciava-o e admirava seu caráter destemido. No entanto, considerava-o um desses homens fatais, possuídos de um perigoso idealismo e de uma intransigente pureza, que tudo o que toca tingem de desgraça, especialmente as mulheres que têm a pouca sorte de amá-los. Também não gostava de sua posição ideológica, porque estava convencido de que os extremistas de esquerda, como Miguel, causavam mais danos ao presidente do que os de direita. Nada disso, contudo, o impedia de lhe ter simpatia e dobrar-se perante a força de suas convicções, sua alegria natural, sua tendência à ternura e a generosidade com que estava disposto a dar a vida por ideais que Jaime partilhava, ainda que não tivesse coragem de levar a cabo até as últimas consequências.

Naquela noite, Jaime adormeceu preocupado e inquieto, desconfortável em seu saco de dormir, escutando muito próximo a respiração da sobrinha. Quando despertou, ela já se havia levantado e esquentava o café do desjejum. Soprava uma brisa fria, e o sol iluminava com reflexos dourados os cumes das montanhas. Alba dobrou os braços em volta do pescoço do tio e beijou-o, mas ele

manteve as mãos nos bolsos e não devolveu o afago. Estava perturbado.

Las Tres Marías foi um dos últimos latifúndios que a Reforma Agrária expropriou no Sul. Os mesmos camponeses que tinham nascido e trabalhado ao longo de gerações naquela terra formaram uma cooperativa e tornaram-se donos da propriedade, porque havia três anos e cinco meses que não viam seu patrão e haviam esquecido o furacão de suas iras. O administrador, atemorizado pelo rumo que tomavam os acontecimentos e pelo tom exaltado das reuniões dos empregados na escola, reuniu seus pertences e foi embora, sem se despedir de ninguém e sem notificar o senador Trueba, porque não queria enfrentar sua fúria e supôs já ter cumprido seu dever advertindo-o várias vezes. Com sua partida, Las Tres Marías ficou algum tempo à deriva. Não havia quem desse ordens nem quem estivesse disposto a cumpri-las, porque os camponeses saboreavam, pela primeira vez na vida, o gosto da liberdade e de serem seus próprios senhores. Dividiram equitativamente os pastos, e cada um cultivou o que quis até que o governo mandasse um técnico que lhes ofereceu sementes a crédito e os atualizou quanto à procura do mercado, às dificuldades de transporte para os produtos e às vantagens dos abonos e desinfetantes. Os camponeses desdenharam do técnico, que lhes pareceu um grã-fino da cidade e, evidentemente, nunca tivera um arado nas mãos; ainda assim, comemoraram sua visita, abrindo as sagradas adegas do antigo patrão, saqueando seus vinhos raros e sacrificando os touros reprodutores para comer os testículos com cebola e coentro. Depois que o técnico partiu, comeram também as vacas importadas e as galinhas poedeiras. Esteban Trueba soube que perdera a terra quando o notificaram de que lhe pagariam com bônus do Estado, ao longo de trinta anos, o mesmo preço que ele mencionara em seu Imposto de Renda. Perdendo o controle, pegou de seu arsenal uma metralhadora, que não sabia usar, e ordenou ao motorista que o levasse de carro numa só estrada até Las Tres Marías, sem avisar a ninguém, nem sequer seus guarda-costas. Viajou por várias horas, cego de raiva, sem nenhum plano concreto na mente.

Ao chegar, tiveram de frear de repente, porque sua passagem estava impedida por uma exagerada tranca no portão. Um dos camponeses montava guarda, armado de um chicote e uma escopeta de caça sem cartuchos. Trueba desceu do carro. Ao ver o patrão, o pobre homem tocou freneticamente o sino da escola, que haviam posto junto dele para dar o alarme, e em seguida jogou-se de bruços no chão. A rajada de balas passou por cima de sua cabeça e cravou-se nas árvores próximas. Trueba não parou para ver se estava morto. Com agilidade inesperada para sua idade, dirigiu-se à propriedade sem

olhar para nenhum lado, de maneira que a pancada na nuca pegou-o de surpresa e o jogou de bruços na poeira antes que conseguisse perceber o que acontecera. Despertou na sala de jantar da casa senhorial, deitado sobre a mesa, com as mãos amarradas e um travesseiro sob a cabeça. Uma mulher punha-lhe panos molhados na testa e, à sua volta, estavam quase todos os empregados, olhando-o com curiosidade.

— Como se sente, companheiro? — perguntaram.

— Filhos da puta! Eu não sou companheiro de ninguém! — gritou o velho, tentando levantar-se.

Tanto se debateu e gritou que lhe soltaram as cordas e o ajudaram a pôr-se de pé, mas, quando quis sair, deu-se conta de que as janelas estavam vedadas por fora e a porta, fechada à chave. Tentaram explicar-lhe que a situação mudara e que ele já não era mais o dono, mas não quis ouvir ninguém. Sua boca espumava, e seu coração ameaçava explodir, dizia impropérios como um demente, ameaçando com tais castigos e vinganças que os camponeses acabaram rindo dele. De fato, entediados, deixaram-no trancado sozinho na sala de jantar. Esteban Trueba jogou-se numa cadeira, esgotado pelo enorme esforço. Horas depois foi informado de que era refém e que queriam filmá-lo para a televisão. Avisados pelo motorista, os dois guarda-costas e alguns jovens exaltados de seu partido deslocaram-se até Las Tres Mariás, armados com cassetetes, socos-ingleses e correntes, a fim de libertá-lo, mas encontraram a guarda dobrada no portão, sob a mira da mesma metralhadora que o senador Trueba lhes havia proporcionado.

— Ninguém leva o companheiro refém — informaram os camponeses e, para dar ênfase às palavras, correram-nos a tiro.

Apareceu um caminhão da televisão, e os camponeses, que nunca tinham visto nada semelhante, deixaram-no entrar e posaram para as câmeras com largos sorrisos, ao lado do prisioneiro. Naquela noite todo o país pôde ver nas telas da tevê o maior representante da oposição amarrado, espumando de raiva e gritando tantos palavrões que a censura teve de atuar. O presidente também o viu e não achou graça no caso, imaginando que poderia ser o detonador que faria explodir o barril de pólvora em que seu governo precariamente se equilibrava. Mandou os carabineiros resgatarem o senador, mas, quando eles chegaram à fazenda, os camponeses, encorajados pelo apoio da imprensa, não os deixaram entrar. Exigiram uma ordem judicial. O juiz da província, percebendo que poderia meter-se numa encrenca e aparecer também na televisão, achincalhado pelos repórteres de esquerda, foi apressadamente pescar. Os carabineiros tiveram de limitar-se a esperar do lado de fora do portão de Las Tres Mariás até mandarem a ordem da capital.

Blanca e Alba tomaram ciência do caso, como toda a população, porque o viram no noticiário. Blanca esperou até o dia seguinte sem fazer comentários, mas, ao ver que nem os carabineiros tinham podido fazer um resgate, decidiu que chegara o momento de voltar a encontrar-se com Pedro Terceiro García.

— Tire essas calças sujas e ponha um vestido decente — ordenou a Alba.

Ambas se apresentaram no ministério sem ter marcado audiência. Um secretário quis detê-las na antessala, mas Blanca afastou-o com um empurrão e entrou com passo firme, levando a filha a reboque. Abriu a porta sem bater e adentrou o gabinete de Pedro Terceiro, que fazia dois anos não via. Esteve a ponto de retirar-se, supondo ter-se equivocado. Naquele curto prazo, o homem de sua vida emagrecera e envelhecera, e parecia muito cansado e triste; tinha o cabelo ainda negro, porém mais ralo e curto, aparara sua bela barba e usava um terno cinzento de funcionário e uma triste gravata da mesma cor. Blanca só o reconheceu pelos seus velhos olhos negros.

— Jesus! Como você mudou...! — balbuciou.

Pedro Terceiro, no entanto, achou-a mais bela do que se recordava, como se a ausência a tivesse rejuvenescido. Naqueles dois anos ele tivera tempo de se arrepender de sua decisão e de descobrir que, sem Blanca, perdera até o gosto pelas jovens que antes o entusiasmavam. Por outro lado, sentado naquele escritório, trabalhando doze horas por dia, longe de seu violão e da inspiração do povo, tinha muito poucas oportunidades de ser feliz. À medida que passava o tempo, sentia cada vez mais saudades do amor tranquilo e reconfortante de Blanca. Assim que a viu entrar com gestos decididos e acompanhada de Alba, compreendeu que não o procurava por razões sentimentais e adivinhou que a causa era o escândalo com o senador Trueba.

— Venho pedir-lhe que nos acompanhe — disse Blanca, sem meias palavras. — Sua filha e eu vamos buscar o velho em Las Tres Marías.

Foi assim que Alba soube que Pedro Terceiro García era seu pai.

— Está bem. Passaremos em minha casa para buscar o violão — respondeu, levantando-se.

Saíram do ministério num automóvel preto como um carro funerário, de placa oficial. Blanca e Alba esperaram na rua enquanto ele subiu ao apartamento. Quando regressou, tinha trocado o terno cinzento pelo macacão e seu velho poncho, calçava alpargatas e trazia o violão pendurado às costas. Blanca sorriu-lhe pela primeira vez, e ele se inclinou e beijou-a levemente na boca. A viagem foi silenciosa durante os primeiros cem quilômetros, até que Alba pôde recuperar-se da surpresa e, num fio de voz, trêmula, perguntou por que não lhe haviam contado antes que Pedro Terceiro era seu pai; teriam-na poupado de tantos pesadelos com um conde vestido de branco, morto

de febre no deserto.

— É melhor um pai morto do que um pai ausente — respondeu Blanca, enigmaticamente, e não tornou a falar no assunto.

Chegaram a Las Tres Marías ao anoitecer e encontraram no portão da fazenda um grupo de pessoas conversando amigavelmente em volta de uma fogueira em que se assava um porco. Eram os carabineiros, os jornalistas e os camponeses, dando baixa nas últimas garrafas da adega do senador. Alguns cachorros e várias crianças brincavam iluminados pelo fogo, esperando que o leitão rosado e brilhante ficasse pronto. Os jornalistas logo reconheceram Pedro Terceiro García, porque o haviam entrevistado com frequência, os carabineiros, por sua inconfundível aparência de cantor popular, e os camponeses, porque o tinham visto nascer naquela terra. Receberam-no com afeto.

— O que o traz aqui, companheiro? — perguntaram-lhe os camponeses.

— Venho ver o velho — disse, sorrindo, Pedro Terceiro.

— Você pode entrar, companheiro, mas sozinho. Dona Blanca e a menina Alba vão aceitar um copinho de vinho — disseram.

As duas mulheres sentaram-se em volta da fogueira com os demais, e o aroma suave da carne chamuscada lembrou-lhes que não comiam desde a manhã. Blanca conhecia todos os camponeses e tinha ensinado muitos deles a ler na pequena escola de Las Tres Marías; por isso, começou a recordar tempos passados, quando os irmãos Sánchez impunham a lei na região, quando Pedro García, o velho, acabou com a praga das formigas e quando o presidente recém-eleito era um eterno candidato, que parava na estação, discursando para eles no interior do trem de suas derrotas.

— Quem poderia imaginar que algum dia seria presidente! — alguém observou.

— E que algum dia o patrão mandaria menos do que nós em Las Tres Marías — disseram os demais, rindo.

Conduziram Pedro Terceiro García à casa senhorial, diretamente à cozinha, onde estavam os camponeses mais velhos, vigiando a porta da sala de jantar, na qual o antigo patrão era mantido prisioneiro. Fazia anos que não viam Pedro Terceiro, mas todos se lembravam dele. Sentaram-se à mesa, bebendo vinho e conversando sobre o passado remoto, os tempos em que Pedro Terceiro não era uma lenda na memória das pessoas do campo, mas apenas um rapaz rebelde, apaixonado pela filha do patrão. Depois Pedro Terceiro pegou seu violão, ajeitou-o na perna, fechou os olhos e começou a cantar com sua voz de veludo a história das galinhas e da raposa, acompanhado em coro por todos os velhos.

— Vou levar o patrão, companheiros — informou suavemente Pedro Terceiro numa pausa.

— Nem sonhe, filho — responderam.

— Amanhã virão os carabineiros com uma ordem judicial e vão levá-lo como um herói. É melhor que eu o leve com o rabo entre as pernas — argumentou Pedro Terceiro.

Discutiram o assunto por um bom tempo e, por fim, levaram-no à sala de jantar e deixaram-no só com o refém. Era a primeira vez que estavam frente a frente desde o dia fatídico em que Trueba lhe cobrou a virgindade da filha com uma machadada. Pedro Terceiro lembrava-se dele como um gigante furibundo, armado com um chicote de couro e uma bengala de castão de prata, que fazia tremerem à sua passagem os empregados e que alterava a natureza com sua voz de trovão e sua prepotência de grande senhor. Surpreendeu-se ao perceber que seu rancor, amassado durante tanto tempo, se esvaía na presença daquele ancião curvado e mirrado, que o olhava assustado. O senador Trueba esgotara sua raiva na noite que passara sentado numa cadeira, de mãos amarradas; tinha dores em todos os ossos e, nas costas, um cansaço de mil anos. A princípio, teve dificuldade em reconhecê-lo, porque não o via fazia um quarto de século, mas, ao notar que lhe faltavam três dedos na mão direita, compreendeu que aquilo era o ponto culminante do pesadelo em que se encontrava submerso. Observaram-se em silêncio por longos segundos, pensando cada um que o outro encarnava o que de mais odioso havia no mundo, mas sem encontrar o fogo do antigo ódio em seus corações.

— Vim tirá-lo daqui — informou Pedro Terceiro.

— Por quê? — perguntou o velho.

— Porque Alba me pediu — respondeu Pedro Terceiro.

— Vá para o caralho! — balbuciou Trueba, sem convicção.

— Bem, para lá vamos. Você vem comigo.

Pedro Terceiro começou a desatar-lhe as cordas, que tinham tornado a pôr em seus pulsos, para evitar que desse murros na porta. Trueba desviou os olhos para não lhe ver a mão mutilada.

— Tire-me daqui sem que me vejam. Não quero que os jornalistas saibam — disse o senador Trueba.

— Vou tirá-lo daqui exatamente por onde entrou, pela porta principal — respondeu Pedro Terceiro, começando a andar.

Trueba seguiu-o de cabeça baixa, tinha os olhos avermelhados e, pela primeira vez, desde que se podia recordar, sentia-se derrotado. Passaram pela cozinha sem que o velho erguesse o olhar, atravessaram toda a casa e percorreram o caminho da casa senhorial até o portão de entrada, acompanhados por um grupo de crianças travessas brincando à sua volta e um séquito de camponeses silenciosos caminhando atrás deles. Blanca e Alba estavam sentadas entre os jornalistas e os carabineiros, comendo porco assado com os dedos e bebendo grandes goles de vinho tinto pelo gargalo da garrafa que circulava de mão em

mão. Ao ver seu avô, Alba comoveu-se, porque nunca o vira tão abatido desde a morte de Clara. Engoliu o que tinha na boca e correu ao seu encontro. Abraçaram-se estreitamente, e ela lhe sussurrou alguma coisa ao ouvido. Então, o senador Trueba conseguiu recuperar sua dignidade, levantou a cabeça e sorriu com a antiga soberba às luzes das máquinas fotográficas. Os jornalistas fotografaram-nos subindo num automóvel preto com placa oficial, e a opinião pública perguntou-se durante semanas o que significava aquela palhaçada; até que outros acontecimentos muito mais graves apagaram a lembrança do incidente.

Naquela noite, o presidente, que adquirira o hábito de enganar a insônia jogando xadrez com Jaime, comentou o assunto entre duas partidas, enquanto espiava com os olhos astutos, através das grossas lentes em armação escura, algum indício de mal-estar no amigo, mas Jaime continuou a colocar as peças no tabuleiro, sem dizer uma palavra.

— O velho Trueba tem os colhões no lugar — observou o presidente. — Merecia estar do nosso lado.

— É sua vez de começar, presidente — respondeu Jaime, indicando o tabuleiro.

Nos meses que se seguiram, a situação piorou muito, lembrando um país em guerra. Os ânimos estavam extremamente exaltados, sobretudo em meio às mulheres da oposição, que desfilavam pelas ruas batendo suas caçarolas em protesto contra a falta de abastecimento. Metade da população procurava derrubar o governo, outra o defendia, sem que ninguém tivesse tempo para se ocupar do trabalho. Uma noite Alba admirou-se ao ver as ruas do Centro escuras e vazias. O lixo não fora recolhido ao longo de uma semana, e os cães vadios fuçavam os montes de sujeira. Os postes estavam cobertos de propaganda impressa, que a chuva de inverno desbotara, e, em todos os espaços disponíveis, havia palavras de ordem de ambas as facções. A maior parte das lâmpadas das ruas tinha sido apedrejada, e nos edifícios não havia janelas iluminadas, vindo a luz de tristes fogueiras mantidas com jornais e tábuas, onde se aqueciam pequenos grupos que montavam guarda diante dos ministérios, bancos, escritórios, fazendo turnos para impedir que quadrilhas de extrema direita os tomassem de assalto durante a noite. Alba viu parar uma camioneta em frente a um edifício público. Desceram vários jovens com capacetes brancos, baldes de tinta e brochas, que cobriram as paredes com uma base a cor clara. Depois desenharam grandes pombas de muitas cores, borboletas e flores sanguinolentas, versos do Poeta e apelos à unidade popular. Eram as brigadas juvenis, que acreditavam poder salvar sua revolução com murais patrióticos e pombas panfletárias. Alba aproximou-se e apontou-lhes o mural que havia do

outro lado da rua em tinta vermelha; tinha só uma palavra escrita com letras enormes: Djakarta.

— O que significa esse nome, companheiros? — perguntou.

— Não sabemos — responderam.

Ninguém sabia por que razão a oposição pintava aquela palavra asiática nos muros; nunca tinham ouvido falar a respeito das pilhas de mortos nas ruas daquela cidade distante. Alba montou em sua bicicleta e pedalou de regresso a casa. Quando começaram o racionamento de gasolina e a greve do transporte público, desenterrara do porão o velho brinquedo de sua infância para se locomover. Ia pensando em Miguel, e um negro pressentimento apertava-lhe a garganta.

Havia bastante tempo que não frequentava as aulas, e começava a sobrar-lhe tempo. Os professores tinham declarado suspensão indefinida, e os estudantes tomaram os edifícios das faculdades. Farta de estudar violoncelo em casa, aproveitava os momentos em que não estava namorando, passeando ou discutindo com Miguel para ir ao hospital do Bairro da Misericórdia ajudar seu tio Jaime e mais alguns médicos, que continuavam atendendo, contrariando a ordem do Colégio Médico no sentido de não trabalhar a fim de sabotar o governo. Era uma tarefa hercúlea. Os corredores atulhavam-se de doentes que esperavam durante dias para ser atendidos, como um lamuriento rebanho. Os enfermeiros não providenciavam coisa alguma. Jaime adormecia com o bisturi na mão, tão ocupado que muitas vezes se esquecia de comer. Emagrecera e estava absolutamente extenuado. Fazia turnos de dezoito horas e, quando se deitava em seu catre, não conseguia conciliar o sono, pensando nos enfermos que esperavam, na falta de anestesia, seringa e algodão, e imaginando que, mesmo que ele se multiplicasse por mil, ainda não seria suficiente, porque aquilo era o mesmo que tentar deter um trem com a mão. Amanda também trabalhava no hospital como voluntária para estar perto de Jaime e manter-se ocupada. Naquelas jornadas esgotantes, cuidando de doentes desconhecidos, recuperou a luz que a iluminava por dentro em sua juventude e, por algum tempo, teve a ilusão de ser feliz. Usava um avental azul e sapatilhas de borracha, mas Jaime julgava ouvir o tilintar de outros tempos sempre que ela estava por perto. Sentia-se acompanhado e teria desejado amá-la.

O presidente aparecia na televisão quase todas as noites para denunciar a guerra sem quartel da oposição. Estava muito cansado, e sua voz falhava com frequência. Espalharam-se boatos de que estava sempre bêbado e de que passava a noite em orgias com mulatas trazidas dos trópicos por via aérea para lhe aquecer os ossos. Denunciou o fato de que os caminhoneiros em greve recebiam cinquenta dólares por dia do exterior para manter o país parado.

Responderam que lhe enviavam sorvetes de coco e armas soviéticas nas malas diplomáticas. Afirmou que seus inimigos conspiravam com os militares para provocar um golpe de Estado, porque preferiam ver a democracia morta a vê-la governada por ele. Acusaram-no de inventar mentiras de paranoico e de roubar as obras do Museu Nacional para com elas enfeitar o quarto de sua amante. Advertiu que a direita estava armada e decidida a vender a pátria ao imperialismo, e o contestaram, dizendo que sua despesa estava repleta de peitos de frango, enquanto o povo fazia filas para conseguir comprar pescoços e asas.

No dia em que Luisa Mora tocou a campainha do casarão da esquina, o senador Trueba estava fazendo contas na biblioteca. Era a última das irmãs Mora que ainda restava neste mundo, reduzida ao tamanho de um anjo errante e totalmente lúcida, em plena posse de sua inabalável energia espiritual. Trueba não a via desde a morte de Clara, mas reconheceu-a pela voz, que continuava a soar como uma flauta encantada, e pelo perfume de violetas silvestres, suavizado pelo tempo, mas ainda perceptível a distância. Ao entrar no cômodo, estava acompanhada da presença alada de Clara, que permaneceu flutuando perante os olhos enamorados de seu marido, que fazia vários dias não a via.

— Venho anunciar-lhe desgraças, Esteban — informou Luisa Mora depois de se acomodar na poltrona.

— Ai, querida Luisa! Disso já tive bastante... — suspirou ele.

Luisa contou o que havia descoberto nos planetas. Teve de explicar o método científico empregado para vencer a pragmática resistência do senador. Revelou que passara os últimos dez meses estudando o mapa astral de cada pessoa importante do governo e da oposição, incluindo o próprio Trueba. A comparação dos mapas indicava que naquele exato momento histórico ocorreriam inevitáveis atos de sangue, dor e morte.

— Não tenho a menor dúvida, Esteban — concluiu. — Aproximam-se tempos atroz. Haverá tantos mortos que não poderão ser contados. Você fará parte do grupo dos vencedores, mas o triunfo não lhe trará mais do que sofrimento e solidão.

Esteban Trueba sentiu-se desconfortável diante daquela pitonisa insólita, que transtornava a paz de sua biblioteca e lhe alvoroçava o fígado com desvarios astrológicos, mas não teve coragem de despachá-la, por causa de Clara, que, de seu canto, tudo observava de rabo de olho.

— Mas não vim aborrecê-lo com notícias que escapam ao seu controle, Esteban. Vim falar com sua neta, Alba, porque tenho uma mensagem de sua avó para ela.

O senador Trueba chamou Alba, que não via Luisa Mora desde os 7

anos, embora dela se recordasse perfeitamente. Abraçou-a com delicadeza, a fim de não lhe desconjuntar o frágil esqueleto de marfim, e aspirou com prazer aquele perfume inconfundível.

— Vim dizer-lhe que se cuide, filhinha — disse Luisa Mora depois de enxugar as lágrimas de emoção. — A morte anda rondando seus calcanhares. Sua avó Clara a protege do Além, mas mandou-me dizer-lhe que os espíritos protetores são ineficazes nos cataclismos maiores. Seria bom que você fizesse uma viagem, indo para o outro lado do mar, onde estará a salvo.

A essa altura da conversa, o senador Trueba tinha perdido a paciência e estava convicto de se encontrar diante de uma anciã demente. Dois meses e onze dias mais tarde, recordaria a profecia de Luisa Mora, quando levaram Alba à noite, durante o toque de recolher.

Capítulo XIII

O Terror

O dia do golpe militar amanheceu ensolarado, o que era pouco usual na tímida primavera que despontava. Jaime havia trabalhado quase toda a noite e, às sete da manhã, só tinha no corpo duas horas de sono. Despertou-o a campainha do telefone, e uma secretária, com a voz ligeiramente alterada, acabou de lhe espantar a modorra. Telefonavam-lhe do palácio para informá-lo de que deveria apresentar-se no escritório do companheiro presidente o mais depressa possível, não, o companheiro presidente não estava doente, não, não sabia o que estava ocorrendo; apenas tinha ordem de chamar todos os médicos da presidência. Jaime vestiu-se como um sonâmbulo e entrou em seu carro, agradecendo o fato de sua profissão lhe dar direito a uma cota semanal de gasolina, porque, não fosse assim, teria de ir até o Centro de bicicleta. Chegou ao palácio às oito e estranhou ver a praça vazia e um forte destacamento de soldados nos portões da sede do governo, todos equipados com farda de campanha, capacetes e armamentos de guerra. Jaime estacionou seu carro na praça deserta, sem reparar nos gestos que lhe faziam os soldados para não parar ali. Desceu, e imediatamente o cercaram, apontando-lhe as armas.

— O que está acontecendo, companheiros? Estamos em guerra com os chineses? — sorriu Jaime.

— Siga; não pode parar aqui! O tráfego está interrompido! — ordenou um oficial.

— Sinto muito, mas chamaram-me da presidência — alegou Jaime, mostrando sua identificação. — Sou médico.

Acompanharam-no até as pesadas portas de madeira do palácio, onde um grupo de carabineiros montava guarda. Deixaram-no entrar. No interior do edifício reinava uma agitação de naufrágio, os empregados correndo pelas escadas como ratos assustados, e a guarda privada do presidente empurrando os móveis contra as janelas e distribuindo pistolas aos mais próximos. O presidente veio ao seu

encontro, usando um capacete de combate incongruente com sua fina roupa esportiva e seus sapatos italianos. Jaime compreendeu então que algo grave estava acontecendo.

— A Marinha sublevou-se, doutor — explicou laconicamente. — Chegou o momento de lutar.

Jaime pegou o telefone e chamou Alba para dizer-lhe que não saísse de casa e pedir-lhe que avisasse a Amanda. Nunca mais voltou a falar com ela, porque os acontecimentos se desencadearam vertiginosamente. No transcurso da hora que se seguiu, chegaram alguns ministros e dirigentes políticos do governo, e começaram as negociações telefônicas com os insurrectos para avaliar a magnitude da sublevação e procurar uma solução pacífica. Às nove e meia da manhã, porém, as unidades armadas do país estavam sob o comando de militares golpistas. Nos quartéis começara o expurgo dos que permaneciam leais à Constituição. O general dos carabineiros ordenou à guarda do palácio que saísse, porque também a polícia acabara de aderir ao golpe.

— Podem ir, companheiros, mas deixem suas armas — orientou o presidente.

Os carabineiros estavam confusos e envergonhados, mas a ordem do general fora categórica. Nenhum deles se atreveu a desafiar o olhar do chefe de Estado, depositaram suas armas no pátio e saíram em fila, cabisbaixos. À porta, um dos carabineiros se voltou.

— Eu fico com você, companheiro presidente — declarou.

Pelo meio da manhã, tornou-se evidente que a situação não se resolveria com o diálogo, e quase todo mundo começou a retirar-se. Só ficaram os amigos mais próximos e a guarda pessoal. As filhas do presidente foram obrigadas pelo pai a sair. Tiveram de ser levadas à força, e seus gritos podiam ser ouvidos, chamando-o da rua. No interior do edifício ficaram cerca de trinta pessoas entrincheiradas nos salões do segundo andar, em meio às quais estava Jaime, imaginando estar sofrendo um pesadelo. Sentou-se numa poltrona de veludo vermelho, com uma pistola na mão, olhando-a idiotizado. Não sabia usá-la. Pareceu-lhe que o tempo passava muito lentamente; em seu relógio só haviam transcorrido três horas daquele pesadelo. Ouviu a voz do presidente, que falava pelo rádio ao país. Era sua despedida.

“Dirijo-me àqueles que serão perseguidos para lhes dizer que não vou renunciar: pagarei com minha vida a lealdade do povo. Estarei sempre junto de vocês. Tenho fé na pátria e em seu destino. Outros homens superarão este momento, e, muito mais cedo do que se pensa, serão abertas as grandes alamedas por onde passará o homem livre, para construir uma sociedade melhor. Viva o povo! Vivam os trabalhadores! Estas serão as minhas últimas palavras. Estou certo de que meu sacrifício não será em vão.”

O céu começou a toldar-se. Ouviram-se alguns disparos isolados e distantes. Naquele momento o presidente estava falando por telefone com o chefe dos sublevados, que lhe ofereceu um avião militar para sair do país com toda a sua família. Ele, porém, não estava disposto a exilar-se em algum lugar longínquo, em que poderia passar o resto de sua vida, vegetando com outros governantes depostos, que tivessem abandonado às pressas suas pátrias.

— Equivocaram-se comigo, traidores. Aqui me pôs o povo, e daqui só sairei morto — respondeu, sereno.

Então, ouviram o rugido dos aviões, e começou o bombardeio. Jaime atirou-se ao chão, com os demais, sem poder acreditar no que estava vivendo, porque até a véspera estivera convencido de que em seu país nunca ocorria nada e até os militares respeitavam a lei. Apenas o presidente se manteve de pé, aproximou-se de uma janela com uma bazuca nos braços e disparou contra os tanques na rua. Jaime arrastou-se até ele e agarrou-o pelas pernas, a fim de obrigá-lo a agachar-se, mas o presidente disse um palavrão e se manteve de pé. Quinze minutos depois, ardia todo o edifício, e lá dentro era impossível respirar por causa das bombas e da fumaça. Jaime engatinhava em meio aos móveis quebrados e pedaços de teto que caíam à sua volta, como uma chuva mortífera, procurando prestar ajuda aos feridos, mas só lhes podendo oferecer consolo e fechar os olhos dos mortos. Numa súbita pausa do tiroteio, o presidente reuniu os sobreviventes e disse-lhes que saíssem, que não queria mártires nem sacrifícios inúteis, que todos tinham família e teriam de realizar uma importante tarefa depois. “Vou pedir uma trégua para vocês poderem sair”, acrescentou. Ninguém, porém, se retirou. Alguns tremiam, mas todos estavam em aparente posse de sua dignidade. O bombardeio, embora breve, deixou o palácio em ruínas. Às duas da tarde, o incêndio já devorara os antigos salões, que haviam servido desde os tempos coloniais, e só ficara um punhado de homens em volta do presidente. Os militares entraram no edifício e ocuparam tudo o que restara da planta baixa. Em meio ao estrondo, ouviram a voz histérica de um oficial ordenando-lhe que se rendessem e descessem em fila indiana e com as mãos para o alto. O presidente apertou a mão de cada um. “Eu descerei por último”, disse. Não voltaram a vê-lo com vida.

Jaime desceu com os demais. Em cada degrau da grande escadaria de pedra, havia soldados a postos. Pareciam ter enlouquecido. Davam pontapés e coronhadas nos que desciam, com um ódio novo, recém-inventado, que havia florescido neles em poucas horas. Alguns disparavam suas armas por cima das cabeças dos que se haviam rendido. Jaime recebeu um golpe no ventre que o dobrou em dois e,

quando pôde esticar-se, tinha os olhos cheios de lágrimas e as calças quentes de merda. Continuaram a espancá-los até a rua, onde mandaram que se deitassem de bruços no chão, pisaram-nos e insultaram-nos até esgotarem os palavrões em espanhol; então, fizeram sinais a um tanque. Os prisioneiros ouviram-no aproximar-se, fazendo estremecer o asfalto com seu peso de paquiderme invencível.

— Abram caminho, porque vamos passar com o tanque por cima desses porcos! — gritou um coronel.

Jaime avistou-o do chão e supôs reconhecê-lo, porque ele lhe lembrou um menino com quem brincava em Las Tres Marías quando era garoto. O tanque passou, resfolegando, a dez centímetros de sua cabeça, em meio às gargalhadas dos soldados e ao silvo das sirenes dos bombeiros. Ao longe, ouvia-se o rumor dos aviões de guerra. Muito tempo depois separaram os prisioneiros em dois grupos, de acordo com sua culpa, e levaram Jaime para o Ministério da Defesa, que fora transformado em quartel. Obrigaram-no a avançar agachado, como se estivesse numa trincheira, levaram-no ao longo de uma grande sala, cheia de homens nus, amarrados em filas de dez, com as mãos presas atrás das costas, tão espancados que alguns não conseguiam manter-se de pé, e o sangue corria a jorros sobre o mármore do chão. Conduziram Jaime à sala da caldeira, onde havia outras pessoas de pé contra a parede, vigiadas por um soldado lívido, que caminhava apontando-lhes a metralhadora. Passou ali muito tempo imóvel, de pé, sustentando-se como um sonâmbulo, sem conseguir compreender o que estava acontecendo, atormentado pelos gritos que se ouviam através da parede. Percebeu que o soldado o observava. Pouco depois abaixou a arma e aproximou-se.

— Sente-se para descansar, doutor, mas, se eu o avisar, ponha-se de pé imediatamente — murmurou o soldado, passando-lhe um cigarro aceso. — O senhor operou minha mãe e salvou-lhe a vida.

Jaime não fumava, mas saboreou aquele cigarro aspirando lentamente. Seu relógio estava destruído, mas, pela fome e pela sede, calculou que já tivesse anoitecido. Estava tão cansado e desconfortável em suas calças manchadas que não questionava o que lhe iria acontecer. Começava a cabecear quando o soldado se aproximou.

— Levante-se, doutor — sussurrou-lhe. — Estão vindo buscá-lo. Boa sorte.

Um instante depois entraram dois homens, algemaram-no e o conduziram ao oficial encarregado de interrogar os prisioneiros. Jaime o vira algumas vezes em companhia do presidente.

— Sabemos que você não tem nada a ver com isso, doutor — justificou. — Só queremos que apareça na televisão e diga que o presidente estava bêbado e se suicidou. Depois, deixo-o ir para casa.

— Faça essa declaração você mesmo. Não contem comigo,

cornudos! — respondeu Jaime.

Agarraram-lhe os braços. O primeiro golpe atingiu-lhe o estômago. Depois, levantaram-no, estenderam-no sobre uma mesa, e ele sentiu que lhe tiravam a roupa. Muito depois, retiraram-no, inconsciente, do Ministério da Defesa. Começara a chover, e o frescor da água e do ar o reanimou. Despertou quando o erguiam para um ônibus do Exército, depositando-o no banco traseiro. Através do vidro, observou a noite e, quando o veículo se pôs em marcha, pôde ver as ruas vazias e os edifícios embandeirados. Compreendeu que os inimigos tinham vencido e provavelmente pensou em Miguel. O ônibus deteve-se no pátio de um regimento, e ali o deixaram. Havia outros prisioneiros em tão mau estado quanto o seu. Amarraram-lhe os pés e as mãos com arame farpado e jogaram-no de bruços nas cavalariças. Jaime e os demais passaram ali dois dias — sem água ou alimento, apodrecendo em seu próprio excremento, em seu sangue e em seu espanto —, ao fim dos quais foram todos transportados num caminhão até os arredores do aeroporto. Num descampado, fuzilaram-nos, deitados no chão, porque eles não se sustentavam em pé, e em seguida dinamitaram seus corpos. O assombro da explosão e o fedor dos despojos ficaram pairando no ar por muito tempo.

No casarão da esquina, o senador Trueba abriu uma garrafa de champanha francês para celebrar a queda do regime contra o qual lutara tão ferozmente, sem suspeitar que naquele momento queimavam os testículos de seu filho Jaime com um cigarro importado. O velho pendurou a bandeira na entrada da casa e não saiu para dançar na rua porque era coxo e havia toque de recolher, mas vontade não lhe faltou, como disse, satisfeito, à filha e à neta. Enquanto isso, Alba, pendurada ao telefone, tentava obter notícias das pessoas cujo paradeiro a preocupava: Miguel, Pedro Terceiro, seu tio Jaime, Amanda, Sebastián Gómez e tantos outros.

— Agora eles vão pagar! — exclamou o senador Trueba, erguendo sua taça.

Alba arrebatou-a de sua mão com um tapa, jogando-a contra a parede e fazendo-a em pedaços. Blanca, que nunca tivera coragem de enfrentar o pai, sorriu, sem ao menos tentar disfarçar.

— Não vamos celebrar a morte do presidente nem a dos outros, vovô! — gritou Alba.

Nas belas casas do Bairro Alto, abriram-se as garrafas que estavam esperando havia três anos e brindou-se à nova ordem. Os helicópteros sobrevoaram as vilas operárias durante toda a noite, zumbindo como moscas de outros mundos.

Muito tarde, quase ao amanhecer, o telefone tocou, e Alba, que não se deitara, correu para atendê-lo. Aliviada, ouviu a voz de Miguel.

— Chegou o momento, meu amor. Não me procure nem me espere. Amo você — disse.

— Miguel! Quero ir com você! — disse Alba, soluçando.

— Não fale a ninguém a meu respeito, Alba. Não procure os amigos. Rasgue as agendas, os papéis, tudo o que possa relacioná-la comigo. Vou amá-la sempre, lembre-se disso, meu amor — disse Miguel, interrompendo a ligação.

O toque de recolher durou dois dias. Para Alba, foram uma eternidade. As rádios transmitiam ininterruptamente hinos marciais, e a televisão só mostrava paisagens do território nacional e desenhos animados. Várias vezes por dia apareciam nas telas os quatro generais da Junta, sentados entre o escudo e a bandeira, para promulgar seus decretos: eram os novos heróis da pátria. Apesar da ordem de disparar contra quem saísse de casa, o senador Trueba atravessou a rua para ir celebrar na casa de um vizinho. A algazarra da festa não chamou a atenção das patrulhas que circulavam na rua, porque aquele era um bairro em que não esperavam encontrar oposição. Blanca anunciou que tinha a pior enxaqueca de sua vida e fechou-se em seu quarto. À noite, sua filha ouviu-a andar pela cozinha e supôs que a fome tivesse sido mais forte do que a dor de cabeça. Alba passou dois dias rondando pela casa, em estado de desespero, revistando os livros do túnel de Jaime e sua própria secretária para destruir o que considerasse comprometedor. Era como cometer um sacrilégio, pois estava certa de que, quando seu tio regressasse, ficaria furioso e lhe retiraria a confiança. Destruíu também suas agendas, que registravam os números de telefone dos amigos, suas mais preciosas cartas de amor e até as fotografias de Miguel. As empregadas da casa, indiferentes e enfadadas, entretiveram-se durante todo o período do toque de recolher fazendo empanadas, menos a cozinheira, que chorava sem parar e esperava com ansiedade o momento de ir ver o marido, com quem não conseguira comunicar-se.

Quando se interrompeu durante algumas horas o toque de recolher, para dar à população a oportunidade de comprar víveres, Blanca comprovou, admirada, que as lojas estavam abarrotadas dos produtos que durante três anos haviam escasseado e que pareciam ter surgido nas vitrinas por obra de magia. Viu montes de frangos preparados e pôde comprar o que quis, apesar de custar tudo o triplo, pois fora decretada a liberdade de preço. Percebeu que muitas pessoas observavam os frangos com curiosidade, como se nunca os tivessem visto, mas que poucas compravam, porque não podiam pagar por eles. Três dias depois, o cheiro de carne podre empestava os armazéns da cidade.

Os soldados patrulhavam as ruas, nervosos, aplaudidos por muita gente que tinha desejado a derrocada do governo. Alguns, estimulados

pela violência daqueles dias, detinham os homens de cabelo comprido ou barba, sinais inequívocos de seu espírito rebelde, e mandavam parar na rua as mulheres com calças compridas, para cortá-las a tesouradas, porque se sentiam responsáveis por impor a ordem, a moral e a decência. As novas autoridades afirmaram nada ter a ver com aqueles atos, nunca ter dado ordem para cortar barbas ou calças; tratava-se, provavelmente, de comunistas disfarçados de soldados para desprestigiar as Forças Armadas e torná-las odiosas aos olhos dos cidadãos, porque não estavam proibidas as barbas nem as calças compridas, embora, certamente, preferissem que os homens andassem barbeados e mantivessem o cabelo curto, e as mulheres usassem saias.

Correu o boato de que o presidente morrera, e ninguém acreditou na versão oficial de que se suicidara.

Esperei que se normalizasse um pouco a situação. Três dias depois do pronunciamento militar, dirigi-me no automóvel do Congresso ao Ministério da Defesa, estranhando que não houvessem ido me buscar para convidar-me a participar do novo governo. Todo mundo sabe que fui eu o principal inimigo dos marxistas, o primeiro que se opôs à ditadura comunista e se atreveu a dizer em público que só os militares poderiam impedir que o país caísse nas garras da esquerda. Além disso, fui eu quem fez quase todos os contatos com o alto-comando militar, quem serviu de ligação com os gringos e usei meu nome e dinheiro para a compra de armas. Enfim, dediquei-me mais do que ninguém. Na minha idade, o poder político não me interessa absolutamente; mas sou dos poucos que poderiam assessorá-los, porque há muito tempo ocupo cargos e sei melhor do que ninguém o que convém a este país. Sem assessores leais, honestos e capacitados, o que pode fazer meia dúzia de coronéis improvisados? Só asneiras. Ou deixar-se enganar pelos espertos, que se aproveitam das circunstâncias para enriquecer, como de fato está acontecendo. Naquele momento, ninguém sabia que as coisas iam acontecer como aconteceram. Pensávamos que a intervenção militar fosse um passo necessário para a retomada de uma democracia sã; por isso me parecia tão importante colaborar com as autoridades.

Quando cheguei ao Ministério da Defesa, fiquei surpreso ao ver o edifício transformado numa pocilga. As ordenanças limpavam os assoalhos com esfregões, vi algumas paredes perfuradas por balas, e por todos os lados corriam militares agachados, como se estivessem realmente em pleno campo de batalha ou esperassem que caíssem inimigos do teto. Precisei aguardar quase três horas para ser atendido por um oficial. A princípio, supus que, naquele caos, não me tivessem reconhecido e, por isso, me tratavam com tão pouca deferência, mas logo dei-me conta de como as coisas funcionavam. O oficial recebeu-

me com as botas sobre a mesa, mastigando um sanduíche gorduroso, malbarbeado, com a farda desabotoada. Sem me dar tempo de lhe perguntar por meu filho Jaime nem de felicitá-lo pela valente ação dos soldados que tinham salvado a pátria, pediu-me as chaves do carro, argumentando que o Congresso estava fechado, e, por isso, também haviam acabado as regalias dos congressistas. Sobressaltei-me. Era evidente, então, que não tinham nenhuma intenção de voltar a abrir as portas do Congresso, como todos esperávamos. Pediu-me, não, ordenou-me que me apresentasse no dia seguinte na catedral, às onze da manhã, para assistir ao Te Deum com que a pátria agradecia a Deus a vitória sobre o comunismo.

— É verdade que o presidente se suicidou? — perguntei.

— Foi embora — corrigiu-me.

— Foi embora? Para onde?

— Foi embora sangrando — disse-me, rindo.

Saí para a rua, desconcertado, apoiado no braço de meu motorista. Não tínhamos como voltar para casa, porque não circulavam táxis nem ônibus, e não estou em idade de caminhar. Felizmente, passou um jipe de carabineiros e me reconheceram. É fácil distinguir-me, como disse minha neta, Alba, porque tenho a inconfundível aparência de um velho corvo irado e ando sempre vestido de luto, com minha bengala de castão de prata.

— Suba, senador — disse um tenente.

Ajudaram-nos a entrar no veículo. Os carabineiros mostravam-se cansados, e pareceu-me evidente que não haviam dormido. Confirmaram que estavam patrulhando a cidade havia três dias, mantendo-se acordados com café puro e comprimidos.

— Encontraram alguma resistência nos subúrbios ou nos cinturões industriais? — perguntei.

— Muito pouca. A população está tranquila — informou o tenente.

— Espero que a situação se normalize depressa, senador. Não gostamos disso; é um trabalho sujo.

— Não diga isso, homem. Se vocês não se adiantassem, os comunistas teriam dado o golpe, e a estas horas você, eu e outras cinquenta mil pessoas estaríamos mortos. Não sabia que eles tinham um plano para implantar sua ditadura?

— Foi isso que nos disseram. Mas no bairro em que moro há muitos detidos. Os vizinhos olham-me com receio. Aqui, acontece o mesmo com os rapazes. Mas temos que cumprir ordens. A pátria está em primeiro lugar, não é verdade?

— Com certeza! Eu também lamento o que está acontecendo, tenente, mas não havia outra solução. O regime estava podre. O que teria sido deste país se vocês não empunhassem as armas?

No entanto, no fundo, eu já não estava mais tão certo disso. Tinha

o pressentimento de que as coisas não estavam saindo como as tínhamos planejado e que a situação escapava de nossas mãos, mas naquele momento acalmei minhas inquietações, calculando que três dias é pouco tempo para endireitar um país e que, provavelmente, o grosseiro oficial que me atendera no Ministério da Defesa representava uma minoria insignificante dentro das Forças Armadas. A maioria era como aquele tenente escrupuloso que me levou para casa. Supus que em pouco tempo a ordem seria restabelecida, e, quando se aliviasse a tensão dos primeiros dias, entraria em contato com alguém mais bem posicionado na hierarquia militar. Lamentei não ter-me dirigido ao general Hurtado; não o tinha feito por respeito e também, reconhecimento, por orgulho, porque o correto seria ele me procurar, e não eu a ele.

Não tomei conhecimento da morte de meu filho Jaime senão duas semanas depois, quando, passada a euforia do triunfo, todos contabilizavam os mortos e desaparecidos. Um domingo, apresentou-se no casarão da esquina um discreto soldado, que, na cozinha, contou a Blanca o que vira no Ministério da Defesa e o que sabia a respeito dos corpos dinamitados.

— O doutor del Valle salvou a vida de minha mãe — justificou-se o soldado, olhando para o chão, com o capacete de campanha na mão. — Por isso vim dizer-lhes como o mataram.

Blanca chamou-me para eu ouvir o soldado, mas eu me neguei a acreditar. Argumentei que talvez o homem se tivesse confundido e que provavelmente não era Jaime, mas outra pessoa que ele tinha visto na sala das caldeiras, porque Jaime nada tinha a fazer no palácio presidencial no dia da rebelião militar. Estava certo de que meu filho havia fugido para o exterior por alguma passagem da fronteira ou se asilava em alguma embaixada, supondo que o estivessem perseguindo. Por outro lado, seu nome não aparecia em nenhuma das listas de pessoas procuradas pelas autoridades; por isso deduzi que Jaime não tinha nada a temer.

Seria preciso passar muito tempo, na realidade vários meses, para eu compreender que o soldado havia contado a verdade. Nos desvarios da solidão, eu aguardava meu filho, sentado na poltrona da biblioteca, com os olhos fixos no umbral da porta, chamando-o com o pensamento, tal como chamava Clara. Tanto o chamei que finalmente cheguei a vê-lo, mas apareceu-me coberto de sangue seco e farrapos, arrastando rolos de arame farpado sobre o assoalho encerado. Assim soube que tinha morrido, como nos contara o soldado. Só então comecei a falar em tirania. Minha neta, Alba, por seu lado, viu o ditador esboçar-se muito antes de mim. Viu-o destacar-se dentre os generais e o pessoal de guerra. Reconheceu-o imediatamente, porque herdara a intuição de Clara. É um homem rude e de aparência simples, de poucas palavras, como um camponês. Parecia modesto, e

poucos puderam adivinhar que algum dia o veriam envolto numa capa de imperador, com os braços erguidos, pedindo silêncio às multidões carregadas em caminhões para o aplaudirem, seus augustos bigodes agitados pela vaidade, inaugurando o monumento Às Quatro Espadas, em cujo topo uma tocha permanente iluminaria os destinos da pátria, mas do qual, por um erro dos técnicos estrangeiros, nunca se elevou chama alguma; apenas uma espessa fumaceira de cozinha, que ficou fluando no céu como uma perene tormenta de outros climas.

Comecei a pensar que me havia equivocado no procedimento e que talvez não fosse aquela a melhor solução para derrubar o marxismo. Sentia-me cada vez mais solitário, porque já não necessitavam de mim, não tinha meus filhos, e Clara, com sua mania do mutismo e sua distração, parecia um fantasma. Até Alba afastava-se cada vez mais, dia a dia. Pouco a via em casa. Passava ao meu lado como uma rajada, com suas horrorosas saias fartas de algodão enrugado e seu incrível cabelo verde, como o de Rosa, ocupada em tarefas misteriosas que levava a cabo com a cumplicidade da avó. Tenho certeza de que, às minhas costas, ambas tramavam segredos. Minha neta andava inquieta, como Clara nos tempos do tifo, quando assumiu em seus ombros o fardo da dor alheia.

Alba teve muito pouco tempo para lamentar a morte de seu tio Jaime, porque as urgências dos necessitados a absorveram imediatamente; teve, portanto, de guardar sua dor para sofrê-la mais tarde. Só voltou a ver Miguel dois meses depois do golpe militar, quando já chegara a pensar que também tinha morrido. Contudo, não o procurou, porque suas instruções nesse sentido haviam sido muito precisas e, além disso, viu que o citavam nas listas dos que se deviam apresentar às autoridades, o que lhe deu esperanças. “Enquanto o procurarem, estará vivo”, deduziu. Atormentava-se com a ideia de que o pegassem vivo e invocava a avó para lhe pedir que não deixasse isso acontecer. “Prefiro vê-lo morto, vovó”, suplicava. Sabia o que estava ocorrendo no país; por isso andava dia e noite com o estômago oprimido, as mãos trêmulas e, quando se inteirava da sorte de algum prisioneiro, cobria-se de manchas dos pés à cabeça, como se estivesse infectada pela peste. Porém, não podia falar a respeito disso com ninguém, nem sequer com o avô, porque todos preferiam ignorar o assunto. Depois daquela terrível terça-feira, o mundo mudou de forma brutal para Alba. Teve de adaptar seus sentidos para continuar a viver. Precisou acostumar-se à ideia de que não voltaria a ver quem mais amara: seu tio Jaime, Miguel e muitos outros. Culpava seu avô pelo que acontecera, mas, tão logo o via, encolhido em sua poltrona, chamando Clara e o filho num interminável murmúrio, recuperava todo o amor pelo velho e corria para abraçá-lo, passar-lhe os dedos pela cabeleira

branca e consolá-lo. Alba pensava que as coisas eram de vidro, frágeis como suspiros, e imaginava que a metralha e as bombas daquela terça-feira inesquecível haviam destruído boa parte do que conhecia, deixando o resto esfaçalhado e salpicado de sangue. Com o decorrer dos dias, das semanas e dos meses, o que a princípio parecia ter sido preservado da destruição começou também a mostrar sinais de deterioração. Percebeu que amigos e parentes a evitavam, alguns atravessavam a rua para não cumprimentá-la ou viravam o rosto quando ela se aproximava. Calculou que corra o boato de que ajudava os perseguidos.

E era isso mesmo. Desde os primeiros dias, a maior urgência foi asilar os que poderiam ser mortos. No princípio, aquilo pareceu a Alba uma ocupação quase divertida, que lhe permitia manter a mente em outras coisas e não pensar em Miguel, mas logo verificou que não se tratava de nenhuma brincadeira. Os éditos advertiam os cidadãos de que deveriam denunciar os marxistas e entregar os fugitivos ou seriam considerados traidores da pátria e, como tal, julgados. Alba recuperou milagrosamente o carro de Jaime, que se salvara do bombardeio e esteve uma semana estacionado na mesma praça em que ele o deixara, até que soube e foi buscá-lo. Pintou dois grandes girassóis em suas portas, em amarelo forte, para distingui-lo dos outros carros e, assim, facilitar sua nova tarefa. Teve de memorizar os endereços de todas as embaixadas, os turnos dos carabineiros que as vigiavam, a altura de seus muros e a largura de suas portas. O aviso de que havia alguém para ser asilado chegava-lhe de surpresa, frequentemente por intermédio de um desconhecido que a abordava na rua e que ela supunha ter sido enviado por Miguel. Ia ao lugar do encontro em plena luz do dia e, quando observava alguém fazendo-lhe sinais, avisado pelas flores amarelas pintadas em seu carro, parava brevemente para que subisse. Durante o trajeto, não se falavam, porque ela preferia nem mesmo saber o nome da pessoa. Às vezes tinha de passar todo o dia com ela, escondê-la por uma ou duas noites, antes de encontrar o momento adequado para introduzi-la numa embaixada acessível, pulando um muro às costas dos guardas. Esse sistema demonstrara-se mais ágil do que os trâmites com medrosos embaixadores de democracias estrangeiras. Jamais voltava a saber do exilado, mas guardava para sempre seu comovido agradecimento e, quando tudo terminava, respirava, aliviada, por ter conseguido se salvar daquela vez. Em algumas ocasiões, teve de lidar com mulheres que não queriam afastar-se dos filhos e, apesar de Alba lhes prometer fazer chegar a criança pela porta principal, pois nem o mais covarde embaixador se recusaria a isso, negavam-se a deixá-los, de maneira que, afinal, tinham também de passar as crianças por cima dos muros ou descê-las pelas grades. Em pouco tempo todas as embaixadas

estavam cercadas de arame farpado e metralhadoras, e tornou-se impossível continuar a tomá-las de assalto; contudo, outras necessidades mantiveram-na ocupada.

Foi Amanda quem a pôs em contato com os padres. As duas amigas encontravam-se para falar em sussurros a respeito de Miguel, que não haviam voltado a ver, e para recordar Jaime com nostalgia, mas sem lágrimas, pois não havia uma prova oficial de sua morte e o desejo de ambas de tornar a vê-lo era mais forte do que o relato do soldado. Amanda voltara a fumar compulsivamente, tremiam-lhe muito as mãos, e seu olhar vagava, perdido. Algumas vezes, tinha as pupilas dilatadas e se movia pesadamente, mas continuava a trabalhar no hospital. Contou-lhe que, com frequência, atendia pessoas que chegavam desmaiadas de fome.

— As famílias dos presos, dos desaparecidos e dos mortos não têm nada para comer. Os desempregados também não. Apenas um prato de comida de prisão de dois em dois dias. As crianças dormem na escola, estão desnutridas.

Acrescentou que o copo de leite e os biscoitos que antes os alunos recebiam todos os dias tinham sido suprimidos e que as mães mitigavam a fome de seus filhos com chá ralo.

— Só os padres fazem alguma coisa para ajudar — explicou Amanda. — As pessoas não querem saber a verdade. A Igreja organizou refeitórios para dar um prato diário de comida seis vezes por semana aos menores de sete anos. Claro que não é suficiente, pois, para cada criança que come uma vez por dia um prato de lentilhas ou de batatas, cinco ficam de fora, olhando, porque não há para todas.

Alba compreendeu que tinham voltado aos tempos antigos, quando sua avó Clara ia ao Bairro da Misericórdia suprir a justiça com a caridade. Agora, entretanto, a caridade era malvista. Verificou que, quando percorria as casas de seus amigos para pedir um pacote de arroz ou uma lata de leite em pó, não se atreviam a negar a primeira vez, mas logo passavam a evitá-la. No início Blanca ajudou-a. Alba não teve dificuldade em obter a chave da despensa da mãe, argumentando que não havia necessidade de estocar farinha comum e feijões de pobre se podiam comer centola do Mar Báltico e chocolate suíço, com o que conseguiu abastecer os refeitórios dos padres por um tempo que, no entanto, lhe pareceu muito curto. Um dia levou a mãe a um dos refeitórios. Ao ver a grande mesa de madeira sem polimento, onde uma fila dupla de crianças com olhos suplicantes esperava que lhes dessem sua ração, Blanca pôs-se a chorar e caiu de cama com enxaqueca por dois dias. Teria continuado a lamentar-se se a filha não a tivesse obrigado a vestir-se, esquecer-se de si mesma e conseguir ajuda, mesmo que fosse roubando o avô no orçamento familiar. O senador Trueba não quis sequer ouvir falar sobre o assunto, como

faziam as pessoas da sua classe, e negou a existência da fome com a mesma teimosia com que negava a dos presos e a dos torturados. Alba não pôde, portanto, contar com ele e, mais tarde, quando também não pôde contar com a mãe, teve de recorrer a métodos mais drásticos. O mais distante a que o avô chegava era o clube. Não andava pelo Centro e muito menos se aproximava da periferia da cidade ou dos bairros suburbanos. Não lhe foi difícil, portanto, acreditar que as misérias relatadas por sua neta fossem armadilhas dos marxistas.

— Padres comunistas! — Era a última coisa que me faltava ouvir.

Quando, porém, começaram a chegar a toda hora crianças e mulheres pedintes às portas das casas, não mandou que trancassem o portão nem que fechassem as janelas para não os ver, como faziam os outros, mas, pelo contrário, aumentou a cota mensal de Blanca, recomendando-lhe que sempre houvesse alguma comida quente para lhes dar.

— É uma situação temporária — assegurou. — Assim que os militares puserem ordem no caos em que o marxismo deixou o país, o problema estará resolvido.

Os jornais diziam que os mendigos de rua, que não eram vistos havia tantos anos, eram mandados pelo comunismo internacional para desprestigiar a Junta Militar e sabotar a ordem e o progresso. Fecharam-se com tapumes os bairros pobres, ocultando-os dos olhos dos turistas e dos que não queriam ver. Numa noite surgiram nas avenidas, como que por encanto, jardins tratados e cobertos de flores, plantados pelos desempregados para criar a fantasia de uma primavera pacífica. Cobriram com tinta branca os murais de pombas panfletárias e retiraram para sempre os cartazes políticos. Qualquer tentativa de escrever mensagens políticas em via pública era punida com uma rajada de metralhadora no local. Limpas, ordenadas e silenciosas, as ruas abriram-se ao comércio. Em pouco tempo, desapareceram os meninos mendigos, e Alba notou que não havia cães vadios nem latas de lixo. O mercado negro terminou no instante em que bombardearam o palácio presidencial, porque os especuladores foram ameaçados com lei marcial e fuzilamento. As lojas começaram a vender coisas que não se conheciam nem de nome e outras que antes só os ricos conseguiam graças ao contrabando. A cidade nunca estivera tão bonita nem a alta burguesia fora mais feliz: podia comprar uísque sem impostos e automóveis a crédito.

Na euforia patriótica dos primeiros dias, as mulheres entregavam suas joias nos quartéis para a reconstrução nacional, até as alianças matrimoniais, que eram substituídas por anéis de cobre com o emblema da pátria. Blanca teve de esconder a meia de lã com as joias que Clara lhe dera, para que o senador Trueba não as entregasse às autoridades. Viu-se nascer uma nova e soberba classe social. Senhoras

muito importantes, vestidas com roupas de outros lugares, exóticas e brilhantes como pirilampos à noite, pavoneavam-se nos centros de diversão de braços dados com os novos e soberbos economistas. Surgiu uma casta de militares que ocupou rapidamente os postos-chave. As famílias, que antes consideravam uma desgraça ter um militar em meio a seus membros, acionavam suas influências para colocar seus filhos nas academias militares e ofereciam suas filhas aos soldados. O país encheu-se de fardas, máquinas bélicas, bandeiras, hinos e desfiles, porque os militares conheciam a necessidade de o povo ter seus próprios símbolos e ritos. O senador Trueba, que, por princípio, detestava essas coisas, compreendeu o que os amigos do clube tinham querido dizer quando lhe haviam assegurado que o marxismo não tinha a menor oportunidade na América Latina, porque não contemplava o lado mágico das coisas. “Pão, circo e algo para venerar é tudo de que necessitam”, concluiu o senador, lamentando no seu íntimo que faltasse o pão.

Orquestrou-se uma campanha destinada a limpar da face da Terra o bom nome do ex-presidente, com a esperança de que o povo deixasse de chorar por ele. Abriram sua casa e convidaram o público a visitar o que denominavam “o palácio do ditador”. Era possível ver o conteúdo de seus armários e se espantar com o número e a qualidade de seus casacos de camurça, registrar suas gavetas, vasculhar a despensa para ver o rum cubano e o saco de açúcar que guardava. Circularam fotografias grosseiramente montadas que o mostravam vestido de Baco, com uma grinalda de uvas na cabeça, refestelando-se com matronas opulentas e atletas de seu próprio sexo, numa perpétua orgia, que ninguém, nem o próprio senador Trueba, acreditou serem autênticas. “Isto é excessivo; estão exagerando”, resmungou quando foi informado a respeito.

De uma só penada, os militares mudaram a história, apagando os episódios, as ideologias e as personagens que o regime desaprovava. Adequaram os mapas, porque não havia nenhuma razão para pôr o Norte em cima, tão longe da pátria benemérita, quando era possível pôr embaixo, onde ficava mais favorecido, e, de passagem, pintaram com azul da prússia vastas margens de águas territoriais até os limites da Ásia e da África, e se apoderaram de terras longínquas nos livros de geografia, retrazendo as fronteiras impunemente, até que os países irmãos perderam a paciência, gritaram nas Nações Unidas e ameaçaram com tanques de guerra e aviões de caça. A censura, que a princípio só atingiu os meios de comunicação, logo se estendeu aos textos escolares, às letras das canções, aos roteiros dos filmes e às conversas privadas. Havia palavras proibidas por decreto militar, como “companheiro”, e outras que não se diziam por precaução, apesar de nenhum decreto tê-las eliminado do dicionário, como

liberdade, justiça e sindicato. Alba perguntava-se de onde teriam saído tantos fascistas de um dia para o outro, porque, na longa trajetória democrática de seu país, nunca os havia notado, exceto alguns exaltados durante a guerra, que, por macaquice, vestiam camisas negras e desfilavam com o braço para o alto, em meio às gargalhadas e às vaias dos transeuntes, sem que tivessem qualquer papel relevante na vida nacional. Tampouco se explicava a atitude das Forças Armadas, cujos membros em sua maioria provinham das classes média e operária, e que, historicamente, tinham estado mais perto da esquerda do que da extrema direita. Não compreendeu o estado de sítio nem percebeu que a guerra é a obra de arte dos militares, o ponto culminante de seus treinamentos, o broche dourado de sua profissão. Não são feitos para brilhar na paz. O golpe deu-lhes a oportunidade de pôr em prática o que tinham aprendido nos quartéis, a obediência cega, o manejo das armas e outras artes que os soldados podem dominar quando aplacam os escrúpulos do coração.

Alba abandonou os estudos, porque a Faculdade de Filosofia, como muitas outras que abrem as portas do pensamento, foi fechada. Também não continuou com a música, porque o violoncelo lhe pareceu uma frivolidade naquelas circunstâncias. Muitos professores foram despedidos, presos ou desapareceram, de acordo com uma lista negra que a polícia política manipulava. Sebastián Gómez foi morto na primeira limpeza, denunciado por seus próprios alunos. A universidade encheu-se de espíões.

A alta burguesia e a direita econômica, que haviam propiciado o golpe militar, estavam eufóricas. No começo, assustaram-se um pouco, ao ver as consequências de sua ação, porque nunca lhes coubera viver sob uma ditadura e não sabiam o que era. Pensaram que a perda da democracia seria transitória e poderiam viver durante algum tempo sem liberdades individuais ou coletivas, desde que o regime respeitasse a liberdade de ação. Tampouco lhes importou o desprestígio internacional, que os colocou na mesma categoria de outras tiranias regionais, porque lhes pareceu um preço baixo pela derrocada do marxismo. Quando chegaram capitais estrangeiros para fazer investimentos bancários no país, atribuíram o fato, naturalmente, à estabilidade do novo regime, desconsiderando a prática de, a cada peso que entrava, levarem dois de lucro. Quando, a curto prazo, se foram fechando as indústrias nacionais e os comerciantes começaram a falir, derrotados pela importação em massa de bens de consumo, disseram que as cozinhas brasileiras, os tecidos de Taiwan e as motocicletas japonesas eram muito melhores do que qualquer outra coisa jamais fabricada no país. Só quando devolveram as concessões das minas às companhias norte-americanas,

depois de três anos de nacionalização, é que algumas vozes se ergueram para retrucar que isso era o mesmo que oferecer a pátria embrulhada em celofane. Contudo, quando começaram a devolver aos antigos latifundiários as terras que a Reforma Agrária dividira, tranquilizaram-se: tinham voltado aos bons tempos. Compreenderam que só uma ditadura militar poderia agir com o peso da força e sem prestar contas a ninguém, para garantir seus privilégios, e, assim, deixaram de falar em política e aceitaram a ideia de que teriam o poder econômico, mas que os militares governariam. O único trabalho da direita foi assessorá-los na elaboração dos novos decretos e leis. Em poucos dias eliminaram os sindicatos, os dirigentes operários estavam presos ou mortos, os partidos políticos, declarados em recesso por tempo indeterminado, e todas as organizações de trabalhadores e estudantes, até as escolas profissionalizantes, desmanteladas. Era proibido formar grupos. O único local em que as pessoas podiam reunir-se era a igreja, de forma que, em pouco tempo, a religião se tornou moda, e os padres e as freiras tiveram de adiar seus trabalhos espirituais, a fim de socorrer as necessidades terrenas daquele rebanho perdido. O governo e os empresários começaram a considerá-los inimigos potenciais, e alguns sonharam resolver o problema assassinando o cardeal, uma vez que, de Roma, o papa recusou-se a tirá-lo de seu posto e mandá-lo para um asilo de frades alienados.

Grande parte da classe média alegrou-se com o golpe militar, porque significava o retorno da ordem, da pureza dos costumes, das saias nas mulheres e do cabelo curto nos homens, mas logo começou a sofrer o tormento dos preços altos e da falta de trabalho. O salário não era suficiente para a alimentação. Em todas as famílias, havia alguém a quem lamentar e já não puderam dizer, como no princípio, que, se estava preso, morto ou exilado, era porque merecia. Também não puderam continuar a negar a tortura.

Enquanto floresciam os negócios luxuosos, as milagrosas financiadoras, os restaurantes exóticos e as importadoras, às portas das fábricas os desempregados faziam fila à espera da oportunidade de se empregar por um salário mínimo. A mão de obra desceu a níveis escravocratas, e os patrões puderam, pela primeira vez em muitas décadas, despedir os trabalhadores à vontade, sem lhes pagar indenização, e mandar prendê-los ao menor protesto.

Nos primeiros meses, o senador Trueba participou do oportunismo dos membros de sua classe. Estava convencido de que era necessário um período de ditadura para o país voltar ao redil do qual nunca deveria ter saído. Foi um dos primeiros latifundiários a recuperar sua propriedade. Devolveram-lhe Las Tres Marías em ruínas, mas inteira, até o último metro quadrado. Havia quase dois anos que estava à espera daquele momento, ruminando sua raiva. Sem pensar duas

vezes, foi ao campo com meia dúzia de valentões contratados e pôde vingar-se a seu bel-prazer dos camponeses que se tinham atrevido a desafiá-lo e a tirar-lhe o que era seu. Chegaram lá numa luminosa manhã de domingo, pouco antes do Natal. Adentraram a propriedade com um alvoroço de piratas. Os valentões entraram por todos os cantos, apressando as pessoas aos gritos, com golpes e pontapés, reuniram-nas, bem como os animais, no pátio e regaram imediatamente com gasolina as casinhas de tijolo, que antes tinham sido o orgulho de Trueba, e nelas atearam fogo com tudo o que continham. Mataram os animais a tiro. Queimaram os arados, os galinheiros, as bicicletas e até os berços dos recém-nascidos, numa confusão dos diabos que pouco faltou para matar o velho Trueba de alegria. Despediu todos os camponeses, advertindo-os de que, se voltasse a vê-los nos arredores da fazenda, sofreriam sorte igual à dos animais. Viu-os partir mais pobres do que nunca, em grande e triste procissão, levando suas crianças, seus velhos, os poucos cães que sobreviveram ao tiroteio e uma ou outra galinha salva do inferno, arrastando os pés pelo caminho poeirento que os afastava da terra em que tinham vivido por várias gerações. No portão de Las Tres Marías, havia um grupo de gente miserável, esperando com olhos ansiosos. Eram outros camponeses desocupados, expulsos de outras propriedades, que chegavam tão humildes quanto seus antepassados de séculos atrás, implorando ao patrão que os empregasse na próxima colheita.

Naquela noite Esteban Trueba deitou-se na cama de ferro que tinha sido de seus pais, na velha casa senhorial aonde fazia muito tempo que não ia. Estava cansado e tinha no nariz o cheiro do incêndio e dos corpos dos animais que também tiveram de queimar, para a podridão não infectar o ar. Ainda ardiam os restos das casinhas de tijolo, e à sua volta tudo era destruição e morte. Sabia, contudo, que poderia voltar a recuperar o campo, tal como fizera uma vez, porque os prados estavam intactos e suas forças também. Apesar do prazer de sua vingança, não conseguiu dormir. Sentia-se como um pai que tivesse castigado os filhos com demasiada severidade. Durante toda a noite vislumbrou os rostos dos camponeses, que tinha visto nascer em sua propriedade, afastando-se pela estrada. Amaldiçoou seu mau gênio. Tampouco conseguiu dormir pelo resto da semana, e, quando logrou fazê-lo, sonhou com Rosa. Resolveu não contar a ninguém o que fizera e jurou que Las Tres Marías tornaria a ser a fazenda-modelo que fora um dia. Divulgou a informação de que estava disposto a aceitar os empregados de volta, evidentemente que sob certas condições, mas nenhum deles regressou. Haviām-se espalhado pelo campo, pelas montanhas, pela costa; alguns tinham ido a pé para as minas, outros para as ilhas do Sul, cada qual procurando o pão para a família em

qualquer ofício. Enojado, o patrão regressou à capital, sentindo-se mais velho do que nunca. Pesava-lhe a alma.

O Poeta agonizou em sua casa junto ao mar. Estava doente, e os acontecimentos dos últimos tempos haviam esgotado seu desejo de continuar vivendo. A tropa revirou-lhe a casa, suas coleções de búzios, suas conchas, suas borboletas, suas garrafas, suas carrancas resgatadas de tantos mares, seus livros, seus quadros, seus versos inacabados, à procura de armas subversivas e de comunistas escondidos, até que seu velho coração de bardo começou a falhar. Levaram-no para a capital. Morreu quatro dias depois, e as últimas palavras do homem que cantou a vida foram: vão fuzilá-los! Vão fuzilá-los! Nenhum de seus amigos pôde se aproximar na hora da morte, porque estavam fora da lei, fugitivos, exilados ou mortos. Sua casa azul da colina estava quase em ruínas, o assoalho queimado e os vidros quebrados, sem que se pudesse saber se era obra dos militares, como diziam os vizinhos, ou dos vizinhos, como diziam os militares. Ali o velaram alguns poucos que se atreveram a chegar e jornalistas de todas as partes do mundo, enviados para fazer a cobertura de seu enterro. O senador Trueba era seu inimigo ideológico, mas tivera-o muitas vezes em casa e sabia seus versos de cor. Apresentou-se no velório rigorosamente vestido de negro, com a neta Alba. Ambos montaram guarda junto do singelo ataúde de madeira e o acompanharam até o cemitério numa triste manhã. Alba levava na mão um ramo dos primeiros cravos da temporada, vermelhos como o sangue. O pequeno cortejo percorreu a pé, lentamente, o caminho para o cemitério, entre duas filas de soldados que formavam nas ruas um cordão de isolamento.

As pessoas caminhavam em silêncio. Subitamente, alguém gritou, rouco, o nome do Poeta, e uma só voz, saída de todas as gargantas, respondeu: “Presente! Agora e sempre!”. Foi como se tivessem aberto uma válvula, e toda a dor, o medo e a raiva daqueles dias saíssem dos peitos e rodassem pela rua, e subissem num terrível clamor até as nuvens negras do céu. Outro gritou: “Companheiro presidente!”. E responderam todos num só lamento, pranto de homem: “Presente!”. Pouco a pouco, o funeral do Poeta transformou-se no ato simbólico de enterrar a liberdade.

Muito perto de Alba e seu avô, os operadores de câmera da televisão sueca filmavam para enviar ao gelado país de Nobel a terrível imagem das metralhadoras perfiladas em ambos os lados da rua, os rostos das pessoas, o ataúde coberto de flores, o grupo de mulheres silenciosas, que se apinhavam às portas do necrotério, a dois quarteirões do cemitério, para ler as listas dos mortos. A voz coletiva elevou-se num canto, e o ar encheu-se com as palavras de ordem proibidas, gritando que o povo unido jamais será vencido, fazendo

frente às armas que tremiam nas mãos dos soldados. O cortejo passou diante de uma construção, e os operários, abandonando as ferramentas, tiraram os capacetes e fizeram fila, cabisbaixos. Um homem caminhava com a camisa gasta nos punhos, sem colete e com os sapatos rotos, recitando os versos mais revolucionários do Poeta, as lágrimas descendo-lhe pelas faces. Seguia-o o olhar atônito do senador Trueba, que caminhava ao seu lado.

— Pena que fosse comunista — disse o senador à neta. — Tão bom poeta e com as ideias tão confusas. Se tivesse morrido antes da rebelião militar, suponho que teria recebido uma homenagem nacional.

— Soube morrer como soube viver, vovô — respondeu Alba.

Estava convencida de que ele morreria no devido tempo, porque nenhuma homenagem poderia ter sido maior do que aquele modesto desfile de alguns homens e mulheres que o enterraram numa campa emprestada, gritando pela última vez seus versos de justiça e liberdade. Dois dias depois apareceu no jornal um anúncio da Junta Militar decretando luto nacional pelo Poeta e autorizando o hasteamento de bandeiras a meio mastro nas casas particulares que o desejassem. A autorização vigorava desde o dia de sua morte até o dia da publicação do anúncio.

Do mesmo modo que não pôde sentar-se para chorar a morte de seu tio Jaime, Alba também não pôde perder a cabeça pensando em Miguel ou lamentando o Poeta. Estava mergulhada em sua tarefa de perguntar pelos desaparecidos, consolar os torturados que regressavam com as costas em carne viva e os olhos transtornados, e procurar alimentos para os refeitórios dos padres. No entanto, no silêncio da noite, quando a cidade perdia seu cenário de normalidade e sua paz de opereta, ela se sentia acossada pelos atormentados pensamentos que aplacava durante o dia. Àquela hora, só circulavam nas ruas os furgões cheios de cadáveres e detidos, e os automóveis da polícia, como lobos perdidos, uivando na escuridão do toque de recolher. Alba tremia em sua cama. Apareciam-lhe os fantasmas desgarrados de tantos mortos desconhecidos, ouvia o casarão da esquina respirando como um arquejo de anciã, apurava o ouvido e sentia nos ossos os temíveis ruídos: uma freada longínqua, um bater de porta, tiroteios, o barulho de passos com botas, um grito surdo. Seguia-se o longo silêncio que durava até o amanhecer, quando a cidade revivia, e o sol parecia apagar os terrores da noite. Não era a única pessoa acordada em casa. Muitas vezes encontrava seu avô, de roupão e chinelos, mais velho e mais triste do que durante o dia, esquentando uma chávena de caldo e resmungando blasfêmias porque lhe doíam os ossos e a alma. Também sua mãe frequentava a cozinha ou vagava, como uma aparição da meia-noite, pelos cômodos vazios.

Assim se passaram os meses, e tornou-se evidente para todos, incluindo para o senador Trueba, que os militares haviam tomado o poder para com ele ficar, e não para entregar o governo aos políticos de direita que tinham propiciado o golpe. Formavam uma raça à parte, irmãos entre si, que falava um idioma diferente daquele usado pelos civis e com quem o diálogo era como uma conversa de surdos, porque a menor dissidência era considerada uma traição em seu rígido código de honra. Trueba deu-se conta de que tinham planos messiânicos que não incluíam os políticos. Um dia, comentou a situação com Blanca e Alba. Lamentou que a ação dos militares, cujo propósito era acabar com o perigo de uma ditadura marxista, tivesse condenado o país a uma ditadura mais severa e, pelo visto, destinada a durar um século. Pela primeira vez na vida, o senador Trueba admitiu que se equivocara. Afundado em sua poltrona, como um velho acabado, viram-no chorar em silêncio. Não chorava a perda do poder. Estava chorando por sua pátria.

Então, Blanca ajoelhou-se a seu lado, tomou-lhe a mão e confessou que mantinha Pedro Terceiro García vivendo como um anacoreta, escondido num dos cômodos abandonados que Clara fizera construir no tempo dos espíritos. No dia seguinte ao do golpe, tinham sido publicadas listas de pessoas que deveriam apresentar-se às autoridades. O nome de Pedro Terceiro García estava contido nelas. Alguns, que continuavam pensando que naquele país nunca ocorria nada, foram pelos próprios pés entregar-se ao Ministério da Defesa e pagaram com a própria vida. Pedro Terceiro, entretanto, pressentiu antes dos demais a ferocidade do novo regime, talvez porque durante aqueles três anos tivesse aprendido a conhecer as Forças Armadas e não acreditasse na história de serem diferentes das de outros lugares. Naquela mesma noite, durante o toque de recolher, arrastou-se até o casarão da esquina e chamou à janela de Blanca. Quando ela assomou, com a visão turva pela enxaqueca, não o reconheceu, porque ele se barbeara e estava de óculos.

— Mataram o presidente — disse Pedro Terceiro.

Ela o escondeu nos quartos vazios. Adaptou um refúgio de emergência, sem suspeitar que teria de mantê-lo oculto por vários meses, enquanto os soldados vasculhavam meticulosamente o país à procura dele.

Blanca pensou que ninguém iria supor que Pedro Terceiro García estivesse na casa do senador Trueba no exato momento em que ele escutava de pé o Te Deum solene na catedral. Para Blanca, foi o período mais feliz de sua vida.

Para ele, no entanto, as horas transcorriam com a mesma lentidão que teria experimentado se estivesse preso. Passava o dia entre quatro paredes, com a porta trancada à chave, para que ninguém tivesse a

iniciativa de ali entrar para fazer uma limpeza, e a janela fechada com as cortinas corridas. Não entrava a luz do dia, embora pudesse adivinhá-la pela tênue mudança das frestas da veneziana. À noite abria a janela de par em par, a fim de arejar o quarto — onde conservava um balde com tampa para fazer suas necessidades — e respirar a plenos pulmões o ar da liberdade. Ocupava seu tempo lendo os livros de Jaime, que Blanca lhe ia levando às escondidas, ouvindo os ruídos da rua, os sussurros do rádio ligado com o volume baixo. Blanca conseguiu-lhe um violão em que pôs trapos de lã sob as cordas, para ninguém o ouvir compor em surdina suas canções de viúvas, órfãos, prisioneiros e desaparecidos. Tratou de organizar um horário sistemático para preencher o dia, fazia ginástica, lia, estudava inglês, fazia a sesta, escrevia música e tornava a fazer ginástica, mas, com tudo isso, sobravam-lhe intermináveis horas de ócio, até que finalmente ouvia a chave na fechadura da porta e via entrar Blanca, que lhe levava os jornais, a comida e água limpa para se lavar. Faziam amor com desespero, inventando novas fórmulas proibidas que o medo e a paixão transformavam em alucinadas viagens às estrelas. Blanca já se conformara com a castidade, a idade e seus variados achaques, mas o sobressalto do amor deu-lhe uma nova juventude. Acentuaram-se a luz de sua pele, o ritmo de seu andar e a cadência de sua voz. Sorria para dentro e andava como que adormecida. Nunca tinha sido tão bela. Até seu pai se deu conta disso, atribuindo-o à paz da abundância. “Depois que Blanca não precisou mais entrar em fila, parece mais nova”, dizia o senador Trueba. Alba também percebera. Observava a mãe. Seu estranho sonambulismo parecia-lhe suspeito, bem como sua nova mania de levar comida para seu quarto. Em mais de uma ocasião, teve a intenção de espiá-la durante a noite, mas vencia-a o cansaço de suas múltiplas ocupações que a consolavam e, quando tinha insônias, temia aventurar-se pelos cômodos vazios onde sussurravam os fantasmas.

Pedro Terceiro enfraquecera e perdera o bom humor e a doçura que o tinham caracterizado até então. Entediava-se, amaldiçoava sua prisão voluntária e rosnava de impaciência por saber notícias dos amigos. Só a presença de Blanca o apaziguava. Quando ela entrava no quarto, abraçava-a como um alienado, para acalmar os terrores do dia e o tédio das semanas. Começou a obcecá-lo a ideia de que era traidor e covarde, por não haver compartilhado a sorte de tantos outros, e questionou-se se não seria mais honroso entregar-se e enfrentar seu destino. Blanca procurava dissuadi-lo com seus melhores argumentos, mas ele parecia não ouvir. Tentava retê-lo com a força do amor recuperado, dava-lhe comida na boca, banhava-o, esfregando-o com um pano úmido, e punha-lhe talco, como numa criança, cortava-lhe o cabelo e as unhas, barbeava-o. Finalmente, não pôde evitar pôr

comprimidos tranquilizantes em sua comida e soníferos na água, para fazê-lo cair num sono profundo e atormentado, do qual despertava com a boca seca e o coração mais triste. Em poucos meses, Blanca deu-se conta de que não poderia mantê-lo prisioneiro indefinidamente e abandonou os planos de lhe reduzir o espírito para convertê-lo em seu amante perpétuo. Compreendeu que estava morrendo em vida, porque, para ele, a liberdade era mais importante do que o amor, e que não havia pílulas milagrosas capazes de fazê-lo mudar de atitude.

— Ajude-me, papai! — suplicou Blanca ao senador Trueba. — Tenho que fazê-lo sair do país.

O velho ficou paralisado pelo desconcerto e compreendeu quanto estava desgastado ao buscar sua ira e seu ódio sem os encontrar em lugar algum. Pensou no camponês que tinha partilhado um amor de meio século com sua filha e não pôde descobrir nenhuma razão para detestá-lo, nem sequer seu poncho, sua barba socialista, sua tenacidade ou suas malditas galinhas perseguidoras de raposas.

— Caramba! Temos que asilá-lo, porque, se for encontrado nesta casa, nos fodemos todos — foi tudo que lhe ocorreu dizer.

Blanca ergueu os braços em torno do pescoço do pai e cobriu-o de beijos, chorando como uma menina. Era a primeira carícia espontânea que lhe fazia desde a sua mais remota infância.

— Posso colocá-lo numa embaixada — prontificou-se Alba —, mas temos de esperar o momento propício, e terá de pular um muro.

— Não será necessário, filhinha — respondeu o senador Trueba. — Ainda tenho amigos influentes neste país.

Quarenta e oito horas depois, abriu-se a porta do quarto de Pedro Terceiro García, mas, em vez de Blanca, apareceu o senador Trueba no umbral. O fugitivo pensou que sua hora finalmente havia chegado e, de certo modo, alegrou-se.

— Venho tirá-lo daqui — disse Trueba.

— Por quê? — perguntou Pedro Terceiro.

— Porque Blanca me pediu — respondeu o outro.

— Vá para o caralho — balbuciou Pedro Terceiro.

— Bem, para lá vamos. Você vem comigo.

Os dois sorriram simultaneamente. No pátio da casa, a limusine prateada de um embaixador nórdico estava à espera. Enfiaram Pedro Terceiro no porta-malas do veículo, encolhido como um fardo, e cobriram-no com sacolas de mercado, cheias de hortaliças. Nos bancos, instalaram-se Blanca, Alba, o senador Trueba e seu amigo embaixador. O motorista levou-os à Nunciatura Apostólica, passando diante de uma barreira de carabineiros, sem que ninguém os detivesse. No portão da Nunciatura, havia uma guarda reforçada, mas, ao reconhecer o senador Trueba e ver a placa diplomática do automóvel, deixaram-nos passar com uma saudação. Ultrapassado o portão, a

salvo na representação do Vaticano, libertaram Pedro Terceiro, retirando de cima dele uma montanha de folhas de alface e tomates arrebitados. Levaram-no ao gabinete do núncio, que o esperava vestido com a sotaina episcopal e segurando um salvo-conduto recém-assinado, a fim de mandá-lo para o exterior com Blanca, que decidira viver no exílio o amor adiado desde a meninice. O núncio deu-lhes a bênção. Era um admirador de Pedro Terceiro García e tinha todos os seus discos.

Enquanto o sacerdote e o embaixador nórdico discutiam sobre a situação internacional, a família despediu-se. Blanca e Alba choraram de angústia. Nunca se haviam separado. Esteban Trueba abraçou longamente a filha, sem lágrimas, mas com a boca apertada, trêmula, esforçando-se por conter os soluços.

— Não fui um bom pai para você, filha — disse. — É possível perdoar-me e esquecer o passado?

— Gosto muito de você, papai! — disse Blanca, jogando os braços em volta de seu pescoço, abraçando-o desesperadamente e cobrindo-o de beijos.

Depois o velho virou-se para Pedro Terceiro e olhou-o nos olhos. Estendeu-lhe a mão, mas não conseguiu apertar a do outro, porque lhe faltavam alguns dedos. Então abriu os braços, e os dois homens, num nó apertado, despediram-se, por fim livres dos ódios e dos rancores que durante tantos anos lhes haviam manchado a existência.

— Cuidarei de sua filha e tentarei fazê-la feliz, senhor — disse Pedro Terceiro García com a voz embargada.

— Não tenho dúvidas. Vão em paz, meus filhos — murmurou o velho.

Sabia que não voltaria a vê-los.

O senador Trueba ficou sozinho no casarão da esquina com a neta e alguns empregados. Pelo menos assim pensava. Alba, porém, decidira adotar a ideia da mãe e usava a parte abandonada da casa para esconder pessoas por uma ou duas noites, até encontrar outro lugar mais seguro ou a forma de tirá-las do país. Ajudava os que viviam nas sombras, fugindo durante o dia, em meio ao bulício da cidade, mas que, ao cair da noite, precisavam estar ocultos, cada vez em um lugar diferente. As horas mais perigosas eram durante o toque de recolher, quando os fugitivos não podiam sair à rua e a polícia podia caçá-los à vontade. Alba supôs que a casa do avô fosse o último lugar que vasculhariam. Pouco a pouco, transformou os quartos vazios num labirinto de cantos secretos onde escondia seus protegidos, às vezes famílias completas. O senador Trueba só ocupava a biblioteca, o banheiro e seu quarto. Vivia ali, em meio a seus móveis de acaju, suas estantes vitorianas e seus tapetes persas. Mesmo para um homem tão

pouco propenso aos impulsos do sentimento, aquela mansão sombria era inquietante: parecia conter um monstro oculto. Trueba não compreendia a causa de sua mágoa, porque sabia que os estranhos ruídos que os empregados diziam ouvir provinham de Clara, que vagava pela casa na companhia de seus espíritos amigos. Surpreendera muitas vezes a mulher deslizando pelos salões com sua túnica branca e seu riso alegre. Fingia não vê-la, ficava imóvel, suspendendo até mesmo a respiração, para não assustá-la. Fechava os olhos, fingindo dormir, e podia sentir o roçar suave de seus dedos na testa, seu hálito fresco passar como um sopro, seu cabelo ao alcance da mão. Não tinha motivo para suspeitar de algo anormal, mas não se aventurava na região encantada que era o reino de sua mulher; o mais longe que ia era o território neutro da cozinha. A antiga cozinheira fora embora, porque, num tiroteio, mataram por engano seu marido, e seu único filho, que estava fazendo o recrutamento numa aldeia do Sul, fora pendurado num poste com as tripas enroladas no pescoço, como vingança do povo por ter cumprido ordens de seus superiores. A pobre mulher perdeu a razão, e, em pouco tempo, Trueba perdeu a paciência, farto de encontrar na comida os cabelos que ela arrancava em seu permanente lamento. Durante algum tempo, Alba arriscou-se com as panelas, valendo-se de um livro de receitas, mas, apesar de sua boa disposição, Trueba acabou jantando quase todas as noites no clube, para fazer uma refeição decente pelo menos uma vez por dia. Isso deu a Alba mais liberdade para seu tráfico de fugitivos e mais segurança para introduzir e retirar pessoas de casa antes do toque de recolher, sem que o avô suspeitasse.

Um dia apareceu Miguel. Ela estava entrando em casa, em plena luz da hora da sesta, quando ele apareceu à sua frente. Tinha estado à sua espera, escondido nas touceiras do jardim. Pintara o cabelo de amarelo-pálido e vestia um pesado terno azul. Parecia um simples bancário, mas Alba reconheceu-o imediatamente e não pôde calar o grito de júbilo que lhe subiu das entranhas. Abraçaram-se no jardim, à vista dos transeuntes e de quem quisesse ver, até que, recobrando o juízo, se deram conta do perigo. Alba levou-o para dentro de casa, para seu quarto. Caíram na cama num enlaçamento de braços e pernas, chamando um ao outro pelos nomes secretos que usavam nos tempos do porão, amaram-se com desespero, até que sentiram a vida escapando-se-lhes e a alma explodindo, e tiveram de aquietar-se, ouvindo as estrepitosas batidas de seus corações, para se acalmar um pouco. Alba olhou-o então pela primeira vez e viu que estivera amando um absoluto desconhecido, que não só tinha o cabelo de um vikingue, mas que também não tinha a barba de Miguel, nem seus pequenos óculos redondos de preceptor e parecia muito mais magro. “Você está horrível!”, soprou-lhe ao ouvido. Miguel transformara-se

num dos chefes da guerrilha, cumprindo assim o destino que ele próprio se havia traçado desde a adolescência. Para descobrir seu paradeiro, tinham interrogado muitos homens e mulheres, o que pesava no espírito de Alba como uma pedra de moinho. Para ele, porém, aquilo não era mais do que uma parte do horror da guerra, e estava disposto a se submeter a igual risco quando chegasse o momento de encobrir outros. Entrementes, lutava na clandestinidade, fiel à teoria de que à violência dos ricos havia que opor a violência do povo. Alba, que, mil vezes, o imaginara preso ou morto de alguma maneira horrível, chorava de alegria, saboreando seu cheiro, sua textura, sua voz, seu calor, o afagar de suas mãos calejadas pelo uso das armas e o hábito de desafiar, rezando e amaldiçoando, e beijando-o e odiando-o por tanto sofrimento acumulado e desejando morrer ali mesmo, para não voltar a sofrer sua ausência.

— Você tinha razão, Miguel. Aconteceu tudo o que dizia que iria acontecer — admitiu Alba, soluçando em seu ombro.

Contou-lhe depois a respeito das armas que roubara do avô e que escondera com seu tio Jaime, oferecendo-se para ir com ele buscá-las. Teria gostado de lhe dar também as que não pudera roubar e tinham ficado na adega da casa, mas, poucos dias depois do golpe militar, fora ordenada à população civil a entrega de tudo o que se pudesse considerar arma, até as facas de mato e os canivetes das crianças. As pessoas deixavam seus pacotinhos embrulhados em jornal à porta das igrejas, porque não se atreviam a levá-los aos quartéis, mas o senador Trueba, que possuía armas de guerra, não sentiu nenhum temor, porque as suas estavam destinadas a matar comunistas, como todos sabiam. Telefonou para seu amigo, o general Hurtado, que mandou um caminhão do Exército para resgatá-las. Trueba levou os soldados até o quarto das armas e verificou, então, mudo de surpresa, que metade das caixas estava cheia de pedras e palha, mas compreendeu que, se admitisse a falta, incriminaria alguém da própria família ou se meteria pessoalmente numa complicação. Começou a dar desculpas que ninguém lhe pedia, uma vez que os soldados não poderiam saber o número de armas que ele havia comprado. Suspeitava de Blanca e Pedro Terceiro García, mas as faces ruborizadas da neta também o fizeram desconfiar. Depois de os soldados levarem as caixas assinando um recibo, pegou Alba por um braço e sacudiu-a como nunca havia feito, para ela confessar se tinha alguma coisa a ver com as metralhadoras e as espingardas que faltavam. “Não me pergunte sobre o que não quer que eu lhe conteste, vovô”, retrucou Alba, olhando-o nos olhos. Não voltaram a falar sobre o assunto.

— Seu avô é um desgraçado, Alba. Alguém o matará como ele merece — suspirou Miguel.

— Morrerá em sua cama. Já está muito velho — disse Alba.

— Quem com ferro mata não pode morrer com chapeladas. Talvez eu mesmo o mate um dia.

— Que Deus não o permita, Miguel, porque eu seria obrigada a fazer o mesmo com você — respondeu Alba, ferozmente.

Miguel comunicou-lhe que não poderiam ver-se durante muito tempo; talvez nunca mais. Tentou explicar-lhe o perigo que significava ser companheira de um guerrilheiro, mesmo que estivesse protegida pelo sobrenome do avô, mas ela chorou tanto e abraçou-o com tanta angústia que ele teve de lhe prometer que, embora com o risco de suas vidas, procurariam oportunidades de se ver algumas vezes. Miguel também aceitou ir com ela buscar as armas e as munições enterradas na montanha, porque era do que mais necessitava em sua luta temerária.

— Espero que não estejam transformadas em sucata — murmurou Alba. — E que eu consiga lembrar o local exato, porque já faz mais de um ano.

Duas semanas depois, Alba organizou um passeio com as crianças de seu refeitório popular numa camioneta emprestada pelos padres da paróquia. Levava cestos com a merenda, um saco de laranjas, bolas e um violão. Nenhuma das crianças estranhou o fato de ela recolher no transcurso um homem louro. Alba dirigiu a pesada camioneta com sua carga de crianças pelo caminho da montanha que percorrera antes com seu tio Jaime. Duas patrulhas os detiveram, mandando-os abrir os cestos da merenda, mas a alegria contagiante das crianças e o inocente conteúdo das sacolas afastaram toda a suspeita dos soldados. Conseguiram chegar tranquilos ao local em que as armas estavam escondidas. As crianças brincaram de esconde-esconde. Miguel organizou com elas um jogo de futebol, sentou-as à sua volta, contou-lhes histórias, e depois todos cantaram até ficar roucos. Rapidamente esboçou a planta do local para retornar com seus companheiros, protegidos pelas sombras da noite. Foi um agradável dia no campo em que durante algumas horas puderam esquecer a tensão do estado de sítio e gozar o morno sol da montanha, ouvindo a gritaria das crianças que corriam por entre as pedras com o estômago cheio pela primeira vez em muitos meses.

— Miguel, tenho medo — murmurou Alba. — Será que jamais poderemos ter uma vida normal? Por que não vamos para o exterior? Por que não fugimos agora, que ainda é possível?

Miguel apontou as crianças, e Alba compreendeu.

— Então, deixe-me ir com você! — suplicou ela, como tantas vezes fizera.

— Não podemos ter uma pessoa sem treinamento neste momento. Muito menos uma mulher apaixonada — disse Miguel, sorrindo. — É melhor que você continue cumprindo sua tarefa. É preciso ajudar essas

pobres crianças até virem tempos melhores.

— Pelo menos, diga-me como posso encontrá-lo.

— Se a polícia prendê-la, o melhor é que nada saiba — respondeu Miguel.

Ela estremeceu.

Nos meses seguintes, Alba começou a vender o mobiliário da casa. Inicialmente só se atreveu a tirar as coisas dos cômodos abandonados e do porão, mas, quando vendeu tudo o que continham, começou a levar, uma a uma, as cadeiras antigas do salão, os aparadores barrocos, as arcas coloniais, os biombos entalhados, até as toalhas de mesa. Trueba percebeu, mas nada disse. Supunha que a neta estivesse dando ao dinheiro um objetivo proibido, como acreditava que tivesse feito com as armas que lhe roubara, mas preferiu não ficar sabendo, a fim de poder continuar a manter-se em precária estabilidade num mundo que se fazia em pedaços. Dava-se conta de que os acontecimentos escapavam ao seu controle. Compreendeu que a única coisa que realmente lhe importava era não perder a neta, porque era o único laço que o unia à vida. Por isso também não comentou quando ela foi tirando, um a um, os quadros das paredes e as tapeçarias antigas para vender aos novos-ricos. Sentia-se muito velho e muito cansado, sem forças para lutar. Já não tinha as ideias tão claras, e se lhe havia apagado a fronteira entre o que lhe parecia bom e o que considerava mau. À noite, quando o sono o surpreendia, tinha pesadelos com casinhas de tijolo incendiadas. Imaginou que, se sua única herdeira decidira jogar a casa pela janela, ele não a impediria, porque lhe faltava muito pouco para estar na tumba, e, então, não precisaria senão da mortalha. Alba quis conversar com ele para lhe dar uma explicação, mas o velho negou-se a ouvir a história dos meninos famintos que recebiam por esmola um prato com o produto de sua tapeçaria de Aubusson ou dos desempregados que sobreviviam, mais uma semana, com seu dragão chinês de pedra dura. Tudo isso, ele continuava a argumentar, era uma monstruosa tapeação do comunismo internacional, mas, no caso remoto de ser verdade, não cabia a Alba assumir essa responsabilidade, mas ao governo ou, em última instância, à Igreja. No entanto, no dia em que chegou em casa e não viu o retrato de Clara pendurado à entrada, considerou que o caso estava ultrapassando os limites de sua paciência e enfrentou a neta.

— Onde diabo está o retrato de sua avó? — bradou.

— Eu o vendi ao cônsul inglês, vovô. Disse-me que o levaria para um museu de Londres.

— Proíbo-a de tirar seja o que for desta casa! A partir de amanhã, terá uma conta no banco para suas despesas pessoais — respondeu.

Esteban Trueba logo se deu conta de que Alba era a mulher mais

cara de sua vida e que um harém de cortesãs não teria custado tanto quanto aquela neta de cabeleira verde. Não a repreendeu, porque haviam voltado os tempos da boa sorte, e, quanto mais gastava, mais tinha. Dado que a atividade política estava proibida, sobrava-lhe tempo para seus negócios e calculou que, contra todos os seus prognósticos, iria morrer muito rico. Aplicava seu dinheiro nas novas financiadoras, que proporcionavam aos investidores espantosa multiplicação de seu capital da noite para o dia. Descobriu que a riqueza lhe provocava um enorme tédio, porque se tornara fácil ganhá-la, sem encontrar maior atrativo para gastá-la, e nem sequer o prodigioso talento da neta para o esbanjamento conseguia esvaziar-lhe as algibeiras. Com entusiasmo, reconstruiu e melhorou Las Tres Marías, mas depois perdeu o interesse por qualquer outro empreendimento, porque percebeu que, graças ao novo sistema econômico, não era necessário esforçar-se e produzir, uma vez que o dinheiro atraía mais dinheiro, e, sem a sua participação direta, as contas bancárias engrossavam dia a dia. Assim, refazendo as contas, deu um passo que nunca imaginou dar em sua vida: passou a mandar todos os meses um cheque para Pedro Terceiro García, que vivia com Blanca, exilados no Canadá. Ali, ambos se sentiam plenamente realizados na paz do amor satisfeito. Ele escrevia canções revolucionárias para os trabalhadores, os estudantes e, sobretudo, a alta burguesia, que as adotara como moda, traduzidas para o inglês e o francês com grande sucesso, apesar de galinhas e raposas serem criaturas subdesenvolvidas, sem o esplendor zoológico das águias e dos lobos daquele gelado país do Norte. Blanca, por sua vez, plácida e feliz, desfrutava pela primeira vez na vida de uma saúde de ferro. Instalou um grande forno em sua casa para queimar os presépios de monstros, que conseguia vender muito bem, por se tratar de um artesanato indígena, como previra Jean de Satigny vinte e cinco anos antes, quando quis exportá-los. Com esses negócios, os cheques de Trueba e a ajuda canadense, tinham o suficiente, e Blanca, por precaução, escondeu no canto mais secreto a meia de lã com as inesgotáveis joias de Clara. Esperava não ter de vendê-las nunca para que um dia Alba as ostentasse.

Esteban Trueba não soube que a polícia política vigiava sua casa até a noite em que levaram Alba. Estava dormindo, e, por acaso, não havia ninguém escondido no labirinto dos quartos abandonados. As coronhadas na porta da casa tiraram o velho do sono com o nítido pressentimento da fatalidade. Alba, porém, despertara antes, quando ouviu as freadas dos automóveis, o ruído dos passos, as ordens a meia-voz, e começou a vestir-se, porque não teve dúvidas de que chegara a sua hora.

Naqueles meses, o senador aprendera que nem mesmo sua idônea

trajetória de golpista era garantia contra o terror. Nunca imaginara, porém, que veria entrar em sua casa, ao amparo do toque de recolher, uma dúzia de homens à paisana, armados até os dentes, que o tiraram da cama sem a mínima consideração e o levaram pelo braço até o salão, sem lhe permitir calçar os chinelos ou agasalhar-se com um xale. Viu outros, abrindo a pontapés a porta do quarto de Alba e entrando com as metralhadoras na mão; viu a neta, completamente vestida, pálida, mas serena, esperando-os de pé, viu-os levando-as aos empurrões, com as armas apontadas, até o salão onde lhe ordenaram que ficasse junto do velho sem fazer o menor movimento. Ela obedeceu sem pronunciar uma só palavra, alheia à raiva de seu avô e à violência dos homens que percorriam a casa, arrebatando as portas, esvaziando os armários à coronhada, derrubando os móveis, rasgando os colchões, revolvendo o conteúdo dos armários, chutando paredes e gritando ordens, em busca de guerrilheiros escondidos, armas clandestinas e outras evidências. Arrancaram de suas camas as empregadas e trancaram-nas num quarto, vigiadas por um homem armado. Circularam pelas estantes da biblioteca, e os adornos e as obras de arte do senador rolaram pelo chão com estrépito. Os livros do túnel de Jaime foram empilhados no pátio, regados com gasolina e queimados numa pira infame, alimentada com os livros mágicos dos baús encantados do tio-bisavô Marcos, a edição esotérica de Nicolás, as obras de Marx em encadernação de couro e até as partituras das óperas do avô, numa fogueira escandalosa que encheu de fumaça todo o bairro e que, em tempos normais, teria atraído os bombeiros.

— Entreguem todas as agendas, livros com endereços, livros de cheques e todos os documentos pessoais que tenham! — ordenou o que parecia ser o chefe.

— Sou o senador Trueba! Por Deus, não me reconhece, homem? — gritou o avô, desesperado. — Não podem fazer isso comigo! É uma agressão. Sou amigo do general Hurtado!

— Cale-se, velho de merda! Enquanto eu não autorizar, não tem o direito de abrir a boca! — respondeu o outro com brutalidade.

Obrigaram-no a entregar o conteúdo de sua secretária e ensacaram tudo o que lhes pareceu interessante. Enquanto um grupo acabava de revistar a casa, outro continuava a atirar livros pela janela. No salão permaneceram quatro homens sorridentes, irônicos, ameaçadores, que puseram os pés nos móveis, beberam o uísque escocês na própria garrafa e quebraram, um a um, os discos da coleção de clássicos do senador Trueba. Alba calculou que se haviam passado pelo menos duas horas. Tremia, não de frio, mas de medo. Imaginava que aquele momento chegaria um dia, mas tinha conservado sempre a esperança irracional de que a influência de seu avô pudesse protegê-la. Ao vê-lo, contudo, encolhido num sofá, pequeno e miserável como um velho

enfermo, compreendeu que não deveria esperar ajuda.

— Assine aqui! — ordenou o chefe a Trueba, pondo-lhe um papel diante do nariz. — É uma declaração de que entramos com ordem judicial, que lhe mostramos nossas identificações, que foi tudo de acordo com a lei, que procedemos com todo o respeito e boa educação, e que não tem nenhuma queixa a fazer. Assine!

— Jamais assinarei isso! — exclamou o velho, furioso.

O homem deu uma rápida meia-volta e esbofeteou Alba. O golpe lançou-a ao chão. O senador Trueba, paralisado de surpresa e espanto, enfim compreendeu que havia chegado a hora da verdade, depois de viver quase 90 anos sob sua própria lei.

— Sabe que sua neta é a puta de um guerrilheiro? — perguntou o homem.

Abatido, o senador Trueba assinou o papel. Depois, aproximou-se penosamente de sua neta e abraçou-a, acariciando-lhe o cabelo com uma ternura nele desconhecida.

— Não se preocupe, filhinha. Tudo se vai arranjar, não lhe podem fazer nada, isto é um erro, fique tranquila — murmurava.

O homem, porém, afastou-o rispidamente e gritou aos demais que tinham de partir. Dois brutamontes levaram Alba pelos braços, quase no ar. A última coisa que ela viu foi a figura patética do avô, pálido como cera, trêmulo, em roupa de dormir e descalço, que, do umbral da porta, lhe assegurava que, no dia seguinte, iria resgatá-la, falaria diretamente com o general Hurtado, iria com seus advogados buscá-la onde quer que ela estivesse para trazê-la de volta a casa.

Fizeram-na subir numa camioneta ao lado do homem que a esbofeteara e de outro, que dirigia, assobiando. Antes de lhe fixarem tiras de papel gomado nas pálpebras, olhou pela última vez a rua vazia e silenciosa, admirada de que, apesar do escândalo e do incêndio dos livros, nenhum vizinho tivesse assomado para olhar. Supôs que, do mesmo modo que muitas vezes ela própria fizera, estariam espreitando pelas frestas das janelas e pelas pregas das cortinas ou que tivessem enfiado a cabeça sob o travesseiro para não tomar conhecimento. A camioneta pôs-se em movimento, e ela, cega pela primeira vez, perdeu a noção do espaço e do tempo. Sentiu uma mão úmida e grande em sua perna, apertando, beliscando, subindo, explorando, um hálito pesado em seu rosto, sussurrando, vou aquecer você, puta, logo, logo, e ouviu outras vozes e risos, enquanto o veículo dava voltas e voltas, no que lhe pareceu uma viagem interminável. Não soube aonde a levavam até que ouviu ruído de água e sentiu as rodas da camioneta passarem sobre madeira. Então adivinhou seu destino. Invocou os espíritos dos tempos da mesa de três pés e do inquieto açucareiro da avó, invocou os fantasmas capazes de desviar o rumo dos acontecimentos, mas eles pareciam tê-la abandonado,

porque a camioneta seguiu pelo mesmo caminho. Sentiu uma freada, ouviu uma pesada porteira chiando ao se abrirem, depois se fechando. Então Alba entrou em seu pesadelo, aquele que sua avó havia visto em seu mapa astrológico ao nascer, e Luisa Mora, num momento de premonição. Os homens ajudaram-na a descer. Não chegou a dar dois passos. Recebeu o primeiro golpe nas costelas e caiu de joelhos, sem poder respirar. Dois levantaram-na pelas axilas e arrastaram-na por um longo trecho. Sentiu os pés sobre a terra e depois sobre a superfície áspera de um chão de cimento. Detiveram-se.

— Esta é a neta do senador Trueba, coronel — ouviu dizer.

— Já vi — respondeu outra voz.

Alba reconheceu sem hesitar a voz de Esteban García e compreendeu naquele momento que ele a esperava desde o remoto dia em que a sentara em seus joelhos, quando ela era uma criança.

Capítulo XIV

A Hora da Verdade

Alba estava encolhida no escuro. Tinham-lhe tirado com um puxão o papel gomado dos olhos e, em seu lugar, puseram uma venda apertada. Sentia medo. Recordou o treinamento do tio Nicolás, que a prevenia contra o perigo de ter medo do medo, e concentrou-se para dominar o tremor de seu corpo e fechar os ouvidos aos pavorosos ruídos que lhe chegavam do exterior. Tentou evocar os momentos felizes com Miguel, procurando ajuda no sentido de enganar o tempo e encontrar forças para o que viria, estimulando-se a suportar algumas horas sem que seus nervos a traíssem, até que seu avô conseguisse movimentar a pesada maquinaria de seu poder e suas influências para tirá-la dali. Pinçou da memória um passeio com Miguel pela costa, no outono, muito antes de o furacão dos acontecimentos virar o mundo de pernas para o ar, na época em que as coisas ainda eram denominadas por nomes conhecidos e as palavras tinham um único significado, quando povo, liberdade e companheiro eram apenas isto, povo, liberdade e companheiro, e não se haviam ainda transformado em contrassenhas. Tentou reviver aquele momento, a terra vermelha e úmida, o intenso odor das matas de pinheiros e eucaliptos, cujo tapete de folhas secas amaciava, depois do longo e cálido verão, e onde a luz acobreada do sol se filtrava nas copas das árvores. Tentou resgatar o frio, o silêncio e a preciosa sensação de serem os donos da terra, de ter 20 anos e a vida pela frente, de se amarem tranquilos, inebriados pelo aroma do bosque e pelo amor, sem passado, sem suspeitar do futuro, com a única e incrível riqueza daquele instante presente, em que se olhavam, se ouviam, se beijavam, se exploravam, envolvidos pelo murmúrio do vento entre as árvores e pelo rumor próximo das ondas batendo nas rochas ao pé da falésia, estalando num fragor de espuma perfumada, e eles dois, abraçados dentro do mesmo poncho, como siameses na mesma pele, rindo e jurando que seria para sempre, convencidos de que eram os únicos em todo o universo a ter

descoberto o amor.

Alba ouvia os gritos, os longos gemidos e o rádio no volume máximo. O bosque, Miguel e o amor perderam-se no túnel profundo de seu terror, e ela se resignou a enfrentar seu destino sem subterfúgios.

Calculou que teriam passado toda a noite e uma boa parte do dia seguinte quando a porta se abriu pela primeira vez e dois homens a retiraram de sua cela. Levaram-na, em meio a insultos e ameaças, à presença do coronel García, que ela reconheceria de olhos fechados, pelo hábito de sua maldade, mesmo antes de lhe ouvir a voz. Sentiu-lhe as mãos segurando o rosto, os dedos grossos em seu pescoço e orelhas.

— Agora vai dizer-me onde está seu amante. Isso nos evitará muito desconforto aos dois.

Alba respirou aliviada. Então, não haviam detido Miguel!

— Quero ir ao banheiro — respondeu Alba com a voz mais firme que lhe foi possível articular.

— Vejo que não pretende cooperar, Alba. É uma pena — suspirou García. — Os rapazes terão que cumprir seu dever; eu não posso impedir.

Houve um breve silêncio à sua volta, e ela fez um esforço desmesurado para recordar a mata de pinheiros e o amor de Miguel, mas suas ideias se embaralharam, e ela já não sabia se estava sonhando nem de onde provinham aquela pestilência de suor, excremento, sangue e urina, e a voz do locutor de futebol, que anunciava uns golpes finlandeses que nada tinham a ver com ela, entre outros berros próximos e exatos. Um bofetão brutal jogou-a ao chão, mãos violentas recolocaram-na de pé, dedos ferozes incrustaram-lhe nos seios, triturando-lhe os mamilos, e o medo venceu-a por completo. Vozes desconhecidas pressionavam-na, ouvia o nome de Miguel, mas não sabia o que lhe perguntavam e só repetia, incansavelmente, um não monumental enquanto lhe batiam, lhe mexiam, lhe arrancavam a blusa, e ela não conseguia pensar, só repetir não e não, e não, calculando quanto poderia resistir antes de se esgotarem suas forças, sem saber que aquilo era apenas o começo, até que se sentiu desfalecer, e os homens a deixaram tranquila, esticada no chão, por um tempo que lhe pareceu muito curto.

Logo ouviu novamente a voz de García e adivinhou que eram deles as mãos que a ajudavam a levantar-se, levaram-na até uma cadeira, ajeitaram-lhe a roupa e vestiram-lhe a blusa.

— Oh, Deus! — exclamou. — Como a deixaram! Eu a adverti, Alba. Agora tente acalmar-se; vou-lhe dar uma xícara de café.

Alba começou a chorar. O líquido morno reanimou-a, mas não lhe sentiu o sabor, porque o bebia misturado com sangue. García segurava

a xícara, aproximando-a com cuidado, como um enfermeiro.

— Quer fumar?

— Quero ir ao banheiro — murmurou ela, pronunciando cada sílaba com dificuldade por causa dos lábios inchados.

— Com certeza, Alba. Vão levá-la ao banheiro e depois poderá descansar. Eu sou seu amigo e compreendo perfeitamente sua situação. Está apaixonada e por isso o protege. Sei que você não tem nada a ver com a guerrilha, mas os rapazes não acreditam em mim quando lhes digo; não vão conformar-se até que você lhes conte onde está Miguel. Na verdade, já o cercaram, sabem onde está, vão prendê-lo, mas querem ter certeza de que você não tem nada a ver com a guerrilha, compreende? Se o protege, recusando-se a falar, eles vão continuar a suspeitar de você. Diga-lhes o que querem saber, e, então, eu mesmo a levarei para casa. Vai falar, não é verdade?

— Quero ir ao banheiro — repetiu Alba.

— Vejo que é teimosa, como o seu avô. Está bem. Irá ao banheiro. Vou dar-lhe a oportunidade de pensar um pouco — disse García.

Levaram-na ao banheiro, e teve de ignorar o homem que estava ao seu lado, segurando-a pelo braço. Depois, levaram-na para a cela. No cubículo solitário da prisão, tentou organizar suas ideias, mas estava atormentada pela dor das pancadas, pela sede, pela venda apertada nas têmporas, pelo ruído atordoante do rádio, pelo terror dos passos que se aproximavam e pelo alívio quando eles se afastavam, pelos gritos e pelas ordens. Encolheu-se como um feto no chão e abandonou-se aos seus sofrimentos. Assim permaneceu durante várias horas, talvez dias. Por duas vezes, um homem foi tirá-la dali e guiou-a até uma latrina fétida, onde não conseguiu lavar-se porque não tinha água. Dava-lhe um minuto, punha-a sentada na privada com outra pessoa, tão silenciosa e trôpega quanto ela, sem que lhe fosse possível adivinhar se era outra mulher ou um homem. A princípio, chorou, lamentando que seu tio Nicolás não a tivesse submetido a um treinamento especial para suportar a humilhação, que lhe parecia pior do que a dor, mas por fim conformou-se com sua própria imundície e parou de pensar na insuportável necessidade de se lavar. Deram-lhe para comer milho tenro, um pedaço de frango e um pouco de sorvete, que ela adivinhou pelo sabor, pelo cheiro e pela temperatura, e que devorou apressadamente com a mão, estranhando aquele jantar de luxo e inesperado naquele lugar. Depois soube que a comida para os prisioneiros daquele recinto vinha da nova sede do governo, que se instalara num prédio improvisado, porque o antigo Palácio dos Presidentes não era mais do que um monte de escombros.

Tentou contar os dias passados desde a sua detenção, mas a solidão, a escuridão e o medo lhe transtornaram o tempo e lhe deslocaram o espaço; acreditava ver cavernas povoadas de monstros,

imaginava que fora drogada e, por isso, sentia todos os ossos frouxos e as ideias loucas; dispunha-se a não comer nem beber, mas a fome e a sede eram mais fortes do que a sua decisão. Perguntava-se por que seu avô ainda não teria ido resgatá-la. Nos momentos de lucidez, conseguia compreender que não se tratava de um pesadelo e que não estava ali por equívoco. Dispôs-se a esquecer até o nome de Miguel.

Na terceira vez que a levaram até Esteban García, Alba estava mais preparada, porque, pela parede de sua cela, conseguiu ouvir os sons da sala vizinha, onde interrogavam prisioneiros, e não teve ilusões. Nem sequer tentou invocar os bosques de seus amores.

— Você teve tempo para pensar, Alba. Agora, nós dois vamos conversar calmamente, você vai-me dizer onde está Miguel, e, assim, sairemos disto rapidamente — propôs García.

— Quero ir ao banheiro — respondeu Alba.

— Estou vendo que você está brincando comigo — disse ele. — Sinto muito, mas aqui não podemos perder tempo.

Alba não respondeu.

— Tire a roupa! — ordenou García num tom de voz bem diferente.

Ela não obedeceu. Despiram-na com violência, arrancando-lhe as calças apesar de seus pontapés. A recordação nítida de sua adolescência e do beijo de García no jardim deu-lhe a força do ódio. Lutou contra ele, gritou, chorou, urinou, vomitou, até que se cansaram de agredi-la e lhe deram uma curta trégua, que ela aproveitou para invocar os espíritos compreensivos da avó, pedindo-lhes que a ajudassem a morrer. Contudo, ninguém veio em seu auxílio, e duas mãos ergueram-na, quatro a deitaram num catre metálico gelado, duro, cheio de porcas que lhe feriam as costas, e amarraram seus tornozelos e pulsos com correias de couro.

— Pela última vez, Alba, onde está Miguel? — perguntou García.

Ela negou, silenciosamente. Tinham amarrado outra correia em sua cabeça.

— Quando estiver disposta a falar, levante um dedo — orientou García, e Alba ouviu outra voz.

— Eu manipulo a máquina.

Então ela sentiu a dor atroz que lhe percorreu o corpo e a dominou completamente, e que pelo resto da vida não poderia esquecer. Mergulhou na escuridão.

— Eu lhes disse para terem cuidado com ela, seus cornos! — ouviu a voz de Esteban García, que lhe chegava de muito longe, sentiu que lhe abriam as pálpebras, mas não viu mais do que um difuso fulgor, sentiu em seguida uma picada no braço e tornou a perder-se na inconsciência.

Um século depois, Alba despertou, molhada e despida, sem saber se estava coberta de suor, água ou urina; não conseguia mover-se, de

nada se recordava, não identificava o lugar em que estava nem a causa do mal-estar intenso que a havia reduzido a um farrapo. Sentiu a sede do Saara e pediu água.

— Agente, companheira — sugeriu alguém a seu lado. — Agente até amanhã. Se beber água, terá convulsões e poderá morrer.

Abriu os olhos. Não os tinha vendados. Um rosto vagamente familiar estava inclinado sobre ela, e mãos cobriram-na com uma manta.

— Lembra-se de mim? Sou Ana Díaz. Fomos companheiras na universidade. Não me reconhece?

Alba negou com a cabeça, fechou os olhos e abandonou-se à doce ilusão da morte. Algumas horas mais tarde, porém, despertou e, ao mexer-se, deu-se conta de que lhe doía até a última fibra de seu corpo.

— Logo se sentirá melhor — consolou-a uma mulher que lhe acariciava o rosto e afastava as madeixas úmidas que lhe cobriam os olhos. — Não se mexa e tente relaxar. Estarei ao seu lado; descanse.

— O que aconteceu? — balbuciou Alba.

— Maltrataram-na muito, companheira — explicou a outra com tristeza.

— Quem é você? — perguntou Alba.

— Ana Díaz. Estou aqui há uma semana. Pegaram também meu companheiro, mas ele ainda está vivo. Vejo-o passar uma vez por dia, quando o levam ao banheiro.

— Ana Díaz? — murmurou Alba.

— Eu mesma. Não éramos muito amigas na universidade, mas nunca é tarde para começar. A verdade é que a última pessoa que eu imaginaria encontrar aqui seria você, condessa — disse a mulher com doçura. — Não fale e tente dormir, para que o tempo lhe seja mais curto. A memória voltará aos poucos; não se preocupe. É por causa da eletricidade.

Alba, porém, não conseguiu dormir, porque a porta da cela se abriu, e um homem entrou.

— Ponha-lhe a venda! — ordenou a Ana Díaz.

— Por favor...! Não vê que está muito fraca? Deixe-a descansar um pouco...

— Faça o que lhe digo!

Ana inclinou-se sobre o catre e pôs-lhe a venda nos olhos. Retirou a manta que cobria Alba para enrolá-la em seu corpo, mas o guarda afastou-a com um empurrão, ergueu a prisioneira pelos braços e sentou-a. Entrou outro para ajudá-lo, e os dois levaram-na pendurada, porque não conseguia caminhar. Alba estava certa de que estava morrendo, se é que já não estaria morta. Ouviu que avançavam por um corredor em que o ruído das passadas era devolvido pelo eco. Sentiu uma mão em seu rosto, erguendo-lhe a cabeça.

— Podem dar-lhe água. Lavem-na e deem-lhe outra injeção. Vejam se pode engolir um pouco de café e tragam-na — disse García.

— Devemos vesti-la, coronel?

— Não.

Alba esteve nas mãos de García por muito tempo. Em poucos dias, o coronel percebeu que ela o havia reconhecido, mas não abandonou a precaução de mantê-la com os olhos vendados, mesmo quando estavam sozinhos. Traziam e levavam diariamente novos prisioneiros. Alba escutava os veículos, os gritos, o portão que se fechava, e procurava contabilizar os presos, mas era quase impossível. Ana Díaz calculava que haveria cerca de duzentos. Embora García estivesse muito ocupado, não deixou passar um dia sem ver Alba, alternando a violência desenfreada com sua comédia de bom amigo. Às vezes parecia sinceramente comovido e, com a própria mão, dava-lhe colheradas de sopa, mas, no dia em que ele enfiou sua cabeça num balde cheio de excremento até ela desmaiar de nojo, Alba compreendeu que ele não estava de fato tentando averiguar o paradeiro de Miguel, mas, sim, vingando-se das ofensas que lhe haviam infligido desde o nascimento e que nada que pudesse confessar modificaria sua sorte como prisioneira particular do coronel García. Então foi pouco a pouco saindo do círculo privado de seu terror, e seu medo começou a diminuir; pôde então ter compaixão pelos demais, pelos que eram pendurados pelos braços, pelos recém-chegados e pelo homem sobre cujos pés agrilhoados passaram com uma camioneta. Ao amanhecer, todos os prisioneiros foram levados para o pátio e obrigados a olhar porque aquele era também um assunto pessoal entre o coronel e seu prisioneiro. Foi a primeira vez que Alba abriu os olhos fora da penumbra de sua cela, e a suave claridade da madrugada e o orvalho que brilhava entre as pedras, onde se tinham juntado charcos de chuva da noite, pareceram-lhe insuportavelmente luminosos. Arrastaram o homem, que não opôs resistência, mas tampouco conseguia manter-se de pé, e deixaram-no no centro do pátio. Os guardas tinham o rosto coberto por lenços, para que nunca pudessem ser reconhecidos no caso improvável de as circunstâncias mudarem. Alba fechou os olhos quando ouviu o motor da camioneta, mas não pôde fechar os ouvidos ao berro que lhe ficou para sempre vibrando na memória.

Ana Díaz ajudou-a a resistir durante o tempo em que estiveram juntas. Era uma mulher inquebrantável. Suportara todas as brutalidades, tinham-na violado diante de seu companheiro, tinham-no torturado juntos, mas ela não perdera a capacidade de sorrir nem a esperança. Nem as perdeu quando a levaram para uma clínica secreta da polícia política, porque, em decorrência de um

espancamento, perdera a criança que esperava e começara a esvaír-se em sangue.

— Não importa; um dia terei outro — disse a Alba quando voltou à sua cela.

Naquela noite, Alba ouviu-a chorar pela primeira vez, cobrindo o rosto com o cobertor para afogar a tristeza. Aproximou-se dela, abraçou-a, embalou-a, limpou-lhe as lágrimas, murmurou-lhe todas as palavras ternas que foi capaz de lembrar, mas, naquela noite, não havia consolo possível para Ana Díaz, de modo que Alba limitou-se a aconchegá-la nos braços, sussurrando-lhe como se faz com os bebês e desejando poder arrancar-lhe aquela dor para aliviá-la. A manhã surpreendeu-as dormindo enroscadas como dois animaizinhos. Durante o dia esperavam, ansiosas, o momento de passar a longa fila de homens para o banheiro. Iam com os olhos vendados, e, para se guiar, cada um apoiava a mão no ombro do que seguia à sua frente, vigiados por guardas armados. Entre eles ia André. Pela minúscula janela gradeada da cela, elas os viam, tão perto que, se pudessem estender as mãos, os tocariam. Sempre que passavam, Ana e Alba cantavam com a força do desespero, e de outras celas também ecoavam vozes femininas. Então, os prisioneiros endireitavam-se, erguiam os ombros, viravam a cabeça em sua direção, e André sorria. Tinha a camisa rasgada e manchada de sangue seco.

Um guarda deixou-se comover pelo hino das mulheres. Uma noite, levou-lhes três cravos num pote com água, para que ornamentassem a janela. Em outra, disse a Ana Díaz que precisava de uma voluntária para lavar a roupa de um preso e limpar-lhe a cela. Levou-a até André e deixou-os a sós por alguns minutos. Quando Ana Díaz retornou, estava transfigurada, e Alba não se atreveu a falar para não interromper sua felicidade.

Um dia, o coronel García percebeu-se acariciando Alba, como que apaixonado, e lhe falando sobre sua infância no campo, quando a via passar ao longe, pela mão do avô, com seus aventais engomados e o halo verde de suas tranças, enquanto ele, descalço na lama, jurava a si mesmo que um dia lhe faria pagar caro pela arrogância e se vingaria de seu próprio maldito destino de bastardo. Enrijecida e ausente, nua e tremendo de asco e frio, Alba não o ouvia nem o sentia, mas aquela fenda em sua ânsia de atormentá-la soou ao coronel como uma campainha de alarme. Ordenou que pusessem Alba no canil e dispôs-se, furioso, a esquecê-la.

O canil era uma cela pequena e hermética como um túmulo, sem ar, escura e gelada. Havia seis ao todo, construídas, como um espaço de castigo, numa cisterna vazia. Eram ocupadas por períodos mais ou menos curtos, porque nelas ninguém resistiria muito tempo, no máximo poucos dias, antes de começar a divagar, perder a noção das

coisas e o significado das palavras, e sofrer a angústia do tempo ou, simplesmente, começar a morrer. No início, encolhida em sua sepultura, sem poder sentar nem deitar, apesar de seu pequeno tamanho, Alba defendeu-se da loucura. Na solidão, compreendeu quanto necessitava de Ana Díaz. Supunha ouvir pancadinhas imperceptíveis e longínquas, como se, de outras celas, lhe mandassem mensagens em código, mas logo parou de lhes prestar atenção, porque verificou ser inútil qualquer forma de comunicação. Abandonou-se, decidida a encerrar de vez seu suplício, recusou-se comer e só bebia um gole de água quando era vencida pela própria fraqueza. Tentou não respirar, não se mover e pôs-se à espera da morte com impaciência. Passou muito tempo assim. Quando quase alcançara seu propósito, viu aparecer sua avó Clara, que tantas vezes havia invocado para ajudá-la a morrer, informando-a de que a graça não estava em morrer, porque isso aconteceria de qualquer maneira, mas, sim, em sobreviver, o que era um milagre. Viu-a tal como sempre a tinha visto em sua infância, com sua bata de linho branco, suas luvas de inverno, seu dulcíssimo sorriso desdentado e o brilho travesso de seus olhos de avelã. Clara trouxe-lhe a ideia salvadora de escrever com o pensamento, sem lápis nem papel, para manter a mente ocupada, a fim de se evadir do canil e viver. Sugeriu-lhe até que escrevesse um testemunho que algum dia poderia servir para trazer à luz o terrível segredo que estava vivendo e, assim, possibilitar ao mundo conhecer o horror que ocorria paralelamente à existência pacífica e ordenada dos que não queriam saber, dos que podiam manter a ilusão de uma vida normal, dos que se permitiam negar que estivessem flutuando numa balsa em meio a um mar de lamentos, ignorando, apesar de todas as evidências, que, a poucos quarteirões de seu mundo feliz, estavam os outros, os que sobrevivem ou morrem no lado escuro. “Você tem muito a fazer; por isso, deixe de se lamentar, beba água e comece a escrever”, disse Clara à neta antes de desaparecer tal como havia chegado.

Alba tentou obedecer à sua avó, mas, assim que começou a anotar com o pensamento, o canil encheu-se com as personagens de sua história, que entraram atropelando-se e a envolveram em suas próprias histórias, em seus vícios e virtudes, esmagando seus propósitos documentais e inviabilizando seu testemunho, intoxicando-a, exigindo-lhe, apressando-a, e ela anotava às pressas, desesperada, porque, à medida que escrevia uma nova página, ia-se apagando a anterior. Essa atividade mantinha-a ocupada. No começo, perdia o fio com facilidade e esquecia na mesma proporção que recordava novos fatos. A menor distração ou um pouco mais de medo ou de dor emaranhavam sua história como um novelo. Logo, porém, inventou um código para recordar ordenadamente e, então, pôde mergulhar em

seu próprio relato de uma forma tão profunda que deixou de comer, de se coçar, de se cheirar, de se queixar, e chegou a vencer, uma por uma, suas inúmeras dores.

Correu o boato de que estava agonizando. Os guardas abriram o postigo do canil e tiraram-na sem nenhum esforço, porque estava muito leve. Levaram-na de novo ao coronel García, que durante aqueles dias renovara seu ódio, mas Alba não o reconheceu. Estava além de seu poder.

Por fora, o Hotel Cristóbal Colón tinha o mesmo aspecto anódino de uma escola primária, tal como eu o recordava. Perdera a conta dos anos que se haviam passado desde a última vez que ali estivera e imaginei que poderia vir receber-me o mesmo Mustafá de outros tempos, aquele negro azul, vestido como uma aparição oriental com a sua dupla fileira de dentes de chumbo e sua cortesia de vizir, o único negro autêntico do país, sendo todos os demais pintados, como havia assegurado Tránsito Soto. Não foi assim, entretanto. Um porteiro levou-me a um cubículo muito pequeno, apontou-me um assento e sinalizou que eu esperasse. Pouco tempo depois, apareceu, em vez do espetacular Mustafá, uma senhora com a aparência triste e bonita de uma tia provinciana, uniformizada de azul, com uma gola branca engomada, que, ao me ver tão velho e fraco, fez um gesto de enfado. Tinha uma rosa vermelha na mão.

— O cavalheiro está sozinho? — perguntou.

— Claro que estou! — exclamei.

A mulher entregou-me a rosa e perguntou-me que quarto eu desejava ocupar.

— Qualquer um — respondi, surpreso.

— Estão livres o Estábulo, o Templo e As Mil e Uma Noites. Qual prefere?

— As Mil e Uma Noites — disse, escolhendo ao acaso.

Levou-me por um longo corredor sinalizado com luzes verdes e flechas vermelhas. Apoiado em minha bengala, arrastando os pés, segui-a com dificuldade. Chegamos a um pequeno pátio onde se erguia uma mesquita em miniatura, com absurdas ogivas de vidros coloridos.

— É aqui. Se desejar beber alguma coisa, peça por telefone — informou.

— Quero falar com Tránsito Soto. Foi para isso que vim.

— Sinto muito, mas a senhora não atende particulares. Só os abastecedores.

— Eu tenho que falar com ela! Diga-lhe que sou o senador Trueba. Ela me conhece.

— Ela não recebe ninguém, já lhe disse — respondeu a mulher, cruzando os braços.

Erguendo a bengala, disse-lhe que, se dentro de dez minutos não aparecesse Tránsito Soto em pessoa, quebraria os vidros e tudo o que estava dentro daquela caixa de Pandora. A mulher uniformizada recuou, espantada. Abriu a porta da mesquita e encontrei-me dentro da uma Alhambra de meia-tigela. Uma escada curta de azulejos, coberta por falsos tapetes persas, levava a um quarto hexagonal com uma cúpula no teto, onde alguém havia posto tudo o que pensava existir num harém da Arábia, sem nunca lá ter estado: almofadões adameados, perfumadores de vidro, campainhas e todo tipo de quinquilharias de bazar. Em meio às colunas, multiplicadas ao infinito por uma sábia disposição de espelhos, vi um banheiro de mosaico azul, maior do que o quarto, com um grande tanque, no qual, calculei, seria possível lavar uma vaca e, com mais motivos, poderiam refestelar-se dois amantes inspirados. Não se parecia nada com o Cristóbal Colón que eu conhecera. Sentei-me com dificuldade na cama redonda, sentindo-me de repente muito cansado. Doíam-me os velhos ossos. Ergui os olhos, e um espelho no teto devolveu a minha imagem: um pobre corpo mirrado, um rosto triste de patriarca bíblico, sulcado de rugas amargas, e os restos de uma melena branca. “Como o tempo passou!”, suspirei.

Tránsito Soto entrou sem bater.

— Alegro-me de vê-lo, patrão — saudou, como sempre.

Era então uma senhora madura, magra, com um coque severo, apertada num vestido preto de lã e com duas voltas de esplêndidas pérolas no pescoço, majestosa e serena, mais parecendo uma pianista de concerto do que uma dona de prostíbulo. Não me foi fácil relacioná-la com a mulher de outros tempos, possuidora de uma serpente tatuada em volta do umbigo. Pus-me de pé para cumprimentá-la e não consegui provocá-la como fazia antes.

— Está muito bem, Tránsito — disse, calculando que já teria ultrapassado os 65 anos.

— Tenho me dado bem, patrão. Lembra-se de que, quando nos conhecemos, eu lhe disse que um dia seria rica? — disse ela, com um sorriso.

— Alegro-me de que tenha conseguido.

Sentamo-nos lado a lado na cama redonda. Tránsito serviu um conhaque para cada um e contou-me que a cooperativa de putas e pederastas tinha sido um negócio estupendo durante dez longos anos, mas que os tempos haviam mudado, e tiveram de lhe dar outro rumo, pois, por culpa da liberdade de costumes, do amor livre, da pílula e de outras inovações, ninguém precisava de prostitutas, exceto os marinheiros e os velhos. “As meninas decentes deitam-se de graça; imagine a concorrência”, observou. Explicou-me que a cooperativa começou a decair e que os sócios tiveram de ir trabalhar em outros

ofícios, mais bem remunerados, e que até Mustafá partira, de regresso à sua pátria. Então, ocorreu-lhe que o que se estava fazendo necessário era um hotel de encontros, um lugar agradável onde os casais clandestinos pudessem fazer amor e um homem não tivesse vergonha de levar uma noiva pela primeira vez. Nada de mulheres; essas, o cliente traz. Ela própria o decorara, segundo os impulsos de sua fantasia e considerando o gosto da clientela, e, assim, graças à sua visão comercial, que a levava a criar um ambiente diferente em cada canto disponível, o Hotel Cristóbal Colón se convertera no paraíso das almas perdidas e dos amantes furtivos. Tránsito Soto criou salões franceses com móveis *capitoné*, berços com feno fresco e cavalos de papelão duro, que observavam os enamorados com seus imutáveis olhos de vidro pintado, cavernas pré-históricas, com estalactites e telefones forrados de pele de puma.

— Vejo que não veio fazer amor, patrão; portanto, vamos conversar em meu escritório e disponibilizar este quarto para a clientela — sugeriu Tránsito Soto.

Ao longo do caminho, contou-me que, depois do golpe, a polícia política tinha arrasado o hotel duas vezes, mas, sempre que tiravam os casais da cama e os levavam à ponta de pistola até o salão principal, encontravam um ou dois generais em meio aos clientes e, por isso, deixaram de incomodar. Tinha muito boas relações com o novo governo, como tivera com todos os governos anteriores. Revelou-me que o Cristóbal Colón era um negócio florescente e que todos os anos ela renovava algumas decorações, substituindo naufrágios em ilhas polinésias por severos claustros de convento e balanços barrocos por potros de tortura, de acordo com a moda, podendo introduzir tanta coisa numa residência de proporções relativamente normais, graças ao artifício dos espelhos e das luzes, que multiplicavam o espaço, enganavam o clima, criavam o infinito e eliminavam o tempo.

Chegando a seu escritório, decorado como uma cabina de aeronave, de onde dirigia sua incrível organização com a eficiência de um banqueiro, pôs-me a par de sua contabilidade: quantos lençóis se lavavam, quanto papel higiênico se gastava, quantas bebidas se consumiam, quantos ovos de codorna se cozinhavam diariamente — são afrodisíacos —, quanto pessoal era necessário e a quanto montavam as contas de luz, água e telefone, para manter navegando aquele descomunal porta-aviões de amores proibidos.

— E agora, patrão, diga-me o que posso fazer por você — disse finalmente Tránsito Soto, acomodando-se em sua cadeira reclinável de piloto aéreo, enquanto brincava com as pérolas do colar. — Suponho que tenha vindo para eu devolver o favor que lhe devo há meio século, não é verdade?

Eu, que estivera à espera de que ela me perguntasse, abri então a

torrente de minha ansiedade e contei-lhe tudo, sem nada esconder, sem uma só pausa, do princípio ao fim. Disse-lhe que Alba é minha única neta, que eu fora ficando só no mundo, que me haviam encolhido o corpo e a alma, tal como Férula ameaçara quando me amaldiçoou, e que só me faltava morrer como um cão, que aquela neta de cabelo verde é a última coisa que me resta, o único ser que realmente me importa, que por desgraça saiu idealista, um mal de família, é uma dessas pessoas destinadas a se meter em problemas e a fazer sofrer quem está próximo, resolveu asilar fugitivos nas embaixadas, fazia-o sem pensar, estou certo, sem se dar conta de que o país está em guerra, em guerra contra o comunismo internacional ou contra o povo, já não sei mais, mas em guerra, afinal de contas, e que essas coisas são punidas pela lei, mas Alba anda sempre com a cabeça na lua e não se dá conta do perigo, não faz por maldade; pelo contrário, faz porque tem o coração desenfreado, como o da avó, que ainda anda socorrendo os pobres às minhas costas, nos quartos abandonados da casa, minha Clara, clarividente, e qualquer um que se aproxime de Alba contando a história de que o perseguem consegue que ela arrisque a pele para ajudá-lo, ainda que seja totalmente desconhecido, eu já lhe disse, já a adverti muitas vezes de que poderiam preparar-lhe uma armadilha e que um dia poderia acontecer de o suposto marxista ser um agente da polícia política, mas ela não me deu atenção, nunca me deu atenção na vida, é mais teimosa do que eu, mas, mesmo que seja assim, dar asilo a um pobre-diabo de vez em quando não é uma ação tão reprovável, não é algo tão grave que mereça que a levem presa, sem considerar que é minha neta, neta de um senador da República, membro destacado do Partido Conservador, não podem fazer isso com alguém de minha própria família, na minha própria casa, porque, então, que diabo fica para os outros, se pessoas como nós são presas, isso significa que ninguém está a salvo, que não valeram nada mais de vinte anos no Congresso e ter todas as relações que tenho, eu conheço todo mundo neste país, pelo menos todas as pessoas importantes, até o general Hurtado, que é meu amigo, mas nesse caso não me serviu de nada, nem sequer o cardeal pôde ajudar-me a encontrar minha neta, não é possível que ela desapareça como por obra de magia, que a levem uma noite, e eu não volte a saber nada a seu respeito, passei um mês à sua procura, e a situação já está me enlouquecendo, são essas coisas que desprestigiam a Junta Militar no exterior e dão oportunidade para que as Nações Unidas comecem a nos foder com os direitos humanos, eu a princípio não queria ouvir falar sobre mortos, torturados, desaparecidos, mas agora não posso continuar pensando que são calúnias dos comunistas, se até os próprios gringos, que foram os primeiros a ajudar os militares e mandaram seus pilotos de guerra para bombardear o Palácio dos

Presidentes, estão agora escandalizados pela matança, e não é que eu esteja contra a repressão, compreendo que no princípio é necessário ter firmeza para impor a ordem, mas passaram da conta, estão exagerando as coisas e, com a história da segurança interna e de que é preciso acabar com os inimigos ideológicos, estão liquidando todo mundo, ninguém pode estar de acordo com isso, nem eu próprio, que fui o primeiro a chamar de galinha os cadetes e a ajudar o golpe, antes que os outros o idealisassem, fui o primeiro a aplaudi-lo, estive presente no Te Deum da catedral, e por isso mesmo não posso aceitar que estejam acontecendo essas coisas em minha pátria, que as pessoas desapareçam, que levem minha neta de casa à força sem que eu possa impedir, nunca haviam ocorrido coisas assim aqui; por isso, justamente por isso, é que tive de vir falar com você, Tránsito, nunca imaginei, há cinquenta anos, quando você era uma garota raquítica do Farolito Rojo, que um dia teria de vir suplicar-lhe de joelhos que me faça este favor, que me ajude a encontrar minha neta, atrevo-me a pedir-lhe porque sei que tem boas relações com o governo, me falaram sobre você, estou certo de que ninguém conhece melhor as pessoas importantes das Forças Armadas, sei que você organiza suas festas e pode chegar aonde eu nunca teria acesso; por isso, peço-lhe que faça alguma coisa por minha neta antes que seja tarde, porque já passei semanas sem dormir, corri todos os gabinetes, todos os ministérios, todos os velhos amigos, sem que ninguém pudesse ajudar-me, já não querem receber-me, obrigam-me a ficar na sala de espera durante horas, a mim, que fiz tantos favores a essa mesma gente, por favor, Tránsito, peça-me o que quiser, ainda sou um homem rico, apesar de nos tempos do comunismo as coisas terem ficado difíceis para mim, expropriaram-me a terra, certamente você soube, deve ter visto na televisão e nos jornais, foi um escândalo, aqueles camponeses ignorantes comeram meus touros reprodutores e puseram minhas éguas de corrida para puxar o arado, e em menos de um ano Las Tres Marías estava em ruínas, mas agora eu enchi a fazenda de tratores e a estou reerguendo novamente, como já fiz uma vez, quando era jovem, estou fazendo o mesmo agora que estou velho, mas não acabado, enquanto esses desgraçados que tinham o título de proprietários da minha propriedade, minha, estão morrendo de fome, como uma cambada de pobres-diabos, à procura de algum trabalhinho miserável para subsistir, pobre gente, eles não tiveram culpa, deixaram-se enganar pela maldita Reforma Agrária, no fundo eu já lhes perdoei e gostaria que voltassem a Las Tres Marías, cheguei mesmo a pôr anúncios nos jornais para chamá-los, hão de voltar um dia e não terei remédio senão estender-lhes a mão, são como crianças, bem, mas não é disso que lhe vim falar, Tránsito, não quero tomar seu tempo, o importante é que tenho boa situação e meus negócios vão de vento em

popa; por isso, posso dar-lhe tudo o que me pedir, qualquer coisa, contanto que encontre minha neta, Alba, antes que algum demente continue a mandar-me mais dedos cortados ou comece a mandar-me orelhas e acabe me enlouquecendo ou me matando de um infarto, desculpe-me que fique dessa maneira, que me tremam as mãos, estou muito nervoso, não sei explicar o que aconteceu, um pacote pelo correio e lá dentro só três dedos humanos, cortados rente, uma piada macabra que me traz recordações, mas essas recordações não têm nada a ver com Alba, minha neta nem sequer era nascida na ocasião, tenho, sem dúvida, muitos inimigos, todos os políticos têm inimigos, não seria difícil haver um anormal disposto a me atormentar, enviando-me dedos pelo correio, justamente no momento em que estou desesperado com a prisão de Alba, para me pôr ideias cruéis na cabeça, e, se não fosse por estar no limite de minhas forças depois de ter esgotado todos os recursos, não teria vindo incomodar você, por favor, Tránsito, em nome de nossa velha amizade, tenha piedade de mim, sou um pobre velho destroçado, tenha piedade e procure minha neta, Alba, antes que acabem por mandá-la em pedacinhos pelo correio, solucei.

Tránsito Soto chegou à posição que tem, entre outras coisas, porque soube pagar as suas dívidas. Suponho que usou o conhecimento do lado mais secreto dos homens que estão no poder para me devolver os cinquenta pesos que uma vez lhe emprestei. Dois dias depois, chamou-me pelo telefone.

— Tránsito Soto, patrão. Atendi a seu pedido — informou.

Epílogo

O ntem à noite morreu meu avô. Não morreu como um cão, como receava, mas calmamente em meus braços, confundindo-me com Clara e, às vezes, com Rosa, sem dor, sem angústia, consciente e sereno, mais lúcido do que nunca, e feliz. Agora repousa no veleiro de água mansa, sorridente e tranquilo, enquanto eu escrevo sobre a mesa de madeira dourada que era da minha avó. Abri as cortinas de seda azul para que a manhã entre e alegre este quarto. Na gaiola antiga, junto da janela, há um canário novo, cantando, e, no centro do quarto, os olhos de vidro de Barrabás olham para mim. Meu avô contou-me que Clara desmaiara no dia em que ele, para agradá-la, colocou a pele do animal como tapete. Rimos às lágrimas e decidimos ir ao porão buscar os despojos do pobre Barrabás, soberbo em sua indefinível constituição biológica, apesar da passagem do tempo e do abandono, e colocá-lo no mesmo lugar em que, meio século antes, meu avô o pusera, em homenagem à mulher que mais amou na vida.

— Vamos deixá-lo aqui, que é onde sempre deveria ter ficado — disse.

Cheguei em casa numa brilhante manhã de inverno, numa carroça puxada por um cavalo magro. A rua, com sua dupla fila de castanheiros centenários e suas mansões imponentes, parecia um cenário impróprio para aquele modesto veículo, mas, quando parou em frente à casa de meu avô, combinava muito bem com o estilo. O casarão da esquina estava mais triste e velho do que eu o recordava, absurdo em suas excentricidades arquitetônicas e suas pretensões de estilo francês, com a fachada coberta de hera empestada. O jardim era um emaranhado de mato, e quase todos os postigos estavam pendurados pelos gonzos. O portão estava aberto, como sempre. Toquei a campainha e, passado algum tempo, ouvi alpargatas aproximando-se, e uma empregada desconhecida abriu-me a porta. Olhou-me sem me conhecer, e senti entrar-me pelo nariz o maravilhoso perfume de madeira e recolhimento da casa em que nasci. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Corri à biblioteca,

pressentindo que meu avô estaria à minha espera, onde sempre costumava sentar-se, e ali estava, encolhido em sua poltrona. Espantou-me vê-lo tão velho, tão minúsculo e trêmulo, conservando do passado apenas sua branca melena leonina e a pesada bengala de castão de prata. Abraçamo-nos estreitamente por muito tempo, sussurrando avô, Alba, Alba, avô, beijamo-nos e, quando ele viu minha mão, explodiu em pranto, amaldiçoando e dando bengaladas nos móveis, como fazia antes, e eu ri, porque, afinal, não estava tão velho e acabado quanto me pareceu a princípio.

Nesse mesmo dia, meu avô propôs que fôssemos embora do país. Temia por mim. Mas expliquei-lhe que não podia ir embora, porque, longe daquela terra, eu seria como as árvores que se cortam para o Natal, esses pobres pinheiros que duram algum tempo e depois morrem.

— Não sou tonto, Alba — replicou, olhando-me fixamente. — A verdadeira razão pela qual quer ficar é Miguel, não é verdade? Sobressaltei-me. Nunca lhe falara a respeito de Miguel.

— Desde que o conheci, soube que não conseguiria tirá-la daqui, filhinha — revelou com tristeza.

— Você o conheceu? Está vivo, vovô? — Sacudi-o, agarrando-o pela roupa.

— Estava na semana passada, quando nos vimos pela última vez.

Contou-me que, depois de me terem levado, Miguel apareceu uma noite no casarão da esquina. Meu avô esteve a ponto de sofrer uma apoplexia de susto, mas, em poucos minutos, compreendeu que os dois tinham uma meta em comum: libertar-me. Depois, Miguel voltou a vê-lo frequentemente, fazia-lhe companhia, e juntavam seus esforços para me procurar. Foi Miguel quem teve a ideia de ir falar com Tránsito Soto; isso nunca teria ocorrido ao meu avô.

— Escute-me, senhor. Eu sei quem tem o poder neste país. Meu pessoal está infiltrado em toda parte. Se há alguém que possa ajudar Alba neste momento, essa pessoa é Tránsito Soto — asseguro-lhe.

— Se conseguirmos tirá-la das garras da polícia política, meu filho, terá que ir embora daqui. Vão vocês dois. Posso conseguir salvo-condutos, e não lhes faltará dinheiro — ofereceu meu avô.

Miguel, porém, olhou-o como se ele fosse um velhinho ensandecido e começou a explicar-lhe que tinha uma missão a cumprir e não sairia fugindo.

— Tive que resignar-me à ideia de que você ficará aqui, apesar de tudo — suspirou meu avô, abraçando-me. — E, agora, conte-me tudo. Quero saber até o último detalhe.

Então, eu lhe contei tudo. relatei-lhe que, depois de minha mão infectar, tinham-me levado para uma clínica secreta, que recebe os prisioneiros que eles não têm interesse em deixar morrer. Lá, fui

atendida por um médico alto, de maneiras elegantes, que parecia me odiar tanto quanto o coronel García e se negava a dar-me calmantes. Aproveitava cada curativo para me expor sua teoria pessoal a respeito da forma de acabar com o comunismo no país e, se possível, no mundo. Fora isso, contudo, deixava-me em paz. Pela primeira vez em várias semanas, eu tinha lençóis limpos, comida suficiente e luz natural. Quem cuidava de mim era Rojas, um enfermeiro de tronco forte e rosto redondo, vestido com um jaleco azul-celeste sempre sujo e provido de uma grande bondade. Dava-me de comer na boca, contava-me intermináveis histórias de remotas partidas de futebol disputadas por equipes que eu desconhecia e conseguia calmantes para me injetar às escondidas, até conseguir interromper meu delírio. Rojas ajudara, nessa clínica, um desfile interminável de desgraçados. Comprovara que, em sua maioria, não eram assassinos nem traidores da pátria; por isso tinha boa vontade com os prisioneiros. Muitas vezes acabava de suturar alguém, e o levavam novamente. “Isto é como encher o mar de areia”, comentava com tristeza. Soube que alguns lhe pediram para ajudá-los a morrer e, pelo menos num caso, supponho que concordou. Rojas registrava rigorosamente todos os que entravam e saíam, e lembrava-se sem hesitar dos nomes, das datas e das circunstâncias. Jurou-me que nunca tinha ouvido falar em Miguel, e isso me devolveu a coragem para continuar vivendo, ainda que às vezes caísse num abismo negro de depressão e comesse a recitar a cantilena de que queria morrer. Ele me falou sobre Amanda. Prenderam-na na mesma época em que eu fora presa. Quando a encaminharam a Rojas, já não havia nada a fazer. Morreu sem delatar seu irmão, cumprindo a promessa que lhe fizera muito tempo atrás, no dia em que o levou à escola pela primeira vez. O único consolo foi tudo ter sido muito mais rápido do que eles talvez desejassem, porque seu organismo estava completamente debilitado pelas drogas e pela infinita desolação que a morte de Jaime lhe deixara. Rojas tratou de mim até a febre ceder, minha mão começar a cicatrizar e eu recobrar o alento, e, então, acabaram seus pretextos para continuar me retendo; mas não me mandaram de volta às mãos de Esteban García, como eu receava. Supponho que naquele momento tenha atuado a benéfica influência da mulher do colar de pérolas, que fomos visitar com meu avô, para lhe agradecer ter-me salvo a vida. Quatro homens foram buscar-me à noite. Rojas acordou-me, ajudou a vestir-me e desejou-me boa sorte. Beije-o, agradecida.

— Adeus, menina! Troque o curativo, não o molhe e, se a febre voltar, é porque infectou outra vez — orientou-me da porta.

Levaram-me para uma cela estreita, onde passei o resto da noite, sentada numa cadeira. No dia seguinte, transferiram-me para um campo de concentração para mulheres. Nunca esquecerei quando me

tiraram a venda dos olhos e me encontrei num pátio quadrado e luminoso, cercada de mulheres que cantavam, para mim, o Hino à Alegria. Minha amiga Ana Díaz também estava lá e correu para abraçar-me. Instalaram-me imediatamente num beliche e me informaram as regras da comunidade e minhas responsabilidades.

— Até ficar curada, não tem que lavar nem cozinhar, mas tem de cuidar das crianças — decidiram.

Eu resistira ao inferno com certa integridade, mas, quando me senti acompanhada, fraquejei. Qualquer palavra de carinho provocava-me uma crise de choro, passava a noite com os olhos abertos na escuridão em meio àquela quantidade de mulheres, que se revezavam para cuidar de mim, mantendo-se acordadas, sem nunca me deixar sozinha. Ajudaram-me quando as más recordações começavam a me atormentar ou me aparecia pela frente o coronel García, submetendo-me ao terror, ou quando Miguel me ficava preso num soluço.

— Não pense em Miguel — diziam-me, insistindo. — Não se deve pensar nos seres queridos nem no mundo existente do outro lado destes muros. É a única maneira de sobreviver.

Ana Díaz conseguiu um caderno escolar e me ofereceu.

— Para você escrever e ver se tira de dentro o que está apodrecendo, se melhora de uma vez, canta conosco e nos ajuda a cozinhar — disse-me.

Mostrei-lhe a mão e recusei com a cabeça, mas ela pôs-me o lápis na outra mão e mandou-me escrever com a esquerda. Pouco a pouco, comecei a fazê-lo. Tratei de ordenar a história que começara no canil. Minhas companheiras me ajudavam quando me faltava a paciência e o lápis me tremia na mão. Em algumas ocasiões, atirava tudo para longe, mas em seguida apanhava o caderno, alisava-o amorosamente, arrependida, porque não sabia quando poderia conseguir outro. Outras vezes acordava triste e cheia de pensamentos, virava-me para a parede e não queria falar com ninguém, mas elas não me deixavam, sacudiam-me, obrigavam-me a trabalhar e a contar histórias para as crianças. Mudavam minha atadura com cuidado e punham o caderno diante de mim.

“Se quiser, conto-lhe o meu caso, para que o escreva”, diziam-me e riam, zombando, alegando que todos os casos eram iguais e que era melhor escrever histórias de amor, porque agradavam a todos. Também me obrigavam a comer. Repartiam as rações com exata justiça, a cada qual segundo sua necessidade, mas a mim davam um pouco mais, argumentando que eu estava nos ossos e, dessa maneira, nem o homem mais necessitado iria olhar para mim. Estremecia, mas Ana Díaz lembrava-me que eu não era a única mulher violada e que eu deveria ignorar aquilo e tantas outras coisas. As mulheres passavam o dia cantando alto. Os carabineiros batiam na parede.

— Calem-se, suas putas!

— Façam-nos calar vocês, se puderem, seus cornos; vejamos se se atrevem! — E continuavam a cantar mais forte, e eles não entravam, porque tinham aprendido que não se pode evitar o inevitável.

Tratei de escrever os pequenos acontecimentos da seção de mulheres, que tinham prendido a irmã do presidente, que nos tiraram os cigarros, que tinham chegado novas prisioneiras, que Adriana tivera outro de seus ataques e se lançara sobre os filhos para matá-los, que tivemos de tirá-los de suas mãos e que me sentei com um menino em cada braço para lhes contar as histórias mágicas dos baús encantados do meu tio-bisavô Marcos, até adormecerem, enquanto eu pensava nos destinos daquelas crianças, crescendo naquele lugar, com a mãe transtornada, cuidadas por outras mães desconhecidas, que não haviam perdido a voz para uma canção de ninar nem o gesto para um consolo, e me perguntava, escrevia, de que maneira os filhos de Adriana poderiam devolver a canção e o gesto aos filhos ou aos netos dessas mesmas mulheres que os acalentavam.

Estive no campo de concentração durante poucos dias. Numa quarta-feira à tarde, os carabineiros foram me buscar. Tive um momento de pânico, pensando que me levariam a Esteban García, mas minhas companheiras me disseram que, se usavam farda, não eram da polícia política, e isso me tranquilizou um pouco. Deixei-lhes meu casaco de lã, para o desmancharem e fazerem qualquer coisa quente para os meninos de Adriana, e todo o dinheiro que tinha quando me detiveram e que, com a escrupulosa honestidade dos militares para o intrascedente, me haviam devolvido. Enfiei o caderno nas calças e abracei todas elas, uma por uma. A última coisa que ouvi ao sair foi o coro de minhas companheiras, cantando para me dar ânimo, como faziam com todas as prisioneiras que chegavam ou deixavam o acampamento. Saí chorando. Ali tinha sido feliz.

Contei ao meu avô que me haviam levado num camburão, com os olhos vendados, durante o toque de recolher. Tremia tanto que chegava a ouvir o castanholar de meus dentes. Um dos homens, que estava comigo na parte traseira do veículo, pôs um caramelo em minha mão e deu-me umas palmadinhas no ombro.

— Não se preocupe, senhorita. Não lhe vai acontecer nada. Vamos soltá-la, e dentro de algumas horas estará com sua família — murmurou.

Deixaram-me numa lixeira perto do Bairro da Misericórdia.

O mesmo que me dera a bala ajudou-me a descer.

— Cuidado com o toque de recolher — segredou-me ao ouvido. — Não se mova até que amanheça.

Ouvi o motor e pensei que iam esmagar-me e que, depois, apareceria na imprensa a notícia de que eu morrera por atropelamento

num acidente de trânsito, mas o veículo se afastou sem me tocar. Esperei algum tempo, paralisada de frio e medo, até que por fim resolvi tirar a venda para saber onde me encontrava. Olhei em volta. Era um terreno baldio, um descampado cheio de lixo, onde corriam algumas ratazanas sobre os detritos. Brilhava uma lua tênue que me permitiu ver ao longe o perfil de uma miserável comunidade de papelão, zinco e tábuas. Compreendi que deveria levar em consideração a recomendação do guarda e ficar ali até amanhecer. Teria passado a noite na lixeira se não chegasse um menino agachado nas sombras, fazendo-me discretos sinais. Como já não tinha muito a perder, caminhei em sua direção, cambaleando. Ao aproximar-me, vi sua carinha ansiosa. Colocou-me uma manta sobre os ombros, pegou minha mão e levou-me à comunidade sem dizer uma palavra. Caminhamos agachados, evitando a rua e os poucos candeeiros que estavam acesos; alguns cães ladraram, mas ninguém assomou a cabeça para saber o que era. Atravessamos um pátio de terra, onde umas poucas roupas estavam penduradas, como pendões, num arame, e entramos num barracão desconjuntado, como todos os outros dali. Havia uma única lâmpada iluminando tristemente o interior. Comoveu-me a extrema pobreza: os únicos móveis eram uma mesa de pinho, duas cadeiras toscas e uma cama, em que dormiam várias crianças amontoadas. Veio receber-me uma mulher baixa, de pele escura, com as pernas riscadas de varizes e os olhos afundados numa rede de rugas bondosas, que não conseguiam dar-lhe um aspecto de velhice. Sorrii e vi que lhe faltavam alguns dentes. Aproximou-se e ajeitou-me a manta, com um gesto brusco e tímido, que substituiu o abraço que não se atreveu a me dar.

— Vou-lhe dar um chazinho. Não tenho açúcar, mas vai fazer-lhe bem tomar alguma coisa quente.

Contou-me que tinham ouvido o camburão e sabiam o que significava um veículo circulando à noite durante o toque de recolher naqueles ermos. Esperaram até ter certeza de que se haviam afastado, e depois o menino saiu para ver o que tinham deixado. Pensavam encontrar um morto.

— Às vezes vêm jogar aqui algum fuzilado, para termos respeito — explicou-me.

Ficamos conversando o resto da noite. Era uma daquelas mulheres estoicas e práticas de nosso país, que têm um filho de cada homem que passa por suas vidas e que, além disso, recolhem em seu lar as crianças que outros abandonam, os parentes mais pobres e qualquer pessoa que necessite de uma mãe, uma irmã, uma tia, mulheres que são o pilar central de muitas vidas alheias, que criam filhos para vê-los ir embora depois e que também veem seus homens partirem, sem se permitir um queixume, porque têm outras urgências maiores com que

se ocupar. Pareceu-me igual a tantas outras que conheci nos refeitórios populares, no hospital de meu tio Jaime, no vicariato, onde iam perguntar por seus desaparecidos, no necrotério, onde iam buscar seus mortos. Disse-lhe que se tinha arriscado muito ao ajudar-me, e ela sorriu. Então, eu soube que o coronel García e outros como ele têm seus dias contados, porque não tinham conseguido destruir o espírito dessas mulheres.

De manhã, levou-me a um compadre que tinha uma carroça de aluguel com um cavalo. Pediu-lhe que me trouxesse para casa e foi assim que cheguei aqui. Ao longo do caminho, pude perceber a cidade em seu terrível contraste, os barracos cercados com tapumes para dar a ilusão de não existirem, o Centro, compacto e cinzento, e o Bairro Alto, com seus jardins ingleses, seus parques, seus arranha-céus de vidro e suas crianças louras passeando de bicicleta. Até os cães me pareceram felizes, tudo em ordem, tudo limpo, tudo tranquilo e aquela sólida paz das consciências sem memória. Esse bairro é como outro país.

O meu avô ouviu-me com tristeza. Acabava de desmoronar-se um mundo que ele tinha acreditado ser bom.

— Já que ficaremos aqui à espera de Miguel, vamos arrumar um pouco esta casa — disse por último.

Foi o que fizemos. Nos primeiros dias passávamos todo o tempo na biblioteca, inquietos, pensando que poderiam voltar para levar-me outra vez a García, mas depois decidimos que o pior é ter medo do medo, como dizia meu tio Nicolás, e que era preciso ocupar a casa inteiramente e começar a levar uma vida normal. Meu avô contratou uma empresa especializada que a percorreu do telhado ao porão, polindo, limpando vidraças, pintando e desinfetando, até se tornar habitável. Meia dúzia de jardineiros e um trator acabaram com o matagal, trouxeram grama enrolada como um tapete, um invento prodigioso dos gringos, e, em menos de uma semana, tínhamos até álamos crescidos, a água voltara a brotar nas fontes cantantes, e mais uma vez se erguiam, arrogantes, as estátuas do Olimpo, finalmente limpas de tanta caca de pombo e de tanto esquecimento. Fomos juntos comprar pássaros para as gaiolas, que estavam vazias desde que minha avó, pressentindo a morte, abrira suas portas. Pus flores frescas nos jarrões e bandejas com frutas sobre as mesas, como no tempo dos espíritos, e o ar impregnou-se com seu aroma. Depois demos o braço, meu avô e eu, e percorremos a casa, parando em cada lugar para recordar o passado e saudar os imperceptíveis fantasmas de outras épocas, que, apesar de tantos altos e baixos, persistem em seus postos.

Foi o meu avô quem teve a ideia de escrevermos esta história.

— Assim poderá levar as raízes com você se algum dia tiver de ir embora daqui, filhinha — justificou.

Desenterramos dos cantos secretos e esquecidos os velhos álbuns, e tenho aqui, sobre a mesa de minha avó, um monte de retratos: a bela Rosa junto de um balanço descolorido; minha mãe e Pedro Terceiro García aos quatro anos, dando milho às galinhas no pátio de Las Tres Marías; meu avô quando era jovem e media um metro e oitenta, prova irrefutável de que se cumpriu a maldição de Férula e de que seu corpo foi encolhendo na mesma medida que sua alma; meus tios Jaime e Nicolás, um taciturno e sombrio, gigantesco e vulnerável, e o outro delgado e gracioso, volátil e sorridente; também a Nana e os bisavós del Valle, antes de morrerem em um acidente, enfim, todos, menos o nobre Jean de Satigny, de quem não resta nenhum testemunho científico e de cuja existência cheguei a duvidar.

Comecei a escrever com a ajuda de meu avô, cuja memória permaneceu intacta até o último instante de seus 90 anos. Com seu punho e letra, escreveu várias páginas e, quando considerou que dissera tudo, deitou-se na cama de Clara. Eu me sentei ao seu lado, esperando com ele, e a morte não tardou a chegar-lhe suavemente, surpreendendo-o no sono. Talvez sonhasse que era sua mulher quem lhe acariciava a mão e o beijava na testa, porque, nos últimos dias, ela não o abandonou um instante sequer, seguindo-o pela casa, espreitando-o por cima do ombro quando lia na biblioteca e deitando-se com ele à noite, com sua bela cabeça coroada de cachos apoiada em seu ombro. A princípio, era apenas um halo misterioso, mas, à medida que meu avô foi perdendo para sempre a raiva que o atormentou durante toda a existência, ela apareceu tal como era em seus melhores tempos, rindo com todos os dentes e alvoroçando os espíritos com seu voo fugaz. Também nos ajudou a escrever, e, graças à sua presença, Esteban Trueba pôde morrer feliz, murmurando seu nome, Clara, claríssima, clarividente.

No canil, escrevi com o pensamento que um dia teria o coronel García vencido à minha frente e poderia vingar todos os que têm de ser vingados. Agora, porém, duvido de meu ódio. Em poucas semanas, desde que estou nesta casa, parece ter-se diluído, ter perdido seus nítidos contornos. Desconfio de que tudo que aconteceu não seja fortuito, mas que corresponda a um destino traçado antes de meu nascimento e que Esteban García seja parte desse desenho. É um traço rude e torcido, mas nenhuma pincelada é inútil. No dia em que meu avô derrubou sua avó, Pancha García, nos matagais do rio, acrescentou outro degrau a uma cadeia de fatos que deveriam ser cumpridos. Depois, o neto da mulher violada repete o gesto com a neta do violador, e, dentro de quarenta anos, talvez meu neto derrube a neta dele entre as matas do rio, e, assim, pelos séculos vindouros, numa história infundável de dor, sangue e amor. No canil, tive a ideia de que estava armando um quebra-cabeças em que cada peça tinha

uma localização precisa. Antes de colocá-las todas, parecia-me incompreensível, mas estava certa de que, se conseguisse terminá-lo, daria um sentido a cada uma, e o resultado seria harmonioso. Cada peça tem uma razão de ser tal como é, incluindo o coronel García. Em alguns momentos tenho a impressão de que já vivi isto e que já escrevi estas mesmas palavras, mas compreendo que não sou eu, mas outra mulher, que anotou em seus cadernos para que eu deles me servisse. Escrevo, ela escreveu, que a memória é frágil, e o transcurso de uma vida, muito breve, e tudo acontece tão depressa que não conseguimos ver a relação entre os acontecimentos, não podemos medir a consequência dos atos, acreditamos na ficção do tempo, no presente, no passado e no futuro, mas também pode ser que tudo aconteça simultaneamente, como diziam as três irmãs Mora, que eram capazes de ver no espaço os espíritos de todas as épocas. Por isso, minha avó Clara escrevia em seus cadernos para ver as coisas em sua dimensão real e driblar a sua péssima memória. E, agora, procuro meu ódio e não posso encontrá-lo. Sinto que ele se apaga, na medida em que explico a mim mesma a presença do coronel García e de outros como ele, que compreendo meu avô e tomo conhecimento das coisas por intermédio dos cadernos de Clara, das cartas de minha mãe, dos livros de administração de Las Tres Marías e de tantos outros documentos que estão agora sobre a mesa, ao alcance da minha mão. Será para mim muito difícil vingar todos os que têm de ser vingados, porque minha vingança não seria senão outra parte do mesmo rito inexorável. Quero pensar que meu ofício é a vida e que minha missão não é prolongar o ódio, mas apenas encher estas páginas enquanto espero o regresso de Miguel, enquanto enterro meu avô, que descansa agora ao meu lado neste quarto, enquanto aguardo que cheguem tempos melhores, gerando a criança que trago no ventre, filha de tantas violações ou, talvez, filha de Miguel, mas sobretudo minha filha.

Minha avó escreveu durante cinquenta anos em seus cadernos de anotar a vida. Escamoteados por alguns espíritos cúmplices, salvaram-se por milagre da pira infame em que pereceram tantos outros papéis da família. Tenho-os aqui, aos meus pés, amarrados com fitas coloridas, separados por acontecimentos, e não por ordem cronológica, tal como ela os deixou antes de partir. Clara escreveu-os, a fim de que agora me servissem para resgatar as coisas do passado e sobreviver ao meu próprio espanto. O primeiro é um caderno escolar de vinte folhas, escrito com uma delicada caligrafia infantil. Começa assim: “Barrabás chegou à família, por via marítima...”



ISABEL ALLENDE

FILHA DA FORTUNA

BB
BERTRAND BRASIL

Da autora:

Afrodite: Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos

O Amante Japonês

Amor

O Caderno de Maya

Cartas a Paula

A Casa dos Espíritos

Contos de Eva Luna

De Amor e de Sombra

Eva Luna

Filha da Fortuna

A Ilha sob o Mar

Inés da Minha Alma

O Jogo de Ripper

Longa pétala de mar

Meu País Inventado

Muito além do inverno

Mulheres de minha alma

Paula

O Plano Infinito

Retrato em Sépia

A Soma dos Dias

Zorro

Mulheres de Minha Alma

Violeta

O vento sabe meu nome

As Aventuras da Águia e do Jaguar

A Cidade das Feras (Vol. 1)

O Reino do Dragão de Ouro (Vol. 2)

A Floresta dos Pigmeus (Vol. 3)

ISABEL ALLENDE

FILHA DA FORTUNA

Tradução

Mario Pontes

1ª edição



BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2023

Copyright © 1998 by Isabel Allende

Título original: *Hija de la fortuna*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: Peter Zelei Images / Getty Images

Texto revisado segundo o

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

2023

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A428f

Allende, Isabel, 1942-

Filha da fortuna [recurso eletrônico] / Isabel Allende ;
tradução Mario Pontes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand
Brasil, 2023.

recurso digital

Tradução de: *Hija de la fortuna*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-161-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção chilena. 2. Livros eletrônicos. I. Pontes, Mario. II.
Título.

22-80666

CDD: 868.99333

CDU: 82-3(83)



Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil

adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Sumário

PRIMEIRA PARTE 1843–1848

Valparaíso
Os ingleses
Senhoritas
Má reputação
Os pretendentes
Miss Rose
O Amor

SEGUNDA PARTE 1848–1849

A notícia
A despedida
O Quarto Filho
Tao Chi'en
A viagem
Argonautas
O segredo

TERCEIRA PARTE 1850–1853

Eldorado
Negócios
Pombinhas maculadas
Desilusões
Sing song girls
Joaquín
Um casal inusitado

PRIMEIRA PARTE
1843–1848

Valparaíso

Todos nascem com algum talento especial, e Eliza Sommers não tardou a descobrir que tinha dois: bom olfato e boa memória. O primeiro lhe servia para ganhar a vida e o segundo, para recordá-la, ainda que não precisamente, mas pelo menos com a poética imprecisão do astrólogo. Aquilo que esquecemos é como se não houvesse acontecido, mas muitas eram as suas lembranças, reais ou ilusórias, e assim, para ela, foi como viver duas vezes. Costumava dizer ao seu fiel amigo, o sábio Tao Chi'en, que sua memória era como o ventre do navio no qual se conheceram, vasto e sombrio, repleto de caixas, barris e sacos em que se acumulavam os acontecimentos de sua vida inteira. Desperta, não era fácil encontrar alguma coisa naquela vastíssima desordem, mas podia procurar estando adormecida, tal como lhe havia ensinado Mama Frésia nas mansas noites de sua infância, quando os contornos da realidade não passavam de um fino traço de tinta desbotada. Entrava na terra dos sonhos por um caminho muitas vezes percorrido e regressava tomando grandes cuidados, para não ver suas tênues visões se despedaçarem contra a luz áspera da consciência. Confiava nesse expediente tanto quanto outros confiam nos números e, de tanto aperfeiçoar a arte de recordar, podia ver Miss Rose inclinada sobre a caixa de sabão de Marselha, que fora o seu primeiro berço.

— Não é possível que você se lembre disso, Eliza. Os recém-nascidos são como os gatos, não têm sentimento nem memória — assegurava Miss Rose nas poucas ocasiões em que tocavam no assunto.

Contudo, aquela mulher que a olhava de cima, o vestido cor de topázio, os cabelos do coque soltos e esvoaçantes, mantinha-se gravada em sua memória, e ela jamais pudera aceitar outra explicação para a sua origem.

— Você tem sangue inglês, como nós — garantiu-lhe Miss Rose, assim que ela teve idade para entender. — Só alguém da colônia britânica podia ter tido a ideia de deixar você em uma cesta na porta da Companhia Britânica de Importação e Exportação. Na certa,

conhecia o coração generoso de meu irmão Jeremy e adivinhou que ele recolheria você. Naquela época, eu estava louca para ter uma filha, e você caiu nos meus braços mandada pelo Senhor, para ser educada em língua inglesa e nos sólidos princípios da fé protestante.

— Inglesa, você? Não se iluda, menina, você tem cabelos de índia, como eu — refutava Mama Frésia logo que a patroa dava as costas.

O nascimento de Eliza era assunto proibido naquela casa, e a menina acostumou-se ao mistério. Como outros assuntos delicados, esse também não era mencionado na presença de Rose e Jeremy Sommers, mas discutido aos sussurros na cozinha com Mama Frésia, que continuava a descrever sem variações a caixa de sabão, enquanto a versão de Miss Rose foi ganhando enfeites com o correr dos anos, até se converter em um conto de fadas. Segundo seu relato, a cesta encontrada no escritório fora confeccionada com o mais fino vime e forrada de cambraia; sua camisa era bordada em ponto abelha e os lençóis rematados com renda de Bruxelas, e para abrigá-la vinha ainda uma pequena manta de pele de marta, extravagância nunca vista no Chile. Com o tempo, a esses bens, vieram se juntar seis moedas de ouro e uma nota em inglês, na qual se explicava que a menina, embora ilegítima, era de muito boa estirpe, mas Eliza nunca pôs os olhos nessas coisas. A pele, as moedas e a nota desapareceram quando foi conveniente e, de seu nascimento, não sobrou o mínimo traço. Fosse como fosse, a explicação de Mama Frésia era a que mais se parecia com suas lembranças: certa manhã de inverno, ao abrir a porta da casa, encontraram nua, dentro de um caixote, uma criaturinha do sexo feminino.

— Nada de mantinha de marta nem de moedas de ouro. Eu estava ali e me lembro muito bem. Você vinha tiritando dentro de um pulôver de homem, não tinham nem mesmo protegido você com um cueiro, e você estava toda cagada. Você era um nadinha de gente, vermelha como uma lagosta bem-cozida, uma penugem de milho no cocuruto. Assim é que você era. Não se engane, você não nasceu para princesa e, se tivesse o cabelo tão preto como tem hoje, os patrões teriam jogado o caixote no lixo — garantia a mulher.

Todos concordavam pelo menos quanto à data em que a garota havia entrado em suas vidas, 15 de março de 1832, ano e meio depois da chegada dos Sommers ao Chile, e por isso o dia foi escolhido como o do aniversário dela. No mais, tudo sempre foi um amontoado de contradições, e Eliza terminou por concluir que não valia a pena gastar energia dando voltas em torno daquilo, pois, fosse qual fosse a verdade, nada seria capaz de modificá-la. O importante é aquilo que a gente faz neste mundo, e não o modo como se chega a ele, costumava dizer a Tao Chi'en durante os muitos anos de sua esplêndida amizade; ele, porém, não concordava, e parecia-lhe impossível imaginar sua

própria existência à parte da longa cadeia dos antepassados, daqueles que não apenas haviam contribuído para formar suas características físicas e mentais, como também lhe haviam legado seu carma. Acreditava que sua própria sorte estava determinada pelas ações dos parentes que tinham vivido antes, e que por isso deveriam ser exaltados com orações diárias e temidos quando, em roupagens espectrais, aparecessem a fim de reclamar seus direitos. Tao Chi'en era capaz de recitar os nomes de todos os seus antepassados, até mesmo dos remotos e veneráveis tataravós, mortos havia mais de um século. Nos tempos do ouro, a maior preocupação de Tao Chi'en era a de poder regressar à sua aldeia chinesa, para lá morrer e ser enterrado juntamente com os seus; do contrário, sua alma ficaria à deriva e vagaria para sempre em terra estrangeira. Eliza inclinava-se naturalmente para a história da primorosa cesta de vime — em são juízo, ninguém gosta de ser encontrado numa caixa de sabão —, mas, para ser fiel à verdade, não conseguia aceitá-la. Seu olfato de perdigueiro lembrava-se perfeitamente do primeiro odor de sua existência, que não fora o de limpos lençóis de cambraia, mas de lã, suor de homem e tabaco. O segundo, um fedor campônio de cabra.

Eliza cresceu olhando o Pacífico do balcão da casa de seus pais adotivos. Agarrada à encosta de uma das colinas de Valparaíso, a casa pretendia imitar o estilo da moda londrina naquela ocasião, mas as exigências do terreno, o clima e a vida do Chile tinham imposto modificações substanciais, e o resultado fora um despropósito. No fundo do pátio, foram nascendo, como tumores orgânicos, vários aposentos desprovidos de janelas e com portas de masmorra, nos quais Jeremy Sommers armazenava a carga mais preciosa da companhia, em falta nas bodegas do porto.

— Isto é um país de ladrões; em nenhuma parte do mundo uma companhia gasta tanto quanto aqui para segurar a mercadoria. Roubam tudo, e aquilo que ela consegue salvar das ratazanas ou se encharca no inverno, ou se queima no verão ou é soterrado por algum terremoto — repetia cada vez que as mulas chegavam com novos fardos para ser descarregados no pátio de casa.

De tanto sentar-se na varanda a fim de ver o mar, Eliza se convenceu de que era filha de um naufrágio, e não daquela desnaturada mãe que se atrevera a abandoná-la em pelo na incerteza de um dia de março. Escreveu em seu diário que um pescador a encontrara na praia em meio aos restos de uma embarcação destrocada, envolvera-a em seu jaleco e deixara-a diante da maior casa do bairro dos ingleses. Com o passar dos anos, chegou à conclusão de que essa história não era de todo ruim: há certa poesia e certo mistério naquilo que o mar nos devolve. Se o oceano recuasse, a areia exposta seria um imenso e úmido deserto, semeado de sereias e

peixes agonizantes, dizia John Sommers, irmão de Jeremy e Rose, que havia navegado por todos os mares do mundo e descrevia intensamente como a água baixava em um silêncio de cemitério, para voltar como uma onda única e descomunal, arrasando tudo que estivesse pela frente. Horrível, ele observava, mas pelo menos haveria tempo para que as pessoas se refugassem nas colinas, ao contrário do que acontece nos tremores de terra, quando os sinos das igrejas só repicam para anunciar a catástrofe depois que todo mundo já começou a fugir por entre os escombros.

Na época em que a menina aparecera, Jeremy Sommers tinha trinta anos e começava a construir um futuro brilhante na Companhia Britânica de Importação e Exportação. Nos círculos comerciais e bancários, tinha fama de homem honrado: sua palavra, seguida de um aperto de mão, era o equivalente a um contrato assinado, virtude indispensável em qualquer transação, já que as cartas de crédito levavam meses para cruzar os oceanos. Para ele, carente de fortuna, seu bom nome era mais importante do que a própria vida. Com sacrifício, havia alcançado uma posição segura no remoto porto de Valparaíso, e a última coisa que queria em sua organizada existência era uma criatura recém-nascida para lhe perturbar a rotina, mas, quando Eliza baixou em sua casa, não pôde deixar de acolhê-la, pois, ao ver a irmã Rose agarrada à menininha, como se fosse a mãe, sua fortaleza cedeu.

Rose contava então apenas vinte anos, mas já era mulher com um passado, e podiam se considerar mínimas as suas possibilidades de conseguir um bom casamento. Fizera seus cálculos e chegara à conclusão de que, na melhor das circunstâncias, o casamento seria um péssimo negócio para ela; ao lado de seu irmão Jeremy, gozava de uma independência que jamais teria com um marido. Conseguira acomodar a vida e não se deixava atemorizar pelo estigma das solteironas; muito ao contrário, estava disposta a ser a inveja das casadas, apesar da teoria em voga, segundo a qual nasciam bigodes nas mulheres que se desviavam de seu papel de mães e esposas, como as sufragistas, mas lhe faltavam filhos, e essa era a única aflição que não podia transformar em triunfo mediante o disciplinado exercício da imaginação. Às vezes sonhava com as paredes de seu quarto cobertas de sangue, sangue ensopando o tapete, salpicos de sangue até o teto, e ela no centro, nua e desgrehada como uma louca, dando à luz uma salamandra. Acordava aos gritos e passava o resto do dia desorientada, sem conseguir libertar-se do pesadelo. Jeremy observava-a e se preocupava com os nervos dela, sentindo-se culpado por tê-la trazido para tão longe da Inglaterra, embora não pudesse evitar certa satisfação egoísta pelo mútuo entendimento entre eles. Como a ideia de casamento jamais lhe tocara o coração, a presença de

Rose resolvia seus problemas domésticos e sociais, dois aspectos importantes de sua carreira. A irmã compensava-lhe a natureza introvertida e solitária, e assim ele suportava de bom grado suas mudanças de humor e seus gastos desnecessários. Quando Eliza apareceu e Rose insistiu em ficar com ela, Jeremy não teve coragem de se opor, nem de externar dúvidas mesquinhas; perdeu galantemente todas as batalhas com as quais esperava manter o bebê a distância, a começar pela primeira, travada ao chegar a hora de lhe dar um nome.

— Vai se chamar Eliza, como nossa mãe, e terá o nosso sobrenome — decidiu Rose assim que terminou de alimentar, banhar e abrigar a menina com a sua própria mantilha.

— De maneira nenhuma, Rose! E o que as pessoas irão dizer?

— Eu cuido disso. As pessoas vão dizer que você é um santo por ter acolhido esta pobre órfã, Jeremy. Não há infelicidade maior do que não se ter uma família. O que seria de mim sem um irmão como você?

— replicou ela, consciente de que seu irmão se espantava ante o menor assomo de sentimentalismo.

As intrigas foram inevitáveis, e também nesse tocante Jeremy Sommers teve de se resignar, do mesmo modo como iria aceitar que a menina recebesse o nome de sua mãe, dormisse os primeiros anos no quarto da irmã e tumultuasse a casa. Rose espalhou a inacreditável história da cesta luxuosa deixada por mãos anônimas no escritório da Companhia Britânica de Importação e Exportação, e ninguém a engoliu, mas, como não podiam acusá-la de nenhum deslize, pois a tinham visto todos os domingos cantando na igreja anglicana e sua cintura fina era um desafio às leis da anatomia, disseram que o bebê era produto de uma relação dele com alguma transviada, e por isso estavam criando a menina como filha da família. Jeremy não se deu ao trabalho de desmentir os rumores maliciosos. A irracionalidade das crianças o desconcertava, mas Eliza valeu-se dela para conquistá-lo. Embora não admitisse, gostava de vê-la brincando aos seus pés, nos finais de tarde, quando se sentava na poltrona para ler o jornal. Não havia demonstrações de afeto entre os dois; se apertar a mão de uma pessoa já era bastante para retesá-lo, a ideia de um contato mais íntimo deixava-o em pânico.

Quando, naquele 15 de março, a recém-nascida apareceu na casa dos Sommers, Mama Frésia, que fazia às vezes de cozinheira e despenseira, opinou que deviam livrar-se da menina.

— Se a própria mãe a abandonou, é porque ela traz algum tipo de maldição, e o mais seguro é não tocar nessa aí — disse, mas nada pôde fazer contra a determinação de sua patroa.

Assim que Miss Rose tomou-a nos braços, a criaturinha se pôs a

chorar a plenos pulmões, estremecendo a casa e martirizando os nervos de seus moradores. Incapaz de fazê-la calar-se, Miss Rose improvisou-lhe um berço em uma das gavetas de sua cômoda, cobriu-a de lençóis e saiu em disparada a fim de encontrar uma ama de leite. Logo estava de volta em companhia de uma mulher encontrada no mercado, mas não se lembrara de examiná-la de perto, apenas notara seus grandes peitos estourando embaixo da blusa e isso bastara para contratá-la apressadamente. Após, descobriu que se tratava de uma camponesa meio retardada, que conduzia o seu próprio bebê, um garotinho tão sujo quanto a mãe. Tiveram de mergulhar o menino muito tempo em água morna para tirar toda a sujeira grudada em seu traseiro, e de empurrar a mulher para dentro de uma tina com lixívia, a fim de catar-lhe os piolhos. As duas crianças, Eliza e o filho da ama, sentiam cólicas e tinham uma diarreia esverdeada, diante da qual tanto o médico da família como o boticário alemão se mostraram impotentes. Vencida pelo choro das crianças, que não era só de fome, mas ainda de dor ou tristeza, Miss Rose também chorava. No terceiro dia, Mama Frésia interveio, ainda que de má vontade.

— Você não vê que essa mulher está com os bicos dos peitos completamente podres? — resmungou. — Compre uma cabra para dar leite à menina e faça-a tomar chá de canela, pois, do contrário, vai ter de enterrá-la antes de sexta-feira.

Por essa época, Miss Rose mal gaguejava o espanhol, mas entendeu a palavra cabra, mandou o cocheiro comprar uma e despediu a ama de leite. Assim que o animal chegou, a índia pôs a boca de Eliza diretamente no peito da cabra, para horror de Miss Rose, que jamais tinha visto espetáculo tão degradante, mas o leite morno e as infusões de canela logo aliviaram a situação; a menina deixou de chorar, dormiu sete horas seguidas e despertou mamando freneticamente no ar. Poucos dias depois, tinha a expressão plácida dos bebês saudáveis, e era evidente que estava aumentando de peso. Miss Rose comprou uma mamadeira quando percebeu que, a cada vez que a cabra balia no pátio, Eliza começava a agitar as narinas e a procurar pelo peito. Não queria que a menina crescesse com a estranha ideia de que a cabra era sua mãe. Aquela cólica foi uma das poucas doenças que afetaram Eliza em sua infância; as outras foram debeladas logo aos primeiros sintomas pelas ervas e rezas de Mama Frésia, sem exceção da terrível epidemia de sarampo africano que um marinheiro grego levou para Valparaíso. Enquanto durou o perigo, Mama Frésia aplicava a cada noite um pedaço de carne crua no umbigo de Eliza e o mantinha bem fixo com uma tira de lã vermelha, seu segredo natural para prevenir o contágio.

Nos anos seguintes, Miss Rose fez de Eliza seu brinquedo. Gastava horas e horas ensinando a garota a cantar e dançar, recitando versos

que ela decorava sem esforço, penteando-lhe os cabelos e vestindo-a com gosto, mas, se aparecesse outra diversão ou tivesse um ataque de dor de cabeça, mandava-a ficar na cozinha com Mama Frésia. A menina foi criada entre a saleta de costura e o pátio dos fundos, falando inglês em uma parte da casa e, na outra, uma salada de espanhol e mapuche — o calão indígena de sua ama —, em certos dias vestida e calçada como uma duquesa, em outros brincando com as galinhas e os cães, descalça e mal-abrigada em uma bata de órfão. Miss Rose apresentava-a em seus saraus musicais, levava-a de coche para tomar chocolate na melhor pastelaria, para fazer compras ou visitar os navios no cais, mas também podia passar dias e dias desligada do mundo, escrevendo em seus misteriosos cadernos ou lendo um romance, sem pensar um instante em sua protegida. Quando se lembrava dela, ia procurá-la cheia de arrependimento, cobria-a de beijos, entupia-a de guloseimas e voltava a envolvê-la em sua indumentária de boneca para levá-la a passear. Esforçou-se para educá-la tão bem quanto lhe era possível, sem, contudo, esquecer-se dos adornos próprios de uma senhorita. Diante de um faniquito de Eliza por causa dos exercícios de piano, agarrou-a pelo braço e, sem esperar o cocheiro, obrigou-a a caminhar doze quarteirões ladeira abaixo até chegarem a um convento. No muro de tijolos, sobre um pesado portão de carvalho com rebites de ferro, lia-se em letras desbotadas pelo vento salino: Casa de Enjeitadas.

— Dê graças por meu irmão e eu termos tomado conta de você. É para este lugar que vêm os filhos bastardos e as crianças abandonadas. É isso que você quer?

Muda, a menina negou com a cabeça.

— Então é melhor que aprenda a tocar piano como uma garota educada. Entendeu?

Eliza aprendeu a tocar de um modo medíocre e sem brilho, mas, graças ao trabalho disciplinado, aos doze anos já conseguia acompanhar Miss Rose durante seus saraus musicais. Apesar de ter passado longos períodos sem tocar, não perdeu a destreza, e anos mais tarde pôde ganhar a vida em um bordel enfumaçado, finalidade que jamais havia passado pela mente de Miss Rose quando se esforçava para ensinar-lhe a sublime arte da música.

Muitos anos depois, numa tarde tranquila, enquanto bebia chá da China e conversava com seu amigo Tao Chi'en no delicado jardim que ambos cultivavam, Eliza chegou à conclusão de que aquela inglesa fora de eixo tinha sido uma excelente mãe para ela, e sentia-se grata pelos grandes espaços de liberdade que Miss Rose lhe dera. Mama Frésia fora o segundo pilar de sua infância. Pendurava-se em suas saias largas e negras, acompanhava-a em suas tarefas e, aos poucos, a enlouquecia com perguntas e mais perguntas. Desse modo, conheceu

lendas e mitos indígenas, aprendeu a decifrar os sinais mandados pelo mar e pelos bichos, a reconhecer os hábitos dos espíritos e as mensagens dos sonhos, e também a cozinhar. Graças ao seu olfato infatigável, era capaz de identificar, com os olhos fechados, temperos, ervas e especiarias, e, assim como decorava poesias, decorava o modo de usar aqueles ingredientes. Para ela, logo perderam seu mistério os complicados pratos crioulos de Mama Frésia e a delicada pastelaria de Miss Rose. Tinha uma rara vocação culinária, e aos sete anos já era capaz de tirar, sem sentir asco, a pele de uma língua de vaca, limpar as tripas de uma galinha, amassar vinte pastelões sem o menor cansaço e passar horas e horas debulhando feijão, enquanto escutava, boquiaberta, as cruéis lendas indígenas de Mama Frésia e suas coloridas versões das vidas dos santos.

Rose e seu irmão John eram inseparáveis desde a infância. No inverno, ela passava o tempo tecendo pulôveres e meias compridas para o capitão, e ele se esmerava em trazer-lhe, a cada viagem, malas repletas de presentes e grandes caixas de livros, alguns dos quais iam parar, debaixo de chave, no armário de Rose. Como dono da casa e chefe da família, Jeremy tinha o direito de abrir a correspondência da irmã, ler seu diário pessoal e exigir uma cópia das chaves de seus móveis, mas nunca deu mostras de querer fazê-lo. Jeremy e Rose mantinham uma relação doméstica baseada na seriedade, e pouco tinham em comum, exceto a mútua dependência, que, de vez em quando, lhes parecia uma forma secreta de ódio. Jeremy bancava as necessidades de Rose, mas não financiava seus caprichos nem perguntava de onde saía o dinheiro para seus luxos, dando por pacífico que ela o havia recebido de John. Em compensação, ela dirigia a casa com eficiência e estilo, era sempre clara nas contas, sem, contudo, aborrecê-lo com detalhes pequeninos. Possuía um certo bom gosto e uma graça toda natural, punha brilho na existência de ambos e, com sua presença, desbancava a crença, muito arraigada naqueles lugares, de que um homem sem família era potencialmente um homem sem alma.

— A natureza do varão é selvagem; o destino da mulher é preservar os valores morais e a boa conduta — afirmava Jeremy Sommers.

— Ora, meu irmão! Você sabe tanto quanto eu que a minha natureza é mais selvagem do que a sua — brincava Rose.

Jacob Todd, um ruivo carismático e dono da melhor voz de pregador que jamais se ouvira naquelas bandas, desembarcou em Valparaíso, no ano de 1843, com um carregamento de trezentos exemplares da Bíblia em espanhol. Ninguém estranhou sua chegada: era mais um daqueles muitos missionários que iam a todos os lugares a fim de pregar a fé protestante. No caso dele, porém, a viagem era produto de sua

curiosidade de aventureiro, e não de fervor religioso. Em uma dessas fanfarronadas de homem inquieto, com excesso de cerveja no corpo, ele apostou, na mesa de jogo de seu clube londrino, que era capaz de vender bíblias em qualquer lugar do planeta. Seus amigos vedaram-lhe os olhos, fizeram um globo terrestre girar, e o dedo de Todd foi cair em cima de uma colônia do Reino de Espanha, perdida na parte inferior do mundo, onde nenhum de seus alegres companheiros suspeitava que existisse vida. Logo descobriria que o mapa estava obsoleto, pois fazia mais de trinta anos que a colônia se tornara independente, e era agora a orgulhosa República do Chile, um país católico, no qual não entravam ideias protestantes, mas a aposta estava feita e ele não pretendia desistir dela. Era solteiro, não o prendiam laços afetivos ou profissionais, e sentiu-se imediatamente atraído pela extravagância daquela viagem. Tratava-se de um projeto de fôlego, considerando-se os três meses de ida e os outros três de volta, a serem navegados em dois oceanos. Aplaudido pelos amigos, que lhe vaticinavam um final trágico nas mãos dos papistas daquele ignoto e bárbaro país, e contando com o apoio financeiro da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, que lhe conseguiu uma passagem e facilitou-lhe a compra dos livros, começou a longa viagem de navio com destino ao porto de Valparaíso. O desafio consistia em vender as bíblias e voltar no prazo de um ano, trazendo para cada exemplar vendido um recibo assinado pelo comprador. Nos arquivos de biblioteca, leu cartas de homens ilustres, marinheiros e comerciantes que haviam passado pelo Chile e descreviam um povo mestiço, formado por pouco mais de um milhão de almas, e uma estranha geografia de montanhas impressionantes, encostas abruptas, vales férteis, bosques antigos e gelos eternos. Sua reputação era a de ser o país mais intolerante, em matéria religiosa, de todo o continente americano, conforme diziam aqueles que o tinham visitado. Não obstante, virtuosos missionários haviam tentado espalhar o protestantismo e, embora não falassem uma palavra do espanhol e dos idiomas indígenas, tinham ido até o sul, onde a terra firme se debulhava em um rosário de ilhas. Alguns morreram de fome, de frio, ou talvez devorados por seus próprios paroquianos. Não tiveram sorte melhor nas cidades. O sentido de hospitalidade, sagrado para os chilenos, mostrou-se mais forte do que a intolerância religiosa, e por cortesia lhes permitiram pregar, mas quase ninguém lhes dava atenção. Os que iam ouvir as falas dos poucos pastores protestantes existentes iam com a atitude de quem vai a um espetáculo, divertindo-se com a possibilidade de serem considerados hereges. Mas nada disso foi capaz de desanimar Jacob Todd, até porque ele não estava ali na qualidade de missionário, e sim de vendedor de bíblias.

Nos arquivos da Biblioteca, ele iria descobrir que, desde a sua

independência, em 1810, o Chile tinha aberto as portas aos imigrantes, que iam chegando às centenas e instalando-se naquele comprido e estreito território banhado de ponta a ponta pelo Oceano Pacífico. Os ingleses haviam enriquecido rapidamente como comerciantes e armadores; muitos tinham levado suas famílias e lá permaneceram. Formaram uma pequena nação dentro do país, com seus costumes, cultos, jornais, clubes, escolas e hospitais, mas o fizeram com tão boas maneiras que, em vez de produzir suspeitas, eram considerados um exemplo de civilidade. A fim de controlar o tráfego marítimo do Pacífico, basearam sua esquadra em Valparaíso, e assim, em menos de vinte anos, o pobre e desorganizado casario do início do século se converteu em uma importante cidade portuária, na qual atracavam os veleiros que vinham do Atlântico contornando o Cabo Horn e, mais tarde, os vapores que passavam pelo Estreito de Magalhães.

Foi uma surpresa para o cansado viajante quando Valparaíso apareceu diante de seus olhos. Havia mais de uma centena de embarcações, com bandeiras de meio mundo. As montanhas de cumes nevados pareciam tão próximas que davam a impressão de emergir diretamente de um mar azul profundo, do qual emanava uma impossível fragrância de sereias. Jacob Todd jamais soube que, por baixo dessa aparência de grande paz, havia uma cidade completa de veleiros espanhóis afundados e esqueletos de patriotas com uma pedra rústica atada nos tornozelos, atirados ao mar pelos soldados do Comandante-Geral. O navio lançou âncora na baía, em meio a milhares de gaivotas que agitavam o ar com suas grandes asas e seus grasnidos de fome. Inúmeros botes cortavam as ondas, alguns carregados com enormes congros e robalos ainda vivos, debatendo-se desesperadamente à procura de ar. Valparaíso, disseram-lhe, era o empório do Pacífico, seus comerciantes armazenavam metais, lã de ovelha e de alpaca, cereais e couros, destinados a distantes mercados do mundo. Vários botes levaram para terra firme os passageiros e a carga do veleiro. Ao pisar no cais, em meio a marinheiros, estivadores, viajantes, burros e carretas, viu-se em uma cidade encaixada em um anfiteatro de encostas empinadas, tão povoada e suja quanto muitas de renome na Europa. Pareceu-lhe um disparate arquitetônico de casas de tijolos e madeira em ruas estreitas, que o menor incêndio poderia converter em cinza dentro de poucas horas. Um coche puxado por dois cavalos maltratados levou-o, com os baús e caixotes de sua bagagem, ao Hotel Inglês. Passou diante de edifícios bem plantados em torno de uma praça, várias igrejas de aparência mais tosca e residências de apenas um andar, cercadas de extensos hortos e jardins. Calculou em uma centena o número de quarteirões, mas logo sabia que a cidade enganava os olhos, era um Dédalo de ruelas e becos sem saída.

Divisou ao longe um bairro de pescadores, com casebres expostos aos ventos marítimos e redes penduradas como imensas teias de aranha, e depois delas uns campos férteis, cobertos de hortaliças e pomares. Pelo centro da cidade, circulavam coches tão modernos quanto os de Londres, vitórias, fiacres e caleças, além de réguas escoltadas por meninos esfarrapados e carretas puxadas por bois. Nas esquinas, frades e freiras pediam esmolas para os pobres, cercados por levas de cães vagabundos e galinhas perdidas. Viu mulheres carregadas de bolsas e cestas, filhos no calcanhar, descalças mas com mantos negros na cabeça, e muitos homens com chapéus em forma de cone, sentados às portas ou conversando em grupos, de um modo ou de outro, ociosos.

Uma hora depois de descer do navio, Jacob Todd estava sentado no elegante salão do Hotel Inglês, fumando cigarros negros importados do Cairo e folheando um número atrasado de uma revista inglesa de notícias. Suspirou agradecido: pelo visto, não teria problemas de adaptação e, administrando seus rendimentos com cautela, poderia viver ali quase tão comodamente quanto em Londres. Esperava que alguém viesse servi-lo — deste lado do mundo, ninguém parecia ter pressa —, quando viu aproximar-se John Sommers, o comandante do veleiro em que viajara. Era um homenzarrão de cabelos escuros e pele tostada como sola de sapato, que alardeava suas qualidades de mulhereiro, invencível bebedor e infatigável jogador de dados e cartas. Tinham feito uma boa amizade, e o jogo os havia entretido nas intermináveis noites de navegação em alto-mar e nos gélidos e tumultuosos dias em que estiveram bordejando o Cabo Horn, no sul do mundo. John Sommers vinha acompanhado de um homem pálido, barba bem-aparada e vestido de preto dos pés à cabeça, a quem apresentou como seu irmão, Jeremy. Seria difícil encontrar dois tipos humanos mais diferentes. John parecia a própria imagem da saúde e da força, franco, ruidoso e amável, ao passo que o outro tinha um ar de espectro aprisionado por um inverno sem-fim. Era uma dessas pessoas que nunca estão de todo presentes, das quais se torna difícil lembrar, por lhes faltarem contornos precisos, concluiu Jacob Todd. Sem esperar convite, ambos ocuparam lugares à sua mesa, com familiaridade de compatriotas em terra alheia. Por fim, apareceu uma criada, e o capitão John Sommers pediu uma garrafa de uísque, enquanto seu irmão pedia chá em uma espécie de jargão inventado pelos britânicos para se entender com a criadagem.

— Como andam as coisas em casa? — perguntou Jeremy. Falava em tom baixo, quase um murmúrio, os lábios mal se abrindo e um acento algo afetado.

— Há trezentos anos nada acontece na Inglaterra — disse o capitão.

— Desculpe a curiosidade, Mr. Todd, mas eu o vi entrar no hotel e

não pude deixar de prestar atenção à sua bagagem. Pareceu-me que havia várias caixas marcadas com a palavra bíblias... Ou é engano meu? — perguntou Jeremy Sommers.

— Sim, de fato, são bíblias.

— Ninguém nos avisou de que iam mandar outro pastor...

— Navegamos três meses juntos e eu não soube que o senhor era pastor, Mr. Todd! — exclamou o capitão.

— E realmente não sou — respondeu Jacob Todd, dissimulando o rubor por trás de uma baforada de fumaça de seu charuto.

— Então é missionário. Imagino que pensa em ir à Terra do Fogo. Os índios patagônios estão prontos para ser evangelizados. Mas esqueça os araucanos, já foram laçados pelos católicos — comentou Jeremy Sommers.

— Não deve restar mais do que um punhado de araucanos — observou seu irmão. — Aquela gente tem a mania de deixar-se massacrar.

— Eram os índios mais selvagens da América, Mr. Todd. A maioria morreu lutando contra os espanhóis. Eram canibais.

— Cortavam pedaços de prisioneiros vivos: preferiam carne fresca para o jantar — acrescentou o capitão. — O mesmo que faríamos nós, o senhor e eu, se alguém nos matasse a família, queimasse nossa aldeia e roubasse nossa terra.

— Ótimo, John, agora você passou a defender o canibalismo! — replicou o irmão, com ar de desgosto. — De qualquer maneira, Mr. Todd, devo aconselhá-lo a não entrar na seara dos católicos. Não se deve provocar os nativos. Esse povo é muito supersticioso.

— As crenças alheias são superstições, Mr. Todd. As nossas se chamam religião. Os índios da Terra do Fogo, os patagônios, são muito diferentes dos araucanos.

— Tão selvagens quanto eles. Vivem nus, apesar do clima horrível — disse Jeremy.

— Leve sua religião até eles, Mr. Todd, talvez assim aprendam a usar ceroulas — sugeriu o capitão.

Todd nunca ouvira falar daqueles indígenas, e a última coisa que desejava era pregar algo em que ele mesmo não acreditava, mas não se atreveu a confessar que sua viagem era o resultado de uma aposta de bêbados. Respondeu vagamente que pensava em organizar uma expedição com objetivos missionários, mas ainda não sabia como financiá-la.

— Se eu tivesse sabido que o senhor vinha a fim de pregar os desígnios de um deus tirânico no meio dessa gente boa, Mr. Todd, eu o teria jogado ao mar antes de chegarmos à metade do Atlântico.

Foram interrompidos por uma criada que trazia o uísque e o chá. Era uma adolescente viçosa, metida em um vestido negro, com touca e

avental engomados. Ao inclinar-se com a bandeja, deixou no ar uma perturbadora fragrância de flores maceradas e ferro de engomar a carvão. Jacob Todd não tinha visto mulheres nas últimas semanas e se pôs a olhar a moça com excessivos sinais de solidão. John Sommers esperou que a garota se retirasse.

— Cuidado, homem, as chilenas são fatais — disse o capitão.

— Pois não me parecem. São baixas, têm ancas largas e uma voz desagradável — respondeu Jeremy Sommers, equilibrando sua xícara de chá.

— Por causa delas, os marinheiros fogem de seus navios! — exclamou o capitão.

— Admito, não sou autoridade em matéria de mulheres. Não disponho de tempo para isso. Tenho de cuidar dos meus negócios e dos de nossa irmã, esqueceu?

— Nem por um momento; aliás, você sempre me recorda isso. Veja, Mr. Todd, eu sou a ovelha negra da família, um destrambelhado. Se não fosse o nosso bom Jeremy...

— Essa garota parece espanhola — interrompeu Jacob Todd, seguindo a criada com os olhos, enquanto ela servia outra mesa. — Vivi dois meses em Madri e vi muitas parecidas com ela.

— Aqui todos são mestiços, inclusive os das classes mais altas. Claro, não admitem. Mas o sangue indígena fica escondido como uma praga. Não os critico por isso, os índios têm fama de sujos, bêbados e preguiçosos. O governo procura melhorar a raça trazendo imigrantes europeus. No sul dão terras aos colonos.

— O esporte favorito deles é matar os índios para lhes tomar as terras.

— Está exagerando, John.

— Nem sempre é necessário eliminá-los à bala, basta enchê-los de álcool. Mas matá-los é mais divertido, claro. Em todo caso, Mr. Todd, nós, britânicos, não tomamos parte nesse passatempo. Terra não nos interessa. Para que plantar batatas se podemos fazer fortuna sem ter de tirar as luvas?

— Aqui não faltam oportunidades para homens empreendedores. Tudo está por ser feito neste país. Se quiser prosperar, vá para o norte. Lá tem prata, cobre, salitre, guano...

— Guano?

— Merda de ave — esclareceu o marinheiro.

— Não entendo dessas coisas, Mr. Sommers.

— Mr. Todd não está interessado em fazer fortuna, Jeremy. Seu interesse é a fé cristã, não é verdade?

— A colônia protestante é numerosa e próspera, ela o ajudará. Vá amanhã à minha casa. Às quartas, minha irmã, Rose, organiza uma tertúlia musical, e o senhor terá uma boa oportunidade de fazer

amigos. Mandarei meu cocheiro apanhá-lo às cinco da tarde. Vai se divertir — disse Jeremy Sommers, despedindo-se.

No dia seguinte, restaurado por uma noite sem sonhos e um banho interminável, destinado a remover a salinidade grudada na alma, mas ainda com o passo vacilante devido ao hábito de navegar, Jacob Todd saiu para dar um passeio na cidade. Percorreu devagar a rua principal, paralela ao mar e tão próxima da praia que as ondas o salpicavam, tomou vários cafés e almoçou em uma taberna do mercado. Deixara a Inglaterra em um gélido inverno de fevereiro e, depois de cruzar um infundável deserto de água e estrelas, onde se enredou ao máximo com as lembranças de seus passados amores, chegou ao sul no começo de outro inverno impiedoso. Tinha imaginado um Chile quente e úmido como a Índia, pois acreditava que assim eram os países dos pobres, mas viu-se à mercê de um vento gelado, que lhe raspava os ossos e levantava nuvens de areia e lixo. Várias vezes perdeu-se em ruas retorcidas, fazendo voltas e voltas para chegar ao ponto de partida. Subia ruelas com escadarias torcidas, sem-fim, ladeadas por casas absurdas, penduradas em coisa nenhuma, e tentava ser discreto, não ver a intimidade alheia pelas janelas abertas. Tropeçou com praças românticas, de aspecto europeu, coroadas por coretos nos quais bandas militares tocavam para namorados, e percorreu jardins acanhados e pisoteados por burros. Árvores soberbas cresciam ao longo das ruas, alimentadas principalmente pelas fétidas águas que corriam a céu aberto. Na área comercial, a evidente presença britânica fazia com que se respirasse um ar ilusório de outras latitudes. Os letreiros de várias lojas eram escritos em inglês, e seus compatriotas passavam vestidos como se estivessem em Londres, com os mesmos guarda-chuvas negros de coveiros. Assim que se afastou das ruas centrais, a pobreza caiu sobre ele com o impacto de uma bofetada; havia pessoas desnutridas e sonolentas, havia militares com uniformes coçados e mendigos às portas das igrejas. Ao meio-dia, os sinos das igrejas se puseram a tocar em uníssono, e no mesmo instante o barulho cessou, os transeuntes detiveram-se, os homens tiraram o chapéu, as poucas mulheres à vista se ajoelharam e todos fizeram o sinal da cruz. A visão durou doze badaladas e, em seguida, as atividades foram retomadas na rua, como se nada tivesse acontecido.

Os ingleses

O coche enviado por Sommers chegou ao hotel com meia hora de atraso. O cocheiro levava uma grande porção de álcool entre o peito e as costas, mas Jacob Todd não estava em condições de escolher. Foi levado em direção ao sul. Tinha chovido durante duas horas, e as ruas estavam intransitáveis em alguns trechos, nos quais os charcos lodosos escondiam as armadilhas fatais de buracos capazes de engolir um cavalo distraído. Ao longo da rua, meninos com pares de bois esperavam a oportunidade de retirar coches atolados em troca de uma pequena moeda, mas, apesar de sua miopia de ébrio, o cocheiro conseguiu evitar os buracos e, daí a pouco, estava galgando uma colina. Quando se chegava a Cerro Alegre, onde residia a maior parte da colônia estrangeira, o aspecto da cidade mudava, e saíam de vista os casebres e barracos lá de baixo. O coche parou diante de uma vila de grandes proporções e aspecto atormentado, um aborto de torreões pretensiosos e escadarias inúteis, plantada em terrenos desnivelados e iluminada por uma quantidade de tochas suficiente para fazer a noite retroceder. Veio abrir a porta um criado indígena vestido em uma libré maior do que ele; o criado recebeu o chapéu e a capa do recém-chegado, e o conduziu até uma sala espaçosa, decorada com móveis de bom acabamento e cortinas de veludo verde um tanto teatrais, repleta de adornos e sem um centímetro vazio onde a vista pudesse descansar. Pensou que no Chile, como na Europa, uma parede nua era tida como sinal de pobreza, erro do qual só se libertaria muito depois, ao visitar as sóbrias casas dos chilenos. Os quadros pendiam inclinados, para que pudessem ser apreciados de baixo, e a vista se perdia na penumbra dos tetos muito altos. A grande lareira alimentada com grossas achas e vários braseiros que queimavam carvão espalhavam um calor mal distribuído, que deixava os pés gelados e a cabeça febril. Havia pouco mais de uma dúzia de pessoas vestidas à moda europeia e várias criadas uniformizadas circulavam com bandejas. Jeremy e John Sommers vieram saudá-lo.

— Apresento-lhe minha irmã, Rose — disse Jeremy, conduzindo-o

ao fundo do salão.

Então, Jacob Todd viu, sentada à direita da lareira, a mulher que arruinaria a paz de sua alma. Rose Sommers deixou-o imediatamente deslumbrado, menos por ser bonita do que por ser alegre e segura de si. Nada tinha da grosseira exuberância do capitão, nem da enfadonha solenidade de seu irmão Jeremy; era uma mulher de expressão refulgente, como se sempre estivesse prestes a desabrochar em um sorriso sedutor. Quando o fazia, uma rede de finas rugas aparecia ao redor de seus olhos e, por algum motivo, isso foi o que mais atraiu Jacob Todd. Não soube calcular a idade dela, talvez estivesse entre os vinte e os trinta, mas pensou que, dentro de dez anos, seria a mesma, pois tinha bons ossos e porte de rainha. Brilhava dentro de seu vestido de tafetá cor de pêssego, e seu único adorno era o par de brincos de coral nas orelhas. A cortesia mais elementar se limitava a sugerir o gesto de beijar sua mão sem tocá-la com os lábios, mas os seus sentidos se turvaram e, descontrolado, beijou-a para valer. Tão imprópria foi aquela saudação que durante uma pausa interminável os dois permaneceram suspensos na incerteza: ele, segurando a mão dela como se agarrasse uma espada; ela, olhando o rastro de saliva sem atrever-se a limpá-lo para não ofender o visitante, até serem interrompidos por uma garotinha vestida como princesa. Todd libertou-se de sua aflição e, ao reaprumar-se, percebeu que os irmãos Sommers trocavam um gesto de zombaria. Tentando dissimular, voltou-se para a garota com exagerada atenção, disposto a conquistá-la.

— Esta é a Eliza, nossa protegida — disse Jeremy Sommers.

Jacob Todd cometeu sua segunda bobagem.

— Como protegida? — perguntou.

— Quer dizer que não pertença a esta família — explicou Eliza pacientemente, no tom de quem fala com um tolo.

— Não?

— Se eu me comportar mal, me mandam para as monjas papistas.

— Não diga isso, Eliza! Mr. Todd, não a leve a sério. Com as crianças, acontecem coisas esquisitas. É claro que Eliza pertence à nossa família — interrompeu Miss Rose, pondo-se de pé.

Eliza havia passado o dia com Mama Frésia preparando a ceia. A cozinha ficava no pátio, mas Miss Rose juntara-a à casa principal construindo uma passagem coberta, para evitar o perigo de servir pratos frios ou temperados pelos pombos. Aquele cômodo enegrecido pela gordura e fuligem do fogão era o reino incontestável de Mama Frésia. Gatos, cachorros, gansos e galinhas passeavam à vontade no chão de ladrilhos rústicos e sem brilho; durante todo o inverno, quem ficava ali a ruminar era a cabra que amamentara Eliza, a essa altura anciã, pois ninguém se atvera a sacrificá-la, o que teria sido

equivalente a um matricídio. A menina gostava do cheiro do pão cru dentro das formas, quando entre suspiros o fermento levava a cabo o misterioso processo de tornar a massa esponjosa; o do caramelo batido para decorar tortas; o do chocolate em barras dissolvidas no leite. Nas quartas em que havia tertúlias, as mucamas — duas índias adolescentes que viviam na casa e trabalhavam em troca de comida — poliam a prata, passavam as toalhas e davam brilho nos cristais. Ao meio-dia, mandavam o cocheiro à pastelaria para comprar doces preparados segundo receitas zelosamente guardadas desde os tempos coloniais. Mama Frésia aproveitava para pendurar, nos arreios de um dos cavalos, uma bolsa de couro com leite fresco, que o balanço do trote, na ida e na volta, transformava em manteiga.

Às três da tarde, Miss Rose chamava Eliza ao seu quarto, onde o cocheiro e o camareiro haviam instalado uma banheira de bronze com patas de leão, que as mucamas envolviam com lençóis e enchiam de água quente perfumada com folhas de alecrim e hortelã. Rose e Eliza chapinhavam na banheira como crianças e, quando a água esfriava, as criadas voltavam carregadas de roupas para ajudá-las com as meias e botinas, os calções compridos, a camisa de cambraia, o saiote com recheio nas cadeiras, a fim de acentuar a esbelteza da cintura, as três anáguas engomadas e, finalmente, o vestido, que as engolia inteiramente, deixando de fora apenas a cabeça e as mãos. Miss Rose usava, ainda, um corpete firmado com barbas de baleia e tão apertado que não lhe permitia respirar fundo nem levantar os braços acima dos ombros; também não podia vestir-se sozinha tampouco abaixar-se, a fim de não partir as barbas de baleia e impedir que assim se cravassem como agulhas em seu corpo. Aquele era o único banho da semana, cerimônia só comparável à lavagem dos cabelos no sábado, que podia ser cancelada pelo menor motivo considerado perigoso para a saúde. Durante a semana, Miss Rose podia usar sabão, com muita cautela, preferindo esfregar-se com uma esponja empapada de leite e refrescar-se com *eau de toilette* perfumada com baunilha, que, segundo lhe haviam dito, estava em moda na França desde os tempos de Madame Pompadour; graças, sobretudo, a essa fragrância peculiar, Eliza podia reconhecê-la de olhos fechados no meio da multidão. Mesmo depois dos trinta anos, ainda tinha aquela pele transparente e frágil que certas jovens inglesas ostentam antes que a luz do mundo e a própria arrogância convertam-na em pergaminho. Cuidava de sua aparência com água de rosas e limão para clarear a pele, mel de hamamélis para suavizá-la, camomila para dar luz ao cabelo e uma coleção exótica de bálsamos e loções trazidos do Extremo Oriente por seu irmão John, onde, segundo ele dizia, viviam as mulheres mais belas do mundo. Criava vestidos inspirados nas revistas de Londres e os fazia ela mesma em sua saleta de costura; com intuição e gênio, modificava seu

vestuário usando as mesmas cintas, as mesmas flores e plumas que haviam servido durante anos e não lhe pareciam envelhecidas. Ao contrário das chilenas, não usava um manto negro para cobrir-se quando saía, costume que lhe parecia uma aberração, preferindo suas capas curtas e sua coleção de sombrinhas, mesmo que na rua costumassem olhá-la como se fosse uma cortesã.

Encantada por ver um rosto novo em sua reunião semanal, Miss Rose perdoou o beijo impertinente de Jacob Todd e, tomando-lhe o braço, levou-o até uma mesa redonda situada em um canto da sala. Pediu-lhe para escolher entre várias bebidas, insistindo para que provasse o seu *mistela*, estranha mistura de canela, aguardente e açúcar, que ele foi incapaz de tragar e derramou discretamente em um vaso de flores. Em seguida, apresentou-o aos convidados: Mr. Appलगren, fabricante de móveis, acompanhado da filha, uma jovem tímida e descorada; Madame Colbert, diretora de um colégio inglês para meninas; Mr. Ebeling, dono da melhor loja de guarda-chuvas, e sua esposa, que abruptamente se pôs a pedir a Todd notícias da família real inglesa, como se falasse de parentes seus. Ele também conheceu os médicos Page e Poett.

— Os doutores usam cloróformio em suas operações — esclareceu Miss Rose, com admiração.

— Isso aqui é novidade, mas na Europa já revolucionou a prática da medicina — explicou um dos cirurgiões.

— Creio que na Europa é regularmente empregado em obstetrícia. Não foi usado pela rainha Vitória? — ajuntou Todd, apenas para dizer alguma coisa, já que nada sabia sobre o assunto.

— Aqui enfrentamos forte oposição dos católicos. A maldição bíblica diz que a mulher deve parir entre dores, Mr. Todd.

— Isso lhes parece injusto, senhores? A maldição do homem é trabalhar com o suor de seu rosto, mas neste salão, para não ir mais longe, os cavalheiros ganham a vida com o suor alheio — replicou Miss Rose, violentamente ruborizada.

Os cirurgiões sorriram com desconforto, mas Todd olhou para ela, fascinado. Teria permanecido ao seu lado a noite inteira, embora o correto em uma tertúlia londrina, Jacob Todd lembrava-se, fosse sair antes do fim. Percebeu que naquela reunião as pessoas pareciam dispostas a ficar, e isso o fez supor que o círculo social devia ser muito limitado, que talvez a única reunião semanal fosse a dos Sommers. Tentava esclarecer essas dúvidas quando Miss Rose anunciou o entretenimento musical. As criadas trouxeram mais candelabros, deixando a sala clara como o dia, dispuseram as cadeiras em torno de um piano, uma viola e uma harpa, as mulheres sentaram-se em semicírculo e os homens permaneceram de pé atrás delas. Um cavalheiro bochechudo instalou-se diante do piano, e de suas mãos de

magarefe brotou uma encantadora melodia, enquanto a filha do fabricante de móveis interpretava uma antiga balada escocesa com uma voz tão agradável que fez Todd esquecer por completo seu jeito de rato assustado. A diretora da escola para meninas recitou um poema heroico desnecessariamente longo; Rose cantou duas canções pícaras em dueto com seu irmão John, apesar da evidente desaprovação de Jeremy Sommers, e em seguida exigiu de Jacob Todd que lhes oferecesse algo de seu repertório. Isso deu ao visitante a oportunidade de exibir sua bela voz.

— O senhor é um verdadeiro achado, Mr. Todd! Não o libertaremos. Está condenado a vir todas as quartas! — exclamou ela quando cessaram os aplausos, sem se importar com a expressão embevecida com que o visitante a observava.

Todd sentia a boca adoçar-se e a cabeça dar voltas, e não podia dizer se isso resultava apenas de sua admiração por Rose Sommers ou também das bebidas que havia tomado e do forte charuto cubano fumado em companhia do capitão Sommers. Naquela casa, não se podia recusar um copo ou um prato sem ofender; logo iria descobrir que essa era uma característica nacional do Chile, onde a hospitalidade se manifestava obrigando os convidados a beber e comer além de toda a capacidade humana. Às nove horas, a ceia foi anunciada e todos passaram em procissão para a sala de jantar, onde os esperava outra impressionante série de pratos e sobremesas. Por volta da meia-noite, as mulheres levantaram-se da mesa e continuaram a conversa no salão, enquanto os homens tomavam aguardente e fumavam na sala de jantar. Por fim, quando Todd já estava prestes a desmaiar, os convidados começaram a pedir seus abrigos e coches. Os Ebeling, vivamente interessados na suposta missão evangelizadora à Terra do Fogo, ofereceram-se para levá-lo ao hotel, o que ele aceitou de imediato, assustado diante da ideia de voltar em plena escuridão por aquelas ruas de pesadelo com o cocheiro ébrio dos Sommers. A viagem pareceu-lhe uma eternidade; não podia concentrar-se na conversa, sentia-se enjoado e com o estômago revoltado.

— Minha esposa nasceu na África, é filha de missionários que ali difundiram a verdadeira fé; sabemos quantos sacrifícios isso significa, Mr. Todd. Esperamos que nos conceda o privilégio de ajudá-lo em sua nobre tarefa com os indígenas — disse Mr. Ebeling, solene, ao despedir-se.

Naquela noite, Jacob Todd não pôde dormir: a imagem de Rose Sommers o aguilhoava com crueldade, e antes do amanhecer tomou a decisão de cortejá-la a sério. Nada sabia sobre ela, mas isso não importava, talvez seu destino fosse o de perder uma aposta e vir ao

Chile apenas para conhecer sua futura esposa. Sua intenção era começar já no dia seguinte, mas, atacado por violentas cólicas, não pôde sair da cama. Passou assim um dia e uma noite, inconsciente em alguns momentos, agonizante em outros, até que conseguiu reunir forças para ir à porta e pedir socorro. A seu pedido, o gerente do hotel mandou um aviso aos Sommers, únicos conhecidos seus na cidade, e chamou um criado para limpar o quarto, que fedia como uma esterqueira. Jeremy Sommers apresentou-se ao meio-dia no hotel, em companhia do sangrador mais conhecido de Valparaíso, que sabia um pouco de inglês, e que depois de sangrá-lo nas pernas e nos braços até deixá-lo exangue, explicou que todos os estrangeiros adoeciam quando pisavam no Chile pela primeira vez.

— Não há motivo para alarme; tanto quanto eu saiba, são pouquíssimos os que morrem — tranquilizou-o.

Receitou-lhe quinino em cápsulas de papel de arroz, mas as náuseas impediram-no de tomá-las. Estivera na Índia, conhecia os sintomas da malária e de outras enfermidades tropicais tratáveis com quinino, mas o mal que o atacava não se parecia nem remotamente com elas. Assim que o sangrador foi embora, o criado voltou para recolher os panos sujos e lavar o quarto novamente. Jeremy Sommers havia deixado os endereços dos doutores Page e Poett, mas não houve tempo para chamá-los, porque, duas horas depois, apareceu no hotel um mulherão exigindo ver o enfermo. Trazia pela mão uma garota vestida de veludo azul, botinhas brancas e um barrete bordado com flores, o que a fazia parecer uma figura de conto de fadas. Eram Mama Frésia e Eliza, enviadas por Rose Sommers, que acreditava pouquíssimo em sangrias. As duas irromperam no quarto com uma tal segurança que o debilitado Jacob Todd não se atreveu a protestar. A primeira vinha como curandeira; a segunda, como tradutora.

— Minha mãezinha diz que vai tirar o seu pijama. Eu não vou olhar — explicou a menina, voltando-se para a parede enquanto a índia o desnudava num piscar de olhos e começava a friccioná-lo da cabeça aos pés com aguardente.

Puseram tijolos quentes em sua cama, envolveram-no em mantas e deram-lhe de beber pequenas colheradas de uma infusão de ervas amargas, adoçada com mel, a fim de apaziguar as dores da indigestão.

— Agora minha mãezinha vai enrolar a doença — informou a menina.

— O que vem a ser isso?

— Não se assuste, não dói.

Mama Frésia fechou os olhos e começou a passar as mãos pelo torso e pela barriga de Todd, enquanto murmurava sortilégios em língua mapuche. Jacob Todd sentiu-se invadido por uma irresistível modorra, e, antes que a mulher terminasse, dormia profundamente e não soube

quando suas “enfermeiras” saíram. Dormiu dezoito horas e despertou banhado de suor. Na manhã seguinte, Mama Frésia e Eliza regressaram a fim de administrar-lhe outra vigorosa fricção e uma tigela de caldo de galinha.

— Minha mãezinha diz que nunca mais beba água. Só é para tomar chá bem quente e não comer frutas, porque, se comer, vai voltar aquela vontade de morrer — traduziu a garotinha.

Ao cabo de uma semana, quando conseguiu ficar de pé e olhar-se no espelho, compreendeu que não podia apresentar-se com aquele aspecto diante de Miss Rose: havia perdido vários quilos, estava emaciado e não podia dar dois passos sem cair arquejando em uma cadeira. Quando se sentiu em condições de mandar-lhe algumas linhas de agradecimento por salvar-lhe a vida e uns chocolates para Mama Frésia e Eliza, soube que a jovem havia partido para Santiago, com uma amiga e sua mucama, em viagem arriscada, tendo em vista as más condições do caminho e do clima. Uma vez por ano, Miss Rose fazia aquele trajeto de duzentos quilômetros, sempre no início do outono ou então em plena primavera, para ver teatro, ouvir boa música e fazer suas compras anuais no Grande Armazém Japonês, perfumado a jasmim e iluminado com lâmpadas a gás com globos de vidro rosado, onde adquiria as bagatelas difíceis de conseguir em Valparaíso. Dessa vez, no entanto, havia uma boa razão para ir no inverno: posaria para um retrato. Havia chegado ao país o célebre pintor francês Monvoisin, convidado pelo governo com a missão de passar seus conhecimentos aos artistas nacionais. O mestre pintava apenas a cabeça, o resto era obra de seus auxiliares, e, para ganhar tempo, até os ornamentos eram aplicados diretamente sobre a tela, mas, apesar dessas trapaças, nada podia dar mais prestígio do que ter um retrato assinado por ele. Jeremy Sommers insistiu em ter um de sua irmã para presidir o salão. O quadro custava seis onças de ouro e mais uma por mão, mas aquele não era caso para se pensar em economia. A oportunidade de ter uma obra autêntica do grande Monvoisin não se apresentava duas vezes na vida, como diziam seus clientes.

— Se o gasto não é problema, quero que me pinte com três mãos. Será seu quadro mais famoso e acabará exposto em um museu, e não em cima de nossa lareira — comentou Miss Rose.

Aquele foi o ano das inundações, que ficaram registradas nos textos escolares e na memória dos avós. O dilúvio arrasou centenas de casas e, quando o temporal finalmente amainou e as águas começaram a baixar, uma série de pequenos tremores de terra, recebidos como uma machadada de Deus, acabou de destruir o que o aguaceiro havia abalado. Ladrões percorriam os escombros e se aproveitavam da

confusão para roubar casas, enquanto os soldados receberam instruções para executar sumariamente os que fossem surpreendidos em tais tropelias, mas, entusiasmados pela crueldade, começaram a distribuir golpes de sabre apenas pelo prazer de ouvir as lamentações, e por isso a ordem teve de ser revogada antes que eles acabassem também com os inocentes. Jacob Todd, encerrado no hotel para tratar de um resfriado e ainda enfraquecido pela semana de distúrbios intestinais, passava as horas de desespero ouvindo o incessante badalar dos sinos das igrejas, que chamavam à penitência, lendo jornais atrasados e esperando companhia a fim de jogar cartas. Certa vez, saiu e foi até a botica em busca de um tônico que lhe fortalecesse o estômago, mas o estabelecimento era simplesmente um cubículo caótico, repleto de empoeirados frascos de vidro azuis e verdes, onde um empregado alemão lhe ofereceu azeite de escorpião e essência de minhocas. Pela primeira vez, lamentou encontrar-se tão distante de Londres.

À noite, quase não conseguia dormir, por causa do barulho dos farristas, das brigas dos bêbados e também dos enterros, que se realizavam entre as doze e as três da madrugada. O ostentoso cemitério ficava no alto de uma colina, de onde dominava a cidade. O temporal havia aberto grandes buracos lá dentro, e túmulos inteiros haviam descido pela encosta, numa confusão de ossos que igualou todos os defuntos na mesma perda de dignidade. Muitos comentavam que os mortos estavam melhor dez anos atrás, quando as pessoas poderosas eram enterradas nas igrejas, os pobres nas encostas e os estrangeiros na praia. Trata-se de um país extravagante, concluiu Todd, com um lenço atado no rosto, para se defender do vento, que espalhava as exalações nauseabundas da desgraça, combatidas pelas autoridades com grandes fogueiras de eucalipto. Assim que se sentiu melhor, passou a ver as procissões. Em geral, as procissões não chamavam a atenção, porque todos os anos se repetiam sem alterações durante os sete dias da Semana Santa e em outras festas religiosas, mas naquela ocasião transformavam-se em atos aos quais multidões compareciam para pedir ao céu o fim dos temporais. Das igrejas, partiam as longas fileiras de fiéis, encabeçadas por confrarias de cavaleiros vestidos de preto, transportando em macas as estátuas dos santos com seus esplêndidos trajes bordados em ouro e pedras preciosas. Uma das colunas levava um Cristo pregado na cruz com sua coroa de espinhos em torno do pescoço. Explicaram-lhe que aquele era o Cristo de Maio, trazido especialmente de Santiago para aquela ocasião, por ser a imagem mais milagrosa do mundo, a única que poderia mudar o clima. Duzentos anos antes, um pavoroso terremoto havia arrasado a capital e destruído inteiramente a igreja de Santo Agostinho, menos o altar em que se encontrava aquele Cristo. A coroa

deslizara da cabeça para o pescoço, onde ainda permanecia, porque, cada vez que tentavam levá-la de volta ao seu lugar, a terra tornava a tremer. As procissões reuniam inúmeros frades e freiras, beatas exangues de tanto jejuar, gente humilde rezando, cantando e clamando, penitentes vestindo hábitos grosseiros e flagelantes açoitando as próprias costas com tiras de couro que terminavam em afiadas rosetas de metal. Alguns caíam desmaiados e eram atendidos por mulheres que limpavam suas carnes rasgadas e lhes davam refrescos, mas os empurravam de volta à procissão assim que se recuperavam. Passavam fileiras de índios martirizando-se com um fervor de loucos e bandas de música tocando hinos religiosos. O rumor das plangentes orações parecia o de uma torrente bravia, e o ar úmido fedia a suor e incenso. Havia procissões de aristocratas vestidos luxuosamente, mas em tecidos escuros e sem joias, e outras de gente humilde, descalça e esfarrapada, e às vezes elas se cruzavam na mesma praça, sem confundir-se nem tocar-se. À medida que avançavam, iam aumentando os clamores e as mostras de piedade tornavam-se mais intensas; os fiéis ululavam pedindo o perdão de seus pecados, convencidos de que o mau tempo era um castigo divino por suas faltas. Os arrependidos compareciam em massa, as igrejas eram pequenas para todos, e filas de padres instalavam-se embaixo de barracas e guarda-chuvas para atender aos que queriam confessar-se. Para o inglês, aquilo era um espetáculo fascinante — em nenhuma de suas viagens havia presenciado algo tão exótico e tão tétrico. Acostumado à sobriedade protestante, experimentava a sensação de estar de volta à Idade Média; seus amigos de Londres jamais acreditariam nele. Embora mantivesse uma distância prudente, podia perceber o tremor de animal primitivo e sofredor que percorria em ondas aquela massa humana. Encarapitou-se com esforço na base de um monumento da pequena praça diante da Igreja Matriz, de onde podia ter uma visão panorâmica da multidão. Sentiu imediatamente que alguém agarrava suas calças, baixou os olhos e viu uma garotinha assustada, com um manto na cabeça e o rosto sujo de sangue e de lágrimas. Tratou de afastar-se dela o mais rapidamente possível, mas era tarde, ela já havia manchado sua calça. Soltou uma praga e tratou de afastá-la por meio de gestos, pois não conseguia lembrar-se das palavras adequadas para dizer aquilo em espanhol; teve, porém, uma surpresa quando ela replicou-lhe, em inglês perfeito, que estava perdida e talvez ele pudesse levá-la para casa. Então, ele tratou de olhá-la com mais atenção.

— Sou Eliza Sommers. Lembra-se de mim? — murmurou a garota.

Aproveitando o fato de Miss Rose estar em Santiago posando para o retrato e Jeremy Sommers pouco aparecer em casa naqueles dias, pois a inundação havia atingido seu escritório e seus armazéns, a garota

tinha pensado em sair para ver a procissão, e tanto insistiu que Mama Frésia acabou por ceder. Seus patrões haviam-lhe proibido de falar de rituais católicos diante da garota e muito menos permitir que os visse, mas a própria Mama Frésia morria de vontade de, pelo menos uma vez na vida, ver o Cristo de Maio. Os irmãos Sommers nunca iriam saber, foi o que imaginou. E, assim, as duas saíram discretamente de casa, desceram a encosta a pé, subiram em uma carreta que as deixou perto da praça e ali se juntaram a uma coluna de índios penitentes. Tudo teria saído de acordo com o planejado se, no tumulto e no fervor daquele dia, Eliza não tivesse soltado a mão de Mama Frésia, que, contaminada pela histeria, não percebeu o fato. Eliza se pôs a gritar, mas sua voz se perdeu no clamor das preces e dos tristes tambores das confrarias. Saiu correndo à procura da ama, mas todas as mulheres pareciam idênticas embaixo dos mantos escuros, e seus pés resvalavam nas pedras do calçamento, cobertas de limo, de sangue e de cera de velas. Logo as várias colunas se juntaram em uma só multidão que se arrastava como um animal ferido, enquanto os sinos tocavam enlouquecidos e no porto soavam as sirenes de todos os navios ancorados. Não saberia dizer quanto tempo esteve paralisada de terror, até que, pouco a pouco, as ideias começaram a clarear em sua mente. Nesse meio-tempo, a procissão havia se acalmado, todo mundo estava de joelhos e, em um estrado diante da igreja, o próprio bispo celebrava uma missa cantada. Eliza pensou em tomar o caminho de Cerro Alegre, mas sentiu medo de ser alcançada pela escuridão antes de chegar em casa, pois nunca havia saído sozinha e não sabia orientar-se. Decidiu permanecer no mesmo lugar até que a turba se dispersasse e, quem sabe, Mama Frésia acabasse por encontrá-la. Então, seus olhos tropeçaram no sujeito ruivo que se equilibrava no monumento da praça, e nele reconheceu o doente curado por sua ama. Sem vacilar, abriu caminho até ele.

— O que faz aqui? Está ferida? — indagou o homem.

— Estou perdida. Pode me levar em casa?

Jacob Todd limpou-lhe o rosto com o lenço e a examinou rapidamente, constatando que não havia nenhum ferimento à vista. Concluiu que o sangue no rosto da menina devia ser o que vinha das costas dos flagelantes.

— Levarei você ao escritório de Mr. Sommers.

Ela, porém, rogou-lhe que não fizesse tal coisa, pois, se seu protetor soubesse que havia acompanhado a procissão, Mama Frésia perderia o emprego. Todd saiu à procura de um coche de aluguel, difícil de encontrar em tais ocasiões, enquanto a menina caminhava em silêncio, sem soltar-lhe a mão. Pela primeira vez na vida, o inglês sentiu um estremecimento de ternura, provocado por aquela pequenina e cálida mão que se aferrava à sua. De vez em quando a

olhava dissimuladamente, comovido com aquele rosto infantil de olhos negros e amendoados. Por fim, encontraram um carrinho puxado por uma parelha de mulas e, pelo dobro do preço habitual, o condutor aceitou levá-los até o alto da colina. Fizeram silenciosamente a viagem e, uma hora mais tarde, Todd deixava Eliza diante de casa. Ela se despediu agradecida, mas não o convidou para entrar. Viu-a distanciar-se, pequena e frágil, coberta até os pés pelo manto negro. De repente, a menina deu meia-volta, correu em sua direção, abraçou-lhe o pescoço e deu-lhe um beijo na face. “Obrigada”, disse mais uma vez. Jacob Todd voltou ao hotel no mesmo carro. De vez em quando, tocava no próprio rosto, surpreso pelo doce e triste sentimento que a garota lhe inspirava.

As procissões serviram para aumentar o arrependimento coletivo e também, como Jacob Todd pôde constatar, para deter as chuvas, o que mais uma vez favoreceu a já esplêndida reputação do Cristo de Maio. Em menos de quarenta e oito horas, o céu clareou, e um sol tímido apresentou-se, introduzindo uma nota otimista no concerto de infelicidades dos últimos dias. Por culpa dos temporais e das epidemias, passaram-se nove semanas antes que fossem retomadas as tertúlias das quartas-feiras na casa dos Sommers, e outras mais antes que Jacob Todd se atrevesse a insinuar seus sentimentos românticos a Miss Rose. Quando o fez, afinal, ela fingiu não ter ouvido suas palavras, mas, reagindo à insistência de Mr. Todd, saiu-se com uma resposta arrasadora:

— O bom do casamento é enviuvar — disse.

— Por mais tolo que seja, um marido sempre vale a pena — respondeu ele, sem perder o bom humor.

— Não no meu caso. Para mim, um marido seria um estorvo, e não poderia me dar nada que eu já não tenha.

— Filhos, quem sabe?

— Quantos anos acha que eu tenho, Mr. Todd?

— Não mais de dezessete!

— Não brinque. Felizmente, tenho a Eliza.

— Sou teimoso, Miss Rose, nunca me dou por vencido.

— Agradeço-lhe, Mr. Todd. Mas não é um marido o que importa, e sim ter muitos pretendentes.

De qualquer maneira, Rose foi a razão pela qual Jacob Todd ficou no Chile muito mais do que os três meses estipulados para vender suas bíblias. Os Sommers foram o contato social perfeito, graças aos quais se abriram para ele todas as portas da próspera colônia estrangeira, disposta a ajudá-lo em sua suposta missão na Terra do Fogo. Tomou a resolução de aprender alguma coisa sobre os índios patagônios, mas, depois de dar uma olhada sonolenta em alguns grossos volumes da

biblioteca, compreendeu que tanto valia saber como não saber, porque, naquele tocante, a ignorância era coletiva. Bastava dizer aquilo que as pessoas desejavam ouvir e, para isso, contava com a sua proverbial lábia. Para pôr o carregamento de bíblias nas mãos dos potenciais clientes chilenos, teria de melhorar o seu precário espanhol. Com os dois meses vividos na Espanha e o bom ouvido que possuía, conseguiu aprender mais rápido e melhor do que muitos britânicos que haviam chegado ao país vinte anos antes. No começo dissimulou suas ideias políticas demasiadamente liberais, mas notou que em cada reunião social o apossavam com perguntas e estava sempre cercado por um grupo de assombrados ouvintes. Seus discursos abolicionistas, igualitários e democráticos sacudiam a modorra daquelas boas pessoas, motivavam intermináveis discussões entre os homens e horrorizadas exclamações entre as senhoras maduras, mas atraíam irremediavelmente as mais jovens. A opinião geral o catalogava como um tresloucado, e suas ideias incendiárias acabavam por divertir, mas suas brincadeiras com a família real britânica foram pessimamente recebidas entre os membros da colônia, para quem a rainha Vitória, como Deus e o Império, era intocável. Sua renda modesta, mas nada desprezível, permitia-lhe viver com certa folga sem jamais haver trabalhado de verdade, e isso o situava na categoria dos cavalheiros. Assim que o descobriram livre das ataduras, não faltaram moças casadouras empenhadas em agarrá-lo, mas, depois de conhecer Rose Sommers, ele não teve mais olhos para nenhuma outra. Mil vezes perguntou a si mesmo por que a jovem permanecia solteira, e a única resposta que ocorreu àquele agnóstico racionalista foi a de que o céu a havia destinado para ele.

— Até quando me atormentará, Miss Rose? Não teme que eu me canse de persegui-la? — brincava com ela.

— Não se cansará, Mr. Todd. Perseguir o gato é muito mais interessante do que agarrá-lo — respondia ela.

A eloquência do falso missionário foi uma novidade naquele meio e, assim, passaram a oferecer-lhe a palavra tão logo souberam que ele havia estudado de maneira conscienciosa as Sagradas Escrituras. Existia um pequeno templo anglicano, malvisto pelas autoridades católicas, mas a comunidade protestante também se reunia em casas particulares. “Onde já se viu uma igreja sem virgens nem diabos? Os gringos são todos hereges, não acreditam no papa, não sabem rezar, passam o tempo cantando e nem ao menos comungam”, resmungava Mama Frésia, escandalizada quando o rodízio determinava que o culto dominical fosse realizado na casa dos Sommers. Todd preparou-se para ler uma pequena passagem sobre a saída dos judeus do Egito e, em seguida, referir-se à situação dos imigrantes, que, como os judeus bíblicos, deviam adaptar-se em terras estranhas, mas Jeremy Sommers

o apresentou aos presentes como missionário e pediu-lhe que falasse dos índios da Terra do Fogo. Jacob Todd não era capaz de situar a região, nem de explicar por que levava esse nome tão sugestivo, mas imediatamente conseguiu comover os ouvintes até as lágrimas com a história de três selvagens caçados por um capitão inglês que queria levá-los para a Inglaterra. Em menos de três anos, aqueles infelizes, que viviam nus em seu clima glacial e às vezes cometiam atos de canibalismo, passaram a andar de maneira adequada, haviam-se transformado em bons cristãos e adquirido costumes civilizados, chegando mesmo a tolerar a alimentação dos ingleses. Deixou de esclarecer, contudo, que, uma vez repatriados, os índios voltaram sem demora aos seus antigos hábitos, como se jamais tivessem morado na Inglaterra e conhecido as palavras de Jesus. Por sugestão de Jeremy Sommers, realizou-se ali mesmo uma coleta para aquele empreendimento de difusão da fé, e com tão bons resultados que, no dia seguinte, Jacob Todd pôde abrir uma conta na sucursal do Banco de Londres, em Valparaíso. A conta era semanalmente alimentada com as contribuições dos protestantes, e crescia apesar das frequentes retiradas que Todd fazia a fim de cobrir suas despesas pessoais, sempre que sua renda era insuficiente para financiá-las. Quanto mais dinheiro entrava, mais se multiplicavam os obstáculos e os pretextos para adiar a missão evangelizadora. E, assim, dois anos se passaram.

Jacob Todd chegou a sentir-se tão à vontade em Valparaíso quanto se ali mesmo houvesse nascido. Chilenos e ingleses tinham vários traços de caráter em comum: resolviam tudo com a ajuda de síndicos e advogados; sentiam um apego absurdo à tradição, aos símbolos pátrios e às rotinas; proclamavam-se individualistas e inimigos da ostentação, que desprezavam como um símbolo de arrivismo social; pareciam amáveis e controlados, mas eram capazes de grandes crueldades. No entanto, ao contrário dos ingleses, os chilenos tinham horror à excentricidade e nada temiam tanto quanto o ridículo. Se eu falasse corretamente o castelhano, Jacob Todd pensou, estaria aqui como se estivesse em minha casa. Tinha se instalado na pensão de uma viúva inglesa que protegia gatos e fazia as melhores tortas da cidade. Dormia com quatro felinos na cama, a melhor companhia que jamais tivera, e as tentadoras tortas da anfitriã tornaram-se parte do seu desjejum. Relacionava-se com chilenos de todas as classes, dos mais humildes, que ia conhecendo em suas andanças pelos bairros pobres da cidade, aos que estavam no topo. Jeremy Sommers apresentou-o no Clube da União, que o aceitou na qualidade de sócio convidado. Somente os estrangeiros de reconhecida importância social podiam vangloriar-se de tamanho privilégio, pois o clube era um enclave de latifundiários e políticos conservadores, no qual o valor dos sócios era

medido pelo nome de família. Na verdade, o que lhe abriu aquelas portas foi a sua habilidade com as cartas e os dados; perdia com tanto garbo que poucos atentavam para o muito que ganhava. Ali, tornou-se amigo de Agustín del Valle, dono de propriedades agrícolas na região de Valparaíso e de rebanhos de ovelhas no Sul, onde jamais havia posto os pés, pois eram cuidadas por capatazes trazidos da Escócia. Essa nova amizade permitiu-lhe visitar austeras mansões de famílias aristocráticas do Chile, construções quadradas e escuras, grandes dependências quase vazias, decoradas sem nenhum refinamento, com móveis pesados, candelabros fúnebres e uma verdadeira corte de crucifixos ensanguentados, virgens de gesso e santos vestidos como nobres espanhóis de antigamente. Eram casas voltadas para dentro, fechadas para a rua, com altas grades de ferro, incômodas e toscas, porém beneficiadas por frescos corredores e pátios internos defendidos do sol pelos pés de jasmim, laranjeiras e roseiras.

No início da primavera, Agustín del Valle convidou os Sommers e Jacob Todd para visitarem uma de suas herdades. O caminho era um pesadelo; um bom cavaleiro podia fazê-lo em quatro ou cinco horas, mas a caravana com a família e seus hóspedes saiu de madrugada e só chegou com a noite já alta. Os del Valle viajavam em carretas puxadas por juntas de bois, guarnecidas com mesas e divãs revestidos de felpo. À frente, uma récula com a bagagem e peões a cavalo, armados com trabucos primitivos para defender a comitiva dos bandidos, que costumavam esperar escondidos nas curvas das ladeiras. À enervante lentidão dos animais, somavam-se os buracos do caminho, que paralisavam as carretas, e as frequentes paradas para descanso, durante as quais os criados serviam as viandas das cestas em meio a nuvens de moscas. Todd nada sabia de agricultura, mas bastava-lhe um olhar para compreender que, naquela terra fértil, tudo frutificava com abundância; as frutas caíam das árvores e apodreciam no chão, sem que ninguém se desse ao trabalho de apanhá-las. Na fazenda, reencontrou o mesmo estilo de vida que anos antes havia observado na Espanha: uma família numerosa, unida por intrincados laços de sangue e um inflexível código de honra. Seu anfitrião era um patriarca poderoso e feudal, que manejava com pulso firme os destinos de sua descendência e ostentava, arrogantemente, uma linhagem que podia ser seguida até os primeiros conquistadores espanhóis. Meus tataravôs, ele contava, percorreram mais de mil quilômetros cobertos de pesadas armaduras de ferro, cruzaram montanhas, rios e o deserto mais árido deste mundo, para fundar a cidade de Santiago. Entre os seus, ele era um símbolo de autoridade e decência, mas, fora de sua classe, o conheciam como um ferrabrás. Carregava uma prole de bastardos e também a má fama de haver liquidado vários arrendatários em seus famosos acessos de ira, mas, dessas mortes, como de tantos outros

pecados, jamais se falava. Sua esposa estava na casa dos quarenta, mas parecia uma anciã trêmula e cabisbaixa, sempre vestida de luto pelos filhos falecidos na infância e sufocada pelo peso do corpete, a religião e aquele marido que a sorte lhe concedera. Os filhos do sexo masculino passavam suas ociosas existências entre missas, passeios, sextas, brincadeiras e pândegas, enquanto as mulheres flutuavam como ninfas misteriosas pelos aposentos e jardins, entre sussurros de anáguas, sempre seguidas pelo olhar vigilante das amas. Estavam preparadas, desde pequeninas, para uma vida de fé, abnegação e virtude; seus destinos eram os casamentos de conveniência e a maternidade.

No campo, foram ver uma tourada, que nem remotamente parecia com o brilhante espetáculo de coragem e morte habitualmente visto na Espanha; nada de trajes resplandcentes, fanfarronadas, paixão e glória, mas apenas uma diversão de bêbados atrevidos que atormentam o animal com lanças e insultos, e de vez em quando são chifrados e atirados ao chão poeirento entre insultos e gargalhadas. O mais perigoso da tourada consistia em retirar da arena o animal enfurecido e maltratado, mas vivo. Todd sentiu-se grato por terem preservado o touro da indignidade final de uma execução pública, pois, à morte do touro, seu coração bem inglês preferia a do toureiro. À tarde, os homens jogavam voltarete e *rocambor*, servidos como príncipes por um verdadeiro exército de criados morenos e humildes, cujos olhares não se elevavam do chão, assim como suas vozes não se elevavam acima do murmúrio. Não eram escravos, mas pareciam. Trabalhavam em troca de proteção, de um teto e uma parte da colheita; teoricamente, eram livres, mas, não tendo para onde ir, permaneciam com o mesmo patrão, por mais despótico que ele fosse. Sem muito barulho, a escravidão fora abolida havia mais de dez anos. O tráfico de africanos nunca se mostrara rentável naquelas bandas, onde não existiam grandes plantações, mas ninguém falava da sorte dos índios, despojados de suas terras e reduzidos à miséria, nem dos arrendatários de terras, que, como se fossem animais, eram vendidos e herdados juntamente com as propriedades. Também não se falava dos carregamentos de escravos chineses e polinésios que iam trabalhar nas reservas de guano das Ilhas Chinchas. Não causavam problemas, a menos que desembarcassem: a lei proibía a escravidão em terra firme, mas não mencionava a do mar. Enquanto os homens jogavam cartas, Miss Rose se aborrecia discretamente na companhia da Senhora del Valle e de suas numerosas filhas. Em compensação, Eliza galopava no campo com Paulina, a única filha de Agustín del Valle que conseguia escapar do modelo lânguido das mulheres daquela família. Tinha vários anos a mais do que Eliza, mas, naquele dia, divertia-se, ao lado dela, como se fossem da mesma idade, ambas fustigando seus cavalos,

cabelos soltos ao vento e caras queimadas pelo sol.

Senhoritas

Eliza Sommers era uma garota pequenina e delgada, de feições delicadas como um desenho feito a bico de pena. Em 1845, quando completou treze anos e peitos e cintura começaram a insinuar-se, ainda parecia insignificante, embora já se vislumbasse a leveza de gestos, que seria o seu melhor atributo de beleza. A implacável vigilância de Miss Rose deixou seu esqueleto reto como uma lança: prendendo-lhe uma vareta metálica nas costas, obrigava-a a manter-se empertigada durante as intermináveis horas de exercícios de bordado e piano. Não cresceu muito e manteve a mesma e enganosa aparência infantil, que, mais de uma vez, lhe salvaria a vida. De tão criança que no fundo se mantinha, em plena puberdade continuava a dormir encolhida na mesma caminha de sua infância, a chupar o dedo, sempre cercada por suas bonecas. Imitava a natureza entediada de Jeremy Sommers, vendo nela um sinal de força interior. Com os anos, cansou de fingir-se aborrecida, mas aquela brincadeira lhe havia servido para dominar o caráter. Tomava parte nas tarefas dos serviçais: em um dia, ajudava a fazer o pão, em outro a moer o milho, hoje a levar os colchões para o sol, amanhã a ferver a roupa branca. Passava horas encolhida atrás da cortina da sala, devorando, uma a uma, as obras clássicas da biblioteca de Jeremy Sommers, as histórias românticas de Miss Rose, os jornais atrasados e qualquer leitura ao seu alcance, por mais aborrecida que fosse. Convenceu Jacob Todd a lhe dar uma de suas bíblias em espanhol e, com enorme paciência, tentava decifrá-la, já que a sua alfabetização tinha sido em inglês. Mergulhava no Antigo Testamento com mórbido fascínio pelos vícios e paixões dos reis que seduziam as mulheres alheias, profetas que castigavam com raios terríveis e pais que faziam filhos em suas filhas. No quarto de despejo, onde se acumulavam velharias, encontrou mapas, livros de viagens e documentos de navegação pertencentes ao tio John, com os quais pôde precisar os contornos do mundo. Os preceptores contratados por Miss Rose ensinaram-lhe caligrafia, francês, história, geografia e um pouco de latim, muito mais

do que teria aprendido nos melhores colégios femininos da capital, onde praticamente só se aprendia a rezar e a ter bons modos. As leituras desordenadas, tanto quanto as histórias do capitão Sommers, deram-lhe asas à imaginação. O tio navegante aparecia em casa com seu carregamento de presentes, despertando-lhe a fantasia com suas inauditas histórias de imperadores negros em tronos de ouro maciço, de piratas malaaios que colecionavam olhos humanos em caixinhas de madrepérola, de princesas queimadas vivas na pira funerária dos respectivos maridos. Em cada uma de suas visitas, tudo era adiado, dos deveres escolares às lições de piano. Passava o ano a esperá-lo e a espetar alfinetes no mapa, imaginando as latitudes oceânicas pelas quais navegava seu veleiro. Eliza não tinha muito contato com outras meninas de sua idade, vivia no mundo fechado da casa de seus benfeitores, na eterna ilusão de não estar ali, mas na Inglaterra. Jeremy Sommers encomendava tudo pelos catálogos, do sabão aos sapatos, vestia roupa leve no inverno e usava abrigo no verão, porque continuava a reger-se pelo calendário do Hemisfério Norte. A menina via e ouvia com atenção, tinha um temperamento alegre e independente, jamais pedia ajuda e tinha o raro dom de tornar-se invisível quando bem queria, desaparecendo entre os móveis, as cortinas e as flores do papel que revestia as paredes. No dia em que acordou com a camisola manchada por uma substância vermelha, saiu à procura de Miss Rose a fim de comunicar-lhe que estava sangrando por baixo.

— Não fale disso com ninguém. É um assunto muito pessoal. Você agora é mulher e, como tal, terá de se comportar, acabou-se o tempo das brincadeiras. Agora você vai para o colégio de moças de Madame Colbert — foi toda a explicação que sua mãe adotiva lhe deu, de um fôlego e sem olhar para ela, enquanto tirava do armário uma dúzia de pequenas toalhas debruadas por ela mesma.

— Agora você terá com que se aborrecer, seu corpo mudará, suas ideias se atrapalharão, e qualquer homem poderá fazer com você o que lhe der na cabeça — advertiu Mama Frésia, a quem Eliza não pôde ocultar a novidade.

A índia conhecia plantas capazes de cortar para sempre o fluxo menstrual, mas, com medo dos patrões, absteve-se de aplicá-las. Eliza levou sua advertência a sério e decidiu manter-se vigilante para impedir que a ameaça se cumprisse. Envolheu o busto com uma apertada faixa de seda, certa de que, se tal método vinha servindo, havia séculos, para reduzir os pés das chinesas, como o tio John contava, não havia razão para que deixasse de lhe esmagar os seios. Resolveu também escrever; durante anos tinha visto Miss Rose escrevendo em seus cadernos e pensou que ela o fazia com a finalidade de combater a maldição das ideias anuviadas. Mas não deu

grande importância à parte final da profecia — a de que qualquer homem poderia fazer com ela o que quisesse —, pois simplesmente não conseguia imaginar que houvesse homens em seu futuro. Todos eram anciãos de pelo menos vinte anos; o mundo estava desprovido de seres do sexo masculino pertencentes à sua própria geração. Só dois homens poderiam lhe servir para marido — o capitão John Sommers e Jacob Todd —, mas ambos estavam fora de seu alcance: o primeiro, por ser seu tio, e o segundo, por estar enamorado de Miss Rose, como Valparaíso inteira sabia.

Anos depois, ao recordar sua infância e juventude, Eliza pensava que Miss Rose e Jacob Todd poderiam ter formado um belo casal — ela teria suavizado as arestas de Todd e ele a teria resgatado do tédio —, mas as coisas aconteceram de outra maneira. Passados muitos anos, quando tinham a cabeça branca e estavam longamente habituados à solidão, os dois iriam encontrar-se na Califórnia, em circunstâncias estranhas; e, nessa ocasião, ele voltaria a cortejá-la com a mesma intensidade, enquanto ela voltaria a rejeitá-lo com a mesma determinação. Mas tudo isso aconteceu bem mais tarde.

Jacob Todd não perdia nenhuma oportunidade para estar próximo dos Sommers, e não houve visitante mais assíduo e pontual às tertúlias, mais atento quando Miss Rose cantava com seus trinos impetuosos e mais disposto a acolher suas pilhérias, sem excluir as que continham certa crueldade com a qual costumava atormentá-lo. Era uma pessoa repleta de contradições, mas ele também não era? Não era ele um ateu que vendia bíblias e enganava meio mundo com a história de uma suposta missão evangélica? Perguntava a si mesmo por que, sendo tão atraente, ela não tinha se casado; não havia futuro nem lugar na sociedade para mulheres solteiras com a idade de Miss Rose. Na colônia estrangeira, murmurava-se acerca de um escândalo que teria ocorrido na Inglaterra, anos atrás, e que explicaria por que viera para o Chile, onde se transformara em governanta do irmão, mas Todd jamais pensou em averiguar os detalhes, preferindo o mistério à certeza de algo que talvez não fosse capaz de suportar. O passado não tinha grande importância, repetia para si mesmo. Bastava um erro de palavra ou de cálculo para manchar a reputação de uma jovem e impossibilitá-la de fazer um bom casamento. Teria sacrificado anos de seu futuro para ver-se correspondido; ela, porém, não dava sinais de ceder ao assédio, embora também nada fizesse para desanimá-lo; divertia-se com o jogo de soltar-lhe as rédeas para, daí a pouco, encurtá-las de repente.

— Mr. Todd é uma figura de mau agouro, com ideias estranhas, dentes de cavalo e mãos sempre suadas. Nunca me casaria com ele, mesmo que fosse o último solteiro no mundo — confessou Miss Rose,

rindo, a Eliza.

A garota não achou graça nesse comentário. Estava em dívida com Jacob Todd, não apenas por tê-la resgatado durante a procissão do Cristo de Maio, mas também por haver silenciado sobre o incidente, como se este jamais houvesse acontecido. Gostava daquele estranho aliado: cheirava a mastim, como seu tio John. A boa impressão que lhe causava converteu-se em carinho leal, quando, oculta atrás da pesada cortina de veludo verde da sala, ouviu sua conversa com Jeremy Sommers.

— Tenho de tomar uma decisão acerca de Eliza, Jacob. Ela não tem a menor noção do seu lugar na sociedade. Quando a gente começa a lhe fazer perguntas, noto que Eliza imagina para ela um futuro que não lhe corresponde. Nada é mais perigoso do que o demônio da fantasia escondido dentro de uma alma feminina.

— Não exagere, meu amigo. Eliza ainda é uma garota, mas é inteligente e com certeza encontrará o lugar dela.

— A inteligência é um estorvo para a mulher. Rose quer mandá-la para o colégio de moças de Madame Colbert, mas não concordo que se dê tanta educação às moças, pois, assim, elas se tornam ingovernáveis. Cada um em seu lugar, este é o meu lema.

— O mundo está mudando, Jeremy. Nos Estados Unidos os homens são iguais perante a lei. Foram abolidas as classes sociais.

— Estamos falando de mulheres, não de homens. Além disso, os Estados Unidos são um país de comerciantes e pioneiros, sem tradição nem senso de história. A igualdade não existe em lugar nenhum, nem mesmo entre os animais, e muito menos no Chile.

— Somos estrangeiros, Jeremy, mal arranjamos o castelhano. Por que nos importariam as classes sociais chilenas? Nunca faremos parte deste país...

— Devemos dar bom exemplo. Se nós, britânicos, somos incapazes de manter nossa própria casa em ordem, o que esperar dos outros?

— Eliza criou-se nesta família. Não creio que Miss Rose aceite destituí-la só porque está crescendo.

E assim foi. Rose desafiou o irmão, valendo-se de um completo repertório de enfermidades. Primeiro, as cólicas e, em seguida, uma alarmante enxaqueca, que a deixou cega da noite para o dia. Durante vários dias a casa entrou em estado de repouso: as cortinas foram corridas, as pessoas caminhavam na ponta dos pés e falavam murmurando. Não se cozinhava mais, porque o cheiro de comida piorava os sintomas. Jeremy Sommers tinha de comer no Clube e voltava para casa com o ar desmoralizado e intimidado de quem vai visitar um hospital. A estranha cegueira e os muitos achaques de Rose, tanto quanto o matreiro silêncio dos serviços domésticos, foram minando rapidamente a sua firmeza. Para cumular, Mama Frésia,

misteriosamente inteirada das discussões que os irmãos travavam a portas fechadas, converteu-se em formidável aliada de sua patroa. Jeremy Sommers se considerava um homem culto e pragmático, invulnerável às intimidações de uma bruxa supersticiosa como aquela Mama Frésia, mas, quando a índia acendeu velas negras e incensou toda a casa com fumaça de sálvia a pretexto de espantar os mosquitos, fechou-se na biblioteca, meio atemorizado, meio furioso. À noite, ouvia a índia arrastando os pés descalços e cantarolando à meia-voz ensalmos e maldições. Na quarta-feira encontrou uma lagartixa morta dentro de sua garrafa de conhaque e resolveu fazer alguma coisa definitiva. Bateu pela primeira vez à porta da irmã e foi admitido naquele santuário de mistérios femininos que ele preferia ignorar, do mesmo modo que ignorava a saleta de costura, a cozinha, a lavanderia, os escuros cômodos do sótão onde dormiam as criadas e a casinhola de Mama Frésia no fundo do pátio; seu mundo eram os salões, a biblioteca com prateleiras de mogno polido e sua coleção de gravuras de caça, a sala de bilhar com sua mesa ostentadamente entalhada, seu aposento mobiliado com simplicidade espartana e o pequeno quarto de adobes italianos destinados ao asseio pessoal, onde algum dia pensava instalar um sanitário moderno, como os que eram anunciados nos catálogos de Nova York, pois havia lido que o sistema de urinóis e coleta de excrementos humanos em baldes para serem usados como fertilizantes era uma fonte de epidemias. Teve de esperar que seus olhos se adaptassem à penumbra, enquanto aspirava, tonteando, um cheiro misto de medicamentos e persistente fragrância de baunilha. Mal podia vislumbrar Rose, sofrida e consumida, deitada de costas na cama sem almofada, braços cruzados no peito, como se estivesse ensaiando a própria morte. Ao seu lado, Eliza espremia um pano embebido em chá-verde a fim de aplicar-lhe sobre os olhos.

— Deixe-nos a sós, menina — disse Jeremy Sommers, sentando-se em uma cadeira junto à cama.

Eliza fez uma discreta vênha e saiu, mas conhecia de sobra os pontos fracos da casa, e com a orelha pregada no delgado tabique divisório pôde ouvir a conversa, que depois repetiu a Mama Frésia e anotou em seu diário.

— Está bem, Rose. Não podemos continuar em guerra. Façamos um acordo. O que você quer? — perguntou Jeremy, vencido de antemão.

— Nada, Jeremy... — suspirou ela, com uma voz quase inaudível.

— Jamais aceitarão Eliza no colégio de Madame Colbert. Para lá, só vão as meninas de classe alta e lares bem-constituídos. Todo mundo sabe que Eliza é adotada.

— Eu farei com que a aceitem! — exclamou ela, com uma paixão inesperada em alguém que agonizava.

— Escute, Rose, Eliza não necessita de mais educação. O que deve

fazer agora é aprender um ofício para ganhar a vida. O que será dela quando você e eu não estivermos mais aqui para protegê-la?

— Se tiver uma boa educação, se casará bem — disse Rose, atirando fora a compressa de chá-verde e erguendo-se na cama.

— Eliza não é precisamente uma beldade, Rose.

— Você ainda não olhou bem para ela, Jeremy. Cada dia está melhor, e será bonita, garanto. Vão sobrar pretendentes!

— Órfã e sem dote?

— Ela terá dote — respondeu Miss Rose, saindo desorientada da cama e, desganhada e descalça, ensaiando uns curtos passos de cega.

— Mas como? Nunca havíamos tocado nesse assunto...

— É que o momento ainda não havia chegado, Jeremy. Uma jovem candidata ao casamento necessita de joias, de um enxoval com roupas para vários anos e tudo que for indispensável em sua casa, além de uma boa soma, para que o casal possa iniciar algum negócio.

— E posso saber qual será a contribuição do noivo?

— A casa, além da obrigação de manter a mulher pelo resto dos seus dias. De qualquer maneira, ainda faltam vários anos para que Eliza esteja em idade de casar-se, quando então deverá ter seu dote. John e eu nos encarregaremos disso, não pediremos nem um centavo a você, mas agora não vale perder tempo falando dessas coisas. Você deve considerar Eliza como sua filha.

— Mas não é, Rose.

— Então passe a tratá-la como se fosse minha filha. Concorde pelo menos nesse ponto?

— Sim, concordo — cedeu Jeremy Sommers.

As compressas de chá foram milagrosas. A doente melhorou rapidamente e, quarenta e oito horas depois, havia recuperado a vista e se mostrava radiante. Dedicou-se ao irmão com uma solicitude encantadora; nunca fora tão doce e tão risonha com ele. A casa retomou seu ritmo normal e, da cozinha, voltaram a sair para a sala de jantar os deliciosos pratos chilenos de Mama Frésia, os pães aromáticos amassados por Eliza e os finos pastéis que tanto haviam contribuído para que os Sommers adquirissem a fama de bons anfitriões. A partir daquele momento, Miss Rose modificou drasticamente sua conduta errática para com Eliza, e esmerou-se, com uma dedicação maternal nunca antes demonstrada, em prepará-la para o colégio, ao mesmo tempo que iniciava um irresistível assédio a Madame Colbert. Havia decidido que Eliza estudaria, teria dote e uma reputação de mulher bonita, mesmo que não o fosse, pois beleza, no seu entender, era uma questão de estilo. E garantia: qualquer mulher que se comportasse com a altaneira segurança de uma beldade acabaria por deixar todo mundo convencido de sua beleza. O primeiro passo para emancipar Eliza seria um bom casamento, já que a garota

não contava com um irmão mais velho para lhe servir de anteparo, como era o seu próprio caso. Ela mesma não considerava vantajoso casar-se, pois uma esposa era propriedade do marido, com menos direitos do que um criado ou uma criança; mas, por outro lado, a mulher sozinha e sem fortuna estava sujeita aos piores abusos. Uma casada, desde que fosse astuciosa, podia pelo menos manejar o marido, e, com um pouco de sorte, enviuvava cedo...

— Eliza, eu daria com satisfação metade da minha vida para ter tanta liberdade quanto um homem. Mas somos mulheres e estamos perdidas. Não podemos fazer nada além de tirar vantagem do pouco que temos.

Podia ter contado que, na única vez que tentara voar com suas próprias asas, tinha batido de cara contra a realidade, mas não queria plantar ideias subversivas na mente da menina. Estava decidida a garantir-lhe um destino melhor do que o seu e, para isso, iria treiná-la nas artes de dissimular, manipular e fazer artimanhas, pois estava certa de que essas coisas eram mais úteis do que a ingenuidade. Encerrava-se com Eliza três horas pela manhã e outras três durante a tarde, para fazê-la estudar os textos escolares importados da Inglaterra; chamou um professor para intensificar o ensino do francês, visto que nenhuma garota bem-educada podia ignorar essa língua. No restante do tempo, supervisionava pessoalmente cada ponto que Eliza dava no preparo de seu enxoval, lençóis, toalhas, jogos de mesa e roupa íntima primorosamente bordada, que, em seguida, eram guardados em baús, envoltos em linho e perfumados com lavanda. A cada três meses, os baús eram esvaziados e as peças expostas ao sol, para evitar os estragos que a umidade e as traças poderiam causar durante os anos de espera pelo casamento. Comprou um cofre para as joias do dote e atribuiu ao seu irmão John a tarefa de enchê-lo com os presentes que costumava trazer de cada viagem. Assim, foram se acumulando safiras da Índia, esmeraldas e ametistas do Brasil, colares e pulseiras de ouro veneziano, e até um pequeno prendedor de diamantes. Jeremy Sommers não tomou conhecimento desses detalhes e permaneceu sem saber de que maneira os irmãos financiavam tais extravagâncias.

As aulas de piano — agora a cargo de um professor recém-chegado da Bélgica, que usava uma palmatória para bater nos dedos preguiçosos de seus alunos — tornaram-se um martírio diário para Eliza. Também frequentava uma academia de dança de salão, e, por sugestão de seu professor, Miss Rose obrigava-a a caminhar durante horas equilibrando um livro na cabeça, a fim de crescer com o corpo bem ereto. Ela cumpria suas tarefas, fazia seus exercícios de piano e caminhava reta como uma vela, mesmo quando não carregava o livro na cabeça, mas à noite deslizava descalça para o pátio dos serventes e,

não raro, amanhecia dormindo em uma enxerga, abraçada a Mama Frésia.

Dois anos depois das inundações, a sorte mudou, e o país voltou a ter clima ameno, tranquilidade política e bem-estar econômico. Mas os chilenos se sentiam inquietos; estavam habituados às catástrofes naturais e tanta bonança podia ser a preparação de um cataclismo ainda maior. Nesse meio-tempo foram descobertas ricas jazidas de ouro e prata no norte do país. Na época da Conquista, quando os espanhóis percorriam a América em busca de metais e levavam tudo aquilo que encontravam, o Chile era considerado o cu do mundo, porque, comparando-se suas riquezas com as do restante do continente, tinha bem pouco a oferecer. Na marcha forçada pelo deserto lunar da Região Norte e pelas inumeráveis montanhas do país, o coração dos conquistadores acabara por esvaziar-se de sua cobiça e, se alguma coisa restara, os indômitos indígenas tinham se encarregado de convertê-la em arrependimento. Exaustos e pobres, os capitães maldiziam aquela terra em que só lhes restava fincar suas bandeiras e esperar pela morte, pois regressar sem glória seria pior. Trezentos anos mais tarde, aquelas minas que haviam se ocultado aos olhos dos ambiciosos soldados espanhóis e agora surgiam de repente, como por um golpe de mágica, eram um prêmio inesperado para seus descendentes. Assim, formaram-se novas fortunas, às quais se uniram outras, vindas da indústria e do comércio. A antiga aristocracia da terra, que sempre tivera a faca e o queijo na mão, sentiu-se ameaçada em seus privilégios, e, desse modo, o desprezo pelos novos ricos tornou-se um sinal de distinção.

Um desses ricos enamorou-se de Paulina, a primeira filha de Agustín del Valle. Tratava-se de Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, que, em poucos anos, havia prosperado graças a uma mina de ouro explorada em sociedade com o irmão. Pouco se sabia de suas origens, mas havia a suspeita de que seus antepassados eram judeus convertidos e de que seu nome de família, sonoro e cristão, fora adaptado para livrá-lo dos inquisidores, e isso era razão de sobra para ser repellido de cara pelos orgulhosos del Valle. Entre as cinco filhas de Agustín, Paulina era também a preferida de Jacob Todd, pelo fato de seu caráter atrevido e alegre lembrar-lhe Miss Rose. A jovem tinha um modo sincero de rir, completamente oposto ao de suas irmãs, que ocultavam o riso atrás dos leques e das mantilhas. Ao saber que o pai tencionava encerrá-la em um convento de clausura, para, desse modo, frustrar-lhe os amores, Jacob Todd pôs de lado a prudência e resolveu ajudá-la. Antes que a levassem, aproveitou um descuido da ama de Paulina e conseguiu estar com ela a sós o bastante para trocarem duas frases. Consciente de que não dispunha de tempo para explicações,

Paulina tirou do decote uma carta amassada e várias vezes dobrada, pedindo-lhe que a entregasse ao namorado. No dia seguinte, a jovem partiu, sequestrada pelo pai, que a arrastou a uma viagem de vários dias, pelos difíceis caminhos de Concepción, uma cidade do Sul, perto das reservas indígenas, onde as monjas cumpririam, à custa de orações e jejuns, a tarefa de devolver-lhe o juízo. Para evitar que ela tivesse a peregrina ideia de rebelar-se ou de escapar, o pai ordenou que lhe raspassem a cabeça. A mãe recolheu as tranças, envolveu-as em um pedaço de cambraia bordada e levou-as para dá-las de presente às beatas da Igreja Matriz, que as destinariam às perucas dos santos. Nesse meio-tempo, Todd não apenas entregou a carta, como também obteve com os irmãos da moça o dia exato de sua entrada no convento, e passou a data ao atribulado Feliciano Rodríguez de Santa Cruz. Grato, o pretendente tirou o relógio de bolso com sua corrente de ouro maciço e insistiu em oferecê-lo ao bendito mensageiro de seus amores, que se mostrou ofendido e recusou-se a recebê-lo.

— Não sei como pagar pelo que me fez — murmurou Feliciano, emocionado.

— Não há o que pagar.

Durante algum tempo, Jacob Todd nada soube acerca do infortunado par, mas dois meses depois a saborosa notícia da fuga da jovem era o prato favorito de qualquer reunião social, e o orgulhoso Agustín del Valle não podia impedir o acréscimo de detalhes pitorescos que o cobriam de ridículo. A versão que, meses mais tarde, Paulina relatou a Jacob Todd foi a de que, em uma tarde de junho, uma dessas tardes invernais de chuva fina e obscuridade antecipada, conseguira burlar a vigilância e fugira do convento em hábito de noviça, levando os candelabros de prata do altar-mor. Graças à informação de Jacob Todd, Feliciano Rodríguez de Santa Cruz deslocara-se para o Sul, e desde o início os dois se haviam mantido secretamente em contato, esperando a melhor oportunidade para o reencontro. Naquela tarde, ele a esperava a pouca distância do convento, e, ao vê-la, perdeu alguns segundos antes de reconhecer aquela noviça meio careca que se lançou em seus braços sem soltar os candelabros.

— Não me olhe assim, rapaz, o cabelo vai crescer — disse ela, dando-lhe um demorado beijo na boca.

Feliciano embarcou-a em um coche fechado e levou-a de volta a Valparaíso, onde a instalou temporariamente na casa de sua mãe viúva, o mais respeitável esconderijo que se poderia imaginar, com a intenção de proteger sua honra até quando fosse possível, embora não houvesse meio de evitar que o escândalo os manchasse. O primeiro impulso de Agustín foi o de desafiar para um duelo o sedutor de sua filha, mas, quando quis fazê-lo, soube que Feliciano tinha viajado a

negócios para Santiago. Lançou-se então à tarefa de encontrar Paulina, com a ajuda dos filhos e sobrinhos armados e decididos a vingar a honra da família, enquanto a mãe e as irmãs rezavam em coro o rosário pela filha desgarrada. O tio bispo, de quem partira a recomendação para entregar Paulina às monjas, tentou acalmar um pouco os ânimos, mas aqueles protomachos não estavam a fim de ouvir sermões de bom cristão. A viagem de Feliciano era parte da estratégia planejada com seu irmão e Jacob Todd. Foi discretamente à capital, enquanto os outros executavam o plano de ação em Valparaíso, publicando em um jornal liberal a notícia do desaparecimento da Senhorita Paulina del Valle, fato cuja divulgação a família vinha conseguindo impedir. E foi isso o que salvou a vida dos namorados.

Finalmente, Agustín del Valle convenceu-se de que haviam acabado os tempos em que podia desafiar a lei e que, em vez de um duplo assassinato, o melhor seria lavar a honra com uma cerimônia pública de casamento. As bases para essa paz forçada foram estabelecidas e, uma semana depois, quando tudo estava pronto, Feliciano regressou. Os fugitivos apresentaram-se na residência dos del Valle, acompanhados pelo irmão do noivo, um advogado e o bispo. Discreto, Jacob Todd manteve-se ausente. Paulina apareceu em um vestido muito simples, mas, ao tirar o manto, todos puderam ver que ela trazia na cabeça um desafiador diadema de rainha. Avançou conduzida pelo braço da futura sogra, que se dispunha a responder por sua virtude, mas não lhe deram oportunidade de tocar no assunto. Como a última coisa que a família desejava era outra notícia de jornal, Agustín del Valle viu-se forçado a receber a filha rebelde e seu indesejável pretendente. Fez isso rodeado pelos filhos e sobrinhos, na sala de jantar momentaneamente convertida em tribunal, enquanto as mulheres da família, encerradas no outro extremo da casa, iam conhecendo os detalhes por intermédio das criadas, que escutavam atrás das portas e corriam levando cada palavra captada. Disseram que a moça havia se apresentado com todos aqueles diamantes brilhando entre os cabelos cortados de sua cabeça de tinhosa, enfrentado o pai sem dar nenhuma mostra de modéstia ou temor e anunciando que ainda tinha consigo os candelabros, mas que de fato os havia retirado apenas para importunar as monjas. Agustín del Valle ergueu um chicote de açoitar cavalos, mas o noivo tomou a frente da moça para receber o castigo, e então o bispo, cansado, mas com o peso de sua autoridade intacto, interveio com o irrefutável argumento de que não poderia haver casamento público, para calar os boatos, se os noivos aparecessem com a cara machucada.

— Pede para que nos sirvam uma taça de chocolate, Agustín, e sentemo-nos para conversar como gente educada — propôs o

dignitário da Igreja.

E assim fizeram. Ordenaram à filha e à viúva Rodríguez de Santa Cruz que esperassem lá fora, pois aquele era um negócio de homens, e, depois de consumir várias jarras do espumoso chocolate, chegaram a um acordo. Redigiram um documento segundo o qual os termos econômicos ficavam claros e a honra de ambas as partes a salvo, assinaram-no em presença do notário e planejaram ali mesmo os detalhes do casamento. Um mês depois, Jacob Todd marcou presença em uma festa inesquecível, em que a pródiga hospitalidade da família del Valle se superou; houve baile, canto e comilança até o dia seguinte, e os convidados foram embora comentando a formosura da noiva, a felicidade do noivo e a sorte dos sogros, que casavam sua filha com uma fortuna sólida, embora recente. Os esposos partiram imediatamente para o Norte do país.

Má reputação

Jacob Todd lamentou a partida de Feliciano e Paulina, tendo feito boa amizade com o milionário das minas e sua cintilante esposa. Sentia-se tão à vontade entre os jovens empresários quanto deslocado começava a sentir-se entre os membros do Clube da União. Como ele, os novos industriais estavam imbuídos de ideias europeias, eram modernos e liberais, ao contrário da velha oligarquia latifundiária, que permanecia meio século atrasada. Ainda tinha cento e setenta bíblias guardadas embaixo da cama, das quais já se esquecera, até por fazer tempo que havia perdido sua aposta. Dominava a língua espanhola o suficiente para se comunicar sem ajuda e, apesar de não ser correspondido, continuava enamorado de Rose Sommers, dois bons motivos para não ir embora do Chile. Para ele, as constantes zombarias da jovem se haviam convertido em uma espécie de hábito agradável, e não chegavam mais a humilhá-lo. Aprendeu a recebê-las com ironia e devolvê-las sem malícia, como um jogo cujas misteriosas regras só eles conheciam. Fez amizade com alguns intelectuais e varava noites conversando sobre os filósofos franceses e alemães, como também sobre os descobrimentos científicos que abriam novos horizontes ao conhecimento humano. Dispunha de muitas horas para pensar, ler e discutir. Aos poucos, fora decantando ideias que anotava em um grosso caderno maltratado pelo uso, e gastava boa parte do dinheiro de sua pensão com livros encomendados a Londres ou comprados na Livraria Santos Tornero, no bairro de El Almendral, onde também moravam os franceses e estava situado o maior bordel de Valparaíso. A livraria era ponto de encontro dos intelectuais e aspirantes a escritores. Todd costumava ler durante dias inteiros; depois passava os livros aos seus amigos, que os traduziam com dificuldade e os publicavam sob a forma de modestos folhetos que circulavam de mão em mão.

No grupo dos intelectuais, o mais jovem era Joaquín Andieta, que, embora tivesse apenas dezoito anos, compensava sua falta de experiência com uma natural vocação para a liderança. E,

considerando-se sua juventude e pobreza, a eletrizante personalidade de Andieta parecia ainda mais notável. Joaquín não era homem de muitas palavras, mas de ação, um dos poucos com clareza e valor suficientes para transformar as ideias dos livros em impulso revolucionário; os outros preferiam discuti-las interminavelmente ao redor de uma garrafa, no café da livraria. Desde o início, Todd percebeu naquele jovem algo inquietante e patético que o atraía. Havia notado sua pasta abarrotada e o tecido gasto de suas roupas, transparente e quebradiço como casca de cebola. Para ocultar os buracos nas solas dos sapatos, não cruzava a perna ao sentar-se; também não tirava o casaco, porque, Todd imaginava, sua camisa devia estar repleta de cerzidos e remendos. Não tinha uma capa decente, mas no inverno era o primeiro a madrugar para distribuir panfletos e colar cartazes em que os trabalhadores eram chamados a rebelar-se contra os abusos dos patrões, os marinheiros contra os comandantes e as empresas de navegação, trabalho quase sempre inútil, já que os destinatários eram, na maioria, analfabetos. Suas proclamações em favor da justiça ficavam à mercê dos ventos e da indiferença humana.

Discretas indagações levaram Jacob Todd a descobrir que seu amigo estava empregado na Companhia Britânica de Importação e Exportação. Em troca de um salário miserável, cumpria uma jornada desgastante, em que fazia o registro das mercadorias que chegavam pelo porto. E ainda se exigia que ele trouxesse o colarinho engomado e os sapatos brilhando de graxa. Sua vida transcorria em uma sala mal ventilada e mal iluminada, onde as escrivatinhas se alinhavam umas atrás das outras até o infinito e onde se empilhavam papéis e empoeirados livros de contabilidade, que durante anos e anos não eram consultados. Todd perguntou por ele a Jeremy Sommers, mas o inglês não foi capaz de ligar o nome à pessoa; devia vê-lo todos os dias, admitiu, mas não mantinha relações pessoais com seus empregados e eram poucos os que ele podia identificar pelo nome. Por outros canais, soube que Andieta vivia com a mãe, mas, acerca do pai, nada conseguiu saber; imaginou que o pai fosse algum marinheiro de passagem e a mãe, uma daquelas infelizes mulheres que não cabiam em nenhuma categoria social, talvez bastarda, repudiada pela família. Joaquín Andieta tinha feições andaluzas e a graça viril de um jovem toureiro; tudo nele sugeria firmeza, elasticidade, controle; seus movimentos eram precisos, seu olhar, intenso, e seu orgulho, comovente. Aos ideais utópicos de Todd, opunha um pétreo sentido de realidade. Todd pregava a criação de uma sociedade comunitária, sem sacerdotes nem policiais, democraticamente governada em obediência a uma lei moral única e inapelável.

— O senhor vive no mundo da lua, Mr. Todd — interrompia-o

Joaquín Andieta. — Temos muito a fazer, não vale a pena perder tempo discutindo fantasias.

— Mas, se não começarmos imaginando a sociedade perfeita, como iremos criá-la? — replicava o outro, agitando o caderno, cada vez mais volumoso, no qual havia reunido planos de cidades ideais, em que cada habitante produzia seu próprio alimento e as crianças cresciam felizes e sadias, cuidadas pela comunidade, pois, não existindo propriedade privada, não se podia reclamar a posse dos filhos.

— Temos de melhorar as condições desastrosas em que vivemos aqui. A primeira coisa a fazer é organizar os trabalhadores, os pobres e os índios, dar terra aos camponeses e tirar o poder dos padres. É necessário mudar a Constituição, Mr. Todd. Aqui só votam os proprietários. Quer dizer, os ricos governam. Os pobres não contam.

No início, Jacob Todd ficava imaginando complicados caminhos para ajudar seu amigo, mas logo teve de desistir, pois ele se ofendia com suas iniciativas. Confiava-lhe alguns trabalhos como pretexto para remunerá-lo, mas, depois de realizá-los com esmero, Andieta recusava-se a aceitar qualquer forma de pagamento. Se Todd lhe oferecia cigarros, um copo de conhaque ou seu guarda-chuva em uma noite de tempestade, Andieta reagia com gélida arrogância, deixando o outro confuso e ofendido. O rapaz nunca falava de sua vida privada ou de seu passado, mas dava a impressão de encarnar-se durante algumas horas, apenas para tomar parte em uma conversa revolucionária ou em alguma daquelas entusiásticas leituras que tinham lugar na livraria, e, terminada a reunião, virar fumaça novamente. Não dispunha de dinheiro para acompanhar os outros à taverna e não aceitava convite que não pudesse retribuir.

Uma noite, não podendo mais conviver com as dúvidas, Todd seguiu o amigo pelo labirinto de ruas da cidade, que lhe permitia ocultar-se nas sombras dos portais e nas curvas daquelas absurdas ruelas, que, segundo diziam, eram tortuosas com o propósito de impedir que o diabo passeasse por elas. Viu Joaquín Andieta arregaçar as calças, tirar os sapatos, envolvê-los em uma folha de jornal e guardá-los cuidadosamente em sua desgastada pasta, de onde tirou umas alpercatas de camponês para calçar-se. Naquela hora tardia, só circulavam por ali umas poucas almas perdidas e uns gatos vagabundos que remexiam o lixo. Sentindo-se como um ladrão, Todd avançou pela rua escura, quase pisando os calcanhares do amigo, quase escutando sua respiração agitada e o roçar de suas mãos, que ele esfregava sem parar, a fim de defender-se das gélidas agulhadas do vento. Seus passos levaram-no a um cortiço, ao qual se chegava por um daqueles becos estreitos e bem típicos da cidade. Bateu-lhe de cara o fedor de urina e excremento; estava em um dos bairros pelos quais

raramente passavam os funcionários da limpeza com seus ganchos de desentupir valas. Entendeu por que Andieta tinha a precaução de tirar os sapatos, os únicos de que dispunha: não conseguia saber em que pisava, seus pés afundavam em um caldo pestilento. Na noite sem lua, uma escassa luz filtrava-se por entre os desconjuntados postigos das janelas, muitas sem vidro, tapadas com sarrafos de madeira ou papelão. Pelas frinchas, era possível espreitar o interior de cômodos miseráveis, iluminados por velas. A suave neblina dava à cena um toque de irrealidade. Viu Joaquín Andieta acender um fósforo, protegê-lo do vento com o corpo, tirar uma chave do bolso e abrir uma porta à luz trêmula da chama. É você, meu filho? Ouvia nitidamente; era uma voz feminina, mais clara e mais jovem do que havia esperado. Em seguida, a porta foi fechada. Todd permaneceu muito tempo no escuro, observando o casebre, sentindo um imenso desejo de bater à porta, desejo que não era apenas curiosidade, mas um enorme afeto pelo amigo. Droga, estou virando um idiota, resmungou finalmente. Deu meia-volta e se dirigiu ao Clube da União, a fim de tomar um trago e ler os jornais, mas antes de chegar lá mudou de ideia, sentindo-se incapaz de enfrentar o contraste entre a pobreza que acabava de deixar para trás e aqueles salões com seus sofás de couro e suas luminárias de cristal. Voltou para seu quarto, abrasado pelo fogo da compaixão, muito semelhante àquela febre que quase o havia matado em sua primeira semana no Chile.

Assim estavam as coisas no final de 1845, quando a marinha mercante da Grã-Bretanha decidiu nomear um capelão para atender às necessidades espirituais dos protestantes de Valparaíso. O homem chegou disposto a desafiar os católicos, construir um sólido templo anglicano e dar novos brios à sua congregação. Seu primeiro ato oficial foi examinar as contas do projeto missionário na Terra do Fogo, cujos resultados não eram vistos em lugar nenhum. Jacob Todd conseguiu que Agustín del Valle o convidasse para uma temporada no campo, com a finalidade de dar ao novo capelão um tempo para baixar a poeira, mas, quando voltou, duas semanas mais tarde, comprovou que o pastor não tinha esquecido o assunto. Durante algum tempo, Todd encontrou novos pretextos para evitá-lo, mas finalmente teve de enfrentar um auditor e, em seguida, uma comissão da Igreja Anglicana. Atrapalhou-se nas explicações, que foram se tornando mais fantasiosas à medida que os números iam revelando com meridiana clareza, a existência de um desfalque. Devolveu o que restava na conta, mas a sua reputação sofreu um baque irremediável. Terminaram para ele as tertúlias das quartas-feiras na residência dos Sommers, e não recebeu mais nenhum convite da parte da colônia estrangeira; na rua o evitavam, e os que mantinham negócios com ele

trataram de encerrá-los. A notícia da fraude chegou aos seus amigos chilenos, dos quais veio a sugestão, discreta porém firme, de não mais aparecer no Clube da União, sob pena de passar pela vergonha de ser expulso. Não o aceitaram mais nas partidas de críquete nem no bar do Hotel Inglês, foi rapidamente isolado e até os amigos liberais lhe voltaram as costas. Toda a família del Valle deixou de saudá-lo, à exceção de Paulina, com quem Todd mantinha uma esporádica relação epistolar.

Paulina tinha se mudado para o Norte, onde dera à luz seu primeiro filho, e nas cartas que escrevia se mostrava satisfeita com a vida de casada. Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, que, segundo se dizia, estava cada vez mais rico, havia se revelado um marido fora de série. Estava convencido de que a audácia demonstrada por Paulina ao fugir do convento e dobrar sua família para casar-se com ele não devia ser diluída nas tarefas domésticas, mas aproveitada em benefício dos dois. Educada à maneira tradicional, sua mulher mal sabia ler ou fazer uma conta de somar, mas havia desenvolvido verdadeira paixão pelos negócios. No início, Feliciano estranhou seu interesse por certos detalhes do processo de escavação e transporte dos minerais, bem como pelo vaivém da Bolsa de Comércio, mas logo aprendeu a respeitar a descomunal intuição de sua mulher. Graças aos seus conselhos, aos sete meses de casado, obteve grandes lucros especulando com açúcar. Em sinal de gratidão, presenteou-a com um serviço de chá em prata lavrada no Peru, com um peso de nada menos do que dezenove quilos. Paulina, que mal podia se mover devido ao peso do primeiro filho na barriga, recusou o presente sem ao menos levantar a vista das botinhas de lã que estava tricotando.

— Prefiro que você abra para mim uma conta nominal em um banco de Londres, e deposite nela vinte por cento dos lucros que daqui por diante obtiver com a minha ajuda.

— Mas para quê? Não dou tudo que você deseja e muito mais? — perguntou Feliciano, ofendido.

— A vida é longa e cheia de surpresas. Não quero ser uma viúva pobre, e menos ainda com filhos — explicou ela, passando a mão na barriga.

Feliciano saiu batendo a porta, mas o seu inato senso de justiça foi mais forte do que o seu mau humor de marido desafiado. Além do mais, concluiu, aqueles vinte por cento seriam um poderoso incentivo a Paulina. Embora nunca tivesse ouvido falar de mulher casada com seu próprio dinheiro, fez o que ela havia pedido. Mas, se uma esposa não podia viajar só, assinar documentos legais, recorrer à justiça, vender ou comprar alguma coisa sem autorização do marido, era claro que também não podia ter uma conta bancária e usá-la como bem quisesse. Seria difícil explicar sua decisão ao banco e aos seus próprios

sócios.

— Vá ao Norte conosco, o futuro está nas minas, e ali você pode começar de novo — sugeriu Paulina a Jacob Todd, depois de inteirar-se, em uma de suas breves visitas a Valparaíso, de que o amigo havia caído em desgraça.

— O que eu poderia fazer ali, minha amiga? — murmurou o outro.

— Vender suas bíblias — brincou Paulina, mas de repente sentiu-se comovida pela abismal tristeza do outro, e lhe ofereceu casa, amizade e trabalho nas empresas do marido.

Mas Todd sentia-se de tal maneira desanimado com a má sorte e a vergonha pública que não teve forças para começar uma nova aventura no Norte. A curiosidade e a inquietação, que antes o impeliavam, tinham dado lugar à obsessão de recuperar o bom nome perdido.

— Não vê que estou derrotado, senhora? Um homem sem honra é um homem morto.

— Os tempos mudaram — Paulina o consolou. — Antes, a honra manchada de uma mulher só se lavava com sangue. Mas, como o senhor sabe, Mr. Todd, a minha foi lavada com uma jarra de chocolate. A honra dos homens é muito mais resistente do que a nossa. Não se desespere.

Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, que não havia esquecido a intervenção de Todd nos tempos de seu complicado namoro com Paulina, quis lhe emprestar dinheiro para que devolvesse até o último centavo das missões, mas Todd resolveu que, entre dever a um amigo ou dever ao capelão protestante, preferia o último, pois, de qualquer maneira, sua reputação já estava destruída. Pouco depois teria de despedir-se dos gatos e das tortas, pois a viúva inglesa o expulsou da pensão com uma interminável fieira de censuras. A boa mulher havia duplicado seus esforços na cozinha para financiar a propagação da fé naquelas regiões de inverno imutável, nas quais um vento espectral uivava dia e noite, como dizia Jacob Todd, ébrio de eloquência. Ao saber do destino de suas economias nas mãos do falso missionário, foi tomada de justa cólera e o expulsou de casa. Com a ajuda de Joaquín Andieta, que saiu à procura de um novo alojamento para o amigo, pôde mudar-se para um quarto pequeno, mas com vista para o mar, em um dos bairros modestos da cidade. A casa pertencia a uma família chilena e não tinha as pretensões europeias da anterior; era uma construção antiga, paredes de adobe branqueado a cal e teto de telhas vermelhas, composta de um saguão na entrada, um quarto grande mas quase desprovido de mobília, que servia de sala de estar, sala de jantar e dormitório dos pais, além de um quarto menor, no qual dormiam os filhos, e outro nos fundos, que alugavam. O proprietário trabalhava como mestre-escola, e sua mulher contribuía para o orçamento

doméstico com a venda de velas produzidas artesanalmente na cozinha. O cheiro de vela impregnava a casa. Todd sentia o cheiro adocicado em seus livros, sua roupa, seu cabelo e até em sua alma; de tal maneira ele se havia grudado em sua pele, que, muitos anos mais tarde, do outro lado do mundo, continuaria cheirando a vela. Frequentava apenas os bairros populares da cidade, onde ninguém se importava com a reputação boa ou má de um gringo de cabelos ruivos. Comia nas tascas dos pobres e passava dias inteiros entre os pescadores, ocupando-se com as redes e os botes. O exercício físico lhe fazia bem, permitindo-lhe que, durante algumas horas, esquecesse o orgulho ferido. Só Joaquín Andieta continuava a visitá-lo. Os dois se isolavam para discutir política e trocar textos de filósofos franceses, enquanto, do outro lado da porta, tagarelavam os filhos do mestre-escola, e a cera das velas fluía como ouro derretido. Joaquín Andieta jamais se referiu ao dinheiro das missões, embora não pudesse ignorá-lo, já que o escândalo fora comentado abertamente por várias semanas. Quando Todd quis lhe explicar que jamais tivera a intenção de burlar e tudo resultara de sua incapacidade para lidar com números, sua proverbial desordem e sua sorte adversa, Joaquín Andieta levou um dedo aos lábios, repetindo o gesto universal de calar. Em um impulso de vergonha e afeto, Jacob Todd o abraçou desajeitadamente e o outro correspondeu por um instante, mas, em seguida, se afastou com rapidez, corado até as orelhas. Os dois retrocederam ao mesmo tempo, aturdidos, sem compreender por que tinham violado a regra elementar de conduta que proíbe o contato entre os homens, exceto nas batalhas ou nos esportes brutais. Nos meses seguintes, o inglês começou a perder o rumo, descuidou-se da aparência, andava para cima e para baixo com uma barba de vários dias, cheirando a velas e bebida. Quando se excedia com a genebra, punha-se a deblaterar como um obcecado, sem pausa para respirar, contra os governos, a família real inglesa, o sistema de privilégios de classe, que comparava ao de castas na Índia, a religião em geral e o cristianismo em particular.

— Tem de ir embora daqui, Mr. Todd, está perdendo o juízo — Joaquín Andieta atreveu-se a dizer-lhe certo dia, depois de tê-lo afastado de uma praça, quando já estava prestes a ser detido pela guarda.

Foi exatamente assim que o encontrou, discursando como um demente, o capitão John Sommers, que várias semanas antes havia atracado sua escuna em Valparaíso. Na passagem do Cabo Horn, seu navio fora muito açoitado pela tempestade, e agora tinha de submeter-se a grandes reparos. John Sommers havia passado um mês inteiro na casa dos irmãos Rose e Jeremy. Estava decidido a procurar trabalho em um moderno navio a vapor assim que voltasse à Inglaterra, pois

perdera a disposição de repetir a experiência do cativo na jaula familiar. Amava os seus, mas preferia tê-los a distância. Até então, havia resistido a pensar em vapores, por não conceber a aventura marítima sem o desafio das velas e das tempestades, que provavam a qualidade de um comandante, mas agora tinha finalmente de admitir que o futuro estava nas novas embarcações, maiores, mais rápidas e mais seguras. Quando notou que começava a perder fios de cabelo, culpou naturalmente a vida sedentária. Em pouco tempo, sentiu o tédio pesar-lhe como uma armadura, e então passou a fugir de casa e flunar pela cidade com a impaciência de uma fera aprisionada. Ao reconhecer o capitão, Jacob Todd baixou a aba do chapéu e fingiu não vê-lo, tentando, desse modo, escapar de uma nova humilhação, mas o marinheiro o agarrou firmemente e o saudou com afetuosas palmadas nas costas.

— Vamos tomar uns tragos, meu amigo! — E o arrastou para um bar nas proximidades.

Era um daqueles lugares da cidade conhecido entre os clientes pelo fato de servir uma bebida honesta e também oferecer um prato único, mas já famoso: congro frito com batatas e salada de cebola crua. Todd, que, com frequência, esquecia-se de comer e andava sempre curto de dinheiro, sentiu o aroma delicioso da comida e pensou que ia desmaiar. Uma onda de gratidão e prazer umedeceu-lhe os olhos. Em um gesto de cortesia, John Sommers desviou a vista enquanto o outro devorava até a última migalha do prato.

— Nunca me pareceu uma boa ideia essa história de ser missionário entre os índios — disse justamente quando Todd começava a se indagar se o capitão já sabia do escândalo financeiro. — Aqueles coitados não merecem a desgraça de ser evangelizados. E agora, o que pensa em fazer?

— Devolvi tudo que restava na conta do banco, mas ainda devo uma boa soma.

— E não tem como pagar, não é?

— No momento, não, mas...

— Nem mas nem meio mas, ora essa! Você dava a esses bons cristãos um pretexto para se sentirem virtuosos, e agora lhes deu motivo para uma boa temporada de escândalo. Diversão barata para eles. Quando lhe perguntei o que está pensando em fazer, me referia ao seu futuro, e não às suas dívidas.

— Não tenho planos.

— Volte comigo para a Inglaterra. Aqui não há lugar para você. Quantos estrangeiros há nesta cidade? Quatro gatos-pingados e todos se conhecem. Acredite em mim, nunca o deixarão em paz. Na Inglaterra, ao contrário, a gente pode se perder na multidão.

Jacob Todd ficou a olhar o fundo de seu copo, com uma expressão

de tamanho desespero que levou o capitão a soltar uma gargalhada.

— Não me diga que só está neste lugar por causa de minha irmã, Rose!

Essa era a verdade. Para Todd, o repúdio geral teria sido algo mais suportável se Miss Rose houvesse demonstrado por ele um mínimo de lealdade ou compreensão; ela, no entanto, negara-se a recebê-lo e devolvera, sem abrir, as cartas com as quais tentava limpar o nome. Jamais soube que as cartas não haviam chegado às mãos da destinatária, porque Jeremy Sommers, violando o acordo de respeito mútuo com a irmã, havia decidido protegê-la de seu próprio bom coração e impedir que cometesse outra irreparável bobagem. John também não sabia, mas adivinhou as precauções de Jeremy e concluiu que certamente ele teria feito o mesmo em tais circunstâncias. A ideia de ver o patético vendedor de bíblias convertido em aspirante à mão de sua irmã parecia-lhe desastrosa: pelo menos dessa vez, estava de pleno acordo com Jeremy.

— Minhas intenções para com Rose foram assim tão evidentes? — Jacob Todd perguntou com surpresa.

— Digamos que não chegam a ser um mistério, meu amigo.

— Acho que não tenho a menor esperança de que ela algum dia me aceite...

— Acho o mesmo.

— Poderia me fazer um imenso favor, meu capitão? Gostaria que Miss Rose me recebesse pelo menos uma vez, eu poderia explicar...

— Não me peça para fazer o papel de alcoviteiro, Todd. Se Rose correspondesse aos seus sentimentos, você saberia. Garanto-lhe que minha irmã não é tímida. Repito, meu caro, só lhe resta sair desta maldita cidade; se ficar aqui, vai acabar como um mendigo. Meu navio parte dentro de três dias com destino a Hong Kong e, de lá, para a Inglaterra. Será uma travessia longa, mas você não passará mal por isso. O ar fresco e o trabalho duro são remédios infalíveis para a idiotice do amor. Isso lhe digo eu, que arranjo um amor em cada porto e recupero o juízo assim que volto para o mar.

— Não tenho dinheiro para a passagem.

— Então terá de trabalhar como tripulante e, no fim do dia, jogar cartas comigo. Se ainda não tiver esquecido as trapaças que sabia três anos atrás, quando eu trouxe você para o Chile, pode ter certeza de que, no fim da viagem, estarei sem um vintém.

Dias depois, Jacob Todd embarcou, muito mais pobre do que quando havia chegado. A única pessoa que o acompanhou até o cais foi Joaquín Andieta. O sombrio jovem havia pedido permissão para se ausentar do trabalho durante uma hora. Despediu-se de Jacob Todd com um firme aperto de mão.

— Ainda voltaremos a nos ver, meu amigo — disse o inglês.

— Não creio — replicou o chileno, que era dotado de uma clara intuição do destino.

Os pretendentes

Dois anos depois da partida de Jacob Todd, ocorreu a metamorfose definitiva de Eliza Sommers. Do inseto anguloso que fora na infância, transformou-se em uma jovem de contornos suaves e rosto delicado. Sob a tutela de Miss Rose, passou os ingratos anos da puberdade equilibrando um livro na cabeça e estudando piano, ao mesmo tempo que cultivava ervas chilenas no pequeno horto de Mama Frésia e aprendia antigas receitas para a cura de doenças conhecidas ou ainda por conhecer, entre as quais a mostarda, para a indiferença aos problemas cotidianos. A folha de hortênsia, para amadurecer os tumores; a violeta, para tornar a solidão suportável; e a verbena, que temperava a sopa de Miss Rose, porque essa nobre planta cura as repentinas erupções de mau humor. Miss Rose não conseguiu eliminar o interesse de sua protegida pela cozinha e, afinal, resignou-se a vê-la perder horas preciosas entre as negras panelas de Mama Frésia. Para ela, os conhecimentos culinários não passavam de um adorno na educação de uma jovem, capacitando-a a dar ordens aos serviçais, tal como ela fazia, mas daí a sujar-se com tachos e frigideiras havia uma grande distância. Uma dama não podia cheirar a alho e cebola, mas Eliza preferia a prática à teoria, e por isso recorria às amigas em busca de receitas que copiava em um caderno e tratava de melhorá-las em sua cozinha. Podia passar dias inteiros moendo condimentos e nozes para fazer tortas, ou milho para pastéis chilenos, limpando pombos para escabeche e frutas para conserva. Aos quatorze anos havia superado Miss Rose em sua tímida pastelaria e tinha aprendido todo o repertório de Mama Frésia; aos quinze, encarregava-se da mesa nas tertúlias das quartas e, quando os pratos chilenos deixaram de ser um desafio, voltou-se para a refinada cozinha francesa, que aprendeu com Madame Colbert, e para as exóticas especiarias indianas, que seu tio John costumava trazer e que ela identificava pelo cheiro, embora não soubesse como se chamavam. Cada vez que o cocheiro levava uma carta a algum amigo dos Sommers, o envelope ia acompanhado de uma das guloseimas saídas das mãos de Eliza, que havia elevado à

categoria de arte o costume local de trocar cozidos e sobremesas. Era tanta a sua dedicação que Jeremy Sommers chegou a imaginá-la dona de seu próprio salão de chá, projeto que, como todos os outros concebidos pelo irmão no caso da garota, Miss Rose descartou sem a menor consideração. Na sua opinião, mulher que ganhava a própria vida caía na escala social, por mais respeitável que fosse sua profissão. Em troca, ela sonhava com um bom marido para a sua protegida e havia estabelecido o prazo de dois anos para encontrá-lo no Chile, depois levaria Eliza para a Inglaterra, pois não podia correr o risco de vê-la completar vinte anos sem arranjar um noivo e ficar solteira. O candidato devia ser alguém capaz de ignorar sua origem obscura e entusiasmar-se com suas virtudes. Entre os chilenos, nem pensar, os aristocratas casavam-se com as primas e a classe média não lhe interessava, pois não queria ver Eliza penando por dinheiro. De vez em quando, tinha contato com empresários do comércio ou das minas, que faziam negócios com seu irmão Jeremy, mas esses andavam atrás dos sobrenomes e brasões da oligarquia. Era improvável que olhassem para Eliza, pois pouco em seu físico atearia paixões: era pequena e magra, faltavam-lhe a palidez leitosa e a opulência de bustos e cadeiras que andavam tão em moda. Era necessário um segundo olhar para descobrir sua beleza discreta, a graça de seus gestos e a expressão intensa de seus olhos; parecia uma boneca de porcelana, adquirida na China pelo capitão John Sommers. Miss Rose procurava um pretendente capaz de apreciar o claro discernimento de sua protegida, assim como a firmeza de caráter e a habilidade para reverter as situações em seu favor, aquilo que Mama Frésia chamava sorte e que ela preferia chamar inteligência; um homem de finanças equilibradas e bom caráter, em condições de oferecer-lhe segurança e respeito, mas a quem Eliza pudesse manejar com desenvoltura. Pretendia ensinar-lhe, no devido tempo, a disciplina sutil das atenções cotidianas, que alimentam no homem o hábito da vida doméstica; o sistema de carícias atrevidas destinado a premiá-lo, e o de silêncio, a fim de castigá-lo; os segredos para roubar-lhe a vontade, coisa que ela própria não tivera oportunidade de praticar, e também a arte milenar do amor físico. Jamais se atrevera a falar disso à garota, mas contava com a ajuda de vários livros que mantinha prisioneiros da chave dupla de seu armário, e que lhe emprestaria quando chegasse a hora. Segundo sua teoria, tudo se pode dizer por escrito e, em matéria de teoria, ninguém lhe tomava a dianteira. Miss Rose podia falar de cátedra sobre todas as formas possíveis e impossíveis de fazer amor.

— Quero que você adote Eliza legalmente, para que tenha o nosso sobrenome — exigiu do irmão Jeremy.

— Já o vem usando há anos, o que você ainda quer, Rose?

— Que possa casar-se de cabeça erguida.

— Casar-se com quem?

Miss Rose não disse naquela ocasião, mas já estava com uma pessoa em mente. Tratava-se de Michael Steward, de vinte e oito anos, oficial da frota britânica baseada em Valparaíso. Com a ajuda de seu irmão John, soubera que o marinheiro pertencia a uma família tradicional. Não veriam com bons olhos o primogênito e herdeiro único casado com uma desconhecida sem fortuna, proveniente de um país cujo nome jamais tinham ouvido falar. Era indispensável que Eliza contasse com um dote atraente e que Jeremy a adotasse, de modo que pelo menos a questão de sua origem não causasse empecilho ao casamento.

Michael Steward tinha porte atlético e olhar inocente de pupilas azuis, suíças e bigode ruivo, dentes em bom estado e nariz aristocrático. O queixo fugidio roubava-lhe um pouco da elegância, e Miss Rose esperava ganhar sua confiança para, então, sugerir-lhe que o dissimulasse deixando crescer a barba. Segundo o capitão Sommers, o jovem era um exemplo de solidez moral, e sua impecável folha de serviço garantia-lhe uma brilhante carreira na marinha. Aos olhos de Miss Rose, o fato de passar tanto tempo embarcado seria uma vantagem para quem se casasse com ele. Quanto mais pensava nele, mais se convencia de ter descoberto o homem ideal, mas, dado o caráter de Eliza, sabia que esta não o aceitaria por mera conveniência, queria apaixonar-se por ele. Havia esperança: o homem parecia garboso em seu uniforme e, até aquele momento, ninguém pusera os olhos nele.

— Steward não passa de um tolo bem-educado. Eliza morreria de aborrecimento se casasse com ele — opinou o capitão John Sommers quando a irmã contou-lhe seus planos.

— Todos os maridos aborrecem, John. Qualquer mulher capaz de enxergar dois dedos diante do nariz não se casa para que a entretenham, mas para que a mantenham.

Embora continuasse com aparência de menina, Eliza havia concluído sua educação e logo estaria em idade de casar-se. Ainda nos resta algum tempo, Miss Rose concluiu, mas tinha de agir com firmeza, para impedir que outra mais esperta passasse a mão no candidato. Uma vez tomada a decisão, entregou-se à tarefa de atrair o oficial, usando todos os pretextos que foi capaz de imaginar. Programou as tertúlias musicais de modo a fazê-las coincidir com as ocasiões em que Michael Steward estivesse em terra, sem consideração para com os demais participantes, que, por anos e anos, tinham reservado as quartas-feiras para aquela sagrada atividade. Ofendidos, alguns deixaram de frequentá-las. Era justamente isso que ela pretendia, pois desse modo podia transformar suas agradáveis noites musicais em alegres saraus e renovar a lista de convidados com jovens solteiros e senhoritas

casadouras da colônia estrangeira, no lugar dos aborrecidos Ebeling, Scott e Appelgren, que estavam se fossilizando. Os recitais de poesia e canto deram lugar a jogos de salão, bailes informais, brincadeiras e adivinhas. Organizava complicados almoços campestres e passeios pela praia. Saíam em coches, precedidos ao amanhecer por pesadas carretas com piso de couro e toldo de palha, nas quais iam os serventes encarregados de instalar os numerosos cestos das merendas embaixo de barracas e guarda-sóis. Diante deles, estendiam-se vales férteis onde cresciam árvores frutíferas, vinhedos, campos de trigo e milho, costas abruptas nas quais o Pacífico rebentava em nuvens de espuma, e ao longe o perfil da cordilheira nevada. De algum modo, Miss Rose dava um jeito para que Eliza e Steward viajassem no mesmo carro, se sentassem juntos e fossem parceiros naturais nas brincadeiras de bola e pantomima, mas, no caso de cartas e dominó, procurava separá-los, porque Eliza se negava terminantemente a permitir que o outro ganhasse.

— Você deve deixar que o homem se sinta superior, menina — Miss Rose explicava-lhe pacientemente.

— Dá muito trabalho — replicava Eliza, irredutível.

Jeremy Sommers não conseguiu deter a maré de gastos de sua irmã. Miss Rose comprava tecidos em grande quantidade e mantinha duas moças permanentemente ocupadas com a costura de vestidos copiados das revistas. Endividava-se irrefletidamente com marinheiros contrabandistas, para que não lhes faltassem perfumes, ruge da Turquia, beladona e *khol* para o mistério dos olhos, além de creme de pérolas vivas para clarear a pele. Pela primeira vez não dispunha de tempo para escrever, pois estava sempre ocupada em dar atenção ao oficial inglês, o que incluía a oferta de biscoitos e conservas para consumo em alto-mar, tudo feito em casa e acondicionado em preciosos recipientes de vidro.

— Eliza preparou isto para o senhor, mas é tímida demais para lhe entregar pessoalmente — dizia Miss Rose, sem explicar que Eliza cozinhava tudo que lhe pedissem, sem perguntar a quem se destinava, e por isso ficava surpresa quando ele lhe agradecia.

Michael Steward não reagiu com indiferença àquela campanha de sedução. Parco de palavras, manifestava seu agradecimento em cartas breves e formais, em papel com timbre da marinha, e quando estava em terra costumava apresentar-se levando um ramalhete. Havia estudado a linguagem das flores, mas esse tipo de delicadeza caía no vazio, pois nem Miss Rose, nem ninguém mais naquele mundo, tão distante da Inglaterra, jamais tinha ouvido falar da diferença entre uma rosa e um cravo, tampouco tinha ideia do que significava a cor de um laço de fita. Perderam-se, assim, os esforços de Steward para encontrar e oferecer, como indício de sua crescente paixão, flores que

subissem gradualmente de tonalidade, do rosa-pálido ao vermelho mais flamejante, passando por todas as variedades do encarnado. Com o tempo, o oficial acabou por superar sua timidez, e do silêncio penoso, que o caracterizara inicialmente, passou a uma loquacidade incômoda para os ouvintes. Expunha euforicamente suas opiniões morais sobre ninharias, e estava sempre se perdendo em inúteis explicações sobre correntes marinhas e cartas de navegação. Onde realmente brilhava era nos esportes pesados, que evidenciavam seu arrojo e sua boa musculatura. Miss Rose o provocava para que fizesse manifestações acrobáticas segurando-se no galho de uma árvore do jardim e, insistindo um pouco mais, conseguia que ele as divertisse com os sapateios, flexões e saltos mortais de uma dança ucraniana aprendida com outro marinheiro. Miss Rose aplaudia tudo, com exagerado entusiasmo; de sua parte, Eliza observava calada e séria, sem dar opinião. Assim, por muitas semanas, Michael Steward pesou e mediu as consequências do passo que pretendia dar, e por carta discutiu seus planos com o pai. Os inevitáveis atrasos do correio prolongaram a incerteza por meses e meses. Aquela seria a mais grave decisão de sua existência, e necessitava de muito mais coragem para enfrentá-la do que para combater os potenciais inimigos do Império Britânico no Pacífico. Finalmente, em uma das tertúlias musicais, depois de uma centena de ensaios diante do espelho, encheu-se de rara coragem, deteve Miss Rose, que passava por ele, e disse com uma voz aflautada pelo medo:

— Preciso lhe falar reservadamente — murmurou.

Ela o conduziu à saleta de costura. Tinha pressentimento daquilo que ia ouvir e surpreendeu-se com a própria emoção, sentindo o rosto incendiar-se e o coração disparar. Ajeitou um cacho que se soltava do penteado e enxugou discretamente o suor da testa. Michael Steward pensou que nunca a vira tão bonita.

— Creio que já adivinhou o que tenho para lhe dizer, Miss Rose.

— Adivinhar é perigoso, Mr. Steward. Sou toda ouvidos...

— Quero lhe falar dos meus sentimentos. A senhorita sabe muito bem a que estou me referindo. Gostaria de dizer que as minhas intenções são da mais impecável seriedade.

— Não espero menos de uma pessoa como o senhor. Acha que é correspondido?

— Só a senhorita pode responder — gaguejou o jovem oficial.

Ficaram a olhar-se, ela com as sobranceiras levantadas em um gesto de expectativa e ele temendo que o teto desabasse em sua cabeça. Decidido a agir antes que a magia do momento se convertesse em cinza, o galã tomou-a pelos ombros e se inclinou para beijá-la. Gelada de surpresa, Miss Rose não moveu um músculo. Sentiu os lábios úmidos e o suave bigode do oficial em sua boca, sem conseguir

entender o que havia feito de errado, e, quando finalmente pôde reagir, afastou-o com violência.

— O que é isso?! Não vê que tenho muitos anos mais do que o senhor? — exclamou, enxugando a boca com as costas da mão.

— A idade não importa — balbuciou o oficial desconcertado, pois de fato havia calculado que Miss Rose não tinha mais de vinte e sete anos.

— Que atrevimento! Perdeu o juízo?

— Mas a senhorita... a senhorita tinha dado a entender... não posso estar tão equivocado! — murmurou o pobre homem, tomado pela vergonha.

— Eu quero o senhor para Eliza, não para mim! — exclamou Miss Rose, dominada pelo espanto e desatando a correr para trancar-se em seu quarto, enquanto o infeliz pretendente pedia a capa e o gorro, e ia embora sem despedir-se de ninguém, para nunca mais voltar àquela casa.

Escondida no corredor, Eliza tinha ouvido tudo, pois a porta da saleta de costura ficara entreaberta. Ela também se enganara em suas atenções ao oficial. De tanto testemunhar sua indiferença para com os pretendentes, Eliza habituara-se a ver Miss Rose como uma anciã. Só naqueles últimos meses, vendo-a dedicar-se de corpo e alma aos jogos da sedução, havia notado seu porte magnífico e sua pele luminosa. Imaginara-a perdida de amor por Michael Steward, e não lhe passou pela mente que os bucólicos almoços campestres, embaixo de guardasóis japoneses, e os biscoitos amanteigados destinados a aliviar os desconfortos da vida no mar fossem um estratagemas para fisgar o oficial e entregá-lo na bandeja. A descoberta foi recebida como um soco no peito, e deixou-a sem ar, pois a última coisa que podia desejar neste mundo era um casamento arranjado à sua revelia. Acabara de enredar-se na teia do primeiro amor e havia jurado, com inabalável certeza, que não se casaria com nenhum outro.

Eliza Sommers viu Joaquín Andieta pela primeira vez em uma sexta-feira de maio de 1848, quando ele foi à sua casa, trazendo uma carreta puxada por várias mulas e carregada até o alto com pacotes da Companhia Britânica de Importação e Exportação. Continham tapetes persas, candelabros de cristal e uma coleção de estatuetas de marfim, encomendados por Feliciano Rodríguez de Santa Cruz para decorar a mansão que havia construído no Norte, uma daquelas preciosas cargas que corriam perigo no porto. Portanto, era mais seguro guardá-la na casa dos Sommers até o momento de enviá-la ao destino final. Quando o resto da viagem era por terra, Jeremy contratava guardas armados para protegê-la, mas, naquele caso, iria enviá-la a bordo de uma escuna chilena que zarparia dentro de uma semana. Andieta vestia seu

único terno, fora de moda, escuro e puído, não levava chapéu nem guarda-chuva. A fúnebre palidez do seu rosto contrastava com seus olhos flamejantes e seu cabelo negro reluzia com a umidade de um dos primeiros chuviscos do outono. Miss Rose saiu para recebê-lo, e Mama Frésia, que sempre levava as chaves da casa penduradas em uma argola na cintura, guiou o rapaz até o último pátio, onde estava situado o armazém. O rapaz organizou uma fila de peões e eles foram passando os pacotes de mão em mão, vencendo, assim, as dificuldades do terreno acidentado, as subidas em curva, os canteiros sobrepostos, as pracetas inúteis. Enquanto ele contava, marcava e tomava notas em seu caderno, Eliza aproveitava-se de sua faculdade de tornar-se invisível a fim de observá-lo a seu gosto. Dois meses antes, havia completado dezesseis anos e estava pronta para o amor. Quando viu as mãos de Joaquín Andieta, com seus longos dedos manchados de tinta, e ouviu sua voz profunda, mas também clara e fresca como o rumor de um rio, distribuindo secas ordens aos peões, sentiu-se comovida até os ossos, e um tremendo desejo de aproximar-se dele e sentir-lhe o cheiro obrigou-a a sair de seu esconderijo atrás das plantas que floresciam em um grande vaso. Atenta às suas chaves e ocupada em reclamar da sujeira deixada no pátio pelas mulas do carroção, Mama Frésia nada percebeu, mas, com o canto do olho, Miss Rose notou o rubor no rosto da garota. Não lhe deu importância, o empregado de seu irmão parecia um pobre-diabo, um insignificante, nada além de uma sombra entre as muitas sombras daquele dia nublado. Eliza rumou para a cozinha e desapareceu, mas alguns minutos depois estava de regresso, trazendo copos e uma jarra de suco de laranja adoçado com mel. Pela primeira vez em sua vida, ela — que tinha passado anos e anos equilibrando um livro na cabeça sem pensar no que fazia — sentiu-se consciente de seus passos, da ondulação de suas cadeiras, do balanço do corpo, do ângulo dos braços, da distância entre os ombros e o queixo. Quis ser tão bela quanto Miss Rose, a esplêndida jovem que a resgatara de seu berço improvisado em uma caixa de sabão de Marselha; quis cantar com voz de rouxinol, como a da Senhorita Appelgren entoando suas baladas escocesas; quis dançar com a leveza impossível de sua professora de dança, e quis morrer ali mesmo, abatida por um sentimento cortante e indômito como uma espada, que lhe inundava a boca de sangue quente e, antes mesmo que pudesse descrevê-lo, oprimia-a com o terrível peso do amor idealizado. Muitos anos mais tarde, diante de uma cabeça humana preservada em um garrafão de Genebra, Eliza se lembraria do seu primeiro encontro com Joaquín Andieta e voltaria a sentir o mesmo insuportável quebranto. Ao longo de seu caminho, perguntaria mil vezes a si mesma se tivera a oportunidade de fugir daquela paixão arrasadora que lhe torceria a vida, ou se naqueles

breves instantes poderia ter dado meia-volta e salvar-se, mas, cada vez que fazia essa pergunta, concluía que seu destino estava traçado desde o começo dos tempos. E, quando o sábio Tao Chi'en a introduziu na poética possibilidade da reencarnação, convenceu-se de que o mesmo drama se repetia em cada uma de suas vidas: se houvesse nascido mil vezes antes e tivesse de nascer outras mil vezes no futuro, sempre viria ao mundo com a missão de amar aquele homem, e sempre da mesma maneira. Para ela, não havia escapatória. Então, Tao Chi'en ensinou-lhe as fórmulas mágicas para desfazer os nós do carma e libertar-se da obrigação de repetir, em cada nova encarnação, aquela arrasadora incerteza amorosa.

Naquele dia de maio, Eliza pôs a bandeja em cima de um banco e ofereceu o refresco, primeiro aos trabalhadores, para ganhar tempo enquanto controlava os joelhos e dominava a rigidez de mula teimosa que lhe paralisava o peito, impedindo a passagem do ar, e em seguida a Joaquín Andieta, que continuava absorto em seu trabalho e mal levantara os olhos quando ela lhe entregou o copo. Ao fazê-lo, Eliza se pôs o mais perto possível do rapaz, calculando a direção da brisa, para que esta lhe trouxesse o aroma daquele homem que, estava decidido, seria seu. Com as pálpebras quase cerradas, aspirou seu cheiro de roupa úmida, sabão ordinário e suor fresco. Um rio de lava percorreu-a por dentro, os ossos fraquejaram e, durante alguns segundos, acreditou que realmente estivessem morrendo. Aqueles segundos foram de tal intensidade que o

bloco de notas caiu da mão de Joaquín Andieta, como se uma força insuperável o houvesse arrebatado, enquanto o calor do fogaréu também o alcançava, queimando-o com seu reflexo. Olhou para Eliza sem vê-la — o rosto da garota era um pálido espelho em que teve a impressão de vislumbrar sua própria imagem. Teve apenas uma vaga ideia do tamanho de seu corpo e da auréola escura de seu cabelo, mas seria apenas no segundo encontro, alguns dias mais tarde, que iria finalmente submergir na perdição de seus olhos negros e na graça aquática de seus gestos. Os dois se curvaram ao mesmo tempo a fim de apanhar o bloco de notas, chocaram os ombros e o conteúdo do copo despejou-se no vestido dela.

— Olhe para o que está fazendo, Eliza! — exclamou Miss Rose, alarmada, pois também fora atingida pelo impacto daquele amor repentino. — Vá trocar de roupa e lave esse vestido com água fria, para ver se a mancha sai — acrescentou secamente.

Mas Eliza não se moveu, ainda presa aos olhos de Joaquín Andieta, trêmula, aspirando abertamente seu cheiro com as narinas dilatadas, até que Miss Rose tomou-a pelo braço e levou-a para casa.

— Eu te disse, menina: qualquer homem, por mais pobre que seja, pode fazer contigo o que quiser — lembrou-lhe a índia naquela noite.

Ao conhecer Joaquín Andieta, naquela manhã de outono, no pátio de casa, Eliza achou que havia encontrado o seu destino: seria escrava dele para sempre. Ainda não tinha vivido o suficiente para entender o ocorrido, nem para expressar em palavras o tumulto que a afogava, ou para traçar um plano, mas não lhe faltou a intuição do inevitável. De maneira vaga, mas dolorosa, percebeu que estava fisgada e teve uma reação física semelhante à que teria caso fosse colhida pela peste. Durante uma semana, até voltar a vê-lo, debateu-se com cólicas espasmódicas, sem que de nada lhe servissem as prodigiosas ervas de Mama Frésia, nem o arsênico diluído em pó do farmacêutico alemão. Perdeu peso e seus ossos se tornaram leves como os de uma pomba, tudo isso para o espanto de Mama Frésia, que andava fechando janelas para evitar que um vento vindo do mar arrebatasse a menina e a levasse para além do horizonte. A índia ministrou-lhe várias beberagens e conjuros de seu vasto repertório e, quando percebeu que nada fazia efeito, recorreu ao santoral católico. Tirou do fundo do baú suas míseras economias, comprou uma dúzia de velas e saiu a fim de negociar com o padre. Depois de serem bentas na missa principal de domingo, as velas foram acesas, uma diante de cada santo das capelas laterais da igreja, oito ao todo, e mais três aos pés da imagem de Santo Antônio, patrono das solteiras sem esperança, das casadas infelizes e de outras causas perdidas. Juntamente com um tufo de cabelos e uma combinação de Eliza, a vela restante foi levada à *machi* mais famosa dos arredores da cidade. Era uma velha mapuche, cega de nascimento, que trabalhava com magia branca e era célebre por suas inapeláveis predições, bem como por sua capacidade de curar males do corpo e aflições da alma. Mama Frésia havia passado seus anos de adolescente ao lado daquela mulher, como aprendiz e servente, mas não pudera seguir seus passos, como tanto desejava, porque lhe faltava o dom. E nada podia fazer quanto a isso: com o dom se nasce ou não se nasce. Certa vez quis explicar isso a Eliza, mas só lhe ocorreu dizer que o dom era uma faculdade de ver aquilo que há por trás dos espelhos. À falta desse misterioso talento, Mama Frésia teve de renunciar às suas aspirações ao curandeirismo e empregar-se a serviço dos ingleses.

A *machi* vivia sozinha no fundo de um desfiladeiro entre duas encostas, em uma cabana de barro com cobertura de palha, que parecia a ponto de desmoronar. Ao redor da casa, havia uma desordem de pedras, restos de árvores, plantas em jarros, cães esqueléticos e aves negras que cavavam inutilmente o solo em busca do que comer. No caminho que dava acesso à casa, erguia-se um pequeno bosque de dádivas e amuletos plantados por clientes

satisfeitos com as graças alcançadas. A mulher cheirava à soma de todas as plantas que havia macerado e cozinhado em sua vida, vestia um manto da mesma cor de terra seca da paisagem, andava descalça e mal lavada, mas enfeitada com uma profusão de colares de prata de baixa qualidade. Seu rosto era uma máscara escura e cheia de rugas, com olhos mortos e apenas dois dentes na boca. Recebeu sua antiga discípula sem dar mostras de reconhecê-la, aceitou os presentes de comida e a garrafa de licor de anis, fez um sinal para que se sentasse diante dela e ficou em silêncio, à espera. No centro do casebre, ardiam uns tições vacilantes, e a fumaça escapava por uma abertura no teto. Nas paredes negras de fuligem, estavam pendurados vasos de barro e latão, plantas e uma coleção de raposas e gatos selvagens dissecados. O cheiro denso das ervas secas e cascas medicinais misturava-se ao fedor dos animais mortos. Falaram em *mapudungo*, a língua dos mapuches. Durante um bom tempo a feiticeira escutou a história de Eliza, desde a sua chegada em uma caixa de sabão de Marselha até a crise que acabava de acontecer, depois pegou a vela, o cabelo e a camisa, e mandou a visitante embora, dizendo-lhe para ela voltar quando tivesse completado seus feitiços e ritos divinatórios.

— Já se sabe que para isso não tem cura — foi tudo o que ela disse, dois dias depois, quando Mama Frésia cruzou o umbral de sua casa.

— Quer dizer que minha menina vai morrer?

— Quanto a isso, não sei, mas não tenho dúvida de que muito há de sofrer.

— O que está acontecendo com ela?

— Teimosia de amor. É um mal renitente. Com certeza ela deixou a janela aberta em alguma noite clara e a coisa entrou em seu corpo enquanto dormia. Não há conjuro para isso.

Mama Frésia voltou resignada para casa: se a arte daquela *machi* tão sábia não bastava para mudar a sorte de Eliza, de muito menos serventia seriam seus escassos conhecimentos ou as velas acesas diante dos santos.

Miss Rose

Miss Rose observava Eliza com mais curiosidade do que compaixão, pois conhecia bem aqueles sintomas, e, conforme sua experiência, o tempo e as contrariedades apagam até os piores incêndios de amor. Tinha apenas dezessete anos quando se apaixonou desatinadamente por um tenor vienense. Vivia então na Inglaterra e sonhava em ser uma diva, apesar da tenaz oposição da mãe e do irmão Jeremy, que chefiava a família desde a morte do pai. Nenhum dos dois considerava o canto lírico uma ocupação aconselhável para uma senhorita, principalmente por ser praticada em teatros, à noite e com vestidos decotados. Também não contava com o apoio do irmão John, que havia entrado para a marinha mercante e só vinha em casa duas vezes por ano, sempre muito apressado. John chegava a transtornar a rotina da pequena família, com seu aspecto exuberante e tostado de sol de outros continentes, ostentando alguma nova tatuagem ou nova cicatriz. Distribuía presentes, sobrecarregava-os com suas histórias exóticas e, em seguida, rumava para o bairro das rameiras e lá permanecia até a hora de reembargar. Os Sommers eram senhores de província, sem grandes ambições. Durante várias gerações haviam sido proprietários de terras, mas o pai, cansado de lidar com ovelhas magras e colheitas escassas, resolveu tentar fortuna em Londres. De tanto amar os livros, era capaz de tirar o pão da família e endividar-se para adquirir primeiras edições autografadas por seus escritores preferidos, mas não tinha aquele tipo de cobiça que faz os verdadeiros colecionadores. Depois de várias tentativas comerciais infrutíferas, resolveu dar asas à sua verdadeira vocação, e acabou por abrir uma casa de livros usados e de obras que ele mesmo editava. Nos fundos da loja, instalou uma pequena tipografia, que explorava com a ajuda de dois empregados, e em um desvão da livraria prosperava, a passo de tartaruga, seu negócio de livros raros. Dos três filhos, apenas Rose se interessava por seu ofício; ela cresceu apaixonada pela música e pelos livros, e, quando não estava sentada ao piano ou ocupada com seus exercícios vocais, certamente estaria lendo em algum recanto da casa.

O pai lamentava que fosse ela a apaixonada pelos livros, e não John ou Jeremy, os futuros herdeiros do negócio. Com a sua morte, os filhos homens venderam a tipografia e a livraria, John lançou-se ao mar e Jeremy encarregou-se da mãe viúva e da irmã. Ganhava um salário modesto como empregado da Companhia Britânica de Importação e Exportação e dispunha de uma pequena renda deixada pelo pai, podendo contar ainda com as contribuições do irmão John, que nem sempre chegavam como dinheiro sonante e cantante, mas sob a forma de contrabando. Escandalizado, Jeremy guardava no sótão aquelas caixas cheias de pecado, à espera da próxima visita do irmão, que se encarregaria de abri-las e vender-lhe o conteúdo. A família mudou-se para um apartamento pequeno e caro para o tamanho do seu orçamento, mas muito bem localizado no coração de Londres, o que era considerado um investimento. Tinham de encontrar um bom casamento para Rose.

Aos dezessete anos, a beleza da jovem começava a despontar, e lhe sobravam pretendentes com boa situação de vida, dispostos a morrer por amor, mas, enquanto suas amigas se empenhavam na busca de um marido, ela procurava um professor de canto. Foi assim que conheceu Karl Bretzner, um tenor vienense que se encontrava em Londres para cantar em várias obras de Mozart, temporada que culminaria em uma noite de gala com *As bodas de Fígaro* e a família real no auditório. O aspecto físico do tenor não era nada revelador de seu talento: ele mais parecia um açougueiro. Seu corpo se alargava na cintura, estreitava-se nos quadris, e dali para baixo era totalmente deselegante; seu rosto vermelho, corado por uma floresta de pelos crespos e descoloridos, fazia dele um tipo bem vulgar, mas, quando abria a boca para deleitar o mundo com sua voz torrencial, transformava-se em outro ser: crescia em estatura, a barriga sumia sob a largura do peito e o rosto corado de teutônico via-se banhado por uma luz olímpica. Pelo menos foi assim aos olhos de Rose Sommers, que deu um jeito de comprar ingressos para todas as apresentações. Ela chegava ao teatro muito antes de as portas serem abertas, desafiando os escandalizados olhares dos transeuntes, pouco habituados a ver uma jovem de sua classe plantar-se horas seguidas à porta dos atores a fim de ver o mestre descer do coche. Na noite de domingo, o homem notou a presença da beldade que o esperava na rua e se aproximou para lhe dirigir a palavra. Trêmula, ela respondeu às suas perguntas, confessando sua admiração por ele e seus desejos de, literalmente, palmilhar o árduo, porém divino, caminho do *bel canto*.

— Vá ao meu camarim quando o espetáculo terminar, e então veremos o que posso fazer pela senhorita — disse ele com sua voz preciosa e seu carregado sotaque de austríaco.

E assim ela fez, sentindo-se arrebatada pela glória. Quando

terminou a ovação de pé com que o público o brindou, um servente a mando de Karl Bretzner levou-a para os bastidores. Ela jamais tinha visto os bastidores de um teatro, mas não perdeu tempo admirando as engenhosas máquinas de produzir tempestades, nem as paisagens pintadas nos telões, pois o seu único propósito era conhecer o ídolo. Encontrou-o dentro de um roupão de veludo azul-real com debruns dourados, o rosto ainda maquiado e a cabeça ainda coberta por uma elaborada peruca de fios brancos. Repleto de espelhos, móveis e cortinas, o aposento cheirava a mofo, cosméticos e tabaco. Havia ali um biombo pintado com cenas de mulheres rubicundas em um harém turco e, de cabides presos às paredes, pendiam roupas usadas na ópera. O entusiasmo de Rose murchou por alguns instantes ao ver seu ídolo de perto, mas ele recuperou imediatamente o terreno perdido. Tomou-lhe as mãos, levou-as aos lábios e beijou-as longamente, emitindo um dó de peito que estremeceu o biombo das odaliscas. Como as muralhas de Jericó, as últimas defesas de Rose desmoronaram em meio a uma nuvem de pó, que saiu da peruca quando o artista retirou-a da cabeça com um gesto apaixonado e viril, lançando-a em um divã, onde a peça ficou inerte como um coelho morto. Tinha a cabeleira domada por uma rede de malhas estreitas que, somada à maquiagem, dava-lhe um ar de cortesã decadente.

Naquele mesmo divã onde acabava de cair a peruca, Rose lhe ofereceria a virgindade, dois dias depois, exatamente às três e quinze da tarde. Lembrando que não haveria espetáculo naquela terça-feira, o tenor vienense fez-lhe um convite para conhecer o teatro. Encontraram-se discretamente em uma pastelaria, onde ele saboreou, com delicados modos, cinco éclairs de creme e duas xícaras de chocolate, enquanto ela revolia seu chá, que a antecipação da surpresa a impossibilitava de beber. Dali seguiram para o teatro. Naquela hora havia lá apenas duas mulheres varrendo o auditório e um iluminador que preparava os archotes, as velas e lâmpadas de azeite para o dia seguinte. Experiente em matéria de lances amorosos, Karl Bretzner fez surgir, como em um passe de mágica, uma garrafa de champanha, serviu duas taças, que foram bebidas sem mistura e entre brindes a Mozart e Rossini. Em seguida, ele instalou a jovem na poltrona de felpa exclusiva do rei, no centro do camarim real, decorado de cima a baixo com rosas de gesso e pequenos cupidos bochechudos. Dirigiu-se ao palco, e, do alto de um pedaço de coluna feita de papelão pintado e iluminado pelos archotes que acabavam de ser acesos, cantou exclusivamente para ela uma ária de *O barbeiro de Sevilha*, exibindo toda a agilidade e o suave delírio de sua voz em intermináveis floreios. Ao morrer a última nota em sua homenagem, ouviu os soluços distantes de Rose Sommers, correu para ela com inesperada rapidez, cruzou a sala, subiu ao camarim em dois saltos e

caiu-lhe aos pés de joelhos. Sem alento, deitou a cabeçorra na saia da jovem, mergulhando o rosto entre as dobras da seda verde-musgo. Chorava com ela, pois, sem querer, também se apaixonara; o que havia começado como outra conquista passageira transformara-se, em poucas horas, numa paixão incandescente.

Rose e Karl levantaram-se, um apoiando-se no outro, vacilando e sentindo-se aterrados diante do inevitável, e, sem saber como, foram avançando por um estreito e escuro corredor, subiram uma pequena escadaria e chegaram ao setor dos camarins. Em uma das portas estava inscrito o nome do tenor em letras cursivas. Entraram no aposento atulhado de móveis e roupas luxuosas, suadas e empoeiradas, no qual se haviam encontrado dois dias antes. Não havia janelas e, por um momento, refugiaram-se na obscuridade, dentro da qual conseguiram recobrar a respiração perdida nos anteriores soluços e suspiros, enquanto ele acendia primeiro um fósforo e em seguida as cinco velas de um candelabro. Na trêmula luz amarela das chamas, os dois se admiraram, confusos e entorpecidos, com uma torrente de emoções à espera de expressar-se e sem poder articular uma palavra. Rose não resistiu aos olhares que a traspassavam e escondeu o rosto entre as mãos; ele, porém, as separou com a mesma delicadeza antes empregada ao partir os pasteizinhos de creme. Começaram por trocar beijinhos lacrimosos nas faces, como bicadas de pombos, que naturalmente evoluíram para beijos mais sérios. Rose tivera encontros de amor, mas haviam sido vacilantes e escorregadios, com alguns de seus pretendentes, e dois deles tinham chegado a roçar-lhe a face com os lábios, porém jamais havia imaginado que fosse possível chegar àquele grau de intimidade, que a língua do outro pudesse entrançar-se com a sua e que a saliva alheia a molhasse por fora e a invadissem por dentro, mas a repugnância inicial foi logo vencida pelo impulso de sua juventude e o entusiasmo pelo canto lírico. Não apenas retribuiu as carícias com igual intensidade, como também tomou a iniciativa de desfazer-se do chapéu, da capinha de astracã cinza que lhe cobria os ombros. Daí a permitir que ele lhe desabotoasse a jaquetinha e, em seguida, a blusa foi questão de apenas alguns ajustes. A jovem soube como seguir passo a passo a dança da cópula, guiada pelo instinto e pelas ardentes leituras proibidas, que antes havia retirado em segredo das prateleiras do pai. Aquele foi o dia mais memorável de sua existência, e nos anos posteriores iria recordá-lo até nos seus mais ínfimos pormenores, que enfeitava e exagerava. Aquela seria sua única fonte de experiência e conhecimento, único motivo de inspiração a alimentar suas fantasias e criar, anos mais tarde, a arte que a tornaria famosa em certos círculos muito secretos. Aquele dia maravilhoso só podia ser comparado, em termos de intensidade, àquele outro de março, dois anos mais tarde, em Valparaíso, quando caiu em seus

braços a recém-nascida Eliza, como consolo pelos filhos que não teria, pelos homens que não poderia amar e pelo lar que jamais construiria.

O tenor vienense mostrou-se um amante refinado. Amava as mulheres e conhecia-as a fundo, mas foi capaz de apagar de sua memória os dispersos amores do passado, a frustração de múltiplos adeuses, os ciúmes, os excessos e erros de outras relações, para entregar-se com total inocência à breve paixão por Rose Sommers. Sua experiência não era oriunda de abraços patéticos com prostitutas asquerosas; Bretzner vangloriava-se de jamais ter pagado pelo prazer, porque mulheres das mais variadas classes, desde camareiras humildes até condessas orgulhosas, entregavam-se, incondicionalmente, ao ouvi-lo cantar. Aprendera a arte do amor ao mesmo tempo que aprendera a arte do canto. Tinha dez anos de idade quando se apaixonou por aquela que seria a sua mentora, uma francesa com olhos de tigre, seios do mais puro alabastro e idade suficiente para ser sua mãe. Ela, por sua vez, fora iniciada aos treze anos, na França, por Donatien-Alphonse-François de Sade. Filha de um carcereiro da Bastilha, havia conhecido o famoso marquês em uma cela imunda, onde ele escrevia suas perversas histórias à luz de uma vela. Observava-o atrás das grades, movida apenas pela curiosidade infantil, sem saber que o pai já a vendera ao prisioneiro em troca de um relógio de ouro, última propriedade do nobre empobrecido. Certa manhã, quando ela o espiava pelo postigo, seu pai tirou o molho de chaves do cinto, abriu a porta e empurrou a garota para dentro da cela, como quem dá comida a um leão. O que ali sucedeu, ela se recusava a lembrar; basta saber que ficou ao lado de Sade, acompanhando-o do cárcere à pior miséria da liberdade e aprendendo tudo o que ele tinha para ensinar. Quando, em 1802, o marquês foi internado no manicômio de Charenton, ela se viu largada na rua, sem um único franco, mas possuidora de uma vasta sabedoria como amante, que lhe serviu para arranjar um marido muito rico e cinquenta e dois anos mais velho do que ela. O homem morreu pouco tempo depois, esgotado pelos excessos de sua jovem mulher, que finalmente via-se livre e com dinheiro para fazer o que lhe desse na cabeça. Tinha trinta e quatro anos, havia sobrevivido ao seu brutal aprendizado com o marquês, à pobreza do resto de pão de sua juventude, à tempestade da Revolução Francesa, ao espanto das guerras napoleônicas, e agora teria de suportar a repressão ditatorial do Império. Estava farta, e seu espírito pedia uma trégua. Decidiu procurar um lugar seguro para passar em paz o resto de seus dias, e optou por Viena. Nesse período de sua vida, conheceu Karl Bretzner, filho de vizinhos, quando este era um menino de apenas dez anos, mas já cantando como um rouxinol no coro da catedral. Graças a ela, convertida em amiga e confidente dos Bretzner, o garotinho não fora

castrado para preservar sua voz de querubim, como sugerira o diretor do coro.

— Não toquem nele, e em pouco tempo ele será o tenor mais bem remunerado da Europa — prognosticou a bela.

E não se enganou.

Apesar da enorme diferença de idade, cresceu entre ela e o pequeno Karl uma relação inusitada. Ela admirava a pureza de sentimentos do menino e sua dedicação à música; nela, o garoto havia encontrado a musa que não apenas lhe salvara a virilidade, mas que também lhe ensinara a usá-la. Na época em que trocou definitivamente de voz e começou a barbear-se, havia desenvolvido a proverbial habilidade dos eunucos para satisfazer uma mulher por meios não previstos pela natureza e os costumes, mas, com Rose Sommers, ele preferiu não se arriscar. Nada de atacá-la de maneira fogosa e com exagero de carícias demasiadamente atrevidas, pois não se tratava de chocá-la com artifícios de serralho; decidiu, sem suspeitar, que em menos de três lições práticas sua aluna iria superá-lo em criatividade. Era um homem atento aos detalhes e conhecia o poder alucinante da palavra precisa na hora do amor. Com a mão esquerda, soltou um a um os botões de madrepérola das costas, enquanto com a direita retirava os grampos que lhe seguravam o cabelo, sem perder o ritmo dos beijos intercalados com a litania das lisonjas. Falou da esbelteza de seu talhe, da prístina brancura de sua pele, da clássica curvatura de seu colo e ombros, que provocavam nele um incêndio, uma excitação incontrolável.

— Você me deixa louco... Não sei o que está acontecendo; jamais havia amado e nunca voltarei a amar alguém como você. Este é um encontro feito para os deuses; estamos destinados a nos amar — murmurava de vez em quando.

Recitou-lhe todo o seu repertório de sedução, mas o fez sem malícia, profundamente convencido de sua própria honestidade e deslumbrado por Rose. Desatou os laços do corpete e foi desvencilhando-a das anáguas, até deixá-la apenas com as calças de cambraia e uma camisa que, de tão fina, punha à mostra seus mamilos cor de morango. Não lhe tirou as botinhas de cordovão com saltos retorcidos, nem as meias brancas presas nos joelhos com ligas bordadas. Ao chegar a esse ponto, deteve-se, ofegante, um estrépito telúrico no peito, a convicção de que Rose Sommers era a mulher mais bela do mundo, um anjo, e que, se não se acalmasse, seu coração iria voar em pedaços. Ergueu-a nos braços, sem esforço, atravessou o aposento e depositou-a, de pé, em frente a um grande espelho de moldura dourada. A luz oscilante das velas e o vestuário teatral pendurado nas paredes, em uma confusão de brocados, plumas, veludos e rendas desbotadas, davam à cena um ar de irrerealidade.

Inerme, ébria de emoção, Rose olhou-se no espelho e não reconheceu aquela mulher em roupas de baixo, o cabelo desfeito e o rosto em chamas, a quem um homem também desconhecido beijava no colo, enquanto apalpava os peitos. Aquela pausa ansiosa deu tempo ao tenor para recuperar o alento e um pouco da lucidez perdida nas primeiras investidas. Começou a tirar a roupa diante do espelho, sem pudor, e, diga-se de passagem, considerando-se melhor nu do que vestido. Necessita de um bom alfaiate, pensou Rose, que jamais tinha visto um homem nu, nem mesmo seus irmãos quando eram crianças, e cuja informação a respeito vinha inteiramente das exageradas descrições de livros picantes e de uns postais japoneses que havia descoberto na bagagem de John, nos quais os órgãos masculinos tinham proporções francamente otimistas. Ao contrário do que temia Karl Bretzner, o fruto com ponta de pão, que surgiu rosado e teso diante de seus olhos, não a assustou; ao contrário, provocou-lhe uma alegre risada. Isso deu o tom daquilo que viria depois. Em vez da solene e dolorosa cerimônia que a defloração costuma ser, eles se divertiram com seus corcoveios de brinquedo, perseguiram-se pelo aposento saltando como crianças por cima dos móveis, beberam o resto da champanha e abriram outra garrafa para banhar-se com seus jorros espumantes, disseram indecências entre risos e juramentos de amor sussurrados, morderam-se, lamberam-se e patinaram no alagado sem fundo do amor que acabava de ser estreado, e isso pela tarde afora e noite adentro, sem lembrar-se nem um instante da hora nem do resto do universo. Só eles existiam. O tenor vienense levou Rose a alturas épicas, e ela, aluna aplicada, seguiu-o sem vacilar, e, uma vez lá em cima, pôs-se a voar sozinha, com um talento natural e surpreendente, guiando-se por indícios e perguntando aquilo que não conseguia adivinhar, deslumbrando o mestre e, por fim, vencendo-o com sua destreza improvisada e o imensurável presente do seu amor. Quando conseguiram separar-se e aterrisar na realidade, o relógio marcava dez da noite. O teatro estava vazio, lá fora reinava a escuridão e, para cúmulo, havia baixado uma bruma espessa como geleia.

Entre os amantes, teve início um frenético intercâmbio de cartas, flores, balas, versos copiados e pequenas relíquias sentimentais, que durou tanto quanto a temporada lírica em Londres. Encontravam-se onde podiam, e a paixão levou-os a perder completamente a prudência. Para ganhar tempo, procuravam quartos de hotéis próximos do teatro, sem importar-se com a possibilidade de que os reconhecessem. Rose escapava de casa apresentando desculpas ridículas, e a mãe, aterrorizada, não falava a Jeremy de suas suspeitas, mas rezava para que a falta de comedimento da filha fosse passageira e desaparecesse sem deixar vestígios. Karl Bretzner chegava atrasado

aos ensaios e, de tanto tirar a roupa a qualquer hora, apanhou um resfriado e não pôde cantar em duas apresentações, mas, longe de lamentar, aproveitou o tempo para fazer amor, exaltado pelos tremores da febre. Apresentava-se no aposento alugado levando flores para Rose, champanha para brindar e banhar-se, pastéis de creme, poemas escritos às pressas para ler na cama, óleos aromáticos para massagear lugares até então fechados à chave, livros eróticos (que folheavam à procura das cenas mais inspiradas), penas de avestruz para fazer cócegas e uma infinidade de outros instrumentos para usar em suas brincadeiras. Em seu sentimento, a jovem abria-se como uma flor carnívora, emanando perfumes embriagadores para atrair o homem como se ele fosse um inseto, triturá-lo, engoli-lo, digeri-lo e finalmente cuspir seus ossinhos transformados em pequenos fragmentos. Estava dominada por uma energia insuportável, asfixiava-se, não podia aquietar-se nem um instante, devorada pela impaciência. De sua parte, Karl Bretzner patinava na confusão, às vezes exaltado até o delírio, às vezes exangue, procurando cumprir suas obrigações musicais, mas deteriorando-se a olhos vistos, e os críticos, implacáveis, disseram que certamente Mozart se retorcia no sepulcro ao ouvir o tenor vienense executar — literalmente — suas composições.

Os amantes viam aproximar-se, em pânico, o momento da separação, e entraram na fase do amor contrariado. Propunham fugir para o Brasil, suicidar-se juntos, mas nunca mencionaram a possibilidade de casar-se. Por fim, o apetite pela vida foi mais forte do que a tentação trágica e, depois da última apresentação, tomaram um coche e foram tirar férias em uma hospedaria campestre no norte da Inglaterra. Haviam decidido gozar aqueles dias de anonimato, antes de Karl Bretzner partir para a Itália, onde devia cumprir dois outros contratos. Rose iria encontrá-lo em Viena assim que ele conseguisse uma casa própria, organizasse a vida e lhe mandasse o dinheiro para a viagem.

Tomavam o café da manhã embaixo de um toldo, no terraço do hotel, com as pernas cobertas por uma manta de lã, porque o vento que vinha do mar era frio e cortante, quando foram interrompidos por Jeremy Sommers, indignado e solene como um profeta. Rose havia deixado tantas pistas que foi fácil para o irmão mais velho descobrir seu paradeiro e segui-la até aquele balneário distante. Ao vê-lo, ela soltou um grito de surpresa, mais que de susto, pois o regozijo do amor lhe infundira coragem. Naquele momento teve consciência, pela primeira vez na vida, daquilo que havia cometido, e o peso das consequências lhe foi revelado em toda a sua magnitude. Ela se pôs de pé, disposta a defender seu direito de viver como bem quisesse, mas o irmão não lhe deu tempo de falar e dirigiu-se diretamente ao tenor.

— Você deve uma explicação à minha irmã. Suponho que não lhe

contou que é casado e tem dois filhos — atirou na cara do sedutor.

Esse era o único detalhe que Karl Bretzner havia deixado de contar a Rose. Tinham falado até a saciedade, e ele lhe dera a conhecer até os mais íntimos detalhes de seus amoricos anteriores, sem excluir as extravagâncias do Marquês de Sade contadas pela mentora, a francesa de olhos de tigre, porque ela demonstrara uma curiosidade mórbida para saber quando, com quem e especialmente como havia feito amor, desde os dez anos até a véspera de conhecê-la. E tudo ele havia contado sem escrúpulos, ao perceber quanto ela gostava de ouvi-lo e como incorporava tudo aquilo à sua própria teoria e prática. Mas, sobre a esposa e os filhos, não dissera uma palavra, por compaixão para com aquela formosa virgem que se havia oferecido de maneira incondicional. Não desejava destruir a magia daquele encontro: Rose merecia gozar a plenitude do seu primeiro amor.

— Está me devendo uma reparação — Jeremy o desafiou, atingindo-lhe o rosto com uma luva.

Karl Bretzner era um homem do mundo e não iria cometer a barbaridade de bater-se em um duelo. Compreendeu que havia chegado o momento de retirar-se e lamentou não ter uns momentos a sós com Rose para explicar-lhe as coisas. Não queria deixá-la com o coração destroçado nem com a ideia de que ele a havia seduzido com a má intenção de abandoná-la em seguida. Necessitava dizer-lhe uma vez mais quanto verdadeiramente a amava e lamentava não ser livre para realizarem seus sonhos, mas leu no rosto de Jeremy Sommers que ele não iria permitir. Jeremy agarrou o braço da irmã, que parecia distante, e levou-a com firmeza para o coche, sem dar-lhe a oportunidade de se despedir do amante ou até mesmo de apanhar sua pouca bagagem. Levou-a para a casa de uma tia na Escócia, onde ela deveria permanecer até que se revelasse seu estado. Se ocorresse a pior desgraça, como Jeremy chamou a gravidez, sua vida e a honra da família estariam arruinadas para sempre.

— Nem uma palavra a ninguém, nem mesmo à nossa mãe, nem mesmo a John, entendeu? — foi tudo o que disse durante a viagem.

Rose viveu algumas semanas de incerteza, até ficar comprovado que não estava grávida. A certeza trouxe-lhe imenso sopro de alívio, como se o céu a houvesse absolvido. Passou mais três meses de castigo, fazendo tricô para os pobres, lendo e escrevendo às escondidas, sem derramar uma única lágrima. Durante todo esse tempo, refletiu sobre o seu destino e algo deu a volta dentro de si, porque, quando terminou a clausura na casa da tia, era outra pessoa. Só ela percebeu a mudança. Reapareceu em Londres tal como havia saído, risonha, tranquila, interessada em canto e leitura, sem uma palavra de rancor por Jeremy tê-la arrebatado dos braços do amante ou de sentir saudade do homem que a enganara, olímpica em sua

atitude de ignorar a maledicência alheia e as caras dolorosas de sua família. Aparentemente, parecia a mesma garota de antes, e nem sua mãe pôde encontrar uma falha em sua perfeita compostura que lhe permitisse uma repreensão ou um conselho. Por outro lado, a viúva não estava em condições de ajudar a filha ou de protegê-la; um câncer devorava-a rapidamente. A única modificação na conduta de Rose foi aquele capricho de passar horas escrevendo, encerrada em seu quarto. Enchia dúzias de cadernos com uma letra minúscula, e guardava-os a sete chaves. Como nunca tentou mandar uma carta, Jeremy Sommers, que temia, acima de tudo, o escárnio, deixou de preocupar-se com aquele vício de escrever e se convenceu de que a irmã tomara a ajuizada decisão de esquecer o nefasto cantor vienense. Mas Rose não apenas não o havia esquecido, como também lembrava com enorme clareza cada detalhe do que

havia ocorrido e cada palavra do que haviam dito ou sussurrado. Tudo que tratou de esquecer foi o desencanto de ter sido enganada. A mulher e os filhos de Bretzner simplesmente desapareceram, porque jamais haviam ocupado algum lugar no imenso painel de suas lembranças amorosas.

O retiro na casa da tia na Escócia não bastara para evitar o escândalo, mas, como os rumores não puderam ser confirmados, ninguém ousou afrontar abertamente a família. Um a um, foram retornando os numerosos pretendentes que antes haviam feito acusações a Rose, porém ela os afastou, usando como pretexto a enfermidade de sua mãe. Aquilo de que não se fala é igual àquilo que não aconteceu, garantia Jeremy Sommers, disposto a eliminar, por meio do silêncio, qualquer vestígio daquele episódio. A injuriosa escapada de Rose ficou suspensa no limbo das coisas que não se mencionam, embora às vezes os irmãos fizessem referências tangenciais que lhes mantinham vivo o rancor, mas também os uniam na partilha do segredo. Anos mais tarde, quando ninguém mais se importava com aquilo, Rose munuiu-se de coragem para contar a história ao seu irmão John, diante de quem sempre havia assumido o papel de menina mimada e inocente. Pouco depois da morte da mãe, Jeremy Sommers recebeu um convite para chefiar a filial da Companhia Britânica de Importação e Exportação no Chile. Partiu com a irmã Rose, levando o segredo intacto para o outro lado do mundo.

Chegaram no final do inverno de 1830, quando Valparaíso ainda era uma aldeia, mas onde também já existiam empresas e famílias europeias. Rose considerou o Chile como a sua penitência, e a assumiu com estoicismo, resignando-se a pagar a sua falta com aquele desterro irremediável, mas não permitindo que ninguém, principalmente o irmão, suspeitasse do seu desespero. Sua disciplina para não queixar-se e não falar do amante perdido, nem mesmo em sonho, foi o que a

sustentou quando lhe pesavam as coisas desagradáveis. Instalou-se no hotel o melhor que pôde, disposta a defender-se da umidade e das correntes de vento, isso porque havia se desencadeado uma epidemia de difteria, que os barbeiros da cidade combatiam a golpes de navalha. A primavera e o verão atenuaram um pouco a sua má impressão do país. Decidiu esquecer-se de Londres e tirar proveito de sua nova situação, apesar do ambiente provinciano e do vento marítimo que lhe amoleciam os ossos, mesmo com o sol forte do meio-dia. Convenceu o irmão, e o irmão convenceu a filial, da necessidade de adquirir uma casa decente em nome da firma e trazer o mobiliário da Inglaterra. Insistiu nesse ponto como se fosse uma questão de autoridade e prestígio: não era possível que o representante de uma empresa tão importante morasse em um hotel de baixa categoria. Dezoito meses mais tarde, quando a pequena Eliza entrou em suas vidas, os irmãos já moravam em uma grande casa de Cerro Alegre, Miss Rose havia relegado o antigo amante a um compartimento selado da memória e estava inteiramente dedicada a conquistar um lugar privilegiado na sociedade em que vivia. Nos anos seguintes, Valparaíso cresceu e modernizou-se com a mesma rapidez com que ela deixava para trás o passado e se transformava na mulher exuberante e de aparência feliz, que, onze anos depois, arrebataria Jacob Todd. O falso missionário não foi o primeiro a ser rejeitado, mas o fato é que ela não tinha nenhum interesse em casar-se. Havia descoberto uma fórmula extraordinária a fim de permanecer em idílico romance com Karl Bretzner, revivendo cada um dos momentos daquela incendiária paixão e outros delírios inventados em suas noites de solteira.

O Amor

Ninguém melhor do que Miss Rose para saber o que se passava na alma de Eliza, doente de amor. Adivinhou imediatamente a identidade do homem, até porque só um cego não seria capaz de ver a relação entre os desvarios da moça e a visita do empregado de seu irmão, com as caixas do tesouro destinado a Feliciano Rodríguez de Santa Cruz. Seu primeiro impulso foi despachar o jovem, sem mais considerações, apenas por ser pobre e insignificante, mas logo percebeu que ela própria havia sentido sua perigosa atração e não podia tirá-lo da cabeça. De fato, olhara primeiro para a sua roupa remendada e sua palidez lúgubre, mas um segundo olhar lhe bastara para perceber sua aura trágica de poeta maldito. Enquanto bordava furiosamente na saleta de costura, pensava mil vezes naquele revés da sorte, que vinha alterar seus planos de conseguir para Eliza um marido complacente e endinheirado. Seus pensamentos ocupavam-se da criação de armadilhas destinadas a derrotar aquele amor antes mesmo que começasse, e elas iam desde a ideia de internar Eliza na Inglaterra, em uma escola para senhoritas, ou a de mandá-la para a casa de sua velha tia na Escócia, até a de contar toda a verdade ao irmão, a fim de que este despedisse o empregado. Contudo, para grande tristeza sua, lá no fundo de seu coração, ia germinando o secreto desejo de que Eliza vivesse aquela paixão até esgotá-la, para compensar o tremendo vazio que o tenor, dezoito anos atrás, havia deixado em sua própria existência.

* * *

Para Eliza, entretanto, as horas se passavam com aterradora lentidão, em um redemoinho de sentimentos confusos. Não sabia mais quando era dia ou noite, se era terça ou sexta-feira, se haviam decorrido algumas horas ou vários anos desde que conhecera aquele jovem. De repente, sentia que seu sangue se tornava espumoso e então sua pele se cobria de manchas e

inchaços, destinados a sumir tão rápida e inexplicavelmente quanto haviam surgido. Via o amado em todos os lugares: nas sombras dos recantos escuros da casa, nas formas das nuvens, na xícara de café e sobretudo nos sonhos. Não sabia como o rapaz se chamava e não se atrevia a perguntar a Jeremy Sommers, por temer o desencadeamento de uma onda de suspeitas, mas passava horas imaginando um nome apropriado para ele. Sentia a desesperada necessidade de falar com alguém sobre seu amor, analisar cada detalhe da breve visita do jovem, especular sobre o que haviam silenciado, o que deveriam dizer um ao outro e o que transmitiriam com os olhares, os rubores e as intenções, mas não havia uma só pessoa na qual pudesse confiar. Ansiava pela próxima visita do capitão John Sommers, aquele tio com vocação para aventuras, que fora o personagem mais fascinante de sua infância, o único capaz de entendê-la e ajudá-la naquela encruzilhada. Não tinha dúvida de que Jeremy Sommers, caso viesse a saber, declararia uma guerra sem tréguas ao modesto empregado de sua firma, e não podia prever a atitude de Miss Rose. Decidiu que, quanto menos se soubesse em casa, mais liberdade de ação ela e o futuro namorado teriam. Jamais lhe passou pela cabeça a possibilidade de não ser correspondida com igual intensidade de sentimentos, pois lhe parecia simplesmente impossível que um amor de tal porte houvesse causado aturdimento apenas do seu lado. A lógica e a justiça mais elementares indicavam que em algum lugar da cidade ele estava sofrendo o mesmo e delicioso tormento.

Eliza escondia-se a fim de tocar no próprio corpo, naqueles lugares secretos e nunca antes explorados. Fechava os olhos e, então, era a mão dele que a acariciava com delicadeza de pássaro, eram os lábios dele que ela beijava no espelho, a cintura dele que abraçava na almofada, eram dele os murmúrios de amor que o vento lhe trazia. Nem seus sonhos escapavam ao poder de Joaquín Andieta. Ele aparecia como uma sombra imensa que se debruçava sobre ela e a devorava de mil maneiras absurdas e perturbadoras. Namorado, demônio, arcanjo, não sabia o que ele era. Não queria acordar, e praticava, com fanática determinação, o modo de entrar e sair à vontade dos próprios sonhos, conforme lhe havia ensinado Mama Frésia. Foi tal o domínio por ela alcançado nessa arte que seu amante ilusório aparecia de corpo presente, e ela podia tocá-lo, cheirá-lo e

ouvir sua voz perfeitamente nítida e próxima. Se pudesse permanecer sempre adormecida, de nada mais necessitaria: de sua cama, pensava, poderia continuar a amá-lo para sempre. Teria morrido no desvario daquela paixão se Joaquín Andieta não houvesse aparecido uma semana depois, a fim de retirar os pacotes do tesouro e enviá-los para o cliente nortista.

Na noite anterior, ela soube, não por instinto ou premonição, que o rapaz viria, como insinuaria anos mais tarde, quando contou o caso a Tao Chi'en, mas porque na hora da ceia ouviu Jeremy Sommers dando instruções a Miss Rose e Mama Frésia.

— Quem virá apanhar o carregamento será o mesmo empregado que trouxe os pacotes — acrescentou de passagem, sem imaginar o furacão de emoções que, por diferentes motivos, suas palavras desencadeavam sobre aquelas três mulheres.

A garota passou a manhã no terraço, vigiando o caminho que subia pela colina até alcançar a casa. Perto do meio-dia, chegou o carroção, puxado por seis mulas e seguido por peões a cavalo e portando armas. Eliza sentiu uma paz gelada, como se tivesse morrido, e não percebeu que, de casa, era observada por Miss Rose e Mama Frésia.

— Tanto esforço para educar essa moça e ela vai se apaixonar pelo primeiro João-ninguém que aparece no caminho! — resmungou Miss Rose entre dentes.

Havia decidido fazer o possível para evitar o desastre, mas sem muita convicção, pois conhecia de sobra a empedernida natureza do primeiro amor.

— Eu entrego a carga. Diga a Eliza que volte para casa, e não deixe que ela saia por motivo nenhum — ordenou.

— E como acha que posso fazer isso? — perguntou Mama Frésia, de má vontade.

— Se for preciso, tranque Eliza no quarto.

— Tranque a senhora, se puder. Não me meta nessa história — replicou a índia, e saiu arrastando as chinelas.

Não foi possível impedir que a garota se aproximasse de Joaquín Andieta e lhe entregasse uma carta. Fez isso abertamente, olhando nos olhos do outro, e com uma determinação de tal maneira feroz que Miss Rose não teve ânimo para interceptá-la, nem Mama Frésia para cortar-lhe o passo. Nesse momento, as duas mulheres compreenderam que o feitiço era muito mais potente do que poderiam ter imaginado, e não havia portas fechadas nem velas bentas capazes de conjurá-lo. O jovem também havia passado aquela semana obcecado pela lembrança da garota, que supunha filha do patrão, Jeremy Sommers, e portanto absolutamente fora de seu alcance. Não podia imaginar a impressão que havia causado, e não passou pela sua cabeça que, ao lhe oferecer aquele memorável copo de refresco, na primeira visita, ela estivesse

fazendo uma declaração de amor, e por isso levou um formidável susto quando a garota lhe entregou o envelope lacrado. Confuso, embolsou o envelope e continuou a vigiar o embarque das caixas no carroção, enquanto as orelhas pegavam fogo, a roupa inundava-se de suor e arrepios febris lhe percorriam a espinha. De pé, imóvel e silenciosa, Eliza o observava fixamente a poucos passos de distância, sem notar a expressão furiosa de Miss Rose e a face compungida de Mama Frésia. Quando a última caixa foi amarrada na carreta e as mulas deram meia-volta para começar a descida, Joaquín Andieta pediu desculpas a Miss Rose por tê-la perturbado e se foi o mais depressa que pôde.

O bilhete de Eliza era constituído de apenas duas linhas, nas quais ela indicava onde e como se encontrariam. O estratagema era de uma tal audácia e simplicidade que qualquer um podia confundir Eliza com uma especialista em atos indecorosos: dentro de três dias, Joaquín devia estar às nove da noite na ermida da Virgem do Perpétuo Socorro, uma pequenina capela erguida em Cerro Alegre como proteção para os caminhantes e a uma pequena distância da casa dos Sommers. Eliza escolheu o lugar por ser próximo e a data por ser quarta-feira. Miss Rose, Mama Frésia e os criados estariam necessariamente em cena e ninguém notaria se ela se ausentasse por algum tempo. Desde a partida do decepcionado Michael Steward, não havia motivo para bailes, nem o inverno prematuro os aconselhava, mas Miss Rose manteve o hábito das tertúlias apenas para esvaziar as intrigas que corriam envolvendo seu nome e o do oficial da marinha. Suspende as noitadas musicais na ausência de Steward equivaleria a confessar que ele era o único motivo para realizá-las.

Às sete horas, Joaquín Andieta já estava impaciente à espera. De longe, via o resplendor da casa iluminada, o desfile de carruagens com os convidados e os faróis acesos dos cocheiros que esperavam ao longo do caminho. Por duas vezes teve de se esconder dos vigias noturnos, que paravam a fim de reacender as lâmpadas da ermida, apagadas pelo vento. A capela era uma pequena construção retangular de adobe, coroada por uma cruz de madeira pintada; o interior, em espaço apenas um pouco maior do que um confessionário, albergava uma imagem de Nossa Senhora, feita em gesso. Havia uma travessa com fileiras de velas votivas apagadas e uma ânfora com flores já mortas. A noite era de lua cheia, mas no céu havia muitas nuvens isoladas, que, de vez em quando, apagavam por completo a claridade lunar. Às nove em ponto, ele sentiu a presença da garota e percebeu sua figura totalmente envolta por um manto escuro.

— Estava à sua espera, senhorita — foi tudo o que lhe ocorreu dizer, gaguejando e sentindo-se como um idiota.

— Eu sempre estive esperando por você — replicou ela sem a menor vacilação.

Livrou-se do manto e Joaquín pôde ver que ela estava em roupa de festa, mas havia arregaçado a saia e calçado chinelos. Para não sujá-los de barro pelo caminho, trazia na mão suas meias brancas e seus sapatos de camurça. Partido ao meio, o cabelo negro caía de ambos os lados em tranças presas com fitas de cetim. Sentaram-se no interior da ermida, sobre o manto que ela estendeu no chão, ocultando-se atrás da estátua da Virgem, silenciosos, muito próximos, mas evitando tocar-se. Durante um bom tempo, não se atreveram a olhar-se na suave penumbra; aturdidos pela mútua proximidade, respiravam o mesmo ar e sentiam-se arder, apesar das lufadas, que ameaçavam deixá-los na escuridão.

— Meu nome é Eliza Sommers — disse ela afinal.

— E o meu é Joaquín Andieta — respondeu ele.

— Pensei que seu nome fosse Sebastian.

— Por quê?

— Porque você parece com São Sebastião, o mártir. Não vou à igreja papista, sou protestante, mas Mama Frésia me levou algumas vezes, quando foi pagar suas promessas.

E nesse ponto a conversa terminou, porque não sabiam mais o que dizer; olhavam-se de esguelha e ruborizavam-se ao mesmo tempo. Eliza sentia seu cheiro de sabão e suor, mas não se atrevia a cheirá-lo bem de perto, como desejava. Na ermida, os únicos sons eram o sussurro do vento e a respiração agitada de ambos. Depois de alguns minutos, ela anunciou que devia voltar para casa, antes que sua ausência fosse notada, e se despediram com um aperto de mão. Daquele mesmo modo, iriam se encontrar nas quartas-feiras seguintes, sempre em horas diferentes e a curtos intervalos. A cada um daqueles excitantes encontros, correspondia um gigantesco avanço em seus delírios e tormentos amorosos. Apressados, contaram um ao outro o indispensável, porque as palavras pareciam perda de tempo, e logo estavam de mãos entrelaçadas, porém continuavam a falar, os corpos cada vez mais perto à medida que as almas se aproximavam, até que na noite da quinta quarta-feira beijaram-se na boca, primeiro tentando, depois explorando e finalmente perdendo-se no deleite até fundir inteiramente o fervor que os consumia. A essa altura, já haviam trocado pequenos resumos dos dezesseis anos de Eliza e dos vinte e um de Joaquín. Discutiram sobre a improvável cesta de vime com lençóis de cambraia e cobertor de *vison*, bem como sobre a caixa de sabão de Marselha, e foi um alívio para Andieta saber que ela não era filha de nenhum dos Sommers, que a origem dela era tão incerta quanto a sua, embora fosse indiscutível que um abismo social e econômico os separava. Eliza soube que Joaquín era fruto de um amor

passageiro, o pai se desfizera em fumaça com a mesma presteza demonstrada ao fazer o plantio da semente, que o menino havia crescido sem saber seu sobrenome, usando apenas o da mãe e sentindo a marca da condição de bastardo, destinada a limitar cada passo de seu caminho. A família excluiu de seu convívio a filha desonrada e ignorou o menino ilegítimo. Avós e tios, comerciantes e funcionários de uma classe média atolada em preconceitos, viviam naquela mesma cidade, a poucas quadras de distância, porém jamais se cruzavam. Aos domingos, frequentavam a mesma igreja, mas em horários diferentes, porque os pobres não iam à missa do meio-dia. Marcado pelo estigma, Joaquín não brincou nos mesmos parques nem se educou nas escolas em que estudavam seus primos, mas teve de usar as roupas e brinquedos por eles descartados, que uma tia compassiva mandava, por tortuosos caminhos, à irmã repudiada. A mãe de Joaquín Andieta teve bem menos sorte do que Miss Rose, e pagou um preço muito mais alto por sua fraqueza. As duas tinham quase a mesma idade, mas, enquanto a inglesa continuava a brilhar em sua juventude, a outra se apresentava desgastada pela miséria, a exaustão e o triste ofício de bordar enxovais de noivas à luz de uma vela. Mas a má sorte não tinha abalado sua dignidade, e ela havia formado o filho nos princípios inquebrantáveis da honra. Desde criancinha, Joaquín aprendera a andar de cabeça erguida, desafiando qualquer tentativa de lástima ou escárnio.

— Um dia vou tirar minha mãe daquele cortiço — prometeu Joaquín em um daqueles cochichos com Eliza na ermida. — Um dia hei de lhe dar uma vida decente, como a que ela levava antes de perder tudo...

— Tudo, ela não perdeu. Tem um filho — replicou Eliza.

— Eu fui a desgraça dela.

— A desgraça dela foi ter se apaixonado por um homem ruim. Você será a salvação — sentenciou ela.

Os encontros eram muito breves. Sempre se realizavam em horários diferentes, e Miss Rose não podia manter a vigilância noite e dia. Sabia que alguma coisa acontecia às suas costas, mas não teve a perfídia de guardar Eliza embaixo de chave, ou de mandá-la para o campo, como seria o seu dever, e se absteve de mencionar suas suspeitas ao irmão Jeremy. Supunha que Eliza e o namorado trocavam cartas, mas não conseguiu interceptar nenhuma, apesar de ter posto todos os empregados em alerta quanto a isso. As cartas existiam, e eram de uma tal intensidade que, se as visse, Rose teria se sentido arrasada. Joaquín não mandava as cartas, ele mesmo as entregava à namorada cada vez que se encontravam. Nelas, dizia em termos mais febris aquilo que, por pudor e orgulho, não era capaz de dizer de viva-voz. Ela as escondia em uma caixa, trinta centímetros abaixo do chão,

no pequeno horto da casa, ao qual ia todos os dias a pretexto de cuidar das ervas de Mama Frésia. Mil vezes relidas em retalhos de tempo roubados, aquelas cartas eram o alimento maior de sua paixão, pois revelavam um aspecto de Joaquín Andieta que não vinha à tona quando estavam juntos. Pareciam escritas por outra pessoa. Aquele jovem altivo, sempre na defensiva, sombrio e atormentado, que a abraçava com ar de louco e em seguida a afastava, como se o contato o queimasse, ao escrever abria as portas da alma e era como um poeta que descrevia seus próprios sentimentos. Mais tarde, nos anos em que Eliza perseguia as imprecisas pegadas de Joaquín Andieta, aquelas cartas seriam seu único indício da verdade, a prova irrefutável de que aquele amor não fora uma coisa engendrada por sua imaginação de adolescente, que havia existido como uma bênção passageira e um suplício prolongado.

Depois da primeira noite de quarta-feira no interior da ermida, sumiram sem deixar rastro as cólicas de que Eliza costumava sofrer, e nada em sua conduta ou em seu aspecto revelava o segredo por ela guardado, excetuando-se o brilho demente dos olhos e o uso um pouco mais frequente de seu talento para se tornar invisível. Às vezes dava a impressão de estar em vários lugares ao mesmo tempo, o que deixava todos aparvalhados; ninguém podia se lembrar de onde e quando a tinha visto pela última vez, e no exato momento em que começavam a procurá-la ela se materializava, com a atitude de quem não sabia que os outros estavam à sua procura. Em outras ocasiões, quando estava ao lado de Miss Rose na saleta de costura ou na cozinha preparando um guisado com Mama Frésia, tornava-se tão silenciosa e transparente que nenhuma das duas mulheres tinha a sensação de vê-la. Sua presença era sutil, quase imperceptível, e sua ausência só seria percebida horas depois.

— Parece um espírito! Estou farta de andar atrás de você. Não quero que saia de casa, nem que fique longe dos meus olhos — ordenava-lhe Miss Rose, repetidamente.

— Não saí daqui a tarde inteira — replicava Eliza, impávida, aparecendo suavemente de um recanto qualquer, com um livro ou um bordado na mão.

— Então, pelo amor de Deus, faça algum ruído, menina! Como posso ver você, se você parece mais calada do que um coelho? — alegava Mama Frésia, por sua vez.

Ela dizia que sim e, logo em seguida, fazia o que lhe dava vontade, mas sempre dando um jeito de parecer obediente e voltar às boas graças das duas. Em poucos dias, adquiriu uma incrível perícia para emaranhar a realidade, como se houvesse passado a vida inteira praticando a arte dos mágicos. Diante da impossibilidade de agarrá-la

em uma única contradição ou em uma mentira possível de ser desmascarada, Miss Rose optou por ganhar a sua confiança, e a cada momento referia-se ao tema do amor. Havia pretextos de sobra: mexericos envolvendo as amigas, leituras românticas compartilhadas, libretos de novas óperas italianas que aprendiam de memória, mas Eliza não deixava escapar uma só palavra capaz de trair seus sentimentos. Em vão, Miss Rose procurava pela casa algum sinal que a delatasse; examinou cuidadosamente o quarto de Eliza, remexeu em suas roupas, virou e revirou sua coleção de bonecas e caixinhas de música, seus livros e cadernos, mas não conseguiu encontrar o seu diário. Se o tivesse encontrado, teria sofrido uma decepção, pois em suas páginas não havia menção nenhuma a Joaquín Andieta. Eliza só escrevia para recordar. Em seu diário, havia de tudo, desde sonhos que se repetiam até a interminável lista de receitas culinárias e conselhos domésticos, como a maneira de engordar uma galinha ou limpar manchas de gordura. Havia também especulações sobre o seu próprio nascimento, a cesta de luxo e a caixa de sabão de Marselha, mas nem uma palavra sequer sobre Joaquín Andieta. Não necessitava de um diário para lembrar-se dele. Somente alguns anos mais tarde começaria a relatar nas páginas daquele diário seus encontros amorosos das quartas.

Finalmente, houve uma noite em que os dois não se encontraram na ermida, mas na residência dos Sommers. Para chegar a esse momento, Eliza passou pelo tormento de infinitas dúvidas, pois compreendia que aquele seria um passo definitivo. Só o fato de estarem juntos sem uma pessoa para vigiá-los já era o bastante para que perdesse a honra, o mais precioso tesouro de uma jovem, sem a qual não havia futuro possível. “Mulher sem virtude não vale coisa nenhuma, nunca poderá se tornar esposa nem mãe, e melhor seria se lhe amarrasse uma pedra no pescoço e a atirasse ao mar”, haviam-lhe dito repetidas vezes. Pensou que não haveria atenuante para a falta que ia cometer, calculadamente premeditada. Às duas da manhã, quando não restava uma alma desperta na cidade e só os guardas-noturnos moviam-se pelas ruas escuras, Joaquín Andieta deu um jeito de entrar como um ladrão na biblioteca dos Sommers, onde Eliza o esperava descalça, vestindo apenas uma camisola de dormir, tremendo de frio e ansiedade. Tomou-o pela mão e o conduziu às cegas pela casa, até um quarto dos fundos, onde era guardado, em grandes armários, o vestuário da família, e em diversas caixas os materiais para vestidos e chapéus usados por Miss Rose ao longo dos anos. No chão, estiradas e envoltas em peças de pano, as cortinas da sala e do refeitório esperavam a próxima estação. Para Eliza, aquele era o lugar mais seguro, pois estava distante dos outros aposentos. De qualquer modo, a título de precaução, havia pingado umas gotas de valeriana

no copinho de licor de anis que Miss Rose costumava beber antes de dormir, e outro tanto na aguardente que Jeremy saboreava depois do jantar, enquanto fumava seu charuto cubano. Conhecia cada centímetro da casa, sabia exatamente onde o soalho rangia, o jeito de abrir as portas para que não chiassem, e podia guiar Joaquín na obscuridade sem outra luz que a da própria memória, e ele a seguiu, dócil e pálido de medo, ignorando a voz da consciência, que se confundia com a de sua mãe, fazendo-o implacavelmente lembrar-se do código de honra de um homem decente. Jamais farei a Eliza aquilo que meu pai fez à minha mãe, dizia a si mesmo enquanto avançava guiado pela mão da garota, sabendo, porém, que todas aquelas juras eram inúteis, pois já se sentia vencido por um desejo impetuoso que não o deixava em paz desde o momento em que a vira pela primeira vez. De sua parte, Eliza debatia-se entre as vozes da advertência que retumbavam em sua cabeça e o impulso do instinto, com seus prodigiosos artifícios. Não tinha ideia clara do que iria acontecer no quarto dos armários, mas de antemão se entregara.

Suspensa no ar como uma aranha exposta ao vento, a casa dos Sommers não tinha como permanecer bem aquecida, apesar dos braseiros de carvão que as criadas mantinham acesos durante sete meses por ano. O hálito perseverante do mar trazia os lençóis sempre úmidos, e as pessoas dormiam com garrafas de água quente nos pés. O único lugar sempre aquecido era a cozinha, onde o fogão a lenha, uma peça enorme e de usos os mais diversos, jamais se apagava. Durante o inverno as madeiras estalavam, tábuas desprendiam-se e o esqueleto da casa parecia prestes a sair para navegar, como se fosse uma velha fragata. Miss Rose jamais acostumara-se às tempestades vindas do Pacífico, e muito menos aos tremores de terra. Os verdadeiros terremotos, aqueles que deixavam o mundo de pernas para o ar, aconteciam mais ou menos de seis em seis anos, e, cada vez que um deles ocorria, Miss Rose demonstrava um surpreendente sangue-frio, mas o trepidar diário que sacudia a vida, esse deixava-a de péssimo humor. Nunca aceitou guardar a porcelana e os serviços do dia a dia em prateleiras junto ao chão, como faziam os chilenos, e, quando o móvel do refeitório tremia e seus pratos caíam em pedaços, sussurrava maldições contra aquele país. Na parte inferior achava-se o quarto de guardar coisas da casa, e era nele que Eliza e Joaquín se amavam sobre o grande pacote de pesadas cortinas de veludo verde do salão. Faziam amor entre armários solenes, caixas de chapéus e pacotes que guardavam os vestidos primaveris de Miss Rose. Não sofriam nem com o frio nem com o cheiro de naftalina, pois estavam muito além dos inconvenientes práticos, muito além do medo e das consequências, muito além de sua própria falta de jeito. Não sabiam como fazer, mas foram inventando pelo caminho, aturdidos e confusos, em completo

silêncio, guiando-se mutuamente sem muita destreza. Aos vinte e um anos, ele era tão virgem quanto ela. Aos catorze, havia decidido ser sacerdote, para satisfazer sua mãe, mas aos dezesseis havia se iniciado nas leituras liberais, declarando-se inimigo dos padres, embora nada tivesse contra a religião, e resolvera permanecer casto até cumprir o propósito de afastar a mãe do cortiço. Parecia-lhe uma retribuição mínima pelos inumeráveis sacrifícios que ela fizera. Apesar da virgindade e do tremendo medo de serem surpreendidos, os jovens foram capazes de encontrar na escuridão aquilo que procuravam. Soltaram botões, desataram laços, despojaram-se de pudores e ficaram nus, cada um bebendo o ar e a saliva do outro. Aspiraram fragrâncias atrevidas e, febrilmente, puseram isso aqui e aquilo acolá, em um honesto esforço para decifrar os enigmas, alcançar o fundo do outro e perderem-se no mesmo abismo. As cortinas de verão ficaram manchadas de suor quente, sangue virginal e sêmen, mas nenhum dos dois chegou a pensar nesses sinais deixados pelo amor. Mal podiam perceber, no escuro, os contornos um do outro e medir o espaço disponível, para não derrubar, com seus abraços e movimentos, as pilhas de caixas e os longos cabides dos vestidos. Davam graças ao vento e à chuva que caía no telhado, porque dissimulavam os gemidos do piso, mas eram tão ruidosos o galope de seus corações e o arrebatamento de seus arquejos e suspiros de amor que eles próprios se admiravam de não acordar a casa inteira.

De madrugada, Joaquín Andieta saiu pela mesma janela da biblioteca, e Eliza regressou, exangue, à sua cama. Enquanto ela dormia, envolvida em vários cobertores, ele gastava duas horas percorrendo as ruas debaixo da tormenta. Atravessou discretamente a cidade, sem chamar a atenção da guarda, para chegar em casa justamente quando os sinos das igrejas começavam a chamar os fiéis para a primeira missa. Planejava entrar na ponta dos pés, lavar-se um pouco, trocar o colarinho da camisa e partir para o trabalho com a roupa molhada, pois não tinha outra, mas, como todas as manhãs, a mãe o esperava com água quente para o mate e uma torrada de pão do dia anterior.

— Onde você esteve, meu filho? — perguntou ela com tanta tristeza que o rapaz não teve coragem de enganá-la.

— Descobrindo o amor, mãe — respondeu ele, abraçando-a, sem esconder a alegria.

Joaquín Andieta vivia atormentado por um romantismo político que não encontrava eco naquele país de gente prática e prudente. Tornara-se um fanático admirador das teorias de Laminais, que lia em medíocres e confusas traduções do francês, semelhantes àquelas em que lia os enciclopedistas. Como seu mestre, Andieta preconizava o

liberalismo católico em política e a separação de Estado e Igreja. Dizia-se um cristão primitivo, como os apóstolos e os mártires, mas detestava os padres, traidores de Jesus e sua verdadeira doutrina, como costumava dizer, comparando-os a sanguessugas alimentadas pela credulidade dos fiéis. Tinha, no entanto, o cuidado de não defender tais ideias diante da mãe, que morreria de desgosto se ele o fizesse. Também se considerava inimigo da oligarquia, inútil e decadente, no seu entender, e do governo, porque não representava os interesses do povo, mas dos ricos, o que seus amigos provavam com inumeráveis exemplos nas reuniões realizadas na Livraria Santos Torneiro, e como ele explicava pacientemente a Eliza, embora ela se limitasse a ouvi-lo, pois estava mais interessada em seu cheiro do que em seus discursos. O jovem mostrava-se disposto a arriscar a vida pela glória inútil de um relâmpago de heroísmo, mas tinha um medo visceral de olhar Eliza nos olhos e falar-lhe de seus sentimentos. Estabeleceram a rotina de fazer amor pelo menos uma vez por semana, naquele mesmo quarto dos armários, transformado em ninho. Eram tão poucos e preciosos os momentos em que podiam estar juntos que a ela parecia insensatez gastá-los com filosofias; se o problema dele era falar, preferia que falasse de seus gostos, de seu passado, de sua mãe e de seus planos para casar-se com ela algum dia. Teria dado qualquer coisa para ouvir de sua boca as frases magníficas que ele escrevia nas cartas. Ouvi-lo dizer, por exemplo, que seria mais fácil medir as intenções do vento, ou a paciência das ondas na praia, do que a intensidade de seu amor; que não havia noite invernal capaz de esfriar a infinita fogueira de sua paixão; que passava os dias sonhando e as noites insone, constantemente atormentado pela loucura das lembranças, contando, como um condenado, as horas que faltavam para abraçá-la outra vez: “És meu anjo e minha perdição, em tua presença alcanço o êxtase divino e em tua ausência desço ao inferno. Em que consiste esse domínio que exerces sobre mim, Eliza? Não me fales do amanhã nem do ontem, vivo apenas para esse instante do hoje em que volto a submergir na noite infinita de teus olhos escuros”. Alimentada pelos romances de Miss Rose e pelos poetas românticos, cujos versos sabia de cor, a jovem perdia-se no deleite intoxicante de sentir-se adorada como uma deusa, e não percebia a incongruência entre aquelas declarações inflamadas e a pessoa real de Joaquín Andieta. Nas cartas, ele se transformava no amante perfeito, capaz de descrever sua paixão em um tom angelical, e para quem a culpa e o temor desapareciam, dando lugar à exaltação absoluta dos sentidos. Ninguém havia amado de tal maneira, alguém os escolhera entre todos os mortais para viver uma paixão inimitável, Joaquín dizia nas cartas, e ela acreditava. No entanto, ele fazia amor de um modo aflito e famélico, sem saboreá-lo, como quem se entrega a um vício,

atormentado pela culpa. Não concedia a si mesmo o tempo necessário para conhecer o corpo de Eliza, nem para revelar o seu; era vencido pela urgência do desejo e do segredo. Parecia-lhe que nunca dispunham de tempo para nada, embora Eliza o tranquilizasse, explicando-lhe que ninguém ia àquele quarto durante a noite, que os Sommers dormiam drogados, que Mama Frésia descansava na casinha dos fundos e o restante da criadagem, no sótão. O instinto atiçava a audácia da garota, incitando-a a descobrir as múltiplas possibilidades do prazer, mas logo aprendeu a reprimir-se. Suas iniciativas no jogo amoroso punham Joaquín na defensiva; ele se sentia criticado, ferido ou ameaçado em sua virilidade. As piores suspeitas o atormentavam, pois não podia imaginar tanta sensualidade natural em uma garota de dezesseis anos, cujo único horizonte eram as paredes daquela casa. O medo de uma gravidez piorava a situação, pois nenhum dos dois sabia como evitá-la. Joaquín compreendia apenas vagamente a mecânica da fecundação, e pensava que, retirando-se a tempo, estariam a salvo da gravidez, mas não conseguia agir desse modo. Percebia a frustração de Eliza, mas não sabia como consolá-la, e, em vez de tentar, refugiava-se imediatamente em seu papel de mentor intelectual, terreno em que se sentia seguro. Enquanto ansiava por ser acariciada, ou pelo menos por descansar a cabeça no ombro do amante, ele afastava-se, vestia-se às pressas e gastava o precioso tempo que ainda lhe restava sustentando com novos argumentos as mesmas ideias políticas cem vezes repetidas. Aqueles abraços deixavam-na em chamas, mas Eliza não se atrevia a admiti-lo, nem mesmo no mais profundo de sua consciência, pois isso equivaleria a questionar a qualidade do amor. Caía, então, na armadilha da compaixão, e desculpava o amante, pensando que, se dispusessem de mais tempo e de um lugar seguro, poderiam amar-se satisfatoriamente. Muito melhores do que os jogos compartilhados eram as horas posteriores, no decorrer das quais inventava o que se passara, e as noites em que ficava sonhando com o que talvez pudesse acontecer da próxima vez no quarto dos armários.

Com a mesma seriedade que punha em todos os seus atos, Eliza entregou-se à tarefa de idealizar o namorado até transformá-lo em uma obsessão. Tudo que desejava era servi-lo incondicionalmente pelo resto da existência, sacrificar-se e sofrer como prova de sua abnegação, morrer por ele, se necessário fosse. Ofuscada pelo feitiço daquela paixão inaugural, era incapaz de perceber que ele não lhe correspondia com igual intensidade. Seu galã nunca estava de todo presente. Mesmo quando a abraçava fervorosamente em cima do monte de cortinas, seu espírito andava por outros lugares, estava ausente ou pronto para ausentar-se. Revelava-se, fugazmente, apenas pela metade, em um exasperante jogo de sombras chinesas, mas, ao despedir-se, quando ela, faminta de amor, estava a ponto de cair no

choro, ele entregava-lhe uma de suas prodigiosas cartas. Para Eliza, o universo inteiro se convertia então em um cristal, cuja única finalidade era refletir seus sentimentos. Submetida à árdua tarefa de apaixonar-se de forma absoluta, não duvidava de sua própria capacidade de entrega sem reservas, e exatamente por isso não percebia a ambiguidade de Joaquín. Tinha inventado um amante perfeito, e nutria essa quimera com uma invencível energia. Sua imaginação compensava os incompletos abraços do amante, que a deixavam perdida no limbo escuro do desejo insatisfeito.

SEGUNDA PARTE
1848–1849

A notícia

Em 21 de setembro, dia inaugural da primavera, conforme ordenava o calendário de Miss Rose, os aposentos tinham de ser ventilados, os colchões e os cobertores, levados para o sol, os móveis de madeira, encerados, e as cortinas da sala, trocadas. Mama Frésia lavou, sem comentários, as cortinas floreadas de cretone, convencida de que as manchas secas eram urina de rato. Preparou, no pátio, grandes tinas de barrela quente com cascas de *quillay*, manteve as cortinas de molho durante um dia inteiro, engomou-as com água de arroz e estendeu-as ao sol para secarem; em seguida, as mulheres passaram as cortinas a ferro, e, quando ficaram como novas, foram penduradas para receber a estação que estava chegando. Nesse meio-tempo, indiferentes à agitação primaveril de Miss Rose, Eliza e Joaquín se refestelavam sobre as cortinas de veludo verde, mais macias do que as de cretone. Não fazia mais frio, e as noites se haviam tornado claras. O amor estava completando três meses, e as cartas de Joaquín Andieta, salpicadas de girândolas poéticas e declarações grandiloquentes, tinham se reduzido de maneira notável. Eliza sentia o namorado ausente, às vezes tinha a impressão de abraçar um fantasma. Mas, apesar da angústia do desejo insatisfeito e da carga esmagadora de tantos segredos, a jovem parecia ter recuperado a calma. Passava todas as horas do dia envolvida com as mesmas ocupações de sempre, entretida com seus livros e exercícios de piano, ou fazendo coisas na cozinha e na saleta de costura, sem demonstrar o menor interesse em sair de casa; no entanto, se Miss Rose lhe pedisse, acompanhava-a com a boa disposição de quem não tivesse nada melhor para fazer. Como sempre, dormia cedo e acordava cedo; tinha bom apetite e parecia saudável, mas esses sintomas de perfeita normalidade despertavam horríveis suspeitas em Miss Rose e Mama Frésia, que não tiravam os olhos de cima dela. Não podiam acreditar que a embriaguez do amor houvesse se evaporado de uma hora para a outra, mas, como semanas e semanas se passavam sem que Eliza desse qualquer sinal de perturbação, foram pouco a pouco afrouxando a

vigilância. Afinal de contas, a índia avaliou, as velas acesas a Santo Antônio bem podiam ter servido para alguma coisa; talvez, apesar de tudo, aquilo não fosse amor, Miss Rose pensou, sem muita convicção.

A notícia da descoberta de ouro na Califórnia chegou ao Chile em agosto. Primeiro foi um rumor alucinado, que saía da boca dos marinheiros bêbados nos bordéis de El Almendral, mas, alguns dias mais tarde, o comandante da escuna *Adelaida* anunciou que metade de seus marinheiros havia desertado em San Francisco.

— Existe ouro por toda parte; o ouro pode ser recolhido até com uma pá, e foram encontradas pepitas do tamanho de uma laranja! — contava o capitão, afogado no entusiasmo. — Qualquer um, desde que tenha disposição, pode se tornar milionário!

Em janeiro daquele ano, nas imediações do moinho de um fazendeiro suíço estabelecido na margem do Rio Americano, um sujeito chamado Marshall encontrou uma pepita de ouro na água. Essa partícula amarela, que desencadeou toda a loucura, fora descoberta nove dias após a assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, que punha fim à guerra entre o México e os Estados Unidos. Antes de se saber que aquele território estava assentado em cima de um tesouro inesgotável, ninguém se interessara muito por ele; para os americanos, era uma região de índios, e os pioneiros preferiam conquistar o Oregon, onde, segundo acreditavam, havia melhores condições para a agricultura. O México considerava-o um esconderijo de ladrões, e por isso não se dignara a enviar tropas para defendê-lo durante a guerra. Pouco depois, Sam Brannan, editor de um jornal e pregador mórmon enviado para propagar sua fé, percorria as ruas de San Francisco anunciando a novidade. Ao que parece, as pessoas custaram a acreditar nele, pois sua fama era meio duvidosa — havia rumores de que fizera mau uso do dinheiro de Deus e, quando a igreja mórmon exigira a sua devolução, ele dissera que só o entregaria de volta se lhe dessem um recibo assinado... por Deus —, mas suas palavras eram respaldadas por um frasco de ouro em pó, que foi passando de mão em mão e empolgando as pessoas. Ao grito de “Ouro! Ouro!”, três em cada quatro homens abandonaram tudo e correram para as aluviões. A única escola da área teve de ser fechada, pois só as crianças não foram atrás do minério. No Chile, o impacto da notícia foi idêntico. O salário médio era de vinte centavos por dia, e os jornais diziam que, finalmente, fora descoberto o Eldorado, a cidade sonhada pelos conquistadores, cujas ruas eram pavimentadas com o precioso metal: “A riqueza das minas se iguala à dos contos de Simbad ou à da lâmpada de Aladim; calcula-se, sem exagero, que o lucro diário chegue a uma onça de ouro puro”, escreviam os jornais, acrescentando que havia o bastante para enriquecer milhares e milhares de homens durante dezenas de anos. A cobiça não tardou a incendiar a alma de

mineiro dos chilenos, e a corrida para a Califórnia começou no mês seguinte. Em comparação com os aventureiros que vinham pelo Atlântico, os chilenos já haviam percorrido metade do caminho. A viagem da Europa a Valparaíso demorava três meses, e daí mais dois para chegar à Califórnia. A distância entre Valparaíso e San Francisco não chegava a onze mil quilômetros; da Costa Leste dos Estados Unidos até a Califórnia, passando pelo Cabo Horn, a viagem era de quase trinta mil quilômetros. Isso, como Joaquín Andieta calculou, representava uma vantajosa dianteira para os chilenos, pois os primeiros a chegarem certamente teriam direito aos melhores filões.

Feliciano Rodríguez de Santa Cruz fez a mesma conta e resolveu embarcar imediatamente, com cinco de seus melhores e mais leais mineiros, prometendo-lhes uma recompensa como incentivo para que deixassem as famílias e se lançassem naquele arriscado empreendimento. Gastou três semanas reunindo os suprimentos necessários para uma permanência de vários meses naquela terra ao norte do continente, que imaginava desolada e selvagem. Levava uma boa vantagem sobre a maioria dos incautos que partiam às cegas, mão na frente e outra atrás, incitados pela tentação da fortuna fácil, mas sem ter a menor ideia dos perigos e esforços que os aguardavam. Feliciano, ao contrário, não ia disposto a partir a espinha trabalhando como um mouro, por isso viajava bem abastecido e acompanhado de servidores de confiança, explicou à mulher, que esperava o segundo filho, mas insistia em viajar com ele. Paulina pensava em levar duas amas, seu cozinheiro, uma vaca e galinhas vivas, que forneceriam leite e ovos às crianças durante a travessia, mas pela primeira vez o marido foi firme na negativa. A ideia de partir para aquela odisseia com a família nas costas lhe parecia um plano absolutamente louco. Sua mulher tinha perdido o juízo.

— Como se chamava aquele capitão amigo de Mr. Todd? — Paulina interrompeu-o, na metade do discurso, equilibrando uma xícara de chocolate no alto da imensa barriga, enquanto mordiscava um pequeno pastel de massa folheada com recheio de doce de leite, uma receita que havia aprendido com as monjas clarissas.

— John Sommers?

— Estou me referindo àquele que estava farto de navegar à vela e vivia falando de navios a vapor.

— É o próprio.

Paulina ficou uns momentos a pensar, enquanto levava pastéis à boca e ignorava por completo a lista de perigos que seu marido invocava. Havia engordado, e nela pouco restava daquela moça graciosa que havia fugido de um convento com a cabeça raspada.

— Quanto tenho na minha conta em Londres? — perguntou finalmente.

— Cinquenta mil libras. Você é uma senhora muito rica.

— Não basta. Pode me emprestar o dobro, a juros de dez por cento, com o prazo de três anos para pagar?

— Mulher de Deus! Você e suas ideias! Para que diabo quer tanto dinheiro?

— Para comprar um navio a vapor. O grande negócio não é o ouro, Feliciano, que, no fundo, não passa de cocô amarelo. O grande negócio são os mineiros. Necessitam de tudo na Califórnia e estão dispostos a pagar à vista. Dizem que os navios a vapor navegam em linha reta, não têm de submeter-se aos caprichos do vento, são maiores e mais rápidos. Os veleiros são coisa do passado.

Feliciano foi em frente com seus planos, mas a experiência o havia ensinado a não desdenhar das premonições financeiras de sua mulher. Durante várias noites não pôde dormir. Passeava insone pelos ostentosos salões de sua mansão, entre sacos de provisões, caixas de ferramentas, barris de pólvora e pilhas de armas para a viagem, medindo e pesando as palavras de Paulina. Quanto mais pensava nelas, mais acertada lhe parecia a ideia de investir em transporte, mas, antes de decidir-se, resolveu consultar o irmão, seu sócio em todos os empreendimentos. O outro escutou boquiaberto e, quando Feliciano terminou de fazer sua explicação, deu um tapa na testa.

— Caramba, meu irmão! Por que não pensamos nisso antes?

Enquanto isso, como milhares de outros chilenos de sua idade e de qualquer condição social, Joaquín Andieta sonhava com bolsas de ouro em pó e pepitas espalhadas pelo chão. Vários conhecidos seus já haviam partido, inclusive um daqueles amigos que se reuniam na Livraria Santos Torneiro, um jovem liberal que, apesar de viver falando mal dos ricos e estar sempre pronto para denunciar a corrupção do dinheiro, não pudera resistir ao chamado do ouro e tinha ido embora sem despedir-se de ninguém. Para Joaquín, a Califórnia representava a única oportunidade de sair da miséria, tirar sua mãe do cortiço e buscar a cura para seus pulmões enfermos; de apresentar-se a Jeremy Sommers com a cabeça erguida e os bolsos cheios de dinheiro, a fim de pedir-lhe a mão de Eliza. Ouro... ouro ao seu alcance... Podia ver os sacos de ouro em pó, os cestos cheios de grandes pepitas, as notas em seu bolso, o palácio que mandaria construir, mais sólido e mais rico em mármore do que o Clube da União, para tapar a boca dos parentes que haviam humilhado sua mãe. Via-se também saindo da Igreja Matriz de braços dados com Eliza Sommers, os noivos mais felizes do planeta. Era uma questão apenas de atrever-se. Com que futuro lhe acenava o Chile? Na melhor das hipóteses, envelheceria contando as mercadorias que passavam pelo escritório da Companhia Britânica de Importação e Exportação. Nada tinha a perder, já que nada possuía. A febre do ouro deixou-o

transtornado — ele perdeu o apetite e não podia dormir; andava angustiado, olhando o mar com olhos de louco. Seu amigo livreiro emprestou-lhe mapas e livros sobre a Califórnia, além de um folheto no qual era ensinada a maneira de lavar o metal, que leu com avidez, enquanto pensava desesperadamente em um meio de financiar a viagem. As notícias dos jornais não podiam ser mais tentadoras: “Há uma parte das minas, chamada *dry diggins*, em que uma faca é o único utensílio necessário para desprender o metal das rochas. Em outras, ele já se encontra separado, e só é necessário usar uma maquinaria muito simples, que consiste em uma bateia feita de tábuas, de fundo redondo com uns três metros de comprimento e sessenta centímetros de largura na parte superior. Não sendo necessário capital, é grande a competição no trabalho, e homens que antes eram capazes apenas de procurar o mínimo indispensável para um mês agora são donos de milhares de pesos em ouro”.

Quando Andieta mencionou a possibilidade de embarcar para o Norte, sua mãe reagiu tão mal quanto Eliza. Embora não se conhecessem, as duas mulheres disseram exatamente as mesmas palavras: se você for, Joaquín, eu morro. Ambas tentaram abrir-lhe os olhos para os inumeráveis perigos daquela aventura e juraram que preferiam ter ao lado a pobreza irremediável a uma fortuna ilusória, sob o risco de perdê-lo para sempre. A mãe garantiu-lhe que, mesmo se tornando milionária, não deixaria o cortiço, pois era ali que estavam suas amizades, e não tinha para onde ir neste mundo. Eliza, por sua vez, se propôs a fugir, caso não lhes permitissem casar-se. Ele, porém, não lhes dava ouvidos, vivia perdido em seus desvarios, certo de que não teria outra oportunidade igual àquela, e deixá-la passar seria uma imperdoável covardia. Pôs a serviço de sua nova mania a mesma intensidade antes empregada quando propagava as ideias liberais, mas faltavam-lhe os meios para realizar seus planos. Não podia cumprir seu destino sem dispor de determinada quantia para pagar a passagem e munir-se do indispensável à viagem. Procurou um banco a fim de pedir emprestado a pequena soma de que necessitava, mas, diante da ausência de garantia e de sua aparência de pobre-diabo, despediram-no glacialmente. Pela primeira vez pensou em recorrer aos parentes da mãe, com quem até então jamais trocara uma palavra, mas era demasiado orgulhoso para isso. A visão de um futuro deslumbrante não o deixava em paz, e era a duras penas que conseguia fazer seu trabalho, as longas horas no escritório transformando-se em verdadeiro castigo. Ficava com a pena suspensa no ar, olhando a página em branco sem vê-la, enquanto repetia de memória os nomes dos navios que podiam tê-lo conduzido para o Norte. Passava as noites entre sonhos tempestuosos e insônias agitadas, amanhecia com o corpo esgotado e a imaginação fervendo.

Cometia erros de principiante, enquanto, ao seu redor, a exaltação chegava às barras da histeria. Todos queriam partir, e os que não podiam ir pessoalmente organizavam empresas, investiam em companhias formadas às pressas, ou mandavam em seu lugar um representante de confiança, com quem os lucros seriam repartidos. Os que não eram casados foram os primeiros a zarpar; mas os casados não demoraram a deixar os filhos e embarcar da mesma maneira, sem olhar para trás, apesar das truculentas histórias de doenças desconhecidas, acidentes calamitosos e crimes de grande brutalidade. Os homens mais pacíficos estavam dispostos a enfrentar os riscos de balaços e punhaladas; os mais prudentes abandonavam a segurança alcançada em anos de esforço e se lançavam à aventura com sua bagagem de delírios. Uns gastavam suas economias em passagens, outros pagavam a viagem trabalhando como marinheiros ou empenhando os ganhos futuros, mas, com tantos candidatos, Joaquín Andieta não encontrou lugar em nenhuma embarcação, apesar de ir ao porto todos os dias em busca de informações.

Em dezembro não aguentou mais. Ao fazer o detalhado registro de uma carga recém-chegada, sua tarefa cotidiana, alterou as cifras no livro de entrada, destruindo, em seguida, os documentos do desembarque. Assim, por meio desse ilusionismo contábil, deu sumiço a várias caixas que continham revólveres e munições procedentes de Nova York. Durante três noites consecutivas, conseguiu burlar a vigilância da guarda, violar as fechaduras e entrar no armazém da Companhia Britânica de Importação e Exportação, a fim de roubar o conteúdo daquelas caixas. Teve de fazer várias viagens, porque a carga era pesada. Primeiro saiu com algumas armas nos bolsos e outras embaixo da roupa, atadas a pernas e braços; depois levou as balas. Várias vezes esteve a ponto de ser surpreendido pelos vigias noturnos, mas a sorte o acompanhava, e em cada uma dessas ocasiões conseguiu escapulir a tempo. Sabia que decorreriam duas semanas antes que alguém reclamasse os caixotes e o roubo fosse descoberto; supunha também que seria muito fácil seguir o fio dos documentos ausentes e dos números trocados até chegar ao culpado, mas então, conforme esperava, já estaria em alto-mar. E, quando tivesse amealhado seu próprio tesouro, devolveria o dinheiro, com juros, até o último centavo, pois a única razão para cometer aquela falta, dizia mil vezes a si mesmo, tinha sido o desespero. Era um caso de vida ou morte: a vida, como ele a entendia, estava na Califórnia; ficar de pés e mãos atados ao Chile era o mesmo que morrer lentamente. Parte de seu butim foi vendida a preço vil nos bairros populares, e a outra aos seus amigos da Livraria Santos Torneiro, depois de fazê-los jurar que guardariam o segredo. Aqueles exaltados idealistas jamais haviam empunhado uma arma, mas fazia anos que se preparavam, em

palavra, para uma utópica revolução contra o governo conservador. Teria sido uma traição às suas próprias intenções não comprar os revólveres oferecidos pelo mercado negro, sobretudo quando eram vendidos a preço de banana. Joaquín Andieta reservou dois para si mesmo, decidido a usá-los quando fosse necessário abrir caminho, mas não disse uma palavra aos camaradas sobre sua intenção de partir. Naquela noite, no depósito da livraria, também levou a mão direita à altura do coração, a fim de jurar, em nome da pátria, que daria sua vida pela democracia e a justiça. Na manhã seguinte comprou uma passagem de terceira classe na primeira escuna prestes a zarpar, além de várias bolsas contendo farinha, feijão, arroz, açúcar, carne-seca de cavalo e tiras de toucinho, provisões que, consumidas com moderação de avarento, talvez lhe dessem forças para a travessia.

Na noite de 22 de dezembro, despediu-se de Eliza e de sua mãe, e no dia seguinte partiu para a Califórnia.

Mama Frésia descobriu as cartas de amor por puro acaso, quando arrancava cebolas no seu pequeno horto e o forçado tropeçou na caixa de flandres. Não sabia ler, mas bastou olhar para perceber do que se tratava. Sentiu-se tentada a entregar o achado a Miss Rose, porque se sentia ameaçada pelo simples fato de ter as cartas na mão. Podia jurar que o pacote atado com uma fita palpitava como um coração vivo, mas o carinho por Eliza pôde mais do que a prudência, e assim, em vez de procurar a patroa, pôs as cartas de volta na caixa de biscoitos, escondeu-a embaixo da saia larga e se dirigiu, suspirando, ao aposento da garota. Encontrou Eliza sentada em uma poltrona, as costas retas e as mãos sobre a saia, como se estivesse na missa, olhando o mar pela janela, tão angustiada que o ar ao seu redor parecia espesso e pesado de premonições. Pôs a caixa nos joelhos da moça e ficou à espera de uma explicação.

— Esse homem é um demônio. Só vai trazer desgraça para você — disse-lhe afinal.

— As desgraças já começaram. Ele partiu há seis semanas para a Califórnia, e minhas regras até agora não vieram.

Mama Frésia sentou-se no chão, com as pernas cruzadas, como costumava fazer quando seus ossos pareciam abandoná-la, e começou a mexer com o tronco para a frente e para trás, gemendo suavemente.

— Cale a boca, mãezinha, Miss Rose pode nos ouvir — suplicou Eliza.

— Um filho de ninguém! Um *huacho*! O que vamos fazer, minha filha? O que vamos fazer? — lamentava-se a mulher sem parar.

— Vou me casar com ele.

— Como, se ele foi embora?

— Vou ter de procurá-lo.

— Ah, meu bendito Menino Jesus! Ficou louca? Vou lhe preparar um remédio e em poucos dias você vai estar nova em folha.

A índia preparou uma infusão à base de *borraja* e um pouco de excremento de galinha diluído em cerveja preta, coisas que Eliza devia beber três vezes ao dia; além disso, obrigou-a a tomar banhos de assento com enxofre e aplicou compressas de mostarda em seu ventre. O resultado foi que a moça começou a ficar pálida, a empapar-se de um suor pegajoso que fedia a gardêneas podres, mas, ao cabo de uma semana, ainda não havia nenhum sinal de aborto. Mama Frésia decretou que o feto era macho e, sem dúvida, estava amaldiçoado, e era por isso que se apegava de tal maneira às tripas da mãe. Era um contratempo maior do que as suas forças, coisa do diabo, e por isso apenas sua mestra, a *machi*, poderia afastar tão poderoso infortúnio. Naquela tarde pediu à patroa licença para sair e, uma vez mais, fez a pé o difícil percurso até o recôncavo da montanha, onde se apresentou, cabisbaixa, à feiticeira velha e cega. Levava-lhe de presente duas formas de marmelada e um pato recheado com estragão.

A *machi* ouviu o relato dos últimos acontecimentos, sempre assentindo com ar enfasiado, como se soubesse de antemão tudo aquilo que havia acontecido.

— Já lhe disse, a teimosia é um mal muito forte: amarra o cérebro e rebenta o coração. Há muitas formas de teimosia, mas a de amor é a pior de todas.

— Pode fazer alguma coisa para que minha filha bote fora esse *huacho*?

— Poder, posso. Mas isso não vai deixar a moça curada. Não há jeito. Dessa ou daquela forma, ela irá atrás do seu homem.

— Ele viajou para muito longe, foi procurar ouro.

— Depois do amor, a pior teimosia é a do ouro — sentenciou a *machi*.

Mama Frésia compreendeu que seria impossível tirar Eliza de casa para levá-la à choupana da *machi*, fazer-lhe um aborto e trazê-la de volta à casa, sem que Miss Rose viesse a saber. A feiticeira tinha cem anos e fazia cinquenta que não saía de seu miserável casebre, de modo que também não poderia ir à casa dos Sommers a fim de tratar a jovem. Assim, a única saída para Mama Frésia seria fazer, ela mesma, aquilo que devia ser feito. A *machi* entregou-lhe um fino talo de capim-gigante e uma porção de pomada escura e fétida, explicando-lhe em detalhes como untar a cana com aquele creme e introduzi-la em Eliza. Ensinou-lhe depois as palavras mágicas que haviam de eliminar o filho do diabo e, ao mesmo tempo, proteger a vida da mãe. A operação, advertiu a feiticeira, deveria ser realizada na noite de sexta-feira, único dia autorizado para tal intervenção. Mama Frésia

regressou muito tarde, exausta, com o talo de capim-gigante e a pomada embaixo do manto.

— Reze, menina, porque dentro de duas noites você vai ter o remédio — avisou a Eliza quando foi lhe levar na cama o chocolate matutino.

O capitão John Sommers desembarcou em Valparaíso no dia marcado pela *machi*. Era a segunda sexta-feira de fevereiro de um verão excepcional. As águas da baía fervilhavam de atividade, com meia centena de embarcações ancoradas, enquanto outras esperavam no alto-mar uma oportunidade para aproximar-se do porto. Como sempre, Eliza acompanhou Jeremy e Rose ao cais, a fim de receber aquele tio admirável, que chegava carregado de novidades e presentes. A burguesia, que aproveitava a ocasião para visitar as embarcações e comprar mercadorias contrabandeadas, misturava-se com marinheiros, viajantes, estivadores e funcionários da alfândega, enquanto as prostitutas, mantidas a certa distância, faziam suas contas. Nos últimos meses, desde que a notícia do ouro viera aguçar a cobiça dos homens em todos os lugares do mundo, os navios entravam e saíam em ritmo alucinante, e os bordéis não davam conta da demanda. Mas as mulheres mais intrépidas não se conformavam com a rajada de sorte que bafejava seu negócio em Valparaíso, e calculavam que poderiam ganhar muito mais se fossem para a Califórnia, onde havia duzentos homens para cada mulher, segundo se contava. Em Valparaíso, as pessoas tropeçavam em carretas, animais e cargas; falavam-se várias línguas, soavam as sirenes dos navios e os apitos dos guardas. Miss Rose, o nariz protegido por um lenço perfumado com essência de baunilha, examinava os passageiros dos botes, procurando seu irmão predileto, enquanto Eliza aspirava o ar em sorvos curtos, procurando separar e identificar os cheiros. O cheiro acre do pescado, exposto ao sol em grandes cestos, misturava-se às emanções dos excrementos dos animais de carga e do suor humano. Foi a primeira a pôr os olhos no capitão Sommers, e sentiu um alívio tão grande que por pouco não desatou a chorar. Fazia meses que o esperava, certa de que só ele poderia entender a angústia de seu amor contrariado. Nem uma palavra sequer sobre Joaquín Andieta fora dita a Miss Rose e muito menos a Jeremy Sommers, mas estava certa de que seu tio navegante, a quem nada podia surpreender ou assustar, iria ajudá-la.

Mal o capitão pôs os pés em terra firme, Eliza e Miss Rose correram agitadas ao seu encontro; ele tomou ambas pela cintura, com seus fornidos braços de corsário, levantou-as ao mesmo tempo e se pôs a girar como um pião, em meio aos gritos de júbilo de Miss Rose e aos protestos de Eliza, que estava a ponto de vomitar. Jeremy Sommers

veio saudá-lo com um aperto de mão, perguntando-se como era possível que seu irmão não houvesse mudado nem um pouco nos últimos vinte anos, como podia continuar tão estouvado quanto antes.

— O que é que há, menininha? Você não está com uma cara boa — disse o capitão, examinando Eliza.

— Comi fruta verde, tio — explicou ela, apoiando-se nele para não piorar da tontura.

— Sei que não vieram ao porto para me receber. O que vocês querem é comprar perfumes, não é? Vou lhes dizer quem tem os melhores, trazidos do coração de Paris.

Nesse momento um forasteiro passou ao lado e esbarrou nele, acidentalmente, com a mala que levava no ombro. John Sommers virou-se, indignado, mas, ao reconhecê-lo, soltou uma de suas características pragas em tom de brincadeira e o deteve pelo braço.

— Venha cá, chinês — chamou cordialmente o desconhecido. — Vou apresentar você à minha família.

Eliza observou o homem sem dissimular seu interesse, pois jamais tinha visto um habitante da China, aquele país fabuloso que aparecia em muitas das histórias de seu tio. Era um homem de idade indeterminável, e bem mais alto do que os chilenos em geral, embora, ao lado do corpulento comandante inglês, parecesse um adolescente. Caminhava desgracioso, tinha o rosto liso, o corpo delgado de um rapazinho e uma expressão antiga em seus olhos rasgados. A circunspeção doutoral contrastava com seu riso infantil, que brotou do fundo do peito quando Sommers lhe dirigiu a palavra. Vestia uma calça que cobria apenas metade das canelas, uma blusa solta de tecido grosseiro, e tinha a cintura envolvida por uma faixa que servia para prender uma grande faca; calçava sapatos leves, sem tacões, e sua cabeleira, protegida por um esquisito chapéu de palha, prolongava-se em uma trança que lhe caía pelas costas abaixo. Fez suas saudações inclinando várias vezes a cabeça, sem livrar-se da mala e sem olhar diretamente para o rosto de ninguém. Surpreendidos pela familiaridade com que seu irmão tratava aquele indivíduo de nível social claramente inferior, Miss Rose e Jeremy Sommers não sabiam como se comportar, e retribuíram apenas com um gesto breve e seco. Para horror de Miss Rose, Eliza estendeu a mão ao chinês, mas o homem fingiu não tê-la visto.

— Esse é Tao Chi'en, o pior cozinheiro que já tive, mas, para compensar, sabe a cura de todas as doenças. Foi só por isso que nunca o atirei no mar — brincou o capitão.

Tao Chi'en inclinou-se várias outras vezes, soltou outra risada sem razão aparente e, em seguida, afastou-se andando para trás. Eliza perguntou a si mesma se ele entenderia inglês. Atrás das duas mulheres, John Sommers dizia baixinho ao irmão que o chinês era

capaz de lhe fornecer coisas como ópio da melhor qualidade e pó de chifre de rinoceronte, ótimo remédio para impotência, no qual podia pensar se algum dia resolvesse abandonar o mau hábito do celibato. Ocultando o rosto atrás do leque, Eliza escutou, intrigada, a conversa dos irmãos.

Naquela tarde, em casa, quando se servia de chá, o capitão distribuiu os presentes que havia trazido: creme de barbear inglês, um jogo de tesouras toledanas e charutos havaneses para o irmão, pentes de casco de tartaruga e uma mantilha de seda de Manila para Rose, e, como sempre, uma joia para o enxoval de Eliza. Dessa vez, tratava-se de um colar de pérolas, que a jovem agradeceu comovida e guardou em seu porta-joias, ao lado de outros presentes que havia recebido. Graças à teimosa disposição de Miss Rose e à generosidade daquele tio, seu baú de casamento ia ficando repleto de tesouros.

— O costume do enxoval me parece idiota — sorriu o capitão —, principalmente quando ainda nem se pescou um noivo. Ou, por acaso, já existe um no horizonte?

Eliza trocou um olhar de terror com Mama Frésia, que acabava de entrar com a bandeja de chá. O capitão guardou silêncio, mas ficou perguntando a si mesmo por que a irmã não era capaz de notar as mudanças que estavam ocorrendo com a jovem. Pelo visto, a intuição feminina não era lá grande coisa.

O restante da tarde foi preenchido com os fantásticos relatos do capitão sobre a Califórnia, embora ele próprio não tivesse navegado por aqueles mares depois da extraordinária descoberta, e de San Francisco só pudesse dizer que era apenas um casario bem mais miserável do que Valparaíso, porém situado na baía mais bonita do mundo. A corrida do ouro era o único assunto das conversas na Europa e nos Estados Unidos, e a notícia já havia chegado até mesmo às longínquas fronteiras da Ásia. Seu navio estava repleto de passageiros que se destinavam à Califórnia; a maioria deles não tinha a menor ideia do que vinha a ser mineração, e muitos jamais tinham visto ouro nem mesmo no dente de alguém. Não havia um modo confortável e rápido de chegar a San Francisco — a travessia durava meses e as condições eram as mais precárias, o capitão explicou — mas, por terra, através do continente americano, desafiando-se a imensidade do território e a agressividade dos indígenas, a viagem demorava ainda mais, e eram menores as probabilidades de alguém chegar lá com vida. Os que se aventuravam de navio até o Panamá cruzavam o istmo primeiro em jangadas que deslizavam pelo meio de selvas habitadas por animais ferozes, depois em costas de mulas por dentro da floresta, e, uma vez alcançada a costa do Pacífico, tomavam outro navio, agora para o Norte. Tinham de suportar um calor infernal, répteis peçonhentos, além da maldade humana em seu mais

alto grau. Os viajantes que sobreviviam ilesos às quedas das cavalgadas no fundo dos precipícios e aos perigos dos pântanos tornavam-se vítimas de bandidos que os despojavam de seus pertences ou de exploradores que lhes cobravam uma fortuna para levá-los a San Francisco, amontoados como gado, em navios velhos e desconjuntados.

— A Califórnia é muito grande? — perguntou Eliza, procurando evitar que a voz lhe traísse a ansiedade do coração.

— Traga o mapa que vou lhe mostrar. É muito maior do que o Chile.

— E como se chega ao lugar do ouro?

— Dizem que o ouro está por toda parte...

— Mas se alguém quisesse, digamos, encontrar uma pessoa na Califórnia...

— Seria muito difícil — replicou o capitão, estudando com curiosidade a expressão de Eliza.

— Vai para lá em sua próxima viagem, tio?

— Tenho uma oferta tentadora e creio que vou aceitá-la. Alguns investidores chilenos querem estabelecer uma linha regular de carga e passageiros para a Califórnia. Necessitam de alguém para comandar um navio a vapor.

— Então vamos vê-lo com mais frequência, John! — exclamou Rose.

— Você não tem experiência com vapores — observou Jeremy.

— Não, mas de fato conheço o mar melhor do que ninguém.

Na noite da sexta-feira marcada pela *machi*, Eliza esperou que a casa estivesse em silêncio para poder ir até a pequena moradia do último pátio, a fim de encontrar-se com Mama Frésia. Deixou a cama e desceu descalça, vestindo apenas uma camisola de cambraia. Não imaginava que tipo de medicação receberia, mas tinha certeza de que passaria um mau pedaço; sua experiência lhe dizia que todos os tratamentos eram desagradáveis, mas os da índia chegavam a ser repelentes. “Não se preocupe, menina, vou te dar tanta aguardente que, quando você acordar da carraspana, não vai se lembrar da dor. Bom, vamos necessitar de um bocado de toalhas para estancar o sangue”, dissera a índia. Muitas vezes Eliza tinha feito aquele mesmo percurso às escuras, através da casa, a fim de receber o amante, e não necessitava tomar maiores precauções, mas naquela noite seguia bem lentamente, retardando o passo, desejando que ocorresse um daqueles terremotos chilenos, capazes de pôr tudo abaixo, apenas para ter um bom pretexto de faltar ao encontro com Mama Frésia. Sentiu os pés gelados, e um arrepio percorreu-lhe a espinha. Não soube dizer se aquilo seria frio, medo ou a advertência final de sua consciência.

Desde a primeira suspeita de gravidez, tinha a sensação de que uma voz a chamava. Estava certa de que era a voz do menino no fundo de seu ventre, clamando pelo direito de viver. Tentava não ouvi-la e não pensar, caíra na armadilha e já não era mais impossível notar seu estado, não havia esperança nem perdão para ela. Ninguém poderia compreender seu erro; não havia maneira nenhuma de recuperar a honra perdida. Nem as rezas nem as velas de Mama Frésia impediriam a desgraça; seu amante não voltaria da metade do caminho, a fim de apresentar-se de súbito e casar-se com ela antes que a gravidez se tornasse evidente. Era muito tarde para isso. Sentia-se aterrorizada pela ideia de terminar como a mãe de Joaquín, marcada pelo estigma infamante, expulsa de sua família e vivendo na pobreza, na solidão, com um filho ilegítimo; não suportaria o repúdio, preferia morrer de uma vez por todas. E podia morrer naquela mesma noite, nas mãos da boa mulher que a havia criado e a amava mais do que ninguém.

A família se recolheu cedo, mas durante horas o capitão e Miss Rose estiveram encerrados na saleta de costura, conversando baixinho. Em cada uma de suas viagens, John Sommers trazia livros para a irmã e, ao partir, levava consigo alguns misteriosos pacotes que bem poderiam ser, como Eliza suspeitava, os escritos de Miss Rose. Eliza a vira uma vez empacotando cuidadosamente os cadernos, os mesmos que, nas tardes ociosas, costumava cobrir com sua caligrafia cerrada. Por respeito e por uma espécie de estranho pudor, ninguém os mencionava, da mesma forma que ninguém comentava suas pálidas aquarelas. A escrita e a pintura eram tratadas pelos Sommers como pecados veniais, nada que realmente chegasse a envergonhá-los, mas também nada que merecesse algum alarde. A arte culinária de Eliza era recebida com a mesma indiferença pelos Sommers, que saboreavam seus pratos em silêncio, e mudavam de assunto quando alguma visita aplaudia imerecidamente suas esforçadas apresentações ao piano, mesmo que se destinassem apenas a acompanhar o andamento das canções alheias. Eliza sempre tinha visto sua protetora escrevendo, mas nunca lhe perguntara o que escrevia e também nunca ouvira a pergunta ser feita por John ou Jeremy. Gostaria de saber por que seu tio levava em sigilo os cadernos de Miss Rose, mas, sem que ninguém lhe houvesse dito, sabia que aquele era um dos segredos básicos que garantiam o equilíbrio da família, e violá-lo talvez só servisse para fazer desmoronar o castelo de cartas em que viviam. Já fazia algum tempo que Jeremy e Rose dormiam em seus aposentos, e Eliza supunha que o tio John saíra a cavalo depois de cear. Conhecendo os hábitos do capitão, a jovem imaginou que naquele momento estaria se divertindo em companhia de algumas de suas amigas pouco ajuizadas, aquelas que o saudavam na rua quando Miss Rose não o acompanhava. Sabia que dançavam e bebiam, mas, como

só ouvira falar de prostitutas em cochichos, a ideia de algo mais sórdido nunca lhe ocorrera. A possibilidade de fazer por dinheiro ou divertimento aquilo que, por amor, havia feito com Joaquín Andieta estava fora de suas cogitações. Segundo seus cálculos, o tio John não voltaria antes do amanhecer, por isso levou um tremendo susto quando alguém a agarrou pelo braço em plena escuridão. Sentiu o calor de um corpo avultado contra o seu, recebeu um hálito de bebida e tabaco no rosto, e não teve mais dúvida de que o outro era o tio John. Tentou soltar-se, enquanto procurava às pressas uma explicação para o fato de encontrar-se ali de camisola, no meio da noite, mas o capitão levou-a com firmeza para a biblioteca, iluminada apenas por alguns raios de luar que passavam pela janela. Obrigou-a a sentar-se na poltrona de couro inglês do irmão Jeremy, enquanto procurava fósforos para acender a vela.

— Bem, Eliza, agora me diga o que está se passando com você — ordenou o capitão em um tom que jamais havia usado em suas conversas com ela.

Em um súbito clarão de lucidez, Eliza descobriu que o capitão, ao contrário do que havia suposto, não seria seu aliado. A tolerância que costumava alardear não seria aplicada àquele caso: tratando-se do bom nome da família, sua lealdade estaria com os irmãos. Muda, a jovem sustentou seu olhar, desafiando-o.

— Rose me disse que você anda caída por um idiota de sapatos furados, é verdade?

— Só o vi duas vezes, tio John. E já se passaram vários meses. Não sei nem o nome dele.

— Mas não consegui esquecer-lo, não é verdade? O primeiro amor é como a varíola, deixa marcas indeléveis. Esteve com ele a sós?

— Não.

— Não acredito. Pensa que sou tolo? Qualquer pessoa pode ver quanto você mudou, Eliza.

— Estou adoentada, tio. Comi umas frutas verdes e ando com as tripas alvoroçadas. É só isso. Estava indo à latrina.

— Você está com olhos de cadela no cio!

— E o senhor, por que está me insultando?

— Desculpe. Você não nota que a amo muito e estou preocupado? Não posso permitir que arruíne sua vida. Rose e eu temos um plano excelente... gostaria de ir para a Inglaterra? Posso ajeitar as coisas para que as duas embarquem dentro de um mês. Teriam tempo para comprar tudo o que é necessário para a viagem.

— Inglaterra?

— Viajarão de primeira classe, como rainhas, e em Londres ficarão instaladas em uma pensão encantadora, a poucas quadras do Palácio de Buckingham.

Eliza compreendeu que os irmãos já haviam decidido seu destino. A última coisa que desejava era partir na direção contrária àquela que fora escolhida por Joaquín, pondo entre eles dois oceanos de distância.

— Obrigada, tio. Conhecer a Inglaterra muito me encantaria — disse com toda a doçura que conseguiu reunir.

O capitão bebeu uma aguardente após a outra, acendeu o cachimbo e passou as horas seguintes a enumerar as vantagens da vida em Londres, onde uma jovem como ela poderia frequentar a melhor sociedade, ir aos bailes, ao teatro e aos concertos, comprar os mais belos vestidos e fazer um bom casamento. Já havia chegado à idade de casar. E não gostaria também de ir a Paris ou à Itália? Ninguém devia morrer sem ter visto Veneza ou Florença. Ele se encarregaria de satisfazer todos os seus caprichos, não era isso que sempre havia feito? O mundo estava repleto de homens bonitos, interessantes e de boa posição social; ela mesma iria comprovar o que estava dizendo, assim que saísse do buraco em que aquela cidade esquecida a encerrava. Valparaíso não era lugar para uma jovem tão linda e tão educada quanto ela. Não tinha culpa de apaixonar-se pelo primeiro que surgisse em seu caminho, pois vivia presa. E quanto a esse rapaz como era mesmo o nome dele? Empregado de Jeremy, não? Logo o esqueceria. O amor, garantiu o capitão John, morre inexoravelmente por autocombustão, isso quando não tem as raízes arrancadas pela distância. Ninguém melhor do que ele para lhe dar conselhos a respeito, pois, afinal, era um especialista em distâncias e amores convertidos em cinzas.

— Não sei do que está me falando, tio. Miss Rose inventou uma história romântica a partir de um copo de suco de laranja. Um sujeito apareceu aqui para entregar uns pacotes, eu lhe ofereci um refresco, ele bebeu e foi embora. Foi só isso. Não houve nada e não voltei a vê-lo.

— Se é como acaba de dizer, você está com sorte: não precisará arrancar nenhuma fantasia da cabeça.

John Sommers continuou a beber e a falar até de madrugada, enquanto Eliza, encolhida na poltrona de couro, entregava-se ao sonho, pensando que, afinal, o céu tinha escutado seus pedidos. Não fora um oportuno terremoto que a salvara do terrível remédio de Mama Frésia; fora o tio. Em seu casebre, a índia esperou a noite toda.

A despedida

Sábado à tarde, John Sommers convidou sua irmã Rose a visitar o navio dos Rodríguez de Santa Cruz. Se tudo saísse bem nas negociações em curso, seria ele o escolhido para capitaneá-lo, realizando, assim, seu sonho de navegar a vapor. Mais tarde Paulina recebeu-os no salão do Hotel Inglês, onde se hospedava. Viera do Norte a fim de pôr em marcha seu projeto, pois fazia vários meses que o marido estava na Califórnia. Ambos aproveitavam o ininterrupto tráfego de navios nas duas direções para comunicar-se mediante uma vigorosa correspondência, na qual as declarações de afeto conjugal misturavam-se aos planos comerciais. Fora por intuição que Paulina escolhera John Sommers para trabalhar em sua empresa. Lembrara-se vagamente de que ele era irmão de Jeremy e Rose Sommers, uns gringos que seu pai havia convidado duas vezes para visitar a fazenda da família, porém só o tinha visto uma vez e com ele trocara apenas umas poucas palavras de cortesia. Sua única referência era a amizade em comum com Jacob Todd, mas nas últimas semanas andara investigando e se sentia bastante satisfeita com o que soubera. O capitão Sommers tinha sólida reputação nos círculos marítimos e nos escritórios comerciais. Diziam que era possível confiar na sua experiência, e na sua palavra, mais do que era habitual naqueles dias de loucura coletiva, quando qualquer um alugava uma embarcação, formava uma companhia de aventureiros e zarpava. Tratava-se geralmente de pobretões metidos a ricos, e seus navios estavam meio desconjuntados, mas nada disso importava muito, pois, com a chegada à Califórnia, as sociedades desfaziam-se, os navios eram deixados ao abandono e todos disparavam para as jazidas auríferas. Paulina, ao contrário, tinha uma visão mais ampla. Primeiro, não estava obrigada a acatar exigências de estranhos, pois seus únicos sócios eram o marido e o cunhado, e segundo, a maior parte do capital lhe pertencia, de modo que podia tomar suas decisões com plena liberdade. Seu navio a vapor, ao qual deu o nome de Fortuna, embora fosse pequeno e tivesse vários anos de mar, estava em perfeitas condições. Paulina

dispunha-se a pagar bons salários à tripulação, a fim de evitar que seus membros trocassem o navio pela farra do ouro, mas presumia que, sem a mão férrea de um bom comandante, não haveria dinheiro capaz de manter a disciplina a bordo. A ideia do marido e do cunhado consistia em exportar ferramentas de mineração, madeira para a construção de casas, roupas de trabalho, utensílios domésticos, carne-seca, cereais, feijão e outros produtos não perecíveis, mas bastou chegar a Valparaíso para Paulina descobrir que muitos tinham pensado naquele mesmo plano, concluindo que a disputa seria feroz. Uma olhada ao redor mostrou-lhe a escandalosa quantidade de verduras e frutas produzidas por aquele verão generoso. Não havia como vender tudo aquilo. As hortalças cresciam nos pátios e os galhos das árvores se quebravam com o peso das frutas; poucos se dispunham a pagar pelo que obtinham de graça. Pensou na herdade de seu pai, onde os produtos apodreciam, porque ninguém tinha interesse em colhê-los. E concluiu: se pudesse levá-los para a Califórnia, lá eles seriam mais valiosos do que o próprio ouro. Produtos frescos, vinho chileno, medicamentos, ovos, roupa fina, instrumentos musicais e — por que não? — espetáculos teatrais, operetas, zarzuelas. San Francisco recebia centenas de imigrantes por dia. Naquele momento eram aventureiros e bandidos, mas não tinha dúvida de que logo começariam a chegar colonos procedentes do outro lado dos Estados Unidos, fazendeiros honestos, advogados, médicos, professores e outras categorias de pessoas decentes, dispostas a se estabelecer com suas famílias. Onde houver mulheres, haverá civilização, e assim que esta começar a existir em San Francisco — como decidiu Paulina —, lá estará meu navio com tudo de que ela necessitar.

Paulina recebeu o capitão John Sommers e sua irmã Rose na hora do chá, quando já havia baixado um pouco o calor do meio-dia e começava a soprar uma brisa fresca vinda do oceano. Vestia-se com um luxo excessivo para a sóbria sociedade de Valparaíso, musselina dos pés à cabeça, rendas cor de manteiga, um anel de tranças acima das orelhas e mais joias do que o aceito para aquela hora do dia. Seu filho de dois anos debatia-se nos braços de uma ama uniformizada e, a seus pés, um cãozinho peludo recebia os pedaços de pastel que ela lhe dava na boca. Os primeiros trinta minutos foram gastos com as apresentações, o chá e as lembranças de Jacob Todd.

— O que foi feito do nosso bom amigo? — quis saber Paulina, que nunca havia esquecido a intervenção do excêntrico inglês em seu noivado com Feliciano.

— Durante uma porção de tempo nada soube dele — informou o capitão. — Partiu comigo para a Inglaterra, dois anos atrás. Estava muito deprimido, mas o ar do oceano lhe fez bem, e quando desembarcou já havia recuperado o bom humor. Da última vez que

tive notícia dele, soube que pensava em criar uma colônia utópica.

— Uma o quê? — exclamaram em uníssono Paulina e Miss Rose.

— Um grupo de pessoas que se propõem a viver fora da sociedade, com suas próprias leis, seu governo, guiando-se, ao que me parece, pelos princípios da igualdade, do amor livre e do trabalho comunitário. Pelo menos foi assim que ele me explicou mil vezes durante a viagem.

— Deve estar de miolo mais mole do que todos pensávamos — concluiu Miss Rose, expressando um pouco de lástima por seu pretendente.

— As pessoas com ideias originais sempre acabam com a fama de loucas — disse Paulina. — Eu mesma, para não ir muito longe, tenho uma ideia que gostaria de discutir com o senhor, capitão Sommers. Decerto já conhece o *Fortuna*, não? Quantos dias um vapor leva para ir de Valparaíso ao Golfo de Penas?

— Golfo de Penas? Isso fica para lá do sul do Sul!

— Certo. Mais ao sul de Puerto Aisén.

— E o que eu iria fazer lá? Ali, minha senhora, só existem ilhas, florestas e chuva.

— Conhece bem este lado do mundo?

— Sim, mas pensei que me queriam para ir a San Francisco...

— Prove esses pastéis de massa folheada, estão uma delícia — ofereceu ela, acariciando o cachorro.

Enquanto John e Rose Sommers conversavam com Paulina no salão do Hotel Inglês, Eliza caminhava com Mama Frésia pelo bairro El Almendral. Àquela hora começavam a reunir-se os alunos e convidados para os bailes da academia, e excepcionalmente Miss Rose lhe permitira sair de casa por duas horas, sob a guarda de Mama Frésia. Habitualmente, Eliza não tinha permissão para ir à academia sem Miss Rose, mas o professor de dança não costumava oferecer bebidas alcoólicas antes do pôr do sol, e durante as primeiras horas da tarde isso mantinha a distância os jovens de espírito rebelde. Decidida a aproveitar aquela oportunidade única de sair à rua sem Miss Rose, Eliza convenceu a índia a ajudá-la em seus planos.

— Me dê a sua bênção, mãezinha — pediu. — Tenho de ir para a Califórnia, vou procurar Joaquín.

— Mas você não pode ir assim, sozinha, grávida! — exclamou a índia, horrorizada.

— Se não me ajudar... eu irei de qualquer maneira.

— Vou contar tudo a Miss Rose!

— Se contar, eu me mato. E depois virei atormentar suas noites. Juro — respondeu a jovem, com feroz determinação.

No dia anterior tinha visto no porto um grupo de mulheres

negociando o embarque. Como sua aparência era muito diferente daquelas com quem normalmente cruzava na cidade — inverno e verão cobertas pelos mantos negros —, concluiu que se tratava de mulheres de rua, iguais àquelas que divertiam seu tio John. “São mariposas que se deitam por dinheiro e vão de quatro para o inferno”, explicara-lhe Mama Frésia. Eliza havia captado algumas frases do capitão, contando a Jeremy Sommers que muitas chilenas e peruanas estavam indo embora para a Califórnia, planejando apoderar-se do ouro dos mineiros, mas não conseguia saber como se arranjavam para fazer a viagem. Sim, a jovem decidiu, se aquelas mulheres estavam descobrindo um meio de embarcar, ela também descobriria o seu. Caminhava depressa, com o coração agitado, o leque encobrindo metade do rosto, suando com o calor de dezembro. Em uma pequena bolsa de veludo, levava as joias do enxoval. Suas botinas recém-compradas torturavam-lhe os pés e o corpete lhe apertava a cintura; o fedor das águas sujas que corriam pelas valas aumentava sua náusea, mas, mesmo assim, caminhava com a coluna tão reta quanto naqueles tempos em que havia aprendido a equilibrar um livro na cabeça e a tocar piano com uma vareta atada nas costas. Gemendo e murmurando litanias em sua língua, Mama Frésia mal podia segui-la, com suas banhas e suas varizes. Para onde estamos indo, menina, pelo amor de Deus, mas Eliza não podia responder, porque não sabia. De uma coisa, estava certa: não poderia empenhar suas joias e com o dinheiro adquirir uma passagem para a Califórnia, porque não havia meio de fazer tal operação sem que seu tio soubesse. Apesar das dezenas de embarcações que recebia diariamente, Valparaíso era uma cidade pequena e, no porto, todos conheciam o capitão John Sommers. Também não tinha documento de identidade e muito menos passaporte, aliás, impossível de obter, pois fazia algum tempo que a legação dos Estados Unidos no Chile estava fechada, em consequência de um malsucedido caso amoroso do embaixador americano com uma dama chilena. Concluiu, então, que o único meio de ir atrás de Joaquín Andieta na Califórnia seria embarcar clandestinamente. O tio John havia lhe contado que às vezes passageiros clandestinos entravam nos navios com a cumplicidade de algum tripulante. Alguns conseguiam permanecer escondidos durante toda a travessia, outros morriam e seus corpos eram lançados ao mar sem que o comandante soubesse, mas, quando descobria algum clandestino, castigava igualmente o vagabundo e aquele que o havia ajudado. Esse, o capitão dissera, era um dos casos em que exercia com maior rigor sua inquestionável autoridade de comandante: no alto-mar, só havia uma justiça e uma lei: a sua.

Segundo o tio, era nas tavernas que se realizava a maioria das transações ilegais. Eliza jamais havia pisado em tais lugares, mas viu

uma figura feminina dirigir-se a um local próximo e reconheceu nela uma das mulheres que, no dia anterior, estavam no cais procurando um meio de embarcar. Era uma jovem rechonchuda, com duas tranças negras caindo nas costas, vestindo saia de algodão, blusa bordada, os ombros cobertos com um lenço triangular. Eliza seguiu-a sem pensar duas vezes, enquanto Mama Frésia permanecia no meio da rua repetindo advertências: “Aí só entram as putas, minha filha, é um pecado mortal”. Empurrou a porta e necessitou de vários segundos para habituar-se à penumbra e ao cheiro de tabaco e de cerveja rançosa que impregnava o ar. O local estava repleto de homens, e todos os olhos se voltaram para as duas mulheres. Por alguns instantes, reinou um silêncio expectante, ouvindo-se em seguida um coro de assobios e comentários grosseiros. A outra avançou com passo aguerrido para uma das mesas no fundo da sala, distribuindo socos à direita e à esquerda cada vez que alguém tentava tocar nela, mas Eliza recuou às cegas, horrorizada, sem compreender bem o que estava acontecendo, nem por que os homens gritavam com ela. Ao chegar à porta, chocou-se com um cliente que ia entrando. O sujeito soltou uma exclamação em outra língua e conseguiu segurá-la no momento em que ela desabava. Ao vê-la, o homem não escondeu sua surpresa: com seu leque e seu vestido virginal, Eliza parecia-lhe inteiramente deslocada naquele lugar. Ela o olhou, e de imediato reconheceu nele o cozinheiro chinês que seu tio havia saudado no dia anterior.

— Tao Chi'en? — perguntou, dando graças à sua boa memória.

O homem saudou-a juntando as mãos diante do rosto e inclinando-se repetidamente, enquanto a assuada continuava no bar. Dois marinheiros se ergueram e aproximaram-se cambaleantes. Tao Chi'en indicou a porta a Eliza, e ambos saíram.

— Miss Sommers? — perguntou depois que deixaram a sala.

Eliza assentiu, mas nada conseguiu acrescentar, porque foram interrompidos por um dos vários marinheiros que apareceram na porta do bar, todos bêbados e à cata de uma boa briga.

— Como se atreve a molestar essa preciosa senhorita, chinês de merda? — ameaçavam.

Tao Chi'en baixou a cabeça, deu meia-volta e fez um gesto de quem se retira, mas um dos homens o interceptou, agarrando-o pela trança e dando-lhe um puxão, enquanto o outro lisonjeava Eliza, asfixiando-a com seu bafo de vinho. O chinês virou-se com a rapidez de um felino e enfrentou o agressor. Empunhava sua comprida faca, cujo aço brilhava como um espelho ao sol do verão. Mama Frésia soltou um grito e, sem mais pensar, deu uma cabeçada no marinheiro mais próximo, agarrou Eliza por um braço e saiu a correr pela rua abaixo, com uma agilidade inesperada para uma pessoa de tanto peso. Correram várias quadras, afastando-se da zona de risco, só se detendo quando alcançaram a

pequena Praça de Santo Agostinho, onde Mama Frésia caiu, tremendo, no primeiro banco ao seu alcance.

— Ah, menina! Se souberem o que está acontecendo, os patrões me matam! Vamos agora mesmo para casa...

— Mas ainda não fiz o que tinha de fazer, mãezinha. Tenho de voltar àquela taverna.

Mama Frésia cruzou os braços, negando-se a deixar o banco, enquanto Eliza andava com grandes passadas para lá e para cá, tentando elaborar um plano em meio àquela confusão. Era pouco o tempo de que dispunha. As instruções de Miss Rose tinham sido claras: às seis em ponto, seu coche deveria parar diante da academia de dança, a fim de levar as duas de volta para casa. Tinha de agir rápido, a jovem decidiu, pois não haveria outra oportunidade. Nesse momento, viram o chinês marchando serenamente na direção delas, com seu passo vacilante e seu imperturbável sorriso. Saudou-as repetindo as vênias habituais, e logo se dirigiu a Eliza em bom inglês, a fim de saber se a honorável filha do capitão John Sommers necessitava de ajuda. Ela esclareceu que não era sua filha, mas sua sobrinha, e em um ímpeto de repentina confiança, ou de desespero, confessou que de fato necessitava de sua ajuda, tratando-se, porém, de um assunto muito reservado.

— Alguma coisa que o capitão não pode saber?

— Ninguém pode saber.

Tao Chi'en desculpou-se. O capitão era um bom homem, disse o chinês. Era verdade que o havia agarrado de mau jeito para fazê-lo trabalhar em seu navio, mas o tratara bem e não pensava em atraí-lo. Abatida, Eliza desabou no banco com o rosto entre as mãos, enquanto Mama Frésia os observava sem nada entender do que diziam em inglês, mas adivinhando-lhes as intenções. Por fim, aproximou-se de Eliza e deu uns puxões na bolsa de veludo em que estavam as joias do enxoval.

— Você acha, menina, que neste mundo alguém faz alguma coisa de graça? — perguntou a índia.

Eliza compreendeu imediatamente. Enxugou as lágrimas, indicou o banco ao seu lado e convidou o homem a sentar-se. Meteu a mão na bolsa, tirou de dentro o colar de pérolas que seu tio John lhe dera de presente no dia anterior, depositando-o nos joelhos de Tao Chi'en.

— Pode me esconder em um navio? Preciso ir à Califórnia — explicou.

— Por quê? Aquele não é um lugar para mulheres, só serve para bandidos.

— Vou à procura de algo.

— Ouro?

— Mais valioso do que ouro.

O homem ficou boquiaberto, pois jamais tinha visto, na vida real, uma mulher capaz de chegar a tais extremos; aquilo só acontecia nos romances clássicos, nos quais as heroínas sempre acabavam morrendo.

— Com esse colar, pode comprar sua passagem. Não precisa viajar escondida — disse Tao Chi'en, que não tinha intenção de se complicar violando a lei.

— Nenhum comandante me levará sem antes avisar à minha família.

A surpresa inicial de Tao Chi'en agora se convertia em verdadeiro pavor: aquela mulher pensava simplesmente em desonrar a família e ainda esperava que ele a ajudasse! Tinha um demônio no corpo, sem dúvida. Eliza meteu novamente a mão na bolsa, recolheu um broche de ouro com turquesas e o depositou sobre a perna do chinês, ao lado do colar.

— Alguma vez amou alguém mais do que a sua própria vida, senhor? — perguntou a jovem.

Tao Chi'en olhou-a nos olhos pela primeira vez desde que se haviam conhecido, e algo deve ter visto neles, porque tomou o colar e o escondeu embaixo da camisa, enquanto devolvia o broche a Eliza. Pôs-se de pé, esticou as calças de algodão, acomodou a faca na cinta de pano e se inclinou cerimoniosamente.

— Não estou mais trabalhando para o capitão Sommers. Amanhã, o bergantim *Emilia* parte para a Califórnia. Venha hoje às dez da noite e porei você a bordo.

— Como?

— Ainda não sei. Veremos.

Tao Chi'en fez outra educada vênia de despedida e afastou-se, tão misteriosa e rapidamente que pareceu esfumar-se. Eliza e Mama Frésia voltaram à academia de baile a tempo de encontrar o cocheiro, que, durante meia hora, estivera a esperá-las, bebendo o vinho de seu cantil.

O *Emilia* era um navio de origem francesa que no passado fora esbelto e veloz, mas, tendo sulcado muitos mares, perdera havia muito o ímpeto da juventude. Estava marcado por velhas cicatrizes deixadas pelo mar, carregava uma camada de moluscos incrustados em suas ancas de matrona, suas fatigadas armações gemiam sob o açoite das ondas e suas velas manchadas e mil vezes remendadas pareciam restos de velhas anáguas. Zarpou de Valparaíso na radiante manhã de 18 de fevereiro de 1849, levando oitenta e sete passageiros do sexo masculino, cinco mulheres, seis vacas, oito porcos, três gatos, dezoito marinheiros, um capitão holandês, um piloto chileno e um cozinheiro chinês. Eliza também estava no navio, mas a única pessoa que sabia de sua existência a bordo era Tao Chi'en.

Os passageiros de primeira classe amontoavam-se na ponte da proa, sem grande privacidade, mas em situação muito mais cômoda do que todos os demais, alojados em camarotes minúsculos, com quatro camas em cada um, ou no chão das cobertas, em locais escolhidos na sorte para se acomodar juntamente com seus pertences. Um camarote abaixo da linha da água foi reservado para cinco chilenas que iam atrás de riqueza na Califórnia. No porto de Callao, subiram duas peruanas, que se juntaram a elas sem maiores cerimônias, de modo que cada cama passou a ser ocupada por duas. O capitão Vincent Katz recomendou à tripulação e aos passageiros que não mantivessem o menor contato social com as referidas damas, pois não estava disposto a tolerar comércio indecente em seu navio, e no seu modo de ver estava claro que aquelas viajantes não eram as mais virtuosas, mas é lógico que suas ordens foram violadas uma vez ou outra durante a travessia. Os homens sentiam falta de companhia feminina, e elas, humildes meretrizes lançadas à aventura, não tinham sequer um peso em suas bolsas. Bem atados em pequenos currais da ponte inferior, as vacas e os porcos deviam prover de leite e carne fresca os viajantes, cuja dieta consistia basicamente em feijão, biscoitos duros e escurecidos, carne-seca salgada e mais aquilo que conseguissem pescar. Para compensar tamanha escassez, os passageiros com mais recursos levavam seus próprios mantimentos, com destaque para os vinhos e os cigarros, mas a maioria praticamente passava fome. Havia sempre dois gatos soltos, com a missão de espantar os ratos, que, de outro modo, se reproduziriam sem controle durante os dois meses da viagem. O terceiro viajava em companhia de Eliza.

No ventre do *Emilia*, empilhavam-se as variadas bagagens dos viajantes e os pacotes de mercadorias destinados à venda na Califórnia, tudo organizado de modo a tirar o máximo proveito do limitado espaço dos porões. Em nada daquilo se tocava antes do destino final do navio, e ali ninguém entrava, exceto o cozinheiro, o único com acesso autorizado aos alimentos secos, severamente racionados. Tao Chi'en mantinha as chaves presas na cintura e respondia perante o próprio capitão por aquilo que estava armazenado na despensa. Ali, no mais profundo e escuro do porão, em um espaço de apenas dois metros por dois, viajava Eliza. As paredes e o teto de seu cubículo eram formados por baús e caixas de mercadorias, sua cama era um saco, e a única luz vinha de um toco de vela. Dispunha de uma tigela para comer, de um jarro de água e de um urinol. Podia dar dois passos e esticar-se entre as caixas; e podia chorar e gritar à vontade, pois o açoite das ondas contra o casco engolia-lhe a voz. Seu único laço com o mundo exterior era Tao Chi'en, que, sob diversos pretextos, descia até lá, tratando então de alimentá-la e esvaziar-lhe o urinol. A companhia de Eliza era um gato, encerrado na despensa para

controlar os ratos, mas, no decorrer das terríveis semanas de navegação, o infeliz animal foi ficando louco, e assim, por mais que lastimasse, já perto do final, Tao Chi'en teve de cortar-lhe o pescoço com sua faca.

Eliza entrou no navio dentro de um saco levado por um estivador, um dos muitos que ajudaram a carregar o *Emília* em Valparaíso. Jamais soube o que Tao Chi'en havia feito para conquistar a cumplicidade do estivador e burlar a vigilância do capitão e do piloto, que anotavam em um livro tudo que entrava. Tinha fugido de casa poucas horas antes, mediante um complicado ardil, que incluía a falsificação de um convite escrito da família del Valle para passar alguns dias em sua fazenda. Não era uma ideia que parecesse absurda. Em duas ocasiões anteriores, as filhas de Agustín del Valle tinham feito aquele mesmo convite a Eliza, e Miss Rose lhe dera permissão para ir, sempre acompanhada por Mama Frésia. Despediu-se de Jeremy, Miss Rose e seu tio John com fingida naturalidade, enquanto sentia no peito o peso de um rochedo. Viu-os sentados à mesa do café da manhã, lendo jornais ingleses, ignorando completamente seus planos, e uma dolorosa incerteza esteve a ponto de fazê-la desistir. Eles eram a sua única família, representavam segurança e bem-estar, mas àquela altura já cruzara a linha da decência e não tinha mais como voltar. Os Sommers haviam-na educado dentro das estritas normas do bom comportamento, e uma falta tão grave maculava o prestígio de todos. Com sua fuga, a reputação da família ficaria enodoada, mas pelo menos existiria uma dúvida: sempre poderiam dizer que ela havia morrido. Fosse qual fosse a explicação que dessem ao mundo, ela não estaria ali para vê-los passar vergonha. A odisseia de sair em busca do amante parecia-lhe o único caminho possível, mas, naquele momento de silenciosa despedida, viu-se assaltada por tamanha tristeza que esteve a ponto de cair no choro e confessar tudo. Mas então a última imagem de Joaquín Andieta na noite da partida apresentou-se a ela, com uma precisão atroz, a fim de lembrá-la das obrigações do amor. Ajeitou as mechas soltas do penteado, cobriu a cabeça com um chapéu de palha italiano e saiu dizendo adeus com um gesto de mão.

Levara a maleta arrumada por Miss Rose com seus melhores vestidos de verão, algum dinheiro, subtraído do aposento de Jeremy Sommers e as joias de seu enxoval. Viu-se tentada a apoderar-se também das joias de Miss Rose, mas no último instante derrotou-a o grande respeito por aquela mulher que lhe havia servido de mãe. Em seu aposento, dentro de um cofre vazio, deixou uma breve nota agradecendo o muito que havia recebido e reiterando quanto os amava. Acrescentou uma confissão do que levava em sua bagagem, a fim de proteger os serviços de qualquer suspeita. Mama Frésia havia

posto na maleta suas botinas mais resistentes, assim como seus cadernos e o maço de cartas de amor de Joaquín Andieta. Levava ainda uma pesada manta de lã de Castela, presente de seu tio John. Saíram sem provocar suspeitas. O cocheiro deixou-as na rua da família del Valle e, sem esperar que abrissem a porta, perdeu-se de vista. Mama Frésia e Eliza correram na direção do porto a fim de encontrar-se com Tao Chi'en, no lugar e na hora acertados.

O homem aguardava-as. Tirou a maleta das mãos de Mama Frésia e, com um gesto, disse a Eliza que o seguisse. A jovem e Mama Frésia abraçaram-se prolongadamente. Tinham certeza de que não voltariam a se ver, mas nenhuma das duas verteu uma lágrima.

— O que vai dizer a Miss Rose, mãezinha?

— Nada. Agora mesmo vou para minha aldeia, no Sul, onde nunca ninguém me encontrará.

— Obrigada, mãezinha. Sempre vou me lembrar da senhora...

— E eu vou rezar para que tudo saia bem com você, minha filha — foram as últimas palavras que Eliza ouviu dos lábios de Mama Frésia, antes de entrar em um casebre de pescador, seguindo os passos do cozinheiro chinês.

No sombrio casebre de madeira sem janelas, onde tudo cheirava a redes úmidas e cuja única ventilação era a que entrava pela porta, Tao Chi'en entregou a Eliza umas calças acolchoadas e um blusão muito gasto pelo uso, mandando que os vestisse. Não deu mostras de retirar-se ou mesmo de virar-se por discrição. Eliza vacilou, jamais havia trocado de roupa diante de um homem, exceto Joaquín Andieta, porém Tao Chi'en não percebeu seu estado de confusão, pois lhe faltava o sentido da privacidade; o corpo e suas funções eram para ele perfeitamente naturais, e considerava o pudor mais como um inconveniente do que como uma virtude. Ela compreendeu que aquele não era um bom momento para escrúpulos, que o navio partiria naquela mesma manhã e que os últimos botes estavam levando as bagagens que ainda faltavam. Tirou o chapeuzinho de palha, desabotoou as botinas de camurça e o vestido, soltou as cintas que prendiam as anáguas e, morta de vergonha, pediu ao chinês que a ajudasse a desatar o corpete. À medida que suas vestimentas de menina inglesa se amontoavam no chão, ia perdendo um a um os contatos com a realidade conhecida e entrando, inexoravelmente, na estranha atmosfera que envolveria sua vida nos anos que viriam. Experimentou nitidamente a sensação de que estava começando outra história, na qual ela seria, ao mesmo tempo, protagonista e narradora.

O Quarto Filho

Nem sempre se chamara Tao Chi'en. De fato, não tivera nome nenhum até os onze anos, pois seus pais eram pobres demais para ocupar-se de semelhantes detalhes: chamava-se simplesmente o Quarto Filho. Havia nascido nove anos antes de Eliza, em uma aldeia da província de Kuangtung, a um dia e meio de distância da cidade de Cantão. Vinha de uma família de curandeiros. Durante incontáveis gerações, os homens de seu sangue haviam passado de pais para filhos os conhecimentos sobre plantas medicinais, a arte de extrair maus humores, a magia para espantar demônios e a habilidade para regular a energia *qi*. No ano em que o Quarto Filho nasceu, a família estava em grande miséria, tendo perdido parte da terra para os agiotas e os donos da jogatina. Os funcionários do Império arrecadavam impostos, guardavam o dinheiro e, em seguida, aplicavam novos tributos a fim de cobrir os seus roubos, além de cobrar subornos e comissões ilegais. Como a maioria dos camponeses, a família do Quarto Filho não podia pagar o que cobravam. Às vezes conseguiam salvar das garras dos mandarins um pouco dos rendimentos, mas logo suas escassas moedas eram perdidas no jogo, uma das poucas diversões ao alcance dos pobres. Apostava-se em corridas de sapos e grilos, em brigas de baratas ou no *fan tan*, além de muitos outros jogos populares.

O Quarto Filho era um menino alegre, que ria por nada, mas também tinha uma tremenda capacidade de atenção e vontade de aprender. Aos sete anos, sabia que o talento de um bom curandeiro consistia em manter o equilíbrio do *yin* e do *yang*; aos nove, conhecia as propriedades das plantas da região, tornando-se capaz de ajudar o pai e os irmãos no complicado preparo dos emplastros, pomadas, tônicos, bálsamos, xaropes, pós e pílulas da farmacopeia camponesa. Em companhia do Primeiro Filho, seu pai ia, a pé, de aldeia em aldeia, oferecendo curas e remédios, enquanto os filhos Segundo e Terceiro cultivavam um mísero pedaço de terra, o único capital da família. Ao Quarto Filho, cabia a missão de colher plantas, o que, afinal, ele gostava de fazer, porque lhe permitia vagar pelos arredores sem ser

vigiado, enquanto inventava brincadeiras e imitava os gorjeios dos pássaros. Às vezes, quando lhe restava alguma disposição depois de ter se desincumbido das intermináveis tarefas caseiras, sua mãe o acompanhava, já que, devido à sua condição de mulher, não podia trabalhar a terra sem tornar-se alvo das burlas dos vizinhos. Iam sobrevivendo a duras penas, cada vez mais endividados, até que chegou aquele fatal ano de 1834, quando os piores demônios desabaram de uma vez só sobre a família. Primeiro, a irmã menor queimou-se da cabeça aos pés com uma panela de água fervendo. Aplicaram-lhe clara de ovo sobre as queimaduras e trataram-na com ervas geralmente indicadas para o caso, mas, em menos de três dias, a menina cansou de sofrer e morreu. A mãe não se recuperou do golpe. Havia perdido outros filhos ainda crianças, e cada um deles havia deixado uma ferida em sua alma, mas o acidente com a menina foi o último grão de arroz derramado da tigela. Começou a minguar a olhos vistos, a cada dia mais fraca, a pele esverdeada, os ossos quebradiços, sem que as beberagens do marido conseguissem deter o inexorável avanço de sua misteriosa enfermidade, até que certa manhã encontraram-na rígida, com um sorriso de alívio e os olhos em paz, pois afinal ia reunir-se aos filhos mortos. Tratando-se de uma mulher, os ritos fúnebres foram mais simples. Não puderam contratar um monge, nem tinham arroz para oferecer aos parentes e vizinhos durante a cerimônia, mas pelo menos tiveram a certeza de que o espírito da morta não havia procurado refúgio no telhado, no poço ou nos buracos dos ratos, de onde mais tarde poderia sair a fim de atormentá-los. Sem a presença da mãe, que, com seu esforço e ilimitada paciência, havia mantido a família unida, foi impossível deter a calamidade. Aquele foi um ano de tufões, de más colheitas e de fome generalizada, no decorrer do qual o vasto território da China encheu-se de pedintes e bandidos. A menina de sete anos, que permanecia com a família, foi vendida a um intermediário, e nunca se soube que fim levou. O Primeiro Filho, que deveria suceder ao pai no ofício de médico ambulante, foi mordido por um cão raivoso e morreu pouco depois com o corpo esticado como um arco e soltando espuma pela boca. Os filhos Segundo e Terceiro já estavam em idade de trabalhar, sobre eles recaindo a tarefa de cuidar do pai enquanto este estivesse vivo, realizar os ritos fúnebres quando ele morresse e honrar a sua memória, juntamente com a dos outros antepassados masculinos ao longo de cinco gerações. Não sendo particularmente útil nem havendo como alimentá-lo, o Quarto Filho foi vendido pelo pai, na condição de escravo e pelo prazo de dez anos, a uma caravana de comerciantes que passara pelas imediações da aldeia. O menino tinha, então, onze anos.

Graças a um daqueles acontecimentos fortuitos que iriam fazê-lo

mudar de rumo com frequência, o período de escravidão, que poderia ter sido infernal para o menino, foi, na verdade, muito melhor do que os anos vividos na casa paterna. Duas mulas arrastavam a carreta na qual levavam a carga mais pesada da caravana. Um enervante chiado acompanhava cada volta dada pelas rodas, que não eram lubrificadas justamente para espantar os demônios com o ruído. Para evitar que fugisse, amarraram a um dos animais o Quarto Filho, que chorava desconsolado desde o momento em que se separara do pai. Descalço e com sede, levando às costas a bolsa com seus escassos pertences, ele viu sumir no horizonte os tetos de sua aldeia e a paisagem familiar. A vida naquele casebre era tudo que conhecia, e não fora ruim, pois seus pais sempre o haviam tratado com ternura: sua mãe contava-lhe histórias e, mesmo nos tempos de maior pobreza, qualquer coisa era pretexto para rir e celebrar. Trotava ao lado da mula, convencido de que a cada passo adentrava ainda mais o território dos espíritos malignos, e temia que o chiado das rodas e as campainhas penduradas na carreta não fossem suficientes para protegê-lo. Entendia mal o dialeto dos viajantes, mas as poucas palavras apanhadas no ar iam lhe introduzindo nos ossos um verdadeiro pavor. Eles falavam dos muitos gênios descontentes que vagueavam pela região, almas perdidas de mortos que não tinham merecido um funeral apropriado. A fome, o tifo e a cólera haviam semeado aquela região com um número incrível de cadáveres, e não havia sobreviventes em número bastante para homenagear tantos defuntos. Felizmente, espectros e demônios tinham a fama de ser vagarosos: não sabiam dobrar uma esquina e facilmente se distraíam com ofertas de comida e presentes de papel. Algumas vezes, porém, ninguém conseguia separá-los, e então podiam materializar-se com disposição para ganhar a liberdade, matando forasteiros ou entrando em seus corpos a fim de obrigá-los a realizar impensáveis malfeitorias. Havia se passado algumas horas de marcha; eram intensos o calor do verão e a sede, o menininho tropeçava a cada dois passos, e seus novos amos, impacientes, mas sem verdadeira maldade, açoitavam suas pernas com pequenas varas de arbustos. Ao pôr do sol, resolveram parar e acampar. Aliviaram os animais de suas cargas, acenderam o fogo, fizeram chá e se dividiram em pequenos grupos para jogar *fan tan* e *mah jong*. Por fim, alguém se lembrou do Quarto Filho e passou-lhe uma tigela de arroz e uma xícara de chá, que ele atacou com uma voracidade acumulada em meses e meses de fome. Naquele momento foram surpreendidos por um grande alarido e logo se viram envolvidos em uma nuvem de poeira. À gritaria dos malfeitores, somou-se a dos viajantes, e o aterrorizado menino tratou de esconder-se embaixo da carreta, até onde lhe permitia a corda à qual estava amarrado. Não se tratava de uma legião de demônios, como a princípio haviam imaginado, mas de

um dos muitos bandos de salteadores que, burlando os ineficientes soldados do Império, dominavam as estradas naqueles tempos de desespero. Assim que se recuperaram da surpresa, os mercadores apanharam suas armas e enfrentaram os fora da lei numa batalha de gritos, ameaças e tiros, que durou apenas alguns minutos. Quando a poeira baixou, um dos bandidos havia escapado e os outros dois estavam caídos com sérios ferimentos. Arrancaram os trapos que lhes escondiam a cara e constataram que se tratava apenas de adolescentes vestidos de farrapos e armados com cacetes e lanças improvisadas. Resolveram que seriam decapitados sem delongas, para que sofressem a humilhação de deixar este mundo esquartejados, e não inteiros, como haviam chegado, e empalaram as cabeças em estacas fincadas dos dois lados da estrada. Recobrada a tranquilidade, notou-se que um dos integrantes da caravana estava caído e se debatia com enorme ferimento de lança na coxa. O Quarto Filho, que havia passado o tempo todo paralisado de horror embaixo da carreta, saiu arrastando-se de seu esconderijo e, respeitosamente, pediu permissão aos honrados comerciantes para cuidar do ferido, e, como não havia alternativa, autorizaram. O menino pediu chá para lavar a ferida, em seguida tirou do bolso um frasquinho com *oai yao*. Aplicou uma pasta branca no ferimento, atou a perna com firmeza e anunciou, sem a menor vacilação, que, em menos de três dias, a ferida estaria fechada. E fechou. O episódio o salvou de passar os dez anos seguintes trabalhando como escravo e sendo mais maltratado do que um cão, pois, graças às suas habilidades, os comerciantes o venderam em Cantão a um célebre médico, experiente em métodos tradicionais e mestre de acupuntura — um *zhong yi* —, que andava à procura de um aprendiz. Com aquele sábio, o Quarto Filho adquiriu conhecimentos que jamais teria obtido com seu rude pai.

O velho mestre era um homem plácido, com uma cara lisa de lua cheia, voz lenta, mãos ossudas e sensíveis, seus melhores instrumentos de trabalho. Seu primeiro cuidado foi dar um nome ao criado. Consultou livros de astrologia e adivinhação, descobrindo afinal o nome que correspondia aos signos do menino: Tao. Era uma palavra de vários significados, entre os quais caminho, direção, sentido e harmonia, mas queria dizer, sobretudo, “a viagem da vida”. Ao nome escolhido, o mestre acrescentou o seu próprio sobrenome.

— Vais te chamar Tao Chi'en. Esse nome te inicia no caminho da medicina. Teu destino será dar alívio à dor das outras pessoas e alcançar a sabedoria. Serás um *zhong yi*, como eu.

Tao Chi'en... O jovem aprendiz recebeu o nome com gratidão. Beijou as mãos de seu novo amo e sorriu pela primeira vez desde a sua saída de casa. O impulso nascido da alegria, que antes o fazia dançar

sem nenhum motivo particular, voltou a palpitar em seu peito e, durante semanas, o sorriso não lhe saiu dos lábios. Andava aos saltos pela casa, saboreando seu nome como se o fruisse, como se tivesse um caramelo na boca, repetindo-o em voz alta, sonhando, até que conseguiu identificar-se plenamente com ele. Seu mestre, que seguia Confúcio nas questões práticas e Buda no terreno das ideias, ensinou-lhe com mão firme, mas ao mesmo tempo com muita ternura, a disciplina que o levaria a fazer dele um bom médico.

— Se eu conseguir ensinar-te tudo o que pretendo — disse o médico ao menino —, algum dia serás um homem muito instruído.

O médico assegurava que os ritos e cerimoniais eram tão necessários quanto as normas da boa educação e o respeito pelas hierarquias. Valia pouco o conhecimento sem sabedoria, não podia haver sabedoria sem espiritualidade e a verdadeira espiritualidade sempre incluiria o serviço ao próximo. Conforme explicara muitas vezes, o essencial em um bom médico era a abertura para a compaixão e o sentido da ética, sem os quais a sagrada arte da cura poderia degenerar em simples charlatanice. Gostava do sorriso fácil de seu aprendiz.

— Já avançaste um bom pedaço no caminho da sabedoria, Tao. O sábio está sempre alegre — afirmava o mestre.

Durante todo o ano, Tao Chi'en levantava-se ao amanhecer, como qualquer estudante, dedicando uma hora à meditação, aos cânticos e às orações. Tinha apenas um dia de descanso para a celebração do Ano-Novo, e trabalhar e estudar eram suas únicas ocupações. Antes de tudo, devia dominar com perfeição o chinês escrito, meio oficial de comunicação naquele imenso território com suas centenas de povos e línguas. O mestre era inflexível no tocante à beleza e à precisão da caligrafia, que, no seu entender, distinguia o homem refinado do indivíduo tolo e inculto. Insistia, ainda, em desenvolver no discípulo a sensibilidade artística, que, segundo ele, caracterizava as pessoas superiores. Como todo chinês civilizado, sentia um irreprimível desprezo pela guerra, admirando, em troca, as artes da música, pintura e literatura. Com ele, Tao Chi'en aprendeu a apreciar a delicadeza de uma teia de aranha perlada de gotas de orvalho à luz do amanhecer e expressar seu deleite em inspirados poemas escritos em caligrafia elegante. Na opinião do mestre, só havia uma coisa pior do que não escrever poesia: escrever poesia ruim. Naquela casa, o menino presenciava frequentes reuniões, durante as quais os convidados compunham versos na inspiração do momento, e admirando o jardim, enquanto ele servia o chá e escutava encantado. Era possível alcançar-se a imortalidade escrevendo um livro, principalmente se fosse de poesia, afirmava seu mestre, que já havia escrito vários. Aos grosseiros conhecimentos práticos que Tao Chi'en havia adquirido vendo o pai

trabalhar, foi acrescentado o impressionante volume teórico da antiga medicina chinesa. O jovem aprendeu que o corpo humano é composto de cinco elementos — madeira, fogo, terra, metal e água —, os quais se associam a cinco planetas, cinco condições atmosféricas, cinco cores e cinco notas musicais. Mediante o uso adequado de plantas medicinais, acupuntura e ventosas, um bom médico podia prevenir e curar muitos males, além de controlar a energia masculina — *yin* —, ativa e ágil, e a energia feminina, passiva e escura — *yang*. Contudo, o propósito de tal arte era menos eliminar doenças do que manter a harmonia. “Deves escolher teus alimentos, orientar a posição de tua cama e conduzir tua meditação conforme a estação do ano e a direção do vento. Assim estarás sempre em consonância com o universo”, aconselhava o mestre.

O *zhong yi* mostrava-se feliz com sua sorte, embora a falta de descendentes pesasse como uma sombra na serenidade de seu espírito. Não gerara filhos, apesar das ervas milagrosas que havia ingerido regularmente, durante a vida inteira, a fim de limpar o sangue e fortalecer o sexo, e dos remédios e encantamentos aplicados às duas esposas, mortas em plena juventude, assim como às numerosas concubinas que vieram depois delas. Tinha de aceitar com humildade que a culpa não fora daquelas abnegadas mulheres, mas da apatia de seu líquido viril. Nenhum dos remédios para a fertilidade, que lhe haviam servido para ajudar outras pessoas, surtira resultado em si mesmo, o que o levou a resignar-se com o inegável fato de que seus rins estavam secos. Deixou de castigar suas mulheres com exigências inúteis e passou a gozá-las plenamente, de acordo com os preceitos dos belos *livros de travesseiro* que colecionava. Mas já fazia muito tempo que o velho havia desistido daqueles prazeres, tornando-se cada vez mais interessado em adquirir novos conhecimentos e a percorrer o estreito caminho da sabedoria, razão pela qual fora se desfazendo, uma a uma, das concubinas, cuja presença o distraía de seus trabalhos intelectuais. Não necessitava ter diante dos olhos uma jovem para descrevê-la em poemas de alta qualidade; bastava lembrar-se dela. Também havia desistido dos filhos legítimos, mas tinha de pensar no futuro. Quem o ajudaria na última etapa e na hora da morte? Quem limparia seu sepulcro e veneraria sua memória? Já havia tentado formar vários aprendizes, e cada um deles despertara seu desejo de adotá-lo como filho, mas nenhum se mostrara digno de tamanha honra. Tao Chi'en não era mais inteligente nem mais intuitivo do que os outros, mas carregava dentro de si uma obsessiva vontade de aprender, que o mestre reconheceu imediatamente, até porque era idêntica à sua. Além disso, era um menininho meigo e divertido, fácil de tornar motivo de carinho do mestre. Nos anos de convivência com ele, chegou a estimá-lo o bastante para perguntar frequentemente a si

mesmo como era possível que não fosse seu filho de verdade. Contudo, a estima pelo aprendiz não o cegava; sua experiência lhe dizia que as mudanças ocorridas na adolescência costumam ser muito profundas, e assim não podia predizer que tipo de homem ele seria. Como diz um provérbio chinês: “O fato de seres brilhante quando jovem não significa que, adulto, prestes para alguma coisa”. Tinha medo de equivocar-se mais uma vez, e preferia esperar com paciência que se revelasse a verdadeira natureza do menino. Enquanto isso, cuidaria de orientá-lo, à semelhança do que fazia com as jovens árvores de seu jardim, tendo por finalidade ajudá-lo a crescer corretamente. Este pelo menos aprende com rapidez, pensava o velho médico, calculando quantos anos de vida lhe restavam. De acordo com suas observações astrológicas e a cuidadosa observação de seu próprio corpo, não teria tempo para treinar outro aprendiz.

Cedo, Tao Chi'en aprendeu a escolher, no mercado e nas tendas dos herbanários — regateando, como era seu dever —, os vegetais de que necessitava para preparar os remédios sem a ajuda do mestre. Observando o trabalho do médico, descobriu como funcionavam os intrincados mecanismos do corpo humano, os procedimentos para esfriar as pessoas febris ou de temperamento afogueado, dar calor aos que sofriam antecipadamente o frio da morte, melhorar os sucos internos dos estéreis e secar aqueles que estavam esgotados pelos fluxos. Fazia largas incursões pelos campos à procura das melhores plantas em seu ponto exato de maior eficácia, levando-as envolvidas em trapos úmidos para que se mantivessem frescas durante a caminhada até a cidade. Quando completou catorze anos, o mestre considerou-o maduro para a prática da medicina, e o mandava regularmente atender prostitutas, ordenando-lhe terminantemente que se abstivesse de ter relações com elas, pois, como ele mesmo podia comprovar ao examiná-las, elas levavam a morte nas costas.

— As doenças dos bordéis matam mais gente do que o ópio e o tifo. Mas, se cumprires com as tuas obrigações e aprenderes com rapidez, no devido momento te comprarei uma garota virgem — prometeu o mestre.

Embora Tao Chi'en houvesse passado fome na infância, seu corpo esticou tanto que ele acabou mais alto do que qualquer outro membro da família. Aos catorze anos, não sentia atração nenhuma pelas mulheres de aluguel, apenas curiosidade científica. Eram tão diferentes dele, viviam em um mundo tão remoto e secreto, que não podia realmente considerá-las humanas. Mais tarde, quando o repentino assalto de sua própria natureza tirou-o dos eixos e ele se pôs a andar como um bêbado, tropeçando na sombra, seu preceptor lamentou ter-se distanciado de suas concubinas. Nada distraía tanto um bom estudante de suas responsabilidades quanto o estalido das

forças viris. Ter mulher o tranquilizaria e, de quebra, serviria para aumentar seus conhecimentos práticos, mas, como a ideia de comprar uma lhe parecesse incômoda — sentia-se confortável em seu universo estritamente masculino —, obrigava Tao a tomar infusões destinadas a lhe acalmar os ardores. O *zhong yi* deixara de lembrar-se de como era o furacão das paixões carnis, e, com a melhor das intenções, mandava o aluno ler os *livros de travesseiro* de sua biblioteca, sem medir o efeito enervante que teriam sobre o coitado do menino. Fazia-o memorizar cada uma das duzentas e vinte e duas posições amorosas, com seus nomes poéticos, exigindo-lhe que as identificasse, sem vacilar, nas belas ilustrações dos livros, o que contribuía notavelmente para a falta de atenção do jovem.

Tao Chi'en familiarizou-se com a cidade de Cantão, como se ela não fosse maior do que a sua pequena aldeia. Gostava daquela velha cidade cercada de muralhas, caótica, de ruas tortuosas e canais, onde palácios e casebres se misturavam em total promiscuidade, e onde havia pessoas que nasciam e morriam em barcos que flutuavam no rio, sem jamais pôr os pés em terra firme. Acostumou-se ao clima úmido e quente dos longos meses de verão açoitados por tufões, mas agradável no inverno, de outubro a março. Cantão estava fechada aos forasteiros, o que não impedia a cidade de, vez por outra, ser atacada por piratas com bandeiras de outras nações. Havia alguns postos de comércio com os quais os estrangeiros podiam trocar mercadorias apenas de novembro a maio, mas os impostos, os regulamentos e os obstáculos eram tantos que os comerciantes internacionais preferiam estabelecer-se em Macau. De manhã cedo, quando Tao Chi'en saía para ir ao mercado, costumava encontrar meninas recém-nascidas atiradas à rua ou flutuando nos canais, frequentemente destroçadas pelos dentes dos cães ou dos ratos. Ninguém queria meninas, elas eram descartáveis. Para que alimentar uma filha que nada valia e cujo destino era terminar como serva da família do marido? “É preferível ter um filho disforme a uma dúzia de filhas sábias como Buda”, rezava um provérbio popular. Havia, portanto, meninos em excesso, mas, mesmo assim, eles continuavam a nascer como ratos. Proliferavam-se por toda parte os bordéis e os lugares para fumar ópio. Cantão era uma cidade populosa, rica e alegre, repleta de templos, restaurantes e casas de jogo, nos quais se celebravam ruidosamente as datas festivas do calendário. Até castigos e execuções se convertiam em motivo de festa. As multidões se reuniam para aplaudir os carrascos, com seus aventais ensanguentados e seus vários e afiados facões, com os quais decepavam cabeças de um só golpe. A justiça era aplicada de forma rápida e simples, sem apelação possível nem crueldade desnecessária, exceto no caso de traição ao imperador, o pior de todos os crimes, pago com morte lenta, desterro e rebaixamento de todos os parentes à

escravidão. As faltas menores eram castigadas com açoites ou com a aplicação de uma canga de madeira ao pescoço, que imobilizava o culpado por vários dias, impedindo-o de descansar ou valer-se das mãos para comer ou coçar-se. Nas praças e nos mercados, exibiam-se os contadores de histórias, que, como os monges mendicantes, viajavam pelo país preservando uma tradição oral várias vezes milenar. Malabaristas, acrobatas, encantadores de serpentes, travestis, músicos itinerantes, magos e contorcionistas encontravam-se nas ruas, enquanto ao redor deles agitava-se o comércio de seda, chá, jade, especiarias, ouro, cascos de tartaruga, porcelana, marfim e pedras preciosas. Vegetais, frutas e carnes eram vendidos em confusa mistura: repolhos e tenros brotos de bambu ao lado de gatos enjaulados, cães e *mapaches* que o açougueiro matava a pedido dos clientes, arrancando-lhes a pele com um único puxão. Havia longas ruas em que só se vendiam pássaros, pois em nenhuma casa podiam faltar aves e gaiolas, das mais simples às confeccionadas com delgadas peças de madeira incrustadas de prata e nácar. Outros trechos do mercado eram reservados aos peixes exóticos, que atraíam a sorte favorável. Sempre curioso, Tao Chi'en se distraía observando e fazendo amigos, e então tinha de correr para cumprir sua obrigação na área onde vendiam os produtos usados em seu ofício. Podia identificá-los de olhos fechados, pelo cheiro penetrante das especiarias, plantas e cascas medicinais. As serpentes sem pele empilhavam-se enroladas como cachos cobertos de poeira; sapos, salamandras e estranhos animais marinhos pendiam de cordéis, lembrando colares; grilos e grandes besouros de casca rígida e fosforescente enlanguesciam em suas celas; macacos de todos os tipos esperavam a hora de morrer; patas de ursos e de orangotangos, chifres de antílopes e de rinocerontes, olhos de tigre, barbatanas de tubarão e garras de misteriosas aves noturnas eram vendidos a peso.

Os primeiros anos de Tao Chi'en em Cantão foram dedicados ao estudo, ao trabalho e ao serviço de seu velho mestre, que chegou a estimar como se fosse um avô. Anos felizes, aqueles. A lembrança de sua própria família apagou-se, e ele acabou por esquecer o rosto do pai e dos irmãos, mas não o da mãe, que lhe aparecia com frequência. Dentro de pouco tempo, o estudo deixou de ser visto como tarefa para se transformar em paixão. Cada vez que aprendia algo novo, voava até onde o mestre estivesse, a fim de contar o fato com um jorro de palavras. “Quanto mais aprenderes”, o velho dizia rindo, “mais cedo descobrirás como é pouco o que sabes”. Por iniciativa própria, Tao Chi'en resolveu dominar o mandarim e o cantonês, já que o dialeto de sua aldeia era por demais limitado. Como adquiria com enorme rapidez os conhecimentos do mestre, este costumava dizer, brincando, que o discípulo lhe roubava até os sonhos, mas a sua própria paixão pelo ato de ensinar tornava-o generoso. Dividiu com o garoto tudo que

este queria conhecer, não somente em matéria de medicina, como também de outras áreas da sua vasta reserva de conhecimentos e refinada cultura. Bondoso por natureza, era, contudo, severo na crítica e exigente no esforço. Alegava: “Não me resta muito tempo e, como para o outro mundo não posso levar o que sei, alguém deverá utilizar esses conhecimentos depois de minha morte”. Advertia-o, no entanto, contra a voracidade de conhecer, que pode desencadear em um homem tanto a gula como a luxúria. “O sábio nada deseja, não julga, não faz planos, mantém a mente aberta e o coração em paz”, afirmava. Era grande a sua tristeza quando este o repreendia; Tao Chi'en chegava a preferir que ele o açoitasse, mas essa prática repugnava o temperamento do *zhong yi*, sempre atento para que a cólera não lhe guiasse as ações. As únicas ocasiões em que bateu nele com uma varinha de bambu, sem raiva, mas cerimoniosamente firme em seu propósito didático, foi ao comprovar, sem a menor dúvida, que seu aprendiz tinha cedido à tentação do jogo ou pago para ter uma mulher. Tao Chi'en havia se habituado a alterar as contas quando ia ao mercado, a fim de ter com que apostar nas casas de jogo, que o atraíam de modo irresistível, ou para alugar, por alguns momentos, com o desconto normalmente concedido a estudantes, os braços de alguma de suas pacientes dos bordéis. Seu amo descobria facilmente esses tropeços do discípulo, pois, quando perdia no jogo, não tinha como explicar para onde fora o dinheiro do troco, e, quando ganhava, não sabia dissimular a euforia. Já as mulheres deixavam seu cheiro na pele do rapaz.

— Tira a camisa, pois serei obrigado a te dar umas lambadas, para ver se afinal entendes as coisas, filho. Quantas vezes já te disse que os piores males da China são o jogo e o bordel? No primeiro, os homens perdem o produto de seu trabalho e, no segundo, perdem a saúde e até a própria vida. Com tais vícios, nunca serás nem um bom médico nem um bom poeta.

Tao Chi'en tinha dezesseis anos em 1839, quando estourou a Guerra do Ópio entre a China e a Grã-Bretanha. Era uma época em que o país fora invadido pelos mendigos. Verdadeiras massas humanas abandonavam os campos e, cobertos de farrapos e pústulas, os homens dirigiam-se às cidades, de onde eram expulsos à força, vendo-se obrigados a vagar como matilhas de cães famintos pelas estradas do Império. Bandos de foragidos e rebeldes batiam-se com as tropas do governo, numa infundável guerra de emboscadas. Era uma época de destruição e pilhagem. Os enfraquecidos exércitos imperiais, comandados por oficiais corruptos que recebiam ordens contraditórias de Pequim, não puderam fazer frente à poderosa e bem-disciplinada frota da marinha britânica. Não contavam com o apoio popular, pois

os camponeses estavam cansados de ver suas culturas destruídas, suas aldeias em chamas e suas filhas violadas pela soldadesca. Ao fim de quase quatro anos de luta, a China teve de aceitar uma derrota humilhante, pagar aos vencedores o equivalente a vinte e um milhões de dólares, entregar-lhes Hong Kong e dar-lhes o direito de estabelecer “concessões”, bairros residenciais amparados pelas leis da extraterritorialidade. Nesses locais, viviam os estrangeiros, com polícia, serviços, leis e governos próprios, protegidos pelas tropas de seus respectivos países; eram verdadeiras nações forâneas dentro do território chinês, de onde os europeus controlavam o comércio, principalmente o do ópio. Em Cantão, os vencedores só entraram cinco anos mais tarde, mas, ao comprovar a vergonhosa derrota de seu venerado imperador e ver o desmoronamento da economia e da moral de sua pátria, o velho mestre de acupuntura concluiu que já não tinha mais motivo para continuar a viver.

Nos anos da guerra, a alma do velho *zhong yi* ficara perturbada, e ele perdera a serenidade tão arduamente adquirida ao longo da existência. Seu distanciamento e falta de atenção no tocante às coisas materiais tornaram-se de tal maneira agudos que, depois de ver o mestre passar dias e dias sem alimentar-se, Tao Chi'en sentia-se na obrigação de dar-lhe comida na boca. As contas da casa descontrolaram-se, e os credores começaram a bater-lhe à porta, mas o velho mandava-os embora sem maiores considerações, pois tudo que tivesse a ver com dinheiro parecia-lhe uma carga vergonhosa, da qual os sábios estavam naturalmente livres. Na confusão senil daqueles anos finais, esquecera os bons propósitos de adotar seu aprendiz e conseguir-lhe uma esposa; na verdade, estava tão perturbado que, vez por outra, ficava a olhar para Tao Chi'en com expressão de perplexidade, sentindo-se incapaz de lembrar seu nome ou de situá-lo no labirinto de rostos que assaltavam sua mente, sem ordem e sem concerto. Mas teve ânimo de sobra para decidir sobre os detalhes de seu enterro, pois, para um chinês ilustre, o evento mais importante na vida era seu próprio funeral. A ideia de pôr fim ao seu desalento, escolhendo um meio elegante de morrer, rondava-o já havia algum tempo, mas esperou até o desenlace da guerra, alimentando a secreta e irracional esperança de ver o triunfo dos exércitos do Celeste Império. Para ele, a arrogância dos estrangeiros era intolerável, sentia um grande desprezo por aqueles *fan güey*, fantasmas brancos que não se lavavam, bebiam leite e álcool, ignoravam totalmente as regras da boa educação e eram incapazes de honrar corretamente os seus antepassados. Os acordos comerciais pareciam-lhe um favor concedido pelo imperador àqueles bárbaros ingratos, que, em vez de se curvarem em agradecimento e gratidão, exigiam cada vez mais. A assinatura do Tratado de Nanquim foi o golpe definitivo para o velho *zhong yi*. O

imperador e todos os habitantes da China estavam desonrados. Como recuperar a dignidade depois de semelhante afronta?

O velho sábio envenenou-se bebendo ouro. Seu discípulo, ao voltar de uma de suas incursões ao campo, com a finalidade de recolher ervas, o encontrou no jardim, reclinado em almofadas de seda e vestido de branco, como sinal de seu próprio luto. Ao lado, estavam o chá ainda morno e o pincel ainda úmido de tinta. Sobre uma pequena mesa, havia um verso por terminar e o desenho de uma libélula perfilando-se na suavidade do pergaminho. Tao Chi'en beijou as mãos do homem que tanto lhe dera e, em seguida, parou um instante a fim de observar, à luz do entardecer, o desenho das asas transparentes do inseto, tal como o mestre certamente teria gostado que fizesse.

O funeral do sábio atraiu uma grande multidão, pois, em sua longa vida, ele havia ajudado milhares de pessoas a viverem com saúde e a morrerem sem angústia. Os funcionários e representantes do governo desfilarão com grande solenidade, os literatos recitaram seus melhores poemas e as cortesãs se apresentaram vestidas com seda. Um adivinho determinou o dia propício para o enterro, e um artista especializado em objetos fúnebres visitou a casa do defunto a fim de tirar cópias de suas obras de arte. Percorreu a casa lentamente, dando a impressão de que não tomava medidas nem notas, mas, embaixo das volumosas mangas de sua vestimenta, havia tabuinhas de cera, nas quais suas unhas iam fazendo certas marcas; nos dias seguintes o artista usou papel para fazer miniaturas da casa, com suas divisões e seus móveis, além dos objetos favoritos do morto, a serem queimados juntamente com molhos de dinheiro, igualmente de papel. No outro mundo, não devia faltar ao mestre nada daquilo que desfrutara na terra. O ataúde, enorme e decorado como uma carruagem imperial, passou pelas avenidas da cidade entre duas fileiras de soldados em uniforme de gala, precedidos por cavaleiros ataviados de cores brilhantes e uma banda de músicos com címbalos, tambores, flautas, campainhas, triângulos metálicos e um conjunto de instrumentos de corda. A algaravia era insuportável, conforme, aliás, se esperava, tendo em vista a importância do extinto. Sobre a tumba, empilharam flores, roupas e alimentos; acenderam velas e incenso, e queimaram finalmente o dinheiro e os numerosos objetos de papel. A tradicional tabuinha de madeira revestida de ouro, na qual estava gravado o nome do mestre, foi deixada sobre a tumba para acolher o espírito no momento em que o corpo retornasse à terra. Ao filho mais velho de um morto, cabia receber a tabuinha, levá-la para casa e depositá-la no lugar de honra, ao lado das tabuinhas dos outros antepassados masculinos, mas o médico não tinha quem cumprisse essa obrigação. Tao Chi'en era apenas um ajudante, e teria sido uma absoluta quebra da etiqueta oferecer-se para fazê-lo. Estava genuinamente comovido.

Na multidão, ele era o único cujas lágrimas e gemidos expressavam dor verdadeira, mas a tabuinha ancestral foi parar nas mãos de um sobrinho distante, este, sim, moralmente obrigado a depositar oferendas e rezar diante dela a cada quinze dias, por ocasião de cada um dos festivais do ano.

Uma vez concluídos os solenes ritos funerários, os credores caíram como chacais sobre as propriedades do mestre. Violaram seus textos sagrados e seu laboratório, revolveram suas ervas, estragaram preparados medicinais, desordenaram suas coleções de poemas, levaram móveis e objetos de arte, pisotearam seu belo jardim e leiloaram sua velha mansão. Pouco antes, Tao Chi'en tinha posto a salvo as agulhas de ouro com que o mestre praticava acupuntura, uma caixa com instrumentos médicos e alguns remédios essenciais, bem como certa quantidade de dinheiro, que fora subtraindo aos poucos nos últimos três anos, desde que o patrão começara a perder-se na floresta da demência senil. Não tivera a intenção de roubar o venerável *zhong yi*, a quem estimava como um avô, mas de guardar aquele dinheiro para sustentá-lo na ocasião adequada, pois via as dívidas se acumulando e temia por seu futuro. O suicídio precipitou as coisas, e Tao Chi'en viu-se na posse de um pequeno e inesperado tesouro. Apoderar-se daqueles fundos podia custar-lhe a cabeça, pois seria considerado crime contra um superior, mas estava certo de que ninguém saberia daquilo, a não ser o espírito do morto, que certamente aprovaria sua atitude. Não teria ele preferido dar um prêmio ao seu fiel servente a pagar uma das muitas dívidas que agora eram cobradas pelos ferozes credores? Carregando aquele modesto tesouro e levando consigo uma única muda de roupa limpa, Tao Chi'en fugiu da cidade. Ocorreu-lhe fugazmente a ideia de voltar à aldeia natal, mas imediatamente a abandonou. Para a sua família, ele seria sempre o Quarto Filho e, como tal, devia submissão e obediência aos irmãos mais velhos. Teria de trabalhar para eles, aceitar a esposa que lhe escolhessem e resignar-se à miséria. Nada o impelia naquela direção, nem mesmo as obrigações para com o pai e os antepassados, que recaíam sobre os irmãos mais velhos. Tinha de ir para longe, para um lugar onde o braço da justiça chinesa não pudesse alcançá-lo. Tinha vinte anos, faltava-lhe um ano para terminar os dez de servidão, e qualquer um dos credores podia reclamar o direito de usá-lo como escravo nesse período.

Tao Chi'en

Tao Chi'en embarcou em uma sampana para Hong Kong, com a intenção de começar vida nova. Agora era um *zhong yi*, treinado na medicina tradicional chinesa pelo melhor mestre de Cantão. Devia eterna gratidão aos espíritos dos antepassados, que haviam orientado seu carma com tanta benevolência. O que iria fazer primeiro, decidiu, seria escolher uma mulher, pois já alcançara a idade indicada para casar-se, e o celibato pesava-lhe bastante. A falta de esposa era um indisfarçável sinal de pobreza. Alimentava a ambição de adquirir uma jovem delicada e dona de belos pés. Seus *lírios dourados* não poderiam ter mais de seis ou oito centímetros de comprimento, e deviam ser gorduchos e delicados ao tato, como os de um bebê de poucos meses. Sentia-se fascinado pelo modo de andar das jovens de pés minúsculos, com seus passos curtos e vacilantes, aparentando estar sempre a ponto de cair, as ancas projetadas para trás, balouçantes como os juncos que cresciam à beira do pequeno lago existente no jardim de seu mestre. Detestava os pés das camponesas — grandes, musculosos e frios. Em sua aldeia, tinha visto de longe algumas meninas veladas, orgulho de suas famílias, que certamente poderiam vendê-las por bom preço, porém somente quando começara a relacionar-se com as prostitutas de Cantão pudera apalpar um daqueles *lírios dourados*, extasiando-se com os pequeninos sapatos bordados que os traziam sempre cobertos, pois durante anos os ossos arruinados desprendiam uma substância malcheirosa. Depois de tocá-los, compreendeu que sua elegância era fruto de um sofrimento sem tréguas, e era isso que os tornava ainda mais valiosos. Só então, valorizou devidamente os livros dedicados aos pés femininos, colecionados por seu mestre, nos quais eram enumerados cinco tipos e dezoito diferentes estilos de *lírios dourados*. A mulher que Tao Chi'en esperava adquirir também deveria ser muito jovem, pois a beleza dura pouco, começando por volta dos doze anos e terminando logo depois dos vinte. Era o que seu mestre lhe havia explicado. Não por acaso, as mais célebres heroínas da literatura chinesa morriam sempre no exato momento em que eram

mais encantadoras; benditas aquelas que desapareciam antes de serem destruídas pela idade e podiam ser lembradas na plenitude de seu frescor. Além disso, havia razões para preferir uma jovem núbil: ela lhe daria filhos varões e seria fácil domar seu caráter, a fim de torná-la verdadeiramente submissa. Nada podia ser mais desagradável do que uma esposa resmungona; tinha visto algumas que chegavam a cuspir e esbofetear seus maridos e filhos, às vezes em plena rua e diante da vizinhança. Receber semelhante afronta de mãos femininas era o pior dos desdouros para um homem. Na sampana que o levava devagar pela rota de cento e quarenta e quatro quilômetros entre Cantão e Hong Kong, distanciando-o paulatinamente de sua vida anterior, Tao Chi'en sonhava com essa jovem e também com o prazer e os filhos que ela lhe traria. Contava e recontava o dinheiro que levava na bolsa, como se pudesse aumentá-lo mediante cálculos abstratos, mas ficava claro que, mesmo assim, não teria o suficiente para comprar uma esposa com tais qualidades. No entanto, por maior que fosse a urgência, não pensava em se conformar com uma inferior, em viver o resto de seus dias ao lado de uma esposa de pés grandes e caráter voluntarioso.

A Ilha de Hong Kong apresentou-se repentinamente aos olhos do jovem, com seu perfil montanhoso e sua verde natureza, emergindo como uma sereia das águas azuis do Mar da China. Assim que a leve embarcação atracou no porto, Tao Chi'en notou a presença dos odiados estrangeiros. Antes, havia divisado alguns, mas de longe; agora eles estavam bem perto, e quase se dispunha a tocá-los, a fim de comprovar se aquelas criaturas grandalhonas e sem graça eram realmente humanas. Descobriu com assombro que muitos *fan güey* tinham cabelos dourados ou ruivos, olhos claros e pele tão avermelhada quanto a de uma lagosta em água fervente. As mulheres, que lhe pareceram feíssimas, usavam chapéus cobertos de penas e flores, talvez com a intenção de dissimular seus cabelos diabólicos. Vestiam-se de maneira estranha, com roupas duras e coladas ao corpo; talvez fosse por isso que se moviam como robôs, que não se inclinavam amavelmente para saudar os outros, passando rígidas, sem olhar para ninguém, e sofrendo em silêncio o calor do verão dentro de sutis vestimentas incômodas. No porto havia uma dúzia de navios europeus, cercados por milhares de embarcações asiáticas de todos os tamanhos e cores. Nas ruas viu alguns coches puxados por cavalos e conduzidos por homens uniformizados, perdidos entre os veículos de transporte movidos pela força humana, liteiras, palanquins, macas, homens que simplesmente transportavam seus clientes nas costas. O cheiro de peixe atingiu-o como um soco, lembrando-lhe que estava com fome. O primeiro a fazer, portanto, seria descobrir um daqueles lugares onde vendiam comida, assinalados por longas faixas de pano

amarelo.

Tao Chi'en comeu como um príncipe em um restaurante cheio de gente que ria e falava aos gritos, sinal inequívoco de alegria e boa digestão; saboreou pratos delicados que, na casa do mestre, haviam caído no esquecimento. O *zhong yi* fora muito guloso durante quase toda a vida, e se vangloriava de ter tido a seu serviço os melhores cozinheiros de Cantão, mas, nos últimos anos, alimentara-se apenas de chá-verde, arroz e alguns poucos vegetais. Ao escapar de sua servidão, Tao Chi'en estava tão fraco quanto qualquer um dos muitos tuberculosos de Hong Kong. Aquela foi sua primeira refeição decente em muito tempo, e o fato é que se extasiou com os sabores, os aromas e as texturas da comida. O festim terminou com um cachimbo prazerosamente aspirado. Saiu para a rua flutuando e rindo sozinho, como um louco: nunca se sentira tão entusiasmado e tão bafejado pela sorte. Aspirou o ar ao redor, muito parecido com o de Cantão, e concluiu que seria fácil conquistar aquela cidade, à semelhança do que fizera com a outra, nove anos antes. Primeiro iria ao mercado e ao bairro dos curandeiros e vendedores de ervas, onde esperava encontrar hospedagem e oferecer seus serviços profissionais. Em seguida, voltaria a pensar na mulher de pés pequenos...

Naquela mesma tarde Tao Chi'en conseguiu hospedar-se no sótão de uma grande casa dividida em muitos cômodos pequeninos, em cada um dos quais se abrigava uma família, um autêntico formigueiro humano. Seu aposento, tenebroso túnel de um metro de largura por três de comprimento, desprovido de janela, escuro e quente, atraía os cheiros dos alimentos e dos dejetos de outros inquilinos, misturados com a inconfundível pestilência da sujeira. Em comparação com a refinada casa de seu mestre, aquilo era como viver em um buraco de ratos, mas então se lembrou de que, na cabana do pai, fora ainda mais pobre do que agora. Como solteiro, não necessitava de mais espaço nem de nenhum luxo, nada além de um local para desenrolar a esteira de dormir e acomodar sua pequena bagagem. Mais à frente, quando se casasse, procuraria uma residência apropriada, na qual também pudesse preparar seus medicamentos, atender seus clientes e ser corretamente servido pela mulher. Por ora, enquanto procurava fazer alguns contatos indispensáveis para conseguir trabalhar, aquele espaço pelo menos lhe oferecia um teto e um pouquinho de privacidade. Deixou suas coisas ali e foi tomar um bom banho, fazer a barba e refazer a trança que lhe caía pelas costas. Assim que se julgou apresentável, partiu em busca de uma casa de jogo, disposto a duplicar seu capital o mais rapidamente possível; era assim que pretendia dar os primeiros passos no caminho do êxito.

Em menos de duas horas apostando no *fan tan*, Tao Chi'en perdeu

todo o seu dinheiro, e só não perdeu os instrumentos com que praticava a medicina porque não os levava consigo. A gritaria na sala de jogo era ensurdecidora, as apostas faziam-se por meio de sinais, em meio a uma espessa nuvem de fumaça de tabaco. O *fan tan* era muito simples, consistia em um punhado de botões embaixo de uma xícara. Faziam-se as apostas, mostravam-se os quatro botões, e ganhava quem adivinhasse quantos restavam embaixo da xícara — um, dois, três ou nenhum. Tao Chi'en mal podia ver as mãos do homem que lançava os botões e os contava. Teve a impressão de que ele trapaceava, mas acusá-lo em público seria uma ofensa muito grave, poderia pagar com a vida caso estivesse enganado. Em Cantão, todos os dias eram encontrados nas imediações das casas de jogo vários cadáveres de perdedores inconformados; não podia ser diferente em Hong Kong. Voltou ao túnel do sótão e se deitou na esteira, chorando como um bebê, pensando nas cipoadas que havia recebido de seu velho mestre. O desespero durou até o dia seguinte, quando, então, compreendeu, com assombrosa clareza, a impaciência e a soberba que o possuíam. Neste momento, pôs-se a rir da lição que acabara de receber, convencido de que o espírito travesso do mestre viera até ele a fim de lhe ensinar algo mais. Havia despertado em meio a uma profunda obscuridade, que não o impedia, porém, de ouvir os ruídos da casa e da rua. Vestiu, às apalpadelas, sua única muda de roupa limpa, mas ainda rindo sozinho; apanhou sua maleta de médico e dirigiu-se ao mercado. No local onde se alinhavam as barracas dos tatuadores, cobertas de cima a baixo com tiras de pano e papel em que eram exibidas as figuras que podiam ser gravadas, o cliente podia escolher entre milhares de desenhos, desde discretas flores de um azul-anilado até fantásticos dragões em cinco cores, capazes de decorar, com suas asas abertas e as labaredas que saíam de sua boca, as costas de qualquer homem robusto. Passou meia hora regateando, até conseguir fechar negócio com um daqueles artistas, que se propunha a trocar uma pequena tatuagem por um remédio capaz de limpar-lhe o fígado. Em menos de dez minutos, ele gravou no dorso da mão direita de Tao Chi'en, em traços simples e elegantes, a palavra NÃO.

— Se o remédio lhe fizer bem, recomende meus serviços aos seus amigos — pediu Tao Chi'en.

— Faça o mesmo se gostar da tatuagem — replicou o artista.

Tao Chi'en sempre afirmava que aquela tatuagem lhe dera sorte. Saiu da tenda para a confusão do mercado, recorrendo aos empurrões e cotoveladas para avançar pelos estreitos becos entupidos de gente. Não se via um só estrangeiro, e o mercado parecia-lhe idêntico ao de Cantão. O ruído era como o de uma cascata, os vendedores apregoavam as qualidades de seus produtos e os clientes regateavam aos gritos em meio à bulha ensurdecidora dos pássaros engaiolados e

os gemidos de animais à espera do cutelo. De tão denso, era possível apalpar o pestilento cheiro de suor, de animais vivos e mortos, de excremento e lixo, de especiarias, de ópio, das cozinhas e de todo tipo de produtos e criaturas de terra, mar e ar. Uma vendedora apregoava seus caranguejos. Tirava-os vivos de um saco, fervia-os por alguns minutos em uma panela, cuja água tinha a consistência pastosa do fundo do mar, pescava-os com uma concha de coar, ensopava-os em molho de soja e os servia aos fregueses em pedaços de papel. Tinha as mãos cobertas de verrugas. Tao Chi'en negociou com ela o almoço de um mês em troca de tratamento para aquela doença.

— Ah! Pelo jeito, você gosta muito de caranguejos — disse a mulher.

— Detesto. Mas vou comê-los para me penitenciar dos meus pecados, para não me esquecer de uma lição que devo lembrar para sempre.

— E se dentro de um mês você não tiver me curado, quem vai me devolver os caranguejos comidos?

— Se dentro de um mês você continuar com as verrugas, eu perco meu prestígio. — Tao sorriu. — Depois disso, quem iria comprar os meus medicamentos?

— Está bem.

Assim, Tao Chi'en começou sua vida de homem livre em Hong Kong. Em dois ou três dias, a inflamação cedeu, e a tatuagem apareceu como um nítido desenho de traços azuis. No decorrer daquele mês, enquanto ia e vinha pelo mercado oferecendo seus serviços profissionais, comia apenas uma vez por dia, unicamente caranguejos fervidos, e de tanto perder peso podia manter uma pequena moeda presa entre as costelas. Cada vez que, vencendo a repugnância, levava um caranguejo à boca, sorria pensando em seu mestre, que também não gostava daquele prato. As verrugas da mulher desapareceram após vinte e seis dias de tratamento, e, grata, ela espalhou a boa-nova pelas vizinhanças. Propôs outro mês de caranguejos em troca da cura de uma catarata, mas Tao Chi'en considerou suficiente o castigo, podendo dar-se ao luxo de não provar caranguejos pelo resto de sua existência. À noite, regressava, exausto, à sua pocilga, contava suas moedas à luz de uma vela, escondia-as debaixo de uma tábua do assoalho e, em seguida, aquecia água no fogareiro a carvão, a fim de enganar a fome com um pouco de chá. Vez ou outra, quando lhe fraquejavam as pernas e a vontade, comprava uma tigela de arroz, um pouco de açúcar e um cachimbo com ópio, que saboreava lentamente, grato pelo fato de existirem no mundo coisas admiráveis como o consolo do arroz, a doçura do açúcar e os perfeitos sonhos do ópio. Seu dinheiro era gasto apenas com o aluguel, as aulas de inglês, a raspagem da barba e a lavagem da sua

muda de roupa, pois não podia andar como um tratador de porcos. Seu mestre vestia-se como um mandarim. “A boa aparência é sinal de civilidade, um *zhong yi* é diferente de um curandeiro de aldeia. Por uma questão de respeito”, ensinava o velho, “quanto mais pobre for o doente, mais ricas devem ser as tuas roupas”. A reputação de Tao Chi'en espalhou-se pouco a pouco, primeiro entre o pessoal do mercado e suas famílias, e em seguida pelo bairro portuário, onde tratava dos marinheiros que haviam se ferido nas brigas, ou sofriam de escorbuto, pústulas venéreas ou intoxicação.

Passados seis meses, Tao Chi'en contava com uma clientela fiel e começava a se tornar próspero. Mudou-se para um quarto com janela, mobiliando-o com uma cama de casal, que lhe serviria quando contraísse matrimônio, uma poltrona e uma escrivaninha inglesa. Como fazia anos que desejava se vestir bem, comprou também algumas roupas. E, tendo descoberto imediatamente onde se encontrava o poder, tomou a decisão de aprender inglês. Um punhado de britânicos controlava Hong Kong, fazia e aplicava as leis, dirigia o comércio e a política. A gigantesca multidão chinesa dividia com eles o mesmo espaço e o mesmo tempo, mas existia como se não existisse. Pelo porto de Hong Kong, saíam produtos refinadíssimos, que iam diretamente para os salões de uma certa Europa, fascinada por aquela cultura remota e milenar. As “chinesices” estavam na moda. A seda causava furor no vestuário; nos parques, não podiam faltar aquelas pequenas e graciosas pontes que, com suas pequenas lâmpadas e seus salgueiros melancólicos, imitavam a maravilha dos jardins secretos de Pequim; os tetos de pagode eram usados em coretos, e os motivos de dragões e flores de cereja eram repetidos até o limite do insuportável na decoração. Não havia mansão inglesa sem um salão oriental com um biombo Coromandel, uma coleção de porcelanas e marfins, leques bordados por mãos de crianças que usavam o *ponto proibido* e canários imperiais em gaiolas esculpidas. Os navios que transportavam esses tesouros para a Europa não voltavam vazios; traziam o ópio da Índia para ser vendido no contrabando e bugigangas que arruinavam as pequenas indústrias locais. Os chineses tinham de competir com os ingleses, holandeses, franceses e norte-americanos para praticar o comércio em seu próprio país. Mas a grande desgraça foi o ópio. Fazia séculos que os chineses usavam-no como passatempo e com finalidades medicinais, mas, quando os ingleses inundaram o mercado, o produto se converteu em um mal incontrolável, que atacou todos os setores da sociedade, debilitando-a e esfrangalhando-a como um pão dormido e passado.

Inicialmente os chineses encararam os estrangeiros com desprezo, asco e a imensa superioridade dos que se sentiam os únicos seres realmente civilizados do mundo, mas, aos poucos, aprenderam a temê-

los. De sua parte, os europeus agiam imbuídos do mesmo conceito de superioridade racial, certos de serem arautos da civilização em uma terra de gente suja, feia, ruidosa, corrupta e selvagem, que comia gatos, devorava cobras e matava as filhas assim que acabavam de nascer. Poucos sabiam que os chineses haviam começado a empregar a escrita mil anos antes do que eles. Enquanto os comerciantes impunham a cultura da droga e da violência, os missionários procuravam evangelizar o povo. O cristianismo tinha de se propagar a qualquer preço, pois era a única fé verdadeira, e o fato de Confúcio ter vivido quinhentos anos antes de Cristo nada significava. Para eles, os chineses eram apenas humanos, mas, mesmo assim, tentavam salvar suas almas e lhes pagavam as conversões em arroz. Os novos cristãos consumiam sua ração de suborno divino e, em seguida, iam até onde houvesse outra igreja, a fim de converter-se novamente, divertindo-se bastante com aquela mania dos *fan güey* de pregar suas crenças como se fossem as únicas. Para eles, práticos e tolerantes, a espiritualidade estava mais próxima da filosofia do que da religião; era uma questão de ética, jamais de dogma.

Tao Chi'en aprendeu inglês com um compatriota que falava essa língua numa versão gelatinosa, desprovida de consoantes, mas a escrevia com grande correção. Em comparação com os caracteres chineses, o alfabeto europeu parecia de uma simplicidade encantadora e, em cinco semanas, Tao Chi'en já era capaz de ler os jornais britânicos sem vacilar no tocante às letras, embora a cada cinco palavras tivesse de recorrer ao dicionário. Passava as noites estudando. Sentia falta de seu venerável mestre, que o havia marcado para sempre com a sede do conhecimento, tão perseverante quanto a sede do álcool para o ébrio ou a do poder para o ambicioso. Já não contava mais com a biblioteca do velho nem com a sua inesgotável fonte de experiência, tampouco podia recorrer a ele a fim de pedir conselho ou discutir os sintomas de um paciente; assim, sentia-se órfão, necessitado de um guia. Desde a morte de seu preceptor, não voltara a escrever nem ler poesia, não reservava um pouco de seu tempo para admirar a natureza, para meditar ou para observar os ritos e as cerimônias do cotidiano, que antes enriqueciam sua existência. Sentia-se cheio de ruído por dentro, ansiava pelo vazio do silêncio, pela solidão que o mestre lhe ensinara a cultivar como o mais precioso dos dons. À medida que praticava a medicina, ia aumentando seu conhecimento sobre a natureza dos seres humanos, as diferenças emocionais entre homens e mulheres, as doenças que só podem ser tratadas com remédios e as enfermidades que também pedem a magia da palavra certa, mas lhe faltava com quem partilhar suas experiências. O sonho de comprar uma esposa e constituir uma família continuava em sua mente, mas tênue e esfumado como uma bela

paisagem pintada sobre seda; em compensação, ia se transformando em obsessão seu desejo de comprar livros, estudar e encontrar novos mestres dispostos a ajudá-lo no caminho do conhecimento.

Assim estavam as coisas quando Tao Chi'en conheceu o Doutor Ebanizer Hobbs, um aristocrata inglês que nada tinha de arrogante e, ao contrário de outros europeus, interessava-se pelas peculiaridades locais. Viu-o pela primeira vez no mercado, examinando as ervas à venda em uma barraca de curandeiros. O estrangeiro falava apenas dez palavras de mandarim, porém as repetia com uma voz tão estentórea e uma tão indubitável convicção que, ao redor dele, havia se formado uma pequena multidão, ao mesmo tempo assustada e zombeteira. Era fácil vê-lo de longe, pois sua cabeça sobressaía acima da massa de chineses. Tao Chi'en nunca tinha visto um estrangeiro por aquelas bandas, tão distante das áreas por onde normalmente circulavam, e deu uns passos a fim de observá-lo mais de perto. Era um homem ainda jovem, alto e magro, com feições nobres e grandes olhos azuis. Tao Chi'en constatou, encantado, que podia traduzir as dez palavras daquele *fan güey* e que ele próprio conhecia pelo menos outras tantas em inglês, de modo que talvez fosse possível estabelecer-se uma comunicação entre eles. Saudou-o com uma cordial reverência, e o outro respondeu-lhe imitando desajeitadamente suas inclinações. Ambos sorriram e, em seguida, puseram-se a rir, e seus risos logo foram acompanhados por um amável coro de gargalhadas dos espectadores. Iniciaram um ofegante diálogo de vinte palavras mal pronunciadas pelos dois lados, e prosseguiram com uma cômica pantomima de saltimbancos, provocando crescente hilaridade nos curiosos. Em pouco tempo, havia se formado uma pequena multidão, que obstruía o tráfego e acabou por atrair a atenção de um policial britânico, que, do alto de sua sela, tratou de dissolver imediatamente a aglomeração. Assim nasceu uma sólida amizade entre os dois homens.

Ebanizer Hobbs sentia-se tão consciente das limitações de seu ofício quanto Tao Chi'en das suas. O primeiro desejava aprender os segredos da medicina oriental, vislumbrado em suas viagens pela Ásia, especialmente o controle da dor mediante o emprego de agulhas aplicadas nos terminais nervosos, assim como o uso de combinações de plantas e ervas no tratamento de diversas enfermidades que na Europa eram consideradas fatais. O segundo estava fascinado pela medicina ocidental e por seus métodos agressivos de cura, tão diferentes dos seus, que compunham uma arte sutil de equilíbrio e harmonia, um vagaroso trabalho de redirecionamento da energia desviada, de prevenir enfermidades e de buscar as causas dos sintomas. Tao Chi'en nunca havia praticado uma cirurgia, e seus conhecimentos de anatomia, muito precisos no tocante aos diversos ritmos do pulso e aos pontos de acupuntura, reduziam-se àquilo que

podia ver e palpar. Sabia de memória os desenhos anatômicos da biblioteca de seu velho mestre, mas nunca havia pensado em abrir um cadáver. Esse era um costume desconhecido na medicina chinesa; seu sábio mestre, que passara a vida inteira praticando a arte de curar, pouquíssimas vezes tinha visto os órgãos internos da criatura humana, e era incapaz de fazer um diagnóstico no caso de deparar com sintomas que não fizessem parte do repertório de males conhecidos. Ebanizer Hobbs, ao contrário, aumentava seus conhecimentos abrindo cadáveres e buscando as causas das doenças. A primeira vez que Tao Chi'en abriu um foi no subsolo do hospital dos ingleses, em uma noite de ventos fortes, na qualidade de ajudante do Doutor Hobbs, que na manhã anterior, no consultório em que Tao Chi'en recebia sua clientela, havia aplicado pela primeira vez as agulhas de acupuntura, com o objetivo de aliviar uma enxaqueca. Em Hong Kong havia alguns missionários tão interessados em curar o corpo quanto em converter a alma dos paroquianos chineses, com os quais o Doutor Hobbs mantinha excelentes relações. Estavam muito mais próximos da população local do que os médicos britânicos da colônia e admiravam os métodos da medicina oriental. Por isso, abriram aos *zhong yi* as portas de seus pequenos hospitais. O entusiasmo de Tao Chi'en e Ebanizer Hobbs pelo estudo e pelas experiências conduziu-os inevitavelmente a uma relação afetuosa. Juntavam-se quase em segredo, pois teriam colocado em risco sua reputação se a amizade se tornasse pública. Nem os pacientes europeus nem os chineses aceitariam que outra raça tivesse algo para ensinar-lhes.

Assim que suas finanças se normalizaram, o desejo de comprar uma esposa voltou a ocupar os sonhos de Tao Chi'en. Quando completou vinte e um anos, calculou mais uma vez o dinheiro guardado, como fazia frequentemente, e comprovou, com entusiasmo, que já era o suficiente para adquirir uma esposa de pés pequenos e caráter meigo. Como não tinha pais para encarregar-se do negócio, tal como era exigido pelo costume do país, teve de recorrer aos serviços de um agente. Mostraram-lhe retratos de várias candidatas, mas todas lhe pareciam iguais; era impossível adivinhar o aspecto de uma garota — e muito menos sua personalidade — a partir daqueles modestos desenhos a nanquim. Não lhe era permitido vê-la com os próprios olhos, nem ouvir sua voz, como gostaria; não tendo família, também não tinha uma pessoa do sexo feminino para fazer a observação em seu lugar. Podia ver os pés por baixo de uma cortina, mas lhe haviam dito que isso não bastaria para deixá-lo seguro, pois os agentes podiam enganá-lo mostrando os *lírios dourados* de outra mulher. Estava a ponto de decidir na sorte, mas a tatuagem no dorso da mão direita trouxe-lhe à lembrança suas antigas desventuras com os jogos de azar,

de modo que preferiu atribuir a tarefa ao espírito de sua mãe e ao do mestre de acupuntura. Depois de ter visitado cinco templos fazendo oferendas, deitou a sorte com os palitos do I Ching, nos quais leu que o momento era propício, e, assim, finalmente escolheu sua noiva. O método não falhou. Quando retirou o lenço de seda vermelha da cabeça de sua recém-escolhida esposa, depois de realizar somente as cerimônias mais indispensáveis, pois não tinha dinheiro para um casamento marcado pelo fausto, viu-se diante de um rosto harmonioso, cujos olhos estavam obstinadamente voltados para o chão. Repetiu seu nome três vezes antes que ela se atrevesse a olhá-lo com os olhos cheios de lágrimas, tremendo de pavor.

— Serei bom contigo — prometeu ele, tão emocionado quanto ela.

Desde o momento em que a livrou daquele pano vermelho, Tao adorou a jovem que a sorte havia escolhido para ele. Aquele amor o apanhou de surpresa: não imaginava que tais sentimentos pudessem existir em homem e mulher. Jamais testemunhara tal espécie de amor, tudo o que sabia dele vinha de vagas referências na literatura clássica, em que as donzelas, como as paisagens ou a lua, eram temas obrigatórios de inspiração poética. Acreditava, contudo, que as mulheres eram apenas criaturas destinadas ao trabalho e à reprodução, como aquelas camponesas entre as quais fora criado, ou, por outro lado, objetos caros de decoração. Lin não correspondia a nenhuma dessas categorias; era uma pessoa misteriosa e complexa, capaz de desafiá-lo com suas perguntas. Ela o fazia rir como ninguém, inventava-lhe histórias impossíveis, provocava-o com jogos de palavras. Diante de Lin, tudo parecia iluminar-se com um fulgor irresistível. A prodigiosa descoberta da intimidade com outro ser humano foi a experiência mais profunda da vida de Tao. Com as prostitutas, não tivera mais do que encontros de galo apressado, nunca dispusera de tempo, nem de amor, para conhecer a fundo o outro sexo. Abrir os olhos ao raiar do dia e ver Lin dormindo ao seu lado fazia Tao Chi'en rir de felicidade e, um instante depois, tremer de angústia. E se um dia ela não despertasse? O cheiro agradável de sua transpiração, nas noites de amor, o fino traço de suas sobrancelhas elevadas, em um gesto de perpétua surpresa, a surpreendente esbelteza de sua cintura, tudo isso o dobrava de ternura. Ah! E os dois caíam na risada. Isso era o melhor de tudo, a livre e solta alegria daquele amor. Os *livros de travesseiro* de seu velho mestre, que tanta exaltação inútil lhe haviam provocado na adolescência, mostravam-se afinal muito proveitosos na hora do prazer. Como era de se esperar de uma jovem virgem corretamente educada, Lin se revelava modesta e recatada no comportamento diário, mas, assim que perdeu o medo de seu marido, veio à tona sua natureza cheia de espontaneidade e paixão. Em pouco tempo, a ávida aluna de Tao Chi'en aprendeu as

duzentas e vinte e duas maneiras de amar, e, sempre disposta a segui-lo nessa tresloucada corrida, sugeriu-lhe que inventasse mais algumas. Para a sorte de Tao Chi'en, os refinados conhecimentos que havia adquirido teoricamente na biblioteca de seu preceptor incluíam numerosas formas de proporcionar prazer às mulheres; e ele também sabia que o vigor importa menos que a paciência. Seus dedos estavam preparados para captar as diversas pulsações do corpo e encontrar, de olhos fechados, seus pontos mais sensíveis; suas mãos, cálidas e firmes, hábeis em proporcionar alívio às dores dos pacientes, converteram-se em instrumentos de infinito gozo para Lin. Ele também havia descoberto algo que seu honorável *zhong yi* se esquecera de ensinar-lhe: que o melhor de todos os afrodisíacos é o amor. Por serem tão felizes na cama, esqueciam durante a noite as dificuldades da vida. Mas essas dificuldades eram numerosas, como se tornou claro depois de algum tempo.

Os espíritos invocados por Tao Chi'en para ajudá-lo em sua decisão matrimonial atenderam-no com perfeição: Lin tinha os pés pequeninos e era tão tímida e meiga quanto um esquilo. Mas não ocorrera a Tao Chi'en que também devia pedir aos espíritos que sua esposa fosse forte e tivesse boa saúde. A mesma mulher que, durante a noite, parecia inesgotável de dia se transformava numa inválida. Mal podia andar duas quadras com seus curtos passos de mutilada. Era verdade que, ao fazê-lo, movia-se com a graça de um junco exposto à brisa, como havia escrito o velho mestre de acupuntura em alguns de seus poemas, mas também era verdade que uma pequena excursão ao mercado, a fim de comprar repolho para a ceia, representava um tormento para seus *lírios dourados*. Ela jamais se queixava em voz alta, mas bastava observar como transpirava e mordida os lábios para adivinhar o esforço de cada movimento. Também não tinha bons pulmões. Respirava com um silvo agudo de pintassilgo, passava a estação chuvosa resfriada e a temporada seca em uma quase asfixia, como se o ar quente ficasse preso entre os dentes. Nem as ervas de seu marido nem os tônicos de seu amigo, o médico inglês, conseguiam aliviá-la. Quando engravidou, os males existentes se acentuaram, pois seu frágil esqueleto mal suportava o peso da criança. No quarto mês, deixou definitivamente de sair de casa, e ficava languidamente sentada diante da janela vendo a vida passar pela rua. Tao Chi'en contratou duas criadas, uma para as tarefas domésticas, a outra para assisti-la, pois temia que Lin morresse na sua ausência. Duplicou suas horas de trabalho e, pela primeira vez, acoitava seus clientes com cobranças, o que muito o envergonhava. Sentia o olhar crítico de seu mestre recordando-lhe o dever de servir sem esperar recompensa, pois “quem mais sabe, mais obrigações tem para com a humanidade”. Contudo, não podia atender gratuitamente ou em troca de favores, como fazia antes, pois necessitava de cada

centavo para manter Lin confortavelmente. Nessa época, dispunha do segundo andar de uma velha casa, e nele instalou sua mulher com refinamentos que nenhum dos dois havia conhecido antes, mas, mesmo assim, não estava satisfeito. Decidiu encontrar uma casa com jardim, para que ela dispusesse de beleza e ar puro. Seu amigo Ebanizer Hobbs tratou de explicar-lhe — já que o amigo se negava a encarar as evidências — que a tuberculose estava muito avançada e não havia jardim capaz de curar Lin.

— Em vez de trabalhar da madrugada até a meia-noite para lhe comprar vestidos de seda e móveis de luxo, fique ao lado dela o máximo de tempo possível, Doutor Chi'en. Desfrute de sua presença, enquanto a tiver — aconselhava-o Hobbs.

Os dois médicos concordavam, cada um a partir de sua própria experiência, que o parto seria uma prova de fogo para Lin. Nenhum deles entendia muito dessa matéria, pois tanto na Europa como na China o nascimento das crianças sempre estivera a cargo das parteiras, mas decidiram estudá-la. Não confiavam na perícia de uma parteira ignorante, como imaginavam que fossem todas as que viviam do ofício. Tinham-nas visto trabalhar com suas mãos asquerosas, suas bruxarias e seus métodos brutais para separar a criança da mãe, e resolveram impedir que Lin passasse por tão funesta experiência. A jovem, no entanto, não queria dar à luz diante de dois homens, especialmente quando um deles era um *fan güey* de olhos redondos, incapaz de expressar-se na língua dos seres humanos. Pediu ao marido que procurasse a parteira do bairro, pois a decência mais elementar a impedia de abrir as pernas diante de um diabo estrangeiro, mas Tao Chi'en, sempre disposto a satisfazê-la, dessa vez se mostrou inflexível. Por fim, acertaram que ele a atenderia pessoalmente, enquanto Ebanizer Hobbs permaneceria no aposento ao lado, para apoiá-lo verbalmente, caso fosse necessário.

O primeiro anúncio do parto foi um ataque de asma, que quase custou a vida de Lin. Confundiram-se, então, os esforços para respirar com os esforços do ventre para expelir a criança, e tanto Tao Chi'en, com seu amor e sua ciência, como Ebanizer Hobbs, com seus textos de medicina, foram incapazes de ajudá-la. Dez horas mais tarde, quando os gemidos da mãe se haviam reduzido ao áspero ronco de um afogado e a criança não dava nenhum sinal de nascer, Tao Chi'en saiu voando à procura da parteira, e, apesar da repulsa que experimentava, praticamente arrastou-a até a sua casa. Tal como ele e Hobbs temiam, a parteira era uma velha malcheirosa, com a qual foi impossível trocar qualquer conhecimento médico, pois o que ela acumulava não era ciência, mas um instinto sem idade e uma experiência de muitos anos. Começou por afastar os dois homens, empurrando-os e proibindo-os

de espreitar pela cortina que separava os dois aposentos. Tao Chi'en jamais pôde saber o que aconteceu atrás daquela cortina, mas acalmou-se quando ouviu Lin respirar livremente e gritar com força. Nas horas seguintes, enquanto Ebanizer Hobbs dormia extenuado em um sofá e Tao Chi'en consultava desesperadamente o espírito de seu mestre, Lin trouxe ao mundo uma menina exangue. Como se tratava de uma criança do sexo feminino, nem a parteira nem o pai tentaram revivê-la, entregando-se ambos à tarefa de salvar a mãe, que perdia suas escassas forças com o sangue vertido entre as pernas.

Lin pouquíssimo lamentou a morte da filha, como se adivinhasse que não viveria o bastante para criá-la. Refez-se lentamente do parto difícil e, durante algum tempo, procurou ser novamente a alegre companheira dos jogos noturnos. Com a mesma disciplina de que se valia para dissimular a dor que sentia nos pés, fingia receber com entusiasmo os apaixonados abraços do marido. “O sexo é uma viagem, uma viagem sagrada”, dizia-lhe com frequência, mas não tinha ânimo para acompanhá-lo de verdade. Tao Chi'en desejava excessivamente aquele amor, e isso o levava a ignorar cada um dos sinais que denunciavam a mudança, e a continuar acreditando até o final que Lin voltara a ser a mesma de antes. Durante anos havia sonhado com filhos varões, mas agora toda a sua preocupação era proteger a mulher de uma nova gravidez. Seus sentimentos por Lin se haviam transformado em uma veneração que só a ela podia confessar; pensava que ninguém mais seria capaz de entender aquele angustiante amor por uma mulher, ninguém conhecia Lin como ele, ninguém sabia quanto ela lhe iluminava a existência. Sou feliz, sou feliz, repetia a fim de afastar as funestas premonições que o assaltavam tão logo abrisse a guarda. Mas não era. Já não ria mais com a leveza de antes e, quando estava com ela, mal podia gozá-la, salvo em uns poucos momentos de prazer carnal, pois vivia a observá-la com preocupação, sempre de olho em sua saúde, consciente de sua fragilidade, medindo o ritmo de sua respiração. Chegou ao ponto de odiar os *lírios dourados*, que no início do casamento costumava beijar em transportes de exaltação e desejo. Ebanizer Hobbs era da opinião de que Lin fizesse caminhadas ao ar livre, de modo a fortalecer os pulmões e abrir o apetite, mas ela mal conseguia dar dez passos sem desfalecer. Tao não podia ficar o tempo todo junto de Lin, como sugeria Hobbs, pois tinha de ganhar o sustento de ambos. Cada instante longe dela parecia-lhe um pedaço de vida gasto na infelicidade, um pouco de tempo roubado ao amor. Pôs a serviço da amada toda a sua farmacopeia e todos os conhecimentos adquiridos em muitos anos de prática da medicina, mas, um ano depois do parto, Lin estava convertida em mera sombra da moça alegre que um dia tinha sido. Tao Chi'en esforçava-se para fazê-la rir, mas agora o riso soava tão falso nela quanto nele.

Chegou o dia em que Lin não pôde mais sair da cama. Sentia-se asfixiada, perdia as forças juntamente com o sangue que tossia e o trabalho de respirar. Negava-se a ingerir qualquer alimento, exceto algumas colheradas de sopa rala, pois o esforço para comer a esgotava. Dormia sobressaltada nos raros momentos em que a tosse se acalmava. Pelos cálculos de Tao Chi'en, fazia seis semanas que sua respiração era acompanhada daquele tipo de ronco, que parecia vir de uma pessoa embaixo da água. Quando levantava-lhe os braços, comprovava a sua perda de peso e então sentia na alma uma retração de terror. De tanto vê-la sofrer, recebeu sua morte com alívio, mas, naquele dia fatídico, em que amanheceu abraçado ao corpo frio de Lin, achou que também morreria. Um grito longo e terrível, nascido do próprio seio da terra, como o clamor de um vulcão, sacudiu a casa e despertou o bairro. Os vizinhos acorreram, abriram a porta a pontapés e o encontraram despido, no centro do aposento, gritando com a mulher nos braços. Tiveram de usar a força para separá-lo do cadáver e dominá-lo, até que chegou Ebanizer Hobbs e o obrigou a engolir uma dose de láudano suficiente para derrubar um leão.

Tao Chi'en mergulhou na viuvez com total desespero. Fez um altar com o retrato de Lin e alguns de seus objetos, e passava horas contemplando-o com desolação. Deixou de visitar seus pacientes e de compartilhar com Ebanizer Hobbs o estudo e as pesquisas que eram a base da amizade entre ambos. Repugnavam-lhe os conselhos do inglês, para quem o segundo cravo faz esquecer o primeiro, e o melhor meio de recompor-se daquela perda seria visitar de vez em quando os bordéis, nos quais poderia ter quantas mulheres de *lírios dourados* quisesse. Como Hobbs podia fazer-lhe tão absurda sugestão? Tao estava certo de que não havia ninguém para ocupar o lugar de Lin e que jamais voltaria a amar outra mulher. Naquele período, a única coisa que aceitava de Hobbs eram as suas generosas garrafas de uísque. Passou semanas mergulhado no álcool, em estado de letargia, até que o dinheiro acabou e, aos poucos, teve de vender ou empenhar seus bens e finalmente mudar-se para um hotel de baixa categoria. Então se lembrou de que era um *zhong yi* e voltou a trabalhar, embora o fizesse a duras penas, com a roupa suja, a trança desfeita e o rosto mal barbeado. Devido à boa reputação anterior, de início os pacientes suportaram, com a resignada atitude dos pobres, seu aspecto de espantinho e seus erros de bêbado, mas logo deixaram de consultá-lo. Ebanizer Hobbs também não voltou a chamá-lo para tratar de casos difíceis, pois havia perdido a confiança em sua capacidade de julgamento. Até então, os dois vinham se complementando com êxito: pela primeira vez, graças às poderosas drogas e às agulhas de ouro capazes de mitigar a dor, reduzir as hemorragias e encurtar os períodos de cicatrização, o médico britânico se sentira encorajado a

praticar cirurgias, ao passo que o chinês aprendia a usar o bisturi e diversos outros métodos da ciência europeia. Mas, com as mãos trêmulas e os olhos nublados pela embriaguez e as lágrimas, Tao Chi'en passara a representar mais um perigo do que uma ajuda.

Na primavera de 1847, o destino de Tao Chi'en experimentou mais uma virada repentina, como já havia acontecido duas vezes em sua vida. Com os pacientes habituais indo embora e aumentando seu desprestígio como médico, Tao foi obrigado a concentrar suas atividades nos bairros mais pobres da cidade, onde ninguém lhe pedia referências. Os casos eram os de rotina: contusões, navalhadas e perfurações produzidas por bala. Certa noite, foi chamado com urgência a uma taverna a fim de costurar um marinheiro que acabara de sair de uma briga monumental. Levaram-no para os fundos do estabelecimento, onde o homem jazia com a cabeça aberta como um melão. Seu adversário, um gigante norueguês, havia usado uma das mesas do bar como arma para defender-se de seus atacantes, um bando de chineses dispostos a dar-lhe uma surra inesquecível. Lançaram-se todos de uma vez para cima do estrangeiro, e o teriam convertido em picadinho se não tivessem vindo em sua ajuda vários outros marinheiros nórdicos que bebiam no mesmo local, de modo que aquilo que havia começado como uma discussão de jogadores embriagados se convertera em uma batalha racial. Quando Tao Chi'en chegou ao local, os que ainda podiam caminhar já haviam desaparecido. O norueguês voltara ileso para o seu navio, escoltado por dois policiais ingleses, e as únicas pessoas à vista eram o taberneiro, a vítima agonizante e o piloto da embarcação, que dera um jeito de afastar os policiais. Se fosse europeu, o ferido teria certamente acabado em um hospital britânico, mas, como se tratava de um asiático, as autoridades não se preocupavam muito com ele.

Tao Chi'en necessitou de um simples relance de olhos para concluir que nada podia fazer pelo pobre-diabo de crânio partido e miolos à vista. Foi isso o que explicou ao piloto, um inglês barbudo e grosseiro.

— Maldito chinês! Não pode drenar esse sangue e costurar a cabeça dele? — disse o piloto, mais exigindo que perguntando.

— Está com o crânio aberto; de que adianta costurar? Ele tem o direito de morrer em paz.

— Não pode morrer! Meu navio parte ao amanhecer e necessito desse homem a bordo. É o cozinheiro!

— Sinto muito — replicou Tao Chi'en, fazendo uma vênha respeitosa e procurando disfarçar a aversão que sentia por aquele insensato *fan güey*.

O piloto pediu uma garrafa de Genebra e convidou Tao Chi'en para beber em sua companhia. Já que não havia esperança nenhuma para o

cozinheiro, podiam pelo menos beber um copo em sua homenagem, disse o inglês, evitando, assim, que o merda do seu fantasma viesse lhe puxar os pés durante a noite. Sentaram-se a poucos passos do moribundo e se embriagaram sem pressa. De vez em quando, Tao Chi'en tomava o pulso do ferido, calculando que lhe restavam apenas alguns minutos de vida, mas o homem se mostrava mais resistente do que esperava. Distraído, o *zhong yi* não se dava conta de que o inglês enchia seguidamente o seu copo, enquanto ele próprio apenas bebericava. Logo o chinês estava embriagado e nem ao menos conseguia lembrar o motivo pelo qual fora parar naquela taverna. Uma hora mais tarde, quando o paciente sofreu duas convulsões, Tao Chi'en não o viu expirar, pois havia desabado no chão e estava inconsciente.

Despertou sob a luz de um meio-dia fulgurante, abriu os olhos com tremenda dificuldade e, mal readquiriu alguma consciência, percebeu que tudo ao redor não passava de céu e água. Levou algum tempo para compreender que estava reclinado em um grande rolo de cordas, na coberta de um navio. O choque das ondas com o casco da embarcação vibrava em sua cabeça como se fossem fortíssimas badaladas de um sino. Escutava vozes e gritos, mas não tinha certeza de nada, podia até ter ido parar no inferno. Pôs-se de gatinhas, avançou uns dois metros, sentiu-se invadido pela náusea e caiu de bruços. Minutos mais tarde, sentiu o choque provocado por um balde de água fria na cabeça, e ouviu uma voz que se dirigia a ele em cantônês. Levantou a cabeça e seus olhos se encontraram com um rosto imberbe e simpático, que o saudava com um grande sorriso, ao qual faltava metade dos dentes. Um segundo balde de água salgada acabou de acordá-lo. O jovem chinês, que, com tanto afã, o molhava, agachou-se ao seu lado, rindo alto, dando palmadas nas coxas, como se achasse uma graça irresistível em sua patética situação.

— Onde estou? — Tao Chi'en conseguiu balbuciar.

— Bem-vindo a bordo do *Liberty*! Ao que me parece, estamos indo para oeste.

— Mas eu não pretendo ir para lugar nenhum! Quero desembarcar imediatamente!

Novas gargalhadas acolheram suas intenções. Quando finalmente conseguiu controlar sua hilaridade, o rapaz lhe explicou que fora “contratado”, da mesma maneira que havia acontecido com ele próprio, seis meses atrás. Tao Chi'en sentiu que ia perder os sentidos. Conhecia aquele modo de contratação. Quando faltavam homens para completar uma tripulação, os comandantes recorriam descaradamente à prática de embriagar os incautos, ou fazê-los desmaiar com uma porrada na cabeça, a fim de embarcá-los sem seu consentimento. A vida no mar era dura e mal remunerada, os acidentes, a desnutrição e

as doenças faziam estragos, e em cada viagem morriam vários marinheiros, seus corpos indo parar no fundo do oceano, sem que ninguém se lembrasse deles. Além disso, os capitães costumavam ser déspotas, não tinham de dar satisfações a ninguém, e à mais leve falta usavam a chibata para castigar seus subordinados. Em Xangai fora necessário um acordo de cavalheiros entre os capitães para se conseguir a limitação dos sequestros de homens livres e para que as tripulações deixassem de ser mutuamente forçadas a trocar de embarcação. Antes desse acordo, cada vez que um marinheiro descia a fim de esvaziar alguns copos, corria o risco de amanhecer em outro navio. O piloto do *Liberty* decidira substituir o cozinheiro morto por Tao Chi'en — segundo seu modo de ver, todos os “Amarelos” eram iguais e tanto fazia que fosse este ou aquele —, e, depois de embriagá-lo, o havia levado para bordo. Antes que Tao voltasse a si, o piloto cuidou de estampar a marca de seu dedo polegar em um contrato, amarrando-o por dois anos ao seu serviço. A magnitude do ocorrido foi, pouco a pouco, se delineando no cérebro embotado de Tao Chi'en. Não lhe ocorreu a ideia de rebelar-se, o que equivalia a um suicídio, mas tomou a decisão de desertar assim que o navio atracasse em qualquer porto do planeta.

O jovem o ajudou a levantar-se, a lavar-se e, em seguida, o conduziu ao porão do navio, onde se alinhavam os camarotes e as camas. Indicou o lugar que lhe fora destinado e uma caixa na qual deveria guardar seus pertences. Tao Chi'en pensava que havia perdido tudo, mas viu, no estrado de madeira que lhe serviria de cama, a maleta com seus instrumentos médicos. O piloto tivera a boa ideia de salvá-la. Já o desenho de Lin fora deixado em seu altar. Compreendeu, horrorizado, que por isso talvez o espírito de sua mulher não conseguisse localizá-lo na imensidão do oceano. Os primeiros dias de mar foram para ele um suplício de náuseas; sentindo-se tão mal, de vez em quando chegava a pensar em atirar-se pela borda e, desse modo, acabar para sempre com seus sofrimentos. Assim que pôde manter-se de pé, foi destacado para a cozinha rudimentar do navio, onde os utensílios pendiam de ganchos e a cada vaivém batiam uns nos outros, produzindo um barulho ensurdecedor. As provisões frescas obtidas em Hong Kong esgotaram-se rapidamente, e, depois de algum tempo, havia apenas carne e peixes salgados, feijão, açúcar, manteiga, farinha infestada de vermes e biscoitos tão duros que às vezes precisavam ser partidos a golpes de martelo. Todos os alimentos eram regados com molho de soja. Cada marinheiro tinha direito a um quartilho de aguardente por dia, a fim de esquecer os sofrimentos e desinfetar a boca, pois as gengivas inflamadas eram um dos problemas da vida no mar. Para a mesa do capitão, Tao Chi'en dispunha de ovos e marmelada inglesa, produtos que, como lhe foi dito, devia proteger

com a própria vida. As razões eram calculadas para durar o tempo da travessia, a menos que surgissem dificuldades naturais, como as tormentas, que os desviariam da rota, ou a falta de vento, que os paralisaria; e podiam ser complementadas com peixe fresco, pescado pelas redes que o navio lançava. De Tao Chi'en, não se esperava talento culinário; seu papel consistiria em controlar os alimentos, a bebida e a água doce que cabia a cada homem, além de impedir que certos produtos se deteriorassem ou fossem devorados pelos ratos. E, como qualquer marinheiro, também devia fazer serviços de limpeza e de navegação.

Passada uma semana, já havia aprendido a desfrutar o ar livre, a apreciar o trabalho pesado e a companhia daqueles homens vindos dos quatro pontos cardeais, cada um com suas histórias, suas lembranças e suas habilidades. Nos momentos de descanso, eles tocavam algum instrumento e contavam histórias de fantasmas do mar e de mulheres exóticas em portos longínquos. Os tripulantes vinham de muitos lugares, falavam diversas línguas e tinham diferentes costumes, mas estavam unidos por alguma coisa parecida com a amizade. O isolamento e a certeza de que necessitavam uns dos outros transformavam em camaradas homens que, em terra firme, não trocariam nem mesmo um olhar. Tao Chi'en voltou a rir, o que não lhe acontecia desde o início da doença de Lin. Certa manhã, o piloto o chamou, a fim de apresentá-lo ao capitão John Sommers, a quem só tinha visto de longe na ponte de comando. Viu-se diante de um homem alto, de pele curtida pelos ventos de muitas latitudes, barba escura e olhos de aço. Dirigiu-se a ele através do piloto, que falava um pouco de cantonês, mas o rapaz respondeu em seu inglês de estudante, com o afetado acento aristocrático que havia recebido de Ebanizer Hobbs.

— Mister Oglesby me disse que você é uma espécie de curandeiro.

— Sou um *zhong yi*, um médico.

— Médico? Como assim?

— A medicina chinesa é vários séculos mais antiga do que a inglesa, capitão — respondeu Tao Chi'en, sorrindo e repetindo exatamente as palavras de seu amigo Ebanizer Hobbs.

O capitão Sommers levantou as sobrancelhas, em um gesto de cólera diante da insolência daquele homenzinho, mas a verdade o desarmou. Começou a rir com satisfação.

— Vamos lá, mister Oglesby, sirva três copos de conhaque. Vamos brindar com o doutor. Este é um luxo muito raro. É a primeira vez que levamos a bordo o nosso próprio médico!

Como não sabia para onde estava indo, Tao Chi'en desistiu de seu propósito de desertar na primeira cidade em que o *Liberty* aportasse.

Retomar sua desesperada existência de viúvo em Hong Kong era algo tão sem sentido quanto continuar aquela vida de navegante. Aqui ou ali, tudo dava no mesmo, mas na condição de marinheiro poderia pelo menos viajar e aprender os métodos de cura usados em outras partes do mundo. Atormentava-o apenas o temor de que, perambulando de onda em onda, Lin não pudesse encontrá-lo, por mais que gritasse seu nome a todos os ventos. No primeiro porto, desceu como os demais, com licença de permanecer seis horas em terra firme, mas, por ordem do capitão, em vez de passá-las nas tavernas, Tao Chi'en perdeu-se no mercado, à procura de especiarias e plantas medicinais. "Já que temos um médico, necessitamos de remédios", dissera o comandante. Deu-lhe uma bolsa com moedas contadas, advertindo-o de que, se pensasse em fugir ou desertar, ele mesmo iria procurá-lo e o traria amarrado pelo pescoço, pois ainda não havia nascido homem capaz de enganá-lo impunemente.

— Está claro, chinês?

— Está claro, inglês.

— Deve me tratar por senhor!

— Sim, senhor — replicou Tao Chi'en, baixando os olhos, pois estava aprendendo a não olhar diretamente para a cara dos brancos.

Sua primeira surpresa foi descobrir que a China não era o centro absoluto do universo. Havia outras culturas, certamente mais bárbaras, mas muito mais poderosas. Não imaginava que os britânicos controlassem boa parte do globo, assim como não suspeitava que outros *fan güey* fossem donos de extensas colônias em terras distantes, repartidas em quatro continentes, como o capitão Sommers se deu ao trabalho de explicar no dia em que o chinês lhe arrancou um molar infeccionado, quando passavam ao largo da costa africana. Tao Chi'en realizou a operação da maneira mais higiênica possível, e quase sem dor para o paciente, graças a uma combinação de dois tratamentos: a aplicação de suas agulhas de ouro nas têmporas do capitão e o uso de uma pasta de cravo e eucalipto na gengiva. Quando terminou a intervenção, e o paciente, aliviado, pôde terminar a sua garrafa de uísque, Tao Chi'en atreveu-se a perguntar-lhe para onde se dirigiam. Perturbava-o o fato de viajar às cegas, com a linha difusa do horizonte entre um mar e um céu infinitos como única referência.

— Vamos para a Europa, mas, no nosso caso, isso não muda coisa nenhuma. Somos homens do mar, estamos sempre na água. E você, quer voltar para casa?

— Não, senhor.

— Tem família em algum lugar?

— Não, senhor.

— Então pouco lhe importa se vamos para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, não é verdade?

— Sim, mas gosto de saber onde estou.

— Por quê?

— Porque posso cair na água; porque podemos afundar. Se isso acontecer, meu espírito precisa orientar-se para voltar à China; do contrário, ficará vagando sem rumo. A porta do céu está na China.

— As coisas que você tem na cabeça! — O capitão riu. — Quer me dizer que para chegar ao Paraíso a pessoa tem de morrer na China? Olhe o mapa, rapaz. Seu país é o maior, sem dúvida, mas há muito mundo além da China. Aqui está a Inglaterra, é apenas uma pequena ilha, mas, se você somar as nossas colônias, verá que somos donos de mais da metade do globo.

— Como conseguiram isso?

— Do mesmo jeito que conseguimos em Hong Kong: guerreando e trapaceando. Digamos que se trata de uma mistura de poderio naval, cobiça e disciplina. Não somos superiores, mas somos mais cruéis e mais decididos. Não estou particularmente orgulhoso de ser inglês e, quando você tiver viajado tanto quanto eu, também não sentirá mais orgulho de ser chinês.

No decorrer dos dois anos seguintes, Tao Chi'en pisou em terra firme apenas três vezes, uma delas na Inglaterra. Perdeu-se em meio à grosseira multidão do porto e andou pelas ruas de Londres, observando as novidades com olhos de um menino maravilhado. Para ele, os *fan güey* estavam repletos de surpresas; por um lado, não tinham o menor refinamento e se comportavam como selvagens, mas, por outro, eram donos de uma prodigiosa capacidade de inventar. Comprovou que, em seu país, os ingleses sofriam da mesma arrogância e má educação demonstradas em Hong Kong: tratavam-no sem nenhum respeito, nada sabiam de cortesia ou etiqueta. Quis tomar uma cerveja, mas o expulsaram da taverna aos empurrões. “Aqui não entram cães amarelos”, disseram-lhe. Logo se juntou a outros marinheiros asiáticos, e encontraram um lugar dirigido por um velho chinês, onde puderam comer, beber e fumar em paz. Ouvindo as histórias dos outros homens, pensou nas muitas coisas que ainda tinha de aprender e decidiu que a primeira seria o modo de usar os punhos e o punhal. De pouco lhe serviriam seus conhecimentos se não fosse capaz de defender-se; o sábio mestre em acupuntura também se esquecera de lhe ensinar esse princípio fundamental.

Em fevereiro de 1849, o *Liberty* atracou em Valparaíso. No dia seguinte, o capitão John Sommers chamou-o à sua cabine e passou-lhe uma carta.

— Me entregaram no porto. É para você, e vem da Inglaterra.

Tao Chi'en tomou o envelope, enrubescou e um enorme sorriso iluminou-lhe o rosto.

— Não me diga que é uma carta de amor! — brincou o capitão.

— Melhor do que isso — respondeu Tao, guardando a carta entre o peito e a camisa. A carta só podia vir de seu amigo Ebanizer Hobbs, e era a primeira que recebia naqueles dois anos de vida no mar.

— Fez um bom trabalho, Chi'en.

— Pensei que não gostasse de minha comida, senhor — respondeu Tao, com um sorriso.

— Como cozinheiro, você é um desastre, mas entende de medicina. Nesses dois anos não morreu um só homem no *Liberty* e ninguém sofre de escorbuto. Sabe o que isso significa?

— Um bocado de sorte.

— Seu contrato termina hoje. Acho que ainda teria como embriagá-lo e fazê-lo assinar uma renovação. Talvez eu fizesse isso com outro, mas devo a você alguns serviços e sou um homem que costuma pagar as dívidas. Quer continuar comigo? Você terá um aumento de salário.

— Vai para onde?

— Para a Califórnia. Mas não neste navio. Acabam de me oferecer um vapor, e essa é uma oportunidade que venho esperando há anos. Gostaria que fosse comigo.

Tao Chi'en ouvira algumas histórias sobre navios a vapor e tinha horror a eles. A ideia de enormes caldeiras cheias de água fervendo a fim de produzir vapor e movimentar um maquinário infernal só podia ter saído da cabeça de gente muito apressada. Não era melhor viajar conforme o ritmo dos ventos e correntes? Para que desafiar a natureza? Corriam histórias de caldeiras que explodiam em alto-mar, cozinhando viva toda a tripulação. Os pedaços de carne humana, fervidos como se fossem lagostas, saíam voando em todas as direções, indo servir de alimento aos peixes, enquanto as almas daqueles infelizes, desintegradas pelo calor da explosão e pelos redemoinhos de vapor, jamais poderiam reunir-se às de seus antepassados. Tao Chi'en lembrava-se claramente do aspecto de sua irmãzinha mais nova, que havia caído dentro da panela de água fervente, e não podia esquecer seus horríveis gemidos de dor e convulsões de sua morte. Não estava disposto a correr semelhante risco. O ouro da Califórnia, que, segundo diziam, aflorava tanto das planícies como dos penhascos, também não o tentava muito. Nada devia ao capitão Sommers. O capitão era um pouco mais tolerante do que a maioria dos *fan güey*, tratava sua tripulação com certa equanimidade, mas não era seu amigo e jamais o seria.

— Não, senhor, obrigado.

— Não quer mesmo conhecer a Califórnia? Poderá ficar rico em pouco tempo e voltar à China transformado em magnata.

— Sim, quero, mas em uma embarcação à vela.

— Por quê? Os vapores são mais modernos e mais velozes.

Tao Chi'en não tentou explicar seus motivos. Permaneceu em

silêncio, olhando para o piso com o gorro na mão, enquanto o capitão Sommers terminava de beber seu uísque.

— Não posso obrigá-lo — disse o capitão, encerrando a conversa. — Darei a você uma carta de recomendação ao meu amigo Vincent Katz, do bergantim *Emilia*, que também zarpará para a Califórnia nos próximos dias. É um holandês bem peculiar, muito religioso, muito rígido, mas bom homem e bom marinheiro. Sua viagem será mais lenta do que a minha, mas talvez nos vejamos em San Francisco. Se lá você estiver arrependido de sua decisão, sempre poderá voltar a trabalhar comigo.

Pela primeira vez, o capitão John Sommers e Tao Chi'en apertaram as mãos.

A viagem

Encolhida em seu refúgio na despensa do navio, Eliza começou a morrer. À obscuridade e à sensação de estar emparedada, juntava-se o cheiro, no qual se misturavam os odores de tudo que havia dentro dos volumes de carga, o do peixe salgado nos barris e o dos moluscos incrustados nas velhas madeiras da embarcação. Seu olfato apurado, tão útil quando se tratava de transitar pela casa de olhos fechados, havia se convertido em um instrumento de tortura. Não tinha outra companhia a não ser um estranho gato de três cores, também sepultado na despensa a fim de protegê-la dos ratos. Tao Chi'en lhe havia garantido que se habituaria ao fedor e ao isolamento, pois a quase tudo o corpo se habitua em tempos de necessidade, mas acrescentara que a viagem seria longa e que em nenhum momento poderia sair ao ar livre, e desse modo o melhor seria não pensar, porque, se pensasse, ficaria louca. Teria água e comida, o chinês prometera; dessas coisas, ele cuidaria, sempre que pudesse descer à despensa sem levantar suspeitas. O bergantim era pequeno, mas ia repleto de passageiros, de modo que poderia ter frequentes pretextos para escapular da cozinha.

— Obrigada. Quando chegarmos à Califórnia, eu lhe darei meu broche de turquesas...

— Guarde seu broche, você já me pagou. Necessitará dele. Por que está indo para a Califórnia?

— Para me casar. Meu noivo se chama Joaquín Andieta. A febre do ouro o atacou e ele foi embora. Disse que voltaria, mas eu não posso esperar.

Assim que o navio deixou a baía de Valparaíso e seguiu sua rota pelo mar alto, Eliza começou a delirar. Passou horas deitada sobre os próprios excrementos, como se fosse um bicho, sentindo-se tão mal que nem mesmo podia lembrar onde estava, nem a razão para estar ali, até que finalmente a porta da despensa foi aberta e Tao Chi'en apareceu iluminado por um toco de vela, trazendo-lhe um prato de comida. Mas, ao chinês, bastou vê-la para perceber que a jovem não

podia pôr nada na boca. Deixou-a com o gato, saiu para apanhar um balde de água e voltou a fim de limpá-la. Para começar, obrigou-a a beber uma forte infusão de gengibre e aplicou-lhe uma dúzia de suas agulhas de ouro, conseguindo, assim, que seu estômago se acalmasse. Eliza mal chegou a perceber que ele havia tirado toda a sua roupa, lavado delicadamente seu corpo com água do mar, enxaguando-o em seguida com uma tigela de água doce e, finalmente, massageando-o dos pés à cabeça com um bálsamo que também era recomendado para os casos de malária. Momentos depois ela dormia, envolta em sua manta de Castela, o gato deitado em seus pés, enquanto na coberta Tao Chi'en se inclinava sobre a borda, a fim de lavar-lhe a roupa no mar, procurando não chamar a atenção, embora naquele momento os marinheiros estivessem descansando. Os passageiros embarcados em Valparaíso sentiam-se tão enjoados quanto Eliza, mas eram encarados com indiferença pelos que vinham da Europa; estavam no terceiro mês de viagem e já haviam passado por aquela provação.

Nos dias que se seguiram, enquanto os novos passageiros do *Emilia* se acostumavam ao balanço das ondas e começavam a adotar as rotinas necessárias ao restante da travessia, no fundo da despensa Eliza se sentia cada vez mais doente. Tao Chi'en descia quantas vezes podia, a fim de lhe dar água e acalmar-lhe a náusea, estranhando que o mal-estar da moça aumentasse em vez de diminuir. Procurou aliviá-la com os recursos a que habitualmente recorria em tais casos e com outros que o desespero forçou-o a improvisar, mas Eliza quase nada conseguia reter no estômago e estava se desidratando. Ele juntava sal e açúcar na água, e, com infinita paciência, dava-lhe de beber pequenas colheradas da mistura, mas duas semanas se passaram sem que ela apresentasse melhora, e chegou um momento em que a jovem estava com a pele solta como um pergaminho e já não podia mais erguer-se para fazer os exercícios que Tao lhe impunha. “Se você não se movimentar, seu corpo ficará inchado, e suas ideias, confusas”, ele sempre advertia. O bergantim tocou por algumas horas nos portos de Coquimbo, Caldera, Antofagasta, Iquique e Arica, e em cada oportunidade ele tentou convencê-la a desembarcar e a procurar um meio de voltar para casa, pois estava cada vez mais fraca e ele se assustava com seu estado.

Haviam deixado para trás o porto de Callao quando a situação de Eliza deu uma guinada fatal. Tao Chi'en havia adquirido no mercado uma provisão de folhas de coca, cuja reputação medicinal conhecia bem, e três galinhas vivas, que pensava manter escondidas, para sacrificá-las uma a uma, pois a enferma necessitava de algo mais suculento do que as magras rações do navio. Cozinhou a primeira em um caldo saturado de gengibre fresco e desceu a fim de dar um pouco dessa sopa a Eliza, nem que fosse à força. Acendeu um lampião

alimentado a óleo de baleia, caminhou por entre as caixas e os pacotes da carga e se aproximou do refúgio da moça, que estava de olhos fechados, dando a impressão de que não percebia a sua presença. Embaixo de seu corpo, havia uma grande mancha de sangue. O *zhong yi* soltou uma exclamação e se inclinou sobre ela, suspeitando que a infeliz dera um jeito de suicidar-se. Não podia culpá-la; em condições semelhantes, pensou, ele teria feito o mesmo. Levantou a roupa da jovem, mas, em seu corpo, não havia nenhuma ferida visível, e, ao tocá-la, constatou que ela não havia morrido. Pôs-se a sacudi-la, até que ela finalmente abriu os olhos.

— Estou grávida — confessou a moça, com um fio de voz.

Tao Chi'en levou as mãos à cabeça, perdendo-se em uma litania de lamentos ditos no dialeto da aldeia onde nascera, ao qual fazia quinze anos não recorria; se soubesse, jamais teria concordado em ajudá-la; como aquela moça podia ter pensado em partir grávida para a Califórnia, estava louca, era só o que faltava, um aborto; se ela morresse, Tao Chi'en estaria perdido, em que grande confusão fora se meter, como era tolo, não fora capaz de adivinhar o motivo da pressa para escapar do Chile. Acrescentou juramentos e maldições em inglês, mas a moça estava de novo desmaiada e surda a qualquer espécie de reprimenda. Suspendeu-a nos braços, ninando-a como se fosse uma criança, enquanto sua raiva aos poucos se transformava em irreprimível compaixão. Por um instante, alimentou a ideia de procurar o capitão Katz e confessar-lhe tudo que havia feito, mas não podia prever a sua reação. Aquele holandês luterano, que tratava as mulheres a bordo como se fossem portadoras da peste, certamente ficaria furioso se soubesse que levava mais uma, escondida e, o pior de tudo, moribunda. E que castigo o comandante lhe reservaria? Não, não podia contar nada a ninguém. Sua única opção era esperar que Eliza partisse, caso fosse esse o seu carma, e em seguida lançar seu corpo às águas, juntamente com os sacos de lixo da cozinha. O melhor que podia fazer por ela, caso percebesse que sofria demais, seria ajudá-la a morrer com dignidade.

Dirigia-se para a saída quando sua pele o advertiu de uma presença estranha. Assustado, ergueu o lampião e viu dentro do círculo de luz, com perfeita clareza, sua adorada Lin, que o observava a uma pequena distância, com aquela expressão brincalhona, o que de mais encantador havia em seu rosto translúcido. Vestia uma roupa de seda verde, bordada com fios dourados, a mesma que usava nas grandes ocasiões, prendera sobre as orelhas duas peônias recém-colhidas e enrolilhara o cabelo em um coque, fixado com longos palitos de marfim. Fora com aquela aparência que a tinha visto pela última vez, vestida para a cerimônia fúnebre pelas mulheres da vizinhança. De tão real, aquela aparição da esposa provocou-lhe pânico: por melhores

que tenham sido em vida, os espíritos podem ser cruéis com os mortais. Tratou de alcançar a porta para fugir, mas Lin bloqueou seu passo. Tao Chi'en caiu de joelhos, tremendo, mas sem largar o lampião, seu único contato com a realidade. Tentou rezar uma oração destinada a exorcizar os demônios, caso houvessem assumido a forma de Lin com o objetivo de confundi-lo, mas não conseguiu lembrar-se das palavras, e tudo que saiu de seus lábios foi um longo gemido de amor e de saudade. Então, à sua maneira inesquecivelmente suave, Lin se curvou sobre ele, chegando tão perto que poderia beijá-la, se a tanto se atrevesse, e sussurrou que não tinha vindo das lonjuras para lhe fazer medo, mas para lembrar-lhe os deveres de um médico respeitável. Como aquela garota, ela também estivera a ponto de esvair-se depois de ter dado sua filha à luz, e naquela ocasião ele fora capaz de salvá-la. Por que não fazia o mesmo por aquela jovem? O que estava acontecendo com seu amado Tao? Teria perdido seu bom coração? Teria se transformado em uma barata? Morrer prematuramente, Lin assegurou, não era o carma de Eliza. Quando uma jovem, a fim de encontrar seu homem, dispõe-se a cruzar o mundo emparedada em um lugar de puro pesadelo, é porque tem muito *qi*.

— Deve ajudá-la, Tao. Se ela morrer sem ter visto o amado, você nunca terá paz, e o fantasma dela irá persegui-lo para sempre — advertiu-o Lin antes de desfazer-se.

— Espera! — suplicou ele, tentando segurá-la com a mão, seus dedos se fechando no vazio.

Tao Chi'en ficou prostrado por um prolongado momento, tentando recuperar a consciência, até que seu coração enlouquecido cessou de galopar, enquanto o tênue perfume de Lin se dissipava na despensa. Não vá, não vá, repetiu mil vezes, dominado pelo amor. Por fim, conseguiu erguer-se, abrir a porta e sair para o ar livre.

Era uma noite tépida. Sob os raios da lua, o Pacífico refulgia como se fosse de prata, e uma leve brisa inflava as velas do *Emilia*. Muitos passageiros já haviam se recolhido ou jogavam cartas nos camarotes, enquanto alguns penduravam suas redes a fim de passar a noite em meio àquela desordem de máquinas, arreios de cavalos e caixotes cheios de cobertores, e outros permaneciam na popa observando os golfinhos, que brincavam na espuma deixada pelo navio. Em sinal de gratidão, Tao Chi'en ergueu os olhos para a imensa abóbada celeste. Desde que morrera, aquela era a primeira vez que Lin o visitava, apresentando-se sem a menor timidez. Antes de entrar para aquela vida de marinheiro, várias vezes havia sentido sua proximidade, o que acontecia principalmente quando mergulhava em meditação profunda, mas sabia que, nessas ocasiões, era fácil confundir a tênue presença de Lin com as fantasias de viúvo. Lin costumava passar ao lado de Tao,

roçando-o com seus dedos finos, mas ele não saberia dizer se aquilo era realmente ela ou apenas uma criação de sua alma atormentada. Mas não tinha dúvida sobre o que lhe acontecera minutos antes na despensa: o rosto de Lin se apresentara tão radiante e tão nítido quanto a lua que brilhava sobre o mar. Sentia-se acompanhado e contente, como nas remotas noites em que ela dormia encolhida em seus braços, depois de terem feito amor.

Tao Chi'en dirigiu-se ao dormitório da tripulação, onde dispunha de um estreito beliche de madeira, longe da porta, único lugar pelo qual o cômodo recebia ventilação. Era impossível dormir ali, respirando o ar rarefeito e a pestilência dos homens, mas não tivera de fazê-lo, pois desde a partida de Valparaíso o verão permitia-lhe deitar-se sobre as tábuas da coberta. Procurou seu baú, fixado no piso para não desmantelar-se com o vaivém das ondas, pegou a chave que trazia pendurada no pescoço, abriu o cadeado e tirou de dentro sua maleta de médico, além de um vidro de láudano. Em seguida, apanhou às escondidas uma dupla porção de água doce e, na cozinha, recolheu alguns trapos, que teria de usar à falta de algo mais apropriado.

Regressava à despensa quando alguém o agarrou pelo braço. Voltou-se com surpresa e viu uma das chilenas que, desafiando a ordem do capitão para que se recolhessem após o pôr do sol, havia escapado a fim de seduzir clientes. Reconheceu-a imediatamente. Entre todas as mulheres a bordo, Azucena Placeres era a mais simpática e a mais atrevida. Nos primeiros dias fora a única que se dispusera a ajudar os passageiros enjoados e também cuidara com esmero de um jovem marinheiro que caíra do mastro e quebrara a perna. Ganhara, assim, o respeito de todos, inclusive o do severo capitão Katz, que, a partir de então, fazia vista grossa à sua indisciplina. Azucena não cobrava por seus serviços de enfermeira, mas quem ousasse pôr a mão em suas carnes rijas teria de pagar-lhe em dinheiro sonante e cantante, pois, como costumava dizer, não admitia que confundissem bom coração com idiotice. Este é meu único capital e, se eu não cuidar dele, estou fodida, explicava, dando alegres palmadas nas nádegas. Azucena dirigiu-se a ele com quatro palavras compreensíveis em qualquer idioma: chocolate, café, tabaco e aguardente. Como sempre fazia ao cruzar com ele, explicou com gestos atrevidos seu desejo de trocar qualquer um daqueles artigos de luxo por seus favores, mas o *zhong yi* livrou-se dela com um empurrão e foi em frente.

* * *

Tao Chi'en passou boa parte da noite ao pé de Eliza, dominada pela febre. Trabalhou naquele corpo exausto, usando os limitados recursos de sua maleta, sua longa experiência e uma ternura ainda vacilante,

até vê-la expulsar de dentro de si um molusco sanguinolento. Tao Chi'en examinou-o à luz do lampião de azeite e pôde concluir, sem nenhuma dúvida, que se tratava de um feto de várias semanas, e que saíra inteiro do ventre de Eliza. Para poder limpar adequadamente as entranhas da mocinha, Tao espetou agulhas em seus braços e pernas, provocando-lhe fortes contrações. Quando teve certeza dos resultados, respirou com alívio: só restava pedir a Lin que interviesse a fim de evitar uma infecção. Até aquela noite, Eliza representava para ele um acerto de natureza comercial, e no fundo de seu baú estava o colar de pérolas que o comprovava. Era apenas uma jovem desconhecida, pela qual não acreditava sentir qualquer interesse pessoal, uma *fan güey* de pés grandes e temperamento aguerrido, que devia ter-se esforçado muito para conquistar um noivo, pois estava claro que não tinha a menor disposição de agradar e servir a um homem. Agora, maculada por um aborto, jamais poderia casar-se. Nem mesmo o amante, que, aliás, já a havia abandonado uma vez, voltaria a desejá-la como esposa, considerando-se improvável a hipótese de ser algum dia encontrado. Tao admitia que, para uma estrangeira, Eliza não era de todo feia, tinha pelo menos um leve ar oriental em seus olhos rasgados, bem como no cabelo comprido, negro e lustroso como a orgulhosa cauda de um cavalo imperial. Se sua cabeleira fosse loura ou ruiva, como tantas que tinha visto desde a sua saída da China, talvez não houvesse se aproximado dela; mas nem a sua boa aparência nem a sua firmeza de caráter iriam ajudá-la, sua sorte estava lançada, não havia esperança para ela: terminaria como prostituta na Califórnia. Visitara muitas mulheres assim em Cantão e Hong Kong. Devia grande parte de seus conhecimentos médicos aos anos de prática com os corpos daquelas infelizes maltratadas pelas surras, as enfermidades e as drogas. Várias vezes, no decorrer daquela comprida noite, pensou se não seria mais nobre deixá-la morrer, apesar das instruções de Lin, salvando-a, assim, de um destino horrível, mas Eliza pagara a ele adiantado, dizia para si mesmo, e sendo assim tinha de cumprir a sua parte no trato. Mas não, não era essa a única razão, concluiu, pois desde o início havia questionado suas próprias razões para embarcar aquela moça clandestinamente no navio. O risco era imenso, e ele não tinha certeza de haver cometido tamanha imprudência apenas pelo valor das pérolas. Alguma coisa presente na corajosa determinação de Eliza o havia comovido, e algo da fragilidade de seu corpo e do bravo amor que alimentava pelo amante levava Tao Chi'en a lembrar-se de Lin...

Ao amanhecer, Eliza deixou finalmente de sangrar. Ardia em febre e tiritava, apesar do calor insuportável da despensa, mas o pulso estava melhor e respirava mais tranquilamente em seu sono. Contudo, não estava fora de perigo. Tao Chi'en gostaria de ficar ali para

observá-la, mas calculou que faltava pouco para o dia raiar e logo a sineta o estaria chamando para seu turno de trabalho. Arrastou-se extenuado até a coberta, deixando-se cair de bruços sobre as tábuas do piso e dormiu como uma criança, até que o amistoso pontapé de outro marinheiro o despertou, fazendo-o lembrar-se de suas obrigações. Submergiu a cabeça em um balde de água salgada a fim de reanimar-se e, ainda sonolento, foi para a cozinha ferver a papa de aveia que era servida como desjejum aos que viajavam no navio. Todos comiam aquilo sem fazer comentários, inclusive o sóbrio capitão Katz, mas os chilenos protestavam em coro, apesar de estarem mais bem petrechados, por terem sido os últimos a embarcar. Os outros haviam consumido suas provisões de tabaco, álcool e alimentos durante os meses de navegação que haviam suportado antes de tocar em Valparaíso. Corria à boca pequena que vários chilenos a bordo eram aristocratas, e por isso não sabiam lavar as próprias cuecas nem ferver a água para o chá. Aqueles que viajavam na primeira classe levavam seus criados, que pretendiam transformar em mineiros, pois não lhes passava pela cabeça a ideia de sujar as próprias mãos. Outros preferiam pagar aos marinheiros para servi-los, pois as mulheres tinham se negado em bloco a atendê-los; podiam ganhar dez vezes mais recebendo-os durante dez minutos na privacidade de suas cabines, não havendo, pois, motivo para passarem duas horas lavando-lhes as roupas. A tripulação e os demais passageiros zombavam daqueles mocinhos mimados, mas nunca diante deles. Os chilenos tinham bons modos, pareciam tímidos e faziam questão de mostrar-se educados e cavalheirescos, mas bastava a mínima fagulha para incendiar-lhes a soberba. Tao Chi'en fazia o possível para se manter longe deles. Aqueles homens não dissimulavam seu desprezo por ele e pelos dois viajantes negros embarcados no Brasil, os quais, embora houvessem comprado passagens com direito a todos os serviços, eram os únicos que não dispunham de camarote e não estavam autorizados a compartilhar a mesa com os demais. Preferia as cinco humildes chilenas, com seu sólido senso prático, seu perene bom humor e a vocação maternal que lhes aflorava nos momentos de emergência.

Cumpriu sua jornada de trabalho como um sonâmbulo, a mente voltada para Eliza, mas até o cair da noite não teve um momento livre para vê-la. Pelo meio da manhã, os marinheiros pescaram um enorme tubarão que agonizou na coberta, dando terríveis rabadas, sem que ninguém tivesse coragem de aproximar-se para liquidá-lo a pauladas. Na qualidade de cozinheiro, coube a Tao Chi'en acompanhar o trabalho de tirar-lhe a pele, cortá-lo em pedaços, cozinhar parte da carne e salgar o restante, enquanto os marinheiros lavavam com vassouras o sangue espalhado na coberta, e os passageiros celebravam o evento com suas últimas garrafas de champanha, antecipando o

festim do jantar. Guardou o coração do peixe para a sopa de Eliza e pôs as barbatanas para secar, pois valiam um bom dinheiro no mercado de afrodisíacos. Enquanto as horas se passavam e ele se mantinha ocupado com o tubarão, Tao Chi'en imaginava Eliza morta nas profundidades da despensa. Sentiu uma tumultuosa felicidade quando finalmente pôde descer e comprovar não apenas que ela ainda vivia, mas que também estava até um pouco melhor. A hemorragia tinha cessado, o jarro de água estava vazio e tudo indicava que a jovem tivera momentos de lucidez durante aquele dia tão longo. Agradeceu rapidamente a Lin por sua ajuda. A jovem abriu os olhos com dificuldade, tinha os lábios secos e o rosto avermelhado pela febre. Ajudou-a a levantar-se e deu-lhe uma forte infusão de *tang kuei*, destinada a ajudá-la na reposição do sangue perdido. Quando teve certeza de que o estômago da enferma já aceitava algum alimento, deu-lhe uns goles de leite fresco, que ela bebeu com avidez. Reanimada, anunciou que tinha fome e pediu mais leite. As vacas que levavam a bordo não estavam habituadas a navegar, produziam pouco leite, tinham se reduzido a pele e ossos e já se falava em matá-las. Para Tao Chi'en, beber leite era um hábito asqueroso, mas o amigo Ebanizer Hobbs havia chamado a atenção para suas propriedades na reposição do sangue. Se Hobbs usava leite na dieta dos que recebiam ferimentos graves, concluiu que o efeito deveria ser o mesmo no caso de Eliza.

— Vou morrer, Tao?

— Desta vez, não — respondeu ele com um sorriso, e em seguida acariciou-lhe a cabeça.

— Quanto tempo falta para chegar à Califórnia?

— Muito. Mas não pense nisso agora. Agora trate de urinar.

— Não, por favor! — defendeu-se ela.

— Por que não? Tem de urinar!

— Mas na sua frente?

— Sou um *zhong yi*. Você não pode ter essas vergonhas comigo. Já vi tudo que tinha para ver no seu corpo.

— Não posso me mexer, não poderei aguentar a viagem, Tao, prefiro morrer... — soluçou ela, apoiando-se nele para sentar-se no urinol.

— Ânimo, menina! Lin diz que você tem muito *qi* e não andou tanto para morrer no meio do caminho.

— Quem?

— Não importa.

Naquela noite, Tao Chi'en compreendeu que não podia cuidar sozinho de Eliza, que necessitava de ajuda. No dia seguinte, mal as mulheres saíram de sua cabine e se instalaram na popa, como sempre faziam, a fim de lavar as roupas, desembaraçar os cabelos e cuidar das

plumas e contas dos vestidos que usavam por necessidade profissional, Tao fez um sinal de que queria falar com Azucena Placeres. No decorrer da viagem, nenhuma daquelas mulheres tinha usado suas vistosas roupas de meretriz — vestiam-se com saias escuras e blusas desprovidas de enfeites, calçavam sapatos sem saltos, cobriam-se com mantos ao entardecer, prendiam os cabelos em tranças duplas que desciam pelas costas e não usavam pintura no rosto. Pareciam um grupo de simples camponesas ocupadas com seus trabalhos domésticos. A chilena deu uma piscada de alegre cumplicidade para as companheiras e seguiu o chinês até a cozinha. Tao Chi'en deu-lhe um avantajado pedaço de chocolate, subtraído da reserva destinada ao capitão, e se pôs a explicar o seu problema, mas, como ela nada entendia de inglês, ele começou a perder a paciência. Azucena Placeres cheirou o chocolate e um sorriso infantil iluminou sua cara redonda de índia. Tomou a mão do cozinheiro e levou-a até um dos seus peitos, ao mesmo tempo que apontava para a cabine das mulheres, que naquela hora estava completamente vazia. Ele, porém, retirou a mão de onde a mulher a pusera e levou-a até o alçapão de acesso à despensa. Dividida entre a curiosidade e a estranheza, Azucena ensaiou uma fraca defesa, mas o chinês não lhe deu a oportunidade de recuar, abriu o alçapão e mandou-a descer a escada, sempre sorrindo, a fim de tranquilizá-la. Durante alguns instantes, permaneceram no escuro, até que ele encontrou o lampião de azeite pendurado em uma viga, e conseguiu acendê-lo. Azucena ria: afinal, aquele chinês extravagante compreendera direitinho os termos do pacto. Nunca havia se deitado com um asiático e gostaria muito de saber se a sua ferramenta era como a dos outros homens, mas o cozinheiro não parecia interessado em aproveitar-se da situação, e continuava a conduzi-la pela mão, abrindo caminho por aquele verdadeiro labirinto de fardos e caixotes. Temendo que o homem estivesse fora dos eixos, começou a fazer tentativas de soltar-se, mas, em vez de libertá-la, o chinês obrigou-a a prosseguir até que a chama do lampião iluminou o esconderijo onde jazia Eliza.

— Jesus, Maria, José! — exclamou Azucena aterrorizada, e em seguida se persignou.

— Peça a ela que nos ajude — Tao Chi'en disse a Eliza em inglês, sacudindo-a a fim de reanimá-la.

Durante um bom quarto de hora, Eliza esteve traduzindo, com a voz fraca, as breves instruções de Tao Chi'en, que nesse meio-tempo havia tirado o broche de turquesas da bolsinha de joias e o brandia diante dos olhos da trêmula Azucena. Ficava acertado, ele explicou, que ela deveria descer duas vezes por dia a fim de lavar e alimentar Eliza, mas sem que ninguém soubesse o que se passava. Se cumprisse o acordo, o broche seria seu quando chegassem a San Francisco, mas,

se dissesse uma só palavra a alguém, ele cortaria seu pescoço. E, dizendo isso, tirou o punhal da cinta e passou-lhe diante do nariz, enquanto com a outra mão exibia o broche, a fim de que a mensagem ficasse bem clara.

— Está entendendo?

— Diga a esse maldito chinês que estou entendendo e que guarde essa faca, porque, num descuido qualquer, ele pode acabar me matando.

Em um período que parecia interminável, Eliza debateu-se em meio aos delírios da febre, sendo atendida à noite por Tao Chi'en e de dia por Azucena. A mulher aproveitava a primeira hora da manhã e a primeira depois do almoço, quando a maioria dos passageiros dormia, para se dirigir discretamente à cozinha, onde Tao entregava-lhe a chave. Inicialmente descia à despensa morta de medo, mas logo sua natural boa índole — para não mencionar o broche — começou a falar mais alto do que o pavor. Primeiro ela esfregava Eliza com um pedaço de pano ensaboado, até limpá-la dos suores noturnos, e em seguida a obrigava a comer papa de aveia com leite e tomar caldo de galinha reforçado com o *tang kuei* preparado por Tao Chi'en, administrava-lhe as ervas conforme ele havia determinado e, por iniciativa própria, dava-lhe diariamente uma xícara de infusão de *borraja*. Confiava cegamente nesse remédio, destinado a limpar o ventre daquela que tivesse engravidado; *borraja* e uma imagem de Nossa Senhora do Carmo tinham sido as primeiras coisas que ela e suas companheiras de aventura haviam posto nas malas de viagem, pois, sem aquelas defesas, os caminhos da Califórnia poderiam ser muito difíceis de percorrer. A enferma andou perdida nos espaços da morte até o dia em que atracaram no porto de Guayaquil, que não passava de um casario meio engolido pela exuberante vegetação equatorial, onde poucos navios aportavam, a não ser quando alguém pretendia comprar frutas ou café, mas esse não era o caso do capitão Katz, que apenas havia prometido entregar algumas cartas a uma família de missionários holandeses. Fazia mais de seis meses que essa correspondência estava em seu poder, e ele não era homem de fugir aos compromissos. Na noite anterior, sentindo-se tão acalorada quanto se estivesse no meio de uma fogueira, Eliza suou até a última gota da água retida em seu corpo, dormiu sonhando que subia descalça a refulgente ladeira de um vulcão em erupção e despertou ensopada, mas lúcida e com a cabeça leve. Todos os passageiros, inclusive as mulheres, e boa parte da tripulação desceram por algumas horas, a fim de estirar as pernas, tomar banho no rio e empanturrar-se de frutas, mas Tao Chi'en permaneceu no navio a fim de ensinar Eliza a acender e fumar o cachimbo que levava em seu baú. Tinha dúvida

sobre os recursos de que dispunha para tratar a jovem, e, naquela ocasião, daria tudo por um conselho de seu sábio mestre. Compreendia a necessidade de mantê-la tranquila, o que a ajudaria a passar o tempo na prisão da despensa, mas, considerando que ela havia perdido muito sangue, tinha medo de que a droga aguassee o pouco que lhe restara. Tomou a decisão ainda vacilante, depois de suplicar a Lin que vigiasse de perto o sono de Eliza.

— Ópio. Isso te fará dormir e, assim, o tempo passará mais rápido.

— Ópio! Isso enlouquece!

— Você já está louca — disse Tao com um sorriso. — Não tem muito a perder.

— E você quer me matar, não é?

— Claro que sim. Não consegui quando você estava se esvaindo, mas agora vou conseguir com o ópio.

— Ai, Tao, sinto medo...

— Em grande quantidade, o ópio é ruim. Mas, em pequena quantidade, ele nos dá alívio, e eu vou te dar só um pouquinho.

A jovem não podia saber o que era muito ou pouco. Tao Chi'en administrava-lhe suas poções — *osso de dragão e concha de ostra* —, juntamente com pequenas doses de ópio, cuja finalidade era proporcionar-lhe umas poucas horas de meia vigília, não permitindo, assim, que ela se perdesse em um paraíso sem retorno. Eliza passou a semana seguinte voando por outras galáxias, longe da cova insalubre em que seu corpo jazia prostrado, despertando apenas quando desciam para alimentá-la, lavá-la e obrigá-la a dar alguns passos no estreito labirinto da despensa. Não sentia o tormento das pulgas e dos piolhos, nem o cheiro nauseabundo que inicialmente não podia suportar, pois as drogas enfraqueciam seu poderoso olfato. Entrava e saía dos sonhos sem que nada a controlasse, mas igualmente sem lembrar-se deles. Tao Chi'en, no entanto, estava com a razão: o tempo passou rapidamente para ela. Azucena Placeres não entendia por que Eliza viajava naquelas condições. Nenhuma delas havia pago passagem, tinham embarcado mediante um acordo com o capitão, que deixara para receber o dinheiro depois que chegassem a San Francisco.

— Se as coisas que contam tiverem fundamento, em um só dia você poderá embolsar quinhentos dólares. Os mineiros pagam em ouro puro. Passam meses sem ver mulheres, andam desesperados. Fale com o capitão e pague quando chegar lá — insistia Azucena, nos momentos em que Eliza estava lúcida.

— Não sou como vocês — replicava Eliza, flutuando na doce bruma das drogas.

Finalmente, em um momento de completa lucidez, Azucena Placeres conseguiu que Eliza lhe confessasse uma parte de sua

história. A ideia de estar ajudando alguém que fugia por amor apoderou-se da imaginação da mulher, que, a partir de então, passou a tratar a enferma com os maiores cuidados. Já não se limitava mais a lavá-la e alimentá-la, conforme os termos do acordo, mas também ficava ao seu lado, pelo prazer de vê-la dormir. Quando a moça permanecia acordada, Azucena contava-lhe sua própria vida e lhe ensinava como rezar o rosário, o que, no seu entender, era a melhor forma de passar as horas sem pensar, e, ao mesmo tempo, de ganhar o céu sem muito esforço. Para as pessoas que exerciam aquela profissão, Azucena explicou, rezar era a melhor das saídas. A chilena separava rigorosamente uma parte de seus ganhos a fim de comprar indulgências à Igreja, e desse modo reduzia o número de dias que teria de passar no purgatório, embora, segundo seus cálculos, jamais chegassem a ser suficientes para o perdão de todos os seus pecados. Transcorreram semanas sem que Eliza soubesse quando era dia ou noite. Tinha a vaga sensação de contar, às vezes, com uma presença feminina ao seu lado, mas logo adormecia e despertava confusa, sem saber se havia sonhado com Azucena Placeres ou se, na verdade, existia uma mulher de pequena estatura, cabelos negros, nariz chato e pômulos avultados, que lhe parecia uma versão mais jovem de Mama Frésia.

A temperatura baixou um pouco assim que deixaram para trás o Panamá, onde o capitão, temeroso de que alguém fosse contagiado pela febre amarela, não permitiu que passageiros e tripulantes desembarcassem, limitando-se a despachar um bote com dois marinheiros encarregados de trazê-lo carregado de água doce, pois a pouca que lhes restava tinha virado lama. Passaram pelo México, e, quando o *Emilia* entrou nas águas do norte da Califórnia, encontraram o inverno pela frente. O calor sufocante da primeira parte da viagem deu lugar ao frio e à umidade; das malas, surgiram gorros de pele, botas, luvas e abrigos de lã. De vez em quando, o bergantim cruzava com outras embarcações, trocavam saudações a distância, mas sem diminuir a marcha. Em cada serviço religioso, o capitão agradecia ao céu os ventos favoráveis, pois conhecia a história de navios que se haviam desviado até a costa do Havaí, ou mesmo um pouco mais, em busca de impulso para as velas. Aos golfinhos brincalhões, vieram juntar-se grandes e solenes baleias, que durante dias e dias acompanhavam o navio. Ao entardecer, quando os últimos reflexos do sol tingiam a água de vermelho, os imensos cetáceos amavam-se em um fragor de espuma dourada, chamando uns aos outros com profundos bramidos submarinos. E às vezes, no silêncio da noite, aproximavam-se tanto do navio que se podia ouvir nitidamente o rumor pesado e misterioso de suas presenças. As provisões frescas

havia desaparecido, e até mesmo as rações secas começavam a escassear; pescar e jogar cartas eram as únicas diversões possíveis. Os viajantes passavam horas discutindo os pormenores das sociedades formadas para aquela aventura, algumas frouxamente reguladas, outras instituindo regras estritamente militares, nas quais até o fardamento era previsto. Todas propunham basicamente uma união destinada a financiar a viagem e os equipamentos, explorar as minas, transportar o ouro e, em seguida, repartir os lucros com equidade. Nada se sabia acerca do terreno e das distâncias. Uma das sociedades estipulava que todas as noites seus membros deveriam voltar ao navio, no qual pensavam viver durante meses, e nas ausências deixar o ouro guardado em um cofre. O capitão Katz explicou que o *Emilia* não lhes podia servir de hotel, pois pensava em voltar para a Europa o mais cedo possível, e as minas ficavam a centenas de quilômetros do porto — mas todos eles se portaram como se não tivessem escutado aquelas palavras. Fazia cinquenta e dois dias que estavam no mar, a monotonia das águas infinitas começava a mexer com seus nervos, e as brigas estalavam ao menor pretexto. Quando um passageiro chileno quase descarregou sua arma em um marinheiro ianque a quem Azucena Placeres provocava em excesso, o capitão Vincent Katz confiscou as armas existentes, sem esquecer as navalhas de barbear, prometendo devolvê-las quando San Francisco fosse avistada. A única pessoa autorizada a usar facas era o cozinheiro, a quem cabia a ingrata obrigação de matar, um a um, os animais domésticos. Quando a última vaca foi parar nos pratos, Tao Chi'en improvisou uma elaborada cerimônia para obter o perdão dos animais sacrificados e, em seguida, desinfetou o seu punhal, passando-o várias vezes ao dia pela chama de uma vela.

Assim que o navio entrou nas águas da Califórnia, Tao Chi'en foi suspendendo paulatinamente as ervas tranquilizantes e o ópio que ministrava a Eliza, tratou de alimentá-la melhor e obrigou-a a exercitar-se para que pudesse sair da prisão com os próprios pés. Azucena Placeres ensaboava-a com paciência e chegou a improvisar um modo de lavar-lhe o cabelo com pequenas xícaras de água, enquanto ia contando sua triste vida de meretriz e sua alegre fantasia de enriquecer na Califórnia e voltar para o Chile transformada em uma senhora, com um dente de ouro e seis baús repletos de vestidos dignos de uma rainha. Tao Chi'en não sabia como iria desembarcar Eliza, mas, se fora capaz de introduzi-la em um saco, certamente poderia usar o mesmo recurso para tirá-la dali. E, uma vez em terra, a moça deixaria de ser responsabilidade sua. A ideia de desligar-se definitivamente dela causava-lhe um misto de tremendo alívio e inexplicável ansiedade.

Faltando poucas léguas para chegar ao seu destino, o *Emilia* se pôs

a bordejar a Costa Norte da Califórnia. Segundo Azucena Placeres, aquele litoral parecia tanto com o do Chile que certamente haviam andado em círculos, como as lagostas, e estavam de novo em Valparaíso. Milhares de focas e lobos-marinhos pulavam das rochas e caíam pesadamente na água, em meio à angustiante algazarra de gaivotas e pelicanos. Não se vislumbrava uma só alma nas escarpas do litoral, não se via nenhum sinal de povoações, sombra nenhuma dos índios, que, segundo se dizia, eram habitantes seculares daquela região misteriosa. Por fim, aproximaram-se dos faróis que anunciavam a proximidade da Porta de Ouro, a famosa Golden Gate, umbral da Baía de San Francisco. Espessa, a bruma envolveu o navio como um manto, nada se via a meio metro de distância e o capitão mandou parar e soltar a âncora, com medo de chocar-se contra algum obstáculo. Tinham chegado muito perto, e a impaciência dos passageiros estava se transformando em tumulto. Todos falavam ao mesmo tempo, preparando-se para pisar em terra firme e correr em busca dos prazeres e tesouros. A maioria das sociedades destinadas a explorar as minas tinha se desfeito nos últimos dias, o tédio da longa navegação havia criado inimigos entre aqueles que antes eram sócios e agora cada um pensava apenas em si mesmo, mergulhado em seus propósitos de imensurável riqueza. Não faltou quem fizesse declarações de amor às prostitutas, dispondo-se a pedir ao capitão que os casasse antes do desembarque, pois ouviam dizer que, naquelas terras bárbaras, as mulheres eram o produto mais escasso de todos. Uma das peruanas aceitou a proposta de um francês que, de tanto tempo no mar, já havia esquecido o próprio nome, mas o capitão Vincent Katz negou-se a celebrar o matrimônio, ao saber que o homem tinha mulher e quatro filhos em Avignon. As outras rejeitaram de pronto os pretendentes, pois tinham feito aquela penosa viagem para enriquecer, e não para se transformar em servidoras gratuitas do primeiro pobretão que lhes fizesse uma proposta de casamento.

O entusiasmo dos homens apaziguava-se à medida que iam passando as horas na imobilidade, submersos na leitosa irrealidade da neblina. No final do segundo dia, o céu clareou repentinamente, e então puderam suspender a âncora e lançar-se de velas desfraldadas à última etapa da longa viagem. Passageiros e tripulantes foram até a coberta, a fim de admirar a estreita abertura da Golden Gate, seis milhas de navegação impelida pelo vento de abril, debaixo de um céu diáfano. De um lado e de outro, erguiam-se colinas rentes ao mar, coroadas de bosques, expostas como feridas pelo trabalho eterno das ondas, o Pacífico lá atrás e, diante delas, a esplêndida baía, estendendo-se como um lago de águas prateadas. Uma salva de exclamações saudou o fim da árdua travessia e o princípio da aventura do ouro para aqueles homens e mulheres, assim como para os vinte

tripulantes, que decidiram imediatamente entregar o navio à própria sorte e correr para a aventura das minas. Os únicos a se manterem impassíveis foram o capitão holandês Vincent Katz, que permaneceu em seu posto ao lado do timão, sem revelar emoção nenhuma, pois o ouro não o comovia e tudo que desejava era voltar para Amsterdã a tempo de passar o Natal com sua família, e Eliza Sommers, no ventre do navio, pois, só muitas horas mais tarde, soube que haviam chegado.

Ao entrar na baía, a primeira coisa que se apresentou aos olhos de Tao Chi'en foi uma floresta de mastros à sua direita. Era impossível contá-los, mas, pelos seus cálculos, havia mais de uma centena de embarcações abandonadas, em uma típica desordem de batalha. Cavando a terra, qualquer homem poderia ganhar mais em um dia do que um marinheiro em um mês de trabalho no mar. Os homens, contudo, não desertavam apenas por causa do ouro; também se sentiam tentados a fazer dinheiro carregando sacos, assando pão ou forjando ferraduras. Algumas das embarcações vazias eram alugadas como armazéns, outras se convertiam em hotéis improvisados, enquanto muitas se deterioravam, cobertas de algas e ninhos de gaivotas. Um segundo olhar revelou a Tao Chi'en a cidade espalhada como um leque pelas encostas das colinas, um amontoado de tendas de campanha, barracos de tábuas e papelão, algumas construções simples, mas bem-acabadas, as primeiras com essas características naquele ambiente de colonização. Depois de baixar a âncora, receberam o primeiro bote, que não pertencia à capitania dos portos, como pensavam, mas a um chileno ansioso por dar as boas-vindas aos compatriotas e recolher o correio. Era Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, que havia adotado um nome menos pomposo, Felix Cross, para que os ianques pudessem pronunciá-lo. Embora alguns dos viajantes fossem seus amigos pessoais, ninguém o reconheceu, porque nada restava nele do janota de sobrecasaca e bigode em gomalina que estavam acostumados a ver em Valparaíso; o que acabava de surgir diante deles era um cavernícola hirsuto, com a pele curtida de índio, roupa de montanhês, botas russas que alcançavam as coxas e duas pistolas no cinto, acompanhado por um negro de aspecto igualmente selvagem, também armado como um bandoleiro. Era um escravo fugitivo que, ao pisar o solo da Califórnia, havia se transformado em homem livre, mas, como não fora capaz de suportar a dureza das minas, decidira ganhar a vida como pistoleiro de aluguel. Assim que se identificou, Feliciano foi saudado com gritos de entusiasmo e levado praticamente nos braços até a primeira classe, onde, a uma só voz, os passageiros lhe pediram notícias. O único interesse deles consistia em saber se o ouro era tão abundante quanto diziam, ao que

ele respondeu que era muito mais, e em seguida despejou de sua bolsa uma substância amarela, em forma de cocô amassado, anunciando que aquilo era uma pepita de meio quilo de peso, e que se dispunha a trocá-la por toda a bebida que houvesse a bordo, mas a proposta não pôde ser aceita, pois haviam restado apenas três garrafas, todas as outras tinham sido consumidas durante a viagem. A pepita fora encontrada, Feliciano revelou, por alguns bravos mineiros vindos do Chile, que agora trabalhavam para ele nas margens do Rio Americano. Depois de terem brindado com a última reserva de álcool e entregado as cartas ao chileno, este começou a lhes ensinar como sobreviver naquela região.

— Até meses atrás, tínhamos um código de honra, e mesmo os piores brigões se comportavam com decência. Qualquer um podia deixar seu ouro na barraca, pois ninguém tocava nele. Mas agora tudo está mudado. Impera a lei da selva, só existe cobiça na cabeça das pessoas. Não se separem de suas armas e andem sempre em duplas ou em grupos; isto aqui é uma terra de foragidos.

Vários botes se haviam aproximado do navio, tripulados por homens que propunham, aos gritos, os mais diversos negócios, declarando-se dispostos a comprar qualquer coisa, pois em terra poderiam vendê-la por cinco vezes do que valesse. Foi assim que, de imediato, os inocentes viajantes descobririam a arte da especulação. À tarde, apareceu o chefe da capitania dos portos, acompanhado de um funcionário da alfândega, e atrás deles vinham dois botes ocupados por vários mexicanos e uma dupla de chineses que se ofereciam para transportar até o cais o carregamento do navio. Cobravam uma fortuna, mas não havia alternativa. O chefe da capitania não mostrava interesse nenhum em examinar os passaportes ou verificar a identidade dos passageiros.

— Documentos? Não é preciso! Vocês acabam de chegar ao paraíso da liberdade. Aqui não há papel selado — anunciou.

Em compensação, ele se interessou muito pelas mulheres. Vangloriava-se de ser o primeiro a comer todas que desembarcavam em San Francisco, embora não fossem tantas quanto gostaria. Contou que as primeiras a aparecer na cidade, vários meses antes, tinham sido recebidas por uma verdadeira multidão de homens eufóricos, que fizeram fila durante horas, cada qual esperando o momento de deitar-se com uma das recém-chegadas, que seriam pagas com ouro em pó, com pepitas ou com moedas e até em lingotes. Eram duas valentes garotas ianques, que tinham vindo de Boston e haviam alcançado o Pacífico atravessando o Istmo do Panamá. Reservavam-se para quem lhes fizesse o melhor lance e, desse modo, ganhavam em um dia aquilo que estavam habituadas a receber em um ano. Desde então, haviam chegado mais de quinhentas, quase todas mexicanas, chilenas

e peruanas — havia apenas umas poucas norte-americanas e francesas —, mas, mesmo assim, ainda estavam em número insignificante para fazer face à crescente invasão de homens jovens e solitários.

Azucena Placeres não ouviu as notícias dadas pelo ianque, porque Tao Chi'en levou-a para a despensa assim que soube da presença do funcionário da alfândega. Não poderia desembarcar Eliza dentro de um saco, no ombro de um estivador, do mesmo modo que a havia embarcado, pois certamente as cargas seriam fiscalizadas. Eliza surpreendeu-se ao vê-los, pois estavam irreconhecíveis: ele vestia blusa e calça recém-lavadas, sua trança brilhava como estivesse oleada e havia raspado até o último pelo do rosto, ao passo que Azucena Placeres tinha trocado seu traje de camponesa pela roupa de combate, um vestido azul com plumas no decote, fizera um penteado alto coroado por um chapéu e passara carmim nos lábios e nas faces.

— A viagem terminou, menina, e você ainda está viva — anunciou Azucena alegremente.

Sua intenção era emprestar a Eliza um de seus faustosos vestidos e retirá-la do navio como se a moça fosse mais uma de seu grupo, ideia que lhe parecia aceitável, pois, como explicou, aquela seria a única profissão que a jovem poderia exercer em terra firme.

— Vim para me casar com meu noivo — respondeu Eliza pela centésima vez.

— Não vai haver noivo nenhum para amparar você. Se para comer é necessário vender o traseiro, vende-se. A essa altura, menina, você não pode se prender a detalhes.

Tao Chi'en interrompeu-as. Se durante dois meses havia apenas sete mulheres a bordo, não podiam desembarcar oito, argumentou. Estava de olho em um grupo de mexicanos e chineses que havia subido a bordo a fim de descarregar o navio e que esperava na coberta as ordens do comandante e do fiscal alfandegário. Indicou o grupo a Azucena, que logo tratou de prender o longo cabelo de Eliza em uma trança semelhante à de Tao, e agora saía para apanhar outra muda das roupas do chinês. Vestiram a jovem com uma calça, um blusão amarrado na cintura com uma corda e um chapéu de palha em forma de guarda-chuva. Naqueles dois meses em que andara atravessando os areais do inferno, Eliza havia perdido peso e estava magra e pálida como uma folha de papel de arroz. Com as roupas de Tao Chi'en, grandes demais para ela, parecia um menino chinês, desnutrido e triste. Azucena Placeres envolveu-a em seus robustos braços de lavadeira e deu-lhe um beijo emocionado na testa. Sentia-se cheia de ternura por ela e, no fundo, se alegrava pelo fato de haver um noivo esperando-a, pois não podia imaginá-la submetida às brutalidades da vida que ela própria suportava.

— Você está parecendo uma lagartixa — disse, rindo, Azucena

Placeres.

— E se me descobrirem?

— O pior que pode acontecer é o capitão Katz obrigar você a pagar a passagem. Você pode pagar com suas joias; não é para isso que elas estão guardadas? — sugeriu Azucena.

— Ninguém deve saber que você está aqui. Assim, o capitão Sommers não irá procurar por você na Califórnia — disse Tao Chi'en.

— Se ele me encontrar, vai me levar de volta para o Chile.

— Para quê? Seja como for, você já está desonrada. Os ricos não suportam isso. Sua família deve estar muito feliz por você ter desaparecido, pois, do contrário, teriam de atirá-la na rua.

— Só isso? Na China você seria morta pelo que fez.

— É, chino, mas não estamos no seu país. Não assuste a menina. Pode sair tranquila, Eliza. Ninguém vai prestar atenção em você. Todos estarão olhando para mim — garantiu Azucena Placeres, despedindo-se com um redemoinho de plumas azuis e o broche de turquesas preso no decote.

E assim foi. As cinco chilenas e as duas peruanas, em suas mais exuberantes vestimentas de conquistadoras, foram o espetáculo do dia. Desceram aos botes pendurando-se em escadas de corda, precedidas por sete afortunados marinheiros, que haviam conquistado o privilégio de sustentar na cabeça os traseiros das mulheres, em meio a um coro de assobios e aplausos de centenas de curiosos amontoados no porto a fim de recebê-las. Ninguém prestou atenção nos mexicanos e nos chineses, que, como uma fileira de formigas, iam passando os pacotes de mão em mão. Eliza ocupou um dos últimos botes, ao lado de Tao Chi'en; o chinês explicou aos seus compatriotas que o menino era surdo-mudo e um pouco retardado, de modo que seria inútil procurar comunicar-se com ele.

Argonautas

Tao Chi'en e Eliza Sommers pisaram pela primeira vez em San Francisco às duas horas da tarde de uma terça-feira de abril de 1849. Antes deles, milhares de aventureiros haviam passado brevemente por ali a caminho de seus sonhos. Um vento pertinaz dificultava a marcha, mas o dia estava limpo, de modo que os dois puderam apreciar o panorama da baía em sua esplêndida beleza. Tao Chi'en tinha uma aparência esquisita, com sua maleta de médico, da qual jamais se separava, uma trouxa nas costas, um chapéu de palha na cabeça e, como abrigo, um multicolorido poncho de lã que acabara de comprar dos carregadores mexicanos. Mas, naquela cidade, o aspecto de uma pessoa era o que menos importava. Depois de dois meses de desuso, as pernas de Eliza tremiam e, em terra firme, ela voltava a sentir o mesmo enjoo que havia experimentado no mar, mas a roupa masculina dava-lhe uma liberdade desconhecida — nunca havia se sentido tão invisível. Uma vez passada a impressão de estar nua, foi-lhe possível desfrutar a brisa que entrava pelas bocas da calça e pelas largas mangas da blusa. Acostumada à prisão das anáguas, agora respirava a plenos pulmões. Era com dificuldade que carregava a maleta na qual levava alguns daqueles primorosos vestidos dos quais Miss Rose havia cuidado com a melhor das intenções; ao perceber que a jovem vacilava, Tao Chi'en tirou-lhe a maleta das mãos e passou a carregá-la no ombro. Enrolada embaixo do braço, a manta de Castela pesava tanto quanto a maleta, mas Eliza compreendeu que não podia abandoná-la, pois à noite ela seria o mais precioso de seus bens. Com a cabeça baixa, escondida sob o chapéu de palha, ia tropeçando em meio à pavorosa anarquia da cidade. Fundado em 1769 por uma expedição espanhola, o vilarejo de Yerba Buena contava com menos de quinhentos habitantes, mas bastou que alguém dissesse a palavra “ouro” para que os aventureiros comessem a chegar. Em poucos meses, aquele povoadinho sem importância saiu da letargia, e agora, com o nome de San Francisco, sua fama espalhava-se até o último confim do mundo. Mesmo assim, não chegava a ser uma verdadeira

cidade, mas apenas um gigantesco acampamento de homens que estavam de passagem.

Ninguém ficou indiferente à febre do ouro: ferreiros, carpinteiros, professores, médicos, soldados, fugitivos da lei, pregadores, padeiros, revolucionários e loucos mansos, de cepas as mais diversas, deixaram para trás suas famílias e propriedades, a fim de atravessar meio mundo em busca daquela aventura. “Procuram ouro e, pelo caminho, vão perdendo a alma”, repetia incansavelmente o capitão Katz em cada um dos breves ofícios religiosos dominicais que impunha aos passageiros e tripulantes do *Emília*, mas ninguém lhe dava ouvidos, pois todos estavam ofuscados pela ilusão de uma riqueza que viria de repente e que seria capaz de mudar-lhes as vidas. Pela primeira vez na história, o ouro podia ser encontrado à flor da terra, não tinha dono, era grátis e abundante, e estava ao alcance daquele que decidisse apanhá-lo. Os argonautas vinham das terras mais distantes: eram europeus que fugiam de guerras, pestes e tiranias; ianques ambiciosos e corajosos; negros em busca de liberdade; russos e oregonenses vestidos de peles, como índios; mexicanos, chilenos e peruanos; bandidos australianos; lavradores chineses quase mortos de fome, que arriscavam a cabeça ao violar a proibição imperial de abandonar a pátria. Conclusão: nas enlameadas ruelas de San Francisco, misturavam-se todas as raças.

As ruas principais, traçadas como amplos semicírculos cujos extremos tocavam a praia, estavam cortadas por retas que desciam das colinas abruptas e terminavam no porto, e algumas eram tão íngremes e tinham tanta lama que nem as mulas conseguiam galgá-las. De repente, soprava um daqueles ventos passageiros de tempestade, que erguia torvelinhos de pó e areia, mas, passados alguns minutos, o ar se acalmava, e o céu voltava a ficar límpido.

Em pouco tempo, haviam surgido vários edifícios de tijolos, e dúzias de outros estavam em construção; entre esses últimos, alguns se anunciavam como futuros hotéis de luxo, mas o restante era uma salada de moradias provisórias, barracas, casebres feitos de pedaços de flandres, madeira ou papelão; o inverno, terminado poucos dias antes, havia transformado a cidade em um pântano; os poucos veículos existentes atolavam-se no barro e se improvisavam pranchas de madeira para atravessar as regueiras cheias de lixo, milhares de garrafas quebradas e outros desperdícios. Não havia canalização, superficial ou subterrânea, e a água dos poços estava contaminada; cólera e disenteria causavam mortandade, salvo entre os chineses, que tinham o hábito de tomar chá, e os chilenos, criados com a água infecta de seu país e, portanto, imunes às bactérias menores. A heterogênea multidão pululava, presa de uma atividade frenética: correndo e tropeçando, transportando materiais de construção, barris,

caixotes, tocando mulas e conduzindo carroças. Os carregadores chineses penduravam seus pacotes nas extremidades de varapaus e se mostravam indiferentes aos que atingiam de passagem; os mexicanos, fortes e pacientes, levavam nas costas o equivalente ao próprio peso e subiam as ladeiras trotando; os malaio e havaianos aproveitavam qualquer pretexto para iniciar uma briga; os ianques entravam a cavalo nas mercearias improvisadas, pisoteando quem achassem pela frente; os californianos nascidos na região exibiam com orgulho suas belas jaquetas bordadas, esporas de prata e calças com aberturas laterais e uma dupla fileira de botões de ouro da cintura até as botas.

Ao clamor das brigas ou dos acidentes, juntava-se o barulho dos martelos, serras e brocas. Os tiros eram ouvidos com aterradora frequência, mas um morto a mais ou a menos não mexia com os nervos de ninguém, ao passo que o furto de uma simples caixa de pregos atraía imediatamente um grupo de cidadãos indignados e dispostos a fazer justiça com as próprias mãos. A propriedade valia muito mais do que a vida; qualquer roubo superior a cem dólares era pago com a força. Abundavam as casas de jogo, os bares e os *saloons*, decorados com imagens de mulheres nuas, à falta de mulheres de verdade. Nas barracas, vendia-se um pouco de tudo, principalmente bebidas e armas, a preços sempre exagerados, porque ninguém tinha tempo de regatear. Os clientes pagavam quase sempre com ouro e não se davam ao trabalho em recolher o pó que ficava grudado na balança. Tao Chi'en concluiu que a famosa *Gum San*, a Montanha Dourada de que tanto ouvira falar, era o próprio inferno, e calculou que, com os preços tão altos, suas economias durariam pouco. A bolsa de joias de Eliza também de nada valeria, pois a única moeda aceita era ouro.

Eliza abriu caminho pelo meio da turba, colada em Tao e feliz por estar vestida de homem, pois não via mulheres em lugar nenhum. As sete passageiras do *Emilia* tinham sido levadas em triunfo para um dos muitos *saloons*, onde certamente estavam começando a ganhar os duzentos e setenta dólares da passagem que deviam ao capitão Vincent Katz. Pela boca dos carregadores, Tao Chi'en fora informado de que a cidade estava dividida em setores e que, a cada nacionalidade, correspondia um bairro. Aconselharam-no a não se aproximar da área ocupada pelos malvados australianos, que costumavam atacar por simples divertimento, e em seguida apontaram-lhe na direção de um amontoado de barracas e casebres onde viviam os chineses. Tao Chi'en seguiu o rumo indicado.

— Como irei encontrar Joaquín no meio dessa confusão? — perguntou Eliza, que se sentia perdida e impotente.

— Se existe um bairro chinês, também deve existir um bairro chileno. Vá procurá-lo.

— Não estou pensando em me separar de você, Tao.

— À noite volto para o navio — advertiu o chinês.

— Para quê? Não se interessa pelo ouro?

Tao Chi'en apertou o passo, e ela tratou de fazer o mesmo, a fim de não perdê-lo de vista. Em pouco tempo, chegaram ao bairro chinês — *Little Canton*, como o chamavam —, um par de ruas insalubres, onde imediatamente ele se sentiu em casa, pois ali não se via uma só cara de *fan güey*, o ar estava impregnado dos deliciosos cheiros da comida de seu país e as pessoas falavam em vários dialetos, principalmente o cantonês. Para Eliza, ao contrário, foi como se a houvessem transportado para outro planeta: não entendia uma palavra e parecia-lhe que todo mundo estava furioso, pois todos gesticulavam e gritavam. Ali também não viu mulheres, mas Tao Chi'en apontou-lhe para dois postigos nos quais assomavam uns rostos desesperados. Fazia dois meses que não conhecia mulher e aquelas o estavam chamando, mas ele conhecia muito bem os estragos causados pelas doenças venéreas e não se dispunha a correr risco com mulheres de tão baixa categoria. Eram jovens camponesas compradas por umas poucas moedas e trazidas das mais distantes províncias da China. Pensou em sua irmã, vendida pelo pai, e sentiu a náusea subir e dobrá-lo na metade do corpo.

— O que está sentindo, Tao?

— Lembranças ruins... Essas moças são escravas.

— Mas não dizem que na Califórnia não existem escravos?

Entraram em um restaurante, assinalado pelas tradicionais bandeirolas amarelas. Havia uma mesa comprida, ocupada por homens que devoravam a comida rapidamente, entrechocando os cotovelos. O ruído dos palitos mergulhando nas tigelas e a conversa em voz alta eram música para os ouvidos de Tao Chi'en. Entraram numa fila e esperaram de pé até conseguir dois lugares. Não podiam escolher a comida, tinham de aproveitar tudo que lhes caísse ao alcance da mão. Era necessário ter perícia para agarrar o prato que passava voando, antes que outro mais esperto o interceptasse, mas Tao Chi'en capturou um para Eliza e outro para si. Ela observou desconfiada um líquido verdoso, no qual flutuavam fiapos esbranquiçados e moluscos gelatinosos. Gabava-se de reconhecer qualquer ingrediente pelo cheiro, mas aquele nem sequer parecia comestível; tinha aspecto de água do pântano povoada de girinos, com a vantagem de não exigir palitos, podendo ser sorvido diretamente na tigela. A fome pôde mais do que a suspeita, e Eliza resolveu provar aquilo, enquanto às suas costas os impacientes fregueses da fila gritavam para que se apressasse. O prato era delicioso, e teria tomado outro com prazer, mas Tao Chi'en não lhe deu tempo, e, agarrando-lhe o braço, dirigiu-se à rua. Ela o seguiu. Primeiro percorreram as tendas do bairro, pois Tao queria repor os produtos medicinais de sua maleta

e conversar com os dois vendedores de ervas chinesas instalados na cidade; e depois ir até uma casa de jogo, uma das muitas que havia em cada quadra. A que escolheu ocupava um prédio construído de madeira, acabado com alguns toques de luxo, decorado com pinturas de mulheres vestidas pela metade. Ali as pessoas iam pesar o ouro em pó, a fim de trocá-lo por moedas, à razão de dezesseis dólares por onça, ou simplesmente para arriscar no jogo tudo aquilo que traziam na bolsa. Americanos, franceses e mexicanos formavam a maioria da clientela, embora houvesse também aventureiros do Havaí, Chile, Austrália e Rússia. Os jogos mais populares eram o *monte*, de origem mexicana, o *lasquet* e o *vingt-et-un*. Como preferiam o *fan tan* e costumavam arriscar apenas alguns centavos, os chineses não eram bem-vindos nas mesas de jogos mais caros. Não havia um só negro jogando, embora houvesse alguns tocando instrumentos ou servindo os clientes nas mesas; mais tarde, Tao e Eliza souberam que, quando entravam nos bares ou nas casas de jogo, os negros recebiam grátis uma dose de bebida e, em seguida, tinham de sair, sob pena de serem escorraçados a tiros. Havia três mulheres no salão, duas jovens mexicanas de olhos grandes e cintilantes, vestidas de branco e fumando um cigarro atrás do outro, e uma francesa com um corpete apertado e espessa maquilagem no rosto, um tanto madura, mas ainda bonita. Elas percorriam as mesas incitando ao jogo e à bebida, e com frequência uma delas desaparecia, levada pelo braço de algum cliente para trás de uma pesada cortina de veludo vermelho. Tao Chi'en foi informado de que cobravam uma onça de ouro para sentar-se ao lado de um homem no bar, durante apenas uma hora, e várias centenas de dólares para passar a noite inteira com um solitário; mas a francesa era mais cara e não fazia negócios com negros nem chineses.

Despercebida no seu papel de adolescente oriental, Eliza sentou-se a um canto, extenuada, enquanto ele conversava com um e outro, averiguando detalhes sobre o ouro e a vida na Califórnia. Para Tao Chi'en, que se sentia protegido pela lembrança de Lin, era mais fácil enfrentar a tentação das mulheres do que a do jogo. O som das fichas do *fan tan* e dos dados contra as superfícies das mesas era uma voz de sereia a chamá-lo. A visão das cartas nas mãos dos jogadores fazia-o suar, mas conseguiu abster-se, fortalecido pela convicção de que a boa sorte o abandonaria para sempre caso quebrasse a promessa. Anos mais tarde, depois de numerosas aventuras, Eliza lhe perguntou a que boa sorte se referia, e ele, sem pensar duas vezes, respondeu que era a de estar vivo e tê-la conhecido. Naquela tarde, soube que as minas situavam-se nas áreas dos rios Sacramento, Americano, São Joaquim e suas centenas de pequenos afluentes, mas as distâncias eram enormes e os mapas não mereciam confiança. O ouro fácil da superfície

começava a escassear. Não faltavam, decerto, mineiros de sorte, que tropeçavam em uma pepita de ouro do tamanho de um sapato, mas a maioria tinha de se conformar com um punhado de pó reunido ao custo de um trabalho desmesurado. Falava-se muito do ouro, disseram-lhe, mas pouco do sacrifício para obtê-lo. Necessitava-se de uma onça diária para viver como um cachorro, pois os preços eram extravagantes, e o ouro ia embora num piscar de olhos. Em compensação, comerciantes e prestamistas enriqueciam rapidamente; era o que havia acontecido a um certo camponês, que começara lavando roupas e, passados poucos meses, já havia construído uma casa de tijolos, pondo-se a pensar então em voltar para a China, comprar várias esposas e dedicar-se a produzir filhos varões; ou a outro, que emprestava dinheiro em uma baiuca a dez por cento por hora, ou seja, a mais de oitenta e sete mil por ano. Tao Chi'en teve a confirmação de várias histórias fabulosas que lhe haviam contado, de pepitas enormes, de abundância de ouro em pó misturado com areia, de veios em rochas de quartzo, de mulas cujos cascos descobriam por acaso tesouros em penhascos, mas, para enriquecer, era preciso trabalhar e ter sorte. Os ianques não tinham paciência, não sabiam trabalhar em conjunto, tornavam-se vítimas da desorganização e da cobiça. Mexicanos e chilenos entendiam de mineração, mas eram muito gastadores; os russos e os que vinham do Oregon perdiam seu tempo bebendo e brigando. Os chineses, ao contrário dos outros, conseguiam tirar proveito de seus recursos, por menores que fossem, pois eram frugais, não se embriagavam e trabalhavam como formigas dezoito horas sem descansar nem queixar-se. Percebendo que os *fan güey* sentiam-se indignados com seu êxito, os chinos compreenderam que era necessário dissimular, fazer-se de tolos, não provocá-los, ou então passariam maus bocados, como já ocorria com os orgulhosos mexicanos. Sim, informaram-lhe, existia um acampamento de chilenos; ficava um pouco distante do centro da cidade, do lado direito, e davam-lhe o nome de Chilezinho, mas já era bem tarde para aventurar-se por aquelas bandas, acompanhado apenas pelo irmão retardado.

— Vou voltar para o navio — anunciou Tao Chi'en a Eliza quando saíram da espelunca.

— Estou me sentindo tonta, como se fosse cair.

— Você esteve muito doente. Necessita comer bem e descansar.

— Não posso fazer isso sozinha, Tao. Por favor, não me deixe por enquanto...

— Assinei um contrato, o capitão mandará me buscar.

— E quem cumprirá a ordem? Todos os navios estão abandonados. Não resta ninguém a bordo. O capitão Katz pode gritar até ficar rouco, mas nenhum de seus marinheiros voltará para bordo.

O que fazer com ela? Tao Chi'en perguntou em voz alta, usando o dialeto cantonês. O trato entre ambos terminava ali, em San Francisco, mas não se sentia capaz de abandoná-la naquele lugar. Estava preso à jovem, pelo menos até que ela recuperasse as forças, conseguisse ligar-se a outros chilenos ou descobrisse o paradeiro de seu namorado fujão. Não seria difícil, imaginou. Por mais confusa que parecesse, San Francisco não tinha nenhum segredo para os chineses, de modo que podia esperar o dia seguinte e levá-la até o Chilezinho. A noite já havia caído, dando ao lugar uma aparência fantasmagórica. Os alojamentos eram quase todos de lona, e, à luz dos lampiões acesos em seu interior, tornavam-se transparentes e luminosos como diamantes. As tochas e fogueiras que ardiam nas ruas e a música produzida pelos gritos da jogatina contribuíam para acentuar a impressão de irrerealidade. Tao Chi'en saiu à procura de um lugar para passar a noite, e acabou encontrando um galpão de aproximadamente vinte e cinco metros de comprimento, construído com tábuas e folhas metálicas retiradas de navios encalhados, e coroado por uma placa com a palavra "Hotel". Lá dentro, havia duas fileiras de beliches elevados, nada mais do que simples estrados de madeira nos quais um homem podia deitar-se encolhendo as pernas, com um balcão no fundo, onde vendiam bebida. Não havia janelas, e o ar entrava apenas pelas frestas entre as tábuas. Pagava-se um dólar pelo pernoite, e cada um devia trazer sua roupa de cama. Os primeiros a chegar ocupavam os beliches, os outros tinham de deitar-se no chão; quando Tao e Eliza chegaram, ainda havia beliches desocupados, mas, como eram chineses, tiveram de ficar mesmo no chão de terra batida. Estenderam-se nele, usando a trouxa de roupa como almofada, e o *sarape* e a manta de Castela como abrigo. Daí a pouco, o lugar estava lotado de homens de diferentes raças e aparências, todos deitados lado a lado, em filas apertadas, vestidos e com as mãos em cima de suas armas. O fedor de sujeira, tabaco e eflúvios humanos, além dos roncos e das vozes dos que andavam perdidos em seus pesadelos, tudo isso dificultava o sono, mas Eliza estava tão cansada que nem soube como as horas se passaram. Acordou ao amanhecer. Tiritava de frio, estava colada às costas de Tao Chi'en, e nesse momento descobriu seu cheiro de mar. No navio, o cheiro dele se confundia com o da água que os rodeava, mas naquela madrugada conheceu finalmente a fragrância do corpo daquele homem. Fechou os olhos, aconchegou-se ainda mais a ele e logo voltou a dormir.

Naquele dia, saíram à procura do Chilezinho, que ela reconheceu imediatamente ao ver uma bandeira chilena ondeando no alto de um mastro de madeira e ao constatar que a maioria dos homens levava na cabeça os típicos chapéus *maulinos*, em forma de cone. Eram cerca de oito ou dez conjuntos atulhados de gente, com a presença de umas

poucas mulheres e crianças que tinham viajado com os homens, todos dedicados a alguma profissão ou negócio. Os alojamentos eram tendas de campanha, casebres e barracos de tábuas, cercados por uma confusão de destroços e ferramentas de trabalho, mas também havia restaurantes, hotéis improvisados e bordéis. Pelos cálculos de alguns, chegavam a dois mil os chilenos instalados no bairro, mas ninguém os havia contado, e na verdade aquilo era apenas um lugar de passagem para os recém-chegados. Eliza sentiu-se feliz ao ouvir a língua de seu país e ao ver em uma tenda esfarrapada um letreiro no qual se anunciavam *pequenes* e *chunchules*. Aproximou-se, e, disfarçando seu acento chileno, pediu uma porção de *chunchules*. Tao Chi'en ficou observando aquele estranho alimento, que, à falta de prato, era servido em pedaços de papel de jornal, sem saber que diabos aquilo podia ser. Ela lhe explicou que se tratava de tripas de porco fritas na banha.

— Ontem tomei a sua sopa chinesa. Hoje você come os meus *chunchules* chilenos — ordenou ela.

— Como é que vocês, sendo chineses, falam castelhano? — perguntou o vendedor amavelmente.

— Meu amigo não fala. Só eu falo, porque estive no Peru — respondeu Eliza.

— E o que estão procurando por aqui?

— Um chileno. O nome dele é Joaquín Andieta.

— Estão procurando por quê?

— Temos um recado para ele. Conhece-o?

— Por aqui passou muita gente nos últimos meses. Ninguém demora mais do que alguns dias, as pessoas vão logo para as minas. Uns voltam, outros, não.

— E Joaquín Andieta?

— Não me lembro, mas vou perguntar.

Eliza e Tao Chi'en sentaram-se para comer à sombra de um pinheiro. Vinte minutos mais tarde, o vendedor de comida regressou na companhia de um homem com cara de índio do norte do Chile, pernas curtas e ombros largos; o índio informou que Joaquín Andieta havia tomado o rumo das minas de Sacramento fazia pelo menos dois meses, embora ali ninguém guardasse datas nem se preocupasse com as andanças alheias.

— Nós vamos para Sacramento, Tao — decidiu Eliza, assim que se afastaram do Chilezinho.

— Você ainda não pode viajar. Precisa descansar algum tempo.

— Descansarei lá, depois de tê-lo encontrado.

— Prefiro voltar com o capitão Katz. A Califórnia não é um bom lugar para mim.

— O que está acontecendo com você? Tem sangue de barata? Não

ficou ninguém naquele navio, a não ser o capitão com sua Bíblia. O mundo inteiro anda à procura de ouro, e você pensa em continuar a ser cozinheiro, em troca de um salário miserável!

— Não acredito em fortuna fácil. Quero uma vida tranquila.

— Bom, já que não gosta de ouro, talvez haja alguma outra coisa capaz de interessar a você...

— Aprender.

— Aprender o quê? Você já sabe muito.

— Que nada! Ainda tenho quase tudo por aprender!

— Pois acaba de chegar ao lugar perfeito para isso. Não sabe nada sobre este país. Aqui há necessidade de médicos. Quantos homens você pensa que estão nas minas? Milhares e milhares! E todos necessitam de médico. Esta é a terra das oportunidades, Tao. Venha comigo para Sacramento. Aliás, se você não me acompanhar, eu não chegarei muito longe...

As condições da embarcação eram funestas, e por isso Tao Chi'en e Eliza pagaram uma mixaria por sua viagem para o norte, que começava com a travessia da extensa Baía de San Francisco. O barco ia repleto de passageiros que levavam consigo muitos e complicados equipamentos de mineração; ninguém podia dar um passo naquele espaço atulhado de caixotes, ferramentas, cestos e sacos com provisões, pólvora e armas. O capitão e o imediato eram dois ianques com cara de poucos amigos, mas marinheiros competentes, além de generosos em relação aos alimentos escassos e mesmo no tocante às garrafas de uísque. Tao Chi'en negociou com eles a passagem de Eliza e, no seu próprio caso, conseguiu permissão para viajar trabalhando como marinheiro. Os passageiros, todos com pistolas na cinta, facas e navalhas à vista, trocaram poucas palavras no primeiro dia, salvo para insultar-se por causa de alguma cotovelada ou pisada, inevitáveis naquele aperto. Ao amanhecer do segundo dia, depois de uma longa noite fria e úmida ancorados perto do litoral, pois era impossível navegar na escuridão, cada um se sentia como se estivesse rodeado de inimigos. As barbas crescidas, a sujeira, a comida execrável, os mosquitos, o vento e a corrente contrária, tudo contribuía para irritar os ânimos. Tao Chi'en, o único a viajar sem planos nem objetivos, ostentava um ar perfeitamente sereno, e, quando não estava cuidando da vela, admirava o extraordinário panorama da baía. Eliza, ao contrário, sentia-se desesperada no seu papel de adolescente retardado e surdo-mudo. Tao Chi'en a havia apresentado em poucas palavras como seu irmão mais novo e conseguira acomodá-la em um lugar mais ou menos protegido do vento, onde ela permaneceu tão quieta e silenciosa que, algumas horas depois, ninguém mais se lembrava de sua existência. De sua manta de Castela, escorria água, ela tremia de

frio e tinha as pernas entorpecidas; sentia-se fortalecida, no entanto, pela ideia de que a cada minuto aproximava-se um pouco mais de Joaquín. Tocava no peito, onde levava as cartas de amor, e, em silêncio, recitava-as de memória. No terceiro dia, os passageiros tinham perdido boa parte da agressividade e jaziam prostrados em suas roupas molhadas, meio bêbados e bastante desanimados.

A baía revelou-se muito mais extensa do que haviam imaginado, as distâncias marcadas em seus patéticos mapas aparentemente nada tinham a ver com as milhas de verdade, e, quando supunham que estavam chegando ao destino, ainda lhes faltava atravessar uma segunda baía, a de São Paulo. Na costa, alguns acampamentos, alguns botes repletos de gente, outros carregados de mercadorias, densas florestas no fundo do cenário. Mas também não era ali que a viagem deveria terminar; tinham ainda de passar por um canal tormentoso e entrar numa terceira baía, a de Suisun, onde a navegação se tornou ainda mais lenta e difícil, e depois percorrer um rio estreito e profundo, que os conduziria até Sacramento. Estavam, finalmente, próximos do lugar onde, pela primeira vez, fora encontrada uma pepita de ouro. Aquela coisinha insignificante, do tamanho de uma unha de mulher, havia provocado uma incontável invasão, mudando a face da Califórnia e a alma da nação norte-americana, como, poucos anos mais tarde, escreveria Jacob Todd, já então convertido em jornalista. “Os Estados Unidos foram fundados por peregrinos, pioneiros e modestos imigrantes, orientados pela ética do trabalho duro e dispostos a enfrentar a adversidade. O ouro evidenciou o pior do caráter americano: a cobiça e a violência.”

O comandante da embarcação explicou-lhes que a cidade de Sacramento brotara no ano anterior, da noite para o dia. O porto estava atulhado de barcos os mais variados, e a cidade já contava com ruas bem-traçadas, casas e edifícios de madeira, estabelecimentos comerciais, uma igreja e um bom número de casas de jogo, bares e bordéis, mas ainda se parecia muito com um cenário de naufrágio, pois o chão estava coberto de sacos, arreios, ferramentas e toda espécie de lixo deixado pelos mineiros, sempre com pressa de chegar às jazidas. Grandes aves negras vojavam sobre os montes de lixo, nos quais as moscas engordavam. Eliza calculou que, em dois dias, poderia percorrer o povoado, casa por casa: não seria muito difícil encontrar Joaquín Andieta. Os passageiros da embarcação, agora animados e amistosos ante a proximidade do porto, compartilhavam seus últimos tragos de aguardente, despediam-se trocando palmadas nas costas e cantavam em coro alguma coisa sobre uma tal de Susana, tudo isso para a surpresa de Tao Chi'en, incapaz de compreender tão repentina transformação. Como levavam pouquíssima bagagem, Tao e Eliza desembarcaram antes dos outros, e, sem vacilar, dirigiram-se ao bairro

dos chineses, onde conseguiram alguma comida e hospedagem embaixo de um toldo de lona encerada. Eliza não podia acompanhar as conversas em cantonês, e tudo que desejava era fazer sua averiguação sobre o namorado, mas Tao Chi'en lembrou-lhe que devia calar-se e lhe pediu que tivesse calma e paciência. Naquela mesma noite, o *zhong yi* teve de tratar do ombro destroncado de um camponês, pondo o osso de volta no lugar, com o que ganhou imediatamente o respeito do acampamento.

Na manhã seguinte, os dois saíram à procura de Joaquín Andieta. Comprovaram que seus companheiros de viagem já estavam de partida para as minas; alguns haviam adquirido mulas para transportar suas bagagens, mas a maioria estava mesmo destinada a seguir a pé, deixando para trás boa parte de seus pertences. Tao e Eliza percorreram o povoado de ponta a ponta, sem achar rastro daquele que procuravam, mas uns chilenos acreditavam lembrar-se de que alguém com aquele nome havia passado por ali um ou dois meses atrás. Foram aconselhados a seguir rio acima, onde talvez dessem com ele, claro, se a sorte assim o quisesse. Um mês era uma eternidade. Ninguém dava importância a quem houvesse passado pelo ajuntamento no dia anterior, ninguém ligava para os nomes ou os destinos alheios. Só o ouro importava.

— E agora, Tao, o que faremos?

— Trabalhar. Sem dinheiro, nada se pode fazer — respondeu ele, levando ao ombro uns pedaços de lona que acabara de encontrar em um monte de destroços abandonados.

— Não posso esperar! Tenho de encontrar Joaquín! Ainda me resta um pouco de dinheiro.

— Reais chilenos? Não dariam para muita coisa.

— E as joias que ainda tenho? Com certeza têm algum valor...

— Guarde suas joias, aqui elas valem pouquíssimo. Vou trabalhar para comprar uma mula. Meu pai ia de aldeia em aldeia curando as pessoas. Meu avô também. Posso fazer o mesmo, mas aqui as distâncias são grandes. Preciso da mula.

— Mula? Já temos uma: você. Como você é teimoso!

— Menos teimoso do que você.

Juntaram uma porção de pedaços de madeira, pediram ferramentas emprestadas e armaram um lugar para morar, usando as lonas como teto, o que resultou num casebre sem firmeza, pronto para desmoronar ao primeiro sopro de vento, porém capaz de protegê-los do sereno da noite e das chuvas primaveris. As notícias sobre os conhecimentos de Tao Chi'en espalharam-se rapidamente, e não tardaram a aparecer pacientes chineses, que deram testemunho do extraordinário talento daquele *zhong yi*; depois vieram mexicanos e chilenos, e por fim alguns americanos e europeus. Ao saber que Tao

Chi'en era tão competente quanto qualquer um dos três médicos brancos que havia na cidade e cobrava menos do que eles, muitos venciam a repugnância que sentiam dos “celestiais” e resolviam experimentar a ciência asiática. Em alguns dias, Tao Chi'en viu-se tão ocupado que Eliza teve de ajudá-lo. Fascinava-a observar suas mãos delicadas e hábeis examinando pulsações em braços e pernas, palpando o corpo dos doentes, como se os acariciasse, aplicando agulhas em pontos misteriosos que só ele parecia conhecer. Quantos anos teria Tao Chi'en? Certa vez, Eliza lhe fez essa pergunta, e ele respondeu que, contando todas as suas encarnações, teria entre sete e oito mil. Aos olhos de Eliza, ele devia andar na casa dos trinta, embora, em alguns momentos, quando ria, parecesse até mais jovem do que ela. Contudo, quando se inclinava sobre um enfermo, absolutamente concentrado, parecia tão idoso quanto uma tartaruga; nessas ocasiões não lhe era difícil acreditar que levava séculos nas costas. Ela o observava, admirada, enquanto ele examinava a urina de seus pacientes em um vidro, e pelo cheiro e a cor do líquido se mostrava capaz de diagnosticar males ocultos, ou quando lhes estudava as pupilas com uma lente de aumento a fim de deduzir o que faltava ou sobrava no organismo. Às vezes limitava-se a pôr as mãos sobre o ventre ou sobre a cabeça do doente, fechava os olhos e dava a impressão de mergulhar em um sono prolongado.

— O que você fazia de olhos fechados?

— Sentia a dor dele e lhe passava um pouco de energia. A energia negativa produz sofrimento e doença, enquanto a energia positiva pode curar.

— E como é essa energia positiva, Tao?

— É como o amor, quente e luminosa.

Extrair balas e tratar ferimentos a faca eram trabalhos de rotina, e Eliza logo perdeu o horror ao sangue e aprendeu a costurar a carne humana com a mesma tranquilidade com que antes bordava os lençóis de seu enxoval. O fato de ter praticado cirurgia ao lado do inglês Ebanizer Hobbs revelava-se, agora, de grande utilidade para Tao Chi'en. Naquela terra infestada de cobras venenosas, não faltavam vítimas de suas picadas, que chegavam nos ombros de seus camaradas, intumescidas e azuis. As águas contaminadas distribuíam a cólera democraticamente e, para ela, ninguém conhecia remédio, acontecendo o mesmo no caso de outras doenças de sintomas bem claros, porém sempre fatais. Tao Chi'en cobrava pouco, mas sempre adiantado, pois sua experiência lhe dizia que um homem assustado paga sem chiar, enquanto aquele que já conseguiu alívio regateia. Cada vez que fazia uma cobrança antecipada, seu velho preceptor aparecia-lhe com uma expressão de censura, mas ele não a levava em conta. “Nestas circunstâncias, mestre, não posso me dar ao luxo de ser

generoso”, murmurava. Seus honorários não incluíam a anestesia, e quem desejasse livrar-se da dor por meio de drogas ou das agulhas de ouro devia pagar por fora. Tao abria uma exceção para os ladrões, que, depois de um julgamento sumário, eram açoitados ou perdiam as orelhas: os mineiros jactavam-se da rapidez de sua justiça, e ninguém se dispunha a dar dinheiro para construir e vigiar uma prisão.

— Por que você não cobra dos criminosos? — perguntou Eliza.

— Porque prefiro que me devam favor — respondeu ele.

Tao Chi'en parecia disposto a se estabelecer na cidade. Não tratou desse ponto com a amiga, mas o fato é que não desejava mudar-se, pois queria dar tempo a Lin para encontrá-lo. Fazia várias semanas que sua mulher não se comunicava com ele. Em compensação, Eliza contava as horas, ansiosa por continuar a viagem, e à medida que os dias se passavam, via-se dominada por sentimentos desencontrados em relação ao seu companheiro de aventura. Era grata à sua proteção e à forma como cuidava dela, como insistia para que se alimentasse bem, como a abrigava à noite, como lhe administrava ervas e agulhas a fim de fortalecer o seu *qi*, como dizia; no entanto, Eliza sentia-se irritada com sua calma, que confundia com falta de audácia. Ora sentia-se cativada pela expressão serena e o sorriso fácil de Tao Chi'en, ora aquilo a deixava aborrecida. Não entendia sua absoluta indiferença diante da ideia de tentar a fortuna nas minas, enquanto todos ao redor, especialmente seus compatriotas chineses, não pensavam em outra coisa.

— Você também não se interessa pelo ouro — respondeu ele, imperturbável, quando ela o censurou.

— Mas eu vim procurar outra coisa! E você, veio por quê?

— Porque era marinheiro. Não pensava em ficar aqui, só fiquei porque você me pediu.

— Você não é marinheiro, é médico.

— Aqui posso voltar a ser médico, pelo menos por algum tempo. Você tinha razão: neste lugar há muito para se aprender.

E aprender o ocupava sempre. Entrou em contato com os índios, a fim de conhecer a medicina de seus curandeiros. Eram pequenos grupos de índios vagabundos, que se cobriam com enebadas peles de coiotes e andrajos europeus, e que, com a corrida do ouro, haviam perdido tudo. Iam de um lugar para outro, com suas mulheres cansadas e suas crianças famintas, tentavam extrair dos rios um pouco de ouro, usando para isso suas finas peneiras de vime, mas, assim que descobriam um lugar propício, eram expulsos a tiros. Quando eram deixados em paz, montavam suas pequenas aldeias de choças ou tendas e se instalavam por algum tempo, até serem obrigados a partir novamente. Familiarizaram-se com o chinês, recebiam-no

respeitosamente, pois o consideravam um *medicine man* — o que, para eles, queria dizer “um homem sábio” —, e gostavam de dividir com ele seus conhecimentos. Eliza e Tao Chi'en sentavam-se no círculo que os índios formavam ao redor de um buraco, no qual aqueciam pedras para cozinhar sua papa de pinhas, ou para tostar gafanhotos e sementes colhidas na floresta, coisas que Eliza achava deliciosas. Depois fumavam, conversando com uma mistura de inglês, sinais e as poucas palavras da língua nativa que haviam aprendido. No meio daquela temporada, desapareceram misteriosamente alguns mineiros ianques e, embora os corpos não tivessem sido encontrados, seus companheiros acusaram os índios de tê-los assassinado, e em represália tomaram de assalto uma aldeia, fizeram quarenta prisioneiros entre mulheres e crianças e, para dar o exemplo, executaram sete homens.

— Se eles tratam desse modo os que são donos da terra, é claro que irão tratar os chineses muito pior, Tao. Você precisa se tornar invisível, como eu — disse Eliza, aterrada, quando soube do ocorrido.

Mas Tao Chi'en não tinha tempo para aprender os truques da invisibilidade, pois estava sempre ocupado com o estudo das plantas. Fazia longas excursões a fim de recolher amostras que deveria comparar com aquelas há muito usadas na China. Alugava uma parelha de cavalos ou caminhava quilômetros a pé debaixo do sol inclemente, levando Eliza como intérprete, para chegar aos ranchos dos mexicanos, que, por muitas gerações, tinham vivido naquela região e conheciam bem a sua natureza. Fazia pouco tempo que haviam perdido a Califórnia na guerra com os Estados Unidos, e aqueles grandes ranchos, que antes reuniam centenas de peões em um sistema comunitário, começavam a desmoronar. Os tratados entre os dois países não saíam do papel. No começo, os mexicanos, que entendiam de mineração, ensinaram aos recém-chegados os procedimentos para obter ouro, mas, a cada dia, chegavam mais forasteiros para invadir o território que eles consideravam seu. Na prática, os gringos os desprezavam, tanto quanto os de qualquer outra raça. Começou, então, uma incansável perseguição aos hispânicos, a quem negavam o direito de explorar as minas porque não eram americanos, embora aceitassem como cidadãos dos Estados Unidos os condenados australianos e os aventureiros europeus. Milhares de peões sem trabalho tentavam a sorte nas minas, mas, quando a perseguição dos gringos se tornava intolerável, migravam para o sul ou se transformavam em malfetores. Em algumas das rústicas vivendas de famílias que haviam permanecido na região, Eliza podia passar algum tempo na companhia de mulheres, um luxo raro que, por breves momentos, lhe devolvia à tranquila felicidade dos tempos em que ajudava Mama Frésia na cozinha. Aquelas eram as únicas ocasiões

em que saía do obrigatório mutismo e falava em seu próprio idioma. Aquelas mãos fortes e generosas, que trabalhavam braço a braço com seus homens nas tarefas mais pesadas e estavam curtidas pelo esforço e a necessidade, comoviam-se diante do rapazinho chinês de aspecto tão frágil, maravilhando-se ao vê-lo falar espanhol como uma delas. Entregavam-lhe com prazer os segredos da natureza, secularmente usados para aliviar diferentes males, e, de quebra, as receitas de pratos saborosos, que ela anotava em seus cadernos, certa de que, cedo ou tarde, elas lhe seriam valiosas. Enquanto isso, o *zhong yi* mandava trazer de San Francisco remédios ocidentais que seu amigo Ebanizer Hobbs lhe havia ensinado a usar em Hong Kong. Além disso, Tao limpou um pequeno terreno ao lado da cabana, cercou-o para defendê-lo dos veados e ali plantou as ervas que considerava indispensáveis ao seu ofício.

— Meu Deus, Tao! Você pensa em ficar aqui até que brotem essas plantas raquíticas? — reclamava Eliza, exasperada diante dos talos sem cor e das folhas amareladas, obtendo como resposta apenas um gesto vago.

Para Eliza, cada dia transcorrido afastava-a um pouco mais de seu destino, sentia que Joaquín Andieta penetrava cada vez mais naquela região desconhecida, talvez estivesse a caminho das montanhas, enquanto ela perdia seu tempo em Sacramento, fazendo-se passar pelo irmão retardado de um curandeiro chinês. Cobria Tao Chi'en com os piores epítetos, tendo, porém, o cuidado de fazê-lo em castelhano, do mesmo modo que ele certamente fazia quando se dirigia a ela em cantonês. Havia aperfeiçoado o código de sinais para comunicar-se diante dos outros, e de tanto atuar juntos acabaram por se tornar tão parecidos que ninguém duvidava de seu parentesco. Quando não havia pacientes, percorriam as ruas e visitavam tendas, fazendo amigos e perguntando por Joaquín Andieta. Eliza cozinhava, e logo Tao Chi'en se acostumou aos seus pratos, embora, de vez em quando, desse uma escapada para ir aos restaurantes chineses da cidade, nos quais, por dois dólares, podia comer quanto a barriga pedisse, verdadeira pechincha, caso se levasse em conta que uma cebola custava um dólar. Diante dos outros, eles se comunicavam com gestos, mas, a sós, falavam em inglês. Apesar dos ocasionais insultos em uma língua ou na outra, passavam a maior parte do tempo trabalhando lado a lado, como bons camaradas, e tinham muitas ocasiões para rir. Surpreendia-o o fato de poder compartilhar seu humor com Eliza, apesar dos ocasionais tropeços de linguagem e das diferenças culturais entre eles. Contudo, eram justamente essas diferenças que lhe arrancavam gargalhadas: Tao não podia acreditar que mulher nenhuma fizesse e dissesse tamanhas barbaridades. Observava-a com grande curiosidade e uma inconfessa ternura; costumava emudecer de admiração por ela,

atribuía-lhe a coragem de um guerreiro, mas nas ocasiões em que fraquejava ela voltava a parecer menina, e ele se via dominado pelo desejo de protegê-la. Embora houvesse ganhado algum peso e alguma cor, era evidente que ainda estava fraca. Assim que a noite baixava, ela começava a cabecear, enrolava-se em sua manta e ia dormir; Tao se deitava ao lado dela. Estavam muito habituados a essas horas de intimidade, no decorrer das quais respiravam em uníssono, seus corpos se acomodavam sozinhos no sono, e se ela se movimentava, ele também o fazia, de modo a continuar colados um no outro. Às vezes acordavam presos como se estivessem colados nas mantas, entrelaçados. Quando era o primeiro a despertar, ele gozava aqueles momentos que lhe traziam à lembrança as horas felizes com Lin, mas permanecia imóvel, para que ela não percebesse seu desejo. Não podia suspeitar que Eliza fizesse o mesmo, sentindo-se grata por aquela presença masculina, que lhe permitia imaginar como seria, se a sorte a houvesse favorecido, sua vida com Joaquín Andieta. Nenhum dos dois jamais mencionava o que ocorria durante a noite, era como se vivessem uma existência paralela da qual não tinham consciência. Assim que se vestiam, desaparecia por completo o encanto secreto daqueles abraços e eles voltavam a ser irmãos. Em algumas raras ocasiões, Tao Chi'en fazia misteriosas saídas noturnas, das quais regressava em silêncio. Eliza se abstinha de fazer perguntas, pois, para ela, bastava sentir-lhe o cheiro: Tao estivera com uma mulher, podia até mesmo distinguir os adocicados perfumes das mexicanas. Ela permanecia enterrada em sua manta, tremendo no escuro, pendente do menor ruído nas imediações, assustada, empunhando uma faca, chamando-o com o pensamento. Não podia justificar o desejo de chorar que a invadia nessas ocasiões, como se ele a houvesse traído. Compreendia vagamente que os homens talvez fossem diferentes das mulheres; ela mesma não sentia nenhuma necessidade de sexo. Os castos abraços noturnos serviam para saciar sua ânsia de companhia e ternura, mas pensar em seu antigo amante não renovava nela a ansiedade que sentia nos tempos em que o recebia no quarto dos armários. Não sabia se nela amor e desejo eram a mesma coisa — e, ao faltar o primeiro, o segundo desaparecia naturalmente —, ou se a longa doença no porão do *Emilia* havia destruído alguma coisa essencial em seu corpo. Certa vez, atreveu-se a perguntar a Tao Chi'en se ainda poderia ter filhos, porque fazia vários meses que não menstruava, e ele garantiu que, tão logo recuperasse as forças, sua saúde retornaria à normalidade, e, no caso em questão, ele a ajudaria com as agulhas de acupuntura. Quando seu amigo se deitava silencioso ao seu lado, depois das escapadas, ela fingia dormir profundamente, mas, na verdade, permanecia horas acordada, ofendida pelo cheiro de outra mulher entre eles. Desde o desembarque

em San Francisco, tinha voltado ao recato em que fora criada por Miss Rose. Tao Chi'en tinha-a visto nua durante as semanas da travessia marítima, e a conhecia por dentro e por fora, mas adivinhou suas razões e não lhe fez perguntas, a não ser para saber como lhe andava a saúde. E, quando lhe espetava as agulhas, tinha o cuidado de não ofender-lhe o pudor. Não trocavam de roupa na presença um do outro e tinham um acordo tácito para respeitar a privacidade do buraco atrás da cabana, que lhes servia de latrina, mas tudo o mais era compartilhado, do dinheiro às vestes. Muitos anos depois, revendo as notas de seu diário correspondentes àquele período, Eliza indagava-se com estranheza por que nenhum dos dois havia reconhecido a indubitável atração que sentiam, por que se haviam refugiado no pretexto do sono para tocar-se e por que durante o dia se comportavam com fingida frieza. Concluiu que o amor com alguém de outra raça lhes parecera impossível, tinham acreditado que no mundo não havia lugar para um casal como eles.

— Você só pensava em seu amante — esclareceu Tao Chi'en, cujos cabelos a essa altura já haviam branqueado.

— E você, em Lin.

— Na China, é possível ter várias esposas, e Lin sempre foi tolerante.

— Você também sentia repugnância pelos meus pés grandes — brincou ela.

— Sem dúvida — respondeu ele com grande seriedade.

Em junho, desabou sobre eles um verão sem misericórdia, os mosquitos se multiplicaram, as cobras saíram de suas tocas a fim de passear impunemente, e as plantas de Tao Chi'en brotaram tão robustas quanto se estivessem na China. As hordas de argonautas continuavam a chegar, cada vez mais frequentes e numerosas. Como Sacramento era o ponto de acesso, não teve a mesma sorte de dezenas de outros povoados, que nasciam como cogumelos nas proximidades das jazidas auríferas, prosperavam com rapidez e desapareciam assim que se acabava o minério fácil de ser explorado. A cidade crescia a cada minuto, as casas de negócio abriam as portas, os terrenos não eram mais oferecidos de graça; agora eram vendidos a preços tão altos quanto os de San Francisco. Havia um esboço de governo e, com frequência, se realizavam assembleias a fim de se tomarem resoluções sobre detalhes administrativos. Entravam em cena os especuladores, os rábulas, os pastores de alma, os jogadores profissionais, os bandoleiros, as madames com suas garotas de vida alegre e outros arautos do progresso e da civilização. Centenas de homens inflamados de esperança e ambição passavam pelo povoado a caminho das jazidas, enquanto outros, esgotados e doentes, voltavam depois de

meses de trabalho, dispostos a jogar fora seus ganhos. O número de chineses aumentava dia a dia, e logo eles estavam divididos em dois grupos rivais. Ambos os *tongs* eram clãs fechados, seus membros se ajudavam mutuamente como irmãos nas dificuldades da vida diária e do trabalho, mas também favoreciam a corrupção e o crime. Entre os recém-chegados, havia outro *zhong yi*, com quem Tao Chi'en passava horas de felicidade, comparando tratamentos e fazendo citações de Confúcio. O médico lhe trazia à lembrança Ebanizer Hobbs, porque não se conformava em repetir os tratamentos tradicionais e estava sempre à procura de novas possibilidades.

— Devemos estudar a medicina dos *fan güey*, a nossa não é suficiente — dizia Tao, e o outro se mostrava plenamente de acordo, pois, quanto mais aprendia, maior era a sua impressão de que nada sabia, e de que a vida seria pouca para estudar tudo aquilo que ainda desconhecia.

Eliza organizou um negócio de *empanadas* para serem vendidas a preço de ouro, primeiro aos chilenos e, em seguida, também aos ianques, que rapidamente se habituaram ao prato. Começou usando carne de vaca, quando conseguia comprá-la dos fazendeiros mexicanos que traziam gado de Sonora, mas, quando a carne escasseou, Eliza não hesitou em fazer suas *empanadas* com carne de veado, lebre, ganso selvagem, tartaruga, salmão e até de urso. Seus clientes fiéis consumiam tudo, pois a alternativa seria feijão com pimenta e porco salgado, a invariável dieta dos mineiros. Ninguém tinha tempo para caçar, pescar ou cozinhar; ninguém conseguia verduras nem frutas, e leite era um luxo mais raro ainda do que champanha, embora não faltassem farinha, banha e açúcar e também houvesse nozes, chocolate, algumas especiarias, pêssegos e cerejas secas. Eliza fazia tortas e biscoitos tão bons quanto as *empanadas*, além de pão cozido em um forno de barro que improvisara, lembrando-se de Mama Frésia. Quando encontrava ovos e toucinho, punha um letreiro na porta oferecendo desjejum e, então, os homens faziam fila para sentar-se debaixo do sol, diante de uma mesa improvisada. Aquela comida saborosa, preparada por um chinês surdo-mudo, lembrava-lhes os domingos passados com a família, em suas casas muito distantes dali. O abundante desjejum de ovos fritos com toucinho, pão saído do forno, torta doce e café à vontade custava três dólares. Alguns fregueses, emocionados e gratos, porque fazia muitos meses que não provavam nada parecido, depositavam mais um dólar no pires das gorjetas. Um dia, em meados do verão, Eliza apresentou-se a Tao Chi'en e mostrou-lhe suas economias.

— Com isto, podemos comprar cavalos e partir — anunciou.

— Para onde?

— Vamos encontrar Joaquín.

— Não tenho interesse em achá-lo. Vou ficar aqui.

— Não quer conhecer este país? Aqui há muito para aprender, Tao. Enquanto eu procuro Joaquín, você pode adquirir sua famosa sabedoria.

— Minhas plantas estão crescendo, e eu não gosto de andar de um lado para o outro.

— Bem, então eu vou.

— Sozinha, você não irá muito longe.

— Veremos.

Naquela noite, dormiram cada um numa extremidade da cabana, sem trocar uma palavra. No dia seguinte, Eliza saiu cedo a fim de comprar o necessário para a viagem, tarefa nada fácil em seu papel de surdo-mudo, mas voltou às quatro da tarde trazendo um cavalo mexicano, feioso e marcado de pisaduras, mas ainda forte. Também comprou botas, duas camisas, calças de tecido grosso, luvas de couro, um chapéu de abas largas, duas bolsas com alimentos secos, um cantil para água, uma pistola e um rifle que não sabia carregar e muito menos disparar. Passou o resto da tarde organizando sua bagagem e costurando as joias e o dinheiro dentro de uma faixa de algodão, a mesma que usava para esmagar os seios, sob a qual levava sempre o pequeno pacote de cartas de amor. Desistiu de levar a maleta com os vestidos, as anáguas e as botinas que ainda conservava. Com sua manta de Castela, improvisou uma sela, como tantas vezes tinha visto fazerem no Chile; tirou as roupas de Tao Chi'en usadas durante meses e vestiu as que acabara de comprar. Em seguida, afiou a navalha em uma tira de couro e cortou o cabelo na altura da nuca. A larga trança negra ficou no chão, como uma cobra morta. Olhou-se no seu pedaço de espelho quebrado e ficou satisfeita: com a cara suja e as sobrancelhas engrossadas por um traço de carvão, o disfarce estava perfeito. A essa altura, chegou Tao Chi'en, que voltava de uma de suas conversas com o outro *zhong yi*, e por um momento não pôde reconhecer o vaqueiro armado que acabara de invadir sua propriedade.

— Vou embora amanhã, Tao. Obrigada por tudo. Você é mais do que um amigo, é meu irmão. Vai me fazer muita falta...

Tao Chi'en nada respondeu. Quando anoiteceu, ela se deitou, vestida, em um canto da cabana, e ele se sentou do lado de fora, gozando a brisa estival e contando as estrelas.

O segredo

Na noite em que Eliza saíra de Valparaíso escondida no ventre do *Emilia*, os irmãos Sommers cearam no Hotel Inglês, como convidados de Paulina, a esposa de Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, e regressaram tarde à sua casa de Cerro Alegre. Só uma semana mais tarde, vieram a saber do desaparecimento da moça, pois a imaginavam na fazenda de Agustín del Valle, em companhia de Mama Frésia.

No dia seguinte, John Sommers assinou seu contrato para comandar o *Fortuna*, o belo vapor de Paulina. O contrato foi fechado com a assinatura de um documento que apresentava, de modo simples, os termos do acordo. Um encontro foi o bastante para que se estabelecesse a confiança entre ambos, e nenhum deles dispunha de tempo para perder com minúcias legais — a ânsia de chegar à Califórnia era o único interesse que os movia. O Chile inteiro ia no mesmo rumo, apesar dos chamados à prudência que apareciam nos jornais e eram repetidos em apocalípticos sermões pronunciados nos púlpitos das igrejas. O capitão apressou-se em assumir o comando de seu vapor, pois as longas filas de candidatos dominados pela febre do ouro serpenteavam pelo cais. A fim de assegurar seus lugares, muitos haviam passado noites dormindo no chão. Para o espanto de outros homens do mar, que não podiam imaginar as razões, John Sommers recusou-se a levar passageiros, de modo que seu navio zarpou praticamente vazio. Não deu explicações. Tinha um plano de flibusteiro para evitar que seus homens desertassem na chegada a San Francisco, mas guardou-o em completo segredo, pois, do contrário, não conseguiria levar nenhum marinheiro para o navio. Também não avisou à tripulação que antes de se dirigirem para o Norte, fariam uma insólita volta pelo Sul. Esperou chegar ao alto-mar para mudar de rumo.

— Então, capitão Sommers, sente-se em condições de comandar meu vapor e controlar a tripulação, não é verdade? — perguntara-lhe Paulina mais uma vez, ao entregar-lhe o contrato para que o assinasse.

— Sim, senhora, não se preocupe com isso. Posso zarpar em três dias.

— Muito bem. Sabe o que faz muita falta na Califórnia, capitão? Produtos frescos: frutas, verduras, ovos, bons queijos, embutidos. Isso é o que vamos vender lá.

— Mas como? Tudo chegaria podre.

— Vamos levar essas coisas no gelo — respondeu ela, imperturbável.

— Em quê?

— No gelo. O senhor irá primeiro ao Sul, apanhar gelo. Sabe onde fica a Lagoa de São Rafael?

— Não muito longe de Puerto Alsén.

— Fico feliz em saber que conhece aquelas bandas. Disseram-me que por ali tem um glaciar de um azul belíssimo. Quero que encha o *Fortuna* com pedaços de gelo. Que tal?

— Desculpe, senhora, mas me parece uma loucura.

— Exatamente. Foi por isso que tal coisa não passou pela cabeça de ninguém. Leve algumas toneladas de sal grosso, uma boa quantidade de sacos, e com eles envolva grandes pedaços de gelo. Ah! Imagino que terá de abrigar seus homens para que não congelem. E de passagem, capitão, faça-me o favor de não comentar isso com ninguém, para que não nos roubem a ideia.

John Sommers despediu-se de Paulina inteiramente desconcertado. Primeiro, pensou que a mulher estava louca, mas, quanto mais pensava, mais gosto adquiria por aquela aventura. De resto, nada tinha a perder. Era ela quem corria o risco de arruinar-se; ele, ao contrário, cobraria seu salário, mesmo que o gelo se transformasse em água pelo caminho. E, se aquele disparate desse resultado, ele receberia, de acordo com o contrato, uma bonificação nada desprezível. No decorrer da semana, quando estourou a notícia do desaparecimento de Eliza, ele já rumava para o glaciar com as caldeiras resfolegando, de modo que só se inteirou na volta, quando parou em Valparaíso a fim de embarcar os produtos que Paulina havia preparado para serem transportados em um ninho de neve pré-histórica até a Califórnia, onde seu marido e seu cunhado os venderiam por preços muitas vezes maiores do que realmente valiam. Se tudo saísse como havia planejado, depois de três ou quatro viagens do *Fortuna*, ela teria muito mais dinheiro do que aquele com que inicialmente sonhava; havia calculado quanto tempo outros empresários levariam para copiar sua iniciativa e aborrecê-la com concorrência. Ele, por sua vez, levava um produto cuja venda esperava fazer pela melhor oferta: livros. Quando chegou o dia do regresso, e nem Eliza nem Mama Frésia apareceram em casa, Miss Rose mandou o cocheiro saber se a família del Valle ainda se

encontrava em sua fazenda e se Eliza estava bem. Uma hora mais tarde, apareceu em sua porta, muito assustada, a esposa de Agustín del Valle. Nada sabia de Eliza, dissera ela. A família não havia saído de Valparaíso, pois o marido dela estava prostrado com um ataque de gota. Fazia meses que não via Eliza. Miss Rose teve sangue-frio o bastante para dissimular: fora um engano seu, desculpou-se. Eliza estava na casa de outra amiga, ela havia confundido as coisas, agradecia-lhe muito por ter tido a gentileza de vir pessoalmente... Como era de esperar, a Senhora del Valle não acreditou em uma palavra, e, antes que Miss Rose conseguisse avisar a seu irmão no escritório, a fuga de Eliza Sommers já se havia transformado no grande mexerico de Valparaíso.

Miss Rose passou o resto do dia a chorar, e Jeremy Sommers a fazer conjecturas. Revistando o quarto de Eliza, encontraram a carta de despedida e a leram várias vezes, tentando em vão descobrir alguma pista. Também não puderam encontrar Mama Frésia para interrogá-la e, então, se deram conta de que, embora ela houvesse trabalhado dezoito anos na casa, eles não sabiam qual era o seu sobrenome. Nunca lhe haviam perguntado de onde vinha, nem se tinha ou não família. Mama Frésia, como os demais criados da casa, pertencia ao nevoento limbo dos fantasmas úteis.

— Valparaíso não é Londres, Jeremy. Não podem ter ido muito longe. Temos de procurá-las.

— Já pensou no escândalo quando começarmos a fazer perguntas aos nossos amigos?

— Não me importa o que disserem! O que me importa é encontrar Eliza, antes que ela se meta em dificuldades.

— Com franqueza, Rose, se a garota nos abandonou assim, sem mais nem menos, depois de tudo que fizemos por ela, é porque já anda com problemas.

— O que quer dizer com isso? Que espécie de problemas? — perguntou Miss Rose, apavorada.

— Um homem, Rose. Essa é a única razão pela qual uma moça pode cometer uma besteira tão grande. Você sabe disso melhor do que ninguém. Com quem Eliza poderia estar?

— Não posso imaginar.

Mas Miss Rose imaginava, com absoluta exatidão. Sabia quem era o responsável pelo tremendo desatino de Eliza: aquele sujeito de cara fúnebre que, meses antes, havia trazido uns pacotes para guardar em casa, aquele empregado de Jeremy. Não sabia o nome dele, mas ia averiguar. Teve, porém, o cuidado de não falar dele ao irmão, porque achava que ainda estava a tempo de salvar a jovem das armadilhas do amor contrariado. Lembrava-se, com uma precisão de notário, de cada detalhe de sua própria experiência com o tenor vienense, ainda podia

sentir na pele as aflições pelas quais havia passado naquela ocasião. Era verdade que não o amava mais, fazia séculos que o havia arrancado da alma, mas bastava murmurar seu nome para que um sino comesse a badalar estrepitosamente em seu peito. Karl Bretzner era a chave de seu passado e de sua personalidade, o encontro fugaz com ele determinara seu destino e moldara a mulher em que se convertera. Se voltasse a se apaixonar como naquela ocasião, Miss Rose pensava, faria tudo outra vez, mesmo sabendo quanto aquela paixão havia mudado o rumo de sua vida. Talvez Eliza tivesse melhor sorte, e o amor não lhe saísse tão errado; talvez, no caso dela, o amante fosse livre, não tivesse filhos, uma esposa enganada. Tinha de encontrar a menina, enfrentar o maldito sedutor, obrigá-los a casar-se, e, depois de tudo, ir a Jeremy a fim de apresentar-lhe os fatos consumados, na certeza de que o irmão acabaria por aceitá-los. Seria difícil, pois, quando se tratava de honra, o irmão era de uma grande rigidez, mas, assim como a perdoara, decerto perdoaria Eliza. Sua tarefa seria persuadi-lo. Decidiu que, depois de passar tantos anos desempenhando o papel de mãe, não iria ficar de braços cruzados ao ver sua única filha cometer um erro.

Enquanto Jeremy Sommers fechava-se em um silêncio digno e calculado, que nem por isso o protegeu da onda de intrigas, Miss Rose entrava em ação. Em poucos dias, descobriu a identidade de Joaquín Andieta e se inteirou, horrorizada, de que o rapaz era nada menos do que um fugitivo da justiça. Acusavam-no de ter alterado a contabilidade e roubado mercadorias da Companhia Britânica de Importação e Exportação. Logo percebeu que a situação era muito mais grave do que havia imaginado: Jeremy jamais aceitaria tal criatura como parte de sua família. Pior, assim que pudesse pôr a mão no ex-empregado, não hesitaria em mandá-lo para a cadeia, mesmo que, a essa altura, ele já fosse marido de Eliza. A menos que encontrasse um meio de obrigá-lo a retirar as acusações contra aquele maluco e, para o bem de todos nós, limpar o nome dele, Miss Rose cogitava em sua fúria. Primeiro tinha de encontrar os amantes, depois daria um jeito para que as coisas se arranjassem. Tendo o cuidado de não mencionar suas descobertas, passou o resto da semana fazendo perguntas aqui e ali, até que na Livraria Santos Torneiro alguém mencionou a mãe de Joaquín Andieta. Perguntando de igreja em igreja, descobriu onde ela morava; como suspeitava, os padres católicos sabiam tudo sobre seus paroquianos.

Sexta-feira, ao meio-dia, apresentou-se à mulher. Ia cheia de arrogância, animada pela justa indignação e disposta a dizer-lhe umas tantas verdades, mas foi se desinflando à medida que avançava pelas tortuosas ruelas daquele bairro, onde nunca havia posto os pés. Arrependeu-se do vestido que havia escolhido, lamentou seu chapéu

excessivamente enfeitado e suas botinas brancas: sentiu-se ridícula. Bateu à porta, possuída por um sentimento de vergonha, que se transformou em franca humildade quando viu a mãe de Andieta. Não havia imaginado tanta miséria. Estava diante de um pedacinho de mulher, com olhos febris e expressão tristonha. Parecia uma anciã, mas, ao olhá-la com atenção, concluiu que ainda era jovem e um dia fora bela, mas, sem dúvida, estava doente. Recebeu-a sem surpresa, pois estava habituada à presença de senhoras ricas que vinham encomendar trabalhos de costura e bordado. Elas costumavam passar a recomendação umas às outras; portanto, nada havia de estranho que uma desconhecida batesse à sua porta. Dessa vez, tratava-se de uma estrangeira, podia adivinhar pelo vestido cor de mariposa, que nenhuma chilena ousaria vestir. Saudou-a sem sorrir, mandando-a entrar.

Miss Rose sentou-se na borda da cadeira que lhe foi oferecida e não pôde articular uma palavra. Tudo que havia planejado escapou de sua mente em um relâmpago de absoluta compaixão por aquela mulher, por Eliza e por si própria, enquanto as lágrimas desciam, em torrentes, de seu rosto e sua alma. Perturbada, a mãe de Joaquín Andieta tomou-lhe uma das mãos entre as suas.

— O que está sentindo, senhora? Posso ajudá-la?

Então, Miss Rose lhe contou aos borbotões, em seu espanhol de gringa, que sua única filha havia desaparecido fazia mais de uma semana, que estava apaixonada por Joaquín, os dois tinham se conhecido meses atrás e, desde então, a menina não era mais a mesma, andava inflamada de amor, qualquer um podia notar, menos ela, que, de tão egoísta e distraída, não havia se preocupado a tempo, e agora era tarde porque os dois tinham fugido, Eliza arruinara a própria vida, tal como ela arruinara a dela. E continuou, emendando uma coisa na outra, sem poder conter-se, até o ponto de contar àquela estranha o que jamais dissera antes a ninguém; falou-lhe de Karl Bretzner e seus amores órfãos e dos vinte e dois anos desde então transcorridos em seu coração adormecido e em seu ventre desabitado. Chorou caudalosamente as perdas que havia sofrido ao longo da vida, as raivas ocultas em nome da boa educação, os segredos carregados às costas como pesos de ferro a fim de manter as aparências e a ardente juventude jogada fora pela simples infelicidade de ter nascido mulher. E quando, por fim, se dispersaram no ar seus soluços, permaneceu sentada, sem entender o que havia acontecido, nem de onde vinha aquele diáfano alívio que começava a serená-la.

— Tome um pouco de chá — disse a mãe de Joaquín Andieta depois de um comprido silêncio, pondo-lhe na mão uma xícara desbeijada.

— Por favor, eu lhe imploro, diga-me se Eliza e seu filho são

amantes. Acho que não estou louca, estou? — murmurou Miss Rose.

— É possível, senhora. Joaquín também andava fora dos eixos, mas nunca me disse o nome da moça.

— Ajude-me, tenho de encontrar Eliza...

— Garanto-lhe que ela não está com Joaquín.

— Como pode saber?

— A senhora não acaba de dizer que sua filha desapareceu há apenas uma semana? Meu filho foi embora em dezembro.

— Foi embora? Para onde?

— Não sei.

— Compreendo, senhora. Em seu lugar, eu também trataria de protegê-lo. Sei que seu filho tem problemas com a justiça. Dou-lhe a minha palavra de honra que o ajudarei, meu irmão é diretor da Companhia Britânica e fará o que eu pedir. Não direi a ninguém onde está seu filho, quero apenas falar com Eliza.

— Sua filha e Joaquín não estão juntos, pode acreditar.

— Sei que Eliza foi atrás dele.

— Não pode ter feito isso, senhora. Meu filho foi para a Califórnia.

No dia em que o capitão John Sommers regressou a Valparaíso, com o *Fortuna* cheio de gelo azulado, encontrou, como sempre, os irmãos esperando-o no cais, mas bastou ver suas caras para compreender que algo muito grave tinha acontecido. Rose estava consumida e, assim que a abraçou, ela se pôs a chorar descontroladamente.

— Eliza desapareceu — informou Jeremy, e tamanha era a sua raiva que mal podia modular as palavras.

Quando se viram a sós, Rose contou a John Sommers o que lhe havia dito a mãe de Joaquín Andieta. Durante aqueles dias infinitamente longos em que estivera esperando seu irmão favorito e andara com os cabelos sempre presos, convencera-se de que a menina fora atrás do amante na Califórnia, pois, se fosse o caso, Miss Rose teria feito o mesmo. John Sommers passou o dia fazendo perguntas a pessoas conhecidas, e assim ficou sabendo que Eliza não havia adquirido passagem em navio nenhum e que seu nome não constava de qualquer lista de viajantes. Em compensação, as autoridades confirmavam que um tal de Joaquín Andieta havia embarcado em dezembro. A jovem, no entanto, poderia ter trocado de nome para despistar e, com esse pensamento, voltou às mesmas pessoas, apresentando-lhes uma detalhada descrição de Eliza, mas ninguém pusera os olhos nela. Uma jovem, quase uma menina, viajando sozinha ou acompanhada apenas por uma índia, teria chamado imediatamente a atenção, garantiram-lhe; além do mais, pouquíssimas mulheres iam para San Francisco, para lá iam apenas as de vida virada e, de vez em quando, a esposa de um capitão ou de um comerciante.

— Ela não poderia ter embarcado sem deixar alguma pista, Rose — concluiu o capitão depois de ter repassado minuciosamente suas investigações.

— E Andieta?

— A mãe dele não mentiu para você. O nome de Andieta aparece em uma relação de passageiros.

— Ele se apropriou de algumas mercadorias da Companhia Britânica. Estou certa de que só fez isso porque não tinha outro meio de pagar a viagem. Jeremy não suspeita de que o ladrão que anda procurando seja o namorado de Eliza, e espero que nunca venha a saber.

— Não está cansada de tantos segredos, Rose?

— E vou fazer o quê? Minha vida é toda feita de aparências, não de verdades. Jeremy é como uma pedra, você sabe tão bem quanto eu. O que vamos fazer em relação à menina?

— Parto amanhã para a Califórnia, o vapor já está carregado. Se lá as mulheres forem tão poucas como dizem, será fácil topar com Eliza.

— Isso não basta, John!

— Consegue pensar em algo melhor?

Naquela noite, durante a ceia, Miss Rose insistiu mais uma vez na necessidade de mobilizar todos os recursos disponíveis a fim de encontrar a menina. Jeremy, que havia permanecido à margem da frenética atividade da irmã, sem oferecer conselhos nem expressar sentimento algum, salvo o aborrecimento por ter se tornado parte de um escândalo social, opinou que Eliza não merecia tanto alvoroço.

— Esse clima de histeria é muito desagradável. Sugiro que se acalmem. Estão procurando a garota para quê? Mesmo que a encontrem, ela nunca mais pisará nesta casa — anunciou.

— Eliza não significa nada para você? — perguntou Miss Rose, em tom acusatório.

— Não é disso que se trata. Ela cometeu uma falta imperdoável e deve arcar com as consequências.

— Assim como eu paguei pela minha durante quase vinte anos, não é?

Um silêncio gelado abateu-se sobre a mesa. Jamais haviam falado abertamente do passado, e Jeremy nem sequer tinha certeza de que John soubesse do ocorrido entre sua irmã e o tenor vienense, pois ele próprio tivera o cuidado de nunca lhe dizer uma palavra sobre o caso.

— Que consequências, Rose? Você foi perdoada e acolhida. Não tem nada a reclamar de mim.

— Pois, se foi tão generoso comigo, por que não poderá ser também com Eliza?

— Porque você é minha irmã, e uma irmã a gente deve proteger.

— Eliza é como se fosse minha filha, Jeremy.

— Mas não é. Não temos nenhuma obrigação para com ela; não pertence a esta família.

— Pois pertence! — gritou Miss Rose.

— Basta! — interrompeu o capitão com um murro que fez dançar os pratos e copos da mesa.

— Saiba que ela pertence, Jeremy. Eliza faz parte de nossa família — repetiu Miss Rose, soluçando com o rosto entre as mãos. — Ela é filha de John...

Então, Jeremy ouviu de seus irmãos o segredo que haviam guardado por dezesseis anos. Aquele homem de poucas palavras, que de tão controlado parecia invulnerável à emoção humana, explodiu pela primeira vez, e tudo que se mantivera em silêncio durante quarenta e seis anos de perfeita fleuma britânica saiu aos borbotões, afogando-o em uma torrente de censuras, de raiva e humilhações, como fui tolo, meu Deus, vivendo sem suspeitar em um ninho de mentiras, debaixo do mesmo teto, convencido de que meus irmãos eram pessoas decentes e que a confiança reinava entre nós, quando o que existe mesmo é o costume de enganar, o hábito da falsidade, quem sabe quantas outras coisas me ocultaram sistematicamente, mas isso é o cúmulo, por que diabos não me disseram, o que eu fiz para ser tratado como um monstro, para merecer que me manipulem dessa maneira, para que se aproveitem da minha generosidade e, ao mesmo tempo, me desprezem, pois não se pode chamar senão desprezo essa forma de me enredar em seus embustes e me excluir, eu só sirvo mesmo para pagar as contas, toda a vida foi assim, desde que éramos crianças vocês me enganavam pelas costas...

Mudos, sem ter como justificar-se, Rose e John suportaram a onda prendendo a respiração e, quando o discurso de Jeremy chegou ao fim, reinou um longo silêncio na sala de jantar. Os três pareciam extenuados. Pela primeira vez em suas vidas, enfrentavam-se sem a máscara da cortesia e das boas maneiras. Algo fundamental, que os havia mantido no frágil equilíbrio de uma mesa de três pernas, parecia irremediavelmente partido; contudo, à medida que ia recuperando o fôlego, Jeremy voltava a ter a expressão impenetrável e arrogante de sempre, enquanto arrumava a gravata torcida e a mecha de cabelos que lhe havia caído na testa. Então, Miss Rose levantou-se, aproximou-se dele por trás da cadeira e pôs-lhe a mão no ombro, único gesto de intimidade que se atreveu a fazer, embora sentisse que o peito doía de ternura por aquele irmão solitário, aquele homem silencioso e melancólico que lhe tinha sido como um pai, a quem nunca se dera ao trabalho de olhar nos olhos. Concluiu que, na verdade, nada sabia dele e que, em toda a sua vida, jamais havia tocado nele.

Dezesseis anos antes, na manhã de 15 de março de 1832, Mama Frésia saíra ao jardim e tropeçara em uma caixa comum de sabão de

Marselha, coberta por uma folha de jornal. Intrigada, aproximara-se para ver do que se tratava e, ao afastar o papel, descobrira que na caixa havia um recém-nascido. Correria para casa, gritando, e, um instante depois, Miss Rose estava debruçada sobre o bebê. Tinha então vinte anos, era bela e corada como um pêssego, vestia uma roupa cor de topázio e o vento lhe sacudia os cabelos soltos, tal como Eliza a recordava ou a imaginava. As duas mulheres apanharam a caixa e a levaram para a saleta de costura, onde afastaram os papéis e retiraram de dentro a menina envolta em um casaco de lã. Não havia permanecido muito tempo ao ar livre, deduziram, pois, apesar do vento matutino, seu corpo estava quente e ela dormia com placidez. Miss Rose mandou a índia trazer uma coberta limpa, lençóis e uma tesoura, a fim de improvisar fraldas. Quando Mama Frésia voltou, o casaco havia desaparecido e o bebê chorava, nu, nos braços de Miss Rose.

— Reconheci o casaco imediatamente. Eu mesmo o havia tricotado para John no ano anterior. Escondi-o porque você também poderia tê-lo reconhecido — explicou a Jeremy.

— Quem é a mãe de Eliza, John?

— Não me lembro do nome...

— Não sabe como se chama? Imagino quantos bastardos você terá semeado pelo mundo! — exclamou Jeremy.

— Era uma jovem da cidade, uma chilena, e, pelo que me lembro, muito bonita. Nunca mais voltei a vê-la e nunca soube que estivesse grávida. Dois anos mais tarde, quando Rose me mostrou o casaco, eu me lembrei de que o havia posto nos ombros daquela moça, numa ocasião em que estávamos na praia e fazia frio. Não me lembrei de pedi-lo de volta. Entenda, Jeremy, vida de marinheiro é assim. Não sou um animal...

— Você estava bêbado.

— É possível. Quando compreendi que Eliza era minha filha, tratei de localizar a mãe, mas a moça havia desaparecido. É possível até que esteja morta, não sei.

— Por algum motivo, aquela mulher decidiu que devíamos criar a menina, Jeremy, e nunca me arrependi de ter feito isso. A Eliza, demos carinho, uma vida boa, uma educação. Talvez a mãe não pudesse lhe dar nada, e foi por isso que nos trouxe a criança envolvida no casaco, para que soubéssemos quem era o pai — acrescentou Miss Rose.

— Isso é tudo? Um casaco sujo? Isso não prova absolutamente nada! Qualquer um pode ter sido o pai. A tal mulher foi muito astuciosa na hora de se desfazer da filha.

— Esse era o meu temor, Jeremy, o de que você reagisse assim. Foi justamente por isso que nada lhe contei naquela ocasião — replicou a

irmã.

Três semanas depois de despedir-se de Tao Chi'en, Eliza estava com cinco mineiros, lavando ouro às margens do Rio Americano. No mesmo dia de sua saída de Sacramento, juntou-se a um grupo de chilenos que se punha a caminho das jazidas. Tinham comprado cavalos, mas nenhum deles entendia de animais, e os rancheiros mexicanos haviam disfarçado habilmente a idade e os defeitos dos cavalos e das mulas. Eram uns bichos patéticos, tinham dissimulado suas pisaduras com tintas vegetais e drogado todos eles, e, assim, apenas algumas horas depois de iniciada a marcha, já haviam perdido o ímpeto, arrastavam as patas e coxeavam. Cada animal levava uma carga de ferramentas, armas e vasilhas de latão, e, com esse peso, a triste caravana avançava a passos lentos, em meio ao estrépito de metais. Pelo caminho, iam abandonando partes da carga, que ficavam largadas junto às cruzeiras plantadas para indicar os lugares onde haviam enterrado os defuntos. Eliza apresentava-se sob o nome de Elias Andieta, recém-chegado do Chile com a missão, que lhe fora dada pela mãe, de encontrar seu irmão Joaquín, e anunciava-se disposto a esquadrihar a Califórnia de cima a baixo, até cumprir sua tarefa.

— Quantos anos você tem, seu fedelho? — quiseram saber.

— Dezoito.

— Parece não ter mais de catorze. Não acha que é muito moço para procurar ouro?

— Tenho dezoito e não ando procurando ouro, procuro meu irmão Joaquín — insistiu.

Os chilenos eram jovens, alegres, e ainda mantinham o entusiasmo que os impelira a sair de sua terra e aventurar-se por lugares tão distantes, embora comesçassem a perceber que as ruas da Califórnia não eram calçadas com tesouros, como lhes haviam contado. No início, Eliza não mostrava a cara e mantinha o chapéu em cima dos olhos, mas logo notou que os homens pouco se olhavam entre si. Acolheram a ideia de que se tratava de um rapaz, e ninguém estranhou a forma de seu corpo, sua voz e seus costumes. Inteiramente ocupados com seus próprios negócios, nenhum deles atentou para o fato de que o estranho não urinava diante dos outros, e cada vez que encontravam um charco e se desnudavam, aproveitando para se refrescar, o rapaz mergulhava vestido, lavando a roupa no próprio corpo. De outro lado, a limpeza era o de menos e, passados alguns dias, ela andava tão suada quanto seus companheiros. Descobriu que a sujeira a todos igualava na mesma abjeção; o nariz canino mal conseguia distinguir o cheiro de seu corpo do cheiro que vinha dos demais. O tecido grosso das calças arranhava-lhe as pernas, não tinha

o costume de cavalgar por muitas horas, e, no segundo dia, com as nádegas em carne viva, mal conseguia dar um passo; mas os outros também procediam de cidades e estavam tão machucados quanto ela. O clima seco e quente, a sede, a fadiga e o assalto constante dos mosquitos logo tiraram deles o ânimo para as brincadeiras e zombarias. Avançavam calados, ao som de seus trastes, que se entrechocavam, arrependidos antes de começar.

Passaram semanas procurando um lugar propício à exploração do ouro, período que Eliza aproveitou para perguntar por Joaquín Andieta. Nem os indícios recolhidos nem os mapas maltraçados tinham grande serventia e, quando chegavam a um lugar bom para batear, já o encontravam ocupado por centenas de mineiros que os haviam precedido. Pelo direito, cada um requeria a concessão de 65 metros quadrados de área, marcava seu local diário de trabalho e ali deixava as ferramentas quando se ausentava, mas, se em dez dias não voltasse, outros podiam ocupá-lo e registrá-lo sob seus nomes. Os piores crimes, invadir a propriedade alheia e praticar o roubo, eram punidos com força e açoites, depois de um julgamento sumário em que os mineiros eram juízes, jurados e verdugos. Por toda parte, havia grupos de chilenos. Eram conhecidos pela roupa e o modo de falar, abraçavam-se com entusiasmo, dividiam o mate, a aguardente e o charque, relatavam com vivacidade e colorido suas mútuas desventuras e entoavam canções nostálgicas à luz das estrelas, mas no dia seguinte se despediam, sem tempo para os excessos da hospitalidade. Pelo tom juvenil, Eliza deduziu que alguns vinham das altas-rodas de Santiago, eram janotas meio aristocratas que, até poucos meses antes, usavam sobrecasacas, botas de verniz, luvas de pelica e untavam o cabelo com brilhantina, mas, nas minas, era quase impossível diferenciá-los dos mais rústicos, com quem trabalhavam em condições iguais. Os melindres e preconceitos de classe haviam virado fumaça no contato com a realidade brutal da mineração, mas o mesmo não ocorria com o ódio racial, que, ao menor pretexto, resultava em brigas. Mais numerosos e empreendedores do que outros hispano-americanos, os chilenos atraíam o ódio dos gringos. Em San Francisco, Eliza soube que um grupo de australianos bêbados havia atacado o Chilezinho, desencadeando uma verdadeira batalha campal. Na região das minas, funcionavam várias companhias chilenas, que haviam trazido camponeses e trabalhadores urbanos secularmente submetidos a uma espécie de sistema feudal; trabalhavam em troca de um salário ínfimo e aceitavam que o ouro não fosse de quem o encontrasse, mas do patrão. Para os ianques, isso era escravidão pura e simples. As leis americanas favoreciam o indivíduo: cada propriedade se reduzia ao espaço que um homem pudesse explorar sozinho. As empresas chilenas burlavam as leis, usando os nomes dos

peões a fim de conseguir mais terras.

Havia brancos de várias nacionalidades, com camisas de flanela, calças presas nas botas e dois revólveres na cinta; chineses com seus casacos acolchoados e calças largas; índios com esfarrapadas jaquetas militares e o traseiro descoberto; sul-americanos com ponchos curtos e largos cinturões de couro, nos quais levavam o punhal, o tabaco, a pólvora e o dinheiro; homens das Ilhas Sandwich, descalços e meio vestidos com faixas largas de seda; todos se fundindo em um grande caldeirão de cores, culturas, línguas, religiões e a obsessão que os dominava. A cada um, Eliza perguntava por Joaquín Andieta e pedia para espalhar a notícia de que seu irmão Elias o procurava. À medida que avançava, percebia quanto aquele território era imenso e como seria difícil encontrar seu amante entre cinquenta mil forasteiros que pulavam constantemente de um lugar para outro.

O grupo de extenuados chilenos decidiu finalmente instalar-se. Haviam chegado ao vale do rio Americano sob um calor de fornalha, com apenas duas mulas e o cavalo de Eliza, pois os outros animais haviam morrido pelo caminho. A terra estava seca e rachada, sem outra vegetação além dos pinheiros e carvalhos, mas um rio transparente e impetuoso descia das montanhas, saltando sobre pedras e atravessando o vale como se fosse uma faca. Em ambas as margens, enfileiravam-se homens que cavavam e enchiam baldes com terra fina, que, em seguida, lavavam em um artefato parecido com um berço de criança. Trabalhavam com a cabeça exposta ao sol, as pernas na água gelada e a roupa empapada de suor; deitavam-se no chão para dormir, sem afastar a mão de suas armas, comiam carne salgada com pão de vários dias, bebiam água contaminada pelas centenas de escavações rio acima e uma aguardente tão adulterada que a uns rebentava o fígado e a outros enlouquecia. Eliza viu dois homens morrerem em poucos dias, revolvendo-se de dor e cobertos pelo suor espumoso do cólera, e agradeceu à sábia lição de Tao Chi'en, que não lhe permitia beber água sem ferver. Por maior que fosse a sede, ela esperava até o entardecer, quando, então, acampavam, a fim de preparar o mate. De vez em quando, ouvia-se um grito de júbilo: alguém havia encontrado uma pepita de ouro, mas a maioria se considerava feliz quando conseguia separar alguns preciosos gramas de toneladas de terra inútil. Meses antes, ainda podiam ver escamas brilhando no fundo da água límpida, mas agora a natureza estava transtornada pela cobiça humana, com a paisagem alterada por montes de terra e pedras, buracos enormes, rios e arroios desviados de seus cursos, a água distribuída em inumeráveis charcos, milhares de troncos amputados onde antes havia um bosque. Para se chegar ao metal, era preciso ter uma determinação de titãs.

Eliza não pretendia ficar ali, mas estava esgotada e sentia-se

incapaz de continuar cavalcando sozinha e à deriva. Seus companheiros ocuparam um pedaço de terra no final da longa fila de mineiros, bastante longe do pequeno povoado que começava a nascer, com sua taverna e seu armazém destinados a satisfazer às necessidades primordiais. Os vizinhos de Eliza eram três mineiros procedentes do Oregon, que trabalhavam e ingeriam álcool com descomunal resistência, e que não perderam tempo com saudações aos recém-chegados, mas, ao contrário, fizeram-nos saber que não reconheciam aos sebosos, como eles, o direito de explorar o solo americano. Um dos chilenos os enfrentou, argumentando que aquela terra também não pertencia a eles, na verdade a terra era dos índios, e, se os outros não interviessem, isso teria bastado para desencadear uma grande briga entre eles. O ruído era formado por uma contínua algaravia de pás, picaretas, jorros de água, rolar de rochas, maldições, mas o céu era límpido e o ar cheirava a folhagem de louro. Os chilenos estenderam-se no chão, mortos de cansaço, enquanto o falso Elias Andieta acendia o fogo para fazer café e dava de beber ao seu cavalo. Apiedado, deu água também às pobres mulas, que não eram suas, e descarregou-as para que pudessem descansar. A fadiga nublava-lhe os olhos e mal podia suportar o tremor dos joelhos, e isso a fez compreender que Tao Chi'en tinha razão ao adverti-la da necessidade de recuperar suas forças antes de se lançar àquela aventura. Pensou no barraco de tábuas e lonas em Sacramento, onde, àquela hora, ele estaria meditando ou escrevendo, com um pincel e tinta nanquim, em sua bela caligrafia. Sorriu, achando estranho que sua nostalgia não se estendesse à saleta de costura de Miss Rose ou à aquecida cozinha de Mama Frésia. Quanto mudei, suspirou, olhando para suas mãos queimadas pelo sol inclemente, cheias de bolhas.

No dia seguinte, seus camaradas mandaram-na ao armazém, a fim de comprar o indispensável para sobreviver, e um daqueles berços para peneirar a terra, pois haviam notado que o tal artefato era muito mais eficiente do que suas humildes bateias. A única rua do povoado, se era possível dar um nome assim àquele pequeno casario, não passava de um lodaçal coberto de lixo. O armazém, uma cabana de troncos e tábuas, era o centro da vida social daquela comunidade de homens solitários. Ali se vendia um pouco de tudo, servia-se bebida em doses individuais e ofereciam-se algumas coisas para comer; à noite, quando chegavam os mineiros, um violinista animava o ambiente com suas melodias e, então, alguns homens amarravam um lenço na cinta, sinal de que assumiam o papel das mulheres, e outros vinham, em turnos, tirá-los para dançar. Não havia uma única mulher nas redondezas, mas, de vez em quando, passava por ali um carroção, puxado por várias mulas e lotado de prostitutas. O dono do armazém era um mórmon loquaz e bondoso, que havia deixado três esposas em

Utah e oferecia crédito a quem se convertesse à sua fé. Era abstinência, e, enquanto vendia aguardente, pregava contra o vício da bebida. Sabia alguma coisa sobre um tal de Joaquín, e seu sobrenome soava como Andieta, informou a Eliza quando ela o interrogou, mas já fazia um bom tempo que o homem passara por ali, e não podia dizer qual direção havia tomado. Lembrava-se dele porque estivera envolvido em uma pendência entre americanos e espanhóis a propósito dos direitos sobre uma construção. Chilenos? Talvez; sua única certeza era a de que o rapaz falava castelhano, podia ser mexicano, disse; para ele, todos os *sebosos* pareciam iguais.

— E, afinal, o que aconteceu?

— Os americanos ficaram com o prédio, e os outros tiveram de ir embora. O que mais podia ter acontecido? Joaquín e outro homem passaram três dias aqui no armazém. Estendi umas mantas para eles em um canto e os deixei descansar, até que se recuperassem um pouco, pois estavam muito machucados. Não eram maus sujeitos. Eu me lembro de que seu irmão era um rapaz de cabelos negros e olhos grandes, um tipo bem determinado.

— É ele — disse Eliza, com o coração disparando.

TERCEIRA PARTE
1850–1853

Eldorado

Quatro homens, dois de cada lado, cruzaram a multidão empolgada, puxando o urso preso por grossas cordas. Arrastaram-no até o centro da arena e, com uma corrente de seis metros de comprimento, amarraram uma de suas patas ao poste, mas esperaram quinze minutos para soltá-lo das cordas, enquanto o animal, dominado pela fúria, procurava algo para arranhar e morder. Pesava mais de seiscentos quilos, tinha o pelo cinza-escuro, várias cicatrizes resultantes de lutas anteriores, mas ainda era jovem. Uma baba espumosa cobria suas mandíbulas de enormes dentes amarelos. Erguido nas patas traseiras, golpeando o ar com suas patas pré-históricas, percorria a multidão com o olho que lhe restara, puxando, desesperado, a corrente.

O povoado surgira poucos meses antes, erguido, da noite para o dia, por um grupo de desertores, e sem nenhuma ambição de durar muito. Em vez de uma arena de touros como as que havia em todos os vilarejos mexicanos da Califórnia, dispunha de uma grande área circular, que servia para prender mulas e domar cavalos, guarnecida com tábuas e provida de galerias de madeira para acomodar o público. Naquela tarde de novembro, o céu cor de aço ameaçava trazer chuva, mas não fazia frio, e a terra estava seca. Por trás da cerca, centenas de espectadores respondiam a cada rugido da fera com um coro de chacotas. As únicas mulheres presentes, meia dúzia de jovens mexicanas, com seus vestidos bordados e os inseparáveis cigarros, chamavam tanto a atenção quanto o urso, e eram saudadas com gritos de “olé”, enquanto as garrafas de aguardente e as bolsas de ouro das apostas passavam de mão em mão. Com seus trajes urbanos — jaquetas enfeitadas, gravatas compridas e chapéus de abas largas —, os apostadores profissionais distinguiram-se da multidão suja e malvestida. Três músicos tocavam em seus violinos as canções favoritas, e, assim que atacaram com entusiasmo *Oh Susana*, o hino dos mineiros, uma dupla de cômicos barbudos, vestidos de mulher, saltou na arena e deu uma volta olímpica em meio a aplausos e

obscenidades, levantando as saias a fim de mostrar as pernas cabeludas e as coxas dentro de calções cobertos de babados. O público retribuiu com uma generosa chuva de moedas e um estrépito de aplausos e gargalhadas. Quando se retiraram, um solene toque de corneta e um rufo de tambores anunciaram o começo da tradicional peleja, acompanhado pelo bramido da multidão eletrizada.

Perdida na multidão, Eliza assistia ao espetáculo com fascínio e horror. Tinha apostado o pouco dinheiro que lhe restava, na esperança de multiplicá-lo nos próximos minutos. Ao terceiro toque da corneta, abriram um portão de madeira, e um touro jovem, de pelo negro reluzente, entrou resfolegando. Durante alguns segundos, reinou nas galerias um silêncio total e fascinante, e em seguida ressoou um grito de “olé”, saudando o animal. O touro parou, confuso; a cabeça erguida, coroada por grandes chifres não limados, os olhos em alerta medindo as distâncias, os cascos dianteiros batendo na areia, até que um rugido do urso captou finalmente a sua atenção. Seu adversário o tinha visto e começava, com grande pressa, a cavar uma trincheira a poucos passos do poste, na qual se agachou e se encolheu. Em resposta ao clamor do público, o touro abaixou a cerviz, enrijeceu os músculos e lançou-se em sua direção, deixando para trás uma nuvem de poeira, cego de cólera, bufando e soltando vapor pelo nariz. O urso o esperava. A primeira chifrada o atingiu no lombo, abriu-lhe um rasgo sanguinolento na pele grossa, mas não conseguiu movê-lo nem uma polegada. O touro deu uma volta trotando pela arena, confuso, enquanto a turba o cobria de insultos, e em seguida voltou à carga, tentando levantar o urso com os chifres, mas este se manteve agachado e recebeu o ataque sem dar um gemido, até que, vendo surgir a oportunidade, destroçou o focinho do touro com suas garras. Sangrando, transtornado pela dor e desorientado, o touro começou a *atacar* com cabeçadas às cegas, produzindo um ferimento aqui e ali no adversário, mas sem conseguir arrancá-lo do buraco. De repente, o urso levantou-se e agarrou o touro pelo pescoço, em um abraço terrível, cravando-lhe os dentes na nuca. Durante longos minutos rodopiaram juntos pelo círculo do tamanho da corrente, enquanto a arena se empapava de sangue e, das galerias, retumbava o bramido dos homens. Por fim, o touro conseguiu soltar-se, recuou alguns passos, vacilando, as patas frouxas, a pele de obsidiana manchada de vermelho, até que dobrou os joelhos e desabou de bruços. Um imenso clamor acolheu a vitória do urso. Dois cavaleiros entraram na arena, dispararam um tiro de rifle na testa do animal agonizante, amarraram-no pelas patas traseiras e o arrastaram para fora da arena. Enojada, Eliza abriu caminho para a saída. Havia perdido seus últimos quarenta dólares.

Durante os meses do verão e do outono de 1849, Eliza cavalgou ao

longo do Grande Filão, de sul para norte, de Mariposa até Downieville e depois em sentido contrário, seguindo a pista cada vez mais confusa de Joaquín Andieta, por desfiladeiros apertados, pelos leitos dos rios e pelas encostas da Serra Nevada. No início, quando perguntava por ele, poucos se lembravam de alguém com aquele nome ou com a aparência descrita por ela, mas, à medida que ia se aproximando o final do ano, sua figura fora adquirindo contornos reais, e isso dera forças a Eliza para continuar a busca. Em certo momento, espalhou-se o rumor de que seu irmão Elias andava atrás dele, e, em algumas ocasiões, no decorrer daqueles meses, o eco chegou a lhe devolver a voz de Andieta. Várias vezes, ao perguntar por Joaquín, identificaram-na como o irmão dele, antes mesmo que Eliza se apresentasse. Naquela região selvagem, o correio chegava de San Francisco com meses de atraso, e os jornais demoravam semanas, mas a notícia que corria de boca em boca nunca deixava de produzir resultado. Como explicar, então, que Joaquín ainda não soubesse que o procuravam? Não tendo irmãos, decerto se perguntaria quem seria o tal de Elias, e, se tivesse um pinga de intuição, poderia associar esse nome ao da namorada, era o que Eliza pensava; mas, no caso de Joaquín não ter essa suspeita, o mínimo a esperar dele era que se sentisse curioso e quisesse descobrir quem andava se passando por seu parente. À noite, quase não conseguia dormir, enredada em conjeturas e tomada pela dúvida pertinaz de que o silêncio do amante só podia ser explicado pela sua morte ou pelo desejo de não ser encontrado. E se de fato estivesse fugindo dela, como Tao Chi'en havia insinuado? Passava o dia a cavalo e dormia em qualquer lugar, estendida no chão, sem tirar a roupa, cobrindo-se com sua manta de Castela e usando as botas como travesseiro. Já não sofria mais por causa da sujeira e do suor, comia quando podia, e suas únicas precauções eram: ferver a água de beber e não olhar os gringos nos olhos.

Àquela altura, havia mais de cem mil argonautas, e outros continuavam a chegar, espalhando-se ao longo do Grande Filão, indo e voltando, movendo montanhas, desviando rios, destruindo florestas, pulverizando rochas, removendo toneladas de areia e abrindo buracos descomunais. Nos pontos em que havia ouro, o território idílico, que havia permanecido imutável desde o início dos tempos, transformara-se em um pesadelo lunar.

Eliza sentia-se extenuada, mas havia recuperado as forças e perdido o medo. Voltara a menstruar quando menos lhe convinha, pois era difícil dissimular na companhia dos homens, mas recebeu o fato com gratidão, como sinal de que seu corpo havia sarado finalmente. “Tuas agulhas de acupuntura me fizeram muito bem, Tao. Espero ter filhos no futuro”, escreveu ao amigo, certa de que ele a entenderia sem maiores explicações. Nunca se separava de suas armas, embora não

soubesse usá-las e esperasse não ter a necessidade de fazê-lo. Uma única vez disparou para o alto, com o objetivo de afugentar uns meninos indígenas que se haviam aproximado dela e lhe pareceram ameaçadores, mas, caso tivesse entrado em luta com eles, teria se saído muito mal, pois era incapaz de acertar um burro a cinco passos de distância. Não tinha exercitado a pontaria, mas havia refinado seu antigo talento para se tornar invisível. Podia entrar nos povoados sem chamar a atenção, misturando-se aos grupos de latinos, entre os quais um menino com sua aparência passava despercebido. Aprendeu a imitar com perfeição os sotaques peruano e mexicano, confundindo-se, assim, com um deles quando procurava hospitalidade. Também trocou seu inglês britânico pelo norte-americano, e adotou certos palavreiros indispensáveis para ser aceita entre os gringos. Percebeu que a respeitavam quando falava como eles; o importante era não dar explicações, falar o mínimo possível, nada pedir, ganhar sua própria comida, enfrentar as provocações e apegar-se à pequena Bíblia que havia comprado em Sonora. Até os mais rudes sentiam uma reverência supersticiosa por aquele livro. Sentiam-se confusos diante daquele rapaz imberbe, com voz de mulher, que lia as Sagradas Escrituras ao entardecer, mas não zombavam dele abertamente; pelo contrário, alguns passaram a protegê-lo, mostrando-se prontos a lutar contra quem o ofendesse. Naqueles homens solitários e embrutecidos, que haviam saído em busca da fortuna como os heróis militares da Grécia antiga, para depois se verem reduzidos ao mais elementar, muitas vezes doentes, entregues à violência e ao álcool, havia um desejo inconfesso de ternura e de ordem. As canções românticas umedeciam seus olhos, e eles se dispunham a pagar qualquer preço por uma fatia de torta de maçã, que, por um momento, aliviava-os da saudade de casa; faziam longos desvios a fim de se aproximar de uma casa em que houvesse uma criança, e ficavam a contemplá-la em silêncio, como se ela fosse um prodígio.

“Não se preocupe, Tao, não estou viajando sozinha, seria uma loucura”, Eliza escreveu ao amigo. “Aqui é indispensável andar em grupos numerosos, bem-armados e atentos, pois nos últimos meses multiplicaram-se os bandos de foragidos. Os índios são bem mais pacíficos, apesar de seu aspecto aterrador, mas, quando encontram um cavaleiro desvalido, podem apoderar-se de seus preciosos pertences: cavalos, armas e botas. Sempre me junto a outros viajantes: mineiros à procura de novos filões, comerciantes que vão de um povoado a outro, famílias de fazendeiros, caçadores, empresários e agentes imobiliários que começam a invadir a Califórnia, jogadores, pistoleiros, advogados e outros canalhas, que, em geral, são os companheiros de viagem mais divertidos e generosos. Por esses caminhos, viajam também

pregadores, que são sempre jovens e parecem loucos iluminados. Imagine de quanta fé se necessita para percorrer cerca de cinco mil quilômetros através de pradarias desabitadas a fim de combater os vícios alheios. Saem de seus povoados explodindo de energia e paixão, decididos a trazer a palavra de Cristo para este fim de mundo, sem se preocupar com os obstáculos e as más surpresas do caminho, porque Deus viaja com eles. Chamam os mineiros de ‘adoradores do bezerro de ouro’. Você precisa ler a Bíblia, Tao; do contrário, nunca entenderá os cristãos. Esses pastores não se deixam vencer pelas dificuldades materiais, mas muitos acabam por perder a alma, impotentes diante da força avassaladora da cobiça. É reconfortante vê-los quando acabam de chegar, ainda inocentes, e é triste encontrá-los depois de abandonados por Deus, viajando penosamente de um acampamento a outro, com um sol causticamente queimando suas cabeças, sedentos, pregando em praças e tavernas para homens indiferentes, que os ouvem sem tirar o chapéu e, cinco minutos depois, estão se embriagando com as prostitutas. Conheci um grupo de artistas itinerantes, Tao, eram uns pobres diabos que paravam nos povoados a fim de divertir as pessoas com pantomimas, canções picarescas e comédias picantes. Andei com eles por várias semanas e acabaram por me incluir no espetáculo. Quando encontrávamos um piano, eu tocava, mas, não havendo piano, eu era a jovem dama da companhia, e todos se admiravam de como eu representava bem o papel de mulher. Tive de deixá-los porque a confusão estava me enlouquecendo, eu já não sabia mais se era uma mulher vestida de homem, um homem vestido de mulher ou uma aberração da natureza.”

Fez amizade com o carteiro e, quando era possível, cavalgava ao seu lado, pois ele tinha contatos e viajava rápido; só alguém como ele poderia encontrar Joaquín Andieta, Eliza pensava. O carteiro entregava o correio aos mineiros e voltava com os alforjes cheios de ouro para ser guardado nos bancos. Ele era um dos muitos visionários que haviam enriquecido com a febre do ouro, sem, no entanto, jamais ter pegado em uma picareta ou uma pá. Cobrava dois dólares e meio para levar uma carta a San Francisco e, aproveitando a ansiedade dos mineiros pelas notícias de casa, pedia uma onça de ouro para entregar as cartas chegadas a eles. Ganhava uma fortuna com esse negócio, tinha clientes de sobra e nenhum deles reclamava dos preços, até porque não havia alternativa: não podiam abandonar a mina para apanhar a correspondência ou depositar seus ganhos a centenas de quilômetros de distância. Eliza também buscava a companhia de Charley, um homenzinho carregado de histórias, que competia com os tropeiros mexicanos no transporte de mercadorias em lombo de mulas. Embora não tivesse medo nem mesmo do diabo, Charley sempre era

grato a quem o acompanhava, pois necessitava de ouvintes para seus relatos. Quanto mais o observava, mais Eliza tinha certeza de que Charley, como ela própria, era uma mulher vestida de homem. Tinha a pele curtida pelo sol, mascava tabaco, blasfemava como um bandoleiro e não se separava de suas pistolas nem de suas luvas, mas, uma vez, Eliza pôde ver-lhe as mãos, e eram pequenas e brancas como as de uma donzela.

Apaixonou-se pela liberdade. Na casa dos Sommers, vivera sempre entre quatro paredes, em um ambiente imutável, no qual o tempo andava em círculos e mal se vislumbrava a linha do horizonte através de janelas quase sempre fechadas; crescera dentro da indevassável armadura das convenções e das boas maneiras, preparada, desde o início, para obedecer e servir, limitada pelo corpete, as rotinas, as normas sociais e o medo. O temor sempre fora seu companheiro: temor de Deus e de sua justiça imprevisível, da autoridade, dos pais adotivos, da doença e da maledicência, do desconhecido e do diferente, de deixar a proteção da casa e enfrentar os perigos da rua; temor de sua própria fragilidade feminina, da desonra e da verdade. Vivera uma realidade adocicada, feita de omissões, silêncios corteses, segredos bem guardados, ordem e disciplina. A virtude fora a sua aspiração, mas agora estava em dúvida quanto ao significado dessa palavra. Ao se entregar a Joaquín Andieta, no quarto dos armários, havia cometido uma falta irreparável aos olhos do mundo, mas, perante os seus, o amor justificava tudo. Não sabia se perdera ou ganhara com aquela paixão. Saíra do Chile com o propósito de encontrar o amante e tornar-se sua escrava para sempre, acreditando que, assim, apagaria a sede de submeter-se e o recôndito desejo de possuir, mas agora já não se sentia mais capaz de renunciar às asas que começavam a crescer em seus ombros. Não lamentava o que havia dividido com o amante, nem se envergonhava da fogueira que a transtornara; pelo contrário, sentia que, graças a ela, se tornara forte, que adquirira coragem para tomar decisões e arcar com as suas consequências. Não tinha de dar explicações a ninguém; se algum erro cometera, já fora castigada de sobra com a perda da família, o tormento de viver meses sepultada no porão de um navio, o filho morto e a absoluta incerteza do futuro. Quando engravidara e se vira presa na armadilha, escrevera em seu diário que havia perdido o direito à felicidade, mas, no decorrer daqueles últimos meses, cavalgando pela dourada paisagem da Califórnia, tinha a sensação de voar como um condor. Certa manhã, ao ser despertada pelo relincho do cavalo e pela luz do amanhecer em seu rosto, viu-se rodeada de altivas sequoias, que, como guardiãs centenárias, haviam velado seu sono, de suaves colinas e, a distância, de altos picos nevados; sentiu-se então invadida por uma felicidade atávica, jamais experimentada até

aquele momento. Percebeu que não mais a oprimia aquela sensação de pânico sempre agarrada à boca do estômago, como um rato pronto para mordê-la. Os temores se haviam diluído na esmagadora grandiosidade daquele território. À medida que enfrentava os riscos, tornava-se intrépida: perdera o medo do medo. “Estou descobrindo novas forças em mim, forças que, provavelmente, sempre estiveram comigo, mas que não conhecia, porque, até então, não tinha necessitado utilizá-las. Não sei em qual das curvas do caminho perdeu-se a pessoa que eu era antes, Tao. Agora sou mais um dos incontáveis aventureiros dispersos pelas margens desses rios translúcidos e pelas encostas desses montes eternos. São homens orgulhosos, que, acima de seus chapéus, têm apenas o céu, que não se dobram diante de ninguém, porque estão inventando a igualdade. Quero ser um deles. Alguns caminham vitoriosos com uma bolsa de ouro às costas; outros, derrotados, carregam apenas desilusões e dívidas, mas todos se sentem donos de seu destino, da terra que pisam, do futuro, de sua própria e irrevogável dignidade. Depois de tê-los conhecido, não posso voltar a ser uma senhorita, como pretendia Miss Rose. Acabo finalmente de compreender Joaquín, aquele que roubava horas preciosas de nosso amor para me falar da liberdade. Era disso que ele falava... Dessa euforia, dessa luz, dessa felicidade tão intensa quanto a dos escassos momentos de amor que compartilhamos e dos quais consigo me lembrar. Sinto falta de você, Tao. Não tenho com quem falar daquilo que vejo, daquilo que sinto. Não conto com um só amigo nesta solidão e, em meu papel de homem, tenho de ser muito cuidadosa com aquilo que digo. Ando com a testa franzida, para que não tenham dúvida de que sou macho. É aborrecido ser homem, mas ser mulher é um aborrecimento ainda pior.”

Vagando de um lado para outro, Eliza acabou por conhecer aquele acidentado território como se ali tivesse nascido, tornara-se capaz de situar-se e calcular as distâncias, distinguir as serpentes venenosas das não venenosas, os grupos hostis dos amistosos, previa o tempo pelo formato das nuvens e sabia a hora pelo ângulo de sua própria sombra; sabia o que fazer caso deparasse com um urso, e como aproximar-se de uma cabana abandonada para não ser recebida a tiros. Às vezes encontrava-se com rapazes recém-chegados, e eles arrastavam pelas encostas acima complicadas máquinas de mineração, que acabavam abandonadas por falta de utilidade, ou cruzava com homens devorados pela febre, que desciam das serras depois de meses de trabalho sem resultado. Não podia esquecer aquele cadáver pendurado em um carvalho, bicado pelos pássaros e exibindo uma inscrição de advertência... Em sua peregrinação, tinha visto americanos, europeus, havaianos, mexicanos, chilenos, peruanos, além de longas fileiras de chineses silenciosos trabalhando sob as ordens de um capataz que, por

ser de sua raça, podia tratá-los como servos e remunerá-los com ninharias. Os chineses andavam com uma trouxa às costas e as botas penduradas na mão, pois sempre haviam usado sapatos delicados e seus pés não suportavam tanto peso. Eram econômicos, viviam praticamente com nada e gastavam o mínimo possível, compravam aquelas botas grandes porque as supunham mais valiosas, e se espantavam ao comprovar que custavam tanto quanto as menores. Eliza aguçara o instinto para fugir do perigo. Aprendera a viver cada dia sem fazer planos, como Tao Chi'en lhe havia aconselhado. Pensava nele com frequência e lhe escrevia regularmente, mas só podia lhe enviar as cartas quando chegava a um povoado em que houvesse serviço de correio para Sacramento. Era como se lançasse garrafas ao mar, pois não sabia se ele ainda vivia, se ainda estava naquela cidade, e o único endereço certo que possuía era o do restaurante chinês. Se suas cartas chegassem lá, estava certa de que ele as receberia.

Eliza falava-lhe da paisagem magnífica, do calor e da sede, das colinas com suas curvas voluptuosas, dos carvalhos grossos e dos pinheiros esbeltos, dos rios gelados de águas tão límpidas que era possível ver o ouro brilhando em seus leitos, dos gansos selvagens grasnando no céu, dos cervos e dos grandes ursos, da vida rude dos mineiros e da ilusão da fortuna fácil. Dizia-lhe aquilo que ambos já sabiam: que não valia a pena gastar a vida correndo atrás de um pó amarelado. E adivinhava a resposta de Tao: que tampouco fazia sentido gastá-la perseguindo um amor ilusório, mas, ainda assim, ela continuava, porque não conseguia parar. Joaquín Andieta começava a desvanecer-se, a excelente memória de Eliza já não podia mais, reconstituir com clareza os traços fisionômicos do amante, tinha de reler as cartas de amor para continuar certa de que ele realmente existia, que haviam se amado e que as noites no quarto dos armários não eram fruto de sua imaginação. Desse modo, renovava o doce tormento do amor solitário. Em suas cartas a Tao Chi'en, descrevia as pessoas que ia conhecendo pelo caminho, as massas de imigrantes mexicanos instalados em Sonora, único povoado onde havia crianças correndo pelas ruas, as mulheres humildes, que costumavam acolhê-la em suas casas de tijolos sem suspeitar que era uma delas, os milhares de jovens americanos que naquele outono se dirigiam para as minas, depois de terem cruzado o continente por terra, das costas do Atlântico até as do Pacífico. Calculava-se em quarenta mil o número dos recém-chegados, cada um deles disposto a enriquecer em um piscar de olhos e voltar, triunfante, para seu lugar de origem. Eram chamados "os de 49", nome que se tornaria popular e que também seria adotado pelos homens chegados antes ou depois deles. No leste do país, muitas povoações começavam a ficar inteiramente sem homens, tendo por habitantes apenas as mulheres, as crianças e os

prisioneiros.

“Vejo pouquíssimas mulheres nas minas, mas existem algumas com garra bastante para acompanhar seus maridos nessa vida de cão. Os meninos morrem de epidemia ou acidentes, elas os enterram, choram por eles e continuam a trabalhar de sol a sol, para impedir que a barbárie acabe com os poucos vestígios de decência. Arregaçam as saias e se metem na água à procura de ouro, mas algumas descobrem que é mais lucrativo lavar roupa alheia ou assar galletos e vendê-los; com isso, lucram mais em uma semana do que ganham em um mês seus companheiros, rebentando a espinha na mineração. Um homem satisfeito paga dez vezes mais para comer um pão amassado por mãos femininas, ao passo que eu, vestida de Elias Andieta, não receberia mais de alguns centavos se tentasse vender um igual, Tao. Os homens são capazes de andar muitas léguas para ver uma mulher de perto. Uma jovem sentada diante de uma taverna, tomando sol, em poucos minutos terá entre os joelhos uma coleção de bolsinhas de ouro, presenteadas por homens que se embasacam diante da evocadora visão de uma saia. E os preços continuam subindo, os mineiros estão cada vez mais pobres e os comerciantes, cada vez mais ricos. Houve um momento de desespero em que paguei um dólar por um ovo, que eu queria comer cru, com sal, pimenta e um copo de aguardente, como me ensinou Mama Frésia: remédio infalível para o desamparo. Conheci um rapaz da Geórgia, um pobre lunático, mas me disseram que nem sempre foi assim. No começo do ano, ele descobriu casualmente um veio de ouro e, contando apenas com uma colher, raspou das pedras nada menos do que nove mil dólares, mas perdeu tudo em uma tarde, no jogo do monte. Ah, Tao, você não imagina a vontade que tenho de tomar um banho, fazer um chá e me sentar ao seu lado para conversar. Gostaria de pôr um vestido limpo e usar os brincos que Miss Rose me deu de presente, para que você me visse bonita e não continuasse a pensar que sou uma virago. Venho anotando em meu diário as coisas que me acontecem. Dessa maneira, poderei contá-las a você quando nos encontrarmos, porque, pelo menos de uma coisa, estou certa: um dia voltaremos a estar juntos. Penso em Miss Rose e em quanto deve andar aborrecida comigo, mas não posso escrever para ela antes de encontrar Joaquín, pois, até que isso aconteça, ninguém deve saber onde me encontro. Esta é a terra do pecado, diria Mr. Sommers, aqui não há lei nem moral, imperam o vício do jogo, o álcool e os bordéis, mas, para mim, este país é uma folha em branco. Aqui posso escrever minha nova vida, transformar-me naquilo que quiser, ninguém me conhece a não ser você, ninguém sabe do meu passado, posso até nascer novamente. Aqui não há senhores nem servos, apenas pessoas que trabalham. Vi ex-escravos que juntaram ouro bastante para financiar jornais, escolas e igrejas

destinados aos seus irmãos de raça, e que combatem a escravidão a partir da Califórnia. Conheci um que comprou a liberdade de sua mãe; a pobre mulher chegou envelhecida e enferma, mas agora ganha quanto quiser vendendo comida, adquiriu um rancho e, aos domingos, vai à igreja vestida de seda em uma carruagem puxada por quatro cavalos. Você sabia que muitos marinheiros negros abandonaram os navios, não apenas por causa do ouro, mas por encontrarem aqui uma forma única de liberdade? Lembro-me das escravas chinesas que você me mostrou em San Francisco, atrás de uns postigos; não posso esquecê-las, elas me dão tanta pena quanto se fossem animais. Por estes lados, a vida das prostitutas também é brutal, e algumas se suicidam. Os homens esperam horas para saudar com respeito uma nova madame, mas tratam mal as moças dos *saloons*. Sabe como são chamadas por eles? Pombinhas maculadas. E os índios também se suicidam, Tao. São expulsos de todos os lugares, andam famintos e desesperados. Ninguém lhes dá emprego, alguém os acusa de vagabundagem, e então acabam por acorrentá-los e levá-los para os trabalhos forçados. Os chefes dos povoados pagam cinco dólares por um índio morto, matam os índios por esporte e, às vezes, lhes arrancam o couro cabeludo. Não são poucos os gringos que colecionam esses troféus e andam com eles pendurados em suas montarias. Talvez você goste de saber que alguns chineses preferiram viver com os índios. Foram para longe, para as florestas do norte, onde ainda existe caça. Dizem que restam pouquíssimos búfalos nas pradarias.”

Eliza saiu da luta do urso sem dinheiro e com fome, não tinha comido desde a noite anterior e decidiu que nunca mais iria apostar suas economias de estômago vazio. Quando já não tinha mais nada para vender, passou dois dias sem saber como se manteria viva, até que resolveu sair à procura de trabalho e descobriu que ganhar a vida era mais fácil do que pensava, ou pelo menos preferível à difícil tarefa de arranjar ouro que lhe pagasse as despesas. Sem um homem que a proteja e mantenha, a mulher estará perdida, Miss Rose sempre havia dito e repetido, mas Eliza acabou por descobrir que nem sempre era assim. Em seu papel de Elias Andieta, conseguia trabalhos que também poderia fazer se estivesse vestida de mulher. Emprego de peão ou de vaqueiro era impossível para ela, pois não sabia usar um arado nem um laço, e não tinha força suficiente para levantar uma pá ou derrubar um novilho, mas havia outras ocupações ao seu alcance. Naquele dia, recorreu à pena, tal como havia feito tantas vezes antes. A ideia de escrever cartas foi um bom conselho de seu amigo carteiro. Quando não podia escrever em uma taverna, estendia sua manta de Castela no meio de uma praça, punha em cima um tinteiro e um maço

de papel, e em seguida apregoava suas habilidades em voz alta. Pouquíssimos mineiros sabiam ler ou assinar o nome, mas todos esperavam o correio com um interesse comovedor, pois não tinham nenhum outro contato com suas famílias distantes. Os vapores do *Pacific Mail* chegavam a San Francisco de duas em duas semanas, trazendo os malotes de correspondência, e, assim que a silhueta das embarcações aparecia no horizonte, as pessoas corriam para fazer fila diante da sede do correio. Os empregados levavam de dez a doze horas para separar o conteúdo dos malotes, mas ninguém se importava de esperar o dia inteiro. Dali até chegar às minas, a correspondência demorava mais algumas semanas. Eliza oferecia seus serviços em inglês e espanhol, lia as cartas recebidas e escrevia as respostas. Se o cliente se limitava a ditar algumas frases lacônicas para informar que ainda estava vivo e mandar lembranças à família, ela o interrogava com paciência e ia acrescentando detalhes mais floridos, até preencher pelo menos uma folha de papel. Cobrava dois dólares para escrever uma carta, independentemente do tamanho; mas, quando acrescentava frases sentimentais que não haviam ocorrido ao cliente, costumava receber boas gorjetas. Alguns lhe levavam cartas para ser lidas, e essas ela também enfeitava um pouco, de modo que o infeliz recebesse o consolo de algumas palavras carinhosas. Cansadas de esperar do outro lado do continente, as mulheres costumavam mandar apenas queixas, críticas e uma série de conselhos cristãos, esquecidas de que seus homens estavam doentes de solidão. Em uma segunda-feira de céu encoberto, um xerife veio buscá-la para que escrevesse as últimas palavras de um condenado à morte, um jovem de Wisconsin, acusado, naquela mesma manhã, de ter roubado um cavalo. Imperturbável, apesar dos seus dezenove anos completados poucos dias antes, ele ditou a Eliza: “Querida Mamãe, espero que esteja bem quando receber esta notícia, e diga a Bob e James que vão me enforcar hoje. Lembranças, Theodore”. Eliza tratou de suavizar um pouco a mensagem, para evitar que a infeliz mãe sofresse um colapso, mas o xerife disse que não havia tempo para salamaleques. Minutos depois, alguns cidadãos respeitáveis conduziram o réu ao centro do povoado, sentaram-no em um cavalo com a corda no pescoço, passaram a outra extremidade pelo galho de um carvalho e, em seguida, deram uma lambada nas ancas do animal, e, assim, sem mais delongas, Theodore ficou pendurado no ar. Não era o primeiro enforcado que Eliza via. Pelo menos aquele castigo era rápido — quando o acusado era de outra raça, costumavam açoitá-lo antes da execução, e, mesmo que ela se afastasse, os gritos do condenado e a algazarra dos espectadores permaneciam durante semanas em seus ouvidos.

Naquele dia, quando se preparava para perguntar na taverna se

podia instalar ali o seu negócio de escrevente, teve a atenção desviada por um novo alarido. Justamente quando o público saía da luta do urso, entravam pela única rua do povoado uns carroções puxados por mulas e precedidos por um menino índio que tocava um tambor. Os veículos não eram iguais aos outros, suas lonas haviam sido pintadas, das cobertas pendiam fitas, plumas e lanternas chinesas, as mulas estavam enfeitadas como animais de circo e seus passos eram acompanhados por um insuportável tilintar de campainhas de cobre. Sentada na boleia do primeiro carroção, viajava uma mulher avantajada, de seios hiperbólicos, que se vestia de homem e levava um cachimbo de bucaneiro entre os dentes. O segundo carroção era conduzido por um sujeito enorme, que se vestia com peles de lobo, tinha a cabeça raspada, levava argolas nas orelhas e portava armas como se fosse para a guerra. Cada carroção levava outro a reboque, e era nesses que viajava o restante do grupo, ou seja, quatro jovens vestidas de brocados melancólicos e veludos já surrados, todas atirando beijos para os homens, deslumbrados. A surpresa durou apenas um momento, porque, assim que os veículos foram reconhecidos, uma salva de gritos e tiros animou a tarde. Até um pouco antes, as pombinhas maculadas haviam reinado sem concorrência feminina, mas a situação mudara com a instalação das primeiras famílias nos povoados, seguida da chegada dos pregadores, que vinham para sacudir as consciências mediante ameaças de condenação eterna. À falta de templos, eles organizavam os serviços religiosos nos mesmos *saloons* nos quais floresciam os vícios. Durante uma hora, suspendia-se a venda de bebidas alcoólicas, recolhiam-se os baralhos e viravam-se para a parede os quadros com figuras lascivas, enquanto os homens recebiam as admoestações do pastor, que condenava suas heresias e desregramentos. Observando a cena do balcão do andar superior, as prostitutas engoliam filosoficamente as reprimendas, suavizadas pela certeza de que, uma hora depois, tudo voltaria ao normal. Enquanto o negócio não esfriasse, pouco lhes importava saber quem eram os que pagavam para fornicar, embora houvesse quem as condenasse por cobrar por seu trabalho, como se o pecado não fosse deles, mas daquelas pelas quais se sentiam tentados. Assim se estabelecia uma clara fronteira entre as mulheres decentes e as de vida suspeita. Cansadas de subornar autoridades e suportar humilhações, algumas apanhavam seus baús e se mudavam para outros lugares, onde, mais cedo ou mais tarde, o ciclo se repetia. A ideia de um serviço itinerante oferecia a vantagem de evitar o cerco das esposas e dos religiosos, além de abrir os horizontes, de levá-las aos lugares mais afastados, onde podiam cobrar o dobro. O negócio ia bem, mas o inverno estava se aproximando, e, dentro em pouco, a neve começaria a cair, e os caminhos se tornariam intransitáveis;

portanto, aquela seria uma das últimas viagens da caravana.

Os carroções percorreram a rua e se detiveram na saída do povoado, seguidos por uma verdadeira procissão de homens, animados pelo álcool e pela luta do urso. Para lá, também se dirigiu Eliza, a fim de ver de perto a novidade. Percebeu que naquele dia ninguém recorreria às suas habilidades epistolares, e teria de encontrar outra maneira de ganhar a ceia. Aproveitando o fato de o céu estar limpo, alguns voluntários se ofereceram para tirar os arreios das mulas e desembarcar um maltratado piano, em seguida instalado no capinzal, por ordem da madame, que todos ali conheciam pelo insubstituível nome de Joe Quebra-osso. Em minutos, limparam o terreno, instalaram mesas e, como por encanto, apareceram garrafas de rum e pilhas de postais com mulheres nuas. E também duas caixas de livros em edições baratas, anunciados como “romances de alcova, com as cenas mais quentes da França”. Foram vendidos a dez dólares o exemplar, ou seja, a preço de banana, pois, com aquele material, cada um podia excitar-se quantas vezes quisesse, e ainda emprestá-lo aos amigos; eram muito mais rentáveis do que uma mulher de verdade, explicava a Quebra-osso, e, para provar, leu um parágrafo, que o público escutou em silêncio sepulcral, como se ouvisse uma revelação profética. Um coro de risos e piadas acolheu o final da leitura e, em poucos minutos, não havia mais nem um livro sequer nas caixas. Nesse meio-tempo a noite descera, e tiveram de acender tochas para iluminar a festa. A madame anunciou o preço exorbitante do rum, mas acrescentou que dançar com as garotas custaria apenas o equivalente a um quarto de garrafa. Existe alguém que saiba tocar esse maldito piano?, perguntou ela. Eliza, cujas tripas roncavam, avançou sem pensar duas vezes e se sentou diante do desafinado instrumento, invocando a proteção de Miss Rose. Não tinha bom ouvido e fazia dez meses que parara de tocar, mas logo vieram em seu auxílio os anos de aprendizagem com as costas especadas pela varinha metálica e as palmadas do professor belga. Atacou uma das canções picarescas que Miss Rose e o capitão Sommers costumavam cantar juntos nos bons tempos das tertúlias musicais, antes que o destino lhe desse uma rasteira e seu mundo virasse de cabeça para baixo. Viu, com assombro, sua execução horrível ser bem recebida pelo público. Passado pouco mais de um minuto, apareceu um rústico violino para acompanhá-la, o baile animou-se e os homens arrebataram as quatro mulheres para dançar aos pulos na pista improvisada. O ogro vestido de peles tirou o chapéu de Eliza e o pôs sobre o piano, com um gesto tão resolutivo que ninguém se atreveu a ignorá-lo, e logo sua copa foi se enchendo de gorjetas.

Um dos carroções era usado para todos os serviços, funcionando ainda como dormitório da madame e de seu filho adotivo, o menino

que tocava tambor; no segundo, as outras mulheres viajavam com um pouco de desconforto, e os dois reboques eram usados como alcovas de serviço. Forrados com tecidos coloridos, cada um deles continha uma cama com os pés se prolongando em colunas, dossel, mosquitoireiro, um espelho de moldura dourada, jogo de lavatório e uma bacia de louça, tapetes persas desbotados e meio roídos pelas traças, mas ainda vistosos, e lâmpadas de azeite para clarear o cenário. Essa decoração teatral animava os clientes, dissimulava a poeira dos caminhos e o desconforto dos usuários. Enquanto duas mulheres dançavam ao som do piano, as outras cuidavam às pressas de seu negócio nos reboques. Sempre de cachimbo entre os dentes, madame usava suas mãos de fada distribuindo cartas nas mesas de jogo, cobrava adiantado o trabalho de suas pombinhas, vendia o rum e animava a festança. Eliza tocava todas as canções que guardava na memória, e, quando o repertório chegava ao fim, começava de novo pela primeira, sem que ninguém notasse a repetição, e continuou assim até seus olhos se nublarem de cansaço. Ao vê-la fraquejar, o colosso anunciou uma pausa, recolheu o dinheiro que estava no chapéu, meteu-o nos bolsos da pianista, tomou-a pelo braço e levou-a praticamente no ar ao primeiro carroção, onde lhe entregou um copo de rum. Ela rejeitou com um gesto fraco, pois beber em jejum era o mesmo que levar uma paulada na nuca; então, o colosso escavou na desordem das caixas e latas e descobriu um pão e algumas cebolas, que Eliza atacou com um tremor de quem antecipa um orgasmo. Quando acabou de devorá-los, levantou o rosto e seus olhos cruzaram com os do sujeito das peles, que a observava do alto de sua enorme estatura. Iluminava-o um sorriso de criança, o qual mostrava os dentes mais brancos e mais bem-feitos deste mundo.

— Você tem cara de mulher — disse o homem, e ela fez um gesto de enfado.

— Me chamo Elias Andieta — respondeu, levando a mão à pistola, como se estivesse disposta a defender à bala seu nome de macho.

— Eu sou Babalu Mau.

— Existe um Babalu Bom?

— Existia.

— De onde és, rapaz? E o que aconteceu?

— Do Chile. Ando à procura de meu irmão. Por acaso não ouviu falar de um tal Joaquín Andieta?

— Não ouvi falar de ninguém. Mas, se seu irmão tiver os colhões no lugar, mais cedo ou mais tarde virá nos visitar. Todo mundo conhece as garotas de Joe Quebra-osso.

Negócios

O capitão John Sommers ancorou o *Fortuna* na Baía de San Francisco, longe da praia o bastante para que nenhum herói tivesse a audácia de lançar-se à água e nadar até a costa. Tinha advertido a tripulação de que as correntes e a água fria matavam em vinte minutos, isso quando os tubarões não se encarregavam de fazer o trabalho. Era a sua segunda viagem transportando gelo, e agora se sentia mais seguro. Antes de entrar pelo estreito canal do Golden Gate, mandou abrir vários tonéis de rum e dividiu-os generosamente entre os marinheiros; quando eles se embriagaram, sacou duas pistolas e os obrigou a se deitarem de bruços. O imediato colocou-lhes cadeias nos pés e os acorrentou ao cepo, para surpresa dos passageiros embarcados em Valparaíso, que observavam a cena da coberta principal, sem saber o que realmente estava acontecendo. Enquanto isso, no cais, os irmãos Rodríguez de Santa Cruz despachavam uma flotilha de botes para desembarcar os passageiros e transportar a preciosa carga do vapor. A tripulação seria libertada para manobrar o sistema de amarras da embarcação na hora do regresso, depois de receber mais bebida e uma gratificação em autênticas moedas de ouro e prata, equivalente ao dobro de seus salários. Isso não compensava o fato de não poderem se embrenhar naquela terra em busca das minas, como quase todos haviam planejado, mas pelo menos servia de consolo. O mesmo método fora empregado na primeira viagem, com excelentes resultados; o capitão jactava-se de comandar um dos poucos navios que não tinham sido abandonados enquanto durou a loucura do ouro. Ninguém se atrevia a desafiar aquele pirata inglês, filho de uma cadela e de Francis Drake, como o chamavam, pois não havia dúvida de que era capaz de descarregar suas pistolas no peito de quem quer que o desafiasse.

No cais de San Francisco, empilhavam-se os produtos que Paulina tinha mandado de Valparaíso: ovos e queijos frescos, verduras e frutas do verão chileno, manteiga, sidra, peixes e mariscos, embutidos da melhor qualidade, carne bovina, além de uma grande quantidade de

aves recheadas, temperadas e prontas para serem cozinhadas. Paulina havia encomendado às freiras pastéis coloniais de doce de leite e tortas de mil-folhas, e ainda os cozidos mais populares da cozinha crioula, que haviam cruzado o oceano guardados nas câmaras congeladas de neve azulada. O primeiro carregamento foi arrebatado em menos de três dias, com um lucro tão assombroso que os irmãos deixaram de lado seus outros negócios para concentrar-se no prodígio do gelo. Os blocos de gelo derretiam-se lentamente durante a viagem, mas ainda restavam muitos e, na volta, o capitão pensava em vendê-los a preço de usurário no Panamá. Foi impossível manter segredo sobre o êxito arrasador da primeira viagem, e a notícia de que havia uns chilenos navegando com pedaços de gelo de um glacier no porão correu como um rastilho de pólvora. Logo se formaram empresas para fazer o mesmo com os *icebergs* do Alasca, mas foi impossível recrutar tripulantes e encontrar produtos frescos capazes de competir com os do Chile e, assim, Paulina pôde continuar sem concorrência com seu lucrativo negócio, ao mesmo tempo que tratava de comprar um segundo vapor, a fim de ampliar a empresa.

Também as caixas de livros eróticos do capitão Sommers foram vendidas num piscar de olhos, mas esse negócio realizou-se à sombra do manto da discrição e sem passar pelas mãos dos irmãos Rodríguez de Santa Cruz. O capitão tinha de evitar, a todo custo, que se fizesse ouvir o coro das vozes virtuosas, como havia ocorrido em outras cidades, nas quais a censura os confiscara por imoralidade e os reduzira a cinzas em fogueiras acesas no meio das praças. Na Europa, aqueles livros circulavam clandestinamente em edições de luxo, entre solteirões e colecionadores, mas os maiores lucros vinham das edições destinadas ao consumo popular. Eram impressos na Inglaterra, onde os vendedores os ofereciam às escondidas por alguns centavos o exemplar, mas, na Califórnia, o capitão conseguira vendê-los por cinco vezes o que valiam. Diante do entusiasmo por aquele tipo de literatura, ocorreu-lhe a ideia de acrescentar ilustrações ao texto, já que a maioria dos mineiros mal conseguia ler os títulos de um jornal. As novas edições já estavam em impressão na Inglaterra, com desenhos vulgares, mas explícitos, os únicos que afinal interessavam.

Naquela mesma tarde, John Sommers, instalado no salão do melhor hotel de San Francisco, ceava com os irmãos Rodríguez de Santa Cruz, que, apenas algumas semanas antes, haviam recuperado sua aparência de cavalheiros. Nada restava dos hirsutos cavernícolas que meses antes andavam à procura de ouro. A fortuna estava ali mesmo, nas límpidas transações que podiam fazer nas fofas poltronas do hotel, um copo de uísque na mão, como pessoas civilizadas, e não como caipiras, diziam. Aos cinco mineiros que vieram com eles em fins de 1848, haviam se acrescentado oitenta lavradores, gente humilde e submissa,

que nada entendia de minas, mas que aprendia rápido, acatava ordens e não se revoltava. Os irmãos mantinham aqueles homens trabalhando nas ribeiras do rio Americano, sob as vistas de capatazes leais, enquanto eles se dedicavam ao transporte e ao comércio. Compraram duas embarcações para fazer o percurso entre San Francisco e Sacramento, e duzentas mulas para levar mercadorias às áreas de mineração, onde eram vendidas diretamente, sem a intermediação dos donos de mercearias. O escravo fugitivo, que antes trabalhava como guarda-costas, revelou-se um ás no trato com os números e agora cuidava da contabilidade, e também estava ali, vestido como um grão-senhor, com um copo e um charuto na mão, apesar dos resmungos dos gringos, que não toleravam sua cor, mas não havia alternativa senão negociar com ele.

— Sua senhora manda dizer que na próxima viagem do *Fortuna* virá com as crianças, a criada e o cão. Diz que comece a pensar onde instalá-los, pois não pretende morar em um hotel — comunicou o capitão a Feliciano Rodríguez de Santa Cruz.

— Que ideia mais despropositada! A corrida ao ouro pode acabar de repente, e esta cidade voltará a ser o vilarejo que era dois anos atrás. Já existem sinais de que o mineral está diminuindo, acabaram-se as descobertas de pepitas do tamanho de um morro. E quem se importará com a Califórnia no dia em que isso terminar?

— Quando vim pela primeira vez, isto aqui parecia um acampamento de refugiados, mas que se transformou numa coisa que já pode ser chamada de cidade. Com franqueza, não acredito que desapareça com um sopro; San Francisco é a porta do Oeste pelo Pacífico.

— É isso que Paulina diz na carta.

— Segue o conselho de tua mulher, Feliciano. Ela já provou que tem olho de lince — interrompeu o irmão.

— Além disso, não há nada no mundo que possa detê-la. Na próxima viagem, ela virá comigo. Não nos esqueçamos de que é a dona do *Fortuna* — sorriu o capitão.

Serviram ostras frescas do Pacífico, um dos poucos luxos gastronômicos de San Francisco, tortas recheadas com amêndoas e peras confeitadas, justamente as peras exportadas por Paulina, que o hotel comprara sem perda de tempo. O vinho também era procedente do Chile; o champanha, da França. Ao se espalhar a notícia de que os chilenos haviam chegado com o gelo, todos os restaurantes e hotéis da cidade ficaram abarrotados de clientes ansiosos por saborear as delícias frescas antes que se esgotassem. Estavam acendendo os charutos para acompanhar o café e o conhaque quando John Sommers recebeu no ombro uma palmada que, por pouco, não fez a xícara cair de sua mão. Olhou para cima e se viu frente a frente com Jacob Todd,

a quem vira pela última vez, mais de três anos antes, quando o desembarcara na Inglaterra, pobre e humilhado. Era a última pessoa que esperava encontrar ali, e demorou um instante até reconhecê-lo, pois o falso missionário de anos atrás agora parecia a caricatura de um ianque. Tinha perdido peso e cabelo, duas longas suíças desciam-lhe pelo rosto, usava um terno xadrez pequeno demais para seu tamanho, botas de pele de cobra e um incongruente chapéu da Virgínia, sem falar nos lápis, cadernetas e recortes de jornais que extravasavam dos quatro bolsos de seu casaco. Abraçaram-se como velhos camaradas. Fazia cinco meses que Jacob Todd estava em San Francisco e escrevia reportagens sobre a corrida do ouro, publicadas regularmente não apenas na Inglaterra, mas também em Boston e Nova York. Chegara até ali graças à intervenção generosa de Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, que não havia guardado em saco rasgado a gratidão pelo serviço que o inglês lhe prestara. Como bom chileno, jamais esquecia um favor — nem uma ofensa — e, ao saber de suas dificuldades na Inglaterra, lhe mandara dinheiro, passagem e uma nota explicando que a Califórnia era o lugar mais longe a que se podia ir, antes de começar a volta pelo outro lado. Em 1845, Jacob Todd havia desembarcado do navio do capitão John Sommers com a saúde renovada e cheio de energia, disposto a esquecer o vergonhoso incidente de Valparaíso e dedicar-se de corpo e alma a implantar em seu país a comunidade utópica com a qual tanto havia sonhado. Seu grosso caderno, amarelado pelo uso e pela salinidade do mar, estava repleto de anotações. Até o menor detalhe acerca da comunidade fora estudado e planejado, estava certo de que muitos jovens — os velhos não lhe interessavam — abandonariam suas vidas cansativas para se unir à irmandade de homens e mulheres livres, em um sistema de absoluta igualdade, sem autoridade, polícia ou religiões. Os potenciais candidatos à experiência mostraram-se muito mais pobres de entendimento do que esperava, mas, ao fim de alguns meses, contava com dois ou três indivíduos dispostos a fazer aquela tentativa. Faltava apenas um mecenas para financiar o dispendioso projeto, que requeria um terreno amplo, pois a comunidade pretendia viver afastada das aberrações do mundo e teria de produzir para satisfazer todas as suas necessidades. Todd estava em conversação com um lorde de miolo meio mole, dono de uma imensa propriedade na Irlanda, quando de repente chegou a Londres a história do escândalo de Valparaíso, que o perseguia como um cão farejador, sem lhe dar tréguas. E, assim, também na Inglaterra, as portas se fecharam para ele, os amigos sumiram, os discípulos e o nobre repudiaram-no, e seu sonho utópico foi pelo ralo. Mais uma vez, Jacob tentou encontrar consolo no álcool e, de novo, afundou no atoleiro das más recordações. Vivia como um rato, em uma pensão de quinta categoria, quando chegou a mensagem

salvadora do amigo. Não pensou duas vezes. Trocou de nome e embarcou para os Estados Unidos, disposto a iniciar um novo e brilhante destino. Seu único propósito era enterrar a vergonha e viver no anonimato até que surgisse a oportunidade de reavivar seu idílico projeto. O primordial seria obter um emprego; sua pensão havia diminuído, e os gloriosos tempos do ócio estavam terminando. Chegando a Nova York, apresentou-se a dois jornais a fim de oferecer seus serviços como correspondente na Califórnia, e em seguida viajou para o Oeste pelo Istmo do Panamá, pois lhe faltou coragem para fazê-lo pelo Estreito de Magalhães e pôr de novo os pés em Valparaíso, onde a vergonha o esperava intacta e a formosa Miss Rose voltaria a ouvir seu nome enodado. Na Califórnia, seu amigo Feliciano Rodríguez de Santa Cruz ajudou-o a instalar-se e a conseguir um emprego no diário mais antigo de San Francisco. Jacob Todd, agora transformado em Jacob Freemont, começou a trabalhar pela primeira vez na vida, e descobriu, pasmo, que gostava daquilo. Percorria a região escrevendo sobre qualquer assunto que lhe chamasse a atenção, incluindo os massacres de índios, os imigrantes provenientes de todos os lugares do planeta, a desenfreada especulação dos comerciantes, a rápida justiça dos mineiros e o vício generalizado. Uma de suas reportagens quase lhe custou a vida. Descreveu com eufemismos, mas sem perder a clareza, a maneira como alguns aventureiros operavam com dados viciados, cartas marcadas, bebidas adulteradas, drogas, prostituição e a prática de levar as mulheres a beber até ficarem inconscientes, para vender por um dólar, a quantos homens quisessem participar da brincadeira, o direito de violá-las. “Tudo isso sob o amparo das mesmas autoridades que deveriam combater tais vícios”, escreveu na conclusão da reportagem. Caíram-lhe em cima os gângsteres, o chefe de polícia e os políticos; teve de sumir por uns dois meses, até os ânimos esfriarem. Apesar dos tropeços, seus artigos apareciam regularmente, e ele estava se tornando uma voz respeitada. Tal como lhe dissera seu amigo John Sommers: buscando o anonimato, estava encontrando a celebridade.

Para fechar a cena, Jacob Freemont convidou os amigos à função do dia: uma chinesa que podia ser observada, mas não tocada. Chamava-se Ah Toy e tinha viajado em um veleiro com o marido, um comerciante de idade provecta, que teve o bom gosto de morrer em alto-mar e deixá-la livre. Ela não perdeu tempo com choros de viúva e, para alegrar o restante da travessia, tornou-se amante do capitão, que se mostrou um homem generoso. Ao descer em San Francisco, rica e pomposa, percebeu os olhares de lascívia que a seguiam, e teve a brilhante ideia de cobrar por eles. Alugou dois quartos, abriu pequenos furos na parede divisória e, por uma onça de ouro, vendia o privilégio de ser olhada. Bem-humorados, os amigos seguiram Jacob

Freemont, e, mediante alguns dólares de suborno, puderam furar a fila e ser os primeiros. Foram levados a um cômodo estreito, saturado de fumaça de charutos, onde se apinhava uma dúzia de homens de nariz colado à parede. Olhando pelos furos estreitos e sentindo-se ridículos como colegiais, vira do outro lado da divisória, uma bela jovem, vestida com um quimono de seda aberto de ambos os lados da cintura até os pés. Por baixo do quimono, a moça estava nua. Os espectadores rugiam diante de cada um dos lânguidos movimentos que revelavam parte de seu delicado corpo. John Sommers e os irmãos Rodríguez de Santa Cruz dobravam-se de rir, sem acreditar que a necessidade de mulher pudesse ser tão deprimente. Separaram-se ali, e o capitão e o jornalista foram tomar o último drinque. Depois de ouvir o relato das viagens e aventuras de Jacob, o capitão decidiu confiar nele.

— Lembra-se de Eliza, a menina que vivia com meus irmãos em Valparaíso?

— Perfeitamente.

— Fugiu de casa há quase um ano e tenho boas razões para acreditar que está na Califórnia. Tentei encontrá-la, mas ninguém ouviu falar dela ou de alguém que corresponda à sua descrição.

— A únicas mulheres que vieram para cá são as prostitutas.

— Não sei como, mas o fato é que veio. O único dado é que partiu em busca do namorado, um jovem chileno de nome Joaquín Andieta...

— Joaquín Andieta! Conheço-o, foi meu amigo no Chile.

— É um fugitivo da justiça. Acusam-no de roubo.

— Não acredito. Andieta era um jovem muito nobre. Tinha muito orgulho e honradez, e por isso era difícil aproximar-se dele. E você vem me dizer que Eliza e ele estão apaixonados?

— Sei apenas que ele embarcou para a Califórnia em dezembro de 1848. Dois meses mais tarde, a menina desapareceu. Minha irmã acredita que ela veio atrás de Andieta, mas não consigo imaginar como pode ter vindo sem deixar rastro. Já que você anda pelos acampamentos e pelos povoados do norte, talvez consiga descobrir algo...

— Farei o que puder, capitão.

— Meus irmãos e eu lhe seremos eternamente gratos, Jacob.

Eliza Sommers permaneceu na caravana de Joe Quebra-osso, tocando piano e repartindo as gorjetas meio a meio com a madame. Comprou um cancionário de música americana e outro de música latina, para animar as apresentações, e, nas horas vagas, que eram muitas, ensinava o menino índio a ler, ajudava nas múltiplas tarefas do cotidiano e cozinhava. Diziam os integrantes da companhia: jamais haviam comido tão bem. Com a carne-seca, os feijões e o toucinho de sempre, ela preparava saborosos pratos criados pela inspiração do

momento; comprava condimentos mexicanos e, com deliciosos resultados, adicionava-os às receitas chilenas de Mama Frésia; fazia tortas sem nenhum outro ingrediente além de óleo, farinha e fruta em conserva, mas, se conseguisse ovos e leite, sua inspiração se elevava a celestiais alturas gastronômicas. Babalu não gostava de homens na cozinha, mas era o primeiro a devorar os banquetes do jovem pianista, e por isso preferiu não externar seus comentários sarcásticos. Acostumado a montar guarda durante a noite, o gigante dormia como um gato durante o dia, mas, assim que o cheiro das caçarolas chegava às suas narinas de dragão, despertava de um salto e se instalava perto da cozinha, vigiando. Sofria de um apetite insaciável, e não havia orçamento capaz de encher sua gigantesca barriga. Antes da chegada do Chileninho, como chamavam o falso Elias Andieta, sua dieta básica consistia em animais que conseguia caçar; abria-os pela barriga, temperava-os com um punhado de sal e os assava na brasa. Em dois dias, devorava a carne de um veado. O contato com a cozinha do pianista refinou seu paladar; agora saía diariamente à caça, escolhia as presas de carne mais delicada, e as entregava sem a pele e bem lavadas por dentro.

Nas viagens, Eliza encabeçava a caravana, o inútil rifle cruzado na sela e o menino do tambor na garupa de seu robusto quartão, que, apesar da má aparência, acabara por se revelar tão nobre quanto um alazão puro-sangue. Sentia-se tão bem com roupa masculina que às vezes se perguntava se conseguiria novamente vestir-se de mulher. De uma coisa estava certa: nunca mais usaria um espartilho, nem mesmo no dia de seu casamento com Joaquín Andieta. Quando chegavam a um rio, as mulheres aproveitavam para encher os barris de água, lavar a roupa e tomar banho; esses eram os momentos mais difíceis para ela, pois tinha de inventar pretextos cada vez mais complicados para cuidar de seu próprio asseio sem a presença de testemunhas.

Joe Quebra-osso era uma fornida holandesa da Pensilvânia, que havia encontrado seu destino na imensidade do Oeste. Tinha talento de ilusionista para dados e cartas, e trapacear no jogo era a sua paixão. Ganhava a vida jogando, até ocorrer-lhe a ideia de montar o negócio das garotas e viajar pela área do Grande Filão “à procura de ouro”, como dizia sobre sua própria maneira de praticar a mineração. Estava certa de que o jovem pianista era homossexual, e passou a tratá-lo com um carinho semelhante ao que já dedicava ao indiozinho. Não permitia que as garotas zombassem dele e que Babalu o tratasse com alcunhas: o rapaz não tinha culpa de haver nascido sem barba e com aquele jeito efeminado, assim como não era culpa sua ter nascido homem dentro de um corpo de mulher. Tratava-se, com certeza, de brincadeiras de mau gosto que Deus fazia com os homens, a fim de aborrecê-los. Por trinta dólares, havia comprado o menino de uns

guardas ianques, que haviam exterminado o restante da tribo. Naquela ocasião, ele tinha três ou quatro anos de idade e não passava de um esqueleto com a barriga cheia de vermes, mas, depois de alimentá-lo à força por alguns meses e de domar suas zangas, evitando que destroçasse tudo que lhe caía nas mãos e batesse com a cabeça nas rodas dos carroções, o pequeno indígena cresceu um palmo e começou a revelar sua verdadeira natureza de guerreiro: era estoico, hermético e paciente. Deu-lhe o nome de Tom Sem-Tribo, para que nunca esquecesse o dever da vingança. “O nome é inseparável do ser”, diziam os índios, e Joe acreditava tanto neles que havia escolhido para si mesma o nome de Quebra-osso.

As pombas maculadas da caravana eram duas irmãs oriundas do Missouri, que fizeram a longa viagem por terra e, pelo caminho, haviam perdido suas famílias; Esther, uma jovem de dezoito anos, fugira do pai, um fanático religioso que a espancava; e a outra, uma bela mexicana, filha de pai gringo e mãe índia, que passava por branca e havia aprendido quatro frases em francês para enganar os tolos, pois, segundo a crença popular, as francesas eram as melhores no ofício. Naquela sociedade de aventureiros e bandidos, também havia uma aristocracia racial; os brancos aceitavam as mestiças cor de canela, mas desprezavam qualquer mistura com o negro. As quatro mulheres eram gratas à sorte que lhes permitira encontrar Joe Quebra-osso. Esther era a única sem experiência prévia; as outras haviam trabalhado em San Francisco e conheciam aquele tipo de vida. Não tinham servido em salões de alta categoria, sabiam quanto pesava um tapa, conheciam as doenças, as drogas e a maldade dos cafetões, tinham contraído inúmeras infecções, ingerido remédios brutais e, de tanto praticarem abortos, haviam se tornado estéreis, o que, longe de ser lamentado, era por elas considerado uma bênção. Joe as resgatara daquele mundo de humilhações e as levava para bem longe. Depois impusera-lhes um longo martírio de abstinência para livrá-las da dependência do ópio e do álcool. As mulheres retribuíram com uma lealdade de filhas, porque, além do que havia feito por elas, Joe as tratava com justiça e não as roubava. A assustadora presença de Babalu desencorajava clientes violentos e bêbados odiosos, todos comiam bem e os carroções itinerantes lhes pareciam favorecer a saúde e a boa disposição. Sentiam-se livres naquelas vastidões de planícies e florestas. Nada era fácil ou romântico em suas vidas, mas haviam economizado um pouco de dinheiro e, se quisessem, podiam ir embora, mas não o faziam porque aquele pequeno grupo humano era o que tinham de mais parecido com uma família.

As garotas de Joe Quebra-osso também estavam convencidas de que o jovem Elias Andieta, com seu corpo mirrado e sua voz aflautada, era um maricas. Isso lhes dava tranquilidade para tirar a

roupa, lavar-se e falar de qualquer assunto em sua presença, como se ele fosse uma delas. Aceita com tal naturalidade, Eliza às vezes esquecia seu papel masculino, embora Babalu se encarregasse de lembrar-lhe. Tinha assumido a tarefa de converter aquele pusilânime em um varão, e o observava de perto, disposto a corrigi-lo quando se sentasse com as pernas juntas ou sacudisse o cabelo com um gesto nada viril. Ensinou-o a limpar e lubrificar as armas, mas perdeu a paciência quando tentou melhorar a sua pontaria: cada vez que apertava o gatilho, seu aluno fechava os olhos. Não se impressionava com a Bíblia de Elias Andieta; pelo contrário, suspeitava de que ele a usava para justificar suas bobagens e perguntava a si próprio se o rapaz não pensava em tornar-se um maldito pregador, por que raios lia aquelas sandices, melhor seria que se dedicasse aos livros pornográficos, para ver se, com eles, lhe vinham à cabeça algumas ideias de macho. Mal conseguia assinar o nome e lia com grande dificuldade, mas nem ameaçado de morte admitia ser analfabeto. Dizia que a vista estava fraca e por isso não enxergava bem as letras, embora pudesse acertar um tiro na cabeça de uma lebre a cem metros de distância. Costumava pedir ao Chileninho que lesse para ele, em voz alta, os jornais atrasados e os livros eróticos da Quebra-osso, não tanto pelas passagens sujas, mas pelas românticas, que sempre o comoviam. Os livros tratavam sempre dos amores inflamados entre um membro da nobreza europeia e uma plebeia, ou às vezes o inverso: uma dama aristocrática que perdia a cabeça por causa de um homem comum, mas honesto e orgulhoso. Naqueles relatos, as mulheres eram sempre belas, e os galãs, incansáveis em seu ardor. O pano de fundo era uma sequência de bacanais, mas, ao contrário das noveletas pornográficas, que se vendiam por ali a dez centavos, estas tinham um argumento. Eliza lia em voz alta sem manifestar surpresa, como se estivesse de volta dos piores vícios, enquanto, ao seu redor, Babalu e três das quatro pombinhas escutavam, perplexos, a narrativa. Esther não tomava parte daquelas leituras, porque lhe parecia pecado maior descrever aqueles atos do que cometê-los. As orelhas de Eliza ficavam em fogo, mas a leitora se sentia obrigada a reconhecer a inesperada elegância na maneira como aquelas porcarias eram escritas: algumas frases lembravam-lhe o impecável estilo de Miss Rose. Joe Quebra-osso, que não tinha o mínimo interesse por qualquer uma das formas de paixão carnal, desprezava tais leituras e cuidava pessoalmente para que nem uma única palavra daqueles relatos fosse ferir os ouvidos inocentes de Tom Sem-Tribo. Estou criando esse menino para que ele venha a ser um chefe índio, não para ser cafetão de putas, dizia, e, em seu afã de fazer dele um macho, não permitia que o garotinho a tratasse por avó.

— Porra, eu não sou avó de ninguém! Eu sou a Quebra-osso,

entendeu, seu danado?

— Sim, vovó.

Babalu Mau, um ex-presidiário de Chicago, havia atravessado o continente a pé, muito antes do início da corrida do ouro. Falava várias línguas indígenas e havia feito de tudo para ganhar a vida, desde apresentar-se como fenômeno de um circo ambulante, onde costumava levantar um cavalo acima da cabeça e arrastar com os dentes uma carroça carregada de areia, até trabalhar como estivador no porto de San Francisco. Ali fora descoberto pela Quebra-osso e ganhara aquele emprego na caravana. Podia fazer o trabalho de vários homens e, com ele ao lado, ninguém necessitava de outra proteção. Juntos, podiam espantar qualquer bando de arruaceiros, por mais numerosos que fossem, como já demonstrara em mais de uma ocasião.

— Ou você é forte ou eles desmontam você, Chileninho — aconselhava Babalu a Eliza. — Não pense que eu sempre fui do jeito que está me vendo agora. Antes eu era como você, mofino e meio bobo, mas então comecei a levantar pesos, e olhe para meus músculos. Agora ninguém mais se atreve a me enfrentar.

— Babalu, você tem mais de dois metros de altura e pesa tanto quanto uma vaca. Eu nunca poderei ser como você!

— Tamanho não importa, homem. O que importa são os colhões. Sempre fui grande, mas, mesmo assim, riam de mim.

— Quem ria de você?

— Todo mundo, até minha mãe, que descanse em paz! Agora vou lhe contar uma coisa que ninguém sabe...

— Mesmo?

— Você se lembra de Babalu Bom?... Pois ele era eu, antes. Mas faz vinte anos que sou Babalu Mau, e daí para cá as coisas melhoraram muito para mim.

Pombinhas maculadas

Em dezembro, o inverno desceu subitamente sobre as encostas da serra e milhares de mineiros tiveram de abandonar seus bens na mudança para os povoados, onde esperariam a primavera. A neve cobriu com um piedoso manto o vasto espaço esburacado por aquelas ambiciosas formigas, e o ouro que ainda restava tornou a descansar no silêncio da natureza. Joe Quebra-osso levou sua caravana para uma das pequenas povoações recém-nascidas ao longo do Grande Filão, onde alugou um galpão para passar o inverno. Vendeu as mulas, comprou uma grande bateia de madeira para ter onde tomar banho, uma cozinha, duas estufas, algumas roupas de tecido ordinário e botas russas para o seu pessoal, tipo de calçado que a chuva e o frio tornavam indispensável. Pôs todos para raspar a sujeira do galpão e fazer cortinas para separar os aposentos, instalou as camas com baldaquim, os espelhos dourados e o piano. Em seguida fez visitas de cortesia às tavernas, à mercearia e à oficina do ferreiro, centros de atividade social. Impresso em um velho prelo que a duras penas atravessara o continente, circulava no lugar uma espécie de jornal noticioso de apenas uma folha, do qual se valeu Quebra-osso para anunciar discretamente o seu negócio. Além das moças, oferecia garrafas do que dizia ser o melhor rum de Cuba e da Jamaica, embora, na verdade, se tratasse de uma beberagem de canibais, capaz de mudar o rumo da alma, livros “quentes” e duas mesas de jogo. Os fregueses apareceram imediatamente. Havia outro bordel, mas as novidades são sempre bem-vindas. A dona do outro estabelecimento declarou uma dissimulada guerra de calúnias contra as rivais, mas teve o cuidado de não enfrentar abertamente a formidável dupla formada por Quebra-osso e Babalu Mau. No galpão brincava-se atrás das cortinas, dançava-se ao som do piano e se apostavam somas consideráveis sob os olhos da patroa, que, embaixo daquele teto, não tolerava disputas nem permitia trapaiças além das suas. Eliza viu homens perderem, ao cabo de duas noites, tudo o que tinham conseguido ganhar em meses de esforço titânico, e em seguida caírem

em prantos no peito das mulheres que haviam ajudado a tosquiá-los.

Não tardou para que Joe conquistasse a afeição dos mineiros. Apesar de sua aparência de corsário, a mulher possuía um coração de mãe, posto à prova pelas circunstâncias daquele inverno. Desencadeou-se um violento surto de disenteria, que derrubou metade da população e chegou a matar várias pessoas. Mal acabava de saber que em uma cabana distante alguém se encontrava entre a vida e a morte, Joe pedia emprestado um par de cavalos ao ferreiro e ia com Babalu socorrer o desgraçado. Às vezes eram acompanhados pelo próprio ferreiro, um quacre robusto que desaprovava o negócio da virago, mas que estava sempre disposto a ajudar o próximo. Joe alimentava o enfermo, dava-lhe banho, lavava-lhe a roupa e o consolava lendo cem vezes as cartas de sua família distante, enquanto Babalu e o ferreiro limpavam a neve, traziam a água e cortavam a lenha, empilhando-a junto à estufa. Se o homem estivesse muito mal, Joe o envolvia em cobertores, atravessava-o na sela de seu cavalo como se fosse um saco e o levava para sua própria casa, onde seria tratado pelas mulheres com vocação de enfermeira, contentes com a oportunidade de se sentir virtuosas. Não podiam fazer mais senão obrigar os pacientes a beber litros de chá açucarado, para que não acabassem completamente desidratados, mantê-los limpos, aquecidos e repousados, com a esperança de que a diarreia não lhes esvaziasse a alma, e a febre não lhes cozinhasse o cérebro. Alguns morriam, e o restante levava semanas para voltar ao normal. Joe era a única mulher que se atrevia a desafiar o inverno e abrir caminho até as cabanas mais isoladas, onde, com frequência, encontrou corpos convertidos em estátuas de cristal. Nem todos eram vítimas da doença; às vezes alguns davam um tiro na boca, por não suportarem mais a dor nas tripas, a solidão e o delírio. Em duas ocasiões, Joe teve de suspender seu negócio, pois o piso do galpão estava coberto de esteiras e suas pombinhas não tinham mãos para tratar de todos os doentes. O xerife do povoado tremia de medo quando ela aparecia com seu cachimbo holandês entre os dentes, pedindo ajuda com sua exigente voz de profeta. Ninguém conseguia dizer não. Os mesmos homens que, com suas tropelias, tinham feito a má fama do povoado punham-se mansamente a seu serviço. Não contavam com nada semelhante a um hospital, o único médico estava sobrecarregado, e ela assumia com naturalidade a tarefa de mobilizar recursos para enfrentar a emergência. Os afortunados cuja vida ela salvava transformavam-se em seus devotos devedores, e foi assim que ela teceu, no decorrer daquele inverno, a rede de contatos que iria sustentá-la durante o incêndio.

O ferreiro chamava-se James Morton e era um exemplar raro de homem bom. Sentia verdadeiro amor pela humanidade, sem excluir

seus inimigos ideológicos, que ele considerava errados por causa da ignorância, e não por intrínseca maldade. Incapaz de vileza, não podia imaginá-la no seu semelhante, preferindo acreditar que a perversidade alheia era um desvio de caráter a ser remediado com a luz da piedade e do afeto. Vinha de uma longa estirpe de quacres do Ohio, onde havia colaborado com seus irmãos em uma corrente clandestina de solidariedade aos escravos fugitivos, a fim de levá-los aos estados livres e ao Canadá. Suas atividades despertaram a fúria dos escravistas, e certa noite uma turba atacou e tocou fogo na fazenda, enquanto a família observava paralisada, pois, sendo fiéis à sua fé, não podiam empunhar armas contra seus semelhantes. Os Morton tiveram de abandonar sua terra e se dispersaram, porém se mantiveram em contato estreito, porque pertenciam à rede humanitária dos abolicionistas. Para James, procurar ouro não parecia um meio honroso de ganhar a vida, porque era uma atividade em que não se produzia nada, nem se prestava nenhum serviço. A riqueza, ele afirmava, avilta a alma, complica a existência e gera infelicidade. Sem esquecer que o ouro era um metal maleável, inadequado para a fabricação de ferramentas, não conseguia entender o fascínio que exercia sobre as outras pessoas. Alto, forte, barba cerrada da cor de avelã, olhos azul-celeste e grossos braços marcados por incontáveis queimaduras, ele parecia a encarnação do deus Vulcano, iluminado pelo esplendor de sua forja. No povoado havia apenas três quacres. Pessoas dedicadas ao trabalho e à família, sempre contentes com a sorte, os únicos que não juravam, eram abstêmios e evitavam os bordéis. Reuniam-se regularmente a fim de praticar discretamente sua fé, pregando mediante o exemplo, enquanto esperavam com paciência a chegada de um grupo de amigos que viria do Leste, a fim de aumentar a comunidade. Morton ia ao galpão da Quebra-osso a fim de ajudar as vítimas da epidemia, e ali conheceu Esther. Visitava-a e pagava pelo serviço completo, mas tudo que fazia era sentar-se ao seu lado para conversar. Não conseguia entender que ela houvesse escolhido aquele tipo de vida.

— Entre as surras de meu pai e isto aqui, prefiro a vida que levo agora.

— Por que ele batia em você?

— Me acusava de provocar luxúria e incitar ao pecado. Achava que Adão ainda estaria no Paraíso se Eva não o tivesse tentado. Talvez estivesse com razão; basta ver como é que eu tenho de ganhar a vida...

— Há outras profissões, Esther.

— Esta não é de todo ruim, James. Fecho os olhos e não penso em nada. São apenas alguns minutos, passam rápido.

Apesar das vicissitudes de sua profissão, a jovem mantinha o viço de seus vinte anos, e havia certo encanto em sua maneira discreta e

silenciosa de se comportar, bem diferente da conduta de suas companheiras. Não era nada coquete, tinha o corpo roliço, um rosto de placidez bovina e mãos firmes de camponesa. Em comparação com as outras pombinhas, parecia a menos graciosa, mas, em sua pele, havia luz, e em seu olhar, suavidade. O ferreiro não soube quando começou a sonhar com ela, a vê-la nas fagulhas da forja, na luz do metal incandescente e no céu sem nuvens, mas chegou um momento em que não pôde mais continuar ignorando aquela matéria acolchoada que lhe envolvia o coração e ameaçava sufocá-lo. Para ele, não havia desgraça maior do que apaixonar-se por uma mulher da vida, e não teria como justificar esse fato aos olhos de Deus e de sua comunidade. Certo de que suar seria o melhor meio de vencer aquela tentação, trancava-se na oficina e trabalhava como um louco. Às vezes, suas marteladas ferozes eram ouvidas pela madrugada adentro.

Assim que teve um endereço fixo, Eliza escreveu a Tao Chi'en, aos cuidados do restaurante chinês de Sacramento, dando-lhe seu novo nome de Elias Andieta e pedindo-lhe conselho para combater a disenteria, pois o único remédio que conhecia para evitar o contágio era atar um pedaço de carne crua no umbigo, como fazia Mama Frésia no Chile, mas não estava produzindo os efeitos esperados. Sentia dolorosamente a falta dele; às vezes amanhecia abraçada a Tom Sem-Tribo, imaginando, na confusão da meia vigília, que o menino era Tao Chi'en, mas o menino cheirava a fumaça, e isso a trazia de volta à realidade. Ninguém mais tinha aquela fragrância de mar. A distância que os separava era pequena em termos de quilômetros, mas a inclemência do clima tornava o caminho difícil e perigoso. Pensou em acompanhar o carteiro e, desse modo, continuar a busca por Joaquín Andieta, como havia feito anteriormente, mas a espera de uma oportunidade apropriada ia consumindo semanas. Não era apenas o inverno que atrapalhava seus planos. A tensão entre ianques e chilenos, na parte sul do Grande Filão, acabara de resultar numa explosão. Fartos da presença de estrangeiros, os gringos reuniram-se a fim de expulsá-los, mas os outros resistiram, primeiro com as armas, em seguida recorrendo a um juiz, que reconheceu seus direitos. Mas, em vez de intimidar os agressores, a ordem do juiz serviu para enfurecê-los, e alguns chilenos terminaram enforcados ou atirados de um despenhadeiro, e os sobreviventes tiveram de fugir. A resposta foi a formação de vários bandos de assaltantes, como muitos mexicanos já haviam feito. Eliza percebeu que não podia arriscar-se, porque bastava disfarçar-se de homem e, ainda por cima, de latino, para ser acusada de qualquer crime que inventassem.

No final de janeiro de 1850, caiu uma das piores nevadas já vistas naquela região. Ninguém se atrevia a sair de casa, o povoado parecia morto e, durante mais de dez dias, nenhum cliente apareceu no

galpão. O frio era muito grande, a água das bacias amanhecia congelada, embora as estufas permanecessem acesas, e houve noites em que tiveram de levar para dentro o cavalo de Eliza, a fim de salvá-lo da sorte de outros animais, que terminavam a noite presos no interior de blocos de gelo. As mulheres dormiam em duplas, e Eliza dividia a cama com o menino, pelo qual sentia agora um carinho ciumento e feroz, que ele devolvia com astuciosa perseverança. No tocante ao afeto do menino, a única pessoa da companhia em condições de competir com Eliza era a Quebra-osso. “Um dia vou ter um filho forte e valente como Tom Sem-Tribo, mas muito mais alegre do que ele. Essa criança jamais ri”, contava ela nas cartas a Tao Chi'en. Babalu Mau não sabia dormir durante a noite e passava as longas horas de obscuridade passeando de um extremo a outro do galpão, com suas botas russas, suas peles sovadas e um cobertor em cima dos ombros. Deixou de raspar a cabeça e passou a enfeitá-lo com uma pele de lobo igual à da jaqueta. Esther teceu-lhe um gorro de lã amarelo-claro, que lhe cobria a cabeça até as orelhas e dava ao gigante a aparência de bebê monstruoso. Naquela madrugada foi Babalu quem ouviu uns leves toques na porta e teve sensibilidade bastante para distingui-los dos ruídos do temporal. Entreabriu a porta com a pistola na mão e viu uma pessoa caída na neve. Alarmado, chamou Joe e, cuidando para que o vento não rebentasse as dobradiças da porta, conseguiram arrastá-la para dentro. Era um homem quase congelado.

Não foi fácil reanimar o visitante. Enquanto Babalu o friccionava e tentava fazê-lo beber um pouco de aguardente, Joe acordou as mulheres, elas reanimaram o fogo das estufas e esquentaram água para encher a banheira, onde o mergulharam, até que aos poucos ele foi se reanimando, perdeu a cor azulada e pôde articular algumas palavras. O gelo lhe havia queimado o nariz, os pés e as mãos. Era um camponês do estado mexicano de Sonora, que, como outros milhares de compatriotas, viera para as minas da Califórnia, disse o homem. Chamava-se Jack, nome de gringo que certamente não era o seu, mas as pessoas da casa também não usavam seus nomes verdadeiros. Nas horas seguintes, o homem esteve várias vezes às portas da morte, mas, quando parecia que nada mais podia ser feito, ele voltava do outro mundo e bebia uns goles de aguardente. Por volta das oito horas, quando o temporal amainou, Joe ordenou a Babalu que fosse buscar o médico. Ao ouvir essa palavra, o mexicano, que permanecia imóvel e respirava mal como um peixe fora da água, abriu os olhos e disse um estrepitoso não, assustando a todos. Ninguém devia saber que estava ali, exigiu com uma ferocidade que não se atreveram a contrariar. Não foram necessárias muitas explicações: era evidente que o homem tinha problemas com a justiça, e aquele povoado, com sua força na praça,

era o último lugar do mundo no qual um fugitivo gostaria de procurar abrigo. Só a crueldade do temporal o obrigara a aproximar-se do galpão. Eliza não disse uma palavra, mas, para ela, a reação do homem não a apanhou de surpresa: tinha cheiro de maldade.

Passados três dias, Jack havia recuperado as forças, mas perdera a ponta do nariz, e os dedos de uma das mãos começaram a ser tomados pela gangrena. Mas nem assim conseguiram convencê-lo a procurar o médico; preferia apodrecer aos poucos a terminar enforcado, dizia. Joe Quebra-osso e seu pessoal reuniram-se na outra extremidade do galpão e, aos cochichos, tomaram uma decisão: tinham de cortar os dedos dele. Todos os olhares voltaram-se para Babalu Mau.

— Eu? Nem sonhando!

— Babalu, seu filho da mãe, deixe de frescura! — exclamou Joe, furiosa.

— Faça você, Joe, eu não sirvo para isso.

— Se você pode esquartejar um veado, também pode fazer isso. O que valem dois dedos podres?

— Uma coisa é um animal, já um cristão é outra bem diferente.

— Não acredito! Esse filho da puta, com licença das moças, não é capaz de fazer um pequenino favor! Depois de tudo que fiz por você, desgraçado!

— Desculpe, Joe. Nunca fiz mal a um ser humano...

— Está falando de quê? Por acaso não é um assassino? Não esteve na prisão?

— Mas foi por roubo de gado — confessou o gigante, quase chorando de humilhação.

— Eu faço — interrompeu Eliza, pálida, mas firme.

Ficaram a olhá-la com incredulidade. Até Tom Sem-Tribo lhes parecia mais apto a realizar a operação do que o delicado Chileninho.

— Preciso de uma faca bem afiada, um martelo, água, fio e uns panos limpos.

Babalu sentou-se no chão com a cabeça entre as mãos, horrorizado, enquanto as mulheres, em respeitoso silêncio, preparavam o necessário. Eliza ia lembrando aquilo que havia aprendido com Tao Chi'en em Sacramento, quando extraíam balas e costuravam facadas. Se antes fora capaz de fazer aquilo, decidiu que agora também poderia. O mais importante, segundo seu amigo, era evitar hemorragias e infecções. Não o tinha visto amputar, mas, quando fazia curativos nos desgraçados que chegavam sem orelhas, comentava que em outras latitudes cortavam mãos e pés pelo mesmo delito. “O machado do verdugo é rápido, mas não deixa tecido para cobrir o coto do osso”, dissera-lhe Tao Chi'en. Passara-lhe as lições do Dr. Ebanizer Hobbs, que tinha prática com feridos de guerra e lhe havia ensinado como fazer amputações. Ainda bem, Eliza concluiu,

que, no caso de Jack, eram apenas dois dedos.

Enquanto Eliza aquecia a faca a fim de desinfetá-la, Quebra-osso enchia o paciente de uísque até fazê-lo perder os sentidos. Eliza mandou que sentassem Jack em uma cadeira, mergulhou a mão dele em uma pequena bacia cheia de aguardente e, em seguida, espalmou-a na mesa, com os dedos doentes separados dos demais. Murmurou uma das rezas mágicas de Mama Frésia e, quando se sentiu pronta, fez um silencioso sinal às mulheres para que segurassem o paciente. Apoiou a faca sobre os dedos apodrecidos e deu uma firme martelada na parte de cima da lâmina; os dedos separaram-se nas juntas e a lâmina ficou presa à madeira. Jack respondeu com um grito vindo do fundo de suas entranhas, mas estava tão embriagado que não notou que Esther lhe vendava os olhos e que Eliza o costurava. O suplício terminou em poucos minutos. Eliza ficou por um instante olhando para os dedos amputados, controlando a náusea, enquanto as mulheres deitavam Jack em uma das esteiras. Babalu Mau, que se mantivera o mais afastado possível do espetáculo, aproximou-se timidamente, com seu gorro de criança na mão.

— Você é um homem de verdade, Chileninho — murmurou, com admiração.

Em março, Eliza fez dezoito anos sem dizer nada aos outros, sempre à espera de que, cedo ou tarde, Joaquín Andieta aparecesse à porta, como, segundo Babalu, faria qualquer homem que vivesse dentro de um raio de cem quilômetros. Jack, o mexicano, recuperou-se em poucos dias, mas, certa noite, antes que os dedos estivessem cicatrizados, escapuliu sem se despedir de ninguém. Era um tipo sinistro, e todos se alegraram quando ele se foi. Falava pouquíssimo e estava sempre vigilante, em atitude de desafio, pronto para atacar diante da menor suspeita de que alguém o provocava. Não se mostrou grato pelos favores recebidos; ao contrário, assim que saiu da embriaguez, começou a soltar uma série de maldições e ameaças, jurando que o filho da puta que lhe havia estragado a mão iria pagar com a própria vida. Então, Babalu perdeu a paciência. Agarrou-o como se fosse um boneco, ergueu-o até emparelhá-lo consigo mesmo, cravou-lhe os olhos nos olhos e disse com a voz suave que costumava usar quando estava a ponto de explodir:

— Quem fez isso fui eu, Babalu Mau. Algum problema?

Quando a febre passou, Jack pediu às pombinhas que o aceitassem na cama, mas as garotas o repeliram em coro: não eram de dar nada de graça e ele estava de bolsos vazios, como haviam comprovado ao tirar-lhe a roupa a fim de mergulhá-lo na banheira, naquela noite em que aparecera congelado. Joe Quebra-osso deu-se ao trabalho de explicar-lhe que, se não tivessem cortado os dedos ruins, ele teria

perdido o braço ou a vida e, desse modo, devia dar graças aos céus por ter vindo cair à porta daquela casa. Eliza não permitia que Tom Sem-Tribo se aproximasse do sujeito, e ela própria só o fazia na hora de alimentá-lo e trocar os curativos, pois o cheiro de maldade a molestava como se fosse uma presença tangível. Babalu também não o suportava, e evitou dirigir-lhe a palavra até o dia em que o estranho se foi. Considerava aquelas mulheres como suas irmãs, e sentia-se frenético cada vez que Jack se insinuava com seus comentários obscenos. Nem mesmo em caso de extrema necessidade lhe ocorrera usar os serviços profissionais das companheiras, pois, para ele, isso seria o mesmo que cometer incesto; assim, quando a natureza o forçava, ia às casas das concorrentes e havia aconselhado o Chileninho a fazer o mesmo, no caso improvável de curar-se de seus maus costumes de mulherzinha.

Um dia, quando servia um prato de sopa a Jack, Eliza atreveu-se finalmente a interrogá-lo sobre Joaquín Andieta.

— Murieta? — perguntou ele, desconfiado.

— Andieta.

— Não conheço.

— Talvez os dois sejam o mesmo — sugeriu Eliza.

— O que você quer com ele?

— É meu irmão. Vim do Chile a fim de encontrá-lo.

— Como é teu irmão?

— Não muito alto, cabelos e olhos negros, pele branca, como a minha, mas não nos parecemos. É magro, musculoso, valente e apaixonado. Quando fala, todos se calam.

— Joaquín Murieta é desse jeito. Mas não é chileno, é mexicano.

— Tem certeza?

— Não tenho certeza de nada, mas, se encontrar Murieta, digo que você o procura.

Foi embora na noite seguinte e nada mais souberam a seu respeito, mas depois de duas semanas encontraram à porta do galpão uma bolsa com duas libras de café. Quando a abriu a fim de preparar o desjejum, Eliza viu que aquilo não era café, e sim ouro em pó. No entender da Quebra-osso, o ouro podia ter vindo de qualquer um dos muitos mineiros doentes de quem elas haviam cuidado naqueles últimos meses, mas o coração de Eliza lhe dizia que Jack o havia deixado ali como uma forma de pagamento. Aquele homem não queria dever favor a ninguém. No domingo, souberam que o xerife estava organizando um grupo de guardas a fim de caçar o assassino de um mineiro: fora encontrado em sua cabana, onde passava o inverno sozinho, com os olhos arrancados e nove punhaladas no peito. Não havia nem rastro de seu ouro, mas, pela brutalidade do crime, puseram a culpa nos índios. Não querendo meter-se em complicações,

Joe Quebra-osso enterrou as duas libras de ouro embaixo de um carvalho e ordenou peremptoriamente que, naquela casa, todos fechassem a boca, e nem de brincadeira mencionassem o mexicano de dedos cortados e muito menos a bolsa de café. Nos dois meses seguintes, os guardas mataram meia dúzia de índios e acabaram por esquecer o assunto, pois tinham outros problemas mais urgentes nas mãos, e quando o chefe da tribo apareceu dignamente a fim de pedir explicações, também o despacharam. Índios, chineses, negros ou mulatos não podiam testemunhar em juízo contra um branco. James Morton e outros três quacres do povoado foram os únicos que se atreveram a enfrentar a multidão disposta ao linchamento. Postaram-se desarmados em torno do condenado, recitando de memória as passagens da Bíblia que proibiam matar um semelhante, mas a turba os afastou aos empurrões.

Ninguém soube do aniversário de Eliza e, portanto, não houve comemorações, mas, de qualquer maneira, aquela noite de 15 de março foi memorável para ela e todos os demais. Os clientes tinham voltado ao galpão, as pombinhas estavam sempre ocupadas, o Chileninho espancava o piano com sincero entusiasmo e Joe fazia contas otimistas. Apesar de tudo, o inverno não fora tão mau, o pior da epidemia estava passando e não havia mais doentes nas esteiras. Naquela noite, havia uma dúzia de mineiros bebendo satisfeitos, e lá fora o vento arrancava, impaciente, os ramos dos pinheiros. Por volta das onze horas, o inferno abriu as portas. Ninguém pôde explicar como o incêndio começou, e Joe sempre suspeitou da outra madame. As fagulhas das madeiras se desprendiam como se fossem petardos e, em poucos instantes, começaram a arder as cortinas, as roupas de seda e os lençóis das camas. Todos escaparam ilesos, alguns conseguiram salvar roupas e cobertores, e Eliza voara para apanhar a preciosa caixa de flandres na qual guardava suas preciosas cartas. As chamas e a fumaça envolveram rapidamente o galpão, que, em menos de dez minutos, ardia como uma tocha, enquanto as mulheres, seminuas e ao lado de seus clientes atônitos, observavam o espetáculo com absoluta impotência. Então, Eliza se pôs a contar os presentes com os olhos, e notou, horrorizada, a ausência de Tom Sem-Tribo. O menino ficara dormindo na cama que dividia com ela. Sem saber como, arrebatou a manta que cobria os ombros de Esther, protegeu com ela a cabeça e correu, pondo abaixo com um empurrão o delgado tabique de madeira que ardia, seguida por Babalu, que tentava detê-la aos gritos, sem entender por que ela se lançava ao fogo. Encontrou o menino de pé no meio da fumaça, com os olhos espavoridos, mas perfeitamente sereno. Cobriu-o com a manta e tratou de erguê-lo nos braços, mas ele era muito pesado, e um acesso de tosse dobrou-a em dois. Caiu de joelhos, empurrando Tom a fim de que corresse para fora, mas ele não saiu de

seu lado, e os dois teriam virado cinza se Babalu não tivesse aparecido para agarrar cada um com um braço, como se fossem pacotes, e sair com eles correndo em meio aos aplausos daqueles que o esperavam lá fora.

— Menino danado! O que fazia lá dentro? — Joe repreendia o indiozinho, enquanto o abraçava, beijava-o e batia em suas costas para que respirasse.

Se o galpão não fosse isolado, metade do povoado teria ardido, diria depois o xerife, experiente em incêndios, que ocorriam com demasiada frequência por aquelas bandas. Ao ver o clarão, dirigira-se ao local com uma dúzia de voluntários encabeçados pelo ferreiro, e se puseram a combater as chamas, mas já era tarde e só haviam conseguido salvar o cavalo de Eliza, do qual ninguém se lembrara na azáfama dos primeiros minutos, e que continuava amarrado em seu telheiro, louco de terror. Naquela noite, Joe Quebra-osso perdera tudo que possuía e, pela primeira vez, viram-na fraquejar. Presenciou a destruição com o menino nos braços, sem conter as lágrimas, e, quando só restavam madeiras fumegantes, escondeu o rosto no enorme peito de Babalu, que havia chamuscado as sobrancelhas e pestanas. Diante da fraqueza da mãezona, a quem consideravam invulnerável, as quatro mulheres se puseram a chorar em coro, numa confusão de anáguas, cabeleiras despenteadas e carnes que tremiam. Mas a rede de solidariedade começou a funcionar antes mesmo que as chamas se apagassem e, em menos de uma hora, havia alojamento disponível para todas em várias casas do povoado, e um dos mineiros, a quem Joe tinha salvado da disenteria, iniciou uma coleta. O Chileninho, Babalu e o menino — os três varões da comitiva — passaram a noite na oficina do ferreiro. James Morton estendeu os colchões e os pesados cobertores ao lado da forja sempre quente, e serviu a seus hóspedes um esplêndido desjejum, preparado com esmero pela esposa do pregador, que, aos domingos, denunciava aos gritos a prática descarada do vício, como denominava a atividade dos bordéis.

— Este não é o momento para melindres; esses pobres cristãos estão tremendo de frio — disse a esposa do reverendo quando se apresentou na oficina com um cozido de coelho, uma jarra de chocolate e biscoitos de canela.

A mesma senhora percorreu o povoado pedindo roupa para as pombinhas, que continuavam vestidas apenas com suas combinações, e a resposta das outras damas foi generosa. Evitavam passar diante da casa da outra madame, mas haviam aprendido a se relacionar com Joe Quebra-osso durante a epidemia e respeitavam-na. Desse modo, as quatro mulheres da vida passaram um bom tempo vestindo-se como senhoras modestas, cobertas do pescoço aos pés, até poderem refazer

seus vistosos guarda-roupas. Na noite do incêndio, a esposa do pastor quis levar Tom Sem-Tribo para a casa deles, mas o menino grudou-se nos braços de Babalu e não houve força humana capaz de arrancá-lo de lá. O gigante havia passado horas insone, com o Chileninho encolhido em um de seus braços e o menino no outro, bastante chateado pelos olhares surpresos do ferreiro.

— Tire essa ideia da cabeça, homem. Não sou maricas — murmurou indignado, mas sem se separar de nenhum dos dois adormecidos.

A coleta dos mineiros e a bolsa de café enterrada embaixo do carvalho foram suficientes para instalar as vítimas do incêndio em uma casa tão cômoda e decente que Joe Quebra-osso chegou a pensar em desfazer sua companhia itinerante e estabelecer-se naquele lugar. Enquanto outros povoados desapareciam assim que os mineiros se mudavam para novos garimpos, aquele crescia, afirmava-se, e seus habitantes pensavam em rebatizá-lo com um nome mais digno. Quando o inverno terminasse, novas ondas de aventureiros voltariam a galgar as encostas das serras e, para isso, a outra madame já fazia seus preparativos. Joe Quebra-osso contava com apenas três mulheres, pois era evidente que o ferreiro pensava em arrebatá-lhe Esther, mas isso se resolveria mais tarde. Ganhara certa consideração com suas obras caridosas e não desejava perdê-la: pela primeira vez em sua agitada existência, sentia-se aceita em uma comunidade. Aquilo era muito mais do que tivera entre os holandeses da Pensilvânia, e a ideia de deitar raízes até que era condizente com a sua idade. Ao saber de tais planos, Eliza decidiu que, se Joaquín Andieta — ou Murieta — não aparecesse no decorrer da primavera, teria de despedir-se dos amigos e recomeçar a busca.

Desilusões

No final do outono, Tao Chi'en recebeu a última carta de Eliza, que havia passado de mão em mão durante vários meses, seguindo seu rastro até San Francisco. Em abril tinha saído de Sacramento. Naquela cidade, o inverno eternizava-se, e Tao Chi'en sustinha-se apenas das cartas de Eliza, que chegavam esporadicamente, da esperança de que o espírito de Lin permanecesse nele e da amizade com o outro *zhong yi*. Havia adquirido livros de medicina ocidental e assumira, encantado, a tarefa de traduzi-los, linha a linha, para seu amigo, absorvendo assim, simultaneamente, aqueles conhecimentos tão diferentes dos seus. Soubera, desse modo, que no Ocidente pouco se sabia acerca das plantas fundamentais, da prevenção de enfermidades ou do *qi*; a energia do corpo não era mencionada naqueles textos, mas, em compensação, os ocidentais estavam bem mais avançados em outras áreas. Passava dias inteiros na companhia do amigo, comparando e discutindo, mas o estudo não bastava para consolá-lo; pesavam-lhe muito o isolamento e a solidão, por isso abandonou seu casebre de tábuas e seu jardim de plantas medicinais e mudou-se para um hotel de chineses, onde pelo menos ouvia sua língua e comia o que gostava. Embora seus clientes fossem muito pobres e, com frequência, tivesse de atendê-los de graça, havia economizado algum dinheiro. Caso Eliza regressasse, poderiam instalar-se em uma boa casa, pensava, mas, enquanto estivesse sozinho, o hotel lhe bastaria. O outro *zhong yi* tinha planos de mandar trazer da China uma jovem esposa e instalar-se definitivamente nos Estados Unidos, pois, apesar de sua condição de estrangeiro, ali podia ter uma vida melhor do que em seu país. Tao Chi'en o advertiu contra a ilusão dos *lírios dourados*, especialmente na América, onde se caminhava muito e onde os *fan güey* zombariam de uma jovem com pés de boneca. “Peça ao agente que lhe traga uma esposa saudável e sorridente, o resto não importa”, aconselhou, pensando na breve passagem de sua inesquecível Lin por este mundo, e como teria sido feliz se ela tivesse pés e pulmões tão fortes quanto os de Eliza. Sua mulher andava perdida, não sabia

localizá-lo naquela terra estranha. Invocava-a em suas horas de meditação e nos poemas que escrevia, mas Lin não voltou a aparecer, nem mesmo em seus sonhos. Estivera com Lin, pela última vez, na despensa do navio, quando ela o visitara, com seu vestido de seda verde e flores de peônias nos cabelos, a fim de pedir-lhe que salvasse Eliza, mas essa ocorrência tinha sido pela altura da costa peruana e, desde então, haviam passado tanta água, tanta terra, tanto tempo, e era por isso, decerto, que Lin vagava, confusa. Imaginava seu doce espírito a procurá-lo naquele vasto e desconhecido continente, sem poder localizá-lo. Por sugestão do *zhong yi*, mandou pintar um retrato dela, encarregando dessa tarefa um artista recém-chegado de Xangai, um verdadeiro gênio da tatuagem e do desenho, que seguiu suas instruções precisas, mas o resultado não fazia jus à transparente beleza de Lin. Tao Chi'en usou o quadro para erguer um pequeno altar, diante do qual se sentava para chamá-la. Não entendia por que a solidão, que, antes, considerava uma bênção e um luxo, agora lhe parecia intolerável. O pior inconveniente de seus anos de marinheiro havia sido a falta de um espaço privado para a quietude ou o silêncio, mas, agora que o tinha, desejava companhia. Contudo, a ideia de encomendar uma noiva lhe parecia um disparate. Os espíritos de seus antepassados lhe haviam proporcionado uma esposa perfeita, mas, por trás dessa aparente boa sorte, havia uma maldição oculta. Conhecera o amor correspondido, e nunca mais voltariam para ele os tempos da inocência, quando lhe parecia suficiente que a mulher tivesse os pés pequenos e um caráter bondoso. Acreditava-se condenado a viver da lembrança de Lin, pois nenhuma outra poderia ocupar dignamente o lugar dela. Não queria uma criada nem uma concubina. Também não se sentia atraído pela necessidade de ter filhos que honrassem seu nome e cuidassem de sua sepultura. Tentou explicar isso ao amigo, mas enredou-se na linguagem, pois em seu vocabulário não havia palavras para exprimir tamanho tormento. A mulher é uma criatura útil para o trabalho, a maternidade e o prazer, mas nenhum homem culto pretenderia fazer dela sua companheira, o amigo lhe dissera, na única ocasião em que lhe confiara seus sentimentos. Na China, bastava olhar ao redor para entender semelhante raciocínio, mas na América as relações entre marido e mulher pareciam diferentes. De saída, ninguém tinha concubinas, muito menos abertamente. As poucas famílias de *fan guey* que Tao Chi'en havia conhecido naquela terra de homens solitários tinham-lhe parecido impenetráveis. Não podia imaginar como funcionavam na intimidade, pois os maridos consideravam suas mulheres como iguais. Era um mistério que pretendia explorar, como tantos outros daquele extraordinário país.

As primeiras cartas de Eliza chegaram afinal ao restaurante e, como a comunidade chinesa conhecia Tao Chi'en, não tardaram a ser

entregues ao destinatário. Aquelas cartas longas, carregadas de detalhes, eram sua melhor companhia. Lembrava-se de Eliza, surpreendendo-se com a saudade que sentia dela, pois nunca havia pensado que a amizade com uma mulher fosse possível, e menos ainda ela pertencendo a outra cultura. Tinha-a visto quase sempre com roupas masculinas, mas agora ela lhe passava a impressão de ser totalmente feminina, e parecia-lhe estranho que os outros aceitassem sua aparência sem fazer perguntas a ela. “Os homens não olham para os homens, e as mulheres pensam que eu sou um menino efeminado”, escrevera ela em uma de suas cartas. Para ele, a mudança era a garota vestida de branco de quem havia tirado o espartilho em uma cabana de pescadores em Valparaíso, a enferma que se entregara sem reserva aos seus cuidados na despensa do navio, o corpo quente colado ao seu nas noites geladas sob um teto de lona, a voz alegre cantarolando enquanto cozinhava e o rosto de expressão grave quando o ajudava a curar os feridos. Já não pensava mais como uma adolescente, mas como uma mulher, apesar de seus ossinhos de nada e seu rosto infantil. Pensava em quanto ela mudara ao cortar o cabelo, e se arrependia de não ter guardado sua trança, ideia que lhe ocorrera na ocasião, mas havia descartado como uma forma meio risível de sentimentalismo. Poderia tê-la agora nas mãos quando quisesse invocar a presença daquela amiga singular. Em seus exercícios de meditação, jamais deixava de enviar-lhe energia protetora, destinada a ajudá-la a sobreviver às mil mortes e desgraças possíveis, que procurava não pôr em palavras, pois sabia que quem se compraz em pensar no mal acaba por convocá-lo. Às vezes sonhava com ela e amanhecia suando; então tirava a sorte com os palitos do I Ching a fim de ver o invisível. Em suas mensagens ambíguas, Eliza aparecia sempre em marcha para a montanha, e isso o tranquilizava um pouco.

Em setembro de 1850, teve de participar de uma ruidosa festa patriótica, quando a Califórnia se transformou em um novo Estado da União. Agora, a nação americana abarcava todo o continente, do Atlântico ao Pacífico. A essa altura, a febre do ouro começava a se transformar em uma imensa desilusão coletiva, e Tao via massas de mineiros debilitados e pobres, esperando a vez de embarcar de volta às suas terras. Os jornais calculavam em mais de noventa mil o número dos que retornavam. Os marinheiros já não desertavam mais; pelo contrário, não havia navios o bastante para todos os que voltavam. De cada cinco mineiros, um havia morrido, afogado em alguma torrente, vitimado por alguma doença ou então pelo frio; muitos haviam morrido assassinados, outros se haviam suicidado com um tiro na cabeça. Contudo, ainda chegavam estrangeiros, embarcados com meses de antecedência, mas o ouro já não estava mais ao alcance de qualquer homem que se aventurasse

audaciosamente com uma bateia, uma pá e um par de botas, pois o tempo dos heróis solitários estava terminando e, em seu lugar, instalavam-se poderosas companhias, equipadas com máquinas capazes de destruir montanhas com grandes jorros de água. Os mineiros trabalhavam como assalariados e eram os empresários que enriqueciam, tão ávidos pela fortuna da noite para o dia quanto os aventureiros de 49, porém muito mais espertos, como aquele judeu de nome Levy, que fabricava calças de pano grosso com costura dupla e arremates metálicos, uniforme obrigatório dos trabalhadores. Enquanto muitos iam embora, os chineses continuavam a chegar, como formigas silenciosas. De vez em quando, Tao Chi'en traduzia jornais editados em inglês para seu amigo, o *zhong yi*, que gostava especialmente dos artigos de um tal de Jacob Freemont, pois coincidiam com suas próprias opiniões:

“Milhares de argonautas regressam às suas casas derrotados, pois não conseguiram o Velocino de Ouro, e sua Odisseia converteu-se em tragédia, mas muitos outros, embora pobres, ficam, porque já não poderiam mais viver em outro lugar. Dois anos nesta terra bela e selvagem bastam para transformar os homens. Os perigos, a aventura, a saúde e a força vital que a Califórnia proporciona não existem em nenhum outro lugar. O ouro cumpriu a sua função: atraiu os homens que estão conquistando este território para convertê-lo na Terra Prometida. Isso é irreversível...”, escrevia Freemont.

Para Tao Chi'en, no entanto, ali se vivia em um paraíso de ambiciosos, de gente materialista e impaciente, cuja obsessão era enriquecer o mais depressa possível. Não havia alimento para o espírito e, em troca, prosperavam a violência e a ignorância. Estava convencido de que desses males derivavam todos os demais. Tinha visto muito em seus vinte e sete anos de vida e não se considerava um falso moralista, mas estava chocado com a dissolução dos costumes e a impunidade do crime. Um lugar assim, afirmava Tao Chi'en, estava destinado a sucumbir no lamaçal de seus próprios vícios. Havia perdido a esperança de encontrar na América a paz pela qual ansiava; definitivamente, aquele não era o lugar certo para alguém que aspirasse à sabedoria. Então, por que o atraía tanto? Devia evitar que aquela terra o embrutecesse, como acontecia a todos os que nela pisavam; pretendia regressar a Hong Kong ou visitar seu amigo Ebanizer Hobbs na Inglaterra, a fim de estudarem e praticarem juntos. Nos anos transcorridos desde que fora sequestrado a bordo do *Liberty*, escrevera várias cartas ao médico inglês, mas, como andava navegando, durante muito tempo não obteve resposta, até que, afinal, em fevereiro de 1849, em Valparaíso, o capitão John Sommers recebeu uma carta sua e a entregou. Contava-lhe o amigo que se dedicava à cirurgia em Londres, embora sua verdadeira vocação

fossem as doenças mentais, um novo campo, que mal começava a despertar a curiosidade científica.

Em *Dai Fao*, a “cidade grande”, como os chineses chamavam San Francisco, planejava trabalhar durante algum tempo e, em seguida, embarcar para a China, caso Ebanizer Hobbs não respondesse logo à sua última carta. Sentiu-se assombrado ao ver como San Francisco havia mudado em pouco mais de um ano. Em vez do ruidoso acampamento de casebres e barracas que havia conhecido, foi recebido por uma cidade com ruas bem-traçadas e edifícios de vários andares, organizada e próspera, novas casas se erguendo por todos os lados. Três meses antes, um monstruoso incêndio havia destruído vários quarteirões, muitos edifícios carbonizados ainda podiam ser vistos, mas, mal as brasas esfriaram, todos já estavam de martelo na mão, reconstruindo. Havia hotéis de luxo com varandas, cassinos, bares e restaurantes, carruagens elegantes e uma multidão cosmopolita, malvestida e mal-encarada, na qual sobressaíam os chapéus-coco de uns poucos dândis. O resto eram sujeitos barbudos e empoeirados, com ares de trapaceiros, mas ali ninguém era o que aparentava ser — o estivador do cais podia ser um aristocrata latino-americano, e o cocheiro, um advogado de Nova York. Um minuto de conversa com qualquer um daqueles tipos medonhos às vezes bastava para se descobrir nele um homem educado e fino, que, ao menor pretexto, tirava do bolso uma amarfanhada carta de mulher para mostrá-la com lágrimas nos olhos. Mas o inverso também acontecia: às vezes o janota brilhante escondia um patife embaixo do terno de fino corte. Não viu escolas em seu passeio pelo centro, mas viu meninos que se vestiam como adultos lavando alicerces, transportando tijolos, conduzindo mulas e engraxando botas, mas que, assim que soprava o vento do mar, corriam para empinar suas pipas. Mais tarde, veio a saber que muitos eram órfãos e vagavam pelas ruas em bandos, furtando comida para sobreviver. As mulheres eram raras e, quando alguma pisava, elegante, na rua, o tráfego parava para deixá-la passar. Ao sopé do morro Telegraph, onde havia um semáforo com bandeiras para assinalar a procedência dos navios que entravam na baía, estendia-se um bairro composto de várias quadras, no qual não faltavam mulheres: era a zona vermelha, controlada por rufiões da Austrália, Tasmânia e Nova Zelândia. Tao Chi'en ouvira falar deles e sabia que aquele não era lugar onde um chinês pudesse aventurar-se sozinho depois do anoitecer. Observando as barracas, constatou que o comércio oferecia os mesmos produtos que tinha visto em Londres. Tudo chegava pelo mar, inclusive um carregamento de gatos para dar combate à rataria, os quais foram vendidos um a um como artigos de luxo. A floresta de mastros das embarcações abandonadas na baía estava reduzida a um décimo, pois muitas haviam sido afundadas a

fim de possibilitar a criação de aterros e estavam cobertas pelas construções, ou se haviam transformado em hotéis, mercearias, prisões e até mesmo em asilo para loucos, onde iam morrer os infelizes que se perdiam nos irremediáveis delírios do álcool. A mata fazia muita falta, porque, antes, os lunáticos eram simplesmente amarrados aos troncos das árvores.

Tao Chi'en dirigiu-se ao bairro chinês e comprovou que os rumores estavam certos: seus compatriotas haviam construído uma cidade inteira no coração de San Francisco, na qual se falavam mandarim e cantonês, as placas estavam escritas em chinês e apenas chineses ocupavam todos os lugares: a ilusão de se encontrar no Celeste Império era perfeita. Instalou-se em um hotel decente e se dispôs a retomar a sua profissão de médico, pelo tempo necessário para juntar um pouco mais de dinheiro, já que teria uma longa viagem pela frente. Contudo, algo iria derrubar seus planos e retê-lo na cidade. “Meu carma não era encontrar a paz em um mosteiro nas montanhas, como às vezes sonhei, e sim lutar em uma guerra sem trégua e sem fim”, concluiu muitos anos mais tarde, quando pôde olhar seu passado e ver com clareza os caminhos percorridos e os que ainda faltava percorrer. Meses depois receberia a última carta de Eliza em um envelope passado por muitas mãos.

Paulina Rodríguez de Santa Cruz desceu do *Fortuna* como uma imperatriz, cercada por seu séquito e uma bagagem de noventa e três baús. A terceira viagem com o gelo fora um verdadeiro tormento para o capitão John Sommers, a tripulação e o restante dos passageiros. Paulina anunciou a todo mundo que o navio era dela e, para prová-lo, contrariava o capitão e dava ordens arbitrárias aos marinheiros. Nem sequer tiveram o alívio de vê-la enjoar, pois seu estômago de elefanta resistira à travessia sem maiores consequências do que um simples aumento de apetite. Seus filhos costumavam perder-se nos recantos do navio, embora as amas não tirassem os olhos de cima deles, e, quando isso acontecia, os alarmes eram acionados a bordo e tinham de parar o navio, pois a mãe desesperada gritava que eles haviam caído na água. O capitão procurava explicar-lhe, com grande delicadeza, que, se esse fosse o caso, teria de resignar-se, pois o Pacífico já os teria engolido, mas, mesmo assim, ela mandava descer os botes de salvamento. Ao cabo de algumas horas de “tragédia”, as crianças reapareciam e a viagem prosseguia. Em troca, seu insuportável cachorro fraldiqueiro escorregou um dia e caiu no oceano diante de várias testemunhas, que permaneceram mudas. No cais de San Francisco, Paulina era esperada pelo marido e pelo cunhado, com uma fila de carruagens e carroças destinadas a transportar a família e os baús. A nova residência construída para ela, uma elegante casa vitoriana, havia chegado em

caixas da Inglaterra, com as peças numeradas e um plano para armá-la; também foram importados o papel de parede, móveis, harpa, piano, candelabros e até figuras de porcelana e quadros bucólicos para a decoração. Paulina não gostou. Comparada à sua mansão de mármore no Chile, aquilo parecia uma casinha de bonecas, que ameaçava desmoronar cada vez que se apoiava na parede, mas, no momento, não tinha alternativa. Bastou-lhe um olhar à cidade efervescente para perceber as suas possibilidades.

— Vamos nos instalar aqui, Feliciano. Os primeiros a chegar se tornam aristocratas, com o correr dos anos.

— Isso, você já é no Chile, mulher.

— Eu sim, mas não você. Acredite, esta será a cidade mais importante do Pacífico.

— Formada por canalhas e putas!

— Exatamente. São os que mais anseiam por respeitabilidade. Não haverá ninguém mais respeitável do que a família Cross. Pena que os gringos não consigam pronunciar teu verdadeiro nome. Cross é nome de fabricante de queijos. Mas, afinal, a gente não pode ter tudo...

O capitão John Sommers dirigiu-se ao melhor restaurante da cidade, disposto a comer e a beber do melhor, a fim de esquecer as cinco semanas em companhia daquela mulher. Trazia vários caixotes cheios de novos livros eróticos. O êxito dos anteriores fora estupendo, e esperava que a irmã, Rose, recuperasse o ânimo para escrever. Com o desaparecimento de Eliza, havia mergulhado na tristeza e não voltara a pegar na pena. Ele também mudara de humor. Estou envelhecendo, porra, costumava dizer quando se surpreendia perdido em nostalgias inúteis. Não tivera tempo de gozar da companhia daquela filha, de levá-la para a Inglaterra, como havia planejado; também não chegara a dizer que era seu pai. Estava farto de enganos e mistérios. Aquele negócio dos livros era mais um de seus mistérios familiares. Quinze anos antes, quando sua irmã lhe havia confessado que, às escondidas de Jeremy, escrevia histórias impudicas a fim de não morrer de tédio, ele tivera a ideia de publicá-las em Londres, onde o mercado do erotismo prosperava, juntamente com a prostituição e os clubes de flagelantes, à medida que se impunha a rígida moral vitoriana. Em uma província remota do Chile, sentada diante de uma elegante escrivaninha de madeira vermelha, sem outra fonte de inspiração além das lembranças mil vezes ampliadas e buriladas de um amor único, sua irmã escrevia um romance atrás do outro, assinados por “Uma Dama Anônima”. Ninguém poderia acreditar que aquelas ardentes histórias, algumas com um toque evocativo do marquês de Sade, já clássicas no gênero, fossem escritas por uma jovem. A ele, cabia a tarefa de encaminhar os manuscritos ao editor, vigiar as contas, cobrar os rendimentos e depositá-los, em nome da

irmã, na conta de um banco de Londres. Era a sua maneira de pagar-lhe o imenso favor de ter recolhido sua filha e fechar a boca. Eliza... não podia lembrar-se da mãe da menina, embora fosse claro que herdara seus traços físicos, herdando dele apenas o ímpeto para a aventura. Onde estaria? E com quem? Rose insistia no fato de que ela havia partido para a Califórnia à procura de um amante, mas, quanto mais o tempo corria, menos acreditava nessa história. Seu amigo Jacob Todd — agora Freemont —, que havia feito da busca de Eliza uma verdadeira missão pessoal, assegurava que ela jamais pisara em San Francisco.

Freemont encontrou-se com o capitão em um jantar e, em seguida, o convidou para um espetáculo frívolo, em uma casa de diversão situada em uma zona perigosa. Contou-lhe que Ah Toy, a chinesa que os dois tinham visto meses atrás pelos furos abertos em uma parede, agora era dona de uma cadeia de bordéis e de um “salão”, onde estavam em oferta as melhores garotas orientais, algumas com não mais de onze anos, treinadas para satisfazer todos os caprichos, mas não era para lá que iriam, e sim ver as dançarinas de um harém turco, disse o jornalista. Pouco depois, lá estavam eles, fumando e bebendo, em um edifício de dois andares, guarnecido com mesas de mármore, estátuas de bronze polido e telas em que ninfas eram perseguidas por faunos. Mulheres de várias raças atendiam a clientela, servindo bebida e controlando as mesas de jogo, sob o olhar vigilante de rufiões armados e vestidos com notório mau gosto. Nas duas laterais do salão principal, em recintos privados, apostava-se alto. Ali se reuniam os leões do jogo, dispostos a arriscar somas fabulosas em uma noite: políticos, juízes, comerciantes, advogados e criminosos, todos nivelados pelo mesmo vício. O espetáculo oriental foi um fiasco para o capitão, que tinha visto a autêntica dança do ventre em Istambul, e percebeu que aquelas pobres moças certamente pertenciam à última leva de prostitutas chegadas de Chicago. Composto principalmente de mineiros rústicos e incapazes de situar a Turquia em um mapa, o público enlouquecia de entusiasmo diante daquelas odaliscas, cobertas apenas por alguns cordões de contas. Entediado, o capitão dirigiu-se a uma das mesas de jogo, onde uma das mulheres repartia as cartas com incrível destreza para uma partida de monte. Outra mulher aproximou-se dele, tomou-o pelo braço e soprou um convite em seu ouvido. Voltou-se para vê-la. Era uma sul-americana rechonchuda e vulgar, mas com uma expressão de genuína alegria. Ia rejeitá-la, porque planejava passar o resto da noite em um dos salões mais caros da cidade, visitado em todas as suas anteriores passagens por San Francisco, quando seus olhos caíram sobre o decote da moça. Entre os seios, ela ostentava um broche de ouro com turquesas.

— De onde tirou isso? — gritou o capitão, agarrando-a pelos

ombros.

— É meu! Comprei! — balbuciou ela, aterrorizada.

— Onde? — continuou a sacudi-la, até chamar a atenção de um dos leões de chácara da casa.

— Está acontecendo alguma coisa, *mister*? — perguntou o homem, ameaçadoramente.

O capitão fez um sinal de que queria a mulher e a levou, praticamente suspensa no ar, para um dos cubículos do segundo piso. Fechou a porta e, com uma só bofetada na cara, derrubou-a de costas em cima da cama.

— Vai me dizer de onde tirou esse broche, ou então farei todos os seus dentes voarem da boca, está claro?

— Não roubei o broche, senhor, juro! Me deram!

— Quem deu?

— Não acreditará se eu disser...

— Quem?

— Uma moça, faz tempo, em um navio...

E Azucena Placeres não teve outro jeito senão contar àquele energúmeno que o broche lhe fora dado por um cozinheiro chinês, em troca de sua ajuda a uma pobre mocinha que estava morrendo, por causa de um aborto, no porão de um navio, no meio do Oceano Pacífico. À medida que falava, a fúria do capitão ia se transformando em horror.

— O que aconteceu com ela? — perguntou John Sommers, a cabeça entre as mãos, arrasado.

— Não sei, senhor.

— Por tudo o que você mais preza, me diga o que foi feito dela — suplicou o capitão, atirando em sua saia um maço de notas.

— Quem é o senhor?

— Sou o pai dela.

— Morreu esvaída em sangue e atiramos o corpo ao mar, senhor. Juro, esta é a verdade — replicou Azucena Placeres sem vacilar, pensando que, se a jovem infeliz havia atravessado meio mundo escondida em um buraco, como uma ratazana, seria uma imperdoável canalhice de sua parte soltar o pai em seus calcanhares.

Eliza passou o verão no povoado, e, entre uma coisa e outra, os dias foram se escoando. Primeiro, foi Babalu Mau, quem teve um ataque de disenteria, trazendo de volta o pânico, pois já se julgava a doença sob controle. Fazia meses que não havia casos a lamentar, exceto o falecimento de um menino de dois anos, a primeira criança que nascia e morria naquele lugar de passagem para estrangeiros e aventureiros. Aquele menininho deu um selo de autenticidade ao povoado; não era mais um acampamento alucinado, tendo uma força como o único dado

que lhe permitia figurar nos mapas, mas contava agora com um cemitério cristão e mais a pequena sepultura de alguém cuja vida havia transcorrido ali. Enquanto o galpão funcionou como hospital, salvaram-se milagrosamente da peste, porque Joe não acreditava em contágio. Para ela, tudo era uma questão de sorte: o mundo está sempre lotado de pestes, uns são apanhados por elas, outros não. Por isso mesmo, não tomava precauções, dava-se ao luxo de ignorar as mais simples advertências do médico, e era resmungando que às vezes fervia a água de beber. Mudando-se para uma casa recém-construída e bem-feita, todos se sentiram seguros; se não tinham adoecido antes, não seria agora que cairiam de cama. Poucos dias depois de Babalu, foi a vez da Quebra-osso, das moças de Missouri e da bela mexicana. Sucumbiram a uma diarreia repugnante, calores de quem se sentia numa frigideira e tremores incontrolláveis, que, no caso de Babalu, sacudiam a própria casa. Foi assim que James Morton, em roupa domingueira, apareceu a fim de pedir formalmente a mão de Esther.

— Ah, meu filho, você não podia ter escolhido momento pior — suspirou a Quebra-osso. Mas estava doente demais para se opor, e acabou finalmente por dar seu consentimento entre gemidos de dor.

Esther distribuiu seus pertences entre as companheiras, pois nada queria levar para sua vida nova, e casou-se naquele mesmo dia, sem grandes formalidades, com a presença de Eliza e Tom Sem-Tribo, os únicos na companhia que não estavam doentes. Uma dupla fila de antigos clientes formou-se de ambos os lados da rua quando o casal passou, gritando vivas e disparando tiros para o ar. Instalou-se na oficina do ferreiro, disposta a transformá-la em um lar e a esquecer o passado, mas valia-se de vários pretextos para visitar Joe diariamente, levando comida quente e roupa limpa para os enfermos. Assim, recaiu sobre Eliza e Tom Sem-Tribo a árdua tarefa de cuidar dos outros moradores da casa. O médico do povoado, um jovem da Filadélfia, que vinha advertindo, fazia meses, para a contaminação da água pelos despejos dos garimpeiros rio acima, sem que ninguém lhe desse ouvidos, declarou a casa de Joe em quarentena. As finanças foram pelo ralo, e só não passaram fome graças a Esther e às ofertas anônimas que apareciam misteriosamente à porta: um saco de feijão, alguns quilos de açúcar, tabaco, bolsinhas de ouro em pó, alguns dólares de prata. Para ajudar os amigos, Eliza recorreu àquilo que havia aprendido na infância com Mama Frésia e com Tao em Sacramento, até que cada um se recuperasse, mesmo que durante algum tempo a fraqueza ainda os fizesse vacilar e tropeçar. Babalu Mau foi, de todos, o que mais sofreu, pois seu corpanzil de ciclope não estava acostumado à doença, emagreceu e as carnes ficaram tão flácidas que até suas tatuagens perderam a forma.

Naqueles dias, saiu no jornal do povoado uma notícia sobre um

bandido chileno — ou mexicano, não se sabia ao certo —, chamado Joaquín Murieta, já então mais ou menos famoso no extenso território que se formava ao longo do Grande Filão. A violência imperava na região aurífera. Desiludidos ao perceber que a riqueza repentina, como um milagre de mentira, só coubera a uns poucos, os americanos acusavam os estrangeiros de ambiciosos e de enriquecer sem contribuir para a prosperidade do país. O álcool os atiçava e a impunidade para aplicar castigos a seu bel-prazer lhes dava uma sensação irracional de poder. Jamais um ianque era condenado por ter cometido algum crime contra pessoas de outras raças, e, pior ainda, um réu branco podia escolher seus próprios jurados. A hostilidade racial converteu-se em ódio cego. Os mexicanos não admitiam a perda de seu território na guerra nem aceitavam ser expulsos de suas fazendas ou das minas. Os chineses suportavam, calados, os abusos, não iam embora e continuavam a explorar o ouro com lucros de pulga, mas com uma tenacidade tão infinita que, mesmo de grama em grama, acabavam por acumular alguma riqueza. Milhares de chilenos e peruanos, que tinham sido os primeiros a chegar quando estourou a febre do ouro, decidiram regressar aos seus países, porque, nas condições de então, já não valia mais a pena perseguir nenhum sonho. Naquele ano de 1850, o legislativo da Califórnia aprovou um imposto sobre a mineração, feito de modo a proteger os brancos. Negros e índios não podiam ser mineiros, a menos que trabalhassem como escravos, e os forasteiros deviam pagar vinte dólares e renovar mensalmente os registros de presença, o que, na prática, era impossível. Não podiam abandonar seus garimpos para viajar à cidade durante semanas a fim de cumprir a lei, mas, se não o fizessem, o xerife ocupava a mina e a entregava a um americano. Os encarregados de aplicar as medidas eram nomeados pelo governador e descontavam seus soldos dos impostos e das multas que arrecadavam, método perfeito para estimular a corrupção. A lei só se aplicava a estrangeiros de pele escura, embora os mexicanos tivessem direito à cidadania americana, conforme dispunha o tratado que pôs fim à guerra em 1848. Entretanto, outro decreto foi, para eles, o golpe de misericórdia: a propriedade de suas fazendas, nas quais haviam vivido por várias gerações, tinha agora de ser reconhecida por um tribunal de San Francisco. O processo lavava anos, custava uma fortuna, e os juízes e oficiais de justiça eram os mesmos que se haviam apoderado das propriedades. Considerando que a justiça não os amparava, alguns se puseram à margem da lei, assumindo inteiramente o papel de malfeitores. Os que antes se contentavam com os roubos de gado agora atacavam mineiros e viajantes solitários. Alguns bandos celebrizaram-se pela crueldade, pois não apenas roubavam suas vítimas, como também se divertiam torturando-as antes de assassiná-

las. Falava-se de um bandido particularmente sanguinário, a quem se atribuía, entre outros crimes, as mortes cruéis de dois jovens americanos. Encontraram seus corpos amarrados a uma árvore, com indícios de que tinham servido de alvo para o lançamento de facas; haviam cortado a língua das vítimas, furado seus olhos e arrancado a pele antes de abandoná-los vivos, para que morressem lentamente. O criminoso era chamado Jack Três-dedos e dizia-se que era o braço direito de Joaquín Murieta.

Mas nem tudo era selvageria — as cidades desenvolviam-se, novos povoados surgiam, famílias instalavam-se, nasciam jornais, companhias de teatro e orquestras, fundavam-se bancos, construíam-se escolas e igrejas, rasgavam-se caminhos e melhoravam-se as comunicações. Havia serviço de diligências, e o correio era entregue com regularidade. As mulheres iam chegando, e começava a florescer uma sociedade capaz de sonhar com a ordem e a moral. A vida já não se resumia mais àquela catastrófica confusão de homens solitários e prostitutas do primeiro momento; procurava-se, sim, implantar a lei e restabelecer a civilização esquecida no delírio do ouro fácil. Batizaram o povoado com um nome decente, em cerimônia com banda de música e desfile, da qual participou Joe Quebra-osso, pela primeira vez vestida de mulher e cercada por toda a sua companhia. As esposas recém-chegadas torciam o nariz diante das “caras pintadas”, mas, como Joe e suas garotas haviam salvado a vida de tantos homens durante a epidemia, elas fingiam ignorar suas atividades. Em compensação, declararam uma guerra inútil contra o outro bordel, porque, no caso, a proporção era de nove homens para cada mulher. No fim do ano, James Morton deu as boas-vindas a cinco famílias de quacres, que haviam cruzado o continente em carroções puxados por juntas de bois, e não vinham atraídas pelo ouro, mas pela imensidão daquela terra virgem.

Eliza já não sabia mais que pista seguir. Joaquín Andieta se perdera na confusão daqueles tempos e, em seu lugar, começava a definir-se o perfil de um bandido com a mesma descrição física e um nome parecido, alguém que, para ela, era impossível identificar com o nobre jovem a quem amava. O autor das cartas apaixonadas, que ela conservava como seu único tesouro, não podia ser o mesmo a quem se atribuía crimes tão ferozes. Acreditava que o homem amado jamais se associaria a um desalmado como Jack Três-dedos, mas as suas certezas se desfaziam nas noites em que Joaquín lhe aparecia com mil máscaras diferentes, passando-lhe mensagens contraditórias. Acordava tremendo, apossada pelos delirantes espectros de seus pesadelos. Já não podia mais entrar e sair à vontade de seus sonhos, como, na infância, lhe havia ensinado Mama Frésia, nem decifrar visões e símbolos que ficavam rondando sua cabeça com um ruído de pedras

arrastadas pelo rio. Escrevia incansavelmente em seu diário, possuía pela esperança de que, assim, as imagens acabariam por adquirir algum significado. Relia as cartas de amor letra por letra, mas o resultado era apenas uma perplexidade ainda maior. Aquelas cartas constituíam a única prova da existência de seu amante, e aferrava-se a elas como um meio de não transtornar-se por completo. Sentia cada vez mais irresistível a tentação de submergir na apatia, como uma forma de escapar ao tormento de continuar a busca. Duvidava de tudo: dos abraços no quarto dos armários, dos meses sepultada na despensa do navio, do filho que se desfizera em sangue.

Foram muitos os problemas financeiros provocados pelo casamento de Esther com o ferreiro — fato que, por si só, privou a companhia de um quarto de seus rendimentos — e pelas semanas em que os outros estiveram prostrados pela disenteria, de modo que Joe andou a ponto de perder a casa, mas a ideia de ver suas pombinhas trabalhando para a concorrente dava-lhe ânimo para prosseguir na luta contra a adversidade. Aquelas moças haviam passado pelo inferno, e ela não teria coragem de mandá-las de volta ao tipo de vida anterior, pois, sem querer, tomara-se de amor por elas. Assim como sempre havia considerado um grave erro de Deus ver um homem metido à força em um corpo de mulher, também não conseguia entender aquela espécie de instinto maternal que lhe havia brotado quando mais inconveniente parecia. Cuidava zelosamente de Tom Sem-Tribo, mas gostava de dizer que fazia isso “com um espírito de sargento”. Nada de mimos, coisa que não estava em seu caráter; além do mais, o menino deveria tornar-se forte como seus antepassados; os carinhos só serviriam para deformar sua virilidade, advertia quando encontrava Eliza com o indiozinho nos braços, contando-lhe histórias chilenas. A nova ternura que passara a sentir pelas pombinhas resultava em um sério inconveniente, e, para cúmulo, elas haviam percebido o tal sentimento e começado a tratá-la por “mãe”. O tratamento deixava-a perturbada, e por isso o proibira, mas as garotas desobedeciam. Quebra-osso resmungava: “Droga, a nossa relação é puramente comercial. Tudo bem claro: enquanto trabalharem, terão sua parte da renda, casa, comida e proteção, mas, no dia em que adoecerem, adeus e bênção! Nada mais fácil do que encontrar outras para o lugar de vocês, o mundo está cheio de mulheres da vida.” Mas, de repente, deixava-se envolver pela ternura, o que madame nenhuma, em são juízo, podia permitir que acontecesse. “Por causa dessas meninas, você agora tem fama de boa gente”, zombava Babalu Mau. E no fundo estava certo, pois, enquanto ela gastava um tempo precioso cuidando de enfermos que nem ao menos conhecia, a outra madame do povoado não admitia que nenhum doente chegasse perto de sua casa. Joe estava cada vez

mais pobre, ao passo que a outra havia engordado, tingira o cabelo de vermelho e tinha um amante russo dez anos mais jovem, com ossos de atleta e um diamante incrustado em um dente; havia ampliado o negócio e, nos fins de semana, os mineiros faziam fila à sua porta com o dinheiro na mão e o chapéu na outra, pois mulher nenhuma, por mais que houvesse decaído, tolerava um homem de chapéu na cabeça. Em definitivo, não havia futuro para aquela profissão, Joe afirmava: a lei não as protegia, Deus as esquecera e, como futuro, só podiam vislumbrar a velhice, a pobreza e a solidão. Ocorreu-lhe então a ideia de dedicar-se a lavar roupa e fazer tortas para vender, mantendo, porém, as mesas de jogo e a venda dos livros pornográficos, mas as pombinhas não se dispunham a ganhar a vida com trabalhos tão rudes e mal remunerados.

— Esta é uma profissão de merda, meninas. Casem-se, estudem para ser professoras, façam alguma coisa para melhorar de vida e não me aporrinhem mais! — suspirava ela, possuída pela tristeza.

Também Babalu Mau estava cansado de representar seu papel de rufião e guarda-costas. Aborrecia-se com aquela vida solitária, e a Quebra-osso mudara muito, não sentia mais entusiasmo pela profissão, e, sendo assim, o que lhe havia restado? Nos momentos de desespero, fazia confidências ao Chileninho, e os dois se divertiam imaginando planos fantásticos para emancipar-se: montariam um espetáculo ambulante, pensaram em comprar um urso e ensiná-lo a lutar boxe, para ir de povoado em povoado desafiando os valentes a lutarem com a fera. Babalu andava atrás de aventura, e Eliza pensava que esse era um bom pretexto para viajar em sua companhia à procura de Joaquín Andieta. Além de cozinhar e tocar piano, havia pouco o que fazer na casa da Quebra-osso, a quem o ócio também causava mal-estar. Desejava recobrar a imensa liberdade dos caminhos, porém se deixara enredar pelo amor àquela gente, e partia-lhe o coração a ideia de se separar de Tom Sem-Tribo. O menino já lia correntemente e escrevia com facilidade, pois Eliza o havia convencido de que, quando crescesse, devia estudar para ser advogado e defender os direitos dos índios, em vez de vingar os mortos a tiros, como queria a Quebra-osso. “Como advogado, você será um guerreiro muito mais poderoso, e os gringos terão medo de você”, dizia ao garoto. Tom Sem-Tribo ainda não ria, mas, em duas ocasiões, quando se instalava ao seu lado para que ela lhe coçasse a cabeça, vira se desenhar um sorriso em seu rosto de índio enfezado.

Tao Chi'en bateu à porta da casa da Quebra-osso às três da tarde de uma quarta-feira de dezembro. Foi recebido por Tom Sem-Tribo, que o mandou esperar na sala, vazia naquele horário, enquanto ia chamar as pombinhas. Pouco depois, a bela mexicana entrou na cozinha, onde o Chileninho preparava a massa do pão, a fim de anunciar que havia um

chinês perguntando por Elias Andieta, mas Eliza não prestou atenção à outra, pois estava muito distraída com o trabalho e a lembrança de seus sonhos da noite anterior, nos quais se misturavam mesas de jogo e olhos estilhaçados.

— Estou dizendo que há um chinês esperando por você — repetiu a mexicana e, no mesmo instante, o coração de Eliza deu um coice de mula em seu peito.

— Tao! — gritou, e saiu correndo.

Mas o homem que encontrou na sala era muito diferente, de modo que levou alguns segundos antes de reconhecer nele o amigo. Não usava mais sua trança, andava com os cabelos curtos, penteados e domados a gomalina, usava óculos redondos com aros metálicos, roupa escura, casaco de três botões e calças de boca larga. Em um braço, capa e guarda-chuva; na mão, um chapéu-coco.

— Meu Deus! O que houve com você, Tao?

— Na América, como os americanos. — Ele sorriu.

Em San Francisco fora atacado por três delinquentes, e, antes que conseguisse sacar a faca da cintura, eles o haviam deixado inconsciente com um golpe na cabeça, tudo pelo gosto de divertir-se à custa de um “celestial”. Acordara caído em um beco, coberto de imundícies, com a trança enrolada no pescoço. Naquele dia resolveu usar cabelo curto e vestir-se como os *fan güey*. Sua nova figura destacava-se na multidão do bairro chinês, e havia descoberto que a roupa ocidental tornava-o mais bem aceito lá fora e abria portas de lugares que antes lhe eram vedados. Na cidade, ele era possivelmente o único chinês com aquela aparência. Os chineses consideravam a trança algo sagrado, e a decisão de cortá-la mostrava seu propósito de não voltar à China e instalar-se definitivamente na América, numa imperdoável traição ao imperador, à pátria e aos antepassados. Mas seu traje e seu penteado também causavam certa surpresa, pois indicavam que já conseguira ter acesso ao mundo dos americanos. Eliza não podia tirar os olhos de cima dele: era um desconhecido com quem teria de voltar a familiarizar-se desde o início. Tao Chi'en inclinou-se várias vezes, repetindo seu modo habitual de saudar; ela, porém, não se atreveu a resistir ao impulso de abraçá-lo, que lhe queimava a pele. Tinha dormido muitas vezes ao lado dele, mas nunca se haviam tocado sem a desculpa do sono.

— Acho que eu gostava mais quando você era chinês de alto a baixo, Tao. Agora não conheço mais você. Deixe-me cheirar seu corpo — pediu.

Tao ficou imóvel, perturbado, enquanto ela o farejava, como se fosse um cão, e ele, a presa; por fim, Eliza reconheceu a tênue fragrância de mar, o mesmo confortante cheiro do passado. O corte do cabelo e a roupa severa pareciam torná-lo mais idoso, havia perdido o

antigo ar de desleixo juvenil. Emagrecera, parecia mais alto, os pômulos marcavam seu rosto liso. Com prazer, Eliza observou-lhe a boca, recordando perfeitamente o sorriso contagiante, os dentes bem-talhados, mas não a forma voluptuosa de seus lábios. Notou uma expressão sombria em seu olhar, mas pensou que fosse efeito das lentes.

— Que bom ver você, Tao! — e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não pude vir antes, não tinha o seu endereço.

— Estou voltando a gostar de seu jeito. Agora está parecendo um agente funerário, mas muito bonito e elegante.

— Pois é a isso que agora me dedico, a sepultar — sorriu ele. — Quando soube que você vivia neste lugar, pensei que haviam-se realizado os prognósticos de Azucena Placeres. Dizia que, cedo ou tarde, você acabaria como ela.

— Expliquei numa das minhas cartas que ganho a vida tocando piano.

— Inacreditável!

— Por quê? Você nunca me viu tocando. Não toco assim tão mal. E se pude passar por um chinês surdo-mudo, também posso passar por um pianista chileno.

Tao Chi'en pôs-se a rir, e isso o surpreendeu, pois era primeira vez, em meses, que se sentia satisfeito.

— Encontrou seu namorado?

— Não. E não sei mais onde procurá-lo.

— Talvez não mereça ser encontrado. Venha comigo para San Francisco.

— Não tenho nada a fazer em San Francisco...

— E aqui? O inverno já chegou; dentro de duas semanas, os caminhos estarão intransitáveis, e esta aldeia, isolada.

— Tao, é muito aborrecido ter de passar pelo seu irmãozinho abobalhado.

— Você logo vai descobrir que há muitas coisas a fazer em San Francisco, e não terá mais de andar vestida de homem; agora a gente vê mulheres por toda parte.

— E os seus planos de voltar para a China?

— Adiados. Por enquanto, não posso ir.

Sing song girls

No verão de 1851, Jacob Freemont resolveu entrevistar Joaquín Murieta. Os bandoleiros e os incêndios eram os assuntos da moda na Califórnia, mantinham as pessoas aterrorizadas e a imprensa com muito o que fazer. O crime corria de rédeas soltas e todos sabiam da corrupção da polícia, composta, em sua maioria, por malfeitores, mais interessados em ajudar seus parceiros do que a população. Depois de outro violento incêndio, que destruiu boa parte de San Francisco, foi criado um Comitê de Vigilantes, constituído por cidadãos violentos e encabeçado pelo inefável Sam Brannan, o mórmon que em 1848 havia espalhado a notícia da descoberta do ouro. Os grupos de bombeiros corriam serra acima e serra abaixo, arrastando com cordas seus carros-pipa, mas, antes de chegar ao prédio incendiado, o vento já havia impelido as chamas para o vizinho. O incêndio começara quando os galgos australianos haviam ensopado com querosene a tenda de um comerciante que se negara a lhes pagar a taxa de proteção e em seguida atearam fogo nela. Diante da indiferença das autoridades, o Comitê decidira agir por conta própria. Os jornais clamavam: “Quantos crimes já foram cometidos nos últimos doze meses nesta cidade? E quem foi chicoteado ou enforcado por eles? Ninguém! Quantos homens foram baleados e apunhalados, atacados e espancados, e quem foi condenado por isso? Não aprovamos o linchamento, mas quem pode saber o que o público indignado fará a fim de proteger-se?”. Linchamentos foram exatamente, a solução do público. Os Vigilantes lançaram-se imediatamente ao trabalho e enforcaram o primeiro suspeito. Os membros do Comitê tornavam-se cada dia mais numerosos e agiam com frenético entusiasmo, de tal modo que, pela primeira vez, os fora da lei viram-se forçados a deixar de agir à luz do dia. Nesse clima de violência e vingança, a figura de Joaquín Murieta começava a se transformar em um símbolo. Jacob Freemont encarregava-se de atizar o fogo de sua celebridade; seus artigos sensacionalistas haviam criado um herói para os hispânicos e um demônio para os ianques. Freemont atribuía-lhe um bando

numeroso de seguidores e o talento militar de um gênio, que, segundo o jornalista, travava uma guerra de escaramuças, contra a qual as autoridades se mostravam impotentes. Atacava com astúcia e velocidade, caindo sobre suas vítimas como uma maldição, para, em seguida, desaparecer sem deixar rastro, ressurgindo pouco depois ao longe, em um novo golpe de audácia mais do que insólita, algo que só podia ser explicado como arte de magia. Freemont suspeitava que Murieta fosse uma reunião de vários indivíduos, e não apenas um, mas evitava publicar essa hipótese, pois isso arruinaria a lenda. Em vez de enveredar por esse caminho, teve a inspiração de referir-se a ele como “o Robin Hood da Califórnia”, com o que acendeu imediatamente a fogueira de uma controvérsia racial. Para os ianques, Murieta era a mais detestável encarnação dos *sebosos*; supunham que os mexicanos o escondiam, davam-lhe armas e provisões, pois roubava dos ianques a fim de ajudar os de sua raça. Na guerra, eles haviam perdido os territórios do Texas, Arizona, Novo México, Nevada, Utah, Califórnia e metade do Colorado; para eles, qualquer atentado contra os gringos era um ato de patriotismo. O governador chamou a atenção do jornal para a imprudência de transformar um criminoso em herói, mas o homem já havia inflamado a admiração do público. Freemont já havia recebido dezenas de cartas sobre o assunto, inclusive a de uma jovem de Washington, disposta a navegar meio mundo a fim de se casar com o bandido, e as pessoas o abordavam na rua para lhe perguntar detalhes sobre o famoso Joaquín Murieta. Sem jamais ter posto os olhos nele, o jornalista o descrevia como um jovem de aparência viril, com feições de nobre espanhol e coragem de toureiro. Havia tropeçado, involuntariamente, em uma jazida bem mais produtiva do que as muitas existentes ao longo do Grande Filão. Tivera a ideia de entrevistar o tal de Joaquín, se o sujeito realmente existisse, a fim de escrever-lhe a biografia; e, no caso de ele não passar de uma fábula, então teria material para um romance. Seu trabalho de autor consistiria simplesmente em escrevê-la, usando um tom heroico, bem ao gosto do povão. A Califórnia necessitava de seus mitos e lendas, Freemont afirmava; tratava-se de um Estado recém-nascido para os americanos, que pretendiam, com uma só penada, apagar a história anterior dos índios, dos mexicanos e dos californianos. Para aquela terra de espaços infinitos e homens solitários, terra aberta à conquista e à violação, quem melhor para herói do que um bandido? Pôs o indispensável na maleta, abasteceu-se de uma boa quantidade de lápis e cadernos e saiu em busca de seu personagem. Os riscos da empreitada nem lhe passaram pela mente; com sua arrogância de inglês e jornalista, supunha-se a salvo de qualquer malefício. De fato, àquela altura, já se viajava pelo Estado com certa comodidade, pois havia estradas e linhas regulares de diligências que ligavam entre si os

lugares nos quais pensava realizar sua investigação; não era mais como antes, quando estava começando o seu trabalho de repórter e ia em lombo de burro, abrindo caminho pela incerteza das serras e florestas, orientado apenas por uns mapas absurdos, que poderiam levá-lo a andar em círculos para sempre. No trajeto, pôde observar as mudanças ocorridas na região. Poucos tinham enriquecido com o ouro, mas, graças aos aventureiros, que haviam chegado aos milhares, a Califórnia começava a civilizar-se. Sem a febre do ouro, a conquista do Oeste teria sido postergada por uns dois séculos, anotou o jornalista em seu caderno.

Assuntos não lhe faltavam, como a história daquele jovem mineiro, um rapaz de apenas dezoito anos que, depois de viver na penúria durante um prolongado ano, conseguira reunir os dez mil dólares de que necessitava para financiar a viagem de volta a Oklahoma e comprar uma granja para seus pais. Dirigia-se a Sacramento, descendo as encostas da Serra Nevada em um dia radiante, com a bolsa de ouro pendurada às costas, quando foi surpreendido por um bando de desalmados mexicanos, ou chilenos, nunca se soube ao certo. Com certeza, sabia-se apenas que falavam espanhol, pois tinham chegado ao descaramento de deixar um cartaz escrito nessa língua, gravado a ponta de faca em um pedaço de madeira: “Morram os ianques”. Não se contentando em rendê-lo e roubá-lo, amarraram-no sem roupa a uma árvore e untaram-no com mel. Dias depois, ao ser encontrado por uma patrulha, estava louco. Os mosquitos haviam devorado sua pele.

A prova de fogo do talento de Freemont para o jornalismo de cunho mórbido veio com o fim trágico de Josefa, uma bela mexicana que trabalhava em um salão de dança. O jornalista chegou ao povoado de Downieville no Dia da Independência, e viu-se em meio às festividades, encabeçadas por um candidato a senador e regadas por um rio de álcool. Um mineiro bêbado havia entrado à força na casa de Josefa, ela o repelira e dera-lhe uma facada no coração. Na hora da chegada de Jacob Freemont, o corpo jazia em cima de uma das mesas, coberto pela bandeira americana, enquanto na rua cerca de dois mil fanáticos, exacerbados pelo ódio racial, exigiam a força para Josefa. Impassível, ela fumava seu charutinho, como se a gritaria não lhe dissesse respeito, a blusa manchada de sangue, olhando para os rostos dos homens com um desprezo abismal, consciente da incendiária mistura de agressão e desejo sexual que provocava neles. Um médico atreveu-se a falar em seu favor, lembrando que ela havia agido em defesa própria e que, ao executá-la, matariam também a criança que estava em seu ventre, mas a multidão o obrigou a calar-se, ameaçando pendurá-lo juntamente com ela. Três médicos aterrorizados foram levados à força para examinar Josefa, e os três constataram que ela não estava grávida, permitindo, assim, que um improvisado tribunal a

condenasse em poucos minutos. ‘Não seria direito matar esses *sebosos* a tiro”, opinou um dos membros do júri, “é necessário dar a eles uma sentença correta e enforcá-los com toda a majestade da lei”. Freemont ainda não tinha visto um linchamento de perto e, assim, pôde descrever em frases exaltadas como às quatro da tarde quiseram arrastar Josefa até o estrado, para o ritual da execução, mas a mulher livrara-se deles, marchando livre e altiva até o patíbulo. Subiu sem ajuda de ninguém, amarrou a saia nos tornozelos, pôs a corda no pescoço, acomodou as tranças negras e se despediu com um corajoso “adeus, senhores”, que deixou o jornalista perplexo, e os outros, envergonhados. “Josefa não morreu por ser culpada, mas por ser mexicana. Pela primeira vez uma mulher foi linchada na Califórnia. Que desperdício, são tão poucas por aqui!”, escreveu Freemont em sua reportagem.

Seguindo as pegadas de Joaquín Murieta, Freemont descobriu povoados já bem-estabelecidos, com escola, biblioteca, igreja e cemitério; outros, porém, tinham como sinais de cultura apenas um bordel e uma cadeia. Em cada povoado, havia um *saloon*, centro de sua vida social. Era nos *saloons* que se instalava Freemont. Ali fazia suas perguntas e, assim, ia construindo, com algumas verdades e um montão de mentiras, a trajetória — ou a lenda — de Joaquín Murieta. Os taverneiros pintavam-no como um espanhol maldito, vestido de couro e veludo negro, com grandes esporas de prata e um punhal na cintura, montado no mais belo alazão já visto naquelas paragens. Diziam que entrava impunemente, com um tilintar de esporas e seu séquito de bandoleiros, punha seus dólares de prata sobre a mesa e ordenava uma rodada de bebida para todos os fregueses. Ninguém se atrevia a recusar o copo, e até mesmo os mais valentões bebiam em silêncio, sob o olhar flamejante do vilão. Para as autoridades dos povoados, nada havia de generoso no personagem, tratava-se tão somente de um assassino vulgar, capaz das piores atrocidades, que vinha conseguindo escapular da justiça por ser ajudado pelos *sebosos*. Os chilenos acreditavam que fosse um deles, nascido em um lugar chamado Quillota, diziam que era leal com os amigos e que jamais esquecia de pagar os favores recebidos, motivo pelo qual era de bom alvitre ajudá-lo; mas os mexicanos juravam que ele era originário do estado de Sonora e que se tratava de um jovem bem-educado, de família nobre e antiga, a quem a vingança tinha convertido em malfeitor. Os jogadores profissionais consideravam-no um especialista no monte, e o evitavam porque tinha uma sorte absurda nas cartas e um alegre punhal que lhe aparecia na mão em resposta à menor das provocações. As prostitutas brancas morriam de curiosidade, pois se dizia à boca pequena que o rapaz, valente e generoso, tinha um vergalho mais incansável do que o de um potro; mas não era isso que

as hispânicas esperavam dele; Joaquín Murieta costumava dar-lhes gorjetas imerecidas, pois jamais requeria seus serviços, permanecendo fiel à namorada, segundo se espalhava. Descreviam-no como um homem de estatura mediana, cabelos negros e olhos brilhantes como brasas, adorado pelo seu bando, irredutível diante da adversidade, feroz com os inimigos e gentil com as mulheres. Outros diziam que tinha a aparência grosseira de um criminoso nato e uma cicatriz pavorosa que lhe atravessava a cara; não tinha nada de bom-moço, fidalguia ou elegância. Jacob Freemont foi selecionando as opiniões que melhor se ajustavam à imagem que ele mesmo fazia do bandido, e isso ia se refletindo em seus escritos, sempre com ambiguidade bastante para lhe permitir uma retratação, caso alguma vez se visse face a face com seu protagonista. Andou para cima e para baixo durante os quatro meses do verão e em lugar nenhum o encontrou; mas, com as diversas versões de que dispunha, construiu uma fantástica e heroica biografia. Como não queria admitir a derrota, Freemont inventava em seus artigos breves reuniões realizadas entre o crepúsculo e a meia-noite, em cavernas de montanhas ou em clareiras de florestas. Quem poderia contestá-lo? Segundo dizia, homens com máscaras levavam-no a cavalo, de olhos vendados, não podia identificá-los, mas falavam espanhol. A mesma fervorosa eloquência que, anos antes, empregara no Chile a fim de descrever uns índios patagônios da Terra do Fogo, onde jamais tinha posto os pés, servia-lhe agora para retirar da manga um bandido imaginário. Apaixonou-se aos poucos pelo personagem e acabou convencido de que o conhecia, que eram verdadeiros os encontros clandestinos nas cavernas e que o fugitivo em pessoa lhe havia confiado a missão de escrever e relatar suas proezas, pois se considerava o vingador dos hispânicos oprimidos e alguém devia assumir a tarefa de dar a ele e à sua causa o lugar de direito naquela nascente história da Califórnia. De jornalismo, havia pouco, mas, de literatura, havia bastante para o romance que Jacob Freemont planejava escrever naquele inverno.

Ao chegar, um ano antes, a San Francisco, Tao Chi'en dedicara-se a estabelecer os contatos necessários para exercer seu ofício de *zhong yi* por alguns meses. Tinha um pouco de dinheiro, mas pensava em triplicá-lo rapidamente. Em Sacramento, a comunidade chinesa era formada por uns setecentos homens e mulheres, mas em San Francisco havia milhares de clientes em potencial. Além do mais, era muito grande o número de navios que cruzavam constantemente o oceano, razão pela qual alguns cavalheiros mandavam lavar suas camisas no Havaí ou na China — já que não havia água encanada em San Francisco — e esse movimento permitiria a Tao Chi'en encomendar e receber, sem nenhuma dificuldade, suas ervas e remédios. Naquela

cidade não estaria tão isolado quanto em Sacramento; ali já haviam se instalado vários médicos chineses, com os quais poderia trocar pacientes e conhecimentos. Não pensava em abrir seu próprio consultório, pois queria fazer economia, mas poderia associar-se a outro *zhong yi* já estabelecido. Depois de ter se instalado em um hotel, Tao saiu a percorrer o bairro, que, como um polvo, tinha crescido em todas as direções. Era agora uma cidade com edifícios bem-construídos, hotéis, restaurantes, lavanderias, fumadouros de ópio, bordéis, mercados e fábricas. Onde antes eram oferecidos artigos de carregaço, agora havia tendas de antiguidades orientais, porcelanas, esmaltes, joias, sedas e marfins. As tendas eram procuradas pelos comerciantes mais ricos, não apenas chineses, mas também americanos, que compravam para revender em outras cidades. As mercadorias eram exibidas na mais perfeita desordem, mas as melhores peças, aquelas dignas dos *experts* e colecionadores, não estavam à vista; eram mostradas no interior da tenda, e somente aos fregueses sérios. Em alguns lugares funcionavam baiucas secretas, frequentadas apenas por apostadores audazes. Em mesas exclusivas, protegidas da curiosidade do público e do olho das autoridades, jogavam-se somas extravagantes, fechavam-se negócios obscuros e se exercia o poder. O governo americano não tinha controle nenhum sobre os chineses, que viviam em seu próprio mundo, falavam sua língua, seguindo seus costumes e leis antiquíssimos. Os “celestiais” não eram bem-vindos em lugar nenhum; os gringos consideravam-nos os mais abjetos entre os estrangeiros que invadiam a Califórnia e não os perdoavam por prosperarem. Exploravam-nos tanto quanto podiam, agrediam-nos nas ruas, roubavam-nos, queimavam suas tendas e casas, assassinavam-nos impunemente, mas nada era capaz de desanimar os chineses. A população chinesa era dividida em cinco *tongs*; cada chinês que chegava tinha de incorporar-se a uma dessas irmandades, única forma de obter proteção, de conseguir trabalho e de garantir que, em caso de morte, seu corpo seria repatriado para a China. Tao Chi'en, que não havia se associado a nenhum *tong*, tinha agora de fazê-lo, e escolheu o mais numeroso, ao qual se filiava a maioria dos cantoneses. Não demoraram a apresentá-lo aos outros *zhong yi* e a lhe passarem as regras do jogo. Antes de tudo, silêncio e lealdade: o que acontecia no bairro ficava confinado em suas próprias ruas. Nada de recorrer à polícia, nem mesmo em caso de vida ou morte; os conflitos deviam ser resolvidos dentro da comunidade; era para isso que os *tongs* existiam. O inimigo comum era sempre o *fan güey*. Tao Chi'en viu-se de novo prisioneiro dos costumes, das hierarquias e das restrições dos tempos vividos em Cantão. Em dois dias, não havia ninguém que não conhecesse seu nome, e começaram a chegar mais clientes do que podia atender. Mas, em vez de procurar um sócio, decidiu abrir seu

próprio consultório e fazer dinheiro em menos tempo do que havia imaginado. Alugou dois quartos no piso superior de um restaurante — um para morar e o outro para trabalhar —, pendurou um letreiro na janela e contratou um jovem ajudante a fim de apregoar seus serviços e receber os pacientes. Pela primeira vez, usou o sistema do Dr. Ebanizer Hobbs para acompanhar a evolução dos doentes. Até então, confiava na memória e na intuição, mas, diante do número cada vez maior de clientes, criou um arquivo para anotar o tratamento de cada um deles.

Uma tarde, no início do outono, seu ajudante apresentou-se com um endereço anotado em um papel e o pedido de que lá se apresentasse o mais rápido possível. Terminou de atender a clientela do dia e saiu. O edifício de madeira, com dois andares, decorado com dragões e lâmpadas de papel, ficava no centro mesmo do bairro. Não precisou olhar duas vezes para perceber que se tratava de um bordel. De ambos os lados da porta, havia postigos gradeados, nos quais assomavam rostos de meninas que diziam: “Entre aqui e faça o que quiser com uma linda garota chinesa”. E acrescentavam em um inglês destinado aos ouvidos de visitantes brancos e marinheiros de todas as raças: “Dois para olhar, quatro para tocar, seis para fazer”, enquanto mostravam uns peitinhos mirrados e tentavam os passantes com gestos obscenos, que, vindos de tais criaturas, eram uma trágica pantomima. Tao Chi'en já as vira muitas vezes, pois passava diariamente por aquela rua e era perseguido pelos miados das *sing song girls*, parecidos com os que tinha ouvido de sua própria irmã. O que teria acontecido a ela? Deveria estar com vinte e três anos, no caso improvável de continuar viva, pensava Tao. As prostitutas mais pobres entre as pobres começavam muito cedo e raramente chegavam aos dezoito anos; aos vinte, caso tivessem a infelicidade de sobreviver, já eram anciãs. A lembrança daquela irmã perdida impedia-lhe de recorrer aos serviços dos prostíbulos chineses; quando o desejo tirava-lhe a paz, procurava mulheres de outras raças. Foi recebido à porta por uma velha sinistra, com o cabelo enegrecido e as sobranceiras pintadas a ponta de carvão; ela o saudou em cantonês. Depois de ter ficado claro que pertenciam ao mesmo *tong*, ela o mandou entrar. Ao longo de um corredor fedorento, viu os cubículos das garotas, algumas das quais acorrentadas à cama pelos tornozelos. Na penumbra, cruzou com dois homens que saíam abotoando as calças. A mulher o conduziu por um labirinto de corredores e escadas, atravessaram o bloco inteiro de habitações e desceram alguns degraus carcomidos que os levaram à escuridão. A velha disse-lhe para aguardar e, por um momento que lhe pareceu interminável, esperou-a naquele buraco, envolvido pela treva, ouvindo em surdina os ruídos da rua vizinha. Ouviu um breve chiado, e algo roçou-lhe o tornozelo; deu um chute e achou que havia atingido

um animal, talvez um rato. A velha retornou com uma vela e o guiou ao longo de novos e tortuosos corredores, parando diante de uma porta fechada a cadeado. Tirou a chave do bolso e forcejou a fechadura até abri-la. Ergueu a vela e iluminou um quarto sem janelas, onde o único móvel era uma enxerga poucas polegadas acima do chão. O ar fétido bateu-lhes na cara, e, antes de entrarem, tiveram de tapar o nariz e a boca. Sobre a cama de tábuas, havia um corpinho encolhido, um copo vazio e uma lamparina de azeite apagada.

— Examine-a — ordenou a mulher.

Tao Chi'en virou o corpo e constatou que já estava rígido. Era uma garota de treze anos, com duas rodela de ruído nas faces, os braços e as pernas marcados por cicatrizes. Sua única roupa era uma camisola de tecido quase transparente. Era evidente sua magreza, mas não havia morrido de fome nem de doença.

— Veneno — afirmou Tao sem vacilar.

— Não me diga! — riu a mulher, como se acabasse de ouvir a coisa mais engraçada do mundo.

Tao Chi'en teve de assinar um papel declarando que a morte ocorrera por causas naturais. A velha foi ao corredor, bateu duas vezes em um pequeno gongo e logo apareceu um homem, que pôs o cadáver em um saco e saiu com ele no ombro sem dizer uma só palavra, enquanto a mulher punha vinte dólares na mão do *zhong yi*. Em seguida, ela o conduziu por novos labirintos e deixou-o diante de uma pequena porta. Tao Chi'en estava na rua oposta e precisou de algum tempo para situar-se e encontrar o caminho de casa.

No dia seguinte voltou ao local. Lá estavam novamente as meninas com suas caras pintadas e seus olhos de loucas, fazendo convites em dois idiomas. Dez anos antes, em Cantão, havia começado pelas prostitutas seu aprendizado prático da medicina; tinha usado seus corpos como carne de aluguel e experiência, mas nunca se detivera a fim de pensar em suas almas. Considerava-as uma das inevitáveis desgraças do mundo, um dos vários erros da Criação, seres ignominiosos que sofriam para pagar pecados de vidas anteriores e limpar o carma. Lamentava-as, mas não lhe havia ocorrido que a sorte delas podia ser modificada. Nos cubículos esperavam a infelicidade sem alternativa, da mesma forma que as galinhas iam nos engradados para a feira; era aquele o destino delas. Via naquilo a desordem do mundo. Tinha passado mil vezes por aquela rua sem olhar para os postigos, para os rostos atrás das grades ou para as mãos que apareciam entre elas. Tinha uma noção muito vaga de sua condição de escravas, mas na China todas as mulheres estavam mais ou menos nessa situação; as mais afortunadas eram escravas dos pais, maridos ou amantes; outras, de patrões, para quem trabalhavam de sol a sol; e muitas viviam como as meninas do bordel. Mas naquela manhã Tao

Chi'en não olhava para elas com a mesma indiferença, pois alguma coisa havia mudado dentro dele.

Na noite anterior nem sequer havia tentado dormir. Ao deixar o bordel, dirigira-se a uma casa de banhos, onde se lavara prolongadamente a fim de livrar-se da obscura energia de seus enfermos e do tremendo mal-estar que o angustiava. Chegando em casa, dispensou o assistente e preparou um chá de jasmim para purificar-se. Fazia muitas horas que estava de estômago vazio, mas ainda não havia chegado o momento de alimentar-se. Tirou a roupa, acendeu um bastão de incenso e uma vela, ajoelhou-se com o rosto no chão e rezou pela alma da menina morta. Em seguida, sentou-se e ficou meditando durante horas, em completa imobilidade, até que conseguiu separar-se do barulho da rua e dos odores do restaurante, mergulhando, então, no vazio e no silêncio de seu próprio espírito. Não saberia dizer quanto tempo permaneceu abstraído, chamando e chamando Lin, até que finalmente o delicado fantasma o escutou na misteriosa imensidade em que habitava e lentamente foi encontrando o caminho, aproximando-se com a ligeireza de um suspiro, primeiro quase imperceptível, mas, aos poucos, ganhando forma, até que, enfim, ele pôde sentir com nitidez a sua presença. Não foi entre as paredes do quarto que percebeu a presença de Lin, mas no seu próprio peito, instalada no centro de seu coração serenado. Tao Chi'en não abriu os olhos nem se moveu. Durante horas, permaneceu naquela mesma postura, separado de seu corpo, flutuando em um espaço luminoso, no qual era perfeita a comunicação com ela. Ao amanhecer, uma vez mais, os dois estavam certos de que não voltariam a se perder de vista. Lin se despediu com suavidade. Então, chegou o mestre de acupuntura, sorridente e irônico, como nos seus melhores tempos, antes de ser atingido pelos desvarios da senilidade, e permaneceu com ele, fazendo-lhe companhia e respondendo às suas perguntas, até que o sol saiu, o bairro despertou e o ajudante veio bater discretamente à porta. Tao Chi'en levantou-se, leve e renovado, como depois de um sonho agradável, vestiu-se e foi abrir a porta.

— Feche o consultório — ordenou ao ajudante. — Hoje não receberei pacientes, tenho outras coisas para fazer.

* * *

Naquele dia, as averiguações de Tao Chi'en mudaram o rumo de seu destino. As meninas atrás das grades vinham da China, apanhadas nas ruas ou vendidas por seus próprios pais, com a promessa de que iriam casar-se na Montanha Dourada. Os agentes selecionavam-nas entre as mais fortes e baratas, não entre as mais belas, a não ser quando se tratava de atender a encomendas especiais de clientes ricos, que as adquiriam para convertê-las em concubinas. Ah Toy, a esperta mulher

que inventara o espetáculo dos furos na parede, por onde podia ser observada, tornara-se a maior compradora de carne jovem da cidade. Para a sua cadeia de prostíbulos, comprava as garotas na puberdade, porque nessa idade era mais fácil domá-las, e fosse como fosse não iriam durar muito. Ah Toy estava se tornando famosa e muito rica, suas arcas transbordavam e já havia comprado um palacete na China, para o qual se mudaria quando a velhice chegasse. Orgulhava-se de ser a madame oriental mais bem relacionada, não apenas com os chineses, mas também com os americanos influentes. Treinava suas garotas para arrancar informações e por isso conhecia os segredos pessoais, as manobras políticas e as fraquezas de cada um dos poderosos. Quando os subornos falhavam, recorria à chantagem. Ninguém se atrevia a desafiá-la, porque, do governador aos funcionários mais inferiores, todos tinham teto de vidro. Os carregamentos de escravas entravam pelo porto de San Francisco, sem tropeços de ordem legal e em plena luz do dia. Contudo, ela não era a única traficante; o vício era um dos negócios mais rentáveis e seguros da Califórnia, tanto quanto as minas de ouro. Os gastos eram mínimos, as meninas eram baratas e vinham nos porões dos navios, em caixas forradas com panos. Assim, sobreviviam durante semanas, sem saber para onde iam nem a razão, vendo a luz do sol apenas quando chegava a hora de receber lições sobre o seu novo ofício. Durante a travessia, os marinheiros se encarregavam de treiná-las, e, ao desembarcarem em San Francisco, já haviam perdido até o último traço de inocência. Algumas morriam de disenteria, cólera ou desidratação, outras conseguiam saltar na água no momento em que subiam à coberta para serem lavadas com água do mar. As outras sentiam-se como gado, não falavam inglês, não conheciam aquela nova terra, não tinham a quem recorrer. Os agentes de imigração eram subornados, faziam vista grossa à aparência das jovens e selavam sem ler os falsos documentos de adoção ou matrimônio. No cais, eram recebidas por uma antiga prostituta, que, por culpa do ofício, havia trocado o coração por um pedaço de pedra negra. Levava-as, tocando-as com uma vara, como se fossem gado, em pleno centro da cidade, aos olhos de quem quisesse ver. Assim que transpunham a entrada do bairro chinês, desapareciam para sempre no labirinto subterrâneo de quartos ocultos, portas dissimuladas e paredes duplas, aonde a polícia nunca chegaria, porque tudo que se passava ali era “coisa de amarelos”, uma raça de pervertidos, com a qual, opinavam, não havia necessidade de se meter o bedelho.

Em um enorme recinto subterrâneo, chamado ironicamente de “Sala da Rainha”, as meninas confrontavam-se com seu destino. Permitiam-lhes descansar durante uma noite inteira, banhavam-nas, alimentavam-nas, e às vezes obrigavam-nas a beber um copo de

aguardente a fim de deixá-las um pouco fora do ar. Na hora do leilão, levavam-nas a um quarto cheio de compradores de todas as feições imagináveis, que as examinavam por meio de toques, inspecionavam seus dentes, metiam os dedos onde queriam e finalmente faziam suas ofertas. Algumas eram compradas pelos bordéis de maior categoria ou para os haréns dos ricos; as mais fortes iam parar nas mãos de industriais, mineradores ou agricultores chineses, para quem trabalhariam pelo resto de suas breves existências; a maioria ficava mesmo nos cubículos do bairro chinês. As velhas lhes ensinavam o ofício: deviam aprender a distinguir o ouro do bronze, para não serem enganadas na hora do pagamento, atrair os clientes e satisfazê-los sem queixar-se, por mais humilhantes e dolorosas que fossem suas exigências. Para dar à transação um ar de dignidade, assinavam um contrato que não podiam ler, vendendo-se pelo prazo de cinco anos, mas calculado de maneira que jamais conseguissem livrar-se de suas obrigações. Para cada dia de enfermidade, o prazo era acrescido de duas semanas, e, se tentassem escapar, seriam transformadas em escravas para sempre. Viviam amontoadas em alojamentos sem ventilação, divididos por pesadas cortinas, cumprindo seu destino, como se fossem condenadas perpetuamente às galés. Para aquele lugar, dirigiu-se Tao Chi'en na manhã seguinte, acompanhado pelos espíritos de Lin e de seu mestre de acupuntura. Uma adolescente vestida apenas com uma blusa conduziu-o para trás da cortina, onde havia um enxergão imundo, estendeu a mão e lhe disse que primeiro pagasse. Recebeu os seis dólares, deitou-se de costas e abriu as pernas, com os olhos fixos no teto. Tinha as pupilas mortas e respirava com dificuldade; Tao percebeu que ela estava drogada. Sentou-se ao seu lado, baixou-lhe a camisola e tentou acariciar-lhe a cabeça, mas a garota soltou um grunhido e se encolheu, mostrando os dentes, disposta a mordê-lo. Tao Chi'en afastou-se e, enquanto observava suas cicatrizes mais recentes, falou-lhe longamente em cantonês, sem tocá-la, até que a litania de sua voz conseguisse acalmá-la. Por fim, ela começou a responder a algumas de suas perguntas, mais com gestos do que com palavras, como se houvesse perdido a capacidade de usar a linguagem, e assim Tao inteirou-se de alguns detalhes de sua vida de cativa. Não poderia dizer quanto tempo ficou ali, até porque contá-lo seria um exercício inútil, mas não devia ter sido muito, pois ainda se recordava, com lastimosa precisão, de sua família na China.

Quando calculou que os minutos de seu turno atrás da cortina haviam terminado, Tao se retirou. À porta, era aguardado pela mesma velha que o havia recebido na noite anterior; ela, porém, não deu mostras de reconhecê-lo. Dali, saiu a fim de fazer perguntas pelas tavernas, salas de jogo, locais para fumar ópio, indo, por fim, visitar outros médicos do bairro, até que paulatinamente começou a encaixar

as peças daquele quebra-cabeça. Quando as pequenas *sing song girls* estavam demasiadamente doentes e não podiam continuar seu trabalho, eram conduzidas ao “hospital”, como chamavam os quartos secretos onde estivera na noite anterior, e ali as deixavam com um copo de água, um pouco de arroz e uma lamparina com azeite suficiente para algumas horas. A porta voltava a abrir-se alguns dias mais tarde, quando alguém entrava a fim de comprovar a morte. Se as encontravam ainda vivas, tratavam de despachá-las: nenhuma voltava a ver a luz do sol. Tinham chamado Tao Chi'en porque o *zhong yi* habitual estava ausente.

Como diria Tao nove meses mais tarde a Eliza, a ideia de ajudar as garotas não fora dele, mas de Lin e de seu mestre de acupuntura.

— A Califórnia é um estado livre, Tao, aqui não há escravos. Procure as autoridades americanas.

— A liberdade não beneficia a todos — disse ele. — Os americanos são cegos e surdos, Eliza. Aquelas meninas são invisíveis, como os loucos, os mendigos e os cães.

— E para os chineses, elas também não contam?

— Para alguns, sim. Como eu. Mas ninguém está disposto a arriscar a vida desafiando as organizações de criminosos. A maioria considera que durante séculos se fez o mesmo na China; por isso não há razão para criticar o que se passa por aqui.

— Que gente mais cruel!

— Não é crueldade! A vida humana simplesmente não é valiosa em meu país. Há muita gente lá, e sempre nascem mais bebês do que é possível alimentar.

— Mas, para você, aquelas meninas não são simples objetos que se possam jogar fora, Tao...

— Claro. Lin e você me ensinaram muito sobre as mulheres.

— E o que vai fazer?

— Eu devia ter escutado você, quando me dizia que fosse procurar ouro, lembra? Se fosse rico, eu as compraria.

— Mas não é. Além do mais, todo o ouro da Califórnia não bastaria para comprar cada uma delas. O que você precisa fazer é impedir esse tráfico.

— Isso é impossível — afirmou Tao. — Mas, se você me ajudar, poderei salvar algumas...

Contou que nos últimos meses havia conseguido resgatar onze jovens, das quais apenas duas tinham sobrevivido. Seu método era arriscado e não muito efetivo, mas não conseguia imaginar outro. Oferecia-se para atendê-las gratuitamente quando estavam doentes ou grávidas, pedindo que, em troca, lhe entregassem as agonizantes. Subornava as velhas vigilantes para que o chamassem quando chegava o momento de mandar uma *sing song girl* para o “hospital”, e então se

apresentava com o seu ajudante, os dois colocavam a moribunda em uma padiola e a levavam. “É para fazer experiências”, explicava Tao Chi’en, embora raramente lhe fizessem perguntas. A menina já não valia mais nada, e a extravagante perversão daquele médico livrava-os do problema de se desfazer dela. A transação beneficiava ambos os lados. Antes de retirar a enferma, Tao Chi’en assinava uma certidão de óbito e, para evitar reclamações, exigia que lhe dessem o contrato de trabalho da jovem. Em nove casos, as jovens tinham chegado a um ponto em que não era mais possível oferecer-lhes alívio, e seu papel consistira simplesmente em ampará-las nas horas finais. Duas, no entanto, haviam sobrevivido.

— O que você fez com elas? — perguntou Eliza.

— Estão em minha casa. Ainda se acham muito fracas, e uma delas parece meio louca, mas ambas irão recuperar-se. Meu ajudante ficará cuidando delas enquanto eu estiver em viagem.

— Compreendo.

— Não posso mantê-las aqui por muito tempo.

— Talvez possamos mandá-las de volta para suas famílias na China...

— Não! Cairiam de novo na escravidão. Aqui poderão salvar-se, mas ainda não sei como.

— Se as autoridades não ajudarem, sempre haverá pessoas de bom coração dispostas a fazer alguma coisa. Podemos recorrer às igrejas e aos missionários.

— Não acredito que os cristãos se interessem por essas garotas chinesas.

— Como é pequena a sua confiança no coração humano, Tao!

Eliza deixou o amigo tomando chá em companhia da Quebra-osso, separou um dos pães que acabara de retirar do forno e foi visitar o ferreiro. Encontrou James Morton nu da cintura para cima, protegido por um avental de couro, um pano amarrado na cabeça, coberto de suor diante da forja. Em sua oficina, fazia um calor insuportável, e tudo cheirava a fumaça e metal incandescente. Era um galpão de madeira com chão de terra e uma porta dupla, que, fosse inverno ou verão, permanecia aberta durante as horas de trabalho do ferreiro. Diante dele, uma grande mesa usada no atendimento aos fregueses, e, às suas costas, a forja. Das paredes e vigas do telhado, pendiam instrumentos do seu ofício, ferramentas e ferraduras fabricadas por Morton. Na parte posterior, uma escada de mão dava acesso ao piso elevado que servia de dormitório, protegido dos olhos dos fregueses por uma cortina de lona encerada. Embaixo, a mobília consistia em uma tina para o banho e uma pequena mesa com duas cadeiras; o único elemento decorativo era uma bandeira americana na parede e três flores silvestres em um vaso sobre a mesa. Esther passava a ferro

uma verdadeira montanha de roupas, sacudindo a barriga volumosa; estava banhada em suor, mas cantava enquanto movimentava o ferro aquecido a carvão. O amor e a gravidez haviam realçado a sua beleza, e um ar de paz a iluminava como um halo. Lavava roupa alheia, trabalho tão árduo quanto o de seu marido com o martelo e a bigorna. Três vezes por semana, carregava uma carroça com roupa suja, ia para o rio e passava boa parte do dia de joelhos, ensaboando e enxaguando. Se houvesse sol, secava a roupa nas pedras, mas frequentemente era obrigada a voltar com tudo molhado, tendo de enfrentar em seguida o trabalho de engomar e passar. James Morton não conseguira convencê-la a desistir daquele esforço brutal; ela não queria que seu bebê nascesse no galpão, e economizava cada centavo a fim de mudar a família para uma casa de verdade, em outro local do povoado.

— Chileninho! — exclamou, saindo para receber Eliza com um abraço apertado. — Há quanto tempo você não vem nos visitar!

— Você está linda, Esther! De fato, vim aqui para conversar com o James — disse, entregando-lhe o pão.

O homem largou as ferramentas, enxugou o suor com um pedaço de pano e levou Eliza para o pátio, aonde, pouco depois, Esther chegou com três copos de limonada. A tarde estava fresca e o céu nublado, mas o inverno ainda não se anunciava. O ar cheirava a terra úmida e palha recém-cortada.

Joaquín

No inverno de 1852, os habitantes do Norte da Califórnia comeram pêssegos, damascos, uvas, milho-verde, melões e melancias, enquanto em Nova York, Washington, Boston e outras importantes cidades americanas as pessoas tinham de resignar-se à escassez da temporada. Os navios de Paulina traziam do Chile as delícias do verão do Hemisfério Sul, que chegavam intactas em seus leitos de gelo azulado. Aquele novo negócio se mostrara muito melhor do que o ouro de seu marido e do cunhado, embora ninguém pagasse três dólares por um pêssogo nem dez por uma dúzia de ovos. Os peões chilenos, trazidos para as jazidas pelos irmãos Rodríguez de Santa Cruz, tinham sido dizimados pelos gringos. Tomaram deles o que haviam produzido em vários meses, enforcaram os capatazes, flagelaram e cortaram as orelhas de muitos, e os que sobraram foram expulsos dos lugares em que garimpavam. O episódio fora registrado pelos jornais, mas coube a um menino de oito anos, filho de um dos capatazes, que tinha assistido ao suplício e à morte do pai, contar os detalhes arrepiantes da história. Os navios de Paulina também traziam companhias de teatro de Londres, óperas de Milão e zarzuelas de Madri, que se apresentavam por alguns poucos dias em Valparaíso e depois prosseguiram em viagem para o Norte. Os ingressos eram vendidos com meses de antecedência, e nos dias de espetáculo a melhor sociedade de San Francisco, exibindo seus trajes de gala, encontrava-se nos teatros, onde tinha de sentar-se lado a lado com rústicos mineiros em roupas de trabalho. Os navios não voltavam descarregados: levavam farinha americana para o Chile e viajantes curados da fantasia do ouro, que regressavam tão pobres quanto tinham vindo.

Em San Francisco, havia de tudo, menos velhos; a população era jovem, forte, ruidosa e saudável. O ouro havia atraído uma legião de aventureiros de apenas vinte anos, mas a febre passara, e, tal como Paulina tinha previsto, a cidade não havia retornado à antiga condição de vilarejo; pelo contrário, crescia com aspirações ao refinamento e à

cultura. Naquele ambiente, Paulina sentia-se como um peixe na água, gostava da alegria, da liberdade e da ostentação daquela sociedade nascente, exatamente o oposto da hipocrisia que dominava no Chile. Pensava, encantada, no acesso de raiva que dominaria seu pai caso tivesse de sentar-se à mesa com um estrangeiro corrupto transformado em juiz e uma francesa de cabelo gorduroso, emperiquitada como uma imperatriz. Criara-se entre as grossas paredes de adobe e janelas gradeadas da casa paterna, de olho no passado, dependente da opinião alheia e exposta aos castigos de Deus; na Califórnia, passado e escrúpulos não eram levados em conta, a excentricidade era bem-vinda e a culpa não existia, desde que a falta cometida fosse escondida embaixo do tapete. Escrevia cartas para as irmãs, sem muita esperança de que passassem pela censura do pai, contando-lhes sobre as coisas daquele país extraordinário, no qual era possível inventar uma vida nova e tornar-se milionário ou mendigo num piscar de olhos. Era a terra, aberta e generosa, das oportunidades. Pelo Golden Gate, entravam hordas de homens que chegavam fugindo da miséria ou da violência, dispostos a apagar o passado e entregar-se ao trabalho. Não era fácil, mas seus descendentes seriam americanos. O maravilhoso naquele país estava no fato de todos acreditarem que seus filhos teriam uma vida melhor. “A agricultura é o verdadeiro ouro da Califórnia, os campos semeados se estendem a perder de vista, tudo cresce com ímpeto neste solo bendito. San Francisco transformou-se numa cidade estupenda, mas não perdeu o caráter de posto de fronteira, que muito me encanta. Continua a ser o lugar de encontro de livres-pensadores, visionários, heróis e valentões. Acolhe gente dos mais diversos lugares, centenas de línguas são faladas nas ruas, há cheiro de comidas dos cinco continentes, veem-se pessoas de todas as raças”, escrevia Paulina. Não era mais um acampamento de homens solitários, haviam chegado mulheres e, com elas, a sociedade mudara. Eram tão indomáveis quanto os aventureiros que vinham em busca de ouro; para cruzar o continente em carroções puxados por juntas de bois, era necessário um espírito robusto, e aquelas pioneiras o tinham. Nada de damas melindrosas, como sua mãe e suas irmãs; ali só imperavam amazonas como Paulina. Elas demonstravam diariamente sua têmpera, competindo, incansáveis e tenazes, com os mais bravos; ninguém podia qualificá-las de sexo fraco, e os homens respeitavam-nas como iguais. Trabalhavam em ofícios que lhes eram proibidos em outros lugares: catavam ouro, conduziam gado, caçavam bandidos para ganhar recompensas, comandavam casas de jogo, restaurantes, lavanderias e hotéis. “Aqui as mulheres podem ser donas de suas terras, comprar e vender propriedades, divorciar-se caso tenham vontade. Feliciano tem de andar com muito cuidado, pois, no dia em que me aprontar uma traição, ficará sozinho e pobre”, zombava

Paulina em suas cartas. E acrescentava que a Califórnia tinha ao mesmo tempo o melhor e o pior: ratos e pulgas, armas e vícios.

“As pessoas vêm para o Oeste a fim de escapar do passado e começar de novo, mas nossas obsessões nos perseguem como o vento”, escrevia Jacob Freemont no jornal. Ele próprio era um bom exemplo, pois de quase nada lhe adiantara trocar de nome, tornar-se um repórter e vestir-se à moda ianque — continuava o mesmo. O embuste das missões em Valparaíso era uma página virada, mas agora estava forjando um novo engano e, como antes, sentia que sua criação apoderava-se dele e o que ia mergulhando, sem possibilidade de volta, em suas próprias fraquezas. Seus artigos sobre Joaquín Murieta haviam se convertido em uma obsessão da imprensa. Todos os dias, novos testemunhos vinham confirmar as afirmações de Freemont; dúzias de indivíduos garantiam ter visto Murieta e o descreviam exatamente como o personagem inventado por Freemont, que não tinha mais certeza de nada. Gostaria de jamais ter escrito aquelas histórias e, em alguns momentos, chegava a pensar em se retratar publicamente, confessar suas falsidades e desaparecer, antes que o mundo inteiro caísse em cima dele como um vendaval, do mesmo modo que havia ocorrido no Chile, mas lhe faltava coragem para tanto. O prestígio lhe subira à cabeça e estava ébrio de celebridade.

A história que Jacob Freemont vinha construindo tinha todas as características de um folhetim. Descrevia Joaquín Murieta como um homem que, na juventude, fora nobre e correto, tendo trabalhado honestamente nas minas de Stanislav, em companhia de sua namorada. Ao saberem de sua prosperidade, alguns americanos o haviam atacado: tomaram-lhe o ouro, fizeram-no desmaiar com uma paulada e, em seguida, violentaram sua namorada diante de seus olhos. A única opção que restou ao infortunado casal foi fugir, e os dois partiram para o Norte, para longe dos garimpos. Instalaram-se como fazendeiros, puseram-se a cultivar um idílico pedaço de terra cercado de bosques e banhado por um límpido riacho, contava Freemont; mas sua paz durou pouco, porque, mais uma vez, os ianques apareceram a fim de arrebatá-lo o que possuíam e, assim, tiveram de procurar outro meio de sobreviver. Pouco depois, Joaquín Murieta havia aparecido em Calaveras, transformado em jogador de monte, enquanto sua namorada preparava a festa do casamento na casa de seus pais, em Sonora. Estava escrito, porém, que em lugar nenhum o rapaz encontraria paz. Alguns gringos o acusaram de ter roubado um cavalo e, sem mais delongas, amarraram-no a um tronco e o açoitaram barbaramente no meio da praça. Aquela afronta pública era mais do que um jovem orgulhoso podia suportar, e seu coração começou a bater diferente. Dias mais tarde, encontraram um ianque cortado em pedaços, como um frango preparado para a panela, e,

depois de terem juntado os restos, reconheceram o morto como um dos homens que haviam humilhado Murieta com o chicote. Nas semanas que se seguiram, foram caindo um a um os demais participantes do episódio, e cada um deles foi torturado e morto de maneira diferente. Freemont dizia em seus artigos que jamais se tinha visto tamanha crueldade naquela terra de gente cruel. Nos dois anos seguintes, o nome do bandido pipocava de todos os lados. Seu bando roubava bois e cavalos, assaltava diligências, atacava os mineiros nas jazidas e os viajantes nas estradas, desafiava as autoridades, matava todo americano que se descuidasse e zombava impunemente da justiça. A Murieta, eram atribuídos todos os desmandos e crimes impunes da Califórnia. O terreno ajudava a quem quisesse ocultar-se, a caça e a pesca eram abundantes, havia florestas e mais florestas, cordilheiras e desfiladeiros, elevados planaltos pelos quais um homem podia cavalgar durante horas e horas sem deixar rastro, cavernas profundas para esconder-se, passagens secretas nas montanhas para despistar perseguidores. Os grupos de homens que saíam a fim de procurar os malfeitores voltavam de mãos vazias ou morriam em ação. Tudo isso era contado por Jacob Freemont, os fatos embalados em sua retórica, e ninguém se lembrava de lhe exigir nomes, datas ou lugares.

Fazia dois anos que Eliza Sommers estava em San Francisco, trabalhando ao lado de Tao Chi'en. Naqueles dois, anos saíra duas vezes da cidade, durante os verões, a fim de procurar Joaquín Andieta, repetindo o método de sempre: em companhia de outros viajantes. Na primeira saída, seu propósito era viajar até encontrá-lo, ou até que o inverno começasse, mas, decorridos quatro meses, voltara extenuada e doente. No verão de 1852, saiu novamente, mas, depois de percorrer os mesmos caminhos do verão anterior e de ter feito uma visita a Joe Quebra-osso, fixada em definitivo em seu papel de avó de Tom Sem-Tribo, e a James e Esther, que esperavam o segundo filho, regressou ao cabo de cinco semanas, por não suportar a angústia de estar longe de Tao Chi'en. Sentiam-se tão acomodados em suas rotinas, tão irmanados no trabalho, tão próximos em espírito, que era como se formassem um velho casal. Ela colecionava tudo que se publicava sobre Joaquín Murieta, guardando na memória, como fazia em sua infância com as poesias de Miss Rose, mas preferia ignorar as referências à namorada do bandido, 'inventaram essa moça apenas para aumentar a vendagem dos jornais; você já sabe como os romances deixam o público fascinado', explicava ela a Tao Chi'en. Em um mapa ressecado, ia traçando, com atenção de navegador, os percursos de Murieta, mas os dados de que dispunha eram vagos e contraditórios, as rotas cruzavam-se, como a teia de uma aranha fora de rumo, sem levar a lugar nenhum. Embora no início houvesse

repellido a hipótese de que o seu Joaquín fosse o mesmo dos arrepiantes assaltos, logo se convencera de que o personagem combinava perfeitamente com o jovem de suas lembranças. Este também era um revoltado contra os abusos e que pensava obsessivamente em ajudar os desamparados. Talvez o próprio Joaquín Murieta não torturasse suas vítimas, e sim os seus sequazes, como o tal de Jack Três-dedos, de quem se podia esperar qualquer atrocidade.

Continuava a vestir-se com roupas masculinas, porque elas a ajudavam a se tornar invisível, o que era indispensável para realizar a desarrazoada missão junto às *sing song girls* que lhe fora confiada por Tao Chi'en. Fazia três anos e meio que não punha um vestido e nada sabia de Miss Rose, de Mama Frésia e de seu tio John; parecia-lhe que se haviam passado mil anos enquanto ela perseguia uma quimera cada vez mais improvável. Ficara muito para trás o tempo de seus furtivos abraços com o amante, não tinha mais certeza no tocante aos seus sentimentos, nem sabia se era por amor ou por soberba que continuava a esperá-lo. Às vezes chegava a passar duas semanas sem lembrar-se dele, distraída com seu trabalho, mas de repente a memória lhe dava uma fígada e a deixava trêmula. Então, olhava confusamente ao redor, sem conseguir situar-se no mundo em que fora parar. O que ela fazia ali, de calças, cercada de chineses? Necessitava fazer um esforço para sacudir a confusão e lembrar que se encontrava ali por causa da intransigência do amor. Não tinha por missão, de modo nenhum, auxiliar Tao Chi'en, ela pensava, mas procurar Joaquín; por isso tinha vindo de muito longe, e iria procurá-lo, mesmo que fosse apenas para lhe dizer, olho no olho, que ele não passava de um tráfuga maldito e que, por causa dele, havia arruinado a juventude. Por isso também tinha feito as três saídas anteriores, mas agora parecia haver perdido a vontade de tentar novamente. Punha-se resoluta diante de Tao Chi'en, a fim de anunciar que decidira continuar com sua peregrinação, mas as palavras ficavam coladas em sua boca, como se fossem areia. Não podia mais abandonar aquele estranho companheiro com que a sorte lhe presenteara.

— O que você fará se o encontrar? — perguntou-lhe Tao Chi'en certa vez.

— Quando o encontrar, saberei se ainda o quero.

— E se nunca o encontrar?

— Viverei com essa dúvida, creio.

Havia notado o aparecimento de alguns fios brancos prematuros nas têmporas de seu amigo. Às vezes tornava-se insuportável a tentação de mergulhar os dedos naqueles grossos cabelos escuros, ou o nariz em seu peito, para sentir bem de perto seu tênue aroma de mar, mas agora já não tinha a desculpa de dormirem no chão, enrolados na mesma manta, e assim eram nulas as oportunidades de um tocar no

outro. Tao Chi'en trabalhava e estudava em excesso; ela podia perceber quanto estava cansado, embora sempre se apresentasse de modo impecável e mantivesse a calma, mesmo nos momentos mais críticos. Só abria a guarda quando voltava de um leilão, trazendo pelo braço a garota aterrorizada que acabara de arrematar. Examinava-a para ver em que condições se encontrava e a entregava com as instruções necessárias, em seguida se fechava durante horas. “Está com Lin”, concluía Eliza, e uma dor inexplicável se cravava em algum recôndito lugar de sua alma. E de fato estava com ela. No silêncio da meditação, Tao Chi'en procurava recuperar a estabilidade perdida e desprender-se da tentação do ódio e da raiva. Pouco a pouco, despojava-se de suas lembranças, desejos e pensamentos, até sentir que seu corpo se dissolvia no nada. Deixava de existir por algum tempo, para, em seguida, reaparecer transformado em águia, voando muito alto sem esforço algum, sustentado por um ar frio e límpido que o elevava acima das mais altas montanhas. De lá, podia ver imensas pradarias, bosques intermináveis e rios de pura prata. Nesse ponto, alcançava a harmonia perfeita e, como um delicado instrumento, sua respiração se juntava à do céu e da terra. Flutuava entre nuvens leitosas, com suas soberbas asas abertas, e imediatamente sentia que ela já havia chegado. Lin se materializava ao seu lado, outra águia esplêndida, suspensa no céu infinito.

— Onde está tua alegria, Tao? — perguntava ela.

— O mundo está repleto de sofrimento, Lin.

— O sofrimento tem um propósito espiritual.

— Isso é apenas uma dor inútil.

— Lembra-te de que o sábio é sempre alegre porque sabe aceitar a realidade.

— E a maldade, temos também de aceitá-la?

— O único antídoto é o amor. A propósito, quando te casarás novamente?

— Estou casado contigo.

— Sou um fantasma, não poderei visitar-te a vida inteira, Tao. É um esforço imenso vir aqui a cada vez que me chamas, não pertenço mais ao teu mundo. Casa-te, ou então te tornarás um velho antes do tempo. Além do mais, se não praticares as duzentas e vinte e duas posições do amor, se tiveres esquecido delas... — zombava Lin dele, com sua risada cristalina e inolvidável.

Para ele, os leilões resultavam piores do que suas visitas ao “hospital”. Eram pouquíssimas as esperanças de ajudar as jovens agonizantes, de modo que, quando conseguia salvar uma, isso para ele era como uma dádiva milagrosa; entretanto, tinha consciência de que, para cada uma que comprava nos leilões, dezenas de outras eram levadas para a infâmia. Torturava-se, imaginando quantas poderia

resgatar se fosse rico, e assim permanecia até que Eliza viesse e lhe lembrasse aquelas que já havia salvado. Estavam unidos por um delicado tecido de afinidades e segredos divididos, mas também separados por muitas obsessões. O fantasma de Joaquín Andieta aos poucos se afastava, mas o de Lin era perceptível como uma brisa ou o som das ondas quebrando na praia. Tao Chi'en tinha apenas de invocá-la para que ela se apresentasse, sempre sorridente, como tinha sido em vida. No entanto, em vez de se ter convertido em uma rival de Eliza, Lin transformara-se em sua aliada, ainda que ela não soubesse disso. Lin foi a primeira a compreender que aquela amizade era muito parecida com amor, e, quando o marido lhe replicou que não havia lugar na China, no Chile, em lugar nenhum, para um casal como ele e Eliza, Lin voltou a sorrir.

— Não diga bobagem. O mundo é grande, e a vida, longa. Tudo é uma questão de ousadia.

— Não podes imaginar o que é o racismo, Lin, pois sempre viveste entre os teus. Aqui ninguém leva em conta nem o que eu faço nem o que eu sei. Para os americanos, eu sou apenas um chinês pagão e asqueroso. E Eliza, uma *sebosa*. Em Chinatown, sou um renegado sem trança, vestido como um ianque. Não pertenço a nenhum dos lados.

— O racismo não é uma novidade. Na China, tu e eu pensávamos que os *fan güey* fossem todos selvagens.

— Aqui só respeitam o dinheiro e, pelo visto, nunca o terei em quantidade suficiente.

— Errado. Também respeitam aqueles que se fazem respeitar. Olhe nos olhos deles.

— Se eu seguir esse conselho, me darão um tiro na primeira esquina.

— Vale a pena experimentar. Tu andas te queixando demais, Tao, não estou te reconhecendo. Onde está o homem valente que sempre amei?

Tao Chi'en tinha de admitir que se sentia amarrado a Eliza mediante fios infinitos e delgados, fáceis de cortar um a um, mas, pelo fato de estarem entrelaçados, os fios se haviam transformado em cordas impossíveis de serem cortadas. Fazia poucos anos que se conheciam, mas já podiam olhar para o passado e ver o longo caminho, cheio de obstáculos, que haviam percorrido juntos. Aos poucos, as semelhanças haviam apagado suas diferenças de raça. “Você tem um rosto de chinesa bonita”, dissera-lhe Tao em um momento de descuido. “Você tem cara de chileno elegante”, respondeu ela imediatamente. No bairro, eles eram vistos como uma dupla esquisita: de um lado, um chinês alto e elegante, e, do outro, um garoto insignificante de origem espanhola. Fora de Chinatown, no entanto, os dois passavam quase despercebidos em meio à

enlouquecida multidão de San Francisco.

— Não pode esperar esse homem para sempre, Eliza. Isso é uma forma de loucura, igualzinha à corrida do ouro. Deveria dar um tempo a si mesma — disse Tao um dia.

— E o que faço de minha vida quando esse tempo terminar?

— Poderá voltar para o seu país.

— No Chile, mulher como eu é considerada pior do que suas *sing song girls*. Você regressaria à China?

— Esse era o meu único propósito, mas, aos poucos, estou começando a gostar da América. Na China, eu voltaria a ser apenas o Quarto Filho. Aqui estou melhor.

— Eu também. Se não encontrar Joaquín, fico por aqui mesmo e abro um restaurante. Tenho tudo aquilo de que se necessita para o negócio: boa memória para guardar as receitas, gosto pelos ingredientes, sentido do paladar e do tato, instinto para os condimentos...

— E modéstia — riu Tao Chi'en.

— Por que, tendo talento, eu deveria ser modesta? Além do mais, tenho olfato de cão. Para alguma coisa, este nariz irá me servir: basta cheirar um prato para saber o que contém, e para fazê-lo melhor.

— Isso não acontece quando a comida é chinesa...

— Vocês comem coisas estranhas, Tao! O meu seria um restaurante francês, o melhor da cidade.

— Tenho uma proposta a lhe fazer, Eliza. Se, dentro de um ano, não encontrar Joaquín, você casará comigo — disse Tao Chi'en, e ambos se puseram a rir.

Entretanto, a partir dessa conversa, algo mudou entre os dois. Sentiam-se numa situação incômoda, como se estivessem sozinhos, e, embora desejassem estar juntos, começaram a evitar-se. O desejo de segui-la quando ela ia para o quarto torturava cada vez mais Tao Chi'en, mas ele se sentia paralisado por certa mistura de timidez e respeito. Calculava que, enquanto Eliza estivesse presa à lembrança do amante, não deveria aproximar-se dela, mas, ao mesmo tempo, não sabia como continuar equilibrando-se, por tempo indefinido, em uma corda bamba. Imaginava-a na cama, contando as horas no silêncio expectante da noite, também insone de amor, não por ele, mas pelo outro. Conhecia tão bem o seu corpo que poderia desenhá-lo em detalhes até a reentrância mais secreta, embora não tivesse voltado a vê-la nua desde aquelas semanas em que a havia tratado no navio. E pensava: se ela adoecesse, teria um pretexto para tocar em seu corpo, mas logo se envergonhava de semelhante ideia. O riso espontâneo e a discreta ternura, que antes brotavam a cada instante entre eles, foram substituídos por uma tensão angustiante. Se por acaso roçavam um no outro, afastavam-se, perturbados; estavam conscientes da presença ou

da ausência um do outro; o ar parecia carregado de presságios e antecipações. Em vez de se sentarem a fim de ler ou escrever em suave cumplicidade, despediam-se assim que terminava o trabalho no consultório. Tao Chi'en saía, a fim de visitar doentes acamados, reunia-se com os outros *zhong yi* para discutir diagnósticos e tratamentos, ou então se isolava para estudar textos da medicina ocidental. Cultivava o desejo de obter uma permissão para exercer legalmente a medicina no estado da Califórnia, projeto que compartilhava unicamente com Eliza e com os espíritos de Lin e de seu mestre de acupuntura. Na China, um *zhong yi* começava como aprendiz e podia continuar sozinho, e era por isso que, fazia séculos, a medicina permanecia imutável, por usar sempre os mesmos métodos e remédios. A diferença entre um bom médico e um praticante medíocre estava no fato de que o primeiro era dotado de intuição para diagnosticar e do dom de aliviar usando as próprias mãos. Já os médicos ocidentais tinham de fazer estudos muito rigorosos, permaneciam em contato uns com os outros e estavam em dia com novos conhecimentos, dispendo de laboratórios e necrotérios, nos quais podiam fazer experiências, e submetendo-se, assim, ao desafio da concorrência. Tao Chi'en era fascinado pela ciência, mas seu entusiasmo não encontrava eco em sua comunidade, apegada à tradição. Estava em dia com os avanços mais recentes, e comprava todos os novos livros e revistas de medicina que lhe caíssem nas mãos. Era muito grande a sua curiosidade pelo moderno, e por isso sentiu-se no dever de mandar inscrever na parede o preceito de seu venerável mestre: "De pouco serve o conhecimento sem sabedoria e não há sabedoria sem espiritualidade". Nem tudo é ciência, repetia para si mesmo, a fim de não esquecer aquelas palavras. Não obstante, necessitava da cidadania americana, muito difícil de ser obtida por alguém de sua raça, mas só dessa maneira poderia ficar para sempre no país sem ser cotidianamente um marginal; necessitava do diploma, e achava que, com ele, podia fazer o bem a muitas pessoas. Os *fan güey* nada sabiam de acupuntura nem das ervas que, havia séculos, eram usadas na Ásia; consideravam Tao Chi'en uma espécie de bruxo curandeiro; tinham um imenso desprezo pelas outras raças, de modo que, quando seus escravos negros adoeciam, os grandes proprietários do Sul chamavam o veterinário para tratá-los. Não era diferente a opinião deles sobre os chineses, mas havia alguns médicos visionários que, tendo viajado pelo mundo ou lido a respeito de outras culturas, haviam se interessado pelas técnicas e pelas mil drogas da farmacopeia oriental. Continuava em contato com Ebanizer Hobbs, que vivia na Inglaterra, e em suas cartas ambos costumavam lamentar a distância que os separava. "Venha a Londres, Dr. Chi'en, e faça uma demonstração de acupuntura na Royal Medical Society; garanto que

você os deixará de boca aberta”, escrevia Hobbs. “Se combinássemos nossos conhecimentos”, costumava dizer o inglês, “nós dois seríamos capazes de ressuscitar os mortos”.

Um casal inusitado

As geadas do inverno mataram de pneumonia várias *sing song girls* do bairro chinês, sem que Tao Chi'en conseguisse salvá-las. Chamaram-no duas vezes à presença de mocinhas ainda vivas, que ele pôde retirar, só para, em seguida, morrerem em seus braços, delirando de febre, poucas horas mais tarde. A essa altura, os discretos tentáculos de sua obra compassiva estendiam-se de um extremo ao outro da América do Norte, de San Francisco a Nova York, do Rio Grande ao Canadá, mas, ainda assim, seu esforço descomunal não passava de um grão de areia naquele deserto de desdita. Ia bem no exercício da medicina, e todo dinheiro que conseguia economizar ou recolher, despertando o espírito de caridade de alguns clientes ricos, destinava à compra das moças que eram leiloadas. Já o conheciam naquele submundo, no qual adquirira a reputação de degenerado. Não tinham visto sair com vida nenhuma das garotas que adquirira “para as suas experiências”, como dizia; mas ninguém se importava com o que podia acontecer por trás de sua porta. Como *zhong yi*, ele era o melhor, mas somente o deixariam em paz enquanto não fizesse escândalo e se limitasse àquelas criaturas, que, de todos os modos, eram pouco mais do que bichos. Diante de perguntas curiosas, seu leal ajudante, o único que podia dar alguma informação, limitava-se a explicar que os extraordinários conhecimentos de seu chefe, tão úteis aos pacientes, vinham de suas misteriosas experiências. A essa altura, Tao Chi'en se mudara para uma boa casa, entre dois edifícios mais altos, nos limites de Chinatown, a poucos quarteirões da Praça da União, onde tinha sua clínica, vendia seus remédios e escondia as moças até que pudessem viajar. Eliza havia aprendido rudimentos de chinês, ou seja, o indispensável para comunicar-se em nível primário; o restante, ela improvisava com pantomimas, desenhos e algumas palavras em inglês. O esforço valia a pena; o seu novo trabalho era melhor do que fazer-se passar pelo irmão surdo-mudo do doutor. Não sabia ler nem escrever em chinês, mas reconhecia os remédios pelo cheiro, e, para maior segurança, marcava os frascos com um código

que ela mesma havia criado. Havia sempre um bom número de clientes esperando a vez de serem tratados com as agulhas de ouro, as ervas milagrosas e a voz apaziguadora de Tao Chi'en. Muitos se perguntavam como aquele homem, tão sábio e afável, podia ser o mesmo que colecionava cadáveres e concubinas que ainda não eram sequer adolescentes, mas, como não se sabia com certeza em que consistiam seus vícios, a comunidade o respeitava. Não tinha amigos, decerto, mas também não tinha inimigos. Seu bom nome ia além dos limites de Chinatown, e alguns médicos americanos já se haviam habituado a consultá-lo quando seus próprios conhecimentos mostravam-se inúteis, o que sempre era feito de modo sigiloso, pois seria uma verdadeira humilhação pública admitir que um "celestial" tivesse algo para ensinar a eles. E foi assim que chegou a cuidar de alguns importantes personagens da cidade e a conhecer a célebre Ah Toy.

A mulher mandou chamá-lo ao inteirar-se de que ele havia conseguido melhorar o estado de saúde da esposa de um juiz. Nos pulmões de Ah Toy, alguma coisa chocalhava como castanholas e, de vez em quando, aquilo ameaçava asfixiá-la. O primeiro impulso de Tao Chi'en foi o de recusar, mas logo se deixou vencer pela curiosidade; queria vê-la de perto e comprovar, por si mesmo, a lenda que a envolvia. Tao considerava-a uma víbora, sua inimiga pessoal. Sabendo o que Ah Toy significava para ele, Eliza pôs em sua maleta de médico algumas doses de arsênico, o bastante para matar uma junta de bois.

— Se, por acaso... — começou ela a explicar.

— Se por acaso o quê?

— Imagine que esteja muito doente. Talvez você não queira que ela sofra, não é mesmo? Às vezes é preciso ajudar alguém a morrer...

Tao Chi'en riu alegremente, mas não retirou o frasco da maleta. Ah Toy recebeu-o em uma de suas pensões de luxo, que custavam ao cliente mil dólares por sessão, mas da qual ele saía sempre satisfeito. E costumava advertir a respeito: "Primeiro é preciso perguntar pelo preço, este lugar pode não ser para você". A porta foi aberta por uma criada negra, de uniforme engomado, que o conduziu por várias salas, pelas quais perambulavam belas jovens vestidas de seda. Em comparação com suas irmãs menos afortunadas, aquelas viviam como princesas, tinham três refeições e tomavam banho diariamente. A casa, um verdadeiro museu de antiguidades orientais e bugigangas americanas, cheirava a tabaco, perfumes rançosos e poeira. Eram três da tarde, mas as pesadas cortinas permaneciam fechadas; naquele quarto, jamais se respirava um pouco de ar fresco. Ah Toy recebeu-o em um pequeno escritório, atulhado de móveis e gaiolas de pássaros. Ela era mais baixa, mais jovem e mais bela do que imaginara. Estava

cuidadosamente maquilada, mas não portava joias, vestia-se com simplicidade e não usava unhas compridas indicadoras de ócio. Tao fixou os olhos em seus pés minúsculos, calçados com pequenos sapatos brancos. Tinha o olhar penetrante e duro, mas falava com uma voz acariciante que o fez lembrar-se de Lin. ‘Maldita!’, suspirou Tao Chi’en, sentindo a derrota na primeira rodada. Examinou-a impassível, sem demonstrar sua repugnância nem sua perturbação, sem saber o que dizer-lhe, pois censurar o tráfico que ela promovia não seria apenas inútil, mas também perigoso, podendo chamar a atenção dela para suas próprias atividades. Receitou-lhe *mahuang* para a asma e outros remédios para acalmar o fígado, advertindo-a secamente de que, enquanto vivesse encerrada atrás daquelas cortinas, fumando tabaco e ópio, seus pulmões continuariam a gemer. A tentação de deixar-lhe o veneno, com instruções para tomar uma colherinha por dia, roçou-o de leve, como uma mariposa noturna, fazendo-o estremecer, atemorizado pelo instante de dúvida, pois, até então, acreditava que jamais seria alcançado por aquele tipo de ira que nos leva a matar alguém. Saiu depressa, certo de que, em face de suas maneiras rudes, a mulher não voltaria a chamá-lo.

— E então? — perguntou Eliza ao vê-lo chegar.

— Nada.

— Como nada? Não tinha sequer um pouquinho de tuberculose? Não vai morrer?

— Todos vamos morrer. Ela morrerá de velhice. É forte como um touro.

— Vaso ruim não quebra.

De sua parte, Eliza sabia que se achava diante de uma bifurcação definitiva de seu caminho, e a direção escolhida determinaria o resto de sua vida. Tao Chi’en tinha razão: ela devia dar um prazo a si mesma. Já não podia mais ignorar a suspeita de ter-se apaixonado pelo amor e estar presa na armadilha de uma paixão lendária, sem base alguma na realidade. Tratava de recordar os sentimentos que a haviam impelido a entrar naquela tremenda aventura, mas não conseguia. A mulher em que se havia transformado pouco tinha em comum com a menina enlouquecida de antes. Valparaíso e o quarto dos armários pertenciam a outra época, a outro mundo, que ia desaparecendo na bruma. Perguntava mil vezes a si mesma por que havia desejado tanto pertencer de corpo e alma a Joaquín Andieta, quando, na verdade, nunca se sentira totalmente feliz em seus braços, e só encontrava explicação no fato de tratar-se do primeiro amor. Estava preparada quando ele aparecera em sua casa, a fim de descarregar algumas mercadorias; o resto fora obra do instinto. Simplesmente obedecera ao mais poderoso e antigo dos chamados, mas isso havia acontecido uma eternidade antes, a onze mil e

duzentos quilômetros de distância. Quem era ela então, e o que tinha visto nele, a isso não podia responder, mas sabia que seu coração já não se encaminhava mais para tais direções. Não apenas havia se cansado de procurá-lo — no fundo, preferia não encontrá-lo —, como também não podia continuar aturdida pelas dúvidas. Necessitava concluir aquela etapa, a fim de iniciar um novo amor em campo limpo.

Em fins de novembro, não pôde mais suportar a aflição e, sem dizer uma palavra a Tao Chi'en, foi ao jornal a fim de falar com o célebre Jacob Freemont. Mandaram-na entrar na redação, onde vários jornalistas trabalhavam em suas escrivaninhas, cercados por uma desordem surpreendente. Indicaram-lhe um pequeno escritório por trás de uma porta envidraçada, para a qual se encaminhou. Ficou de pé diante da mesa, esperando que aquele gringo de suíças ruivas erguesse os olhos da papelada. Era um indivíduo de meia-idade, com pele sardenta e um doce aroma de velas de cera. Escrevia com a mão esquerda, tinha a testa apoiada na direita e não se podia ver seu rosto; mas, então, por baixo do aroma de cera de abelha, ela percebeu um aroma conhecido, que lhe trouxe à memória algo de sua infância, remoto e impreciso. Inclinou-se um pouco na direção dele, farejando dissimuladamente, justamente no instante em que o jornalista erguia a cabeça. Surpresos, ficaram olhando-se a uma distância incômoda e, por fim, ambos inclinaram-se para trás. Pelo cheiro, ela o reconheceu, apesar dos anos, dos óculos, das suíças e da roupa de ianque. Era o eterno pretendente de Miss Rose, o mesmo inglês que comparecia pontualmente às tertúlias das quartas-feiras em Valparaíso. Sentiu-se paralisada, não podia fugir dele.

— O que posso fazer por você, rapaz? — perguntou Jacob Todd, tirando os óculos para limpá-los com o lenço.

O discurso que Eliza havia preparado evaporou-se de sua cabeça. Ficou de boca aberta, com o chapéu na mão, certa de que, se ela o havia reconhecido, o mesmo aconteceria com ele; mas o homem pôs cuidadosamente os óculos e repetiu a pergunta sem olhar para ela.

— Estou aqui por causa de Joaquín Murieta... — balbuciou ela, e a voz escapou-lhe mais aflautada do que nunca.

— Tem informação sobre o bandido? — o interesse do jornalista foi imediatamente despertado.

— Não, não... Pelo contrário, estou aqui para perguntar por ele. Preciso vê-lo.

— A sua feição me parece familiar, rapaz... Será que não nos conhecemos?

— Não creio, senhor.

— É chileno?

— Sim.

— Morei no Chile há alguns anos. Bonito país. Por que você quer ver Murieta?

— É muito importante.

— Temo não poder ajudá-lo. Ninguém sabe do paradeiro dele.

— Mas o senhor e ele se falaram!

— Somente quando Murieta mandou me chamar. Ele só entra em contato comigo quando quer que algum de seus feitos apareça no jornal. Não tem nada de modesto; ele gosta da fama.

— Em que idioma ele se entende com o senhor?

— Meu espanhol é melhor do que o inglês dele.

— Diga-me, senhor, ele fala com sotaque chileno ou mexicano?

— Não sei dizer. E repito, rapaz, não posso ajudá-lo — respondeu o jornalista, pondo-se de pé a fim de dar por terminado o interrogatório, que começava a inquietá-lo.

Eliza despediu-se com uma única palavra, e ele ficou pensando, com ar de perplexidade, enquanto a via afastar-se através da redação barulhenta. Parecia-lhe conhecido aquele rapaz, mas não conseguia lembrar-se de onde. Minutos mais tarde, quando seu visitante já se havia retirado, lembrou-se do pedido do capitão Sommers, e a imagem de Eliza passou como um relâmpago por sua memória. Então, relacionou o nome do bandido ao de Joaquín Andieta e entendeu por que ela o procurava. Sufocou um grito e saiu correndo para a rua, mas a jovem já havia desaparecido.

O trabalho mais importante de Tao Chi'en e Eliza Sommers começava à noite. Aproveitavam a escuridão para enterrar os corpos das infelizes que não tinham conseguido salvar, e levavam as demais para o outro extremo da cidade, onde moravam seus amigos quacres. Uma a uma, as jovens iam saindo do inferno para se lançar às cegas em uma aventura sem retorno. Perdiam as esperanças de regressar à China ou de reencontrar suas famílias; algumas nem voltavam a falar a língua materna nem a olhar outro rosto chinês. Tinham de aprender uma profissão e trabalhar duro, mas qualquer coisa era um paraíso em comparação com suas vidas anteriores. Aquelas que Tao conseguia arrematar adaptavam-se melhor. Tinham viajado em caixotes, submetidas à lascívia e à brutalidade dos marinheiros, mas não estavam completamente alquebradas e mantinham alguma capacidade de redenção. As outras, salvas no derradeiro minuto da morte no “hospital”, jamais perdiam o medo, que, como uma doença do sangue, iria queimá-las por dentro até o fim de suas vidas. Tao Chi'en esperava que, com o tempo, pelo menos aprendessem a sorrir de vez em quando. Após terem recuperado as forças, elas percebiam que nunca mais teriam de se submeter a um homem por pura obrigação, mas sempre seriam fugitivas, pois eram levadas ao lar de seus amigos

abolicionistas, parte da *underground railroad*, como chamavam a organização clandestina dedicada a socorrer os escravos evadidos, à qual pertenciam também o ferreiro James Morton e seus irmãos. Recebiam os refugiados provenientes de estados escravistas e os ajudavam a se instalar na Califórnia, mas, no caso das moças, deviam operar na direção contrária, tirando-as da Califórnia, a fim de levá-las para longe dos traficantes e dos bandos criminosos, procurar lares para elas e algum meio de ganharem a vida. Os quacres assumiam os riscos com fervor religioso; para eles, tratava-se de inocentes desonradas pela maldade humana, que Deus pusera em seu caminho como prova. Acolhiam-nas com grande satisfação, mas às vezes elas chegavam a reagir com violência e terror; não sabiam receber afeto; contudo, a paciência daquelas pessoas ia, pouco a pouco, vencendo suas resistências. Ensinavam-lhes umas tantas frases indispensáveis em inglês, davam-lhes uma ideia dos costumes americanos, mostravam-lhes um mapa para que soubessem ao menos onde se encontravam, e tratavam de iniciá-las em alguma profissão, enquanto esperavam que Babalu Mau viesse buscá-las.

O gigante havia finalmente encontrado um bom uso para seus talentos: era um viajante incansável, grande notívago e amante da aventura. Ao vê-lo aparecer, as *sing song girls* corriam espavoridas, escondiam-se, e seus protetores tinham de ser muito persuasivos para conseguir tranquilizá-las. Babalu tinha aprendido uma canção chinesa e três números de malabarismo, que usava para deslumbrá-las e mitigar o espanto do primeiro encontro, mas nada seria capaz de fazê-lo renunciar às suas peles de lobo, à cabeça raspada, aos brincos de pirata e ao seu formidável armamento. Permanecia por dois dias, até convencer suas protegidas de que não era um demônio e não pretendia devorá-las, e em seguida partia com elas na escuridão da noite. As distâncias eram bem calculadas, de modo que o refúgio mais próximo seria alcançado ao amanhecer. Ali, descansavam durante o dia. Viajavam a cavalo; um coche seria inútil, pois boa parte da trajetória era feita em campo aberto, deixando de lado as estradas. Tinha descoberto que era muito mais seguro viajar na escuridão, desde que o viajante soubesse localizar-se, pois, como todo mundo, os ursos, as cobras e os foragidos também dormiam. Babalu levava as moças a salvo, entregando-as nas mãos de outros integrantes da vasta rede da liberdade. Elas terminavam em fazendas do Oregon, lavanderias do Canadá, oficinas artesanais do México; outras tornavam-se empregadas domésticas e algumas, na verdade poucas, conseguiam casar-se. Tao Chi'en e Eliza costumavam receber notícias delas por intermédio de James Morton, que seguia as pegadas de cada fugitivo resgatado por sua organização. De vez em quando, lhes chegava um envelope procedente de algum lugar remoto e, ao abri-lo,

encontravam um nome mal rabiscado, umas flores secas ou um desenho, e então se felicitavam, porque mais uma *sing song girl* fora salva.

Às vezes, cumpria a Eliza dividir seu quarto, por alguns dias, com uma garota recém-resgatada, mas, mesmo nesse caso, ela não revelava sua condição feminina, que só Tao conhecia. O melhor cômodo da casa era o seu, situado atrás do consultório do amigo. Tratava-se de um aposento amplo, com duas janelas que davam para um pátio interior, onde cultivavam plantas medicinais para o consultório e ervas aromáticas para a cozinha. Com frequência, pensavam em mudar-se para uma casa maior e ter um jardim de verdade, não apenas para fins práticos, mas também para recreio dos olhos e regozijo da memória; um lugar no qual crescessem as mais belas plantas da China e do Chile, e houvesse um caramanchão onde pudessem sentar-se e tomar chá ao entardecer, e admirar, pela manhã, o nascer do sol sobre a baía. Tao Chi'en havia notado o afã de Eliza no sentido de converter a casa em um lar, o esmero com que limpava e ordenava, sua constância em manter discretos ramos de flores frescas em cada aposento. Não tivera, antes, oportunidade de apreciar tais refinamentos; crescera em completa pobreza e, na mansão do mestre de acupuntura, faltava uma presença de mulher para transformá-la em um lar; Lin era muito frágil e não tinha forças para encarregar-se de todas as tarefas domésticas. Eliza, ao contrário, herdara dos pássaros o instinto que manda construir ninhos. Investia na casa uma boa parte do que ganhava tocando piano duas vezes por semana em um *saloon* e vendendo *empanadas* e tortas no bairro chileno. Havia adquirido, assim, cortinas, um jogo de toalhas de damasco, panelas, pratos e xícaras de porcelana. Para ela, eram essenciais as boas maneiras com as quais havia sido criada: transformava em uma cerimônia o único prato que tivessem para dividir, apresentava os pratos com primor e corava de prazer quando ele elogiava seus esforços. Assim, os problemas cotidianos pareciam resolver-se sozinhos, como se à noite espíritos generosos limpassem o consultório, atualizassem os arquivos, entrassem discretamente no aposento de Tao Chi'en a fim de lavar sua roupa, pregar seus botões, escovar seus ternos e trocar a água de rosas que havia em sua mesa.

— Não me sufoque com tantas atenções, Eliza.

— Segundo você mesmo disse, os chineses esperam que as mulheres os sirvam.

— Isso é na China, mas nunca tive essa sorte... Você está me pondo a perder.

— Não é nada disso. Miss Rose dizia que, para se dominar um homem, é necessário habituá-lo a viver bem e, quando ele se comporta mal, o castigo consistirá em suprimir-lhe os mimos.

— Mas Miss Rose não ficou solteira?
— Sim, mas por vontade própria, não por falta de oportunidade.
— Não tenho a intenção de me comportar mal, mas, depois, como poderia viver sozinho?

— Você nunca viverá só. Não é completamente feio e sempre terá uma mulher de pés grandes e maus bofes disposta a casar-se com você — replicou ela, o que o fez rir, encantado.

Tao havia comprado móveis para o aposento de Eliza, o único da casa onde se notava certo luxo. Quando passeavam juntos por Chinatown, ela costumava admirar o estilo dos móveis tradicionais chineses. “São muito bonitos, mas pesadões”, dizia ela. “O erro está no exagero.” Tao deu-lhe de presente uma cama e um guarda-roupa de madeira escura com entalhes, e depois ela própria escolheu um biombo de bambu, além de um conjunto de mesas e cadeiras. Não quis uma colcha de seda, como a que usaria na China, mas uma de aspecto europeu, feita de linho bordado, com almofadas do mesmo material.

— Tem certeza de que quer fazer essa despesa, Tao?

— Está pensando nas *sing song girls*...

— Estou.

— Você mesma já disse que nem todo o ouro da Califórnia daria para comprar todas elas. Mas não se preocupe, temos o bastante.

Eliza retribuía-lhe de mil maneiras sutis: discrição para respeitar seu silêncio e suas horas de estudo, esmero em ajudá-lo no consultório, coragem no resgate das meninas. Para Tao Chi'en, no entanto, o melhor presente era o invencível otimismo de sua amiga, que o obrigava a reagir quando as sombras ameaçavam engoli-lo por inteiro. “Se você anda triste, perde força e não pode ajudar ninguém. Vamos dar um passeio, preciso do cheiro de uma floresta. Chinatown cheira a molho de soja”, e o levava de coche até os arredores da cidade. Passavam o dia ao ar livre, correndo como adolescentes; naquela noite, ele dormiria como um anjo e, no dia seguinte, despertaria novamente alegre e revigorado.

O capitão John Sommers atracou em Valparaíso no dia 15 de março de 1853, esgotado pela viagem e pelas exigências de sua patroa, cujo capricho mais recente consistia em trazer do Sul do Chile um pedaço de glaciador do tamanho de uma baleeira. Paulina tinha colocado na cabeça a ideia de fabricar sorvetes e bebidas geladas, já que os preços das frutas e verduras tinham baixado muito, desde que a agricultura começara a prosperar na Califórnia. Em quatro anos, o ouro havia atraído um quarto de milhão de imigrantes, mas a bonança estava passando. Apesar disso, Paulina Rodríguez de Santa Cruz não pensava em sair de San Francisco. Em seu indômito coração havia adotado aquela cidade de forasteiros heroicos, na qual ainda não existiam

classes sociais. Ela mesma supervisionava a construção de sua futura residência, bela mansão na extremidade de uma colina com a melhor vista para a baía, mas esperava seu quarto filho e queria tê-lo em Valparaíso, onde sua mãe e suas irmãs a mimariam até enjoarem. Seu pai sofrera uma oportuna apoplexia, que lhe amolecera o cérebro e paralisara metade de seu corpo. A invalidez não mudara o caráter de Agustín del Valle, mas o deixara com medo da morte e, naturalmente, do inferno. Partir para o outro mundo com uma pesada carga de pecados mortais às costas não parecia uma boa ideia, vinha repetindo incansavelmente o bispo, seu parente. Nada restava nele do mulhengo e valentão que tinha sido, não por causa de algum arrependimento, mas porque seu corpo maltratado era incapaz de continuar andando a trote. Assistia a uma missa todos os dias na capela de sua casa e suportava, estoico, as leituras dos Evangelhos e os incalculáveis rosários que sua mulher debulhava. Contudo, nada disso o tornou menos duro com seus inquilinos e empregados. Continuava a tratar sua família — e o restante do mundo — como um déspota, mas parte da conversão tomou a forma de um súbito e inexplicável amor por Paulina. Esqueceu-se de que a repudiara por ter fugido do convento a fim de se casar com aquele filho de judeu, cujo sobrenome não recordava, porque ele não era parte da classe a que pertencia. Escreveu para ela, declarando-a sua favorita, herdeira única de sua ténpera e sua visão para os negócios, e suplicando-lhe que voltasse ao lar, pois seu pobre pai desejava abraçá-la antes de morrer. “É verdade que o velho está muito mal?”, perguntou Paulina, esperançosa, em carta às suas irmãs. Mas não estava, e certamente viveria muitos anos apoquentando os outros, sentado em sua cadeira de rodas. Afinal, coube ao capitão Sommers a tarefa de transportar, naquela viagem, a patroa e seus filhinhos malcriados, as domésticas irremediavelmente enjoadas, o carregamento de baús, duas vacas para o leite dos meninos e três cachorrinhos peludos com laços nas orelhas, como os das cortesãs francesas, com os quais Paulina havia substituído o que morrera afogado em alto-mar durante a primeira viagem. Para o capitão, aquela viagem parecia eterna, e sofria só em pensar que, dentro em breve, teria de transportar Paulina e seu circo de volta a San Francisco. Pela primeira vez em sua longa vida de marinheiro, pensou em aposentar-se e passar em terra firme o tempo que ainda lhe restava neste mundo. Seu irmão, Jeremy, o esperava no cais, e o levou para casa, atribuindo a ausência de Rose a uma enxaqueca.

— Como você sabe, ela sempre adoece quando chega o aniversário de Eliza. Até hoje — explicou o irmão —, ela não pôde se refazer da morte da menina.

— Sobre esse assunto, quero conversar com vocês — replicou o capitão.

Miss Rose só soube quanto amava Eliza depois que ela desapareceu; sentiu então que o amor maternal lhe chegara demasiadamente tarde. Culpava-se pelos anos em que a amara pela metade, com um carinho arbitrário e caótico; das ocasiões em que se esquecera de sua existência, por estar muito ocupada com suas próprias frivolidades, e, quando se lembrava, descobria que a menina estivera a semana toda no pátio brincando com as galinhas. Eliza tinha sido para Miss Rose o mais parecido com a filha que jamais teria; durante quase dezessete anos, fora sua amiga, sua companhia em jogos e brincadeiras, a única pessoa que tocava nela. O corpo de Miss Rose doía de pura e simples solidão. Lembrava-se dos banhos junto com a menina, quando brincavam, felizes, na água aromatizada com folhas de menta e alecrim. Pensava nas mãos pequenas e hábeis de Eliza lavando-lhe o cabelo, massageando-lhe a nuca, polindo-lhe as unhas com um pedaço de camurça, ajudando-a a pentear-se. À noite ficava esperando, com o ouvido atento aos passos da menina, que lhe trazia seu copinho de licor de anis. Desejava sentir novamente o beijo de boa-noite que ela lhe dava na testa. Miss Rose deixara de escrever e suspendera em definitivo as tertúlias musicais, que antes constituíam o eixo de sua vida social. Renunciara também ao coquetismo, e aceitara, resignada, a ideia de envelhecer sem atrativos. “Na minha idade, só se espera de uma mulher que tenha dignidade e cheire bem”, dizia. Durante todos aqueles anos, nenhum vestido novo saiu de suas mãos; continuou a usar os antigos e nem percebeu que já não estavam mais na moda. A saleta de costura permanecia abandonada, e até a coleção de gorros e chapéus envelhecia nas caixas, porque, quando saía à rua, Miss Rose optava pelo manto negro das chilenas. Ocupava suas horas relendo os clássicos e tocando peças melancólicas ao piano. Aborrecia-se com determinação e método, como se impusesse um castigo a si mesma. A ausência de Eliza se transformara em um bom pretexto para vestir luto pelos sofrimentos e perdas de seus quarenta anos de vida, sobretudo pela falta de amor. Sentia essa carência como um espinho embaixo da unha, uma dor constante e silenciosa. Arrependia-se de ter criado Eliza na mentira; não podia entender por que inventara a história da cesta forrada com um lençol de cambraia, a improvável manta de *vison*, quando a verdade teria sido muito mais positiva. Eliza tinha o direito de saber que seu adorável tio John era, na verdade, seu pai, que ela e Jeremy eram seus tios, que pertencia à família Sommers e não era uma órfã recolhida em um ato de caridade. Lembrava-se, horrorizada, da ocasião em que a arrastara até o orfanato para dar-lhe um susto — que idade tinha ela então? Oito ou dez anos, uma criança. Se pudesse começar de novo, que mãe diferente seria... De saída, teria apoiado seu namoro, em vez de declarar-lhe guerra; se tivesse agido assim, Eliza estaria viva, suspirava, pois fora por sua culpa que

encontrara a morte ao fugir. Sentiu-se obrigada a lembrar seu próprio caso e entender que, às mulheres de sua família, o primeiro amor costumava transtornar. O mais triste era não ter com quem falar dela, pois Mama Frésia também havia desaparecido, e seu irmão Jeremy apertava os lábios e saía de casa quando o nome dela era mencionado. Sua tristeza contaminava tudo em volta; nos últimos quatro anos, a casa havia adquirido um pesado ar de mausoléu, a qualidade da comida tinha caído muito, e agora Miss Rose alimentava-se de chá com biscoitos ingleses. Não tinha encontrado uma cozinheira decente, mas também era verdade que não a havia procurado com afinco. Tornara-se indiferente à ordem e à limpeza; faltavam flores nos jarros, e metade das plantas do jardim definhava por falta de cuidados. Durante quatro invernos, as cortinas floreadas de verão continuaram penduradas na sala, sem que ninguém se desse ao trabalho de trocá-las ao final de cada temporada.

Jeremy não fazia críticas à irmã, comia qualquer mingau que lhe pusessem no prato e não dizia uma palavra quando suas camisas apareciam mal engomadas, e seus ternos, precisando de escova. Lera em algum lugar que as mulheres solteiras costumavam sofrer perturbações perigosas. Na Inglaterra haviam desenvolvido uma cura milagrosa para a histeria, que consistia em cauterizar certos pontos com ferro em brasa, mas essas conquistas ainda não tinham chegado ao Chile, onde continuava a empregar-se água benta para esses tipos de males. De qualquer modo, era um assunto delicado, difícil de mencionar diante de Miss Rose. Não imaginava um meio de consolá-la, já era muito antigo entre eles o hábito da discrição e do silêncio. Procurava alegrá-la com presentes comprados aos contrabandistas dos navios, mas, como não entendia nada de mulheres, às vezes chegava com objetos horrorosos, que, sem perda de tempo, iam para o fundo dos armários. Não suspeitava de que muitas vezes a irmã aproximava-se dele, quando fumava em sua poltrona, prestes a prostrar-se a seus pés, apoiar a cabeça em seus joelhos e ficar chorando sem parar, mas, no último instante, recuava assustada, porque entre eles qualquer palavra de afeto soava como ironia e imperdoável sentimentalismo. Rígida e triste, Miss Rose mantinha as aparências por mera disciplina, experimentando a sensação de que apenas o corpete a sustentava e de que, se o afrouxasse, iria desmanchar-se em pedaços. Nada restava de sua alegria e de suas travessuras, nem de suas atrevidas opiniões, seus gestos de rebeldia ou sua impertinente curiosidade. Convertera-se naquilo que mais temia: uma solteirona típica da era vitoriana. “É a mudança, e nessa idade as mulheres costumam desequilibrar-se”, opinou o farmacêutico alemão, que lhe receitou valeriana para os nervos e óleo de fígado de bacalhau para a palidez.

O capitão John Sommers reuniu os irmãos na biblioteca para lhes

dar a notícia.

— Lembra-se de Jacob Todd?

— Aquele sujeito que nos enganou com a história das missões na Terra do Fogo? — perguntou Jeremy Sommers.

— Ele mesmo.

— Estava apaixonado por Rose, se a memória não me falha — sorriu Jeremy, lembrando-se de que pelo menos tinham escapado do risco de ter aquele mentiroso como cunhado.

— Mudou de nome. Agora se chama Jacob Freemont e virou jornalista em San Francisco.

— Caramba! Isso quer dizer que nos Estados Unidos qualquer patife pode começar tudo de novo.

— Jacob Todd já pagou mais do que devia pelo seu pecado. Acho esplêndido existir um país capaz de oferecer uma segunda chance a alguém.

— E a honra não conta?

— A honra não é tudo, Jeremy.

— E o que existe além dela?

— O que nos importa Jacob Todd? Suponho que você nos reuniu para dizer alguma coisa dele, John — balbuciou Miss Rose por trás de seu lenço embebido em perfume de baunilha.

— Estive com Jacob Todd, ou melhor, Jacob Freemont, antes de embarcar de volta. Garantiu-me que viu Eliza em San Francisco.

Pela primeira vez na vida, Miss Rose achou que ia desmaiar. Sentiu o coração disparar, as têmperas ameaçaram explodir e uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto. Sufocada, não pôde articular uma só palavra.

— Não se pode acreditar em nada que vier daquele homem! Você nos disse que uma mulher jurou ter conhecido Eliza a bordo de um navio em 1849, e acrescentou não ter dúvida de que ela estava morta — lembrou Jeremy Sommers, dando grandes passadas pela biblioteca.

— Certo, mas tratava-se de uma prostituta, e tinha consigo o broche de turquesas que dei a Eliza. Pode tê-lo roubado e mentido a fim de proteger-se. Que razão Jacob Freemont teria para me enganar?

— Nenhuma. Só que se trata de um farsante por natureza.

— Chega, por favor! — suplicou Miss Rose, fazendo um esforço colossal para manter a voz audível. — O importante é que alguém viu Eliza, que ela não está morta e que podemos encontrá-la.

— Não alimente ilusões, querida. Por acaso não está vendo que se trata de uma história fantástica? Para você, será um golpe terrível constatar que se trata de uma notícia falsa — alertou Jeremy.

John Sommers deu-lhes pormenores do encontro de Jacob Freemont com Eliza, sem omitir que a jovem se vestia de homem e, como parecia inteiramente à vontade naquela roupa, o jornalista não

duvidou de que estivesse falando com um rapaz. John acrescentou que os dois haviam percorrido o bairro chileno à procura de Eliza, mas não sabiam que nome ela usava, e por isso ninguém pôde, ou não quis, revelar o paradeiro da jovem. Explicou que, sem dúvida, Eliza tinha ido à Califórnia a fim de se reunir ao namorado, mas algo não dera certo, e os dois não tinham se encontrado, tanto assim que o motivo de sua visita a Jacob Freemont fora para averiguar sobre um pistoleiro de nome parecido.

— Deve ser ele. Joaquín Andieta é um ladrão. Saiu do Chile como fugitivo da justiça — resmungou Jeremy Sommers.

Não fora possível ocultar a identidade do namorado de Eliza. Miss Rose também teve de admitir que costumava visitar a mãe de Joaquín Andieta a fim de saber notícias dele, mas a infeliz mulher, cada vez mais pobre e mais doente, estava convencida de que o filho morrera. Não via outra explicação para seu longo silêncio. Tinha recebido uma carta da Califórnia, datada de fevereiro de 1849, uma semana depois de sua chegada, na qual ele anunciava seus planos de seguir para a zona de mineração e reiterava a promessa de escrever-lhe a cada quinze dias. E, depois disso, mais nada: havia desaparecido sem deixar rastro.

— Não lhes parece estranho que Jacob Todd tenha reconhecido Eliza em uma situação fora de contexto e vestida de homem? — perguntou Jeremy Sommers. — Quando a conheceu, ela era uma menininha. Há quantos anos isso aconteceu? Seis ou sete, pelo menos. Como podia imaginar que Eliza estava na Califórnia? Isso é absurdo.

— Há três anos contei a Todd o que aconteceu, e ele me prometeu procurá-la. Descrevi-a em detalhes. Além do mais, Eliza nunca mudou muito de feições; quando saiu daqui, ainda parecia uma menina. Jacob Freemont procurou-a por um bom tempo, depois eu lhe disse que talvez ela estivesse morta. Então me prometeu que voltaria a tentar, e estava pensando mesmo em contratar um detetive. Espero trazer-lhes notícias mais concretas em minha próxima viagem.

— Por que não esquecemos esse assunto de uma vez por todas? — suspirou Jeremy.

— Porque ela é minha filha, homem, pelo amor de Deus! — exclamou o capitão.

— Eu irei à Califórnia procurar Eliza! — interrompeu Miss Rose, pondo-se de pé.

— Você não vai a lugar nenhum! — gritou o irmão mais velho.

Ela, porém, já havia saído. A notícia foi uma injeção de sangue novo para Miss Rose. Sabia, com absoluta certeza, que encontraria sua filha adotiva, e pela primeira vez em quatro anos tinha um motivo para continuar vivendo. Descobriu, admirada, que suas forças estavam intactas, guardadas em alguma reentrância secreta do coração, prontas

para servi-la, como haviam feito antes. A dor de cabeça desapareceu como por encanto, ela começou a transpirar e suas faces estavam coradas de euforia quando ordenou às criadas que a acompanhassem ao quarto de dormir e cuidassem de suas malas de viagem.

Em maio de 1853, Eliza leu no jornal que Joaquín Murieta e seu comparsa, Jack Três-dedos, haviam atacado um acampamento de seis pacíficos chineses, aos quais haviam amarrado com cordas e degolado em seguida; feito isso, deixaram suas cabeças penduradas em uma árvore, juntas, como se fossem uma penca de mamões. Os caminhos estavam nas mãos dos bandidos, ninguém andava com segurança naquela região, tinham de viajar em grupos e sempre bem-armados. Os bandidos assassinavam mineiros americanos, aventureiros franceses, mascates judeus e viajantes de qualquer raça, mas em geral não atacavam nem índios nem mexicanos; desses, os americanos se encarregavam. Aterrorizadas, as pessoas trancavam portas e janelas, os homens vigiavam com os rifles preparados, e as mulheres escondiam-se, pois nenhuma queria cair nas mãos de Jack Três-dedos. Quanto a Murieta, dizia-se que jamais maltratava mulheres e, em mais de uma ocasião, tinha evitado que alguma jovem fosse violentada pelos facínoras de seu bando. As pousadas negavam hospedagem aos viajantes, temerosas de que um deles fosse Murieta. Ninguém jamais o vira pessoalmente, e as descrições que faziam dele eram contraditórias, embora os artigos de Freemont viessem criando uma imagem romântica do bandido, que a maior parte dos leitores aceitava como verdadeira. Em Jackson, formou-se o primeiro grupo de voluntários destinado à caça do bando de Murieta, e não tardou para que cada povoação tivesse a sua companhia de vingadores, o que resultou em uma caçada humana sem precedentes. Ninguém que falasse espanhol estava livre de suspeitas e, em poucas semanas, houve mais linchamentos realizados de afogadilho do que nos quatro anos anteriores. Bastava falar espanhol para converter-se em inimigo público e atrair para si a fúria dos xerifes e juízes. O cúmulo da surpresa aconteceu na ocasião em que o bando de Murieta, fugindo de uma tropa de soldados americanos que ia em seus calcanhares, desviou-se brevemente de seu roteiro a fim de atacar um acampamento de chineses. Os soldados chegaram minutos depois; vários estavam mortos e outros agonizavam. Dizia-se que Joaquín Murieta odiava asiáticos pelo fato de raramente se defender, mesmo quando estavam armados; os “celestiais” tinham tanto medo dele que a simples menção de seu nome produzia neles uma explosão de pânico. Contudo, o boato mais persistente era o de que o bandido estava formando um exército e, com a cumplicidade de ricos fazendeiros mexicanos da região, pretendia provocar uma revolta,

sublevar a população espanhola, massacrar os americanos e devolver a Califórnia ao México ou transformá-la em uma república independente.

Diante do clamor popular, o governador assinou um decreto autorizando o capitão Harry Love e um grupo de vinte voluntários a caçar Joaquín Murieta durante três meses. Atribuiu a cada homem um soldo de cento e cinquenta dólares mensais, coisa pouca, levando-se em conta que deviam eles mesmos adquirir seus cavalos, armas e provisões, mas, apesar disso, em menos de uma semana, a tropa estava pronta para marchar. Havia uma recompensa de mil dólares pela cabeça de Joaquín Murieta. Assim, conforme Jacob Freemont escreveu em seu jornal, condenava-se um homem sem conhecer a sua identidade, sem ter provas de seus crimes e sem levá-lo perante um júri, e a missão que se confiava ao capitão Love equivalia a um linchamento. Eliza sentiu uma mistura de terror e alívio, para a qual não teve explicação. Não desejava que aqueles homens matassem Joaquín, mas talvez fossem eles os únicos a encontrá-lo; ela queria apenas sair da incerteza, estava cansada de dar murros em ponta de faca. Fosse como fosse, era pouco provável que o capitão levasse a melhor naquela tarefa em que tantos outros haviam fracassado. Joaquín Murieta parecia invencível. Dizia-se que só uma bala de prata poderia matá-lo, pois várias vezes tinham esvaziado pistolas em seu peito, à queima-roupa, e ele continuava em seus galopes pela região de Calaveras.

— Se essa fera é o seu namorado, o melhor é que você nunca o encontre — opinou Tao Chi'en quando ela lhe mostrou os recortes de jornais que vinha colecionando havia mais de um ano.

— Acho que não é...

— Como é que pode saber?

Em sonhos, Eliza via o ex-amante com o mesmo terno já bem gasto e as mesmas camisas puídas, mas bem-passadas, dos tempos em que haviam se amado em Valparaíso. No sonho, ele aparecia com seu ar trágico, seus olhos brilhantes e seu cheiro de sabão com suor fresco; tomava suas mãos, como no passado, e falava-lhe emocionado acerca da democracia. Às vezes deitavam-se juntos sobre o monte de cortinas no quarto dos armários, lado a lado, mas sem se tocarem, completamente vestidos, enquanto ao redor deles rangiam as madeiras açoitadas pelo vento do mar. E em todos os sonhos Joaquín tinha uma estrela de luz na testa.

— E o que significa isso? — quis saber Tao Chi'en.

— Um homem ruim não tem luz na testa.

— Isso é apenas um sonho, Eliza.

— Não é um sonho, Tao, são muitos...

— Então você está procurando o homem errado.

— Talvez, mas nem por isso estou perdendo meu tempo — replicou ela, sem maiores explicações.

Pela primeira vez em quatro anos, ela voltava a ter consciência de seu corpo, relegado a um plano inferior desde o momento em que Joaquín Andieta havia se despedido dela no Chile, naquele funesto 22 de dezembro de 1848. Em sua obsessão de encontrar aquele homem, a tudo renunciara, inclusive à feminilidade. Tinha medo de, por causa dele, haver deixado pelo caminho sua condição de mulher, a fim de converter-se em um ser raro e assexuado. Algumas vezes, quando cavalgava pelas colinas e bosques, exposta à inclemência de todos os ventos, lembrava-se dos conselhos de Miss Rose, que se banhava com leite e jamais permitia que um raio de sol alcançasse a sua pele de porcelana, mas não podia deter-se em semelhantes considerações. Suportava o esforço e o castigo porque não tinha alternativa. Considerava seu corpo, assim como os pensamentos, a memória e o sentido do olfato, parte inseparável de seu ser. Antes não compreendia a que Miss Rose estava se referindo quando falava da alma, porque não conseguia diferenciá-la da unidade que ela era, mas agora começava a vislumbrar sua natureza. Alma era a parte imutável de si mesma. Corpo, em troca, era aquela fera temível, que, depois de anos hibernando, acordava indômita e cheia de exigências. Aquilo que lhe trazia de volta à memória o ardor do desejo, saboreado brevemente no quarto dos armários. Desde aquele momento, nunca mais havia sentido verdadeira urgência de amor e prazer físico, como se essa parte dela houvesse permanecido entregue a um sono profundo. Atribuiu isso à dor de ter sido abandonada pelo amante, ao pânico de descobrir-se grávida, ao seu passeio pelos labirintos da morte no navio, ao trauma do aborto. Fora muito machucada, e, assim, o terror de ver-se outra vez naquelas circunstâncias foi mais forte do que seu ímpeto juvenil. Pensava que pelo amor era exigido um preço demasiado alto e, assim, o melhor seria evitá-lo por inteiro, mas naqueles últimos anos ao lado de Tao Chi'en alguma coisa se modificara dentro dela, e de repente o amor, assim como o desejo, pareceu-lhe inevitável. A necessidade de vestir-se de homem começava a pesar-lhe como uma carga. Lembrava-se da saleta de costura, na qual, certamente, Miss Rose estaria confeccionando mais um de seus primorosos vestidos, e então foi alcançada por uma onda de saudade daquelas delicadas tardes de sua infância, do chá das cinco nas xícaras que Miss Rose havia herdado da mãe, das correrias a que se entregavam para comprar bugigangas trazidas de contrabando pelos marinheiros. E o que seria de Mama Frésia? Via-a resmungando na cozinha, gorda e tépida, cheirando a manjerição, sempre empunhando uma colher de pau, mexendo em uma panela que fervia no fogão, como se fosse uma feiticeira benévola. Sentia uma opressiva

nostalgia daquela cumplicidade feminina de outrora, um desejo peremptório de sentir-se mulher novamente. Em sua casa, não havia um espelho grande o suficiente para lhe permitir observar aquela criatura feminina que tentava impor-se. Queria ver-se nua. Às vezes, ao amanhecer, deixava a cama possuída pela febre dos sonhos impetuosos nos quais a imagem de Joaquín Andieta, com uma estrela na testa, sobrepunha-se a outras visões nascidas dos livros eróticos que antes lia em voz alta para as pombinhas da Quebra-osso. Naquela época, fazia tais leituras com notável indiferença, pois aquelas descrições não eram nada evocadoras para ela, mas agora vinham perturbá-la em seus sonhos, como espectros sensuais. Sozinha em seu belo aposento mobiliado à chinesa, aproveitava a luz do amanhecer, que se filtrava fracamente pela janelas, para dedicar-se à enlevada exploração de si mesma. Livrava-se do pijama, olhava com curiosidade as partes do corpo que podia ver, e percorria as outras com as mãos, como aprendera a fazer anos antes, na época em que descobrira o amor. Não havia mudado muito, comprovava agora. Estava mais delgada, mas também parecia mais forte. As mãos estavam curtidas de sol e trabalho, mas o restante lhe parecia tão claro e liso quanto podia lembrar-se. Parecia-lhe estranho que, depois de tanto tempo quase esmagados embaixo de uma faixa, seus seios ainda continuassem como antes, pequenos e firmes, com os mamilos duros como grãos de bico. Soltava a cabeleira, que não cortara nos últimos quatro meses, penteando-a de modo a formar uma pequena cauda na nuca, fechava os olhos e agitava a cabeça com aquele prazer que lhe despertava a textura dos cabelos, que era a mesma de um animal vivo. Surpreendia-lhe aquela mulher quase desconhecida, com curvas nas coxas e cadeiras, cintura fina e um tufo crespo e áspero no púbis, bem diferente do cabelo liso e elástico da cabeça. Erguia um braço a fim de medir-lhe a extensão, apreciar a sua forma, ver de longe suas unhas; com a outra mão, palpava a lateral, o relevo das costelas, a cavidade da axila, o contorno do braço. Detinha-se nos pontos mais sensíveis do pulso, na dobra do cotovelo, perguntando se Tao sentiria as mesmas cócegas nessas mesmas partes. Tocava no pescoço, contornava as orelhas, o arco das sobrancelhas, a linha dos lábios; passava um dedo pelo interior da boca e, em seguida, o levava aos mamilos, que cresciam em contato com a saliva morna. Corria firmemente as mãos pelas nádegas, a fim de assimilar a sua forma, depois com leveza, para sentir a tessitura da pele. Sentava-se na cama e palpava-se dos pés às virilhas, deixando-se surpreender pela quase imperceptível camada de pelos dourados que haviam nascido em suas pernas. Abria as coxas, tocava a misteriosa fenda de seu sexo, úmida e suave; procurava o casulo do clitóris, centro de seus desejos e confusões, e, ao roçá-lo, acudia-lhe imediatamente a visão inesperada de Tao Chi'en. Não era

Joaquín Andieta, de cujo rosto mal podia recordar-se, mas seu fiel amigo, quem vinha nutrir-lhe as fantasias febris com uma irresistível mistura de abraços ardentes, de suave ternura e riso compartilhado. Depois ela cheirava as mãos, maravilhada com aquele poderoso aroma de sal e frutas maduras que emanava de seu corpo.

Três dias depois de o governador ter posto a prêmio a cabeça de Joaquín Murieta, ancorou no porto de San Francisco o vapor *Northener*, com duzentos e setenta e cinco malotes de correio, além de Lola Montez. Era a cortesã mais famosa da Europa, mas nem Eliza nem Tao Chi'en jamais tinham ouvido falar em seu nome. Estavam casualmente no cais, pois tinham ido apanhar uma caixa de remédios chineses, que um marinheiro trouxera de Xangai. Imaginaram que a causa do tumulto festivo fosse o correio, pois nunca se recebera um carregamento tão abundante de correspondência e encomendas, mas o foguetório da festa logo lhes tiraria do erro. Naquela cidade, habituada a toda espécie de prodígios, formara-se uma grande multidão de homens curiosos, desejosos de ver a incomparável Lola Montez, que viera pelo Istmo do Panamá, precedida pelo rufar dos tambores de sua fama. Desceu do bote nos braços de uma dupla de afortunados marinheiros, que a colocaram suavemente em terra firme com reverências dignas de uma rainha. E essa era exatamente a atitude daquela célebre amazona quando recebia as aclamações de seus admiradores. A confusão apanhou de surpresa Tao e Eliza, que nada sabiam das origens da bela cortesã, mas não tardaram a ser devidamente informados pelos espectadores. Ela era uma irlandesa, plebeia e bastarda, que se fazia passar por uma bailarina espanhola, de linhagem nobre. Dançava como um ganso e, de atriz, tinha apenas uma imoderada vaidade, mas seu nome trazia à mente imagens licenciosas de grandes sedutoras, de Dalila a Cleópatra, e era por isso que multidões delirantes se juntavam a fim de aclamá-la. Não iam vê-la por causa de seu talento, mas para comprovar de perto a sua malignidade perturbadora, sua formosura lendária e seu temperamento feroz. Sem outros talentos além dos da desfaçatez e da audácia, lotava teatros, gastava tanto quanto um exército, colecionava joias e amantes, tinha explosões de raiva homéricas, havia declarado guerra aos jesuítas e fora expulsa de várias cidades, mas seu feito máximo consistira em destroçar o coração de um rei. Durante sessenta anos, Ludwig I, da Baviera, conseguira ser um homem bom, avaro e prudente, até que um dia ela cruzou seu caminho, e, com dois golpes certos, reduziu-o à condição de fantoche. O monarca perdeu o juízo, a saúde e a honra, enquanto ela raspava as arcas de seu pequeno reino. Tudo que ela pediu, o apaixonado Ludwig lhe deu, inclusive um título de condessa, mas não pôde conseguir que seus súditos a

aceitassem. Seus péssimos modos e descabelados caprichos desencadearam o ódio dos cidadãos de Munique, que terminaram por ocupar as ruas a fim de exigir a expulsão da queridinha do rei. Mas, em vez de sair discretamente de cena, Lola enfrentou a turba, armada com um longo chicote, e só não foi reduzida a picadinho porque seus fiéis lacaios empurraram-na à força para dentro de um coche e levaram-na até a fronteira. Desesperado, Ludwig I abdicou do trono e resolveu segui-la no exílio, mas, despojado da coroa, do poder e da conta bancária, deixava de ter serventia, e por isso a beldade simplesmente o abandonou.

— Em resumo — opinou Tao Chi'en —, o único mérito dela é a má fama que carrega.

Entre divertida e admirada, Eliza acompanhou por várias quadras o cortejo festivo, enquanto, ao seu redor, estouravam foguetes, e tiros eram disparados para o alto. Lola Montez levava o chapéu na mão, deixando à mostra o cabelo preto, partido ao meio, com pequenos cachos caindo sobre as orelhas; seus olhos alucinados eram de um azul noturno, e ela vestia uma saia de veludo cardinalício, blusa com rendas no pescoço e nos punhos, e uma jaqueta de toureiro coberta de lantejoulas. Tinha uma atitude burlesca e desafiadora, além de plena consciência de que encarnava os desejos mais primitivos e secretos dos homens, simbolizando aquilo que era mais temido pelos defensores da moral; era um ídolo perverso, e esse papel a encantava. No entusiasmo daquele momento, alguém lançou sobre ela um punhado de ouro em pó, que permaneceu grudado, como uma aura, em seus cabelos e vestes. A visão daquela jovem, triunfante e sem medo, deu uma sacudidela em Eliza. Pensou em Miss Rose, como vinha fazendo cada vez com maior frequência, e sentiu-se tomada por uma onda de compaixão e ternura por ela. Lembrou-se dela em seu corpete, as costas retas, a cintura superapertada, transpirando embaixo de suas cinco anáguas: “Sente-se com as pernas juntas, caminhe ereta, não dê sinal de preocupação, fale baixinho, sorria, não faça caretas para não encher o rosto de rugas, cale a boca e finja interessar-se pelo que eles dizem; os homens gostam que as mulheres os escutem”. Miss Rose, com seu cheiro de baunilha, sempre complacente... Mas também a recordou na banheira, mal coberta por uma combinação molhada, os olhos brilhantes de riso, o cabelo assanhado, as faces vermelhas, livre e contente, cochichando com ela: “A mulher pode fazer o que quiser, Eliza, desde que seja com discrição”. Lola Montez, no entanto, fazia tudo de maneira aberta e imprudente; tinha vivido mais vidas do que o mais bravo dos aventureiros e tinha feito o que fizera amparando-se em sua altiva condição de mulher bem-sucedida. Naquela noite, Eliza chegou ao seu quarto pensativa e abriu silenciosamente, como se cometesse um pecado, a mala onde estavam seus vestidos. Deixara-a

em Sacramento quando partira pela primeira vez em busca do amante, mas Tao Chi'en tivera o cuidado de guardá-la, possuído pela ideia de que o conteúdo algum dia pudesse novamente ser útil à sua dona. Ao abri-la, algo caiu no chão, e ela viu que se tratava do seu colar de pérolas, o preço que havia pagado a Tao Chi'en para introduzi-la no navio. Ficou durante um longo momento comovida, com as pérolas na mão. Sacudiu os vestidos e estendeu-os em cima da cama; estavam amassados e cheiravam a sótão. No dia seguinte, levou-os à melhor lavanderia de Chinatown.

— Tao — anunciou ela —, vou escrever uma carta para Miss Rose.

— Por quê?

— Ela é como se fosse minha mãe. Se eu a amo tanto, com certeza ela me ama assim também. Há quatro anos que não lhe dou notícias, ela deve estar achando que morri.

— Gostaria de vê-la?

— Claro, mas isso é impossível. Vou escrever apenas para tranquilizá-la, mas seria bom que ela pudesse responder-me. Você se importa se eu der este endereço?

— Quer ser encontrada pela sua família... — disse ele, a voz apagando-se.

Ela ficou olhando-o e, então, percebeu que nunca, em toda a sua vida, estivera tão perto de alguém quanto naquele momento estava perto de Tao Chi'en. Sentiu-o como parte de seu próprio sangue, com uma certeza enraizada e feroz, e admirou-se de não ter percebido isso durante todo aquele tempo vivido ao seu lado. Ignorava-o, embora o visse todos os dias. Sentiu saudade dos tempos em que tinham sido apenas bons amigos, mas isso não significava que pretendesse recuar. Agora havia algo pendente entre eles, algo muito mais complexo e fascinante do que a angústia da amizade.

Seus vestidos e anáguas tinham voltado da lavanderia e estavam em cima da cama, envoltos em papel. Abriu a maleta, apanhou as meias e os sapatos abotinados, mas deixou de lado o corpete. Sorriu diante da lembrança de que nunca pudera, sem a ajuda de um terceiro, vestir sua roupa de senhorita; atou as anáguas e experimentou um a um os vestidos, a fim de escolher o mais apropriado para a ocasião. Sentia-se estranha naquela roupa, atrapalhou-se com as cintas, as rendas e os botões, necessitou de vários minutos para amarrar os sapatos e equilibrar-se embaixo de tantas anáguas, mas cada peça que vestia eliminava um pouco de suas dúvidas e afirmava o desejo de voltar a ser mulher. Mama Frésia lhe havia prevenido acerca dos riscos da feminilidade. “Teu corpo mudará, tuas ideias ficarão nubladas e qualquer homem poderá fazer contigo o que lhe der na telha”, dizia a velha, mas esses perigos não a deixavam assustada.

Tao Chi'en acabara de dar consulta ao último doente do dia. Estava em mangas de camisa, tinha tirado a jaqueta e a gravata, que sempre usava em respeito aos seus pacientes, conforme o conselho de seu mestre de acupuntura. Transpirava, o sol ainda não declinara no horizonte e aquele tinha sido um dos poucos dias quentes de julho. Pensou que nunca se acostumaria aos caprichos do clima de San Francisco, onde o verão tinha cara de inverno. Com frequência, o dia começava com um sol radiante e, poucas horas depois, uma espessa neblina entrava pelo Golden Gate, ou então soprava o vento vindo do mar. Ocupava-se em limpar as agulhas com álcool e arrumar seus frascos de remédios, quando Eliza entrou. O ajudante de Tao já havia saído e, naquele dia, não estavam encarregados de nenhuma *sing song girl* — estavam sozinhos em casa.

— Tenho uma coisa para você, Tao — disse ela.

Ele ergueu os olhos e, de tanta surpresa, deixou cair o frasco que havia em suas mãos. Eliza trajava um elegante vestido escuro com gola de renda branca. Tinha-a visto apenas duas vezes em roupa de mulher, quando a conhecera em Valparaíso, mas não havia esquecido como era ela naquela ocasião.

— Gosta?

— Gosto, e muito, de você — sorriu ele, e tirou os óculos a fim de admirá-la melhor de longe.

— Este é o meu vestido de domingo. Quero tirar um retrato com ele. Tome, é para você — e entregou-lhe uma bolsa.

— O que é isso?

— São as minhas economias... para você comprar outra *sing song girl*, Tao. Tinha pensado em sair neste verão para procurar Joaquín, mas desisti. Já cheguei à conclusão de que jamais o encontrarei.

— Parece que cada um de nós vive procurando uma coisa e encontrando outra.

— Você procurava o quê?

— Conhecimento, sabedoria, já não me lembro bem. Em compensação, encontrei as *sing song girls*, e veja em que confusão estou metido.

— Como você é pouco romântico, homem de Deus! Para fazer um galanteio, devia acrescentar que também me encontrou.

— Teria encontrado você de qualquer maneira. Isso estava predestinado.

— Não me venha com essa história de reencarnação...

— Pois eu insisto. Voltaremos a nos encontrar em cada encarnação, até fechar o nosso carma.

— Que coisa absurda! Seja como for, não voltarei ao Chile, mas também não continuarei a me esconder, Tao. Agora quero ser eu mesma.

— Você sempre foi você mesma.

— Minha vida está aqui. Claro, se você quiser a minha ajuda...

— E Joaquín Andieta?

— Talvez a estrela na testa signifique que está morto. Pra você ver! Fiz uma grande viagem, e tudo em vão.

— Nada é em vão. E na vida não se chega a lugar nenhum, Eliza; na vida, só se faz caminhar.

— Nada mal no caso da caminhada que fizemos juntos. Acompanhe-me. Vou tirar um retrato para enviar a Miss Rose.

— Pode tirar um para mim também?

Foram a pé, de mãos dadas, até a Praça da União, onde havia vários fotógrafos, e escolheram a loja mais vistosa. Na janela, exibia-se uma coleção de imagens de aventureiros do 49: um jovem de barba ruiva e expressão determinada, empunhando pá e picareta; um grupo de mineiros em mangas de camisa, o olhar fito na lente, todos muito sérios; chineses na margem de um rio; índios lavando ouro com cestas de malha apertada; famílias de pioneiros posando ao lado de seus carroções. Os daguerreótipos estavam na moda, estabeleciam vínculos entre pessoas separadas e distantes, eram a prova de que alguém tinha participado da corrida do ouro. Dizia-se, nas cidades do Leste, que muitos homens que jamais haviam pisado na Califórnia tiravam retratos com ferramentas de mineiros. Eliza estava convencida de que o extraordinário invento da fotografia havia destronado definitivamente os pintores, que poucas vezes conseguiam retratar as pessoas como elas realmente eram.

— Miss Rose tem um retrato a três mãos, Tao. Foi pintado por um artista famoso, mas não me lembro de como se chama.

— Com três mãos?

— Bom, o pintor fez com duas, mas Miss Rose acrescentou uma terceira. O irmão dela Jeremy quase morreu quando viu aquilo.

Desejava enquadrar seu daguerreótipo em uma delicada moldura de metal dourado apoiada em veludo vermelho, para ser exposto no escritório de Miss Rose. Levava as cartas de Joaquín Andieta, a fim de perpetuá-las na fotografia antes de destruí-las. Dentro da loja, sentiu-se como se estivesse nos bastidores de um pequeno teatro; havia telões de fundo com praças floridas e lagos cheios de garças, colunas gregas de papelão, guirlandas de rosas e até um urso embalsamado. O fotógrafo era um homenzinho meticoloso, que falava tropeçando e caminhava saltando como um sapo, evitando colidir com os objetos de seu estúdio. Acertados os detalhes, acomodou Eliza diante de uma pequena mesa, com as cartas de amor na mão, e pôs uma barra metálica em suas costas, como suporte para o pescoço, muito parecida com aquela que era usada por Miss Rose durante as lições de piano.

— Isso é para impedir que se mova. Olhe para a lente e não respire.

O homenzinho desapareceu atrás de um pano negro e, um instante depois, um relâmpago branco cegou os olhos de Eliza, enquanto um cheiro de algo chamuscado provocava-lhe espirros. Ao posar para o segundo retrato, pôs de lado as cartas e pediu a Tao Chi'en que a ajudasse a prender o colar de pérolas. No dia seguinte, Tao Chi'en saiu muito cedo para comprar o jornal, como sempre fazia antes de abrir o consultório, e leu os títulos em seis colunas: haviam matado Joaquín Murieta. Voltou para casa com o jornal apertado contra o peito, pensando como daria a notícia a Eliza e como a jovem a receberia.

Ao amanhecer de 24 de julho, depois de cavalgarem três meses pela Califórnia, dando bordoadas de cego, o capitão Harry Love e seus vinte mercenários chegaram ao vale de Tulare. A essa altura, estavam fartos de perseguir fantasmas e correr atrás de pistas falsas, o calor e os mosquitos deixavam-nos de péssimo humor, e eles já começavam a odiar-se entre si. Três meses de verão cavalgando sem rumo por aquelas terras secas, com um sol fervendo sobre a cabeça, era muito sacrifício para o pagamento recebido. Em dois povoados, tinham lido os avisos que ofereciam mil dólares de recompensa pela captura do bandido. Em alguns, alguém rabiscara: “Eu pago cinco mil”, e em seguida vinha a assinatura de Joaquín Murieta. Estavam se expondo ao ridículo, e só restavam três dias para terminar o prazo estipulado; se regressassem de mãos vazias, não veriam um centavo do prêmio oferecido pelo governador. Mas aquele seria o seu dia de sorte, pois, justamente quando já estavam perdendo as esperanças, deram de cara com um grupo de sete descuidados mexicanos acampados embaixo de umas árvores.

Mais tarde, o capitão diria que os mexicanos vestiam roupas de luxo, levavam armas de valor e montavam os mais belos corcéis, um motivo a mais para despertar suas suspeitas e abordá-los, exigindo que se identificassem. Em vez de obedecerem, os suspeitos correram intempestivamente para os seus cavalos; antes, porém, de conseguirem montá-los, foram cercados pelos guardas de Love. Só um deles ignorou olímpicamente os atacantes e avançou para seu cavalo, como se não tivesse ouvido a advertência. Parecia ser o chefe. Portava apenas um punhal, suas armas estavam presas a uma sela, e ele não pôde alcançá-las, pois o capitão cortou-lhe o caminho apontando-lhe uma pistola. A poucos passos dali, os outros mexicanos do bando observavam com atenção, prontos para prestar ajuda a seu chefe ao primeiro descuido dos guardas, diria mais tarde Love em seu relatório. De repente, fizeram uma desesperada tentativa de fuga, talvez com a intenção de distrair os guardas, enquanto seu chefe montava, com um formidável salto, em seu brioso alazão e fugia rompendo as fileiras adversárias. Mas não conseguiu ir muito longe, pois um tiro de fuzil atingiu seu cavalo, que caiu por terra vomitando sangue. Então, o ginete, que,

segundo o capitão Love, era o próprio Joaquín Murieta, saiu correndo como um cervo e, assim, não restou ao capitão Love e seus mercenários senão esvaziarem suas pistolas nas costas do bandido.

— Não atirem mais, vocês já fizeram o seu trabalho — disse Murieta, antes de tombar lentamente, vencido pela morte.

Essa era a versão dramatizada dos jornais, e não havia restado nenhum mexicano vivo para contar os fatos segundo sua versão. O valente capitão Harry Love tratou de cortar, com um golpe de sabre, a cabeça do suposto Murieta. Alguém o informou de que outra de suas vítimas tinha uma das mãos deformada; todos concluíram imediatamente se tratar de Jack Três-dedos, e, assim, além de ser decapitado, o malfeitor teve a mão ruim cortada a fio de sabre. Os vinte guardas partiram a galope na direção do povoado mais próximo, que ficava a vários quilômetros de distância; fazia um calor infernal. Como a cabeça de Jack Três-dedos, de tão perfurada que estava pelas balas, começara a desfazer-se, eles a jogaram fora a certa altura do caminho. Perseguido pelas moscas e o mau cheiro, o capitão Harry Love compreendeu que ou preservava os despojos ou não chegaria com eles a San Francisco, onde esperava receber sua recompensa, e assim teve de guardá-los dentro de enormes vasos cheios de genebra. Foi recebido como herói: havia libertado a Califórnia do pior bandido de sua história. Mas as coisas não estavam inteiramente claras, como observou Jacob Freemont em sua reportagem; a história cheirava a uma situação tramada. De saída, ninguém podia provar que os fatos tinham acontecido como diziam Harry Love e seus subordinados, e era meio suspeito que, depois de três meses de busca infrutífera, sete mexicanos fossem mortos justamente quando o capitão mais necessitava deles. Tampouco havia quem pudesse identificar Joaquín Murieta; ele se apresentou para ver a cabeça e não pôde assegurar que fosse a do bandido com quem havia se encontrado, embora — admitiu — houvesse certa semelhança.

Durante semanas foram exibidas em San Francisco a cabeça do suposto Joaquín Murieta e a mão de seu abominável comparsa, Jack Três-dedos, antes de serem levadas em viagem triunfal pelo restante da Califórnia. As filas de curiosos davam voltas no quarteirão e não houve ninguém que não fosse ver de perto os sinistros troféus. Eliza foi uma das primeiras a apresentar-se, e Tao Chi'en acompanhou-a, pois não queria que ela passasse sozinha por semelhante prova, embora houvesse recebido a notícia com uma calma espantosa. Depois de uma eterna espera sob o sol, chegou finalmente a vez dos dois, e eles entraram no prédio. Eliza segurou com força a mão de Tao Chi'en e avançou decidida, sem pensar no rio de suor que lhe empapava o vestido e o tremor que lhe sacudia os ossos. Chegaram a uma sala

sombria, mal iluminada por velas de luz amarelada, das quais emanava um odor sepulcral. Panos negros cobriam as paredes, e, em um recanto da sala, haviam instalado um pianista medíocre, que teclava uns acordes fúnebres mais por resignação do que por verdadeiro sentimento. Sobre uma mesa, também coberta por panos de catafalco, haviam disposto os dois grandes vasos de vidro. Eliza fechou os olhos e se deixou levar por Tao Chi'en, certa de que as batidas de tambor do seu coração abafariam os acordes do piano. Pararam. Sentiu então a mão de Tao pressionar a sua, aspirou um grande volume de ar e abriu os olhos. Olhou para a cabeça por alguns segundos e, em seguida, deixou-se arrastar para fora.

— Era ele? — perguntou Tao Chi'en.

— Agora estou livre... — replicou ela, sem soltar-lhe a mão.



ISABEL ALLENDE

RETRATO EM SÉPIA

B
BERTRAND BRASIL

Da autora:

Afrodite: Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos

O Amante Japonês

Amor

O Caderno de Maya

Cartas a Paula

A Casa dos Espíritos

Contos de Eva Luna

De Amor e de Sombra

Eva Luna

Filha da Fortuna

A Ilha sob o Mar

Inés da Minha Alma

O Jogo de Ripper

Longa pétala de mar

Meu País Inventado

Muito além do inverno

Mulheres de minha alma

Paula

O Plano Infinito

Retrato em Sépia

A Soma dos Dias

Zorro

Mulheres de Minha Alma

Violeta

O vento sabe meu nome

As Aventuras da Águia e do Jaguar

A Cidade das Feras (Vol. 1)

O Reino do Dragão de Ouro (Vol. 2)

A Floresta dos Pigmeus (Vol. 3)

ISABEL
ALLENDE

RETRATO
EM SÉPIA

Tradução
Mario Pontes

1ª edição

BB
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2023

Copyright © Isabel Allende 2000

Título original: Retrato en Sepia

Capa: Raul Fernandes

Foto da capa: Marcia Lieberman

2023

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A428r

Allende, Isabel, 1942-

Retrato em sépia [recurso eletrônico] / Isabel Allende; tradução Mario Pontes. –
1. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.
recurso digital

Tradução de: Retratos en sepia

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-162-4 (recurso eletrônico)

1. Romance chileno. 2. Livros eletrônicos. I. Pontes, Mario. II. Título.

22-80670

CDD: 868.99333

CDU: 83-31 (83)

*

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados pela
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia
autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

*Para Carmen Balcells e Ramón Huidobro, dois leões nascidos
no mesmo dia e vivos para sempre.*

*Por eso tengo que volver
a tantos sitios venideros
para encontrarme conmigo
y examinarme sin cesar,
sin más testigo que la luna
y luego silbar de alegría
pisando piedras y terrones,
sin más tarea que existir,
sin más familia que el camino.*

PABLO NERUDA
Fin de mundo (El viento)

SUMÁRIO

Primeira parte | 1862-1880

Segunda parte | 1880-1896

Terceira parte | 1896-1910

Epílogo

PRIMEIRA PARTE
1862-1880

Vim ao mundo em uma terça-feira do outono de 1880, sob o teto de meus avós paternos, em San Francisco. Enquanto no interior daquela casa labiríntica, feita de madeira, minha mãe arquejava montanha acima com o coração valente e os ossos desesperados, a fim de me abrir uma saída, na rua agitava-se a vida selvagem do bairro chinês, com seu indelével aroma de cozinha exótica, sua estrepitosa torrente de dialetos vociferados, sua inesgotável multidão de abelhas humanas indo e vindo apressadas. Nasci de madrugada, mas em Chinatown os relógios desconhecem regras e aquela é a hora de começarem o mercado, o tráfego de carroças e os tristes latidos dos cães que em suas jaulas esperam a faca do cozinheiro. Só bem tarde na vida vim a conhecer os detalhes do meu nascimento, mas pior seria não tê-los descoberto nunca; poderiam ter-se extraviado para sempre nos despenhadeiros do olvido. Há tantos segredos em minha família, que talvez eu não venha a ter tempo para desanuviar todos eles: a verdade é fugaz, lavada por torrentes de chuva. Meus avós maternos me receberam emocionados – embora, conforme vários testemunhos, eu fosse um bebê horroroso – e me puseram no peito de minha mãe, onde permaneci encolhida por alguns minutos, os únicos que consegui estar com ela. Depois meu tio Lucky soltou seu hálito sobre a minha cara, a fim de me transmitir sua boa sorte. A intenção foi generosa e o método infalível, pois, pelo menos durante esses primeiros trinta anos de minha existência, as coisas andaram bem. Mas, cuidado, não devo me antecipar. Esta história é longa e começa muito antes do meu nascimento; é preciso ter paciência para contá-la e mais paciência ainda para escutá-la. Se pelo caminho perdermos o fio, isso não será razão para desespero, porque com toda a certeza ele será recuperado algumas páginas adiante. Como é imperioso ter alguma data para começar, façamo-lo em 1862 e digamos, por acaso, que a história começa com um móvel de proporções inverossímeis.

A cama de Paulina del Valle foi encomendada em Florença,

um ano depois da coroação de Victor Emanuel, quando o novo reino da Itália ainda vibrava com o eco das balas de Garibaldi; cruzou o mar desarmada em um transatlântico genovês, desembarcou em Nova York por ocasião de uma sangrenta greve e foi transferida para um dos vapores da companhia de navegação de meus avós paternos, os Rodríguez de Santa Cruz, chilenos residentes nos Estados Unidos. Ao capitão John Sommers coube receber os caixotes marcados em italiano com uma só palavra: *náyades*. Aquele robusto marinheiro inglês, de quem restam apenas um retrato desbotado e um baú de couro muito gasto pela infinidade de travessias marítimas e repleto de curiosos manuscritos, era meu bisavô, como há pouco descobri, quando meu passado começou por fim a ser esclarecido, depois de muitos anos de mistério. Não conheci o capitão John Sommers, pai de Eliza Sommers, minha avó materna, mas dele herdei uma certa vocação para a vagabundagem. Sobre aquele homem do mar, puro horizonte e puro sal, recaiu a tarefa de levar a cama florentina no porão de seu navio até o outro lado do continente americano. Teve de fugir do bloqueio ianque e dos ataques dos confederados, alcançar os limites austrais do Atlântico, passar pelas águas traiçoeiras do estreito de Magalhães, entrar no oceano Pacífico e, depois de deter-se brevemente em alguns portos sul-americanos, aproar para o norte da Califórnia, a antiga terra do ouro. Tinha ordens precisas para abrir as caixas no cais de San Francisco, supervisionar o carpinteiro de bordo enquanto ele juntava as partes, como as de um quebra-cabeça, tomando cuidado para não rebentar os entalhes, pôr em cima o colchão e o cobertor de brocado cor de rubi, acomodar tudo aquilo em uma carreta e conduzir a cama a passo lento para o centro da cidade. O cocheiro devia dar duas voltas pela Praça da União e outras duas tocando uma sineta diante do balcão da concubina de meu avô, antes de levar a carga ao seu destino final, a casa de Paulina del Valle. Esse era um feito que devia ser realizado em plena Guerra Civil, quando os exércitos ianques e os confederados se massacravam no sul do país, e ninguém estava com disposição para brincadeiras nem para sinetas. John Sommers distribuiu as instruções amaldiçoando, porque durante os meses de navegação aquela cama chegara a

simbolizar aquilo que ele mais detestava em seu trabalho: os caprichos da patroa, Paulina del Valle. Ao ver a cama em cima da carreta soltou um suspiro e decidiu que aquela era a última coisa que havia feito por ela; fazia doze anos que estava sob suas ordens e tinha alcançado os limites de sua paciência. O móvel ainda existe, intacto, como um pesado dinossauro de madeira policromada; Netuno impera na cabeceira, rodeado de ondas espumantes e criaturas submarinas em baixo-relevo, enquanto do lado dos pés brincam sereias e golfinhos. Em poucas horas, metade de San Francisco pôde admirar aquele olímpico leito; mas a amante de meu avô, a quem o espetáculo era dedicado, permanecia escondida enquanto a carreta passava e voltava a passar com seus toques de sineta.

– Meu triunfo não durou muito – Paulina confessou-me muitos anos mais tarde, quando eu insistia em fotografar a cama e conhecer os detalhes. – A gozação virou-se contra mim. Pensei que iam zombar de Feliciano, mas foi de mim que zombaram. Julguei erradamente aquelas pessoas. Quem podia esperar tamanha hipocrisia? Naqueles tempos, San Francisco era um vespeiro de políticos corruptos, bandidos e mulheres da vida.

– Não gostaram do desafio – sugeri.

– De fato. Sempre se espera que a mulher cuide da reputação do marido, por mais vil que ele seja.

– Seu marido não era vil – retruquei.

– Não, mas fazia muitas bobagens. Mas, seja como for, não me arrependo de ter dormido quarenta anos naquela famosa cama.

– Que fez seu marido quando as coisas foram descobertas?

– Disse que enquanto o país se esvaía em sangue na Guerra Civil eu comprava móveis de Calígula. E negou tudo, é claro. Ninguém com dois dedos de juízo admite haver cometido uma infidelidade, mesmo que o surpreendam embaixo dos lençóis.

– Está falando por experiência própria?

– Quem me dera que fosse assim, Aurora! – respondeu Paulina del Valle sem vacilar.

Na primeira fotografia que fiz dela, quando eu tinha treze anos, Paulina aparece em sua cama mitológica, apoiada em almofadas de cetim bordado, com uma camisa rendada e meio

quilo de jóias em cima. Assim a vi muitas vezes e assim gostaria de tê-la velado quando morreu, mas Paulina queria ir para a tumba com o hábito triste das carmelitas, e que durante vários anos lhe oferecessem missas cantadas pelo repouso de sua alma. “Já fiz muito escândalo, está na hora de baixar o facho”, foi sua explicação quando mergulhou na hibernal melancolia de seus últimos tempos. Ao ver-se próxima do fim, atemorizou-se. Mandou desterrar a cama no sótão, pondo em seu lugar um catre de madeira com colchão de crina de cavalo, a fim de morrer sem luxos, depois de tanta dissipação, para ver, como chegou a dizer, se São Pedro zerava a antiga e abria para ela uma nova conta no livro dos pecados. Mas o susto não foi suficiente para levá-la a desprender-se de outros bens materiais, e até o último suspiro manteve nas mãos as rédeas de seu império financeiro, já então bastante reduzido. Da bravura de sua juventude pouco restava no final, até a ironia foi acabando, mas minha avó tinha criado sua própria legenda, e nenhum colchão de crina ou hábito de carmelita seria capaz de perturbá-la. A cama florentina, que com o maior prazer havia mandado passear pelas ruas principais a fim de fustigar o marido, foi um dos seus momentos mais gloriosos. Naquela época, a família vivia em San Francisco com o sobrenome mudado – Cross –, porque nenhum norte-americano seria capaz de pronunciar o sonoro Rodríguez de Santa Cruz y del Valle, o que era uma pena, pois o sobrenome autêntico traz antigas ressonâncias da Inquisição. Acabavam de mudar-se para o bairro de Nob Hill, onde haviam construído uma desmesurada mansão, uma das mais opulentas da cidade, fruto do delírio de vários arquitetos rivais e despedidos a três por dois. Ao contrário do que dizia Feliciano, a família não havia feito sua fortuna por obra da febre do ouro de 1849, mas graças ao magnífico instinto empresarial de sua mulher, que teve a idéia de levar produtos frescos do Chile para a Califórnia, arrumados em cima de um leito de gelo antártico. Naquela época tumultuosa, um pêssago valia uma onça de ouro e ela soube aproveitar-se das circunstâncias. A iniciativa foi bem-sucedida, e a família chegou a ter uma pequena frota de embarcações que navegavam entre Valparaíso e San Francisco, que no primeiro ano voltaram vazias, mas que logo passaram a fazê-lo carregadas

com farinha de trigo californiana; com isso arruinaram alguns agricultores chilenos, entre os quais o pai de Paulina, o temido Agustín del Valle, cujo trigo bichou nos armazéns, por não poder competir com a alvíssima farinha dos ianques. De raiva, seu fígado também saiu bichado. Terminada a febre do ouro, milhares e milhares de aventureiros voltaram aos seus lugares de origem, mais pobres do que haviam saído, depois de terem perdido a saúde e a alma na perseguição daquele sonho; mas Paulina e Feliciano haviam feito fortuna. Alcançaram o topo da sociedade de San Francisco, apesar do obstáculo quase insanável de seu acento hispânico. “Na Califórnia todos são novos-ricos e malnascidos; já a nossa árvore genealógica começa no tempo das Cruzadas”, Paulina costumava então resmungar, antes de dar-se por vencida e regressar ao Chile. Contudo, não foram títulos de nobreza nem contas bancárias as chaves com as quais abriram portas para eles, mas a simpatia de Feliciano, que fez amigos entre os homens mais poderosos da cidade. Em compensação, era bastante difícil fazer com que engolissem sua mulher, ostentosa, mal-afamada, irreverente e implacável. Digamos com todas as letras: no início, Paulina inspirava aquela mistura de fascínio e pavor que se sente diante de um iguana; era preciso conhecê-la melhor para descobrir seu veio sentimental. Em 1862, ela empurrou o marido para uma empresa de comércio ligada à ferrovia transcontinental, o que os tornou definitivamente ricos. Aquela senhora nunca me explicou de onde tirou seu faro para os negócios. Vinha de uma família de fazendeiros chilenos, estreitos de mentalidade e pobres de espírito; tinha se criado entre as quatro paredes da casa paterna, em Valparaíso, rezando o rosário e bordando, porque seu pai achava que a ignorância garantia a submissão das mulheres e dos pobres. Dominava apenas alguns rudimentos da escrita e da aritmética, não leu um livro sequer em sua vida e usava os dedos para as contas de somar – nas quais nunca havia resto –, mas tudo que era tocado por suas mãos se convertia em ouro. Não fossem os filhos e os parentes desmiolados, teria morrido com o esplendor de uma imperatriz. Naqueles anos estavam construindo a ferrovia destinada a unir o leste e o oeste dos Estados Unidos. Enquanto o restante das pessoas investiam em ações das companhias e apostavam

naquela que assentaria os trilhos com maior rapidez, ela, indiferente a essa correria sem sentido, abriu um mapa sobre a mesa da sala de jantar e estudou com paciência de topógrafo o futuro trajeto do trem e os lugares onde havia água em abundância. Muito antes que os humildes peões chineses batessem o último cravo, unindo os trilhos dos trens em Promotory, Estado de Utah, e que a primeira locomotiva cruzasse o continente com seu estrépito de ferragens, sua fumarada vulcânica e seu bramido de naufrágio, ela convenceu o marido a comprar terras nos lugares marcados em seu mapa com cruces de tinta vermelha.

– Nesses lugares vão surgir povoados, porque neles existe água, e em cada um deles nós teremos um armazém – ela explicou.

– É muito dinheiro! – Feliciano exclamou, com espanto.

– Faça uns empréstimos, é para isso que os bancos existem. Por que arriscar nosso próprio dinheiro, se podemos dispor do alheio? – Paulina respondeu, com o argumento que sempre usava em tais casos.

Estavam nesse ponto, negociando com os bancos e comprando terrenos na metade do país, quando estourou a história da concubina. Tratava-se de uma atriz chamada Amanda Lowell, uma escocesa bem apetitosa, de carnes leitosas, olhos de espinafre e gosto de pêssego, segundo aqueles que a haviam provado. Cantava e dançava mal, porém com garbo, atuava em comédias de pouca importância e animava festas de ricos. Possuía uma cobra de origem panamenha, comprida, gorda e mansa, mas de aspecto ameaçador, que ela enroscava no corpo em seus números de danças exóticas e que jamais dera sinais de mau caráter, até a mal-aventurada noite em que ela se apresentou com um adorno de penas no penteado, e o animal, confundindo aquilo com um papagaio distraído, esteve a ponto de estrangular sua senhora no empenho de devorar o ornato. A bela Lowell estava longe de ser apenas mais uma entre as milhares de “pombinhas desgarradas” que pululavam na vida galante da Califórnia; tratava-se de uma cortesã ativa, cujos favores não podiam ser obtidos apenas com dinheiro, pois ela exigia também delicadeza e atração natural. Graças à generosidade de seus protetores conseguia viver bem, e

sobravam-lhe meios para ajudar uma caterva de artistas sem talento; estava condenada a morrer pobre, pois gastava como um país e dava de presente aquilo que lhe restava. Na flor da juventude, perturbava o trânsito das ruas com a graça de seu porte e sua ruiva cabeleira de leão, mas o gosto pelo escândalo ia-lhe malbaratando a boa sorte: bastava um dos seus arrebatamentos para arrasar um bom nome ou destruir uma família. Para Feliciano o risco tinha parecido um incentivo a mais; possuía alma de corsário, e a idéia de brincar com fogo seduzira-o tanto quanto as soberbas nádegas da Lowell. Instalou-a num apartamento em pleno centro da cidade, mas nunca se apresentava em público na sua companhia, pois conhecia de sobra o caráter da esposa, que, durante um ataque de ciúme, havia passado a tesoura nas pernas e mangas de todos os seus ternos, para em seguida atirá-los na porta de seu escritório. Para um homem tão elegante como ele, que encomendava suas roupas ao alfaiate do príncipe Alberto, em Londres, aquilo fora um golpe mortal.

Em San Francisco, cidade masculina, a esposa era sempre a última a saber de uma infidelidade conjugal, mas, naquele caso, foi a própria Lowell que se encarregou de fazer a divulgação. Mal seu protetor lhe dava as costas, ela marcava com riscas os pilares de sua cama, uma para cada amante atendido. Era uma colecionadora, e os homens não a interessavam pelos seus méritos pessoais, mas pelo número de riscas; pretendia superar o mito da fascinante Lola Montez, a cortesã irlandesa que havia passado por San Francisco, como uma emanção, nos tempos da febre do ouro. O murmúrio sobre as riscas da Lowell corria de boca em boca e os cavalheiros brigavam para visitá-la, tanto por causa dos encantos da bela, a quem muitos deles já conheciam em sentido bíblico, quanto pela graça de deitar-se com a manteúda de um dos próceres da cidade. A notícia alcançou Paulina del Valle no momento em que terminava de dar uma volta completa pela Califórnia.

– O mais humilhante é que essa vira-lata te põe chifres e todo mundo anda comentando que sou casada com um capão!
– Paulina acusava o marido usando aquela linguagem de mercado que costumava empregar em tais ocasiões.

Feliciano Rodríguez de Santa Cruz nada sabia daquelas

atividades da colecionadora, e o desgosto quase o matou. Jamais havia imaginado que amigos, conhecidos e outros que lhe deviam imensos favores fossem capazes de zombar dele. Mas, em compensação, de nada culpou a amante, já que era de aceitar resignado as veleidades do sexo oposto, criaturas deliciosas mas sem estrutura moral, sempre prontas para ceder à tentação. Enquanto elas pertenciam à terra, ao humo, ao sangue e às funções orgânicas, eles estavam destinados ao heroísmo, às grandes idéias e, ainda que não fosse esse o seu caso, à santidade. Confrontado pela esposa, defendeu-se como pôde, e aproveitou uma trégua para reclamar do ferrolho de segurança com o qual ela fechava a porta de seu quarto. Achava que um homem como ele podia viver na abstinência? A culpa era toda dela, por tê-lo repellido, alegou. No caso do ferrolho, ele tinha razão, Paulina havia renunciado aos desvarios da carne, não por falta de desejo, como me confessou quatro anos mais tarde, mas por pudor. Sentia repugnância ao olhar-se no espelho e deduziu que qualquer homem sentiria o mesmo ao vê-la sem roupa. Lembrava-se com exatidão do momento em que havia tomado consciência de que seu corpo estava se transformando em seu inimigo. Alguns anos antes, ao regressar de uma viagem de negócios ao Chile, Feliciano abraçara-lhe pela cintura e, com o mesmo rotundo bom humor de sempre, quis levantá-la do chão a fim de levá-la para a cama, mas não pôde movê-la de onde estava.

– Puxa, Paulina! Você está com os calções cheios de pedras?
– disse, rindo.

– É gordura – ela suspirou com tristeza.

– Quero vê-la!

– De maneira nenhuma. De hoje em diante você só poderá vir ao meu quarto à noite e com a lâmpada apagada.

Durante algum tempo, aqueles dois, que haviam se amado sem pudicícia, fizeram amor às escuras. Paulina manteve-se impermeável às súplicas e aos acessos de raiva do marido, que não se conformava com o fato de encontrá-la embaixo de um monte de panos na negrura do quarto, nem com o de ter de abraçá-la com uma pressa de missionário, enquanto ela lhe imobilizava as mãos para que não lhe apalpassem as carnes. Os lances dessa luta deixavam os dois extenuados e com os nervos à

flor da pele. Por fim, pretextando sua mudança para a nova mansão de Nob Hill, Paulina instalou o marido na outra extremidade da casa e pôs tranca na porta de seu quarto. O desgosto em relação ao próprio corpo superava o desejo que sentia pelo marido. Seu pescoço havia desaparecido atrás da dupla papada, os seios e a barriga avançavam como um promontório, seus pés não suportavam mais o seu peso, e ela não podia mais vestir-se nem amarrar os sapatos sem ser ajudada; mas com seus vestidos de seda e suas esplêndidas jóias, como continuava a apresentar-se, era sempre um espetáculo prodigioso. Sua maior preocupação era o suor entre as coxas, e costumava me perguntar, sussurrando, se cheirava mal, porém jamais percebi nela outro cheiro que não fosse o de talco ou de água de gardênia. Contrária à crença, então largamente difundida, segundo a qual água e sabão podem arruinar os brônquios, ela passava horas flutuando em sua banheira de ferro esmaltado, onde voltava a sentir-se leve como na juventude. Havia se apaixonado por Feliciano quando este era um jovem valente e ambicioso, dono de minas de prata no norte do Chile. Em defesa de seu amor havia desafiado a ira do pai, Agustín del Valle, que aparece na história do Chile como o fundador de um minúsculo e mesquinho partido político ultraconservador, desaparecido há mais de duas décadas, mas que a cada duas décadas volta a ressuscitar como uma fênix patética e depenada. O mesmo amor por aquele homem manteve-a inflexível quando tomou a decisão de proibir-lhe a entrada em sua alcova, embora estivesse em uma idade na qual a natureza clamava mais do que nunca por um abraço. Ao contrário dela, Feliciano amadurecia elegante. O cabelo havia se tornado grisalho, mas ele continuava a ser o mesmo homenzarrão alegre, apaixonado e extravagante. Paulina gostava de seu veio vulgar, da idéia de que aquele cavalheiro de sobrenomes sonoros descendia de judeus sefardins e de que por baixo de suas camisas de seda com iniciais bordadas brilhava uma tatuagem de perdulário, adquirida no porto uma vez quando estava de porre. Ansiava por ouvir novamente as obscenidades que ele lhe sussurrava nos tempos em que chapinhavam na cama com as luzes acesas, e teria dado qualquer coisa para dormir uma vez mais com a cabeça apoiada

no dragão azul gravado com tinta indelével no ombro de seu marido. Jamais acreditou que ele desejasse o mesmo. Para Feliciano, ela sempre fora a namorada corajosa com quem havia fugido na juventude, a única mulher que admirava e temia. Penso que aquele casal jamais deixou de amar-se, apesar de suas ciclópicas pejeas, que deixavam todos da casa tremendo. Os abraços que antes os faziam sentir-se tão felizes haviam sido trocados por combates que culminavam em tréguas a longo prazo e em vinganças memoráveis, como no caso da cama florentina, mas ofensa nenhuma foi capaz de destruir a relação dos dois, e, até o fim, quando ele caiu fulminado por uma apoplexia, mantiveram-se unidos por invejável cumplicidade de saltimbancos.

Uma vez certificado de que o mítico móvel estava em cima da carreta e que o cocheiro havia entendido suas instruções, o capitão John Sommers partiu a pé na direção de Chinatown, como fazia em cada uma de suas visitas a San Francisco. Dessa vez, no entanto, os brios o abandonaram e ele teve de chamar um coche de aluguel. Subiu com esforço, disse o endereço ao cocheiro e recostou-se no assento, arquejante. Fazia um ano que os sintomas tinham começado a se manifestar, mas nas últimas semanas haviam se tornado agudos; as pernas mal o sustentavam, e a cabeça andava cheia de brumas, tinha de lutar incansavelmente contra a tentação de abandonar-se à confortável indiferença que aos poucos lhe invadia a alma. Sua irmã Rose tinha sido a primeira a perceber que algo estava errado, embora naquela ocasião ele ainda não sentisse dores. Pensava nela com um sorriso: era a pessoa mais próxima e querida, o norte de sua existência de ave migratória, mais verdadeira no afeto do que a filha Eliza ou qualquer outra das mulheres que havia abraçado em sua longa peregrinação desse para aquele porto.

Rose Sommers havia passado a juventude no Chile, ao lado de seu irmão mais velho, Jeremy; mas, com a morte deste, tinha regressado à Inglaterra a fim de envelhecer em sua própria terra. Residia em Londres, ocupando uma casinha a poucas quadras dos teatros e da ópera, num bairro meio fora de moda, no qual podia viver à sua maneira. Já não era a fiel e dedicada

governanta do irmão Jeremy, agora podia dar vazas ao seu veio excêntrico. Costumava vestir-se como uma atriz desempregada para tomar o chá no Savoy, ou de condessa russa para passear com seu cão, era amiga de mendigos e músicos ambulantes, gastava seu dinheiro comprando quinquilharias e fazendo caridade. “Nada nos liberta tanto quanto a idade”, dizia feliz enquanto contava as próprias rugas. “Não se trata da idade, irmã, mas da situação econômica que você plantou e colheu com sua pena”, respondia John Sommers. Aquela venerável solteirona de cabelos brancos havia feito uma pequena fortuna escrevendo livros pornográficos. O mais irônico, pensava o capitão, era que justamente agora, quando Rose não tinha mais necessidade de ocultar-se, como na época em que vivia à sombra do irmão Jeremy, tinha deixado de escrever contos eróticos e se dedicava à produção de histórias românticas, em um ritmo angustiante e com um êxito inusitado. Não havia mulher cuja língua mãe fosse o inglês, sem excluir a Rainha Victoria, que não tivesse lido pelo menos um dos romances de *Dame* Rose Sommers. O título de distinção apenas legalizava uma situação que anos atrás Rose havia tomado de assalto. Se a rainha Victoria houvesse suspeitado que a sua autora preferida, a quem pessoalmente havia outorgado a condição de Dama, era responsável por uma vasta coleção de literatura indecente assinada por *Uma Dama Anônima*, teria sofrido um desmaio. O capitão opinava que a pornografia era deliciosa, enquanto os romances de amor eram lixo puro. Durante anos havia se encarregado de publicar e distribuir os contos proibidos que Rose produzia nas barbas do irmão mais velho, que morreu convencido de que ela era uma virtuosa senhorita, cuja única missão era tornar-lhe a vida agradável. “Cuide-se, John, você não pode me deixar sozinha neste mundo. Você está emagrecendo e anda com uma cor esquisita”, Rose repetia todos os dias ao capitão, quando este fora visitá-la em Londres. A partir de então, uma implacável metamorfose começou a transformá-lo em lagarto.

Tao Chi'en acabava de retirar suas agulhas de acupuntura das orelhas e braços de um paciente, quando o ajudante o avisou que seu sogro acabava de chegar. O *zhong-yi* pôs cuidadosamente as agulhas de ouro em álcool puro, lavou as

mãos em uma bacia, vestiu a jaqueta e saiu a fim de receber o visitante, estranhando que Eliza não lhe tivesse avisado que seu pai chegava naquele dia. Cada visita do capitão Sommers provocava uma comoção. A família o esperava ansiosa, principalmente os meninos, que não se cansavam de admirar os presentes exóticos e de ouvir histórias de monstros marinhos e piratas malaaios contadas por aquele avô colossal. Alto, maciço, de pele curtida pelo sal de todos os mares, barba rebelde, voz de trovão e inocentes olhos azuis de bebê, o capitão era uma figura imponente em seu uniforme azul, mas o homem que Tao Chi'en viu sentado em uma poltrona de sua clínica estava tão abatido, que ele teve dificuldade para reconhecê-lo. Saudou-o com respeito, não tinha conseguido perder o hábito de inclinar-se diante dele à maneira chinesa. Havia conhecido o capitão Sommers na juventude, quando trabalhara como cozinheiro em seu navio. “Me trate sempre de senhor, entendeu, chinês?”, o capitão tinha ordenado logo da primeira vez em que Tao lhe dirigira a palavra. Naquela época ambos tinham os cabelos pretos, pensou Tao Chi'en com uma pontada de angústia ante o anúncio da morte. O inglês levantou-se com dificuldade, deu-lhe a mão e em seguida o estreitou em um rápido abraço. O *zhong-yi* comprovou que agora ele era o mais alto e mais pesado dos dois.

– Eliza sabia que o senhor vinha hoje? – perguntou.

– Não. Você e eu precisamos ter uma conversa a sós, Tao. Estou morrendo.

O *zhong-yi* tinha percebido isso assim que pusera os olhos nele. Sem dizer palavra, guiou-o até o consultório, onde o ajudou a tirar a roupa e a deitar-se na estreita cama em que os pacientes eram examinados. Nu, seu sogro tinha um aspecto patético: a pele grossa, seca, de uma cor acobreada, as unhas amarelas, os olhos injetados de sangue, o ventre inchado. Começou a auscultá-lo, mediu-lhe as pulsações junto às mãos, no pescoço e nos tornozelos, a fim de confirmar aquilo que já sabia.

– Seu fígado está destruído, senhor. Continua bebendo?

– Não pode me pedir que abandone o hábito de toda uma vida, Tao. Acha que alguém pode agüentar o trabalho de marinheiro sem tomar um trago de vez em quando?

Tao Chi'en sorriu. O inglês bebia meia garrafa de genebra nos dias normais e uma inteira se houvesse algo para lamentar ou celebrar, sem que isso parecesse afetar-lhe o mínimo do mínimo; nem sequer cheirava a bebida, porque o tabaco de má qualidade impregnava sua roupa e seu hálito.

– Além do mais, agora é tarde para arrependimento, não é verdade? – John Sommers acrescentou.

– Poderá viver um pouco mais e em melhores condições se deixar de beber. Por que não tira um descanso? Venha viver um tempo conosco, Eliza e eu cuidaremos do senhor até que se recupere – o *zhong-yi* propôs sem olhar para ele, a fim de que o outro não notasse a sua emoção. Como tantas vezes lhe ocorria no ofício de médico, devia lutar contra a terrível sensação de impotência que costumava oprimi-lo ao confirmar quão escassos eram os recursos de sua ciência e quão imenso o sofrimento dos outros.

– Como pode pensar que eu me entregue voluntariamente às mãos de Eliza, para que ela me condene à abstinência? Quanto tempo me resta, Tao? – perguntou John Sommers.

– Não posso lhe dizer com certeza. Deveria ouvir uma outra opinião.

– A sua é a única que merece o meu respeito. Desde que você me extraiu um molar, sem dor, na metade do caminho entre a Indonésia e a costa da África, nenhum outro médico pôs as malditas mãos sobre mim. Há quanto tempo foi aquilo?

– Uns quinze anos atrás. Agradeço sua confiança, senhor.

– Só quinze anos? Pois me parece que nos conhecemos há uma vida inteira; por quê?

– Talvez nos tenhamos conhecido em outra existência.

– A reencarnação me dá horror, Tao. Imagine se em minha próxima vida eu tiver de ser um muçulmano. Sabia que essa pobre gente não pode beber álcool?

– Com certeza é esse o seu karma. Em cada geração devemos resolver aquilo que não concluímos na anterior – Tao disse em tom de brincadeira.

– Prefiro o inferno cristão, é menos cruel. Bem, não falaremos de nada disso a Eliza – concluiu John Sommers, enquanto se vestia, lutando com os botões que escapavam dos seus dedos trêmulos. – Como esta pode ser a minha última

visita, é justo que ela e meus netos se lembrem de mim sadio e alegre. Posso ir tranquilo, Tao, pois ninguém cuidaria melhor de minha filha Eliza do que você.

– Ninguém poderia amá-la mais do que eu, senhor.

– Quando eu não estiver mais aqui, alguém deverá ocupar-se de minha irmã. Você sabe que Rose foi uma verdadeira mãe para Eliza...

– Não se preocupe, Eliza e eu estaremos sempre ao lado dela – garantiu-lhe o genro.

– A morte... quero dizer... será rápida, com dignidade? Como vou saber que o fim estará chegando?

– Quando vomitar sangue, senhor – Tao Chi'en respondeu com tristeza.

Aconteceu três semanas mais tarde, no meio do Pacífico, na privacidade do seu camarote. Levantando-se com dificuldade, o velho navegante limpou os restos do vômito, enxaguou a boca, trocou a camisa ensangüentada, acendeu o cachimbo e foi para a proa do navio, onde se instalou a fim de olhar pela última vez as estrelas piscando em um céu de veludo negro. Vários marinheiros o viram, e esperaram, afastados, com os gorros na mão. Quando o tabaco acabou, o capitão John Sommers passou as pernas por cima da amurada e se deixou cair silenciosamente no mar.

Severo del Valle conheceu Lynn Sommers durante uma viagem que fez com o pai, do Chile para a Califórnia, em 1872, a fim de visitar seus tios Paulina e Feliciano, que protagonizavam os melhores mexericos da família. Severo tinha visto sua tia Paulina apenas duas vezes, por ocasião de suas esporádicas aparições em Valparaíso, mas só depois de conhecê-la em seu ambiente norte-americano pôde compreender os suspiros de intolerância cristã dos membros de sua família. Longe do meio religioso e conservador do Chile, do avô Agustín cravado em sua poltrona de paraplégico, da avó Emilia com suas roupas lúgubres e seus clisteres de linhaça, do resto de seus parentes invejosos e atemorizados, Paulina alcançava suas verdadeiras proporções de amazona. Na primeira viagem, Severo del Valle era demasiado jovem para medir o poder ou a fortuna daquele casal de tios célebres, mas não lhe escaparam as diferenças

entre eles e o resto da tribo Del Valle. Só ao regressar, anos mais tarde, pôde compreender que eles contavam entre as famílias mais ricas de San Francisco, ao lado dos magnatas da prata, das ferrovias, dos bancos e do transporte. Foi naquela primeira viagem, aos quinze anos de idade, sentado ao pés da cama policrômica de sua tia Paulina, enquanto ela planejava a estratégia de suas guerras mercantis, que Severo decidiu seu próprio futuro.

– Você deveria tornar-se advogado, para me ajudar a demolir meus inimigos com todos os recursos da lei – Paulina o aconselhou certo dia, entre duas mordidas em um pastel de massa folhada com recheio de doce de leite.

– Sim, tia. O avô Agustín costuma dizer que toda família respeitável necessita de um advogado, um médico e um bispo – replicou o sobrinho.

– Também necessita de um cérebro para os negócios.

– O avô entende que o comércio não é profissão para fidalgos.

– Diga-lhe que a fidalguia não serve para comer e que ele pode enfiar a dele no cu.

O jovem só tinha ouvido essa palavra da boca do cocheiro de sua casa, um madrileno fugitivo de uma prisão de Tenerife, que por motivos incompreensíveis também dizia cagar em Deus e no leite.

– Deixe de melindres, garoto; não se esqueça de que cu todos nós temos um! – exclamou Paulina, morrendo de rir ao ver a expressão do sobrinho.

Naquela mesma tarde ela o levou à pastelaria de Eliza Sommers. San Francisco havia deslumbrado Severo desde o momento em que a tinha avistado do navio: uma cidade luminosa, instalada em uma paisagem de verdes colinas cobertas de árvores que desciam ondulantes até a borda da baía de águas calmas. De longe parecia severa, com seu traçado espanhol de ruas paralelas e transversais, mas de perto tinha o encanto daquilo que não se espera. Acostumado ao aspecto sonolento do porto de Valparaíso, onde fora criado, o garoto ficara aturdido ante aquela loucura de casas e edifícios de variados estilos, luxo e pobreza, desordem geral, como se tudo tivesse sido levantado às pressas. Viu um cavalo morto e coberto

de moscas diante da porta de uma elegante loja em que se ofereciam violinos e pianos de cauda. Em meio ao trânsito ruidoso de animais e carruagens, ia e vinha aquela multidão cosmopolita: americanos, hispanos, franceses, irlandeses, italianos, alemães, alguns índios e antigos escravos negros, agora livres, mas sempre rejeitados e pobres. Deram uma volta por Chinatown e, num piscar de olhos, viram-se em um país povoado de *celestiais*, como eram chamados os chineses, que o cocheiro afastava estalando o chicote enquanto conduzia o fiacre para a Praça da União. Parou diante de uma casa de estilo vitoriano, simples em comparação com os desvarios de molduras, relevos e rosáceas que habitualmente eram vistos daquele lado da cidade.

– Este é o salão de chá da senhora Sommers, o único que existe por estas bandas – Paulina esclareceu. – Você pode tomar café onde quiser, mas para uma xícara de chá o melhor é vir aqui. Os ianques abominam essa nobre bebida desde a Guerra da Independência, que começou quando os rebeldes queimaram o chá dos ingleses em Boston.

– Mas já faz um século, não?

– Para você ver, Severo, como o patriotismo pode ser uma idiotice.

Não era o chá que motivava as freqüentes visitas de Paulina àquele salão, mas a famosa pastelaria de Eliza Sommers, que impregnava o ambiente com um delicioso aroma de açúcar e baunilha. A casa, uma das muitas importadas da Inglaterra nos primeiros tempos de San Francisco, com o manual de instruções para armá-la como um brinquedo, tinha dois andares coroados por uma torre, o que lhe dava um ar de igreja campestre. No primeiro andar tinham juntado dois quartos a fim de ampliar o refeitório, havia algumas poltronas de pés torcidos e cinco mesinhas redondas guarnecidas com toalhas brancas. No segundo andar vendiam-se caixas de bombons feitos manualmente com o melhor chocolate belga, maçapão de amêndoas e vários tipos de doces típicos do Chile, os favoritos de Paulina del Valle. Os clientes eram servidos por duas empregadas mexicanas de longas tranças, aventais muito brancos e coifas engomadas, dirigidas telepaticamente pela pequena senhora Sommers, que dava a impressão de existir

apenas em contraste com a impetuosa presença de Paulina. A moda cintada, com suas saias espumosas e largas, favorecia a primeira, multiplicando, em troca, o volume da segunda; além do mais, Paulina del Valle não economizava em tecidos, franjas, pompons e plissados. Naquele dia estava enfeitada de abelha-mestra, com amarelo e negro da cabeça aos pés, um chapéu terminado em plumas e um corpete listrado. Muito listrado. Invadia o salão, devorava todo o ar, e a cada um dos seus movimentos as xícaras tilintavam e as frágeis paredes de madeira gemiam. Ao vê-la entrar as criadas saíram correndo a fim de trocar uma das delicadas cadeiras de junco por outra mais sólida, na qual a dama acomodou-se com gestos graciosos. Movia-se com cuidado, pois considerava que nada podia enfear tanto quanto a pressa; também evitava os ruídos de velha: jamais em público deixava escapar ofegos, tosses, estalos ou suspiros de cansaço, mesmo que os pés a estivessem matando. “Não quero ter voz de gorda”, dizia, e todos os dias gargarejava suco de limão com mel para manter a voz sempre afinada. Eliza Sommers, miúda e reta como um sabre, vestida com uma saia azul-escura e uma blusa cor de melão, abotoada nos punhos e no pescoço, usando como único adorno um discreto colar de pérolas, parecia extraordinariamente jovem. Falava um espanhol enferrujado por falta de uso e um inglês com acento britânico, saltando de uma língua para outra no decorrer da mesma frase, como, aliás, também fazia Paulina. A fortuna e o sangue aristocrático da senhora Del Valle situavam-na em um nível social muito mais elevado que o da outra. Mulher que trabalhasse por gosto só podia ser machona. Mas Paulina sabia que Eliza já não pertencia ao meio em que fora criada no Chile, e não trabalhava por gosto, mas por necessidade. Também ouvira falar que ela vivia com um chinês, mas sua demolidora indiscrição nunca fora suficiente para levá-la a fazer diretamente essa pergunta.

– A senhora Eliza Sommers e eu nos conhecemos no Chile em 1840. Nessa época, ela estava com oito anos e eu com dezesseis, mas agora temos a mesma idade – Paulina explicou ao seu sobrinho.

Enquanto as empregadas serviam o chá, Eliza Sommers divertia-se ouvindo o incessante falatório de Paulina,

interrompido apenas para enfiar na boca um novo pedaço de iguaria. Severo esqueceu-se de ambas ao descobrir em outra mesa uma linda menina que colava estampas em um álbum à luz das lanternas a gás e da suave claridade dos vitrais das janelas, que a iluminavam com fulgores dourados. Era Lynn Sommers, filha de Eliza, criatura de beleza tão marcante, que já àquela altura, aos doze anos de idade, tinha sido usada como modelo por vários fotógrafos da cidade; seu rosto ilustrava cartões-postais, cartazes, calendários de anjos tangendo liras e ninfas fazendo travessuras em bosques de cartolina. Severo estava naquela idade em que as meninas são um mistério em geral repelente para os meninos, mas isso não impediu que ele se rendesse ao fascínio da garota; de pé, ao lado dela, não podia compreender por que o peito lhe doía e tinha vontade de chorar. Eliza Sommers tirou-o do transe ao chamá-los para tomar chocolate. A garotinha fechou o álbum sem prestar-lhe atenção, como se não o tivesse visto, e levantou-se leve, flutuante. Instalou-se diante de sua xícara de chocolate sem dizer palavra nem levantar a vista, resignada aos olhares impertinentes do garoto, tendo plena consciência de que seu aspecto separava-a do resto dos mortais. Carregava sua beleza como uma deformidade, com a secreta esperança de que com o tempo ela passaria.

Algumas semanas mais tarde, Severo embarcou de volta ao Chile em companhia do pai, levando na memória a vastidão da Califórnia e a visão de Lynn Sommers firmemente plantada em seu coração.

Severo del Valle só voltou a ver Lynn vários anos mais tarde. Regressou à Califórnia em fins de 1876 a fim de viver com sua tia Paulina, mas a sua relação com Lynn só teve início em uma certa quarta-feira do inverno de 1879, mas então já era demasiado tarde para os dois. Em sua segunda visita a San Francisco, o jovem havia alcançado sua estatura definitiva, porém continuava ossudo, pálido, desajeitado, sentindo-se incômodo dentro de sua pele, como se lhe sobrassem apenas joelhos e cotovelos. Três anos depois, quando ficou paralisado e mudo diante de Lynn, já era homem feito e bem-feito, com as nobres feições de seus antepassados espanhóis, a flexível

compleição de um toureiro andaluz e o ar cético de um seminarista. Muita coisa mudara em sua vida desde a primeira vez que se encontrara com Lynn. A imagem daquela menina silenciosa, com a languidez de um gato em repouso, acompanhou-o durante os anos difíceis da adolescência e os tempos de luto. Seu pai, a quem havia adorado, morreu prematuramente no Chile, e sua mãe, desorientada com aquele filho ainda imberbe, mas excessivamente lúcido e irreverente, mandou-o terminar seus estudos em um colégio católico de Santiago. Logo, porém, o colégio mandou-o de volta para casa, com uma carta na qual dizia, com secura, que basta uma maçã podre para corromper todas as outras do barril ou algo parecido. Diante desse fato, a abnegada mãe peregrinou de joelhos a uma gruta milagrosa, onde a Virgem, sempre sábia, soprou-lhe a solução: mandá-lo para o serviço militar e encarregar um sargento de resolver o problema. Durante um ano Severo fez ordem-unida com a tropa, suportou o rigor e a estupidez do regimento e saiu como oficial da reserva, decidido a nunca mais em sua vida passar por perto de um quartel. Mal pôs o pé na rua voltou às antigas amizades e às suas abruptas variações de humor. Dessa vez seus tios resolveram cuidar dele. Reuniram-se em conselho no austero refeitório da casa do avô Agustín, na ausência do jovem e de sua mãe, ambos sem direito a voto na mesa patriarcal. Naquela mesma sala, trinta e cinco anos atrás, Paulina del Valle, com um penteado vistoso e uma tiara de diamantes, havia desafiado os homens de sua família quando decidira casar-se com Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, o homem por ela escolhido. Ali, agora, eram levadas ao avô as acusações contra Severo: ele se recusava a confessar-se e a comungar, saía com boêmios e em seu poder haviam descoberto livros constantes da lista negra; em poucas palavras, suspeitavam de que ele podia ter sido recrutado pelos maçons ou, pior ainda, pelos liberais. O Chile atravessava um período de lutas ideológicas inconciliáveis, e, à medida que os liberais ganhavam postos no governo, crescia a ira dos ultraconservadores imbuídos de fervor messiânico, como os Del Valle, que pretendiam implantar suas idéias à força de anátemas e balas, esmagar anticlericais e maçons, e acabar de uma vez por todas com os liberais. Os Del Valle não estavam dispostos a

tolerar um dissidente de seu próprio sangue no seio da família. A idéia de enviá-lo para os Estados Unidos foi do avô Agustín: “Os ianques irão curá-lo dessa mania de andar fazendo confusão”, prognosticou. Embarcaram-no com destino à Califórnia, sem pedir sua opinião, vestido de luto, com o relógio de ouro do falecido pai no bolso do casaco, uma pequena bagagem, da qual fazia parte um Cristo coroado de espinhos, e uma carta lacrada para seus tios Feliciano e Paulina.

Os protestos de Severo foram meramente formais, pois aquela viagem coincidia com os seus próprios planos. Sentia pena somente por separar-se de Nívea, a moça com quem todo mundo esperava que um dia se casasse, conforme o velho costume da oligarquia chilena de promover casamentos entre primos. No Chile se sentia sufocado. Crescera preso a uma teia de dogmas e preconceitos, mas o contato com outros estudantes no colégio de Santiago tinha-lhe aberto a imaginação e acendido nele um fulgor patriótico. Até então acreditava que existiam apenas duas classes sociais, a sua e a dos pobres, separadas por uma imprecisa zona cinzenta de funcionários e outros “chileninhos da escória”, como os chamava seu avô Agustín. No quartel havia percebido que os de sua classe, com pele branca e poder econômico, eram apenas um punhado; a vasta maioria era de mestiços e pobres; mas em Santiago iria descobrir que também existia uma pujante classe média, numerosa, educada e possuída por ambições políticas, que era na verdade a coluna vertebral do país, e da qual faziam parte imigrantes que vinham fugindo de guerras ou misérias, cientistas, educadores, filósofos, livreiros, gente de idéias avançadas. Ficou pasmo com a oratória de seus novos amigos, sentindo-se como quem se enamora pela primeira vez. Desejou, então, mudar o Chile, virá-lo de pernas para o ar, purificá-lo. Convenceu-se de que os conservadores – salvo os da própria família, que no seu entender não agiam por maldade mas por engano – pertenciam às hostes de Satanás, na hipótese de Satanás ser algo mais do que uma pitoresca invenção, e então se dispôs a participar da política, assim que ganhasse sua própria independência. Compreendia que para tanto ainda faltavam alguns anos, e por isso considerou a viagem aos Estados Unidos como um sopro de ar fresco; poderia observar a invejável

democracia dos norte-americanos e aprender com ela, ler o que lhe desse na telha sem preocupar-se com a censura católica e ficar em dia com os avanços da modernidade. Enquanto no resto do mundo monarquias eram destronadas, nasciam novos Estados, colonizavam-se novos continentes e inventavam-se maravilhas, no Chile o parlamento discutia sobre o direito dos adúlteros a um enterro em terreno sagrado. Diante do avô não ousava mencionar a teoria de Darwin, que estava revolucionando o conhecimento humano, mas em compensação podia perder uma tarde discutindo improváveis milagres de santos e mártires. O outro incentivo para a viagem era a lembrança da pequena Lynn Sommers, que perturbava, com aflitiva perseverança, seu afeto por Nívea, embora no mais profundo de sua alma ele achasse que não era assim.

Severo del Valle não soube quando nem como havia surgido a idéia de que ele devia casar-se com Nívea, talvez a decisão não houvesse partido deles, e sim da família, mas nenhum dos dois rebelou-se contra esse destino, porque se conheciam e se amavam desde a infância. Nívea pertencia a um ramo da família que tivera dinheiro quando o pai era vivo, mas com sua morte a viúva empobrecera. Um tio rico, destinado a converter-se em figura proeminente nos tempos da guerra, dom Francisco José Vergara, ajudou a educar aqueles sobrinhos. “Não há pobreza pior do que a das pessoas que desceram de posição, pois sentem necessidade de mostrar o que não têm”, Nívea tinha confessado ao seu primo Severo em um daqueles momentos de súbita lucidez que a caracterizavam. Quatro anos mais jovem do que ele, era porém muito mais madura; foi ela quem marcou o tom daquela afeição adolescente, conduzindo-a com mão firme para a relação romântica que já compartilhavam quando Severo partiu para os Estados Unidos. Nos enormes casarões onde suas vidas transcorriam sobravam os recantos perfeitos para quem quisesse se amar. Tateando nas sombras, os primos descobriram, com a lentidão de filhotes, os segredos de seus corpos. Acariciavam-se com curiosidade, averiguando as diferenças, sem saber por que ele tinha isso e ela aquilo, aturdidos pelo pudor e pela culpa, sempre calados, pois o que não formulavam em palavras era como se não houvesse acontecido e fosse menos pecado. Exploravam-se depressa e assustados, conscientes de que nem

mesmo no confessionário poderiam admitir a prática daqueles jogos de primos, ainda que isso os condenasse ao inferno. Havia mil olhos espiando-os. As velhas criadas que os tinham visto nascer protegiam aqueles amores inocentes, mas as tias solteiras velavam-nos como corvos; nada escapava àqueles olhos secos cuja única função era registrar cada instante da vida familiar, àquelas línguas crepusculares que divulgavam os segredos e aguçavam as querelas, embora tudo fosse feito no seio do clã. Nada atravessava as paredes daquelas casas. O primeiro dever de todos era preservar a honra e o bom nome da família. Nívea se desenvolvera tardiamente, de modo que aos quinze anos ainda tinha corpo de menina, um rosto inocente, e nada em seu aspecto denunciava a força de seu caráter; de pequena estatura, gorducha, tendo como único traço notável os grandes olhos escuros, ela parecia insignificante até o momento em que abria a boca. Enquanto suas irmãs ganhavam o céu lendo livros piedosos, ela lia às escondidas os artigos e livros que seu primo Severo lhe passava por baixo da mesa, e os clássicos que lhe eram emprestados pelo tio José Francisco Vergara. Quando quase ninguém falava do assunto em seu meio social, ela tirou da manga a idéia do voto feminino. A primeira vez que o mencionou, durante um almoço em família, ocorreu uma explosão de espanto. “Quando irão votar as mulheres e os pobres deste país?”, Nívea perguntou de supetão, sem lembrar-se de que meninos não abriam a boca na presença de adultos. O velho patriarca Del Valle deu um murro na mesa, os copos voaram, e ele ordenou à garota que fosse imediatamente confessar-se. Nívea cumpriu silenciosamente a penitência imposta pelo padre e anotou em seu diário, com a paixão habitual, que não pensava em descansar enquanto não conseguisse que os direitos elementares fossem concedidos às mulheres, mesmo que a expulsassem da família. Para sorte sua, havia estudado com uma professora de caráter excepcional, a irmã María Escapulario, freira com coração de leoa escondido embaixo do hábito, que havia percebido a inteligência de Nívea. Diante daquela menina que tudo absorvia com avidez, que questionava coisas que ela própria jamais havia se perguntado, que a desafiava com uma rapidez de raciocínio inesperada para a sua idade e que parecia a ponto de explodir

de vitalidade e saúde dentro de seu horroroso uniforme, a monja se sentia inteiramente recompensada como mestra. Nívea, por si só, valia o esforço de ela ter passado anos e anos ensinando a uma verdadeira multidão de meninas ricas mas de mentes pobres. Por amor a Nívea, a irmã María Escapulario violava sistematicamente o regulamento do colégio, criado com o exclusivo propósito de transformar suas alunas em criaturas dóceis. Com ela mantinha conversas que teriam espantado a madre superiora e o diretor espiritual do colégio.

– Quando eu tinha a sua idade havia apenas duas opções: casar-se ou entrar para um convento – disse irmã María Escapulario.

– Por que escolheu a segunda, madre?

– Porque me dava mais liberdade. Cristo é um esposo tolerante...

– Nós, mulheres, estamos fritas, madre. Ter filhos, obedecer, e nada mais – Nívea suspirou.

– Não tem por que ser assim. Você pode mudar as coisas – a freira respondeu.

– Eu só?

– Só, não; há outras moças como você, com mais de dois gramas de juízo. Acabo de ler em um jornal que agora já há mulheres médicas, imagine.

– Onde?

– Na Inglaterra.

– É um lugar muito longe daqui.

– Certamente; mas, se lá elas já podem ser médicas algum dia, também poderão aqui no Chile. Não desanime, Nívea.

– Meu confessor diz que penso muito e rezo pouco, madre.

– Se Deus lhe deu um cérebro, foi para você usá-lo; mas advirto que o caminho da rebelião está semeado de perigos e dores, é preciso ter muita coragem para percorrê-lo. Não faz mal nenhum você pedir um pouco de ajuda à Divina Providência... – aconselhou irmã María Escapulario.

A determinação de Nívea tornou-se tão firme, que ela escreveu em seu diário que renunciaria ao matrimônio para dedicar-se por inteiro à luta pelo voto feminino. Ignorava que tal sacrifício não seria necessário, pois se casaria por amor com um homem que a secundaria em seus propósitos políticos.

Severo subiu ao navio com ar de sofrimento, para que seus parentes não suspeitassem do quanto estava alegre por deixar o Chile – não fossem eles agora mudar de idéia –, e se dispôs a tirar o maior proveito possível da aventura. Despediu-se da prima Nívea com um beijo roubado, depois de jurar que lhe mandaria livros interessantes, por intermédio de um amigo, de modo a evitar a censura da família, e que lhe escreveria uma vez por semana. Ela havia se resignado à separação por um ano, sem desconfiar de que ele havia feito planos para ficar nos Estados Unidos o máximo de tempo possível. Severo não quis anunciar tais propósitos a fim de não tornar a despedida ainda mais amarga, decidindo que se explicaria a Nívea por carta. De qualquer maneira, ambos ainda eram muito jovens para casar-se. Viu-a de pé no cais de Valparaíso, cercada pelo resto da família, com seu vestido e seu gorro cor de azeitona, dando-lhe adeus com a mão e sorrindo a duras penas. “Não chora e não se queixa; por isso a amo e sempre a amarei”, Severo disse em voz alta, falando contra o vento, disposto a vencer, a golpes de tenacidade, as fraquezas de seu coração e as tentações do mundo. “Virgem Santíssima, traga-o são e salvo de volta para mim”, Nívea suplicou, mordendo os lábios, vencida pelo amor, completamente esquecida de que havia jurado permanecer solteira até cumprir seu dever de sufragista.

Desde a partida de Valparaíso até a chegada ao Panamá, o jovem Del Valle teve muitas vezes nas mãos carta de seu avô Agustín, ansioso por abri-la, mas sem coragem para fazê-lo, pois lhe haviam ensinado, a ferro e fogo, que um cavalheiro não mete o olho em carta nem a mão em prata. Finalmente a curiosidade pôde mais do que o decoro – era de seu destino que se tratava, pensou – e com a navalha de barbear-se quebrou cuidadosamente o selo de lacre, expôs em seguida a parte colada do envelope ao vapor de uma chaleira e o abriu com mil precauções. Descobriu, assim, que fazia parte dos planos do avô de mandá-lo para uma escola militar norte-americana. Era uma lástima, acrescentava o avô, que o Chile não estivesse em guerra com algum país vizinho, para que seu neto se tornasse homem empunhando armas, como devia ser. Severo atirou a carta no mar e escreveu outra conforme os seus interesses, introduziu-a

no mesmo envelope e derramou um pouco de lacre derretido sobre o selo violado. Em San Francisco sua tia Paulina o esperava no cais, acompanhada por dois criados e também por Williams, seu pomposo mordomo. Usava um chapéu absurdo e uma profusão de véus que voavam ao sopro do vento, e, se não fosse tão pesada, ela também acabaria por elevar-se nos ares. Pôs-se a rir aos gritos quando viu o sobrinho descendo a prancha com o Cristo nos braços e logo em seguida o estreitou contra seu peito de soprano, afogando-o na montanha de seios e nas ondas do perfume de gardênia.

– Antes de tudo, vamos nos desfazer dessa monstruosidade – disse, apontando para o Cristo. – Também terá de comprar umas roupas, ninguém por estes lados veste coisas assim tão ridículas – acrescentou.

– Este traje era de meu pai – Severo explicou, humilhado.

– Nota-se. Você está parecendo um coveiro – Paulina comentou, e só depois de dizer tal coisa lembrou-se de que o rapaz tinha perdido o pai há pouco tempo. – Me perdoe, Severo, não quis ofendê-lo. Seu pai era meu irmão preferido, o único da família com quem eu podia falar.

– Mandaram remontar alguns dos seus ternos, para não perdê-los – Severo explicou com voz sumida.

– Começamos mal. Pode me perdoar?

– Está bem, tia.

Na primeira oportunidade que se apresentou, o rapaz entregou-lhe a falsa carta do avô Agustín. Ela o olhou de modo aparentemente distraído.

– O que dizia a outra? – perguntou.

Com as orelhas coradas, Severo tentou negar o que havia feito, mas a tia não lhe deu tempo de enredar-se em mentiras.

– Eu teria feito o mesmo, sobrinho. Quero saber o que dizia a carta de meu pai, para respondê-la, não para levá-la a sério.

– Que me mandasse para uma escola militar ou para a guerra, se é que está havendo alguma por aqui.

– Chegou tarde, já houve. Mas, caso seja do seu interesse, estão agora massacrando os índios. Os índios até que se defendem bem; imagine só, eles acabam de matar o general Custer e mais de duzentos soldados do Sétimo de Cavalaria em Wyoming. Não se fala de outra coisa. Dizem que um índio

chamado *Chuva na Cara*, olha só que nome tão poético, tinha jurado vingar-se do irmão do general Custer e que, na batalha, arrancou-lhe o coração e o devorou. E você, tem vontade de ser soldado? – Paulina del Valle riu entre dentes.

– Não pensei nunca em ser militar, isso é idéia do avô Agustín.

– Na carta que falsificou você diz que quer ser advogado; vejo que meu conselho de anos atrás não caiu no vazio. Assim é que eu gosto, menino. As leis americanas não são como as chilenas, mas isso é o de menos. Você será advogado. Será admitido como aprendiz no melhor escritório da Califórnia, para alguma coisa hão de servir as minhas influências.

– Estarei em dívida com a senhora pelo resto da vida, tia – Severo disse, impressionado.

– Certo. Espero que não esqueça, mas lembre-se que a vida é longa e nenhum de nós pode saber quando terei necessidade de pedir um favor a você.

– Conte comigo, tia.

No dia seguinte, Paulina del Valle levou Severo ao escritório de seus advogados, os mesmos que a vinham servindo ao longo dos últimos vinte e cinco anos, dela recebendo enormes remunerações, e anunciou-lhes, sem preâmbulos, que esperava ver seu sobrinho trabalhando com eles a partir da segunda-feira seguinte, a fim de aprender a profissão. Não puderam negar-se. A tia instalou o rapaz em sua casa, destinando-lhe um ensolarado quarto no segundo andar; comprou-lhe um bom cavalo, prometeu-lhe uma boa mesada, contratou-lhe um professor de inglês e tratou de apresentá-lo à sociedade, porque, segundo ela, não havia capital melhor do que as relações.

– Duas coisas espero de você: fidelidade e bom humor.

– Também não espera que eu estude?

– Isso é problema seu, garoto. Não tenho nada a ver com o que fizer de sua vida.

Contudo, nos meses seguintes Severo iria comprovar que Paulina acompanhava de perto seus progressos na firma de advogados, contabilizava seus gastos e sabia dos seus passos, antes mesmo que ele os desse. O que fazia para saber tanto era um mistério, a não ser que Williams, o impenetrável mordomo,

tivesse organizado uma rede de vigilância. O homem dirigia um exército de criados, que exerciam suas tarefas como sombras silenciosas, viviam em um prédio separado, no fundo do parque da casa, e estavam proibidos de dirigir a palavra aos senhores da família, salvo quando fossem chamados. Também não podiam falar com o mordomo sem antes passarem pela mulher que cuidava das chaves. Severo custou a entender aquela hierarquia, até porque no Chile as coisas eram muito mais simples. Os patrões, mesmo os mais despóticos, como o seu avô, tratavam os empregados com dureza, mas estavam atentos às suas necessidades e os consideravam como parte da família. Jamais vira uma criada ser despedida; aquelas mulheres entravam para o serviço da casa na puberdade e lá ficavam até morrer. O palacete em Nob Hill era muito diferente dos casarões conventuais entre cujas paredes havia transcorrido sua infância, com grossos muros de adobe e lúgubres portas aferrolhadas, e uns poucos móveis apoiados em paredes nuas. Já na casa da tia Paulina teria sido uma tarefa impossível realizar um inventário de seu conteúdo, das aldabras e chaves de banheiro feitas de prata maciça às coleções de figurinhas de porcelana, caixas russas laqueadas, marfins chineses e tudo quanto fosse objeto de arte ou de desejo que estivesse na moda. Feliciano Rodríguez de Santa Cruz comprava a fim de impressionar as visitas, mas não era um bárbaro, como outros magnatas seus amigos, que compravam livros a peso e quadros cuja cor combinasse com a das poltronas. Por seu lado, Paulina não sentia apego nenhum por aqueles tesouros; em toda a sua vida, o único móvel que havia adquirido por encomenda era a sua cama, que comprara por motivos que nada tinham a ver com a estética ou a pompa. O que lhe interessava era pura e simplesmente o dinheiro; seu desafio consistia em ganhá-lo com astúcia, acumulá-lo com tenacidade e investi-lo com sabedoria. Não se fixava nas coisas que seu marido adquiria, nem onde as deixava, e assim o resultado era uma casa ostentosa, na qual os próprios moradores se sentiam estrangeiros. As pinturas eram enormes, as molduras maciças, os temas forçados – *Alexandre Magno na conquista da Pérsia* –, mas também havia centenas de quadros menores organizados tematicamente, cuja função era dar nome às peças do casarão: o salão da caça, o das marinhas, o das

aquarelas. As cortinas eram de veludo pesado, com franjas afritivas, e os espelhos venezianos refletindo até o infinito as colunas de mármore, os altos jarros de Sèvres, as estátuas de bronze, os grandes vasos transbordantes de flores e frutos. Havia dois salões de música com finos instrumentos italianos, embora na família ninguém soubesse usá-los e a música provocasse dor de cabeça em Paulina, além de uma biblioteca instalada em dois planos. Em cada canto havia escarradeiras de prata com iniciais de ouro, pois naquela cidade fronteiriça era perfeitamente aceitável lançar cusparadas em público. As peças nas quais vivia Feliciano estavam na ala oriental da mansão, e as de sua mulher no extremo oposto do mesmo andar. Entre ambas, unidas por um largo corredor, alinhavam-se os aposentos dos filhos e dos hóspedes, todos vazios, menos o de Severo e o que era ocupado por Matías, o filho mais velho e o único que ainda vivia na casa. Acostumado ao incômodo e ao frio, que no Chile são considerados bons para a saúde, Severo del Valle demorou várias semanas para habituar-se ao abraço opressor do colchão e das almofadas de penas, ao verão eterno das estufas e à surpresa cotidiana de abrir o chuveiro e receber em cheio um jorro de água quente. Na casa de seu avô as privadas eram casinhas fedorentas no fundo do pátio e, nas madrugadas de inverno, a água para lavar-se amanhecia gelada nas bacias.

A hora da sesta costumava surpreender o jovem sobrinho e sua incomparável tia na cama mitológica: ela entre os lençóis, com seus livros de contabilidade de um lado e, do outro, seus pastéis, e ele, sentado do lado dos pés, entre a ninfa e o golfinho, comentando assuntos familiares e negócios. Somente a Severo ela permitia tal grau de intimidade, pouquíssimos tinham acesso aos seus aposentos privados, mas com ele se sentia completamente à vontade em sua camisola de dormir. Aquele sobrinho lhe proporcionava alegrias que os filhos nunca lhe haviam dado. Os dois mais novos levavam vida de herdeiros, ocupando cargos simbólicos em diretorias de empresas do clã, um em Londres, o outro em Boston. Matías, o primogênito, estava destinado a encabeçar a estirpe dos Rodríguez de Santa Cruz y del Valle, mas não tinha a menor vocação para isso;

longe de seguir os passos de seus esforçados pais, de interessar-se por suas empresas e trazer filhos varões ao mundo a fim de preservar o nome da família, havia feito do hedonismo e do celibato uma forma de arte. “Não passa de um tolo bem-vestido”, assim Paulina o definiu certa vez diante de Severo, mas, ao notar o quanto o filho e o sobrinho se davam bem, passou a esforçar-se para estreitar mais ainda aquela amizade nascente. “Minha mãe não dá murro em ponta de faca, deve estar planejando um meio de você me salvar da dissipação”, Matías zombava. Severo não pretendia assumir a tarefa de mudar o primo, ao contrário, gostaria de parecer-se com ele; em comparação com o outro, sentia-se rígido e fúnebre. Tudo em Matías o assombrava, seu estilo impecável, sua ironia glacial, a leviandade com que gastava irreparavelmente seu dinheiro.

– Quero que você se familiarize com os meus negócios. Vivemos em uma sociedade materialista e vulgar, com muito pouco respeito pelas mulheres. Aqui só valem a fortuna e as relações, por isso necessito de você: será meus olhos e meus ouvidos – Paulina anunciou ao sobrinho, poucos meses depois de sua chegada.

– Não entendo nada de negócios.

– Mas eu, sim. Não quero que pense, isso é comigo. Você cala, observa, escuta e me conta. Em seguida faz as coisas que eu disser, sem me fazer muitas perguntas, estamos entendidos?

– Não me peça para fazer armadilhas, tia – Severo replicou com dignidade.

– Vejo que deve ter ouvido algum mexerico a meu respeito... Escute, filho, as leis foram inventadas pelos fortes a fim de dominar os fracos, que são em número muito maior. Não tenho obrigação de respeitá-las. Necessito de um advogado de total confiança para fazer o que me der na telha, mas sem me meter em encrencas.

– De maneira honrada, espero... – advertiu Severo.

– Ora, menino! Assim não chegaremos a lugar nenhum. Sua honra estará a salvo, sempre que não exagerar – Paulina replicou.

Desse modo, selaram um pacto tão forte quanto os laços de sangue que os uniam. Paulina, que o havia acolhido sem grandes expectativas, convencida de que era um vadio, única

razão de o terem mandado embora do Chile, teve uma favorável surpresa com aquele sobrinho diligente e movido por nobres sentimentos. Em poucos anos, Severo aprendeu a falar inglês com uma facilidade que ninguém mais havia demonstrado em sua família, chegou a conhecer detalhe por detalhe as empresas de sua tia, cruzou duas vezes os Estados Unidos de trem – uma delas amenizada por um ataque de bandoleiros mexicanos – e achou tempo para se transformar em advogado. Mantinha uma correspondência semanal com sua prima Nívea, que com os anos foi se definindo mais como intelectual do que como romântica. Ela contava histórias da família e da política chilena; ele comprava livros para ela e recortava artigos sobre os avanços das sufragistas na Europa e nos Estados Unidos. A notícia de que no Congresso norte-americano fora apresentada uma emenda para autorizar o voto feminino foi celebrada por ambos a distância, embora estivessem de acordo que imaginar algo semelhante no Chile equivalia à loucura. “O que ganho com tanto estudo e tanta leitura, primo, se não há lugar para a ação na vida de uma mulher? Minha mãe diz que será impossível casar-me, porque afugento os homens, e que devo me embelezar e fechar a boca caso queira arranjar um marido. Minha família aplaude a menor mostra de conhecimento dada por meus irmãos – e digo menor porque você já sabe os brutos que eles são –, mas o mesmo, no meu caso, é considerado jactância. O único que me tolera é meu tio José Francisco, porque lhe dou oportunidade de falar-me de ciência, astronomia e política, temas sobre os quais gosta de perorar, embora não dê a mínima importância às minhas opiniões. Não pode imaginar o quanto invejo os homens como você, que têm o mundo por palco”, a jovem escrevia. O amor não ocupava mais que um par de linhas nas cartas de Nívea e um par de palavras nas de Severo, como se houvesse entre eles o tácito acordo de esquecer as intensas e apressadas carícias feitas nos recantos da casa. Duas vezes por ano Nívea mandava-lhe uma fotografia sua, para que ele visse como ia se convertendo em mulher, ele prometia fazer o mesmo e sempre se esquecia, do mesmo modo que se esquecia de dizer que também não voltaria para casa naquele Natal. Outra, mais ansiosa por casar-se do que Nívea, teria afinado as antenas a fim de descobrir um namorado

menos escorregadio, mas Nívea jamais duvidou de que Severo del Valle seria seu marido. Era tal sua certeza, que aquela separação esticada pelos anos não chegava tanto a preocupá-la; estava disposta a esperar por ele até o fim dos tempos. Quanto a Severo, este guardava a lembrança da prima como um símbolo de tudo aquilo que representava o bom, o nobre e o puro.

O aspecto de Matías podia até justificar a opinião de sua mãe, para quem ele era apenas um tolo bem-vestido, mas tolo ele não era nem um pouco. Tinha visitado todos os museus importantes da Europa, entendia de arte, podia recitar quantos poetas clássicos houvesse, e era o único que usava a biblioteca da casa. Cultivava seu próprio estilo, no qual se mesclavam o boêmio e o dândi; do primeiro tinha o hábito da vida noturna, e do segundo a mania dos detalhes no vestir. Era considerado o melhor partido de San Francisco, porém se declarava resolutamente solteiro; preferia uma conversa trivial com o pior de seus inimigos a um encontro com a mais atraente de suas namoradas. Com as mulheres tinha em comum apenas a procriação, um propósito em si absurdo, ele costumava dizer. Diante das pressões da natureza preferia uma profissional, uma das muitas que existiam ao alcance da mão. Era inconcebível uma noitada entre cavalheiros que não terminasse com um *brandy* em um bar e uma visita a um bordel; havia mais de um quarto de milhão de prostitutas no país e uma boa percentagem delas ganhava a vida em San Francisco, desde as míseras *sing-song girls* de Chinatown até as finas senhoritas dos estados do sul, atiradas àquela vida pela Guerra Civil. O jovem herdeiro, tão pouco tolerante com as fraquezas femininas, demonstrava a maior paciência ante a grosseria de seus amigos boêmios; essa era outra de suas singularidades, como a preferência pelos finos e negros cigarros que importava do Egito, e o interesse pelos crimes literários ou reais. Vivia no palacete paterno de Nob Hill e dispunha de um luxuoso apartamento em pleno centro – coroado por uma espaçosa água-furtada, que chamava de *garçonnière* –, onde pintava de vez em quando e dava festas com frequência. Misturava-se com o baixo mundo dos boêmios, uns pobres-diabos que sobreviviam às agruras de uma escassez estóica e irremediável, poetas, jornalistas, fotógrafos, aspirantes

a escritores e artistas, homens sem família que passavam a existência meio adoentados, tossindo e conversando, que viviam a crédito e não usavam relógio, porque o tempo não fora inventado para eles. Quando o aristocrata chileno dava as costas zombavam de suas roupas e de seus modos, mas o toleravam, porque sempre podiam conseguir com ele algum dinheiro, uma dose de uísque ou um lugar na água-furtada para passar uma noite de neblina.

– Já notou que Matías tem jeito de maricas? – Paulina comentou com o marido.

– Como se atreve a dizer tamanha barbaridade sobre o próprio filho? Jamais houve um tipo desses na minha família e nem na sua! – Feliciano replicou.

– Conhece algum homem normal que combine a cor do cachecol com a do papel de parede? – resmungou Paulina.

– Ora, porra! Você é a mãe dele e é sua a obrigação de arranjar-lhe uma noiva! Esse rapaz já fez trinta anos e continua solteiro. É melhor que você arranje uma sem demora, antes que ele se torne alcoólatra, fique tuberculoso ou qualquer coisa pior – advertiu Feliciano, sem saber que já era tarde para túbias medidas de salvação.

Em uma daquelas noites de nevasca e vento gelado, típicas do verão de San Francisco, Williams, o mordomo, vestindo fraque, bateu na porta do aposento de Severo del Valle.

– Desculpe perturbá-lo, senhor – murmurou com um discreto pigarreio, e entrou com um candelabro de três velas na mão enluvada.

– O que está havendo, Williams? – perguntou Severo, alarmado, pois era a primeira vez que alguém interrompia seu sono naquela casa.

– Temo estar havendo um pequeno inconveniente. Trata-se de dom Matías – disse Williams com aquela pomposa deferência britânica, que era desconhecida na Califórnia e sempre soava mais irônica do que respeitosa.

Explicou que havia chegado à casa, àquela hora tardia, uma mensagem enviada por uma dama de duvidosa reputação, uma tal de Amanda Lowell, a quem dom Matías costumava freqüentar, criatura de “outro ambiente”, como disse o mordomo. Severo leu a nota à luz das velas: eram apenas três

linhas pedindo ajuda imediata para Matías.

– Devemos pôr meus tios a par deste aviso; Matías pode ter sofrido um acidente. – Severo estava alarmado.

– Preste atenção no endereço, senhor; é em plena Chinatown. Parece-me preferível que os senhores não tomem conhecimento disso – opinou o mordomo.

– Puxa! Eu pensava que você não tinha segredos com minha tia Paulina.

– Tento não molestá-la, senhor.

– Sugere que façamos o quê?

– Se não for pedir muito, peço que se vista, apanhe suas armas e me acompanhe.

Williams havia despertado um servente para que preparasse um dos coches, mas desejava que tudo fosse feito o mais silenciosamente possível, de modo que ele mesmo tomou as rédeas e se dirigiu, sem vacilar, pelas ruas escuras e vazias, para o bairro chinês, guiado pelo instinto dos cavalos, pois a cada instante o vento apagava os faróis do veículo. Severo teve a impressão de que não era a primeira vez que o mordomo andava por aquelas ruelas escuras. Logo desceram do coche e seguiram a pé por uma passagem que ia dar em um pátio sombrio, onde imperava um odor estranho, adocicado, como o de nozes assadas. Não se via ninguém, o único som era o do vento e a única luz era a que se filtrava por entre as frinchas de dois postigos situados ao nível da rua. Williams acendeu uma vela, leu novamente o endereço que havia no papel e em seguida empurrou, sem cerimônia, uma das portas que dava para o pátio. Severo foi atrás dele, com a mão na arma. Entraram em uma pequena sala, sem ventilação, mas limpa e arrumada, onde o aroma denso do ópio quase impedia que se respirasse. Em torno de uma mesa no centro da sala havia compartimentos de madeira, alinhados junto às paredes, um em cima do outro como os beliches de uma embarcação, guarnecidos por pequenas esteiras e pedaços de madeira oca à guisa de travesseiro. Estavam ocupados por chineses, às vezes dois em um cubículo, inclinados diante de pequenas bandejas contendo, cada uma delas, uma caixinha com pasta negra e uma lamparina acesa. A noite já ia muito alta e a droga já exercia seu efeito sobre a maioria; os homens faziam letárgicos,

deambulando em seus sonhos, e apenas dois ou três ainda tinham forças para untar uma vareta metálica no ópio, aquecê-la na chama da lamparina, carregar o minúsculo forninho do cachimbo e aspirar através de um tubo de bambu.

– Meu Deus! – murmurou Severo, que já ouvira falar daquilo, mas nunca tinha visto.

– É melhor do que o álcool, se me permite dizê-lo – replicou Williams. – Não induz à violência e não causa mal aos outros, só mesmo a quem fuma. Veja como isto aqui é muito mais tranqüilo e mais limpo do que qualquer bar.

Um velho chinês, vestindo túnica e largas calças de algodão, veio ao encontro deles, coxeando. Os minúsculos olhos avermelhados mal assomavam por entre as grandes rugas do rosto; o bigode era ralo e cinzento, e também a trança que pendia em suas costas; as unhas, exceto as do polegar e do indicador, eram tão longas que se enrolavam sobre si mesmas, como caudas de algum antigo molusco; a boca parecia uma cova escura, e os poucos dentes restantes estavam estragados pelo tabaco e pelo ópio. O pequenino bisavô de pés tortos cumprimentou os recém-chegados em chinês, e, para surpresa de Severo, o mordomo inglês respondeu-lhe com dois ladridos na mesma língua. Houve uma longuíssima pausa, durante a qual ninguém se moveu. O chinês sustentou o olhar de Williams, como se o avaliasse, e finalmente estendeu a mão, na qual o mordomo depositou vários dólares, que o velho guardou no peito, embaixo da túnica; em seguida apanhou uma vela e fez sinal para que o seguissem. Passaram para outra sala, e depois a uma terceira e uma quarta, todas semelhantes à primeira, percorreram um longo e retorcido corredor, desceram uma pequena escada e chegaram a outro corredor. O velho fez sinais para que esperassem, e desapareceu por alguns minutos que pareceram intermináveis. Suando, Severo mantinha o dedo no gatilho da arma, pronta para disparar, alerta e sem atrever-se a dizer nem meia palavra. Finalmente o bisavô retornou e os conduziu por um labirinto, até que se viram diante de uma porta fechada, para a qual o velho ficou olhando com absurda atenção, como estivesse decifrando um mapa, até que Williams passou-lhe outros dois dólares, e então ele tratou de abri-la. Entraram em uma sala ainda menor que as

anteriores, mais escura, mais enfumaçada e mais opressiva, pois situava-se abaixo do nível da rua e necessitava de ventilação, mas afora isso era idêntica àquelas pelas quais haviam passado. Nos beliches de madeira havia cinco americanos brancos – quatro homens e uma mulher já madura, mas ainda esplendorosa, com uma cascata de cabelos ruivos caídos ao redor do corpo como se fossem um manto escandaloso. A julgar pelas roupas caras, todos ali tinham condições de pagar suas dívidas. Todos se achavam em estado de feliz estupor, menos um, que jazia de costas, mal conseguindo respirar, a camisa solta, os braços abertos em cruz, a pele cor de giz e os olhos voltados para cima. Era Matías Rodríguez de Santa Cruz.

– Vamos, senhor, ajude-me – ordenou Williams a Severo del Valle.

Os dois levantaram-no com esforço, cada um passando pelo pescoço um braço do homem inconsciente, e assim o levaram, como um crucificado, a cabeça pendente, o corpo lasso, os pés se arrastando pelo piso de terra batida. Percorreram de volta o longo caminho, venceram os estreitos corredores e atravessaram, uma a uma, as salas sufocantes, até alcançarem inesperadamente o ar livre, onde puderam respirar fundo, ansiosos e aturdidos. Acomodaram Matías no coche, o melhor que podiam, e Williams os levou à *garçonnière*, cuja existência Severo imaginava que o mordomo de sua tia ignorava. Maior foi a surpresa quando Williams tirou uma chave do bolso, abriu a porta principal do edifício, e em seguida mais uma, agora para abrir a porta da cobertura.

– Não é essa a primeira vez que você resgata meu primo, é, Williams?

– Digamos que não será a última – respondeu o mordomo.

Puseram Matías em uma cama que se ocultava atrás de um biombo japonês, e Severo se pôs a cobri-lo com panos molhados e a sacudi-lo para que voltasse do céu onde se havia instalado, enquanto Williams partia em busca do médico da família, depois de advertir que não seria conveniente informar aos tios sobre o acontecido.

– Meu primo pode morrer! – exclamou Severo, atemorizado.

– Nesse caso terá de contar aos senhores – Williams admitiu com a devida cortesia.

Durante cinco dias o rapaz debateu-se em espasmos de agonia, envenenado até a medula dos ossos. Williams levou um enfermeiro ao apartamento para que cuidasse de Matías, e ajeitou as coisas de modo que sua ausência em casa não fosse motivo de escândalo. O incidente criou um estranho vínculo entre Severo e Williams, uma tácita cumplicidade que jamais se traduzia em gestos ou palavras. Com outro indivíduo menos hermético do que o mordomo, Severo teria pensado que compartiam certa amizade ou pelo menos alguma simpatia, mas ao redor do inglês erguia-se uma impenetrável muralha de reserva. Começou a observá-lo. Tratava os empregados sob suas ordens com a mesma impecável cortesia e frieza com que se dirigia aos patrões, e era assim que conseguia atemorizá-los. Nada escapava ao seu olhar vigilante, nem o brilho dos talheres de prata lavrada, nem os segredos de cada habitante daquela imensa casa. Era impossível calcular sua idade ou descobrir suas origens, parecia ter parado para sempre na casa dos quarenta e, com exceção do acento britânico, não havia nenhuma pista sobre sua vida pregressa. Trocava as luvas brancas trinta vezes por dia, sua roupa de tecido preto, recém-passada a ferro, estava sempre luzindo, sua camisa branca, do melhor linho holandês, era tão engomada que parecia feita de cartolina, e os sapatos reluziam como espelhos. Chupava pastilhas de hortelã para perfumar o hálito e usava água-decolônia, mas fazia as duas coisas com tanta discrição, que só uma vez Severo sentiu o cheiro da menta e da lavanda, e isso foi justamente quando se roçaram na hora de levantar o inconsciente Matías do lugar onde havia se intoxicado com o ópio. Naquela ocasião também notou que embaixo da jaqueta seus músculos eram duros como se fossem de madeira, que seus tendões eram tensos, que era forte e flexível, que nada naquele homem combinava com a sua atitude de lorde inglês.

Os primos Severo e Matías tinham em comum apenas os antepassados patrícios e o gosto pelo esporte e a literatura, no mais não pareciam ser do mesmo sangue; tão fidalgo, arrojado e ingênuo era o primeiro, quanto cínico, indolente e libertino era o segundo, mas, apesar de seus temperamentos opostos e dos anos que os separavam, os dois tornaram-se amigos. Matías

esmerou-se no ensino da esgrima a Severo, a quem faltavam a elegância e a velocidade indispensáveis a essa arte, e em iniciá-lo nos prazeres de San Francisco, mas o jovem mostrou-se inadequado como companheiro de pândega, pois sempre adormecia em pé; passava quatorze horas por dia trabalhando no escritório de advocacia, e, no que lhe restava de tempo, lia e estudava. Costumavam nadar nus na piscina da casa e desafiar-se em torneios de luta corporal. Dançavam um em torno do outro, atentos, preparando-se para o salto, e por fim se atracavam, brincando enlaçados e rolando, até que um dominasse o outro e o amassasse contra o solo. Ficavam molhados de suor, excitados. Severo afastava-se empurrando o primo, perturbado, como se o pugilato se houvesse confundido com um inadmissível abraço. Falavam de livros e comentavam os clássicos. Matías amava a poesia, e, quando estavam sós, os dois recitavam de cor, e de tanto que se comoviam com a beleza dos versos as lágrimas desciam-lhes pelas faces. Também nessas ocasiões Severo ficava meio perturbado, pois a intensa emoção do outro parecia-lhe uma forma de intimidade proibida entre homens. Acompanhava com atenção os avanços das ciências e as viagens dos exploradores, que comentava com Matías, na vã tentativa de interessá-lo, pois as únicas notícias que conseguiam romper a armadura de indiferença do primo eram os crimes locais. Matías havia estabelecido uma curiosa amizade, sustentada por litros de uísque, com Jacob Freemont, um velho e inescrupuloso jornalista, sempre curto de dinheiro, e ambos dividiam por igual a mórbida fascinação pelo delito. Freemont ainda conseguia publicar reportagens sobre crimes nos jornais da cidade, mas havia perdido em definitivo sua reputação, muitos anos antes, ao inventar a história de Joaquín Murieta, um suposto bandido mexicano dos tempos da febre do ouro. Com seus artigos ele havia criado um personagem mítico, que excitou o ódio da população branca contra os hispanos. A fim de aplacar os ânimos, as autoridades ofereceram a um certo capitão Harry Love uma boa soma para que saísse à caça de Murieta. Depois de três meses percorrendo a Califórnia à procura do bandido, o capitão optou por uma solução fora do roteiro: matou sete mexicanos em uma emboscada e voltou com a cabeça e uma das mãos de um morto. Ninguém pôde

identificar os despojos, mas o feito de Love tranqüilizou os brancos. Os macabros troféus ainda estavam expostos em um museu, embora a opinião consensual fosse a de que Murieta não passara de uma criação monstruosa da imprensa em geral e de Jacob Freemont em particular. Esse e outros episódios em que a pena falaz de Freemont havia torcido a realidade acabaram por dar-lhe uma bem-merecida fama de embusteiro e a fechar-lhe todas as portas. E agora, graças à sua estranha ligação com Freemont, repórter criminal, Matías tinha possibilidade de ver as vítimas de assassinatos antes que elas fossem levadas dos lugares onde haviam tombado, e de presenciar as autópsias no necrotério, espetáculos que o repugnavam, mas que excitavam-lhe a sensibilidade. Dessas aventuras pelo submundo do crime saía bêbado de horror, ia diretamente para o banho turco, onde passava horas suando com o cheiro de morte grudado em sua pele, e depois se fechava na *garçonnière*, a fim de pintar as desastrosas cenas de pessoas despedaçadas a golpes de faca.

– Que significa tudo isso? – perguntou Severo, ao ver pela primeira vez os dantescos quadros.

– A idéia da morte não fascina você? O homicídio é uma tremenda aventura, e o suicídio uma solução prática. Jogo com a idéia de ambos. Há certas pessoas que merecem ser assassinadas, não lhe parece? Quanto a mim, primo, não penso em morrer decrépito, claro, mas prefiro pôr fim aos meus dias com o mesmo cuidado que tenho ao escolher minhas roupas, e é por isso que estudo os crimes, para treinar.

– Você está louco, e além disso lhe falta talento – disse-lhe Severo.

– Não é preciso ter talento para ser um artista, basta a audácia. Já ouviu falar dos impressionistas?

– Não, mas, se é isso o que pintam esses pobres-diabos, não irão longe. Você não poderia procurar um tema mais agradável? Uma garota bonita, por exemplo?

Matías se pôs a rir e anunciou que na quarta-feira seguinte haveria uma garota verdadeiramente bonita na *garçonnière*, a mais bela de San Francisco, assim designada por aclamação popular, acrescentou. Como modelo, seus amigos lutavam entre si para imortalizá-la em argila, telas e placas fotográficas,

adicionando-se a isso a esperança de fazer amor com ela. Apostas eram feitas para ver quem seria o primeiro, mas até aquele momento ninguém conseguira tocar-lhe um dedo.

– Ela sofre de um mal detestável: a virtude. É a única virgem que resta na Califórnia, embora seja fácil curar tal doença. Você gostaria de conhecê-la?

Foi assim que Severo del Valle voltou a encontrar-se com Lynn Sommers. Até aquele dia havia se limitado a comprar em segredo, nas lojas para turistas, cartões-postais com a imagem dela, que escondia entre as páginas dos seus livros de direito, como tesouros vergonhosos. Várias vezes havia rondado a rua do salão de chá, na Praça da União, a fim de vê-la de longe, e havia feito discretas indagações ao cocheiro, que todos os dias ia comprar doces para sua tia Paulina, mas nunca se atrevera a apresentar-se formalmente a Eliza Sommers e pedir-lhe permissão para visitar sua filha. Qualquer atitude direta parecia-lhe uma irreparável traição a Nívea, sua doce namorada de toda a vida; mas chegou à conclusão de que seria apenas um encontro casual com Lynn, uma coincidência de momento, e ninguém poderia criticá-lo por isso. Não lhe passara pela mente que pudesse vê-la no estúdio de seu primo Matías, em tão estranhas circunstâncias.

Lynn Sommers era o feliz produto de uma certa mistura de raças. Deveria chamar-se Lin Chi'en, mas seus pais decidiram anglicanizar os prenomes dos filhos e dar-lhes o nome de família da mãe, Sommers, para facilitar a existência deles nos Estados Unidos, onde os chineses eram tratados como cães. Ao primogênito chamaram Ebanizer, em homenagem a um velho amigo do pai, porém tratavam-no por Lucky – afortunado –, porque era o menino de mais sorte que jamais se tinha visto em Chinatown. À filha mais nova, nascida seis anos depois, chamaram Lin, em homenagem à primeira mulher de seu pai, sepultada em Hong Kong muitos anos antes, porém a registraram com a ortografia inglesa: Lynn. A primeira esposa de Tao Chi'en, que legou seu nome à menina, tinha sido uma frágil criatura de pés minúsculos, adorada pelo marido, mas muito cedo vencida pelo enfraquecimento do organismo. Eliza Sommers aprendeu a conviver com a pertinaz lembrança de Lin

e acabou por considerá-la um membro da família, uma espécie de protetora invisível, que velava pelo bemestar de sua casa. Vinte anos antes, quando havia descoberto que estava novamente grávida, pedira a Lin que a ajudasse a levar a gravidez a bom termo, pois já havia sofrido vários abortos e não tinha muitas esperanças de que seu corpo esgotado sustentasse aquele bebê. O esgotamento era a explicação de Tao Chi'en, que em cada gravidez de Eliza tinha se valido de todos os seus conhecimentos de *zhong-yi*, além de recorrer aos melhores especialistas em medicina ocidental da Califórnia.

– Desta vez nascerá uma menina saudável – Eliza garantiu-lhe.

– Como sabe? – perguntou o marido.

– Porque pedi a Lin.

Eliza sempre acreditou que a primeira esposa de Tao sustentou-a durante a gravidez, proporcionou-lhe forças para dar à luz sua filha, e que após o nascimento havia se inclinado sobre o berço para dar à criança o dom da formosura. “Vai se chamar Lin”, a esgotada mãe anunciou quando, afinal, recebeu a filha em seus braços; mas Tao Chi'en assustou-se: não era boa idéia dar à menina o nome da mulher que havia morrido tão jovem. Por fim resolveram mudar a ortografia, de modo a não procovar a má sorte. “Pronuncia-se do mesmo jeito, e é só isso que importa”, Eliza concluiu.

Pelo lado da mãe Lynn Sommers tinha sangue inglês e chileno, pelo do pai levava genes dos chineses altos, nascidos no norte de seu país. O avô de Tao Chi'en, um humilde curandeiro, tinha legado aos descendentes do sexo masculino seus conhecimentos de plantas medicinais e invocações mágicas contra diversas doenças do corpo e da mente. Tao Chi'en, o último daquela estirpe, enriqueceu a herança paterna ao ser treinado para *zhong-yi* por um sábio de Cantão, e isso mediante uma vida de estudo, não só da medicina chinesa tradicional, mas também de tudo que caísse em suas mãos acerca da ciência médica do Ocidente. Havia adquirido um sólido prestígio em San Francisco, era consultado por médicos americanos e tinha uma clientela de várias raças, mas não lhe permitiam trabalhar nos hospitais e sua prática estava limitada ao bairro chinês, onde havia comprado uma grande casa, que abrigava sua clínica

no primeiro andar e lhe servia de residência no segundo. Sua reputação o protegia: ninguém interferia em sua ação junto às *sing-song girls*, como eram chamadas em Chinatown as patéticas escravas do tráfico sexual, todas meninas, pré-adolescentes. Tao Chi'en havia atribuído a si mesmo a missão de resgatar dos bordéis quantas daquelas meninas lhe fosse possível. Os *tongs* – bandos que controlavam, vigiavam e vendiam proteção na comunidade chinesa – sabiam que ele comprava as pequenas prostitutas para dar-lhes uma nova oportunidade longe da Califórnia. Duas vezes o tinham ameaçado, porém não chegaram a tomar medidas mais drásticas, porque mais dia menos dia qualquer um deles poderia necessitar dos serviços do célebre *zhong-yi*. Enquanto Tao Chi'en não procurasse as autoridades americanas, agisse em silêncio e salvasse as meninas uma a uma, em seu paciente trabalho de formiga, poderia ser tolerado, pois em nada afetaria os imensos lucros do negócio. A única pessoa a ver em Tao Chi'en um inimigo público era Ah Toy, a mais bem-sucedida exploradora da prostituição em San Francisco, dona de várias casas especializadas em adolescentes asiáticas. Só ela importava centenas de garotas por ano, ante os olhos impassíveis dos funcionários ianques devidamente subornados. Ah Toy odiava Tao Chi'en e, como havia dito muitas vezes, preferia a morte a ter de consultá-lo. Tinha ido ao consultório dele apenas uma vez, vencida pela tosse, mas naquela oportunidade os dois compreenderam, sem necessidade de dizê-lo com palavras, que seriam inimigos mortais para sempre. Cada *sing-song girl* resgatada por Tao Chi'en era um espinho cravado embaixo de uma unha de Ah Toy, mesmo que a garota não lhe pertencesse. Para ela, como para ele, aquela era uma questão de princípios.

Tao Chi'en levantava-se antes do amanhecer e saía para o jardim, onde realizava seus exercícios marciais destinados a manter o corpo em forma e a mente aberta. Em seguida meditava durante meia hora e depois acendia o fogo embaixo da chaleira. Despertava Eliza com um beijo e uma xícara de chá verde, que ela sorvia lentamente na cama. Aquele era um momento sagrado para os dois: a xícara de chá que bebiam juntos fechava a noite compartilhada em estreito abraço. O que

aconteciam entre eles, atrás da porta fechada de seu quarto, compensava todos os esforços do dia. O amor de ambos havia começado como uma suave amizade, tecida sutilmente em meio a uma teia de obstáculos, da necessidade de se entenderem em inglês e de saltar por cima dos preconceitos de cultura e raça até os anos de diferença em idade. Viveram e trabalharam juntos sob o mesmo teto durante mais de três anos, antes de ultrapassarem a fronteira invisível que os separava. Foi necessário que Eliza andasse em círculos, milhares e milhares de milhas, realizando uma viagem interminável em busca de um amante hipotético, que lhe escapava por entre os dedos como uma sombra, que pelo caminho fosse deixando pedaços de seu passado, retalhos de sua inocência, e que enfrentasse suas obsessões diante da cabeça decapitada e macerada em genebra, do legendário bandido Joaquín Murieta, para compreender que seu destino estava ao lado de Tao Chi'en. Em troca, o *zhong-yi*, que soubera disso muito antes dela, foi capaz de esperá-la com a silenciosa tenacidade de um amor maduro.

Na noite em que Eliza havia ousado, finalmente, percorrer os oito metros de corredor que separavam o seu quarto do de Tao Chi'en, suas vidas haviam mudado completamente, como se a golpes de machado tivessem cortado a própria raiz do passado. A partir daquela noite ardente não houve a menor possibilidade de recuo, tudo que havia era o desafio de abrir espaço em um mundo que não tolerava a mistura de raças. Eliza chegou descalça, vestindo sua camisola de dormir, tateando nas sombras; empurrou a porta de Tao Chi'en, certa de que a encontraria destrancada, pois tinha adivinhado que ele a desejava tanto quanto ela a ele, mas, apesar dessa certeza, sentia-se assustada ante a irreparável finalidade de sua decisão. Havia vacilado muito antes de dar aquele passo, porque o *zhong-yi* era seu protetor, seu pai, seu irmão, seu melhor amigo, sua única família naquela terra estranha. Temia perder tudo ao transformar-se em sua amante; mas já estava no umbral, e a ânsia de tocá-lo pôde mais do que as sutilezas da razão. Entrou no quarto e, à luz de uma vela que queimava sobre a mesa, viu-o sentado na cama, com as pernas cruzadas, vestindo túnica e calças brancas de algodão, esperando-a. Eliza não chegou a se perguntar quantas noites ele teria atravessado daquela maneira,

atento ao ruído de seus passos no corredor, pois estava aturdida pela própria audácia, trêmula de timidez e antecipação. Tao Chi'en não lhe deu tempo de retroceder. Foi ao seu encontro, abriu os braços, e ela avançou cega até estilhaçar-se no choque contra seu peito, no qual afundou o rosto, aspirando o cheiro tão conhecido daquele homem, um aroma salino de água do mar, agarrando-se, com as duas mãos, à túnica de Tao, porque seus joelhos fraquejavam, enquanto um rio de explicações brotava-lhe irrepresável dos lábios e se misturava com as palavras de amor que ele murmurava em chinês. Sentia os braços que a levantavam do chão e a depunham suavemente na cama, sentiu o hálito túbio em seu pescoço e as mãos que a dominavam; então uma irreprimível angústia a possuiu, e ela começou a tremer, arrependida e assustada.

Desde que sua esposa morrera em Hong Kong, Tao Chi'en tinha buscado consolo, de vez em quando, nos esperados abraços de mulheres pagas. Havia mais de seis anos que não fazia amor amando, mas não permitiu que a pressa o precipitasse. Tantas vezes seu pensamento havia percorrido o corpo de Eliza, tão bem a conhecia, que agora era como andar munido de um mapa pela sucessão de seus vales suaves e suas pequenas colinas. Ela acreditava ter conhecido o amor nos braços de seu primeiro amante, mas a intimidade com Tao Chi'en tornou evidente o tamanho de sua ignorância. A paixão que a transtornara aos dezesseis anos, e pela qual havia atravessado metade do mundo e arriscado a vida várias vezes, não tinha passado de miragem, de algo que agora lhe parecia absurdo; naquela ocasião havia se enamorado do amor, conformando-se com as migalhas que lhe eram oferecidas por um homem mais interessado em ir do que ficar com ela. Procurou-o durante quatro anos, convencida de que o jovem idealista que conhecera no Chile havia se transformado, na Califórnia, em um bandido fantástico, sob o nome de Joaquín Murieta. Durante todo aquele tempo Tao Chi'en havia esperado por ela com sua calma proverbial, convencido de que cedo ou tarde ela cruzaria o umbral que os separava. Coube a ele acompanhá-la quando exibiram a cabeça de Joaquín Murieta, para diversão de americanos e escárnio de latinos. Pensou que Eliza não resistiria à visão daquele repulsivo troféu, porém ela

se plantou diante do frasco em que descansava o suposto criminoso e o olhou impassível, como se aquilo não passasse de um repolho em conserva, até adquirir a certeza de que não era aquele o homem a quem havia procurado durante anos. De fato, pouco lhe importava agora sua identidade, pois, no decorrer da longa viagem em que havia seguido a pista de um romance impossível, Eliza tinha adquirido algo tão precioso quanto o amor: a liberdade. “Agora estou livre”, foi tudo que disse diante daquela cabeça. Tao Chi’en compreendeu que finalmente ela havia rompido as amarras com o antigo amante, que pouco lhe importava saber se ainda vivia ou se morrera procurando ouro nas encostas da Serra Nevada; em qualquer dos casos deixaria de procurá-lo, e, se algum dia ele aparecesse, então ela já seria capaz de vê-lo em sua verdadeira dimensão. Tao Chi’en tomou-a pela mão e se afastaram daquela sinistra exposição. Lá fora respiraram ar fresco e se puseram a caminhar em paz, dispostos a começar uma nova etapa em suas vidas.

Na noite em que Eliza entrou no quarto de Tao Chi’en, tudo foi muito diferente dos abraços clandestinos e apressados que havia trocado com seu primeiro amante no Chile. Naquela noite descobriu algumas das múltiplas possibilidades do prazer e se iniciou na profundidade de um amor que seria o único para o resto de sua vida. Com toda a calma, Tao Chi’en foi aos poucos libertando-a das lembranças inúteis e das camadas de terror acumuladas, foi acariciando-a com infatigável perseverança, até que ela deixou de tremer e abriu os olhos, até que se sentiu relaxada pelo toque dos seus dedos sábios, até que ele a sentiu ondular, abrir-se, iluminar-se; ouviu-a gemer, chamá-lo, suplicar-lhe; viu-a rendida e úmida, disposta a entregar-se e recebê-lo em plenitude; até que nenhum dos dois soube mais onde estavam, quem eram, onde terminava ele e começava ela. Tao Chi’en levou-a para além do orgasmo, para uma dimensão misteriosa onde o amor e a morte se assemelhavam. Sentiram que seus espíritos se expandiam, que os desejos e a memória haviam desaparecido, que se abandonavam em uma só e imensa claridade. Abraçaram-se nesse extraordinário espaço, reconhecendo-se, porque talvez houvessem estado juntos em vidas anteriores e voltariam a estar muitas vezes em vidas

futuras, como sugeriu Tao Chi'en. Eram amantes eternos, buscar-se e encontrar-se uma vez e outra vez era seu karma, disse ele emocionado; mas Eliza replicou, rindo, que não devia se tratar de nada tão solene como o karma, mas do simples desejo de fornicar, coisa que, para dizer a verdade, já havia alguns anos morria de vontade de fazer com ele, esperando que, depois daquele momento, Tao não perdesse o entusiasmo, pois aquela seria a prioridade de sua vida. Brincaram alegremente durante aquela noite e boa parte do dia seguinte, até que a fome e a sede os obrigaram a sair do quarto, ébrios e felizes, sem separar as mãos, com medo de despertarem repentinamente e descobrirem que tinham andado perdidos no meio de uma alucinação.

A paixão que os unia a partir daquela noite, e que alimentavam com extraordinário cuidado, seria seu sustentáculo e sua proteção nos inevitáveis momentos de adversidade. Com o tempo, aquela paixão foi se acomodando na ternura e no riso, e deixaram de explorar as duzentas e vinte e duas maneiras de fazer amor, pois com três ou quatro tinham o suficiente e já não era necessário que mutuamente se surpreendessem. Quanto mais se conheciam, maior era a simpatia a dividir. A partir daquela primeira noite de amor dormiram sempre enovelados, respirando o mesmo ar e sonhando os mesmos sonhos; mas suas vidas não eram fáceis, tinham permanecido juntos durante quase trinta anos em um mundo no qual não havia lugar para uma parceria como a que formavam. Com o correr dos anos, aquele chinês alto e aquela pequenina mulher branca tornaram-se uma visão familiar em Chinatown, mas nunca foram totalmente aceitos. Aprenderam a não tocar-se em público, a sentar-se separados no teatro e a caminhar na rua com vários passos de distância entre os dois. Em certos restaurantes e hotéis não podiam entrar juntos, e, quando foram à Inglaterra, ela com a finalidade de visitar sua mãe adotiva, Rose Sommers, e ele para pronunciar conferências sobre acupuntura na Clínica Hobbs, não puderam viajar na primeira classe do navio nem dividir o camarote, embora à noite ela escapulisse em silêncio para dormir com ele. Casaram-se discretamente conforme o rito budista, mas aquela era uma união sem valor legal. Lucky e Lynn apareciam em seus

registros como filhos ilegítimos, reconhecidos pelo pai. Tao Chi'en tinha conseguido o seu título de cidadão, depois de infinitos trâmites e subornos, e era um dos poucos que haviam contornado o Ato de Exclusão dos Chineses, outra das leis discriminatórias da Califórnia. Sua admiração e lealdade pela pátria adotiva eram incondicionais, como demonstrou por ocasião da Guerra Civil, quando cruzou o continente para apresentar-se como voluntário na linha de frente e trabalhar como ajudante dos médicos ianques durante o conflito, porém se sentia profundamente estrangeiro e desejava que, embora tivesse passado a maior parte da vida na América, seu corpo fosse enterrado em Hong Kong.

A família de Eliza Sommers e Tao Chi'en residia em uma casa espaçosa e confortável, mais sólida e mais bem construída do que qualquer outra de Chinatown. Ao redor deles, o dialeto cantonês era falado por quase todos, e da comida aos jornais tudo ali era chinês. A algumas quadras de onde moravam situava-se La Misi6n, o bairro hispano no qual Eliza Sommers costumava passear, de vez em quando, pelo prazer de falar castelhano, mas o seu dia costumava transcorrer entre americanos, nas imediações da Praça da Uni6o, onde funcionava seu elegante sal6o de ch6. Com seus past6is ela havia contribuído desde o in6cio para manter a fam6lia, porque boa parte dos ganhos de Tao Chi'en terminava em m6os alheias: o que n6o se transformava em aux6lio aos pe6es chineses, quando adoeciam ou eram v6timas de alguma desgraça, ele gastava nos leil6es clandestinos de garotas escravas. Salvar aquelas criaturas de uma vida de ignom6nia se convertera na sagrada miss6o de Tao Chi'en, e que Eliza Sommers compreendera desde o in6cio e aceitara como outra particularidade de seu marido, outra das muitas raz6es pelas quais o amava. Montou seu neg6cio de past6is para n6o ter de atorment6-lo com pedidos de dinheiro; necessitava de independ6ncia para dar aos filhos a melhor educa6o americana, pois desejava que se integrassem por completo nos Estados Unidos e vivessem sem as limita66es impostas aos chineses e aos hispanos. Com Lynn alcançou seu objetivo, mas no caso de Lucky seus planos fracassaram, porque o garoto se orgulhava de sua origem e n6o pretendia sair de

Chinatown.

Lynn adorava o pai – impossível não amar aquele homem suave e generoso –, mas se envergonhava de sua raça. Percebeu muito cedo que o único lugar para os chineses era o seu próprio bairro, pois no resto da cidade eles eram detestados. O esporte favorito dos garotos brancos era apedrejar *celestiais* ou então cortar suas tranças depois de moê-los a pauladas. Como sua mãe, Lynn vivia com um pé na China e outro nos Estados Unidos, as duas só se entendiam em inglês, penteavam-se e vestiam-se à moda americana, embora dentro de casa costumassem usar túnica e calças de seda. Lynn tinha bem pouco do pai, a não ser os ossos longos e os olhos orientais, e menos ainda da mãe; ninguém sabia de onde provinha sua rara beleza. Nunca lhe permitiram brincar na rua, como fazia seu irmão Lucky, porque em Chinatown as mulheres e meninas de famílias pudicas viviam totalmente reclusas. Nas pouquíssimas ocasiões em que andava pelo bairro era levada pela mão do pai e sempre com os olhos cravados no chão, para não provocar a multidão, quase inteiramente masculina. Ambos chamavam a atenção, ela por sua beleza e ele por se vestir como um ianque. Tao Chi'en havia renunciado, fazia anos, à típica trança de sua gente e escolhera o cabelo curto, molhado e penteado para trás, vestia um impecável terno preto, usava camisa de colarinho duro e chapéu de copa alta. Mas, uma vez fora dos limites de Chinatown, Lynn circulava com plena liberdade, como qualquer menina branca. Educou-se em uma escola presbiteriana, na qual aprendeu rudimentos do cristianismo, os quais, somados às práticas budistas do pai, acabaram por convencê-la de que Cristo era a reencarnação de Buda. Ia sozinha às compras e às suas aulas de piano, e também sozinha saía para visitar as amigas do colégio; à tarde instalava-se no salão de chá da mãe, onde fazia os deveres escolares e gastava o restante do tempo relendo histórias românticas que comprava a dez centavos o exemplar ou as que Rose, sua tia-avó, lhe enviava de Londres. Foram inúteis os esforços de Eliza Sommers para despertar seu interesse pela cozinha ou por qualquer outra atividade doméstica: sua filha não parecia feita para as tarefas do cotidiano.

Deixando a infância para trás, Lynn manteve o rosto de anjo

forasteiro e por todo o corpo surgiram-lhe curvas perturbadoras. Durante anos, suas fotos tinham circulado sem maiores conseqüências, mas tudo mudou quando, ao alcançar os quinze, ganhou formas definitivas e adquiriu consciência da atração devastadora que exercia sobre os homens. Aterrada com as possíveis conseqüências desse tremendo poder, sua mãe tentou dominar o impulso de sedução da filha, repetindo-lhe, todo dia, as normas da modéstia, ensinando-a a caminhar como um soldado, sem balançar os ombros nem as cadeiras, mas tudo foi inútil: os varões de qualquer idade, raça e condição voltavam-se para admirá-la. Ao perceber as vantagens de sua beleza, Lynn deixou de maldizê-la, como havia feito quando pequena, e decidiu que seria uma modelo artística por um curto período, até um príncipe aparecer com seu cavalo alado e levá-la para o paraíso matrimonial. Durante sua infância, os pais haviam tolerado como um capricho inocente que ela fizesse aquelas fotos em que aparecia vestida de fada ou se balançava entre colunas, mas agora consideravam imensamente perigoso que aparecesse diante das câmaras com seu novo porte de mulher. “Essa história de posar não é uma profissão decente, mas pura perdição”, disse Eliza Sommers com tristeza, pois estava percebendo que não conseguiria dissuadir a filha de suas fantasias nem protegê-la das armadilhas da beleza. Transmitiu suas inquietações a Tao Chi’en, em um daqueles momentos perfeitos de repouso que sobrevinha depois de terem feito amor, e então ele explicou que cada um tem seu karma, que não se pode dirigir as vidas alheias, e que às vezes podemos apenas corrigir o rumo das nossas; mas Eliza não estava disposta a permitir que a desgraça a apanhasse desprevenida. Sempre havia acompanhado Lynn quando ela posava para fotografos, tomando cuidados com a decência – nada de pernas de fora para atender pretextos artísticos –, e agora que a filha tinha feito dezenove anos estava resolvida a duplicar seu zelo.

– Há um pintor andando atrás de Lynn. Quer que ela pose para um quadro de Salomé – anunciou certo dia ao marido.

– De quem? – perguntou Tao Chi’en, mal levantando os olhos da Enciclopédia de Medicina.

– Salomé, a dos sete véus, Tao. Leia a Bíblia.

– Se é da Bíblia deve estar tudo bem, imagino – ele

murmurou, distraído.

– Sabe como era a moda no tempo de São João Batista? Se eu me descuidar, pintam sua filha com os seios no ar!

– Pois sendo assim não se descuide. – Tao sorriu, abraçando a mulher pela cintura, sentando-a sobre o livro aberto em seus joelhos e advertindo-a de que não se deixasse amedrontar pelos truques da imaginação.

– Ah, Tao! Que vamos fazer com Lynn?

– Nada, Eliza, logo ela se casará e nos dará netos.

– Mas ainda é uma garota!

– Na China já teria passado da idade de conseguir um noivo.

– Mas estamos na América, e ela não se casará com um chinês – Eliza respondeu, decidida.

– Por quê? Não gosta dos chineses? – brincou o *zhong-yi*.

– Não há outro homem como você neste mundo, Tao, mas acho que Lynn se casará com um branco.

– Segundo ouvi dizer, os americanos não sabem fazer amor.

– Talvez você possa ensiná-los – disse Eliza sorrindo, com o nariz no pescoço do marido.

Lynn posou para o quadro de Salomé com uma peça de malha de seda cor de carne embaixo dos véus, vigiada pelo olhar incansável da mãe, que não pôde permanecer ao seu lado, com a mesma firmeza, quando ofereceram à filha a imensa honra de servir de modelo para a estátua da República, que seria erguida no centro da Praça da União. A campanha para levantar fundos havia durado meses, as pessoas contribuía com o que lhes era possível, os estudantes com alguns centavos, as viúvas com alguns dólares, e os magnatas, como Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, com cheques suculentos. Os jornais traziam todas as manhãs a soma alcançada no dia anterior, até que se reuniu o suficiente para encomendar o monumento a um famoso escultor trazido especialmente da Filadélfia para realizar aquele ambicioso projeto. As famílias mais distintas da cidade competiam na promoção de festas e bailes para dar ao artista ocasião de escolher suas filhas; já se sabia que a modelo da República seria o símbolo de San Francisco, e todas as jovens sonhavam com aquela distinção. Homem moderno e de idéias atrevidas, o escultor procurou durante semanas a jovem ideal, mas

nenhuma o satisfazia. Para representar a pujante nação norte-americana, formada de valorosos imigrantes procedentes dos quatro pontos cardeais, anunciou que desejava encontrar uma em que tivesse ocorrido o entrelaçamento de raças. Os financiadores do projeto e as autoridades municipais se espantaram; os brancos não podiam imaginar que pessoas de outra cor fossem completamente humanas, e ninguém queria ouvir falar de uma jovem mestiça presidindo a cidade do alto do obelisco da Praça da União, como pretendia aquele homem. A Califórnia estava na vanguarda em matéria de arte, os jornais opinavam, mas essa história de modelo mestiça era pedir demais. O escultor estava a ponto de render-se à pressão e optar por uma descendente de dinamarqueses, quando entrou por acaso na pastelaria de Eliza Sommers, a fim de esquecer tudo aquilo com um *éclair* de chocolate, e então viu Lynn. Era a mulher que tanto havia procurado para a sua estátua: alta, bem-modelada, de ossos perfeitos, não apenas tinha a dignidade de uma imperatriz e um rosto de feições clássicas, como trazia, ainda, o selo exótico por ele desejado. Havia nela mais do que harmonia, algo singular, uma certa mistura de Oriente e Ocidente, de sensualidade e inocência, de força e delicadeza, e essa mistura o seduziu por inteiro. Quando informou a Eliza que havia escolhido sua filha para modelo, convencido de que prestava uma tremenda homenagem àquela modesta família de pasteleiros, deparou com uma firme resistência. Eliza Sommers estava farta de perder seu tempo vigiando Lynn nos estúdios dos fotógrafos, cuja única tarefa consistia em apertar um botão com o dedo. A idéia de exercer sua vigilância diante daquele homenzinho que planejava uma estátua de bronze de vários metros de altura deixava-a angustiada; mas, como a filha estava tão orgulhosa ante a perspectiva de ser a República, Eliza não teve coragem de continuar negando. O escultor viu-se em palpos de aranha para convencer a mãe de que uma pequena túnica era a vestimenta apropriada para aquele caso, pois Eliza não via relação entre a república norte-americana e aquela antiga roupa grega; finalmente concordaram que Lynn posaria com pernas e braços nus, porém os seios estariam cobertos.

Lynn mantinha-se alheia às preocupações da mãe no tocante à

sua virtude, e vivia perdida em um mundo de fantasias românticas. Exceto pelo seu inquietante aspecto físico, ela em nada se distinguia; era uma jovem comum, semelhante às demais, uma jovem que copiava poesias em cadernos de papel cor-de-rosa e colecionava miniaturas de porcelana. Sua languidez não era elegância, mas pureza, e sua melancolia não era mistério, mas vazio. “Deixem-na em paz, enquanto eu viver nada faltará a Lynn”, Lucky havia muitas vezes prometido, pois foi o único a perceber o quanto sua irmã era tola.

Com vários anos mais do que Lynn, Lucky era um puro chinês. Salvo nas raras oportunidades em que devia cuidar de algum trâmite legal ou deixar-se fotografar, vestia blusão, calças largas, uma faixa na cintura e sapatos com solado de madeira, mas o chapéu era sempre aquele de vaqueiro. Não tinha nem um pouco do porte distinto do pai, da delicadeza da mãe ou da beleza da irmã; era baixo, tinha pés pequenos, cabeça quadrada e pele meio verde, mas, apesar de tudo, acabava por tornar-se atraente graças ao seu irresistível sorriso e seu otimismo contagioso, que vinha certamente da certeza de estar marcado pela boa sorte. Nada de mau podia ocorrer-lhe, pensava; tinha a felicidade e a fortuna garantidas pelo nascimento. Havia descoberto esse dom aos nove anos de idade, quando jogava *fan-tan* com outros meninos na rua; naquele dia chegou em casa anunciando que a partir de então seu nome seria Lucky – em vez de Ebanizer – e nunca mais respondeu a quem o chamasse de maneira diferente. A boa sorte o acompanhava por todas as partes, ganhava em todos os jogos de azar que existiam, e, embora fosse atrevido e dado a rebelar-se, jamais teve problemas com os *tongs* ou com as autoridades dos brancos. Até os policiais irlandeses rendiam-se à sua simpatia, e, enquanto seus colegas eram espancados, ele saía de suas encrencas com um dito engraçado ou um truque de magia, um entre os muitos que podia realizar com suas prodigiosas mãos de malabarista. Tao Chi'en não se conformava com a falta de juízo de seu único filho e maldizia aquela boa estrela que lhe permitia ignorar os esforços a que estão sujeitos os mortais. Não era felicidade o que desejava para ele, e sim transcendência. Era com angústia que o via passar por este mundo como um passarinho contente, pois com essa atitude iria desencaminhar seu carma. Segundo a

crença de Tao, a alma avança para o céu mediante a compaixão e o sofrimento, vencendo com nobreza e generosidade os obstáculos, mas como poderia Lucky superar a si mesmo se no seu caminho tudo era fácil? Temia que no futuro ele se reencarnasse como uma criatura desprezível. Tao Chi'en desejava que o primogênito viesse a ajudá-lo na velhice, honrasse-lhe a memória depois de sua morte, continuasse a nobre tradição familiar da arte da cura, e chegava mesmo a sonhar com ele na condição de primeiro médico sino-americano a conseguir um diploma; mas Lucky sentia horror pelas poções malcheirosas e as agulhas de acupuntura, nada lhe repugnava tanto quanto as enfermidades alheias, e não conseguia entender a calma do pai diante de uma bexiga inflamada ou de uma cara salpicada de pústulas. Até o dia em que completou dezesseis anos e lançou-se à rua, Lucky era assistente de Tao Chi'en no consultório, onde o pai repetia-lhe os nomes dos remédios e lembrava-lhe quais as suas aplicações, ensinava-lhe a indefinível arte de tomar os diversos pulsos, balancear a energia e identificar humores, sutilezas que entravam pelo ouvido direito do jovem e saíam pelo esquerdo, mas que pelo menos não chegavam a traumatizá-lo, como os textos científicos da medicina ocidental que seu pai estudava com afinco. Horrorizavam-no as ilustrações de corpos sem pele, com músculos, veias e ossos soltos no ar, mas vestindo ceroulas, bem como as cirurgias descritas em seus detalhes mais cruéis. Não lhe faltavam pretextos para afastar-se do consultório, mas, em troca, estava sempre disponível quando se tratava de esconder alguma das míseras *sing-song girls* que seu pai costumava levar para casa. Aquela secreta e perigosa atividade estava na medida certa para ele. Ninguém melhor do que ele para transferir deste para aquele lugar, nas barbas dos *tongs*, as garotinhas desfalecidas, ninguém mais hábil para tirá-las do bairro assim que se recuperavam um pouco, ninguém mais engenhoso para fazê-las desaparecer para sempre, levadas pelos quatro ventos da liberdade. Não o fazia porque se sentisse derrotado pela compaixão, como Tao Chi'en, mas exaltado por aquele afã de tourear com o perigo e pôr à prova sua própria boa sorte.

Antes de alcançar os dezenove anos, Lynn Sommers já havia

rejeitado vários pretendentes e estava habituada aos galanteios masculinos, que recebia com desdém de rainha, pois nenhum dos seus admiradores correspondia à imagem que ela fazia do príncipe romântico, nenhum era capaz de dizer as palavras que a tia-avó Rose Sommers escrevia em seus romances, considerava que todos eram vulgares e nenhum a merecia. Acreditou ter encontrado o sublime destino a que tinha direito quando conheceu o único homem que não a olhou duas vezes, Matías Rodríguez de Santa Cruz. Tinha-o visto de longe em algumas oportunidades, andando pela rua ou passeando de coche com Paulina del Valle, mas não haviam trocado uma palavra; ele era bem mais velho do que ela, vivia em círculos aos quais Lynn não tinha acesso, e se não fosse por causa da estátua da República talvez nunca tivessem se encontrado.

A pretexto de supervisionar o custoso projeto, políticos e ricaços que haviam ajudado a financiar a estátua marcavam encontros no estúdio do escultor. O artista amava a glória e a boa vida; enquanto trabalhava, aparentemente absorto no fundamento do molde que receberia o bronze, desfrutava daquela preciosa companhia masculina, das garrafas de champanha, das ostras frescas e dos bons charutos que as visitas traziam. Sobre um estrado, iluminada por uma clarabóia no teto por onde se filtrava a luz natural, Lynn Sommers equilibrava-se na ponta dos pés, com os braços para o alto, uma postura que era impossível manter por mais de alguns minutos, com uma coroa de louros em uma das mãos e um pergaminho com a Constituição americana na outra, vestida com uma leve túnica plissada que descia de um ombro até os joelhos, revelando o corpo tanto quanto o cobria. San Francisco era um bom mercado para o nu feminino; todos os bares expunham quadros de odaliscas gorduchas, fotografias de cortesãs com o traseiro exposto e afrescos de gesso com ninfas perseguidas por sátiros incansáveis; uma modelo totalmente nua teria provocado menos curiosidade do que aquela garota que se recusava a tirar a roupa e não se separava do olho sempre espreitante da mãe. Com um vestido escuro, espigada em uma cadeira junto ao estrado sobre o qual posava a filha, Eliza vigiava, sem aceitar nem as ostras nem a champanha com as quais tentavam distraí-la. Era claro como água que aqueles velhotes vinham impelidos

pela luxúria, e não pelo amor à arte. Não tinha poder para impedir a presença deles, mas pelo menos podia assegurar-se de que sua filha não aceitaria convites e, tanto quanto possível, não riria das brincadeiras deles nem responderia às suas perguntas absurdas. “Nada é grátis neste mundo. Pelo barato se paga um preço muito alto”, advertia, quando a filha se aborrecia ao ver-se obrigada a rejeitar um presente. Assim, posar para a estátua tornou-se um processo sem fim, aborrecido, que deixava Lynn com câibras nas pernas e o corpo intumescido de frio. Estavam nos primeiros dias de janeiro, e as estufas, nos cantos da sala, não bastavam para aquecer aquele recinto de teto alto, cruzado por correntes de ar. O escultor trabalhava abrigado e com desesperante lentidão, desfazendo hoje o que havia feito ontem, como se não tivesse uma idéia acabada, apesar das centenas de esboços da República que havia pregado nas paredes.

Foi numa aziaga terça-feira que lá apareceu Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, acompanhado de seu filho Matías. Tivera notícia da exótica modelo e pensava em conhecê-la antes que o monumento fosse erigido na praça; o nome da garota havia saído em um jornal, e logo ela se tornaria uma presa inacessível, isso na hipótese de o monumento ser mesmo inaugurado. No passo em que as coisas iam, era possível que antes de fundi-lo em bronze os opositores do projeto ganhassem a batalha e tudo se dissolvesse em nada; havia muitos inconformados com a idéia de uma República não anglo-saxã. O cheiro de conquista voltara a agitar o velho coração trapaceiro de Feliciano, e por isso ele estava ali. Tinha mais de sessenta anos, mas o fato de a modelo ainda não haver completado os vinte não lhe parecia um obstáculo intransponível; estava convencido de que o dinheiro conseguia comprar quase tudo. Bastou-lhe um instante para avaliar a situação, ao ver Lynn sobre o estrado, tão jovem e tão vulnerável, tiritando embaixo de sua túnica indecente, o estúdio repleto de machos dispostos a devorá-la; mas não foi compaixão pela garota ou temor da competição entre antropófagos o que deteve seu impulso inicial de cortejá-la, e sim a presença de Eliza Sommers. Reconheceu-a imediatamente, apesar de tê-la visto apenas umas raras vezes. Não imaginava que a modelo, a

propósito de quem se faziam tantos comentários, fosse filha de uma amiga de sua mulher.

Lynn Sommers só foi perceber a presença de Matías cerca de meia hora mais tarde, quando o escultor deu por terminada a sessão e ela pôde desfazer-se da coroa de louros e do pergaminho, descendo em seguida do estrado. A mãe lhe pôs a manta sobre os ombros e serviu-lhe uma xícara de chá, levando-a para trás do biombo onde deveria vestir-se. Matías estava junto à janela, observando a rua, ensimesmado; os olhos dele eram os únicos olhos que naquele momento não estavam cravados nela. Lynn notou imediatamente a beleza viril, a juventude e a boa linhagem daquele homem, sua roupa estranha, seu porte altivo, a mecha de cabelo castanho que caía em cuidadosa desordem sobre sua testa, as mãos perfeitas, um anel de ouro em cada dedo mínimo. Surpresa por ver-se assim ignorada, fingiu tropeçar, a fim de chamar a atenção. Várias mãos apressaram-se em ampará-la, excetuando-se as do dândi da janela, que apenas voltou os olhos em sua direção, tão indiferente como se ela não passasse de um móvel. Naquele momento, com a imaginação a galope, Lynn decidiu, sem ter nenhuma razão à qual aferrar-se, que aquele homem era o galã anunciado durante anos em seus romances de amor: havia, finalmente, encontrado o próprio destino. Enquanto se vestia, atrás do biombo, sentia os mamilos endurecidos como se fossem duas pequenas pedras.

A indiferença de Matías não era fingida; na verdade, ele não prestava atenção à jovem, estava ali por motivos muito distanciados da concupiscência: tinha de falar de dinheiro com o pai e não havia encontrado outra ocasião para fazê-lo. Estava com água pela altura do queixo e necessitava imediatamente de um cheque para cobrir suas dívidas de jogo em uma baiúca de Chinatown. O pai tinha avisado que não pensava em continuar financiando tais diversões, e, se não fosse aquele um caso de vida ou morte, como tinham deixado claro seus credores, teria preferido ir tirando o dinheiro aos poucos de sua mãe. Só que daquela vez os *celestiais* não estavam dispostos a esperar, e Matías supôs, acertadamente, que a visita ao criador da estátua deixaria o pai de bom humor e isso tornaria mais fácil arrancar dele aquilo que pretendia. Foi somente alguns dias mais tarde, em uma farra com seus amigos boêmios, que soube ter estado na

presença de Lynn Sommers, a jovem mais cobiçada do momento. Teve de fazer um esforço para lembrá-la, e chegou a se perguntar se seria capaz de reconhecê-la caso a encontrasse na rua. Quando surgiram as apostas para ver quem seria o primeiro a seduzi-la, ele entrou no jogo por pura inércia, e em seguida, com a sua habitual insolência, declarou que a sedução se daria em três etapas. A primeira, disse, consistiria em levá-la à *garçonnière* a fim de ser apresentada aos seus companheiros; a segunda, em convencê-la a posar nua diante deles; e a terceira, em fazer amor com ela. Tudo isso no prazo de apenas um mês. Quando convidou seu primo Severo del Valle para conhecer a mulher mais bela de San Francisco, na tarde de quarta-feira, estava cumprindo a primeira parte da aposta. Tinha sido fácil chamar Lynn, usando uma senha secreta, pela janela do salão de chá de sua mãe, esperá-la na esquina quando ela saiu inventando algum pretexto, caminhar ao seu lado duas quadras pela rua, dizer-lhe uns quantos galanteios, que teriam provocado hilaridade em qualquer mulher com mais experiência, e recebê-la em seu estúdio, como se ela tivesse ido lá sem ser chamada. Chegou a sentir-se frustrado, pois havia imaginado que o desafio seria mais difícil de enfrentar. Antes daquela quarta-feira nem sequer tivera de esforçar-se para seduzi-la, tinham bastado uns olhares lânguidos, um roçar de lábios em sua face, um murmúrio e algumas frases bonitas em seu ouvido, para desarmar a garota, que tremia diante dele, pronta para o amor. Aos olhos de Matías, era patético aquele desejo feminino de entregar-se e sofrer, aquilo era justamente o que mais detestava nas mulheres, e só por isso se entendia tão bem com Amanda Lowell, que perante os sentimentos tinha uma atitude de desfaçatez igual à dele, e uma de reverência diante do prazer. Hipnotizada como um rato frente aos olhos de uma cobra, Lynn tinha afinal um destinatário para a arte florida das cartas amorosas, para suas estampas de donzelas melancólicas e galãs gomalinados. Não suspeitava que Matías dividia com os amigos a leitura das cartas românticas que lhe endereçava. Quando Matías quis mostrá-las a Severo del Valle, este se recusou. Ainda ignorava que a remetente era Lynn Sommers, mas repugnava-o a idéia de zombar da paixão de uma jovem ingênua. “Pelo visto, primo, você continua a ser um

cavalheiro. Mas não se preocupe, isso se cura tão facilmente quanto a virgindade”, disse Matías.

Severo del Valle aceitou o convite de seu primo para conhecer, naquela quarta-feira, a mulher mais bonita de San Francisco, e logo se deu conta de que não era o único convocado para a ocasião; havia pelo menos meia dúzia de boêmios bebendo e fumando na *garçonnière*, e aquela mesma mulher de cabelos ruivos que tinha visto por alguns segundos, dois anos atrás, quando fora, em companhia de Williams, resgatar Matías em uma casa de fumadores de ópio. Sabia de quem se tratava, porque seu primo lhe havia falado dela e porque seu nome circulava no mundo dos espetáculos frívolos e nos lugares onde transcorria a vida noturna. Era Amanda Lowell, grande amiga de Matías, com quem ela costumava recordar, em tom de zombaria, o escândalo que havia desencadeado nos tempos em que fora amante de Feliciano Rodríguez de Santa Cruz. Matías havia prometido que depois da morte de seus pais lhe daria de presente a cama de Netuno que, para escarmentá-la, Paulina del Valle tinha mandado fazer em Florença. Da vocação de cortesã pouco restava na Lowell, ao amadurecer ela havia descoberto o quanto os homens, em sua maioria, são petulantes e aborrecidos; com Matías, no entanto, tinha uma profunda afinidade, apesar das fundamentais diferenças que os separavam. Naquela quarta-feira ela se manteve à parte, recostada em um sofá, bebendo champanha, consciente de que, daquela vez, o centro das atenções não era ela. Fora convidada somente para que Lynn Sommers não se sentisse rodeada apenas de homens no primeiro encontro, pois isso poderia intimidá-la e fazê-la recuar.

Poucos minutos mais tarde bateram à porta e quem apareceu foi a famosa modelo da República, envolta em uma pesada capa de lã, com um capuz na cabeça. Quando tirou o manto, todos viram um rosto virginal, corado por uma cabeleira negra, repartida ao meio, penteada para trás e presa da maneira mais simples. Severo del Valle sentiu o coração dar um pulo e todo o seu sangue subir à cabeça, retumbando na fronte como um tambor de batalhão. Jamais havia imaginado que a vítima da aposta de seu primo fosse Lynn Sommers. Não

conseguiu dizer uma palavra, nem mesmo saudá-la como faziam os demais; recuou para um canto da sala e ali permaneceu durante a hora em que durou a visita da jovem, o olhar fixo nela, paralisado de angústia. Não tinha dúvida sobre o desenlace da aposta feita por aquele grupo. Via Lynn Sommers como um cordeiro na mesa do sacrifício, ignorando a própria sorte. Uma onda de ódio contra Matías e seus sequazes subiu-lhe dos pés, juntamente com uma raiva surda contra Lynn. Não podia compreender por que a garota se mostrava incapaz de perceber o que estava acontecendo, por que não percebia a armadilha daquelas lisonjas de duplo sentido, da taça de champanha que de vez em quando alguém lhe renovava, da perfeita rosa vermelha que Matías lhe havia prendido no cabelo, tudo tão previsível e vulgar, que chegava a dar náuseas. “Deve ser uma tola sem remédio”, pensou enojado tanto com ela quanto com os outros, mas vencido por um amor iniludível, que durante anos estivera esperando uma oportunidade para germinar, e que agora explodia, deixando-o aturdido.

– Está se sentindo mal, primo? – Matías perguntou em tom de zombaria, passando-lhe um copo.

Não pôde responder, e voltou o rosto para dissimular sua intenção assassina, mas o outro adivinhara seus sentimentos, dispondo-se, por isso, a levar mais longe a brincadeira. Quando Lynn Sommers anunciou que pretendia sair, depois de prometer que voltaria na semana seguinte a fim de posar diante das câmaras daqueles “artistas”, Matías pediu ao primo que acompanhasse a jovem. E foi assim que Severo del Valle encontrou-se a sós com a mulher que havia conseguido sobrepujar o arraigado amor que sentia por Nívea. Andou ao lado de Lynn as poucas quadras que separavam o estúdio de Matías do salão de chá de Eliza Sommers, de tal modo transtornado, que não soube como iniciar nem mesmo uma conversa banal. Era tarde para torná-la conhecedora da aposta, sabia que Lynn estava apaixonada por Matías, tão ofuscada por seu primo quanto ele próprio estava se sentindo por ela. Lynn não acreditaria nele, iria sentir-se insultada e, mesmo se explicasse que para Matías ela era apenas um brinquete, isso não a impediria de ir direto para o matadouro, cega de amor. Foi ela quem rompeu o incômodo silêncio, a fim de perguntar se era

ele o primo chileno que Matías havia mencionado. Severo compreendeu, assim, que a jovem não tinha a menor lembrança do primeiro encontro, anos atrás, quando colava estampas em um álbum à luz dos vitrais de uma janela, não suspeitava que desde então ele a amava com a tenacidade do primeiro amor; Lynn também não percebia que ele rondava a pastelaria e que com frequência os dois se cruzavam na rua. Seus olhos simplesmente não haviam registrado nada disso. Ao despedir-se, deixou-lhe seu cartão de visita, inclinou-se com o gesto de beijar-lhe a mão e balbuciou que, se em alguma ocasião necessitasse de sua ajuda, não vacilasse em chamá-lo. A partir daquele momento Severo afastou-se de Matías, mergulhando no estudo e no trabalho a fim de esquecer Lynn Sommers e aquela aposta humilhante. Quando, na quarta-feira seguinte, seu primo o convidou para a segunda etapa, na qual estava previsto que a garota ficaria nua, Severo o insultou. Durante várias semanas não conseguiu escrever nem mesmo uma linha para Nívea, do mesmo modo que não podia ler suas cartas, que guardava sem abrir, angustiado pela culpa. Sentia-se imundo, como se também participasse do plano destinado a desonrar Lynn Sommers.

Matías Rodríguez de Santa Cruz ganhou a aposta sem fazer grande esforço, mas aconteceu que no decorrer da viagem foi traído pelo cinismo e viu-se apanhado por aquilo que mais temia neste mundo: um caso sentimental. Não chegou a apaixonar-se pela bonita Lynn Sommers, mas o amor incondicional e a inocência com a qual ela entregou-se conseguiram comovê-lo. A jovem se pôs em suas mãos com total confiança, disposta a fazer o que ele pedisse, sem julgar seus propósitos nem calcular as conseqüências. Matías pôde medir o quanto era absoluto o domínio que exercia sobre ela quando a viu nua no sótão de sua casa, vermelha de vergonha, cobrindo com os braços os seios e o púbis, cercada pelos amigos dele, que fingiam fotografá-la, sem contudo dissimular a excitação de cães no cio que aquele jogo impiedoso produzia neles. O corpo de Lynn não tinha a forma de uma ampulheta, tão em moda naquela época, nada de cadeiras e seios opulentos separados por uma cintura impossível; era delgada e sinuosa, de pernas longas e peitos redondos de mamilos escuros, tinha uma pele

de fruta estival e um manto de cabelo negro e liso que descia até o meio de suas costas. Matías admirou-a como se ela fosse mais um entre os muitos objetos de arte que colecionava, mas, depois de registrar o quanto ela parecia delicada e diferente, comprovou que Lynn não exercia nenhuma atração sobre ele. Sem pensar nela, mas apenas para se exibir aos amigos e exercitar sua crueldade, mandou que ela afastasse os braços. Lynn olhou-o por alguns segundos e obedeceu-lhe com movimentos lentos, enquanto lágrimas de vergonha corriam-lhe pela face. Diante daquele choro inesperado, baixou sobre a sala um gélido silêncio, os homens afastaram os olhos e esperaram com as câmaras na mão, sem noção do que fazer, por um tempo que pareceu muito longo. Então, sentindo-se perturbado pela primeira vez em sua vida, Matías apanhou um abrigo e cobriu Lynn, envolvendo-a em seus braços. “Saíam! Acabou-se”, ordenou aos hóspedes, que, desconcertados, começaram a se retirar um a um.

Quando os dois se viram sozinhos, Matías sentou-a nos joelhos e começou a embalá-la, como se ela fosse uma criança, pedindo-lhe perdão com o pensamento, mas incapaz de formular as palavras, enquanto a jovem continuava a chorar em silêncio. Por fim, levou-a suavemente para trás do biombo, para a cama, deitou-se ao seu lado, abraçou-a como um irmão, acariciou-lhe a cabeça, beijou-lhe a testa, perturbado por um sentimento que não conhecia, que era onipotente, mas não sabia como chamar. Não a desejava, queria apenas protegê-la e devolver intacta a sua inocência, mas foi derrotado pela incrível suavidade da pele de Lynn, por aquele cabelo que o envolvia como um ser vivo, por aquela sua fragrância de maçã. A entrega, sem reservas, daquele corpo núbil que se abria ao contato de suas mãos conseguiu surpreendê-lo, e, sem saber como, descobriu-se explorando-a, beijando-a com uma ansiedade que mulher nenhuma lhe havia provocado antes, metendo a língua em sua boca, em suas orelhas, nas mais diversas partes de seu corpo, esmagando-a, penetrando-a, em uma voragem de paixão incontrolável, cavalgando-a sem misericórdia, cego, desbocado, até que dentro dela rebentou um orgasmo devastador. Durante um brevíssimo instante encontraram-se em outra dimensão, sem defesas, nus de corpo,

nus de alma. Matías acabava de ter a revelação de uma intimidade que até então tinha evitado saber se ao menos existia, ultrapassara uma fronteira final e encontrara-se do outro lado, desprovido de vontade. Tivera mais amantes – mulheres e homens – do que convinha lembrar, mas nunca havia perdido de tal forma o controle, a ironia, a distância, a noção de sua própria e intocável individualidade, para simplesmente fundir-se com outro ser humano. De certa forma, com aquele abraço ele também tinha entregue a virgindade. A viagem durou apenas uma fração milésima de tempo, mas foi o suficiente para aterrorizá-lo; regressou ao seu corpo exausto, e imediatamente tratou de proteger-se com a habitual armadura do sarcasmo. Quando Lynn abriu os olhos ele não era mais o mesmo homem com quem havia feito amor, e sim o de antes; ela, porém, não tinha experiência para sabê-lo. Dolorida, ensangüentada e feliz, abandonou-se à ilusão de um amor irreal, enquanto Matías conservava-a entre os braços, embora seu espírito já voasse para longe. Assim estiveram, até que a luz sumiu completamente da janela, e Lynn compreendeu que devia voltar para onde estava sua mãe. Matías ajudou-a a vestir-se e acompanhou-a até as imediações do salão de chá. “Espere-me, amanhã virei à mesma hora”, ela sussurrou ao despedir-se.

Só três meses mais tarde Severo del Valle veio a saber o que havia acontecido naquele dia, bem como dos fatos que ocorreram depois. Em abril de 1879, o Chile declarou guerra aos seus vizinhos, Peru e Bolívia, por causa de uma questão de terras, de salitre e de soberba. Começava, assim, a Guerra do Pacífico. Quando a notícia chegou a San Francisco, Severo apresentou-se aos tios com o anúncio de que ia partir a fim de lutar.

– Não tínhamos acertado que você nunca mais voltaria a pisar em um quartel? – lembrou-lhe sua tia Paulina.

– Agora é diferente, minha pátria está em perigo.

– Você é um civil.

– Sou sargento da reserva – ele explicou.

– A guerra estará terminada antes que você consiga chegar ao Chile. Vejamos o que dizem os jornais e quais são as opiniões da família. Não se precipite – aconselhou a tia.

– É meu dever – Severo replicou, pensando no avô, o patriarca Agustín del Valle, que havia morrido pouco tempo antes, reduzido ao tamanho de um chimpanzé, mas com o mau caráter intacto.

– Seu dever é ficar aqui comigo. A guerra é boa para os negócios. Este é o momento de especular com açúcar – Paulina respondeu.

– Açúcar?

– Nenhum dos três países em guerra produz açúcar, e em tempos ruins as pessoas tendem a comer mais doces – assegurou Paulina.

– Como sabe, tia?

– Por experiência própria, garoto.

Severo afastou-se a fim de preparar suas malas, mas não viajou no navio que zarpou para o sul dias mais tarde. Ao contrário do que havia planejado, adiou a partida para o final de outubro. Naquela noite sua tia anunciou que iriam receber uma estranha visita e esperava que ele estivesse presente, já que seu marido andava de viagem e o assunto em questão podia requerer os bons conselhos de um advogado. Às sete da noite, Williams, com o ar desdenhoso que mostrava quando se via obrigado a servir pessoas de condição social inferior, introduziu um chinês alto, de pele cinzenta, vestido inteiramente de preto, e uma pequena mulher de aspecto juvenil e anódino, mas tão altiva quanto o próprio Williams. Tao Chi'en e Eliza Sommers viram-se na sala das feras, como a chamavam, cercados de leões, elefantes e outros animais africanos que os observavam de suas molduras douradas nas paredes. Paulina via Eliza com frequência na pastelaria, mas nunca tinham se encontrado em outro lugar, pertenciam a mundos separados. Também não conhecia aquele *celestial*, que a julgar pelo modo como a tomava pelo braço devia ser seu marido ou amante. Sentiu-se ridícula em seu palacete de quarenta e cinco peças, vestida de cetim preto e coberta de diamantes, frente a frente com aquele casal modesto que a saudava com simplicidade, mantendo a distância. Percebeu que seu filho Matías recebia perturbado os visitantes, com uma inclinação de cabeça, mas sem estender-lhes a mão, e que se mantinha separado do grupo, atrás de uma escrivaninha de jacarandá, aparentemente absorvido na limpeza

de seu cachimbo. Severo del Valle, no entanto, adivinhou, sem um pingo de dúvida, o motivo da presença dos pais de Lynn Sommers naquela casa e desejou estar a mil léguas de distância dali. Intrigada, e com as antenas receptivas, Paulina não perdeu tempo oferecendo algo para beber, fez um gesto a Williams para que se retirasse e fechasse as portas. “Que posso fazer por vocês?”, perguntou. Então Tao Chi’en se pôs a explicar, sem alterar-se, que sua filha Lynn estava grávida, que o autor da ofensa era Matías e que esperava a única reparação possível. Pela primeira vez em sua vida a matriarca Del Valle perdeu a fala. Ficou sentada, resfolegando como uma baleia arpoada, e quando por fim recuperou a voz foi para emitir um grasnido.

– Mãe, não tenho nada a ver com essas pessoas. Não as conheço e não sei do que estão falando – disse Matías de trás da escrivaninha de jacarandá, empunhando o cachimbo talhado em marfim.

– Lynn nos contou tudo – Eliza o interrompeu, pondo-se de pé, com a voz quebrantada, mas sem lágrimas.

– Se é dinheiro o que querem... – Matías começou a dizer, mas sua mãe o interrompeu com um olhar feroz.

– Peço-lhes que me perdoem – disse Paulina, dirigindo-se a Tao Chi’en e Eliza Sommers. – Meu filho está tão surpreso quanto eu. Tenho certeza de que poderemos arranjar isso de modo decente, como deve...

– Lynn deseja casar-se, é claro. Ela afirma que os dois se amam – disse Tao Chi’en, também de pé, dirigindo-se a Matías, que respondeu com uma breve gargalhada, semelhante ao latido de um cão.

– Vocês parecem pessoas respeitáveis – disse Matías. – Mas a filha de vocês não é, como qualquer um dos meus amigos poderá testemunhar. Não sei qual deles é o responsável pela desgraça dela, mas eu não sou, com certeza.

Eliza Sommers havia perdido inteiramente a cor, estava com uma palidez de cal, e tremia, a ponto de perder o equilíbrio. Tao Chi’en tomou-a com firmeza pelo braço e, segurando-a como se fosse uma inválida, conduziu-a para a porta. Severo del Valle achou que ia morrer de angústia e vergonha, como se fosse o único culpado pelo que havia acontecido. Apressou-se em abrir-lhes a porta, onde os aguardava um coche de aluguel.

Não encontrou uma palavra para dizer-lhes. Voltou ao salão de visitas a tempo de ouvir o final de uma discussão.

– Não pense que vou tolerar bastardos com meu sangue espalhados por aí! – Paulina gritava.

– Defina suas lealdades, mãe. Em quem vai acreditar, em seu próprio filho ou em uma pasteleira e um chinês? – Matías replicou, antes de sair batendo a porta.

Naquela noite Severo del Valle enfrentou Matías. Tinha informação bastante para deduzir os fatos, pretendia desarmar seu primo mediante um tenaz interrogatório, mas não foi necessário, porque Matías soltou tudo de imediato. Sentia-se preso em uma situação absurda, pela qual não era responsável, disse; Lynn Sommers o havia perseguido e tinha se entregue a ele de bandeja; nunca, realmente, tivera intenção de seduzi-la, a aposta fora apenas uma fanfarronada. Fazia dois meses que tentava desprender-se dela sem destruí-la, temia que ela fizesse uma bobagem, era uma dessas jovens histéricas capazes de atirar-se ao mar por amor, explicou. Admitiu que Lynn era apenas uma garota e tinha chegado virgem aos seus braços, com a cabeça cheia de poemas açucarados e completamente ignorante no que dizia respeito mesmo aos rudimentos do sexo, mas repetiu que não tinha obrigação nenhuma para com ela, que nunca lhe havia falado de amor e muito menos de casamento. Garotas como Lynn sempre traziam complicações, acrescentou, por isso evitava-as tanto quanto à peste. Jamais imaginara que o breve encontro com Lynn trouxesse tais conseqüências. Tinham estado juntos pouquíssimas vezes, disse, e lhe havia recomendado que sempre fizesse lavagens com vinagre e mostarda, não podia supor que fosse tão assombrosamente fértil. Em todo caso, estava disposto a assumir os gastos com a criança, o custo era o de menos, mas não pensava em dar-lhe seu nome de família, pois não havia prova nenhuma de que fosse realmente seu filho. “Não me casarei nem agora nem nunca, Severo. Conhece alguém com menos vocação burguesa do que eu?”, perguntou, concluindo.

Uma semana mais tarde Severo del Valle apresentou-se na clínica de Tao Chi'en, depois de ter dado mil voltas na cabeça à escabrosa missão de que seu primo o encarregara. O *zhong-yi* acabava de despachar o último paciente do dia e o recebeu a

sós na saleta de espera de seu consultório, no primeiro andar. Escutou impassível a oferta de Severo.

– Lynn não necessita de dinheiro, para isso tem os pais – o médico disse, sem aparentar nenhuma emoção. – De qualquer modo, agradeço sua preocupação, senhor Del Valle.

– Como está a senhorita Sommers? – Severo perguntou, humilhado pela dignidade do outro.

– Minha filha ainda pensa que está havendo um mal-entendido. Está certa de que em breve o senhor Rodríguez de Santa Cruz virá pedi-la em casamento, não por dever, mas por amor.

– Senhor Chi'en, não sei o que seria possível fazer para mudar as circunstâncias. Mas a verdade é que meu primo não tem boa saúde, não pode casar-se. Lamento-o infinitamente... – murmurou Severo del Valle.

– Nós o lamentamos mais. Para seu primo, Lynn é apenas uma diversão; para Lynn, ele é sua própria vida – Tao Chi'en disse com suavidade.

– Gostaria de explicar algo à sua filha, senhor Chi'en. Posso vê-la, por favor?

– Tenho de perguntar a ela. No momento Lynn não deseja ver ninguém, mas lhe informarei caso ela mude de opinião – replicou o *zhong-yi*, acompanhando-o à porta.

Severo del Valle aguardou durante três semanas, sem saber nada acerca de Lynn, até que, não contendo mais a impaciência, foi ao salão de chá implorar a Eliza Sommers que lhe permitisse falar com sua filha. Esperava encontrar uma impenetrável resistência, mas Eliza o recebeu envolvida em seu aroma de açúcar e baunilha, com uma serenidade igual à de Tao Chi'en ao atendê-lo no consultório. No princípio, Eliza havia se culpado pela ocorrência: tinha se descuidado, não fora capaz de proteger a filha, e agora a vida dela estava arruinada. Chorara nos braços do marido, até ele fazê-la lembrar-se de que aos dezesseis anos havia passado por uma experiência semelhante: o mesmo amor desmesurado, o abandono do amante, a gravidez e o terror; a diferença era que Lynn não estava só, não tinha que fugir de casa e percorrer meio mundo no porão de um navio à procura de um homem indigno, como

Eliza havia feito. Lynn havia recorrido aos pais, e eles tinham a imensa sorte de poder ajudá-la, Tao Chi'en havia dito. Na China, ou no Chile, a filha deles estaria perdida, a sociedade não teria perdão para ela, mas na Califórnia, terra sem tradição, havia espaço para todos. O *zhong-yi* reuniu sua pequena família e explicou que o bebê era um presente do céu, e deviam esperá-lo com alegria, chorar não era bom para o karma, prejudicava a criança no ventre da mãe e indicava uma vida de incertezas. Aquele menino ou menina seria bem-vindo; o tio Lucky e ele mesmo, seu avô, seriam dignos substitutos do pai ausente. Quanto ao amor frustrado de Lynn, bem, mais tarde se pensaria no assunto, disse ele. Parecia tão entusiasmado ante a perspectiva de ser avô, que Eliza envergonhou-se de suas queixas ridículas, enxugou as lágrimas e não voltou a recriminar-se. Se para Tao Chi'en a compaixão pela filha valia mais do que a honra familiar, a ela competia adotar a mesma atitude, decidiu; seu dever era proteger Lynn e o resto não tinha importância nenhuma. Foi isso o que ela disse, amavelmente, a Severo del Valle, quando ele a procurou no salão de chá. Não entendia por quais motivos o chileno insistia em falar com sua filha, mas intercedeu em seu favor e finalmente a jovem concordou em vê-lo. Lynn mal se recordava de tê-lo visto e o recebeu com a esperança de que ele viesse como emissário de Matías.

Nos meses seguintes, as visitas de Severo del Valle ao lar dos Chi'en tornaram-se um hábito. Chegava ao anoitecer, quando terminava seu trabalho, deixava o cavalo amarrado diante da porta e se apresentava com o chapéu em uma das mãos e algum presente na outra, de modo que aos poucos foi enchendo o quarto de Lynn com brinquedos e roupas de bebê. Tao Chi'en ensinou-o a jogar *mah-jong* e passavam horas, com Lynn e Eliza, movimentando as belas peças de marfim. Lucky não participava, pois lhe parecia uma perda de tempo jogar sem fazer apostas; Tao Chi'en, ao contrário, só jogava em casa, pois na juventude havia renunciado a fazê-lo por dinheiro, e estava certo de que se quebrasse a promessa alguma desgraça o alcançaria. Eliza Sommers aproveitava a presença de Severo para praticar o seu castelhano e lembrar-se do Chile, aquele distante país no qual não punha os pés fazia mais de trinta anos, mas que continuava

a considerar sua pátria. Comentavam os pormenores da guerra e as mudanças políticas: depois de várias décadas de governos conservadores, os liberais haviam triunfado e a luta para enfraquecer o clero e abrir caminho para reformas vinha dividindo cada família chilena. A maioria dos homens, por mais católicos que fossem, ansiava pela modernização do país, mas as mulheres, muito mais religiosas, voltavam-se contra seus pais e maridos em defesa da Igreja. Conforme explicava Nívea em suas cartas, por muito liberal que fosse o governo, a sorte dos pobres continuava a mesma, e ela acrescentava que, como sempre, as mulheres da classe alta e o clero manipulavam os cordéis do poder. Separar a Igreja do Estado era sem dúvida um grande passo adiante – a garota escrevia às escondidas do clã Del Valle, que não tolerava esse tipo de idéia –, mas o controle da situação continuava a ser exercido pelas mesmas famílias de sempre. “Fundemos um novo partido, Severo, um que busque justiça e igualdade”, Nívea propunha, animada pelas suas conversas clandestinas com a irmã María Escapulario.

No sul do continente a Guerra do Pacífico prosseguia, cada vez mais cruenta, e naquele momento os exércitos chilenos se preparavam para iniciar uma campanha nos desertos do norte, um território tão agreste e inóspito quanto o da Lua, onde abastecer as tropas seria um tarefa de titãs. Somente pelo mar seria possível levar os soldados até os lugares onde as batalhas deveriam travar-se; mas a esquadra peruana não estava disposta a permitir que isso fosse feito. Severo del Valle achava que a guerra pouco a pouco se definia em favor do Chile, cuja organização e ferocidade pareciam imbatíveis. O desfecho do conflito, explicava Eliza Sommers, não dependia apenas do armamento e do caráter guerreiro, mas do exemplo de um punhado de homens heróicos que haviam incendiado a alma da nação.

– Acredito que a guerra foi decidida em maio, senhora, em um combate naval diante do porto de Iquique. Ali uma velha fragata chilena enfrentou uma força peruana muito superior. No comando estava Arturo Prat, um jovem capitão muito religioso e não menos tímido, que não participava das pândegas e das aventuras imprudentes do meio militar, não aparecia e nem se distinguia, razão pela qual os superiores não confiavam

em seu valor. Naquele dia ele se converteu em um herói que galvanizou o espírito de todos os chilenos.

Eliza conhecia os detalhes da luta, tinha lido o relato em um exemplar atrasado do *Times* de Londres, no qual o episódio era descrito como “um dos mais gloriosos combates já travados; um velho navio de madeira, quase caindo aos pedaços, sustentou uma ação de três horas e meia contra uma bateria terrestre e um poderoso encouraçado, e terminou o combate sem arriar sua bandeira”. O navio peruano, comandado pelo almirante Miguel Grau, também um herói de seu país, investiu a todo vapor contra a fragata chilena, atravessando-a com seu esporão de aço; essa oportunidade foi aproveitada pelo capitão Prat para abordar o navio adversário, seguido por um de seus homens. Ambos morreram minutos depois, baleados no convés inimigo. Com a segunda esporeada, vários outros chilenos imitaram seu comandante, e também morreram varados de balas; no final das contas, três quartos da tripulação sucumbiram antes que a fragata afundasse. Esse heroísmo tão absurdo transmitiu coragem aos seus compatriotas e impressionou muito os inimigos, de modo que o almirante Grau repetia, atônito: “Como lutam esses chilenos!”

– Grau é um cavalheiro. Recolheu pessoalmente a espada e os objetos pessoais de Prat e os mandou para a viúva dele – contou Severo, acrescentando que a partir daquela batalha a palavra de ordem sagrada no Chile era “lutar até vencer ou morrer”, como tinham feito aqueles valentes.

– E você, Severo, não pensa em ir para a guerra? – Eliza perguntou-lhe.

– Sim, devo ir em breve – o jovem respondeu envergonhado, sem saber o que esperava para cumprir o seu dever. Enquanto isso, Lynn engordava sem perder nem um pouquinho de sua graça ou beleza. Deixou de usar os vestidos que não combinavam mais com seu estado e se acomodou nas alegres túnicas adquiridas ali mesmo em Chinatown. Saía poucas vezes, apesar da insistência de Tao Chi'en para que caminhasse. Às vezes Severo del Valle fazia-a subir em um coche e a levava a passear pelo Parque Presidio ou pela praia, onde ela estendia seu xale na areia e ali merendavam ou liam, ele os seus jornais e seus livros de direito, ela suas histórias românticas, em cujos

argumentos já não acreditava, sem que eles deixassem de servir-lhe de refúgio. Severo gastava dias com aquelas visitas aos Chi'en, tendo como único objetivo ver Lynn. Não escrevia mais para Nívea. Muitas vezes tinha tomado da pena a fim de confessar-lhe que amava outra, mas destruía as cartas antes de remetê-las, porque não encontrava palavras para romper com a namorada sem feri-la de morte. Além disso, Lynn jamais lhe dera sinais que pudessem servir como ponto de partida para imaginar um futuro com ela. Não falavam de Matías, do mesmo modo que este jamais se referia a Lynn, mas a pergunta estava sempre suspensa no ar. Severo teve o cuidado de não mencionar na casa dos tios sua nova amizade com os Chi'en, e supôs que ninguém suspeitava dela, à exceção do orgulhoso mordomo Williams, a quem não sentiu necessidade de falar, já que, fosse como fosse, ele sabia de tudo que ocorresse naquele palacete. Fazia dois meses que Severo chegava tarde em casa e com um sorriso idiota pregado na cara, quando certa noite Williams levou-o ao sótão e, à luz de uma lanterna a álcool, mostrou-lhe um objeto envolvido em lençóis. Ao descobri-lo, verificou que se tratava de um berço resplandecente.

– É de prata lavrada, prata das minas dos senhores no Chile. Nele dormiram todas as crianças desta família. Se quiser, pode levá-lo – foi tudo que disse.

Envergonhada, Paulina del Valle não foi mais ao salão de chá, incapaz de juntar e colar os pedacinhos a que se reduzira sua longa amizade com Eliza Sommers. Teve, assim, de renunciar aos doces chilenos, que durante anos tinham sido o seu ponto fraco, e resignar-se à pastelaria francesa de seu cozinheiro. Sua força avassaladora, tão útil quando se tratava de varrer obstáculos e alcançar seus propósitos, agora se voltava contra ela própria; condenada à inação, sentia-se consumida pela impaciência, o coração lhe dava saltos no peito. “Os nervos estão me matando”, queixava-se a Williams, sentindo-se transformada, pela primeira vez na vida, em uma pessoa cheia de achaques. Pensava que, com um marido infiel e três filhos doidivas, o mais provável era que houvesse, espalhados pela cidade, um bom número de filhos ilegítimos com seu sangue nas veias, e, sendo assim, não havia por que atormentar-se tanto;

os hipotéticos bastardos careciam de nome e de rosto, mas o de Matías estava bem ali, embaixo de seu nariz. Se ao menos não fosse de Lynn Sommers! Não podia esquecer a visita de Eliza e daquele chinês cujo nome não conseguira guardar; sentia-se atormentada pela visão daquele digno casal em sua sala. Matías havia seduzido a garota, nenhuma argúcia da lógica ou da conveniência era capaz de desfazer essa verdade que sua intuição aceitara desde o primeiro momento. As negativas de seu filho e os comentários sarcásticos sobre a escassa virtude de Lynn só haviam reforçado sua convicção. A criança que a jovem levava no ventre provocava nela um furacão de sentimentos ambivalentes; de um lado, uma ira surda contra Matías e, de outro, uma inevitável ternura por aquele primeiro neto ou neta. Assim que Feliciano voltou de viagem, contou-lhe o que estava se passando.

– Essas coisas acontecem o tempo todo, Paulina, não há razão para se fazer do caso uma tragédia. Cinquenta por cento das criancinhas da Califórnia são bastardas. O importante é evitar o escândalo e cerrar fileiras em torno de Matías. A família em primeiro lugar – foi a opinião de Feliciano.

– Esse menino é da nossa família – ela replicou.

– Ainda nem nasceu e você já o inclui na família! Conheço essa tal de Lynn Sommers. Eu a vi posando quase nua no estúdio de um escultor, exibindo-se no meio de uma roda de homens, qualquer um deles pode ser seu amante. Por que não vê como são as coisas?

– Você é que não vê, Feliciano.

– Isso pode se converter em uma daquelas chantagens que não acabam nunca. Você está proibida de ter o menor contato com essa gente, e, se começarem a rondar por aqui, eu me encarrego do assunto – disse Feliciano encerrando a conversa.

A partir daquele dia Paulina deixou de falar do assunto diante de seu marido, mas não pôde conter-se e terminou por abrir-se com o fiel Williams, que possuía a virtude de escutá-la até o fim sem dar sua opinião, a menos que esta fosse pedida. Se pudesse ajudar Lynn Sommers iria sentir-se um pouco melhor, pensava, mas pelo menos dessa vez sua sorte de nada lhe serviu.

Aqueles meses foram desastrosos para Matías; o caso com Lynn deixava-lhe a bile destrambelhada, enquanto pioravam as

dores que sentia nas articulações, de modo que não pôde mais praticar esgrima e teve também de renunciar a vários outros esportes. Era tão freqüente despertar sentindo dores agudíssimas, que às vezes se perguntava se não era chegado o momento de pensar no suicídio, idéia que alimentava desde o dia em que soubera o nome de seu mal; mas quando saía da cama e começava a movimentar-se costumava sentir-se melhor, e então, renovado, seu gosto pela vida retornava. A inchação tomou conta de seus punhos e joelhos, as mãos começaram a tremer, e desse modo o ópio deixou de ser mera diversão, que ia buscar em Chinatown, para transformar-se em uma necessidade. Amanda Lowell, sua boa companheira de farras e sua confidente única, ensinou-lhe as vantagens da morfina injetada, era algo mais forte, mais limpo e mais elegante do que um cachimbo de ópio: uma dose mínima, e um instante depois a angústia desaparecia, dando lugar à paz. O escândalo do bastardo a caminho terminou por arruinar-lhe o ânimo, e pela metade do verão Matías anunciou repentinamente que dentro de alguns dias partiria para a Europa, na esperança de que a mudança de ares, as águas termais da Itália e os médicos da Inglaterra conseguissem aliviar seus sintomas. Não acrescentou que esperava encontrar-se com Amanda Lowell em Nova York, para continuarem a travessia juntos, porque o nome dela jamais era pronunciado na casa de sua família, onde a lembrança da escocesa de cabelos ruivos provocava indigestão em Feliciano e uma raiva surda em Paulina. A viagem não era motivada apenas pelos seus achaques e pelo desejo de ir para longe de Lynn Sommers, mas também pelas novas dívidas de jogo, das quais se veio a saber pouco depois de sua partida, quando dois circunspectos chineses apresentaram-se no escritório de Feliciano a fim de adverti-lo, com a maior cortesia, que ou pagava a quantia devida pelo filho, com os juros cabíveis, ou algo francamente desagradável aconteceria a algum membro de sua honorável família. A única resposta do magnata consistiu em suspendê-los no ar e atirá-los à rua; em seguida mandou chamar Jacob Freemont, o jornalista que sabia tudo acerca dos círculos mais baixos da cidade. O homem escutou-o com simpatia, pois ele e Matías eram bons amigos, e depois levou Feliciano à presença do chefe de polícia, um australiano de

fama pouco limpa, a quem pediu que resolvesse aquele caso à sua maneira. “Que eu saiba, o único meio de resolver é pagando”, o funcionário respondeu, explicando em seguida que com os *tongs* ninguém podia brincar. Ele próprio já havia recolhido corpos abertos de cima a baixo, com as vísceras guardadas em uma caixa ao lado. Isso, quando se tratava de vingança entre os próprios *celestiais*, acrescentou; no caso dos brancos, faziam as coisas de modo que parecessem acidentes. Não havia prestado atenção na quantidade de pessoas que morriam queimadas em inexplicáveis incêndios, esmagadas por patas de cavalos em ruas de pouco movimento, afogadas nas águas tranqüilas da baía ou feridas por tijolos que caíam do alto de edifícios em construção? Feliciano Rodríguez de Santa Cruz pagou.

Quando Severo del Valle anunciou a Lynn Sommers que Matías havia partido para a Europa sem planos de um breve regresso, ela se pôs a chorar, e assim continuou durante cinco dias, apesar dos tranqüilizantes que Tao Chi'en lhe fez tomar, até que sua mãe deu-lhe duas taponas na cara, obrigando-a a enfrentar a realidade. Havia cometido um ato impensado, e agora tudo que tinha a fazer era pagar pelas conseqüências; não era mais uma garotinha, ia ser mãe e devia sentir-se grata por ter uma família disposta a ajudá-la, porque outras na sua situação acabavam jogadas na rua, ganhando a vida da pior maneira possível, enquanto seus bastardos iam parar no orfanato; tinha chegado a hora de aceitar que seu amante havia se transformado em fumaça, tinha de ser mãe e pai do filho por nascer, tinha de amadurecer de uma vez por todas, porque naquela casa todos já estavam fartos de suportar os seus caprichos; aos vinte anos, dependia inteiramente dos outros; não pensasse que ia passar a existência deitada em uma cama, queixando-se; limpasse o nariz e se vestisse, porque iam sair para caminhar, e daí por diante fariam isso duas vezes por dia, sem falhar, mesmo que chovesse e estourassem trovoadas, tinha escutado o que lhe acabara de dizer? Sim, Lynn tinha escutado até a última palavra, com os olhos arregalados pela surpresa e as faces ardendo pelos únicos tapas que tinha recebido em toda a sua vida. Vestiu-se e obedeceu, sem dar uma palavra. A partir daquele momento todo o peso do juízo caiu de uma só vez em

sua cabeça, ela assumiu o próprio destino com pasmosa serenidade, não voltou a queixar-se, engoliu os remédios passados por Tao Chi'en, começou a fazer longas caminhadas em companhia da mãe e chegou mesmo a dar boas gargalhadas quando soube que o projeto da estátua da República tinha ido para o brejo, conforme lhe explicou o irmão Lucky, não por falta de modelos, mas porque o escultor tinha fugido com o dinheiro para o Brasil.

Nos últimos dias de agosto Severo del Valle tomou coragem, finalmente, para falar de seus sentimentos com Lynn Sommers. Àquela altura ela se sentia pesada como um elefante e não conseguia mais reconhecer sua cara no espelho; mas aos olhos de Severo estava mais bela do que nunca. Voltavam suando de um passeio, e ele tirou o lenço do bolso a fim de enxugar o rosto e o pescoço de Lynn, mas não conseguiu levar o gesto até o final. Sem saber como, deu-se conta de que estava inclinado, que segurava com firmeza os ombros de Lynn e que beijava sua boca em plena rua. Pediu-lhe que casasse com ele, e ela explicou, com toda a simplicidade, que nunca amaria outro homem cujo nome não fosse Matías Rodríguez de Santa Cruz.

– Não estou pedindo que me ame, Lynn, a ternura que sinto por você é suficiente para nós dois – replicou Severo, da maneira meio cerimoniosa como sempre a tratava. – O bebê necessita de um pai. Dê-me a oportunidade de proteger a vocês dois e eu prometo que com o tempo chegarei a ser digno de seu carinho.

– Diz meu pai que na China homens e mulheres se casam sem conhecer-se e aprendem a amar-se depois, mas estou certa de que este não seria o meu caso, Severo. Lamento muito... – ela respondeu.

– Não terá de viver comigo, Lynn. Assim que você der à luz irei para o Chile. Meu país está em guerra e já adiei demasiado o cumprimento do dever.

– E se não voltar da guerra?

– Pelo menos seu filho terá meu nome e a herança de meu pai, que ainda conservo. Não é muito grande, mas será suficiente para educá-lo. E você, querida Lynn, terá respeitabilidade...

Naquela mesma noite Severo del Valle escreveu a Nívea a

carta que não pudera escrever antes. Deu-lhe a notícia em quatro frases, sem preâmbulos nem pedido de desculpas, pois sabia que ela não suportaria de outra maneira. Nem mesmo se atreveu a pedir perdão pelo desgaste em termos de amor e de tempo que aqueles quatro anos de noivado epistolar significavam para ela, pois esse tipo de contas mesquinhas seria indigno do coração generoso de sua prima. Chamou um criado para que levasse a carta ao correio no dia seguinte e então se jogou vestido na cama, extenuado. Dormiu sem sonhos, pela primeira vez em muito tempo. Um mês mais tarde Severo del Valle e Lynn Sommers casaram-se em uma breve cerimônia, na presença da família dela e de Williams, única pessoa de sua casa a quem Severo convidou. Sabia que o mordomo contaria o ocorrido à sua tia e decidiu esperar que ela desse o primeiro passo, que lhe fizesse as perguntas. Não anunciou o fato a ninguém, porque Lynn havia pedido a maior discrição, pelo menos até depois que a criança nascesse e ela houvesse recuperado seu aspecto normal; não se atreveria a apresentar-se com aquele ventre de abóbora e a cara salpicada de manchas, disse. Naquela noite Severo despediu-se de sua bela mulher com um simples beijo e, como sempre, foi dormir sozinho em seu quarto de solteiro.

Naquela mesma semana travou-se nas águas do Pacífico outra batalha naval, e nela a esquadra chilena pôs fora de combate os dois couraçados inimigos. O almirante peruano Miguel Grau, o mesmo cavalheiro que meses antes tinha devolvido a espada do capitão Prat à sua viúva, morreu tão heroicamente quanto seu jovem adversário chileno. Para o Peru aquilo foi um desastre, pois ao perder o controle marítimo suas comunicações viram-se cortadas, seus exércitos fragmentados e isolados. Os chilenos tornaram-se senhores do mar, puderam transportar suas tropas até os pontos nevrálgicos do norte e cumprir o plano de avançar pelo território inimigo até alcançar Lima. Severo del Valle acompanhava as notícias com a mesma paixão que se apoderava de todos os seus compatriotas nos Estados Unidos, mas o amor que sentia por Lynn superava com grande vantagem o seu patriotismo, e sendo assim adiou sua viagem ao Chile.

Duas segundas-feiras mais tarde, em outubro, Lynn acordou, de manhã cedo, com a camisola molhada, e soltou um grito de horror, imaginando que havia urinado na cama. “Isso não é bom, a bolsa rompeu-se bem antes do tempo”, disse Tao Chi’en à sua mulher, mas diante da filha apresentou-se sorridente e tranqüilo. Dez horas depois, quando as contrações eram apenas perceptíveis e a família estava exausta de tanto jogar *mah-jong* a fim de distrair-se, Tao Chi’en decidiu apelar para as suas ervas. A futura mamãe dizia brincadeiras, desafiante: eram aquelas as dores do parto, para as quais tanto lhe haviam chamado a atenção? Para ela, eram mais fáceis de suportar do que as pequenas dores de barriga produzidas pela comida chinesa. Estava mais aborrecida do que incomodada, e tinha fome, mas seu pai só lhe permitia beber água e as infusões de ervas medicinais, enquanto fazia aplicações de acupuntura a fim de acelerar o nascimento. A combinação de remédios e agulhas de ouro acabou por fazer efeito, e ao anoitecer, quando Severo del Valle chegou para a sua visita diária, encontrou Lucky à porta, emudecido, e a casa sacudida pelos gemidos de Lynn e pelo alvoroço de uma parteira que falava aos gritos e corria com toalhas e jarros de água. Tao Chi’en tolerava a parteira porque naquele campo ela era mais experiente do que ele, mas não permitiu que ela torturasse Lynn sentando-se em cima dela e dando socos em seu ventre, como pretendia fazer. Severo del Valle permaneceu na sala, esmagado contra a parede, tentando passar despercebido. Cada queixume de Lynn era um golpe em sua alma; desejava fugir para o mais longe possível, mas não podia mover-se de seu lugar nem articular uma palavra. Foi então que apareceu Tao Chi’en, impassível, vestido com seu esmero habitual.

– Posso esperar aqui? Não atrapalho? Posso ajudar de algum modo? – Severo balbuciou, enxugando com um lenço o suor que lhe descia pelo pescoço.

– Não atrapalha nem um pouquinho, meu jovem, mas não pode ajudar Lynn, ela tem de fazer sozinha o seu trabalho. Mas, se quiser, pode ajudar Eliza, que está um pouco alterada.

Eliza Sommers havia passado pela fadiga de dar à luz, e sabia, como toda mulher, que aquele era o umbral da morte. Conhecia aquela dura e misteriosa viagem, no decorrer da qual

o corpo se abre a fim de dar passagem à vida; lembrava-se do momento em que se começa a rodar sem freios, descendo uma ladeira, pulsando e lutando sem controle contra os obstáculos, o terror, o sofrimento e o assombro inaudito quando por fim a criança se desprende e alcança a luz. Tao Chi'en, com toda a sua sabedoria de *zhong-yi*, levou mais tempo do que ela para perceber que algo não andava bem no caso de Lynn. Os recursos da medicina chinesa haviam provocado fortes contrações, mas a criança estava em má posição, bloqueada pelos ossos da mãe. Tratava-se de um parto seco e difícil, como explicou Tao Chi'en, mas sua filha era forte, e tudo dependeria da disposição de Lynn para manter a calma e não cansar-se mais que o necessário; aquilo era uma corrida de resistência, não de velocidade, ele acrescentou. No meio de uma pausa, Eliza Sommers, tão esgotada quanto a própria Lynn, saiu do quarto e encontrou Severo em um corredor. Fez-lhe um gesto, e ele a seguiu, espantado, até o pequenino quarto do altar, onde antes não havia estado. Sobre uma mesa baixa havia apenas uma simples cruz, uma pequena estátua de Kuan Yin, deusa chinesa da compaixão, e no centro um simples desenho, a nanquim, de uma mulher que vestia uma túnica verde e levava flores sobre as orelhas. Viu duas velas acesas e pequenos vasos com água, arroz e pétalas de flores. Eliza ajoelhou-se diante do altar, sobre uma almofada de seda alaranjada, e pediu a Cristo, a Buda e ao espírito de Lin, a primeira esposa de Tao Chi'en, que viessem ajudar sua filha no parto. Severo ficou de pé atrás dela, murmurando sem pensar as orações católicas aprendidas na infância. Assim permaneceram durante um bom tempo, unidos pelo medo e o amor a Lynn, até que Tao Chi'en chamou sua mulher para ajudá-lo, pois havia dispensado a parteira e se dispunha a mudar a posição do bebê e trazê-lo à mão. Severo foi para a porta da casa e lá ficou ao lado de Lucky, fumando, enquanto Chinatown aos poucos despertava.

A criança nasceu ao alvorecer da terça-feira. A mãe, inundada em suor, tremendo, lutava para dar à luz, mas já não gritava, limitava-se a arquejar, atenta às instruções de seu pai. Por fim apertou os dentes, agarrou-se às traves da cama, empenhou-se em um esforço brutal, e nesse momento assomou uma grande mecha de cabelos escuros. Tao Chi'en acolheu a

cabeça, em seguida puxou-a com firmeza e suavidade, até que os ombros saíssem, girou o corpinho e o extraiu rapidamente com um só movimento, enquanto com a outra mão livrava o pescoço da criança do cordão umbilical. Eliza Sommers recebeu um pequeno corpo ensangüentado, uma menina minúscula, de cara achatada e pele meio azul. Enquanto Tao Chi'en cortava o cordão e cuidava da segunda etapa do parto, a avó limpava a neta com uma esponja e dava-lhe palmadas nas costas até que ela começasse a respirar. Quando ouviu o grito que anunciava o ingresso no mundo e comprovou que ela adquiriria uma cor normal, botou-a sobre o ventre de Lynn. Exausta, a mãe ergueu-se em um cotovelo para recebê-la, enquanto seu corpo continuava a pulsar, e ergueu-a até o peito, beijando-a e dando-lhe as boas-vindas em uma pitoresca mistura de inglês, espanhol, chinês e palavras que ia inventando. Uma hora mais tarde Eliza chamou Severo e Lucky para conhecerem a menina. Encontraram-na dormindo placidamente no berço de prata lavrada que havia pertencido aos Rodríguez de Santa Cruz, vestida de seda amarela, com um gorro vermelho, o que lhe dava um aspecto de diminuto duende. Lynn cochilava, pálida e tranqüila, entre lençóis limpos, e Tao Chi'en, sentado ao lado dela, vigiava seu pulso.

– Que nome vão dar a ela? – perguntou Severo del Valle, comovido.

– Lynn e você é que terão de decidir – Eliza replicou.

– Eu?

– Você não é o pai? – perguntou Tao Chi'en, piscando o olho com um ar brincalhão.

– Vai chamar-se Aurora, porque nasceu ao amanhecer – murmurou Lynn, sem abrir os olhos.

– Seu nome em chinês é Lai-Ming, significa amanhecer – disse Tao Chi'en.

– Bem-vinda ao mundo, Lai-Ming, Aurora del Valle... – Severo disse com um sorriso, beijando a testa da menininha, certo de que aquele era o dia mais feliz de sua vida e que aquela criatura enrugada, vestida de boneca chinesa, era tão sua filha como se em verdade levasse seu sangue. Lucky tomou a sobrinha nos braços e tratou de soprar-lhe no rosto seu hálito de tabaco e molho de soja.

– Que está fazendo? – gritou a avó, tratando de arrebatá-la da criança das mãos de Lucky.

– Soprei no rosto dela a fim de transmitir-lhe minha boa sorte. Tenho algum presente melhor do que esse para dar a Lai-Ming? – disse, rindo, o tio.

Na hora do jantar, quando Severo del Valle chegou à mansão de Nob Hill com a notícia de que havia se casado uma semana antes com Lynn Sommers e que sua filha acabava de nascer, os tios se mostraram tão espantados como se o sobrinho tivesse depositado um cachorro morto na mesa do refeitório.

– E todos pondo a culpa em Matías! Eu sempre soube que ele não era o pai, mas nunca imaginei que fosse você! – exclamou Feliciano, assim que se recuperou um pouco da surpresa.

– Não sou o pai biológico, mas sou o pai legal. A menina se chama Aurora del Valle – Severo esclareceu.

– Isso é um atrevimento imperdoável! Você traiu esta família, que o acolheu como um filho – rugiu o tio.

– Não traí ninguém. Casei-me por amor.

– Mas essa mulher não estava apaixonada por Matías?

– Essa mulher se chama Lynn, é minha esposa, e exijo que seja tratada com o devido respeito – Severo replicou, secamente, ao mesmo tempo em que se punha de pé.

– Você é um idiota, Severo, um completo idiota! – Feliciano o insultou, deixando em largos passos a sala de jantar.

O impenetrável Williams, que entrava naquele momento a fim de supervisionar o serviço de sobremesa, não pôde evitar um leve sorriso de cumplicidade antes de retirar-se discretamente. Paulina ouviu com incredulidade a informação de Severo de que dentro de poucos dias partiria para a guerra no Chile, que Lynn ficaria vivendo com os pais em Chinatown e que, se as coisas terminassem bem, voltaria a fim de assumir seu papel de marido e de pai.

– Sente-se aí, sobrinho, falemos como gente. Matías é o pai dessa menina, não é?

– Pergunte a ele, tia.

– Já entendi. Você se casou para salvar a cara de Matías. Meu filho é um cínico, e você é um romântico... Vejam só, arruinar a

vida com uma quixotice! – Paulina exclamou.

– A senhora se engana, tia. Não arruinei minha vida; pelo contrário, acredito que esta seja a minha única oportunidade de ser feliz.

– Com uma mulher que ama outro homem? Com uma filha que não é sua?

– O tempo ajudará. Se eu voltar da guerra, Lynn aprenderá a me amar, e a menina acreditará que sou o pai dela.

– Matías pode voltar antes de você – ela advertiu.

– Isso nada mudaria.

– Bastaria uma palavra de Matías para que Lynn Sommers o seguisse até o fim do mundo.

– É um risco inevitável – Severo respondeu.

– Você perdeu a cabeça, sobrinho. Aquelas pessoas não pertencem ao nosso meio social – decretou Paulina del Valle.

– É a família mais decente que conheço, tia – garantiu Severo.

– Vejo que você não aprendeu nada comigo. Para vencer neste mundo é preciso fazer os cálculos antes de agir. Você é um advogado com futuro brilhante e leva um dos nomes de família mais antigos do Chile. Acha que a sociedade aceitará sua mulher? E sua prima Nívea, não está esperando por você? – Paulina perguntou.

– Aquilo terminou – disse Severo.

– Bom, vejo que entrou fundo nessa história, Severo. Suponho que seja tarde para o arrependimento. Vamos, então, tratar de compor as coisas na medida do possível. O dinheiro e a posição social contam muito, tanto aqui quanto no Chile. Vou lhe ajudar como puder, de algum modo sou avó dessa menina. Como é mesmo o nome dela?

– Aurora, mas seus avós dizem Lai-Ming.

– Leva o nome dos Del Valle, é meu dever ajudá-la, já que Matías lavou as mãos nesse caso lamentável.

– Não será necessário, tia. Dispus tudo para que Lynn receba o dinheiro de minha herança.

– Dinheiro nunca é demais. Pelo menos poderei ver minha neta, está bem?

– Perguntaremos isso a Lynn e a seus pais – prometeu Severo del Valle.

Ainda estavam na sala de jantar quando Williams entrou com uma mensagem urgente, anunciando que Lynn havia sofrido uma hemorragia e temiam pela sua vida, e que fosse sem perda de tempo. Severo saiu e tomou, disparado, o rumo de Chinatown. Ao chegar à casa dos Chi'en encontrou a pequena família reunida em torno da cama de Lynn, todos tão quietos, que pareciam estar posando para um quadro trágico. Por um instante Severo foi possuído por uma louca esperança, ao ver tudo limpo e ordenado, sem vestígios do parto, mas logo viu a expressão de dor nos rostos de Tao, Eliza e Lucky. No quarto o ar se tornara rarefeito; Severo aspirou-o com vigor, sentindo sua carência, como se estivesse no cume de uma montanha. Aproximou-se do leito, tremendo, e viu Lynn estendida com as mãos sobre o peito, as pálpebras cerradas e as faces transparentes: uma bela escultura em alabastro cinzento. Tomou-lhe uma das mãos, dura e fria como gelo, inclinou-se sobre ela e percebeu que sua respiração era apenas perceptível, tinha os lábios e os dedos azuis; beijou-lhe a palma da mão em um gesto interminável, molhando-a com suas lágrimas, derrotado pela tristeza. Ela conseguiu balbuciar o nome de Matías, suspirou duas vezes e se foi com a mesma leveza que a fizera passar flutuando pelo mundo. Um silêncio absoluto acolheu o mistério da morte, e um tempo impossível de medir esperaram imóveis, enquanto o espírito de Lynn terminava de elevar-se. Severo sentiu-se alcançado por um comprido grito que lhe veio do fundo da terra, que o atravessou dos pés até a boca, mas não pôde passar por entre seus lábios. O grito invadiu-o por dentro, ocupou-o inteiramente e estalou no interior de sua cabeça em uma silenciosa explosão. Ficou ali, ajoelhado junto à cama, chamando Lynn em silêncio, incrédulo diante do destino que de supetão lhe arrebatara a mulher com a qual havia sonhado ao longo de vários anos, levando-a justamente quando acreditava tê-la conquistado. Uma eternidade depois sentiu que alguém tocava em seu ombro e encontrou-se com os olhos alterados de Tao Chi'en, “está bem, está bem”, era o que ele parecia murmurar, e atrás dele viu Eliza Sommers e Lucky soluçando abraçados, e isso o fez compreender que era um intruso na dor daquela família. Lembrou-se então da menina. Com passos vacilantes de bêbado

dirigiu-se ao berço de prata, tomou a pequena Aurora nos braços, levou-a até a cama e aproximou-a do rosto de Lynn, para que se despedisse da mãe. Depois, sentou-se com ela no colo, acalentando-a sem consolo.

Ao saber que Lynn Sommers havia morrido, Paulina del Valle sentiu-se varrida por uma onda de alegria e chegou a soltar um grito de triunfo, antes que a vergonha por tão feio sentimento trouxesse-a de volta ao chão. Sempre havia desejado uma filha. Desde sua primeira gravidez tinha sonhado com uma menina, que levaria seu nome, Paulina, e seria sua melhor amiga e companheira. Os três varões que tinha dado à luz deixavam-na sempre estafada, mas agora, na maturidade de sua existência, aquele presente lhe caía na saia: uma neta que poderia criar como filha, uma pessoa a quem oferecer todas as oportunidades que o carinho e o dinheiro podiam proporcionar, pensava, alguém que a acompanhasse em sua velhice. Com Lynn Sommers ausente do quadro, ela poderia obter a guarda da criança em nome de Matías. Estava celebrando aquele imprevisível golpe de sorte com uma taça de chocolate e três pastéis de creme, quando Williams lembrou-lhe que legalmente a menina era filha de Severo del Valle, única pessoa com direito de decidir seu futuro. Melhor ainda, ela concluiu, pois pelo menos seu sobrinho já estava ali mesmo, ao passo que trazer Matías da Europa e convencê-lo a reclamar a filha seria uma tarefa a longo prazo. Não foi capaz, um instante sequer, de antecipar a reação de Severo ao ouvir seus planos.

– Para efeitos legais você é o pai e, sendo assim, amanhã mesmo pode trazer a menina para esta casa – disse Paulina.

– Não vou fazer isso, tia. Os pais de Lynn ficarão com a neta enquanto eu estiver na guerra; querem criá-la, e eu estou de acordo com eles – replicou o sobrinho em um tom categórico, que os ouvidos de Paulina nunca tinham ouvido antes.

– Está louco? Não podemos deixar minha neta nas mãos de Eliza Sommers e daquele chinês! – Paulina exclamou.

– Não por quê? São avós dela.

– Quer que a criança seja criada em Chinatown? Nós podemos educá-la, dar-lhe oportunidades, luxo, um nome respeitável. Nada disso eles poderão dar.

– Darão amor – Severo replicou.

– Eu também posso dar. Lembre-se do muito que me deve, sobrinho. Esta é a sua oportunidade de me pagar e de fazer alguma coisa pela garotinha.

– Sinto muito, minha tia, as coisas já estão decididas. Aurora ficará com os avós maternos.

Paulina del Valle teve, naquele momento, um dos muitos chiliques de sua vida. Não podia acreditar que aquele sobrinho, que havia imaginado como um aliado incondicional, que havia se convertido em outro filho para ela, pudesse traí-la de maneira tão vil. Tanto gritou, insultou, argumentou em vão e terminou se sufocando, que Williams teve de chamar um médico, o qual lhe passou uma dose de tranqüilizante apropriada ao seu tamanho, que lhe fez dormir por um bom tempo. Quando acordou, trinta horas mais tarde, seu sobrinho estava a bordo do vapor que o levaria ao Chile. Seu marido e o fiel Williams conseguiram convencê-la de que não tinha motivos para recorrer à violência, como pensava, porque, por mais corrupta que fosse a justiça de San Francisco, não havia base legal para arrancar o bebê das mãos dos avós maternos, já que o suposto pai havia determinado, por escrito, de quem seria a guarda. Os dois lhe sugeriram que também desistisse do velho recurso de oferecer dinheiro pela menina, pois isso poderia voltar-se contra ela e resultar em uma pedrada em seus dentes. O único caminho possível era o da diplomacia, até que Severo del Valle regressasse; então poderiam chegar a algum acordo, os dois aconselharam, mas Paulina não quis ouvir suas razões, e dois dias depois se apresentou no salão de chá de Eliza Sommers, levando uma proposta que, no seu entender, a outra avó não poderia rejeitar. Eliza a recebeu de luto pela filha, mas iluminada pelo consolo daquela neta, que dormia placidamente ao seu lado. Ao ver instalado junto à janela o berço de prata que fora de seus filhos, Paulina teve um sobressalto, mas em seguida lembrou-se de que tinha dado permissão a Williams para entregá-lo a Severo, e mordida os lábios, pois não estava ali para lutar por um berço, por valioso que fosse, mas para negociar sua neta. “Não ganha quem tem razão, mas quem regateia melhor”, Paulina costumava dizer. E naquele caso não apenas lhe parecia evidente que a razão estava ao seu lado, mas

também que ninguém a venceria na arte do regateio.

Eliza tirou o bebê do berço e o pôs nos braços da outra. Paulina susteve o pequenino fardo, tão leve que parecia apenas um envoltório de panos, e acreditou que seu coração estalava com um sentimento completamente novo. “Meu Deus, meu Deus”, repetiu aterrada diante daquela vulnerabilidade desconhecida que lhe enfraquecia os joelhos e fazia com que um soluço atravessasse-lhe o peito. Sentou-se em uma poltrona com a neta meio perdida em seu enorme regaço, embalando-a, enquanto Eliza Sommers ordenava o chá e os doces que costumava servir nos tempos em que Paulina era a mais assídua cliente da pastelaria. No decorrer daqueles poucos minutos Paulina del Valle conseguiu recuperar-se da emoção e pôr sua artilharia em posição de ataque. Começou por dar os pêsames pela morte de Lynn e em seguida tratou de admitir que, fora de qualquer dúvida, seu filho Matías era o pai de Aurora, para saber disso bastava olhar o rosto da criança: era igual ao de todos os Rodríguez de Santa Cruz y del Valle. Lamentava muito, disse, que Matías estivesse na Europa por motivos de saúde e assim não pudesse reclamar a menina. Em seguida manifestou seu desejo de ficar com a neta, já que Eliza trabalhava tanto, dispunha de pouco tempo e menos ainda de recursos, sem dúvida não lhe seria possível dar a Aurora o mesmo nível de vida que ela poderia ter em sua casa de Nob Hill. Disse tudo isso no tom de quem concede um favor, dissimulando o tremor das mãos e a ansiedade que lhe obstruía a garganta. Eliza Sommers replicou que agradecia tão generosa proposta, mas estava certa de que ela e Tao Chi'en podiam encarregar-se de Lai-Ming, tal como Lynn lhes havia pedido antes de morrer. Claro, Paulina seria sempre bem-vinda quando se tratasse da vida da menina.

– Não devemos criar confusão no tocante à paternidade de Lai-Ming – acrescentou Eliza Sommers. – Como você mesma e seu filho nos garantiram há alguns meses, ele não teve nada com Lynn. Deve estar lembrada de ouvir seu filho dizer que o pai da criança podia ser qualquer um de seus amigos.

– São coisas que as pessoas dizem no calor da discórdia, Eliza. Matías disse aquilo sem pensar... – Paulina balbuciou.

– O fato de Lynn ter-se casado com o senhor Severo del Valle prova que seu filho dizia a verdade, Paulina. Minha neta não

tem laços de sangue com você, mas repito que poderá vê-la sempre que desejar. Quanto mais pessoas lhe tenham afeto, melhor para ela.

Na meia hora seguinte as duas mulheres se enfrentaram como gladiadoras, cada uma com seu estilo. Paulina del Valle passou dos salamaleques ao ataque, do rogo ao desesperado recurso do suborno, e, quando tudo falhou, à ameaça, sem que a outra avó se afastasse meio centímetro do local onde estava, exceto para tomar suavemente a garota e devolvê-la ao berço. Paulina não soube em que momento a raiva lhe subiu à cabeça, perdeu por inteiro o controle da situação e acabou dizendo em um atropelo de palavras que Eliza Sommers ia ver quem eram os Rodríguez de Santa Cruz, quanto poder tinham eles naquela cidade e como poderiam arruiná-la, arruinar seu maldito negócio de pastéis, bem como o do seu chinês, iria saber que não era bom para ninguém tornar-se inimigo de Paulina del Valle e que mais cedo ou mais tarde lhe tiraria a menina, que tivesse disso a mais absoluta certeza, porque ainda não havia nascido quem fosse capaz de barrar-lhe o caminho. Com uma única braçada varreu as finas chávenas de porcelana e os doces chilenos que compunham a mesa, os quais aterrissaram em meio a uma impalpável nuvem de açúcar, e saiu bufando como um touro de arena. Uma vez no coche, com o sangue latejando na fronte e o coração escarvando sob as camadas de gordura aprisionadas pelo corpete, deitou a chorar, em grandes e ruidosos soluços, como não chorava desde que havia posto um ferrolho na porta do quarto de dormir e ficara sozinha em seu leito mitológico. Como naquela ocasião, sua melhor ferramenta acabava de falhar: a habilidade para regatear como um mercador árabe, que tanto êxito lhe havia garantido em outros aspectos da vida. Por ambicionar demais, havia perdido tudo.

SEGUNDA PARTE
1880-1896

Há um retrato em que me vejo aos três ou quatro anos de idade, o único, daquela época, que sobreviveu aos avatares do destino e à decisão de Paulina del Valle de passar a borracha sobre as minhas origens. Está montado em um cartão gasto, dentro de uma moldura de viagem, um daqueles antigos estojos de veludo e metal, tão em moda no século XIX, mas hoje não mais usados por ninguém. Na foto aparece uma criança ainda muito pequena, ataviada ao estilo das noivas chilenas, com uma túnica larga de cetim bordado e por baixo uma calça de outro tom; a criança calça delicadas sapatilhas montadas sobre feltro branco, protegidas por uma delgada lâmina de madeira; o cabelo escuro parece inflar-se em um coque demasiado alto para o tamanho da menina, sustentado por duas grossas agulhas, talvez de ouro, talvez de prata, unidas por uma pequena guirlanda de flores. A garotinha tem um leque aberto na mão e poderia estar rindo, mas já não se distinguem muito bem as feições, seu rosto é apenas uma lua clara e os olhos duas pequeninas manchas negras. Atrás da menina vislumbram-se a grande cabeça de um dragão de papel e reluzentes estrelas de fogos artificiais. A fotografia foi feita durante a celebração do Ano-novo chinês em San Francisco. Não me lembro desse momento e não reconheço a menina desse único retrato.

Em compensação, minha mãe, Lynn Sommers, aparece em várias fotografias que, com tenacidade e bons contatos, consegui resgatar do olvido. Anos atrás fui a San Francisco a fim de conhecer meu tio Lucky e me dediquei a percorrer velhas livrarias e estúdios fotográficos, procurando postais e calendários para os quais ela havia posado; e às vezes recebo alguns, quando meu tio Lucky os encontra. Minha mãe era muito bonita, isso é tudo que posso dizer dela, pois também não a reconheço nesses retratos. Não me lembro dela, é óbvio, já que morreu no mesmo dia em que nasci, mas a mulher dos calendários é uma estranha, não tenho semelhança nenhuma com ela, não consigo visualizá-la como minha mãe, mas apenas

como um jogo de luz e sombra em um pedaço de papel. Também não parece irmã de meu tio Lucky, um chinês de pés pequenos e cabeça grande, de aspecto vulgar, mas muito bom como pessoa. Pareço mais com meu pai, tenho seu tipo espanhol; infelizmente pareço ter muito pouco da raça de meu extraordinário avô Tao Chi'en. Se não fosse pelo fato de esse avô ser a memória mais nítida e perseverante de minha vida, o amor mais antigo contra o qual se desfazem todos os homens que conheci, pois nenhum consegue igualá-lo, não acreditaria que levo sangue chinês em minhas veias. Tao Chi'en vive sempre comigo. Posso vê-lo espigado, elegante, sempre vestido com impecável correção, os cabelos grisalhos, óculos redondos e um olhar de inarredável bondade em seus olhos amendoados. Em minhas evocações ele está sempre sorrindo, e às vezes o ouço cantando em chinês para mim. Ronda-me, segue-me, guia-me, exatamente como disse à minha avó Eliza que o faria depois de morrer. Há um daguerreótipo desses dois avós quando eram jovens, antes de casar-se: ela sentada em uma cadeira de espaldar alto e ele de pé, atrás, ambos vestidos à maneira americana da época, olhando a câmara de frente, com uma vaga expressão de pavor. Esse retrato, que acabei por resgatar, está hoje na minha mesa-de-cabeceira, e todas as noites é a última coisa que vejo antes de apagar a lâmpada, mas gostaria de tê-lo tido comigo na infância, quando tanto necessitava da presença daqueles avós.

Desde quando posso lembrar, sou atormentada pelo mesmo pesadelo. As imagens desse sonho pertinaz ficam comigo durante horas, estragando-me o dia e a alma. A seqüência é sempre a mesma: caminho pelas ruas vazias de uma cidade desconhecida e exótica, vou de mão dada com alguém cujo rosto não consigo vislumbrar, vejo apenas suas pernas e os bicos de uns sapatos reluzentes. De repente nos vemos cercados por meninos que vestem pijamas negros e dançam uma ronda feroz. Uma mancha escura, talvez de sangue, espalha-se pelos paralelepípedos da rua, enquanto o círculo de meninos se estreita inexorável, cada vez mais ameaçador, em torno da pessoa que me leva pela mão. Somos encurralados, empurrados, puxados, separados; procuro a mão amiga e só encontro o vazio. Grito sem voz, caio sem ruído e então

desperto com o coração na boca. Às vezes passo dias inteiros calada, arrasada pela lembrança do sonho, tentando penetrar nas camadas do mistério que o envolvem, procurando descobrir algum detalhe, ainda não percebido, que me dê a chave de seu significado. Nesses dias padeço de uma espécie de febre fria, na qual meu corpo se encerra, enquanto minha mente permanece isolada em um território de gelo. Foi nesse estado de paralisia que vivi as primeiras semanas na casa de Paulina del Valle. Tinha cinco anos quando me levaram para o palacete de Nob Hill, e ninguém se deu ao trabalho de me explicar por que de repente minha vida dava um giro tão dramático, onde estavam meus avós Eliza e Tao, quem era aquela senhora monumental, coberta de jóias, que me observava do alto de um trono, com olhos cheios de lágrimas. Corri para baixo de uma mesa e ali permaneci como um cão espancado, segundo me contaram. Naquela época Williams era o mordomo dos Rodríguez de Santa Cruz – o que é realmente difícil de imaginar –, e a ele aconteceu, no dia seguinte, a solução para me afastarem daquele lugar: servirem comida em uma bandeja atada à extremidade de um cordão; quando eu não suportasse mais a fome, alguém puxaria o cordão devagar, e eu me arrastaria atrás da bandeja. Foi assim que conseguiram arrancar-me de meu refúgio, mas cada vez que eu acordava em meio àquele pesadelo voltava a esconder-me embaixo da mesa. Isso durou um ano, mas então viemos para o Chile, e com as confusões da viagem e da instalação em Santiago aquela mania desapareceu.

Meu pesadelo é em preto e branco, silencioso e inapelável, tem uma qualidade eterna. Suponho já dispor de informação suficiente para conhecer as chaves de seu significado, mas nem por isso ele deixa de me atormentar. Por culpa de meus sonhos sou diferente, como essas pessoas que por causa de um mal congênito, ou de uma deformidade, devem fazer um esforço constante para levar uma existência normal. Eles carregam marcas visíveis, a minha não se vê, mas existe, posso compará-la com ataques de epilepsia, que chegam de repente e deixam uma esteira de confusão. À noite me deito com temor, não sei o que ocorrerá enquanto durmo nem como despertarei. Já experimentei vários recursos contra meus demônios noturnos, desde licor de laranja com algumas gotas de ópio até o transe

hipnótico e certas formas de necromancia, mas nada me garante um sono aprazível, a não ser uma boa companhia. Dormir abraçada é agora o único remédio eficaz. Deveria casar-me, como todos me aconselham, mas já o fiz uma vez e foi uma calamidade, não posso tentar novamente o destino. Aos trinta anos, sem marido, sou pouco menos do que um espantalho, minhas amigas me olham com lástima, embora seja possível que algumas invejem minha independência. Não estou só, tenho um amor secreto, sem amarras nem condições, motivo de escândalo em qualquer lugar, mas sobretudo aqui onde temos de viver. Não sou solteira, nem viúva, nem divorciada, vivo no limbo das “separadas”, onde vão parar as infelizes que preferem o escárnio público a viver com um homem que não amam. De que outro modo pode ser no Chile, onde o matrimônio é eterno e inexorável? Em alguns extraordinários amanheceres, quando meu corpo e o de meu amante, úmidos de suor e lassos de sono compartilhado, ainda jazem naquele estado semi-inconsciente de ternura absoluta, felizes e confiantes como meninos adormecidos, caímos na tentação de falar em nos casarmos, em irmos para outro lugar, para os Estados Unidos, por exemplo, onde há muito espaço e ninguém nos conhece, para vivermos juntos como qualquer casal sem problemas, mas logo despertamos com o sol entrando pela janela e não voltamos a falar de tais coisas, pois sabemos que não poderíamos viver em outro lugar, a não ser neste Chile de cataclismos geológicos e pequenezas humanas, mas também de vulcões ásperos e cumes nevados, de lagos imemoriais semeados de esmeraldas, de rios espumosos e bosques fragrantes, país delgado como um cinto, pátria de gente pobre e contudo inocente, apesar de tantos e tão variados abusos. Nem ele poderia ir, nem eu me cansarei de fotografá-lo. Gostaria de ter filhos, mas resolvi finalmente que nunca serei mãe; não sou estéril, sou fértil em outros aspectos. Nívea del Valle diz que um ser humano não se define pela sua capacidade reprodutiva, o que no caso dela resulta irônico, pois deu à luz mais de uma dezena de crianças. Mas não é este o lugar de falar dos filhos que não terei, nem tampouco de meu amante, e sim dos acontecimentos que me transformaram naquela que sou. Compreendo que ao escrever estas memórias devo trair outros,

é inevitável. “Lembre-se de que roupa suja lava-se em casa”, me repete Severo del Valle, que, como todos nós, foi criado sob esse lema. “Escreva com honestidade e não se preocupe com os sentimentos alheios, pois escreva o que escrever vão odiá-la do mesmo modo”, Nívea por sua vez me aconselha. Continuemos, portanto.

Ante a impossibilidade de eliminar meus pesadelos, tento pelo menos tirar algum proveito deles. Comprovei que depois de uma noite tormentosa fico alucinada, em carne viva, um estado ótimo para a criação. Minhas melhores fotos foram feitas em dias como esses, quando meu único desejo é esconder-me embaixo da mesa, tal como fazia nos primeiros tempos em casa de minha avó Paulina. Estou certa de que foi o sonho dos meninos de pijamas negros o que me levou à fotografia. Quando Severo del Valle me presenteou com uma câmara, foi esse o pensamento que primeiro me ocorreu: se pudesse fotografar aqueles demônios, eu os derrotaria. Desde os treze anos já tentei muitas vezes. Inventei complicados sistemas de pequenas rodas e delgadas polias a fim de disparar uma câmara fixa enquanto dormia, mas terminou por evidenciar-se que aquelas criaturas maléficas eram invulneráveis ao assalto da tecnologia. Ao ser observado com verdadeira atenção, um objeto ou corpo de aparência comum transforma-se em algo sagrado. A câmara pode revelar os segredos que o olho desarmado ou a mente não captam, tudo desaparece, salvo aquilo que é enfocado no quadro. A fotografia é um exercício de observação, e o resultado é sempre um golpe de sorte; entre os milhares e milhares de negativos que lotam vários caixotes em meu estúdio, apenas uns poucos são excepcionais. Meu tio Lucky Chi'en se sentiria decepcionado se soubesse como foi pequeno o efeito do seu sopro de boa sorte em meu trabalho. A câmara é um aparelho simples, mesmo o indivíduo mais inepto pode usá-la, o desafio consiste em criar com sua ajuda aquela combinação de verdade e beleza que se chama arte. Essa busca é sobretudo espiritual. Procuro verdade e beleza na transparência de uma folha no outono, na forma perfeita de um caracol na areia da praia, nas curvas de um torso feminino, na textura de um velho tronco, mas também naquelas formas escorregadias da realidade. Algumas vezes, ao trabalhar com

uma imagem em meu quarto escuro, aparece a alma de uma pessoa, a emoção de um evento ou a essência vital de um objeto, e nesse momento a gratidão explode em meu peito, e não posso evitar que meu pranto se solte. É para essa revelação que meu ofício aponta.

Severo del Valle dispôs de várias semanas de navegação para chorar Lynn Sommers e meditar no que seria o restante de sua vida. Sentia-se responsável pela menina Aurora e tinha redigido um testamento antes de embarcar, para que a pequena herança recebida do pai, juntamente com suas economias, fossem diretamente para ela, caso ele lhe faltasse. Enquanto isso, ela receberia os juros mensalmente. Sabia que os pais de Lynn cuidariam da garota melhor que ninguém e supunha que, por grande que fosse sua prepotência, a tia Paulina não tentaria arrebatá-la à força, pois seu marido não permitiria que ela transformasse o assunto em um escândalo público.

Sentado na proa do navio, com a vista perdida no mar infinito, Severo concluiu que jamais se consolaria com a perda de Lynn. Sem ela, não queria viver. Perecer em combate era o melhor que o futuro poderia oferecer-lhe; morrer logo, e rápido, era tudo o que pedia. Durante meses, o amor que sentia por Lynn e a sua decisão de ajudá-la tinham ocupado seu tempo e atenção, por isso havia postergado o dia da volta ao Chile, enquanto todos os compatriotas de sua idade se alistavam em massa para lutar. A bordo iam vários jovens com um propósito igual ao seu, incorporar-se às fileiras – vestir o uniforme azul era uma questão de honra –, e Severo aproximou-se deles para analisar as notícias da guerra transmitidas pelo telégrafo. Durante os quatro anos passados na Califórnia tinha se desenraizado de seu país, e assim havia respondido ao chamado da guerra como uma forma de entregar-se à própria dor, mas isso não significava que sentisse o menor fervor bélico. Contudo, à medida que o navio avançava para o sul, foi se deixando contagiar pelo entusiasmo dos demais. Voltou a pensar em servir ao Chile como havia desejado nos seus tempos de escola, quando, na companhia de outros estudantes, discutia política nos cafés. Supunha que seus antigos camaradas estariam combatendo, havia meses, enquanto ele volteava pelas

ruas de San Francisco, fazendo hora para visitar Lynn Sommers e jogar *mah-jong*. Como poderia justificar semelhante covardia a parentes e amigos? A imagem de Nívea o assaltava durante essas cavilações. Sua prima não entenderia a demora do regresso a fim de defender a pátria; Severo tinha certeza de que, se fosse homem, ela teria sido a primeira a partir para a frente. Ainda bem que no seu caso não necessitaria dar explicações, esperava morrer crivado de balas antes de tornar a vê-la; para enfrentar Nívea depois de ter se conduzido tão mal em relação a ela exigiria muito mais valor do que o combate com o pior dos inimigos. O navio avançava com desesperadora lentidão, e naquele andar só chegaria ao Chile quando a guerra já houvesse terminado, pensava ansioso. Estava certo de que a vitória seria dos seus, apesar da vantagem numérica do adversário e da arrogante incompetência do alto comando chileno. O comandante-em-chefe do exército e o primeiro-almirante da esquadra formavam uma dupla de velhotes de comédia, que não conseguiam se pôr de acordo em relação ao mais elementar dos objetivos, mas os chilenos contavam com um grau de disciplina maior que o dos peruanos e bolivianos. “Foi necessário que Lynn morresse para que eu decidisse voltar ao Chile e cumprir meu dever patriótico, não passo de um piolho”, dizia para os seus botões, envergonhado.

Quando o vapor atracou na baía, o porto de Valparaíso brilhava sob a luz radiante de dezembro. Ao passar pelas águas territoriais do Peru e do Chile tinham avistado alguns vasos das esquadras dos dois países, fazendo manobras, mas até atracarem no porto de Valparaíso não tiveram nenhuma evidência da guerra. De fato, a aparência do porto era bem diferente daquilo de que Severo podia lembrar-se. A cidade estava militarizada, havia tropas acantonadas esperando transporte, a bandeira chilena flamejava nos edifícios e notava-se um intenso movimento de botes e rebocadores em torno dos vasos da armada; em troca, escasseavam os navios de passageiros. O jovem havia anunciado à sua mãe a data da chegada, mas não tinha esperança de vê-la no porto, já que dois anos antes ela passara a viver em Santiago com os filhos menores, e a viagem da capital até Valparaíso era muito desconfortável. Pelo mesmo motivo, não se deu ao trabalho de explorar o cais à procura de

conhecidos, como fazia a maior parte dos passageiros. Apanhou sua mala, deu algumas moedas a um marinheiro para que se encarregasse dos baús e desceu pela prancha, respirando a plenos pulmões o ar salino da cidade onde havia nascido. Ao pisar em terra cambaleava como um bêbado, durante as semanas da travessia tinha se habituado ao vaivém das ondas, e agora sentia dificuldade para caminhar em solo firme. Assobiou chamando um carregador, para que o ajudasse com a bagagem, enquanto procurava um coche que o levasse à casa de sua avó Emilia, onde pensava ficar por duas noites, até conseguir incorporar-se ao exército. Nesse momento sentiu que alguém tocava em seu braço. Voltou-se com surpresa e se viu cara a cara com a última pessoa que gostaria de encontrar neste mundo: sua prima Nívea. Necessitou de uns dois segundos para reconhecê-la e se recuperar da surpresa. A adolescente que havia deixado quatro anos antes tinha se transformado em uma adulta desconhecida, baixinha como sempre, mas muito mais magra e de corpo bem-desenhado. De intacto nela, apenas a expressão inteligente, concentrada no rosto. Vestia uma roupa de verão, feita de tafetá azul, e se protegia do sol com um chapéu de palha, coroadado por um grande laço de organdi branco, cuja tira passava por baixo do queixo, de modo a marcar ainda mais suas feições ovaladas, seus traços finos, seus olhos negros, que brilhavam inquietos e brincalhões. Estava só. Severo não se lembrou de saudá-la, ficou olhando-a com a boca aberta, até que recuperou a lucidez e conseguiu perguntar-lhe, perturbado, se havia recebido sua última carta, referindo-se àquela em que lhe anunciava o casamento com Lynn Sommers. Como desde então não voltara a escrever-lhe, imaginou que Nívea nada sabia da morte de Lynn ou do nascimento de Aurora, sua prima não podia adivinhar que havia se transformado em viúvo e pai sem nunca ter passado pela condição de marido.

– Dessa história falaremos depois, agora me deixe lhe dar as boas-vindas. Tenho um coche nos esperando – ela interrompeu.

Postos os baús na carruagem, Nívea ordenou ao cocheiro que os levasse a passo lento pela beira-mar, ganhando tempo antes de alcançarem a casa, onde o esperava o restante da família.

– Em relação a você, Nívea, me comportei como um desalmado. Só tenho para dizer a meu favor que jamais quis seu sofrimento – Severo murmurou, sem atrever-se a olhá-la.

– Reconheço que estava furiosa com você, Severo, tinha de morder a língua para não maldizê-lo, mas agora não tenho mais rancor. Creio que você sofreu mais do que eu. Na verdade, sinto muito o que aconteceu com sua mulher.

– Como soube do que aconteceu?

– Recebi um telegrama com a notícia, vinha assinado por um tal de Williams.

A primeira reação de Severo del Valle foi de raiva, como se atrevia aquele mordomo a imiscuir-se dessa maneira em sua vida privada, mas em seguida não pôde conter um impulso de gratidão, pois aquele telegrama o eximia de explicações dolorosas.

– Não espero que você me perdoe, quero apenas que me esqueça, Nívea. Você, mais do que ninguém, merece ser feliz...

– E quem lhe disse que quero ser feliz, Severo? Esse é o último dos adjetivos que eu empregaria para definir o futuro que desejo. Quero uma vida interessante, aventureira, diferente, apaixonada, enfim, qualquer coisa, menos ser feliz.

– Ah, prima, é maravilhoso comprovar que você praticamente nada mudou! Mas, dentro de dois dias, estarei marchando com o exército rumo ao Peru e, francamente, espero morrer com as botas nos pés, porque minha vida deixou de ter sentido.

– E sua filha?

– Pelo visto, Williams não lhe passou todos os detalhes. Posso lhe dizer que também não sou o pai dessa menina? – Severo perguntou.

– E quem é?

– Não importa. Para efeitos legais é minha filha. Está nas mãos de seus avós e não lhe faltará dinheiro, deixei-a bem protegida.

– Como se chama?

– Aurora.

– Aurora del Valle... bonito nome. Trate de voltar inteiro da guerra, Severo, porque quando nos casarmos essa menina certamente se tornará nossa primeira filha – disse Nívea,

ruborizando-se.

– Que foi que você disse?

– Que, se passei toda a vida esperando por você, posso esperar um pouco mais. Nada de pressa, tenho muitas coisas para fazer antes de me casar. Estou trabalhando.

– Trabalhando? Por quê?!? – Severo exclamou em tom escandalizado, pois mulher nenhuma trabalhava em sua família ou em qualquer outra família que conhecesse.

– Para aprender. Meu tio José Francisco me contratou para organizar sua biblioteca e dá permissão para ler o que eu quiser. Lembra-se dele?

– Conheço-o muito pouco; não é aquele que se casou com uma herdeira e tem um palácio em Viña del Mar?

– Ele mesmo, é parente de minha mãe. Não conheço homem mais sábio, nem melhor, além de ser um bocado moço, embora não tanto quanto você – ela disse, rindo.

– Não brinque, Nívea.

– Sua mulher era bonita? – a moça perguntou.

– Muito bonita.

– Tem de cumprir o luto, Severo. Talvez a guerra sirva para isso. Dizem que as mulheres mais belas são inesquecíveis, mas espero que aprenda a viver sem ela, mesmo que não a esqueça. Vou rezar para que você volte a se apaixonar, e tomara que seja por mim... – Nívea murmurou, tomando-lhe uma das mãos.

E então Severo del Valle sentiu uma dor terrível no tórax, como se uma lança lhe houvesse atravessado as costelas, e um soluço escapou-lhe por entre os lábios, seguido de um choro incontrolável, que sacudia todo o seu corpo, enquanto repetia arquejando o nome de Lynn, Lynn, mil vezes Lynn. Nívea puxou-o para seu peito e o envolveu com seus braços delgados, dando-lhe palmadinhas de consolo nas costas, como se ele não passasse de um menino.

A Guerra do Pacífico teve início no mar e continuou em terra, os homens combatendo corpo a corpo, com baionetas caladas e facas de lâmina curva, nos mais áridos e inclementes desertos do mundo, situados nas províncias que hoje formam o norte do Chile, mas que antes da guerra pertenciam ao Peru e à Bolívia. Os exércitos desses dois países estavam muito mal preparados

para aquela contenda, eram pouco numerosos, mal armados e seu sistema de abastecimento falhava tanto, que algumas batalhas e escaramuças foram decididas pela falta de água para beber ou porque as rodas das carretas carregadas com caixotes de balas enterravam-se na areia. O Chile era um país expansionista, com uma economia sólida, dono da melhor esquadra da América do Sul e de um exército composto de mais de setenta mil homens. Tinha reputação de civismo em um continente de caudilhos rústicos, corrupção sistemática e revoluções sangrentas; a austeridade do caráter chileno e a solidez de suas instituições eram a inveja das nações vizinhas, suas escolas e universidades atraíam professores e estudantes estrangeiros. A influência dos imigrantes ingleses, alemães e espanhóis tinha conseguido impor uma certa moderação ao arrebatado temperamento crioulo. O exército recebia instrução prussiana e não conhecia a paz, pois durante os anos anteriores à Guerra do Pacífico tinha se mantido de armas na mão, combatendo, no sul do país, os índios da zona chamada La Frontera, porque até ali havia chegado o braço civilizador, e ali começava o desconhecido território indígena, pelo qual, até recentemente, só os missionários jesuítas tinham se aventurado. Os formidáveis guerreiros araucanos, que vinham lutando sem trégua desde os tempos da conquista, não se atemorizavam diante das balas nem das piores atrocidades, mas, um após outro, vinham sendo dizimados pelo álcool. Lutando contra eles, os soldados tomavam lições de ferocidade. E, assim, não demorou que peruanos e bolivianos aprendessem a temer os chilenos, inimigos sanguinários, capazes de matar à bala e punhal os feridos e os prisioneiros. Os chilenos despertaram muito ódio e muito medo, provocando uma violenta antipatia internacional, com a conseqüente e interminável série de reclamações e litígios diplomáticos, exacerbando em seus adversários a decisão de lutar até a morte, pois de nada lhes adiantava render-se. As tropas peruanas e bolivianas eram compostas de um punhado de oficiais, contingentes de soldados regulares mal-apetrechados e massas de indígenas recrutados à força, que mal sabiam por que combatiam e na primeira oportunidade desertavam. Em contraste, as fileiras chilenas contavam com uma nítida maioria de civis, tão encarniçados no

combate quanto os militares, que lutavam por paixão patriótica e nunca se rendiam. Muitas vezes, as condições eram infernais. Durante a marcha pelo deserto arrastavam-se dentro de uma nuvem de poeira salobra, mortos de sede, com areia até o meio da perna, o sol desapiedado reverberando sobre suas cabeças, as mochilas e munições pesando nos ombros, mas desesperadamente aferrados aos seus fuzis. Eram dizimados pela varíola, o tifo e a febre terçã; nos hospitais de campanha havia mais doentes do que feridos em combate. Quando Severo del Valle se reuniu ao exército, seus compatriotas acabavam de ocupar Antofagasta – a única província marítima da Bolívia – e as províncias peruanas de Tarapacá, Arica e Tacna. Em meados de 1880, o ministro da guerra e da marinha morreu de um derrame cerebral em plena campanha do deserto, deixando o governo desorganizado. Por fim o Presidente nomeou para seu lugar um civil, dom José Francisco Vergara, o tio de Nívea, viajante incansável e grande devorador de livros, a quem coube empunhar o sabre aos quarenta e seis anos de idade a fim de comandar uma guerra. Foi ele um dos primeiros a perceber que, enquanto os chilenos avançavam na conquista do norte, os argentinos iam silenciosamente arrebatando-lhes a Patagônia, no sul, mas ninguém se importava com isso, pois aquele território era considerado tão inútil quanto a Lua. Vergara era brilhante, refinado e dono de uma excelente memória, tudo lhe interessava, da botânica à poesia, era incorruptível e completamente desprovido de ambição política. Planejou a estratégia bélica com a mesma tranqüila minuciosidade praticada na condução dos seus próprios negócios. Apesar da desconfiança dos homens de farda e para surpresa de todo mundo, conduziu as tropas chilenas diretamente até Lima. Como disse sua sobrinha Nívea: “A guerra é um assunto demasiado sério para ser entregue aos militares.” A frase escapou do círculo familiar e converteu-se em um daqueles juízos lapidares que passam a fazer parte do anedotário histórico de um país.

Ao término do ano, os chilenos preparavam-se para o assalto final a Lima. Fazia onze meses que Severo del Valle combatia, mergulhado na sujeira, no sangue, na mais desapiedada barbárie. Nesse meio tempo, as lembranças de Lynn Sommers

converteram-se em farrapos, já não sonhava com ela, mas apenas com os corpos destroçados dos homens com os quais no dia anterior havia compartilhado o rancho. A guerra era antes de tudo marcha forçada e paciência; os momentos de combate tornavam-se quase um alívio do tédio de se preparar e esperar. Quando podia sentar-se e fumar um cigarro, aproveitava a pausa para escrever algumas linhas a Nívea, no mesmo tom de camaradagem que sempre havia empregado com ela. Não falava de amor, mas pouco a pouco ia compreendendo que ela seria a única mulher de sua vida e que Lynn Sommers tinha sido uma prolongada fantasia. Nívea escrevia-lhe com regularidade, embora nem todas as suas cartas chegassem ao destino, para contar-lhe como ia a família, a vida na cidade, como eram seus raros encontros com o tio José Francisco e quais os livros cuja leitura ele lhe havia recomendado. Também comentava a transformação espiritual que a sacudia, como ia se distanciando de alguns ritos católicos, a seu ver mais parecidos com reminiscências de paganismo, a fim de procurar as raízes de um cristianismo mais filosófico do que dogmático. Preocupava-lhe o fato de que Severo, imerso em um mundo rústico e cruel, pudesse perder o contato com sua alma e se convertesse em um ser desconhecido. A idéia de que ele fosse obrigado a matar soava-lhe intolerável. Procurava não pensar em tal coisa, mas os relatos de soldados varados a faca, de corpos decapitados, de mulheres violadas e crianças espetadas em baionetas eram impossíveis de ignorar. Participaria Severo de tais atrocidades? Poderia um homem, depois de haver testemunhado tais fatos, reintegrar-se ao mundo da paz, converter-se em marido e pai de família? Poderia ela amá-lo, apesar de tudo? Severo del Valle fazia a si próprio essas mesmas perguntas, enquanto seu regimento se preparava para atacar a capital do Peru, a poucos quilômetros de distância. Nos últimos dias de dezembro o contingente chileno estava pronto para a ação em um vale ao sul de Lima. Tinham se preparado com esmero, contavam com tropas numerosas, mulas, cavalos, munições, víveres e água, várias embarcações à vela para o transporte das tropas, além de quatro hospitais móveis, com um total de seiscentos leitos, e dois navios convertidos em hospitais, protegidos pela bandeira da Cruz Vermelha. Um dos comandantes chegou a pé, com sua

brigada intacta, depois de cruzar infinitos pântanos e montes, e se apresentou como um príncipe mongol com um séquito de mil e quinhentos chineses acompanhados de suas mulheres, suas crianças e seus animais. Ao vê-los, Severo del Valle imaginou-se vítima de uma alucinação, na qual toda Chinatown havia saído de San Francisco para perder-se na mesma guerra em que ele se metera. O pitoresco chefe havia recrutado os chineses pelo caminho, eram imigrantes que trabalhavam em condições de escravidão e, colhidos entre dois fogos e sem lealdade definida por nenhum dos bandos, haviam decidido unir-se às forças chilenas. Enquanto os cristãos ouviam missa antes de entrar em combate, os asiáticos organizavam sua própria cerimônia. Os capelães militares aspergiam todo mundo com água benta e, sem suspeitar de que aquela seria sua última carta, Severo escreveu a Nívea dizendo: “Isto parece um circo.” Animando os soldados e dirigindo o embarque de milhares de homens, animais, canhões e provisões estava o ministro Vergara em pessoa, de pé, das seis da manhã, sob um sol abrasador, até altas horas da noite.

Os peruanos tinham organizado duas linhas de defesa a poucos quilômetros da cidade, em lugares de difícil acesso para os atacantes. Às elevações escarpadas e arenosas somavam-se fortins, terraplenos, baterias e trincheiras com atiradores protegidos por sacos de areia. Além disso, tinham instalado minas invisíveis na areia, destinadas a explodir ao menor contato com seus detonadores. As duas linhas de defesa estavam unidas entre si, e com a cidade de Lima, por uma estrada de ferro que devia garantir o transporte das tropas, dos feridos e das provisões. Severo del Valle e seus camaradas sabiam, bem antes de iniciar-se o ataque em meados de janeiro de 1881, que a vitória – se viesse a ocorrer – custaria um grande número de vidas.

Naquela tarde de janeiro as tropas estavam prontas para a marcha sobre a capital do Peru. Depois de fazerem uma refeição, os chilenos desmontaram os acampamentos, queimaram os barracos de madeira nos quais tinham habitado por algum tempo e se dividiram em três grupos, com a intenção de assaltar de surpresa, protegidos pela neblina espessa, as

defesas do inimigo. Iam em silêncio, cada um com seu pesado equipamento nas costas e os fuzis carregados, dispostos a atacar “de frente e à maneira chilena”, como haviam decidido os generais, conscientes de que a mais poderosa arma de que dispunham eram o destemor e a ferocidade dos soldados ébrios de violência. Severo del Valle tinha visto circularem os cantis com aguardente e pólvora, uma incendiária mistura que deixava as tripas em chamas, mas que dava ao combatente um valor indomável. Tinha-a provado uma vez, mas passara os dois dias seguintes atormentado por vômitos e dores de cabeça, e por isso preferia enfrentar o combate a frio. A marcha silenciosa e o negror da planície pareceram-lhe intermináveis, apesar dos breves momentos de pausa. Passada a meia-noite, a imensa multidão de soldados parou a fim de descansar durante uma hora. Seu propósito era cair sobre um balneário próximo a Lima antes do clarear do dia, mas as ordens contraditórias e a confusão dos comandantes arruinaram o plano. Pouco se sabia sobre a situação das fileiras de vanguarda, para as quais aparentemente a batalha já havia começado, e isso obrigou a tropa esgotada a continuar a marcha sem tempo de respirar. Seguindo o exemplo dos demais, Severo desfez-se da mochila, da manta e do resto de seus apetrechos, calou a baioneta na ponta da arma e deitou a correr às cegas para a frente, gritando a plenos pulmões, como uma fera raivosa, pois já não se tratava de apanhar o inimigo de surpresa, mas de apavorá-lo. Os peruanos estavam à espera deles e, mal os chilenos ficaram ao alcance de suas armas, trataram de recebê-los com uma saraivada de chumbo. À neblina vieram somar-se a fumaça e o pó, que cobriam o horizonte com um manto impenetrável, enquanto o ar se enchia de pavor com as cornetas ordenando a carga, os estrondos, os alaridos do combate, os gritos dos feridos, os relinchos dos cavalos e os rugidos dos canhões. O solo estava minado, mas os chilenos avançavam de qualquer maneira, levando nos lábios o grito selvagem de “Vamos degolar!”. Severo del Valle viu dois de seus companheiros voarem em pedaços, depois de pisarem em um detonador de mina a poucos metros do local de onde estava. Não chegou a calcular que poderia ser atingido pela próxima explosão, não havia tempo para pensar em nada, pois os primeiros hussardos

já saltavam sobre as trincheiras inimigas, com suas facas de lâmina curva entre os dentes e as baionetas caladas, massacrando e morrendo entre jorros de sangue. Os peruanos sobreviventes recuaram, e os atacantes começaram a escalar as colinas, forçando as defesas que se sucediam nas encostas. Sem saber o que fazia, Severo del Valle viu-se de sabre na mão, despedaçando um homem e em seguida atirando à queimadura na nuca de outro que fugia. Horror e fúria tinham se apossado inteiramente dele; como todos os outros, havia se transformado em uma fera. Seu uniforme estava rasgado e coberto de sangue, um pedaço de tripa alheia pendia-lhe de uma das mangas, estava rouco de tanto gritar e maldizer, tinha perdido o medo e a identidade, agora era apenas uma máquina de matar, distribuindo golpes sem se importar a quem atingiam, com o único objetivo de chegar ao alto da colina.

Às sete da manhã, depois de duas horas de batalha, a bandeira chilena tremulou pela primeira vez no topo das colinas, e lá do alto, de joelhos, Severo viu uma grande quantidade de peruanos que se retiravam em debandada para em seguida juntar-se no pátio de uma fazenda, onde se realinharam e enfrentaram uma carga frontal da cavalaria chilena. Em poucos minutos aquilo se converteu num inferno. Severo del Valle, que se aproximava correndo, via o brilho dos sabres no ar, ouvia o tiroteio e os alaridos de dor. Quando alcançou a fazenda, os inimigos já corriam, novamente perseguidos pelas tropas chilenas. Nesse momento ouviu a voz de seu comandante, ordenando-lhe que reagrupasse os homens de seu destacamento a fim de tomar o povoado. A breve pausa, enquanto as fileiras se organizavam, deu-lhe um momento para respirar; deixou-se cair no chão, o rosto na areia, ofegando e tremendo, as mãos agarradas à sua arma. Pensou que aquele ataque seria uma loucura, pois seu regimento não poderia enfrentar, sozinho, a numerosa tropa inimiga entrincheirada nas cabanas e nas construções maiores e mais sólidas, seria necessário lutar de porta em porta; mas a sua tarefa não era pensar, e sim obedecer às ordens do superior e reduzir o povoado peruano a escombros, cinzas e morte. Minutos mais tarde corria fatigado à frente de seus companheiros, enquanto as balas passavam silvando por ele. Entraram em duas colunas,

uma de cada lado da rua principal. A maioria dos habitantes tinha fugido ao soarem os gritos de “Aí vêm os chilenos!”, mas os que haviam ficado estavam decididos a combater com tudo que houvesse ao alcance da mão, de facas de cozinha até panelas de azeite fervente, que despejariam do alto dos balcões. O regimento de Severo tinha recebido ordens para ir de casa em casa até desocupar o povoado inteiro, o que não era nada fácil, porque o local estava cheio de soldados peruanos que se ocultavam nos tetos, nas árvores, nas janelas e atrás das portas. Severo tinha a garganta seca e os olhos inflamados, mal conseguia ver a um metro de distância; o ar, denso de poeira e fumaça, tornara-se irrespirável, tamanha era a confusão, que ninguém mais sabia o que fazer, cada um se limitava a imitar aquele que ia alguns passos adiante. De repente caiu ao redor dele uma saraivada de balas, e Severo compreendeu que não podia continuar o avanço, tinha de procurar onde abrigar-se. Com uma coronhada pôs abaixo a porta mais próxima e irrompeu casa adentro empunhando o sabre, cego pelo contraste entre o sol abrasador lá de fora e a penumbra do interior. Necessitava de uns instantes para refazer-se e recarregar o fuzil, mas não os teve: foi surpreendido e paralisado por um grito assustador, e de repente viu uma figura que até então estivera oculta em um canto e agora se erguia diante dele brandindo um machado. Conseguiu proteger a cabeça com os braços e jogar o corpo para trás. O machado caiu como um relâmpago sobre o seu pé esquerdo, cravando-o no chão. Severo del Valle não chegou a saber o que havia se passado e foi por puro instinto que reagiu. Valendo-se de todo o peso de seu corpo empurrou o fuzil com a baioneta calada no ventre de seu atacante e depois que a lâmina havia mergulhado fez um esforço brutal a fim de levantá-la. O sangue jorrou-lhe em plena cara. E só então pôde perceber que o inimigo era uma menina. Havia-lhe rasgado o ventre, e, de joelhos, ela segurava o intestino, que começava a esvaziar-se no chão de madeira. Os olhos de ambos se cruzaram em um olhar interminável, ambos estavam surpresos e, naquele eterno instante de silêncio, ambos se perguntavam quem eram, por que se enfrentavam daquela maneira, por que sangravam, por que deviam morrer. Severo quis segurá-la, mas não pôde mover-

se, e então sentiu pela primeira vez a dor terrível no pé, que subia como uma língua de fogo pela perna até alcançar o peito. Nesse instante outro soldado chileno entrou na casa e, avaliando a situação com um simples olhar, tratou de atirar, à queima-roupa e sem vacilação, na mulher, que aliás já estava morta; agarrou o cabo do machado e com um puxão formidável libertou Severo. “Vamos, tenente, temos de sair daqui, dentro de instantes a artilharia estará bombardeando!” Severo, no entanto, perdia sangue aos borbotões, perdia a consciência, recuperava-a por uns instantes e logo voltava a sentir-se envolvido pela escuridão. O soldado levou o cantil à boca de Severo e o obrigou a beber um grande trago de aguardente, improvisou um torniquete com um lenço atado abaixo do joelho, pôs o ferido nas costas e deixou o interior da casa. Lá fora outras mãos o ajudaram, e quarenta minutos mais tarde, enquanto a artilharia chilena varria o povoado a tiros de canhão, deixando escombros e ferros torcidos onde antes era um aprazível balneário, Severo aguardava no pátio do hospital, ao lado de centenas de cadáveres destroçados e milhares de feridos que jaziam em lodaçais, hostilizados pelas moscas, alguns morrendo, outros salvos por milagre. O sofrimento e o medo o aturdiavam, de vez em quando mergulhava em misericordiosos desmaios e quando ressuscitava via o céu tornar-se negro. Ao calor escaldante do dia seguiu-se o frio úmido da *camanchaca*, que envolveu a noite em seu manto de espessa neblina. Nos momentos de lucidez lembrava-se das orações aprendidas na infância e rezava para que a morte lhe viesse rápida, enquanto a imagem de Nívea lhe aparecia como um anjo, e tinha a impressão de que ela se debruçava sobre ele, dando-lhe forças, limpando-lhe a fronte com um lenço úmido, dizendo-lhe palavras de amor. Repetia o nome de Nívea, clamando sem voz por um copo d’água.

A batalha pela conquista de Lima terminou às seis da tarde. Nos dias seguintes, quando puderam contar os mortos e feridos, calcularam que uns vinte por cento dos combatentes, dos dois exércitos, tinham perecido no decorrer do confronto. Muitos outros morreriam depois, em consequência dos ferimentos infectados. Improvisaram hospitais de campanha em uma escola

e em tendas disseminadas pelas cercanias. O vento levava o fedor de carniça a quilômetros de distância. Os médicos e enfermeiros, exaustos, iam atendendo aos que chegavam na medida de suas possibilidades, mas havia mais de dois mil e quinhentos feridos no exército chileno e se calculavam em pelo menos sete mil os sobreviventes das tropas peruanas. Os feridos se acumulavam nos corredores e nos pátios, deitados no chão, até que chegasse a vez de cada um. Os mais graves eram atendidos primeiro, e Severo del Valle ainda não estava agonizando, apesar da tremenda perda de força, de sangue e de esperança, e por isso os padioleiros o deixavam de lado, dando preferência a outros. O mesmo soldado que o havia transportado no ombro até o hospital rasgou-lhe a bota com sua faca, tirou-lhe a camisa ensopada e com ela improvisou um tampão para o pé destroçado, porque não havia bandagens nem medicamentos ao alcance da mão, nem fenol para desinfetar, nem ópio, nem clorofórmio, tudo havia se acabado ou então se perdido na desordem do combate. “Solte o torniquete de vez em quando, tenente, para que a perna não gangrene”, o soldado recomendou. Antes de despedir-se desejou-lhe boa sorte e presenteou-o com o que de mais precioso ainda possuía, um pouco de tabaco e seu cantil com restos de aguardente. Severo del Valle não chegou a saber quanto tempo esteve naquele pátio, talvez um dia, talvez dois. Quando finalmente o recolheram, para levá-lo ao médico, estava inconsciente e desidratado, mas no momento em que o moveram a dor foi terrível, e ele despertou com um grito. “Seja forte, tenente, pois o pior ainda o espera”, disse um dos padioleiros. Viu-se em uma grande sala, com o chão coberto de areia, sobre o qual dois soldados despejavam mais e mais baldes de areia, a fim de absorver o sangue, e aproveitavam os baldes vazios para levar os membros amputados; lá fora eles eram incinerados em uma grande pira, que impregnava o vale com seu cheiro de carne queimada. Em quatro mesas de madeira, cobertas com lâminas metálicas, os pobres feridos eram operados; ao pé das mesas havia tinas de água avermelhada, na qual mergulhavam as esponjas com que limpavam os ferimentos, tudo sujo, salpicado de areia e de serragem. Sobre uma mesa ao lado espalhavam-se pavorosos instrumentos de

tortura – tenazes, tesouras, serras, agulhas –, todos manchados de sangue seco. Os gritos dos operados invadiam o ambiente, e o cheiro de decomposição, de vômito e de excremento era irrespirável. O médico era um imigrante dos Bálcãs, feições duras, segurança e rapidez de cirurgião experiente. Estava com uma barba de dois dias, os olhos vermelhos de cansaço e vestia um pesado avental de couro coberto de sangue fresco. Tirou o improvisado tampão do pé de Severo, soltou o torniquete e bastou-lhe um olhar para ver que a infecção havia começado e decidir-se pela amputação. Nem pestanejou, certamente havia cortado muitos membros naqueles últimos dias.

– Tem alguma bebida, soldado? – perguntou com um inconfundível acento estrangeiro.

– Água... – Severo del Valle clamou com a língua ressecada.

– Depois tomará água. Agora necessita de algo que o deixe um pouco embriagado, mas aqui não temos nem uma gota de álcool – disse o médico.

Severo apontou para o cantil. O médico obrigou-o a beber três grandes tragos, explicando-lhe que não dispunham de anestesia, e usou o resto para empapar uns trapos e limpar seus instrumentos; em seguida fez um sinal para os seus ajudantes, que se situaram um de cada lado da mesa, a fim de imobilizar o paciente. Esta é a minha hora da verdade, Severo conseguiu pensar, e tratou de imaginar Nívea, para não morrer com a imagem da menina que havia estripado com sua baioneta. Um enfermeiro aplicou-lhe novo torniquete e imobilizou-lhe a perna, com firmeza, à altura da coxa. O cirurgião tomou um bisturi, mergulhou-o vinte centímetros abaixo do joelho, e, mediante um hábil movimento circular, cortou a carne até alcançar a tíbia e o perônio. Severo del Valle bramiu de dor e em seguida perdeu a consciência, mas os ordenanças do médico não o soltaram, mantendo-o como se estivesse cravado na mesa, enquanto os dedos do médico puxavam para trás a pele e os músculos, deixando os ossos descobertos; a seguir o médico tomou uma serra e cortou os ossos com três certos movimentos. O enfermeiro extraiu do músculo os vasos seccionados, e o médico se pôs a atá-los com inacreditável destreza; depois foi soltando aos poucos o torniquete, enquanto cobria com carne o osso amputado e finalmente costurava a

pele cortada em tiras. Severo foi rapidamente vendado e levado para um recanto da sala, a fim de abrir espaço para outro ferido que chegava gritando à mesa do cirurgião. Toda a operação tinha durado menos de seis minutos.

Nos dias que se seguiram àquela batalha as tropas chilenas entraram em Lima. Segundo os comunicados oficiais publicados nos jornais do Chile, fizeram-no de modo ordeiro; segundo consta na memória dos limenhos, foi uma carnificina, que se somou aos desmandos dos soldados peruanos derrotados e furiosos porque se sentiam traídos pelos seus chefes. Uma parte da população civil tinha fugido enquanto as famílias abastadas haviam buscado segurança em navios ancorados no porto, nos consulados e em uma praia protegida por marinheiros de outros países, onde os membros do corpo diplomático haviam instalado barracas para acolher os refugiados à sombra da bandeira da neutralidade. Os que ficaram para defender suas posses iriam recordar pelo resto da vida as cenas infernais da soldadesca enlouquecida e embriagada pela violência. Saquearam e queimaram casas, violaram, feriram e assassinaram os que iam encontrando pela frente, inclusive mulheres, crianças e anciãos. Por fim, uma parte dos regimentos peruanos largou as armas e rendeu-se, mas muitos soldados se dispersaram e fugiram para as montanhas. Dois dias depois o general peruano Andrés Cáceres saía da cidade ocupada pelos chilenos, com uma perna destroçada, seguido pela mulher e ajudado por dois dedicados oficiais, para sumir nos inacessíveis desvãos da cordilheira. Tinha jurado que enquanto lhe restasse um sopro de vida continuaria a combater.

No porto de Callao os comandantes peruanos ordenaram às tripulações que abandonassem os navios e incendiassem os paíóis de pólvora, afundando tudo o que restava de sua frota. As explosões despertaram Severo del Valle, que jazia em seu canto, deitado na areia imunda da sala de cirurgia, ao lado de outros homens que, como ele, acabavam de passar pelo suplício da amputação. Alguém o havia coberto com uma manta e posto ao seu lado um cantil cheio d'água; estirou a mão, mas esta tremia tanto, que não pôde abrir o cantil, e ficou com ele apertado contra o peito, gemendo, até que uma jovem da cantina

ambulante aproximou-se, abriu o recipiente e o ajudou a levá-lo aos lábios secos. Bebeu o conteúdo inteiro quase sem tomar fôlego, instruído pela mulher, que durante meses havia combatido ao lado dos homens e sabia cuidar dos feridos tão bem quanto os médicos, pôs na boca um punhado de tabaco e o mascou avidamente a fim de amortecer o choque operatório. “Matar é fácil, sobreviver é que difícil, menino. Se você se descuidar, a morte vem e pega você à traição”, advertiu-o a vivandeira. “Estou com medo”, Severo murmurou; e ela, talvez mesmo sem ter ouvido o que ele acabava de dizer, adivinhou o terror que o dominava, pois tirou uma pequena medalha de prata que trazia no pescoço e depositou-a em suas mãos. “Que a Virgem o proteja”, sussurrou e, inclinando-se, beijou-o de leve nos lábios antes de afastar-se. Severo ficou com o toque daqueles lábios e a medalha apertada na mão. Tiritava, seus dentes batiam castanholas, ardia em febre; de vez em quando desmaiava ou simplesmente dormia, mas quando acordava ou recuperava a consciência a dor o aturdiava. Horas mais tarde a vivandeira voltou com suas tranças escuras e entregou-lhe uns pedaços de pano molhados, para que limpasse o suor e o sangue ressequido, e também um prato de flandres com papa de milho, um pedaço de pão duro e uma caneca de café de chicória, um líquido morno e escuro no qual nem mesmo se esforçou por tocar, impedido pelas náuseas e a fraqueza dos músculos. Escondeu a cabeça embaixo da manta, abandonado ao sofrimento e ao desespero, gemendo e chorando como um menino, até que de novo adormeceu. “Perdeu muito sangue, meu filho, se não comer, morre”; foi despertado com essas palavras ditas por um capelão que percorria o local, distribuindo consolo entre os feridos e dando a extrema-unção aos moribundos. Então Severo del Valle lembrou-se de que decidira ir para a guerra a fim de morrer. Esse tinha sido o seu propósito ao perder Lynn Sommers, mas agora que a morte ali estava, curvada sobre ele como um abutre, esperando a oportunidade para dar-lhe a bicada final, o instinto de vida voltava a sacudi-lo. O desejo de salvar-se estava acima do tormento que, como um ferro aquecido, atravessava-o da perna amputada até a última fibra de seu corpo, mais forte do que a angústia, a incerteza e o terror. Compreendeu que, ao invés de

entregar-se à morte, queria desesperadamente permanecer no mundo, viver em qualquer estado e condição, de qualquer maneira, coxo, derrotado, nada importava, desde que continuasse neste mundo. Como qualquer soldado, sabia que só um em dez amputados conseguia sobreviver à perda de sangue e à gangrena, não tinha como evitá-las, tudo era uma questão de sorte. Decidiu que seria um dos sobreviventes. Pensou que sua maravilhosa prima Nívea merecia um homem inteiro, e não um mutilado, não desejava que ela o visse transformado em um farrapo, não seria capaz de tolerar sua compaixão. Contudo, ao cerrar os olhos ela ressurgiu ao seu lado. Viu Nívea não contaminada pela violência da guerra ou pela fealdade do mundo, inclinada sobre ele com seu rosto inteligente, seus olhos negros e seu sorriso travesso, e então o orgulho de Severo dissolveu-se como uma pedra de sal dentro d'água. Não teve a menor dúvida de que ela o amaria com meia perna a menos tanto quanto o havia amado antes. Tomou a colher com os dedos endurecidos, tratou de controlar os tremores, obrigou-se a abrir a própria boca e engoliu um bocado daquela asquerosa papa de milho, já fria e coberta de moscas.

Os regimentos chilenos entraram triunfalmente na cidade de Lima em janeiro de 1881 e, a partir dali, trataram de impor ao Peru a forçada paz da derrota. Uma vez serenada a bárbara confusão das primeiras semanas, os soberbos vencedores deixaram um contingente de dez mil homens para controlar a nação ocupada, enquanto as outras unidades empreendiam a viagem para o sul, recolhendo seus bem-merecidos lauréis, ignorando olímpicamente os milhares de soldados peruanos que haviam conseguido fugir para a montanha com o propósito de continuar a combater os ocupantes. A vitória tinha sido arrasadora, e assim os generais chilenos não podiam imaginar que os peruanos continuariam a fustigá-los durante três longos anos. A alma daquela obstinada resistência foi o lendário general Cáceres, que escapou milagrosamente da morte e, com uma ferida espantosa, partiu para as montanhas a fim de incentivar o renascimento da pertinaz semente da coragem em um exército andrajoso, formado de soldados fantasmas e levas de indígenas, com o qual levou a cabo uma cruenta guerra de

guerrilhas, emboscadas e escaramuças. Uniformes em farrapos, às vezes descalços, desnutridos e desesperados, os soldados de Cáceres lutavam com facas, lanças, cacetes, pedras, e alguns com fuzis antiquados, mas contavam com a vantagem de conhecer o terreno. Tinham escolhido com cuidado o campo de batalha no qual enfrentariam um inimigo disciplinado e bem-armado, ainda que nem sempre bem-suprido, porque o acesso àqueles lugares escarpados era tarefa para condores. Escondiam-se nos cumes nevados, em grutas e gargantas, em geleiras a milhares de metros de altura, onde o ar era tão escasso e o isolamento tão grande, que só eles, nascidos nas montanhas, podiam sobreviver. Os ouvidos dos soldados chilenos sangravam, eles caíam desmaiados por falta de oxigênio, seus corpos congelavam-se nos frios desfiladeiros dos Andes. Enquanto eles subiam com a maior dificuldade, porque não tinham coração para tanto esforço, os índios do altiplano galgavam as encostas como lhamas, levando nas costas uma carga equivalente ao seu próprio peso, alimentando-se unicamente com a carne amarga das águias e uma bola verde de folhas de coca dando voltas na boca. Foram três anos de guerra sem trégua e sem prisioneiros, com milhares de mortos. As forças peruanas conseguiram ganhar somente uma das batalhas que tiveram de travar frontalmente, tendo como campo uma aldeia sem valor estratégico, guarnecida por setenta e sete soldados chilenos, alguns atacados pelo tifo. Os defensores tinham apenas cem balas por homem, mas lutaram durante toda a noite contra centenas de soldados e índios, e tamanha foi sua bravura, que, ao amanhecer, quando só restavam três atiradores, os oficiais peruanos suplicaram que se rendessem, porque lhes parecia ignominioso matá-los. Não atenderam ao apelo, continuaram lutando e morreram de baioneta na mão, gritando o nome de seu país. Com eles havia três mulheres, que a turba de indígenas arrastou para o centro da praça ensangüentada, onde elas foram violadas e despedaçadas. Uma delas tinha dado à luz durante a noite no interior da igreja, enquanto o marido lutava lá fora, mas também o seu bebê foi reduzido a pedaços. Os índios mutilaram os cadáveres, abriram seus ventres, esvaziaram suas entranhas e, segundo se contava em Santiago, comeram suas

vísceras assadas em espetos. Esse ato de bestialidade nada teve de excepcional, naquela guerra de guerrilhas os dois lados dividiam igualmente a barbárie. A rendição final e a assinatura do tratado de paz ocorreram em outubro de 1883, depois que as tropas de Cáceres foram vencidas em uma derradeira batalha, um massacre a ponta de faca e baioneta que deixou mais de mil mortos em campo. O Chile ficou com três províncias peruanas. A Bolívia perdeu sua única saída para o mar e foi obrigada a aceitar uma trégua indefinida, que se estenderia por vinte anos, até a assinatura de um novo tratado de paz.

Juntamente com milhares de outros feridos, Severo del Valle foi levado de navio para o Chile. Enquanto muitos morriam gangrenados ou infectados pelo tifo e a disenteria nas improvisadas enfermarias militares, ele conseguia recuperar-se graças a Nívea, que mal soube do ocorrido entrou em contato com seu tio, o ministro Vergara, e não o deixou em paz enquanto ele não mandou procurar Severo, retirou-o de um hospital onde não passava de um número entre milhares de doentes em condições fatídicas e o transferiu para Valparaíso no primeiro transporte disponível. Também forneceu uma permissão especial à sobrinha para que pudesse entrar na área militar da cidade e designou um tenente para ajudá-la. Quando Severo del Valle foi desembarcado, em uma padiola, Nívea não pôde reconhecê-lo; havia perdido vinte quilos, estava imundo, parecia um cadáver amarelo e hirsuto, com barba de várias semanas, olhos espavoridos e delirantes de louco. Nívea se sobrepôs ao espanto, com a mesma firme vontade de amazona que a sustentava em todas as lutas de sua vida, e o saudou com um alegre “Olá, primo, prazer em vê-lo!”, que Severo não pôde responder. Aliviadíssimo pela sua presença, Severo cobriu o rosto com as mãos para que ela não o visse chorar. O tenente havia providenciado o transporte e, de acordo com as ordens recebidas, levou Nívea e o ferido diretamente para o palácio do ministro em Viña del Mar, onde a mulher de Vergara havia preparado um aposento para Severo. “Meu marido mandou dizer que você deverá ficar aqui até poder andar, filho”, ela anunciou. O médico da família Vergara usou todos os recursos da ciência para devolver-lhe a saúde, porém um mês mais tarde,

quando viu que a ferida não cicatrizava e que Severo continuava a debater-se em meio a violentos ataques de febre, Nívea compreendeu que sua alma continuava a sofrer os horrores da guerra e que o único remédio contra tanta inquietação era o amor, e então decidiu recorrer a medidas extremas.

– Vou pedir permissão a meus pais para me casar com você – ela anunciou a Severo.

– Mas eu estou morrendo, Nívea – ele suspirou.

– Você tem sempre alguma desculpa, Severo! A agonia nunca foi impedimento para que uma pessoa se case.

– Quer ser viúva sem ter sido esposa? Não quero que aconteça a você aquilo que me aconteceu com Lynn.

– Não serei viúva, porque você não vai morrer. Poderia me pedir humildemente que case com você, primo? Me dizer, por exemplo, que eu sou a mulher de sua vida ou algo parecido. Invente alguma coisa, homem! Diga que não pode viver sem mim, até porque isso é verdade, não é? Admito que não gostaria de ser a única parte romântica nesta relação.

– Você está louca, Nívea. Nem ao menos sou um homem inteiro, não passo de um pobre inválido.

– Falta-lhe alguma outra coisa além de um pedaço de perna? – ela perguntou, alarmada.

– Acha pouco?

– Se tudo o mais estiver no lugar, Severo, penso que você perdeu muito pouco – ela disse, rindo.

– Pois então se case comigo, por favor – ele murmurou, com profundo alívio e um soluço atravessado na garganta, fraco demais para abraçá-la.

– Não chore, primo, me dê um beijo; para isso uma perna não faz falta – ela replicou, inclinando-se sobre a cama com o mesmo gesto que ele muitas vezes tinha visto em seus delírios.

Três dias mais tarde casaram-se, numa breve cerimônia, realizada em um dos mais belos salões da residência do ministro, com a presença das duas famílias. Devido às circunstâncias foi um casamento privado; mas só os parentes mais próximos somavam noventa e quatro pessoas. Severo apareceu em uma cadeira de rodas, pálido e fraco, com o cabelo cortado à moda Byron, a barba feita, uma roupa de gala, com camisa de colarinho rígido, botões de ouro e uma gravata

de seda. Não houve tempo para fazer um vestido de noiva nem um enxoval adequado para Nívea, mas suas irmãs e primas encheram dois baús com a roupa de casa que haviam passado anos bordando para os seus próprios enxovais. Ela usou um vestido de cetim branco e uma tiara de pérolas e diamantes, emprestados pela mulher de seu tio. Na fotografia da boda Nívea aparece radiante, de pé, ao lado da cadeira de seu marido. À noite houve uma representação dramática em família, à qual Severo del Valle não assistiu, pois as emoções do dia o haviam esgotado. Depois que os convidados se retiraram, Nívea foi conduzida por sua tia ao quarto que havia reservado para ela. “Lamento muito que sua primeira noite de casada seja assim...”, murmurou a boa senhora, ruborizando-se. “Não se preocupe, tia, me consolarei rezando um rosário”, a jovem replicou. Aguardou que a casa adormecesse e quando teve certeza de que nada mais se movia, exceto o vento salino do mar por entre as árvores do jardim, Nívea levantou-se de camisola, percorreu a passos largos aquele palácio alheio e entrou no quarto de Severo. A freira contratada para vigiar o sono do enfermo jazia desfeita em um sofá, profundamente adormecida, mas Severo estava desperto, esperando-a. Ela pôs um dedo nos lábios, pedindo silêncio, apagou as lâmpadas a gás e deitou-se na cama.

Nívea fora educada por monjas e vinha de uma família antiga, na qual jamais se mencionavam as funções do corpo, e muito menos aquelas relacionadas com a reprodução, mas estava com vinte anos, tinha uma boa memória e um coração apaixonado. Lembrava-se muito bem dos jogos clandestinos com seu primo nos recantos escuros da casa, da forma do corpo de Severo, da ansiedade do prazer sempre insatisfeito, da fascinação pelo pecado. Naquela época, o poder e a culpa os inibiam, e ambos saíam tremendo dos lugares proibidos, extenuados, a pele em chamas. Nos anos em que tinham vivido separados, teve de repassar cada instante compartilhado com o primo e transformar a curiosidade da infância em um amor profundo. Afora isso, havia explorado a fundo a biblioteca de seu tio José Francisco Vergara, homem de pensamento liberal e moderno, que não aceitava limitação alguma à sua inquietação intelectual e menos ainda se dispunha a tolerar a censura

religiosa. Enquanto Nívea classificava os livros sobre a ciência, a arte e a guerra, descobriu casualmente o meio de ter acesso a uma prateleira secreta, na qual encontrou um conjunto nada desprezível de romances constantes da lista negra da Igreja, além de textos eróticos, entre os quais uma divertida coleção de desenhos japoneses e chineses com casais de pés para o ar, em posturas anatomicamente impossíveis, mas capazes de inspirar o mais ascético, e com maior razão uma personagem de tanta imaginação quanto Nívea. Contudo, os textos mais didáticos para ela foram os romances pornográficos de uma tal de *Dama Anônima*, muito mal traduzidos do inglês para o espanhol; a jovem levou alguns escondidos em sua bolsa, leu-os cuidadosamente e os repôs de forma sigilosa no mesmo lugar, precaução inútil, porque seu tio andava pelo teatro de guerra e ninguém mais naquele palácio tinha acesso à biblioteca. Guiada por aqueles livros, Nívea explorou o próprio corpo, aprendeu os rudimentos da mais antiga arte da humanidade e se preparou para o dia em que lhe seria possível levar a teoria à prática. Sabia, sem dúvida, que estava cometendo um horrível pecado – o prazer é sempre um pecado –, porém se absteve de discutir o tema com seu confessor, pois lhe parecia que o prazer que dava a si mesma naquele momento, e que voltaria a dar no futuro, valia o risco de ir para o inferno. Rezava para que a morte não a surpreendesse de repente e para que lhe fosse possível confessar, antes de exalar seu último suspiro, as horas de deleite que os livros lhe haviam oferecido. Jamais lhe havia passado pela cabeça que aquele entretenimento solitário um dia fosse servir para ajudá-la a devolver a vida ao homem que amava, e muito menos que teria de fazê-lo a três metros de uma freira adormecida. A partir daquela primeira noite com Severo, Nívea dava um jeito de levar uma xícara de chocolate quente e uns biscoitinhos para a religiosa na hora de despedir-se do marido e retirar-se para seu quarto. Só que ao chocolate era acrescentada uma dose de valeriana capaz de manter um camelo adormecido. Severo del Valle jamais havia imaginado que sua casta prima fosse capaz de proezas tão extraordinárias. À ferida na perna, que lhe causava dores pungentes, juntavam-se a febre e a fraqueza para limitá-lo a um papel puramente passivo, mas aquilo que lhe faltava em matéria de força era compensado por

ela em termos de iniciativa e sabedoria. Severo não tivera, até então, a menor idéia de que tais acrobacias fossem possíveis e estava convencido de que não eram cristãs, mas isso não o impedia de gozá-las plenamente. Se não fosse pelo fato de conhecer Nívea desde a infância, teria pensado que sua prima fora treinada em um serralho turco, mas, embora o inquietasse a forma como a donzela havia aprendido tal variedade de truques de meretriz, foi inteligente o bastante para não fazer perguntas a respeito. Acompanhou-a com docilidade naquela viagem pelos sentidos até onde o corpo permitiu, entregando-lhe pelo caminho até o último resquício de sua alma. Embaixo dos lençóis os dois se buscavam conforme as maneiras descritas pelos pornógrafos da biblioteca do honrado ministro da guerra e depois com outras que eles próprios iam inventando, sob o agulhão do amor e do desejo, embora limitados pelo coto de perna envolvido em bandagens e pela presença da monja que roncava em seu sofá. O amanhecer vinha surpreendê-los num emaranhado de braços, com as bocas unidas respirando em unísono, e, assim que se insinuava a primeira luz do dia, ela deslizava como uma sombra de volta ao seu aposento. Aqueles jogos se transformaram em verdadeiras maratonas de concupiscência, os dois se acariciavam com apetite voraz, beijavam-se, lambiam-se, penetravam-se por todas as partes, tudo na mais completa escuridão, no mais absoluto silêncio, engolindo os suspiros e mordendo os travesseiros para sufocar a alegre luxúria que, naquelas noites excessivamente breves, elevava-os de vez em quando às alturas da glória. O relógio voava: mal Nívea irrompia no aposento, com a leveza de um espírito, a fim de introduzir-se na cama de Severo, e já era de manhã. Nenhum dos dois pregava os olhos, não podiam perder um minuto só daqueles benditos encontros. No dia seguinte ele dormia, até por volta das doze horas, como se fosse um recém-nascido; ela, porém, levantava-se cedo, com um ar confuso de sonâmbula, e cumpria todas as rotinas normais. À tarde, Severo del Valle saía para o terraço em sua cadeira de rodas e ali repousava contemplando o pôr do sol no oceano, enquanto Nívea, ao seu lado, tentava bordar pequenas mantas e acabava por adormecer. Diante dos outros, os dois se comportavam como irmãos, não se tocavam e quase não se olhavam, mas o

ambiente ao redor deles estava carregado de ansiedade. Passavam o dia contando as horas, aguardando com delirante veemência que chegasse a hora de voltarem a abraçar-se na cama. O que faziam durante as noites teria horrorizado o médico, as duas famílias, a sociedade inteira, para não falar da monja. Os parentes e amigos, no entanto, comentavam a abnegação de Nívea, aquela jovem tão pura e tão católica, condenada a um amor platônico, e elogiavam a fortaleza moral de Severo, que havia perdido uma perna e arruinado a própria vida lutando em defesa da pátria. Em suas intrigas, as comadres espalhavam que Severo não havia perdido apenas uma perna, mas também seus atributos viris. Coitadinhos, lamentavam entre suspiros, sem suspeitar o quanto passava bem aquela parilha de dissipados. Uma semana depois de terem começado a anestesiá-la com chocolate e fazer amor como os egípcios, a ferida deixada pela amputação havia cicatrizado e a febre desaparecido. Menos de dois meses depois Severo del Valle já andava de muletas e começava a falar de uma perna de madeira, enquanto Nívea revolvía as entranhas, escondida em algum dos vinte e dois banheiros do palácio de seu tio. Quando não houve mais jeito de ocultar da família a gravidez de Nívea, a surpresa foi tão geral e de tais proporções, que se chegou a atribuir o fato a um milagre. Sem dúvida, a mais escandalizada de todas era a freira, porém Severo e Nívea sempre suspeitaram que, apesar das superlativas doses de valeriana, a santa mulher teve oportunidade de aprender muitas coisas; fingia estar adormecida para não privar-se do prazer de espiá-los. O único que se mostrou capaz de imaginar como os dois haviam feito aquilo, e que celebrou a perícia do casal com uma sonora gargalhada, foi o ministro Vergara. Quando Severo pôde dar os primeiros passos com sua perna artificial e o ventre de Nívea não teve mais como ser dissimulado, ele ajudou o casal a instalar-se em outra casa e deu um emprego a Severo del Valle. “O país e o Partido Liberal necessitam de pessoas com uma audácia igual à sua”, disse Vergara, embora, a bem da verdade, a audaciosa no caso fosse Nívea.

Não conheci meu avô Feliciano Rodríguez de Santa Cruz, morto alguns meses antes que eu fosse morar em sua casa.

Sofreu uma apoplexia quando estava sentado à cabeceira da mesa, presidindo um banquete em sua mansão de Nob Hill, engasgado com um pastel de carne de cervo e um gole de vinho francês. Levantaram-no do chão e o recostaram, moribundo, em um sofá, com sua bela cabeça de príncipe árabe no colo de Paulina del Valle, que para animá-lo repetia: “Não morra, Feliciano, olha que ninguém convida as viúvas para nada... Respira, homem! Se você respirar, prometo que hoje mesmo, sem falta, mando tirar o ferrolho de minha porta.” Contam que Feliciano chegou a sorrir antes que o coração explodisse e o sangue jorrasse dele. Há numerosos retratos daquele chileno fornido e alegre; é fácil imaginá-lo vivo, porque em nenhum ele está posando para o pintor ou para o fotógrafo, em todos dá impressão de o terem surpreendido em um gesto espontâneo. Ria com dentes de tubarão, gesticulava ao falar, movimentava-se com a segurança e a petulância de um pirata. Com sua morte, Paulina del Valle desmoronou; de tão deprimida, não pôde comparecer ao funeral nem a nenhuma das muitas homenagens que a cidade prestou ao morto. Como seus três filhos estavam ausentes, coube ao mordomo Williams e aos advogados da família dirigirem as exéquias. Os dois filhos mais jovens chegaram algumas semanas mais tarde, porém Matías continuou na Alemanha, a pretexto de cuidar da saúde, e sendo assim não apareceu para consolar a mãe. Pela primeira em sua vida Paulina perdeu a coqueteria, o apetite e o interesse pelos livros de contabilidade, recusava-se a sair e passava dias inteiros na cama. Não permitiu que ninguém a visse naquelas condições, só as mucamas sabiam de seu choro, elas e Williams, que fingia não perceber seu sofrimento, limitando-se a estar sempre por perto, de modo a poder ajudá-la caso ela o solicitasse. Uma tarde Paulina parou casualmente diante do grande espelho dourado que ocupava meia parede de seu banheiro e viu em que havia se transformado: numa bruxa gorda e malvestida, com uma cabecinha de tartaruga coroada por um verdadeiro matagal de cabelos grisalhos. Deu um grito de horror. Nenhum homem no mundo – e menos ainda Feliciano – merecia tamanha abnegação, Paulina concluiu. Tinha chegado ao fundo, era hora de pisar forte e voltar de um pulo à superfície. Tocou a campainha para chamar as mucamas,

ordenando-lhes que a ajudassem a tomar banho e mandassem vir o cabeleireiro. A partir daquele dia se refez do luto com uma vontade de ferro, ajudada apenas por montanhas de doce e longos banhos de tina. Muitas vezes a noite vinha surpreendê-la com a boca cheia e o corpo mergulhado na banheira, mas não voltou a chorar. No Natal emergiu de sua reclusão com vários quilos a mais, porém inteiramente refeita, e então comprovou que na sua ausência o mundo continuara a girar e que ninguém havia sentido a sua falta, o que foi um incentivo a mais para manter-se definitivamente de pé. Não permitiria que a ignorassem, decidiu; acabava de completar sessenta anos e ainda pretendia viver mais uns trinta, nem que fosse apenas para mortificar seus semelhantes. Vestiria luto durante alguns meses, era o mínimo que podia fazer em respeito a Feliciano, mas estava certa de que ele não gostaria de vê-la convertida em uma daquelas viúvas gregas que se cobriam de trapos negros para o resto de suas vidas. Começou a pensar em um novo guarda-roupa em tons pastéis, para ser usado no ano seguinte em uma viagem pela Europa, na qual não pensaria em negócios. Sempre tivera vontade de ir ao Egito, mas Feliciano achava que aquilo não passava de um país de areia e múmias, onde tudo que era interessante havia acontecido há três mil anos. Agora que estava só podia realizar aquele sonho. Logo, no entanto, iria perceber o quanto sua existência havia mudado e como era pouco estimada pela sociedade de San Francisco; toda sua fortuna era insuficiente para que a perdoassem por sua origem hispano-americana e seu acento de cozinheira. Tal como havia dito de brincadeira, ninguém a convidava, já não era a primeira a receber convites para as festas, não lhe pediam que inaugurasse um hospital ou um monumento, seu nome deixou de aparecer nas colunas sociais e na ópera mal lhe dirigiam uma saudação. Estava excluída. Por outro lado, tornava-se muito difícil incrementar os seus negócios, porque sem o marido não tinha quem a representasse nos meios financeiros. Calculou minuciosamente seus haveres e chegou à conclusão de que seus três filhos gastavam o dinheiro com rapidez maior do que ela podia ganhá-lo, havia dívidas por todos os lados, e, antes de morrer, Feliciano tinha feito alguns péssimos investimentos acerca dos quais ela não fora

consultada. Não era tão rica quanto havia pensado, mas estava longe de sentir-se derrotada. Chamou Williams e ordenou-lhe que chamasse um decorador para reformar os salões, um *chef* para planejar uma série de banquetes que ofereceria por motivo do Ano-novo, um agente de viagem para falar do Egito, um costureiro para desenhar os seus novos vestidos. Estava nisso, tomando medidas de emergência para repor-se do susto da viuvez, quando se apresentou em sua casa uma garotinha vestida de popelina branca, com um barrete rendado, botinhas de verniz, levada pela mão de uma mulher enlutada. Eram Eliza Sommers e sua neta Aurora, que Paulina tinha visto pela última vez cinco anos antes.

– Estou lhe trazendo a garota, tal como você queria, Paulina
– Eliza disse tristemente.

– Santo Deus, que aconteceu? – Paulina del Valle perguntou, apanhada de surpresa.

– Meu marido morreu.

– Então estamos as duas viúvas... – Paulina murmurou.

Eliza Sommers explicou que não poderia cuidar da neta, pois tinha de levar o cadáver de Tao Chi'en para a China, conforme sempre havia prometido. Paulina del Valle chamou Williams e ordenou-lhe que levasse a menina para ver os pavões reais no jardim, enquanto as duas conversavam.

– Quando acha que vai voltar, Eliza? – Paulina perguntou.

– Pode ser uma viagem muito demorada.

– Não quero me afeiçoar pela menina e depois de alguns meses ter de devolvê-la. Eu ficaria de coração partido.

– Prometo que isso não acontecerá, Paulina. Você pode oferecer à minha neta uma vida melhor do que eu poderia lhe dar. Não pertenço a lugar nenhum. Sem Tao, não me faz sentido viver em Chinatown, também não me entendo com os americanos e não tenho nada para fazer na China. Sou uma estrangeira em todos os lugares, mas desejo que Lai-Ming tenha raízes, uma família e uma boa educação. Penso que seria dever de Severo del Valle, seu pai legal, encarregar-se dela, mas ele está muito longe e tem outros filhos. Como você sempre quis ter a menina, pensei que...

– Fez muito bem, Eliza! – Paulina interrompeu.

Paulina del Valle ouviu do começo ao fim o relato da

tragédia que havia se abatido sobre Eliza Sommers e em seguida averiguou todos os detalhes acerca de Aurora, inclusive o papel que Severo del Valle tinha desempenhado em seu destino. Sem saber como, rancor e orgulho foram se evaporando pelo caminho, e Paulina se viu abraçando comovidamente aquela mulher a quem momentos antes considerava sua pior inimiga, agradecendo-lhe a incrível generosidade de entregar-lhe a neta e jurando-lhe que seria uma verdadeira avó, certamente não tão boa quanto ela e Tao Chi'en tinham sido, mas disposta a dedicar o resto da vida a cuidar de Aurora e fazê-la feliz. Aquela seria a sua missão número um neste mundo.

– Lai-Ming é uma garota esperta. Dentro em breve irá perguntar quem é seu pai. Até recentemente acreditava que seu pai, seu avô, seu melhor amigo e Deus eram a mesma pessoa: Tao Chi'en – disse Eliza.

– O que quer que eu diga, caso ela pergunte? – Paulina quis saber.

– Diga-lhe a verdade, isso é sempre o mais fácil de entender – Eliza aconselhou.

– Que meu filho Matías é seu pai biológico e meu sobrinho Severo é seu pai legal?

– Por que não? E diga-lhe que sua mãe se chamava Lynn Sommers, uma jovem boa e muito bonita – murmurou Eliza, com a voz sumida.

As duas avós concordaram, ali mesmo, que, para não deixar a neta ainda mais confusa, convinha separá-la definitivamente de sua família materna, que ela não voltasse a falar chinês e não tivesse contato nenhum com o passado. Aos cinco anos ainda não se sabe usar a razão, as duas concluíram; com o tempo a pequena Lai-Ming esqueceria suas origens e o trauma dos fatos recentes. Eliza Sommers comprometeu-se a não tentar nenhuma forma de comunicação com a menina, e Paulina del Valle a adorá-la como teria adorado a filha que tanto havia desejado e que jamais tivera. Despediram-se com um breve abraço, e Eliza saiu por uma porta de serviço, para que sua neta não a visse afastar-se.

Lamento muito que aquelas duas boas senhoras – minhas avós Eliza Sommers e Paulina del Valle – tenham decidido meu

destino sem me permitir participação alguma. Com a mesma colossal determinação que aos dezoito anos levou-a a sair de um convento com a cabeça raspada para fugir com seu noivo e aos vinte e oito acumulou uma fortuna transportando em navios toneladas de gelo pré-histórico, minha avó Paulina empenhou-se em apagar todos os traços da minha procedência. E se não fosse por uma acrobacia do destino, que na última hora lhe alterou os planos, ela teria conseguido. Lembro-me muito bem da primeira impressão que tive dela. Vejo-me entrando em um palácio encarapitado em uma colina, atravessando jardins com espelhos d'água e arbustos recortados, vejo os degraus de mármore, ladeados por leões de bronze em tamanho natural, a porta dupla de madeira escura e o imenso *hall* iluminado pelos vitrais coloridos de uma cúpula que coroava majestosamente o teto. Eu nunca tinha estado em um lugar como aquele e me sentia tão fascinada quanto possuída pelo medo. Em seguida me vi diante de uma poltrona dourada, onde estava Paulina del Valle, rainha em seu trono. Como voltei a vê-la muitas vezes instalada naquela mesma poltrona, não é difícil imaginar o seu aspecto no meu primeiro dia em Nob Hill: imponente, enfeitada com uma profusão de jóias e tecido bastante para fazer um grande cortinado. Ao seu lado o resto do mundo desaparecia. Tinha uma bela voz, uma grande elegância natural e os dentes brancos e bem-alinhados, produto de uma perfeita ponte de porcelana. Naquela época certamente seus cabelos já eram grisalhos, mas traziam sempre o mesmo castanho da juventude e tinham o volume aumentado por uma série de pequenos chinós habilmente dispostos, de maneira que o penteado parecia uma torre. Até então eu não tinha visto uma pessoa com tais dimensões, perfeitamente adequada ao tamanho e à suntuosidade de sua mansão. Agora, quando finalmente descubro o que me ocorreu nos dias anteriores àquele momento, compreendo que não é justo atribuir meu espanto unicamente àquela avó formidável; quando me levaram para sua casa, o terror fazia parte de minha bagagem, como a pequena maleta e a boneca chinesa às quais eu me agarrava. Depois de passarmos pelo jardim e de eu me ver sentada em uma imensa e vazia sala de jantar, tendo diante de mim uma taça de sorvete, Williams me levou à sala das aquarelas, onde eu

supunha que minha avó Eliza me esperava, mas em seu lugar me encontrei com Paulina del Valle, que se aproximou de mim com cuidado, como quem tenta agarrar um gato esquivo, e disse que me amava muito e a partir daquele momento eu passaria a morar naquela grande casa e teria muitas bonecas, além de um pônei e um coche do meu tamanho.

– Eu sou tua avó – ela esclareceu.

– E onde está minha avó verdadeira? – dizem que perguntei.

– Eu sou a tua verdadeira avó, Aurora. A outra avó foi fazer uma longa viagem – Paulina me explicou.

Deitei a correr, cruzei o *hall* da cúpula, perdi-me na biblioteca, fui sair na sala de jantar, meti-me embaixo da mesa e ali fiquei encolhida, muda de confusão. Era um móvel enorme, com o tampo de mármore verde e as pernas ornamentadas com figuras de cariátides, impossível de ser mudado de lugar. Logo chegaram Paulina del Valle, Williams e dois criados decididos a me seduzirem, mas eu escapava como uma doninha assim que alguém se aproximava de mim. “Deixe-a, senhora, daqui a pouco ela sairá por vontade própria”, sugeriu Williams, mas, como várias horas se houvessem passado e eu continuasse entrincheirada embaixo da mesa, me trouxeram outra taça de sorvete, uma almofada e um cobertor. “Quando adormecer, nós a tiraremos daí”, disse Paulina del Valle, mas não adormeci e, em troca, urinei na roupa, com plena consciência da falta que estava cometendo, mas excessivamente assustada para sair à procura de um banheiro. Permaneci embaixo da mesa inclusive quando Paulina jantava; de minha trincheira via suas pernas grossas, seus pequenos sapatos de cetim, deformados pelo tamanho dos pés, e as calças negras dos criados que passavam servindo. Em duas ocasiões ela se abaixou com tremenda dificuldade a fim de me seduzir com uma piscar de olho, gesto ao qual reagi escondendo a cara entre os joelhos. Eu estava morrendo de fome, de cansaço e de vontade de ir ao banheiro, mas era tão orgulhosa quanto a própria Paulina del Valle e não me renderia com facilidade. Pouco depois Williams empurrou para baixo da mesa uma bandeja com um terceiro sorvete, biscoitos e um grande pedaço de bolo de chocolate. Esperei que ele se afastasse e, quando me senti segura, quis comer, mas quanto mais minha mão avançava, mais se distanciava a

bandeja, que o mordomo ia puxando por um cordão. Quando, finalmente, pude apanhar um biscoito, já estava fora de meu refúgio, mas como não havia ninguém na sala de jantar pude devorar as guloseimas em paz e voltar voando para debaixo da mesa, assim que ouvi um pequeno ruído. O mesmo iria acontecer horas mais tarde, ao clarear do dia, até que seguindo a bandeja movediça cheguei à porta, onde, com um cãozinho amarelado, me esperava Paulina del Valle, que me pôs nos braços.

– Tome, é para você, Aurora. Esse cachorrinho também se sente só e assustado – ela me disse.

– Meu nome é Lai-Ming.

– Seu nome é Aurora del Valle – replicou a rotunda Paulina.

– Onde é o banheiro? – perguntei com as pernas cruzadas.

Foi assim que se iniciou minha relação com aquela colossal avó, para quem o destino me levava. Ela me instalou em um quarto próximo do seu e me autorizou a dormir com o cachorro, ao qual dei o nome de *Caramelo*, porque era essa a sua cor. À meia-noite despertei com o pesadelo dos meninos de pijamas negros e, sem pensar duas vezes, fui voando para a lendária cama de Paulina del Valle, assim como antes me introduzia todas as madrugadas na de meu avô, para que ele me acalmasse com seus mimos. Estava habituada a ser recebida pelos braços firmes de Tao Chi'en, nada me confortava tanto quanto o seu cheiro de mar e a litania de palavras doces em chinês, que ele me recitava meio adormecido. Ignorava que as crianças normais não cruzam o umbral dos aposentos dos adultos, e muito menos que se enfiem em suas camas; tinha me criado em estreito contato físico, beijada e mimada até o infinito pelos meus avós maternos, não conhecia outra forma de consolo ou descanso a não ser um abraço. Ao me ver, Paulina del Valle me repeliu escandalizada, e eu me pus a gemer baixinho, fazendo coro com o pobre do cachorro, e tão lamentável lhe deve ter parecido nosso estado, que ela acabou por fazer um sinal para que nos aproximássemos. Pulei na cama e cobri a cabeça com os lençóis. Imagino que dormi imediatamente, mas o certo mesmo é que amanheci encolhida entre os grandes seios que cheiravam a gardênia, enquanto o cachorro se enroscava aos meus pés. O que primeiro fiz ao

despertar entre os delfins e as náiades florentinas foi perguntar pelos meus avós Eliza e Tao Chi'en. Procurei-os por toda a casa e pelos jardins, depois me instalei diante da porta à espera de que viessem me buscar. A cena repetiu-se por todo o restante da semana, apesar dos presentes, dos passeios e dos agrados de Paulina. No sábado fugi. Nunca estivera sozinha na rua e não era capaz de situar-me, mas o instinto me dissera que devia descer a colina, e assim cheguei ao centro de San Francisco, onde deambulei durante várias horas, aterrorizada, até que vislumbrei uma dupla de chineses com um carrinho carregado de roupa para lavar e os segui a uma distância prudente, pois se pareciam bastante com meu tio Lucky. Dirigiam-se para Chinatown – ali se situavam todas as lavanderias da cidade –, e, assim que entrei naquele bairro que tanto conhecia, me senti segura, embora ignorasse os nomes das ruas e o endereço dos meus avós. Eu era tímida e estava excessivamente assustada para pedir ajuda, de modo que continuei a andar sem rumo fixo, guiada pelos cheiros dos alimentos, pelos sons da língua e pelo aspecto das centenas de pequenas lojas diante das quais tantas vezes havia passado, segurando a mão de meu avô Tao Chi'en. Em certo momento fui vencida pelo cansaço e então me acomodei no portal de um velho edifício, e ali adormeci. Fui despertada pelas sacudidas e grunhidos de uma velha de finas sobranceiras pintadas a carvão no meio da testa, de maneira que seu rosto parecia bem mais uma máscara. Soltei um grito de pavor, mas já era tarde para safar-me, pois ela me segurava pelas duas mãos. Esperneando, fui levada por ela até uma espécie de quarto, pequenino e infecto, onde fiquei presa. O quarto cheirava muito mal, e entre o medo e a fome suponho que adoeci, pois logo comecei a vomitar. Não tinha idéia de onde estava. Assim que me recuperei das náuseas comecei a gritar a plenos pulmões pelo meu avô, e então a mulher voltou e me deu umas bofetadas de tirar o fôlego; nunca ninguém havia batido em mim, e creio que a surpresa foi maior do que a dor. Falando em cantonês ela disse que se eu não calasse a boca me bateria com uma vara de bambu, em seguida tirou minha roupa, examinou-me por inteiro, dando especial atenção à boca, aos ouvidos e aos genitais, vestiu-me uma camisola limpa e levou minha roupa suja. Fiquei novamente sozinha no

minúsculo quarto, que ia escurecendo cada vez mais, à medida que entrava menos luz pela única abertura de ventilação.

Creio que essa aventura muito me marcou, pois já se passaram vinte e cinco anos e, no entanto, ainda tremo quando recordo aquelas horas intermináveis. Naquela época jamais se viam meninas sozinhas em Chinatown, as famílias tinham os maiores cuidados com elas, pois ao menor descuido podiam desaparecer nos subterrâneos da prostituição infantil. Eu era jovem demais para isso, mas freqüentemente meninas de minha idade eram compradas ou raptadas para que, desde a infância, fossem treinadas em toda espécie de depravação. A mulher voltou horas mais tarde, quando já estava escuro, acompanhada de um homem mais jovem. Observaram-me à luz de uma lâmpada e começaram a discutir acaloradamente em seu idioma, que eu conhecia, mas entendia pouco, porque me sentia extenuada e estava morta de medo. Pareceu-me ter ouvido várias vezes o nome de meu avô Tao Chi'en. Saíram, e eu me vi novamente só, tiritando de frio e de terror, não sei por quanto tempo. Mais tarde, quando a porta voltou a abrir-se e a luz da lâmpada me cegou, escutei meu nome em chinês, Lai-Ming, e reconheci a voz inconfundível de meu tio Lucky. Seus braços me ergueram, e eu não soube mais o que aconteceu, pois, de tão aliviada, perdi os sentidos. Não me lembro da viagem de coche, nem do momento em que voltei a encontrar-me no palacete de Nob Hill, diante de minha avó Paulina. Tampouco me lembro do que se passou nas semanas seguintes, porque fui infectada pela catapora e estive muito doente; foi um período confuso, de muitas mudanças e contradições.

Agora, atando os cordões soltos do meu passado, posso assegurar, sem a menor dúvida, que fui salva pela boa sorte de meu tio Lucky. A mulher que me raptou na rua foi comunicar o fato a um representante de seu *tong*, pois nada acontecia em Chinatown sem o conhecimento e a aprovação daqueles bandos. A comunidade inteira pertencia aos diferentes *tongs*. Irmandades fechadas e ciosas, que agrupavam seus membros exigindo deles lealdade e comissões em troca de proteção, contatos para trabalhar e a promessa de levar de volta à China os corpos dos que porventura viessem a morrer em solo americano. O homem tinha-me visto muitas vezes andando pela

mão de meu avô e, por uma feliz coincidência, pertencia ao mesmo *tong* de Tao Chi'en. Foi ele quem chamou meu tio. O primeiro impulso de Lucky foi me levar para sua casa, para que sua nova esposa, recém-comprada na China mediante catálogo, tomasse conta de mim, mas logo compreendeu que as instruções de seus pais deviam ser respeitadas. Depois de me entregar a Paulina del Valle, minha avó Eliza tinha partido com o corpo de seu marido a fim de enterrá-lo em Hong Kong. Tanto ela como Tao Chi'en sempre haviam considerado que o bairro chinês de San Francisco era um mundo pequeno demais para mim, desejavam que eu fizesse parte dos Estados Unidos. Embora não estivesse de acordo com esse ponto de vista, Lucky Chi'en não podia desobedecer à vontade de seus pais, por isso pagou aos meus raptos a quantia exigida e me levou de volta à casa de Paulina del Valle. Eu só voltaria a vê-lo vinte anos mais tarde, quando fui procurá-lo a fim de averiguar os últimos detalhes de minha história.

A orgulhosa família dos meus avós paternos viveu trinta e seis anos em San Francisco sem deixar muito rastro. Andei muito em busca de suas marcas. O palacete de Nob Hill é hoje um hotel, e ninguém sabe dizer quem foram os seus primeiros donos. Examinando jornais antigos na biblioteca, descobri numerosas menções à família nas colunas sociais, bem como a história da estátua da República e o nome de minha mãe. Existe ainda uma pequena notícia sobre a morte de meu avô Tao Chi'en, um obituário muito elogioso, escrito por um tal de Jacob Freemont, e um comunicado fúnebre da Sociedade Médica, no qual a entidade agradece as contribuições do *zhong-yi* Tao Chi'en à medicina ocidental. Trata-se de algo raro, pois a população chinesa era então quase invisível, nascia, vivia e morria à margem daquilo que acontecia nos Estados Unidos, mas o prestígio de Tao Chi'en havia ultrapassado os limites de Chinatown e da Califórnia, ele chegara a ser conhecido na Inglaterra, onde fez várias conferências sobre acupuntura. Sem esses testemunhos impressos, a maior parte dos protagonistas desta história teria desaparecido, arrastada pelo vento da memória adversa.

Minha fuga para Chinatown em busca dos avós maternos

somou-se a outros motivos que induziram Paulina del Valle a voltar para o Chile. Compreendeu que nem festas suntuosas nem outros esbanjamentos seriam capazes de devolver-lhe a situação social que havia tido quando o marido vivia. Estava envelhecendo só, longe de seus filhos, seus parentes, seu idioma, sua terra. O dinheiro que lhe restara não era suficiente para manter o modo de vida habitual em sua mansão de quarenta e cinco peças, porém seria uma fortuna imensa no Chile, onde tudo ainda era bem mais barato. Além disso, tinha-lhe caído no colo uma neta estranha, a quem considerava necessário desenraizar completamente de seu passado chinês, caso pretendesse fazer dela uma senhorita chilena. Paulina não podia suportar a idéia de que eu fugisse novamente e contratou uma ama inglesa para me vigiar dia e noite. Cancelou seus planos de viagem ao Egito e os banquetes de Ano-novo, mas apressou a confecção de seu novo guardaroupa, tratando em seguida de dividir metodicamente seu dinheiro entre os Estados Unidos e a Inglaterra, enviando ao Chile apenas o indispensável para instalar-se, pois a situação política lhe parecia instável. Escreveu uma longa carta ao seu sobrinho Severo del Valle, a fim de reconciliar-se com ele, contar-lhe o que havia acontecido a Tao Chi'en e a decisão tomada por Eliza Sommers de entregar-lhe a menina, explicando as vantagens de confiar-lhe a criação da garota. Severo del Valle entendeu suas razões e aceitou a proposta, até porque já era pai de dois filhos e sua mulher estava à espera do terceiro, mas negou-se a entregar-lhe a tutela legal, como ela pretendia.

Os advogados de Paulina ajudaram-na a pôr suas finanças em ordem e a vender a mansão, enquanto seu mordomo Williams se encarregava dos aspectos práticos do traslado da família para o sul do mundo e de embalar todas as posses de sua patroa, pois ela não quis vender nada, não gostaria de más línguas dizendo que o fazia por necessidade. Conforme o programado, Paulina tomaria um navio comigo, a ama inglesa e outros empregados de confiança, enquanto Williams mandava a bagagem para o Chile e em seguida, depois de receber uma bela gratificação em libras esterlinas, estaria livre. Aquela seria sua última função como empregado de Paulina. Uma semana antes que ela embarcasse, Williams pediu permissão para falar-

lhe a sós.

– Desculpe, senhora, posso perguntar por que perdi sua estima?

– De que está falando, Williams? Você bem sabe o quanto o aprecio e quanto sou grata pelos seus serviços.

– Contudo, não quer me levar para o Chile...

– Por Deus, homem! Essa idéia não tinha me ocorrido. Que faria um mordomo inglês no Chile? Lá não existe nenhum outro. Ririam de você e de mim. Já olhou para aquele mapa? O Chile é um país distante e lá ninguém fala inglês, sua vida não seria nada agradável. Não tenho direito de lhe pedir tal sacrifício, Williams.

– Se me permite dizer, sacrifício maior será me separar da senhora.

Paulina del Valle ficou a olhar para seu empregado com os olhos esbugalhados de surpresa. Pela primeira vez percebia que Williams era mais do que um simples autômato vestido de preto, com luvas brancas e colarinho duro. Viu então, diante dela, um homem de cerca de cinquenta anos, ombros largos e rosto agradável, olhos penetrantes e vasta cabeleira cor de pimenta caiena; tinha mãos toscas de estivador e dentes amarelados pela nicotina, embora ela jamais o tivesse visto fumando ou mascando tabaco. Ficaram calados por um interminável momento, ela observando-o e ele sustentando-lhe o olhar sem dar mostras de desassossego.

– Senhora, foi-me impossível não notar as dificuldades que lhe trouxe a viuvez – disse finalmente Williams, na linguagem indireta que costumava empregar.

– Está brincando? – Paulina sorriu.

– Nada mais distante de minhas intenções, senhora.

– Ora! – disse ela, temperando a garganta após a longa pausa que se seguiu à resposta do mordomo.

– A senhora deve estar se perguntando o que tudo isso significa – ele continuou.

– Digamos que você conseguiu me inquietar, Williams.

– Já que não posso ir para o Chile como seu mordomo, pensei que não seria uma idéia de todo má ir como seu marido.

Paulina del Valle teve a sensação de que o chão se abria e ela afundava com sua cadeira até o centro da terra. Seu primeiro

pensamento foi o de que um parafuso havia afrouxado na cabeça daquele homem, não havia outra explicação; mas, ao constatar a dignidade e a calma do mordomo, engoliu os insultos que já lhe haviam subido à boca.

– Permita-me explicar-lhe meu ponto de vista, senhora – acrescentou Williams. – Não pretendo, é claro, exercer a função de esposo no aspecto sentimental. Também não ambiciono sua fortuna, que estaria totalmente a salvo, para isso a senhora tomaria as medidas legais pertinentes. Meu papel junto à senhora seria praticamente o mesmo: auxiliá-la em tudo que puder, sempre com a máxima discrição. Suponho que no Chile, como no resto do mundo, as mulheres sós enfrentam muitos inconvenientes. Para mim seria uma honra assumir as dificuldades em seu lugar.

– O que você ganharia com esse curioso arranjo? – Paulina perguntou, sem dissimular o tom de mordacidade.

– De um lado, ganharia respeito. De outro, admito que a idéia de não voltar a vê-la me atormentou desde que se pôs a fazer planos para deixar a América. Passei ao seu lado metade da vida, estou habituado.

Paulina ficou muda por mais uma eternidade, enquanto a estranha proposta de seu empregado lhe volteava na cabeça. Tal qual fora apresentada, era sem dúvida um bom negócio, com vantagens para ambos; ele desfrutaria de um alto nível de vida, que de outro modo jamais teria, e ela andaria de braço dado com um sujeito que, olhado com atenção, era perfeitamente distinto. De fato, Williams parecia um membro da nobreza britânica. Só de imaginar a cara de seus parentes no Chile e a inveja de suas irmãs, Paulina soltou uma gargalhada.

– Você tem pelo menos dez anos e trinta quilos menos que eu, não teme o ridículo? – ela perguntou, ainda sacudida pelo riso.

– Não. E a senhora, não teme que a vejam com alguém de minha condição?

– Não tenho medo de nada nesta vida e gosto de escandalizar o próximo. Como é seu nome, Williams?

– Frederick.

– Frederick Williams... Bom nome, para lá de aristocrático.

– Lamento dizer-lhe, senhora, que de aristocrático é só isso

que tenho – disse Williams sorrindo.

E assim, cerca de uma semana depois, minha avó Paulina del Valle, seu recém-estreado marido, o cabeleireiro, a ama, duas criadas, um criado e eu partimos de trem para Nova York, com um carregamento de baús, e de lá embarcamos para a Europa em um navio britânico. Também nos acompanhava *Caramelo*, que estava naquela etapa de desenvolvimento em que os cachorros fornicam com tudo que encontram e, no caso, inclusive com a capa de pele de raposa de minha avó. Da cintura da capa pendiam caudas inteiras, e *Caramelo*, confuso diante da passividade com a qual elas recebiam suas abordagens amorosas, acabou por destroçá-las a dentadas. Furiosa, Paulina del Valle esteve a ponto de atirar o cachorro e a capa pela amurada, mas, diante do faniquito que isso me provocou, ambos sobreviveram. Minha avó ocupava uma suíte de três aposentos, e Frederick Williams uma do mesmo tamanho do outro lado do corredor. Ela passava o dia comendo sem parar, trocando o vestido para cada atividade, ensinando-me aritmética, para que no futuro eu me encarregasse dos seus livros de contabilidade, e contando-me a história da família para que eu soubesse de onde vinha, sem jamais esclarecer a identidade de meu pai, como se eu tivesse aparecido no clã Del Valle por geração espontânea. Quando eu perguntava por minha mãe e meu pai, ela me respondia que haviam falecido e que isso não importava, pois bastava e sobrava tê-la por avó. Enquanto isso, Frederick Williams jogava *bridge* e lia jornais ingleses, como os demais cavalheiros da primeira classe. Tinha deixado crescer as suíças e cultivava agora um bigode frondoso, de pontas enceradas, fumava cachimbo e charutos cubanos. Confessou à minha avó que era um fumante empedernido e que o mais difícil de seu trabalho de mordomo tinha sido abster-se de fazê-lo em público, mas agora podia finalmente saborear seu tabaco e jogar no lixo as pastilhas de hortelã que comprava em grande quantidade e que lhe haviam perfurado o estômago. Naquela época em que os homens bem situados na vida ostentavam barriga e papada dupla, a figura bem mais delgada e atlética de Williams era uma raridade nos altos círculos sociais, embora suas maneiras impecáveis fossem muito mais convincentes que as de minha avó. À noite, antes de

descerem juntos para o salão de baile, passavam, a fim de despedir-se, pelo camarote que eu e minha ama dividíamos. Os dois eram um espetáculo: ela penteada e maquiada pelo seu cabeleireiro, vestida de gala, resplendente de jóias, como um ídolo gordo, e ele convertido em um distinto príncipe consorte. Às vezes eu me aproximava do salão a fim de espiá-los, maravilhada. Frederick Williams era capaz de manobrar Paulina del Valle pela pista de baile com a segurança de alguém habituado a carregar fardos de muitos quilos de peso.

Chegamos ao Chile um ano mais tarde, quando a vacilante fortuna de minha avó estava novamente de pé, graças à especulação do açúcar que havia posto em prática durante a Guerra do Pacífico. Sua teoria mostrara-se correta: em tempos ruins as pessoas têm necessidade de comer mais doce. Nossa chegada coincidiu com a apresentação da incomparável Sarah Bernhardt em seu papel mais célebre, *A Dama das Camélias*. A grande atriz não foi capaz de comover o público, como havia feito no resto do mundo civilizado, porque a hipócrita sociedade chilena não simpatizou com a cortesã tuberculosa, a todos parecia normal que ela se sacrificasse pelo amante, não vendo razão para tanto drama nem para tanta camélia de mentira. A famosa atriz convenceu-se de que havia visitado um país de pessoas severamente atingidas pela idiotice, opinião que Paulina dividia plenamente. Minha avó passeara com seu séquito por várias cidades da Europa, mas não cumprira seu sonho de ir ao Egito, na suposição de que ali não encontraria um camelo capaz de suportar seu peso, e teria de visitar as pirâmides a pé, sob um sol de lava ardente. Em 1886 eu tinha seis anos, falava um misto de chinês, inglês e espanhol, mas podia realizar as quatro operações básicas da aritmética e sabia converter, com incrível destreza, francos franceses em libras esterlinas e estas em marcos alemães ou liras italianas. Havia deixado de chorar a toda hora por meu avô Tao e por minha avó Eliza, mas ainda era regularmente atormentada pelos mesmos e inexplicáveis pesadelos. Existia um vácuo negro em minha memória, algo sempre presente e perigoso que eu não conseguia saber com precisão o que era, algo desconhecido que me aterrorizava, sobretudo no escuro ou no meio da multidão.

Não podia suportar a idéia de ver-me cercada de pessoas, começava a gritar como uma endemoninhada, e minha avó Paulina tinha então de envolver-me com um abraço a fim de me trazer a calma de volta. Eu tinha adquirido o hábito de refugiar-me em sua cama quando acordava assustada e estou certa de que assim cresceu a intimidade que iria me salvar da demência e do terror que, de outro modo, teriam me engolfado. Diante da necessidade de me consolar, Paulina del Valle mudou, de maneira imperceptível, a todos, menos a Frederick Williams. Foi se tornando mais tolerante e carinhosa, e até chegou a perder um pouco de peso, porque de tanto andar atrás de mim acabava por esquecer-se dos doces. Creio que me adorava. Digo-o sem falsa modéstia, pois disso me deu muitas provas, ajudou-me a crescer com a maior liberdade que era possível naquele tempo, açulando minha curiosidade e mostrando-me o mundo. Não me permitia sentimentalismos nem queixumes, “não se deve olhar para trás” era um dos seus lemas. Fazia brincadeiras comigo, às vezes bastante pesadas, até que aprendi como devolvê-las em cima do laço, e isso iria marcar o tom de nossa relação. Certa vez encontrei no pátio uma lagartixa esmagada pela roda de um coche; depois de ter permanecido vários dias ao sol, a lagartixa estava fossilizada, fixada para sempre em sua triste condição de réptil desventrado. Apanhei-a e guardei-a, sem saber para quê; um dia, finalmente, descobri como dar-lhe um uso perfeito. Eu estava sentada diante de uma escrivaninha, fazendo meus deveres de matemática, e minha avó acabava de entrar distraidamente no quarto, quando fingi um descontrolado ataque de tosse e ela se aproximou para bater-me nas costas. Dobrei-me em duas, com o rosto entre as mãos, e para horror da pobre mulher “cuspi” a lagartixa, que aterrissou em minha saia. Foi tal o susto de minha avó, que, ao ver o bicho aparentemente saído de meus pulmões, caiu sentada, mas depois riu tanto quanto eu e, como recordação, guardou o bichinho dissecado entre as páginas de um livro. Custou a entender por que aquela mulher tão forte sentia medo de me contar a verdade sobre meu passado. Penso, então, que, apesar de sua postura desafiante em relação às convenções, jamais pôde superar os preconceitos de sua classe. Para me proteger da rejeição, ocultou cuidadosamente a existência de meu

quarto de sangue chinês, o modesto ambiente social de minha mãe e o fato de que, na realidade, eu era uma bastarda. Isso é tudo que tenho a censurar naquela pessoa gigantesca que foi minha avó.

Conheci, na Europa, Matías Rodríguez de Santa Cruz y del Valle. Paulina não respeitou o acordo que havia feito com minha avó Eliza Sommers, segundo o qual deveria dizer-me a verdade, e, em vez de apresentá-lo como meu pai, disse que era outro tio, um dos muitos que qualquer criança chilena possui, já que todo parente ou amigo da família com idade para levar o título sem tornar-se ridículo passa automaticamente a ser chamado de tio ou de tia, e por isso sempre chamei o bom Williams de *tio* Frederick. Só vim a saber que Matías era meu pai vários anos mais tarde, quando, tendo regressado ao Chile para morrer, ele mesmo me contou o fato. Matías não produziu em mim nenhuma impressão memorável; era delgado, pálido e bem-educado; parecia jovem quando estava sentado, mas muito mais velho quando tentava mover-se. Caminhava com a ajuda de uma bengala e estava sempre em companhia de um criado que lhe abria as portas, que o abrigava, que acendia seus charutos, passava-lhe o copo d'água de um para o outro lado da mesa, porque o esforço de estender o braço era demasiado para ele. Minha avó Paulina me explicou que aquele tio sofria de artrite, uma doença muito dolorosa que o tornava fraco como se fosse de vidro, e por isso, disse-me, quando eu me aproximasse dele o fizesse com os maiores cuidados. Minha avó morreria anos mais tarde, sem saber que seu filho mais velho não sofria de artrite, mas de sífilis.

Foi monumental o espanto da família Del Valle quando minha avó chegou a Santiago. Partindo de Buenos Aires, cruzamos a Argentina por terra, até alcançarmos o Chile, uma verdadeira expedição, levando-se em conta o volume de bagagem que trazíamos da Europa, além das onze maletas com as compras que havíamos feito em Buenos Aires. Viajávamos de coche, com a carga transportada por uma récula de mulas, protegidos por guardas armados sob o comando de tio Frederick, pois sabíamos que havia bandidos de ambos os lados da fronteira, mas infelizmente não fomos atacados e assim chegamos ao Chile sem nada de interessante para contar acerca

da travessia dos Andes. No caminho perdemos a ama, que se apaixonou por um argentino e preferiu ficar por lá, e uma criada a quem o tifo derrotou, mas meu tio Frederick sempre dava um jeito de contratar ajudantes domésticos em cada etapa de nossa peregrinação. Paulina havia decidido que nos instalaríamos em Santiago, a capital, porque depois de viver tantos anos nos Estados Unidos achou que o porto de Valparaíso, onde tinha nascido, seria pequeno demais para ela. Além disso, tinha se acostumado a estar longe de seu clã e detestava a idéia de ver os parentes todos os dias, temível hábito de qualquer sofrida família chilena. Mas mesmo em Santiago não conseguiu livrar-se deles, pois tinha várias irmãs casadas com “gente bem”, como se chamavam entre si os membros da classe alta, assumindo assim, imagino, que o resto do mundo entrava para a categoria da “gente má”. Seu sobrinho Severo del Valle, que também vivia na capital, apresentou-se com a mulher para nos trazer saudações assim que chegamos. Do primeiro encontro com eles guardo uma lembrança mais nítida do que a de meu pai na Europa, pois chegaram a me assustar as exageradas demonstrações de afeto com as quais me receberam. O mais notável em Severo del Valle era que, apesar de seu coxeio e de sua bengala, parecia um príncipe desses de ilustração de contos de fadas – poucas vezes vi um homem mais garboso – e em Nívea o grande ventre redondo que a fazia sobressair. Naquela época, a procriação era considerada indecente, e entre a burguesia as mulheres grávidas encerravam-se em suas casas, mas Nívea não tentava dissimular seu estado, ao contrário, exibia-o indiferente à perturbação que causava. Na rua as pessoas procuravam não olhar para ela, como se estivessem diante de alguém deformado ou que passeasse nu. Eu nunca tinha visto algo semelhante, e quando perguntei o que ocorria com aquela senhora, minha avó Paulina explicou que a coitadinha havia engolido um melão. Em contraste com seu elegante marido, Nívea parecia um rato, mas bastava que a gente falasse uns dois minutos com ela para cair presa de seu encanto e sua tremenda energia.

Santiago era uma bela cidade, situada em um vale fértil, rodeada por altas montanhas arroxeadas no verão e cobertas de neve no inverno, cidade tranqüila, sonolenta, cujo cheiro vinha

da mistura de flores de jardins e bosta de cavalo. Tinha um ar afrancesado, com suas árvores idosas, suas praças, fontes mouriscas, portais trabalhados e passagens cobertas, suas mulheres elegantes, suas excelentes lojas onde se vendia o que de mais fino era importado da Europa e do Oriente, suas alamedas e passeios, nos quais os ricos exibiam seus coches e seus estupendos cavalos. Pelas ruas iam e vinham vendedores apregoando as humildes mercadorias que levavam em suas cestas, corriam matilhas de cães vagabundos e nos telhados se aninhavam pombas e pardais. Os sinos das igrejas assinalavam o passar das horas, exceto as da sesta, durante a qual as ruas permaneciam vazias e as pessoas repousavam. Era uma cidade senhoril, muito diferente de San Francisco, com sua inconfundível marca de lugar fronteiriço e seu ar cosmopolita e colorido. Paulina del Valle comprou uma bela mansão na Ejército Libertador, a mais aristocrática das ruas, próxima da Alameda de las Delicias, pela qual passavam, toda primavera, o coche napoleônico, com seus cavalos empenachados, e a guarda de honra do Presidente da República a caminho do desfile militar e das festas patrióticas no Parque de Marte. Em esplendor, a casa não podia se comparar à de San Francisco, mas para Santiago era de uma opulência irritante. Contudo, não foi nem o tamanho da riqueza nem a falta de tato o que deixou boquiaberta a pequena sociedade da capital, mas o marido com *pedigree* que Paulina del Valle “tinha comprado”, como diziam, e os mexericos que circulavam a respeito da imensa cama dourada, com figuras da mitologia do oceano, sobre a qual ninguém tinha imaginação bastante para chegar ao número de pecados cometidos por aquele casal de velhos. A Williams eram atribuídos títulos de nobreza e péssimas intenções. Que razão teria um lorde britânico, tão garboso e elegante, para casar-se com aquela mulher, muito maior do que ele e de reconhecido mau caráter? Só podia ser algum conde arruinado, um caçador de fortuna, preparado para despojá-la de seu dinheiro e logo em seguida abandoná-la. No fundo todos desejavam que assim fosse, pois desse modo minha arrogante avó baixaria o topete, mas, apesar de tudo, seu esposo não sofreu a menor humilhação, no que foi obedecida, aliás, a tradição chilena de hospitalidade oferecida aos estrangeiros.

Além disso, Frederick Williams ganhou o respeito de gregos e troianos graças aos seus modos impecáveis, sua maneira simples de enfrentar a vida e suas idéias monárquicas, sua crença de que todos os males da sociedade eram devidos à indisciplina e ao desrespeito pelas hierarquias. O lema daquele que por tantos anos tinha sido um servidor era “cada um em seu lugar e um lugar para cada um”. Ao se transformar em marido de minha avó assumira o papel de oligarca tão naturalmente como antes havia cumprido seu destino de criado; no passado, jamais tentara misturar-se com os lá de cima e, agora, não roçava um dedo em alguém lá de baixo; a separação de classes parecia-lhe indispensável para evitar o caos e a vulgaridade. Naquela família de bárbaros apaixonados, como eram os Del Valle, Williams causava estupor e admiração pela sua exagerada cortesia e sua calma impassível, produtos de longos anos na condição de mordomo. Como falava apenas meia dúzia de palavras em castelhano, seu forçado silêncio era confundido com sabedoria, orgulho e mistério. O único que podia desmascarar o suposto nobre britânico era Severo del Valle, mas ele jamais deu um passo nesse sentido, porque gostava do antigo servidor e admirava aquela tia que zombava de todos pavoneando-se com seu garboso marido.

Minha avó Paulina lançou uma campanha pública de caridade, com o objetivo de calar a inveja e a maledicência que sua fortuna provocavam. Sabia como fazer tal coisa, pois havia passado os primeiros anos de sua vida naquele país, onde socorrer os indigentes é tarefa obrigatória das mulheres abastadas. Quanto mais se sacrificam pelos pobres, percorrendo hospitais, asilos, orfanatos e conventos, mais alto sobem na estima geral, razão pela qual apregoam aos quatro ventos as esmolas que oferecem. Ignorar tal dever atrai tantos olhares torvos e tantas admoestações sacerdotais, que nem Paulina del Valle teria escapado ao sentido de culpa e ao temor de estar se condenando ao inferno. Assim, ela me treinou nas tarefas da compaixão, mas confesso que sempre me pareceu incômodo chegar a um bairro miserável com nosso luxuoso coche carregado de virtualhas, cercadas de lacaios que distribuíam os presentes àquelas criaturas andrajosas, que nos agradeciam com grandes demonstrações de humildade, mas com a chama do

ódio viva e brilhante em suas pupilas.

Minha avó teve de me educar em casa, porque eu fugia de cada um dos estabelecimentos religiosos em que me matriculava. Várias vezes a família Del Valle conseguiu convencê-la de que um internato era a única maneira de me transformar em uma pessoa normal; garantiam que eu necessitava da companhia de outras crianças para superar minha patológica timidez e da mão firme das monjas para me tornar submissa. “Você criou muito mal essa garota, Paulina, ela está se transformando em um monstro”, diziam, e minha avó acabou por acreditar no que lhe parecia óbvio. Eu dormia com *Caramelo* na cama, comia e lia quando tinha vontade, passava o dia entretida com jogos de imaginação, sem muita disciplina, pois não havia, ao redor de mim, ninguém disposto a dar-se ao trabalho de me impor obediência; em outras palavras, eu gozava de uma infância bastante feliz. Não suportei os internatos com suas monjas bigodudas e sua multidão de colegas, que me traziam de volta à lembrança aquele angustiante pesadelo dos meninos de pijamas negros; também não suportava o rigor das regras, a monotonia dos horários e o frio daqueles conventos coloniais. Não sei quantas vezes se repetiu aquela rotina. Paulina del Valle me vestia inteiramente de branco, recitava as instruções em tom ameaçador, levava-me praticamente à força e me deixava com meus baús nas mãos de alguma noviça parruda, para em seguida afastar-se tão depressa quanto o peso lhe permitia, acossada pelo arrependimento. Tratava-se de colégios para meninas ricas, onde imperavam a submissão e a feiúra, e o objetivo final consistia em nos dar um pouco de instrução para que não fôssemos totalmente ignorantes, já que um verniz de cultura tinha valor no mercado matrimonial, mas não o suficiente para que fôssemos capazes de fazer perguntas. O objetivo, portanto, era dobrar a vontade pessoal em proveito do bem coletivo, garantir que fôssemos boas católicas, mães abnegadas e esposas obedientes. O dever das monjas mandava que elas comessem pelo domínio de nosso corpo, fonte de vaidade e outros pecados; não nos deixavam rir, correr, brincar ao ar livre. Tomávamos somente um banho por mês, o corpo escondido por uma comprida camisola, para que não

expuséssemos nossas vergonhas ao olho de Deus, que estava em toda parte. Partia-se do princípio de que as coisas deviam ser aprendidas com sangue, e por isso não economizavam severidade. Elas nos transmitiam o temor de Deus, do diabo, de todos os adultos, da palmatória com a qual nos batiam nas mãos, das pedrinhas sobre as quais devíamos nos ajoelhar em penitência, dos nossos próprios pensamentos e desejos, o medo do medo. Jamais recebíamos uma palavra de elogio, pois temiam que isso cultivasse em nós a vaidade, porém sobravam os castigos com os quais esperavam nos temperar o caráter. Entre aqueles espessos muros sobreviviam minhas companheiras uniformizadas, com as tranças tão repuxadas, que às vezes faziam sangrar o couro cabeludo e as mãos eternamente rachadas pelo frio. O contraste com seus lares, onde, por ocasião das férias, eram vistas como princesas, devia ser enlouquecedor até para as mais propensas à mansidão. Não pude suportar aquilo. Certa vez consegui a cumplicidade de um jardineiro para pular a grade e fugir. Não sei como pude chegar sozinha à rua Ejército Libertador, onde fui recebida por *Caramelo* com histéricas manifestações de alegria. Mas Paulina del Valle quase sofreu um infarto ao me ver com a roupa suja de barro e os olhos inchados de chorar. Passei alguns meses em casa, até que as pressões externas obrigaram minha avó a repetir a experiência. Nessa segunda vez escondi-me entre uns arbustos do pátio durante toda a noite, com a idéia de morrer de frio e de fome. Imaginava as caras das freiras e das pessoas de minha família ao descobrirem meu cadáver, e chorava de pena de mim mesma, pobre menina mártir, morta com tão pouca idade. No dia seguinte o colégio mandou avisar a Paulina del Valle que eu tinha desaparecido, e ela foi imediatamente ao local, como uma tempestade, a fim de exigir explicações. Enquanto ela e Frederick Williams eram levados por uma noviça de rosto avermelhado ao escritório da madre superiora, eu escapulia dos arbustos onde havia me escondido, corria até a carruagem que esperava no pátio, subia sem que o cocheiro me visse e me enroscava embaixo do assento. Frederick Williams, o cocheiro e a madre superiora tiveram de ajudar minha avó a subir no coche. Ela estrilava, se eu não aparecesse imediatamente, logo iriam ver quem era Paulina del Valle!

Quando saí de meu refúgio, já perto de chegar em casa, ela esqueceu suas lágrimas de tristeza e me deu uma surra que durou um par de quarteirões, antes que finalmente o tio Frederick pudesse acalmá-la. Mas a disciplina não era o forte da boa senhora; ao saber que eu não havia comido desde o dia anterior e tinha passado a noite sujeita às intempéries, cobriu-me de beijos e me levou para tomar sorvete. Na terceira instituição em que se propôs a me matricular fui rejeitada de saída, porque na entrevista com a diretora garanti-lhe que tinha visto o diabo e que suas patas eram verdes. Depois dessa tentativa, minha avó deu-se por vencida. Severo del Valle convenceu-a de que não havia razão para me torturar, pois podia aprender o necessário recebendo, em casa, lições de professores particulares. Pela minha infância passariam, assim, uma série de instrutoras inglesas, francesas e alemãs, que sucumbiriam sucessivamente à água contaminada do Chile e aos ataques de zanga de Paulina del Valle; as infortunadas mulheres voltavam aos seus países de origem com diarreia crônica e más recordações. Minha educação foi bastante acidentada, até que entrou em minha vida uma excepcional professora chilena, a senhorita Matilde Pineda, que me ensinou quase tudo que sei de importante, excetuando-se o senso comum, que ela mesma não tinha. Era apaixonada e idealista, escrevia poemas filosóficos que jamais pôde publicar, sofria de uma fome insaciável de conhecimento e, diante das fraquezas alheias, tinha aquela intransigência própria das criaturas demasiado inteligentes. Não tolerava a preguiça; em sua presença a frase “não posso” estava simplesmente proibida. Minha avó contratou-a porque ela se proclamava agnóstica, socialista e partidária do voto feminino, três fortíssimas razões para que não lhe dessem trabalho em nenhuma instituição educativa. “Vamos ver se você consegue reverter um pouco a hipocrisia conservadora e patriarcal desta família”, propôs-lhe Paulina del Valle na primeira entrevista, com o apoio de Frederick Williams e Severo del Valle, os únicos que foram capazes de perceber o talento da senhorita Pineda, enquanto todos os outros asseguravam que aquela mulher alimentaria o monstro que já estava se gestando em mim. As tias classificaram-na, imediatamente, de “pobretona besta” e trataram de prevenir

minha avó contra aquela mulher de classe inferior “metida a ser gente”, como se costumava dizer. Em contraste, Williams, o homem mais intransigente em matéria de classe que até hoje conheci, tomou-se de simpatia por ela. Seis dias por semana, sem jamais faltar, a professora comparecia às sete da manhã na mansão de minha avó, onde eu a esperava vestindo uma roupa engomada, as unhas limpas e os cabelos recém-trançados. Tomávamos o desjejum em uma pequena sala de jantar reservada ao dia-a-dia, enquanto comentávamos as notícias mais importantes dos jornais; em seguida tínhamos duas horas de lições regulares e durante o resto do dia íamos ao museu e à livraria Siglo de Oro a fim de comprar livros e tomar chá com o livreiro, dom Pedro Tey, visitávamos artistas, saíamos a observar a natureza, fazíamos experiências químicas, líamos contos, escrevíamos poesia e montávamos obras de teatro clássico com figuras recortadas em cartolina. Foi ela quem deu à minha avó a idéia de formar um clube de damas destinado a canalizar a caridade para algo prático e, em vez de oferecer aos pobres roupa usada ou a comida que sobrava em suas cozinhas, criar um fundo, administrado como se fosse um banco, a fim de emprestar dinheiro às mulheres que se dispusessem a iniciar algum pequeno negócio: um galinheiro, um ateliê de costura, uma bancada para lavar roupa alheia, uma caleche para fazer transporte, enfim, o necessário para sair da indigência absoluta em que sobreviviam com seus filhos. Aos homens, não, disse a senhorita Pineda, porque usariam o empréstimo para comprar bebida, isso sem esquecer que os planos sociais do governo já se encarregavam de socorrê-los; em contraste, ninguém se ocupava a sério das mulheres e das crianças. “As pessoas não querem presentes, querem ganhar a vida com dignidade”, minha mestra explicou, Paulina del Valle entendeu-a perfeitamente e logo em seguida lançou-se à realização daquele projeto, com um entusiasmo igual ao que demonstrava em relação aos planos mais ambiciosos para ganhar dinheiro. “Com uma das mãos vou agarrar o que puder, com a outra vou dar; assim mato dois coelhos com uma cajadada só, me divirto e ganho o céu”, dizia, rindo às gargalhadas, minha inimitável avó. Levou sua iniciativa ainda mais longe e não apenas formou o Clube das Damas, que capitaneava com a eficiência habitual – e por isso as outras

senhoras se aterrorizavam com ela –, mas também financiou escolas, consultórios médicos ambulantes, e organizou um sistema destinado a recolher tudo aquilo que deixasse de ser vendido nos mercados e padarias, mas ainda estivesse em bom estado, e distribuir nos asilos e orfanatos.

Quando Nívea vinha visitá-la, sempre grávida e com vários filhos pequenos nos braços das respectivas amas, a senhorita Matilde Pineda abandonava o quadro-negro e, enquanto as empregadas se encarregavam da manada de crianças, tomávamos o chá e as duas se dedicavam a planejar uma sociedade mais justa e mais nobre. Embora Nívea não dispusesse de tempo nem de dinheiro, era a mais jovem e mais ativa de todas as senhoras do clube de minha avó. Às vezes íamos visitar sua antiga professora, irmã María Escapulario, que dirigia um asilo para monjas idosas, pois já não lhe permitiam exercer seu papel de educadora; a congregação havia decidido que suas idéias avançadas não eram recomendáveis para colegiais e que ela causaria menos danos cuidando de velhinhas chochas do que semeando rebeldia nas mentes infantis. Irmã María Escapulario dispunha de uma pequena cela em um edifício decrépito, mas com um jardim encantador, onde sempre nos recebia com gratidão, pois gostava da conversa intelectual, prazer inalcançável naquele asilo. Levávamos livros que ela pedia e que comprávamos na empoeirada livraria Siglo de Oro. Também lhe oferecíamos biscoitos ou uma torta para acompanhar o chá, que ela preparava em um fogareiro portátil, alimentado a parafina, e servia em chávenas desbeichadas. No inverno ficávamos na cela, a freira ocupando o único assento disponível, Nívea e a senhorita Matilde Pineda sentadas no catre e eu no chão, mas, quando o clima nos permitia, passeávamos pelo maravilhoso jardim, entre árvores centenárias, trepadeiras cobertas de jasmims, rosas, camélias e muitas outras espécies de flores, tudo em estupenda desordem, de tal modo que a mistura de perfumes às vezes me deixava levemente embriagada. Eu não perdia uma só palavra daquelas conversas, ainda que decerto as entendesse bem pouco; não voltei, jamais, a ouvir discursos tão apaixonados. Cochichavam segredos, morriam de rir e falavam de tudo, menos de religião, em respeito às idéias da senhorita Matilde Pineda, para quem Deus era uma invenção de homens

cujo objetivo era controlar outros homens, e sobretudo as mulheres. Irmã María Escapulario e Nívea eram católicas, mas nenhuma das duas parecia fanática, ao contrário da maioria das pessoas que então me cercavam. Nos Estados Unidos ninguém falava de religião, já no Chile esse era um assunto de mesa e sobremesa. Minha avó e o tio Frederick me levavam à missa de vez em quando, para que nos vissem, porque nem Paulina del Valle, com toda a sua audácia e fortuna, podia dar-se ao luxo de não ir à igreja. A família e a sociedade não tolerariam essa falta.

– Você é católica, vovó? – eu lhe perguntava, cada vez que era obrigada a adiar um passeio ou a leitura de um livro para acompanhá-la à missa.

– Acha que se pode não ser católica no Chile? – era como respondia.

– A senhorita Pineda não vai à missa.

– Sim, mas pense como as coisas são ruins para a coitadinha. Inteligente como é, poderia ser diretora de uma escola, desde que fosse à missa...

Contra toda a lógica, Frederick Williams adaptou-se perfeitamente à enorme família Del Valle, bem como ao próprio Chile. Devia ter tripas de aço, pois foi o único que não andou com a barriga cheia de vermes por causa da água potável e que podia comer várias *empanadas* sem acender uma fogueira no estômago. Nenhum dos chilenos que conhecíamos, exceto Severo del Valle e dom José Francisco Vergara, falava inglês, a segunda língua das pessoas educadas era o francês, apesar da existência de uma numerosa colônia de britânicos no porto de Valparaíso, e, sendo assim, Williams se viu forçado a aprender castelhano. As aulas ficaram por conta da senhorita Pineda, e em poucos meses ele já conseguia, com esforço, fazer-se entender em um espanhol mal-tratado mas funcional, podia ler os jornais e fazer vida social no Club de la Unión, onde costumava jogar *bridge* em companhia de Patrick Egon, o diplomata norte-americano que chefiava a Legação. Minha avó conseguiu que o aceitassem no clube, mediante insinuações acerca de suas origens aristocráticas, com raízes na corte britânica, o que ninguém se deu ao trabalho de comprovar, até porque os títulos de nobreza estavam abolidos desde os tempos da Independência; sem esquecer que, para acreditar na

alegação, bastava olhar Williams uma vez. Por definição, os membros do Club de la Unión pertenciam a “famílias conhecidas” e eram “homens de bem” – as mulheres não podiam cruzar aqueles portais –, e, caso houvessem descoberto a identidade de Frederick Williams, qualquer um daqueles senhores teria aceitado bater-se em duelo, tal seria a vergonha de sentir-se enganado por um ex-mordomo da Califórnia, transformado no mais requintado, elegante e culto de seus membros, o melhor jogador de *bridge* e certamente um dos mais ricos. Williams se mantinha em dia com os negócios, a fim de aconselhar minha avó Paulina, e com a política, tema obrigatório nas conversas em sociedade. Declarava-se francamente conservador, como quase todos os de nossa família, e lamentava o fato de que no Chile não existisse monarquia, como na Grã-Bretanha, pois a seus olhos a democracia era vulgar e pouco eficaz. Nos obrigatórios almoços dominicais na casa de minha avó, ele discutia com Nívea e Severo, os únicos liberais do clã. Suas idéias divergiam, mas os três se admiravam entre si, e creio que, secretamente, zombavam dos outros membros da primitiva tribo Del Valle. Nas raras ocasiões em que nos víamos em presença de dom Francisco José Vergara, com quem pudera conversar um pouco em inglês, Frederick Williams se mantinha em respeitosa distância; era o único que conseguia intimidá-lo com sua superioridade intelectual, possivelmente o único que havia detectado de imediato sua condição de antigo criado. Suponho que muitos se perguntaram quem era eu e por que Paulina me havia adotado, mas ninguém se atrevia a mencionar tal assunto diante de mim; nos almoços familiares dos domingos reuniam-se duas dezenas de primos de várias idades, e nenhum jamais perguntou pelos meus pais; para ser aceita por eles, bastava-lhes saber que eu levava o nome da família.

Minha avó custou mais a adaptar-se no Chile do que o marido, embora seu nome e sua fortuna lhe abrissem todas as portas. Sentia-se asfixiada pelas mesquinharias e dissimulações daquele ambiente, sofria com a falta da liberdade de outrora; não era em vão que tinha vivido mais de trinta anos na Califórnia, mas assim que abriu as portas de sua mansão passou a encabeçar a

vida social de Santiago, porque soube agir com grande classe e maior tino, sabedora de como no Chile os ricos são odiados, especialmente os mais presunçosos. Nada de lacaio de libré, como os que empregava em San Francisco, mas discretas criadas com vestidos pretos e aventais brancos; nada de estragar a reputação com saraus faraônicos, mas festas recatadas e em tom familiar, para que não a acusassem de *siútica*, ou seja, de nova-rica, o pior de todos os epítetos. Dispunha, é claro, de opulentas carruagens, de invejáveis cavalos e de camarote privado no Teatro Municipal, com *buffet* e uma pequena sala na qual servia refrescos e champanha aos convidados. Apesar da idade e da gordura, Paulina del Valle ditava a moda, porque tinha acabado de chegar da Europa e todos acreditavam que ela estava em dia com o estilo e os acontecimentos modernos. Naquela sociedade austera e pacata ela se tornou um farol da influência estrangeira, a única senhora de seu círculo que falava inglês, recebia revistas e livros de Nova York e Paris, encomendava tecidos, sapatos e chapéus diretamente de Londres e, em público, fumava os mesmos cigarros que seu filho Matías importava do Egito. Comprava obras de arte e em sua mesa servia pratos nunca vistos, porque até as mais soberbas famílias ainda comiam como os rudes capitães da época da conquista: sopa, cozido, assado, feijão e pesadas sobremesas coloniais. A primeira vez que minha avó serviu *foie gras* e uma variedade de queijos importados da França, só os cavalheiros que já haviam passado pela Europa sabiam de que maneira comê-los. Depois de cheirar os *camembert* e os *Port-Salut* uma senhora sentiu-se nauseada e teve de sair correndo para o banheiro. A casa de minha avó era o centro de reuniões de artistas e literatos jovens de ambos os sexos, que se reuniam para dar a conhecer suas obras, dentro do quadro habitual do classicismo; se o interessado não era branco e não tinha um nome de família conhecida, necessitava de muito talento para ser aceito, pois nesse aspecto Paulina não se diferenciava do resto da alta sociedade chilena. Em Santiago, as tertúlias de intelectuais eram realizadas em clubes e cafés, com a participação exclusiva dos homens, porque se partia do princípio de que as mulheres estariam melhor mexendo a sopa do que escrevendo versos. A iniciativa de minha avó no sentido

de incorporar artistas femininas ao seu salão foi considerada uma novidade algo licenciosa.

Minha vida mudou na mansão da rua Ejército Libertador. Pela primeira vez desde a morte de meu avô Tao Chi'en experimentei uma sensação de estabilidade, de viver em algo que não se movia e não mudava, uma espécie de fortaleza com raízes bem plantadas em terra firme. Tomei de assalto o edifício inteiro, não deixei espaço nenhum por explorar, nem recanto algum por conquistar, inclusive o teto, onde costumava passar horas observando os pombos, e os quartos de serviço, embora me houvessem dito para não pôr nem os olhos nem os pés neles. A enorme propriedade dava para duas ruas e tinha duas entradas, a principal pela rua Ejército Libertador e a do pessoal de serviço pela rua de trás, contava com dezenas de salas, quartos, jardins, terraços, esconderijos, desvãos, escadarias. Havia um salão vermelho, outro azul e outro dourado, usados somente nas grandes ocasiões, e uma galeria de cristal maravilhosa, onde transcorria a vida familiar, entre vasos de louça chinesa, samambaias e gaiolas de canários. Na sala de jantar principal havia um afresco sobre Pompéia, que ocupava as quatro paredes por inteiro, vários guarda-louças, com suas coleções de porcelanas e pratarias, um *chandelier* com lágrimas de cristal e uma grande janela dando para uma fonte mourisca de mosaico, da qual a água corria eternamente.

Fui muito feliz a partir do momento em que minha avó renunciou à idéia de me mandar para a escola e as aulas da senhorita Pineda se tornaram uma rotina. Cada vez que eu lhe fazia uma pergunta, a magnífica mestra, em vez de responder, mostrava o caminho que eu devia seguir para encontrar a resposta. Ensinou-me, assim, a ordenar o pensamento, investigar, ler e ouvir, buscar alternativas, resolver antigos problemas mediante soluções novas, discutir com lógica. Ensinou-me, sobretudo, a não acreditar cegamente, a duvidar e perguntar, mesmo acerca daquilo que parecesse uma verdade irrefutável, como a superioridade do homem sobre a mulher ou de uma raça ou classe social sobre outra, idéias novas em um país patriarcal onde os índios jamais eram mencionados e onde bastava que alguém descesse um degrau na hierarquia das classes sociais para que seu nome desaparecesse da memória

coletiva. Foi a primeira mulher intelectual que cruzou o meu caminho de vida. Nívea, com toda a sua inteligência e educação, não podia competir com minha mestra; ela se distinguia pela intuição e pela enorme generosidade de sua alma, estava meio século à frente de seu tempo, mas nunca fez pose de intelectual, nem mesmo nas famosas tertúlias de minha avó, nas quais se distinguia pelos seus apaixonados discursos sufragistas e suas dúvidas teológicas. Na aparência física ninguém poderia ser mais chilena que a senhorita Pineda; levava dentro de si aquela mistura de espanhol e de índio que produz mulheres de baixa estatura, com ancas largas, olhos e cabelos escuros, pômulos salientes e um modo de caminhar meio pesado, como se estivessem cravadas no chão. Sua mente era fora do comum para a época e as condições em que vivia; tinha saído de uma esforçada família sulista, seu pai era ferroviário e entre oito irmãos ela foi a única a terminar os estudos. Era discípula e amiga de dom Pedro Tey, o proprietário da livraria Siglo de Oro, um catalão de maneiras meio duras, mas de coração mole, que orientava suas leituras e lhe emprestava ou lhe dava livros de presente, já que ela não podia comprá-los. Em qualquer troca de opiniões, por mais banal que fosse, Tey não deixava de contradizer. Certa vez ouvi-o assegurar, por exemplo, que os sul-americanos são uns macacos com tendência aos excessos, à folia e à preguiça; mas bastou que a senhorita Pineda concordasse, para que ele mudasse imediatamente de lado e acrescentasse que, apesar disso tudo, pelo menos são melhores que seus compatriotas, que andam sempre agastados e pela menor das bobagens resolvem bater-se em duelo. Embora fosse impossível que os dois estivessem de acordo acerca de alguma coisa, eles se davam muito bem. Dom Pedro Tey devia ser pelo menos vinte anos mais velho do que minha mestra, mas quando começavam a falar a diferença de idade se esfumava: ele rejuvenescia de entusiasmo e ela crescia em inteligência e maturidade.

Em dez anos, Severo e Nívea del Valle tiveram seis filhos e continuaram a procriar até chegar aos quinze. Conheço Nívea desde os seus vinte e poucos anos e jamais a vi sem um bebê nos braços; sua fertilidade seria uma maldição se o casal não gostasse de crianças. “O que eu daria para que você educasse meus filhos!”, suspirava Nívea quando se encontrava com a

senhorita Matilde Pineda. “São muitos, senhora Nívea, e Aurora já me traz inteiramente ocupada”, minha mestra replicava. Severo tinha se transformado em um advogado de renome, em um dos pilares mais jovens da sociedade e membro destacado do Partido Liberal. Não estava de acordo com muitos pontos da política do Presidente, também liberal, e, como era incapaz de dissimular suas críticas, nunca o chamaram para fazer parte do governo. Suas opiniões o levaram, pouco depois, a formar um grupo dissidente, que passou para a oposição quando explodiu a Guerra Civil, do mesmo modo que o fariam Matilde Pineda e seu amigo da livraria Siglo de Oro. Meu tio Severo me distinguia entre as dúzias de sobrinhos que o rodeavam, me chamava de sua “afilhada” e contou que me dera o nome de família Del Valle, mas, cada vez que eu lhe perguntava se conhecia a identidade de meu verdadeiro pai, respondia-me com evasivas: “Façamos de conta que sou eu”, dizia. À minha avó o assunto dava enxaqueca; e, se eu assediava Nívea, ela me mandava falar com Severo. Era um círculo que jamais se abria.

– Vovó, não posso viver cercada de tantos mistérios – disse um dia a Paulina del Valle.

– Por que não? As pessoas que tiveram uma infância fodida costumam ser as mais criativas – ela replicou.

– Ou então terminam por enlouquecer... – sugeri.

– Entre os Del Valle não há loucos que necessitem ser acorrentados, Aurora, existem apenas excêntricos, como acontece em qualquer família que se respeite – vovó me garantiu.

A senhorita Matilde Pineda jurou que desconhecia minhas origens e acrescentou que eu não tinha por que me preocupar, pois nesta vida não importa saber de onde se vem, mas saber para onde se vai; no entanto, quando me ensinou a teoria genética de Mendel, teve de admitir que existem boas razões para que procuremos saber quem são os nossos antepassados. E se meu pai fosse um demente, um daqueles que andavam soltos degolando donzelas?

A revolução começou no mesmo dia em que entrei na puberdade. Acordei com a camisola de dormir manchada por alguma coisa parecida com chocolate, fui me esconder no

banheiro, envergonhada; antes mesmo de me lavar descobri que, ao contrário do que pensava, aquilo não era cocô: havia sangue entre as minhas pernas. Corri aterrorizada para comunicar o fato à minha avó e pela primeira vez não a encontrei na sua grande cama imperial, o que era inusitado no caso de alguém que nunca se levantava antes do meio-dia. Corri pelas escadas abaixo, seguida por *Caramelo* e seus latidos, irrompi como um cavalo assustado no escritório e topei de frente com Severo e Paulina del Valle, ele vestido para viajar e ela com um roupão de cetim roxo, que lhe dava uma aparência de bispo na Semana Santa.

– Vou morrer! – gritei, lançando-me em cima dela.

– Este não é o momento apropriado – minha avó replicou secamente.

Fazia anos que as pessoas se queixavam do governo, e durante meses tínhamos ouvido dizer que o presidente Balmaceda tentava converter-se em ditador, acabando assim com cinquenta e sete anos de respeito à constituição. Aquela constituição, redigida pela aristocracia com a idéia de governar para sempre, outorgava faculdades amplíssimas ao executivo; quando o poder caiu nas mãos de alguém com idéias contrárias, a classe alta rebelou-se. Balmaceda, homem brilhante e de idéias modernas, na verdade não vinha se saindo mal. Tinha dado impulso à educação mais do que qualquer outro governante anterior, defendido o salitre chileno das companhias estrangeiras, criado hospitais e realizado numerosas obras públicas, sobretudo ferrovias, embora começasse mais do que terminasse; o Chile tinha poderio militar e naval, era um país próspero e sua moeda a mais sólida da América Latina. Contudo, a aristocracia não lhe perdoava o fato de ter melhorado a situação da classe média e tentado governar com ela; por sua vez, o clero não podia tolerar que Estado e Igreja fossem separados, que o casamento civil substituísse o religioso, nem tampouco a lei pela qual se permitia que nos cemitérios os mortos fossem sepultados sem distinção de credo. Antes dela, era uma complicação enterrar aqueles que em vida não tinham sido católicos, que fossem ateus ou suicidas; freqüentemente os corpos dessas pessoas iam parar nos despenhadeiros ou então no mar. Por causa das

medidas em questão, as mulheres abandonaram em massa o Presidente. Embora não tivessem poder político, reinavam em seus lares e exerciam uma tremenda influência. A classe média, que Balmaceda havia apoiado, também lhe deu as costas, e ele respondeu com soberba, pois estava habituado a mandar e ser obedecido, como todo fazendeiro daquela época. Sua família possuía imensas extensões de terra, uma província com sua administração, ferrovias, povoações e milhares de camponeses; os homens de seu clã não tinham fama de ser bondosos como patrões, mas rudes tiranos que dormiam com a arma embaixo do travesseiro e esperavam respeito cego de seus subordinados. Talvez por isso ele tivesse a pretensão de manipular o país como se fosse o seu próprio feudo. Era um homem alto, aprumado, viril, de testa ampla e porte aristocrático, filho de amores novelescos, criado em lombo de cavalo, com o chicote em uma das mãos e a pistola na outra. Fora seminarista, mas não levava jeito de vestir uma sotaina; era apaixonado e vaidoso. Chamavam-no *el Chascón*, o desgrenhado, pela sua tendência em mudar com frequência o penteado, a forma do bigode e o arranjo das costeletas; suas roupas demasiado elegantes, confeccionadas em Londres, eram motivo de comentários. Ridicularizavam sua oratória grandiloquente e suas declarações de zeloso amor pelo Chile, diziam que se identificava tanto com a pátria, que não podia concebê-la sem ele próprio no comando; “minha e de mais ninguém!”, essa era uma das frases que lhe atribuíam. Os anos de governo aos poucos o isolaram, e no final ele seguia uma conduta errática, que ia da extravagância à depressão; mas mesmo entre os seus piores adversários ainda mantinha a fama de bom estadista, de ser rigorosamente honesto, como aliás quase todos os presidentes do Chile, que, ao contrário dos caudilhos de outros países da América Latina, saíam do governo mais pobres do que haviam entrado. Tinha visão de futuro, sonhava criar uma grande nação, porém lhe coube viver o final de uma época e o desgaste de um partido que tinha permanecido tempo demais no poder. O país e o mundo estavam mudando, mas o Partido Liberal havia se corrompido. Cada presidente designava seu sucessor, e as autoridades civis e militares fraudavam as eleições; graças à força tão apropriadamente chamada de bruta, o partido

governista sempre ganhava; os ausentes e até mesmo os mortos votavam em favor do candidato oficial, compravam-se votos, e os que estavam em dúvida eram intimidados a cacete. O Presidente enfrentava a implacável oposição dos conservadores, de alguns grupos de liberais dissidentes, da totalidade do clero e da maior parte da imprensa. Pela primeira vez os extremos do espectro político se juntavam com um mesmo objetivo: derrubar o governo. Manifestantes de oposição reuniam-se diariamente na Plaza de Armas, a polícia os dispersava com violência, e na última viagem do Presidente pelas províncias os soldados tiveram de defendê-lo a golpes de sabre das multidões enfurecidas, que o apupavam e o alvejavam com verduras. Ele, no entanto, mantinha-se imperturbável diante daquelas manifestações de descontentamento, como se não percebesse que a nação ia aos poucos mergulhando no caos. Segundo Severo del Valle e a senhorita Matilde Pineda, cerca de oitenta por cento das pessoas detestavam o governo, e dessa maneira o mais decente seria que Balmaceda renunciasse, pois o clima de tensão havia se tornado insuportável e a qualquer momento explodiria como um vulcão. E foi isso que aconteceu naquela manhã de janeiro de 1891, quando a marinha se sublevou e o Congresso destituiu o Presidente.

– Vai desencadear-se uma terrível repressão, tia – ouvi Severo del Valle dizer. – Quanto a mim, vou para o norte a fim de lutar. Peço-lhe que cuide de Nívea e dos meninos, pois eu mesmo não poderei fazê-lo, sabe Deus por quanto tempo...

– Você já perdeu uma perna na guerra, Severo, se perder a outra ficará parecendo um anão...

– Não tenho alternativa, em Santiago me matariam da mesma maneira.

– Não seja melodramático, não estamos na ópera!

Mas o fato era que Severo del Valle estava mais bem informado que sua tia, como se comprovou alguns dias mais tarde, quando o terror foi desencadeado. A reação do Presidente foi dissolver o Congresso, nomear a si mesmo ditador e designar um tal de Joaquín Godoy para organizar a repressão, um sádico para quem “os ricos devem pagar por serem ricos, os pobres por serem pobres, e os padres devem ser todos fuzilados!”. O exército manteve-se fiel ao governo, e

aquilo que havia começado como uma revolta política transformou-se em uma espantosa guerra civil, a partir do momento em que se enfrentaram os dois ramos das forças armadas. Godoy, com o decidido apoio dos chefes do exército, tratou de levar para a cadeia todos os congressistas de oposição que pôde agarrar. Pôs-se fim às garantias dos cidadãos, começaram as invasões residenciais e a tortura sistemática, enquanto o Presidente se fechava em seu palácio, nauseado com tais métodos, porém convencido de que não havia outra maneira de dobrar seus inimigos políticos. “Não gostaria de ter conhecimento dessas medidas”, ouviram-no dizer mais de uma vez. Na rua da livraria Siglo de Oro não se podia dormir à noite nem andar de dia, por causa dos gritos dos torturados. Nada a esse respeito era mencionado diante das crianças, é claro, mas eu ia sabendo de tudo e passava horas escutando as conversas dos adultos, pois durante todos aqueles meses praticamente não tive nada para fazer. Enquanto lá fora a guerra fervia, dentro de casa era como se estivéssemos enclausurados em um convento de luxo. Minha avó Paulina trouxe Nívea e seu batalhão de crianças, criadas e amas-de-leite, e em seguida fechou a casa a prego, certa de que ninguém se atreveria a atacar uma dama de sua posição social, casada com um cidadão britânico. Por via das dúvidas, Frederick Williams hasteou uma bandeira inglesa no teto e manteve suas armas lubrificadas.

Severo del Valle partiu na hora certa, quando se propôs a ir lutar no norte, pois no dia seguinte invadiram sua casa, e se ele ainda estivesse lá teria ido parar nos calabouços da polícia política, onde ricos e pobres eram igualmente torturados. Como Severo del Valle, Nívea tinha sido partidária do regime liberal, porém se transformou em uma acérrima opositora quando o Presidente quis impor o nome de seu sucessor mediante fraudes, tratando em seguida de esmagar o Congresso. Nos meses da Revolução, enquanto gestava um par de gêmeos e criava seis crianças, teve tempo e ânimo para participar da oposição, em uma tal medida, que, se a houvessem apanhado, teria perdido a vida. Atuava pelas costas de minha avó, cujas ordens eram no sentido de que nos mantivéssemos invisíveis, para não chamar a atenção das autoridades, porém com o pleno conhecimento de Williams. A senhorita Matilde

Pineda achava-se exatamente do lado oposto de Frederick Williams, tão socialista era ela quanto monárquico era ele, mas o ódio ao governo os unia. Em um dos quartos dos fundos, onde minha avó jamais entrava, instalaram uma pequena impressora, com a ajuda de dom Pedro Tey, e ali produziam libelos e panfletos revolucionários, que em seguida a senhorita Matilde Pineda ocultava embaixo do manto e saía a distribuir de casa em casa. Fizeram-me jurar que não diria uma palavra a ninguém sobre o que acontecia naquele quarto, o que nem era necessário, porque o segredo me parecia um jogo fascinante, embora não fosse capaz de adivinhar o perigo que espreitava nossa família. Só no final da Guerra Civil compreendi que aquele perigo era real, pois, apesar da posição de Paulina del Valle, ninguém estava a salvo do longo braço da polícia política. A casa de minha avó não era o santuário que imaginávamos, o fato de ser uma viúva rica, bem-relacionada e com um nome importante não a teriam isentado de uma invasão e talvez de uma temporada no cárcere. Fomos favorecidos pela confusão daqueles meses e pelo fato de que a maioria da população tinha se voltado contra o governo, sendo impossível controlar tanta gente. Mesmo dentro da polícia havia partidários da Revolução que ajudavam a escapar aqueles a quem deviam prender. Em todas as casas onde batia, a fim de entregar seus libelos, a senhorita Pineda era recebida de braços abertos.

Assim, pela única vez, Severo e seus parentes estavam do mesmo lado, porque no conflito os conservadores uniram-se com uma parte dos liberais. O resto da família Del Valle encerrou-se em seus feudos, o mais longe possível de Santiago, e os homens jovens foram lutar no norte, onde se reuniu um contingente de voluntários, que recebiam o apoio dos marinheiros sublevados. Fiel ao governo, o exército fez planos para derrotar em questão de dias aquela horda de civis rebelados, mas não foi capaz de imaginar a resistência que encontraria pela frente. A esquadra e os revolucionários dirigiram-se para o norte a fim de apoderar-se das minas de salitre, que eram a maior fonte de renda do país e perto das quais se acantonavam os regimentos do exército regular. No primeiro confronto sério as tropas do governo venceram e depois da batalha executaram feridos e prisioneiros, tal como se

tinha feito muitas vezes durante a Guerra do Pacífico, dez anos antes. A brutalidade daquela matança deixou os revolucionários terrivelmente indignados, de modo que, quando voltaram a enfrentar o exército, alcançaram uma vitória esmagadora. Então chegou a sua vez de massacrar os vencidos. Em meados de março, os congressistas, como eram chamados os revolucionários, controlavam cinco províncias do norte e haviam formado uma Junta de Governo, enquanto no sul o presidente Balmaceda perdia adeptos a cada minuto. O que restou das tropas leais do norte teve de transferir-se para o sul, a fim de juntar-se ao grosso do exército; quinze mil homens cruzaram a pé a cordilheira, penetraram na Bolívia, passaram pela Argentina, cruzaram novamente as montanhas e assim chegaram a Santiago. Mortos de fadiga, chegaram à capital com os rostos barbados e as roupas esfarrapadas; tinham caminhado milhares de quilômetros através de um território inclemente, composto de vales profundos e montes altíssimos, enfrentando calores infernais e gelos eternos, arrebanhando pelo caminho lhamas e vicunhas do altiplano, colhendo abóboras e caçando tatus nos pampas, abatendo aves nos lugares mais altos. Foram recebidos como heróis. Um feito como aquele não se repetia desde os tempos dos ferozes conquistadores espanhóis, mas nem todos participaram da recepção, pois a oposição tinha aumentado como uma avalanche impossível de ser contida. Nossa casa permaneceu com as janelas fechadas, e as ordens de minha avó foram para que ninguém botasse o nariz na rua, mas eu não resisti à curiosidade e subi ao telhado para ver o desfile.

As detenções, os saques, as torturas e as requisições inquietavam os opositores, não havia família que não se dividisse, ninguém estava livre do medo. As tropas faziam operações de surpresa para recrutar jovens, apareciam de repente em funerais, casamentos, campos e fábricas a fim de deter os homens em idade de usar armas e levá-los à força. Por falta de mão-de-obra a agricultura e a indústria se viram paralisadas. A prepotência dos militares tornou-se insuportável, e o Presidente compreendeu que era necessário puxar-lhes o freio, mas quando finalmente quis fazê-lo já era tarde, os soldados estavam explodindo de arrogância, e começava a espalhar-se o medo de que o depusessem e instaurassem uma

ditadura militar, mil vezes mais temível do que a repressão imposta pela polícia política de Godoy. “Nada é mais perigoso do que o poder com impunidade”, Nívea nos advertia. Perguntei à senhorita Matilde Pineda qual era a diferença entre os do governo e os revolucionários, e a resposta foi que ambos lutavam pela legitimidade. Quando fiz a pergunta à minha avó ela respondeu que não havia diferença nenhuma, todos eram uns canalhas.

O terror bateu à nossa porta quando os esbirros prenderam dom Pedro Tey e o conduziram aos horrendos calabouços de Godoy. Suspeitavam, e com razão, que era ele o responsável pelos libelos políticos contra o governo, encontrados por toda parte. Certa noite de junho, uma dessas noites de chuva aborrecida e ventania traiçoeira, quando jantávamos no refeitório comum, a porta abriuse de repente e a senhorita Matilde Pineda irrompeu na sala sem anunciar-se, atordoada, o rosto lívido, o manto empapado.

– Que está acontecendo? – perguntou minha avó, ofendida pela descortesia da professora.

A senhorita Pineda contou-nos de uma enfiada que os rufiões de Godoy tinham invadido a livraria Siglo de Oro, espancado os que ali se encontravam e levado em seguida dom Pedro Tey em um coche fechado. Minha avó ficou com o garfo no ar, esperando algo mais que justificasse o escandaloso aparecimento da mulher; mal conhecia o senhor Tey e não entendia por que a notícia era dada com tanta urgência. Não tinha idéia de que o livreiro vinha quase todos os dias àquela casa, entrava pela porta de serviço e produzia seus panfletos revolucionários em uma tipografia revolucionária escondida embaixo de seu próprio teto. Mas Nívea, Williams e a senhorita Pineda podiam adivinhar as conseqüências, caso o infortunado Tey fosse obrigado a confessar, e sabiam que mais cedo ou mais tarde teria de abrir a boca, pois os métodos de Godoy não davam lugar a dúvidas. Vi que os três trocavam olhares de desespero e, embora não compreendesse o alcance do que estava ocorrendo, imaginei o motivo de tudo.

– É por causa da máquina que temos no quarto de trás? – perguntei?

– Que máquina?! – exclamou minha avó.

– Máquina nenhuma – repliquei, lembrando-me do pacto secreto, mas Paulina del Valle não me deixou continuar, agarrando-me pela orelha e me sacudindo com uma raiva, em seu caso, inusitada.

– Que máquina, estou perguntando, fedelha do diabo! – gritou-me.

– Deixe a garota, Paulina – disse Frederick Williams. – Ela não tem nada a ver com isso. Trata-se de uma impressora...

– Uma tipografia? Aqui, nesta casa? – berrou minha avó.

– Temo que sim, tia – murmurou Nívea.

– Com todos os diabos! E agora, que vamos fazer? – A matriarca deixou-se cair em sua cadeira, com a cabeça entre as mãos, murmurando que fora traída pela sua própria família, que íamos pagar o preço de tamanha imprudência, que éramos uns imbecis, que havia acolhido Nívea de braços abertos e vissem como ela pagava, que se Frederick imaginava estar na Inglaterra ou na Califórnia era melhor saber que aquilo podia custar-lhe o couro, quando iria entender como eram as coisas no Chile, que não queria ver a senhorita Pineda nunca mais nesta vida, a partir daquele momento estava proibida de pisar naquela casa ou de dirigir a palavra à sua neta.

Frederick Williams pediu o coche e anunciou que ia sair a fim de “solucionar o problema”, o que, longe de tranquilizar minha avó, só fez aumentar o seu espanto. A senhorita Matilde Pineda me fez um gesto de despedida e só voltei a vê-la muitos anos mais tarde. Williams foi diretamente à embaixada norteamericana e pediu para falar com *mister* Patrick Egon, seu amigo e companheiro de *bridge*, que naquela hora encabeçava um banquete oficial com outros membros do corpo diplomático. Egon apoiava o governo, mas também era profundamente democrático, como quase todos os ianques, e detestava os métodos de Godoy. Ouviu à parte o que Frederick Williams tinha para contar-lhe e se pôs imediatamente em ação, indo ao encontro do ministro do Interior, que o recebeu naquela mesma noite, mas explicou que não estava em condições de interceder pelo preso. Contudo, nas primeiras horas do dia seguinte Egon conseguiu uma entrevista com o Presidente. Aquela foi a noite mais longa que já se vivera na

casa de minha avó. Ninguém se deitou. Passei a noite agarrada a *Caramelo* em uma das poltronas do *hall*, enquanto empregadas e criados transitavam com maletas e baús, as amas-secas e as amas-de-leite com as crianças de Nívea adormecidas em seus braços, as cozinheiras com cestas de vitualhas. E até duas gaiolas com os pássaros favoritos de minha avó foram levadas para um dos coches. Williams e o jardineiro, homem de sua confiança, desarmaram a impressora e enterraram suas peças no fundo do terceiro pátio e em seguida queimaram todos os papéis comprometedores. Ao amanhecer as duas carruagens da família estavam prontas para nos tirar de Santiago, protegidas por quatro servidores montados e armados. Todas as outras pessoas do serviço tinham ido refugiar-se na igreja mais próxima, onde outros coches as recolheriam mais tarde. Frederick Williams não quis nos acompanhar.

– Sou o responsável pelo que aconteceu e ficarei para proteger a casa – disse.

– Sua vida é muito mais valiosa do que esta casa e tudo o mais que possuo, por favor, venha conosco – implorou Paulina del Valle.

– Não se atreverão a tocar em mim, sou cidadão britânico.

– Não seja ingênuo, Frederick. Acredite em mim, ninguém está a salvo hoje em dia.

Mas não houve maneira de convencê-lo. Deu-me dois beijos nas faces, apertou longamente as mãos de minha avó e se despediu de Nívea, que respirava como um peixe fora d'água, não sei se por causa do medo ou da gravidez. Partimos quando um sol tímido mal começava a iluminar os picos nevados da cordilheira, a chuva tinha cessado e o céu se anunciava claro, embora soprasse um vento frio, que entrava pelas frinchas do coche. Minha avó me levava bem aconchegada em seu colo, envolvida em sua capa de pele de raposa, a mesma cujas caudas tinham sido devoradas por *Caramelo* em um dos seus acessos de luxúria. Viajava com os lábios apertados de raiva e de susto, mas nem por isso havia esquecido as cestas com a merenda e, assim que saímos de Santiago, a caminho do sul, abriu-as para dar início à comilança de frangos assados, ovos duros, pastéis folheados, queijos, pães, vinho e refrescos, banquete esse que iria durar o resto da viagem.

Os tios Del Valle, que haviam se refugiado no campo em janeiro, quando começara a sublevação, receberam-nos encantados, pois afinal íamos interromper sete meses de tédio irremediável, além de levarmos notícias. As notícias eram péssimas, mas o pior era não tê-las. Reencontrei meus primos, e aqueles dias, que foram de tanta tensão para os adultos, foram de férias para os meninos; fartamo-nos de leite ordenhado na hora, de queijo fresco e de conservas guardadas desde o verão, montávamos a cavalo, chapinhávamos no chão embaixo da chuva, brincávamos nos estábulos e mansardas, fazíamos representações teatrais e formamos um coro deprimente, porque nenhum de nós tinha vocação para a música. Alcançava-se a casa por um caminho cheio de curvas, ladeado por grandes álamos, atravessando um vale agreste, no qual o arado deixara poucas marcas e os criatórios de potros pareciam abandonados; de vez em quando víamos fileiras de arbustos secos e maltratados, e, segundo minha avó, tratava-se de vinhedos. Quando algum camponês cruzava por nós no caminho, tirava o chapéu de palha, baixava os olhos e nos saudava como patrões, dizendo “vossa mercê”. Minha avó chegou cansada e de mau humor, mas poucos dias depois abriu seu guarda-chuva e, na companhia de *Caramelo*, percorreu os arredores com grande curiosidade. Vi como vovó Paulina observava os troncos e galhos retorcidos das parreiras e como recolhia amostras de terra, que ia guardando em misteriosas bolsinhas. A casa, em forma de U, era de tijolos e telhas cozidas, de aspecto pesado e sólido, sem a menor elegância, mas com aquele encanto de paredes que testemunharam muita história. No verão era um paraíso de árvores carregadas de frutos doces, fragrância de flores, trinar de pássaros agitados e rumor de abelhas diligentes, mas no inverno parecia uma velha dama que resmungava sob o chuveiro gelado e o céu sempre encoberto. O dia começava muito cedo e terminava com o pôr do sol, hora em que nos recolhíamos aos imensos aposentos, mal iluminados com velas e lamparinas a querosene. Fazia frio, mas nos sentávamos em torno de mesas cobertas com um pano grosso, embaixo das quais dispunham fogareiros cheios de brasas, e assim nossos pés se aqueciam; tomávamos vinho tinto fervido com açúcar, casca de laranja e canela, único meio de conseguirmos bebê-lo. Os

tios Del Valle produziam aquele vinho rústico para o consumo da família, mas minha avó garantia que a bebida não fora feita para goelas humanas, e sim para ser usado como solvente em pinturas a óleo. Todo proprietário que se prezasse cultivava parreiras e fazia seu próprio vinho, alguns melhores, outros piores, mas aquele era particularmente áspero. Nos madeirames do teto as aranhas teciam suas finas peças de bordado, e por eles os ratos corriam com o coração leve, pois os gatos da casa não conseguiam subir em lugares tão altos. As paredes, branqueadas a cal ou pintadas de azul anilado, pareciam nuas, mas na verdade estavam cobertas de estatuetas de santos e imagens do Cristo crucificado. Na entrada erguia-se uma grande figura com cabeça, mãos e pés de madeira, cabelos humanos e olhos de vidro azul, uma representação de Nossa Senhora, que estava sempre coberta de flores e guardada por uma vela acesa, protegida do vento, diante da qual todos se persignavam ao passar, de modo que não se entrava nem se saía sem fazer uma saudação à Virgem. Uma vez por semana sua roupa era trocada, havia um armário cheio de vestidos renascentistas, e, quando tinha de sair em procissão, adornavam-na com jóias e cobriam-na com uma capa de arminho esgarçada pelos anos. Comíamos quatro vezes por dia em prolongadas cerimônias que eram concluídas quase na hora de começar a seguinte, de tal modo que minha avó só se levantava da mesa para dormir e para ir à capela. Às sete da manhã assistíamos à missa e recebíamos a comunhão das mãos do padre Teodoro Riesco, que vivia com meus tios, um sacerdote já bastante idoso, que possuía a virtude da tolerância; no seu entender não havia pecado imperdoável, excetuando-se a traição de Judas; até o horrível Godoy, segundo ele, poderia encontrar consolo no seio do Senhor. “Essa não, padre; olhe, se houver perdão para Godoy eu prefiro ir para o inferno com Judas e todos os meus filhos”, Nívea retrucou. Depois do anoitecer, a família, os meninos, os empregados e os rendeiros da propriedade reuniam-se para rezar. Cada um tomava uma vela acesa, e todos marchávamos enfileirados para a capela rústica, na extremidade sul da casa. Tomei gosto por aqueles ritos cotidianos, marcados pelo calendário, pelas estações e pelas vidas, gastava tempo arrumando as flores do altar e

limpando os vasos de ouro. As palavras sagradas, ali inscritas, eram poesia:

*No me mueve mi Dios para quererte
el cielo que me tienes prometido,
ni me mueve el infierno tan temido
para dejar por eso de ofenderte.*

*Tú me mueves, Señor; muéveme el verte
clavado en una Cruz y escarnecido;
muéveme el ver tu cuerpo tan herido;
muévenme tus afrentas y tu muerte.*

*Muéveme en fin tu amor, de tal manera,
que aunque no hubiera cielo, yo te amara
y aunque no hubiera infierno, te temiera.*

*No me tienes que dar porque te quiera,
porque, aunque lo que espero no esperara,
lo mismo que te quiero, te quisiera.**

Creio que algo mais se abrandou no duro coração de minha avó, porque a partir daquela temporada no campo ela se aproximou aos poucos da religião, começou a ir à igreja por convicção e não apenas para ser vista, deixou de maldizer o clero por simples hábito, como fazia antes, e quando voltamos a Santiago mandou construir uma bonita capela com vitrais coloridos na casa da rua Ejército Libertador, onde rezava à sua maneira. O catolicismo era-lhe incômodo, e por isso ela tratou de ajustá-lo à sua medida. Após a oração da noite, voltávamos com nossas velas para o grande salão a fim de tomar café com leite, enquanto as mulheres teciam e bordavam, e nós, crianças, escutávamos aterrorizadas as histórias de fantasmas que os nossos tios contavam. Nada nos causava espanto maior do que o *imbunche*, uma criatura maléfica da mitologia indígena. Diziam que os índios roubavam recém-nascidos para transformá-los em *imbunches*, costuravam-lhes as pálpebras e o ânus, criavam-nos em cavernas, alimentavam-nos com sangue, quebravam-lhes as pernas, torciam-lhes a cabeça para trás e escondiam um dos braços embaixo da pele das costas, e assim eles adquiriam todo

tipo de poderes sobrenaturais. Por medo de que acabassem se transformando em alimento de algum *imbunche*, as crianças não botavam o nariz fora de casa após o anoitecer, e algumas, como eu, dormiam com a cabeça embaixo dos cobertores, atormentadas por arrepiantes pesadelos. “Como você é supersticiosa, Aurora! O *imbunche* não existe. Acredita que uma criança possa sobreviver a semelhantes torturas?”, minha avó tentava levar-me a raciocinar, mas não havia argumento capaz de fazer com que meus dentes parassem de tremer.

Como passava a vida inteira grávida, Nívea pouco se preocupava em fazer contas e calculava a proximidade do parto pelo número de vezes que sentia necessidade de usar o urinol. Quando teve de se levantar treze vezes durante duas noites seguidas, anunciou, ao tomar o café da manhã, que já era hora de chamar um médico, e, realmente, naquele mesmo dia começaram as contrações. Não havendo médico por aquelas bandas, alguém sugeriu que se mandasse buscar a parteira da aldeia mais próxima, que era uma pitoresca *meica*, uma índia mapuche de idade indefinida, com a mesma cor parda de alto a baixo: pele, tranças e até as roupas tingidas com pigmentos vegetais. Chegou a cavalo, com uma bolsa cheia de plantas, azeites e xaropes medicinais, a cabeça coberta com um manto preso à altura do peito por um enorme prendedor de prata confeccionado com antigas moedas do período colonial. Minhas tias se espantaram, porque a *meica* parecia recém-saída do mais denso da Araucania, mas Nívea a recebeu sem dar mostras de desconfiança; o transe não a assustava, já havia passado por ele seis vezes antes. A índia falava pouquíssimo castelhano, mas parecia conhecer o ofício, e assim que se desfez do manto pudemos ver que estava limpa. Conforme a tradição, não entravam no quarto da parturiente aquelas que ainda não houvessem concebido, e, sendo assim, as jovens, juntamente com as crianças, foram para o outro extremo da casa, e os homens juntaram-se na sala dos bilhares, a fim de jogar, beber e fumar. Nívea foi levada para o quarto principal, acompanhada pela índia e algumas mulheres mais idosas da família, que se revezavam para rezar e ajudar. Mandaram cozinhar galinhas pretas, a fim de preparar um caldo substancioso capaz de

fortalecer a mãe antes e depois do parto, e também ferveram borragem a fim de fazer infusões para serem aplicadas caso a parturiente viesse a sofrer de convulsões ou seu coração se mostrasse fraco. A curiosidade pôde mais do que a ameaça de minha avó de dar-me uma surra se me surpreendesse rondando o quarto de Nívea, e então consegui entrar em um aposento vizinho, de onde podia escutar e ver alguma coisa. Vi empregadas passando com lençóis brancos, bacias de água quente e óleo de macela para massagear o ventre, além de mantas e carvões para os fogareiros, pois nada se temia mais do que o *gelo na barriga*, ou seja, o resfriamento durante o parto. Ouvia-se o rumor contínuo de conversas e risadas; não me parecia que do outro lado da porta houvesse um ambiente de angústia ou sofrimento, muito pelo contrário, os sons que eu ouvia eram de mulheres em festa. Como eu não via nada de meu esconderijo e o hálito espectral dos corredores escuros me eriçava os pêlos da nuca, logo me aborreci e saí para brincar com meus primos, mas, ao anoitecer, quando a família voltou a reunir-se na capela, novamente me aproximei do aposento de Nívea. Naquele momento não havia conversas, e o que eu podia ouvir com nitidez eram os esforçados gemidos de Nívea, o murmúrio de orações e o ruído da chuva caindo no telhado. Permaneci encolhida em um desvão do corredor, tremendo de medo, pois estava certa de que os índios podiam chegar de repente e roubar o bebê de Nívea... e se a *meica* fosse uma daquelas bruxas que fabricavam *imbunches* com recém-nascidos? Como podia Nívea não ter pensado nessa pavorosa possibilidade? Eu estava a ponto de pôr-me a correr de volta à capela, onde havia luz e gente, mas naquele momento uma das mulheres saiu a fim de buscar alguma coisa, deixou a porta entreaberta e eu pude vislumbrar o que acontecia no aposento. Ninguém me viu, porque o corredor estava completamente às escuras, mas lá dentro reinava a claridade de duas lamparinas de sebo e velas distribuídas por todos os lados. Três fogareiros acesos nos cantos mantinham o ar muito mais quente do que no resto da casa, e uma onda que se propagava do vaso em que ferviam folhas de eucalipto impregnava o ambiente de um fresco aroma de bosque. Nívea, vestida com uma camisola curta, um jaleco e grossas meias de lã, estava de cócoras sobre um

lençol, agarrada com ambas as mãos a duas cordas que pendiam das vigas do teto, e era abraçada por trás pela *meica*, que murmurava palavras em uma língua desconhecida. O grande ventre da mãe, abaulado e marcado de veias azuis, parecia, à luz palpitante das velas, algo monstruoso, alheio ao resto do corpo, que nem mesmo humano parecia. Nívea lutava, empapada de suor, o cabelo colado no rosto, os olhos fechados, circuldos de roxo, os lábios inchados. Uma das minhas tias rezava de joelhos ao lado de uma pequena mesa, onde havia posto uma estatueta de São Ramón Nonato, padroeiro das parturientes, único santo que não nasceu pela via normal, pois teve de ser retirado por um talho feito na barriga da mãe; outra estava perto da índia, com uma bacia de água quente e uma pilha de panos limpos. Houve uma breve pausa, durante a qual Nívea respirou fundo e a *meica* se pôs diante dela, a fim de massagear-lhe o ventre com suas pesadas mãos, como se acomodasse a criança lá dentro. De repente, um jorro de líquido sanguinolento empapou a manta. A *meica* o deteve com um pano, que também ficou imediatamente ensopado, e depois outro e mais outro. “Graças, graças, graças”, ouvi a índia dizer em espanhol. Nívea apegou-se ainda mais às cordas e empurrou com tanta força, que os tendões do pescoço e as veias da fronte pareciam a ponto de estourar. Um surdo bramido saiu de seus lábios, e então algo assomou entre suas pernas, algo que a *meica* acolheu suavemente e sustentou por um instante, até que Nívea recobrou o fôlego, forçou novamente e o menino acabou de sair. Achei que ia desmaiar de terror e de asco, e então me afastei, cambaleando, pelo comprido e sinistro corredor.

Uma hora mais tarde, enquanto as criadas recolhiam os panos sujos e tudo o mais que fora usado no parto a fim de ser levado ao fogo – assim, acreditavam então, evitavam-se as hemorragias – e a *meica* envolvia a placenta e o cordão umbilical para serem enterrados embaixo de uma figueira, como era costume por aquelas bandas, o resto da família reunia-se na sala em torno do padre Teodoro Riesco a fim de dar graças a Deus pelo nascimento de um par de gêmeos, dois varões que levariam com honra o nome Del Valle, como disse o sacerdote. Duas das tias sustinham os recém-nascidos nos braços, bem agasalhados em mantilhas de lã, com gorrinhos na cabeça,

enquanto os membros da família, um depois do outro, aproximavam-se para beijá-los na testa, dizendo “Deus te proteja”, a fim de evitar algum involuntário mau-olhado. Não pude, como os demais, dar as boas-vindas aos meus novos primos, pois me pareciam uns vermes feíssimos, e a lembrança do ventre azulado de Nívea, expulsando-os como uma massa de carne ensangüentada, iria penalizar-me para sempre.

Na segunda semana de agosto chegou, para levar-nos de volta, Frederick Williams, elegantíssimo como sempre e também muito tranqüilo, como se o risco de cair nas mãos da polícia política não tivesse passado de uma alucinação coletiva. Minha avó recebeu o marido como uma noiva, os olhos brilhantes e as faces vermelhas de emoção, estendeu-lhe as mãos, ele as beijou com algo mais do que respeito; percebi, pela primeira vez, que aquele estranho casal estava unido por laços muito parecidos com a ternura. Naquela ocasião ela andava ao redor dos sessenta e cinco anos, idade em que as outras mulheres eram derrotadas por lutos sobrepostos e pelas desventuras da existência, mas Paulina del Valle parecia invencível. Prendia o cabelo, coqueteria que nenhuma senhora de seu meio se permitia; apesar de sua gordura, vestia-se com a mesma vaidade de sempre e maquiava-se com tanta delicadeza, que ninguém seria capaz de suspeitar do rugo em suas faces ou do rímel nos seus cílios. Frederick Williams era visivelmente mais jovem, e, ao que parece, as mulheres o achavam muito atraente, pois sempre meneavam leques e deixavam cair lencinhos em sua presença. Nunca o vi retribuir essas amabilidades, mas em compensação sempre me pareceu absolutamente dedicado à sua mulher. Muitas vezes me perguntei se a relação de Frederick Williams e Paulina del Valle foi apenas um arranjo de conveniência, se foi tão platônica como todos supõem ou se houve entre eles uma certa atração. Chegaram a amar-se? Ninguém poderá saber, pois ele jamais tocou no assunto, e minha avó, que foi capaz de me contar as coisas mais íntimas, levou a resposta para o outro mundo.

Tio Frederick nos fez saber que, graças à intervenção do próprio Presidente, tinham libertado dom Pedro Tey antes que Godoy conseguisse arrancar-lhe uma confissão, e assim

podíamos voltar para a casa de Santiago, pois de fato o nome de nossa família jamais entrou nas listas da polícia. Nove anos mais tarde, quando minha avó morreu e pude rever a senhorita Matilde Pineda e dom Pedro Tey, vim a conhecer detalhes da ocorrência, dos quais o bondoso Frederick Williams fizera questão de nos poupar. Depois de terem invadido a livraria, espancado os empregados, empilhado centenas de livros e tocado fogo neles, os policiais tinham conduzido o livreiro catalão para o seu sinistro quartel, onde lhe aplicaram o tratamento habitual. Ao final do castigo, Tey havia perdido os sentidos, sem ter dito uma única palavra; então despejaram sobre ele um balde de água com excremento, ataram-no a uma cadeira e ali ele permaneceu o resto da noite. No dia seguinte, quando o levavam novamente à presença dos seus torturadores, chegaram o embaixador norte-americano Patrick Egon e um ajudante-de-ordens do Presidente, a fim de exigir a libertação do prisioneiro. Deixaram-no ir depois de adverti-lo de que, se dissesse uma só palavra sobre o ocorrido, dessa vez enfrentaria um pelotão de fuzilamento. Levaram-no sangrando e coberto de merda ao coche do embaixador, onde o esperavam Frederick Williams e um médico; dali foi conduzido à Embaixada dos Estados Unidos, na condição de asilado. Um mês depois o governo caiu, e dom Pedro Tey saiu da Legação para ajudar a família do Presidente deposto, que encontrou refúgio à sombra da mesma bandeira. O livreiro passou vários meses fora de cena, esperou que sarassem as feridas da tortura e os ossos dos ombros recuperassem o movimento, e então pôs de pé novamente o seu negócio de livros. As atrocidades sofridas não o amedrontaram, não lhe passou pela mente a idéia de voltar para a Catalunha e continuou sempre na oposição, fosse qual fosse o governo que estivesse ocupando o palácio. Quando, muitos anos mais tarde, agradeci-lhe pelo terrível suplício que havia suportado para proteger minha família, ele me respondeu que não havia feito aquilo por nós, mas pela senhorita Matilde Pineda.

Minha avó Paulina queria permanecer no campo até que terminasse a Revolução, mas Frederick Williams convenceu-a de que o conflito podia durar anos e não devíamos abandonar a posição que ocupávamos em Santiago; o fato era que a

propriedade, com seus camponeses humildes, as sextas sem fim, os estábulos cheios de bosta e de moscas, parecia-lhe um destino pior do que o calabouço.

– A Guerra Civil durou quatro anos nos Estados Unidos, pode durar o mesmo aqui – disse ele.

– Quatro anos? Nesse caso não restaria um único chileno vivo. Diz meu sobrinho Severo que nestes poucos meses dez mil homens já morreram em combate e mais de mil foram assassinados – replicou minha avó.

Nívea quis regressar conosco a Santiago, embora ainda sentisse nas costas o cansaço daquele parto duplo, e tanto insistiu, que minha avó finalmente cedeu. No início, por causa daquela história da impressora, Paulina não falava com Nívea, mas, quando viu os gêmeos, perdoou-a por tudo. Logo nos encontramos todos a caminho da capital, com as mesmas bagagens que havíamos trazido semanas antes, mais dois recém-nascidos e menos os pássaros, que haviam morrido de susto pelo caminho. Levávamos várias cestas com vitualhas e uma jarra com a bebida que Nívea devia tomar a fim de prevenir-se da anemia, uma nauseabunda mistura de vinho velho com sangue fresco de novilho. Nívea tinha passado meses sem notícias do marido e, como nos confessou em um momento de fraqueza, começava a sentir-se deprimida. Nunca duvidou que Severo del Valle voltaria para seu lado são e salvo da guerra, tinha uma espécie de clarividência em relação ao próprio destino. Assim como sempre soubera que seria sua esposa, mesmo quando ele anunciou-lhe que havia se casado com outra em San Francisco, também sabia que estavam destinados a morrer juntos em um acidente. Ouvi Nívea dizer isso muitas vezes, e a frase acabou por se converter em uma piada dentro da família. Tinha medo de ficar no campo, porque ali seria difícil para seu marido comunicar-se com ela, já que no caos da Revolução o correio era muitas vezes perdido, principalmente nas áreas rurais.

Desde o início de seu amor por Severo, quando se evidenciou sua irrefreável fertilidade, Nívea compreendeu que se fosse cumprir as normas habituais do decoro, fechando-se em casa durante cada gravidez e cada parto, iria passar o resto da vida encerrada; decidiu, portanto, não fazer mistério com a

maternidade e, assim como se pavoneava com sua barriga pontuda, à maneira de uma camponesa descarada e para horror da “boa sociedade”, também dava à luz sem afetações, mantinha-se confinada por apenas três dias – em vez da quarentena exigida pelo médico –, tratando em seguida de apresentar-se em todos os lugares, inclusive nos comícios das sufragistas, com seu séquito de crianças e de amas. Estas eram adolescentes recrutadas no campo e destinadas a servir pelo resto da vida, a menos que ficassem grávidas ou se casassem, o que era sempre pouco provável. Aquelas abnegadas moças cresciam, murchavam e morriam na casa, dormiam em quartos insalubres, sem janelas, e comiam as sobras da mesa principal; adoravam as crianças que deviam criar, principalmente os meninos, e quando as filhas da família se casavam levavam-nas consigo como parte do enxoval, para que continuassem servindo à segunda geração. Em uma época em que tudo que dizia respeito à maternidade era mantido às ocultas, a convivência com Nívea me instruiu, aos onze anos, em assuntos que qualquer garota do meu meio ignorava. No campo, quando os animais se acasalavam ou pariam, as meninas eram trancadas em casa, com as janelas fechadas, pois se partia do princípio de que aquelas funções feriam nossas almas sensíveis e nos plantavam idéias perversas na cabeça. Tinham razão, pois o luxurioso espetáculo de um potro bravo cobrindo uma égua, que vi casualmente na propriedade de meus tios, ainda me esquentava o sangue. Hoje, em 1910, quando os vinte anos de diferença entre mim e Nívea desapareceram, e, mais que minha tia, ela é minha amiga, vim a saber que os partos anuais nunca foram um obstáculo sério para ela; grávida ou não, estava sempre pronta para as impudicas cabrioladas com o marido. Em uma daquelas conversas confidenciais, perguntei-lhe por que teve tantos filhos – quinze, dos quais onze estão vivos –, e ela me respondeu que não pôde evitá-los, nenhum dos sábios recursos das matronas francesas funcionou em seu caso. Salvou-se daquele tremendo desgaste graças à sua força física indomável e ao seu coração, que se recusava a enredar-se nas teias do sentimentalismo. Criava os filhos com a ajuda do mesmo método que usava nos assuntos domésticos: delegando. Mal dava à luz, apertava os peitos sob a roupa e entregava a cria

a uma ama-de-leite; em sua casa as amas eram quase tão numerosas quanto as crianças. A facilidade que Nívea tinha para parir, sua boa saúde e a maneira como se desprendia dos filhos salvaram sua relação íntima com Severo, e é fácil imaginar a grande ternura que os une. Segundo me contou, os livros proibidos que lera minuciosamente na biblioteca de seu tio haviam-lhe ensinado as fantásticas possibilidades do amor, entre as quais algumas bem tranqüilas, para amantes limitados em sua capacidade acrobática, como teria sido o próprio caso dos dois: ele por causa da perna amputada e ela pelas suas barrigas de grávida. Não sei quais são as contorções favoritas daquele casal, mas imagino que os momentos de mais deleite são aqueles em que brincam às escuras, sem fazer o menor ruído, como se no aposento houvesse uma freira debatendo-se entre a sonolência do chocolate com valeriana e a ânsia de pecar.

As notícias da Revolução eram estritamente censuradas pelo governo, mas tudo se sabia, antes mesmo que ocorresse. Soubemos da conspiração, que nos foi anunciada por um dos meus primos mais velhos, que apareceu sigilosamente na casa da rua Ejército Libertador, em companhia de um morador da propriedade, criador e guarda-costas. Depois do jantar, ele se fechou por um longo tempo no escritório, com Frederick Williams e minha avó, enquanto eu fingia ler em um canto, mas sem perder uma só palavra do que diziam. Meu primo era um rapazinho louro, garboso, com cabelos anelados e olhos femininos, impulsivo e simpático; fora criado no campo e tinha pulso forte para domar cavalos, e isso é tudo que me lembro dele. Explicou que uns jovens, entre os quais ele se encontrava, pretendiam explodir umas pontes, a fim de hostilizar o governo.

– De quem partiu essa idéia tão brilhante? Vocês têm um chefe? – perguntou, sarcástica, minha avó.

– Não, ainda não temos um chefe, mas vamos elegê-lo quando nos reunirmos.

– Quantos são vocês, filho?

– Somos mais ou menos uma centena, mas não sei quantos virão. Nem todos sabem para que mandamos chamá-los; por motivos de segurança, isso só será dito depois, entende, tia?

– Entendo. São todos filhos de donos de terra, como você? – quis saber minha avó, cada vez mais alterada.

– Há também artesãos, operários, gente do campo, e alguns deles são meus amigos.

– Que armas vocês têm? – perguntou Frederick Williams.

– Sabres, facas, e penso que teremos também algumas carabinas. É claro que precisamos conseguir pólvora.

– Tudo isso me parece um completo disparate! – minha avó explodiu.

Tentaram dissuadi-lo, e ele os escutou com fingida paciência, mas ficou evidente que sua decisão estava tomada e aquele não era o momento para mudar de opinião. Quando saiu, levava em uma bolsa de couro algumas armas de fogo da coleção de Frederick Williams. Dois dias mais tarde soubemos o que aconteceu no local da reunião, a poucos quilômetros de Santiago. Os rebeldes foram chegando, no decorrer do dia, a uma pequena casa de vaqueiros, onde se sentiam seguros; passaram horas discutindo, mas, como tinham poucas armas e o plano vazava por todos os lados, decidiram adiá-lo, passariam a noite ali em alegre camaradagem e no dia seguinte dispersar-se-iam. Não suspeitavam de que tinham sido denunciados. Às quatro da madrugada foram atacados por noventa ginetes e quarenta infantes das tropas do governo; a manobra foi rápida e precisa, de modo que os sitiados não conseguiram defender-se e logo se renderam, convencidos de que estariam a salvo, pois não tinham cometido crime nenhum, exceto o de reunir-se sem permissão. O tenente-coronel à frente do destacamento perdeu a cabeça em meio à confusão e, aos gritos e cego de cólera, arrastou o primeiro preso para fora e mandou despedaçá-lo a tiros e golpes de baioneta; em seguida escolheu mais oito e os fuzilou pelas costas; a matança e as pauladas continuaram, e, quando o dia clareou, havia dezesseis corpos destroçados. O tenente-coronel invadiu as adegas da propriedade e depois entregou as mulheres dos camponeses à soldadesca embriagada pelo vinho e animada pela impunidade. Incendiaram a casa e torturaram tão selvagememente o administrador, que tiveram de fuzilá-lo sentado. Enquanto isso, ordens iam e vinham de Santiago, mas a espera não apaziguava o ânimo dos soldados, servindo apenas para aumentar sua febre de violência. No dia

seguinte, depois de muitas horas de inferno, chegaram as instruções, que um general havia escrito do próprio punho: “Que todos sejam imediatamente executados.” E assim foi feito. Depois levaram os cadáveres em cinco carroças, para atirá-los em uma fossa comum, mas o clamor foi tanto, que finalmente os entregaram às respectivas famílias.

Ao anoitecer trouxeram o corpo de meu primo, que minha avó havia reclamado, valendo-se de sua posição social e suas influências; vinha envolto em uma coberta ensangüentada, e o trancaram em um dos quartos da casa, a fim de melhorar um pouco sua aparência antes que a mãe e as irmãs viessem vê-lo. Do meu observatório no alto da escada vi a chegada de um cavalheiro vestido numa sobrecasaca negra e carregando uma pequena maleta; o recém-chegado trancafou-se com o cadáver, enquanto as criadas diziam entre si que se tratava de um mestre embalsamador, capaz de esconder as marcas do fuzilamento com maquiagem, recheio e uma agulha de colchoeiro. Frederick Williams e minha avó tinham convertido o salão dourado em câmara ardente, com um altar improvisado e círios amarelos em altos candelabros. Quando os coches começaram a chegar, ao amanhecer, com a família e os amigos, a casa estava cheia de flores, e meu primo, limpo, bem-vestido, sem vestígios de martírio, repousava em um magnífico ataúde de acaju, com enfeites de prata. As mulheres, de luto rigoroso, estavam instaladas em uma dupla fila de cadeiras, chorando e rezando, os homens planejavam a vingança no salão dourado, as empregadas serviam salgadinhos, como se fosse um piquenique, e nós, as crianças, também vestidas de negro e sufocando o riso, brincávamos de nos fuzilarmos mutuamente. Meu primo e vários de seus companheiros foram velados durante três dias, em suas casas, enquanto os sinos das igrejas repicavam continuamente pelos rapazes mortos. As autoridades não se atreveram a intervir. Apesar da estrita censura, ninguém no país deixou de saber do acontecimento, a notícia voou como a pólvora e o horror sacudiu por igual partidários do governo e revolucionários. O Presidente não quis ouvir os detalhes e não assumiu qualquer responsabilidade, tal como havia feito em relação a todas as ignomínias cometidas por outros militares, como as do temível Godoy.

– Foram mortos sem nenhuma necessidade, a sangue-frio, como se fossem bichos. Não se pode esperar outra coisa, somos um país sanguinário – disse Nívea, muito mais furiosa do que triste, e tratou de explicar que tínhamos travado cinco guerras no decorrer do século que estava terminando. – Nós, chilenos, parecemos inofensivos, temos reputação de humildade, temos até mesmo o hábito de abusar dos diminutivos, *por favorzinho, me dê um copinho de agüinha*, mas na primeira oportunidade nos transformamos em canibais. Acho que precisamos saber de onde viemos para entender esse nosso lado brutal, nossos antepassados eram os mais aguerridos e cruéis conquistadores espanhóis, os únicos que se atreveram a vir ao Chile por terra, com as armaduras vermelhas de tão aquecidas pelo sol do deserto, vencendo os piores obstáculos da natureza. Aqui se misturaram com os araucanos, tão bravos quanto eles, único povo do continente que jamais pôde ser subjugado. Os índios comiam os prisioneiros, e seus chefes, os *toquis*, usavam máscaras cerimoniais feitas com as peles secas de seus opressores, preferentemente daqueles com barba e bigode – porque eles próprios eram imberbes –, vingando-se assim dos brancos, que por sua vez os queimavam vivos, empalavam-nos, cortavam seus braços e arrancavam seus olhos.

– Basta! Proíbo que continue a falar dessas barbaridades diante de minha neta – vovó Paulina a interrompeu.

A carnificina dos jovens conspiradores foi o detonador das batalhas finais da Guerra Civil. Nos dias seguintes, os revolucionários desembarcaram um exército de nove mil homens, apoiado pela artilharia naval, avançaram para o porto de Valparaíso em marcha forçada e aparente desordem, como uma horda de hunos; mas naquele caos havia um plano claríssimo, tanto que em poucas horas esmagaram seus adversários. As forças do governo perderam três em cada dez homens, o exército revolucionário ocupou Valparaíso e dali se preparou para avançar sobre Santiago e dominar o restante do país. O Presidente dirigia a guerra de seu gabinete, usando o telégrafo e o telefone, mas os informes que lhe chegavam eram falsos e suas ordens se perdiam na nebulosa das estações transmissoras, pois a maioria das telefonistas pertencia às fileiras

revolucionárias. O Presidente recebeu a notícia da derrota na hora do jantar. Terminou de comer, impassível; em seguida ordenou à família que se refugiasse na embaixada norte-americana, tomou seu cachecol, sua capa e seu chapéu, e se encaminhou, a pé, em companhia de um amigo, para a embaixada argentina, que ficava a poucas quadras do palácio presidencial. Ali estava asilado um dos congressistas que faziam oposição ao seu governo, e os dois estiveram a ponto de cruzar-se à porta, um entrando derrotado e o outro saindo triunfante. O perseguidor tinha se transformado no perseguido.

Os revolucionários avançaram para a capital em meio às aclamações da mesma população que, meses antes, aplaudia as tropas do governo; em poucas horas os habitantes de Santiago ocuparam as ruas com fitas vermelhas atadas no braço, a maioria celebrando e alguns tratando de esconder-se, temendo o pior da parte da soldadesca e do populacho excitado. As novas autoridades apelaram à população para que cooperasse com a ordem e a paz, apelo esse que a turba interpretou à sua maneira. Formaram-se bandos, cada um com seu chefe, que passaram a percorrer a cidade levando listas de casas a serem saqueadas, com mapas que as identificavam e indicavam corretamente os endereços. Disseram mais tarde que essas listas foram feitas maldosamente por damas da alta sociedade, possuídas por desejos de vingança. Pode ser, mas, ao que me consta, Paulina del Valle e Nívea eram incapazes de semelhante baixeza, apesar do ódio que sentiam pelo governo derrubado; ao contrário, o que elas fizeram foi esconder em casa duas famílias perseguidas, até que o furor popular se abrandasse e a cidade voltasse à calma aborrecida dos tempos anteriores à Revolução, de que todos sentiam falta. O saque de Santiago foi uma ação metódica e mesmo divertida, desde que vista a distância, claro. À frente das “comissões”, eufemismo usado para designar os bandos, iam os chefes tocando campainhas e dando instruções: “Meninos, aqui podem roubar, mas não quebrem nada”; “aqui guardem os documentos e depois toquem fogo na casa”; “aqui podem levar o que quiserem e quebrar tudo o mais”. A “comissão” cumpria rigorosamente as instruções, e se os donos estivessem presentes eram saudados com educação, e a seguir tinha início o saque em meio à maior

alegria, como se todos ali fossem crianças em festa. Abriam os escritórios, retiravam os papéis e documentos privados, que entregavam ao chefe; em seguida rebentavam os móveis a golpes de machado, levavam aquilo de que gostavam e, para terminar, aspergiam as paredes com parafina e punham fogo em tudo. Do aposento que ocupava na embaixada argentina, o deposto presidente Balmaceda ouvia o fragor da desordem que tomava conta das ruas; ali redigiu seu testamento político e, temendo que sua família pagasse o preço do ódio, deu um tiro na têmpora. A empregada, que naquela noite levaria-lhe o jantar, foi a última pessoa a vê-lo com vida; às oito da manhã encontraram-no em sua cama, corretamente vestido, com a cabeça no travesseiro ensangüentado. A bala transformou-o imediatamente em um mártir e, nos anos vindouros, ele passaria a ser um símbolo da liberdade e da democracia, respeitado até pelos seus mais encarniçados inimigos. Como dizia minha avó, o Chile é um país de memória ruim. Nos poucos meses que durou a Revolução morreram mais chilenos do que nos quatro anos da Guerra do Pacífico.

No meio daquela desordem apareceu em nossa casa Severo del Valle, barbado e sujo de barro, a fim de levar sua mulher, que desde janeiro não via. Teve uma enorme surpresa ao encontrá-la com dois filhos a mais, pois, no tumulto da Revolução, Nívea tinha se esquecido de contar-lhe que a deixara grávida. Os gêmeos começaram a desenvolver-se e em duas semanas tinham adquirido um aspecto mais ou menos humano, não eram mais os bichinhos azuis e enrugados que tinham sido ao nascer. Nívea pulou no pescoço do marido e foi aquela a primeira vez na vida que presenciei um grande beijo na boca. Tomada de surpresa, minha avó tentou me distrair, mas não conseguiu, e o fato é que ainda me lembro do tremendo efeito que a cena teve em mim; aquele beijo marcou o começo da minha vulcânica transformação da adolescência. Em poucos meses me tornei uma estranha, não conseguia reconhecer a moça ensimesmada em que estava me transformando, vi-me aprisionada em um corpo rebelde e exigente, que crescia e se afirmava, sofria e palpitava. Parecia que eu era apenas uma extensão do meu ventre, aquela caverna que imaginava como um oco ensangüentado, onde fermentavam humores e se

desenvolvia uma flora esquisita e terrível. Não podia esquecer a cena alucinante de Nívea dando à luz de cócoras, iluminada por velas, sua enorme barriga coroadada pelo umbigo protuberante, de seus delgados braços agarrados a cordas que pendiam do teto. Punha-me de repente a chorar sem nenhuma causa aparente, da mesma forma que me rendia a chiliques de raiva incontida ou amanhecia tão cansada, que não conseguia me levantar. Os sonhos dos meninos em pijamas negros voltaram com mais intensidade e frequência; e também sonhava sendo envolvida pelos braços de um homem suave que cheirava a mar. Despertava agarrada ao travesseiro, desejando com desespero que alguém me beijasse da mesma maneira que Severo del Valle tinha beijado sua mulher. Por fora eu ardia em calor, por dentro gelava, não tinha mais paz para ler ou estudar, deitava a correr pelo jardim, dando voltas, como se fosse uma possuída, para não me render ao desejo de uivar, entrava com roupa e tudo no laguinho do jardim, pisoteando nenúfares e assustando os peixes vermelhos, orgulho de minha avó. Logo descobri os pontos mais sensíveis de meu corpo e me acariciava às escondidas, sem compreender por que me acalmava com aquilo que devia ser pecado. Estou enlouquecendo, como tantas mulheres que acabam histéricas, concluí aterrorizada, mas não me atrevi a puxar o assunto com minha avó. Paulina del Valle também estava mudando, enquanto meu corpo florescia o seu ia secando, atacado por males misteriosos que ela não discutia com ninguém, nem mesmo com o médico, fiel à sua teoria de que bastava andar ereta e não fazer ruídos de velha para manter-se longe da linha da decrepitude. A gordura pesava-lhe, tinha varizes nas pernas, os ossos doíam-lhe, sentia falta de ar e urinava gota a gota, misérias que fui adivinhando pela observação de pequenos sinais, que ela, no entanto, mantinha em estrito segredo. A senhorita Matilde Pineda muito me ajudara no transe da adolescência, mas havia saído por completo de minha vida, escoraçada por vovó Paulina. Nívea também se fora com o marido, filhos e amas, tão despreocupada e alegre como havia chegado, deixando um vazio tremendo na casa. Sobravam móveis e faltavam ruídos; sem ela e suas crianças a mansão de minha avó se transformara em um mausoléu.

Santiago festejou a derrubada do governo com uma seqüência interminável de desfiles, danças de rua, festas e banquetes; minha avó não ficou atrás, abriu de novo as portas da casa e tratou de reatar sua vida social e suas tertúlias, mas havia um ar de agonia que o mês de setembro, com sua esplêndida primavera, não conseguia mudar. Os milhares de mortos, as traições e os saques continuavam pesando por igual nas almas de vencedores e vencidos. Estávamos envergonhados: a Guerra Civil tinha sido uma orgia de sangue.

Aquela foi uma época estranha em minha vida, meu corpo mudou, minha alma expandiu-se e eu comecei a me perguntar a sério quem eu era e de onde tinha vindo. O detonador foi a chegada de Matías Rodríguez de Santa Cruz, meu pai, embora eu ainda não soubesse que o era. Recebi-o como o *tio* Matías, a quem havia conhecido anos antes na Europa. Já naquela ocasião me parecera frágil, mas ao vê-lo novamente não cheguei a reconhecê-lo; em sua cadeira de inválido parecia apenas uma ave desnutrida. Trouxe com ele uma bela mulher, madura, opulenta, de pele leitosa, vestida com uma simples roupa de popelina mostarda e um xale descolorido nos ombros, e cujo traço mais notável era a mata indômita de cabelos crespos, emaranhados e grisalhos, presos por uma fita estreita na altura da nuca. Parecia uma antiga rainha escandinava no exílio, não custava nada imaginá-la na proa de uma embarcação viking ladeada de escudos e tambores.

Paulina del Valle recebeu um telegrama anunciando que seu filho mais velho desembarcaria em Valparaíso e tomou imediatamente as medidas necessárias para ir ao porto comigo, tio Frederick e o resto do cortejo habitual. Para recebê-lo, viajamos em um vagão especial, que o gerente inglês da ferrovia pôs à nossa disposição. Era revestido de madeira envernizada, guarnecido por peças de bronze polido, e seus assentos cobertos de veludo cor de sangue de touro; o serviço estava a cargo de empregados que nos atendiam como se pertencêssemos à realeza. Instalamo-nos em um hotel de frente para o mar e esperamos o navio, que devia chegar no dia seguinte. No cais apresentamo-nos tão elegantes como se fôssemos a uma cerimônia de casamento; posso garantir que foi

realmente assim, porque tenho em meu poder uma fotografia feita na praça pouco antes de o navio atracar. Paulina del Valle veste uma roupa de seda clara com muitos enfeites, drapeados e colares de pérolas, usa um chapéu monumental, de abas largas, coroado por um monte de plumas que caem cascadeando para a frente, e leva uma sombrinha para proteger-se da luz. Seu marido, Frederick Williams, apresenta-se em um terno preto, usando cartola e bengala. Eu estou toda de branco e tenho um laço de organdi na cabeça, como se fosse um presente de aniversário. Baixaram a ponte de embarque do navio, e o comandante em pessoa veio nos convidar para subir a bordo e nos escoltou com muitas cerimônias até o camarote de dom Matías Rodríguez de Santa Cruz.

A última coisa que minha avó esperava era dar de cara com Amanda Lowell. A surpresa de vê-la quase a matou de desgosto; a presença de sua antiga rival impressionou-a muito mais do que o aspecto lamentável do filho. Claro, naquela ocasião eu não estava suficientemente informada para interpretar a reação de minha avó e, por isso, achei que se tratava apenas de um desconforto causado pelo calor. De sua parte, o fleumático Frederick Williams não moveu um cabelo ao ver Lowell; saudou-a com um gesto breve, mas amável, concentrando-se a seguir em acomodar minha avó em uma poltrona e oferecer-lhe um pouco d'água, enquanto Matías observava a cena com um ar divertido.

– O que essa mulher está fazendo aqui? – balbuciou minha avó quando conseguiu respirar.

– Suponho que vocês queiram conversar em família e, por isso, vou tomar um pouco de ar – disse a rainha viking, saindo com a dignidade intacta.

– A senhorita Lowell é minha amiga, digamos que é minha única amiga, mãe. Acompanhou-me até aqui, sem ela eu não teria conseguido viajar. Foi ela quem insistiu para que eu retornasse ao Chile, considerando que para mim é melhor morrer no seio da família do que largado em um hospital de Paris – disse Matías em um espanhol arrevesado e com um estranho acento franco-saxão.

Então Paulina del Valle olhou-o pela primeira vez, dando-se conta de que de seu filho tudo que restava era um esqueleto

coberto por uma pele de cobra; seus olhos, que agora pareciam de vidro, escondiam-se no fundo das órbitas, e as carnes do rosto haviam se adelgado tanto, que dava para ver os dentes por baixo da pele. Matías estava deitado em um sofá, apoiado em almofadas, com as pernas cobertas por um xale. Parecia um velhinho, decrépito e melancólico, embora na verdade tivesse apenas uns quarenta anos.

– Meu Deus, Matías, que está acontecendo com você? – minha avó perguntou, horrorizada.

– Nada que a senhora possa fazer para curar, mãe. Vai compreender que tive razões muito fortes para voltar.

– Aquela mulher...

– Sei tudo sobre a história de Amanda Lowell com meu pai; aconteceu há trinta anos, do outro lado do mundo. Se eu não pude esquecer o seu pesar? Ora, todos nós já chegamos à idade de atirar pela borda aqueles sentimentos que não servem para nada e ficar apenas com aqueles que nos ajudam a viver. A tolerância é um deles, mãe. Devo muito à senhorita Lowell, ela vem sendo minha companheira há mais de quinze anos...

– Companheira? O que significa isso?

– O que acaba de ouvir: companheira. Não é minha enfermeira, nem minha mulher, e já não é mais minha amante. Ela me acompanha nas viagens, na vida, e agora, como pode ver, está me acompanhando na morte.

– Não fale assim! Você não vai morrer, filho, aqui será cuidado como deve e dentro em breve estará bem, com saúde...

– assegurou Paulina del Valle, mas a sua voz apagou-se e ela não pôde prosseguir.

Haviam se passado três décadas desde que meu avô Feliciano Rodríguez de Santa Cruz estivera de amores com Amanda Lowell, e minha avó a tinha visto apenas duas vezes, e de longe, mas a reconheceu imediatamente. Não por acaso havia dormido todas as noites na cama teatral que mandara fabricar em Florença com o objetivo de desafiá-la, de modo que devia tê-la recordado cada vez que lhe dominara a raiva pelos escândalos da amante de seu marido. Quando surgiu diante de seus olhos aquela mulher envelhecida e sem sinais de vaidade, nem um pouquinho mais parecida com a estupenda potranca que chegava a parar o trânsito de San Francisco quando passava

pela rua balançando o traseiro, Paulina não a viu como quem era naquele momento, mas como a perigosa rival que antes tinha sido. A raiva contra Amanda Lowell permanecera adormecida, aguardando a hora de aflorar, mas diante das palavras do filho buscou-a nos desvãos da alma e não conseguiu encontrá-la. Em compensação, encontrou o instinto maternal, que nela nunca fora um traço marcante e que agora a invadia com uma absoluta e insuportável compaixão. E a compaixão alcançou mais do que o filho moribundo, alcançou também a mulher que o havia acompanhado durante anos, que o havia amado com lealdade, que havia cuidado dele na desgraça da doença e que agora acabava de cruzar o mundo para trazê-lo na hora da morte. Paulina del Valle permaneceu em sua poltrona, com os olhos fixos em seu pobre filho, as lágrimas rolando silenciosas pelas suas faces, subitamente apequenada, envelhecida e frágil, enquanto eu lhe dava palmadinhas de consolo nas costas, sem entender quase nada do que estava se passando. Frederick Williams devia conhecer muito bem minha avó, pois, sem uma palavra, saiu em busca de Amanda Lowell e a trouxe de volta ao pequeno salão.

– Perdoe-me, senhorita Lowell – murmurou minha avó, ainda sentada em sua poltrona.

– Perdoe-me a senhora – replicou a outra, aproximando-se com timidez até ficar diante de Paulina del Valle.

Deram-se as mãos, uma de pé, a outra sentada, as duas com os olhos cheios de lágrimas, e assim permaneceram por um momento que me pareceu eterno, até que de repente senti um estremecimento nos ombros de minha avó e percebi, desse modo, que ela estava rindo baixinho. A outra também se pusera a rir, inicialmente escondendo a boca, tomada de surpresa, mas logo depois, ao ver que sua rival estava rindo, deixou escapar uma gargalhada alegre, que se misturou com a de minha avó, e assim, em poucos instantes, estavam as duas dobrando-se de rir, contagiando-se mutuamente com uma alegria desenfreada e histérica, varrendo com aquela risadaria límpida anos e anos de ciúmes inúteis, os rancores que se transformavam em pó, a traição do marido e outras abomináveis lembranças.

A casa da rua Ejército Libertador acolheu muitas pessoas nos

anos turbulentos da Revolução, mas, para mim, nada foi tão complicado e excitante quanto a chegada de meu pai, que voltou a fim de esperar a morte. A situação política havia se acalmado depois da Guerra Civil, que pôs fim a um longo período de governos liberais. Os revolucionários obtiveram as mudanças pelas quais havia corrido tanto sangue: antes, o governo impunha seu candidato mediante o suborno e a intimidação, com apoio das autoridades civis e militares; agora o suborno era praticado pelos patrões, os padres e os partidos em geral; o sistema era mais justo, porque o suborno de um lado compensava o do outro e a corrupção já não era paga com o dinheiro público. A isso se chamou liberdade eleitoral. Os revolucionários implantaram também um regime parlamentar como o da Grã-Bretanha, que não iria durar muito. “Somos os ingleses da América”, disse uma vez minha avó, e Nívea replicou-lhe de imediato que os ingleses eram os chilenos da Europa. De qualquer maneira, a experiência parlamentar não podia viver muito em uma terra de caudilhos; trocavam-se ministros com tanta frequência, que se tornara praticamente impossível seguir-lhes o rastro; em pouco tempo aquela dança de São Guido da política perdeu interesse para todos de nossa família, menos Nívea, que com o objetivo de chamar a atenção para o sufrágio feminino costumava encadear-se diante do Congresso, com duas ou três senhoras tão entusiastas quanto ela, desafiando os risos dos transeuntes, a fúria dos policiais e a vergonha dos maridos.

– Quando as mulheres puderem votar, elas votarão de maneira unânime. Teremos tanta força, que conseguiremos inclinar a balança do poder e mudar este país – dizia Nívea.

– Você se engana, votarão em quem o marido mandar, o marido ou o padre. As mulheres são mais tolas do que você imagina. Por outro lado, algumas de nós reinamos por trás do trono, você bem viu como derrubamos o governo anterior – rebatia minha avó.

– Isso é porque a senhora é rica e educada, tia. Quantas há como a senhora? Devemos lutar pelo voto, é o começo.

– Você perdeu a cabeça, Nívea.

– Não, tia, não perdi...

Instalaram meu pai no andar térreo, em um salão

transformado em dormitório, porque ele não podia subir a escada, e puseram à sua disposição uma empregada em tempo integral, uma sombra preparada para atendê-lo a qualquer hora do dia ou da noite. Segundo minha avó, o médico da família diagnosticou poeticamente a enfermidade do filho chamando-a de “turbulência inveterada do sangue”, preferindo assim não confrontá-la com a verdade; mas eu acho que para o resto do mundo era evidente que uma doença venérea estava consumindo meu pai. A doença tinha chegado à etapa final, e não havia mais cataplasmas, emplastos nem sublimados corrosivos capazes de ajudá-lo; aquela era a etapa que ele havia se proposto evitar a qualquer preço, mas em cujo sofrimento mergulhara por ter-lhe faltado coragem para suicidar-se antes, como durante anos havia planejado. A dor nos ossos permitia-lhe apenas alguns movimentos; não podia caminhar, e a mente fraquejava. Passava certos dias enredado em pesadelos, sem despertar por completo, murmurando histórias incompreensíveis; tinha, porém, momentos de grande lucidez e, quando a morfina atenuava sua aflição, podia rir e recordar-se. Então mandava me chamar para que sentasse ao seu lado. Passava o dia em uma poltrona de frente para a janela, apoiado em almofadões e rodeado de livros, jornais e bandejas com remédios. A empregada sentava-se a certa distância, tricotando, sempre atenta às suas necessidades, silenciosa e brusca como um inimigo, a única que ele tolerava ao seu lado, porque não o tratava com lástima. Minha avó tinha feito as coisas de modo que o filho sempre estivesse em um ambiente alegre, havia instalado cortinas estampadas de *chintz* e papel de parede em tons amarelos, mantinha sobre as mesas vasos de flores recém-colhidas no jardim, e havia contratado um quarteto de cordas para vir, várias vezes por semana, tocar suas melodias clássicas favoritas; mas nada conseguia dissimular o cheiro dos remédios e a certeza de que naquele salão alguém estava apodrecendo. Nos primeiros dias aquele cadáver vivente me causara repugnância, mas, quando consegui vencer o susto e, obrigada por minha avó, comecei a visitá-lo, minha vida mudou. Matías Rodríguez de Santa Cruz voltou para casa justamente quando a minha adolescência despertava, e me deu aquilo de que eu mais necessitava: memória. Em um de seus momentos de lucidez,

embora sob o efeito de drogas que aliviavam suas dores, anunciou que era meu pai. E a revelação foi feita de um modo tão simples, que não chegou a me causar surpresa.

– Lynn Sommers, sua mãe, foi a mulher mais bonita que conheci. Alegra-me que você não tenha herdado a beleza dela – disse.

– Por quê, tio?

– Não me chame de tio, Aurora. Sou seu pai. A beleza pode ser uma verdadeira maldição, porque desperta nos homens as piores paixões. Mulheres excessivamente belas não podem escapar do desejo que provocam.

– O senhor é realmente meu pai?

– Realmente sou.

– Ora! Eu pensava que meu pai era Severo.

– Severo é que devia ter sido seu pai, é um homem muito melhor do que eu. Sua mãe merecia um marido como ele. Eu sempre fui um estouvado, por isso estou nesta situação, convertido em um espantalho. Mas, com certeza, ele poderá contar muito mais coisas sobre ela do que eu – Matías explicou.

– Minha mãe o amava?

– Sim, mas eu não soube o que fazer com aquele amor e fugi dela. Você ainda é muito jovem para entender essas coisas, filha. Basta-lhe saber que sua mãe era maravilhosa, e é uma pena que haja morrido ainda tão jovem.

Eu estava de acordo, gostaria de ter conhecido minha mãe, mas de fato sentia mais curiosidade por outros personagens da minha primeira infância, que me apareciam em sonhos ou em vagas lembranças impossíveis de precisar. Nas conversas com meu pai foi aparecendo a silhueta de meu avô Tao Chi'en, a quem Matías só tinha visto uma vez. Bastou que mencionasse seu nome completo e me dissesse que se tratava de um chinês alto e bem-posto, para que minhas lembranças se soltassem, em gotas e gotas, como se fossem chuva. Ao dar nome àquela presença invisível que me acompanhava sempre, meu avô deixou de ser uma invenção de minha fantasia para converter-se em um fantasma tão real como uma pessoa de carne e osso. Senti um alívio imenso ao comprovar que aquele homem suave, com cheiro de mar, que eu imaginava não apenas tinha existido, mas que também me havia amado, e se desaparecera

de súbito não fora com a intenção de me abandonar.

– Ouvi dizer que Tao Chi'en morreu – meu pai esclareceu.

– Morreu como?

– Parece que foi um acidente, mas não tenho muita certeza.

– E que aconteceu com minha avó Eliza Sommers?

– Foi para a China. Achou que você estaria melhor com minha família e, nesse ponto, não errou – ele garantiu. – Minha mãe sempre quis ter uma filha e criou você com muito mais carinho do que foi capaz de dar a mim e meus irmãos.

– Que quer dizer Lai-Ming?

– Não tenho idéia. Por quê?

– Porque às vezes tenho a impressão de ouvir essa palavra...

Matías estava com os ossos desfeitos pela enfermidade, cansava-se rapidamente e não era fácil extrair informações dele; às vezes perdia-se em intermináveis divagações que nada tinham a ver com aquilo que me interessava, mas pouco a pouco fui conseguindo juntar os retalhos do passado, um depois do outro, sempre na ausência de minha avó, que se mostrava grata pelo fato de eu visitar o doente, pois a ela faltava ânimo para fazê-lo; entrava nos aposentos do filho duas vezes por dia, dava-lhe um beijo rápido na fronte e saía cambaleando, com os olhos cheios de lágrimas. Nunca perguntou sobre o que falávamos, e, é claro, nós não lhe dissemos. Também não me atrevi a mencionar o assunto diante de Severo e Nívea del Valle; temia que a menor indiscrição de minha parte pudesse representar um ponto final nas conversas com meu pai. Sem que tivéssemos feito nenhum acerto, ambos sabíamos que nossas conversas deviam permanecer em segredo, e isso nos unia em uma extraordinária cumplicidade. Não posso dizer que cheguei a amar meu pai, porque não houve tempo para isso, mas, nos breves meses em que conseguimos conviver, ele pôs um tesouro em minhas mãos ao me proporcionar detalhes de minha história, sobretudo no tocante à minha mãe, Lynn Sommers. Repetiu-me muitas vezes que eu levava nas veias o legítimo sangue dos Del Valle, e isso parecia ser importante para ele. Vim a saber depois que, por sugestão de Frederick Williams, que exercia grande influência sobre todos os membros daquela casa, ele me legou em vida a parte que lhe correspondia na herança familiar, preservada em várias contas bancárias e ações da Bolsa, tudo isso para

frustração de um sacerdote que o visitava diariamente, com a esperança de obter algo para a Igreja. Era um padre resmungão, com odor de santidade – fazia vários anos que não tomava banho nem trocava a batina –, famoso pela sua intolerância religiosa e seu talento para farejar moribundos endinheirados e convencê-los a destinar suas fortunas a obras de caridade. As famílias abastadas registravam a sua presença com verdadeiro horror, porque ele era o anúncio da morte, mas ninguém se atrevia a bater-lhe com a porta na cara. Quando meu pai compreendeu que estava chegando ao fim, chamou Severo del Valle – os dois praticamente não se falavam – para que chegassem a um acordo a meu respeito. Trouxeram um notário público, e ambos firmaram um documento no qual Severo renunciava à paternidade e Matías Rodríguez de Santa Cruz me reconhecia como filha. Desse modo me protegia dos outros dois filhos de Paulina, seus irmãos mais novos, que, depois da morte de minha avó, nove anos mais tarde, se apoderaram de tudo que puderam.

Minha avó apegou-se a Amanda Lowell com um afeto supersticioso, acreditando que, enquanto ela estivesse perto, Matías continuaria vivo. Paulina não se mostrava íntima com ninguém, a não ser comigo às vezes, pois considerava que em sua maioria as pessoas são irremediavelmente idiotas, e dizia isso para quem quisesse ouvir, o que, decerto, não era o melhor método para fazer amigos, mas aquela cortesã escocesa conseguiu rachar a armadura com a qual minha avó se protegia. Era impossível conceber duas mulheres mais diferentes; Amanda Lowell nada ambicionava, vivia o hoje, desapegada, livre, sem medo; não temia a pobreza, a solidão ou a decrepitude, aceitava tudo com a maior calma, para ela a existência era uma viagem divertida, que levava inevitavelmente à velhice e à morte; não tinha motivos para acumular bens, pois – como costumava dizer –, rica ou pobre, nada levaria para a sepultura. Àquela altura, já ficara muito para trás a jovem sedutora que tantos amores havia semeado em San Francisco, para trás ficara a bela que havia conquistado Paris; era, agora, uma cinquentona, sem coqueteria nem remorsos. Minha avó não se cansava de ouvi-la contar o passado, falar das pessoas

famosas que havia conhecido, e vê-la folhear os álbuns cheios de recortes de jornais e fotografias, em várias das quais ela aparecia jovem, radiante, com uma jibóia enrolada no corpo. “A coitada morreu de enjôo em uma viagem; as cobras não são boas viajantes”, contou-nos. Pela sua cultura cosmopolita e pelo seu atrativo – capaz de derrotar, sem a isso se propor, mulheres bem mais jovens e mais belas – transformou-se na alma das tertúlias de minha avó, amenizando-as com seu péssimo espanhol e seu francês com acento da Escócia. Não havia assunto que não fosse capaz de discutir, livro que não tivesse lido, cidade importante da Europa que não houvesse conhecido. Meu pai, que a amava e muito lhe devia, costumava dizer que ela era uma diletante, sabia um pouquinho de tudo, mas lhe sobrava imaginação para suprir aquilo que não tinha em termos de conhecimento e experiência. Para Amanda Lowell não havia cidade mais galante que Paris, nem sociedade mais pretensiosa que a francesa, única onde o socialismo, com sua desastrosa falta de elegância, não tinha a menor oportunidade de triunfar. Nesse ponto, Paulina del Valle concordava plenamente com ela. As duas mulheres descobriram que não apenas riam das mesmas tolices, entre as quais a cama mitológica, mas que também estavam de acordo em quase todos os assuntos fundamentais. Certo dia, quando tomavam o chá diante de uma pequena mesa de mármore na galeria de ferro forjado, as duas lamentaram o fato de não terem se conhecido antes. Com ou sem a presença de Feliciano e Matías, decidiram que teriam sido amigas excelentes. Paulina fez o possível para retê-la em sua casa, cobriu-a de presentes e a apresentou à sociedade como se fosse uma imperatriz, mas a outra era um pássaro incapaz de viver no cativeiro. Ficou dois meses, mas finalmente confessou à minha avó que não tinha coração bastante para presenciar a deterioração de Matías e que, com franqueza, Santiago lhe parecia uma cidade provinciana, apesar do luxo e da ostentação da classe alta, comparável à da nobreza européia. Aborrecia-se, seu lugar estava em Paris, onde havia transcorrido o melhor de sua existência. Minha avó quis marcar sua despedida com um baile que fizesse história em Santiago, ao qual estaria presente o que de mais elevado houvesse na sociedade, porque ninguém se

atreveria a rejeitar um convite seu, apesar dos rumores que circulavam sobre o passado brumoso de sua hóspede, mas Amanda Lowell convenceu-a de que Matías estava doente demais, e uma festa em tais circunstâncias seria de péssimo gosto, sem esquecer que não tinha o que vestir em tal ocasião. Paulina ofereceu-lhe seus vestidos, com a melhor das intenções, sem imaginar o quanto estava ofendendo Lowell ao insinuar que as duas tinham o mesmo talhe.

Três semanas depois da partida de Amanda Lowell, a empregada que cuidava de meu pai deu o alarma. Chamaram imediatamente o médico; em um abrir e fechar de olhos a casa encheu-se de gente, começou o desfile de amigos de minha avó, pessoas do governo, familiares, um sem-número de frades e freiras, entre os quais o malcheiroso sacerdote caçador de fortunas, que agora rondava minha avó, na esperança de que a dor de perder o filho a despachasse mais cedo desta para melhor. Paulina, contudo, não estava pensando em deixar este mundo, já fazia algum tempo que havia se resignado diante da tragédia do filho mais velho e viu com alívio a aproximação do final, porque ser testemunha daquele longo e lento calvário era muito pior do que sepultá-lo. Não me permitiram ver meu pai, pois se considerava que a agonia não era um espetáculo apropriado para meninas, e eu já havia sofrido angústias demais com o assassinato de meu primo e outras violências recentes, mas consegui me despedir brevemente dele graças a Frederick Williams, que me abriu a porta em um momento em que não havia ninguém nas imediações. Levou-me pela mão até a cama onde jazia Matías Rodríguez de Santa Cruz, do qual já nada de tangível restava, ele era apenas um feixe de ossos translúcidos, sepultados entre almofadas e lençóis bordados. Ainda respirava, mas sua alma já viajava por outras dimensões. Disse-lhe: “Adeus, papai.” Era a primeira vez que o chamava assim. Agonizou durante mais dois dias e, ao amanhecer do terceiro, morreu como um passarinho.

Eu tinha treze anos quando Severo del Valle me presenteou com uma câmara fotográfica moderna, que usava papel em vez das antigas placas de vidro e que deve ter sido uma das primeiras a serem importadas pelo Chile. A morte de meu pai

era recente, e os pesadelos me atormentavam tanto, que eu não queria me deitar, passava as noites andando pela casa como um espectro, seguida de perto pelo coitado do *Caramelo*, que sempre foi um cachorro tolo e desprovido de valor, até que minha avó Paulina se compadecia e nos aceitava em sua imensa cama dourada. Ela ocupava a metade com seu corpo grande, túbio, perfumado, e eu me encolhia no espaço restante, tremendo de medo, com *Caramelo* aos meus pés. “Que irei fazer com vocês dois?”, suspirava minha avó, meio adormecida. Era uma pergunta retórica, porque nem o cachorro nem eu tínhamos futuro, havia na família um consenso de que eu “ia terminar mal”. Naquela ocasião acabava de formar-se a primeira médica do Chile, e várias outras jovens estavam entrando na Universidade. Isso deu a Nívea a idéia de que eu podia fazer o mesmo, ainda que fosse apenas para desafiar a família e a sociedade, mas era evidente que eu não tinha a menor aptidão para estudar. Então apareceu Severo com a câmara e a deixou em minhas mãos. Era uma bela Kodak, preciosista nos detalhes de cada parafuso, leve, perfeita, produzida para mãos de artista. Continuo a usá-la até hoje; jamais falha. Nenhuma garota de minha idade tinha um brinquedo como aquele. Peguei-a com reverência e fiquei olhando-a, sem ter a mínima idéia de como se usava aquilo. “Vamos ver se agora você consegue fotografar as trevas dos seus pesadelos”, disse, brincando, Severo del Valle, sem suspeitar de que durante meses esse seria meu único propósito e que, no afã de elucidar o tal pesadelo, eu acabaria me enamorando pelo mundo. Minha avó me levou à Plaza de Armas, ao estúdio de dom Juan Ribero, o melhor fotógrafo de Santiago, um homem aparentemente seco como pão dormido, mas interiormente generoso e sentimental.

– Estou lhe trazendo minha neta para ser sua aprendiz – disse Paulina, pondo um cheque sobre a escrivania do artista, enquanto com uma das mãos eu me agarrava à sua saia e com a outra segurava minha câmara estalando de nova.

Dom Juan Ribero, que media meia cabeça menos e pesava a metade de minha avó, ajeitou os óculos no nariz, leu cuidadosamente a quantia escrita no cheque e em seguida o devolveu, olhando-a dos pés à cabeça com infinito desprezo.

– A quantia não é problema... Diga qual é o seu preço –

minha avó respondeu vacilante.

– Não se trata de preço, senhora, mas de talento – replicou, guiando Paulina del Valle para a porta.

Nesse ínterim eu tinha tido oportunidade de dar uma olhada em tudo que ali me rodeava. O trabalho dele cobria as paredes: eram centenas de retratos de pessoas de todas as idades. Ribero era o favorito da classe alta, o fotógrafo das páginas sociais, e no entanto as pessoas que me olhavam das paredes de seu estúdio não eram ricos com perucas nem debutantes bonitinhas, mas índios, mineiros, pescadores, lavadeiras, velhos, meninos pobres, muitas mulheres como aquelas que minha avó socorria com os empréstimos do Clube das Damas. Ali estava representado o rosto multifacético e atormentado do Chile. Aquelas caras nos retratos me sacudiram por dentro, quis conhecer a história de cada uma daquelas pessoas, senti uma opressão no peito, como se me tivessem dado um soco, e um incontável desejo de chorar, mas engoli a emoção e segui minha avó de cabeça erguida. No coche ela tratou de consolar-me: eu não devia me preocupar, disse, conseguiríamos outra pessoa para me ensinar a maneira de usar a câmara, havia fotógrafos a três por dois; o que teria se passado na cabeça daquele roto malnascido para falar naquele tom arrogante, logo a ela, a ninguém menos que Paulina del Valle? E continuava a discursar, mas eu não a escutava, pois já havia decidido que dom Juan Ribero, e ninguém mais, seria meu mestre. No dia seguinte, saí de casa antes que minha avó se levantasse, ordenei ao cocheiro que me levasse ao estúdio e me instalei no passeio, disposta a esperar por toda a eternidade. Dom Juan Ribero chegou por volta das onze da manhã, encontrou-me diante de sua porta e me ordenou que voltasse para casa. Naquela época eu era tímida – ainda sou –, além de muito orgulhosa, não estava habituada a pedir, porque desde que nasci fui mimada como uma rainha, mas a minha determinação deve ter sido muito forte. Não me afastei um passo da porta. Duas horas mais tarde o fotógrafo saiu, lançou-me um olhar furioso e foi andando rua abaixo. Quando voltou do almoço me encontrou pregada no mesmo lugar, com minha câmara apertada contra o peito. “Está bem”, ele murmurou, vencido, “mas aviso, minha juvenzinha, que não terei nenhuma

consideração especial com você. Quem vem aqui deve obedecer sem falar e aprender depressa, entendido?” Assenti com a cabeça, porque a voz não teve como sair. Minha avó, acostumada a negociar, aceitou minha paixão pela fotografia, desde que eu investisse o mesmo número de horas no estudo das matérias habitualmente ensinadas nos colégios masculinos, sem esquecer o latim e a teologia, porque no seu entender o que me faltava não era capacidade mental, mas rigor.

– Por que não me manda para uma escola pública? – pedi-lhe, entusiasmada pelos rumores sobre a educação laica para meninas, mas verdadeira causa de espanto entre minhas tias.

– Isso é para pessoas de outra classe, jamais permitirei – determinou minha avó.

Desse modo, voltaram a desfilar pela casa os preceptores, vários dos quais eram sacerdotes dispostos a me instruir em troca de gordas contribuições de minha avó às suas congregações. Tive sorte, em geral me trataram com indulgência, pois não esperavam que o meu cérebro aprendesse como o de um homem. Dom Juan Ribero, ao contrário, exigia muito mais de mim, porque entendia que a mulher deve esforçar-se mil vezes mais do que o homem para alcançar respeito em termos intelectuais ou artísticos. Ele me ensinou tudo que sei de fotografia, da escolha de uma lente até o trabalhoso processo de revelação; jamais tive outro mestre. Quando deixei seu estúdio dois anos mais tarde, éramos amigos. Agora ele tem setenta e quatro anos e já faz algum tempo que não trabalha, porque está cego, mas continua a me ajudar e a guiar meus passos vacilantes. Seu lema é a seriedade. A vida o apaixona, e a cegueira não foi obstáculo para que continue a olhar o mundo. Desenvolveu uma forma de clarividência. Assim como outros cegos têm pessoas que lêem para eles, Ribero tem quem veja e lhe conte o que vê. Seus alunos, seus amigos e seus filhos o visitam todos os dias, revezando-se na descrição daquilo que contemplaram: uma paisagem, uma cena, um rosto, um efeito de luz. Devem aprender a observar com muito cuidado para suportar o exaustivo interrogatório de dom Juan Ribero; desse modo, suas vidas mudam, já não podem andar pelo mundo com o descuido habitual, porque devem ver com os olhos do mestre. Eu

também o visito com frequência. Ele me recebe na eterna penumbra de seu apartamento, na rua Monjitas, sentado em sua poltrona diante da janela, com seu gato nos joelhos, sempre hospitaleiro e sempre sábio. Mantenho-o informado sobre os avanços técnicos na esfera da fotografia, descrevo-lhe em detalhes cada imagem dos livros que mando trazer de Nova York e Paris, apresento-lhe minhas dúvidas. Ele está sempre a par de tudo que acontece em sua área profissional, apaixona-se pelas diferentes tendências e teorias, conhece os nomes dos mestres mais destacados na Europa e Estados Unidos. Sempre se opôs ferozmente às poses artificiais, às cenas criadas em estúdio, às impressões embusteiras, feitas mediante sobreposição de vários negativos, tão em moda até alguns anos. Ele acredita na fotografia como testemunho pessoal: uma maneira de ver o mundo, e essa maneira deve ser honesta, usando-se a tecnologia como meio de plasmar a realidade, e não de distorcê-la. Quando passei por uma fase que me levou a fotografar meninas dentro de enormes recipientes de vidro, ele me perguntou para que tal desperdício e assim me afastei de tal caminho, mas quando lhe descrevi o retrato que havia feito de uma família de artistas de um circo mambembe, nus e vulneráveis, seu interesse foi imediatamente despertado. Eu já havia feito várias fotos daquela família posando diante de um desconjuntado carro de madeira, grandes rodas, tabuleiro de cordas trançadas, usado tanto para transporte quanto para moradia, quando de repente saiu do veículo uma menininha de quatro ou cinco anos, inteiramente nua. Então tive a idéia de pedir a todos que tirassem a roupa. Atenderam-me, sem malícia, e posaram com a mesma intensa concentração que haviam demonstrado quando estavam vestidos. É uma das minhas melhores fotografias, uma das poucas que chegaram a ser premiadas. Logo foi ficando evidente que eu era atraída mais pelas pessoas do que pelos objetos ou as paisagens. Quando fazemos um retrato estabelecemos uma relação com o modelo, que por mais breve que seja não deixa de ser uma conexão. A placa revela não apenas a imagem, mas também os sentimentos que fluem entre ambos. Dom Juan Ribero gostava dos retratos que eu fazia, bem diferentes dos seus. “Você sente empatia pelos seus modelos, Aurora, não trata de dominá-los,

mas de compreendê-los, por isso consegue expor suas almas”, ele me dizia. Incitava-me a deixar para trás as paredes seguras do estúdio e sair à rua, deslocar-me com a câmara, olhar com os olhos bem abertos, superar a minha timidez, perder o medo, aproximar-me das pessoas. Percebi que em geral me recebiam bem e posavam com toda a seriedade, embora eu fosse alguém que se intrometia em suas vidas: a câmara inspirava respeito e confiança, as pessoas se abriam e se entregavam. Eu estava limitada pela minha pouca idade, até vários anos mais tarde ainda não podia viajar pelo país, entrar nas galerias das minas, fotografar as greves, os hospitais, os casebres dos pobres, suas miseráveis escolas, suas pensões a quatro pesos, as praças empoeiradas onde os aposentados iam morrendo aos pouquinhos, os campos e as aldeias de pescadores. “A luz é a linguagem da fotografia, a alma do mundo. Não existe luz sem sombra, tal como não existe alegria sem dor”, disse-me dom Juan Ribero dezessete anos antes, na primeira aula que tive em seu estúdio da Plaza de Armas. Não me esqueci. Mas não devo antecipar-me. O que me propus foi contar esta história passo a passo, palavra a palavra, como deve ser.

Enquanto eu andava entusiasmada com a fotografia e desarvorada com as mudanças que ocorriam em meu corpo, minha avó Paulina não gastava tempo contemplando o próprio umbigo. Em vez de ficar paralisada, ia tecendo novos negócios em seu cérebro de fenício. Isso a ajudou a recuperar-se da perda do filho Matías e deu-lhe energias em uma idade na qual os outros têm um pé dentro da cova. Rejuvenesceu, seu olhar iluminou-se, o passo voltou a agilizar-se, pouco tempo depois tirou o luto e mandou o marido à Europa em missão estritamente secreta. O fiel Frederick esteve seis meses ausente e voltou carregado de presentes para ela e para mim, além de bons tabacos para ele próprio, o único vício que nele conhecíamos. Em sua bagagem, vinham de contrabando milhares de palitos secos, de uns quinze centímetros de comprimento e aparência de algo que não servia para nada; na verdade eram cepas de vinhas de Bordéus, que minha avó pretendia plantar em solo chileno, a fim de produzir um vinho decente. “Vamos competir com os vinhos franceses”, ela dissera

ao marido antes da viagem. Foi inútil o argumento de Frederick Williams de que os franceses tinham séculos de vantagem sobre nós, que as condições de lá são paradisíacas, enquanto o Chile é um país de catástrofes atmosféricas e políticas, e que um projeto de tal envergadura exigiria anos de trabalho.

– Nem você nem eu temos idade para esperar os resultados dessa experiência – disse ele com um suspiro.

– Ora, com esse critério não chegamos a lugar nenhum, Frederick. Sabe quantas gerações de artesãos são necessárias para se construir uma catedral?

– Paulina, as catedrais não nos interessam. Qualquer dia desses cairemos mortos.

– Este não seria o século da ciência e da tecnologia se cada inventor ficasse pensando em sua própria mortalidade, não lhe parece? Quero formar uma dinastia, e que o nome Del Valle perdure no mundo, mesmo sendo no fundo do copo de qualquer um dos bêbados que comprarem o meu vinho – minha avó replicou.

Depois dessa conversa, o inglês partiu resignado para aquela aventura de caça na França, enquanto Paulina del Valle tratava de amarrar as pontas da empresa no Chile. As primeiras vinhas chilenas tinham sido plantadas pelos missionários, nos tempos da Colônia, para produzir um vinho que se mostrou bastante bom, tão bom, de fato, que a Espanha resolveu proibi-lo, a fim de evitar que concorresse com os da mãe-pátria. Depois da Independência a indústria do vinho expandiu-se. Paulina não era a única pessoa que tencionava produzir vinhos de qualidade, mas enquanto os outros compravam terras nos arredores de Santiago, por comodismo, para não terem de deslocar-se em viagens que durassem mais de um dia, ela procurou terrenos mais distantes, não apenas porque eram mais baratos, mas também porque eram mais apropriados. Sem dizer a ninguém o que tinha em mente, mandou analisar a força da terra, os caprichos da água, a perseverança dos ventos, começando por aqueles campos que pertenciam à família Del Valle. Pagou uma ninharia por vastas extensões de terras abandonadas, das quais ninguém gostava, porque a única água de que ali se dispunha era a que caía do céu. A uva mais saborosa, a que produz os vinhos de melhor textura e mais vivo

aroma, a mais doce e mais generosa, não cresce na abundância, mas em terreno pedregoso; a planta, com teimosia de mãe, vence obstáculos para ir bem fundo com suas raízes e aproveitar cada gota d'água, e é assim que os sabores se concentram na uva, minha avó explicou-me.

– As vinhas são como as pessoas, Aurora, quanto mais difíceis são as circunstâncias, melhores são os frutos. É uma pena que eu tenha tardado tanto a fazer essa descoberta, porque, se tivesse sabido antes, teria usado de mão dura com meus filhos e também com você.

– Comigo a senhora usou, vovó.

– Não. Fui muito branda com você. Devia ter mandado você para as freiras.

– Para que eu aprendesse a rezar e bordar? A senhorita Matilde...

– Proibo que o nome dela seja mencionado nesta casa!

– Bom, vovó, pelo menos estou aprendendo fotografia. Com isso posso ganhar a vida.

– Como pode pensar em semelhante idiotice!?! – exclamou Paulina del Valle. – Uma neta minha jamais terá de ganhar a vida. O que está aprendendo com o Ribero é uma diversão, mas não o futuro para uma Del Valle. Teu destino não é se transformar em uma fotógrafa de meio de rua, mas casar-se com alguém de tua classe e botar filhos sadios no mundo.

– A senhora fez mais do que isso, vovó.

– Eu me casei com Feliciano, tive três filhos e uma neta. Tudo que fiz além disso foi mero complemento.

– Pois, francamente, não parece.

Na França, Frederick Williams contratou um especialista, que chegou pouco depois a fim de dar assessoria técnica. Era um homenzinho hipocondríaco, que percorria de bicicleta as terras de minha avó, um lenço atado sobre a boca e o nariz, pois achava que o cheiro de bosta de vaca, juntamente com a poeira chilena, eram capazes de produzir câncer pulmonar, mas não deixou dúvida nenhuma quanto aos seus profundos conhecimentos de viticultura. Os camponeses observavam, pasmos, aquele cavalheiro com roupa de cidade, deslizando de bicicleta por entre os penhascos, detendo-se de vez em quando para cheirar o solo, como um cachorro à procura de um rastro.

Como não entendiam nem uma palavra das suas compridas diatribes na língua de Molière, minha avó em pessoa, calçada de chinelos e protegida por uma sombrinha, teve de seguir durante semanas a bicicleta do francês, a fim de traduzir o que ele dizia. O primeiro ponto que chamou a atenção de Paulina foi que nem todas as plantas eram iguais, havia pelo menos três classes diferentes e mescladas. O francês explicou-lhe que umas amadureciam antes das outras, de modo que, se o clima destruísse as mais delicadas, sempre haveria a produção das outras. Confirmou também que o negócio levaria anos, pois não era apenas uma questão de colher uvas melhores, mas também de produzir um vinho fino e comercializá-lo no estrangeiro, onde teria de competir com os da França, Itália e Espanha. Paulina aprendeu tudo que o especialista podia ensinar-lhe e, quando se sentiu segura, despachou-o de volta para seu país. Naquela ocasião sentia-se esgotada e havia compreendido que o empreendimento requeria alguém mais jovem e menos rígido que ela, alguém como Severo del Valle, seu sobrinho favorito, em quem podia confiar. “Se você continuar a pôr filhos no mundo, vai necessitar de muito dinheiro para mantê-los. Como advogado você não conseguirá isso, a menos que roube o dobro dos outros, mas o vinho será capaz de enriquecê-lo”, ela o tentou. Justamente naquele ano, Severo e Nívea del Valle tinham recebido um anjo, como as pessoas diziam, uma garotinha linda como uma fada em miniatura, a quem chamaram Rosa. Nívea opinou que todos os filhos anteriores tinham sido uma simples preparação para chegarem finalmente à criação daquela criatura perfeita. Talvez agora Deus se desse por satisfeito e não lhes mandasse mais filhos, pois já eram pais de uma verdadeira manada. Aos olhos de Severo aquela história de plantar vinhas francesas parecia descabelada, mas tinha aprendido a respeitar o faro comercial de sua tia e pensou que certamente valia a pena tirar a prova; não sabia que em poucos meses as parreiras iriam mudar sua vida. Mal comprovou que Severo del Valle estava tão obcecado pelas vinhas quanto ela, decidiu transformá-lo em seu sócio, deixar a plantação sob sua responsabilidade e partir com Williams e comigo para a Europa, porque eu já estava com dezesseis anos e essa era a idade de adquirir um verniz cosmopolita e um enxoval de casamento,

segundo as palavras de Paulina.

– Não estou pensando em me casar, vovó.

– Por enquanto, não, mas você terá de pensar nisso antes dos vinte ou então vai ficar para titia – concluiu na sua maneira cortante.

Mas a ninguém ela revelou o verdadeiro motivo da viagem. Estava doente e achava que na Inglaterra poderiam operá-la. Ali a cirurgia tinha se desenvolvido muito desde a descoberta da anestesia e da assepsia. Nos últimos meses tinha perdido o apetite e pela primeira vez na vida sentia náuseas e cólicas intestinais depois de comer alguma coisa pesada. Não comia mais carne, preferia coisas leves, papas, doces, sopas e pastéis, aos quais não renunciava, mesmo que lhe caíssem como pedaços de pedra na barriga. Tinha ouvido falar de uma célebre clínica fundada por um tal de doutor Ebanizer Hobbs, morto havia mais de dez anos, na qual trabalhavam os melhores médicos da Europa, de maneira que, tão logo terminou o inverno e a rota através da cordilheira dos Andes voltou a ser transitável, empreendemos a viagem a Buenos Aires, onde tomaríamos o transatlântico para Londres. Levávamos, como sempre, um cortejo de criados, uma tonelada de bagagens e vários guardas armados para nos protegerem dos bandidos que ficavam a postos naquelas paragens solitárias, mas dessa vez meu cachorro *Caramelo* não pôde me acompanhar, porque suas pernas começavam a fraquejar. A travessia das montanhas em coche, a cavalo e finalmente em mulas, por despenhadeiros que se abriam para um lado e outro, como fauces abismais dispostas a nos devorar, foi realmente inesquecível. O caminho parecia uma cobra sem fim, deslizando por entre aquelas montanhas esmagadoras, a coluna vertebral da América. Entre as pedras cresciam alguns arbustos sacudidos pela inclemência do clima e alimentados por tênues fios de água. Água por toda parte – cascatas, riachos, neve líquida; o único som era o da água e dos cascos dos animais batendo contra a dura crosta dos Andes. Quando parávamos, um silêncio abismal nos envolvia como um manto pesado, éramos intrusos violando a solidão perfeita daquelas alturas. Minha avó, lutando contra a vertigem e os achaques que se abateram sobre ela assim que iniciamos a marcha ascendente, avançava amparada pela sua vontade de

ferro e pela solicitude de Frederick Williams, que fazia o possível para ajudá-la. Vestia um pesado abrigo de viagem, luvas de couro, chapéu de explorador e véus espessos, pois nunca um raio de sol, por mais tímido que fosse, havia roçado sua pele, graças ao que ela esperava descer à sepultura sem rugas. Eu ia deslumbrada. Havíamos feito aquela viagem antes, quando voltávamos para o Chile, mas naquela ocasião eu era demasiado jovem para apreciar uma natureza tão majestosa. Os animais avançavam passo a passo, suspensos entre precipícios cortados a pique e altas paredes de pura rocha penteada pelo vento, polida pelo tempo. O ar era delgado como um véu transparente e o céu um mar azul-turquesa, às vezes atravessado por um condor que navegava com suas asas esplêndidas, senhor absoluto daqueles domínios. Tão logo o sol baixou, a paisagem se transformou por completo; a paz azul daquela abrupta e solene natureza desapareceu, dando lugar a um universo de sombras geométricas que se moviam ameaçadoras ao redor de nós, cercando-nos, envolvendo-nos. Um passo em falso e as mulas teriam rolado conosco no mais profundo daqueles barrancos, mas o guia tinha calculado corretamente a distância e a noite nos encontrou em um modesto casebre de tábuas, refúgio de viajantes. Os animais foram descarregados e nos acomodamos sobre montes de peles de ovelhas e mantas, iluminados por lamparinas com pavios untados de breu, embora quase não se necessitasse de luzes, pois reinava na abóbada profunda do céu uma lua incandescente, que havia assomado como um farol sideral por cima das altas massas de rocha. Levávamos lenha, com a qual se acendeu uma fogueira que serviu para nos aquecer e ferver a água destinada ao mate; daí a pouco a infusão de erva verde e amarga circulava de mão em mão, e todos a chupavam no mesmo canudo; isso devolveu o ânimo à minha pobre avó; ela mandou que trouxessem suas cestas, instalou-se como uma vendedora no mercado, e se pôs a distribuir as virtualhas destinadas a enganar a fome. Foram aparecendo as garrafas de aguardente e champanha, os cheirosos queijos do campo, os delicados fiambres de cerdo preparados em casa, os pães e tortas envoltos em brancos guardanapos de linho, mas notei que ela comia muito pouco e não bebia uma gota de álcool. Enquanto isso, os homens,

usando habilmente suas facas, matavam duas cabras que levávamos atadas às mulas, tiravam-lhes a pele e botavam-nas para assar, crucificadas entre duas estacas. Não sei como a noite decorreu, caí em um sono de morte e não despertei antes do amanhecer, quando começava a faina de avivar os tições para fazer o café e acondicionar o que restava das cabras. Antes de partirmos, deixamos lenha, um saco de feijão e umas garrafas de aguardente para os próximos viajantes.

Nota

* [Não me motiva, meu Deus, para querer-te / o céu que me houveste prometido, / nem me motiva o inferno tão temido / para deixar, por isso, de ofender-te. // Me motivas, Senhor; me motiva ver-te / pregado numa Cruz e escarnecido; / me motiva ver teu corpo tão ferido; / me motiva ver-te só e tão inerte. // Me motiva, por fim, teu amor eterno, / assim se não houvesse céu inda te amara / e te temera ainda não tendo inferno. // Por teu amor minha alma nada espera, / pois embora o que espero não esperara, / igual tanto que te quero te quisera. *Soneto espanhol do século XVI, atribuído a vários autores, entre os quais o poeta místico São João da Cruz.* N.T.]

TERCEIRA PARTE
1896-1910

A clínica Hobbs foi fundada pelo célebre cirurgião Ebanizer Hobbs, em sua própria residência, um casarão de aspecto sólido e elegante em pleno bairro de Kensington, do qual foram tirando paredes, fechando janelas e semeando azulejos até transformá-lo em uma coisa feia e absurda. Sua presença naquela rua elegante incomodava tanto os vizinhos, que os sucessores de Hobbs não tiveram dificuldade para comprar as casas adjacentes a fim de aumentar a clínica, mantendo porém as fachadas eduardinas, de modo que, vistas de fora, em nada se diferenciava das fileiras de casas da quadra, todas idênticas. Por dentro, o que havia era um labirinto de quartos, escadas, corredores e pequenas janelas internas que não davam para lugar nenhum. Não havia, como nos antigos hospitais daquela cidade, a típica arena de operações, com o aspecto de uma praça de touros – um círculo central, coberto de serragem ou de areia e rodeado de galerias para espectadores –, mas pequenas salas de cirurgia com paredes, teto e piso forrados de azulejos e lâminas metálicas, que uma vez por dia eram lavados com lixívia e sabão, porque o falecido doutor Hobbs tinha sido um dos primeiros a acolher a teoria de Koch sobre a propagação de infecções e a adotar os métodos de assepsia de Lister, que a maior parte do corpo médico havia rejeitado por orgulho ou por preguiça. Não era nada cômodo mudar os velhos hábitos, a higiene era tediosa, complicada, e interferia na rapidez operatória, considerada a marca do bom cirurgião, porque diminuía o risco de choque e a perda de sangue. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos, para quem as infecções surgiam espontaneamente no corpo do enfermo, Ebanizer Hobbs compreendeu de imediato que os germes vinham de fora, das mãos, do solo, dos instrumentos e do ambiente, e por isso protegia, com um chuveiro de fenol, tanto as feridas quanto o ar do quirófano. Tanto fenol respirou o pobre homem, que acabou com a pele ulcerada, coberta de chagas, e morreu antes do tempo, vítima de uma doença renal,

o que deu aos seus detratores um pretexto para se aferrarem às suas próprias e antiquadas idéias. Os discípulos de Hobbs, no entanto, analisaram o ar e descobriram que os germes não flutuavam como invisíveis aves de rapina, dispostas ao ataque dissimulado, mas que se concentravam nas superfícies sujas; a infecção se produzia por contato direto, de modo que o básico era limpar a fundo o instrumental, usar curativos esterilizados e levar os cirurgiões a não apenas lavar-se com todo o cuidado, mas também, se possível, a usar luvas de borracha. Não se tratava das toscas luvas empregadas pelos anatomistas para dissecar cadáveres ou por alguns operários para manipular substâncias químicas, mas de um produto delicado e suave como a pele humana, fabricado nos Estados Unidos. Sua origem era romântica: um médico apaixonado por uma enfermeira queria protegê-la dos eczemas produzidos pelos desinfetantes e mandou fazer as primeiras luvas de borracha, que os cirurgiões depois iriam adotar em suas operações. Tudo isso Paulina del Valle tinha lido atentamente em umas revistas científicas emprestadas por seu parente José Francisco Vergara, que havia adoecido do coração e se retirado para seu palácio em Viña del Mar, sem deixar, no entanto, de ser o mesmo estudioso de sempre. Minha avó não apenas escolheu com muito critério o médico que havia de operá-la, pondo-se em contato com ele quando ainda estava no Chile, com meses de antecipação, mas também tinha encomendado a uma firma de Baltimore vários pares daquelas famosas luvas de borracha, que agora levava muito bem protegidas em seu baú de roupas íntimas.

Paulina del Valle mandou Frederick Williams à França com a missão de saber quais eram as madeiras usadas nos tonéis destinados a fermentar o vinho e de investigar a indústria de queijos, pois não havia razão nenhuma para que as vacas chilenas não fossem capazes de produzir queijos tão saborosos quanto os das vacas francesas, que eram igualmente tolas. Durante a travessia da cordilheira dos Andes e, mais tarde, no transatlântico, pude observar de perto minha avó e compreendi que algo fundamental começava a fraquejar nela, algo que não era a vontade, a mente ou a cobiça, mas a ferocidade. Tornou-se uma pessoa suave, branda e muito distraída, capaz de sair a

passar pela coberta do barco toda vestida de musselina e de pérolas, mas sem a dentadura postiça. Era evidente que não passava bem as noites, andava com olheiras e parecia sempre sonolenta. Tinha perdido muito peso, sobravam-lhe peles quando tirava o corpete. Queria que eu estivesse sempre por perto, “para não andar seduzindo os marinheiros”, brincadeira cruel, pois naquela idade minha timidez era tão categórica, que bastava um inocente olhar masculino em minha direção para que ficasse corada como um caranguejo cozido. Na verdade, Paulina del Valle sentia-se frágil e necessitava de alguém por perto para distraí-la da morte. Não falava de suas doenças, pelo contrário, dizia que estava pensando em passar uns dias em Londres e depois seguir para a França, a fim de tratar dos tonéis e dos queijos, mas adivinhei desde o princípio que seus planos eram outros, o que ficou evidente quando, mal chegamos à Inglaterra, ela começou seu esforço diplomático para convencer Frederick Williams a viajar sozinho, enquanto nós duas faríamos compras antes de deixarmos o país para nos reunir a ele. Não sei se Williams partiu sem suspeitar de que sua mulher estava doente ou se adivinhou a verdade e, compreendendo o pudor dela, deixou-a em paz; o fato é que nos instalou no Hotel Savoy e, uma vez certo de que nada nos faltaria, embarcou, sem muito entusiasmo, a fim de cruzar o Canal.

Minha avó não desejava testemunhos de sua decadência e era especialmente recatada diante de Williams. Isso fazia parte da coqueteria que adquiriu ao casar, inexistente quando ele era seu mordomo. Não tinha, então, inconveniente em mostrar o pior de seu caráter e apresentar-se diante dele de qualquer modo, mas depois tratou sempre de impressioná-lo com a sua melhor plumagem. Aquela relação outonal lhe importava muito e não quis que a saúde em mau estado pusesse abaixo o sólido edifício de sua vaidade; por isso tratou de afastar o marido e, se eu não tivesse me mostrado firme, também me teria excluído; tive de travar uma batalha para que ela me permitisse acompanhá-la em suas visitas a médicos, mas finalmente se rendeu diante de minha teimosia, em contraste com a sua debilidade. Sentia-se dolorida e quase não podia engolir, mas não parecia assustada, e continuava a dizer brincadeiras sobre o tédio do céu e os inconvenientes do inferno. A clínica Hobbs

inspirava confiança desde a porta de entrada, com seu *hall* cercado de estantes repletas de livros e retratos a óleo dos cirurgiões que haviam exercido seu ofício entre aquelas paredes. Fomos recebidas por uma senhora de aspecto impecável, que nos conduziu ao consultório do médico, uma sala acolhedora, com uma lareira na qual crepitava o fogo de grandes achas, e elegantes móveis ingleses de couro marrom. O aspecto do doutor Gerald Suffolk era tão impressionante quanto sua fama. Tinha uma pinta de teutão, era alto e corado, com uma grossa cicatriz na face, que, longe de enfeá-lo, tornava-o inesquecível. Em cima da escrivaninha estavam a correspondência trocada com minha avó, os informes dos especialistas chilenos consultados e o pacote com as luvas de borracha que ela lhe havia mandado naquela mesma manhã por um mensageiro. Viemos a saber, mais tarde, que aquela era uma precaução desnecessária, pois havia três anos que as tais luvas eram usadas pela clínica Hobbs. Suffolk nos deu as boas-vindas como se estivéssemos fazendo uma visita de cortesia, oferecendo-nos um café turco aromatizado com sementes de cardamomo. Levou minha avó para uma sala adjacente e, depois de examiná-la, voltou ao consultório e se pôs a folhear um grosso livro enquanto esperava que ela reaparecesse. Logo a paciente voltou e o cirurgião confirmou o prévio diagnóstico dos médicos chilenos: minha avó tinha um tumor no intestino. Acrescentou que a operação era arriscada para a idade dela e porque ainda era um tratamento em etapa experimental; ele, no entanto, havia desenvolvido uma técnica perfeita para tais casos. Expressava-se com tal superioridade, que me veio à mente a opinião de meu mestre dom Juan Ribero, para quem a fatuidade era privilégio dos ignorantes; o sábio é humilde porque sabe quão pouco sabe. Minha avó exigiu que lhe explicasse em detalhes o que pensava fazer por ela, e isso foi uma surpresa para o médico, habituado a ver os doentes se entregarem à inquestionável autoridade de suas mãos com a passividade de galinhas, mas em seguida aproveitou a ocasião para pronunciar uma verdadeira conferência, mais preocupado em nos impressionar com o virtuosismo de seu bisturi do que com o bem-estar de sua infortunada paciente. Fez um desenho de tripas e órgãos adicionais, algo que parecia um maquinismo

tresloucado, e nos indicou onde se localizava o tumor e como pensava extirpá-lo, incluindo o tipo de sutura, informação que Paulina del Valle recebeu impassível, mas a mim tanto perturbou, que tive de sair do consultório. Sentei-me no *hall* dos retratos, a rezar entre dentes. Na verdade, sentia mais medo por mim do que por ela, pois a idéia de ficar sozinha no mundo me aterrorizava. Assim estavam as coisas, quando passou por ali um homem, que deve ter visto a minha palidez, pois se deteve para falar comigo. “Está acontecendo alguma coisa, minha jovem?”, perguntou em castelhano, com acento chileno. Neguei com a cabeça, possuída pela surpresa, sem atrever-me a olhá-lo de frente, mas devo tê-lo examinado com o canto do olho, pois pude ver que era jovem, tinha as faces barbeadas, pômulos altos, mandíbula firme e olhos oblíquos; parecia a ilustração de Gengis Khan do meu livro de história, embora menos feroz. Todo ele era cor de mel, mas nada havia de meloso em seu tom quando me explicou que era chileno como nós e que assistiria o doutor Suffolk na operação.

– A senhora Del Valle está em boas mãos – disse, sem a menor modéstia.

– O que acontecerá se ela não for operada? – perguntei, gaguejando, como sempre me ocorre quando estou muito nervosa.

– O tumor continuará a crescer. Mas não se preocupe, moça, a cirurgia avançou muito, sua avó fez muito bem vindo aqui – concluiu.

Quis averiguar o que fazia um chileno por aqueles lados e por que tinha aquele aspecto de tártaro – não era difícil visualizá-lo coberto de peles, com uma lança na mão –, mas me calei, perturbada. Londres, a clínica, os médicos e o drama de minha avó, tudo era coisa demais para que eu manejassem sozinha, eu sentia dificuldade de entender os pudores de Paulina del Valle acerca de sua saúde e suas razões para mandar Frederick Williams para o outro lado do Canal, justamente quando mais necessitávamos dele. Gengis Khan me deu uma palmadinha condescendente na mão e foi embora.

Contra todas as minhas previsões pessimistas, vovó Paulina sobreviveu à cirurgia e, depois da primeira semana, em que a

febre subia e baixava descontroladamente, estabilizou-se, e ela pôde começar a comer alimentos sólidos. Não saí de seu lado, salvo para ir ao hotel uma vez por dia, a fim de tomar banho e trocar de roupa, porque o cheiro de anestésicos, medicamentos e desinfetantes produzia uma espécie de mistura viscosa que se grudava em minha pele. Dormia aos pedaços, sentada em uma poltrona ao lado da enferma. Apesar da terminante proibição de minha avó, mandei um telegrama a Frederick Williams no mesmo dia da operação, e ele chegou a Londres trinta horas mais tarde. Vi-o perder sua proverbial compostura diante da cama onde se achava Paulina, ainda sob o efeito das drogas, gemendo a cada exalação, com quatro pêlos na cabeça, sem dentes, uma velhinha pálida como um pergaminho. Ajoelhou-se junto dela, pôs a fronte sobre a mão exangue de Paulina del Valle, murmurando seu nome; quando se levantou, tinha o rosto molhado de lágrimas. Minha avó, em cujo entender a juventude não é uma época da vida, mas um estado de ânimo, e portanto a gente tem a saúde que merece, via-se totalmente derrotada naquela sala de hospital. Aquela mulher, cujo apetite pela vida era equivalente à sua gulodice, tinha voltado o rosto para a parede, indiferente ao que havia ao redor dela, sumida em si mesma. Sua enorme força de vontade, seu vigor, sua curiosidade, seu sentido de aventura e até sua cobiça, tudo tinha se apagado diante do sofrimento do corpo.

Naqueles dias tive muitas oportunidades de ver Gengis Khan, que controlava o estado da paciente e, como era de se esperar, tornou-se mais acessível do que o célebre doutor Suffolk ou as severas matronas do estabelecimento. Respondia às inquietações de minha avó não com respostas vagas, mas com explicações racionais, e era o único que procurava aliviar sua aflição, os outros se interessavam pelo estado da ferida, a febre, mas ignoravam os queixumes da paciente. Esperaria ela, por acaso, que aquilo não doesse? O melhor seria calar a boca e dar graças por lhe terem salvo a vida; o jovem doutor chileno, ao contrário, não economizava morfina, porque achava que o sofrimento continuado acaba com a resistência física e moral do enfermo, retardando ou impedindo a cura, como esclareceu a Williams. Soubemos que se chamava Ivan Radovic e vinha de uma família de médicos, seu pai tinha trocado os Bálcãs pelo

Chile em fins dos anos cinqüenta, havia se casado com uma professora chilena do norte e gerado três filhos, dos quais dois tinham seguido seus passos na medicina. Seu pai, ele disse, morrera de tifo durante a Guerra do Pacífico, da qual participara como cirurgião durante três anos, e sua mãe tivera, daí em diante, de cuidar sozinha da família. Pude observar à vontade o pessoal da clínica, da mesma maneira que escutei conversas não destinadas aos meus ouvidos, pois nenhum deles, salvo o doutor Radovic, jamais deu o menor sinal de ter percebido minha presença naquele lugar. Eu ia fazer dezesseis anos e continuava com o cabelo atado por uma fita, vestindo roupa escolhida por minha avó, que mandava fazer para mim ridículos vestidos de menina, com o fim de prolongar minha infância pelo máximo de tempo possível. A primeira vez que usei algo adequado à minha idade foi quando Frederick Williams me levou à Whiteney's, sem pedir licença à minha avó, e pôs a loja à minha disposição. Quando voltamos ao hotel e me apresentei com um penteado adulto e um vestido de senhorita, ela não me reconheceu, mas isso foi semanas mais tarde. Paulina del Valle devia ser forte como um touro, pois, embora lhe houvessem aberto o estômago, extraído de dentro um tumor do tamanho de uma laranja e tivessem fechado o ferimento como quem costurava um sapato, passados menos de dois meses voltara a ser a mesma de sempre. Dessa tremenda aventura só lhe restava uma cicatriz de flibusteiro na barriga e um apetite voraz pela vida e, claro, pela comida. Assim que pôde dispensar a bengala para andar, partimos para a França. Descartou por completo a dieta indicada pelo doutor Suffolk, pois, como declarou, não tinha vindo do cu do mundo para chegar a Paris pedindo papinha de recém-nascido. A pretexto de estudar a manufatura de queijos e a tradição culinária da França, fartou-se de quanta delícia aquele país lhe pudesse oferecer.

Uma vez acomodados no hotelzinho que Frederick Williams escolheu para nós no Boulevard Haussman, fizemos contato com a inefável Amanda Lowell, que continuava com o mesmo ar de rainha dos vikings no desterro. Paris era o seu ambiente, vivia em um desvão antiquado, porém confortável, com janelinhas que lhe permitiam apreciar os pombos nos tetos do

bairro e os céus impecáveis da cidade. Comprovamos que suas histórias sobre a vida boêmia e sua amizade com artistas célebres eram rigorosamente verdadeiras; graças a ela pudemos visitar os ateliês de Cézanne, Sisley, Degas, Monet e vários outros. Lowell teve de ensinar-nos a apreciar as telas daqueles pintores, pois não tínhamos o olho treinado para o impressionismo, mas logo estávamos completamente seduzidos por ele. Minha avó comprou uma boa coleção de quadros que produziram ataques de riso quando os pendurou nas paredes de sua casa no Chile; ninguém gostou dos céus centrífugos de Van Gogh ou das dançarinas cansadas de Lautrec, e acharam que em Paris tinham finalmente conseguido enganar Paulina del Valle. Quando Amanda Lowell notou que eu não me separava de minha câmara fotográfica e passava horas fechada no quarto escuro que improvisei no hotelzinho, ofereceu-se para me apresentar aos fotógrafos mais célebres de Paris. Como meu mestre Juan Ribero, ela considerava que a fotografia não compete com a pintura, que as duas são totalmente diferentes; o pintor interpreta a realidade, e a câmara plasma-a. Tudo na primeira é ficção, enquanto a segunda é a soma do real com a sensibilidade do fotógrafo. Ribero não me permitia truques sentimentais ou exibicionistas, nada de acomodar os objetos ou modelos para que parecessem pinturas; era inimigo da composição artificial; também não me deixava manipular os negativos ou as impressões e em geral desprezava os efeitos de luzes ou os focos difusos, queria a imagem honesta e simples, embora clara em seus mais ínfimos detalhes. “Se o que você pretende é o efeito de um quadro, pinte, Aurora. Se o que você deseja é a verdade, aprenda a usar sua câmara”, repetia. Amanda Lowell jamais me tratou como uma menina, desde o início me levou a sério. Ela também era fascinada pela fotografia, que naquela época ninguém chamava de arte, e para muitos era apenas um instrumento a mais dos muitos caprichos extravagantes daquele século frívolo. “Estou muito gasta para aprender fotografia, mas você tem os olhos jovens, Aurora, você pode ver o mundo e obrigar os outros a vê-lo à sua maneira. Uma boa fotografia conta uma história, revela um lugar, um evento, um estado de ânimo, é mais poderosa que páginas e páginas de escrita”, ela me dizia. Paulina del Valle, ao contrário,

tratava minha paixão pela câmara como um capricho de adolescente, e estava muito mais interessada em me preparar para o casamento e escolher meu enxoval. Mandou-me para uma escola de senhoritas, na qual eu recebia aulas diárias sobre como subir e descer graciosamente uma escada, dobrar guardanapos para um banquete, escolher cardápios conforme as ocasiões, organizar jogos de salão e fazer arranjos de flores, talentos que minha avó considerava suficientes para o triunfo na vida de casada. Paulina del Valle gostava de comprar, e passávamos tardes inteiras nas butikues, escolhendo tecidos, tardes aquelas que eu teria aproveitado melhor se estivesse percorrendo Paris com minha câmara na mão.

Não sei como aquele ano passou. Quando, aparentemente, Paulina del Valle estava refeita de suas mazelas e Frederick Williams transformado em um especialista em madeira para tonéis de vinho e também no fabrico de queijos, dos mais hediondos aos mais esburacados, conhecemos Diego Domínguez em um baile na Embaixada do Chile, em comemoração ao 18 de setembro, dia da Independência do país. Passei horas intermináveis nas mãos de um cabeleireiro, que construiu sobre minha cabeça uma torre de rolos e trancinhas enfeitadas com pérolas, uma verdadeira proeza, tendo em vista que meu cabelo costuma se comportar como a crina de um cavalo. Meu vestido era uma espécie de criação espumosa, salpicada de lantejoulas, que ao longo da noite foram se desprendendo e semeando de pontos brilhantes o assoalho da Embaixada. “Se teu pai pudesse te ver neste momento!”, exclamou minha avó, admirada, quando terminei de me arrumar. Ela estava ataviada dos pés à cabeça com tecidos malva, sua cor preferida, além de um verdadeiro escândalo de pérolas rosadas no pescoço, tufos sobrepostos de cabelos postiços, em suspeitíssimo tom acaju, impecáveis dentes de porcelana e uma capa de veludo negro, com o rebordo coberto, do pescoço aos pés, de berloques de azeviche. Entrou no baile pelo braço de Frederick Williams, e eu pelo de um oficial de um navio da esquadra chilena que realizava uma visita de cortesia à França, um jovem anódino, cujo rosto e cujo nome não consigo recordar, que assumiu por iniciativa própria a tarefa de me

instruir no uso do sextante para fins de navegação. Foi um alívio imenso quando Diego Domínguez se plantou diante de minha avó, a fim de apresentar-se com todos os seus nomes de família e perguntar se podia dançar comigo. Diego Domínguez não é o seu verdadeiro nome; mudei-o porque penso que devo preservar tudo que se refere a ele e à sua família. Basta saber que existiu, que sua história é verdadeira e que o perdoei. Os olhos de Paulina del Valle brilharam de entusiasmo quando viram Diego Domínguez, pois afinal tinha um potencial e aceitável pretendente à minha mão, filho de gente conhecida, certamente rico, bem-educado e até mesmo um tanto bonito. Ela consentiu, ele me estendeu a mão e saímos a deslizar pelo salão. Depois da primeira valsa, o senhor Domínguez tomou meu cartão de baile e, do próprio punho, eliminou com uma canetada o especialista em sextantes e outros candidatos a dançarem comigo. Então o olhei com mais atenção e tive de admitir que ele possuía uma aparência agradável, irradiava saúde e força, tinha um rosto simpático, olhos azuis e um porte viril. Parecia sentir-se incômodo em seu fraque, porém se movimentava com segurança e dançava razoavelmente, de qualquer forma bem melhor do que eu, que ao dançar pareço uma gansa, apesar do ano de aulas intensivas na escola para senhoritas; isso sem esquecer que a perturbação aumentava a lentidão dos meus movimentos. Naquela noite me enamorei com toda a paixão e imprudência do primeiro amor. Diego Domínguez me guiava com mão firme pela pista de dança, olhando-me com intensidade e quase sempre em silêncio, porque suas tentativas de estabelecer uma conversa batiam de frente com as minhas respostas monossilábicas. Minha timidez era uma tortura, eu não sabia onde pôr meus olhos quando ele olhava fixamente para mim; ao sentir o calor de seu hálito em meu rosto, minhas pernas enfraqueciam; eu tinha de lutar desesperadamente contra a tentação de sair correndo e me esconder embaixo de alguma daquelas mesas. Sem dúvida, fiz um papel triste, mas o infeliz jovem cravou-se ao meu lado, por causa da fanfarronice de ter preenchido meu cartão de baile com seu nome. Em algum momento disse-lhe que, se não quisesse, não estava obrigado a dançar comigo. Respondeu-me com uma gargalhada, a única da noite, e perguntou-me

quantos anos eu tinha. Eu jamais estivera nos braços de um homem, jamais havia sentido a pressão de uma palma masculina no vale da minha cintura. Uma de minhas mãos descansava em seu ombro e a outra em sua mão enluvada, mas sem a leveza de toque que a minha professora de dança exigia, porque ele me apertava com determinação. Em algumas breves pausas ele me oferecia taças de champanha, que eu bebia porque não me atrevia a rejeitar, com o resultado previsível de pisar cada vez com mais frequência em seus pés. Quando no final da festa o embaixador do Chile tomou a palavra a fim de brindar pela sua pátria distante e pela bela França, Diego Domínguez se pôs atrás de mim, tão perto quanto a roda do meu vestido de baile permitia, e sussurrou em minha nuca que eu era “deliciosa” ou algo equivalente.

Nos dias seguintes, Paulina del Valle saiu à procura de seus amigos diplomatas para, sem a menor dissimulação, informar-se de tudo que fosse possível sobre a família e os antecedentes de Diego Domínguez, antes de autorizá-lo a levar-me para um passeio a cavalo pelos Campos Elíseos, vigiada a prudente distância por ela e tio Frederick, que nos seguiam em um coche. Depois nos reunimos os quatro, tomamos sorvetes embaixo de guarda-sóis, atiramos migalhas de pães aos patos e acertamos ir à ópera naquela mesma semana. De passeio em passeio e de sorvete em sorvete, chegamos a outubro. Diego tinha vindo à Europa por ordem de seu pai, cumprindo a aventura que quase todos os jovens chilenos de classe alta realizavam uma vez na vida, para adquirir um verniz de civilização. Depois de percorrer várias cidades, visitar alguns museus e catedrais e empanturrar-se de vida noturna e diabruras galantes, que supostamente o curariam para sempre de tal vício e lhe proporcionariam material para fanfarronar-se diante dos colegas, estava pronto para voltar ao Chile, sentar a cabeça, trabalhar, casar-se, fundar sua própria família. Comparado com Severo del Valle, por quem sempre estive enamorada em minha infância, Diego Domínguez era feio e, com a senhorita Matilde Pineda, era um tolo, mas eu não estava em condições de comparar; tinha certeza de que acabava de encontrar o homem perfeito e mal podia acreditar no milagre de que ele houvesse me correspondido. Frederick Williams

opinou que não era prudente apegar-me ao primeiro que passasse, que eu era ainda muito jovem e, finalmente, que me sobravam pretendentes para escolher com calma, mas minha avó garantiu que aquele jovem era o melhor que me oferecia o mercado matrimonial, apesar dos inconvenientes de ser agricultor e viver no campo, muito longe da capital.

– De navio ou de trem pode-se ir até lá sem problema – minha avó respondeu.

– Vovó, não se apresse tanto, o senhor Domínguez não me insinuou nada do que você imagina – esclareci, corando até as orelhas.

– Pois é melhor que o faça logo, se não terei de apertá-lo entre a espada e a parede.

– Não! – exclamei, espantada.

– Não vou permitir que minha neta fique a espantar moscas. Não podemos perder tempo. Se esse rapaz não tem intenções sérias, deve sair de campo agora mesmo.

– Mas, vovó, qual é o problema? Acabamos de nos conhecer...

– Sabe quantos anos tenho, Aurora? Setenta e seis. Poucos vivem tanto. Antes de morrer quero deixar você bem casada.

– A senhora é imortal, vovó.

– Não, filha, apenas pareço – ela replicou.

Não sei se ela deu o planejado apertão em Diego Domínguez ou se ele captou as indiretas e tomou a decisão por si mesmo. Agora que posso ver aquele episódio com certo distanciamento e humor, compreendo que ele nunca esteve enamorado de mim, simplesmente se sentiu afagado pelo meu amor incondicional e deve ter posto na balança as vantagens daquela união. Talvez me desejasse, já que éramos jovens e estávamos disponíveis; talvez tenha acreditado que com o tempo chegaria a me amar; talvez tenha se casado comigo por preguiça e conveniência. Diego era um bom partido, mas eu também era: dispunha da renda deixada por meu pai e supunha que ia herdar uma fortuna de minha avó. Quaisquer que fossem suas razões, o fato é que pediu minha mão e me pôs no dedo um anel de diamantes. Os sinais de perigo eram evidentes para qualquer um que andasse de olhos abertos, mas não para minha avó, cega pelo medo de deixar-me só, e para mim, que

estava louca de amor, mas não para o tio Frederick, que desde o início foi capaz de afirmar que Diego Domínguez não era o homem destinado a mim. Como não havia gostado de ninguém que houvesse se aproximado de mim durante os últimos dois anos, não prestamos atenção ao que ele disse, acreditamos que aquilo não passava de ciúme paterno. “Já percebi que esse jovem é de temperamento um bocado frio”, comentou mais de uma vez, porém minha avó o rebatia dizendo que não se tratava de frieza, mas de respeito, como era de se esperar de um perfeito cavalheiro chileno.

Paulina del Valle entrou em um frenesi de compras. Na pressa, os pacotes iam parar no fundo dos baús, sem serem devidamente examinados, de modo que, quando os abrimos em Santiago, verificamos que havia dois de cada coisa e que a metade não me servia. Quando soube que Diego Domínguez estava prestes a regressar ao Chile, acertou com ele que voltaríamos no mesmo vapor, o que nos dava algumas semanas para nos conhecermos melhor, disseram. Frederick Williams torceu a cara e fez o possível para desfazer tais planos, mas não havia poder neste mundo capaz de confrontar aquela senhora quando algo se metia entre suas orelhas, e no momento a obsessão dela era casar a neta. Pouco me lembro da viagem, transcorrida em uma nebulosa de passeios pela coberta, jogos de pelota e de cartas, coquetéis e bailes até Buenos Aires, onde nos separamos, porque ele tinha de comprar uns touros que deviam ser levados pelas estradas andinas do sul até a propriedade onde iriam reproduzir-se. Tivemos pouquíssimas oportunidades de ficar a sós ou de conversar sem testemunhas, aprendi o essencial sobre os vinte e três anos de seu passado e sua família, mas quase nada sobre seus gostos, crenças e ambições. Minha avó disse-lhe que meu pai, Matías Rodríguez de Santa Cruz, tinha falecido e que minha mãe era uma americana que não conhecíamos, porque morrera ao dar-me à luz, o que de certo modo se ajustava à verdade. Diego não demonstrou curiosidade, não quis saber mais sobre mim; também não lhe interessou minha paixão pela fotografia, e, quando adverti que não pensava em renunciar a ela, respondeu-me que não via nenhum inconveniente naquilo, pois sua irmã pintava aquarelas e sua cunhada bordava em ponto de cruz. Na

longa travessia do Atlântico não chegamos realmente a nos conhecer, mas fomos nos enredando na teia que minha avó, com a melhor das intenções, teceu ao nosso redor.

Como na primeira classe do transatlântico havia pouco para fotografar, salvo os trajes das damas e os arranjos de flores do refeitório, eu descia freqüentemente às cobertas inferiores para fazer retratos, sobretudo dos viajantes da última classe, que se amontoavam no ventre do navio: trabalhadores e imigrantes que haviam tomado o rumo da América para tentar fortuna, russos, alemães, italianos, judeus, pessoas que quase nada tinham no bolso, mas levavam o coração repleto de esperanças. Pareceu-me que, apesar da falta de comodidade e de recursos, eles se sentiam melhor do que os passageiros da classe superior, onde tudo era demorado, cerimonioso e aborrecido. Entre os imigrantes havia uma camaradagem fácil, os homens jogavam cartas e dominós, as mulheres formavam grupos para contar suas vidas, os meninos improvisavam varas de pescar e brincavam de esconde-esconde; às tardes, tocavam suas guitarras, seus acordeões, suas flautas e violinos, armavam festas alegres, com cantos, danças e rodadas de cerveja. Ninguém parecia importar-se com a minha presença, não me faziam perguntas e, passados alguns dias, me aceitavam como se eu fosse uma deles, e isso me permitia fotografá-los à vontade. No navio eu não tinha como revelar os negativos, porém fui classificando-os cuidadosamente para fazê-lo mais tarde em Santiago. Em uma daquelas excursões pelas cobertas inferiores topei com a última pessoa que esperava encontrar ali.

– Gengis Khan! – exclamei ao vê-lo.

– Creio que está me confundindo, senhorita...

– Desculpe, doutor Radovic – supliquei, sentindo-me uma verdadeira idiota.

– Nós nos conhecemos? – ele perguntou com estranheza.

– Não se lembra de mim? Sou a neta de Paulina del Valle.

– Aurora? Puxa! Eu jamais poderia reconhecê-la. Como você mudou!

Era certo que eu havia mudado. Ele me conhecera um ano e meio antes, vestida como uma menina, e agora tinha diante dos olhos uma mulher feita, com uma câmara fotográfica pendurada no pescoço e uma aliança de noivado no dedo. No

decorrer daquela viagem começou uma amizade entre nós que haveria de mudar a minha vida. O doutor Ivan Radovic, passageiro da segunda classe, só podia subir à coberta da primeira se fosse convidado, mas eu podia descer e visitá-lo, o que fiz com muita frequência. Ele me falava a respeito de seu trabalho com a mesma paixão que eu lhe confessava pela fotografia; via-me usar a câmara, mas não lhe pude mostrar nada do que havia fotografado antes porque estava tudo no fundo dos baús, mas prometi-lhe que o faria quando chegasse a Santiago. Mas isso acabou não ocorrendo, pois senti vergonha de chamá-lo para tal fim; pareceu-me que aquilo seria uma exposição de vaidade, e não quis roubar o tempo de um homem ocupado em salvar vidas. Ao inteirar-se de sua presença a bordo minha avó o convidou de imediato para tomar chá no balcão de nossa suíte. “Com o senhor aqui me sinto segura neste alto-mar, doutor. Se me aparecer outra laranja na barriga, você vem e a extirpa com uma faca de cozinha”, brincou. Os convites para tomar chá se repetiram muitas vezes, seguidos por jogos de cartas. Ivan Radovic nos contou que havia terminado seu estágio na clínica Hobbs e voltava ao Chile para trabalhar em um hospital.

– Por que não abre uma clínica particular, doutor? – sugeriu minha avó, que havia adquirido afeto pelo médico.

– Eu jamais teria o capital e as relações que isso requer, senhora Del Valle.

– Pois, se quiser, estou disposta a fazer esse investimento.

– Não poderia permitir, de maneira nenhuma, que...

– Não o faria por você, mas porque seria um bom investimento, doutor Radovic – minha avó o interrompeu. – Todo mundo adoece, a medicina é um grande negócio.

– Creio que a medicina não é um negócio, mas um direito, senhora. Como médico, estou obrigado a servir e espero que algum dia a saúde esteja ao alcance de todos os chilenos.

– Você é socialista? – minha avó perguntou, com uma careta de repugnância, porque depois da “traição” da senhorita Matilde Pineda passara a desconfiar do socialismo.

– Sou médico, senhora Del Valle. Curar é tudo que me interessa.

Voltamos ao Chile em fins de dezembro de 1898 e deparamos com um país em plena crise moral. Ninguém, dos ricos latifundiários aos professores das escolas primárias, passando pelos operários do salitre, estava contente com a sorte e com o governo. Os chilenos pareciam resignados às suas falhas de caráter, como a embriaguez, o ócio e o roubo, e as mazelas sociais, como a burocracia implacável, o desemprego, a ineficiência da justiça e a pobreza, que contrastava com a descarada ostentação dos ricos e ia produzindo uma raiva crescente e surda, que se espalhava de norte a sul. Jamais tínhamos visto antes uma Santiago tão suja, com tantas pessoas miseráveis, tantos cortiços infectados pelas baratas, tantas crianças mortas antes de dar o primeiro passo. A imprensa assegurava que o índice de mortalidade na capital era equivalente ao de Calcutá. Nossa casa na rua Ejército Libertador havia permanecido sob os cuidados de duas tias afastadas e pobretonas, dos muitos agregados que têm qualquer família chilena e de alguns empregados. Fazia mais de dois anos que minhas tias reinavam sobre aquele domínio e nos receberam sem muito entusiasmo, acompanhadas de *Caramelo*, já tão velhinho, que nem sequer me reconheceu. O jardim havia se convertido em um matagal, as fontes mouriscas estavam sedentas, os salões cheiravam a sepulcro, as cozinhas pareciam chiqueiros e havia cocô de rato embaixo das camas; mas nada disso desanimou Paulina del Valle, que chegava com a disposição de realizar o casamento do século e não ia permitir que nada impedisse, nem sua idade, nem o calor de Santiago, nem tampouco meu caráter reprimido. Aproveitaria os meses de verão, durante os quais todo mundo procurava as praias ou o campo, para botar a casa em ordem, pois no outono a vida social recomençaria intensa, e era necessário que a casa ficasse pronta para o meu casamento em setembro, o começo da primavera, o mês das festas patrióticas e ao mesmo tempo das noivas, exatamente um ano depois do meu primeiro encontro com Diego. Frederick Williams encarregou-se de contratar um regimento de pedreiros, marceneiros, jardineiros e criadas, que assumiram a tarefa de refazer aquela ruína, em ritmo chileno, quer dizer, sem pressa demasiada. O verão chegou, poeirento e tórrido, com seu aroma de pêssego e os gritos dos vendedores

ambulantes apregoando as delícias da estação. Os que podiam, gozavam suas férias no campo ou na praia; a cidade parecia morta. Severo del Valle veio nos visitar, trazendo sacos de verduras, cestos de frutas e boas notícias sobre as vinhas; sua pele estava tostada, ele estava mais corpulento e mais bonito do que nunca. Olhou-me boquiaberto, surpreso pelo fato de eu não ser mais a mesma garotinha de quem havia se despedido dois anos antes, fez-me girar como um pião, a fim de me observar por todos os ângulos, e seu generoso juízo foi o de que eu tinha um ar parecido com o de minha mãe. Paulina recebeu de cara fechada aquele comentário, meu passado não era para ser mencionado em sua presença, para ela minha vida tinha começado aos cinco anos, quando cruzei o umbral de seu palacete em San Francisco, o anterior não existia. Nívea tinha ficado na propriedade com os meninos, porque estava às vésperas de dar novamente à luz, excessivamente pesada para fazer a viagem até Santiago. Tudo indicava que a produção das vinhas naquele ano seria muito boa; ele estava pensando que em março poderia colher aquelas das quais sairia o vinho branco, as do tinto seriam colhidas em abril, anunciou Severo del Valle; ele acrescentou que havia umas parreiras de tinto muitíssimo diferentes, cresciam misturando-se com as outras, eram mais delicadas, mais fáceis de serem atacadas pelas pragas, e amadureciam mais tarde. Apesar de darem frutos excelentes, estava pensando em arrancá-las, para evitar problemas. Percebi que naquele justo momento o ouvido de Paulina del Valle parava de ouvir e vi acender-se nas suas pupilas aquela luzinha cobiçosa, que geralmente anunciava uma idéia rentável.

– Assim que começar o outono, transplante essas vinhas para algum lugar isolado. Tome todos os cuidados e no próximo ano extrairemos delas um vinho especial – disse minha avó.

– Para que nos metermos com isso? – Severo perguntou.

– Se essas uvas amadurecem mais tarde, devem ser mais finas e mais concentradas. Certamente o vinho será muito melhor.

– Estamos produzindo um dos melhores vinhos do país, tia.

– Ah, sobrinho, por favor me dê esse gosto, faça o que estou lhe pedindo... – rogou minha avó, naquele tom meio lisonjeiro que costumava empregar antes de dar uma ordem.

Só pude ver Nívea no dia do meu casamento, quando ela

chegou com um novo recém-nascido e se pôs a cochichar ao meu ouvido, apressada, a informação básica que qualquer noiva devia saber antes da lua-de-mel, mas que ninguém tinha se dado ao trabalho de me dar. Minha condição virginal, no entanto, não me preservava dos sobressaltos de uma paixão instintiva à qual eu não sabia que nome dar; pensava em Diego todos os dias e todas as noites, e nem sempre aqueles pensamentos eram castos. Desejava-o, mas não sabia muito bem para quê. Queria estar em seus braços, queria que me beijasse, como havia feito em tantas ocasiões, e queria vê-lo nu. Jamais tinha visto um homem nu e, confesso, a curiosidade me mantinha insone. Isso era tudo, o resto do caminho, um mistério. Nívea, com sua desinibida honestidade, era a única em condições de me instruir, mas isso só iria acontecer vários anos mais tarde, quando houve tempo e oportunidade para aprofundar nossa amizade e ela me revelaria os segredos de sua intimidade com Severo del Valle, descrevendo em detalhe, morta de riso, as posições aprendidas na coleção de seu tio José Francisco Vergara. Naquela ocasião eu já havia deixado para trás a inocência, mas era muito ignorante em matéria de erotismo, como são quase todas as mulheres e também os homens em sua maioria, segundo Nívea me garantiu. “Sem os livros de meu tio eu teria tido quinze filhos sem saber como”, ela me disse. Seus conselhos, que teriam posto em pé os cabelos de minhas tias, serviram muito para o meu segundo amor, mas de nada para o primeiro.

Durante três longos meses vivemos, como que acampados, em quatro aposentos da casa da rua Ejército Libertador, arquejando com o calor da estação. Não tive tempo para me aborrecer, porque minha avó tratou imediatamente de recomençar suas atividades caritativas, embora todas as outras integrantes do Clube das Damas andassem veraneando. Na ausência de Paulina a disciplina do clube havia se tornado frouxa e coube a ela empunhar novamente as rédeas da compaixão compulsiva; voltamos a visitar enfermos, viúvas e loucos, a repartir alimentos e supervisionar os empréstimos às mulheres pobres. Essa idéia, da qual até os jornais zombaram, pois ninguém achava que as beneficiárias – todas no mais baixo degrau da indigência – fossem devolver o dinheiro, mostrou-se

tão boa, que o próprio governo resolveu copiá-la. As mulheres não apenas pagavam escrupulosamente os empréstimos em quotas mensais, como também apoiavam umas às outras; assim, quando alguma não podia pagar, as outras pagavam por ela. Lembro-me de que Paulina del Valle chegou a pensar que podia lhes cobrar algum juro e, assim, transformar a caridade em negócio, mas eu a detive sem meias palavras. “Tudo tem seu limite, vovó, até a cobiça”, critiquei-a. Minha apaixonada correspondência com Diego Domínguez me mantinha pendente do correio. Descobri que por carta sou capaz de expressar aquilo que jamais me atreveria a dizer cara a cara; a palavra escrita é profundamente liberadora. Surpreendi-me lendo poesia amorosa em vez dos romances de que antes tanto gostava; se um poeta morto do outro lado do mundo podia descrever meus sentimentos com tal precisão, devia aceitar com humildade que meu amor não era excepcional, eu nada tinha inventado, todo mundo se enamora igualmente. Imaginava meu noivo a cavalo, galopando por suas terras como um herói legendário de ombros largos e poderosos, nobre, firme e elegante, um homenzarrão em cujas mãos eu estaria segura; ele me faria feliz, me daria proteção, filhos, um amor eterno. Visualizava um futuro de flocos macios e doces, no qual flutuaríamos abraçados para sempre. A que cheirava o corpo daquele homem a quem eu amava? A humo, como os bosques de onde vinha, ao doce aroma das pradarias ou talvez à água do mar, como aquele cheiro fugidio que, desde criança, me assaltava em sonhos? De repente, a necessidade de cheirar Diego se tornava tão imperiosa como um ataque de sede, e eu lhe pedia, em minhas cartas, que me enviasse um daqueles lenços que usava no pescoço ou uma de suas camisas sem lavar. As respostas de meu noivo a essas cartas apaixonadas eram tranqüilas crônicas da vida no campo – as vacas, o trigo, a uva, o céu estival sem sombra de chuva – e sóbrios comentários sobre sua família. Claro, jamais me mandou nenhum dos seus lenços ou alguma de suas camisas. Lembrava-me, nas últimas linhas, o quanto me amava e quão felizes seríamos na ventilada casa de adobe e telhas de cerâmica que seu pai estava construindo para nós na herdade, tal como havia feito quando seu irmão Eduardo desposara Susana e tal como faria para sua irmã Adela,

quando esta se casasse. Durante gerações os Domínguez tinham vivido sempre juntos; o amor a Cristo, a união entre irmãos, o respeito aos pais e o trabalho duro, dizia ele, eram os alicerces de sua família.

Por mais que escrevesse e suspirasse com a leitura de poesias, sobrava-me tempo, e assim voltei ao estúdio de dom Juan Ribero; fazia voltas e voltas pela cidade tomando fotos, e às noites trabalhava no quarto escuro que havia instalado em casa. Vinha fazendo experiências com o uso de platina no processo de cópia, uma técnica criada havia pouco, com a qual produzia imagens muito belas. O procedimento era simples, embora mais caro, mas minha avó arcava com o gasto. Com o auxílio de um pincel, passava-se no papel uma solução de platina, e o resultado eram imagens em sutis gradações de tons, luminosas, claras, com grande profundidade, destinadas a se manterem inalteráveis. Dez anos são passados, e aquelas continuam sendo as mais extraordinárias fotografias de minha coleção. Ao vê-las, muitas lembranças surgem diante de mim, com a mesma impecável nitidez daquelas cópias em platina. Posso ver minha avó Paulina, Severo, Nívea, amigos e parentes, também posso observar a mim mesma, em alguns auto-retratos, tal como era então, bem pouco antes dos acontecimentos que iriam mudar minha existência.

Quando o sol nasceu na segunda terça-feira de março a casa estava engalanada, passara a ser servida por um moderno sistema de uso de gás, tinha telefone e um elevador para minha avó, paredes revestidas com papéis trazidos de Nova York e belas tapeçarias; os marchetes dos móveis estavam encerados, os bronzes polidos, os cristais lavados e a coleção de quadros de autores impressionistas distribuída pelos salões. Havia um novo contingente de criados de uniforme, comandados por um mordomo argentino que deixara o Hotel Crillon para ficar a serviço de Paulina del Valle, recebendo o dobro do que ganhava lá.

– Vamos ser criticados, vovó. Ninguém aqui tem mordomo, isso é exibicionismo – adverti.

– Que importa! Não quero lidar com índias mapuches que andam pela casa arrastando chinelos, deixando cair cabelos na sopa e atirando os pratos em cima da mesa – replicou, decidida

a impressionar a sociedade de Santiago em geral e a família de Diego Domínguez em particular.

Desse modo, os novos empregados somaram-se às antigas criadas, que havia anos estavam na casa e não podiam mais ser simplesmente despedidas. Havia gente demais no serviço da casa, muitas ociosas, tropeçando umas nas outras, e foram tantas as intrigas e baixarias, que em certo momento Frederick Williams teve de intervir a fim de restabelecer a ordem, já que o argentino não sabia por onde começar. Isso produziu uma grande comoção, pois jamais se tinha visto o chefe da casa descer ao nível do trabalho doméstico, mas o fato é que ele agiu com perfeição; para alguma coisa havia de servir sua longa experiência no ofício. Não creio que Diego Domínguez e sua família, os primeiros a nos visitarem, tenham apreciado a elegância do serviço, pelo contrário, sentiram-se inibidos diante de tal esplendor. Pertenciam a uma antiga dinastia de latifundiários sulistas, mas ao contrário da maioria dos grandes proprietários chilenos, que passam dois meses em suas terras e vivem o resto do ano gastando os rendimentos em Santiago ou na Europa, eles nasciam, cresciam e morriam no campo. Era uma gente com sólida tradição familiar, profundamente católica e de vida muito simples, sem nenhum dos refinamentos impostos por minha avó, que certamente os viu como pessoas meio decadentes e não muito cristãs. Chamou-me a atenção o fato de todos terem olhos azuis, menos Susana, a cunhada de Diego, uma beldade morena de ar lânguido, como uma pintura espanhola. À mesa, confundiram-se com as fileiras de talheres e os seis copos de tamanhos diferentes, nenhum provou o pato com laranja e todos pareceram um pouco assustados quando a sobremesa chegou ardendo em chamas. Ao ver o desfile de criados de uniforme, a mãe de Diego, dona Elvira, perguntou por que havia tantos militares na casa. Diante dos quadros impressionistas ficaram pasmos, convencidos de que eu havia pintado aquelas figuras deformadas e que minha avó, por puro divertimento, pendurava-as na parede, mas gostaram do breve concerto de harpa e piano que oferecemos no salão de música. A conversa morria na segunda frase, até que os touros comprados na Argentina deram ocasião de falar-se da reprodução do gado, o que interessou muitíssimo a Paulina del

Valle, que sem dúvida estava pensando em estabelecer sua indústria de queijos em sociedade com eles, dado o número de vacas que possuíam. Se até aquele momento eu tinha algumas dúvidas a respeito da minha futura vida no campo junto à tribo de meu noivo, aquela visita serviu para dissipá-las. Enamorei-me daqueles camponeses de velha estirpe, bondosos e despretensiosos, do pai sangüíneo e risonho, da mãe inocente, do irmão mais velho tão amável e tão viril, da misteriosa cunhada e da irmã mais nova, alegre como um canário, que tinham feito uma viagem de vários dias para me conhecer. Aceitaram-me com naturalidade e tenho certeza de que foram embora um tanto perturbados diante do nosso estilo de vida, mas sem nos criticar, porque pareciam incapazes de um mau pensamento. Já que Diego me havia escolhido, consideravam-me parte de sua família, e isso lhes bastava. Sua simplicidade me permitiu relaxar, coisa que raramente ocorria em presença de estranhos, um pouco depois eu estava conversando com cada um deles, falando-lhes da viagem à Europa e de minha paixão pela fotografia. “Mostre-me suas fotos, Aurora”, pediu dona Elvira, e quando o fiz ela não soube dissimular sua decepção. Acho que esperava algo mais reconfortante do que piquetes de operários em greve, cortiços, meninos andrajosos brincando nas valas, violentas revoltas populares, sofridos emigrantes sentados sobre suas bagagens no ventre de um navio. “Mas, filhinha, por que não fotografa coisas bonitas? Para que se mete nesses lugares horríveis? Há tantas paisagens bonitas no Chile...”, murmurou a santa senhora. Eu ia explicar-lhe que não me interessavam as coisas bonitas, e sim aqueles rostos curtidos pelo esforço e pelo sofrimento, mas compreendi que aquele não era o momento adequado. Mais adiante haveria tempo para que eu me desse a conhecer à minha futura sogra e ao restante de sua família.

– Para que você lhes mostrou aquelas fotografias? Os Domínguez são antiquados, você não devia tê-los assustado com suas idéias modernas, Aurora – Paulina del Valle me recriminou, depois que eles se tinham ido.

– De qualquer maneira eles já estavam assustados com o luxo da casa e com seus quadros impressionistas, não acredita, vovó? Além disso, Diego e sua família devem saber desde logo que

espécie de mulher sou eu – repliquei.

– Você ainda não é uma mulher de verdade, não passa de uma garota. Mudará, terá filhos, deverá amoldar-se ao ambiente de seu marido.

– Serei sempre a mesma pessoa e não quero renunciar à fotografia. Isso não é o mesmo que as aquarelas da irmã de Diego, nem o bordado de sua cunhada, a fotografia é parte fundamental de minha vida.

– Bom, então primeiro se case e depois faça o que lhe der na veneta – concluiu minha avó.

Não esperamos até setembro, como estava planejado, mas tivemos de nos casar em meados de abril, porque dona Elvira Domínguez teve um ataque do coração, e uma semana depois, quando se refez o bastante para dar uns passos sozinha, manifestou o desejo de ver-me transformada na esposa de seu filho Diego antes de partir para o outro mundo. O resto da família concordou, pois, caso a senhora se fosse, o casamento teria de ser adiado pelo menos por um ano, tempo do luto regulamentar. Minha avó resignou-se, tratou de simplificar as coisas e esquecer a principesca cerimônia que havia planejado, e eu suspirei aliviada, porque a idéia de me expor aos olhos da metade de Santiago, entrando na catedral de braço com Frederick Williams ou Severo del Valle, embaixo de uma verdadeira montanha de organdi branco, como pretendia minha avó, me deixava muito inquieta.

Que posso dizer do meu primeiro encontro de amor com Diego Domínguez? Pouco, já que a memória costuma imprimir em preto e branco; os tons de cinza se perdem pelo caminho. Talvez não tenha sido tão ruim como recordo, mas esqueci os matizes, guardei apenas uma sensação geral de frustração e raiva. Depois da cerimônia privada na casa da rua Ejército Libertador, fomos para um hotel passar aquela noite, antes de partir para uma lua-de-mel de duas semanas em Buenos Aires, porque a precária saúde de dona Elvira não permitia que nos afastássemos muito. Quando me despedi de minha avó, senti que uma parte de minha vida estava terminando em definitivo. Ao abraçá-la tive a confirmação do quanto a amava e também do quanto ela havia diminuído, sua roupa estava folgada e

agora eu já era quase um palmo mais alta do que ela; pressenti que não lhe restava muito tempo, ela parecia pequenina e vulnerável, era uma velhinha de voz trêmula e joelhos de lã. Pouco restava da matriarca formidável que durante mais de setenta anos havia feito das tripas coração e manejado a seu bel-prazer os destinos da família. Ao lado dela, Frederick Williams parecia seu filho, pois os anos pareciam não afetá-lo, como se fosse imune àquilo que desgasta os mortais. Até o dia anterior, meu bom tio Frederick me rogou, longe dos ouvidos de minha avó, que não me casasse se não estivesse me sentindo segura, e todas as vezes respondi que nunca havia me sentido mais segura em relação a alguma coisa. Não tinha dúvida de que amava Diego Domínguez. À medida que se aproximava o dia do casamento, minha impaciência crescia. Olhava-me no espelho, nua ou apenas coberta com as finas camisas de dormir que minha avó comprara na França, e me perguntava, ansiosa, se ele me acharia bonita. Um lunar no pescoço e os mamilos escuros me pareciam defeitos horríveis. Ele me desejaria tanto quanto eu o desejava? Tive a resposta naquela primeira noite no hotel. Estávamos cansados, tínhamos comido muito, ele havia bebido além da conta e eu também tinha três taças de champanha dentro do corpo. Entramos no hotel aparentando indiferença, mas o rastro de arroz que fomos deixando no piso delatou nossa condição de recém-casados. Foi tal a minha vergonha de estar sozinha com Diego e supor que lá fora alguém nos imaginava fazendo amor, que me tranquei no banheiro sentindo náuseas, até que, muito tempo depois, meu guapo marido bateu suavemente à porta para ver se eu ainda vivia. Levou-me ao quarto pela mão, ajudou-me a tirar o complicado chapéu, retirou os grampos que sustentavam meu cabelo, livrou-me do casaquinho de camurça, desabotoou os mil botõezinhos de pérolas da blusa, livrou-me da pesada saia e das várias anáguas, até me deixar vestida apenas com a fina camisa de cambraia que levava por baixo do corpete. À medida que ele me despojava da roupa, eu tinha a sensação de que me dissolvia como água, de que me esfumava, de que aos poucos me reduzia a esqueleto e finalmente a ar. Diego me beijou os lábios, mas não como eu tinha tantas vezes imaginado nos meses anteriores, e sim com força e urgência; não demorou para que o beijo se

tornasse algo como uma dominação, enquanto suas mãos puxavam com força minha camisa, que eu tratava de segurar, porque me horrorizava a perspectiva de que ele me visse nua. As carícias apressadas e a revelação de seu corpo contra o meu me levaram para a defensiva, deixando-me tão tensa, que eu tremia como se estivesse com frio. Perguntou-me, aborrecido, o que se passava comigo e me ordenou que tratasse de relaxar, mas, ao perceber que tal método só piorava as coisas, mudou de tom, acrescentou que eu não tivesse medo, que ele trataria de ser cuidadoso. Soprou a lamparina e de algum modo conseguiu levar-me até a cama, o resto aconteceu depressa. Não fiz nada para ajudá-lo. Permaneci imóvel como uma galinha hipnotizada, tentando inutilmente recordar os conselhos de Nívea. Em algum momento sua espada me trespassou, consegui reter um grito e senti gosto de sangue na boca. A lembrança mais nítida daquela noite foi a do desencanto. Era aquilo a paixão com a qual os poetas gastavam tanta tinta? Diego me consolou, dizendo que era sempre assim na primeira vez, com o tempo aprenderíamos a nos conhecer e tudo andaria melhor, em seguida me deu um beijo casto na fronte, virou-me as costas e dormiu como um bebê, enquanto eu o vigiava na obscuridade, com um pano entre as pernas e uma dor que me queimava o ventre e a alma. Eu era demasiado ignorante para adivinhar a causa de minha frustração, nem sequer conhecia a palavra orgasmo, mas já havia explorado meu corpo e sabia que em algum lugar escondia-se aquele sísmico prazer, capaz de nos transtornar a vida. Diego o havia sentido dentro de mim, isso era evidente, mas eu só havia experimentado aflição. Senti-me vítima de uma tremenda injustiça biológica: para o homem o sexo era fácil – podia obtê-lo até mesmo com a força –, ao passo que para nós era desprovido de leite e carregado de graves conseqüências. Seria necessário acrescentar à maldição divina de parir com dor, a de amar sem gozo?

Quando Diego despertou na manhã seguinte, fazia muito que eu tinha me vestido e também que havia decidido voltar para minha casa a fim de me refugiar nos braços seguros de minha avó, mas o ar fresco e a caminhada pelas ruas do centro, quase vazias naquela hora do domingo, foram me deixando mais calma. Minha vagina ardia, ainda sentia nela a presença de

Diego, mas pouco a pouco minha raiva foi se dissipando e eu me dispus a enfrentar o futuro como uma verdadeira mulher, e não como uma idiota malcriada. Estava consciente do quanto tinha sido mimada nos dezenove anos de minha existência, mas aquela etapa estava terminada; a noite anterior havia me iniciado na condição de casada, e eu devia agir e pensar com maturidade, concluí, engolindo as lágrimas. A responsabilidade de ser feliz era exclusivamente minha. Meu marido não me traria a felicidade eterna como um presente embrulhado em papel de seda, eu é que deveria esculpi-la dia a dia, com inteligência e esforço. Por sorte amava aquele homem e acreditava que, tal como ele havia me assegurado, com o tempo e a prática as coisas melhorariam entre nós. Pobre Diego, pensei, deve estar tão decepcionado quanto eu. Regressei ao hotel a tempo de fechar as malas e partir em viagem de lua-de-mel.

A herdade *Caleufú*, incrustada na zona mais bela do Chile, um paraíso selvagem de selva fria, vulcões, lagos e rios, pertencia aos Domínguez desde os tempos da Colônia, quando as terras foram repartidas entre os fidalgos que haviam se distinguido na conquista. A família tinha aumentado sua riqueza comprando mais terras dos índios, ao preço de algumas garrafas de aguardente, até formar um dos latifúndios mais prósperos da região. A propriedade nunca fora dividida; por tradição, era herdada, inteira, pelo filho mais velho, a quem cabia a obrigação de dar trabalho ou ajudar os irmãos, manter e dar dote às irmãs, e finalmente cuidar dos colonos que moravam nas terras da herdade. Meu sogro, dom Sebastián Domínguez, era uma dessas pessoas que se mostram capazes de cumprir tudo aquilo que se espera delas; envelhecia com a consciência em paz e agradecido pelas recompensas que a vida lhe havia oferecido, sobretudo o carinho de sua mulher, dona Elvira. Em sua juventude tinha sido um tremendo caçador de saias, ele mesmo dizia rindo, e a prova eram os vários camponeses que haviam nascido na propriedade com olhos azuis, mas a mão suave e firme de dona Elvira o fora domando aos poucos, sem que ele mesmo notasse. Assumia com bondade seu papel de patriarca; antes de recorrerem a qualquer outro, os colonos iam

procurá-lo para expor seus problemas, porque seus dois filhos, Eduardo e Diego, eram mais rigorosos, e dona Elvira não abria a boca fora das paredes de casa. A paciência que dom Sebastián manifestava no tocante aos colonos, a quem tratava como crianças um pouco retardadas, transformava-se em severidade quando tinha de enfrentar os filhos varões. “Somos muito privilegiados e, por isso, temos mais responsabilidades. Para nós não há desculpas nem pretextos, nosso dever é cumprir o que Deus manda, é ajudar nossa gente, e disso nos pedirão contas no céu”, ele costumava dizer. Devia andar então pelos cinquenta anos, mas parecia mais moço, devido ao fato de levar uma vida muito saudável, passava o dia a cavalo, percorrendo suas terras, era o primeiro a levantar-se e o último a ir para a cama, estava presente nas colheitas, nas domas de cavalos, nos rodeios do gado, e ele mesmo ajudava a marcar as reses e a castrar os garrotes. Começava o dia com uma xícara de café preto e bem forte, adoçado com seis colherinhas de açúcar e temperado com um pouco de conhaque; isso lhe dava forças para realizar suas tarefas no campo até às duas horas da tarde, quando almoçava quatro pratos e três sobremesas, tudo abundantemente regado a vinho, em companhia da família. Não éramos muitos em seu imenso casarão; a tristeza maior de meus sogros era a de terem tido só três filhos. Essa fora a vontade de Deus, diziam. Na hora do jantar nos reuníamos todos os que durante o dia tínhamos andado dispersos em variadas ocupações; ninguém podia faltar. Eduardo e Susana viviam com seus filhos em outra casa, construída para eles a duzentos metros da casa-grande, mas lá só preparavam mesmo o desjejum, as outras refeições eram feitas na mesa dos meus sogros. Pelo fato de nosso casamento ter sido antecipado, a casa destinada a Diego e a mim ainda não estava pronta, e vivíamos em uma ala da casa de meus sogros. Dom Sebastián sentava-se à cabeceira, em uma cadeira mais alta e com o espaldar ornamentado; à outra extremidade sentava-se dona Elvira, e dos dois lados se distribuíam os filhos com suas mulheres, duas tias viúvas, alguns primos ou parentes agregados, uma avó anciã, que tinha de ser alimentada a mamadeira, e os convidados, que nunca faltavam. Na mesa havia alguns pratos de sobra, destinados aos hóspedes que podiam chegar sem aviso e às

vezes ficavam durante várias semanas. Eram sempre bem-vindos, porque no isolamento do campo as visitas eram a maior diversão. Mais ao sul viviam algumas famílias chilenas encravadas em territórios índios, além de colonos alemães, sem os quais a região teria permanecido quase selvagem. Eram necessários alguns dias para percorrer a cavalo as propriedades dos Domínguez, que chegavam até os limites com a Argentina. Às noites, rezava-se; e o calendário do ano era regido pelas datas religiosas, observadas com rigor e alegria. Meus sogros perceberam que eu fora criada com pouquíssima instrução católica, mas sobre isso não tivemos problemas, pois eu soube ser muito respeitosa com suas crenças, que eles, por sua vez, não se propuseram a me impor. Dona Elvira me explicou que recebemos a fé como um presente divino: “Deus chama a gente pelo nome, escolhe a pessoa.” Isso me livrava de culpa a seus olhos, Deus ainda não havia chamado meu nome, mas, se havia me integrado àquela família tão cristã, era porque logo o faria. O entusiasmo com o qual eu a ajudava em suas tarefas caritativas entre os colonos compensava meu escasso fervor religioso; a seu ver, aquilo era mostra do meu espírito compassivo, sinal da minha boa índole, ela não sabia que era fruto do treinamento recebido no Clube das Damas, criado pela minha avó, e um prosaico interesse de conhecer os trabalhadores do campo e fotografá-los. Excetuando-se dom Sebastián, Eduardo e Diego, que tinham estudado em um bom colégio interno e haviam empreendido a obrigatória viagem à Europa, ninguém mais por ali suspeitava de que tamanho era o mundo. Naquela casa não entravam os romances, creio que faltava ânimo a dom Sebastián para censurá-los, e a fim de evitar que alguém lesse um incluído na lista negra de Igreja, preferia cortar o mal pela raiz e eliminar todos eles. Os jornais chegavam com tanto atraso, que não traziam notícias, mas história. Dona Elvira lia seus livros de orações, e Adela, a irmã mais nova de Diego, possuía uns quantos volumes de poesia, umas biografias de personagens históricos e crônicas de viagens, que lia e relia constantemente. Mais tarde descobri que ela conseguia adquirir romances policiais, arrancava suas capas e as substituía pelos livros que seu pai autorizava. Quando meus baús chegaram, trazendo centenas de livros, dona Elvira pediu-

me, com sua doçura habitual, que não os exhibisse diante do resto da família. Todas as semanas minha avó e Nívea me enviavam material de leitura, que eu guardava em meu quarto. Meus sogros nada diziam, confiantes, suponho, de que aquele mau hábito desapareceria quando me nascessem filhos e não me sobrassem tantas horas ociosas, como era o caso de minha cunhada Susana, com suas três lindas e malcriadas crianças. Não se opuseram, contudo, à fotografia, talvez adivinhando que nesse ponto seria muito difícil me dobrar, e, embora nunca demonstrassem curiosidade pelo meu trabalho, deram-me um quarto nos fundos da casa, no qual pude instalar meu laboratório.

Cresci em uma cidade, naquele ambiente confortável e cosmopolita da casa de minha avó, muito mais livre do que qualquer outra chilena daquela época e de hoje, pois, embora já estejamos terminando a primeira década do século vinte, as coisas não se modernizaram muito para as jovens deste lado. A mudança de estilo que sofri quando aterrissei no meio dos Domínguez foi brutal, embora eles tenham feito o possível para que eu me sentisse à vontade. Comportaram-se muito bem comigo, e por isso foi fácil aprender a amá-los; o carinho deles compensou o caráter reservado e muitas vezes intratável de Diego, que em público se comportava como se eu fosse sua irmã e na intimidade mal me dirigia a palavra. As primeiras semanas, com as minhas tentativas de adaptação, foram muito interessantes. Dom Sebastián me deu de presente uma égua negra com uma estrela branca na testa, e Diego mandou um capataz para me acompanhar em minhas andanças pela propriedade, com o fim de conhecer os trabalhadores e os vizinhos, cujas casas estavam a muitos quilômetros de distância, de modo que cada visita tomava de três a quatro dias. Pouco depois, Diego me deixou livre. Ele saía com seu irmão e seu pai a fim de realizar as tarefas que lhe eram destinadas no campo, ou então para caçar, às vezes acampavam e durante vários dias ficavam fora. Eu não suportava o aborrecimento que aquela casa era para mim, com sua interminável faina de ninar os meninos de Susana, fazer doces e conservas, limpar e ventilar, tecer e coser; quando terminava meu trabalho na escola ou no dispensário da herdade, vestia umas calças de Diego e saía a

galopar. Minha sogra tinha me advertido para não montar à maneira dos homens, pois isso me traria “problemas femininos”, eufemismo que nunca cheguei a elucidar totalmente, mas ninguém poderia montar de lado naquele mundo de colinas e penhascos sem cair e quebrar a cabeça. A paisagem me deixava sem fôlego, surpreendendo-me a cada volta do caminho. Eu me sentia maravilhada. Cavalgava colina acima e vale abaixo, até chegar aos bosques fechados, um paraíso de lariços, loureiros, murtas e araucárias com milhares de anos, madeiras finas que os Domínguez exploravam em sua serraria. Sentia-me embriagada pelo perfume da selva molhada, aquele aroma sensual de terra vermelha, de seivas e raízes; a paz daquele mundo fechado, vigiado por silenciosos gigantes verdes; o murmúrio misterioso da floresta; o canto de águas invisíveis, a dança do ar enredado nas ramas, rumor de raízes e de insetos, trinar de suaves pombas-trocazes e gritos de gaviões escandalosos. As veredas terminavam na serraria, e a partir dali eu tinha de abrir caminho na mata cerrada, confiando no instinto de minha égua, cujas patas afundavam em um lodo cor de petróleo, que era espesso e cheirava a sangue vegetal. A luz filtrava-se pela imensa cúpula das árvores, em claros raios oblíquos, mas havia áreas glaciais onde se escondiam os pumas, que me espiavam com seus olhos em chamas. Eu levava uma escopeta amarrada à sela, mas em caso de emergência não teria tempo de sacá-la; de qualquer maneira, jamais dei um tiro com ela. Fotografei os bosques antigos, os lagos de areias negras, os rios impetuosos que corriam sobre pedras cantantes e os vulcões que coroavam o horizonte como dragões adormecidos sobre torres de cinza. Também fiz fotos de colonos da propriedade, que depois lhes dava de presente e eles recebiam perturbados, sem saber o que fazer com aquelas imagens deles mesmos, que nem haviam pedido para serem feitas. Eu ficava fascinada com seus rostos curtidos, mas eles próprios não gostavam de ver-se tal qual eram, com seus andrajos e pesos nas costas, queriam retratos coloridos à mão, para os quais posavam com a única roupa que guardavam, a do casamento, bem-banhados e penteados, com seus filhos sem ranho escorrendo do nariz.

Aos domingos suspendia-se o trabalho, e havia missa –

quando podíamos contar com um sacerdote – ou “missões”, que as mulheres da família realizavam, visitando os colonos em suas casas a fim de catequizá-los. Assim combatiam, com tenacidade e à custa de pequenos presentes, as divindades indígenas que ainda se emaranhavam com os santos cristãos. Eu não participava das prédicas religiosas, mas aproveitava para me tornar conhecida dos camponeses. Muitos eram índios puros, que ainda utilizavam palavras de suas línguas e mantinham vivas as suas tradições; outros eram mestiços; todos se comportavam com humildade e timidez nas ocasiões normais, porém se tornavam briguentos e ruidosos quando bebiam. O álcool era o bálsamo amargo que, por algumas horas, aliviava-os da faina pesada de todos os dias, ao mesmo tempo que lhes roía as entranhas como uma ratazana inimiga. As bebedeiras e as lutas com armas brancas eram multadas, e a mesma pena era aplicada a outras faltas, como cortar uma árvore sem permissão ou deixar seus próprios animais soltos fora dos limites da meia quadra que cada um recebia para o cultivo familiar. O roubo ou a insolência contra os superiores eram castigados a pauladas, mas dom Sebastián detestava o castigo corporal; também havia eliminado o direito de “pernada”, velha tradição oriunda dos tempos coloniais, que permitia aos patrões deflorarem as filhas dos camponeses antes que estas se casassem com outros. Ele mesmo havia exercido esse direito na juventude, mas depois que dona Elvira entrara para a família essas liberdades tinham terminado. Também não aprovava as visitas aos prostíbulos dos povoados vizinhos e insistia para que seus próprios filhos se casassem jovens a fim de evitar as tentações. Eduardo e Susana tinham se casado seis anos antes, quando ambos estavam com vinte, e para Diego, então com dezessete, haviam escolhido uma jovem aparentada com a família, que, no entanto, morreu afogada no lago antes do noivado se concretizar. Eduardo, o irmão mais velho, era mais jovial do que Diego, tinha talento para contar anedotas e cantar, conhecia todas as lendas e histórias da região, gostava de conversar e sabia ouvir. Continuava apaixonado por Susana, seus olhos se iluminavam quando a via e jamais se impacientava com os seus estados de ânimo. Minha cunhada sofria de dores de cabeça que costumavam deixá-la de péssimo humor, então se fechava à

chave em seu aposento, não comia e em casa havia ordem para que nessas ocasiões ninguém a molestasse por motivo nenhum, mas quando seu sofrimento passava ela emergia totalmente recuperada, sorridente e carinhosa; parecia outra mulher. Descobri que Susana dormia só, que nem o marido nem os filhos entravam em seu quarto sem serem convidados, a porta se mantinha sempre trancada. A família estava habituada às suas enxaquecas e depressões, mas seu desejo de privacidade lhes parecia quase uma ofensa, do mesmo modo que lhes parecia estranho o fato de eu não permitir a ninguém entrar sem minha licença no quatinho escuro onde revelava as fotografias, apesar de eu lhes ter explicado o dano que um mínimo raio de luz podia causar aos negativos. Em *Caleufú* não havia portas nem escritórios com chave, as exceções eram somente a adega e o cofre da administração. Pequenos roubos aconteciam decerto na propriedade, mas não traziam maiores conseqüências, porque em geral Sebastián fazia vista grossa. “Essa gente é muito ignorante, não rouba por vício nem por necessidade, mas apenas por estar mal-acostumada”, ele sempre dizia, embora na verdade os colonos tivessem mais necessidades do que admitia o patrão. Os camponeses era livres, mas na prática vinham vivendo havia gerações naquela terra e não pensavam que pudesse ser de outro modo, não tinham para onde ir. Poucos chegavam à velhice. Muitos morriam nos primeiros anos da infância, vitimados por infecções intestinais, mordidas de ratos e pneumonia; as mulheres morriam de parto e de fraqueza; os homens, de acidentes, ferimentos infectados e intoxicação alcoólica. O hospital mais próximo pertencia aos alemães, lá havia um médico bávaro muito renomado, mas só se fazia a viagem até aquele lugar em caso de grave emergência, as doenças menores eram tratadas com remédios naturais, rezas e o auxílio das *meicas*, curandeiras indígenas, que conheciam o poder das plantas regionais melhor do que ninguém.

Em finais de maio desabou um inverno pesado e sem trégua, com sua cortina de chuva lavando a paisagem como uma lavadeira paciente; a escuridão que chegava cedo exigia que nos recolhêssemos às quatro da tarde e convertia as noites em uma eternidade. Eu não podia mais sair em minhas longas cavalgadas ou fotografar as pessoas da herdade. Estávamos

isolados, os caminhos eram lodaçais, ninguém nos visitava. Eu matava o tempo experimentando no quarto escuro diversas técnicas de revelação e fazendo fotos da família. Fui descobrindo que tudo que existe tem relação com alguma coisa, faz parte de um apertado tecido; o que à primeira vista parece um emaranhado de casualidades, quando exposto à minuciosa observação da câmara vai se revelando com suas simetrias perfeitas. Nada é casual, nada é banal. É assim que ocorre no aparente caos vegetal de uma floresta, onde em tudo se manifesta uma estreita relação de causa e efeito, para cada árvore há centenas de pássaros, para cada pássaro há milhares de insetos, para cada inseto há milhões de partículas orgânicas; de igual modo, os camponeses em seus trabalhos ou a família que se resguarda do inverno dentro de casa são partes imprescindíveis de um imenso afresco. O essencial é quase sempre invisível; o olho não o capta, só o coração, mas a câmara às vezes consegue vislumbres dessa substância. Era isso que o mestre Ribero tentava com sua arte e que procurava ensinar-me: superar o meramente documental e chegar à medula, à própria alma da realidade. Aquelas sutis conexões que surgiam sobre o papel fotográfico me comoviam profundamente e me animavam a prosseguir em minhas experiências. Com a reclusão do inverno, minha curiosidade aumentou; à medida que o entorno se tornava mais sufocante e estreito, hibernando entre aquelas grossas paredes de adobe, minha mente se tornava mais inquieta. Comecei a explorar obsessivamente o conteúdo da casa e os segredos dos seus habitantes. Examinei com olhos novos o ambiente familiar, como se eu o visse pela primeira vez, sem dar nada por sabido ou definitivo. Deixava-me guiar pela intuição, pondo abaixo idéias preconcebidas, “só vemos aquilo que queremos ver”, dizia dom Juan Ribero, e acrescentava que meu trabalho devia ser o de mostrar o que ninguém tinha visto antes. No início os Domínguez posavam com sorrisos forçados, mas logo se habituaram à minha sigilosa presença e acabaram por ignorar a câmara, me permitindo então captá-los descuidados, tal como eram. A chuva levou as flores e as folhas, a casa com seus pesados móveis e seus grandes espaços vazios se fechou para o exterior e nós nos tornamos prisioneiros de um estranho cativo doméstico. Andávamos

pelos aposentos iluminados por velas, evitando as geladas correntes de ar; as madeiras rangiam de um modo que parecia gemido de viúva, e podíamos ouvir os leves e furtivos passos dos ratos em seus diligentes quefazerres; cheirava a lodo, a barro molhado, a roupa mofada. Os criados acendiam fogareiros e lareiras, as empregadas nos traziam garrafas de água quente, cobertores e grandes xícaras de chocolate fumegante, mas não havia maneira de enganar o longo inverno. Foi naquele momento que sucumbi à solidão.

Diego era um fantasma. Tento, agora, lembrar-me de algum momento por nós compartilhado, mas só posso vê-lo como um mero objeto dentro de um cenário, sem voz, separado de mim por um largo fosso. Tenho na mente – e na coleção de fotos daquele inverno – muitas imagens dele nas atividades do campo e no interior da casa, sempre ocupado com os outros, jamais comigo, distante e alheio. Foi impossível ter intimidade com ele, havia um silencioso abismo entre nós, e minhas tentativas de trocar idéias ou averiguar algo de seus sentimentos iam chocar-se contra sua obstinada vocação para a ausência. Costumava me responder que tudo já estava dito entre nós, se havíamos nos casado era porque nos amávamos, que necessidade havia de afundar no evidente? No princípio o seu mutismo me ofendia, mas logo compreendi que era assim que ele se comportava, menos com os sobrinhos; podia ser alegre e carinhoso com os meninos, talvez desejasse ter filhos tanto quanto eu, mas cada mês era uma nova decepção para nós. Também disso não falávamos, era mais um daqueles muitos assuntos relacionados com o corpo ou o amor, sobre os quais o pudor nos impedia de falar. Em algumas oportunidades tentei dizer-lhe o quanto gostaria de ser acariciada, mas imediatamente ele se punha na defensiva, aos seus olhos mulher decente não devia sentir esse tipo de necessidade e muito menos manifestá-la. Assim, em pouco tempo sua reticência, minha vergonha e o orgulho de ambos erigiram uma verdadeira muralha chinesa entre nós. Eu teria dado qualquer coisa para falar com alguém acerca do que ocorria atrás de nossa porta trancada, mas minha sogra era etérea como um anjo, e com Susana eu não tinha uma autêntica amizade; Adela

mal havia completado dezesseis anos, Nívea estava demasiado longe e eu não me atrevia a registrar aquelas inquietudes no papel. Diego e eu continuávamos a fazer amor – já que é preciso dar um nome ao que fazíamos –, de longe em longe, sempre como da primeira vez, a convivência não nos aproximou, mas eu era a única que sofria, ele se sentia muito satisfeito com o estado das nossas relações. Não discutíamos e nos tratávamos com uma forçada cortesia, embora eu tivesse preferido mil vezes uma guerra declarada aos nossos silêncios carregados de dissimulações. Meu marido evitava as ocasiões de estar sozinho comigo; à noite esticava o jogo de cartas até que, vencida pelo cansaço, eu ia dormir; de manhã saltava da cama com o canto do galo, e mesmo nos domingos, quando o resto da família se levantava tarde, ele encontrava pretextos para sair cedo de casa. Em troca, eu vivia pendente dos seus estados de ânimo, tomava a iniciativa de servi-lo em mil detalhes, fazendo o possível para atraí-lo e tornar-lhe a vida agradável; o coração me galopava no peito quando eu ouvia seus passos ou sua voz. Não me cansava de olhá-lo, pois ele me parecia belo como os heróis das histórias lendárias; na cama, apalpava suas costas largas e fortes, mas de modo a não despertá-lo, seu cabelo abundante e ondulado, os músculos das pernas, o pescoço. Gostava do seu cheiro a suor, terra e cavalo quando voltava do campo, a sabonete inglês quando saía do banho. Eu mergulhava o rosto em sua roupa, a fim de aspirar-lhe o odor masculino, já que não me atrevia a fazer o mesmo em seu corpo. Agora, com a perspectiva do tempo e da liberdade que adquiri nos últimos anos, percebo o quanto me humilhei por amor. Deixei tudo de lado, da minha personalidade até o meu trabalho, a fim de sonhar com um paraíso doméstico que não era para mim.

Durante o prolongado e ocioso inverno, a família teve de utilizar variados recursos de imaginação a fim de combater o tédio. Todos tinham bom ouvido para a música, tocavam uma variedade de instrumentos, e assim as tardes eram preenchidas com aqueles concertos improvisados. Susana costumava nos divertir envolvendo-se em uma andrajosa túnica de veludo, com um turbante turco na cabeça, as pálpebras enegrecidas com carvão e cantando com uma voz rouca de cigana. Dona Elvira e Adela organizaram aulas de costura para as mulheres e

procuraram manter ativa a escolinha, mas só os filhos dos colonos que viviam mais perto conseguiam desafiar o clima e receber suas lições; todos os dias eram rezados rosários hibernais, que atraíam grandes e pequenos, porque depois serviam chocolates e tortas. Susana teve a idéia de preparar uma peça de teatro para celebrarmos o final do século; isso nos manteve ocupadas durante várias semanas, escrevendo os diálogos, aprendendo nossos papéis, armando o cenário em um dos celeiros, costurando trajes e ensaiando. O tema, claro, era uma previsível alegoria sobre os vícios e os infortúnios do passado, derrotados pela incandescente cimitarra da ciência, da tecnologia e do progresso do século vinte. Além do teatro, organizamos concursos de tiro ao alvo e de palavras do dicionário, campeonatos de todos os tipos, de xadrez até criação de bonecos e construção de aldeias com palitos de fósforo – mas ainda assim me sobravam horas. Fiz de Adela minha ajudante no laboratório fotográfico e trocamos livros às escondidas – eu lhe emprestava os que me eram enviados de Santiago, e ela seus romances policiais, que eu devorava apaixonadamente. Acabei me transformando em uma fina detetive, em geral conseguia adivinhar a identidade do assassino antes da página oitenta. O repertório era limitado, e por mais que fizéssemos demorar a leitura, os livros logo terminavam, então eu e Adela nos divertíamos trocando histórias ou inventando crimes complicadíssimos, que a outra devia resolver. “E vocês duas, andam cochichando o quê?”, minha sogra nos perguntava com frequência. “Nada, mãe, andamos planejando uns assassinatos”, Adela respondia com seu inocente sorriso de coelho. Dona Elvira ria, incapaz de supor o quanto era correta a resposta de sua filha.

Eduardo, na qualidade de primogênito, devia herdar a propriedade após a morte de dom Sebastián, mas havia feito uma sociedade com seu irmão para administrarem-na juntos. Eu gostava de meu cunhado, era uma pessoa suave e bem-humorada, costumava fazer brincadeiras comigo e me oferecer pequenos presentes, ágatas translúcidas colhidas no leito do rio, um modesto colar feito pelos índios da reserva mapuche, flores silvestres, uma revista de moda que encomendava no povoado, procurando assim compensar a indiferença de Diego em

relação a mim, evidente para toda a família. Costumava tomar minha mão e me perguntar se eu estava bem, se necessitava de algo, se sentia muita saudade de minha avó, se me aborrecia em *Caleufú*. Já Susana, sumida em sua languidez de odalisca, bastante parecida com a preguiça, me ignorava a maior parte do tempo e tinha um modo impertinente de me virar as costas, deixando-me com a palavra na ponta da língua. Opulenta, pele dourada, grandes olhos sombrios, era uma beldade, mas não creio que tivesse consciência de sua beleza. Não tinha diante de quem se exhibir, só a família, e por isso cuidava pouco de sua aparência pessoal, às vezes nem mesmo se penteava e passava o dia envolta em um roupão de banho, com chinelos de pele de ovelha, sonolenta e triste. Mas em algumas ocasiões aparecia resplandecente como uma princesa moura, a longa cabeleira escura presa no alto com um pente curvo de casco de tartaruga e uma gargantilha de ouro, que marcava o contorno perfeito de seu pescoço. Quando estava de bom humor gostava de posar para mim; uma vez sugeriu, à mesa de refeições, que a fotografasse nua. A provocação caiu como uma bomba na cabeça daquela família tão conservadora; dona Elvira quase sofreu um novo infarto, e Diego, escandalizado, levantou-se tão abruptamente, que derrubou a cadeira. Se não fosse Eduardo sair-se com uma piada, o drama estaria armado. Adela, a menos agraciada dos irmãos Domínguez, com sua cara de coelho e seus olhos azuis perdidos em um mar de sardas, era sem dúvida a mais simpática. Sua alegria era tão certa quanto a luz de cada manhã; podíamos contar com ela para melhorar o ânimo das pessoas, mesmo nas horas mais escuras do inverno, quando o vento uivava entre as telhas e todos já se sentiam fartos de jogar cartas à luz de uma vela. Seu pai, dom Sebastián, adorava-a, ninguém podia negar, e costumava pedir-lhe, meio de brincadeira, meio a sério, que ficasse solteirona para cuidar dele na velhice.

O inverno veio e se foi, deixando entre os colonos duas crianças e um velho mortos por pneumonia; também morreu a avó que morava na casa-grande e que, segundo calculavam, tinha vivido mais de um século, pois já havia feito a primeira comunhão em 1810, quando o Chile havia se declarado independente da Espanha. Todos foram enterrados com poucas

cerimônias no cemitério de *Caleufú*, transformado em um lodaçal pelos aguaceiros torrenciais. Só parou de chover em setembro, quando a primavera começou a brotar por todos os lados e pudemos finalmente sair para o pátio e expor ao sol as roupas e os colchões cobertos de mofo. Dona Elvira havia passado aqueles meses envolta em xales, entre a cama e a poltrona, cada dia mais debilitada. Uma vez por mês, muito discretamente, ela me perguntava se “não havia novidade”, e, como não havia, aumentavam suas orações para que Diego e eu lhe déssemos mais netos. Apesar das longuíssimas noites de inverno, em nada melhorou a intimidade com meu marido. Nossos encontros se davam no escuro, em silêncio, quase como se fôssemos inimigos, e eu sempre ficava com o mesmo sentimento de frustração e angústia da primeira vez. Tinha a impressão de que só nos abraçávamos quando eu tomava a iniciativa, mas posso estar errada, talvez não fosse sempre assim. Com a chegada da primavera voltei a excursionar sozinha pelos bosques e proximidades dos vulcões; galopar por aquelas imensidões apaziguava um pouco minha fome de amor; o cansaço e o desconforto das nádegas machucadas pela sela eram maiores do que os meus desejos reprimidos. Voltava ao entardecer, úmida de bosque e suor de cavalo, mandava que me preparassem um banho quente e ficava horas de molho na água perfumada com folhas de laranjeira. “Cuidado, filhinha, essas cavalgadas e esses banhos são ruins para o ventre, causam esterilidade”, advertia minha atribulada sogra. Dona Elvira era uma pessoa simples, de pura bondade e desejo de servir, uma alma translúcida que se refletia na água mansa de seus olhos azuis, a mãe que eu gostaria de ter tido. Passava horas a seu lado, ela tricotando para os netos e me contando e recontando as mesmas pequenas histórias de sua vida e da vida de *Caleufú*, e eu escutando-a, possuída pela tristeza de saber que ela não tinha mais muito tempo neste mundo. Àquela altura eu começava a suspeitar que um filho não iria encurtar a distância entre mim e Diego, mas o desejava unicamente para oferecê-lo a dona Elvira, como se fosse um presente. Ao imaginar minha vida na herdade sem ela, sentia uma insuportável tristeza.

O século terminava, e os chilenos faziam esforços para se incorporar ao progresso industrial da Europa e dos Estados

Unidos, mas os Domínguez, como tantas outras famílias conservadoras, viam com espanto o abandono dos costumes tradicionais e a tendência a imitar o estrangeiro. “São puros maquinismos do diabo”, dizia dom Sebastián quando lia algo sobre avanços tecnológicos em seus jornais atrasados. Seu filho Eduardo era o único interessado no futuro, Diego vivia ensimesmado, Susana passava dias com enxaqueca e Adela ainda não tinha acabado de sair da casca. Mas, por muito longe que estivéssemos, éramos alcançados pelos ecos do progresso e não podíamos ignorar as mudanças na sociedade. Em Santiago havia começado um frenesi de esportes, jogos e passeios ao ar livre, mais próprios de ingleses excêntricos do que de acomodados descendentes dos fidalgos de Castela e León. Uma brisa de arte e cultura vinha da França, refrescava o ambiente, e um forte ranger de maquinaria alemã interrompia a longa sesta colonial do Chile. Estava começando a surgir uma classe média arrivista e educada, que pretendia viver como os ricos. A crise social que revolvía os fundamentos do país, com suas greves, seus desmandos, seu desemprego, suas cargas de polícia montada com sabres desembainhados, era um rumor distante, que não alterava o ritmo de nossa existência em *Caleufú*, mas, embora na herdade continuássemos a viver como os tataravós que haviam dormido naquelas mesmas camas cem anos antes, o século vinte também caía sobre as nossas cabeças.

Minha avó Paulina havia declinado muito, segundo me contaram por carta Frederick Williams e Nívea del Valle; estava sucumbindo aos muitos achaques da velhice e à premonição da morte. Compreenderam o quanto ela envelhecera no dia em que Severo del Valle levou-lhe as primeiras garrafas do vinho produzido pelas parreiras que amadureciam depois das outras e que, conforme tinham sabido, eram conhecidas pelo nome de *carmenere*; era um vinho tinto suave e voluptuoso, com pouquíssimo tanino, tão bom quanto os melhores da França, e que Severo batizara com o nome de *Viña Paulina*. Tinham em mãos, finalmente, o produto que lhes daria fama e dinheiro. Minha avó provou-o delicadamente. “É uma pena que eu não possa desfrutá-lo, outros irão bebê-lo”, disse, e nunca mais voltou a mencioná-lo. Não houve a explosão de alegria nem os

comentários arrogantes que habitualmente acompanhavam os seus triunfos empresariais; depois de uma vida orgulhosa, estava se tornando humilde. O sinal mais claro de seu enfraquecimento era a presença diária de um conhecido sacerdote de batina sebosa, que rondava os agonizantes a fim de lhes arrebatara a fortuna. Não sei se por iniciativa própria ou por sugestão daquele velho agourento, minha avó desterrou para o fundo de um sótão a cama mitológica, sobre a qual havia passado boa parte da vida, e em seu lugar instalou um catre de soldado, guarnecido por um colchão de crina de cavalo. Isso me pareceu um sintoma por demais alarmante, e assim que o barro das estradas secou, anunciei a Diego que viajaria para Santiago, a fim de ver minha avó. Esperava alguma oposição, mas ocorreu exatamente o contrário, em menos de vinte e quatro horas Diego organizou meu traslado, de carreta, até o porto mais próximo, onde eu tomaria um navio para Valparaíso, e dali seguiria de trem para Santiago. Adela ardia de vontade de me acompanhar, e era tanto o desejo, que se sentou na perna do pai, deu-lhe mordidinhas nas orelhas, puxou-lhe as suíças, e de tanto que rogou, dom Sebastián finalmente acedeu ao novo capricho da filha, embora nem dona Elvira, nem Eduardo, nem Diego estivessem de acordo. Não tiveram de esclarecer suas razões, mas adivinhei que não consideravam apropriado para ela o ambiente que haviam registrado na casa de minha avó e pensavam que eu carecia de maturidade para cuidar corretamente da menina. Partimos, pois, para Santiago, na companhia de dois amigos alemães que viajavam no mesmo vapor. Levávamos no peito um escapulário do Sagrado Coração de Jesus para nos proteger de todo o mal, amém, o dinheiro cosido em uma bolsinha por baixo do corpete, ordens rigorosas de não falar com desconhecidos e uma bagagem de dar volta ao mundo.

Adela e eu passamos dois meses em Santiago, um período que teria sido estupendo se minha avó não estivesse doente. Ela nos recebeu com fingido entusiasmo, uma porção de planos de passeios, ir ao teatro, ir de trem a Viña del Mar, a fim de respirarmos o ar da praia, mas na última hora nos mandava sempre em companhia de Frederick Williams, enquanto ela ficava em casa. Assim foi também quando empreendemos a

viagem de coche para visitar Severo e Nívea del Valle nos vinhedos, que naquele momento produziam as primeiras garrafas de vinho tipo exportação. Minha avó considerou que *Viña Paulina* era um nome demasiado provinciano e quis trocá-lo por algo em francês, a fim de vendê-lo nos Estados Unidos, onde, a seu ver, pessoa nenhuma entendia de vinhos, porém Severo se opôs a tal artifício. Encontrei Nívea com a cabeça salpicada de fios brancos e um pouco mais pesada, mas como sempre ágil, insolente e travessa, rodeada de filhos pequenos. “Acho que finalmente estou chegando à menopausa, agora poderemos fazer amor sem medo de ter outro filho”, cochichou-me, sem imaginar que alguns anos mais tarde traria ao mundo Clara, clarividente, a mais estranha das criaturas nascidas naquele numeroso e extravagante clã dos Del Valle. A pequena Rosa, cuja beleza tantos comentários provocava, tinha cinco anos. Lamento que a fotografia não possa captar seu colorido, ela parece uma criatura do mar, com seus olhos amarelos e seu cabelo esverdeado, como bronze envelhecido. Já então era um ser angélico, algo atrasada para a sua idade, que passava flutuando como uma aparição. “De onde saiu? Deve ser filha do Espírito Santo”, brincava sua mãe. Aquela bela menina viera consolar Nívea da perda de dois dos seus pequenos, que tinham morrido de difteria, e da longa enfermidade que estava minando os pulmões de um terceiro. Procurei falar com Nívea sobre isso – dizem que não há sofrimento mais horrível do que a perda de um filho –, mas logo ela mudava de assunto. O mais que chegou a dizer foi que por séculos e séculos as mulheres sofreram com a dor de dar à luz e enterrar os filhos, e ela não era uma exceção. “Seria muita arrogância de minha parte supor que Deus me abençoe enviando-me muitos filhos e que todos vivam mais do que eu”, disse Nívea.

Paulina del Valle não era mais nem a sombra do que fora; havia perdido o interesse pela comida e pelos negócios, e mal podia caminhar, porque os joelhos falhavam, porém estava mais lúcida do que nunca. Em cima de sua mesinha-de-cabeceira alinhavam-se os remédios que devia tomar, e três freiras revezavam-se para cuidar dela. Minha avó adivinhava que não teríamos muitas outras oportunidades de estar juntas e, então, pela primeira vez em nosso relacionamento se dispôs a

responder às minhas perguntas. Folheamos os álbuns de fotografias, que ela foi explicando uma a uma; contou-me as origens da cama encomendada em Florença e sua rivalidade com Amanda Lowell, que, vista da perspectiva de sua idade, era uma história mais cômica do que qualquer outra coisa, e me falou também de meu pai e do papel de Severo del Valle em minha infância, mas eludiu decididamente o tema dos meus avós maternos e de Chinatown, disse que minha mãe tinha sido uma modelo norte-americana, muito bela, nada mais. Em algumas tardes nos sentávamos na galeria de cristal a conversar com Severo e Nívea del Valle. Enquanto ele falava dos anos passados em San Francisco e de suas experiências posteriores na guerra, ela me lembrou em detalhes o que havia sucedido na época da Revolução, quando eu tinha apenas onze anos. Minha avó não se queixava, mas o tio Frederick me advertiu que ela sofria dores agudas no estômago e lhe custava um esforço enorme vestir-se a cada manhã. Fiel à sua crença de que cada um de nós tem a idade que demonstra, ela continuava a pintar os poucos cabelos que ainda havia em sua cabeça, mas já não se pavoneava com jóias de imperatriz, como fazia antes, “restam-lhe poucas”, o marido me sussurrou em tom de mistério. A casa parecia em tão mau estado quanto a dona, os quadros que faltavam tinham deixado espaços claros no papel de parede, havia menos móveis e menos tapetes, as plantas tropicais da galeria eram agora um poeirento e triste emaranhado de folhas, e os pássaros calavam-se em suas gaiolas. Comprovei a exatidão daquilo que o tio Frederick me havia contado em carta sobre o catre de soldado em que agora dormia minha avó. Ela sempre havia ocupado o maior aposento da casa, o leito mitológico se erguia no centro como um trono papal e dali Paulina dirigia seu império. Passava as manhãs entre os lençóis, cercada de figuras aquáticas policrômicas, que um artífice florentino havia talhado quarenta anos antes, estudando seus livros de contabilidade, ditando cartas, inventando negócios. Sob os lençóis a gordura desaparecia, e ela conseguia criar uma ilusão de fragilidade e beleza. Eu tinha feito inúmeras fotografias de minha avó naquele leito de ouro e tive a idéia de fotografá-la agora em sua modesta camisola de algodão e seu xale de vovozinha, em um catre de peregrino, mas recusou-se

terminantemente. Notei que de seu aposento haviam desaparecido os belos móveis franceses, os acolchoados de seda capitonê, a grande escrivaninha de pau-rosa com incrustações de nácar trazida da Índia, as alfombras e os quadros, restando como único adorno um grande Cristo crucificado. “Ela está doando à igreja os móveis e as jóias”, explicou Frederick Williams, diante do que resolvemos trocar as freiras por enfermeiras e procurar um meio de impedir, mesmo que fosse pela força, as visitas do padre apocalíptico, porque, além de levar coisas, contribuía para semear o pavor. Ivan Radovic, único médico em quem Paulina del Valle confiava, deu pleno apoio a tais medidas. Foi bom rever aquele velho amigo – a verdadeira amizade resiste ao tempo, à distância e ao silêncio, como ele próprio dizia – e confessar-lhe, entre risos, que em minha memória ele sempre aparecia disfarçado de Gengis Khan. “São meus pômulos eslavos”, ele explicou com alegre franqueza. Tinha, de fato, uma leve aparência de chefe tártaro, mas o contato com os enfermos no hospital de pobres em que trabalhava havia suavizado aquele traço, sem esquecer o fato de que no Chile ele não se sentia tão exótico quanto na Inglaterra; poderia ter sido um *toqui* araucano, apenas um pouco mais alto e mais limpo. Era um homem silencioso, que escutava, com intensa atenção, até mesmo o falatório incessante de Adela, que imediatamente se enamorou dele e, habituada que estava a seduzir seu próprio pai, tratou de usar os mesmos métodos a fim de envolver Ivan Radovic. Infelizmente, para ela, o médico só conseguia vê-la como uma garotinha inocente e graciosa, mas de qualquer modo apenas uma garotinha. A incultura abismal de Adela e a petulância com que fazia as mais tolas afirmações não o perturbavam, penso até que o divertiam, embora seus ingênuos ataques de coquetismo fossem capazes de enrubescê-lo. O médico era uma pessoa que inspirava confiança, e por isso eu me sentia à vontade para falar-lhe de assuntos que raras vezes mencionava diante de outras pessoas, pelo temor de aborrecê-las: era o caso, por exemplo, da fotografia. Mas a ele este assunto interessava, porque a fotografia vinha sendo empregada, fazia anos, por médicos da Europa e dos Estados Unidos; pediu-me que lhe ensinasse a usar a câmara, a fim de fazer um registro de suas operações e dos sintomas externos dos

pacientes, de que se valeria para ilustrar suas aulas e conferências. Com esse pretexto, fomos visitar dom Juan Ribero, mas encontramos o estúdio fechado, com um cartaz anunciando a venda. O barbeiro do lado nos informou que o mestre não conseguia mais trabalhar porque tinha cataratas em ambos os olhos, mas nos deu seu endereço e fomos visitá-lo. Morava em um edifício da rua Monjitas, que havia conhecido tempos melhores, grande, antiquado, vazio e cruzado por fantasmas. Uma empregada nos guiou através de vários quartos conjugados, com as paredes cobertas, do chão ao teto, de fotografias de Ribero, e finalmente chegamos a um salão guarnecido com velhos móveis de acaju e poltronas cobertas de felpa, já meio desconjuntadas. Não havia lâmpadas acesas, e necessitamos de alguns segundos para acomodar os olhos à meia-luz e vislumbrar o mestre sentado com um gato nas pernas, junto à janela pela qual entravam os últimos reflexos da tarde. Ribero levantou-se e veio andando, de modo perfeitamente seguro, a fim de nos saudar; nada em seus passos denunciava a cegueira.

– Senhorita Del Valle! Perdão, agora se trata da senhora Domínguez, não é verdade? – saudou estendendo-me as duas mãos.

– Aurora, mestre, a mesma Aurora de sempre – repliquei, abraçando-o. Em seguida apresentei-lhe o doutor Radovic e falei do seu desejo de aprender fotografia para fins médicos.

– Não posso mais ensinar nada, meu amigo. O céu me castigou onde mais me dói, a vista. Imagine, um fotógrafo cego, que ironia!

– Não vê mais nada, mestre? – perguntei, alarmada.

– Com os olhos não vejo nada, mas continuo a olhar para o mundo. Diga, Aurora, você mudou? Como é agora? A imagem mais nítida que tenho de você é a de uma garotinha de treze anos plantada diante da porta do meu estúdio, com uma teimosia de mula.

– Continuo sendo a mesma, dom Juan, tímida, tola e cabeçuda.

– Não, não, quero que me diga, por exemplo, como está penteada e de que cor está vestida.

– A senhora se apresenta em um vestido branco, leve, com

rendas no decote, o tecido não sei qual é, não entendo dessas coisas – disse Radovic. – O cinto é amarelo, a mesma cor do laço no chapéu. Garanto-lhe que está muito bonita.

– Não me faça passar vergonha, doutor, eu lhe suplico – interrompi.

– E neste momento a senhora tem as faces muito enrubescidas... – acrescentou Radovic, e os dois riram em uníssono.

O mestre acionou uma campainha, e logo a empregada entrou com a bandeja do café. Passamos uma hora muito agradável, falando das novas técnicas e de câmaras que começavam a ser usadas em outros países, bem como sobre os grandes avanços da fotografia científica. Dom Juan Ribero estava em dia com tudo.

– Aurora tem a intensidade, a concentração e a paciência que todo artista deve ter. Suponho que um bom médico necessite do mesmo, estou certo? Peça-lhe que mostre o trabalho dela, doutor. Ela é modesta e só mostrará se o senhor insistir – o mestre sugeriu a Ivan Radovic na hora de nos despedirmos.

Dias mais tarde a ocasião surgiu. Minha avó tinha amanhecido com terríveis dores no estômago; seus calmantes habituais não conseguiram acalmá-la, e assim tivemos de chamar Radovic, que veio imediatamente e administrou-lhe um forte composto de láudano. Deixamos vovó descansando em sua cama, saímos do quarto e lá fora ele me explicou que se tratava de outro tumor, mas minha avó já estava demasiado idosa para ser novamente operada, não resistiria aos anestésicos; tudo que podia fazer era controlar a dor e assisti-la para que morresse em paz. Perguntei quanto tempo ainda lhe restava, mas isso não era fácil de determinar, porque apesar de sua idade minha avó era muito forte e o tumor crescia com muita lentidão. “Prepare-se, Aurora, porque o desenlace pode acontecer dentro de poucos meses”, disse o médico. Não pude evitar as lágrimas. Paulina del Valle representava a minha única raiz, sem ela eu ficava à deriva, e o fato de ter Diego como marido não aliviava minha sensação de naufrágio, só fazia aumentá-la. Radovic passou-me seu lenço e permaneceu mudo, sem olhar para mim, perturbado com meu choro. Obriguei-o a prometer que me

avisaria com tempo para vir do campo, a fim de acompanhar minha avó em seus últimos momentos. O láudano fez efeito e imediatamente ela se acalmou; assim que adormeceu, acompanhei Ivan Radovic à saída. À porta ele me perguntou se podia ficar um pouco mais, dispunha de uma hora livre e na rua o calor era forte. Adela dormia a sesta, Frederick Williams tinha ido nadar no clube e a imensa casa da rua Ejército Libertador parecia um navio imóvel. Ofereci-lhe um copo de refresco e nos instalamos na galeria das samambaias e das gaiolas dos pássaros.

– Dê um assobio, doutor Radovic – sugeri.

– Assobiar, para quê?

– Segundo os índios, é assobiando que se chama o vento. Necessitamos de um sopro de brisa para aliviar o calor.

– Enquanto eu assobio, por que não me traz suas fotografias? – o médico pediu. – Gostaria muito de vê-las.

Apanhei várias caixas e me sentei ao seu lado, a fim de lhe explicar meu trabalho. Mostrei-lhe primeiro algumas fotografias tiradas na Europa, quando ainda me sentia mais interessada pela estética do que pelo conteúdo; em seguida mostrei as fotos de Santiago fixadas com platina, as dos índios e colonos da herdade, e finalmente as dos Domínguez. Ele as observou com o mesmo cuidado que demonstrava ao examinar minha avó, de vez em quando fazendo perguntas. Deteve-se nas fotos da família de Diego.

– Quem é essa mulher tão bonita? – quis saber.

– Susana, a esposa de Eduardo, meu cunhado.

– E suponho que este seja Eduardo, estou certo? – disse, apontando para Diego.

– Não, esse é Diego. Por que imaginou que fosse o marido de Susana?

– Não sei, pareceu-me...

Naquela noite espalhei as fotografias pelo chão e fiquei examinando-as durante várias horas. Fui muito tarde para a cama, possuía pela ansiedade.

Tive de me despedir de minha avó, pois havia chegado a hora de voltar para *Caleufú*. No ensolarado dezembro de Santiago, Paulinadel Valle sentiu-se melhor – o inverno também tinha

sido muito comprido e solitário para ela – e prometeu que iria me visitar, em companhia de Frederick Williams, depois do Ano-novo, deixando assim de veraneiar na praia, como faziam todos os que podiam escapar da canícula de Santiago. Sentia-se tão bem, que nos acompanhou na viagem de trem a Valparaíso, onde Adela e eu tomamos um navio para o sul. Chegamos de volta ao campo antes do Natal, pois não podíamos estar ausentes da festa mais importante do ano para os Domínguez. Com meses de antecipação, dona Elvira supervisionava os presentes para os camponeses, produzidos em casa ou comprados na cidade: roupas e brinquedos para os meninos, ferramentas para os homens, tecidos para saias e blusas e fios de lã para os teares das mulheres. Naquela data fazia-se a distribuição de animais, sacos de farinha, batatas, *chancaca* ou açúcar mascavo, feijão e milho, *charqui* ou carne-seca, erva-mate, sal e barras de doce de marmelo, preparado em grandes tachos de cobre, aquecidos em fogueiras ao ar livre. Os colonos da herdade vieram dos quatro pontos cardeais; alguns tinham andado vários dias com suas mulheres e filhos para chegar a tempo de participar da festa. Mataram bois e cabras, cozinharam batatas e espigas de milho verde, prepararam grandes panelas de feijão. Coube a mim decorar com flores e ramos de pinheiro as grandes mesas armadas no pátio e dispor as jarras cheias de vinho misturado com água e açúcar, que não chegava a embriagar os adultos e que os meninos bebiam engrossando com farinha tostada. Contamos com a presença de um sacerdote, que permaneceu três dias na herdade, batizando crianças, confessando pecadores, recriminando adúlteros e casando os que viviam juntos sem formalidades. À meia-noite do vinte e quatro de dezembro celebrou-se a missa do galo diante de um altar improvisado ao ar livre, porque não caberia toda aquela gente na pequena capela da casa, e, ao amanhecer, depois de um succulento desjejum à base de café com leite, pão sovado, nata, marmelada e frutas estivais, levaram o Menino Deus em alegre procissão, para que cada um pudesse beijar seus pés de cerâmica. Dom Sebastián designava a família mais destacada pela sua conduta moral para ficar com o Menino Deus. Durante um ano, até o próximo Natal, a urna de vidro com a pequena escultura ocuparia um lugar de honra no

casebre daquela família camponesa, proporcionando-lhe bênçãos. Enquanto ali estivesse, nada de mau podia ocorrer-lhes. Dom Sebastián ajeitava as coisas de modo que cada família tivesse uma oportunidade de abrigar Jesus embaixo de seu teto. Naquele ano, tínhamos ainda a peça alegórica sobre a chegada do século vinte, da qual participavam todos os membros da família, exceto dona Elvira, que estava muito debilitada, e Diego, que preferiu encarregar-se dos aspectos técnicos, como as luzes e a pintura do pano de fundo. Com muito bom humor, dom Sebastián aceitou o triste papel do ano velho que se retirava e um dos meninos de Susana – ainda em cueiros – representava o ano novo.

Ao saberem que haveria comida gratuita, apareceram também alguns índios pehuenches. Eram muito pobres – tinham perdido suas terras e eram ignorados pelos planos governamentais de fomento –, mas, por orgulho, não chegaram com as mãos vazias: traziam umas poucas maçãs embaixo das capas, que nos ofereceram cobertas de suor e sujeira, um coelho morto cheirando a carniça e umas cabaças com *muchi*, uma bebida preparada com um pequeno fruto de cor violácea, que é mastigado e cuspidado em um vaso, no qual a mistura de suco e saliva fica fermentando. O velho cacique vinha à frente, com suas três mulheres e seus cães, seguido de uns vinte membros da tribo; os homens não soltavam as lanças e, apesar de quatro séculos de abusos e derrotas, não tinham perdido seu ar de valentia. As mulheres nada tinham de tímidas, eram tão independentes e poderosas quanto os homens, entre eles havia uma igualdade de sexos que Nívea del Valle teria aplaudido. Saudavam em sua língua, tratando cerimoniosamente de “irmão” tanto dom Sebastián quanto cada um de seus filhos, que lhes deram as boas-vindas e os convidaram a participar da comilança, embora os vigiassem de perto, pois ao primeiro descuido eram capazes de roubar alguma coisa. Meu sogro dizia que eles não possuíam senso de propriedade porque estavam habituados a viver em comum e a compartilhar o que tinham, mas Diego alegava que os índios, tão rápidos na hora de tomar o alheio, não permitiam que ninguém tocasse no que era deles. Temendo que se embriagassem e se tornassem violentos, dom Sebastián ofereceu ao cacique um barril de aguardente como

incentivo para que se fossem, pois não podiam abri-lo em sua propriedade. Sentaram-se em um grande círculo a comer, beber, fumar todos no mesmo cachimbo e fazer longos discursos que ninguém escutava, sem misturar-se com os colonos de *Caleufú*, à exceção dos meninos, que corriam todos juntos. Aquela festa me deu oportunidade para fotografar os índios como bem quis, e cheguei a fazer amizade com algumas mulheres da tribo, pensando em obter permissão para visitá-las em seu acampamento do outro lado do lago, onde haviam se instalado a fim de passar o verão. Quando os pastos se esgotavam ou a paisagem lhes cansava, eles arrancavam do chão as madeiras que sustentavam seus tetos, enrolavam os panos das tendas e partiam em busca de lugar para um novo assentamento. Se eu pudesse passar algum tempo com eles, talvez se habituassem à minha presença e à câmara fotográfica. Desejava fotografá-los em seus trabalhos cotidianos, idéia que horrorizou meus sogros, pois circulavam muitas e arrepiantes histórias sobre os costumes daquelas tribos, nas quais o paciente labor dos missionários havia deixado apenas uma leve camada de verniz.

Minha avó Paulina não foi me visitar naquele verão, como havia prometido. As viagens de trem e navio eram suportáveis, mas lhe davam medo os dois dias de carreta puxada a boi, do porto até *Caleufú*. Suas cartas semanais representavam meu principal contato com o mundo exterior; à medida que as semanas passavam, crescia também a minha nostalgia. Meu ânimo foi mudando, tornei-me insociável, andava mais calada que de hábito, arrastando minha frustração como uma pesada cauda de noiva. A solidão me aproximou de minha sogra, aquela mulher suave e discreta, que vivia em inteira dependência do marido, sem idéias próprias, incapaz de lidar com as mínimas dificuldades da existência, mas que sabia compensar sua falta de luzes com uma imensa bondade. Meus silenciosos chiliques se tornavam pó em sua presença; dona Elvira tinha a virtude de centrar-me e de aplacar a ansiedade que às vezes me estrangulava.

Durante aqueles meses de verão estivemos ocupados com as colheitas, os animais recém-nascidos e a fabricação de conservas; o sol se punha às nove da noite e os dias pareciam

intermináveis. A essa altura ficou pronta a casa que meu sogro havia construído para mim e Diego; era sólida, fresca, bonita, com alpendre pelos quatro lados, cheirava a barro fresco, a madeira recém-cortada e também a manjerição, que os colonos haviam plantado ao longo dos muros, a fim de espantar a má sorte e as feitiçarias. Meus sogros nos deram alguns móveis que há muito estavam com a família, o que faltava Diego comprou no povoado, sem perguntar qual era minha opinião. Em vez de uma cama larga, como aquela em que até então havíamos dormido, comprou duas estreitas camas de bronze e uma pequena mesa-de-cabeceira para separá-las. Depois do almoço a família se recolhia aos seus aposentos até às cinco da tarde, em repouso obrigatório, pois se supunha que o calor paralisava a digestão. Diego se deitava em uma rede, embaixo da latada de parreiras, fumava durante algum tempo e depois ia ao rio a fim de nadar; gostava de ir sozinho, e as poucas vezes em que me propus a acompanhá-lo mostrou-se descontente, de modo que resolvi não insistir. Já que não compartilhávamos aquelas horas de sesta na intimidade de nosso aposento, eu as destinava à leitura ou ao trabalho em meu pequeno laboratório, pois não pude me habituar a dormir no meio da tarde. Diego nada me pedia, nada me perguntava, demonstrava pelos meus sentimentos ou atividades apenas um interesse de criança bem-comportada, nunca se impacientava com meus variáveis estados de espírito, com meus pesadelos, que tinham voltado com mais frequência e intensidade, ou com os meus mal-humorados silêncios. Passavam-se dias sem que trocássemos uma palavra, mas isso ele nem parecia notar. Eu me encerrava no mutismo como em uma armadura, contando as horas para ver até quando poderíamos esticar aquela situação, mas sempre acabava cedendo, pois o silêncio pesava muito mais em mim do que nele. Antes, quando compartilhávamos a mesma cama, eu me aproximava dele, fingindo estar adormecida, abraçava-lhe as costas e enlaçava minhas pernas nas dele, e assim às vezes cruzava o abismo que ia se abrindo, inexorável, entre nós. Com aqueles raros abraços eu não buscava prazer, pois não achava que isso fosse possível; buscava apenas consolo e companhia. Durante algumas horas vivia a ilusão de tê-lo reconquistado, mas logo chegava o amanhecer e tudo voltava a ser como

sempre. Ao nos mudarmos para a casa nova, até aquela precária intimidade desapareceu, pois a distância entre as duas camas era maior e mais hostil do que a torrente de um rio encachoeirado. Às vezes, no entanto, quando eu despertava gritando, acossada pelos meninos de pijamas negros dos meus pesadelos, ele se levantava, vinha e me abraçava com firmeza até que eu me acalmasse; esses eram talvez os únicos encontros espontâneos entre nós. Preocupava-se com aqueles sonhos ruins, acreditava que podiam degenerar em loucura, por isso conseguiu um frasco de ópio e às vezes me dava algumas gotas dissolvidas em licor de laranja, para me ajudar a dormir e ter sonhos felizes. Salvo as atividades compartilhadas com o resto da família, eu e Diego passávamos pouquíssimo tempo juntos. Frequentemente ele saía em excursões, cruzava a cordilheira para chegar à Patagônia argentina, ou ia ao povoado comprar provisões e às vezes permanecia dois ou três dias fora sem nenhuma explicação, enquanto eu mergulhava na angústia, imaginando um acidente, mas Eduardo me tranquilizava com o argumento de que seu irmão sempre tinha sido daquele jeito, um solitário criado na magnitude daquela natureza agreste, habituado ao silêncio, desde pequeno sentia necessidade de grandes espaços, tinha alma de vagabundo e, se não houvesse nascido na estreita rede daquela família, talvez tivesse optado por ser marinheiro. Fazíamos um ano de casados e eu me sentia em débito, não apenas tinha sido incapaz de dar-lhe um filho, como também não havia chegado a interessá-lo por mim, e muito menos a conseguir que me amasse: alguma coisa fundamental devia faltar em minha feminilidade. Eu supunha que ele me havia escolhido por estar em idade de casar-se, a pressão dos pais o obrigara a procurar uma noiva; eu fui a primeira, talvez a única, que apareceu diante dele. Diego não me amava. Eu soube disso desde o início, mas a arrogância do primeiro amor e dos dezenove anos não me pareceram um obstáculo intransponível, achava possível seduzi-lo por meio da tenacidade, da virtude e do coquetismo, como nas histórias românticas. Na angústia de averiguar o que estava errado em mim, dediquei horas e horas a fazer auto-retratos, alguns diante de um grande espelho que levei para minha sala de trabalho, outros pondo-me diante da câmara. Fiz centenas de fotografias,

em umas estou vestida, em outras, nua, examinei-me de todos os ângulos e tudo que descobri foi uma tristeza crepuscular.

De sua poltrona de enferma, dona Elvira observava a vida da família sem perder um só detalhe e assim acabou por perceber as prolongadas ausências de Diego e a minha desolação, somou dois mais dois e chegou a algumas conclusões. Sua delicadeza e o costume, tão chileno, de não falar de sentimentos impediam-na de enfrentar o problema de maneira direta, mas nas muitas horas que passamos juntas e sem nenhuma companhia foi se produzindo uma aproximação íntima entre nós duas, chegamos a ser como mãe e filha. Assim, discretamente e aos poucos, ela me contou suas próprias dificuldades iniciais com o marido. Havia casado muito jovem e só iria ter seu primeiro filho cinco anos mais tarde, depois de vários abortos, que lhe deixaram corpo e alma por demais maltratados. Naquela época Sebastián Domínguez ainda não havia amadurecido e lhe faltava o senso de responsabilidade exigido pela vida matrimonial; era impetuoso, pândego e fornicador, ela não usou essa palavra, claro, não acredito sequer que a conhecesse. Dona Elvira sentia-se isolada, muito longe de sua família, sozinha e assustada, convencida de que seu casamento fora um terrível erro, para o qual a única saída era a morte. “Mas Deus ouviu minhas súplicas, tivemos Eduardo, e da noite para o dia Sebastián mudou completamente; não há melhor pai nem melhor marido que ele, já estamos juntos há mais de trinta anos e a cada dia dou graças aos céus pela felicidade que compartimos. É preciso rezar, filhinha, isso ajuda muito”, aconselhou-me. Rezei, mas certamente sem a intensidade e a perseverança devidas, pois nada mudou.

As suspeitas começaram meses antes, mas eu as descartei, enojada de mim mesma; não podia aceitá-las sem pôr em evidência algo de mau em minha própria natureza. Repetia a mim mesma que tais conjecturas só podiam ser idéias diabólicas, que se enraizavam em meu cérebro e das quais brotavam como tumores mortais, idéias que eu devia combater sem piedade, mas o caruncho do rancor pôde mais do que os meus bons propósitos. Primeiro foram as fotografias da família que mostrei a Ivan Radovic. O que não foi evidente à primeira

vista – pelo hábito de só vermos o que queremos ver, como dizia meu mestre Juan Ribero – saiu refletido em preto e branco no papel. A inequívoca linguagem do corpo, dos gestos e dos olhares, foi aparecendo ali. A partir daquelas primeiras suspeitas passei a recorrer cada vez mais à câmara; sob pretexto de fazer um álbum para dona Elvira toda hora colhia instantâneos da família, que em seguida revelava na privacidade do meu quarto escuro e estudava com perversa atenção. Assim cheguei a ter uma desgraçada coleção de minúsculas provas, algumas tão sutis, que só eu, envenenada pelo despeito, podia perceber. Com a câmara diante do rosto, como uma espécie de máscara que me fazia invisível, eu podia focalizar a cena e ao mesmo tempo manter um distanciamento glacial. Pelo final de abril, quando o calor diminuiu, os cumes dos vulcões se coroaram de nuvens e a natureza começou a recolher-se para o outono, os sinais revelados pelas fotografias me pareceram suficientes, e então comecei a odiosa tarefa de vigiar Diego, como qualquer esposa enciumada. Quando tomei consciência, finalmente, daquela garra que me apertava a garganta e pude chamá-la pelo nome que lhe dá o dicionário, senti que estava afundando em um pântano. Ciúmes. Quem não os sentiu não pode saber o quanto doem, nem imaginar as loucuras que são cometidas em seu nome. Em meus trinta anos de vida conheci tal sofrimento apenas naquela ocasião, mas a queimadura foi tão brutal, que as cicatrizes não chegaram a se fechar e espero que não se fechem nunca, para que sirvam como algo que se recorda a fim de se evitar no futuro. Diego não era meu – ninguém pode jamais pertencer a outro – e o fato de ser sua esposa não me dava direitos sobre ele ou seus sentimentos, o amor é um contrato livre, que se inicia com uma faísca e pode terminar do mesmo modo. Mil perigos o ameaçam, e se o casal o defende poderá salvar-se, mas isso ocorre apenas quando ambos participam. Diego nunca participou, nossa relação estava condenada desde o começo. Hoje o entendo, mas naquela época estava cega, inicialmente de pura raiva e depois de aflição.

Ao espioná-lo de relógio na mão, fui percebendo que as ausências de meu marido não coincidiam com suas explicações. Quando aparentemente havia saído para caçar com Eduardo,

estava de volta muitas horas antes ou depois de seu irmão; quando os outros homens da família estavam na serraria ou marcando as reses a ferro, ele surgia repentinamente no pátio, e, mais tarde, se eu levantava o assunto na hora da refeição, ficava sabendo que não estivera com eles durante o dia todo; quando saía para fazer compras no povoado podia voltar sem nada, porque supostamente não havia encontrado o que queria, embora fosse algo tão banal quanto um machado ou um serrote. Durante as muitas horas que a família passava reunida, evitava a todo custo entrar na conversa, era sempre ele quem organizava as partidas de cartas ou pedia a Susana que cantasse. Se ela caía com uma de suas enxaquecas, ele se mostrava imediatamente aborrecido e saía a cavalo com a escopeta no ombro. Eu não podia segui-lo em suas excursões sem que ele notasse e sem levantar suspeitas na família, mas me mantive alerta para vigiá-lo quando estava perto. Notei, desse modo, que às vezes ele se levantava no meio da noite e não ia à cozinha comer algo, como eu pensava, mas se vestia, saía para o pátio, desaparecia por uma ou duas horas, e depois voltava silenciosamente para a cama. Segui-lo no escuro era mais fácil do que durante o dia, quando uma dúzia de olhos se voltavam para nós, tudo era questão de me manter acordada, evitando o vinho no jantar e as gotas noturnas de ópio. Uma noite, em meados de maio, notei que ele deslizava da cama e, à tênue luz da lâmpada de azeite que sempre mantínhamos acesa diante da Cruz, pude ver que vestia as calças e atava os cordões das botas, apanhava a camisa, o casaco, e saía. Esperei uns instantes, levantei-me depressa e o segui com o coração a ponto de rebentar no peito. Não podia vê-lo muito bem na casa mergulhada em sombras, mas quando saiu ao pátio sua silhueta se recortou claramente sob a luz da lua, que por alguns momentos se mostrava inteira lá no alto. O céu estava parcialmente coberto e de vez em quando as nuvens ocultavam a lua, envolvendo-nos na escuridão. Ouvi cães ladrando e pensei que, se eu chegasse mais perto deles, delatariam minha presença, mas ficaram onde estavam, e então compreendi que Diego os havia amarrado mais cedo. Meu marido deu a volta completa à casa e se dirigiu rapidamente para um dos estábulos, onde estavam os cavalos que a família montava, e que não eram

usados para o trabalho do campo, retirou a tranca do portão e entrou. Fiquei à espera, protegida pela sombra densa de um olmo, a poucos metros da estrebaria, descalça e coberta apenas por uma fina camisola de dormir, sem coragem de dar mais um passo, convencida de que Diego reapareceria a cavalo e eu não poderia segui-lo. Sem que nada acontecesse, transcorreu um tempo que me pareceu muito longo. De repente vislumbrei uma luz pela brecha do portão aberto, talvez de uma vela, ou de uma pequena lâmpada de azeite. Meus dentes rangiam, eu tremia convulsivamente de frio e de medo. Estava a ponto de me dar por vencida e voltar para casa, quando vi outra figura que se aproximava, pelo lado do nascente – era óbvio que não vinha da casa-grande –, e também entrava no estábulo, fechando a porta atrás de si. Deixei passar quase um quarto de hora antes de me decidir, em seguida obriguei-me a dar alguns passos, estava entorpecida e mal podia me mover. Aproximei-me do estábulo, aterrorizada, sem saber como Diego reagiria se me descobrisse espionando-o, mas mesmo assim não pude recuar. Empurrei suavemente o portão, que cedeu sem resistência, porque a tranca era pelo lado de fora, não podia ser aferrolhado por dentro, e deslizei como um ladrão pela estreita abertura. Dentro estava escuro, mas no fundo crepitava uma pequenina luz, em cuja direção avancei, nas pontas dos pés, mal respirando, precauções aliás inúteis, pois a palha amortecia meus passos e vários animais estavam despertos, podia ouvi-los movimentando-se e resfolegando em suas baias.

Na tênue luz de um farol pendurado de uma viga, que oscilava ao sopro de uma brisa que coleava por entre as madeiras do telhado, eu os vi. Tinham estendido cobertores sobre um amontoado de palha, como um ninho, sobre o qual, vestida com um pesado abrigo desabotoado, ela estava estendida de costas, totalmente nua. Tinha os braços e as pernas abertos, a cabeça caída sobre um ombro, o cabelo negro cobrindo-lhe o rosto e sua pele brilhando como madeira vermelha na delicada claridade alaranjada do farol. Diego, coberto apenas pela camisa, estava ajoelhado diante dela e lambia seu sexo. Havia um absoluto abandono na atitude de Susana e uma contida paixão nos gestos de Diego, o que me fez compreender em um instante o quanto eu era alheia a tudo

aquilo. Na verdade eu não existia, como não existiam Eduardo e os três meninos, ninguém mais, só eles dois, amando-se de modo inevitável. Jamais meu marido me havia acariciado daquela maneira. Era fácil compreender que eles tinham feito aquilo muitas vezes antes, que se amavam desde muito tempo; entendi, finalmente, que Diego tinha se casado comigo porque necessitava de um biombo para esconder seus amores com Susana. Em um instante, as peças daquele penoso quebra-cabeça ocuparam seus lugares, soube a razão da sua indiferença para comigo, suas ausências, que coincidiam com as enxaquecas de Susana, sua relação tensa com o irmão Eduardo, a forma dissimulada de seu comportamento perante o resto da família e como ele ajeitava as coisas para estar sempre perto dela, tocando-a, os pés se roçando, a mão dele em seu cotovelo ou seu ombro, e às vezes, como se fosse por casualidade, em seu pescoço ou na parte descoberta de suas costas, sinais inconfundíveis que as fotos me haviam revelado. Lembrei-me de quanto Diego amava os meninos e me perguntei se eles eram realmente seus sobrinhos, se não eram seus filhos, os três de olhos azuis, a marca dos Domínguez. Permaneci imóvel, quase gelada, enquanto eles faziam amor voluptuosamente, saboreando cada toque, cada gemido, sem pressa, como se tivessem o resto da vida pela frente. Não pareciam um casal de amantes em precipitado encontro clandestino, mas um par de recém-casados na segunda semana de lua-de-mel, quando a paixão ainda está intacta, mas já existe a confiança e o conhecimento mútuo da carne. Eu jamais havia experimentado uma intimidade assim com meu marido, nem fora capaz de forjá-la nem mesmo nas minhas mais audaciosas fantasias. A língua de Diego percorria a parte interior das coxas de Susana, subindo a partir dos tornozelos, detendo-se no alto e baixando novamente, enquanto as mãos subiam acima de sua cintura e iam amassar seus seios redondos e opulentos, brincavam com os mamilos endurecidos e lustrosos como uvas. O corpo de Susana, brando e suave, estremecia e ondulava, era um peixe no rio, a cabeça girava de um lado para outro em uma espécie de desespero do prazer, o cabelo sempre cobrindo-lhe o rosto, os lábios abertos em um longo queixume, as mãos procurando Diego a fim de atraí-lo para a bela topografia de seu corpo, até

que sua língua a fez estalar de gozo. Susana arqueou as costas em resposta ao prazer que lhe atravessava o corpo como um relâmpago e soltou um grito rouco que ele sufocou, esmagando sua boca contra a dela. Depois Diego susteve-a em seus braços, balançando-a, acariciando-a como se ela fosse um gato, sussurrando-lhe um rosário de palavras secretas, com uma delicadeza e uma ternura que nunca imaginara possíveis nele. Em certo momento ela sentou-se na palha, tirou o abrigo e começou a beijá-lo, primeiro na frente, depois nas pálpebras, nas faces, longamente na boca, em seguida sua língua explorou travessamente as orelhas de Diego, delas saltando para o pomode-adão, roçando o pescoço, seus dentes bicando os mamilos viris, seus dedos enredados nos pêlos do peito. Então foi a vez de ele abandonar-se às carícias; Diego estendeu-se de bruços sobre a manta e ela escarranchou-se em suas costas, mordendo-lhe a nuca e o pescoço, passeando por seus ombros com beijos breves e brincalhões, descendo até as nádegas, explorando-o, cheirando-o, saboreando-o e deixando um rastro de saliva em seu caminho. Diego virou-se e a boca de Susana envolveu seu pênis levantado e pulsante, em uma interminável faina de prazer, de dar e tomar na mais recôndita intimidade, até que ele não pôde mais resistir e se jogou sobre ela, penetrando-a, e juntos rolaram como lutadores, em um enredo de braços e pernas e beijos e arquejos e suspiros e expressões de amor que nunca eu tinha ouvido. Depois cochilaram em um cálido abraço, cobertos com as mantas e o abrigo de Susana, como um par de meninos inocentes. Recuei em silêncio e tratei de regressar à casa, enquanto o frio glacial da noite se apoderava inexorável de minha alma.

Então um abismo abriu-se diante de mim, senti a vertigem arrastando-me para o fundo, a tentação de saltar e perder-me na profundidade do sofrimento e do terror. A traição de Diego e o medo do futuro me deixaram flutuando, sem apoio, perdida e desconsolada; a fúria que a princípio me sacudiu não chegou a durar muito, mas depois fui abatida por um sentimento de morte, de dor absoluta. Eu tinha entregue minha vida a Diego, havia confiado na sua proteção de marido, acreditado ao pé da letra nas palavras rituais do casamento: estávamos unidos até a

morte. Não havia escapatória. A cena do estábulo me pôs diante de uma realidade que eu vinha percebendo havia algum tempo, mas que me recusava a enfrentar. Meu primeiro impulso foi correr para a casa-grande, plantar-me no meio do pátio e uivar como uma louca, acordar a família, os colonos, tomando-os como testemunhas do adultério e do incesto. Minha timidez, contudo, pôde mais que o desespero, arrastei-me calada, às apalpadelas, até o aposento que compartia com Diego e me sentei na cama tiritando, enquanto as lágrimas desciam pelas minhas faces, empapando-me o peito e a camisola. Nos minutos ou horas que se seguiram tive tempo de pensar no ocorrido e aceitar a minha impotência. Não se tratava de uma aventura da carne; o que unia Diego e Susana era um amor provado, disposto a correr todos os riscos e afastar em sua passagem todos os obstáculos que encontrasse diante de si, como um inexorável rio de lava incandescente. Nem Eduardo nem eu tínhamos a menor importância para eles, éramos descartáveis, meros insetos na imensidade da aventura passionnal daqueles dois. Antes de qualquer outro, eu devia falar com meu cunhado, decidi, mas, ao imaginar o golpe que a revelação produziria na vida daquele bom homem, compreendi que não teria coragem de fazê-lo. Eduardo mesmo iria descobrir algum dia, ou, se a sorte o ajudasse, jamais saberia de nada. Talvez suspeitasse, como eu, mas não desejava obter a confirmação, mantendo assim o frágil equilíbrio de suas ilusões; entre eles havia três crianças, seu amor por Susana e a coesão monolítica do clã familiar.

Diego voltou em algum momento da noite, pouco antes do amanhecer. À luz da pequena lâmpada de azeite viu-me sentada na cama, o rosto inchado de chorar, incapaz de dizer uma palavra, e então imaginou que eu fora despertada por outro daqueles pesadelos. Sentou-se ao meu lado e tratou de atrair-me para o seu peito, como fazia em tais ocasiões, mas me encolhi em um gesto instintivo e devo ter mostrado uma terrível expressão de rancor, pois imediatamente ele retrocedeu. Ficamos nos olhando, ele surpreso e eu o abominando, até que a verdade se instalou entre as duas camas, inapelável e contundente como um dragão.

– Que vamos fazer agora? – foi tudo o que pude balbuciar.

Ele não tentou negar nem justificar-se, desafiou-me com um olhar de aço, disposto a defender seu amor de qualquer maneira, ainda que tivesse de me matar. Então o dique de orgulho, educação e bons modos que me havia contido durante meses de frustração rompeu-se em pedaços, e as reprovações silenciosas transformaram-se em uma interminável avalanche de recriminações, que ele recebeu impassível e silencioso, porém atento a cada palavra. Acusei-o de tudo que me passou pela mente e, por último, lhe supliquei que reconsiderasse, disse-lhe que estava disposta a perdoar e esquecer, que fôssemos embora para onde ninguém nos conhecesse, que podíamos muito bem recomeçar. Já era dia claro quando se acabou minha reserva de palavras e lágrimas. Diego venceu a distância que separava nossas camas, sentou-se a meu lado, tomou-me as mãos e, com calma e seriedade, explicou que havia muitos anos amava Susana e que tal amor era a coisa mais importante em sua vida, muito mais que a honra, que o resto da família, que a salvação de sua própria alma; poderia, para me tranquilizar, prometer que se separaria dela, mas seria uma promessa falsa. Acrescentou que havia tentado esquecê-la quando viajara para a Europa, afastando-se dela durante seis meses, mas o resultado fora negativo. E havia se casado comigo para ver se conseguia romper o terrível laço com a cunhada, mas o casamento, longe de ajudá-lo na decisão de afastar-se dela, só havia lhe facilitado as coisas, porque atenuara as suspeitas de Eduardo e do resto da família. No entanto, estava contente por eu ter finalmente descoberto a verdade, pois tinha pena de me enganar; não podia me acusar de nada, garantiu, eu era uma ótima esposa e lamentava muito não poder me dar o amor que eu merecia. Sentia-se um infame cada vez que fugia de mim para encontrar-se com Susana, seria um alívio não ter mais de mentir-me. Agora tudo estava esclarecido.

– E Eduardo, por acaso não conta? – perguntei.

– O que acontece entre ele e Susana não é assunto meu. O que temos de decidir agora é a nossa relação.

– Você já decidiu, Diego – respondi. – Não tenho mais nada que fazer aqui, vou voltar para minha casa.

– Esta é a sua casa, Aurora, estamos casados. Aquilo que Deus uniu não pode ser separado.

– Foi você que violou vários preceitos divinos de uma vez – lembrei-lhe.

– Poderíamos viver como irmãos. Estando a meu lado, nada faltaria a você. Eu sempre a respeitaria, você teria proteção e liberdade para se dedicar à fotografia ou àquilo que quiser. Tudo que peço é que não arme um escândalo.

– Não pode mais me pedir coisa alguma, Diego.

– Não estou pedindo para mim. Tenho o couro duro e posso agüentar as coisas como um homem. Peço por causa de minha mãe. Ela não resistiria...

Fiquei, pois, pelo bem de dona Elvira. Não sei como pude me vestir, lavar o rosto, passar o pente no cabelo, tomar café e sair de casa para os meus afazeres diários. Não sei como encarei Susana durante o almoço, nem como expliquei a dom Sebastián e dona Elvira os meus olhos inchados. Aquele foi o pior de todos os dias, eu me sentia como se tivesse levado uma surra; e estava aturdida, a ponto de cair no choro à primeira pergunta que me fizeram. Tive febre à noite, os ossos me doíam, mas no dia seguinte estava mais tranqüila, selei a égua e galopei para as colinas. Daí a pouco a chuva começou, mas eu continuei a trote, até que a pobre égua não teve mais forças, então desmontei e fui em frente, abrindo caminho a pé pelo mato e pelo barro, por baixo das árvores, escorregando e caindo e me levantando e gritando a plenos pulmões, enquanto a água me encharcava. O poncho ensopado pesava tanto, que o joguei fora e prossegui tremendo de frio, embora queimasse por dentro. Voltei na hora do crepúsculo, sem voz, ardendo em febre, bebi uma tisana bem quente e meti-me na cama. Do resto pouco me lembro, porque nas semanas que se seguiram andei por demais ocupada, duelando com a morte, e não tive tempo nem ânimo para pensar na tragédia do meu casamento. A noite que passei no estábulo, descalça e quase nua, e depois o galope embaixo da chuva resultaram em uma pneumonia que por pouco não me despachou para o outro mundo. Levaram-me de carreta para o hospital dos alemães, onde fui cuidada por uma enfermeira teutônica de tranças loiras, que me salvou a vida com sua tenacidade. Aquela nobre valquíria era capaz de me erguer como um bebê em seus poderosos braços de lenhador e capaz também de me dar caldo de galinha em pequeninas

colheradas, com uma paciência de nutriz.

Em inícios de julho, quando o inverno já havia se instalado em definitivo e a paisagem era pura água – rios caudalosos, inundações, lamaçais, chuvas e mais chuvas –, Diego e uma dupla de colonos foram me buscar no hospital e me levaram de volta a *Caleufú*, empacotada embaixo de um bocado de mantas e peles. Tinham instalado um toldo de lona encerada na carreta, uma cama e até um braseiro, sempre aceso, para combater a umidade. Suando em meu envoltório de cobertores fiz o vagaroso trajeto para casa, com Diego cavalgando ao lado. Várias vezes as rodas se atolaram; não bastava, então, a força dos bois para arrancar a carreta do atoleiro, os homens tinham de pôr pranchas de madeira sobre o barro, diante das rodas, e empurrar. Eu e Diego não trocamos uma única palavra durante aquele comprido dia de viagem. Em *Caleufú* dona Elvira saiu para receber-me chorando de alegria, nervosa, insistindo com as empregadas para que não se descuidassem dos braseiros, das garrafas de água quente, das sopas com sangue de novilha que deviam me devolver a cor e a vontade de viver. Tinha rezado tanto por mim, disse, que Deus acabara por apiedar-se. Pretextando sentir-me ainda muito vulnerável, pedi-lhe que me deixasse dormir na casa-grande e ela me instalou em um aposento junto ao seu. Pela primeira vez na vida alguém me cuidou como mãe. Minha avó Paulina del Valle, que tanto me amava e tanto havia feito por mim, não era inclinada a manifestações de carinho, embora no fundo fosse uma grande sentimental. Dizia que a ternura, essa mescla açucarada de afeto e compaixão que habitualmente é representada nos calendários por mães extasiadas diante do berço de seus bebês, era perdoável apenas quando se cuidava de animais indefesos, como gatos recém-nascidos, por exemplo, mas entre seres humanos não passava de uma rematada bobagem. Em nossa relação houve sempre um tom irônico e meio cínico; pouco nos tocávamos, a não ser na minha infância, quando dormíamos juntas, e em geral nos tratávamos com uma certa secura, aliás muito cômoda para ambas. Eu recorria a uma ternura zombeteira quando queria dobrá-la, e sempre conseguia, porque minha portentosa avó se abrandava com grande facilidade, mais para escapar às demonstrações de afeto do que

por fraqueza de caráter. Dona Elvira, ao contrário, era uma criatura simples, que se sentiria ofendida por um sarcasmo como aqueles que eu e minha avó costumávamos empregar. Era naturalmente afetuosa, tomava minha mão para retê-la entre as suas, beijava-me, abraçava-me, gostava de me pentear, administrava pessoalmente os tônicos de tutano e bacalhau, me aplicava cataplasmas de cânfora para a tosse e me fazia suar a febre massageando-me com óleo de eucalipto e me envolvendo em cobertores quentes. Queria que eu me alimentasse bem e repousasse, à noite me dava as gotas de ópio e quando eu dormia ela continuava ao meu lado, rezando. Todas as manhãs me perguntava se eu tivera pesadelos e me pedia que os descrevesse em detalhes, porque, como dizia, “é falando dessas coisas que se perde o medo”. Sua saúde não era boa, mas retirava forças não sei de onde para me atender e me acompanhar, enquanto eu me fingia mais frágil do que realmente estava, a fim de prolongar aquele idílio com minha sogra. “Melhore logo, filhinha, seu marido necessita de você ao lado dele”, estava sempre me repetindo, preocupada, enquanto Diego insistia na conveniência de eu passar o resto do inverno na casa-grande. Aquelas semanas sob o teto de dona Elvira me recuperaram da pneumonia e foram para mim uma estranha experiência. Minha sogra me tratou com cuidados que eu jamais receberia de Diego. Aquele amor suave e incondicional atuou como um bálsamo e foi me curando lentamente do desejo de morrer e do rancor que eu sentia de meu marido. Pude compreender os sentimentos de Diego e Susana e a fatalidade, o inexorável do que havia acontecido; a paixão deles devia ser uma força telúrica, um terremoto que os arrastara de modo irremediável. Imaginei como haviam lutado contra aquela atração, antes de a ela sucumbirem, quantos tabus tiveram de vencer para estar juntos, quão terrível devia ser o tormento de cada dia, fingindo diante do mundo uma relação de irmãos, enquanto ardiam de desejo por dentro. Deixei de me perguntar como era possível que não fossem capazes de vencer a luxúria, que seu egoísmo lhes impedisse de ver o desastre que podiam provocar entre os seres mais próximos, porque eu adivinhava o quanto deviam estar dilacerados. Eu tinha amado desesperadamente Diego, podia entender,

portanto, o que Susana sentia por ele; nas mesmas circunstâncias, poderia eu ter agido tal como Susana? Supunha que não, mas era impossível garantir. Embora a sensação de fracasso não houvesse diminuído nem um pouco, pude me desprender do ódio, distanciar-me e tentar vestir a pele dos outros protagonistas daquele infortúnio, passei a sentir mais compaixão por Eduardo do que pena por mim mesma, ele tinha três filhos e estava apaixonado pela sua mulher, o drama daquela infidelidade incestuosa seria pior para ele do que para mim. Também por causa de meu cunhado eu devia me manter em silêncio, mas o fato é que o segredo já não me pesava como uma mó de moinho nas costas, porque o horror que eu sentia de Diego havia se atenuado, ao ser lavado pelas mãos de dona Elvira. Minha gratidão por aquela mulher somou-se ao respeito e afeto que eu lhe havia dedicado desde o início, eu tinha me apegado a ela como um cão fraldiqueiro; necessitava de sua presença, de sua voz, dos seus lábios em minha frente. Sentia-me obrigada a protegê-la do cataclismo que se gestava no seio de sua família; estava disposta a permanecer em *Caleufú*, dissimulando minha humilhação de esposa rejeitada, porque, se eu fosse embora e ela descobrisse a verdade, morreria de dor e de vergonha. Sua existência girava em torno daquela família, das necessidades de cada uma das pessoas que viviam entre as paredes de sua casa, aquele era todo o seu universo. Segundo o acordo com Diego, eu faria minha parte enquanto dona Elvira vivesse, depois estaria livre, ele me deixaria ir e não voltaria a fazer contato comigo. Deveria suportar a condição – infamante para muitos – de “mulher separada” e não poderia me casar novamente, mas pelo menos já não teria de viver ao lado de um homem que não me amasse.

Em meados de setembro, quando não tinha mais pretextos para permanecer na casa de meus sogros e havia chegado o momento de viver novamente com Diego, recebi o telegrama de Ivan Radovic. Em duas linhas o médico me comunicava que eu devia regressar a Santiago, porque se aproximava o fim de minha avó. Fazia meses que eu esperava aquela notícia, mas quando chegou o telegrama a surpresa e o sofrimento foram como uma bordoadá, fiquei aturdida. Minha avó era imortal.

Não podia visualizá-la como a pequena anciã calva e frágil que agora realmente era, mas como a amazona de peruca dupla, gulosa e astuta, que havia sido antes. Dona Elvira me acolheu em seus braços e disse que não me sentisse só, pois agora tinha outra família, eu pertencia a *Caleufú* e ela trataria de cuidar de mim, de me proteger, como antes fizera Paulina del Valle. Ajudou-me a arrumar minhas duas malas, pendurou novamente em meu pescoço o escapulário do Sagrado Coração de Jesus e se pôs a me sobrecarregar com mil recomendações; para ela, Santiago era um antro de perdição, e a viagem uma perigosíssima aventura. Era a época de reabrir a serraria, paralisada durante o inverno, e isso foi uma boa desculpa para que Diego não me acompanhasse a Santiago, embora sua mãe tivesse insistido que devia fazê-lo. Eduardo me levou ao navio. Na porta da casa-grande de *Caleufú*, todos acenavam adeuses: Diego, meus sogros, Adela, Susana, as crianças e alguns colonos. Eu ignorava que não voltaria a vê-los.

Antes de partir examinei meu laboratório, onde não havia posto os pés desde a infausta noite do estábulo, e descobri que alguém tinha subtraído as fotografias de Diego e Susana, mas, como certamente ignorava o processo de revelação, deixou de levar os negativos. Mas de nada me serviam aquelas provas mesquinhas, por isso as destruí. Guardei na mala os negativos dos índios, dos habitantes de *Caleufú* e do resto da família, pois não sabia quanto tempo ficaria ausente e não desejava que se deteriorassem. Com Eduardo, a viagem foi feita a cavalo, a bagagem transportada em lombo de mula; parávamos nas aldeias dos camponeses, para comer e descansar. Meu cunhado, aquele homenzarrão com aspecto de urso, tinha o mesmo caráter suave da mãe, a mesma ingenuidade quase infantil. Pelo caminho tivemos tempo de conversar sem testemunhas, como nunca havíamos feito antes. Confessou-me que desde menino escrevia poemas – “como não fazê-lo quando se vive no meio de tanta beleza?”, acrescentou, assinalando a paisagem de floresta e água que nos rodeava. Contou-me que nada ambicionava, não sentia curiosidade por outros horizontes, como Diego, que lhe bastava *Caleufú*. Quando viajara pela Europa, em sua juventude, sentira-se perdido e profundamente infeliz, não podia viver longe daquela terra que amava. Deus tinha sido muito generoso

com ele, disse, dando-lhe, para viver, o paraíso terrestre. No porto nos despedimos com um apertado abraço, “que Deus te proteja sempre, Eduardo”, disse-lhe no ouvido. Essa despedida solene deixou-o um pouco desconcertado.

Frederick Williams me esperava na estação e me levou no coche para a casa da rua Ejército Libertador. Estranhou minha aparência consumida e não se deu por satisfeito com a minha explicação de que estivera muito doente, ia me observando pelo canto do olho, perguntando insistentemente por Diego, perguntando se eu era feliz, como era a família dos meus sogros e se eu tinha conseguido me adaptar ao campo. Antes a mais esplêndida naquele bairro de palacetes, a mansão de minha avó parecia tão decrépita quanto sua proprietária. Várias janelas pendiam dos gonzos, as paredes não tinham cor, e o jardim, de tão abandonado, parecia ignorar a primavera e permanecer submerso em um triste inverno. Dentro a desolação era ainda maior, os belos salões de outrora estavam quase vazios, móveis, tapetes e quadros tinham desaparecido; não restava nenhuma das famosas pinturas impressionistas, que tanto escândalo haviam causado alguns anos antes. Tio Frederick explicou que minha avó, preparando-se para a morte, havia doado quase tudo à igreja. “Mas acho que seu dinheiro está intacto, Aurora, porque ainda conta cada centavo e guarda os livros de contabilidade embaixo da cama”, ele acrescentou, piscando o olho de modo travesso. Ela, que só entrava em uma igreja para ser vista, que detestava aquele enxame de padres pedintes e monjas obsequiosas que voejavam ao redor do restante da família, tinha destinado em seu testamento uma boa quantia para a igreja católica. Sempre astuta nos negócios, procurava comprar na morte aquilo que de pouco lhe servira em vida. Williams conhecia minha avó melhor do que ninguém, e creio que a amava quase tanto quanto eu, e contra todas as predições dos invejosos não roubou sua fortuna para abandoná-la na velhice, mas defendeu os interesses da família durante anos, foi um marido digno dela, estava disposto a acompanhá-la até o último suspiro e iria fazer muito mais por mim, como ficou demonstrado nos anos seguintes. Restava pouquíssima lucidez a Paulina, as drogas que ingeria para acalmar as dores mantinham-na em uma espécie de limbo sem lembranças nem

desejos. Naqueles últimos meses ficara reduzida a pele e osso, porque não podia engolir, e tinha de ser alimentada com um pouco de leite que descia por um tubo de borracha introduzido no nariz. Na cabeça restavam-lhe apenas umas poucas mechas brancas, e seus grandes olhos escuros tinham decrescido, eram como pontinhos em meio a um mapa de rugas. Inclinei-me para beijá-la, mas Paulina del Valle não me reconheceu e desviou o rosto; sua mão, entretanto, buscava no ar a mão do marido, e quando a encontrou uma expressão de paz distendeu-lhe as feições.

– Ela não está sofrendo, Aurora, vem tomando muita morfina – tio Frederick informou.

– Os filhos já foram avisados?

– Sim, há dois meses telegrafei para eles, mas não recebi resposta e acredito que não chegarão a tempo. Não resta muito a Paulina – disse, comovido.

Estava certo. Paulina morreu silenciosamente no dia seguinte. Ao seu lado estavam seu marido, o doutor Radovic, Severo, Nívea e eu; seus filhos só apareceram muito depois, com os advogados, para lutar pela herança que ninguém ali disputava. O médico havia tirado o tubo de alimentação de minha avó, e Williams calçara-lhe luvas, porque suas mãos estavam geladas. Os lábios foram adquirindo um tom azulado, ela ia respirando de maneira cada vez mais imperceptível, mas sem angústia, e em dado momento simplesmente parou. Radovic tomou-lhe o pulso, esperou um minuto, talvez dois, e então anunciou que ela havia partido. Havia uma doce quietude no aposento, algo misterioso acontecia, talvez o espírito de minha avó já houvesse se desprendido e, como um pássaro possuído pela surpresa, desse voltas em cima do corpo, despedindo-se. Sua partida me causou uma imensa desolação, um sentimento antigo que eu já conhecia, mas ao qual só poderia dar nome e explicar dois anos mais tarde, quando o mistério do meu passado finalmente se desvendou, e compreendi que a morte de meu avô Tao Chi'en, muitos anos antes, tinha me submergido em uma angústia semelhante. A ferida permanecia latente e agora se abria, com a mesma dor que queimava. A sensação de orfandade que minha avó me deixava era idêntica à que me havia paralisado aos cinco anos

de idade, quando Tao Chi'en saíra de minha vida. Penso que as dores antigas de minha infância – uma perda após a outra –, enterradas durante anos nos estratos mais profundos da memória, levantavam agora sua ameaçadora cabeça de Medusa a fim de devorar-me: minha mãe morta ao me dar à luz, meu pai ignorante de minha existência, minha avó materna que me abandonara, sem explicações, nas mãos de Paulina del Valle e, sobretudo, a súbita falta do ser que eu mais amava, meu avô Tao Chi'en.

Nove anos se passaram desde esse dia de setembro em que Paulina del Valle partiu; essas e outras desgraças tinham ficado para trás, e agora eu podia recordar minha grandiosa avó com o coração tranqüilo. Ela não desapareceu no imenso negror da morte definitiva, como a princípio me pareceu, uma parte sua permaneceu do lado de cá e anda sempre me rondando em companhia de Tao Chi'en, dois espíritos muito diferentes que me acompanham e me ajudam, o primeiro para as coisas práticas da existência e o segundo para resolver os assuntos sentimentais; mas quando minha avó deixou de respirar no catre de soldado sobre o qual passara seus últimos meses, eu não suspeitava que pudesse voltar, e o sofrimento começou a me envolver. Se fosse capaz de exteriorizar meus sentimentos, talvez sofresse menos, mas eles permaneciam obstruídos dentro de mim, como um imenso bloco de gelo, e podiam se passar anos antes que o gelo começasse a derreter. Não chorei quando ela se foi. O silêncio no aposento parecia uma falha protocolar, porque uma personagem que tinha vivido como Paulina del Valle devia morrer cantando com orquestra, como na ópera, mas o fato é que sua despedida foi silenciosa, o único ato discreto em toda a sua existência. Os homens saíram do quarto, Nívea e eu, delicadamente, cobrimos o corpo de Paulina, para sua última viagem, com o hábito das carmelitas, que um ano atrás ela havia pendurado no armário, mas não resistimos à tentação de vesti-la com a sua melhor roupa íntima francesa, de seda cor de malva. Ao levantar seu corpo notei o quanto tinha se tornado leve, tudo que havia restado dela era um esqueleto quebradiço e uma porção de pele solta. Em silêncio, agradeci-lhe por tudo que havia feito por mim, disse-lhe as palavras carinhosas que jamais me atreveria a articular se ela pudesse me

ouvir, beijei suas formosas mãos, suas pálpebras de tartaruga, sua nobre fronte e lhe pedi perdão pelos chiliques da minha infância, por ter chegado tão tarde para nos despedirmos, pela lagartixa seca que cuspi em um falso acesso de tosse e por outras brincadeiras pesadas que a fiz suportar, enquanto Nívea aproveitava o bom pretexto que lhe proporcionava Paulina del Valle para chorar pelos seus filhos mortos. Depois de vestirmos minha avó, aspergimos sobre seu corpo colônia de gardênia, seu perfume preferido, e abrimos cortinas e janelas, para que a primavera entrasse no aposento, como seria do seu gosto. Nada de carpideiras, nem de panos negros, nem de espelhos cobertos; Paulina del Valle tinha vivido como uma imperatriz estabanada e merecia que a celebrássemos com a luz de setembro. Assim também pensava Williams, que foi pessoalmente ao mercado e encheu o coche de flores frescas para decorar a casa.

Quando chegaram de luto e lenço na mão, parentes e amigos se scandalizaram, pois nunca tinham visto um velório iluminado pelos raios do sol, flores de casamento e ausência de lágrimas. Foram embora murmurando insídias, e passados todos esses anos ainda há os que me apontam o dedo, convencidos de que me alegrei com a morte de Paulina del Valle porque pretendia meter a mão na herança. Mas o fato é que nada herdei, porque seus filhos e advogados se encarregaram imediatamente de impedir que eu recebesse alguma coisa, o que aliás era desnecessário, pois meu pai havia me deixado o bastante para eu viver decentemente, e o que faltava eu cobria com meu trabalho. Apesar dos inumeráveis conselhos e lições de minha avó, não consegui desenvolver em mim aquele seu faro para os bons negócios; nunca serei rica e me alegro com isso. Frederick Williams também não iria pelejar com os advogados, pois o dinheiro lhe interessava muito menos do que as más línguas vinham dizendo por anos a fio. Além disso, sua mulher lhe tinha dado quantias razoáveis enquanto vivia, e ele, homem precavido, soubera como pôr suas economias a salvo. Os filhos de Paulina não puderam provar que o casamento de sua mãe com o antigo mordomo fora ilegal e tiveram de resignar-se a deixar o tio Frederick em paz; também não puderam apoderar-se dos vinhedos, pois estavam

em nome de Severo del Valle; em vista disso, puseram os advogados nos calcanhares dos padres, numa tentativa de recuperar os bens que esses haviam arrebatado assustando a enferma com as chamas do inferno, mas até hoje ninguém ganhou uma questão com a igreja católica, que, como todo mundo sabe, tem Deus do seu lado. Mesmo assim, havia dinheiro de sobra, e os filhos, vários parentes e os advogados vivem dele até hoje.

A única alegria naquelas deprimentes semanas foi o reaparecimento, em nossas vidas, da senhorita Matilde Pineda. Leu no jornal a notícia de que Paulina del Valle havia falecido e se armou de coragem para apresentar-se na casa de onde tinha sido expulsa nos tempos da Revolução. Chegou com um raminho de flores para me dar de presente, em companhia do livreiro Pedro Tey. Depois daqueles anos todos havia amadurecido, e no primeiro momento não a reconheci; ele, ao contrário, continuava a ser o mesmo homenzinho calvo, com pupilas ardentes e espessas sobrelanceiras de diabo.

Depois do cemitério, das missas cantadas, das novenas mandadas rezar, da distribuição de esmolas e de outros atos de caridade determinados pela minha defunta avó, assentou-se a poeira do aparatoso funeral, e eu e Frederick ficamos sem mais ninguém na casa vazia. Sentamo-nos na galeria dos cristais, a lamentar a ausência de minha avó, mas de maneira discreta, porque não somos bons de choro, e a recordá-la em suas muitas grandezas e suas poucas fraquezas.

– E agora, tio Frederick, que está pensado fazer? – perguntei.

– Isso depende de você, Aurora.

– De mim?

– Não pude deixar de perceber algo estranho em você, menina – ele disse, com aquela maneira tão sutil de perguntar, uma de suas características.

– Estive muito doente, e a partida de minha avó me deixou muito triste, tio Frederick. É só isso, não há nada de estranho, garanto.

– Lamento que me subestime, Aurora. Eu teria de ser bastante tolo e amá-la muito pouco para não perceber seu estado de espírito. Diga o que está se passando, talvez eu possa ajudá-la.

– Ninguém pode me ajudar, tio.

– Pois tente me pôr à prova, tente... – ele me pediu.

E então compreendi que não tinha mais ninguém neste mundo em quem confiar e que Frederick Williams tinha demonstrado ser um excelente conselheiro e a única pessoa da família com senso comum. Assim, eu podia contar-lhe minha tragédia. Ouviu-me do começo ao fim, com grande atenção, sem me interromper uma única vez.

– A vida é longa, Aurora. Neste momento você está vendo tudo negro, mas o tempo cura e apaga quase tudo. Nessa etapa é como andar em um túnel, às cegas, parece-lhe que não há saída, mas eu lhe prometo que há. Continue a andar, menina.

– Que será de mim, tio Frederick?

– Terá outros amores, talvez tenha filhos ou será a melhor fotógrafa deste país – respondeu.

– Estou tão confusa, tão só!

– Não está só, Aurora; neste momento estou com você e estarei enquanto você necessitar.

Convenceu-me de que não devia voltar para onde estava meu marido, de que eu podia encontrar uma dúzia de pretextos para adiar minha volta durante anos, embora estivesse certo de que Diego não exigiria meu retorno a *Caleufú*, pois lhe convinha manter-me o mais longe possível. Quanto à bondosa dona Elvira, nada restaria a fazer, exceto consolá-la com uma nutrida correspondência, tratava-se de ganhar tempo, minha sogra não estava bem do coração e não viveria muito, conforme o diagnóstico dos médicos. Tio Frederick garantiu que não tinha pressa nenhuma em deixar o Chile, eu era sua única família, me amava como se eu fosse uma filha ou uma neta.

– Não tem ninguém na Inglaterra? – perguntei-lhe.

– Ninguém.

– O senhor sabe que circulam boatos sobre suas origens, dizem que o senhor é um nobre arruinado, e isso minha avó nunca desmentiu.

– Nada mais distante da verdade, Aurora! – exclamou, rindo.

– Então não tem nenhum escudo de armas escondido por aí? – perguntei, também rindo.

– Olhe aqui, menina – respondeu.

Tirou a jaqueta, abriu a camisa, levantou a camiseta e me

mostrou as costas. Estavam cruzadas por horríveis cicatrizes.

– Flagelação. Cem chibatadas por roubar tabaco de uma colônia penitenciária na Austrália. Cumpri cinco anos de pena antes de escapar em uma balsa. Fui recolhido em alto-mar por um navio pirata chinês e me puseram a trabalhar como escravo, mas assim que nos aproximamos de terra escapei novamente. Assim, de salto em salto, cheguei finalmente à Califórnia. Tudo que tenho de nobre britânico é o acento, que aprendi de um verdadeiro lorde, meu primeiro patrão na Califórnia. Ele também me ensinou o ofício de mordomo. Paulina del Valle me contratou em 1870, e desde então estive ao seu lado.

– Minha avó conhecia essa história, tio? – perguntei, quando me refiz um pouco da surpresa e consegui recuperar a voz.

– Mas claro! Paulina se divertia muito com o fato de as pessoas confundirem um condenado com um aristocrata.

– Por que o condenaram?

– Por roubar um cavalo quando tinha quinze anos de idade. Iam me enforcar, mas tive sorte, comutaram minha pena e acabei na Austrália. Não se preocupe, Aurora, não voltei a roubar nem um centavo em minha vida, os açoites me curaram desse vício, mas não me curaram do gosto pelo tabaco – disse, rindo.

O fato é que ficamos juntos. Os filhos de Paulina del Valle venderam a mansão da rua Ejército Libertador, hoje transformada em uma escola para meninas, e levaram a leilão o pouco que a casa ainda continha. Salvei a cama mitológica, subtraindo-a antes de chegarem os herdeiros, escondendo-a desmontada em um depósito do hospital público de Ivan Radovic, onde permaneceu até os advogados se cansarem de escarafunchar todos os recantos da casa em busca dos últimos vestígios das antigas posses de minha avó. Compramos, eu e Frederick Williams, uma quinta campestre, não muito longe da cidade, no caminho da cordilheira; contamos com doze hectares de terreno cercado de álamos agitados, invadido de jasmims aromáticos, banhado por um modesto riacho, onde tudo cresce sem pedir permissão. Ali Williams cria cães e cavalos de raça, joga críquete e pratica outras aborrecidas atividades próprias dos ingleses; ali estão os meus quartéis de inverno. A casa é muito antiquada, mas tem um certo encanto, espaço para

o meu estúdio fotográfico e para a célebre cama florentina, que se ergue com suas criaturas marítimas policromadas no centro do meu quarto. Nela durmo amparada pelo espírito vigilante de minha avó Paulina, que costuma aparecer a tempo de espantar a vassouradas os meninos de pijamas negros dos meus pesadelos. Tenho certeza de que Santiago crescerá para o lado da Estação Central, e desse modo nos deixarão em paz neste bucólico pedaço de campina entre álamos e colinas.

Graças ao tio Lucky, que soprou em mim seu hálito afortunado no dia em que nasci, e à generosa proteção de minha avó e meu pai, posso dizer que levo uma vida boa. Disponho de meios e tenho liberdade para fazer o que desejo, posso me dedicar a percorrer vagarosamente a abrupta geografia do Chile com minha câmara pendurada no pescoço, tal como venho fazendo nos últimos oito ou nove anos. Nas minhas costas, as pessoas dizem coisas desagradáveis a meu respeito, é inevitável; vários parentes e conhecidos fazem o sinal-da-cruz quando me vêem na rua e fingem não me conhecer, não podem tolerar que a mulher abandone o marido. Essas afrontas não me tiram o sono: não tenho de agradar ao mundo inteiro, mas apenas às pessoas que me importam e que na verdade não são muitas. Os tristes resultados de minha relação com Diego Domínguez poderiam ter incutido para sempre o medo dos amores repentinos e vulcânicos, mas não foi isso o que aconteceu. É certo que durante alguns meses me senti ferida na asa e que era cotidianamente possuída por uma sensação de absoluta derrota, de ter jogado meu único trunfo e ter perdido tudo. Também é certo que estou condenada a ser uma casada sem marido, o que me impede de “refazer” a vida, como dizem minhas tias, mas essa estranha condição me dá uma grande liberdade. Um ano depois de me separar de Diego voltei a me enamorar, o que significa que tenho a pele forte e cicatrizo com rapidez. O segundo amor não foi uma dessas suaves amizades que com o tempo se transformam em um romance firme, foi simplesmente um impulso de paixão, que se apoderou de nós dois de surpresa e que por pura casualidade chegou a um bom resultado... bem, até agora ninguém sabe como será o futuro. Foi em um dia de inverno, um desses dias de chuva verde e pertinaz, de

relâmpagos peneirados, de desassossego de espírito. Os filhos de Paulina del Valle e seus leguleios tinham voltado a nos aborrecer com seus intermináveis documentos, cada um com três cópias e onze selos, que eu assinava sem ler. Frederick Williams e eu tínhamos saído da casa da rua Ejército Libertador e estávamos em um hotel, porque ainda não haviam terminado os reparos na quinta onde hoje vivemos. O tio Frederick encontrou-se na rua com o doutor Ivan Radovic, a quem fazia tempo que não víamos, e combinaram me levar com eles para ver uma companhia espanhola de zarzuela, que fazia uma turnê pela América do Sul, mas no dia de irmos ao teatro tio Frederick apanhou um resfriado e ficou de cama, e assim eu me vi sozinha no vestíbulo do hotel, com as mãos geladas e os pés doloridos, porque os sapatos estavam apertados. Pelos vidros das janelas desciam verdadeiras cascatas, e o vento sacudia como espanadores as árvores da rua, a noite não convidava a sair e por um momento invejei o resfriado do tio Frederick, que lhe permitia ficar na cama com um bom livro e uma xícara de chocolate bem quente, mas a entrada de Ivan Radovic me fez esquecer o temporal. O médico vinha com o abrigo ensopado, e quando me sorriu compreendi que era muito mais animoso do que eu me lembrava. Fitamo-nos olho no olho e penso que só então nos vimos pela primeira vez, ou pelo menos naquela noite eu o observei com atenção e gostei do que vi. Houve um longo silêncio, uma pausa que em outras circunstâncias teria sido muito pesada, mas que naquele momento pareceu uma forma de diálogo. Ele me ajudou a vestir a capa, e nos encaminhamos lentamente para a porta, vacilantes, sempre presos pelos olhos. Nenhum de nós queria desafiar a tormenta que desabava do céu, mas também não queríamos nos separar. Apareceu um porteiro com um grande guarda-chuva e se ofereceu para nos levar até o coche, que esperava na porta, e então saímos sem dizer uma palavra, duvidando. Não tive nenhuma explosão de clarividência sentimental, nenhum extraordinário pressentimento de que éramos almas gêmeas, não visualizei o começo de um amor de romance; nada disso, simplesmente tomei nota dos pulos do meu coração, do ar que me faltava, do calor e do arrepio na pele, da tremenda vontade de tocar naquele homem. Temo que de minha parte nada

tenha havido de espiritual naquele encontro, tudo foi luxúria, embora na época eu ainda fosse demasiado inexperiente e meu vocabulário muito reduzido para dar àquela agitação o nome que tem no dicionário. Mas o nome é o de menos, o importante é que aquele transtorno visceral pôde mais que a minha timidez, e ao abrigo do coche, onde não havia escapatória, tomei seu rosto entre as mãos e sem pensar duas vezes beijei-o na boca, do mesmo modo que muitos anos antes tinha visto se beijarem Nívea e Severo del Valle, com decisão e voracidade. Foi uma ação simples e inapelável. Não posso entrar em detalhes sobre o que veio a seguir porque é fácil de imaginar e porque se Ivan lesse esta página teríamos uma briga colossal. Devo dizer que nossas pelejas são tão memoráveis quanto são apaixonadas as nossas reconciliações; este não é um amor tranqüilo nem açucarado, mas em seu favor se pode dizer que é um amor persistente; os obstáculos não parecem amedrontá-lo, e sim fortalecê-lo. O casamento é uma questão de senso comum, que a ambos nos falta. O fato de não sermos casados nos facilita o amor de verdade, desse modo cada um pode dedicar-se aos seus afazeres, dispomos de nossos próprios espaços, e quando estamos a ponto de explodir sempre resta a saída de nos separarmos por alguns dias e nos juntarmos de novo quando formos vencidos pela nostalgia dos beijos. Com Ivan Radovic aprendi a soltar a voz e mostrar as garras. Se eu o surpreendesse me traindo – e que nem Deus o queira permitir –, do modo que me ocorreu com Diego Domínguez, não iria me consumir em lamentações, como então, mas o mataria sem o menor arrependimento.

Não, não vou falar sobre a intimidade que compartilho com meu amante, mas há um episódio que não posso ocultar, porque tem a ver com a memória, e essa é, afinal de contas, a razão pela qual escrevo estas páginas. Meus pesadelos são uma viagem às cegas para as sombrias cavernas onde dormem minhas lembranças mais antigas, bloqueadas nos estratos profundos da consciência. A fotografia e a escrita são uma tentativa de guardar os momentos antes que se desvançam, de fixar as lembranças para dar sentido à vida. Fazia vários meses que eu e Ivan estávamos juntos, já nos havíamos acomodado à rotina dos encontros discretos, com a bênção do bom tio

Frederick, que desde o início ampara os nossos amores. Ivan tinha de pronunciar uma conferência sobre medicina em uma cidade do norte, e eu o acompanhei a pretexto de fotografar as minas de salitre, onde as condições de trabalho são muito precárias. Os empresários ingleses se negavam a dialogar com os operários e reinava um clima de crescente violência, que iria explodir alguns anos mais tarde. Quando isso ocorreu, em 1907, eu estava lá por casualidade, e minhas fotografias são o único documento irresponsável de que a matança de Iquique realmente ocorreu, porque a censura do governo apagou da face da história os dois mil mortos que eu vi na praça. Mas essa é outra história, e para ela não há lugar nestas páginas. A primeira vez que, em companhia de Ivan, fui àquela cidade, não imaginava a tragédia que iria presenciar mais tarde; foi, na verdade, uma curta lua-de-mel. No hotel nos registramos separadamente, e naquela noite, depois que cada um cumpriu suas tarefas, ele veio ao meu quarto, onde eu o esperava com uma excelente garrafa de *Viña Paulina*. Até então nosso relacionamento tinha sido apenas uma aventura da carne, uma exploração dos sentidos, o que para mim foi fundamental, pois graças a ele consegui superar a humilhação de ter sido rejeitada por Diego e compreender que, ao contrário do que temia, eu não tinha falido em minha condição de mulher. Em cada encontro com Ivan Radovic adquiria um pouco mais de confiança, vencia um pouco de minha timidez e de meus pudores, mas não tinha percebido que aquela gloriosa intimidade havia aberto o caminho para um grande amor. Naquela noite nos abraçamos enlanguescidos pelo bom vinho e pelas fadigas do dia, lentamente, como dois sábios avós que fizeram amor novecentos e dez vezes, e já não podem surpreender-se nem enganar-se mutuamente. Que houve de especial para mim? Nada, suponho, salvo o acúmulo de experiências felizes com Ivan, que naquela noite alcançaram o número crítico indispensável para desbaratar as minhas defesas. Aconteceu que, ao voltar do orgasmo, envolta nos braços firmes de meu amante, senti um soluço que me sacudia por inteiro, e outro e mais outro, até que me vi arrastada por uma incontível maré de choro acumulado. Chorei e chorei, entregue, abandonada, presa entre aqueles braços como não me lembrava

de jamais ter estado antes. Um dique se havia rompido dentro de mim e aquela dor antiga se extravasou como a neve quando se derrete. Ivan não me fez perguntas nem tentou me consolar, apertou-me firmemente contra seu peito, deixou-me chorar até que as lágrimas se acabassem e, quando quis dar-lhe uma explicação, fechou minha boca com um longo beijo. Além do mais, naquele momento eu não tinha explicação alguma, teria de inventá-la; mas agora sei – pois aconteceu em várias outras ocasiões – que ao me sentir absolutamente a salvo, abrigada e protegida, começaram a me voltar à memória os primeiros cinco anos de minha vida, os anos que minha avó Paulina e todos os demais haviam encoberto com um manto de mistério. Primeiro, à luz de uma espécie de relâmpago, vi a imagem de meu avô Tao Chi'en murmurando meu nome em chinês, Lai-Ming. Foi um instante brevíssimo, porém luminoso como a lua. Em seguida revivi, acordada, o pesadelo recorrente que me tem atormentado desde sempre, e então compreendi que existe uma relação direta entre meu adorado avô e aqueles demônios vestidos de pijamas negros. A mão que me liberta no sonho é a mão de Tao Chi'en. Quem cai lentamente é Tao Chi'en. A mancha que se estende inexorável sobre os paralelepípedos da rua é o sangue de Tao Chi'en.

Fazia pouco mais de dois anos que eu vivia oficialmente com Frederick Williams, mas cada vez mais dependente de minha relação com Ivan Radovic, sem a qual já não podia conceber meu destino, quando minha avó materna, Eliza Sommers, reapareceu em minha vida. Voltou intacta, com o mesmo aroma de açúcar e baunilha, invulnerável ao desgaste das penúrias e do esquecimento. Reconheci-a imediatamente, embora houvessem passado dezessete anos desde aquele dia em que fora me deixar na casa de Paulina del Valle e em todo esse tempo eu não tivesse visto uma única fotografia sua e pouquíssimas vezes alguém houvesse dito seu nome na minha presença. Sua imagem permanecera presa às engrenagens da minha nostalgia e ela havia mudado tão pouco, que quando se materializou no umbral de nossa porta com sua maleta na mão, foi como se tivéssemos nos despedido no dia anterior e todos os acontecimentos daqueles anos fossem puramente ilusórios.

Única novidade: ela era mais baixa na realidade do que na minha memória, mas isso podia ter algo a ver com a minha própria estatura, pois da última vez que nos tínhamos visto eu era uma fedelha de cinco anos e a olhava de baixo para cima. Ela continuava espedrada como um almirante, o mesmo rosto juvenil e o mesmo penteado severo, embora o cabelo estivesse salpicado de mechas brancas. Usava ainda o mesmo colar de pérolas que sempre tinha visto em seu pescoço e que, agora sei, não tira nem para dormir. Veio pela mão de Severo del Valle, que durante todos aqueles anos havia mantido contato com ela, mas não me falara disso, porque ela mesma o proibira. Eliza Sommers tinha jurado a Paulina del Valle que nunca tentaria entrar em contato com sua neta, e cumpriu rigorosamente a promessa, até que a morte da outra a livrasse da palavra empenhada. Quando Severo lhe escreveu para anunciar-lhe a morte de Paulina, ela preparou suas malas e fechou a casa, tal como havia feito muitas vezes antes, e embarcou para o Chile. Ao enviuar em 1885, em San Francisco, empreendera a peregrinação à China, com o corpo embalsamado de seu marido, a fim de sepultá-lo em Hong Kong. Tao Chi'en tinha passado a maior parte da vida na Califórnia e era um dos poucos imigrantes chineses que haviam conseguido a cidadania americana, mas sempre manifestara o desejo de que seus ossos terminassem debaixo de terra chinesa, de modo que sua alma não se perdesse na imensidade do universo sem conseguir encontrar a porta do céu. Essa precaução não foi suficiente: estou certa de que o fantasma de meu inefável avô Tao Chi'en anda por este mundo, pois, se não fosse assim, como explicar que eu o sinta sempre perto de mim? Isso não é apenas imaginação, e minha avó me apresentou algumas provas, como o cheiro de mar que às vezes me envolve e a voz que sussurra uma palavra mágica: meu nome em chinês.

– Olá, Lai-Ming! – foi assim que aquela extraordinária avó saudou-me ao me rever.

– *Oi poa!* – exclamei.

Eu não tinha pronunciado essa palavra – avó materna, em dialeto cantonês – desde os tempos remotos em que vivia com ela no andar de cima de uma clínica de acupuntura no bairro chinês de San Francisco, mas não a havia esquecido. Ela pôs a

mão em meu ombro, escrutinou-me dos pés aos cabelos, em seguida aprovou com a cabeça e finalmente me abraçou.

– Fico alegre por você ser tão bonita quanto a sua mãe – disse Eliza Sommers.

– Isso meu pai também dizia.

– Você é alta como Tao. E Severo me disse que também é inteligente como ele.

Em nossa família servimos chá quando a situação é um tanto embaraçosa, e como eu me sinto inibida quase todo o tempo, passo boa parte do tempo servindo chá. Essa bebida tem a virtude de me ajudar a manter os nervos sob controle. Eu estava morrendo de vontade de agarrar minha avó pela cintura e sair dançando uma valsa com ela, de lhe contar minha vida aos borbotoes, de soltar as queixas que por anos havia guardado dentro de mim, mas nada disso foi possível. Eliza não é do tipo de pessoa que encoraja familiaridades, sua dignidade acaba por intimidar, e semanas tinham de passar-se antes que ela e eu pudéssemos falar de modo relaxado. Para sorte minha, o chá e a presença de Severo del Valle e de Frederick Williams, que voltou de um de seus passeios pela quinta ataviado de explorador da África, aliviaram a tensão. Assim que tirou o chapéu de abas largas, livrou-se dos óculos escuros e viu Eliza Sommers, alguma coisa mudou na atitude de tio Frederick: enfunou o peito, elevou a voz e arrepiou as penas. Sua admiração dobrou quando viu os baús e as malas com os selos das viagens; e assim ficou sabendo que aquela pequenina senhora era um dos poucos estrangeiros que tinham conseguido chegar ao Tibete.

Não sei se o único motivo de minha *oi poa* vir ao Chile foi o de me conhecer, suspeito de que estava mais interessada em levar sua viagem até as terras antárticas, onde mulher nenhuma havia posto os pés, mas, qualquer que fosse a razão, sua visita foi fundamental para mim. Sem ela minha vida continuaria pontilhada de zonas nebulosas; sem ela eu não poderia escrever estas memórias. Foi aquela avó materna quem me deu as peças que faltavam para armar o quebra-cabeça de minha existência, falou de minha mãe, das circunstâncias de meu nascimento e me deu a chave final de meus pesadelos. Seria ela também que me acompanharia mais tarde a San Francisco para conhecer

meu tio Lucky, um próspero comerciante chinês, gordo, falante, absolutamente encantador, e desenterrar os documentos necessários para atar os cordéis soltos de minha história. A relação de Eliza Sommers com Severo del Valle é tão profunda quanto os segredos que compartilharam durante muitos anos; ela o considera meu verdadeiro pai, porque foi o homem que amou sua filha e se casou com ela. A única função de Matías Rodríguez de Santa Cruz foi a de proporcionar alguns genes de modo accidental.

– Pouco importa quem gerou você, Lai-Ming, isso qualquer um pode fazer. Severo foi quem deu seu nome e se responsabilizou por você – Eliza assegurou.

– Nesse caso, Paulina del Valle foi minha mãe e meu pai, carregou seu nome e ela se responsabilizou por mim. Os outros passaram pela minha infância como se fossem cometas, deixando apenas um rastro de poeira sideral – retruquei.

– Antes dela, seu pai e sua mãe fomos Tao e eu, nós criamos você, Lai-Ming – ela esclareceu. E tinha razão, pois aqueles avós maternos haviam exercido uma influência tão poderosa sobre mim, que durante trinta anos eu os levava aqui dentro como uma suave presença, e estou certa de que continuarei a levá-los pelo resto da vida.

Eliza Sommers vive em outra dimensão, ao lado de Tao Chi'en, cuja morte foi um inconveniente, mas não um obstáculo para continuar a amá-lo como sempre. Minha avó Eliza é uma dessas criaturas destinadas a um só e grandioso amor, creio que nenhum outro cabe em seu coração de viúva. Depois de enterrar o marido na China, ao lado da tumba de Lin, sua primeira mulher, e de cumprir os ritos fúnebres budistas tal como ele havia desejado, Eliza estava livre. Poderia ter voltado para San Francisco, para viver com seu filho Lucky e a jovem esposa que ele havia comprado pelo catálogo em Xangai, mas a idéia de converter-se em uma sogra temida e venerada era o mesmo que abandonar-se à velhice. Não se sentia solitária nem atemorizada diante do futuro, já que o espírito protetor de Tao Chi'en anda sempre com ela; na verdade estão hoje mais juntos do que antes, já não se separam um instante sequer. Acostumou-se a conversar com o marido em voz baixa, para não parecer maluca aos olhos dos outros, e à

noite dorme do lado esquerdo da cama, para ceder-lhe o espaço da direita, como era de hábito. O espírito aventureiro que a impeliu a fugir do Chile aos dezesseis anos de idade, escondida no porão de um veleiro, para alcançar a Califórnia, reapareceu nela ao enviuvar. Recordou um momento de epifania aos dezoito anos, em plena febre do ouro, quando o relincho de seu cavalo e o primeiro raio de luz do amanhecer despertaram-na em meio à imensidão de uma paisagem agreste e solitária. Naquela madrugada descobriu a exaltação da liberdade. Tinha passado a noite sozinha embaixo de uma árvore, rodeada de mil perigos: bandidos impiedosos, índios selvagens, cobras, ursos e outras feras, e contudo pela primeira vez em sua vida não sentia medo. Fora criada dentro de uma armadura, que lhe restringia o corpo, a alma e a imaginação, assustada até com os próprios pensamentos, mas aquela aventura a havia libertado. Viu-se obrigada a desenvolver uma força que talvez já estivesse nela desde sempre, mas que até então ignorava, por não ter tido necessidade de usá-la. Deixou a proteção de seu lar quando ainda era quase menina, para seguir o rastro de um amante esquivo; grávida do vagabundo, embarcou em um navio no qual perdeu o bebê e por pouco não perdeu a vida, alcançou a Califórnia, vestiu-se de homem e se dispôs a percorrê-la de um extremo ao outro, sem outras armas e ferramentas além do desesperado impulso do amor. Foi capaz de sobreviver sozinha em uma terra de machos, na qual imperavam a violência e a cobiça, mas nesse processo adquiriu coragem e tomou gosto pela independência. Jamais se esqueceu daquela intensa euforia da aventura. Também por amor viveu trinta anos como a discreta esposa de Tao Chi'en, mãe e pasteleira, cumprindo seu dever, sem outros horizontes senão o lar em Chinatown, mas o germe plantado naqueles anos de nomadismo permaneceu intacto em seu espírito, pronto para brotar no momento propício. Quando desapareceu Tao Chi'en, único norte de sua vida, chegou para ela o momento de navegar à deriva. "Lá bem no fundo de mim sempre fui uma trotamundo, o que quero é viajar sem rumo fixo", escreveu em uma carta a seu filho Lucky. Decidiu, no entanto, que antes devia cumprir a promessa que fizera ao seu pai, o capitão John Sommers, de não abandonar sua tia Rose na velhice. De Hong Kong partiu para a Inglaterra,

disposta a acompanhar a velha senhora em seus últimos anos; era o mínimo que podia fazer por aquela mulher que se conduzia como se fosse sua mãe. Rose Sommers tinha mais de setenta anos, e sua saúde começava a fraquejar, mas continuava a escrever seus romances de amor, todos mais ou menos iguais; tinha se tornado a mais famosa autora romântica de língua inglesa. Havia curiosos que vinham de longe para vislumbrar sua figura miúda, passeando com seu cão por um parque, e diziam que a Rainha Victoria se consolava da viuvez lendo suas edulcoradas histórias de amores triunfantes. A chegada de Eliza, a quem ela amava como se fosse uma filha, foi uma enorme alegria para Rose Sommers, entre outras coisas porque seu pulso começava a falhar e cada vez mais lhe custava segurar a pena. A partir de então começou a ditar-lhe os romances, e, mais tarde, quando também lhe faltou a lucidez, Eliza fingia tomar notas, mas na verdade escrevia as histórias, sem que o editor ou as leitoras jamais suspeitassem, para ela foi apenas uma questão de repetir a fórmula. Quando Rose Sommers morreu, Eliza permaneceu em sua casinha do bairro boêmio – muito valorizada, pois a área havia entrado na moda – e herdou o dinheiro acumulado pela mãe adotiva graças aos seus livrinhos de amor. O que primeiro fez foi visitar seu filho Lucky em San Francisco e conhecer os netos, que lhe pareceram bastante feios e chatos; em seguida partiu para lugares mais exóticos, cumprindo finalmente o seu destino de vagamunda. Era uma dessas viajantes que se empenham em procurar os lugares dos quais as outras pessoas costumam fugir. Nada a satisfazia mais do que ver em sua bagagem selos e decalcomanias dos países mais recônditos do planeta; nada lhe dava tanto orgulho como ser alcançada por alguma epidemia peregrina ou mordida por algum bicho que ainda lhe era desconhecido. Durante anos deu voltas e voltas com seus baús de exploradora, mas sempre voltava para sua casinha de Londres, onde a esperava a correspondência de Severo del Valle, com notícias minhas. Quando soube que Paulina del Valle não pertencia mais a este mundo, Eliza decidiu voltar ao Chile – onde havia nascido, mas no qual não tinha pensado durante mais de meio século –, a fim de reencontrar-se com sua neta.

É possível que durante a longa travessia no vapor minha avó Eliza haja recordado seus primeiros dezesseis anos no Chile, este esbelto e garboso país; sua infância aos cuidados de uma índia bondosa e da bela Miss Rose; sua aprazível e segura existência até aparecer o amante que a deixaria grávida, que a abandonaria a fim de lançar-se à procura do ouro da Califórnia e nunca mais daria sinal de vida. Como minha avó Eliza acredita em karma, deve ter concluído que aquele comprido périplo foi necessário para encontrar-se com Tao Chi'en, a quem deve amar em cada uma de suas reencarnações. “Que idéia tão pouco cristã”, comentou Frederick Williams quando tratei de explicar-lhe por que Eliza Sommers não necessitava de ninguém.

Minha avó me trouxe de presente um velho e desconjuntado baú, que me entregou com um piscar travesso de suas escuras pupilas. Continha amarelados manuscritos assinados por *Uma Dama Anônima*. Eram os curtos romances pornográficos escritos por Rose Sommers em sua juventude, outro dos mais bem guardados segredos da família. Li todos eles cuidadosamente, com espírito puramente didático, para proveito direto de Ivan Radovic. Aquela divertida literatura – como se atrevia a tais audácias uma solteirona dos tempos vitorianos? –, juntamente com as confidências de Nívea del Valle, muito me ajudaram a combater a timidez, que no princípio era um obstáculo quase intransponível entre Ivan e eu. É verdade que no dia da tormenta, quando devíamos ir à zarzuela, tomei a iniciativa de beijá-lo no coche antes que o pobre homem conseguisse fazer um gesto de defesa, mas além disso não foi meu atrevimento, e em seguida perdemos um tempo precioso, durante o qual nos debatemos entre a minha tremenda insegurança e os seus escrúpulos, pois, dizia ele, não queria “arruinar minha reputação”. Não foi fácil convencê-lo de que minha reputação já estava bastante maltratada antes que ele aparecesse no horizonte, e que continuaria assim, pois eu não tinha a intenção de algum dia voltar para o meu marido, nem de renunciar ao meu trabalho ou à minha independência, tão malvistas por estes lados. Depois da humilhante experiência com Diego me parecia impossível inspirar desejo ou amor; à minha absoluta ignorância em matéria sexual somava-se um sentimento de

inferioridade, eu me achava feia, inadequada, pouco feminina; tinha vergonha de meu corpo e da paixão que Ivan despertava em mim. Rose Sommers, a distante tia-bisavó que não cheguei a conhecer, deu-me um fantástico presente ao me ensinar aquela liberdade brincalhona, tão necessária quando se trata de fazer amor. Ivan costuma levar as coisas demasiado a sério, seu temperamento eslavo tende para o trágico; às vezes ele se afunda no desespero porque não podemos viver juntos até que meu marido morra, e então certamente já seremos anciãos. Quando essas nuvens lhe escurecem o espírito, apelo para os manuscritos de *Uma Dama Anônima*, nos quais sempre descubro novos recursos para dar-lhe prazer ou pelo menos para fazê-lo rir. No esforço para entretê-lo na intimidade, fui perdendo o pudor e adquirindo uma segurança que nunca tivera. Não me sinto sedutora, não chegou a tanto o efeito positivo dos manuscritos, mas pelo menos já não tenho medo de tomar a iniciativa de tirar Ivan da mesmice, não permitir que se acomode à rotina de sempre. Seria um desperdício fazer amor como um velho casal, se nem ao menos somos casados. A vantagem de sermos amantes é que isso nos obriga a cuidar bastante de nossa relação, porque tudo conspira para nos separar. A decisão de estarmos juntos deve ser a toda hora renovada, e isso nos mantém ágeis.

Esta foi a história que me contou minha avó Eliza Sommers.

Tao Chi'en não perdoou a si mesmo pela morte de sua filha Lynn. Inutilmente sua mulher e seu filho Lucky repetiram que não havia poder humano capaz de impedir que o destino fosse cumprido, que como *zhong-yi* tinha feito o possível e que a ciência médica ainda era impotente para prevenir ou deter aquelas fatais hemorragias que matavam tantas mulheres durante o parto. Para Tao Chi'en foi como se tivesse andado em círculos para finalmente reencontrar-se onde estivera trinta anos antes, em Hong Kong, quando sua primeira esposa, Lin, dera à luz uma menina. Também ela começara a esvair-se em sangue e, desesperado para vê-la salva, oferecera ao céu qualquer coisa em troca da vida de Lin. O bebê morrera em poucos minutos e ele pensou que esse tinha sido o preço da salvação da mulher. Nunca imaginou que muito tempo depois,

do outro lado do mundo, deveria pagar de novo com sua filha Lynn.

– Não diga isso, pai, por favor – replicava Lucky. – Não se trata da troca de uma vida por outra, isso não passa de uma superstição indigna de um homem com sua inteligência e sua cultura. A morte de minha irmã nada tem a ver com a de sua primeira esposa nem com o senhor. Desgraças assim acontecem a cada momento.

– De que servem tantos anos de estudo e experiência se não pude salvá-la? – Tao Chi'en se lamentava.

– Milhões de mulheres morrem ao dar à luz, o senhor fez o que pôde por Lynn...

Eliza Sommers estava tão arrasada quanto o marido pela dor de ter perdido sua única filha e, como se não bastasse, ainda teria de assumir a responsabilidade de cuidar da pequena órfã. Enquanto ela dormia em pé, de tão cansada, Tao Chi'en não conseguia dormir nem mesmo um segundo; passava a noite meditando, dando voltas pela casa como um sonâmbulo e chorando às escondidas. Havia muitos dias que não faziam amor e, tal como estavam os ânimos naquela casa, não parecia provável que voltassem a fazê-lo em um futuro próximo. Após uma semana, Eliza optou pela única solução que lhe veio à mente: pôs a neta nos braços de Tao Chi'en e anunciou que ela não se achava em condições de criá-la, que havia passado vinte e tantos anos de sua vida cuidando dos filhos Lucky e Lynn, trabalhando como uma escrava, e não tinha forças para recomeçar com a pequena Lai-Ming. Assim, Tao Chi'en teve de encarregar-se de uma recém-nascida sem mãe, a quem devia alimentar de meia em meia hora com leite agüado na mamadeira, porque a menina tinha dificuldade de engolir, e devia embalá-la sem descanso, porque chorava dia e noite com cólicas. A menina sequer agradava à vista, era minúscula e enrugada, com a pele amarelada pela icterícia, as feições alteradas por um parto difícil, e sem um único cabelo na cabeça; mas depois de passar vinte e quatro horas aos cuidados de Tao Chi'en, seu aspecto já não era assustador. E depois de viver vinte e quatro dias dentro de uma bolsa pendente dos ombros do avô, de ser alimentada à mamadeira pelo avô e de dormir ao seu lado na cama, a menina começou a parecer

graciosa. E após vinte meses criando-a como se fosse sua mãe, Tao Chi'en estava completamente apaixonado pela neta e convencido de que ela chegaria a ser ainda mais bela que Lynn, apesar de não dispor de nenhum fundamento para tal suposição. A menininha já não era o molusco que fora ao nascer, mas estava longe de parecer-se com a mãe. As rotinas de Tao Chi'en, que antes eram apenas as do seu consultório médico e as poucas horas de intimidade com sua mulher, mudaram por completo. Seu horário girava em torno de Lai-Ming, aquela menina exigente, que vivia agarrada nele, a quem ele tinha sempre de estar contando histórias, cantando para fazê-la dormir, obrigando-a a comer, levando-a para passear, comprando-lhe as mais belas roupas que encontrava tanto nas lojas americanas quanto nas de Chinatown, apresentando-a a todo mundo na rua, porque nunca se tinha visto uma garotinha tão inteligente e curiosa, pensava o avô, obnubilado pelo afeto. Estava certo de que sua neta era um gênio e, para prová-lo, falava-lhe em chinês e inglês, ao que se somou o espanhol estropiado da avó, criando-se assim uma confusão monumental. Lai-Ming respondia aos estímulos de Tao Chi'en como qualquer criança de dois anos, mas a ele parecia que os seus escassos acertos eram provas irrefutáveis de uma inteligência superior. Reduziu seu expediente no consultório a algumas horas no decorrer da tarde, de modo a poder passar a manhã com a neta, ensinando-lhe novos truques, como se faz com um macaco amestrado. Era de má vontade que permitia a Eliza levá-la de tarde para o salão de chá, enquanto ele trabalhava, pois tinha metido na cabeça que podia começar, desde a infância, a ensinar-lhe medicina.

– Em minha família há seis gerações de *zhong-yi*. Lai-Ming será a sétima, já que você não tem a menor aptidão para o ofício – Tao Chi'en anunciou ao filho Lucky.

– Eu pensava que só os homens pudessem ser médicos – disse Lucky.

– Isso era no passado. Lai-Ming será a primeira mulher *zhong-yi* da história – Tao Chi'en replicou.

Mas Eliza Sommers não permitiu que o marido enchesse a cabeça de sua neta, de tão pouca idade, com teorias médicas; haveria tempo para isso mais adiante, no momento era

necessário tirar a criança de Chinatown algumas horas por dia, a fim de americanizá-la. Pelo menos nesse ponto os avós estavam de acordo, Lai-Ming devia pertencer ao mundo dos brancos, onde sem dúvida teria mais oportunidades do que no meio dos chineses. Tinham a seu favor o fato de a menina não ter nascido com feições asiáticas, saíra de cara tão espanhola quanto a família de seu pai. A possibilidade de que um dia Severo del Valle regressasse com o propósito de reclamar aquela suposta filha a fim de levá-la para o Chile parecia insuportável aos avós, que por isso mesmo sequer a mencionavam; limitaram-se a supor que o jovem chileno respeitaria o acordo, pois ele tinha dado suficientes provas de honradez. Não tocaram no dinheiro que ele havia destinado à menina, depositaram-no em uma conta bancária especial, para sua futura educação. A cada três ou quatro meses Eliza escrevia uma pequena carta a Severo del Valle, dando-lhe notícias de sua “protegida”, como a chamava, para deixar bem claro que não lhe reconhecia o direito de paternidade. Durante o primeiro ano não teve resposta, pois ele andava perdido em sua dor e na guerra, mas depois passou a respondê-las de vez em quando. Tao e Eliza não voltaram a ver Paulina del Valle, pois ela deixou de ir ao salão de chá, sem cumprir a promessa de arrebatá-lhes a neta e arruinar-lhes a existência.

Assim transcorreram cinco anos de harmonia na casa dos Chi'en, até que se desencadearam os inevitáveis acontecimentos que iriam dismantelar a família. Tudo começou com a visita de duas mulheres, que se apresentaram como missionárias presbiterianas e pediram para falar a sós com Tao Chi'en. O *zhong-yi* recebeu-as no consultório, pois pensou que tinham vindo por motivos de saúde, não havia outra explicação para que duas mulheres brancas se apresentassem de inopino em sua casa. Pareciam irmãs, eram jovens, altas, coradas, de olhos claros como a água da baía, e ambas tinham aquela mesma atitude de radiante segurança que costuma acompanhar o zelo religioso. Apresentaram-se com seus nomes de batismo, Donaldina e Martha, e se puseram a explicar que a missão presbiteriana em Chinatown até aquele momento havia se conduzido com grande cautela e discrição, para não ofender a comunidade budista, mas agora contava com novos membros

dispostos a implantar normas mínimas de decência cristã naquela área, que, como disseram, “não era território chinês, mas americano, e nele não se podia permitir que a lei e a moral fossem violadas.” Tinham ouvido falar das *sing-song girls*, mas em torno do tráfico de meninas escravas para fins sexuais existia uma conspiração de silêncio. As missionárias sabiam que as autoridades americanas recebiam suborno e faziam vista grossa. Alguém lhes havia informado que Tao Chi'en seria o único com coragem suficiente para lhes contar a verdade e ajudá-las, e por isso estavam ali. Tao havia esperado, durante décadas, por aquele momento. Em seu vagaroso trabalho de resgate daquelas miseráveis adolescentes havia contado apenas com a ajuda silenciosa de alguns amigos quacres, que se encarregavam de tirar as pequenas prostitutas da Califórnia e iniciá-las em uma nova vida, longe dos *tongs* e dos alcoviteiros. Sua parte consistia em comprar as que pudesse nos leilões clandestinos e receber as que estavam demasiado enfermas para continuar trabalhando nos bordéis; tratava de curar-lhes os corpos e aliviar-lhes a alma, mas nem sempre o conseguia, muitas morriam sem que ele nada pudesse fazer. Em sua casa havia dois aposentos para abrigar as *sing-song girls*, quase sempre ocupados, mas Tao Chi'en sentia que, na medida do crescimento da população chinesa na Califórnia, o problema das escravas ia piorando e ele sozinho pouco podia fazer para minorá-lo. Aquelas duas missionárias tinham sido enviadas pelo céu; antes de tudo, contavam com o respaldo da poderosa igreja presbiteriana, e, além disso, eram brancas; elas podiam mobilizar a imprensa, a opinião pública e as autoridades americanas para dar fim àquele tráfico impiedoso. Contou-lhes, portanto, em detalhes, como aquelas pobres criaturas eram compradas ou raptadas na China, como a cultura chinesa desprezava as meninas, sendo freqüente encontrar naquele país recém-nascidas afogadas em poços ou atiradas na rua, atacadas por ratos e cães. As famílias não as queriam, e assim era fácil adquiri-las por alguns centavos e trazê-las para a América, onde eram exploradas, podendo cada uma render milhares de dólares. Eram transportadas como animais, em grandes caixas de cala trançada, e as que sobreviviam à desidratação e à cólera entravam nos Estados Unidos com falsos contratos de

casamento. Todas eram noivas aos olhos dos funcionários da imigração, e a pouca idade, o lamentável estado físico e a expressão de terror que traziam aparentemente não levantavam suspeitas. Ninguém ligava para aquelas garotinhas. O que acontecia com elas era “coisa de *celestial*”, e os brancos nada tinham a ver com aquilo. Tao Chi'en explicou a Donaldina e Martha que a expectativa de vida das *sing-song girls*, a partir da iniciação no ofício, era de três ou quatro anos: chegavam a receber trinta homens por noite, morriam de doenças venéreas, aborto, pneumonia, fome e maus-tratos; prostituta chinesa com vinte anos era uma curiosidade. Ninguém fazia um registro de suas vidas, mas, como entravam no país com documentação legal, era necessário fazer registros de óbito, para o caso pouco provável de alguém perguntar por elas. Muitas enlouqueciam. Eram baratas, podiam ser substituídas em um piscar de olhos, ninguém gastava nada com sua saúde, nada para prolongar suas vidas. Tao Chi'en deu às missionárias o número aproximado de meninas escravas em Chinatown, quando eram feitos os leilões e onde se situavam os bordéis, desde os mais pobres, nos quais as meninas recebiam tratamento de animais enjaulados, até os mais luxuosos, dirigidos pela célebre Ah Toy, que havia se convertido na maior importadora de carne humana do país. Comprava meninas de onze anos na China, e nas viagens para a América elas eram entregues aos marinheiros, de modo que ao chegar já sabiam dizer “pague primeiro” e distinguir o que era bronze e o que era ouro de verdade, para não serem engabeladas com o metal dos tolos. As meninas de Ah Toy eram selecionadas entre as mais bonitas e tinham melhor sorte do que as outras, cujo destino era o de serem arrematadas como gado e servirem aos homens mais pobres do jeito que eles exigissem, inclusive os mais cruéis e humilhantes. Muitas se transformavam em criaturas selvagens, adotavam atitudes de animais ferozes, e por isso tinham de ser acorrentadas em suas camas e acalmadas com narcóticos. Tao Chi'en deu às missionárias os nomes dos três ou quatro comerciantes chineses de fortuna e prestígio, entre eles o do próprio filho Lucky, que poderiam ajudá-las na tarefa, os únicos que concordavam com ele quanto à necessidade de eliminar aquele tipo de tráfico. Com as mãos trêmulas e os olhos rasos de lágrimas, Donaldina e

Martha tomaram nota de tudo que Tao Chi'en lhes disse, depois agradeceram e, ao se despedirem, perguntaram se poderiam contar com ele na hora de agir.

– Farei o que puder – respondeu o *zhong-yi*.

– Nós também, senhor Chi'en. A missão presbiteriana não descansará enquanto não puser fim a essa perversão e salvar essas pobres meninas, mesmo que tenhamos de abrir a machadadas as portas desses antros de perversão – asseguraram.

Ao saber do que o pai tinha feito, Lucky sentiu-se assediado pelos maus presságios. Conhecia o ambiente de Chinatown muito melhor do que Tao e sabia que este havia cometido uma imprudência irreparável. Graças à sua habilidade e simpatia, Lucky contava com amigos em todos os níveis da comunidade chinesa; fazia anos que realizava negócios lucrativos e ganhava pouco, mas constantemente, nas bancas de *fan-tan*. Apesar de sua juventude, tinha se transformado em uma figura estimada e respeitada por todos, inclusive pelos *tongs*, que nunca lhe haviam feito mal. Durante anos tinha ajudado o pai a resgatar as *sing-song girls*, com o tácito acordo de não meter-se em maiores encrencas; compreendia perfeitamente a necessidade de discrição absoluta para sobreviver em Chinatown, onde a regra de ouro consistia em não se misturar com os brancos – os temidos e odiados *fan-güey* – e resolver tudo, especialmente os crimes, entre os compatriotas. Cedo ou tarde saberiam que seu pai tinha dado informações às missionárias e que estas as teriam repassado às autoridades americanas. Não havia fórmula mais segura de atrair a desgraça, e toda a sua boa sorte não seria suficiente para protegê-los. Foi isso o que ele disse a Tao Chi'en e foi isso o que aconteceu em outubro de 1885, no mês em que eu completava cinco anos.

A sorte de meu avô foi decidida na memorável terça-feira em que as duas jovens missionárias, acompanhadas por três fornidos policiais irlandeses e o velho jornalista Jacob Freemont, especializado em assuntos criminais, chegaram a Chinatown em plena luz do dia. A atividade na rua se deteve e um grande número de pessoas se juntou para seguir a comitiva dos *fan-güey*, inusitada no bairro, que se dirigia a passo resolutivo para uma casa de aspecto pobre, em cuja porta estreita e

gradeada assomavam os rostos pálidos, cobertos com pó-de-arroz e carmim, de duas *sing-song girls*, oferecendo-se aos clientes com seus miados e seus peitinhos de cadela descobertos. Quando se viram cercadas pelos brancos as meninas desapareceram no interior, gritando assustadas, e em seu lugar apareceu uma velha furiosa, que respondia aos policiais com uma chuva de injúrias em sua língua. Em resposta a um gesto de Donaldina, um machado apareceu nas mãos de um dos irlandeses, e os policiais começaram a pôr a porta abaixo, para grande estupor da multidão. Os brancos irromperam pela porta estreita, ouviram-se gritos, correrias e ordens em inglês, e antes que transcorressem quinze minutos os atacantes reapareceram, tocando meia dúzia de meninas aterrorizadas, a velha que esperneava enquanto era arrastada por um dos policiais, e três homens que seguiam cabisbaixos, com canos de pistolas pressionando suas costas. Na rua armou-se um tumulto, e alguns curiosos tentaram avançar, com gestos ameaçadores, porém se detiveram imediatamente quando soaram vários tiros no ar. Os *fan-güey* embarcaram as meninas e os outros detidos em um coche fechado da polícia, enquanto os objetos apreendidos eram levados no lombo dos cavalos. A população de Chinatown passou o resto do dia comentando o ocorrido. Nunca antes a polícia tinha agido no bairro por motivos que não dissessem respeito diretamente aos brancos. Entre as autoridades americanas havia grande tolerância em relação aos “costumes dos amarelos”, como os qualificavam; ninguém se dava ao trabalho de averiguar os lugares onde se fumava ópio, as baiúcas de jogo e muito menos o que acontecia com as meninas escravas, que consideravam outra das grotescas perversões dos *celestiais*, como comer cachorro cozido com molho de soja. O único a não demonstrar surpresa, e sim complacência, foi Tao Chi'en. O ilustre *zhong-yi* esteve a ponto de ser agredido por uma dupla de ferrabrases de um dos *tongs*, no restaurante onde sempre almoçava com sua neta, quando manifestou, em voz suficientemente alta para ser ouvida por cima da barulheira do local, sua satisfação por finalmente as autoridades de San Francisco terem começado a fazer alguma coisa no caso das *singsong girls*. Embora a maioria dos comensais das outras mesas considerasse que em uma população

predominantemente masculina as meninas escravas eram um indispensável artigo de consumo, apressaram-se em defender Tao Chi'en, que era a figura mais respeitada da comunidade. Se não fosse pela oportuna intervenção do dono do restaurante, teria estalado uma briga generalizada. Tao Chi'en retirou-se indignado, conduzindo a neta com uma das mãos e na outra levando o almoço embrulhado em uma folha de papel.

Talvez o episódio do bordel não tivesse produzido maiores conseqüências se dias mais tarde ele não se repetisse em outra rua do bairro: com as mesmas missionárias presbiterianas, o mesmo jornalista Jacob Freemont e os mesmos três policiais irlandeses, mas dessa vez respaldados por mais quatro funcionários e dois enormes cães, loucos para se livrarem de suas correntes. A manobra durou oito minutos, e Donaldina e Martha levaram dezessete meninas, dois proxenetas, uma dupla de guarda-costas e vários clientes que saíram segurando as calças. A notícia da ação realizada pela missão presbiteriana e pelo governo dos *fan-güey* correu como um rastilho de pólvora por Chinatown e chegou também às imundas celas onde sobreviviam as escravas. Foram inúteis as ameaças de moê-las a pau caso se rebelassem ou as pavorosas histórias que lhes contavam sobre a maneira como os demônios brancos as levavam a fim de chupar-lhes o sangue; a partir daquele momento as meninas se puseram a descobrir meios de chegar aos ouvidos das missionárias, e em questão de semanas as incursões da polícia aumentaram, juntamente com os artigos que iam saindo nos jornais. Daquela vez, finalmente, a pena insidiosa de Jacob Freemont se punha a serviço de uma boa causa, sacudindo as consciências dos cidadãos com sua eloqüente campanha sobre o horrível destino das pequenas escravas em pleno coração de San Francisco. O velho jornalista morreria pouco depois, sem ter tido oportunidade de medir o impacto de seus artigos; em compensação, Donaldina e Martha veriam o fruto de seu zelo. Conheci-as dezoito anos mais tarde, por ocasião de uma viagem a San Francisco; ainda têm o rosto corado e o mesmo fervor messiânico nos olhos, continuam a percorrer Chinatown diariamente, sempre vigilantes, mas já não são chamadas de malditas *fan-güey* e ninguém mais esgarra quando elas passam. Agora chamam cada uma delas de *lo mo*,

mãe amorosa, e se inclinam a fim de saudá-las. Elas resgataram milhares de vítimas e eliminaram o tráfico aberto de meninas, embora não tenham conseguido acabar com outras formas de prostituição. Meu avô Tao Chi'en estaria muito satisfeito com elas.

Na segunda quarta-feira de novembro, Tao Chi'en, como fazia todos os dias, foi buscar sua neta Lai-Ming no salão de chá da esposa, na Praça da União. A menina ficava com a avó Eliza na parte da tarde, até que o *zhong-yi* terminasse a consulta do último paciente, para então sair a fim de apanhá-la. Eram apenas sete quadras entre a casa e o salão de chá, mas Tao Chi'en tinha o costume de percorrer as duas principais ruas de Chinatown, naquele horário em que eram acesas as lâmpadas de papel das lojas, em que as pessoas davam por encerrado o trabalho e saíam em busca dos ingredientes para o jantar. Passeava de mãos dadas com a neta pelos mercados, observando as pirâmides de frutas exóticas trazidas do outro lado do mar, os patos laqueados que pendiam dos ganchos, os cogumelos, insetos, mariscos, fressuras de animais e plantas que só ali podiam ser encontrados. Como em sua casa ninguém tinha tempo de cozinhar, Tao Chi'en escolhia com cuidado os pratos que levaria para o jantar, quase sempre os mesmos, porque Lai-Ming era muito cheia de manhas para comer. Seu avô tentava-a com bocados dos deliciosos cozidos cantoneses que eram vendidos nas barracas de rua, mas em geral levava sempre as mesmas variedades de *chau-mein*, juntamente com as costelas de porco. Naquele dia, Tao Chi'en usava pela primeira vez um novo terno, confeccionado pelo melhor alfaiate chinês da cidade, que trabalhava apenas para os homens de maior distinção. Durante muitos anos tinha se vestido à maneira americana, mas desde que obtivera a cidadania procurava trajarse com esmerada elegância, como sinal de respeito à sua pátria adotiva. Parecia muito esbelto em seu perfeito terno escuro, camisa engomada, gravata larga, capa de tecido inglês, chapéu alto e luvas de pele de cabrito cor de marfim. O aspecto da pequena Lai-Ming contrastava com o estilo ocidental de seu avô, vestia calças largas e casaco de seda acolchoado, em alegres tons de amarelo e azul, tudo tão volumoso, que a menina se movia em bloco, como um urso, o cabelo terminando em uma

trança e a cabeça protegida por um gorro negro, bordado à moda de Hong Kong. Ambos atraíam olhares em meio à confusa multidão, quase toda masculina, quase todos vestidos com aquelas calças típicas e aquelas túnicas negras, tão comuns, que a população chinesa parecia uniformizada. As pessoas se detinham para saudar o *zhong-yi*, pois, mesmo que não fossem pacientes seus, pelo menos o conheciam de vista e de nome, e os comerciantes davam algo de presente à neta a fim de obter a simpatia do avô: um besouro fosforescente em sua pequenina gaiola de madeira, um leque de papel, uma guloseima. Em Chinatown o anoitecer tinha sempre uma atmosfera festiva, ruídos de conversas em voz muito alta, regateios e pregões; cheirava a fritura, condimento, pescado e lixo, porque as sobras eram acumuladas bem no meio da rua. O avô e sua neta passaram pelos lugares onde habitualmente faziam suas compras, conversaram com os homens que jogavam *mah-jong* sentados nos passeios, foram ao pequenino estabelecimento do vendedor de ervas a fim de apanhar uns remédios que o *zhong-yi* havia pedido de Xangai, pararam rapidamente diante de uma sala de jogo para ver da porta as mesas de *fan-tan*, pois Tao Chi'en era fascinado pelas apostas, embora as evitasse como a peste. Também beberam uma xícara de chá verde na tenda do tio Lucky, onde puderam apreciar seu mais novo estoque de antiguidades e móveis entalhados, que acabava de chegar, e em seguida deram meia-volta para refazer, em passos vagarosos, o caminho de casa. De repente aproximou-se correndo um menino que, muito agitado, pediu ao *zhong-yi* para acompanhá-lo voando, porque havia ocorrido um acidente: um homem fora pisoteado no peito por um cavalo e estava cuspidando sangue. Tao Chi'en seguiu-o com a máxima pressa, sem soltar a mão da neta, por uma ruazinha lateral, e depois outra e mais outra, avançando por passagens estreitas, na louca topografia do bairro, até que se viram sós em um beco sem saída, iluminado apenas pelas lâmpadas de papel de algumas janelas, brilhando como vaga-lumes fantásticos. O menino desaparecera. Tao Chi'en percebeu que havia caído em uma armadilha e tentou retroceder, mas era tarde. Vários homens armados de cacetes surgiram das sombras e o cercaram. O *zhong-yi* havia estudado artes marciais em sua juventude e sempre levava uma faca no

cinto, por baixo da jaqueta, mas não podia defender-se sem soltar a mão da menina. Teve uns segundos para perguntar o que queriam, o que estava acontecendo e ouvir o nome de Ah Toy, enquanto os homens de pijamas negros, com os rostos mascarados, dançavam ao seu redor e logo lhe desferiram nas costas as primeiras bordoadas. Lai-Ming sentiu-se atirada para trás e tratou de agarrar-se ao avô, mas a mão querida soltou-a. Viu os cacetes subindo e descendo sobre o corpo de seu avô, viu um jorro de sangue descer de sua cabeça, viu-o cair com a boca no chão, viu como continuaram a espancá-lo até reduzi-lo a um montão de carne ensangüentada sobre os paralelepípedos da rua.

“Quando trouxeram Tao em uma padiola improvisada e vi o que tinham feito com ele, algo se partiu em mil pedaços dentro de mim, como um recipiente de vidro, e ali se derramou para sempre a minha capacidade de amar. Sequei por dentro. Nunca mais voltei a ser a mesma pessoa. Sinto afeição por você, Lai-Ming, e também por Lucky e seus filhos, tive afeição por Miss Rose, mas amor só posso sentir por Tao Chi'en. Sem ele nada me importa muito; cada dia que vivo é um dia a menos na longa espera até reunir-me a ele de novo”, confessou-me um dia minha avó Eliza Sommers. Acrescentou que sentiu muita pena de mim, por ter tido de presenciar, aos cinco anos de idade, o martírio da pessoa a quem mais amava, mas tinha acreditado que com o tempo o trauma se apagaria. Também acreditara que minha vida ao lado de Paulina del Valle, longe de Chinatown, seria suficiente para que eu esquecesse Tao Chi'en. Não imaginou que a cena do beco ficaria para sempre em meus pesadelos, nem que o cheiro, a voz e o leve roçar das mãos de meu avô me perseguiriam até mesmo eu estando desperta.

Tao Chi'en chegou ainda vivo aos braços de sua mulher, dezoito horas mais tarde recuperou a consciência e poucos dias depois voltou a falar. Eliza Sommers havia chamado dois médicos americanos que em várias ocasiões tinham recorrido aos conhecimentos do *zhong-yi*. Examinaram-no com tristeza: tinham partido sua coluna vertebral e, no caso improvável de sobreviver, metade do corpo ficaria paralisada. A ciência nada podia fazer por ele, disseram. Limitaram-se a limpar seus ferimentos, acomodar um pouco os ossos quebrados, costurar-

lhe a cabeça e aplicar-lhe doses maciças de narcóticos. Enquanto isso, esquecida de todos, a neta se encolhia em um canto do quarto, junto à cama do avô, chamando-o silenciosamente, *oi goa! oi goa!*, sem compreender por que ele não lhe respondia, por que não lhe permitiam aproximar-se dele, por que não podia dormir, como sempre, embalada em seus braços. Eliza Sommers administrou as drogas ao enfermo com a maior paciência, a mesma com que tentou fazê-lo engolir, com a ajuda de um funil, algumas colheres de sopa. Não se deixou arrastar pelo desespero. Tranqüila, sem chorar, ficou ao lado de Tao durante muitos dias, até que ele pôde falar-lhe através dos lábios inchados e dos dentes partidos. O *zhong-yi* sabia, sem a menor dúvida, que naquelas condições não poderia viver; e nem queria, foi o que confessou à mulher, a quem pediu que não lhe desse mais de comer e beber. O amor profundo e a intimidade absoluta que haviam compartilhado por mais de trinta anos lhes permitiam adivinhar mutuamente os seus pensamentos; não houve necessidade de muitas palavras. Se teve a tentação de rogar ao marido que vivesse inutilizado em uma cama, só para não abandoná-la neste mundo, Eliza engoliu as palavras, porque o amava demasiado para lhe pedir tal sacrifício. Por sua vez, Tao Chi'en nada teve de explicar, porque sabia que Eliza faria o indispensável para ajudá-lo a morrer com dignidade, tal como ele faria por ela, se as coisas tivessem ocorrido de outra maneira. Concluiu que também não valia a pena insistir para que ela levasse seu corpo de volta à China, pois isso já não lhe parecia realmente importante e não desejava pôr uma carga a mais em cima dos ombros de Eliza; ela, porém, tinha decidido que a qualquer preço o levaria. Nenhum dos dois tinha ânimo para discutir o óbvio. Eliza simplesmente lhe disse que não era capaz de deixá-lo morrer de fome e de sede, pois isso poderia demorar muitos dias, semanas talvez, e ela não permitiria que sofresse tão longa agonia. Tao Chi'en disse-lhe, então, o que devia fazer. Fosse ao consultório, abrisse um determinado armário e trouxesse um vidro azul que havia lá dentro. Ela o ajudara na clínica durante os primeiros anos de sua relação e ainda o fazia quando por acaso a assistente faltava, sabia ler os nomes chineses escritos nos recipientes e também sabia como aplicar uma injeção. Lucky entrou no aposento a

fim de receber a bênção do pai e saiu, logo depois, sacudido pelos soluços. “Nem Lai-Ming nem você devem se preocupar, Eliza, porque não vou deixá-las desamparadas, estarei sempre por perto para protegê-las, nada de mau poderá suceder a nenhuma das duas”, murmurou Tao Chi’en. Ela ergueu a neta nos braços e aproximou-a do avô, para que se despedisse. A menina viu aquela cara tumefacta e recuou assustada, mas então descobriu as pupilas negras que a olhavam com o mesmo amor seguro de sempre, e o reconheceu. Agarrou-se aos ombros do avô e, enquanto o beijava e o chamava desesperada, ia deixando-o molhado de lágrimas quentes, até que a separaram dele com um puxão, levaram-na para fora e fizeram-na aterrissar no peito de seu tio Lucky. Eliza Sommers voltou ao aposento no qual tinha sido tão feliz com o marido e fechou suavemente a porta atrás de si.

– O que aconteceu naquela ocasião, *oi poa?* – perguntei-lhe.

– Fiz o que devia fazer, Lai-Ming. Em seguida me deitei ao lado de Tao e o beijei longamente. Seu último suspiro ficou comigo...

EPÍLOGO

Se minha avó Eliza não tivesse vindo de tão longe para iluminar os recantos sombrios de meu passado e se não existissem as milhares de fotografias que se acumulam em minha casa, como poderia eu contar esta história? Teria de forjá-la com a imaginação, sem dispor de nenhum material além dos fios evasivos de muitas vidas alheias e algumas recordações ilusórias. A memória é ficção. Selecionamos o mais brilhante e o mais obscuro, ignorando o que nos envergonha, e assim bordamos o extenso tapete de nossa vida. Mediante a fotografia e a palavra escrita tento desesperadamente vencer a condição de minha existência, reter os momentos antes que se desvançam e limpar a confusão do meu passado. Cada instante desaparece em um sopro e logo se transforma em passado, a realidade é efêmera e migratória, pura saudade. Com estas páginas e estas fotografias mantenho vivas as lembranças; é com elas que retenho uma verdade fugitiva, mas, apesar de tudo, verdade, e elas provam que esses fatos aconteceram e que esses personagens passaram pelo meu destino. Graças a elas posso ressuscitar minha mãe, morta quando nasci, minhas aguerridas avós e meu sábio avô chinês, meu pobre pai e outros elos da longa cadeia de minha família, de sangue misturado e ardente. Escrevo para elucidar os velhos segredos de minha infância, definir minha identidade e criar minha própria lenda. Afinal, tudo que temos com plenitude é a memória tecida por nós mesmos. Cada um escolhe um tom para contar a própria história; gostaria de optar pela durável clareza de uma fixação em platina, mas nada em meu destino tem essa luminosa claridade. Vivo entre difusos matizes, velados mistérios, incertezas; o tom adequado para contar minha vida se ajusta melhor ao de um retrato em sépia...

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Trilogia a casa dos espíritos

Wikipédia da autora:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_Allende

Livros da autora:

<https://www.record.com.br/autores/isabel-allende>

Sumário

BOX TRILOGIA A CASA DOS ESPÍRITOS A CASA DOS ESPÍRITOS

Obras da autora

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Sumário

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Epílogo

FILHA DA FORTUNA

Obras da autora

Rosto

Créditos

Sumário

Primeira parte | 1843-1848

Valparaíso
Os ingleses
Senhoritas
Má reputação
Os pretendentes
Miss Rose
O Amor

Segunda parte | 1848-1849

A notícia
A despedida
O Quarto Filho
Tao Chi`en
A viagem
Argonautas
O segredo

Terceira parte | 1850-1853

Eldorado
Negócios
Pombinhas maculadas
Desilusões
Sing song girls
Joaquín
Um casal inusitado

RETRATO EM SÉPIA

Obras da autora
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Sumário

Primeira parte | 1862-1880

Segunda parte | 1880-1896

Terceira parte | 1896-1910

Epílogo

COLOFÃO

SAIBA MAIS